HUMBERTO DE CAMPOS

# DIÁRIO SECRETO

VOLUME I

EDIÇÕES O CRUZEIRO

# DIÁRIO SECRETO

# DIÁRIO SECRETO

*DE*

HUMBERTO
DE CAMPOS

VOL. I

EDIÇÕES O CRUZEIRO — RUA DO LIVRAMENTO, 203 — RIO DE JANEIRO

Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Emprêsa Gráfica O CRUZEIRO S. A., à Rua do Livramento, 191, Rio de Janeiro, para sua Seção de Livros. Janeiro de 1954.

Capa de
BELMIRO PIRES

Estamos no mês de maio do ano de 1906. Tenho vinte anos incompletos, e, se alimento sonhos de glória, são êstes tão obscuros que desaparecem ante o espetáculo dos meus sonhos de amor. É possível que o meu pensamento se ocupe com a posteridade, com uma brilhante situação nas letras da cidade ou do país? acima de tudo, está, porém, o coração, ao qual tudo se subordina. Aos vinte anos, em verdade, o coração toma conta do corpo, dita as suas leis, e domina, e reina, e impera, com a volúpia de um ditador.

A minha paixão por Judite Teles manifestou-se por ela ùnicamente porque era ela quem se achava no meu caminho. A primeira casa que me abrissem, eu me apaixonaria pela mulher que estivesse lá dentro. Apareceu Judite? eu tinha de ser Holofernes.

Ainda não seria, no entanto, dessa vez, que eu mudaria de tática, na minha vida afetiva. Convidado para festas íntimas na casa da família Teles, comparecia ali, com o meu companheiro de sofrimento silencioso. Nunca, no entanto, dei a compreender à violinista o sentimento que me ia nalma, as minhas angústias por sua causa, e o ciúme doido que me roía o coração. Fechado o escritório em que eu trabalhava, íamos, eu e Álvaro Adolfo, ao nosso "passeio" de namorados. Íamos "ver" o objeto, ou melhor, os objetos do nosso amor. Tomávamos o bonde da Cidade Velha, que, de regresso, passava na Rua Dr. Malcher, onde as moças moravam.

A viagem de ida fazia-se sem novidade. Íamos conversando, discutindo, trocando idéias sôbre literatura. Na volta, porém, à medida que o bonde se aproximava do quarteirão venturosamente fatídico, íamos nos recolhendo a um silêncio religioso, e ficando de mãos frias. Quando o bonde, puxado a burro, passava por diante da casa, era sempre em disparada. Mecânicamente, cumprimentávamos as pessoas que se achavam nas janelas, abarrotadas de gente. E tal era o nosso estado quando fazíamos isso, que, quando o bonde dobrava na esquina, vinte metros adiante,

um de nós perguntava ao outro, com uma espécie d
na garganta:

— Quem estava na janela?

E o outro, com voz de afogado:

— Não sei... Eu não olhei...

# 1915

## JANEIRO

*1.º de janeiro:*

Entrei o ano com dois mil-réis no bôlso e pouco mais de seis em tôda a casa. Mas é porque não recebi os meus vencimentos do mês passado, que só serão pagos segunda-feira. O "O Imparcial" talvez pague amanhã. Terei êste mês 429$500 do Ministério e 280$000 do jornal. Total — 709$500. O jornal pagava-me 300$000, mas dêste mês em diante, vai haver um desconto, motivado pela crise.

O Chacon estêve ontem à noite em casa com a mulher e a filha. Passaram aqui à meia-noite. Comeram-se castanhas, passas, e uns doces que eu trouxe.

Ontem à noite o Leônidas me disse que iria falar ao Maurício de Lacerda e ao João Guimarães, v. p. do Estado do Rio, sôbre um lugar com que paguem o meu trabalho jornalístico em favor do Dr. Nilo Peçanha. Êste parece que está definitivamente empossado no Govêrno do Estado do Rio. O Leônidas pedirá para mim e para êle. Êle também precisa e merece.

O Padre Enéias veio almoçar conosco. Almoçamos cuxá e mocotó. Mesa farta de outros pratos. O Nenen veio com êle.

Durante a manhã trabalhei nas minhas "Memórias". Escrevi cêrca de doze páginas.

No bonde li uns contos das "Mille nouvelles nouvelles", "Lettres jaunies", do austríaco Emile Lucka; "Le massacre des innocents", de Maeterlinck; "Le crime de Blanche", do guatemalense Gómez Carrillo; "Ripe-rip", do mexicano Manuel Gutierrez Nájera e "Auter! Auter!", do inglês E. W. Hornung. Os melhores são, sem nenhuma contestação, os dos dois americanos. Seremos nós, hoje, os legítimos depositários da chama sagrada?

À noite, escrevi no "O Imparcial" um artigo de doze tiras para o número de hoje, e mais três páginas das minhas "Memórias". Para o ano continuarei trabalhando assim?

O "O Imparcial" de hoje traz três "ecos" da minha pena. Tratam da entrada do Novo-Ano, do conflito Minas-E. Santo e da vaga no Supremo Tribunal.

*2 de janeiro:*

Escrevi pela manhã oito páginas do meu livro de "Memórias". Tratei da primeira audiência infrutífera que me concedeu no Pará, em 1903, o Senador Antônio Lemos. Referi-me, também, ao meu conhecimento com o ex-Deputado Justiniano de Serpa e com o Dr. Teixeira Mendes, ex-secretário do Estado do Ceará.

A minha sogra passou dois dias em casa do Chacon, com a irmã, cuja filha está doente dos olhos, de uma travessura.

* * *

Estive hoje no Ministério, trabalhando das 12 às 4. Foram dispensados lá, por falta de verba, dez funcionários do Arquivo. São mais dez famílias com fome. Na repartição soube que os meus colegas já haviam recebido os vencimentos no Tesouro no dia 31. Eu não sabia e não fui receber os meus. Ficará para o dia 4. Hoje passarei com quinze mil-réis que tomei por empréstimo a um colega que recebeu no dia 31.

No bonde e em casa continuei lendo as "Mille nouvelles nouvelles": "Chabeh Funeste", de Raanam Hanoum, escritora persa; "La Confession", do russo Mamine - Sibiriak; "Les Boucles d'oreilles", do grego Jean Psichari; "Le Héros", de Jules Claretie e "Sofia Nappi", de Salvatore Giacomo, num total de 53 páginas.

À noite, escrevi para o "O Imparcial" cinco "ecos", tratando da eleição e posse do Dr. Aloísio de Castro na Faculdade de Medicina; da dualidade de diretores na Escola de Belas-Artes; do discurso do Sr. Ministro da Guerra no dia 1.º do ano; da exoneração de parentes do Sr. Rivadávia no Ministério da Justiça; e da candidatura a deputado do Dr. Sampaio Ferraz.

* * *

Disse-me o Leônidas haver falado ao Maurício de Lacerda sôbre as nossas pretensões a lugares no Estado do Rio, indagando o Maurício se eu era formado em Direito e se aceitava uma promotoria. O Leônidas respondeu negativamente, e,

segundo me disse, notou que há uns certos receios, da parte dos políticos fluminenses, de nos aproveitarem a nós, jornalistas, temendo que, com os elementos de que dispomos, possamos passar "por cima" dêles na vida pública. Temores de gente nula... É a eterna história do alfinête e da agulha. Nós puxamos a linha e costuramos o vestido, e são êles, que apenas fixaram o pano ou que dormiram na alfineteira, os que vão à festa...

*3 de janeiro:*

Pela manhã fui, com a minha mulher, deitar flôres no túmulo do meu sogro. Em seguida fomos, de bonde, até o Retiro Saudoso, que achamos muito triste e muito sujo.

Pela manhã, o guarda-noturno do meu quarteirão trouxe-me um cartão pedindo Festas. Era em verso, e dizia:

*Durante o ano rondei*
*A vossa porta ou portão*
*Evitando de muitos roubos*
*Do vigarista ou ladrão.*

Havia mais duas quadras afinadas por essa. Os versos eram horríveis mas o pedido era justo. Dei-lhe uma prata de dois mil-réis.

Pelos jornais da manhã apuro que o Eliseu César está feito orador oficial nas manifestações populares ao Senador Nilo Peçanha. É mais um que tem talento e que, por isso, vai ser em breve desiludido nesse caso do Estado do Rio. Quem o mandou apresentar-se com dois olhos onde os melhores servidos só têm um?

As fôlhas da manhã anunciam, também, a próxima queda de Constantinopla em poder dos aliados. Desta vez são os turcos que vão ser encontrados disputando na antiga igreja de Santa Sofia...

Hoje é domingo. Não fui ao Ministério, e escrevi apenas sete páginas das minhas "Memórias". Já atingi a página 236. Estive relendo uns jornais antigos, do Pará, em que o Alves de Sousa, a quem dediquei o meu primeiro livro de versos, me chama — Humberto de Crápula. Em compensação êle chamou a outros coisas piores. Êsse cão há de acabar governador do seu Estado.

Hoje, com o calor intolerável que fêz durante o dia, nada pude ler. Na redação, escrevi, à noite, cinco "ecos".

O Sr. Costa Rêgo, rapazola enfatuado do "Correio da Manhã", enviou ao Leônidas, em um bilhete, um telegrama que forjou no seu jornal sugerindo a sua candidatura a deputado por Alagoas, e pede que o "O Imparcial" diga alguma coisa a seu respeito. Coube-me a mim satisfazer a vaidade dêsse cretino, cujos escrúpulos e cujo mérito podem ser aferidos por essa solicitação. O seu bilhete fica no meu arquivo.

*4 de janeiro:*

Continua o calor. Escrevi, por isso, apenas três páginas das minhas "Memórias". Fui ao Ministério e recebi no Tesouro e no jornal os meus vencimentos do mês. Paguei as minhas contas e sobraram-me 150$000, que dei à minha mulher para guardar. Êsses 150$000 vão ser a pedra inicial da minha fortuna. É isso o que digo e juro tôda a vez que me sobra algum dinheiro para gastar depois do dia quinze de cada mês.

Encontrei-me com o Luís Baía. Falamos sôbre a organização de chapas para deputados federais pelo Pará. Êle me disse que andam todos desgostosos, inclusive êle, cujo nome já foi incluído e retirado, sucedendo o mesmo ao José Porfírio. O Artur Lemos começa a compreender o lôgro de que foi vítima, aliando-se ao Governador Enéias. Pelo que me diz o Baía, os deputados paraenses virão, desta vez, e como sempre, do barril de lixo da incompetência ou do charco podre da indolência: Hosannah, Rogério, Teotônio, Passos Miranda, e até um Álvaro Rodrigues, cujo mérito consiste em ser enteado do Prefeito Rivadávia. Uma vergonha, graças a Deus...

O Coronel José Porfírio telegrafou-me, despedindo-se. Vai ao Pará tratar da sua candidatura. Eu lhe devo tantos favores que não me atrevo falar dêle nem mesmo de mim para mim, neste "Diário". Se eu algum dia tiver dinheiro e prestígio para pagá-lo, talvez tome um pouco de coragem para dizer-lhe que êle não deve ou não devia ser deputado. Eu acabarei lhe dizendo isso. Cento e cinqüenta mil-réis já estão guardados...

No "O Imparcial" escrevi, à noite, quatro "ecos", algumas notícias e um voto de louvor ao meu bom amigo José Porfírio. De regresso a casa li, nas "Mille nouvelles nouvelles", os contos "Gemini", em que Rudyard Kipling celebra a confiança despertada pela justiça inglêsa nas terras semi-selvagens da Índia, e "Le Paysan à la Faux", interessante observação de costumes feitos pelo húngaro Kálman de Mikszath.

*5 de janeiro:*

Há dias, anda o Carlos de Vasconcelos a perseguir-me para que escreva sôbre o seu livro "Tragédia Divina". O livro é mau, e tem como único mérito o de ser escandaloso. Um jornal de São Paulo já disse que o livro era muito bom... por fora. O autor não me deixa, entretanto, como nunca me deixou sempre que se trata de fazer elogios à sua pessoa. Não sei de amigo meu que mais insistentemente rufe tambor chamando a atenção para a sua própria pessoa. E o melhor é que no Norte se supõe que êle tem, realmente, todo o mérito que se lhe empresta à fôrça! O último bilhete que o Carlos me mandou, ontem, fica arquivado sob n.º 2, na pasta que acabo de instituir com o título de "Feira das Vaidades". Fique o Carlos sob a vigilância de Thackeray.

* * *

Entre os telegramas da guerra, encontrei hoje o seguinte que vale a pena ser guardado:

"O DIA DE ANO-BOM NAS TRINCHEIRAS

Londres, 5 (*A Noite*) — O jornal berlinense "Man Heimeranzeiger" publica uma carta de um soldado alemão em que êste conta o que se passou no dia de Ano-Bom nas trincheiras em que serve.

Conta êsse soldado que as suas trincheiras distavam apenas trinta metros das posições francesas, e que, de comum acôrdo, resolveram festejar o início do ano. Na maior cordialidade trocaram apertos de mão com os franceses, ofereceram-se recìprocamente cigarros. Os alemães eram uns vinte, comandados por um oficial. Depois de enterrarem três soldados do Kaiser mortos nas escaramuças da véspera, propuseram suspender as hostilidades durante o resto do dia e à noite, o que foi feito. Depois de novos apertos de mão, os alemães voltaram às suas trincheiras".

O telegrama esqueceu-se de informar se o Sr. André de Fouquières, presente ao ato, teve alguma observação a fazer, por inobservância da etiquêta. Talvez que não, mesmo porque franceses e alemães já estão habituados à permuta dessas gentilezas. Em seu conto "Le Héros", que li há dias, Jules Claretie conta coisa mais comovente, ocorrida em 1870. Na noite de Natal dêsse ano, os atacantes e os defensores de Paris tinham-se

dado tréguas, sem a menor convenção para isso. Só de raro em raro partia um tiro de trincheira para trincheira. Súbito ouve-se ao longe um carrilhão. É meia-noite, que soa. À voz do bronze longínquo, ouvida comovidamente por todos, um legionário francês salta para cima da trincheira, e solta, a plenos pulmões, as primeiras notas do "Noël", de Adolphe Adam:

*Minuit, chrétiens, c'est l'heure solennelle*
*Où l'Homme-Dieu descendit jusqu'à nous!*

Brado de paz êsse de que Henri Regnault, o glorioso pintor francês que devia morrer, talvez, nessa noite mesmo, soltou as últimas notas com a sua voz poderosa:

*Peuples, debut: voici la délivrance!*
*Noël! Noël! Voici le Rédempteur!*

Tinha caído, novamente, um grande e pesado silêncio sôbre o rio. De repente, ouve-se um grande côro, largo, imenso, profundo, que se levantava do meio da noite; eram os alemães que, do outro lado do Sena, respondiam a saudação dos franceses cantando a grandes vozes o Coral de Lutero!

A guerra tem, no meio das suas brutalidades, essas coisas que embelezam e dignificam a vida, que ela destrói.

* * *

Há dias, quando ocorreu o aniversário do Bilac, os seus amigos foram à sua casinha das Laranjeiras, onde se fêz literatura e arte em geral. No dia seguinte o Oscar Lopes me contava terem sido feitas ali referências elogiosas a mim e aos meus versos, alguns dos quais foram recitados, havendo o Bilac estranhado que eu lhe não tivesse remetido um exemplar do meu livro. O Oscar concluía pedindo-me que o enviasse à...

* * *

No "O Imparcial" soube ter sido comentada a minha audácia, criticando, em um "eco", a ridicularia da gerência da fôlha diminuindo de 6,3/10% o ordenado dos redatores. O jornal não é... "O Imparcial"?

Na redação escrevi, à noite, três "ecos", tratei da política do Piauí e inaugurei a secção "Jornal dos Jornais".

*7 de janeiro:*

Telefonei ao Nogueira da Silva, secretário da "Gazeta de Notícias", comunicando-lhe a minha resolução de ressuscitar literàriamente. Êle mostrou uma viva alegria com isso, dizendo-me que mandaria buscar versos para o seu jornal, no qual ia anunciar o acontecimento. Eu lhe mandei quatro sonetos da série dos "Descobridores".

* * *

Soube, pelo Goulart, que o Bilac ficou bastante comovido com os versos que lhe dediquei. Disse ainda o Goulart que a moléstia do Bilac está em progresso, vivendo êle, por isso, impressionadíssimo, e agradecendo como uma esmola todo carinho que se lhe faz.

Na redação contaram-me haver o Durão, gerente da fôlha, ficado contrariadíssimo com a alusão que eu fiz, em "eco", à redução dos nossos ordenados. Ontem houve um rompimento decisivo entre o Durão e o Leônidas, tendo êste último pedido demissão, sendo-lhe esta negada pelo Macedo.

Cumpri com os meus deveres burocráticos, li jornais estrangeiros e escrevi quatro "ecos" para o "O Imparcial". Regressei a casa às 21 horas e passei mal a noite, com dispnéia.

*8 de janeiro:*

Há dois dias está sendo a cidade abalada pelos ecos de uma tragédia, em que foi protagonista principal uma notável figura do clero brasileiro, o meu coestaduano Cônego Osório de Ataíde Cruz. O Cônego Osório, que passou a mocidade a correr atrás de saias, possuía, aqui no Rio, uma afilhada a quem protegia, e que estava separada do marido, um foguista da Armada. Na tarde de 5, entrando em casa da mulher, Antônio Vicente, o foguista, encontrou ali, na sala de visitas, o cônego rival, a quem golpeou no pescoço, a navalha, matando-o. Antônio Vicente navalhou ainda, profundamente, na mesma região, a sogra, que ficou em estado grave, terminando por passar a navalha no próprio pescoço, ferindo-se gravemente. A espôsa adúltera, Maria de Lourdes, fugiu do local da luta à primeira vista do sangue alheio, saindo ilesa. A sociedade católica, em cujo seio o Cônego era grandemente considerado, pela sua cultura e pelo seu tratamento, tem procurado salvar a sua memória, insinuando a inocência, isto é, a pureza das suas relações com a sua afilhada. Êsse trabalho é desfeito, porém, pelo "carnet" do morto, o qual é composto de no-

tas comprometedoras, probatórias do fundo criminoso dessa amizade. O próprio depoimento de Maria de Lourdes vale por uma acusação a êsse venerando sacerdote de 65 anos, e denuncia, quando nada, uma perversão. Transcrevo para aqui, sem comentário, um pequeno trecho dêsse depoimento:

> "O seu mestre, sempre que vinha à sua casa, na entrada e na saída a beijava. Tendo ela, declarante, tido uma inflamação nos órgãos genitais e ficado sem poder andar, perguntando-lhe o cônego a causa, depois de grande relutância lha disse, propondo-se o seu mestre a examiná-la. Aceitou o alvitre e submeteu-se ao exame. O cônego lhe trouxe um remédio da cidade, mandando que aplicasse cataplasmas de linhaça às partes inflamadas, tendo os curativos sido feitos por sua mãe".

Haverá ainda quem ponha dúvidas sôbre os sentimentos, nada puros, dêsse padre?

* * *

Depois do almôço fui levar minha mulher e minha sogra à casa do Chacon, para passarem o dia com a tia e irmã. Fui buscá-las à tardinha, depois do Ministério.

Encontrei-me à Rua do Ouvidor, na porta da redação da "A Rua", com o Viriato Correia e José Oiticica. Êste se queixou dos jornais, que lhe não dão agasalho aos artigos, mesmo gratuitos, e elogia vivamente os meus sonetos "Oração a Dionísios" e "A Morte de Sócrates", publicados na "Careta". Oiticica tem em impressão um poema — Ode ao Sol. Viriato tem pronto para o prelo um livro de contos para crianças. Conversei com êle sôbre a atitude da "A Rua" em relação à política do Piauí. Essa atitude agressiva era devida ao Francisco Correia, que, segundo me disse, se lhe pegava "com a insistência de um carrapato". Ficou combinado, porém, que a "A Rua" não atacará mais a administração do Sr. Miguel Rosa, e que eu, em compensação, — feita voluntàriamente, — o auxilie no seu combate à política situacionista do Maranhão.

Nesse mesmo local encontrei-me hoje com o Bilac. Ia em companhia do Heitor Lima, que me foi apresentado pelo Oiticica. Bilac deu-me dois grandes e apertados abraços, agradecendo-me o livro e o sonêto que lhe enviei, e tecendo louvores aos meus versos. Êle ia me escrever uma longa carta, agradecendo-mos, e falando do livro.

Estive com o Miguel Melo, que, sendo informado da chegada do meu segundo volume de versos, foi buscar o seu exemplar. Eu lhe disse que era falso o anúncio, e êle custou a acreditar. Falamos da crise intelectual — artística e literária — que atravessamos e êle me contou que na última e recente exposição de trabalhos da Escola Nacional de Belas-Artes, não se vendeu senão um pequeno quadro de duzentos mil-réis, e isso mesmo porque o comprador — o médico Bruno Lôbo — se compadecera de precária situação financeira do autor, que é seu amigo. Contou-me ainda o Miguel que o seu irmão, o escultor Cunha Melo, tendo realizado alguns trabalhos em Milão, resolveu trazê-los para uma exposição no Brasil. Informado, porém, da situação em que nos vemos, e que o transporte das suas obras acarretaria despesas que aqui não seriam compensadas, meteu o martelo em tôdas, reduzindo-as a cacos, embarcando sòzinho para o Rio, onde está feito professor de desenho.

Na redação escrevi três "ecos" e uma entrevista.

* * *

De caminho para casa, passei na "Gazeta de Notícias", para falar com o Nogueira da Silva. Não estava. Conversei com o Paulo de Gardênia (Benedito Costa), um adorável imbecil que faz o "Binóculo", a seção elegante do jornal. Êsse Benedito é um mulato pernóstico, tornado popular pela sua encantadora cretinice. A propósito da sua pessoa e do seu nome, conta-se, entre outras, a seguinte anedota. O Emílio de Menezes havia tido a apresentação dêsse figurino, mas com as roupas do seu pseudônimo:

— O Paulo de Gardênia, da Gazeta...

Emílio, que o conhecia pelo nome de batismo, indagou:

— Não é o Benedito da Costa?

— Benedito Costa — emenda o Petrônio-mirim.

E o Emílio, com alusão à côr do elegante:

— Ora, o senhor já viu Benedito que não seja... da Costa!?

O Emílio costuma chamar a êsse legítimo representante da futilidade carioca, em vez de Paulo de Gardênia — Paulo Jasmim do Cabo.

É ainda uma alusão à costa d'África...

*9 de janeiro:*

Falei pelo telefone com o Dr. Miguel Rosa, que agradeceu vivamente o que combinei com o Viriato. Êle seguirá no dia 22, tendo prometido vir conversar comigo, antes da partida.

Entraram para o Arquivo do Ministério do Interior, onde ficarão sepultados, mil exemplares da "A Organização Nacional", de Alberto Tôrres. É um livro de valor, onde se apontam os únicos remédios que ainda podiam salvar a Nação. É por isso mesmo que o livro foi mandado "arquivar" e o autor já foi, por duas vêzes, internado em uma casa de saúde, como sofrendo das faculdades mentais...

A "Careta", de hoje, anuncia para o ano corrente um livro de Bilac, "Tarde"; dois de Alcides Maia, "Alma Bárbara" e "Ensaios Americanos"; seis de Viriato Correia, "Arca de Noé", "Varinha de Condão", "S. Ex.ª", "Três Novelas", "Contos da Academia" e "Conferências"; três de Goulart de Andrade, "Assunção", drama, "S. Francisco" e "Transfiguração"; um de Martins Fontes, "Poemas Parnasianos"; um de Aníbal Teófilo, "Rimas", 2.º volume; "Exaltação", de Albertina Berta; um de Olegário Mariano, um de Belisário Soares de Sousa, um de Oscar Lopes e três de Leal de Sousa.

Quanta promessa! Quantas se tornarão realidade?

* * *

No Ministério escrevi uma mensagem ao Congresso e alguns decretos para o Presidente da República assinar. Não se me culpe, porém, pela Mensagem hoje lida no Congresso, sôbre o caso do Estado do Rio. A "minha" mensagem não tinha importância: era comunicando a sanção de leis...

A propósito: hoje reuniu-se extraordinàriamente o Congresso. Mensagem presidencial tendenciosa, pró-Pinheiro. O povo protestou, da rua. Uma vaia no Sr. Pinheiro Machado. Represália por parte dos asseclas dêste. Correrias, bofetadas, palavras e palavrões. E cada um voltou para a sua casa, onde os filhos choravam de fome...

Na redação escrevi quatro "ecos" e ouvi as bravatas de um deputado estadual fluminense. Pela sua versão, êsse cavalheiro desafiou a Polícia, o Exército, a Armada, os adversários e a Guarda Nacional. Não apareceu ninguém, e êle ia regressar a Niterói, onde o esperavam para levantar a sua candidatura a deputado federal.

*10 de janeiro:*

A "Gazeta de Notícias", de hoje, publica, no rodapé do seu suplemento, oito sonetos orientais, de Castro Meneses, com o título de "O sonho da Esfinge". Dêstes, destaco o seguinte:

*CLEÓPATRA*

*Tôda de ouro e marfim, cortando a água espumosa,*
*Remos de prata ao sol, num halo de esplendores,*
*Sobe o rio a trirreme suntuosa*
*De grandes mastros reais coroados de flôres.*

*Vem de Társis. Num véu de telas multicores;*
*Micante de rubis e prásios, voluptuosa,*
*Sob o "pallium" azul, Cleópatra ouve os louvores*
*Que lhe ergue Marco Antônio à beleza radiosa.*

*Isis não é mais linda!... As brancas mãos divinas*
*Ao pêso dos anéis e pedrarias finas,*
*Sôbre a fronte do herói descem, níveas e belas.*

*E enquanto êle adormece, entre visões de glória,*
*A rainha sorri, e a nau, serena e flórea,*
*Sobe o Nilo, enfunando a púrpura das velas...*

Continuam as manifestações populares contra a reunião do Congresso. Os ânimos se exaltam contra o Govêrno. Acabará tudo em nada.

Distribuí assim o meu domingo: revisão de versos antigos, "manipulação" de "ecos" e leitura de Nietzsche ("Le voyageur et son ombre").

*11 de janeiro:*

Continuaram as manifestações contra a reunião do Congresso. Dois "meetings"; um em frente ao Monroe, onde funciona a Câmara, outro no largo de São Francisco. Testemunhas principais: do primeiro — a estátua de Floriano Peixoto; do segundo, a estátua de José Bonifácio.

Distribuição do dia: ainda Ministério, ainda "ecos"; ainda revisão de versos; e ainda Nietzsche. Neste encontro esta sentença genial: "O idealista é incorrigível: se se o lança fora do céu, êle arranja com o inferno um ideal".

Continua o calor.

## 1917

## MARÇO

*Quinta-feira, 1.º de março:*

Em palestra íntima, Bilac fala-me da sua velhice, dos seus 53 anos solitários. Noto na sua palavra o pavor invencível do túmulo, da aproximação soturna do "fim". Resultado, talvez, do celibato...

*Sexta-feira, 2 de março:*

Américo Facó, redator da revista "Fon-Fon", conta-me uma das últimas pilhérias de Emílio de Meneses. Trata-se do recente escândalo em que a imprensa envolveu o Presidente de Minas, D....... M......., acusado de haver seduzido uma senhora. E Emílio observa, fingindo indignação:

— "Mas, mineiro cria boi, mineiro cria porco, mineiro cria galinha, por que mineiro não cria vergonha?"

*Sábado, 3 de março:*

Cândido Campos, secretário da "Gazeta de Notícias", oferece-me um documento da superficialidade da cultura, ou melhor, da instrução de Paulo Barreto (João do Rio). Paulo ouvira dizer que Tobias Barreto estudara filosofia em Escada, em Pernambuco. Ignorando a existência de uma cidade com êste nome, escreveu, então, na "Gazeta", uma crônica, em que, referindo-se à pobreza de Tobias, dizia que êste, não tendo cadeira em que se sentasse, chegara ao extremo de estudar filosofia em uma escada!

Cândido Campos é íntimo de Paulo Barreto e, portanto, insuspeito.

*Domingo, 4 de março:*

João Lopes, pai de Oscar e Tomás Lopes e velho jornalista, conta-me uma anedota de Cruz e Sousa. O poeta dos "Broquéis" era repórter da "Gazeta de Notícias", e empregava no noticiário da fôlha a mesma adjetivação extravagante dos seus versos. Ferreira de Araújo, diretor do matutino, proibiu-o de usar adjetivos no noticiário, pois que nunca os empregava com propriedade e discrição. Uma noite, achado-se Cruz e Sousa de plantão, irrompe um grande incêndio na cidade, no bairro comercial. O fogo havia sido violento e o poeta entendeu que era indispensável um adjetivo para qualificá-lo... Deu, por isso, à notícia do sinistro o seguinte título, em letras garrafais: "Pavoroso Incendio!..." Foi, porém, de tal ordem o caiporismo do Poeta Negro, que por um êrro de revisão, talvez um ato de maldade, a notícia saiu, no dia seguinte, assim intitulada, em letras que tomavam tôda a largura da página: *"Vaporoso Incêndio!..."* Ferreira de Araújo, que sabia ser o adjetivo "vaporoso" um dos mais familiares a Cruz e Sousa, que o empregava abusivamente nos seus versos, acreditou tratar-se de mais uma extravagância do poeta e suspendeu-o, nesse dia, do serviço do jornal.

*Segunda-feira, 5 de março:*

Magro, rosto chupado, pele escura de mulato, é uma figura que inspira simpatia e dó, essa, de Pereira da Silva. A sua roupa escura, surrada, dá a impressão de ter sido comprada de segunda mão, ou melhor, de segundo corpo. Nunca se o viu com um terno novo. É uma coruja feito homem.

E êsse homem, que tem alma de santo, canta como as corujas. O seu canto é um agouro. Jamais a sua lira desferiu um som alegre, uma nota jovial. A sua musa vive de joelhos, a cabeça perpétua de cinza.

— Coitado do Pereira! — diz-me Castro Meneses. — É bom como ninguém. E, no entanto, desde a infância carrega uma cruz.

E com a sua imaginação poderosa:

— Não sabes a história do Pereira? É uma tragédia. O Pereira é filho de um marceneiro da Paraíba. Era êle pequeno quando o pai morreu, deixando a família na miséria. Depois do entêrro, a família foi à oficina, para entregar aos credores o pouco que ali havia. Uns ficaram com os raros móveis existentes, outros com as tábuas e a ferramenta. A um canto, havia uma cruz de madeira, da altura de um homem. Ninguém a quis. Ficou

para o Pereira, que ainda hoje a tem, e que a vem carregando pela vida.

— Até no coração, coitado, — continuou, — tem êle sido golpeado. Imagina que êle casou com uma criatura a quem queria bem, filha do Rocha Pombo. Pouco a pouco, depois do casamento, foi sentindo que ela o evitava de tôda a maneira. Até que um dia, ela, em pessoa, lhe confessou a sua situação. Consultando o seu coração, havia ela verificado que não o amava mais. E como viver ao seu lado seria uma hipocrisia e um sacrifício, pedia-lhe que a deixasse ir para a casa do seu pai, tomando êle, então, o rumo que quisesse... E o Pereira, com o coração alanceado, deixou-a ir...

E com tristeza:

— É um santo o Pereira!...

*Quinta-feira, 8 de março:*

À porta da Casa Artur Napoleão, na Avenida, fala-se, em uma roda, da substituição de Osvaldo Cruz na Academia de Letras e na possível entrada do médico Aloísio de Castro. Bilac, que se acha no grupo, dá a sua opinião:

— Não voto; a Academia já está cheia de médicos; agora, só admito um homeopata!

*Sábado, 10 de março:*

Coelho Neto conta-me, em sua casa, as peripécias da estréia literária de Alberto de Oliveira. Possui Alberto um irmão mais velho, Mariano de Oliveira, que fazia versos, e era considerado o poeta da família. Ao ver o irmão contar as sílabas nos dedos, no silêncio do seu quarto de Niterói, Alberto de Oliveira sentiu uma inveja irreprimível, e resolveu tornar-se poeta também. Para isso, tomou um almanaque do tempo, escolheu nêle um sonêto, modificou-o, transformado-o aqui ou ali, alterando uma ou outra palavra, e levou-o a Mariano, para que desse a sua opinião. O irmão, que não era forte no conhecimento dos poetas contemporâneos, achou que o sonêto era aproveitável, consertou-o como pôde, e aconselhou-o a continuar, pois mostrava decidida vocação para a arte.

— Deixa-o comigo, — terminou Mariano, dobrando a fôlha de almaço.

Incentivado, assim, pelo outro, Alberto resolveu atirar de lado o almanaque e fazer versos por conta própria: tomou da

pena, e passou a noite a arranjar um sonêto, mas um sonêto seu, sem material extraído a estranhos; e quando foi pela manhã, levou-o ao irmão.

— Êstes, não estão maus, não; mas os outros estavam melhores, — declarou Mariano, relendo o trabalho.

— Bom; então, passa-me agora os outros...

— Quais? Os de ontem? Os de ontem não estão mais aqui: êsses, conserteio-os e mandei-os para um jornal de Campos, onde sairão com o teu nome.

Alberto de Oliveira, quando conta, hoje, êsse caso, conclui, sempre, compungido:

— Por isso, quando vocês encontrarem por aí um sonêto de Gonçalves Crêspo ou de Francisco Otaviano tendo por baixo o meu nome, não levem a mal: é a minha estréia poética! (*)

*Domingo, 11 de março:*

Goulart de Andrade, que acaba de regressar de um passeio pelo Estado de Minas, conta-me particularidades do caráter mineiro, especialmente da avareza da população. E, a propósito, narra-me uma anedota de invenção paulista, em que o viajante, ao chegar em território de Minas, pergunta ao seu hospedeiro:

— Quanto custa o pouso, durante a noite?

— Nada, moço, — responde o caboclo; — a casa é de vossa senhoria; vossa senhoria só tem que pagar o capim do cavalo.

No dia seguinte cobram-lhe dez mil réis pelo capim do cavalo...

*Segunda-feira, 12 de março:*

Leio em uma fôlha européia que Francisco José, Imperador da Áustria, falecido nos fins do ano passado, assinou, no decurso de seu longo e tormentoso reinado, cêrca de vinte e uma mil condenações à morte. Era considerado a mais católica das majestades, foi abençoado por Benedito XV, e morreu cristãmente...

*Quarta-feira, 14 de março:*

Uma tarde passada com Goulart de Andrade, que me fala dos primeiros tempos da sua amizade com Alberto de Oliveira.

---

(*) Êsse episódio me foi confirmado, mais tarde, textualmente, por Alberto de Oliveira. — *H. de C.*

— Nesse tempo, — diz-me, — vínhamos os dois até o Largo de São Francisco de Paula, tomar café. Aí, Alberto enchia a xícara de açúcar, e deitava um pouco de líquido, fazendo uma calda, da qual tirava uma pequena colherada, que separava no pires. Em seguida, molhava os dedos indicadores e polegares nessa massa quase consistente, e encerava, com ela, a ponta dos bigodes.

*Quinta-feira, 15 de março:*

Enrico Ferri podia explorar, talvez, nas conferências em que trata de pão e amor, esta observação. Uma senhora nova, espôsa de um dentista, manifesta inclinação amorosa por um cavalheiro que toma o bonde todos os dias em frente à sua casa de residência. Supõe-no bacharel, ou médico. Depois, vem a saber que êle é dentista, como o marido. Com essa descoberta, as suas simpatias arrefecem: aquêle homem é, agora, examinado pelo seu instinto, seu inimigo, pois que, fazendo concorrência ao seu marido, lhe tira, a ela, um pedaço de pão. Vence, aí, o instinto do amor.

*Sábado, 17 de março:*

Em artigo publicado no mensário "A.B.C.", Lima Barreto diz que o Sr. Lauro Müller, para conseguir um livro que justificasse a sua entrada para a Academia, teve que imprimir um discurso em papelão e em letras garrafais. Só assim arranjou êle um volume, como exigem os estatutos da instituição.

*Domingo, 18 de março:*

Escrevendo sôbre a sucessão presidencial, e sôbre as candidaturas que, no momento, preocupam o mundo político, apesar de faltarem ainda vinte meses, ou quase metade do quatriênio, para terminação do govêrno atual, o Sr. Carlos de Laet tem, em artigo para a "A Gazeta", de S. Paulo, esta frase feliz: "A República é uma alimária que passa a metade da vida com dores do parto".

*Quinta-feira, 22 de março:*

Miguel Melo, autor da "A Visão na Estrada", relembra-me a pilhéria de Lima Barreto ao ser inquirido pela polícia sôbre o

crime do poeta João Pereira Barreto, que assassinou a espôsa, há três anos, em Niterói. Lima Barreto havia passado uma parte da noite a beber, no Rio, com o poeta, quando êste, já pela madrugada, o deixou, para tomar a barca e ir cometer o uxoricídio. Convidado, no dia seguinte, a depor, o romancista de "Isaías Caminha" compareceu, ainda cheirando à cerveja da véspera, prontificando-se a prestar o seu depoimento. O delegado começou perguntando se o criminoso manifestara, por acaso, quando se achavam juntos, o desejo de assassinar a senhora. E Lima Barreto:

— Isso, positivamente, êle não me disse. Êle me falou, é verdade, que estava com vontade de matar alguém, fôsse quem fôsse; e eu até ainda aconselhei: — "Olha, se tu queres matar alguém, mata o J. Brito, acabando com as crônicas que êle está escrevendo na "A Notícia" e prestando, assim, um serviço às letras nacionais". Êle, porém, não me atendeu: em vez de matar o J. Brito matou a mulher!"

O delegado, vendo que nada podia apurar de um depoente de tal ordem, mandou em paz, mas não em segurança, as pernas do romancista.

*Sexta-feira, 23 de março:*

João Ribeiro, em palestra comigo na redação de "O Imparcial", critica firmemente Rui Barbosa, descobrindo a vaidade dêsse grande homem no modo por que êle abusa da paciência dos outros, quando escreve, ou quando fala.

— O Rui não tem — diz-me, — a noção do tempo, e supõe que os outros não a têm. Depois, comete uma incivilidade, detendo os que o ouvem nos teatros ou no Senado, quando êsses podem ter ocupações e interêsses urgentes no decorrer das quatro ou cinco horas em que êle os retém.

E como eu lhe fale na Conferência de Haia:

— Foi um sucesso... para uso no Brasil. Na Europa, a impressão que deixou e que eu ainda ali encontrei, foi a de um orador "cacetíssimo", que supunha a Conferência especialmente convocada para êle e que não foi, além de tudo, entendido convenientemente, por ter uma dicção francesa defeituosa.

*Sábado, 24 de março:*

Jantar em casa de Coelho Neto, que me fala da antiga paixão de Luís Murat pelas brigas de galo. Um dia Murat convidou

Neto, Bilac e outros, para ouvirem versos de um livro novo, em sua casa, no ponto mais longínquo da Aldeia Campista. Os convidados compareceram, e Murat passou a tarde no quintal, a atirar galo contra galo, deixando passar as horas e não lhes mostrando, afinal, as rimas prometidas.

Fala-se também da Amazônia, e Coelho Neto revela-me uma imagem de Euclides da Cunha sôbre a região: "A Amazônia é um ser ainda disforme que o Homem arrancou a fórceps do útero da Natureza". Essa imagem, que Euclides nunca escreveu, foi substituída, no seu livro "À Margem da História", por esta expressão: "O homem chegou ali sem ser esperado nem querido — quando a Natureza ainda estava arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão". E por esta outra, no prefácio de "O Inferno Verde", de Alberto Rangel: "A Amazônia é uma página do Gênese, ainda por escrever".

*Têrça-feira, 27 de março:*

Macedo Soares, que regressa da Argentina, explica-me a situação política daquele país. A República estava sendo governada por uma elite, composta de algumas dezenas de famílias ricas e cultas. Os partidos populares tomaram, porém, grande incremento, e elegeram agora o Presidente Irigoyen, que jamais havia exercido um cargo público na administração. A elite podia tê-lo depurado, pois que a sua maioria, no segundo escrutínio, foi apenas de dois votos; resolveu, no entanto, em vez disso, reconhecê-lo Presidente, a fim de que a nação se desiludisse dos chefes populares, pelo conhecimento provado da sua incapacidade.

— E êsse objetivo, — conclui Macedo Soares, — está sendo conseguido, com o govêrno fraco e atordoado que vem fazendo Irigoyen, entre a campanha de ridículo que lhe vêm fazendo os seus inteligentes adversários...

*Quarta-feira, 28 de março:*

O meu médico, Afonso Mac-Dowell, fala-me do pudor com que as prostitutas, mesmo as mais devassas, mostram o corpo quando vão à consulta. É constrangidas e, muitas vêzes, envergonhadas, que elas, habituadas a mostrar o corpo inteiro a qualquer homem, expõem um seio, ou uma coxa, aos olhos de um facultativo. A propósito, lembro o que Coelho Neto me contou recentemente, e que foi por êle observado ao organizar o seu filme "Os Mistérios do Rio de Janeiro". Em uma das cenas, uma

das artistas, a "demi-mondaine" Margot, teve que ficar no leito, representando o papel de rapariga doente, em camisa de noite. Ao terminar a filmagem, estando ela, embora, com um calção por baixo da camisa, não quis de nenhum modo levantar-se da cama nesse trajo, por se acharem no aposento pessoas estranhas, — trajando ela, no entanto, na rua, com as modas atuais, roupas que lhe deixam muito mais patentes as formas e segredos do corpo.

*Sexta-feira, 30 de março:*

Inácio Azevedo Amaral, alto e magro, curvado lá no alto como êsses açaìzeiros do Amazonas que levantam a copa até à corrente dos ventos, fala-me da disciplina e contentamento das alunas da Escola Normal, de que é diretor. A ordem é absoluta, hoje, nesse instituto, em que se acham matriculadas mil e duzentas moças, as quais viviam em conflito permamente no tempo de outros diretores. Pergunto-lhe como conseguiu êsse milagre, captando a simpatia dessa pequena cidade de mulheres, e êle confessa:

— De modo fácil: instituí um gabinete de "toilette", com pente, pó de arroz, bistre e "bâtons" de "rouge"!

## ABRIL

*Domingo, 1.º de abril:*

Uma fita cinematográfica nacional hoje exibida em sessão especial dedicada à imprensa. Título: "O Filme do Diabo". Originalidade: legendas em versos, das quais é autor Bastos Tigre. Há dísticos desta ordem:

*"A luta de novo cresce.*
*Luta intensa e desigual:*
*E Susana desfalece*
*Nos braços do oficial".*

E desta:

*"Entre o fogo da metralha*
*Parte da trincheira amiga*
*Um soldado que trabalha*
*Por salvar a rapariga".*

O prosaísmo dêsses versos é motivo de hilaridade nas rodas inteligentes.

*Terça-feira, 3 de abril:*

As paisagens brasileiras ou, antes, cariocas, ùltimamente apresentadas em filmes, são as mais lindas que os meus olhos têm visto. Um panorama, exibido há poucos dias, da Baía de Guanabara, ao alvorecer, é de uma beleza fantástica. A princípio, alta madrugada, as águas da baía, rolando, sem espumas, na sombra, dão a impressão de um oceano de bronze liquefeito, que se movesse a custo, fatigado com o pêso das próprias ondas. Depois, são as águas faiscando, como em um encantamento, com uma áscua de sol em cada uma de suas escamas infinitas. Outra maravilha da natureza e da cinematografia, que lhe roubou essas tintas, é um pôr-de-sol apanhado, creio, em uma das enseadas da Gávea. Todo o quadro é um incêndio: árvores, montanhas, nuvens, tudo é púrpura viva; e, emoldurado por tudo isso, um lago de fogo líquido, que um alquimista fantástico vai, pouco a pouco, transformando em um turbilhão de pedrarias liquefeitas.

*Quarta-feira, 4 de abril:*

No Café São Paulo, demorada e exaustiva palestra (?) com O. M. — Com a sua fisionomia pesada de monarca espanhol, as suas meias-costeletas bastas e que são a continuação da cabeleira escorregadia, O. é um das máscaras mais inexpressivas que eu conheço. As suas exclamações, sempre acompanhadas de sorrisos grossos, são as de quem se espanta e sorri àbsorvido por um mundo interior, que êle próprio não compreende. Os seus olhos dão sempre a idéia de quem está esperando alguém, que não deve tardar; vagam, aflitos, a todo instante, para o lado da rua. É, enfim, uma figura tão imprecisa e tão tôla, tão incapaz de sustentar uma conversa inteligente durante quatro minutos, que a gente não sabe, ao certo, se está na presença de um grande sonhador ou de um grande cretino.

*Quinta-feira Santa, 5 de abril:*

À noite, visita de Coelho Neto e senhora. Dona Gabi, supersticiosa, conta-nos que, quando o marido anda contrariado nos seus negócios, aproveita o seu sono e manda defumá-lo com

ervas prestigiosas por uma velha preta doméstica, a Bá. Em seguida, Mme. Neto reza sôbre a cama alguns padre-nossos, constituindo tudo isso um remédio infalível. E, a propósito, conta-me que, certa noite, enquanto a gorda velha Bá defumava o escritor, começou a bocejar, e, virando-se para ela, sussurrou, impressionada:

— Eh, menina, branco desta vez "tá pesado"!...

Coelho Neto confirma, zombeteiro e contente, êsse grande zêlo pela sua felicidade, e narra que, em certos dias, quando está aborrecido, é despertado por um calor que lhe sobe da cadeira em que trabalha. Assim que êle percebe o fenômeno, a velha Bá, que sorrateiramente se colocara, de cócoras, atrás do móvel, sacode violentamente uma lata cheia de brasas, fazendo subir uma pesada nuvem de fumo que envolve e atordoa o romancista. Furioso, êste corre em perseguição da preta, que se escapa na carreira, deixando-lhe o gabinete alastrado de restos de capim queimado, e impregnado de um cheiro que, realmente, o entorpece, por todo o resto do dia. Mme. Neto denuncia os ingredientes dessa defumação: compõe-se ela de benjoim, incenso, palha benta, e uma erva denominada "raspa de veado".

Neto conta-me, a mim, aventuras de sua mocidade, e, entre elas, os jantares orgíacos do "Rabelais", sociedade lítero-gastronômica de que faziam parte êle, Bilac, João Ribeiro, Araripe Júnior e outros. Falando-me de Araripe, conta-me que êste sofria de um erotismo intermitente, que demorava ordinàriamente uma semana. Durante meses, era êle um chefe de família exemplaríssimo: vivia entre o lar e a repartição, sem uma falta, sem um desvio. De repente, porém, acendiam-se-lhe as pupilas, dilatavam-se-lhe as narinas, e o sátiro aparecia. E durante oito dias andava êle de alfurja em alfurja, revelando o seu estado no incêndio dos olhos dilatados.

Conversa-se sôbre literatura, e o romancista diz-me:

— Cada vez me apaixono mais pelo estudo da língua, e, especialmente, da língua em Camilo.

E confessa:

— O Eça tem a minha admiração; Camilo é minha religião.

Passamos a conversar sôbre estudos clássicos, e Neto conclui:

— Estranham a minha paixão pelos antigos; mas, que hei de fazer, se êles são maiores que os modernos? Enquanto os grandes espíritos de hoje não forem tão altos como os de ontem, eu prefiro ser como aquêles povos fabulosos de Homero, que tinham olhos acima da nuca, e olhar para trás...

*Sexta-feira Santa, 6 de abril:*

Bilac, que acaba de passar algumas semanas em S. Paulo, conta-me que, antes de partir, encontrara à porta da Livraria Garnier o velho republicano Coelho Lisboa, o qual, com a sua voz poderosa e solene, sentenciava para um grupo de meninotes. Ao passar por trás do grupo, ouviu êle, Bilac, esta frase do tribuno, proferida com a maior gravidade:

— Rapazes, dou-lhes a minha palavra de honra que Deus não existe!

*Sábado, 7 de abril:*

Em palestra pelo telefone, Coelho Neto conta-me que, à hora em que os sinos começaram a repicar "aleluia!", saiu da sua cozinha, "fumegando como uma chaminé", a sua velha preta Bá, que, empunhando uma lata de brasas, em que ardiam ervas e resinas levadas da minha casa, esconjurava por todos os cantos os espíritos maus. A velha Bá levava-os, a baforadas de fumaça, até à janela aberta, bradando:

— Sai de pé de nhonhô tudo que não presta, só fique o que é bom; sai esp'rito mau, sai, sai...

* * *

À tarde, passeata acadêmica pedindo a guerra com a Alemanha, em virtude do torpedeamento, próximo ao Havre, do cargueiro nacional "Paraná". Dirigem a manifestação dois estudantes, bons agitadores e péssimos oradores. O acompanhamento não se compõe, talvez, de cem pessoas, na sua maior parte gente desclassificada. Um dos oradores, que me informam ser professor de flauta, beija a fímbria da bandeira da pátria e soluça uma ária em que pede romànticamente a declaração de guerra. Elói Pontes, de cabeleira engordurada, bochechas de frade, dentes de aimoré e olhos de porco, propõe de uma janela de jornal que se proíba o trânsito nas ruas a qualquer alemão, que se impeça a circulação do "Diário do Rio", órgão dos interêsses da Alemanha, e que se rasguem nas ruas, e por tôda a parte, os jornais simpáticos à causa alemã. A população mostra-se indiferente a tudo isso, e assiste à passagem da passeata como assistiria à de um cortejo comercial fazendo a propaganda de um produto.

*Domingo, 8 de abril:*

É esquisita a impressão que me deixam os homens notáveis e velhos, figuras mais prêsas ao passado do que ao presente, como Lopes Trovão, Coelho Lisboa e Melo Morais Filho. A sua inatividade atual, aliada à originalidade do seu físico e à gravidade da sua indumentária, dá-me a idéia de homens de outros séculos que tivessem sido agora desenterrados. A figura de qualquer dêles não dá a impressão de velhice, mas de coisa gasta, deteriorada pela umidade, pelo frio da terra. O cabelo, que lhe não branquejou, parece mostrar em todos êles apenas um pouco de cal de sepultura. Lázaro, ao sair do seu túmulo, devia ter nos cabelos empastados êsse pó que eu descubro na cabeleira de Coelho Lisboa, de Melo Morais, de Lopes Trovão.

* * *

Almôço no Sul-América, onde Macedo Soares (José Eduardo) me fala das possibilidades da entrada do Brasil na guerra. Com a sua autoridade de ex-marinheiro e de deputado, afirma-me êle:

— As nossas fôrças armadas, nós todos, seríamos corridos a bofetada pela colônia alemã de Petrópolis.

*Segunda-feira, 9 de abril:*

O coração está me dando sinais de aproximação da velhice. Há seis anos uma contrariedade não me abalava fìsicamente. Uma ingratidão feminina deixava-me apenas uma ferida moral, que um divertimento ou uma leitura cicatrizava. Hoje, um aborrecimento, um choque, um simples olhar de mulher, dá-me palpitações, agonias, vertigens indefiníveis. Um dos mínimos acidentes da paixão amorosa — ciúme, dúvida, desinteligência, — dá-me a impressão de que meu coração é uma esponja repleta de sangue, prestes a vazar-me pela bôca. Sentindo-o, eu tenho a idéia de que êle se transformou em um dêsses sacos de borracha usados pela medicina, os quais, secando imprestáveis, ameaçam, depois, quando se lhes deita água, romper-se por tôdas as costuras.

*Têrça-feira, 10 de abril:*

Macedo Soares, em palestra no Café São Paulo, explica-me a situação ingrata em que se encontra o Ministro Lauro Müller,

na pasta das Relações Exteriores, diante dos últimos acontecimentos da política internacional.

— O Lauro não tem uma visão larga das coisas, uma noção clara dos acontecimentos. No meio de todos êsses perigos, êle está preocupado, não com os destinos do Brasil, mas com as conseqüências de um gesto seu na política estadual de Santa Catarina.

E acrescenta:

— São resultados da sua educação política, que é a educação política da maioria dos nossos homens de govêrno. Êles se acostumaram a desprezar a opinião pública, de modo que, quando ela se manifesta, como agora, é isso para êles uma surprêsa, que os atordoa e desorienta. É por não ser dessa escola que o Rui resiste, e é por não esquecer nunca o elemento popular, indo de vez em quando fortalecer-se nêle, que o Nilo subsistirá.

Passa-se a coisas da imprensa, e o deputado fluminense conta-me que o Ministro Pedro Lessa, ouvindo, há dias, em conversa, os seus colegas do Supremo Tribunal atacar os jornais chamados "amarelos", isto é, de linguagem violenta, aparteara:

— A violência dos jornais é como a chuva e o sol: só nos desagrada quando não vem no momento em que nós, pessoalmente, precisamos dela para coisa do nosso interêsse.

E como alguém insistisse na censura à veemência dos nossos jornais, o ministro perguntou:

— Eu sou um homem moderado?

— É.

— O "O Imparcial" é um jornal "amarelo"?

— Evidentemente.

— Pois bem, — concluiu Pedro Lessa, — o "O Imparcial" devolveu há dias um artigo meu, para que eu modificasse a violência da linguagem!...

No Café S. Paulo, onde mexo, preguiçoso e solitário, uma pequena xícara de café com leite, apresentam-me a Pinto da Rocha, cujos bigodes em ponta, voltados para cima, recordam armadores à espera de uma rêde nortista. O tribuno gaúcho arregala os olhos, num espanto e, após algumas gentilezas e elogios, que me constrangem pelo exagêro, fala-me, alarmado, sôbre as possibilidades de uma luta no Sul. E conta-me os elementos de que dispõem os alemães, mesmo no Rio Grande.

— Quando eu estive — diz — em propaganda eleitoral com Fernando Abbot, penetrei, com Rafael Cabeda, a região rio-grandense em que predomina a colônia alemã. Foi para mim uma surprêsa. Cada núcleo colonial tem a sua linha de tiro, com cem

e mais atiradores. Em uma das cidades (cita um nome indígena) fomos recebidos por um Regimento de Cavalaria, bem montado, bem armado, bem municiado, com o seu coronel, com o seu major, com o seu capitão, com o seu tenente. E sabem que bandeira vinha à frente? A bandeira alemã!

E olhando-me nos olhos, vergado sôbre a mesa redonda e pequena, ao mesmo tempo que agita as mãos, como num discurso de rua ou de Câmara:

— Nós não iremos à França, à fronteira da Alemanha: temos muito que fazer aqui mesmo!

*Quarta-feira, 11 de abril:*

Às onze e meia da noite, ontem, resolveu o govêrno romper relações diplomáticas e comerciais com a Alemanha. O Presidente Wenceslau, chegando à janela do Catete, comunicou a algumas centenas de rapazes que se apinhavam em frente ao palácio, sob a chuva miúda, a grave resolução, com as seguintes palavras:

— O Brasil acaba de cumprir o seu dever. Viva a República!...

O Ministro Lauro Müller, comunicando aos representantes da imprensa a deliberação que acabava de ser tomada, teve, dizem os jornais, esta frase complementar:

— O povo resistiu à chuva; que saiba, depois, resistir ao fogo.

Na Avenida Central, onde vi os manifestantes, que regressavam a galope do Catete, a notícia não causou a menor impressão. A população sensata assistiu sem um comentário a passagem da avalanche que a chuva miúda impelia, limitando-se a fugir para os passeios, no temor de ser apanhada por aquela primeira onda de espuma e de enxurro.

Na Avenida, canto da Rua do Ouvidor, sôbre os arabescos do passeio do "Jornal do Comércio", dizia-me, hoje, um patriota:

— Para a guerra é que eu não irei. Se tivessem a idéia de levar-me arrastado, ainda assim a pátria teria prejuízo, pois, para isso, seriam precisos dois ou três homens, que podiam ser mais úteis empregados contra o inimigo.

Êsse não acredita, absolutamente, na pena de fuzilamento.

No bonde, a caminho da cidade, leio a notícia da retirada do escudo alemão das fachadas da Legação e do Consulado dêsse país. A tristeza do dia, o silêncio no meio do qual foi praticada essa fúnebre cerimônia por alguns empregados da Lega-

ção e do Consulado, confrangeram-me o coração, enchendo-o de uma pena indefinível. A linha, a nobreza, a serenidade com que age o ministro alemão, protestando, no meio de tudo isso, as suas simpatias pelo Brasil, enchem-me de mágoa, de dó, de piedade, umedecendo-me os olhos. Eu preferia que êsse homem fosse grosseiro, orgulhoso, arrogante, para que a minha consciência não tivesse ímpetos de considerar o ato do Brasil, rompendo com um país sem defesa, um ato de covardia.

*Quinta-feira, 12 de abril:*

Depois de alguns meses de saúde relativa, alguns dias de fastio, de aborrecimento, de desânimo. Era uma congestão do fígado, felizmente atalhada hoje com um preventivo, antes que se fizesse sentir pela febre, que transforma os meus dentes tiritantes em assustadora campainha da Morte.

É curiosa a sensação que assalta um homem recentemente casado, e que em solteiro viveu solitário, quando encontra junto à sua, no mesmo cabide, uma roupa de mulher. Percorre-lhe os nervos e vem-lhe aos olhos uma sensação de dever cumprido, de destino realizado, uma carícia igualada, apenas, em suavidade, pela que se sente na alma quando se realiza um desejo ou se dá uma esmola merecida.

Pesei-me hoje: 55,700 quilos. É o pêso médio de um jóquei, nos prados de corrida.

*Sexta-feira, 13 de abril:*

No seu consultório médico, Silva Araújo (Paulo) contame que, ao regressar do cemitério de S. Francisco Xavier, quando ali fora levar o corpo do filósofo Farias Brito, a viúva dêste lhe dissera que o marido, sabendo que ela trazia um filho nas entranhas, lhe pedira, dias antes da morte:

— Eu não terei vida para ver êste filho; quero, porém, que o seu padrinho seja o Paulo Araújo. É à sua dedicação que eu devo a saúde relativa que me permitiu deixar no mundo mais êste rebento do meu sangue.

A morte de Farias Brito, diz-me Paulo Araújo, foi em conseqüência de uma hemoptise fulminante, há muito esperada.

* * *

À porta da Livraria Garnier, conversava-se, em um grupo, sôbre a guerra, sôbre a mobilização, sôbre os exageros da im-

prensa. Passa uma "demi-mondaine" francesa, magrinha, pequenina, mirradinha.

— Como se poderá ter prazer com uma mulherzinha destas? — estranha alguém.

Bilac vira-se, olha a rapariga através do seu "pince-nez" faiscante, e, voltando-se para nós, responde, num gesto de quem aplica uma sonda:

— Enfiando pela u.....!

Em seguida, Bilac faz "blague" sôbre os possíveis amôres do poeta Hermes Fontes, a mais miúda figura do Parnaso nacional, informando que êste possui uma apaixonada de enorme estatura e de carnes abundantes, capaz de satisfazer o Batalhão Naval. E conclui, jovial, mas sem rir:

— Eu creio que ela, quando o apanha, segura-o pelos pés e o enfia pela vagina, de cabeça para baixo...

* * *

É sempre um quadro que me entristece, êsse, dêsses quatro cegos, que encontro freqüentemente na rua, carregando o esquife de um violoncelo. À frente, ladeados por um guia, a quem o convívio já deu aparências de cegueira, caminham dois dêles, de passo incerto, chegando-se muito à caixa do instrumento, como se fugissem de um fantasma ou recuassem de um abismo. Atrás, dois outros, tomados do mesmo susto, do mesmo terror, se achegam, também, à caixa que conduzem, como cordeiros amedrontados que fugissem a um lôbo invisível. E nessa desarmonia de marcha, de rosto para o ar, desaparece o grupo ao longe, atropelando-se, pisando nos seus próprios passos, como se carregasse naquele violoncelo o cadáver da sua própria felicidade...

*Sábado, 14 de abril:*

O cobrador de "O Imparcial", o velho Lemos, contava-me hoje que, quando vai cobrar a conta de anúncios da cartomante Mme. Olímpia, esta o submete a um demorado interrogatório, indagando do nome, hábitos e caráter do diretor, do gerente e dos redatores da fôlha, querendo saber se são casados, se têm filhos, se sustentam amantes. É com êsses elementos que ela "adivinha", depois, as particularidades da vida dos seus clientes...

*Domingo, 15 de abril:*

Leio, no "Journal" dos Goncourt, que Turguenief se sentia como alheio às coisas que o cercavam tôda a vez que a Natureza lhe reclamava a sua colaboração na multiplicação da espécie. Só depois do cumprimento dêsse dever de varão, entrava êle na consciência de si mesmo, tomando conhecimento do ambiente. Em mim, comigo, dá-se qualquer coisa de semelhante. Após êsse ato, o pagamento feliz dêsse impôsto, abre-se um suave luar dentro de mim, e eu tenho a sensação de desencargo, de bem-estar, que deve ter um discreto ao contar um segrêdo grave, ou um beato ao receber uma absolvição.

* * *

Há três meses não tenho notícias das provas do meu livro "Poeira..." (2.ª série), em impressão em Portugal. Sem dúvida, extraviaram-se, demorando ainda mais o aparecimento do volume. Hoje, telegrafei ao editor, pedindo notícias.

* * *

Jantar em casa de Coelho Neto. Fala-se à mesa muito de esporte, e pouco de literatura. Depois do jantar, chegam José Oiticica e senhora. Conversa-se sôbre o livro de Mário Brand, "Viagem a Buenos Aires" e Oiticica faz referência à estranheza do escritor quando lhe disseram na capital platina que a população do país se têm "desarrolhado" (desenvolvido) muito nestes últimos tempos. As senhoras segredam e riem. As espôsas contam, baixo, aos maridos, o assunto do segrêdo. Os maridos contam aos amigos e todos ficam sabendo do caso. É que Mme. Oiticica lembrou a história de uma jovem uruguaia sua amiga. Mlle. Castilhos, a qual, tendo alguém se admirado da sua estatura e do seu corpo aos dezesseis anos, confessou, com encantadora ingenuidade:

— Desde los catorce años yo soy una niña completamente "desarrolhada" (desarrollada)!

*Segunda-feira, 16 de abril:*

Mme. Coelho Neto conta-me pelo telefone um sonho que teve, e em que passa um brando sôpro de beleza e de mistério. Tínhamos nós ido passear em sua casa e ela, tomando sôbre

os ombros minha filhinha Maria de Lourdes, teria saído com esta pelas salas, que se achavam cobertas de fôlhas de trevo, procurando entre estas o trevo de quatro fôlhas...

E conclui:

— Sua filhinha, Humberto, há de ser muito feliz...

* * *

Em uma roda em que se comenta, na redação de "O Imparcial", a política inglêsa do momento, fala com vivacidade e entusiasmo um cavalheiro nervoso e alourado, de olhos escuros e bigode grosso e curto, que discute segurando o contendor pela gola, pela manga, pelos botões. De súbito, ouvindo pronunciar o meu nome, o cavalheiro volta-se para mim, indagando com interêsse:

— O senhor é o Humberto de Campos?

E como eu sorria, em confirmação, atira-se a mim, atropelando as palavras:

— Olhe, eu tenho vindo aqui para conhecê-lo em pessoa. O senhor é um homem a quem eu admiro e a quem eu temo. Antes: o senhor é dois homens: um, o destruidor implacável, o jornalista que mata, aniquila, destrói o adversário; outro, o poeta, o escritor, o homem de erudição. Eu quero ser amigo de ambos.

Dentro de alguns minutos, gastos em louvores que me constrangem, pondo-me nos lábios um sorriso amarelo e atrapalhado, voltando a palestra ao assunto primitivo, o moço alourado já me aplica, como aos outros, pequenas palmadas nos joelhos, e me puxa, como aos outros, pela gola e pelos botões. E na agitação da polêmica, na defesa das suas afirmações, crispa a mão esquerda, pequena e branca, na gola do contendor, soltando exclamações de feminina intimidade:

— Mas, vem cá, filho!... Qual, meu bem!...

A causa por êle defendida é o valor do Primeiro Ministro inglês, Lloyd George:

— Lloyd George é a figura predominante da guerra. É genial... É messiânico... Os seus discursos têm um cunho novo... As suas definições concisas espantam pela exatidão e pela beleza... Essa, por exemplo, de comparar a ciência, as artes, o comércio, as letras, o progresso da Alemanha ao cabo de uma lança, de que a lança é o militarismo prussiano, é soberba, é estupenda. E depois, amparado por uma organização moral

absolutamente íntegra, sem um ponto fraco, sem uma falha, o que é tudo, principalmente em um país como a Inglaterra...

Macedo Soares, que o contradiz, fala da fama negativa que cercava Lloyd George, há cinco anos, quando o conheceu em Londres. E, citando fatos, afirma:

— Estás enganado; é um cabotino. É o Irineu Machado da Inglaterra!

Êsse moço vivaz, agitado, que discutia gesticulando nervosamente com a mão esquerda, era Afrânio Peixoto.

* * *

Na Avenida, por onde vamos os dois, Macedo Soares aponta-me Goulart de Andrade, que descobre em nossa frente, e diz-me:

— Coitado do Goulart! Está doente de vaidade! No dia da manifestação popular ao Rui, êle se aproximou de mim, e, sério, apontando-me a multidão, me segredou: "Estás vendo? Tudo isso quem preparou fui eu, e deve-me a mim..."

*Têrça-feira, 17 de abril:*

Um detalhe da palestra, ontem, com Afrânio Peixoto. Aludindo a um discurso de Lloyd George, em que êste comparava a França a um homem que sustentasse um gládio com a mão direita e cavasse a terra com a esquerda, Afrânio fazia o gesto de imitar a figura; sendo, porém, canhoto, ou ambidestro, sustentava o gládio com a esquerda e cavava a terra com a direita...

* * *

Luís Murat, que encontro junto ao poste em que ia esperar o meu bonde, toma-me do braço e reconduz-me gentilmente à Avenida. Em caminho, fala-me da segunda edição da "Treva", de Coelho Neto, que acaba de ler, e diz-me que essa leitura foi para êle a revelação de um outro Coelho Neto, sóbrio, castiço, sem exageros verbais nem abusos de imaginação. E termina dizendo:

— O Neto é como eu: está tomando a sua maneira definitiva, expurgando a sua obra da adjetivação abundante e empolada que a prejudicava. Eu me modifico todos os dias, em forma e em idéias.

*Quarta-feira, 18 de abril:*

Uma surprêsa para mim, êsse caso de Jackson de Figueiredo. Jackson, concunhado e discípulo de Farias Brito, estava de relações rôtas comigo desde a publicação de um artigo meu contra seu parente, e que, por uma lamentável coincidência, saiu publicado exatamente no dia em que êste morreu. Compreendendo a sua mágoa e os seus escrúpulos, evitei, dêsse dia em diante, o seu cumprimento, o que foi de bom aviso, pois vim a saber, depois, por Goulart de Andrade, que êle estava, como eu previa, ressentidíssimo. Quando escrevi o artigo, eu não sabia, sequer, que Farias Brito se achava doente, sendo fácil, portanto, uma justificação; eu não costumo, porém, dar explicações dos meus atos senão à minha consciência, e aceitei os fatos com tôdas as suas conseqüências. Agora, leio na revista "Brasília" um longo artigo de Jackson, sôbre Félix Pacheco, e em que se refere duas vêzes à minha pessoa: uma, para aludir ao meu artigo, que considera "uma volúpia de grego da decadência", e em que diz que sempre me considerou e me considera "um dos talentos mais brilhantes da nossa mocidade"; e outra, para me pôr em primeiro lugar entre os poetas da minha geração. Nesse trecho, em que nos põe à frente a mim, Hermes Fontes, Da Costa e Silva, Teófilo de Albuquerque e D. Gilca da Costa Machado, refere-se êle à simplicidade como expressão da perfeição, e tem esta frase: "Nesse sentido, é Humberto de Campos a personalidade que mais fortemente se afirma no momento atual".

De um amigo, seria muito; de um inimigo é, evidentemente, de mais...

* * *

Belmiro Braga, que se acha em Juiz de Fora, manda-me notícias suas. E eu evoco a sua figura original e simpática, os seus olhos escuros e alegres, a sua face morena e corada, lisa como a de um frade ou de uma criança, a sua bôca sempre aberta em um riso franco, jovial, feliz e tão contínuo que já lhe não contém os grandes dentes que um dentista apressadamente lhe atarraxou às gengivas. Nessa alegria nunca toldada, e em que a idade do poeta é denunciada apenas pelos fios de prata que lhe salpicam o cabelo erguido em trunfa e logo lhe cai pela testa, e o bigode aparado, — a sua generosidade não tem medida. Todos têm talento, cultura, merecimento; menos êle. E como o lisonjeado conteste, êle exclama, espantado, humilhando-se com prazer:

— Eu? Eu sou um tabelião da roça, que principiou quitandeiro. Eu sou um ignorante. Vocês lêem Homero, Virgílio, não sei que mais; e eu? Eu só leio revistas e almanaques; só!

Certo dia, em que íamos juntos, voltou-se êle para mim e, aludindo a um artigo em que eu me referia a gregos, egípcios e romanos, exclamou, com entusiasmo:

— Mas Humberto, você sabe Bíblia como o diabo!?...

É que, em Minas, quem sabe a Bíblia, está, como o vigário, dono de tôda a sabedoria possível...

*Quinta-feira, 19 de abril:*

Vou jantar com Coelho Neto, que encontro na sala aos saltos, passando rasteiras nos filhos. À mesa, proponho-lhe, em nome de Macedo Soares, a publicação de um romance como folhetim de "O Imparcial". Diz-me êle que tem dois livros que considera prontos: "Rudá", romance fantástico, e "Fogo-Fátuo", em que põe em cena a figura originalíssima de Paula Ney, e de que já me havia lido um capítulo. A sua opinião é que o primeiro agradaria mais ao público de folhetim: é mais teatral, é abundante em situações: o outro é um livro para um público mais fino, um livro feito com amor.

— Imagina — diz-me, — que eu tenho modificado e refeito capítulos inteiros. Ainda agora, tendo mandado um para a "Revista" da Academia, fi-lo voltar, e fiz outro, quase todo novo.

Digo-lhe a minha opinião: acho que "Fogo-Fátuo" fará mais sucesso como folhetim, e Neto acaba concordando:

— Tens razão. Agora me lembro que, quando o Alcindo me pediu um romance, há anos, para o jornal dêle, eu lhe quis dar o "Rajá do Pendjab"; êle preferiu a "Conquista", no gênero do "Fogo-Fátuo", e êste obteve um sucesso de que eu jamais suspeitara.

Combina-se, então, que Coelho Neto apresentará, por meu intermédio, a sua proposta.

* * *

Eu consegui, com a minha formação literária na imprensa, uma individualidade literária que os meus amigos me vêm mostrando agora. Há, em mim, a volúpia da perfídia. Não é, pròpriamente, volúpia, pois que isso às vêzes me desagrada a mim mesmo. A perfídia tornou-se em mim uma função, ou antes, um produto mecânico. Eu louvo, ou ataco, de tal forma, que o

indivíduo alvejado não sabe se me há de mandar um agradecimento ou um tiro. O que eu escrevo tem matéria para tôdas as interpretações. Ainda agora, a propósito de um artigo sôbre Olegário Mariano, êste se manifesta lisonjeado, ao mesmo tempo que os seus amigos se manifestam indignados comigo. É característico o que me sucedeu hoje com uma crônica sôbre a guerra européia: recebi parabéns de aliadófilos e de germanófilos: cada grupo descobriu nela uma evidente manifestação a seu favor!

* * *

Chamam-me ao telefone. É uma voz feminina, veludosa e descançada. É Rosalina Coelho Lisboa que me pergunta que versos vou eu recitar na festa em homenagem a Alberto de Oliveira, sábado. Digo-lhe que não pretendo recitar. Ela reclama: não, meu nome está, já, no programa; não pode ser; eu sou indispensável... Palavras amigas, atenciosas, familiares, para serem distribuídas em "circular"...

*Sexta-feira, 20 de abril:*

Encontro com Emílio de Meneses, que vem pela Avenida apoiando o seu grande corpo avelhantado à triste resistência de uma bengala. Queixa-se-me êle da moléstia, o diabetes, que se agrava. Quase não sai mais. Vem à cidade de dias em dias, mas para ver o médico, demorando apenas duas horas. Sente uma fraqueza geral, dores no corpo, dispnéia úmida, e tosse. É sua opinião que caminha para uma tuberculose. Goulart de Andrade, que passa na ocasião, e se aproxima de nós, contesta: o que Emílio tem não passa de uma bronquite, fácil de curar, desde que haja cuidado e dieta. Dêsse assunto triste passa-se, como de um cemitério para um cabaré, ao império da anedota. Emílio conta duas ou três, acompanhando o seu silencioso riso sacudido com o gesto que lhe é característico: tapar a bôca com a mão esquerda, tendo o polegar e o indicador abertos em forquilha sob os grandes bigodes brancos.

Despedido Emílio, que parte menos triste, Goulart toma do meu braço e arrasta-me pela Avenida: quer ler-me um trabalho seu, a sua próxima conferência sôbre Casimiro de Abreu, cuja cadeira ocupa na Academia. Procuramos um lugar discreto, e que convenha à gravidade da leitura. Em uma casa de frutas, um encontro: Oscar Lopes e Bastos Tigre, que bebem juntos um uísque. Sentamo-nos. Bastos Tigre faz trocadilhos. Oscar

conta anedotas severas e reclama contra a pirataria dos jornais de São Paulo, que transcrevem tudo que nós publicamos na imprensa do Rio, prejudicando-nos. Em seguida, tomamos, eu, Tigre e Goulart, o rumo da Sociedade Brasileira de Homens de Letras, à Rua Gonçalves Dias, onde Goulart desembrulha um rôlo de papel almaço, escrito em tôda a extensão das linhas, ora a tinta, ora a lápis. É o julgamento de Casimiro. Antes de começar, Goulart, à semelhança do Dâmasozinho, de "Os Maias", explica que não é crítico, que não faz crítica, que não entende disso; é simplesmente uma impressão, o que vai ler. E lê vinte ou trinta páginas de almaço, provando, com estilo ora gracioso, ora precioso, mas sempre lírico, e com argumentos superficiais, que Casimiro não foi um sofredor resignado, mas um orgulhoso rebelado contra o pátrio poder; nem, tampouco, um triste, um retraído, mas um rapazola folgazão, namorador e amigo das valsas. Pôsto de parte o exórdio, que me parece mastigado e titubeante, acho o trabalho interessante, entendendo, mesmo, que êle abre um caminho novo àqueles que pretenderam estudar a vida e a obra de Casimiro.

* * *

Um perverso trocadilho de Emílio de Meneses. Fala-se de vagas na Academia, às quais podem concorrer Amadeu Amaral e Oscar Lopes.

— Eu trabalharei pelo Amadeu... — diz-me o humorista, sério.

— Mas, o Oscar, — observo-lhe eu, — também é Amadeu: chama-se Oscar Amadeu Ferreira Lopes.

E Emílio:

— Não; eu não estou me referindo ao nome civil, mas ao nome literário; e em literatura êle não é Amadeu: é Amador...

*Sábado, 21 de abril:*

No último ano que passei no Pará, conheci ali um tipo de desordeiro que não chamava a atenção por qualquer particularidade. Era um mulato baixo, nariz chato e bôca larga, e de andar mole, como de onça sossegada. Tinha a mão pequena e fina, que estendia abandonadamente, como a de uma criança morta. Trazia o apelido de "Pingô", e para ali fôra, expulso pela Polícia de Pernambuco, sendo, então, aproveitado como porteiro de "A Província do Pará", nos dias terríveis que terminaram com o incêndio desta fôlha. Vivendo na minha dependência, "Pingô" nunca

me deixara ver em sua pessoa senão o seu tipo comum de capanga, e de capanga covarde, de cara patibular e corpo de jagunço. Ontem encontrei no Rio êsse mesmo indivíduo, e descobri nêle os motivos de um prestígio novo, que principia a desfrutar na sua classe e, mesmo, entre os cabos eleitorais, no Distrito Federal: é uma inteligência viva e original, que dissimulava, talvez, aos meus olhos, pela razão mesmo da dependência em que vivia.

Êsse expoente da malandrice nacional havia ido ontem ao "O Imparcial" a serviço de um dos chefes que o utilizam aqui no Rio, e aproveitou a oportunidade para agradecer a ação da imprensa no último crime por êle cometido, e que consistira em uma dúzia de facadas na mulher com quem vivia.

— Onde está ela? — indagou um redator. — Morreu?

— Morreu, nada! — respondeu o celerado. — Está comigo.

— Contigo?

— Então! É natural.

E despreocupadamente, sem dar pela sentença altamente filosófica que estava emitindo:

— Mulher só quer bem a gente quando a gente tira sangue dela!

E, a propósito do seu processo e da sua soltura, invocou, de cor, uma dezena de artigos do Código Penal, sem esquecer os parágrafos, repetindo, palavra por palavra, os trechos mais impressionantes dos últimos discursos pronunciados no Fôro. Espantado com essa faculdade de reter na memória, um redator observa-lhe:

— Mas, "Pingô", por que você não tira uma carta de solicitador e não vai advogar?

E êle, num repente:

— Qual, "seu" doutor, não vale a pena: o nosso Fôro está muito desmoralizado!

Uma gargalhada dos ouvintes cobriu esta justificação. "Pingô" compreendeu, mas não se alterou, emendando, com espírito:

— Sim, porque, se não estivesse, eu iria para desmoralizar...

*Domingo, 22 de abril:*

Na redação de "O Imparcial", à noite, um moço que eu conheço de vista (1), e que sempre me cumprimenta onde me encontra, conta-me o processo de que lançou mão para gozar

---

(1) Êste moço era o Dr. Toscano Spindola, então estudante de Direito e funcionário dos Correios.

da consideração pública e, particularmente, do proprietário da pensão em que mora. Tôdas as manhãs, ao sair de casa, entrava nas igrejas que encontrava abertas, e procurava, na sacristia, as listas destinadas a receber a assinatura das pessoas que compareciam à missa de finado que se rezava na ocasião, adicionando, como é praxe, o seu enderêço. Dias depois chegava-lhe à pensão o agradecimento da família, como a do Visconde de Morais, a do Barão de Ibirocaí, a da Baronesa de Loreto, a do Senador Glicério e outras de igual importância política ou financeira, que lhe emprestavam um grande prestígio perante o dono da casa em que morava. E o moço concluía, com esta observação inteligente:

— Quem poderia dizer à família se eu era, ou não, amigo do defunto?

*Segunda-feira, 23 de abril:*

Alcides Maya, que encontro quase tôdas as tardes diante de algumas tiras de papel e de um copo de uísque na "terrasse" da Sociedade Brasileira de Homens de Letras, à Rua Gonçalves Dias, fala insistentemente da minha entrada para a Academia, entendendo que devo apresentar a minha candidatura na primeira oportunidade. Acho isso tão possível como a minha escolha para sultão da Turquia, e falo-lhe de Oscar Lopes, que me deve preceder na conquista da imortalidade acadêmica. Justifico a minha recusa com o fato de só possuir um volume publicado, quando Oscar possui quatro ou cinco. Mas Alcides objeta:

— Tu tens um livro; Oscar tem quatro ou cinco volumes, mas não tem um livro...

*Terça-feira, 24 de abril:*

Emílio de Meneses, a quem encontro na Avenida, e que me dá a dura impressão de um grande boi platino que marchasse sôbre dois pés, arrimado a um cajado, deixa-me perceber a condição amarga da sua vida, doente, velho, e pobre, terminando por pedir-me, com discrição, que lhe obtenha a remessa gratuita de "O Imparcial". Prometo-lhe, e êle observa, triste:

— Também, é por pouco tempo...

E acrescenta, referindo-se ao cemitério do Caju, que é a metrópole fúnebre do seu bairro:

— Eu não tardarei muito em trocar o "uísque" da Avenida pela "cajuada" subterrânea...

* * *

No Ministério do Interior, onde se comenta a obra literária de Oscar Lopes, que é, como eu, funcionário da secretaria, eu me refiro à opinião de Alcides Maya, aqui registrada ontem. Melo e Sousa (João Batista), que trabalha comigo na mesma sala, tem uma frase de espírito:

— É assim mesmo, — diz; — o Oscar não tem um livro. O primeiro que ia fazer saiu "truncado".

Era uma alusão ao "Livro Truncado", título de um dos livros de Oscar...

*Quinta-feira, 25 de abril:*

Macedo Soares, que me convidara para realizar uma viagem aos Estados do Sul, a fim de estudar "in loco" o proclamado perigo alemão, conta-me que falou hoje ao Presidente Wenceslau, e que êste me concede uma licença para essa incursão, que acompanhará com interêsse. A propósito, aconselha-me o presidente que não me deixe arrastar pela paixão que domina a maioria da gente moça, e que consiste em odiar o alemão, lembrando-me que se trata de um povo perseguido neste momento pelo mundo inteiro, e que muito tem colaborado no progresso do Brasil. E Macedo Soares termina:

— Enfim, manda-te um recado de "boche"...

Eu não concordo com a opinião do portador, e êste declara que o nosso presidente é um sentimental, cujo coração se acha tocado pelo infortúnio e pelo heroísmo da Alemanha.

* * *

Coelho Neto, que me telefona, dá-me notícias da sua casa. Todos doentes, com a mudança de temperatura. Êle próprio está com um grande desequilíbrio de nervos. E como eu me queixe das mesmas alterações, grita-me, pelo fone:

— É assim mesmo, meu velho: nós que temos música dentro, somos como o violão do Bárrios: desafinamos com o frio e com o calor...

*Quinta-feira, 26 de abril:*

É realmente curiosa essa feição de domesticidade que apresenta uma alcova de mulher livre, profissional do prazer, após a reunião desta com o homem que a visita, mesmo que ela o veja pela primeira vez. A mulher, depois de carnalmente subjugada pelo macho, mostra, mesmo que se trate da mais orgulhosa, uma suave satisfação em se mostrar sua escrava, acompanhando-o na recomposição do seu vestuário, corrigindo-lhe o nó da gravata, concertando-lhe a prega da camisa, postando-se junto ao lavatório para dar-lhe o sabonete ou a toalha de mãos. Uma ligeira palestra em que, ordinàriamente, entram delicadas confidências, é aí entabulada. Tudo isso, em suma, corresponde, talvez, àquela solicitude com que a galinha corre, amorosa e humilde, ao primeiro chamado do galo, quando êste acaba de dar-lhe provas da sua faculdade procriadora.

* * *

Reencetei, desde o dia 15, as minhas crônicas diárias, assinadas, no "O Imparcial". Além disso, escrevo diàriamente um trecho de prosa para encabeçar a seção elegante dessa fôlha, e mais a seção de "Ecos", que é composta de quatro ou cinco locais sôbre os assuntos mais interessantes do dia. Êste é um serviço que faço diàriamente há cinco anos, isto é, desde o aparecimento do jornal.

*Sexta-feira, 27 de abril:*

Um amigo meu que estêve em conferência com o Ministro das Relações Exteriores, General Lauro Müller, transmite-me impressões e palavras denunciadoras da confiança que êste político tem na vitória, embora relativa, da Alemanha.

— Os alemães, — teria dito o ministro, — estão empenhados agora em dizimar o inimigo, sacrificando embora alguns quilômetros de terreno conquistado. A mortandade tem sido espantosa da parte dos Aliados, correspondendo quatro dêstes a cada alemão abatido, — o que é, aliás, natural, quando se trata de ofensiva contra um adversário poderosamente entrincheirado.

E como o Sr. Lauro Müller tem sempre uma anedota para ilustrar as suas palestras, acrescenta:

— A mortandade dos Aliados tem sido tamanha que, à semelhança do que sucedeu em uma batalha na Venezuela, os uru-

bus já fazem seleção dos cadáveres com que se alimentam: só comem de capitão para cima!

* * *

— Vou dar-te um conselho, — dizia-me, na rua, caminhando a meu lado, Macedo Soares. — E é que ponhas de lado, nas tuas crônicas, os assuntos que dizem respeito aos teus colegas de letras. Falando bem, ou mal, tu fazes a propaganda dêles, serviço que êles te não pagam. Eu noto mesmo, da parte dêles, um grande silêncio em tôrno do teu nome... É a conseqüência dos teus processos de crítica... Tu dizes que êles são uns rapazes muito bonitos, muito interessantes, mas lhes mostras sempre um calo no pé... Essa gente é muito vaidosa e não admite a menor restrição.

E acrescenta:

— O segrêdo da vitória do Bilac consistiu, em grande parte, em não falar dos outros, nem bem, nem mal, e em fazer com que todos falassem dêle... Como êle não pusesse pedra no pedestal dos outros, e os outros pusessem no seu, ficou o seu mais alto do que o de todos os companheiros.

E conclui:

— Segue o meu conselho... Não sejas tolo!

*Sábado, 28 de abril:*

Minha filhinha Maria de Lourdes está desde há dois dias, com febre e vômitos. Olhando-a no seu sono agitado, com a mãozinha branca sob o rostinho vermelho de febre, eu dificilmente contenho o meu desejo de chorar. Começam, então, a passar pela minha lembrança, os seus dois anos de saúde e de graça infantil, principalmente êstes dois últimos meses. Vejo-a sôbre a nossa mesa de jantar, de pé, muito gorduchinha e muito clara, o rostinho redondo, os olhos cinzentos, quase azuis, — reclamando que se faça música ao som das mãos ou nas tábuas da mesa, para que ela saia dançando, apontando na ponta dos dedos à ponta da camisinha... A sua voz persegue-me por tôda a parte, numa súplica. Ouço-a chamar por mim, como me chamava: "Tito"... "papaizinho!" Para me não acobardar, nem admitir que possa perder a minha filha, faço um esfôrço, uma tentativa de anestesia moral, e fico horas inteiras, brutalizado, estupidificado, como alguém que acordasse dentro de um túmulo, e tivesse mêdo de despertar de todo para se não inteirar de uma angustiosa verdade...

*Domingo, 29 de abril:*

Minha filhinha está melhor: a febre cedeu e os vômitos não voltaram durante o dia. O médico recomendou dieta absoluta: apenas água fervida e magnésia, que ela reclama, chamando "licor". E ela me pede "leitezinho", banana, doce e laranja, que eu prometo ir buscar na cidade, e que lhe não trago, como lhe não trouxe ainda outras coisas que lhe prometi: uma igreja de ouro, do tamanho da que se vê aqui de casa, no alto de um morro; um sol, uma boneca que toma leite, um camelo, um leão, tudo muito manso, muito grande, e também de ouro...

*Segunda-feira, 30 de abril:*

Mário Brant, autor de "Viagem a Buenos Aires", enviou um exemplar dêste livro a Coelho Neto, que lhe dirigiu uma carta agradecendo, e dizendo que já havia adquirido outro exemplar. A propósito, dizia-me ontem Mário Brant.:

— Foi uma notícia que me fêz mal. Quando eu sei de alguém que comprou o meu livro, dá-me vontade de meter quatro mil réis em um envelope, e mandar-lhe. Sinto remorsos como se tivesse roubado um incauto...

* * *

Encostado a uma porta, na Avenida, gemendo, papada flácida, bamboleante, encontro, apoiado ao seu bengalão, Emílio de Meneses.

— É a "bicha", meu velho!

— Que "bicha"?

— A diabetes.

Aconselho-o a não infringir as prescrições médicas, a evitar o álcool, recomendando-lhe que beba leite, muito leite.

E êle:

— É o que estou fazendo. Agora, nem suco de uva: estou reduzido ao suco de vaca!

## MAIO

*Têrça-feira, 1.º de maio:*

Em uma das mesas de "O Imparcial", encontro Afrânio Peixoto, que escreve às pressas uma notícia, empunhando a pena com a mão esquerda. Incomoda-me, bole-me com os nervos essa

aberração; desvio os olhos e, enquanto êle escreve, conversamos os dois. Refiro-me a uma polêmica travada no Pará sôbre um concurso para provimento da cadeira de medicina legal da Faculdade de Direito do Estado, que corresponde à sua cadeira da Faculdade de Medicina aqui, e Afrânio começa:

— Já me falaram dessa polêmica, e que meu nome se encontra em jôgo entre os contendores. Eu não sei por que tanta gente me quer mal, principalmente aquela que não me conhece.... Eu não sou homem de letras por meu gôsto... E ainda menos acadêmico. O culpado é o Mário de Alencar... Eu sou literàriamente o fruto de um abuso de confiança... Foi o Mário que me fêz candidato, mandando imprimir cartões com o meu nome, pedindo votos, e que me elegeu. Eu me achava em Nápoles quando o Aluísio, o Aluísio Azevedo, que lá estava como cônsul, me perguntou em quem devia votar... E me encontrava tão alheio a tudo que lhe recomendei o nome do meu concorrente, que era um moço da Bahia, meu patrício. Dias depois vem o Aluísio a mim, e me diz: — "Como, então, você é candidato, e não me diz nada?" Eu protesto, e chamo a sua atenção para o cartão que êle acabava de receber, mostrando-lhe que nem a letra era minha, nem o carimbo do correio era da Itália, mas do Brasil... Eu só vim a saber que era candidato por um telegrama de Estocolmo, do Oliveira Lima, garantindo-me o seu voto... E o meu primeiro romance foi uma conseqüência da minha eleição. Era preciso mostrar-me digno da Academia, dando-lhe um livro... Os que eu tinha, publicados, não prestavam... eram livros de infância... Atirei-me ao trabalho, e escrevi a "Esfinge"... Era tão sincera a convicção que eu tinha do nenhum valor da minha obra, que não tomei posse na Academia antes de me tornar digno dela com êsse romance. O livro teve aceitação, teve saída... Podia ter ficado aí; mas há sempre quem fale, e era de esperar que dissessem: — "Ora, foi só aquêle, foi um acaso; agora, não dá mais nada!" Tudo isso era um incentivo, um acidente... Escrevi, então, "Maria Bonita"...

A chegada de Mário Brant, que entra na sala, interrompe a palestra. Volta-se a falar de literatura, da infecundidade do momento, e Brant refere-se a Coelho Neto, que se acha, êle mesmo, silencioso; e como faça alusão, também, à precipitação com que Neto lançou os seus primeiros livros, Afrânio o interrompe:

— Nem podia ser de outro modo; quem conhece a vida íntima do Neto sabe que não podia ser de outro modo. O Neto é quem sabe, em casa, o número das toalhas, dos lençóis, dos talheres, de tudo...

Puxando o relógio, Afrânio, que tem de subir para Petrópolis, toma-me do braço:

— Vamos tomar café!

Em caminho, seguro ao meu braço, e andando apressados, pergunto-lhe pelos quatro livros que estavam a entrar para o prelo, e de que o "Jornal do Comércio" deu notícia:

— Eu tenho quatro, cinco, ou seis livros, e não tenho nenhum. Você me dizia, outro dia, que lia dez obras diversas de uma vez. Eu escrevo como você lê: quando um livro está quase pronto, outro está pelo meio, outro em princípio, e outro, em projeto, no cérebro... É assim que estão os meus...

E sentando-se à mesa do café, desemborcando as xícaras com a mão esquerda e nelas pondo o açúcar sôfregamente, acrescenta:

— É do meu temperamento... Não é ambição, não é cabotinismo, não é nada: é resistência... é vida... é prazer de trabalhar... Os que não têm essa resistência, êste prazer, falam, reclamam, revoltam-se... Eu hei de escrever um apólogo a respeito... É o do carro de bois e do automóvel... Por uma estrada real transitam um automóvel e um carro de bois. De passagem, saúdam-se. Adiante, como sucede à máquina qualquer desastre, iniciam os dois uma palestra polida, em que se elogiam mùtuamente, invejando o auto a vida pacífica do carro, que marcha cantando pelos caminhos, e invejando êste a do outro, que vence ràpidamente as distâncias. Pouco a pouco, porém, a palestra se transforma em discussão, em que cada um se julga superior, achando o auto que o carro é um preguiçoso, e entendendo êste que aquêle é um cabotino, um arrivista, um veículo que será substituído por outra máquina antes que desapareçam da terra todos os carros de bois. E o apólogo termina pela justificação do automóvel, isto é, do ambicioso da glória, que acaba perguntando: — "Mas, que culpa tenho eu de ser impelido para a frente por uma fôrça de 40 cavalos, por um motor (1) que explodiria, inutilizando-me, se eu me não deixasse levar pelo seu impulso?"

*Quarta-feira, 2 de maio:*

A paternidade é a única fôrça capaz, na terra, de vencer o egoísmo. Se Sesóstris, para escapar de um incêndio, fêz uma

---

(1) Afrânio Peixoto escreveu, de fato, mais tarde, êste apólogo, a que deu, no entanto, forma um pouco diferente. Acha-se no seu livro "Parábolas". — *H. C.*

ponte com o corpo dos seus próprios filhos, êstes, ou não eram na realidade seus filhos, ou não haviam nascido da mulher a quem amava. Até há pouco, eu, como Mecenas a Horácio, dizia, de mim para mim, que a vida era preferível a tudo. Que morressem todos: pais, mulher, parentes, amigos, e que eu ficasse por último. A moléstia de minha filha obrigou-me, porém, a um novo exame de consciência, e eu vi, então, como estou modificado: que os homens todos pereçam, que eu próprio pereça, contanto que se salvem meus filhos!

*Quinta-feira, 3 de maio:*

Há firmas comerciais no Brasil que têm em si mesmas a história da sua constituição. Ramos, Sobrinho & Comp., por exemplo, deixa adivinhar um honrado português que para aqui veio moço, trabalhou, fêz fortuna, e que mandou buscar um sobrinho, que empregou na casa e, afinal, lhe casou com a filha.

*Sexta-feira, 4 de maio:*

Roberto Gomes, pequeno, miúdo, pálido como um morto, cabeça longa e despida, olhos enormes e azuis à flor do rosto, com o seu todo, em suma, de um feto fugido do seu frasco, toma-me o livro que levo na mão. É um volume do "Journal", dos Goncourt. Falamos sôbre o autor, a sua paixão pelo bibelô, o luxo artístico do seu interior, e Roberto diz-me:

— Eu fui seu vizinho em Paris, anos seguidos; e estava ali quando se fêz o leilão dos seus objetos de arte. Era, porém, ainda muito criança, e nunca supus que se tratasse de coisa de algum interêsse para o mundo. Só vim a ter conhecimento do que havia na casa do leilão, muitos anos depois, quando li, aqui no Brasil, o último volume do "Journal", no qual Edmond faz o inventário das raridades que acumulou...

Emílio de Meneses, que passa, gemendo, pela Avenida, pára, e mostra-me a capa das suas "Últimas Rimas", a aparecer por êstes quatro dias. É de côr azul, um azul esverdeado, com um escudo e uma divisa em ouro, e, ao lado dêste, um sonêto em tinta preta, desvalorizado por uma dedicatória ao Prefeito Municipal de São Paulo. Fala-se um momento do caso do dia, — a substituição, na pasta das Relações Exteriores, do Sr. Lauro Müller, suspeito em virtude da sua origem teutônica, pelo Sr. Nilo Peçanha, Presidente do Estado do Rio. E Emílio lamenta:

— Que desastre! Substituírem na coluna do centro do Itamarati um vaso de porcelana de Saxe por um pote de barro de Campos!...

*Sábado, 5 de maio:*

Chegaram, enfim, as provas do meu segundo volume de versos, em impressão em Portugal. O editor justifica a demora com a mudança das suas oficinas e teme que eu não tenha o volume aqui antes de outubro, devido a dificuldade em obter praça nos poucos navios que partem para o Brasil. Era preciso isso para que eu desejasse, agora, que a Alemanha fôsse imediatamente batida...

Afrânio Peixoto, com a sua cabeça grande, pousada, sem necessidade de pescoço, sôbre um corpo pequeno, dá-me a idéia dêsses bonecos de miolo de pão que às vêzes aparecem nas exposições humorísticas. Mas êsse boneco é de mola, e agita-se com uma facilidade assombrosa, conversando e gesticulando como se tivesse dentro uma pequena máquina, misto de moto-contínuo e realejo. Hoje, com os seus modos característicos, contava-me ele as peripécias do primeiro parto que fizera.

— Quando eu me formei — diz, — minha mãe me ofereceu uma bonita caixa de ferros para parto. Um dia, mandam-me chamar... Peguei a caixa, e fui... Pelo caminho vinham-me à lembrança tôdas as providências recomendadas pelos mestres na Faculdade... E se fôsse uma placenta prévia? Seria o insucesso, o desastre da carreira, a falência das esperanças... Quando penetrei no quarto, encontrei a mulher estendida, soprando em uma garrafa... Ninguém, no interior, nasce sem o auxílio de uma garrafa, que a parturiente sopra, a fim de fazer fôrça e expelir a criança. A minha cliente já estava exausta de soprar. Peguei-lhe da mão, acalmei-a, mandei que descansasse um pouco: — "Minha filha, isto não é nada; dentro de uma hora está tudo acabado". Não foi preciso tanto; estava eu começando a distraí-la, quando a parteira gritou: — "Seu" doutor, lá vem a criança!" Foi um sucesso! Tôda a gente ficou absolutamente certa de que eu salvara a mulher!

Mário Brant, que ouve essa narração, conta que êsse processo da garrafa, comum em todo o interior do Brasil, é substituído, às vêzes, em Minas, por um chá, dentro do qual se põe três caroços de feijão e que se ministra à parturiente. No Amazonas e no Pará, usa-se uma xícara de café bem forte, à qual se adiciona uma colher de manteiga.

*Domingo, 6 de maio:*

Em um grupo, na redação de "O Imparcial", à Rua da Quitanda, conversa-se sôbre o ex-ministro, e alude-se ao seu esfôrço, aos processos de que usa para que se acredite na sua pobreza. Afrânio Peixoto, multiplicando-se na roda pelos milagres da gesticulação, pegando um pelo botão, sacudindo outro pela gola, conta que, ao deixar a pasta da Viação no Govêrno Rodrigues Alves, o Sr. Lauro Müller, que se dizia estar multimilionário com a construção da Avenida e do Cais do Pôrto, passou na Casa Watson, onde se reuniam numerosos políticos, chamou de parte o chefe da firma e pediu-lhe duzentos mil-réis emprestados, que pagaria no fim do mês ao receber os seus vencimentos de ministro. Para desviar suspeitas, comprou, também, a sua casa de Jacarepaguá a prestações, embora esta custasse, apenas, trinta contos de réis. Em Paris, onde estêve ao deixar o govêrno, Afrânio foi encontrá-lo em um hotel de terceira ordem, de onde saía para tomar por empréstimo pequenas quantias de quinhentos francos a brasileiros que podiam vir falar no Brasil da modéstia dos seus recursos, como, por exemplo, o velho Gaffrée. Tôda essa pobreza era, porém, manifestamente simulada, pois, além do seu subsídio de ministro, o Sr. Lauro Müller recebera sempre o seu sôldo de coronel e os seus vencimentos de professor da Escola Militar.

Macedo Soares, completando êsse curioso perfil, conta que o Deputado José Tolentino, aludindo a um ladrão de nome Barata Ribeiro, que furtou alguns caixões de dinheiro de bordo de um navio do Lloyd e os foi enterrar nas matas da Tijuca, dizia, pitoresca e malicionamente, ao Sr. Lauro Müller:

— "Seu" Lauro, você é como o Barata Ribeiro: você enterra o dinheiro que "ganha"...

*Segunda-feira, 7 de maio:*

Emílio de Meneses vai passando, abatido, quando Bilac o detém, e pergunta-lhe:

— Como vais, Emílio?

E Emilio, que emagrece a olhos vistos:

— Morrendo a varejo...

*Têrça-feira, 8 de maio:*

Batendo com a mão esquerda na manga do paletó de Inácio do Azevedo Amaral, diretor da Escola Normal, que caminha,

muito comprido, e curvado lá em cima, ao nosso lado, Afrânio Peixoto diz-me:

— Veja as vantagens da poesia no Brasil. Êste homem é filho de um dos maiores jornalistas brasileiros, e ninguém sabe disso; sabe-se, entretanto, que êle é sobrinho do Tio Maneco!

— Quem é o Tio Maneco? — pergunto.

— O Álvares de Azevedo! A mãe dêle é irmã do Álvares de Azevedo!

*Quarta-feira, 9 de maio:*

Encontro com João Ribeiro, a quem há muito não via. Elogio os seus últimos artigos de crítica e êle, arrastando-me na redação de "O Imparcial", para um canto da janela, com o seu tímido "ronrom" de gato familiar:

— A maior dificuldade, quando se faz crítica literária, consiste em escrever sôbre os poetas. É uma gente perigosa, à qual não se pode dizer verdades. E eu não encontro um poeta que me agrade. Se eu pudesse dizer o que penso, aconselharia que se aposentasse o Bilac e o Alberto com tôdas as vantagens do pôsto, mas que se os aposentasse... São grandes poetas, sim, mas para o seu tempo, para um tempo que já passou... É preciso aposentá-los; é preciso...

*Quinta-feira, 10 de maio:*

Ligeira visita, à noite, a Coelho Neto. De caminho vou ver Leal de Sousa, enfêrmo em uma pensão no Largo do Machado, e a quem encontro em um quarto estreito como uma cela de monge, e em que mal cabe a cama de ferro em que o doente se deita. Meio coberto por uma baeta vermelha, conta-me êle que foi atacado, anteontem, de uma vertigem, conseqüente a uma contrariedade, e que ficara arquejando das três horas da tarde às onze da noite. Na ocasião em que entrei, um padre, hóspede da pensão, e que pela primeira vez via Leal de Sousa, aplicava-lhe, a pedido da proprietária da casa, uma injeção sedativa.

* * *

Em casa de Coelho Neto, onde chego após o jantar, conversava-se sôbre os nossos amigos doentes: Alcides Maia, Leal, Emílio, e outros, todos, ou quase todos, em hospital ou leitos de pensão. Um jovem escultor maranhense, Celso Antônio, entra

com um embrulho, de que desentranha um medalhão de Vítor Hugo. Palestra-se sôbre a obra, muda-se de conversa, mas Coelho Neto, sempre preocupado com o brinde, interrompe, de repente, a conversa, dirigindo-se ao artista:

— Você vai deixar isso aqui?

E a um sinal afirmativo do moço:

— Não; tenha paciência; você leva... Olhe: não há um gêsso na minha casa... Tenho horror a isso... Nunca me entrou um gêsso em casa que não me sucedesse uma desgraça...

*Segunda-feira, 14 de maio:*

Chega a minha vez de pagar tributo a êste inverno rigoroso. Há três dias passo mal, calafrios e febre à noite, e uma estupidez angustiosa, durante o dia. É um resfriamento forte, que me desequilibra os nervos e me acobarda diante da ameaça da Morte, como um cão diante de um chicote. Mesmo assim, tenho trabalhado diàriamente para "O Imparcial" e para as revistas de que sou colaborador.

*Têrça-feira, 15 de maio:*

Recebo a um mesmo tempo duas opiniões opostas a meu respeito: um artiguete do "Correio Paulistano", edição da tarde, em que o jornalista, aludindo a uma crônica da minha pena, sôbre pan-americanismo, diz que pareço viver com fome e de bolsos vazios; outro, do "Jornal de Recife", em que o autor me elogia, mas diz saber, por intermédio de um "amigo" meu, que sou muito orgulhoso...

*Quarta-feira, 16 de maio:*

Em conversa pelo telefone conto a Coelho Neto o efeito que o seu livro "Treva" produziu em minha casa, onde as senhoras ficaram apavoradas com os fantasmas e monstros que passam por êle. Como eu louve a feição shakespeariana dos seus novos trabalhos, Neto me comunica estar trabalhando em uma nova novela que qualifica de "brutal", e que me será dedicada. É um trabalho em que está empregando, segundo me diz, todo o seu poder criador. E como se passe a falar da falta de crítica, do abandono em que os críticos profissionais deixam os nossos grandes escritores, eu lhe comunico, gaguejante, o meu velho pensamento: escrever um livro a seu respeito.

Sinto, pelo telefone, o seu sobressalto; e esta frase, depois de um curto silêncio:

— Meu velho, o jardineiro vai concentrar sôbre êle os olhos que ainda se demoravam sôbre a árvore!

*Quinta-feira, 17 de maio:*

Uma expressão encantadora de minha filha, que não tem, ainda, dois anos. Dizendo-se ela com saudades de mim, que estava fora de casa, perguntei-lhe se sabia o que era saudade. Ela estendeu a mãozinha, num sinal de distância, e definiu, alongando a voz:

— Nóóónge... (lóóónge...).

*Sexta-feira, 18 de maio:*

Oscar Lopes, que encontro em um dos passeios da Avenida, no qual se enfileiram cadeiras e mesas, montando guarda a um copo de uísque ao lado de Bastos Tigre, conta-me a última façanha noturna dêsse boêmio. Tigre vinha, às três e meia da manhã, de uma pândega para os lados do Catete, e não encontrava bonde nem automóvel pelo caminho. Ao chegar à Rua Senador Dantas, viu, trabalhando, um dêsses pequenos aparelhos de nivelar e polir trilhos, composto de uma pequena roda movida elètricamente, e que, quando em atividade, despede uma verdadeira nuvem de faíscas. Deparando aquela máquina, Tigre, que mal se sustém nas pernas, espeta o dedo no ar, e faz esta observação:

— Em frente à minha casa passa um trilho; êste trilho deve estar ligado com êle; esta rodinha anda no trilho; logo, esta rodinha passa defronte da minha casa. Vou-me embora!

E atirou-se para se escanchar no aparelho, sendo dificilmente detido pelos trabalhadores e pelos companheiros, que o seguraram. Nesse momento, porém, passa uma vassoura automática, varrendo a rua. Tigre, indignado por não ir na rodinha, grita:

— Vocês não querem que eu vá pelo trilho? Pois eu vou nesta "baratinha"!

E atira-se para se escanchar na vassoura, que o repele, varrendo-o para a sarjeta...

*Sábado, 19 de maio:*

À Rua Sete de Setembro, quase esquina de Gonçalves Dias, encontro Lima Barreto, que se arrasta, imundo e cabeludo. Chu-

visca. Falo-lhe do mau tempo e da chuva que vai desabar. Êle, oscilando em uma perna e noutra, observa:

— Eu não tenho mêdo; quem bebe não constipa...

E mudando de conversa:

— Tens aí um níquel?

Tiro do bôlso do colête uma prata, que êle recebe sem agradecer.

*Domingo, 20 de maio:*

Levo pela primeira vez minha filha ao cinema. Quando se apagaram as luzes, a pequenina suportou galhardamente a escuridão; mas, quando apareceu na tela um automóvel em que embarcavam crianças, abriu a bôca em grande chôro, querendo, também, entrar nêle a fim de voltar para casa...

*Quarta-feira, 23 de maio:*

Hermes Fontes, que levo a tomar café na Avenida e me dá a impressão de menos vaidoso, fala-me de um convite, com cêrca de vinte assinaturas, que recebeu de Pernambuco, para ir àquele Estado. Conversamos sôbre trabalhos novos, e êle me conta a idéia, que tem, de um grande poema sôbre as guerras e conquistas humanas, a partir de Jasão, cuja aventura fabulosa êle quer, parece, tomar como símbolo dessas conquistas.

Hermes Fontes dá-me, enfim, a impressão de um grande talento bracejando na ignorância.

*Quinta-feira, 24 de maio:*

Visita de Coelho Neto, que vem, com a senhora, deixar minha família, a qual fôra passar o dia em sua casa. Neto está passando mal, com violentas dores intestinais, dizendo-me êle que, há dois dias, deitou um grande pedaço de pele do intestino grosso. Mesmo assim tem trabalhado muito, e com terríveis torturas de perfeição. Ainda hoje, segundo me disse, rompeu dois capítulos de uma novela, não porque não estivessem superiores aos de muitos livros seus, mas por não corresponderem ao seu desejo, àquilo que êle havia ideado antes, e desejava atingir. E como eu lhe fale nos últimos volumes do João do Rio, que nenhum de nós leu, Neto estranha o exagêro dos jornais nos louvores a Paulo Barreto, dizendo:

— Eu não sei explicar; ou essa gente não lê o Paulo, ou está zombando dêle. Nunca se atravessou no Brasil um período de

preocupação artística como êste. Em Portugal mesmo, fora do período áureo, nunca se estilizou tanto, nunca se tratou tão bem a língua. Como é, então, que se dá o título de escritor a um homem sem língua, sem cultura, como o Paulo?

E como eu chame a sua atenção para a preocupação, que tem Paulo Barreto, agora, depois da minha campanha humorística contra êle, pedindo aos amigos que falem na sua cultura, no seu cabedal de leituras, Neto exclama:

— Humberto, eu conheço o Paulo. A cultura do Paulo é uma cultura que eu chamo de "capa amarela", do "vient de paraitre", cultura de momento, que êle bebe de passagem nas edições Charpentier. Tu já conversaste com o Paulo e sabes que êle é incapaz de se demorar sôbre um assunto: desvia, foge, escapole-se, para não deixar de todo evidente a sua ignorância. A cultura dêle é apenas casca; atravessada esta a verruma dá no vácuo, no vazio, sem resistência... E essa simulação, que é sua vida, é, também, sua morte. Com êsse esfôrço de tirar de onde êle não bota, o Paulo está positivamente morrendo. Êle não tem a nossa resistência intelectual nem física. Nós, que somos um feixe de nervos, somos o junco da fábula; as doenças e fadigas nos assaltam, nós vergamos ao pêso delas, mas voltamos imediatamente à verticalidade antiga. O Paulo é bananeira: é gordura, é árvore mole, é água. Quando cair, cai de uma vez.

E, a propósito, conta-me que, há dias, entrando Paulo Barreto na Câmara dos Deputados, e encontrando-o ali, teve uma crise de bestificação, parando, de olhos muito arregalados, e beiço caído, a olhá-lo fixamente, num alheamento em que havia tôdas as características da imbecilidade. Surpreendendo-se nessa postura, Paulo teve um estremecimento, passou a mão pelos olhos e, tornando a si, pôs-se a conversar em um grupo.

*Sexta-feira, 25 de maio:*

Os jornais narraram hoje com reservas um drama de grande cidade. Em sua ronda noturna, um guarda encontrou, no passeio da Biblioteca Nacional, do lado do Morro do Castelo, um rapaz com aparências de distinção, que dormia ao relento nestas noites de frio intenso. Conduzido à Polícia Central, disse, aí, que era estivador; como, porém, a autoridade não encontrasse indícios dessa profissão quer nas suas mãos, quer na sua cabeça, o moço acabou por confessar a sua história heróica e triste. Era estudante, laureado pelo Ginásio Amazonense, de Manaus, de onde é filho. Premiado com o custeio de seus estudos superiores,

veio para o Rio, onde cursou a Faculdade de Medicina, até o quinto ano, deixando de fazer o último por lhe não ter sido paga a sua mesada pelo novo governador do Amazonas. Sem êsse recurso, ficou atirado à miséria, passando fome e dormindo como os mendigos... Compadecidas do moço, as autoridades policiais, a que se associaram o Chefe de Polícia e os próprios guardas-civis, promoveram uma subscrição para pagamento da matrícula do estudante, o qual aceitou apenas isso, recusando o saldo da importância arrecadada. O Chefe de Polícia, Sr. Aurelino Leal, respeitando êsses escrúpulos, deu-lhe um modesto lugar na repartição, ao mesmo tempo que a Guarda-Civil tomava a seu cargo, voluntàriamente, a impressão da sua tese de doutorando.

Hoje, um jornal da tarde procurou desvendar com tôdas as particularidades êsse drama arquitetado pelo Destino. Eu escrevi um tópico a propósito dessa tentativa, considerando-a uma desumanidade, e concitando a imprensa a deixá-lo em silêncio, para não prejudicar com uma humilhação o futuro dêsse herói.

*Sábado, 26 de maio*:

Passo uma parte da tarde com Bilac, que encontro à Rua do Ouvidor em companhia de Gregório da Fonseca. No "Café São Paulo", na Avenida, para o qual nos encaminhamos, sentando-nos a uma mesa dos fundos, o grande poeta conta-nos casos do seu tempo de boêmia, achando que não teremos, nunca mais, violências como as do Govêrno Floriano. E, a propósito, narra-nos que, tendo José do Patrocínio, então foragido, deixado por essa época a "Cidade do Rio" sob a direção de Luís Murat, o jornal começou a lutar com dificuldades terríveis, por haver modificado fundamentalmente a linguagem forte que vinha usando. N'essa emergência, Bilac tivera uma idéia: que se organizasse um número violentíssimo, e que todos fugissem antes de a fôlha entrar em circulação. Combinado isso, puseram-se êle, Murat e Guimarães Passos a escrever coisas inacreditáveis contra Floriano, acoimando-o de assassino, ladrão, covarde, e coisas equivalentes. Pôsto o jornal na máquina, os três trataram de ganhar o mundo, indo Bilac para a Central, tomar um trem de Minas, e os outros dois para bordo de navios estrangeiros que se achavam no pôrto. Horas depois, com a circulação da "Cidade do Rio", era a redação cercada por fôrças do govêrno, e o gerente levado para uma prisão, onde ficou detido oito meses.

Bilac conta-me, também, que Floriano inventou um princípio jurídico segundo o qual o leito das estradas de ferro federais

nos Estados se torna território federal, novidade de que se valia para prender alguns revoltosos que se iam abrigar em Minas, à sombra de Cesário Alvim, — circunstância essa que o levava a êle, Bilac, a olhar os trens a grande distância, para não ser apanhado com o pé no "território federal" de um trilho ou de uma plataforma...

*Segunda-feira, 28 de maio:*

Se eu ficasse louco, teria, sem dúvida, uma mania inteiramente nova: eu me imaginaria torpedo! Já hoje, é com essa preocupação que adormeço. Quando me estiro na cama e quero dormir imediatamente, a minha imaginação aplica-me uma hélice nos pés e transforma-me a cabeça em espolêta, pondo-me eu a correr sôbre as águas, até penetrar nos mistérios do sono... Algumas vêzes sucede-me acordar com uma pancada na cabeça: sou eu, que faço explosão antes do tempo, batendo com a espolêta no espelho da cama!

Podia, no entanto, ser pior. Carlos VII não se imaginava de vidro?

*Têrça-feira, 29 de maio:*

No seu gabinete do "Jornal do Comércio", Félix Pacheco mostra-me uma coleção de doze ou quinze sonetos, que está imprimindo em São Paulo, e que sairão em "plaquette", sob o título "Tu, só tu..." Conta-me êle haver escrito dez sonetos de uma assentada, e que o mais difícil de tôda a obra foi convencer sua espôsa de que não se trata, nos versos, de mulher nenhuma, e sim de uma ficção...

*Quarta-feira, 30 de maio:*

Uma mulher pública, estrangeira e nova, dizia ontem a Castro Meneses, que me contou o caso:

— A nossa vida no Rio de Janeiro está sendo um martírio. Uma rapariga, por mais que se mostre econômica, não passa com uma renda inferior a cento e vinte mil-réis diários. Só de pensão pagamos de trinta a quarenta mil-réis por dia, fora a lavadeira, a arrumadeira, a engomadeira, o bonde, os vestidos e o jôgo do bicho. Isso quando não tenha família na Europa que lhe caiba sustentar. E os homens são cada vez mais raros. Há ocasiões em que uma rapariga fica dois, três, quatro e até cinco dias sem um

visitante. No meu bairro, na Lapa, as mulheres estão quase tôdas com as jóias empenhadas, e devendo ainda às pensões onde moram. Não sei onde irá acabar isto.

*Quinta-feira, 31 de maio:*

João Ribeiro fala-me de um curioso relatório, que acaba de ler, de certo cônsul americano no Pará. Nesse documento, confessa o autor o modo por que aprendeu o português, ao desembarcar naquela cidade do Norte. Conseguiu êle isso com o convívio de uma rapariga nacional, com a qual passava tôdas as noites. A essa companheira, adotada por conveniência, o americano dá a designação pitoresca de — "dicionário de dormir..."

## JUNHO

*Sexta-feira, 1.º de junho:*

Caruso é, hoje, o assunto mundano, no Rio de Janeiro. Roberto Gomes, que está freqüentemente com êle, conta-me que, tendo o famoso tenor entrado em sua companhia na Casa Artur Napoleão, na Avenida, os curiosos começaram a afluir, aglomerando-se à porta, a ponto de interromper o trânsito dos automóveis. Olhando a multidão que se acotovelava para vê-lo, Caruso volta-se para Roberto, e observa, com indiferença:

— Em Nova York é a mesma coisa....

*Sábado, 2 de junho:*

À porta da Livraria Leite Ribeiro, à Rua Santo Antônio, encontro Cândido Campos, secretário da "Gazeta de Notícias", que me saúda, alto:

— Adeus, Humberto!

Um cavalheiro que se acha no interior da livraria sai ao seu encontro e o retém. É um rapaz de estatura mediana, bigode aparado à inglêsa, orçando pelos quarenta anos. Voltam os dois à mim, e Cândido mo apresenta:

— O Luís Guimarães, ouvindo pronunciar o teu nome, perguntou-me: "É o Humberto de Campos?" E como eu dissesse que sim, pediu-me para te ser apresentado. Aqui o tens.

Ficamos os dois a palestrar ìntimamente, como velhos conhecidos, sôbre coisas de letras. A sua vida de diplomata, que se supõe um prazer, é, antes, uma tortura, um tormento, um sacri-

fício. O diplomata e, sobretudo, o diplomata brasileiro, é o eterno Judeu Errante. Admite-se que o ministro ou o secretário de legação peça uma licença e vá gozá-la em Paris; não se admite, porém, que êle venha consumi-la no Brasil, fortalecendo o coração no contato com a terra da pátria. Ainda bem o diplomata não desembarcou no Rio de Janeiro, e já a imprensa o ataca, pondo-o para fora, escorraçando-o, como se êle não fôsse, como qualquer outro homem, acessível à saudade... E a propósito dessa injustiça, mostra-me que não são os prosadores e poetas que aqui vivem permanentemente os que mais têm celebrado o Brasil. Que poeta cantou mais a pátria, do que seu pai, que andava errante pelo mundo, morto de saudades do seu país? Os cantos mais lindos de Gonçalves Dias e Casimiro de Abreu não são precisamente aquêles que escreveram longe da terra do berço? É uma injustiça, pois, afirmar que o diplomata brasileiro vive no prazer, no gôzo, na orgia, na pândega, fora do Brasil...

Passa-se a tratar de literatura e, em particular, de crítica; e Luís Guimarães pergunta-me por que eu não escrevo uma História da Literatura Brasileira, mas um livro sem ódios, sem provas de amizade, sem paixões pessoais, sem os exageros de Araripe, as ingenuidades de Sílvio Romero e as arbitrariedades de José Veríssimo. Eu prometo escrever essa obra, e, com essa promessa, fazemos a nossa despedida...

*Domingo, 3 de junho:*

Coelho Neto, que chamo ao telefone, conta-me um caso que lhe abalara os nervos na véspera, e que ainda o trazia impressionado. Estava êle lendo uma peça às suas alunas na Escola Dramática, nos fundos do Teatro Municipal, quando ouviu, fora, na rua, uma correria, acompanhada de gritos. Momentos depois é a sua leitura interrompida pelo contínuo, que entra no salão, com outros empregados, empurrando um homem machucado de pancadas, dizendo-lhe haver apanhado aquêle "ladrão" no momento em que êste procurava furtar as "açucenas" de bronze da entrada da Escola. O rapaz, assim que o viu, caiu de joelhos, chorando convulsivamente, e gritando: — "Doutor, como sou um desgraçado! A primeira vez que ia roubar uma casa, para matar a fome, para tomar uma sopa ou uma xícara de café, quando eu não como há três dias, quis a sorte que essa casa fôsse sua, sua! de um homem a quem eu tanto devo! Olhe, meu patrício, olhe as minhas mãos como estão geladas; é fome, doutor, é fome!..."

E num pranto convulsivo, mostrava as mãos geladas, trêmulas de frio e de fome, comovendo as almas, que, ante aquêle drama da vida, desataram também a chorar...

E Coelho Neto termina a narração do fato, explicando-me:

— E sabes quem era, meu velho? Era um patrício nosso, um maranhense, um rapaz honesto e bom, que eu tenho sentado, por mais de uma vez, à minha mesa...

*Segunda-feira, 4 de junho:*

Sob uma chuva impertinente, encontro na Rua do Ouvidor, pela manhã, Lindolfo Azevedo, redator de "O País", que corta, com o seu perfil de camundongo lambuzado de azeite, o gradil flexível dos fios que descem do céu. Sob o mesmo guarda-chuva, chegamos a um corredor da Rua da Quitanda, onde, a propósito de uns versos mais ou menos despudorados da poetisa Laura da Fonseca e Silva, Lindolfo me fala de G.... M.... :

— Quem está perdendo essas meninas é a G..., com os seus versos cheios de sensualidade animal. E, no entanto, a G..., segundo me dizem, é, pessoalmente, uma moça pudica, e de muitos bons sentimentos. Padece, é certo, da tara da família; mas é reconhecendo isso que ela tem horror ao nome do pai... Ela é neta do P...... .. C...., um violinista de muito talento, que houve aqui... Passando as noites na rua, êsse violinista deixava a casa aberta a uma porção de boêmios, que lhe iam namorar as filhas escandalosamente pelo vão das janelas... Uma dessas meninas abandonou a casa, fugindo com o Luís Murat. Outra, ou essa mesmo, casou com o H....... .. M...., que trabalhou na imprensa do Rio com muita capacidade, e do qual é filha a G..... Ela tem, naturalmente, horror aos antepassados. Parece-me, entretanto, que ela é mais vítima do marido do que do sangue do avô ou do pai. Êle é um tipo repugnante e, pelo que sei, é por exigência sua que a mulher escreve aquêles versos escandalosos. Êle quer que a G.... apareça de qualquer modo, para aparecer com ela e tirar disso proveitos de empregos e de relações. Note que êle sempre a cerca de rapazes de imprensa que a elogiem, diante dos quais, entretanto, ela se porta muito dignamente... Que êle não é boa coisa, eu avalio pelo que me contou o Noronha Santos, na Prefeitura. O Noronha é vizinho de uma tia de G...., senhora casada mas muito levada da breca. Essa senhora começou a atirar-se para o Noronha, que aceitou o desafio, mas muito secretamente. Pois bem; dias depois o R........, marido de G...., encontrando-se com o Noronha,

bateu-lhe no ombro, rindo, e exclamando: — "Então, seu maroto, você está namorando com a A.........?" A......... é senhora casada, tia da mulher dêle... O caso é revoltante; não acha?

E Lindolfo Azevedo, abrindo novamente o guarda-chuva, atira-se para a rua, onde a sua figura de camundongo desaparece, prontamente, sob os fios de água que o céu peneira sôbre a terra...

*Têrça-feira, 5 de junho:*

João Ribeiro, que se mostra revoltado contra a estagnação da forma e do pensamento poético no Brasil, fala-me com grande simpatia de José de Abreu Albano, poeta cearense que erra atualmente entre o Parnaso e o manicômio. Dêsse homem de letras, que sei muito apurado na língua, conto-lhe eu, então, uma anedota, que me foi narrada há tempos por Américo Facó. Estava Abreu Albano, uma tarde, na Livraria Garnier, quando ali entrou um rapazola do Ceará, que o atormentava com pedidos de emprêgo, e lhe comunicou:

— Eu entrei para dizer ao senhor que coloco-me por tôda esta semana; um meu conhecido disse que eu vá amanhã à casa dêle, que êle emprega-me com um bom ordenado.

Abreu Albano, após ouvir, engulhando, essa participação do moço conterrâneo, virou-se para êle, e pediu:

— Muito bem; agora, você vai fazer-me um favor; uma vez que você se colocou com tanta facilidade, veja se arranja, também, uma boa colocação para os pronomes.

E despedindo-se nervosamente:

— Faça-me isso!

João Ribeiro, ampliando o que eu sabia sôbre o poeta cearense, conta-me que um alemão, amigo de Albano e seu, lhe narrara que, tendo um dia, proferido um têrmo obsceno, o poeta puxara nervosamente um lenço do bôlso, dizendo-lhe revoltado:

— Tome, limpe a bôca! limpe a bôca!

E João Ribeiro conclui:

— É um pudico, um puro, um homem limpo; tão limpo que está maluco...

* * *

Na Avenida, esquina da Rua do Ouvidor, encontro, todo de prêto, de luto pelo falecimento da sogra, enterrada ontem, Alberto de Oliveira, que me faz, com o apuro clássico de frade

seiscentista, o elogio da defunta, "que era inteligente, e santa, e morreu aos oitenta anos". Feito o panegírico, o poeta, ereto e grave, convida-me para um chá ou um café, qualquer noite, na sua casa da Rua Abílio. E como eu louve a excelência do bairro, Alberto confirma, com sabor clássico, o meu louvor:

— É de grande sossêgo, meu caro Humberto, e outro não há que tanto se afeiçoe aos espíritos remansados, como o nosso...

*Quarta-feira, 6 de junho:*

Em uma roda em que se acham, comigo, Macedo Soares e Batista Pereira, genro do Senador Rui Barbosa, êste conta:

— O conselheiro (Rui) ficou aborrecido porque me deu licença para acrescentar no manifesto dêle (contra a candidatura Rodrigues Alves) o nome de alguns políticos capazes de ocupar a Presidência da República, e eu pus tudo errado, a principiar pelo Tavares de Lira, que eu dei como do Piauí.

E virando-se para Macedo Soares:

— Os que você me pediu para incluir, saíram.

E Macedo Soares:

— Eu vi; o Epitácio e o Zé Bezerra...

*Segunda-feira, 11 de junho:*

Coelho Neto, em visita a minha casa, contava-me, há dias, que um rapaz morador na sua rua batia-lhe às vêzes à porta ùnicamente para pregar-lhe uma mentira. Êsse rapaz, que ainda vive no Rio, chama-se Jaques Raimundo, é professor em um estabelecimento público, e irmão de um entomologista de nome Benedito Raimundo. A mania de mentir tornou-se-lhe tão aguda, que êle, um dia, foi à casa do grande escritor, à Rua do Roso, ùnicamente para convidá-lo, no seu nome e no da espôsa, para servir de padrinho a um filho recém-nascido. Coelho Neto aceitou e, tôda a vez que se encontrava com o futuro compadre, perguntava pelo afilhado. E êle dava-lhe notícias circunstanciadas, descrevendo-lhe até as particularidades das moléstias de que o pequeno havia sido acometido. Vendo, porém, que o batizado era sempre adiado, Neto sindicou do caso, vindo a apurar, ao fim de tudo, que Jaques Raimundo não tinha filho nenhum nem era, sequer, ao que parece, casado! Referindo-se ao seu irmão, o entomologista, Jaques contava que êste possuía uma originalidade: quando ia lidar com os insetos, ficava inteiramente nu, cobrindo-se depois com uma fôlha do "Jornal do Comércio", em que abria um buraco para enfiar o pescoço.

Hoje, a propósito de mentirosos, como eu narrasse êsse caso que Coelho Neto me contara, João Ribeiro informava-nos, a mim e a Plácido Barbosa, que Benedito Raimundo ainda é mais mentiroso do que o irmão. Um dia dêstes, conversava êle com João Ribeiro, quando, ao despedir-se, lhe disse:

— Desculpe-me não o levar em casa no meu automóvel. Eu comprei, como você sabe, um automóvel por dezesseis contos e estava muito satisfeito com êle. Mas fui infeliz: logo em um dos primeiros dias, ao sair da garage, o carro passou por cima de um cachorrinho de estimação, que minha mulher havia comprado por um conto de réis. Isso me contrariou tanto, que eu vendi imediatamente o automóvel, por dois contos, perdendo quatorze. E agora estou andando de bonde.

Alguns vizinhos de Benedito contaram a João Ribeiro que êste, quando entra em casa, procura enganar a vizinhança e a si próprio, gritando:

— Ó José!... Joaquim!... Ó Manuel!... Vocês não viram que a égua está sem alfafa? Como é que se deixa um animal como êste, puro-sangue, sem cuidado, sem tratamento?!...

— E, no entanto, o quintal dêle, diz-me João Ribeiro, não dá, talvez. para criar uma galinha...

*Têrça-feira, 12 de junho:*

Um pequeno atestado das dificuldades em que vivem, no Brasil, os homens de letras. Na redação do "Jornal do Comércio", João Luso conversa comigo, sentado sôbre a grande mesa dos repórteres. De uma cadeira em frente, eu lhe analiso a fisionomia de árabe, a tez tostada de quem teve avós no Deserto, os dentes fortes, o bigode negro, a cabeleira acentuadamente pintalgada de branco. O seu colête e a sua calça de casimira, vincada diàriamente a ferro, dão-me a impressão de roupa nova. De repente, querendo mostrar-me um jornal, João Luso, que está sem paletó, salta da mesa e vai buscar a fôlha. Eu o acompanho com os olhos, e vejo: no fundo das suas calças escuras, corretamente vincadas, há duas grandes moedas brancas, — dois óculos abertos na fazenda pelo contínuo atrito da cadeira da redação, e por onde aparece, irônicamente, o pano branco da ceroula...

*Quarta-feira, 13 de junho:*

Cúmulo do respeito, ou antes, do terror causado pela imprensa. O Itamarati fornece à noite, aos jornais, esta nota:

"O Sr. Dr. Nilo Peçanha, Ministro das Relações Exteriores, fêz-se representar pelo seu oficial de gabinete, Sr. Leoni Ramos Filho, na leitura dos versos do poeta Sr. Leal de Sousa".

A leitura dos versos de Leal de Sousa, hoje, na Escola Dramática, foi puramente íntima. Explica-se, porém, a gentileza oficial do ministro: o poeta é secretário da revista "Careta"...

* * *

O Sr. Carlos Maximiliano, Ministro do Interior, havia declarado a todos os meus amigos que a vaga por mim ocupada no Ministério, interinamente, não seria preenchida de modo efetivo, para que eu não fôsse prejudicado. Hoje, soube que êle mandou, à noite, fazer a nomeação efetiva de um protegido seu, e empossá-lo amanhã, antes que eu tenha tempo de impedir o seu ato com uma ordem do Presidente da República. A propósito dêsse procedimento, vale a pena contar outro fato, que caracteriza êsse cavalheiro. Há dois anos, quando, por um mal-entendido, eu fui dispensado dêsse mesmo lugar, êsse ministro reconheceu o seu engano e deu a Artur Ramos e a Félix Pacheco a sua palavra de honra que eu seria aproveitado na primeira vaga que se verificasse na secretaria. Dando-se, dias depois, a vaga, eu mandei lembrar-lhe, por Oscar Lopes, a sua promessa. Êle relutou, e Oscar observou-lhe:

— Mas V. Ex.ª deu a sua palavra de honra...

— E o ministro:

— Dei-a, sim; mas não foi para cumprir...

Ai está um homem...

*Quinta-feira, 14 de junho:*

Parando casualmente na Avenida, assisto a passagem de Lopes Trovão. Não é mais o homem que vi há três meses. Parece que o Tempo, que se havia esquecido dêle, lhe lançou de uma vez sôbre a cabeça a carga de vinte anos olvidados. O corpo, ereto há três meses, caiu violentamente para diante, como quem procura a tôda pressa um túmulo em que definitivamente descanse...

*Sexta-feira, 15 de junho:*

Um pensamento de Castro Meneses, casado pela segunda vez, e que êle repete aos amigos:

— "O viúvo é um solteiro experimentado..."

*Sábado, 16 de junho:*

Correia Dias, que rola, deslumbrado, no turbilhão de uma ruidosa notoriedade nascente, entregou-me hoje o desenho da capa do meu livro "Da Seara de Booz". É a mão de um ceifeiro apertando duas espigas de trigo maduro. Os grãos de trigo estão exagerados em relação à mão. É, talvez, trigo de Brobdingnag...

*Segunda-feira, 18 de junho:*

Chamam-me ao telefone, e pedem-me para ir ao Ministério da Justiça. Na sala do Diretor-Geral, sou procurado por todos os funcionários da Diretoria do Interior, tendo à frente o Diretor da 2.ª Seção, onde trabalhei quatro anos, o qual faz um discurso de despedida e oferece-me um punhado de flôres, como expressão da saudade que deixo na Secretaria.

São dêsse gênero as pilhérias burocráticas. Podiam, no entanto, ser piores...

*Terça-feira, 19 de junho:*

Havia qualquer coisa de grave e imprevisto na vida de C..... M....... Hoje soube o que era. Um "poilu" que regressa da frente francesa trouxe uma irmã viúva para o Rio. C..... M......, sabendo-a africana, de Argel ou de Tânger, apaixonou-se pela sua procedência exótica. Estiveram juntos dois dias. No terceiro, o demônio africano comunicou-lhe o seu estado de gravidez. O poeta protestou, recusando a paternidade, e a leoa líbia confessou que, efetivamente, o filho era de um senador francês, dos mais ilustres, e que, por isso mesmo, merecia a sua proteção... C..... M...... fugiu; foi apanhado de novo; e a mulher dessa vez queria isto: um médico de confiança que lhe provocasse o parto prematuro.

— Eu, filha? — protestou; — eu, que, como juiz, já meti na cadeia três provocadores de abôrto? É impossível!

Em resumo: para livrar-se da mulher, e mais o filho do senador, teve de indenizar a argeliana com um conto e quinhentos, dos quais, quinhentos mil-réis do Pereira da Silva, que lhos cedeu, fraternalmente, por empréstimo...

*Quarta-feira 20 de junho:*

O L... — dizia-me hoje João Ribeiro, — está obsceno, inconveniente. No "Pedro II", quando vai dar aula, gasta os in-

tervalos a contar anedotas, das mais indecentes. É a velhice que está fazendo isso. Mesmo nos casos sérios, êle não se porta corretamente.

— Há dias, na reunião da Congregação para resolver sôbre o substituto da cadeira de Português, foram levados à nossa presença os trabalhos dos candidatos. Logo em cima ia um folheto de um dêles intitulado "Pingos Gramaticais". O L... pegou no folheto pela ponta, atirou-o para o meio da mesa, exclamando: — "Eu não pego nisso. Pingo é de gon....., é de esquen......., que é contagioso!" E o que é pior é que, na argüição do candidato, diante de um auditório numeroso, em que havia senhoras, êle queria dizer a mesma coisa!

E João Ribeiro conclui:

— É a idade. L... tem perto de setenta anos...

*Quinta-feira, 21 de junho:*

Eu andava há meses apavorado com a minha saúde. O meu terror provinha da desconfiança, que tinha, de achar-me atacado de moléstia grave, de, pelo menos, uma úlcera no estômago. Quando apertava ao lado da minha última costela direita, e sentia aí uma dor aguda e demorada, corria-me por todo o corpo um frio de pavor. Vinha-me à mente a morte do meu sogro, vítima de um câncer no estômago, e que, assoberbado pelas dores e pelos vômitos de sangue alterado, gemia, desanimado: — "Meu Deus, que terei eu neste estômago?!" Conhecendo êsses sintomas graves da moléstia, eu ficava gelado de terror. A mim, parecia-me que, ao primeiro vômito sintomático, eu morreria de mêdo. E a minha vida, nessa expectativa, vinha sendo um tecido de agonias tão terríveis, que eu tinha horror até de as externar no papel, nestas notas diárias. Com êsse pesadelo, fui, afinal, hoje, ao consultório de Paulo Silva Araújo, que, vendo o meu abatimento, se ofereceu para fazer um exame completo no meu organismo. Estendido na mesa, pedi-lhe que marcasse precisamente a região em que se acha localizado o estômago.

— É aqui, — diz êle, traçando um limite mais para o lado esquerdo.

— E aqui? que é isto aqui? — pergunto, mostrando-lhe o ponto dolorido.

— Isto é um dos bordos do fígado, que tens permanentemente inflamado.

Operou-se, em mim, uma ressurreição. Mas ou sou como aquêle rei Cristóvão V, do conto de Anatole France: a minha

neurastenia vai criar, imediatamente, outro mal. Falta-me saber, apenas, a forma que vai tomar, agora, na minha imaginação, êste endiabrado "singe des maladies"...

*Sexta-feira, 22 de junho:*

Puxando a sua perna em que a vida nervosa esmoreceu, Castro Meneses convida-me:

— Queres aprender árabe comigo? Vamos aprender. Vai ser um sucesso! Tem aí um francês que quer me ensinar. É definitivo!...

E solta, em plena Rua do Ouvidor, como se já estivesse no Deserto entre beduínos, uma das suas gargalhadas escandalosas...

*Sábado, 23 de junho:*

Leio no "Jardin de Epicure", de Anatole France, duas páginas que me angustiam. Uma, é aquela em que êle pergunta se a Terra não será um globo de sangue perdido nas veias de um animal imenso, ou mesmo de um inseto, que olhará, humilhado, animais desproporcionadamente mais poderosos. Outra, é a em que o escritor, olhando a senectude da espécie, lembra que dia virá em que os homens, que serão os últimos, se assemelharão ao homem primitivo, errando, bestificados, pelo planêta frio, sem idéia das nossas conquistas nem lembrança sequer, de nós mesmos, seus antepassados!

E é para ser êsse nada, e chegar a êsse fim, que os homens hoje se entredevoram!...

*Domingo, 24 de junho:*

C..... M...... não se cansa de falar na mulher exótica que o absorve e explora, e que, apesar da promessa feita, não o abandonou.

— É soberba! — diz. — É a Arábia, é o Oriente puro. Os olhos negros faíscam como punhais. As olheiras, que ela cava com tintas escuras, dão-lhe aos olhos uma sombra diabólica, sinistra, que faz imaginar a cúmplice de um crime horrendo. As unhas, pintadas, são quase de sangue. Em tôrno do pescoço, que emerge nervoso de um vestido negro, há um colar de pequeninas bolas de lã, voluptuoso como uma serpente. É estranha, esquisita, magnífica de originalidade.

E como se só houvesse uma palavra que lhe traduzisse o pensamento, exclama, recorrendo ao seu têrmo predileto:

— É definitiva!...

*Segunda-feira, 25 de junho:*

Leal de Sousa, com quem me encontro na Avenida, conta-me um caso que dá idéia da falta de compostura dos homens respeitáveis do Rio. O Ministro Enéias Galvão, do Supremo Tribunal Federal, falecido há três meses, andava, há tempos, a perseguir com amôres tardios uma senhora que vive separada do marido. Um dia, vai para um ano, Leal encontrou a referida senhora na rua, e como tivessem relações amistosas, foi com ela ao cinema. Instantes depois sentava-se na mesma fila de cadeiras, a seu lado, o ministro galanteador. Quando se apagaram as luzes, Leal de Sousa sentiu uma cócega nas costas; era o velho magistrado que procurava, por trás dêle, o braço da senhora, a qual se encolheu, fugindo à carícia. O novo Sedecias acomodou-se, mas, um minuto depois, batia no ombro de Leal, pedindo-lhe baixinho:

— O cavalheiro poderia fazer-me o favor de trocar a cadeira comigo?

Leal de Sousa, indignado, voltou-se para o Don Juan de toga, e, no silêncio da sala, gritou-lhe:

— Senhor Ministro Enéias Galvão, esta senhora é sua mulher?

— Não senhor, — miou o ancião, tremendo.

— É sua irmã?

— Não, senhor.

— É alguma sua parenta?

— Não, senhor, — gemeu, a voz sumida.

— E como é que o senhor quer por fôrça ficar perto dela?

Esta última pergunta não teve resposta; o velhinho atirou-se, cabeceando e tropeçando pelo escuro, desaparecendo aos trambolhões ao fundo da sala, por trás do reposteiro de saída...

*Têrça-feira, 26 de junho:*

À porta do Café São Paulo, na Avenida, Olegário Mariano, com os olhos parados sôbre a multidão, discute alto com um amigo, e, à minha chegada, apela para mim:

— Vê se eu não tenho razão. Êste homem tem uma pequena que anda com a minha. Êle vai ao cinema e encontra as

duas. Devia ter mandado me chamar, sabendo que eu estava perto; mas, não: chamou outro camarada e entregou a minha pequena. Não é safadeza?

Américo Facó, que anda à minha procura e ouve o resto dessa exposição, toma-me do braço, e, ao nos afastarmos, diz-me:

— É a cachaça do Olegário.

— Namorar? — pergunto.

E êle:

— Não; convencer os outros que êle namora muito...

*Quarta-feira, 27 de junho:*

O patriotismo é um sintoma de moléstia, como a febre, o delírio, a cefalalgia. Há dias, o Ministro da Fazenda, Pandiá Calógeras, vinha sendo atacado violentamente na Câmara pelos Deputados Pedro Moacir e Maurício de Lacerda, que se batiam pelo seu afastamento da pasta que sobraça. Hoje, na ocasião em que orava arrebatadamente contra o ministro, o Deputado Moacir cambaleou, rolando sem sentidos sôbre a carteira em que se apoiava, sendo retirado daí em estado grave, com um ataque de congestão cerebral. Ao ver o seu colega de lutas inanimado, foi Maurício de Lacerda acometido de uma crise de nervos, chorando convulsivamente, sendo, também, medicado.

Era por isso, talvez, que no reino da Laputa se exigia um exame médico nos parlamentares, no momento da votação dos projetos...

*Quinta-feira, 28 de junho:*

Mme. Coelho Neto conta-me pelo telefone, pedindo-me reserva para o caso, que Luís Murat anda acabrunhadíssimo com uma nota de "O Imparcial" sôbre Vicente de Carvalho, na qual, tratando dos nossos grandes poetas contemporâneos, não se faz referência à sua pessoa. Melindrado com essa omissão, Murat pediu a Mme. Coelho Neto que apurasse por meu intermédio se o autor da nota era Emílio de Meneses, pois, se assim fôsse, êle, Murat, não o receberia na Academia de Letras. Coelho Neto, que vem ao telefone, explica:

— São coisas do Murat, meu velho. O Luís vê, em tudo, no menor esquecimento, nessas pequenas omissões, o propósito de magoá-lo, de hostilizá-lo, de diminuí-lo. Êle é um grande poeta; mas devia reconhecer que não é popular, que não vem à lembrança a todo momento, principalmente quando êle pró-

prio se exila, se retrai, como um lôbo, fugindo ao convívio de todos que podem fazê-lo lembrado. Isso é inexplicável em um homem com o talento do Luís. É doentio.

*Sexta-feira, 29 de junho:*

Faleceu hoje, pela madrugada, o livreiro Francisco Alves, deixando tôda a sua fortuna, avaliada em alguns milhares de contos, à Academia Brasileira de Letras. Félix Pacheco, com quem me encontro à noite, diz-me:

— Era um tipo curioso de usurário. Ainda hoje, de volta do entêrro, Coelho Neto me contava que, todos os anos, pelo Natal, o Alves lhe enviava um conto de réis, e outro conto ao Bilac, como lembrança dos "Contos Pátrios", que êles escreveram de colaboração.

As palavras de Félix Pacheco fazem-me lembrar o que me disse uma vez Coelho Neto a propósito dessa obra. Quando Bilac andava perseguido por Floriano Peixoto, precisou de dinheiro para fugir, e empenhou, para obtê-lo, tôdas as jóias da mãe. Ao regressar ao Rio, mas quando ainda vivia escondido, teve notícia de que as jóias iam ser vendidas em leilão, e pediu a Coelho Neto que o auxiliasse naquela emergência. Êste foi ao Alves, e ofereceu-lhe um romance e um livro de contos escolares, à escolha. O livreiro preferiu o livro de contos e Neto, depois de lhe explicar a situação e de contratar a obra por quatro contos de réis, pediu-lhe um adiantamento da metade, levando-a a Bilac. Era uma têrça-feira, e os originais deviam ser entregues até o fim da semana. Neto, que não tinha nem romance inédito nem livro de contos, preveniu Bilac, e sentaram-se, cada um na sua casa, a escrever contos sôbre contos. Sábado, estava o livro pronto, e segunda-feira a Livraria Alves recebia os originais, pagando o resto da quantia estipulada.

Dêsse livro, havia o velho Alves tirado, até agora, 105.000 exemplares. Era natural, pois, a generosidade do editor.

*Sábado, 30 de junho:*

De acôrdo com Coelho Neto, dei, ontem, nos jornais, notícias de uma festa que se deve fazer a Luís Murat. Mme. Coelho Neto conta-me, pelo telefone, o entusiasmo com que o espôso leu a notícia por mim escrita, considerando-a "uma obra-prima de jornalismo". Neto, que vem ao telefone, grita-me:

— Você é maravilhoso, meu velho; você não tem igual em brilho, em graça de linguagem, em fôrça de imaginação, nesta geração nova!

E mudando de pessoa, no emprêgo do verbo:

— És maravilhoso! A tua nota é uma jóia!

Momentos após essa palestra, em que eu interrompo êsse entusiasmo com pilhérias, recebo uma carta de quatro páginas, em que Murat me pergunta se não será tarde para essa festa que noticiei, uma vez que já se passou quase um ano sôbre o aparecimento das suas "Poesias Escolhidas". E essa carta termina com êstes encômios, que me comovem: "Seja como fôr, venho agradecer-te as palavras com que me honraste e cativaste, e, em breve prazo, terei oportunidade de te demonstrar que sei retribuir a amizade que me tens, e, ainda mais, dar uma prova pública (o que mui raro faço) do muito que aprecio aquêle que não tem superior na sua geração e que pode perfeitamente ombrear com qualquer dos poetas da a que pertenço. Dizendo que a nossa geração se orgulharia de receber-te em seu seio, afirmo uma verdade, pois poucos poetas conheço, com idéias tão justas, e a tal ponto que chego, às vêzes, a surpreender-me".

Sorrio e, guardando o papel, pergunto-me, desconfiado, a mim próprio:

— Mas, eu serei isso mesmo?

## JULHO

*Domingo, 1.º de julho:*

Coelho Neto comunica-me estar passando mal, com as suas terríveis cólicas intestinais.

— A que é que você atribui ter piorado? — pergunto.

— Ah, meu velho, a uma laranja que comi ontem. A laranja para mim é um veneno; quando como uma, sofro horrìvelmente três dias seguidos.

— Mas, você, por que as come? É falta de juízo.

E Neto, numa careta de dor:

— Não, não é; é falta de vergonha!

*Segunda-feira, 2 de julho:*

Fala-se de namôro em cinema, e Leal de Sousa, secretário da revista "Careta", que vai pegado no meu braço, conta-me:

— Nós temos um amigo (e diz o nome) que vem todos os dias ao cinema, procurando sempre a proximidade das senhoras. Se no primeiro cinema em que entra, êle não encontra uma para encostar a perna, e "bolinar", entra em outro; se aí sucede o mesmo, vai ao terceiro; e se ainda aí lhe acontece o mesmo, não tem dúvida: toma um automóvel, corre a casa, e traz a mulher...

*Têrça-feira, 3 de julho:*

Duas observações interessantes sôbre Rui Barbosa. Conversamos, Macedo Soares, o Capitão do Exército Mário Clementino e eu.

— O Rui, — diz Mário Clementino, — nasceu roubado; um homem com o seu gênio que nasce em um país como o nosso, condenado a escrever em uma língua quase desconhecida, já vem ao mundo condenado a um prejuízo de 80% na sua glória.

— Nós, — acrescenta Macedo Soares, com as suas expressões bizarras, — nós estamos muito perto do Rui para ver a sua grandeza. A proximidade prejudica a perspectiva. É como o sujeito que urina no paredão do Teatro Municipal: olhando para cima, não vê senão a base da parede; é preciso que fique longe para ver a majestade do edifício.

*Quarta-feira, 4 de julho:*

Visita-me, em minha casa, para agradecer-me um telegrama que lhe enviei, o Deputado Luís Domingues, que me diz estar arrependido de ter contribuído para a unanimidade de louvores que recebeu no govêrno do Maranhão.

— Foi um mau sinal, — declara. — Quando eu vim, em 1886, deputado-geral pelo Maranhão, fui visitar o velho Cotegipe à Rua Senador Vergueiro, onde morava. À saída, êle me disse: — "Meu filho, não procure nunca ser de todos ao mesmo tempo. Dizem: "quem não tem vergonha todo o mundo é seu"; a verdade, porém, é que só é de todo o mundo quem não tem vergonha".

*Sexta-feira, 6 de julho:*

Em uma vila fronteira à minha casa, à Rua Barão de Ubá, suicidou-se, a 30 de junho último, um capitalista de nome Gomes da Silva, que se achava, no momento, em visita a um casal aí re-

sidente. Os jornais têm comentado o caso, admitindo a hipótese de um crime, e dando a jovem dona da casa como amante do capitalista, a quem explorava. Um morador da vila, sem que eu lhe pergunte, informa-me ser da mesma opinião, adiantando que o velho namorado tinha grandes ciúmes da amante, à qual dizia, em altas vozes, nas discussões que travavam:

— Não admito que você namore; você é minha; minha e de seu marido!

O marido, êsse, não dizia nada...

*Sábado, 7 de julho:*

Visita a Coelho Neto, que encontro no pavimento superior da casa, com uma expressão de profundo abatimento. Acabava êle de entrar da rua, onde, para aliviar as dores intestinais, havia tomado uma cápsula de ópio. Falo-lhe do almôço que vamos oferecer a Luís Murat, e lembramos nomes. Chegando ao de Osório Duque-Estrada, Neto exclama:

— Que homem repugnante!

E como a palestra continue sôbre o espírito mercantil dêsse membro da Academia, Coelho Neto diz-me:

— Queres ver? Há tempos, eu tive convite para ir a Campos fazer uma conferência. Como não me conviesse andar fora de casa a dar incômodos pretextei uma doença para não ir. Pois bem; isso foi bastante para que o Osório me fizesse uma carta, propondo-se para ir em meu lugar, comprometendo-se a "rachar" (textual) o produto da expedição literária. É ignóbil, não é?

Neto já me havia, efetivamente, mostrado não só essa carta como vinte ou trinta outras, em que Osório Duque-Estrada aparece como indivíduo sem compostura, e que se não peja de deixar documento escrito do mercantilismo das suas letras.

*Domingo, 8 de julho:*

Uma senhora minha amiga, e que emite com graça, na presença do marido, a sua opinião sôbre assuntos escabrosos, contava-me há dois dias que uma sua amiga, tida como espôsa de um membro da Academia Brasileira de Letras, vive com êste em freqüentes desinteligências. Quando sucede ficarem brigados por alguns dias, o acadêmico, sentindo saudades do corpo da companheira, e não querendo falar com ela, prega no espelho da cama um papel com êste aviso: "Hoje tem sessão". A mulher,

assim prevenida, vai esperá-lo, à noite, na cama de casal, de onde se retira, duas horas depois, sem terem trocado palavra.

*Segunda-feira, 9 de julho:*

A propósito dos seus últimos artigos em favor da emancipação do nosso escrever, dizia-me, hoje, João Ribeiro:

— Eu sempre fui jacobino contra o português. No tempo de Floriano foi essa a minha bandeira. Quanto mais nos distanciarmos de Lisboa na prosódia e na ortografia, melhor será para nós. Os portuguêses ainda nos consideram colônia literária. É preciso acabar com isso. Quando o Bilac passou em Portugal da última vez, o Cândido de Figueiredo disse-lhe: — "A *pursódia* dos senhores do Brasil difere da nossa"; e o Bilac deu-lhe uma boa resposta: — "É verdade; nós lá não temos *pursódia,* temos *prosódia*". E é assim mesmo; nós não podemos nos submeter à *pursódia* de Lisboa ùnicamente por ser de Lisboa.

Afrânio Peixoto, que entra na ocasião, é da mesma opinião:

— É uma ignomínia a nossa subserviência diante do português. Êles próprios reconhecem isso. "Seu Manuel" é quem nos dita as atitudes políticas, a orientação da imprensa, e até o modo de escrever, êle que não sabe escrever o nome! Em Paris, eu passei por uma vergonha quando o Sr. João Chagas me atirou em rosto esta verdade: — "Os senhores no Brasil não têm opinião pública". — "Como assim?" — perguntei. — "Ou os senhores não têm opinião pública, ou têm-na, e a imprensa não reflete essa opinião". — "Como assim?" — continuei, espantado. E êle explicou-se: — "Porque eu não posso compreender que uma democracia, como é o Brasil, hostilize pela sua imprensa as aspirações democráticas de outro povo, como está acontecendo em relação a Portugal. Ou a República no Brasil não é uma expressão de vontade nacional, ou a imprensa é uma fôrça estranha à opinião pública. Eu sei que a verdade é esta última mas não compreendo como é que um país de vinte e tantos milhões de habitantes abdica os seus direitos mais respeitáveis nas mãos de alguns milhares de portuguêses sem patriotismo e sem cultura, entregando-lhe a sua imprensa e calando os seus verdadeiros sentimentos, para que êsses portuguêses defendam, à sombra do Brasil, os berloques das suas comendas".

E Afrânio conclui:

— Que havia eu de dizer? Era uma verdade.

*Terça-feira, 10 de julho:*

Resfriamento. Febre. Derramamento bilioso. Calomelanos. Citrato de magnésia. Abatimento. O mesmo programa de sempre...

*Quarta-feira, 11 de julho:*

A propósito da língua árabe, cujo alfabeto João Ribeiro me informa ter aprendido com facilidade, embora estacasse adiante, retido pelas dificuldades gramaticais do idioma, conta-nos Mário Brant, que chega no momento:

— Em Diamantina havia um prêto, analfabeto, o qual, tendo reunido alguns contos de réis com o trabalho de mineração, abandonou o serviço, adquiriu uma casinha, e, para passar o tempo, comprou uma carta de abc, para aprender a ler. Semanas depois, como lhe perguntassem se ia adiantado no estudo, o prêto confessou, desanimado:

— "Qual, seu doutô!"

E para dar uma idéia de dificuldade encontrada:

— "Conhecê as "letras" não é nada; "ajuntá elas" é que é!..."

*Quarta-feira, 18 de julho:*

Um parente do comendador José Augusto Neiva, ex-deputado pela Bahia e proprietário de uma das mais completas bibliotecas de poetas brasileiros existente no Rio, empresta-me, para consulta, um volume das "Poesias", de Bilac (edição definitiva, de 1902). Ao chegar às páginas em que se encontra "A Morte do Tapir", descubro uma chamada ao lado dêstes versos:

> ".......... Fôra
> Desta imensa *mangueira* (*) à sombra protetora
> Que um dia repousara..."

E embaixo esta nota, escrita com tinta azul e letra visìvelmente tremida: "Mangifera Indica, Linn. É árvore asiática. A invocação do índio é desarrazoada".

*Quinta-feira, 19 de julho:*

Um crítico teatral, que entra no Municipal mais fàcilmente do que em sua casa, conta-me que a bailarina Isadora Duncan

---

(*) Bilac mudou para ramada.

deixou da sua pessoa a mais desagradável das impressões entre o pessoal daquela casa de espetáculos. Os contínuos e serventes falam constantemente da sua falta de higiene, que chegou ao cúmulo uma noite, quando, atacada de um desarranjo intestinal, substituiu o W. C. pelas escarradeiras do camarim, que foram encontradas transbordantes, e espalhando pelo compartimento um cheiro insuportável.

*Sexta-feira, 20 de julho:*

Febre, vômitos, sono agitado, mal-estar geral durante todos êstes dias, — mas sem repouso, pois, mesmo com febre, tenho ido ao jornal, trabalhar. O meu médico, Afonso Mac-Dowell, vai comigo ao operador Jorge de Gouveia, homem moço, de trato ameno, que descobre a origem de tudo isso: uma infiltração urinária, que exige tratamento imediato e, talvez, uma intervenção cirúrgica. Inicio o tratamento. Sofrimentos horríveis, que se têm de prolongar por três, quatro, seis meses, sei lá quanto tempo!...

*Sábado, 21 de julho:*

No consultório do médico Jorge de Gouveia conversam encostados à janela dois cavalheiros, um dos quais, moreno, pálido, côr de terra, rosto meio opilado, olhos pequenos e bigode negro, é o deputado e tribuno baiano João Mangabeira. O tema é Rui Barbosa e os seus discursos. E ouço, a respeito de uma destas peças, esta expressão entusiástica do Deputado Mangabeira:

— É de uma grandiosidade enorme!...

*Domingo, 22 de julho:*

A necessidade de publicar na seção elegante de "O Imparcial" algumas quadras e poemetos sintéticos, de autores nacionais, levou-me a reler cuidadosamente alguns dêles. Como não encontrasse na obra poética de Félix Pacheco uma quadra ou sextilha para desentranhar, fui pedir-lhe que me arranjasse qualquer coisa no gênero, em versos porventura esparsos.

— Podes fazer, depois, com êsses trechos, um livro interessante, — diz-me êle.

E eu aceitei o conselho. Vou reunir, à proporção que me forem aparecendo, êsses poemetos. É um plano a mais, e com a vantagem de já ter uma pedra no alicerce...

*Segunda-feira, 23 de julho:*

Belmiro Braga, que regressa de Minas, conta-me, com a sua ingenuidade matuta, uma infinidade de anedotas regionais. Pergunto-lhe onde está residindo. E êle:

— No Flamengo, n. 15, mas creio que vou voltar para a pensão do n. 10. Deram-me ali manteiga rançosa durante seis meses; de modo que não posso mais suportar manteiga boa, e tenho que voltar para a manteiga estragada.

*Terça-feira, 24 de julho:*

Abri hoje as "Apoteoses", de Hermes Fontes, que tenho elogiado sem leitura meditada. É, na edição que tenho à mão, um livro desopilante, um manual de frases feitas, entremeado de extravagância grotesca. A estrêla-d'alva, por exigência da rima, obtém "uma salva geral de palmas"; o Sol é "um cidadão qualquer"; o Mar "parece um verdadeiro louco"; a Noite é "a embaixatriz de um grande reino oculto", e, ainda, "o dia às avessas". E por aí além.

Aqui e ali, porém, aparece um surto feliz, que redime o autor da maioria das suas infantilidades. É, todavia, um livro de arte que se não pode ler sem sorrir...

*Quarta-feira, 25 de julho:*

Na Avenida Central, de cravo rubro estatelado na botoeira do jaquetão azul, Belmiro Braga refere, em tumulto, rindo pela bôca e pelos olhos, as suas numerosas anedotas mineiras. Fala-se de Sílvio Romero, e Belmiro conta episódios da vida dêsse seu velho amigo, especialmente do tempo que êste passou em Juiz de Fora.

— O Sílvio estava um dia em casa, com o seu chambre desabotoado por cima da ceroula, — diz Belmiro, — quando lhe apareceu o Brant Horta, que lhe ia ler um poema em quatro cantos. Vendo que os filhos, um verdadeiro rebanho, lhe não deixariam ouvir o poeta, berrou para a criançada:

— Para aqui, tudo, canalha!

Os pequenos, humildes, vieram imediatamente, sentando-se, em silêncio medroso, em um grande banco ao longo da parede, e o poeta começou a ler o poema sem ser interrompido pelo dono da casa. Ao anunciar o terceiro canto, Sílvio olhou o banco, e, vendo a meninada tôda dormindo, virou-se para o Brant Horta, exclamando:

— Ainda tem? Vai-te embora! Vai-te embora! Volta amanhã... Os meninos já estão dormindo.

E Belmiro conclui:

— O poeta não voltou mais; mas os meninos de Sílvio, quando viam o Brant Horta no canto da rua, em Juiz de Fora, disparavam no rumo do quintal que não havia quem os pegasse!

*Quinta-feira, 26 de julho:*

Em casa de Coelho Neto. Fala-se de homens de letras que pintam o cabelo e o bigode, e cita-se Alberto de Oliveira.

— E o Murat — lembra alguém.

— Não se pinta mais.

Coelho Neto intervém:

— Mas o Alberto está escandaloso. E o que é pior é que censura os outros. Uma vez, como eu falasse do Luís (Murat), que andava a apaixonar-se a torto e a direito, tomou êle uns ares graves, e exclamou, naquele vozeirão: "E além disso, pinta-se!" Eu olhei para os bigodes dêle, que assim me falava. Escorriam tinta!...

*Sexta-feira, 27 de julho:*

Calafrios, vômitos, febre, indisposição geral. Tratamento: trabalho...

*Sábado, 28 de julho:*

Recebo o primeiro exemplar da 2.ª série da "Poeira"... Acho a obra, materialmente, a meu gôsto. Estéril há sete anos, sinto de novo tôdas as emoções da paternidade mental... A capa, reproduzindo um desenho do infortunado J. Artur, que eu conheci no Pará, é de uma simplicidade desajeitada, que, a princípio, me fere os olhos. Depois, vou-me habituando, e acho-a boa. Qual é o pai enamorado que se não habitua com a deformidade do filho?

Encontrando um recado para ir almoçar, em casa de Coelho Neto, vou. Êsse recado é de Mme. Coelho Neto que, pelo telefone, ao reiterar o convite e o chamado, me conta o que houve na véspera. Martins Fontes chegara de São Paulo e almoçara com êles, em companhia de Goulart de Andrade e Leal. No correr do almôço, tratara-se do aparecimento de três livros ao mesmo tempo: o de Martins Fontes, o de Leal e o meu. Coelho Neto

teria pedido desculpas aos presentes, mas não podia fugir a um dever de consciência, considerando-me a mais completa organização literária da geração.

— É um poeta soberbo! — teria dito Goulart.

— Não só poeta, — diz Neto, — é um grande prosador, também.

E Fontes, intervindo:

— É isso mesmo: o Humberto é multifúlgido!

Informado dessa atmosfera de simpatia, e dessas opiniões, que Martins Fontes mais tarde me confirma, chego à casa de Coelho Neto e deixo o livro na saleta de espera. No salão, que é o gabinete do escritor, além de Neto e Mme. Gabi, encontro, já, Olavo Bilac, que se afunda na almofada de uma poltrona; Leal de Sousa, que sorri mudamente, de pé, junto a uma estante; Gustavo Barroso, que, sempre reservado nas rodas em que há gente de espírito, entre a qual se possa destacar o seu, se diverte com um cãozito que pula sôbre o tapête; e Martins Fontes, que, marchando de um lado para outro do salão, enche a casa de barulho, com a alegria atordoadora de um clarim em manhã de combate. Ao ver-me, Fontes corre para a porta, fazendo explodir os seus beijos no meu rosto.

Tímido, entro na sala. Meu temperamento e os meus modos não são de molde a alterar-lhe a feição. Fontes descobre, porém, o meu livro na chapeleira, e corre com êle para o salão.

— Um tesouro! Um tesouro! — exclama, com escândalo.

E batendo na capa do volume, abre-o com sofreguidão. Passeia de um lado para outro, e interrompe a palavra aos que conversam:

— Ouçam! Ouçam!

E explode em sonetos, fazendo rebentar com a sua voz vibrante, rica de colorido, a munição das minhas rimas.

*(Foi interrompido, neste ponto, o meu "Diário" de 1917. As horas que eu consumia à sombra, escrevendo estas notas, passaram a ser gastas ao sol, na colaboração para novos jornais. Flôres de intimidade, estas lembranças de cada dia merecerão, acaso, ser levadas um dia lá para fora? E levadas para lá, resistirão à luz?)*

# 1928

"De lo que escucho escribo y lo que veo".
Dom Francisco Manuel, Epíst.

## JANEIRO

*Domingo, 1.º de janeiro:*

É a terceira vez que inicio um diário íntimo, o registro fiel e cotidiano da minha vida e, em parte, da vida alheia. A primeira tentativa nesse sentido foi em janeiro de 1915. A segunda, em 1917. Ao encontrar, hoje, os restos de um e de outro, destroços das anotações que então fazia, lamento não os ter continuado. A culpa não foi, entretanto, minha. Tive, de então para cá, de lutar penosamente pela subsistência, mantendo-me, e a uma família numerosa, exclusivamente com o trabalho da minha pena. Os meus dias, as minhas horas, os meus minutos, passaram a ser convertidos em pão. Quem tem fome não planta árvores de luxo, que só produzem ao fim de cinco anos; planta leguminosas comuns, que frutificam em cinco semanas. Foi o que eu fiz.

Em 1915, na data de hoje, não tinha filhos, era obscuro funcionário interino do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, e redator de "O Imparcial". A minha obra literária resumia-se no livro de versos "Poeira..." (1.ª série), editado em 1911. Hoje, passados treze anos, sou membro da Academia Brasileira de Letras, deputado federal pelo Maranhão, e tenho três filhos, e dezessete volumes publicados. Verdadeiramente, só agora começo a erguer a cabeça, encarando o sol, alegria da terra: até meados de 1927, vivi curvado sôbre a banca de trabalho, como o lavrador que lavra o seu campo. A luta era o meu castigo e o meu prêmio, minha profissão o meu salário. Mais livre, hoje, de preocupações sôbre o pão de cada dia, vou tentar, assim, mais uma vez, êste ementário de fatos e emoções. Levá-lo-ei, desta feita, por diante, ou ficarei, como das outras, em caminho?

Responda, por mim, ou a capa de mais um livro, na velhice, ou, neste outono da vida, a pedra de mais um túmulo.

Em janeiro de 1912, por ocasião de uma viagem a Parnaíba, no Piauí, comecei as minhas "Memórias", que reencetei, meses depois, no Pará, e em 1915, no Rio de Janeiro. Interrompidas ao narrar os acontecimentos de 1903, 17.º ano da minha vida, pretendo, agora, continuá-las. Se conseguir reatá-las, e chegar ao ano de 1927, essas "Memórias", unidas a êste "Diário", constituirão a minha autobiografia, completa e fiel.

A crônica dos meus dias é rica de ensinamentos, de lições aos rapazes pobres e desprotegidos, e poderá servir, um dia, àqueles que a conhecerem e sôbre ela meditarem. Considero-me, literária e pollticamente, um produto da vontade e do trabalho, podendo-se ver, pelas conquistas que realizei, que um homem, em um país como o nosso, pode construir, sòzinho, o edifício da sua glória e da sua fortuna.

A história de minha vida é um roteiro oferecido à mocidade que um dia a manuseie e, particularmente, aos meus filhos. Os rochedos em que bati, mesmo êsses me foram úteis, e deverão sê-lo aos que me lerem. Conhecendo-os, saberão aquêles que vierem depois de mim, que devem evitá-los, fugindo aos perigos que enfrentei e, conseguintemente, procurando, nessa altura, outros caminhos.

Como nas cargas de cavalaria de Napoleão, em Waterloo, os cavaleiros que vão na frente, na Vida, devem entupir os fossos para a passagem vitoriosa dos que vêm depois...

É Presidente da República, há um ano e pouco, o Sr. Washington Luís, antigo Presidente de São Paulo. Não o conheço intimamente, pois que, depois da sua ascensão à Presidência, jamais fui ao Catete. Deputado governista, não fui a palácio, com o Congresso ou com a minha bancada, nem na instalação da Câmara, em maio, nem no encerramento dos trabalhos legislativos, ontem. Tenho notícias, no entanto, da sua simpatia literária, — simpatia que manifestou fazendo-se representar, quando Presidente do Estado, pelo então Deputado Carlos de Campos, na minha posse na Academia Brasileira de Letras, em 1920, e em carta que então me escreveu.

Da sua pessoa, e da sua mentalidade, formo, todavia, uma idéia que pode ser falsa e injusta, mas parece corresponder à que dêle faz, no momento, todo o País.

Homem de, mais ou menos, sessenta anos, é o Sr. Washington Luís, fìsicamente, uma figura imponente, a mais imponente, talvez, que já passou pela Presidência, depois de Deodoro.

Alto, compleição robusta, patenteia nos gestos provocantes e desenvoltos o indivíduo que se consagra à ginástica e aos exercícios violentos. Cabelos brancos, principalmente na região temporal, não foi atingido pela calvície, usando um topête agressivo e um cavanhaque tão agressivo como o topête. Ilumina-lhe o rosto, permanentemente, um sorriso, que não é, contudo, nem da modéstia, nem da bondade, mas o do gladiador invencido que anda à cata de inimigos para derrotar. De assombrosa resistência, ama os prazeres da mesa, como Luculo, e os do leito, como César. Apaixonado pelas viagens terrestres, faz excursões quase diárias de automóvel, algumas de centenas de quilômetros, e não se fatiga. É, em suma, fìsicamente, um espartano feito monarca em Síbaris.

Intelectualmente, parece que a sua inteligência corresponde ao físico. Sem as delicadezas facultadas ao homem pela cultura apurada, examina as questões políticas e os problemas administrativos de modo superficial, procurando resolvê-los pelo processo mais simples e rápido. Não se detém em análises profundas, indagando a causa ou perscrutando o efeito das coisas: delibera e age. Não dispensa, diz-se, consideração aos que o procuram e, ainda menos, aos que o cercam, revelando-se, em tudo, voluntarioso e superior. Rei que é, hoje, do Brasil, reina e governa.

Êsse feitio tem sido, conta-se, o segrêdo da sua carreira vitoriosa. Onde há escravos, que se conformem em ser escravos, deve haver um senhor.

Êle é o senhor.

*Segunda-feira, 2 de janeiro:*

Encerrou-se anteontem, 31 de dezembro, o Congresso, do qual faço parte como deputado. E é de justiça que enuncie aqui a minha opinião sôbre a utilidade ou, antes, a inutilidade dêsse ramo do govêrno.

Os oito meses de Câmara, agora encerrados, valeram, no conjunto das minhas observações, pela experiência que poderia adquirir em vinte anos de vida literária. Tateando os deuses, tive ensejo de ver, agora, que êles são de pau ou de barro.

Alguém afirmou, uma vez, que as mulheres traem a sua origem e a sua moral ùnicamente na cama. É aí que elas se manifestam tais quais são, sem dissimulação nem hipocrisias. A política exerce, em relação aos homens, a mesma função. Nela, nas experiências a que os submete, é que se pode conhecer os indiví-

duos sem a indumentária fornecida pela educação. Ela é, em suma, o laboratório revelador das fraquezas individuais.

Privando, na Câmara, com algumas das figuras mais em evidência da política nacional, cheguei à convicção de que, por mais eminentes e sábios que sejam os membros de uma assembléia legislativa, a obra coletivamente realizada por êles será sempre defeituosa. Os cérebros de cinqüenta senadores ou deputados podem ser poderosos e criadores. A orientação que cada um imprime às suas energias, por efeito de educação, de temperamento ou de interêsses, é, porém, diferente. Daí a anarquia do trabalho, que se vai refletir nas leis e deliberações que dêle resultam.

Na Câmara, eu observei isso. Agindo em conjunto, os indivíduos perdem a noção da responsabilidade. Homens há, ali, capazes e de larga nomeada. Reunidos, porém, para legislar, não realizam, ordinàriamente, trabalho que corresponda à capacidade de cada um. Falta-lhes, talvez, disciplina na formação da cultura, fenômeno êsse de que resulta a falta de unidade de vistas quando se trata de criar e produzir.

A obra do Congresso, e principalmente da Câmara, tornou-se, por isso, e por outros fatôres, uma ficção. Ao contrário do que manda a Constituição, ela se limita à sanção, sem direito de veto, daquilo que o Presidente "vota".

* * *

Almôço no Jockey Club, oferecido ao Deputado Manuel Vilaboim, líder do govêrno na Câmara. Homenagem de pura iniciativa do Deputado Álvaro de Vasconcelos, do Ceará, em nome de 35 companheiros, escolhidos entre os amigos mais íntimos do homenageado, quis êle que eu figurasse entre os três promotores da festa.

Linda mesa ornada de orquídeas. Sentei-me entre Álvaro de Carvalho, deputado paulista, genro do Presidente Rodrigues Alves, prestigiosa figura de ontem, e Vanderlei Pinho, representante da Bahia, neto de Cotegipe, genro de Góis Calmon, Presidente do seu Estado, e promissora figura de amanhã. Em frente a nós, João Mangabeira.

Na palestra que se trava, em tôrno de casos políticos, nesse pequeno grupo, há uma referência a Pinheiro Machado.

— Afinal — observo, — não se pôde apurar, ainda, ao certo, se o desaparecimento de Pinheiro Machado foi, para o Brasil, um bem ou um mal. O novo rumo que tomamos terá sido um efeito da sua queda ou uma conseqüência da guerra, que modificou os destinos do mundo?

— Não; não tenha dúvida! — atalha João Mangabeira; — o desaparecimento do Pinheiro foi um mal!

E define o seu ponto de vista:

— Pinheiro Machado havia feito do Senado um poder fiscalizador do Executivo. Dali êle dominava o Catete. Com um mandato precário, a Câmara curvava-se ao gesto do chefe da nação; com um mandato mais longo que o do Presidente da República, o Senado podia enfrentá-lo, e impor a sua vontade. Enquanto Pinheiro existiu, essa fôrça foi utilizada em proveito da política, e para impedir escândalos praticados pela Câmara e pelo Executivo. Desaparecido Pinheiro, o prestígio do Senado continua; mas é exercido, apenas, no proveito pessoal dos senadores e, até, às vêzes, para apadrinhar interêsses desonestos.

E após um momento:

— Não sei por quê; mas o Senado nunca me tentou. Preferirei sempre a Câmara, mesmo com a precariedade do mandato...

*Têrça-feira, 3 de janeiro:*

No almôço, ontem, a Manuel Vilaboim, no Jockey Club, Graco Cardoso, ex-presidente de Sergipe, contava-nos, à mesa, o que fôra, ali, a presidência do General Siqueira de Meneses, soldado honesto, mas atrasadíssimo, que o Marechal Hermes da Fonseca pusera à frente daquele Estado.

— O Siqueira — conta Graco, — era apaixonado pelo cinema. Duas ou três vêzes por semana ia, em Aracaju, a uma dessas casas de diversão e, quando isso acontecia, era um tormento para os espectadores. Ao chegar à sala das projeções, a fita era imediatamente interrompida, fazia-se luz, e a orquestra atacava o hino sergipano. E quando o espetáculo recomeçava, o público se via na contingência de ver o que já tinha visto, pois que o filme, estivesse embora na última parte, voltava a correr, de novo, desde o princípio.

Ri o narrador, com a sua risadinha fina, sacudindo todo o corpo, que é vasto e abandonado à preguiça das banhas, e acrescenta:

— O apelido dêle, em Aracaju, era "Bacoa".

E dá os motivos:

— Nas procissões, nas festas cívicas, nas solenidades, havia, naturalmente, aglomeração de povo, que se acentuava nas proximidades da sua pessoa e das outras autoridades. Quando isso acontecia, o Siqueira não mandava um delegado, ou uma ordenança, afastar a multidão: levantava-se êle mesmo da sua ca-

detrás, ou saía do seu lugar, indo, êle próprio, empurrar o povo, como simples guarda-civil, exclamando:

— Anda!... "Fasta"... "Fasta"... "Bacoa!"... "Bacoa!"...

E o povo, entendendo-o, afastava-se, evacuava...

* * *

As línguas mais ou menos irreverentes da cidade e da política atribuem ao Presidente da República antigas e persistentes relações amorosas com uma senhora da alta sociedade paulista, neta de um velho soldado, que já representara no Senado um pequeno Estado do Norte. O regresso dêsse mesmo militar à mesma casa do Congresso, com o sacrifício do candidato verdadeiramente eleito; o prestígio inexplicável que aí adquiriu; a sua intimidade em palácio, — tudo isso vem acentuar nos espíritos malevolentes as suspeitas levantadas pelo boato.

Daí, êste trocadilho maldoso, que corre de bôca em bôca, e que me foi ontem repetido:

— Fulano (e vem o nome do político preterido, que é homem de letras) fêz tanto "sonêto", e não entrou no Senado; Sicrano (e vem o nome do adversário) entrou com uma "só neta"!

Eu não sei se algum dos Goncourt registraria esta perfídia. Brantôme, com certeza, a registraria.

Fico com Brantôme.

*Quarta-feira, 4 de janeiro:*

Convidado, por telefone, para ir à cidade, pelo auditor de Marinha, Henrique Alberto Magalhães de Almeida, irmão do Presidente Magalhães de Almeida, do Maranhão, ouço, dêle, esta frase:

— Sabe que, afastado como está o nome do Araújo Castro para suceder ao Zé Maria na presidência do Estado, tôdas as conversas apontam você como sucessor?

E dá-me os motivos:

— O Zé Maria acha que, sendo você o único homem que entrou para a política do Estado pela mão dêle, é o único incapaz de traí-lo. Êle sempre me disse isso.

O Zé Maria, a que se êle referia, é o próprio Magalhães.

Machado de Assis criou um tipo, o de Carlos Maria, que reflete um pouco da minha fisionomia moral. Machado define-o nesta frase:

— Se um dia, ao acordar, lhe dissessem que havia sido proclamado Imperador, o seu único espanto seria na demora do Ministério em ir cumprimentá-lo.

Efetivamente, na terra, nada me admira ou surpreende. O Destino nada me prometeu, e eu acho que já me tem dado mais do que eu merecia. A outros de menor mérito não tem êle, porém, dado mais do que me tem dado a mim?

No capítulo das tristezas, das contrariedades, dos desastres, a minha serenidade tem sido a mesma. Jamais aspirei a mais do que tenho, e, quando me falta alguma coisa que me fôra prometida, não me lamento nem me revolto. O que hoje perco, vai por conta do que ontem recebi a mais. A vida tem sido para mim uma espécie de "montanha russa"; e na "montanha russa" os vales são tão naturais como as iminências...

Essas alternativas do meu destino, recebidas dessa maneira, não puderam, por isso, jamais modificar o meu regime de vida, a minha furiosa paixão do trabalho. Trabalho com ardor como outros bebem, dançam ou fumam: porque encontro nisso o maior dos prazeres. Se tudo que se conquista com o trabalho me faltasse ao fim da vida, eu me consideraria, ainda assim, convenientemente pago com a alegria silenciosa que o trabalho me deu.

A Presidência do meu Estado pode vir, pois, ou não vir. Deus, o dono da vinha da Vida, não ma prometeu como salário; pode, portanto, dá-la a outro, mesmo que êsse outro, como na parábola, tenha começado a sua faina depois de mim.

* * *

Ao atravessar a Avenida, em frente ao Liceu de Artes e Ofícios, um amigo indica-me uma rapariga de altura acima do normal, de lindo rosto, e corretamente vestida, atrás da qual caminha, como o cão que segue o dono, uma criada de côr escura, e cujos olhos convergentes se cruzam como dois refletores sôbre um palco.

— Você não a conhece? — pergunta-me o companheiro.

E conta-me o romance daquela vida.

— Filha de um velho médico aqui do Rio, essa criatura casou com outro médico, discípulo, se me não engano, do pai. Órfã, ao fim de poucos anos, de pai e mãe, é, um dia, atacada de uma colite. O marido aplica-lhe, para aplacar as dores, uma injeção de morfina. Ao cabo de poucos dias, nova crise, nova injeção. Os efeitos do tóxico, o sonho delicioso no sono suave, seduziram a rapariga, que, dias depois, simulava novas crises, no

desejo de novas injeções. Médico da Assistência Municipal, o marido começou a suspeitar daquela reincidência das dores, a qual lhe denunciava a existência, já por culpa sua, de uma morfinômana. Suspende as injeções, e procura um colega, o Dr. J......., diretor do Sanatório G........, a quem confia a esposa, jovem e linda, para que êle, que se diz especialista, a desabitue do vício absorvente. A rapariga vai ao Sanatório, e, um mês após o início do tratamento, está quase louca. Posta em confissão, esclarece tudo: J....... também é morfinômano, e, ao recebê-la diàriamente no seu gabinete, trancava-se com ela, tomando, juntos, doses cada vez maiores do terrível entorpecente.

Apurada a verdade da confissão, vem o divórcio e, como conseqüência do divórcio, a prostituição. Sucedem-se os amantes, uns após outros, ou em conjunto. O tóxico torna-a insaciável, deliciosa, portanto, para a bestialidade dos homens. Freqüenta as casas suspeitas, os "rendez-vous", as "garçonnières". Tem dois filhos, que o marido deixa em sua companhia, enquanto pequeninos, e mora com êles, e um irmão, em um bairro chique da cidade. Uma noite, alta noite, soa a campainha do portão. A criada vai ver quem é.

— Minha senhora, é seu marido! — vem dizer-lhe a rapariga, alarmada.

— Vem matar-me! — pensa a cortesã, tomando o roupão.

O médico entra. Não vem matá-la, não. O que o traz ali é outro sentimento.

— Não pude mais, — diz-lhe êle, — não pude mais com saudades de ti. Depois que te abandonei, tenho andado nos braços de dezenas de mulheres, comprando o amor por tôda a parte e a todo preço. Nenhuma, porém, encontrei com o teu ardor, e capaz de dar-me os prazeres que me deste. Tem, pois, pena de mim, dá-me mais uma vez o teu corpo, concede-me, como tens concedido a tanta gente, mais uma noite de amor!

— Entra! — diz-lhe ela.

E entregaram-se ao amor, ou antes, à luxúria, até de manhã, — ato que ainda hoje se reproduz, dormindo os dois, juntos, como simples amantes, uma ou duas vêzes por mês.

— Há quinze ou vinte dias — continuou o meu amigo, — injetava-se ela, em casa, na coxa, quando, ao retirar a agulha, se sentiu tonta. Em dois minutos parecia-lhe que tudo em tôrno girava vertiginosamente, e que o ar se incendiava, e que de tôdas as coisas que passavam por diante dos seus olhos naquela farândola diabólica saíam chamas infernais, que procuravam envolvê-la e sufocá-la.

— Chamem meu marido! — gritou, alucinada, branca, de cêra, os olhos fora das órbitas.

Ao aplicar a injeção, a viciada havia atingido uma veia, penetrando o veneno, imediatamente, na circulação.

Quando o espôso chegou, a rapariga estava em plena alucinação. Avançou para êle, as mãos crispadas, retalhando-lhe o rosto com as unhas afiadas e côr-de-rosa. Êle tenta subjugá-la, mas não pode. O veneno dá à louca, à fragilidade de mulher, fôrças novas, energias imprevistas. Recuado para um canto do aposento, mete ela as mãos nos vestidos, faz a camisa em tiras, e aparece, linda e nua, diabòlicamente nua, a todos os olhos. Ao barulho da luta, acorrem o guarda-civil, um sapateiro das vizinhanças, o caixeiro da venda próxima, e as criadas, e o criado. E é o auxílio dessa gente que o marido pede, investindo contra a mísera que se debate contra êles, aos sôcos, aos murros, aos pontapés, às dentadas, ferindo uns, derrubando outros, até que tomba, nua, ensangüentada, subjugada, para ser amarrada, com grandes cordas, no leito em que vai receber as injeções sedativas.

No dia seguinte, parecendo melhorada, o marido leva-lhe os dois filhinhos para que sejam afagados. É a cura pelo sentimento. A rapariga passa a mão pela cabeça do mais novo, um lindo garôto de quatro anos. De súbito, acendem-se-lhe os olhos. Afasta de si o pequenito, olha-o fixamente, e, num gesto brusco, leva as mãos crispadas ao pescoço da criança. O pequeno grita, o pai acorre, aflito. A louca está estrangulando o filho!

Com os seus músculos de homem, o médico procura salvar o menino. Os braços da rapariga parece que são de aço. A sua fôrça nervosa é descomunal. Os criados trazem bengalas, ferros, pedaços de pau. E é à custa de pancadas, quebrando quase os ossos da mulher, que podem salvar a criança. Durante três dias estêve cega. De momento a momento atirava-se contra as paredes, procurando a janela para lançar-se à rua. Até que, há três dias, melhorou, e está vindo às duchas, com a criada. Ontem e anteontem veio com o próprio marido, que não tem repousado um instante desde que ela adoeceu.

E como informação de profissional:

— Sabe quantas ampolas tomava ela, já, por dia? Vinte e quatro... Duas caixas!...

Não estará aqui o arcabouço do meu primeiro romance?

*Quinta-feira, 5 de janeiro:*

Tarde de Academia. Encarregado da revisão do "Dicionário de Brasileirismos", levo, para serem publicadas na "Revista", as

primeiras páginas, revistas e alteradas fundamentalmente, dêsse trabalho, no qual vinha empregando as minhas melhores horas, nestes últimos dias. Aproveito, ao entregá-lo, a oportunidade para discutir a matéria, tendo usado da palavra três vêzes.

A história dêsse Dicionário define o espírito acadêmico, tal qual se o compreende no Brasil. Ideado há mais de vinte anos, os membros da Academia colecionavam os verbêtes, e os publicavam na "Revista" da casa, isoladamente. Duas ou três coleções de brasileirismos, inéditas e completas, foram adquiridas, por alguns contos de réis. Nomeou-se uma comissão especial, para trabalhar na obra. Admitiu-se um secretário, remunerado. Contratou-se a impressão, que começou a ser feita, em volume. E estava, já, o "Dicionário" na letra M, impresso e pronto, quando me veio às mãos um exemplar. Examinei as suas primeiras páginas e fiquei escandalizado: a obra da Academia, divulgada, cobri-la-ia de vergonha e ridículo. Não se havia feito, sequer, uma revisão tipográfica do trabalho. E quanto à parte literária, tais eram os dislates, os despautérios, as ingenuidades, que o "Dicionário" merecia mais, talvez, a denominação de "Sottisier".

Exibindo as fôlhas iniciais em plenário, fiz a crítica da obra, analisando-a com veemência. E essa crítica de tal maneira calou no espírito dos acadêmicos em geral, que a mesa ordenou a suspensão do trabalho, a destruição das 280 páginas já impressas, e a indenização de dezenove contos reclamada pela oficina que fazia a impressão.

Diante dessa atitude, e verificadas as dificuldades para a organização de uma comissão nova, ofereci à casa os meus serviços: eu faria sòzinho, e gratuitamente, a revisão geral do "Dicionário", que, na minha opinião, devia aparecer, primeiro, coordenadamente, na "Revista da Academia".

E foi a primeira contribuição, de dez páginas do antigo Dicionário, que agora levei, acrescidos de quase 50% de verbêtes novos e de abonações dos artigos. Ao entregá-los levantei, porém, duas questões: 1.º — os têrmos da língua portuguêsa caídos em desuso em Portugal mas restaurados, ressuscitados, restabelecidos por escritor brasileiro, devem ser considerados "brasileirismos?" 2.º — os derivados de vocábulo vernáculo, usados arbitràriamente no Brasil, devem ter, igualmente, aquela denominação?

A minha consulta pareceria graciosa se Teschauer, no seu "Vocabulário", não adotasse aquela orientação, motivo pelo qual o seu trabalho se torna dia a dia mais volumoso.

Solicitado por mim a dar a sua opinião sôbre o caso, Coelho Neto emitiu-a. Os vocábulos portuguêses antiquados em Portu-

gal, não devem, no seu entender, ser considerados "brasileirismos", como o quer Teschauer, ùnicamente por terem sido restaurados no Brasil. E recorda, a propósito, a observação que lhe fêz em artigo José Veríssimo, ao qual respondera, esclarecendo êsse ponto. Quanto aos derivados arbitràriamente formados em nosso país sôbre vocábulo vernáculo, êsses derivados continuavam a ser lìdimamente portuguêses.

A ausência de grande número de acadêmicos, que se haviam retirado da casa antes do início da sessão, e logo após o recebimento da cédula de presença (100$000), levou-me, de novo, a falar, duas vêzes. Apoiado pelos presentes, ficou resolvido que o Presidente, Augusto de Lima, oficiasse aos acadêmicos relapsos, pedindo um pouco mais de interêsse pelas coisas da Academia.

* * *

Nos últimos dias de dezembro, Medeiros e Albuquerque publicou no "Jornal do Comércio" um artigo de crítica literária, no correr do qual, analisando as figuras republicanas, apontava Campos Sales como o homem mais fatal que já teve o regime. Devia-se-lhe, é verdade, a restauração das finanças nacionais; a êle se devia, porém, igualmente, a anulação do Poder Legislativo, mal de que provêm, no seu entender, todos os males atuais. Em contraposição, louva, aí, Rodrigues Alves, que considera o Presidente ideal, cujo sistema de governar consistia em escolher os seus ministros entre os homens mais capazes do país, e em dar-lhes absoluta liberdade de ação. E cita, a propósito, a frase do grande varão:

— Meus ministros fazem tudo quanto querem; só não fazem o que eu não quero!

Em conversa, dias depois, na Câmara, com o Deputado Rodrigues Alves Filho, êste me confirmou não só a frase como o propósito, que animou seu pai, quando na Presidência, de restabelecer as prerrogativas do Congresso, postergadas pelo seu antecessor.

— Meu pai levava a tal ponto êsse respeito, — diz-me, — que jamais enviou um projeto ao Congresso sem consultar, primeiro, a maneira por que êste o receberia. Basta dizer que o líder da Câmara, por exemplo, não representava a opinião dêle perante a Câmara, mas a opinião da Câmara, junto a êle. Secretário da Presidência, eu vi meu pai, muitas vêzes, discutir horas e horas, com Cassiano do Nascimento, que era então o líder, a fim de modificar o seu pensamento, que era o pensamento da

Câmara, em relação a certos assuntos, sôbre os quais o Legislativo e o Executivo tinham opiniões divergentes. E muitas vêzes meu pai saiu vencido, curvando-se à vontade do Congresso, cuja opinião intransigente Cassiano lhe levava, com a declaração de que fôra impossível modificar a atitude das bancadas.

E numa frase:

— Nesse tempo, o Legislativo era autônomo...

*Sexta-feira, 6 de janeiro:*

Dia de preocupações e de tristezas, o de hoje. Como foi amargo o meu presente de Reis!...

Há muitos meses, — creio, mesmo, que há dois anos, — vinha eu sentindo fenômenos impressionantes no meu organismo. A princípio era uma inchação nas mãos, que se tornavam grossas e pesadas, principalmente pela manhã e após o banho de mar. Às vêzes, tinha a impressão de estar escrevendo com luvas de boxe, tal era a insensibilidade dos meus dedos. Consultei o meu médico e amigo, o Dr. Afonso Mac-Dowell.

— Isso não tem importância, — disse-me êle; — é o chamado "edema dos escrivães"... É um efeito, apenas, do abuso da profissão...

Pouco a pouco foram surgindo, porém, novos sintomas. Os pés começaram a inchar, também. O nariz tomou maior volume e, como o nariz, o lábio inferior. Senti que a língua me crescia na bôca, dificultando a enunciação das palavras. Era evidente, em suma, em mim, uma grande alteração orgânica e, em particular, fisionômica. Atribuídas essas alterações ao mau funcionamento das amígdalas, extirpei-as em setembro último. Grande hemorragia, e melhorei. Até que, agora, voltaram as antigas manifestações: mãos e pés inchados, língua espêssa, nariz e lábio inferior avolumados.

Explicar tudo isso, agora, de novo, com a teoria do meu amigo Mac-Dowell, seria levar muito longe o efeito da pena nas mãos ativas de um homem. Por que me incham os pés se eu, ao contrário de alguns dos meus colegas de Academia, não escrevo com êles? E a língua, e o lábio, se eu não sou campeão de maledicência e, ainda menos, de loquacidade?

Voltei, assim, hoje, ao consultório do mesmo profissional e amigo, e, para êle, foi uma surprêsa o meu aspecto.

— Você tem de ir, hoje mesmo, a um radiologista, — diz-me, após um exame ligeiro. — Isso deve provir da hipófise, a glândula cerebral que preside à circulação. O tratamento tem

de ser muito sério, e muito demorado. Não temos tempo a perder; do contrário, estará você, dentro de um prazo curto, inutilizado para o trabalho e, até, para o amor.

Das palavras sibilinas que adiantou, previ tôda a extensão do infortúnio que me ameaça. É a paralisia, talvez, que aí vem, subindo gradualmente das extremidades. É mesmo, — quem sabe? — o fim de tudo, que se avizinha. E logo me vi estirado nesta cadeira de repouso que tenho em frente, a olhar, imóvel, inútil, os meus livros, que nunca mais poderei manusear!...

Haverá tormento maior, na terra, que êsse de ficar um homem prisioneiro de si mesmo, com a sua inteligência encarcerada no seu próprio corpo, como um espírito num cadáver ou um pássaro num cofre fechado?

*Têrça-feira, 10 de janeiro:*

Do dia 8 até hoje, pela manhã, estive em Correias, acima de Petrópolis, aonde fui levar minha mulher e meu filho mais velho para passarem alguns dias. Clima bom, verdadeiro oásis de temperatura neste ardor de verão. Entretanto, não passei bem. Sono agitado e preocupação constante com a minha enfermidade.

Observo, todavia, num consôlo íntimo, que me não assalta mais, como outrora, o pavor físico da morte. O sofrimento longo, demorado, pertinaz, infunde-me mais horror que o aniquilamento definitivo.

É que a morte é como as serpentes: hipnotiza, aos poucos, o seu pássaro, antes de devorá-lo...

*Quinta-feira, 12 de janeiro:*

Sessão da Academia, com um ligeiro incidente, em que me vejo inopinadamente envolvido. Na sessão passada, falando sôbre a ausência da maioria dos acadêmicos, e lamentando, principalmente, a falta que faziam, retirando-se no início dos trabalhos, os membros da Comissão do Dicionário, à qual compete esclarecer o plenário sôbre a marcha da obra a seu cargo, referi-me, acidentalmente, a cada um dêles, citando os nomes de João Ribeiro, Laudelino Freire e Medeiros e Albuquerque. Um funcionário da casa, que ouvira mal o que eu dissera, contou a Medeiros que eu o havia atacado desabridamente, acusando-o de desmazêlo e desinterêsse, em relação ao trabalho remunerado de que se havia incumbido. A frase que me atribuíam era, mesmo, pesada e descortês.

Hoje, Medeiros surgiu na Academia com seis ou oito fôlhas de papel dactilografado, nas quais se defendia da minha suposta acusação, referindo que eu lhe não podia dar lições de assiduidade, pois que, sendo deputado, não deixei de comparecer às sessões da Academia, o que demonstra que, com a minha presença na Academia, descurava os meus deveres na Câmara. E termina renunciando o seu lugar na Comissão de Dicionário, lugar para o qual pedia, "para que os trabalhos corressem melhor, a indicação do Sr. Humberto de Campos".

Desde o princípio da leitura verifiquei que se tratava de um equívoco. A minha oração da sessão anterior tinha se revestido mais de bom humor do que de acrimônia. Sobretudo, não me havia passado, sequer, pela imaginação transformar Medeiros e Albuquerque em bode expiatório da Comissão de Dicionário. Era, em suma, tão descabida aquela defesa, que, à medida que Medeiros lia, sem que eu o interrompesse, a sua peça, crescia o meu espanto, como crescia o de todos os acadêmicos presentes à sessão anterior.

Quando o meu colega terminou a leitura das suas laudas, pedi eu a palavra. O coração, que me batia apressado, serenou, como um leão que se recolhe à sua jaula. A angústia com que eu escutava aquela defesa que a verdade transformava em agressão, mudou-se, como por milagre, em coragem, em energia, em desassombro. E comecei assim:

— "Entre as anedotas atribuídas ao nosso eminente e inesquecível Carlos de Laet, há uma, Sr. Presidente, cuja referência se torna, neste momento, oportuna. Conta-se que aquêle nosso Mestre costumava dizer, nas rodas de amigos e companheiros, que, habituado a discutir com tôda a gente, só havia um homem com o qual êle não queria debater. Era Medeiros e Albuquerque. E acrescentava, textualmente:

— "O Medeiros é surdo, e eu sou cego. O Medeiros faz um gesto inconveniente, e eu não vejo; eu digo um desafôro, e o Medeiros não ouve..."

"É nessa situação, Sr. Presidente, que me encontro neste momento. Porque, se o Sr. Medeiros e Albuquerque não fôsse surdo, ou se tivesse dado ao trabalho de, ao entrar nesta casa, passar os olhos pela ata da sessão anterior, cuja leitura não ouviu, estou certo de que S. Ex.ª não teria incorrido na prática da injustiça e da incivilidade de que me acaba de fazer vítima."

E entrei a explicar o caso com a veemência que os meus nervos requeriam. Eu não havia citado, senão incidentemente, o nome do Sr. Medeiros e Albuquerque, cuja pessoa não me in-

teressava mais do que as outras figuras da Comissão de Dicionário. Elogiara a Comissão e fizera, também, referências à falta dos seus membros no plenário, onde a palavra de cada um dêles se tornava, muitas vêzes, indispensável. Mas a Comissão não era apenas o Sr. Medeiros e Albuquerque, nomeado para ela na véspera. A Comissão era o Sr. Coelho Neto, era o Sr. Laudelino Freire; e era, principalmente, o Sr. João Ribeiro, seu Presidente, e mestre, guia e alma do Dicionário.

E citei, a propósito, a polêmica entre Bulhão Pato e Eça de Queirós. Supondo reconhecer-se no Alencar de Alenquer, de "Os Maias", Bulhão Pato atirara-se contra o romancista. "O meu personagem — replicou Eça, — é um misto de qualidades e defeitos, de virtudes e vícios, de sentimentos nobres e hábitos reprováveis. Se o Sr. Bulhão Pato se atribui a si mesmo essas virtudes, é um imodesto; e se se atribui êsses vícios, vem fazer perante a sociedade a confissão dos seus próprios defeitos." É o caso do Sr. Medeiros e Albuquerque. Por que se há de êle sentir pessoalmente alvejado, quando eu me referi em conjunto a uma Comissão que funciona há mais de um ano, e da qual faz êle parte há, apenas, quinze dias?

Não me cabia, outrossim, inveja ou ressentimento pela indicação do Sr. Medeiros e Albuquerque para a Comissão de Dicionário na vaga de Carlos de Laet. Que diga o Sr. Rodrigo Otávio (*), Presidente da Academia um mês antes, o modo por que eu aplaudira o nome do Sr. Medeiros para a Comissão, quando fui consultado. Que diga, igualmente, o Sr. Coelho Neto, a maneira por que me manifestei, em conversa, com êle, sôbre essa escolha, quando soube que o meu nome havia sido lembrado por êle e pelo Sr. João Ribeiro, e a satisfação com que declinei dessa indicação, preferindo para ela o Sr. Medeiros e Albuquerque. A sua gentileza, indicando-me para a sua vaga na Comissão, não tinha, pois, o mérito da originalidade. A honra da precedência coubera-me, a mim: antes de êle me haver oferecido o seu lugar, eu lhe havia, já, em silêncio, oferecido o meu.

---

(*) Ao consultar-me sôbre o processo a que devia obedecer a indicação de um novo membro da Comissão de Dicionário, Rodrigo Otávio perguntava-me como eu interpretaria o Regulamento.

— Quem é o candidato? — perguntei, depois de enunciar a minha opinião.

— O Medeiros... Êle veio pedir-me que o indicasse... — fêz Rodrigo, num movimento de ombros.

— É um belo nome, — concordei, de pronto.

E com a maior sinceridade:

— Suponho que não há ninguém, na Academia, em melhores condições.

Ao terminar o meu discurso, no qual experimentei mais uma vez a fôrça desconhecida que há em mim, e que me socorre de improviso, foram apertar-me a mão quase todos os acadêmicos. A Academia, em suma, num sentimento unânime de justiça, estava comigo. E Medeiros e Albuquerque foi cavalheiro: postando-se a meu lado, estendeu-me a mão, e, confessando estar certo de que fôra mal informado, declarou que retirava tudo quanto escrevera, pedindo-me tôdas as desculpas que o equívoco reclamava.

Abracei-o, e tudo terminou bem.

*Sexta-feira, 13 de janeiro:*

Lembrei-me hoje de uma frase que ouvi de Olavo Bilac, e que me ia esquecendo de registrar. Era em 1917, um ano antes da sua morte. Olhávamos o movimento da Avenida, parados à porta da casa Artur Napoleão, êle, Gregório da Fonseca, que era um dos seus grandes amigos, e eu, quando, a convite seu, atravessamos a rua para tomar café no "São Paulo". Sentamo-nos, os três, em uma mesa ao centro, aos fundos, e conversávamos sôbre o seu celibato, quando Bilac observou, de repente:

— E no entanto, eu tenho um filho...

— Você? — estranhei.

— Eu, sim, — disse-me, com gravidade, fitando-me.

Mexeu sua xícara, e acentuou:

— Só duas pessoas no mundo sabem disso: eu, que morrerei sem desvendar êsse segrêdo a ninguém, e "ela", que, mais do que eu, tem interêsse em cercar êsse caso de todo o mistério.

— Êsse filho vive? — indaguei.

— Vive, — confessou Bilac.

E voltando-se para o Gregório da Fonseca, que confirmou:

— Eu já não te disse isso, Gregório?

*Sábado, 14 de janeiro:*

Subida para Correias, adiante de Petrópolis, onde já se encontram minha mulher e meu filho mais velho.

A vida em hotel é, para mim, quase sempre, um contínuo constrangimento. Não sou expansivo e, temendo sempre aborrecer os outros, acabo, em geral, passando entre êles por mal educado ou pretensioso. Não tomo, jamais, a iniciativa de aproximar-me dos outros hóspedes, na persuasão de que a minha intimidade não lhes é agradável. Partindo, essa atitude, de um ho-

mem que faz parte da Academia Brasileira de Letras e é hoje deputado, ninguém a toma por timidez, mas por orgulho, por soberba, por presunção.

A modéstia da gente que se hospeda no hotel de Correias parece destinada, porém, a acabar com êsse defeito da minha educação. Já me aproximo de um ou de outro, conversando com êles. E como tôdas as "elas" são feias, já consigo, sem que minha mulher tenha ciúmes, conversar, também, com "elas"...

*Domingo, 15 de janeiro:*

O "Hotel D. Pedro", de Correias, é, como arquitetura, uma das nossas relíquias coloniais. Levantado em 1720 pelos Jesuítas, que aí tiveram uma das suas grandes fazendas com centenas de escravos, o casarão passou, depois de ter sido mosteiro, a residência senhorial da família Correia, nos fins do século XVIII. Em 1823 ou 1824, é sob suas telhas que Pedro I vai pedir aos ares da serra a saúde de uma das filhas, aproveitando a excursão, naturalmente, para mais uma ou duas aventuras amorosas. Dos seus vastos domínios é que, mais tarde, se desmembrou a fazenda do Córrego Sêco, na qual foi, no segundo reinado, fundada a, hoje. aristocrática cidade de Petrópolis.

O casarão é, ainda agora, externamente, o mesmo. Dentro, com exceção do salão nobre, no andar superior, foram feitas novas divisões. Sob as pinturas modernas afloram, porém, aqui e ali, os barrotes de madeira de lei, nos quais os pregos se torcem, mas não penetram. Lembram, êsses barrotes, a musculatura brutal de um gigante formidável, surgindo, soberba, vigorosa, magnífica, sob a camisa de sêda de um mundano do nosso tempo. Há janelas e portas interiores que parecem talhadas para fortalezas. A capela, de uma singeleza primitiva, é a mesma do tempo do convento. Entre estas paredes não se sonha nem com o Rio de Janeiro, nem com S. Paulo: imagina-se que ainda governa o Brasil S. Majestade D. João II, Rei de Portugal...

*Segunda-feira, 16 de janeiro:*

Entre os hóspedes do hotel, um há, tão bisonho como eu, mas que toma a iniciativa de aproximar-se de mim. É Manuel Bonfim, sociólogo e historiador, autor de "A América Latina", obra cuja documentação histórica me espantou quando, há vinte e dois anos, ainda adolescente, a li, no interior do Ceará.

Manuel Bonfim deve andar, hoje, pelos sessenta anos da sua idade. De estatura regular, apresenta a estrutura angulosa,

a ossatura sólida, dos nossos nortistas do interior. Bigode branco, aparado em escôva sôbre a bôca, parece ter tido abundante cabeleira, hoje rarefeita, e que tem, agora, o tom amarelo-sujo, dos indivíduos louros que envelhecem. O rosto largo, avermelhado, denunciando o temperamento sanguíneo, o espírito voluntarioso, em que se misturam orgulho e desconfiança, faria lembrar um intemperante, se se não tratasse de um homem que deixou a boêmia há trinta anos. Veste-se sem apuro, mas com limpeza. É médico, mas não exerce a clínica. Foi, há muitos anos, Diretor da Instrução no Distrito Federal.

Ao fim da primeira hora de palestra, em que êle falou 50 minutos e só me consentiu falar dez, eu me pergunto a mim mesmo:

— Por que êste homem não é, ainda, da Academia?

Nesse momento, é provável que êle, no seu íntimo, se esteja por sua vez, perguntando:

— Por que êste homem é, já, da Academia?

Manuel Bonfim tem idéias especiais e apaixonadas sôbre a nossa formação étnica, e a da nação, como entidade política. Na sua opinião, o esfôrço português para a colonização do Brasil foi nulo, insignificante. A atuação da metrópole circunscreveu-se exclusivamente à exploração da colônia, sem dar-lhe, em paga, melhoramentos, senão correspondentes ao proveito usufruído, ao menos daqueles que a providência aconselha a quem pretende conservar uma fácil fonte de renda.

— Basta dizer — observa, citando um autor inglês (Koster, se não me engano), — que, enquanto a Espanha, para povoar as suas colônias da América, se via privada de mais da metade da sua população, passando de 35 milhões, por ocasião da conquista, a 17 milhões, ao perder os seus domínios do Novo Mundo, com Portugal sucedia o inverso: possuindo pouco mais de um milhão de habitantes quando descobriu as Índias e o Brasil, em lugar de depauperar-se, enfraquecer-se, despovoar-se, fortaleceu-se, e cresceu, pois, em 1822, ao dar-se a nossa emancipação, o seu recenseamento acusava mais de três milhões de almas.

E faz, então, a apologia do índio, do aborígine, da sua eficiência na formação da nacionalidade que se vai formar, e conclui:

— Uma raça decadente, inútil, não daria êsses grandes capitães que se chamaram Martim Afonso (Ararigbóia) e Filipe Camarão (Poti), tão temidos e respeitados por franceses e holandeses, e que causavam espanto aos próprios portuguêses, seus aliados.

*Terça-feira, 17 de janeiro:*

Em palestra, em uma roda em que havia outras senhoras, amigas do casal Coelho Neto, minha mulher alude à queixa que nos fêz D. Gabi, espôsa do grande escritor. Por ocasião dos seus partos — e êstes foram quatorze, — Coelho Neto ficava nervosíssimo, e enchia a casa de amigos: Murat, Bilac, Guimarães Passos, Pardal Mallet.

— Imaginem agora a minha situação, — havia-nos dito Dona Gabi — nesses momentos, em que tôda mulher deve ter o direito de expandir a sua dor, os seus sofrimentos, eu não podia nem gemer, pois os rapazes estavam todos no gabinete de Henrique, fumando, bebendo, palestrando, separados de mim, às vêzes, apenas por uma porta!

A propósito disso, Manuel Bonfim, que foi do grupo, da mesma roda boêmia, explica o motivo por que a casa de Coelho Neto era, por êsse tempo, e ainda o foi por muitos anos, um centro de reuniões de homens de letras:

— Coelho Neto pertencia ao grupo, mas teve de casar muito cedo. A vida de boêmia era feita nos cafés, para onde se ia depois do trabalho no jornal. Não podendo ficar no "Java" ou no "Londres" após o trabalho de redação, ao lado dos companheiros, levava-os Neto para a sua casa, onde ficavam todos até alta madrugada. Quando era, por qualquer motivo, obrigado a ficar em casa, êles iam para lá, reconstituindo a roda como em qualquer café da cidade.

*Quarta-feira, 18 de janeiro:*

Em conversa com Manuel Bonfim sôbre a geração boêmia que de tão perto conheceu, fala-me êle de Aluísio Azevedo.

— Era uma das figuras antipáticas do grupo, ao qual, aliás, não queria pertencer, — conta-me. — Deu-me sempre a impressão de um invejoso, de um indivíduo que não se conforma com os triunfos alheios.

E recorda um episódio:

— Uma vez, ainda me lembro, estávamos todos no "Londres", e Coelho Neto conversava, animado, com a jovialidade de quem se sente feliz com os primeiros triunfos. Aluísio escutava-o, calado. Momentos depois, sai Coelho Neto. Aluísio volta-se, então, para os companheiros, e faz esta observação em que todos sentiram, logo, a angústia do despeito:

— "Êste Coelho Neto, se lhe traçarem no chão um risco que vá daquela parede àquela outra, e estenderem na direção do risco uma corda para êle se ir segurando, êle chegará cansado à outra extremidade da sala!"

* * *

A propósito das nossas questões de fronteiras, e especialmente do caso acreano, conta-me Manuel Bonfim, enquanto fazemos a digestão a andar, os dois, de um lado para outro, sob a latada de parreiras que se estende ao lado do hotel:

— Deputado no tempo do Prudente de Morais, Alcindo Guanabara pertencia à Comissão de Diplomacia da Câmara, à qual foram ter numerosos documentos oficiais sôbre as nossas fronteiras. Por êsses documentos, viu o Alcindo que todo o Acre, que depois adquirimos por uma compra desnecessária, era nosso, e resolveu escrever um livro sôbre a matéria. Escreveu-o, e encarregou-me de organizar os mapas, que eu efetivamente desenhei. De regresso do degrêdo, não tendo o Alcindo dinheiro para fundar um jornal, entrou em acôrdo com Serzedelo Correia, o qual havia trazido do Pará grandes somas. Serzedelo deu-lhe cem contos de réis, com que êle fundou "A Tribuna"; e ficou com o livro sôbre o Acre, que publicou pouco depois com o seu nome, e de que escreveu, apenas, o prefácio.

Fêz uma pausa, e concluiu:

— Examine êsse livro, e veja. Os estilos, o do prefácio e o da obra, são sensìvelmente diferentes...

*Sexta-feira, 20 de janeiro:*

Um violento acesso de gripe reteve-me na cama, com febre alta, ontem, o dia inteiro. À tarde mandei chamar um médico, em Petrópolis. Trouxeram-me um homeopata, o Dr. Raul Hargreaves. Receitou, tomei o seu medicamento até às oito da noite. Dormi sem sonhos, e despertei sem febre, e admiràvelmente bem disposto, às sete da manhã.

Diz Edmond de Goncourt que a homeopatia é o protestantismo da Medicina. Não terei eu motivos para, em relação ao tratamento dos meus outros males, converter-me, agora, ao protestantismo?

* * *

Em palestra com Manuel Bonfim a propósito da mentalidade científica dos políticos nacionais, refiro a polêmica travada

há uns vinte anos entre o fazendeiro e estudioso Vicente Chermont de Miranda, autor de um vocabulário da Ilha de Marajó, e o Engenheiro João Coelho, que foi por muitos anos Presidente da Câmara dos Deputados, no Pará, e, finalmente, Governador do Estado.

Durante o verão, em Marajó, o campo fica semeado de pequenos caranguejos mortos, não se vendo aí, vivo, um só dêsses crustáceos. À primeira chuva, porém, que desabe, o campo enxameia de caranguejos miúdos, que surgem do dia para a noite, ou melhor, da noite para o dia.

Impressionado com êsse fenômeno, João Coelho, já Presidente da Câmara, foi para a imprensa, e declarou, com a sua assinatura, que os caranguejos do campo demonstravam a verdade da revivescência dos sêres, pois, mortos no ano anterior, espalhados sôbre a lama sêca, retomavam a vida logo com a primeira chuva, pondo-se a correr em busca de alimento.

Essa afirmação ingênua do político trouxe a contraditá-lo Chermont de Miranda, o qual, com bom humor, explicou o caso. Com os ardores do verão, grande quantidade de caranguejos morriam, e ficavam expostos ao sol; outros, porém, conseguiam enterrar-se na lama, em lugares mais profundos, conservando-se aí durante a estação; e eram êstes que, emergindo do seu esconderijo, do seu refúgio, logo às primeiras chuvas, saíam a correr pelo campo nas planícies de Marajó.

João Coelho não se conformou, porém, com a explicação, e voltou aos jornais, resultando disso uma das polêmicas mais pitorescas que se têm travado no Brasil entre a ciência leiga e a ignorância diplomada.

Quando eu acabei de contar êsse caso, Manuel Bonfim objetou-me:

— Ora, o senhor está espantado com isso! Sabe que José do Patrocínio era farmacêutico; não sabe?

— Sei.

— Pois bem; eu acabava de receber o meu diploma de doutor em medicina, quando, uma tarde, em palestra na Garnier, o Patrocínio me afirmou que cabelo de peito de vaca, sendo ingerido de mistura com o leite, se transforma em verme, em umas cobrinhas intestinais. Procurei convencê-lo de que se tratava de uma superstição; êle, porém, enfureceu-se, declarando que nós, os meninotes formados na véspera, queríamos negar as verdades demonstradas pela experiência. E não houve meio de convencê-lo de que cabelo de vaca não podia virar cobra.

*Sábado, 21 de janeiro:*

Vem-me à lembrança, hoje, uma palestra, há três ou quatro anos, com o casal Coelho Neto.

— Era interessante o Henrique, — dizia-me Dona Gabi; — enchia a casa de rapazes, de amigos dêle, que aliás me respeitavam muito, mas tinha um doido ciúme de mim. Uma noite vínhamos todos do teatro, a pé, quando Henrique avançou para um dêles, que vinha a meu lado conversando, segurou-o pelo pescoço, encostou-o à parede e deu-lhe uma porção de murros.

Coelho Neto ouve a narrativa, ri-se da evocação, e completa, como quem tem saudades daquele tempo:

— Coitado!... Foi com o Pardal Mallet...

A conversa continua sôbre êsse assunto, e Coelho Neto conta:

— Ah, eu era de um ciúme de Otelo! Esta pobre criatura passou horrores comigo.

E resume:

— Eu chegava a passar a noite acordado, debruçado sôbre ela, que dormia, o ouvido atento, os olhos fixos, à espera de que ela, sonhando, dissesse um nome, para que eu descobrisse quem era o meu rival!...

* * *

Sob a parreira do hotel, que põe uma sombra na sombra da noite, Manuel Bonfim me fala da política imperial, e, como conseqüência, do Imperador.

— Pedro II foi um egoísta, um doente de vaidade. Comprazia-se em anular os homens mais eminentes, opondo-se a tôdas as iniciativas dos ministros. A vida dos Ministérios era estéril, porque êle não queria que os estadistas agissem por conta própria. Foi a sua visão estreita, pessoal, que nos levou à guerra contra o Paraguai, guerra que nos valeu a má vontade do mundo inteiro, menos pela sua desigualdade do que pelos motivos que a determinaram.

E a propósito da nossa política internacional:

— Se a República prestou ao país um grande serviço, foi êsse de nos afastar da politicagem no Prata, a qual nos forçava a guerras freqüentes. A invasão do Estado Oriental foi um disfarce de conquista. Com a formação da Cisplatina, milhares de rio-grandenses ali se estabeleceram, levando o seu gado e os seus haveres. Emancipada a Cisplatina, ficaram êles lá, mas que-

riam dominar o país, tornando-se senhores do govêrno. É essa, como se sabe, a origem do Partido Colorado, ao qual se opôs o dos Blancos, formado pelos elementos naturais, de origem castelhana... Quanto ao Paraguai, eu nunca vi campanha de descrédito mais indigna do que se fêz contra Lopez no Brasil.

E com veemência:

— Ao Imperador cabe a responsabilidade de haver destruído, por ciúme, um dos povos mais prósperos e adiantados do continente. O nome de Lopez começava a ser citado na França, com risco de eclipsar o seu... Carlyle já havia incluído o Dr. França entre os seus heróis... O Paraguai começava a impor-se, e, com mais um grande povo republicano à sua ilharga, a monarquia não poderia durar muito tempo. Essa é que é a verdade.

Faz uma pausa, e continua:

— E, no entanto, se o Paraguai não é destruído, e se tem unido ao Uruguai, talvez, hoje, os perigos fôssem menores. Seria, em tôda a extensão da fronteira, um Estado-tampão, entre nós e a Argentina...

*Domingo, 22 de janeiro:*

Após o jantar, Manuel Bonfim alude ao espírito "blaguer" de Bilac.

— Eu convivi com êle mais de trinta anos, — diz; — escrevemos livros em colaboração, auxiliamo-nos mùtuamente; e, mesmo ao tratar de negócios, de coisas de recíproco interêsse, jamais consegui fazê-lo levar a sério, em palestra, qualquer assunto. Blague discreta, elegante, maneirosa; mas sempre blague.

E como quem fere uma nota esquecida no teclado da memória:

— Não; minto: em Paris, uma vez, ouvi-o falar sério, com palavras que adivinhei partidas do coração. Bilac acabava de ler o prelúdio do "Chantecler", quando eu entrei no seu apartamento. Estava maravilhado. E foi, ainda, sob a emoção da leitura, que me disse, com tristeza:

— "Sabes qual é hoje o desejo mais ardente da minha vida?"

E com os olhos parados:

— "Não ter mais coisas práticas de que cuidar, recolher-me a casa, semanas, meses inteiros, escrevendo versos. Só assim eu poderia começar a obra que me supus capaz de escrever!"

* * *

É interessante a influência exercida sôbre os meus nervos pelo barulho da água mansa, isto é, de tôda a água que não seja

do mar ou das grandes torrentes. Uma fonte que borbulhe, um riacho que role de pedra em pedra, um repuxo de jardim, uma simples torneira aberta, — determinam em mim, no silêncio da noite, a mais comovida das sensações. Ao ouvir êsse barulho de água, vem-me a idéia de quanto seria brando o meu sono final, se me sepultassem nas proximidades de um dêsses córregos de serra, cuja voz me embalasse eternamente, de dia, à sombra das árvores, e à noite, sob a proteção maternal de tôdas as coisas silvestres...

A esperança de ser embalado por essa voz é a única que abranda, ainda, o instintivo pavor da morte que, às vêzes, se apodera de mim.

*Segunda-feira, 23 de janeiro:*

A Natureza ofereceu-me, hoje, um dos seus mais soberbos espetáculos. De viagem para o Rio, saí de Correias, de ônibus, a fim de tomar o trem em Petrópolis às seis horas.

Amanhecia. Correndo em tôrno dos vales, cintando-os, a estrada de rodagem era uma arquibancada enorme, sôbre a qual a minha cadeira, o ônibus, se movia rápida, procurando, doida, as mais belas paisagens. E estas eram maravilhosas.

O sol, que não mostrara ainda o seu disco, era apenas adivinhado pela claridade doce que punha no cabeço dos montes mais altos, fazendo ressaltar, nos penedos inteiriços e nus, como chapas de prata fôsca nêles engastadas, os finos lençóis de água. No vale, embaixo, a brisa cariciosa suspendia as leves colchas de bruma em que a terra havia adormecido, atirando-as para o alto numa fastástica dança de véus. Nos recôncavos da serra sentia-se que era noite ainda, e que a selva dormia, ainda, escutando os insetos. Um perfume de bôca de mulher sadia e nova subia, casto e voluptuoso, de tôdas as coisas.

De repente, um cabeço de monte se acende, como um farol. E outro, e outro, e mais outro. E a serra tôda se inflama, se ilumina, faísca, fulgura, na glória resplendente do dia.

Era o sol.

Em viagem de Petrópolis para o Rio, tomam o carro de primeira classe, em que viajo, um português, tipo de quitandeiro ou leiteiro, uma preta gorda e dois mulatinhos, filhos do casal. Ao entrar no carro, acomodada a família, o português tira o paletó, enrola-o, põe-no debaixo da cadeira, ficando em mangas de camisa.

Chamo para o caso a atenção de Manuel Bonfim, que viaja a meu lado. O gesto do português resume, aos meus olhos, tôda a história de uma classe ou de uma colônia. Habituado a trabalhar tôda a semana em mangas de camisa, o leiteiro, o caixeiro, de venda ou de armazém, o empregado braçal, tem o paletó como objeto suntuário. Daí, livrar-se dêle o mais depressa que pode.

Ilustrando êsse meu ponto de vista, Manuel Bonfim conta-me o caso do restaurante "Rio-Minho", famoso pelas suas peixadas e, em particular, por ter sido a cozinha predileta do Barão do Rio Branco e, depois, de Leão Veloso (Gil Vidal).

— O "Rio-Minho", — conta — era freqüentado por quase todos os negociantes portuguêses das vizinhanças do Mercado Velho, os quais, chegando ali, tiravam o paletó, estendiam-no no espelho da cadeira, arregaçavam as mangas da camisa, e atiravam-se, ferozes e brutais, à peixada clássica, à feijoada ou ao polvo com arroz. A presença de Rio Branco e de outros homens em evidência fêz, porém, com que os proprietários do restaurante reformassem o estabelecimento, melhorando-o, e proibindo que os fregueses ficassem em mangas de camisa. E o "Rio-Minho" quase fecha.

— Pode-se tirar o jaleco? — perguntou o primeiro comendador, no dia em que foi posta em prática a proibição.

E ante as escusas do dono da casa:

— "Então, cá não fico!"

E Manuel Bonfim conclui:

— Tal foi, em suma, a reação dos comerciantes portuguêses, que foi fundado ao lado do "Rio-Minho" outra casa do gênero, "A Cabaça Grande", na qual o freguês podia comer sem paletó. E os comendadores, todos, mudaram-se para lá!

O mesmo assunto leva Manuel Bofim a pôr em evidência, mais uma vez, a sua lusofobia.

— Portugal — diz, — só tem, hoje, uma salvação, porque só pode ter uma utilidade.

E explica:

— Ser comprado pelos Estados Unidos, que o transformariam em uma colônia de extinguir prêto. Com o seu gênio prático, os americanos mandariam para lá, de tempos a tempos, algumas levas de negros para cruzar com os portuguêses. Ao fim de um século, estaria a civilização americana, a do Norte e a do Sul, livres de dois flagelos: o português e o prêto.

*Terça-feira, 24 de janeiro:*

O efeito que obtive com a homeopatia, contra a gripe que me assaltou, fêz-me adepto, não sei se definitivo, da medicina de Hahnemann. Submeti-me a um exame detido, longo, minucioso, do médico homeopata Dr. Hargreaves. Contei-lhe o diagnóstico dos seus colegas alopatas, que viram na inchação das minhas mãos uma influência da hipófise, glândula cerebral que, na opinião dêles, preside à circulação e a outros fenômenos da vida humana. Conto-lhe, mais, a crônica da minha mocidade, e das minhas enfermidades dêste princípio de velhice. Êle sorri e conclui:

— Não disseram ao senhor, quando rapazola, que, se não se tratasse bem, viria a sofrer, mais tarde, as conseqüências daquelas aventuras?

— Disseram-me.

E êle:

— Pois, elas aí estão. O que o senhor tem é, simplesmente, um reumatismo articular...

E deu-me uns remédios suaves, "tablettes" minúsculas para tomar de duas em duas horas, até sua nova ordem.

Contou-me Félix Pacheco, uma vez, que Ferreira de Araújo, gravemente enfêrmo, resolveu, um dia, adotar o tratamento homeopático.

— A homeopatia tem, sôbre a alopatia, uma vantagem preciosa, — dizia o grande jornalista.

E definia:

— A alopatia mata; a homeopatia deixa morrer...

*Quarta-feira, 25 de janeiro:*

Em Correias, novamente. Sob a parreira do hotel, Manuel Bonfim me fala de Pinheiro Machado, cuja figura moral é descrita por êle com simpatia. E conta-me, a propósito, o que foi a batalha política na sucessão de Rodrigues Alves, em 1906.

— Desejando impedir a eleição de Bernardino de Campos, lançou Pinheiro o nome de Afonso Pena, ficando combinado com a política mineira que, sacrificado Bernardino, Afonso Pena renunciaria à candidatura, a fim de ser lançada a de Campos Sales. Conseguido o objetivo dessa trama, foi Carlos Peixoto incumbido de pedir a Afonso Pena a carta de desistência. E foi quando êste bateu o pé, recusando-a, com estupefação de tôda a gente.

E Bonfim conclui:

— Afonso Pena foi o primeiro homem que logrou a Pinheiro Machado.

— Carlos Peixoto, — diz — era um tipo curioso. Inteligente, culto, e, no entanto, supersticioso. Era como o Alcindo e o Lauro Müller.

E numa indiscrição:

— Não havia, no Rio, certamente, pitonisa ou feiticeira cujas portas não fôssem transpostas pelo Lauro, pelo Alcindo e pelo Peixoto!

*Quinta-feira, 26 de janeiro:*

Uma reminiscência de Bilac. No ano, já, da sua morte, conversávamos sôbre mulheres, quando êle observou:

— A mulher ideal, conheci-a eu.

E narrou, com grandes minúcias, o seguinte:

— Há tempos, fui eu, certa manhã, chamado ao telefone. Era voz de mulher, mas uma voz de mulher a quem se quer bem, voz de mulher que se espera desde o princípio da vida. Indagou da minha saúde, interessada naturalmente pela minha vida. Conversamos durante meia hora sôbre coisas honestas e ela, a insistente pedido meu, prometeu telefonar no dia seguinte. Prometeu e cumpriu. E assim se passou uma semana, duas, três, e um mês e dois. Todos os dias, às oito horas da manhã, era certo aquêle chamado, que eu já aguardava com ansiedade. Até que, um dia, eu insisti em conhecê-la. Aquela situação era para mim um tormento. Preferia, a bem da minha saúde, não a ouvir mais, a persistir naquele regime. E ela, diante da minha insistência, aquiesceu.

— "Bem, — prometeu; — desde que insiste tanto, ver-me-á amanhã. Às quatro horas, esteja no seu ponto habitual, na Avenida, à porta da casa Artur Napoleão, que eu passarei por lá.

— Mas, como poderei reconhecê-la no meio de tanta gente?

— Eu me farei reconhecer. Irei vestida de prêto, e olhá-lo-ei de modo que me reconheça."

— Às quatro horas menos um quarto, — continua Bilac, — estava eu no ponto indicado. E à hora certa, rigorosamente certa, vi surgir, vinda dos lados da Rua Sete, um dos tipos de mulher mais impressionantes que eu tenho visto na minha vida. Alta, elegante, fisionomia serena e doce, tôda êla irradiava beleza, graça e bondade. Ao passar por diante de mim, sorriu, e inclinou a cabeça, num cumprimento. Levei a mão ao chapéu, num esfôrço, tamanha era a minha emoção. Pensei eu segui-la, mas tais

foram o respeito e a ternura que a sua figura me despertou, que considerei isso um sacrifício. Preferi esperá-la, para vê-la mais uma vez, quando regressasse da Rua do Ouvidor, onde a vira desaparecer. E esperei-a em vão. Esperei-a até às seis, até às sete horas, quando o comércio começou a fechar as portas. E ela não voltou.

E após um instante de silêncio, como quem dá a última pincelada num quadro, ou conclui um conto da Carochinha:

— Não voltou nem, nunca mais, me falou...

*Sexta-feira, 27 de janeiro:*

A propósito de Capistrano de Abreu, cuja obra esparsa os amigos e discípulos, entre os quais está êle, pretendem coordenar e publicar, conta-me Manuel Bonfim que êste se identificava de tal maneira com as figuras do passado, que, ao estudá-las, tinha, parece, a sensação de viver entre elas.

E refere um episódio. Capistrano nutria por Frei Vicente do Salvador, mais do que admiração, uma espécie de religião. Editara a sua "História do Brasil", anotara-a, e amava-o como a um amigo vivo.

— Um dia — adianta Bonfim, — encontrei-o na rua. Parecia-me acabrunhado, sucumbido. Supu-lo doente, ou vítima de uma desgraça.

— "Você não imagina como tenho andado aborrecido!" — confessou. — "Sabe o que foi que eu descobri?"

E ante o espanto do outro:

— "Descobri, apurei, verifiquei, que a mãe de Frei Vicente foi uma viciosa, uma desonesta, uma senhora de vida escandalosa!..."

E despedindo-se, irritado e desolado:

— "Para que diabo foi essa mulher cair na prostituição?!..."

Sabendo-o depositário de informações preciosas sôbre a vida boêmia de Bilac, interpelo Manuel Bonfim, aqui e ali, disfarçando o meu interêsse, sôbre alguns pontos obscuros da biografia do grande poeta.

— Bilac, — diz-me — estêve em contato comigo durante longos anos. O lugar de inspetor escolar que ocupou por muito tempo, e que lhe assegurou o pão até à morte, foi obtido por êle por insistência minha.

E conta:

— Estava eu como diretor do "Pedagogium" quando fui convidado para Diretor da Instrução. Nomeado, indiquei Bilac

para substituir-me, interinamente, no "Pedagogium". No meu novo cargo, propus a criação de mais alguns, de inspetor escolar, e disse ao Bilac que escrevesse a Cesário Alvim, que era o Prefeito, pedindo a sua nomeação para um dêles. Escrupuloso em tudo, Bilac relutou. Não sabia pedir. Obriguei-o a sentar-se, e a escrever a carta. Dias depois saíam as nomeações, entre as quais a dêle. E ninguém ficou mais espantado com o sucesso da carta do que Bilac, o qual não podia compreender que um homem público, mesmo Cesário Alvim, contrariasse a ambição de dezenas de políticos, protetores de outros candidatos, simplesmente para atender a um poeta.

E ainda sôbre a mesma figura, do meu culto, e do seu:

— Bilac, nesse tempo, bebia muito. Êle descia para a cidade, ordinàriamente, entre as onze horas e o meio-dia, trazendo a sua crônica diária para "A Notícia". E começava a beber a essa hora, indo assim, a beber quase seguidamente, até alta noite, às vêzes até alta madrugada. Ainda tenho na memória uma das ocorrências dêsse tempo. Foi a 14 de novembro de 1904. Nós havíamos entrado em um restaurante daquela travessa que sai no Largo da Lapa, e em cuja esquina fica, ainda hoje, o Grande Hotel. Saímos tarde da noite e íamos para casa, quando, ao passarmos em frente ao Catete, vimos o palácio cercado por grande fôrça, que aguardava ali o ataque da Escola Militar, que obedecia ao comando do Travassos e do Lauro Sodré. Inteirado dos acontecimentos, Bilac, que havia bebido mais do que nunca, fêz alto, e declarou:

— Eu não posso ir para casa... Eu vou fazer companhia a meu amigo Rodrigues Alves!

E dando-se a conhecer, penetrou no Catete, onde ficou até o dia seguinte, valendo-lhe isso uma formidável descompostura do "Correio da Manhã".

— Rodrigues Alves — conclui Bonfim, — tinha por Bilac a maior estima. Dizia-se até que êste namorava uma filha do Presidente, que fazia o maior gôsto no casamento. O que é certo é que, se Bilac tivesse pedido a Rodrigues Alves um lugar na política ou na administração, teria sido imediatamente satisfeito.

*Sábado, 28 de janeiro:*

Em palestra sôbre Anatole France e os seus discípulos, Manuel Bonfim conta-me a impressão que lhe deixaram os homens de letras franceses.

— São para ser conhecidos de longe, — diz-me. — São, na sua quase totalidade, de um prosaísmo desolador.

E refere:

— Em 1902, por ocasião da minha viagem à Europa, sucedeu-me fazer uma excursão de trem com alguns dêles, que iam, em grupo, assistir a não sei que inauguração na província. Eram quatro ou cinco, entre os quais se encontravam Paul Bourget e René Doumic. Adivinhando que eu era estrangeiro, não se incomodaram comigo e puseram-se a conversar livremente. E que conversa! Nem um assunto interessante! nem um pensamento elevado! Do princípio ao fim da viagem levaram a falar mal dos outros, a difamar companheiros ausentes, e tudo isso com uma falta de linha e uma liberdade de vocabulário que mais pareciam um grupo de caixeiros em férias!

A nossa palestra volta a versar sôbre Anatole, cujos últimos livros parecem ter saído, não da sua pena, mas, por insinuação sua, da pena do seu secretário.

— O secretário de um escritor de nomeada acaba sempre se identificando de tal maneira com o seu chefe e mestre, que adquire o segrêdo das suas idéias e a mecânica do seu estilo.

E conta:

— Quando eu estava na Europa, o Alcindo Guanabara encarregou-me de procurar, em dias certos, os colaboradores do seu jornal, figuras tôdas de primeira ordem do jornalismo francês. E o meu entendimento era, quase sempre, com os secretários. Um dêles, o de Camille Pelletan, chegava a escrever o artigo à minha vista num restaurante, ou em qualquer lugar. Êle mesmo escolhia o assunto, escrevia, e punha por baixo o nome do patrão. Eu entregava-lhe a libra, importância do artigo, traduzia-o, e mandava-o para o Rio, onde era publicado... E assim faziam os outros colaboradores franceses, os quais, em geral, nem sabiam que temeridades e heresias estavam, e estão ainda hoje, correndo mundo sob a sua responsabilidade...

*Domingo, 29 de janeiro:*

Vêm-me, hoje, à lembrança, uma das expressões mais ásperas e inconvenientes que ouvi da bôca de Olavo Bilac.

O grande poeta estava, parece, desgostoso com a Academia. Manifestava êsse desgôsto, em uma roda de amigos, à porta da Casa Artur Napoleão, quando alguém lhe disse que pedisse demissão.

— É inútil, — declarou Bilac: — o acadêmico, uma vez empossado, pode demitir-se, atacar a Academia, dar o fardão aos criados; não adianta nada; só perde essa condição quando morre.

E logo:

— Três classes de indivíduos estão sujeitos a essa fatalidade: o acadêmico, o padre e o filho natural.

E definiu:

— O padre pode deixar a batina, casar-se no civil, romper com a religião; para a Igreja continuará sendo sempre o padre, que ela jamais casará. O acadêmico pode fazer como o Clóvis, que nunca mais quis ouvir falar da Academia; mas só será substituído por morte. É como o filho natural.

E acentuando a ironia:

— O filho natural, a mãe pode regenerar-se, e casar com o amante. O pai pode perfilhá-lo. Mas o desgraçado será, eternamente, o mesmo filho... natural.

E proferiu o têrmo, em tôda a sua brutalidade.

*Segunda-feira, 30 de janeiro:*

Notando, talvez, a minha curiosidade em conhecer episódios da sua vida boêmia, ou melhor, da vida dos boêmios que conheceu, Manuel Bonfim me fala do desejo, que tem, de fixar as suas reminiscências. E fala-me das figuras que entrarão nessa obra, se conseguir realizá-la: Bilac, Alcindo, Carlos Peixoto, Machado de Assis... E conta-me, dêste, uma anedota.

Saíam os dois, êle e Machado, da Livraria Garnier, quando, à porta, se detiveram, vendo passar a multidão que desfilava, suarenta e apressada, pela Rua do Ouvidor. Olhando aquela infinidade de homens que iam e vinham sem, ao menos, trocar um olhar ou um cumprimento, aquela Rua do Ouvidor tão diferente da outra que êle descrevera tantas vêzes, o romancista sacudiu a cabeça, com tristeza.

— Fe... festa de estalagem... — disse, na sua meia gagueira.

E definindo a própria frase:

— Todos dan... dançam, e ninguém se conhece...

## FEVEREIRO

*Quarta-feira, 1.º de fevereiro:*

Descida de Correias. Na "parada", enquanto o trem não chega, conversamos, em grupo. Descem para o Rio, na mesma

viagem, Manuel Bonfim e a senhora, D. Natividade, cujos cinqüenta e cinco anos ainda estão cheios de alegria de viver. Fala-se de Portugal e eu me refiro ao ódio que Bonfim vota ao português, e que manifesta não só em palestra como em tôda a sua obra de historiador.

— E o melhor, o senhor não sabe, — observa D. Natividade.

E no meio do meu espanto:

— É que... eu sou portuguêssa!...

O marido procura, porém, justificar-se, vermelho:

— Sim... Mas é que já estás traduzida!...

Foi essa a minha surprêsa do dia, e, mesmo, o "mot de la fin" da temporada em Correias.

*Quinta-feira, 2 de fevereiro:*

Às três horas da manhã acordo com um barulho de gritos de mulheres, que vem da casa vizinha. Homens falam alto, procurando contê-las. Três ou quatro pessoas choram alto, em desespêro:

— Minha mãe!... minha mãe!... Ah, minha mãe!...

Pela manhã tenho notícia da verdade. Foi a Morte que passou, arrebatando, de súbito, com um golpe no coração, uma senhora, mãe de duas ou três moças.

Dia triste, entrecortado de chôro, que vem da vizinhança.

Por que é que, quando o Grande Lôbo penetra de passagem no rebanho, e arrebata uma prêsa, se retraem, trêmulas, tomadas de pavor, tôdas as outras ovelhas?

* * *

Sessão da Academia. Tomo parte em duas ou três discussões, e levanto a questão dos verbos pronominais e, em particular, dos pronomes "lo", "la". A Academia, há tempos, havia resolvido que se escrevesse "amal-o", em vez de "amá-lo", por ser a primeira forma ordinàriamente empregada no Brasil. A comissão que elabora o Dicionário está, no entanto, empregando a forma oposta. Há discussão forte, sendo a minha reclamação enviada àquela comissão. O meu ponto de vista, assinalo, não é filológico: é disciplinar. A comissão não pode, por conta própria, alterar as deliberações da Academia, tomadas em plenário.

Faço o elogio de Blasco Ibañez, que acaba de falecer.

*Sexta-feira, 3 de fevereiro:*

É uma anedota digna de Bocácio, mas que mereceria, talvez, a atenção de Maupassant.

— Conhece a história daquele seu vizinho da Rua Álvares de Azevedo? — pergunta-me o Dr. ....... .........., atual diretor da Higiene Municipal, em Niterói.

E conta-me:

— Aquêle rapaz, agora casado em segundas núpcias, é, como vê, pequeno, frágil, miúdo, mas sempre gozou saúde. É português e trabalha no comércio. Um dia, casou. A moça era brasileira, e linda rapariga. Um dia, teve o rapaz uma indisposição, e foi chamado para medicá-lo o A. P., que dirige, hoje, a Casa de Saúde I...... Metido a conquistador, o A. P. encontrou na enfermidade do rapaz um pretexto para entrar na casa. Recomendou-lhe um tratamento constante, persistente, contínuo. Descobriu-lhe lesões no coração, hipertensão arterial, perigos de morte. E, em breve, era amante da espôsa do cliente ou, pelo menos, candidato a isso. Com a posse, ou com o desejo, veio, porém, o ciúme, o egoísmo do macho. Não queria, sequer, que a rapariga tivesse relações com o marido. E, para isso, declarou ao pobre diabo que, se tivesse a loucura de atirar-se a um prazer sexual, a morte seria certa: tombaria, no mesmo instante, fulminado. E dessa maneira apropriou-se, integralmente, da mulher do outro... Um dia, porém, o rapaz desconfiou, e foi a outros médicos. Os diagnósticos eram unânimes, considerando-o sadio, e vítima, apenas, de uma sugestão. Ao chegar em casa, pôs a mulher em confissão.

— E ela? — indago.

— Não sei o que disse, — informa-me o diretor da Higiene. — Sei apenas que, horas depois, tomava uma dose de veneno, obtido não se sabe onde, sem pensar, sequer, nos dois pequenitos que são criados, hoje, pela madrasta.

E para concluir:

— O entêrro foi logo no dia seguinte...

*Sábado, 4 de fevereiro:*

Vamos, eu e minha mulher, visitar Coelho Neto e Dona Gabi. Em palestra, referindo-se ao Maranhão, diz-me o grande romancista:

— Mas, sabe você, "seu" Humberto, a coisa mais ordinária que o Maranhão já produziu? Foi êsse moleque, êsse Viriato...

Ignorante e pretensioso! Sabe que disse êle de mim, em casa de uma família amiga?

— ?

— Disse que a minha glória assentava num monte de bagaço!...

Protestei. A frase não podia ser de Viriato Correia. Era pérfida, injusta, mas imaginosa. Estava acima da capacidade e do espírito de Viriato. Isso, em primeiro lugar. Em segundo: quando foi que Viriato já entrou numa casa de família?

*Domingo, 5 de fevereiro:*

Releio Nabuco na "Minha Formação". Acho-o mais harmonioso do que nunca. Mais harmonioso e mais profundo. Anoto, no exemplar que leio, a passagem do prefácio em que fala das borboletas vivas e das borboletas mortas, admirando o símbolo encantador que nelas vê; e anoto, particularmente, esta passagem do capítulo XVIII, em que se refere ao catolicismo do seu pai:

— "A dúvida não é sinal de que o espírito adquiriu maior perspicacidade, é às vêzes um simples mal-estar da vida. Uma existência ocupada por grandes trabalhos pode não ter um momento para dar à dúvida religiosa. Se não é exato dizer que a dúvida nunca ajudou nenhum dos grandes gênios da humanidade no traço ou no aperfeiçoamento da sua obra, o número dos que ela assistiu é seguramente pequeno, comparado ao dos que não precisaram de um sôpro de negação para os inspirar e souberam criar, crendo".

Nesse trecho encontro a resposta, que procurava desde menino, a uma das indagações mais persistentes do meu espírito. Lida essa página, fechei o meu coração, como um oratório, deixando dentro, apenas, as imagens que minha mãe nêle colocou...

Ai, em verdade, daqueles que passam a vida a arrumar, e a desarrumar, o oratório do seu coração!...

*Segunda-feira, 6 de fevereiro:*

É uma frase que me vem sempre à memória, esta, de Bilac. Será possível que ela tenha alguma coisa de profética?

Era em 1915, ou 1916, no tempo em que o grande poeta fecundava ainda no espírito o seu sagrado sonho patriótico. A idéia do sorteio militar era ainda uma hipótese. Com a esperança de levá-la a efeito, tôdas as tardes, na sede da Sociedade Brasileira de Homens de Letras, à Rua Gonçalves Dias, reuniam-se Olavo

Bilac e os oficiais do Exército: Gregório da Fonseca e Genserico de Vasconcelos. E foi quando, certa vez, na presença dêles, Bilac, voltando-se para mim, observou, com gravidade:

— Sabe? Cada vez eu me convenço mais de que a única salvação do Brasil está numa guerra!

— Numa guerra? — estranhei.

— Sim, numa guerra... Mas numa guerra em que sejamos batidos, vencidos, derrotados.

E com a mesma entonação, enquanto os dois oficiais batiam com a cabeça, apoiando-o:

— Será o único meio de destruir essa máquina política que aí está, e que é tôda a desgraça do Brasil. Uma guerra de que saíssemos vitoriosos, seria para nós infelicidade ainda maior, porque consolidaria ainda mais nas posições que hoje desfruta, essa camarilha que explora o país. E pelo que eu vejo, só o estrangeiro, intervindo aqui com as suas esporas de vencedor, poderá desmontar essa oligarquia nacional, permitindo o aparecimento de figuras novas, saídas do povo e que compreendam, por terem sofrido com o povo, as nossas necessidades.

Os oficiais, ladeando-o, sancionavam, com os seus gestos expressivos, aquela dolorosa convicção.

*Têrça-feira, 7 de fevereiro:*

Em encontro, na Livraria Leite Ribeiro, com o Deputado Hugo Napoleão, passamos a conversar, os dois, sôbre o misterioso assassinato do juiz federal do Piauí, Lucrécio Avelino, esfaqueado à noite, em Teresina, por dois desconhecidos que lhe foram bater à porta. Personagem bizarra, Lucrécio Avelino vivia só, celibatário que era, na mesma casa em que viveu e morreu seu pai, Demóstenes Avelino, que também foi juiz seccional. E é dêste que o Deputado Hugo Napoleão me dá notícias.

— Era — diz — a figura mais excêntrica de Teresina, quando eu o conheci. Baixo, trajando uma sobrecasaca preta, a sua presença infundia sempre respeito ou terror. Usava uma barba negra, e enorme, que lhe caía pelo peito. Não ria, nem sabia rir. Proprietário de uma casa enorme que nunca se abria, vivia aí sòzinho, sem parentes nem amigos. Não recebia visitas nem visitava ninguém. Uma vez por semana, saía de casa e ia ao Juízo Federal, dar audiência. Ia, e voltava para o seu covil.

E completa o perfil, com os traços morais do perfilado:

— Tome-se em consideração a circunstância de tratar-se de um ateu. Reúna-se a isso, e à figura do homem, a agravante de

aplicar tôdas as penas do grau máximo, e ter-se-á aí a impressão que o povo do Piauí recebia, por êsse tempo, da justiça federal. Raras eram as suas sentenças que o Supremo Tribunal não reformava, para diminuir a pena. Não era um juiz: era um carrasco.

Conta, então, um fato:

— Para ver o que era o seu espírito, basta o caso que eu lhe vou contar. Era costume seu ir à Delegacia Fiscal, no primeiro dia de cada mês, receber os seus vencimentos. Certa vez, o dia 1.º de março, ou de abril, caiu em uma Sexta-Feira Santa. Às duas horas da tarde o Dr. Demóstenes apresentou-se à porta da Delegacia e, encontrando-a fechada, mandou uma praça da guarda chamar o delegado fiscal e o tesoureiro para que lhe viessem fazer o pagamento. E tal era o respeito que infundia, que os dois funcionários compareceram, e atenderam-no, recebendo da sua mão, um recibo, o que se chamava no Piauí o atestado da venda da sua alma ao Diabo!... Êle cercava a justiça de tais aparatos, que ela era olhada no Estado como uma coisa infernal.

E Hugo Napoleão conclui:

— Foi à porta da casa em que viveu êsse monstro, que o filho, agora, tombou assassinado...

*Quarta-feira, 8 de fevereiro:*

Emile Faguet tem um livro sôbre amôres de homens de letras, no qual estuda, entre outras, as paixões de Voltaire e de Sainte-Beuve. Quando, há alguns anos, o li, veio-me a idéia de escrever uma obra semelhante, na qual estudaria a vida amorosa de alguns escritores brasileiros. Se chegar, um dia, a levar a efeito êsse plano de trabalho, é provável que recorra a êste subsídio de hoje, que é, na verdade, precioso e interessante. Trata-se da última paixão do meu querido e eminente Coelho Neto.

Com sessenta e um anos, em 1925, indo a São Paulo, conheceu Coelho Neto, ali, uma rapariga de 27 ou 28. Chamava-se C. L. e era relacionadíssima na sociedade paulista.

Dona de uma voz apreciável, e tendo certa cultura literária, a moça de S. Paulo interessou-se pela sorte do romancista, tomou a seu cargo a venda dos bilhetes para as suas conferências, promoveu, enfim, em sua honra, tôda a sorte de homenagens. E Coelho Neto regressou de S. Paulo encantado com C. L.

Do Rio, iniciou êle, com ela, uma dessas correspondências que são o encanto dos homens de letras, principalmente quando êles entram em decadência física e sabem que não podem mais

agradar de perto. Com o fio das cartas, teceu o amor a sua teia. Não há teia de aranha, porém, que não espere, ou não venha a sentir, o sôpro da tempestade. E a de Coelho Neto chegou um dia, com tôda a fúria das grandes tormentas.

Foi a espôsa do escritor, ela própria, quem me contou, há pouco mais de um mês, limpando as lágrimas que, duas a duas, lhe rolavam pelo rosto magro, a história dêsse amor e o modo por que o descobriu.

— Há muito tempo, — dizia-me —, eu vinha notando que Henrique estava diferente. Uma inquietação estranha se apossava dêle, tornando-o às vêzes alegre de mais, às vêzes de uma irritação que ia até o desespêro. Descia cedo para o gabinete a fim de esperar o Correio, espantando-se quando estava à mesa e ouvia no portão a voz do carteiro. Certa vez, esperava êle uma carta, registrada. Como não a recebesse, foi à agência do bairro, foi até à Diretoria-Geral, e tanto fêz que demitiu ou removeu o pobre estafêta.

Um dia, depois de receber a correspondência, saiu do gabinete, radiante. Queria fazer grandes modificações na casa. Por telefone mesmo chamou operários, e representantes de casas comerciais, encomendando sanefas, tapêtes, peças de mobiliário, louça de jantar. Foi ao alfaiate, mandou fazer três ou quatro ternos, ternos claros, de rapaz. Meteu criados, cozinheira de luxo, ensinando a copeira a servir como se serve em casa de gente de cerimônia. Parecia, mesmo, na sua alegria, um noivo que espera a noiva.

Dias depois, C. L. chegou ao Rio. Foi hospedar-se no Flamengo, no Hotel Central. Cedo ainda, Henrique descia, tomava o seu banho, perfumava-se, vestia um terno novo, retocava a arrumação do gabinete, e sentava-se, à espera. E às oito horas em ponto, batiam na janela. Era ela. Trazia sempre uma braçada de flôres, que dizia ser para o retrato de Mano, nosso filho morto. E aí ficavam a conversar como Romeu e Julieta às avessas — êle de dentro, ela de fora —, até que ela entrava para o gabinete, onde ficavam a conversar até a hora do almôço, quando ela se ia embora para o hotel. À tarde, voltava ainda, ficando às vêzes para jantar.

Absorvida pela saudade de Mano, eu não tinha fôrças para refletir sôbre aquela situação. Meses depois, tendo Henrique saído depois do almôço, aconteceu que uma das minhas filhas precisasse de um envelope ou de um sêlo, não me lembro bem. Mandei que ela procurasse na gaveta do pai, e a menina, encontrando a chave na fechadura, abriu a gaveta, e remexeu nos pa-

pés. Minutos depois chega êle, que voltara do caminho, aflito. Vinha atrás da chave, que havia esquecido. Ao dar com a gaveta em desordem, empalidece, e exclama, trêmulo:

— Você abriu esta gaveta.

Expliquei o que tinha havido, mas diante da perturbação dele, fiquei desconfiada. Procurei arranjar outra chave. Arranjei. E dias depois tinha a certeza de tudo: Henrique mantinha, há muitos meses, correspondência amorosa com C. L., escrevendo-se, os dois, duas e três vêzes por semana, trocando frases de verdadeiros namorados!...

Cientes do que havia, meus filhos, todos, puseram-se do meu lado. Dias depois, batem à porta. Era uma carta expressa. Meu filho Paulo recebe. Era letra de Cecília. Contra minha opinião, toma a carta, rasga-a, e põe fora. Momentos depois desce Henrique, e indaga:

— Onde está a carta expressa que o carteiro trouxe?

Houve, por parte de todos nós, tentativas de mentira, mas êle compreendeu tudo. Decidido a arrostar com as conseqüências do seu ato, Paulo pede-lhe que suba, e, lá em cima, no seu quarto, confessa a verdade. E acentua:

— Papai, o senhor enlouqueceu? O senhor não está vendo que essa mulher está zombando da sua velhice, que o senhor está se tornando ridículo aos olhos dela e de tôda a gente, e que está matando, assassinando mamãe, que sempre foi sua amiga, sua companheira de todos os momentos? Papai, isso não pode continuar!

Resultado: Paulo expulso de casa, mudando-se para a casa de Jorge, onde passou a viver.

E D. Gabi continua:

— Adoeci. Estive entre a vida e a morte. Diz-me Henrique que essa correspondência acabou, que nada havia, e nada há. Pediu-me que, se C. viesse ao Rio, eu a recebesse bem em nossa casa. Ela veio. Recebi-a como pude, sem manifestar a dor que me vai no coração. Que é que você acha, Humberto: acha que isso acabou?

— Não; não acabou porque nunca principiou, — tranqüilizo-a. — Tudo isso foi puro romantismo, simples impôsto pago pelo talento à fatalidade dos sessenta e quatro anos...

E fazendo-a rir, no meio das suas lágrimas:

— Menopausa...

*Quinta-feira, 9 de fevereiro:*

Eu conheci pessoalmente a figura central dêsse pequeno drama de família, que a história literária, para explicar-se a si mesma, tomará, talvez, um dia, em consideração. Via-a há pouco mais de um ano, no Rio, em uma visita que fêz à Academia.

Aparentemente, é um tipo vulgar de mulher. Morena, de um moreno claro, é mais baixa do que alta e, no todo, um dêsses tipos comuns de moça franzina. Vestindo com simplicidade, trajava, na tarde que a vi, com a elegância discreta das mulheres inteligentes. Tôda ela irradiava, todavia, uma graça imprevista, que devia ser estudada, mas em que havia, a quem a examinasse sem prevenção, todos os característicos da naturalidade.

A fonte dessa graça está, porém, se bem me recordo, nos seus olhos. Escuros ou negros, — não me lembro bem, — a verdade é que êles emprestam brilho à sua fisionomia, harmonia à sua voz, encanto e sedução a tôda a sua figura.

— Você conhece essa menina pela qual, segundo se diz, o Neto anda apaixonado? — perguntou-me, uma tarde, há quatro ou cinco meses, ao sairmos da Academia, Alberto de Oliveira. — Não é bonita; é mesmo uma figurinha insignificante; mas não sei que mistério tem ela que faz com que se fique com a sua lembrança depois que ela se vai embora.

E após um instante de silêncio, caminhando a meu lado:

— Eu próprio que aqui estou, já estive, por causa dela, em luta com o meu coração...

*Sexta-feira, 10 de fevereiro:*

Professor de psicologia, Manuel Bonfim contou-me, em Correias, uma história, para demonstrar os efeitos do mêdo sôbre os indivíduos mais corajosos.

— No caminho que unia a fazenda do meu pai a outra fazenda vizinha, em Sergipe, — começou, — havia um trecho que, no dizer do povo, era mal-assombrado. Segundo era corrente, alta noite, principalmente em noite de sexta-feira, aparecia aí a alma de um caboclo do lugar, o Manuel Antônio, se bem me lembra o nome, assassinado anos antes nas proximidades. Dezenas de pessoas já haviam visto o fantasma, e desistido de franquear o caminho à sua simples aproximação. Na fazenda havia, porém, um cabra, o Raimundo, que era, como se costuma dizer no sertão, "valente como as aramás". Bravo, corajoso, decidido, a sua fama era das melhor firmadas entre todos os valentões das redondezas. Tinha fama e era valente mesmo.

— Uma noite, um sábado, — continua Bonfim, — terminados todos os trabalhos da fazenda, depois do jantar, por volta das sete horas, apareceu o Raimundo com o cavalo selado, pronto para ir à vila, que ficava a umas três léguas de distância.

— Olha se o Manuel Antônio te aparece pelo caminho! — objetou, rindo, o meu primo, que já era rapaz.

O caboclo respondeu com uma bravata, meteu as esporas no cavalo, e partiu, desaparecendo na curva da estrada.

Uma hora depois, estávamos nós conversando no mesmo lugar, quando vimos surgir na estrada a figura de um cavaleiro. Era o Raimundo, que voltava. Interpelamo-lo com pilhérias, perguntando se tinha tido mêdo de encontrar o Manuel Antônio.

— Mêdo mesmo eu não tive, — respondeu-nos, visìvelmente sucumbido; — mas, ver, eu vi.

E contou-nos, pausado, o que lhe havia sucedido. Ao chegar no ponto do caminho em que Manuel Antônio costumava aparecer, surgira do mato um vulto, que se postara no meio da estrada. Ordenou-lhe que se retirasse, e a visagem ficou firme. Dera de espora no cavalo, para passar por cima; o cavalo, porém, cabriteara, recuando sem obedecer à rédea. E como ia desarmado, não insistira.

A sua narrativa fêz-nos calar. Impassível sôbre o cavalo, o caboclo ficou em silêncio durante alguns momentos. Refletia, talvez, sôbre os efeitos inevitáveis daquela aventura, prevendo o desaparecimento da sua fama de cabra corajoso e decidido. A capitulação naquele caso, diante do sobrenatural, seria um suicídio. De repente, levantou o busto, firmou-se no animal, que estremeceu, e declarou, resoluto:

— Mas eu volto lá!

De um pulo, apeou-se. Entrou no seu quarto, tomou um trago alentado de cachaça, prendeu o facão à cintura, pôs a garrucha no cós, e, não obstante o nosso conselho para que não fôsse, passou a perna no cavalo, agitou o chapéu, e partiu, a galope.

Duas horas mais tarde, conversávamos todos, ainda, no terreiro da casa, quando vimos aproximar-se, a passo, o cavalo do Raimundo. Em cima, caído para a frente, os pés nos estribos, a cabeça no arção da sela, os braços moles caindo pelo pescoço do animal, vinha êle. Saímos ao seu encontro.

— Raimundo!... Raimundo!...

Chamamo-lo. Sacudimo-lo.

Estava morto.

— Mandamos preparar os animais, e partimos, cinco ou seis homens, para apurar aquêle mistério. No local em que o fan-

tasma costumava aparecer, havia um tôco, à margem do caminho. Ao pé do tôco, no chão, onde a areia revolvida mostrava sinais de luta, estava a garrucha do Raimundo. Cravado no tôco, reluzia, à claridade da lua que acabava de nascer, a lâmina do seu facão.

Contando-me essa história, Manuel Bonfim, o psicólogo, evitou, todavia, depois de narrado o caso, tirar qualquer conclusão...

*Sábado, 11 de fevereiro:*

Mário de Vasconcelos, diretor de "O Imparcial", conta-me um fato, no qual se mostra a influência que têm, às vêzes, as pequenas coisas nas grandes cidades. Notando que a venda do seu jornal havia caído nestes últimos dias de calor intenso, mandara chamar o distribuidor, e o interpelara.

— É devido, mesmo, ao calor, senhor doutor, — informara o italiano: — todos os jornais têm sentido isso.

— E que tem o calor com o jornal? Lê-se menos nos dias quentes?

— Não, senhor; mas é por causa da roupa branca.

E apresentando o resultado da sua observação:

— Onde se vende mais jornal é nos bondes e nos ônibus; com o calor, a maior parte da gente sai de branco; e como o jornal suja as mãos, e a tinta largue na roupa, o passageiro, neste tempo, deixa de ler o jornal.

Aí está, pois, como os pequenos escrúpulos pessoais acabam constituindo afinal, um movimento coletivo.

*Domingo, 12 de fevereiro:*

A. L. A., filho do casal de escritores F. A.-J. L. A. e, êle próprio, poeta apreciável, casou, rapazola ainda, com uma graciosa criatura que a mãe lhe indicou para espôsa. Afetuosa e meiga, a nora de Dona J. L. tornou-se para ela, ao que parece, a mais afetuosa das filhas. Era ela, pelo menos, que acompanhava a escritora por tôda parte, rodeando-a em público de um carinho filial. Em uma das suas viagens à Europa, arranja, porém, A. L. A. uma amante, que traz para o Brasil. Aqui chegando, forma "ménage", noutra nova casa, deixando a mulher em companhia dos pais.

Não obstante a infâmia dessa conduta do filho, parece, todavia, que os pais de A. L. A. o desculpam perante a nora. Amor

de espôsa não é amor de mãe, que tudo justifica, releva e perdoa. Até que se manifesta o dissídio, em que se colocam ao lado do marido estroina, e contra a nora e cunhada, o seu pai, a sua mãe e as suas irmãs. Sem pai, nem mãe, sem irmãos, a moça se vê, repentinamente, sòzinha.

De súbito, tôda a família L. A. se muda para a Europa. A. vai, com a amante, e a família lhe leva a mulher. Até que, um dia, regressa ao Brasil com esta última, deixando a amante instalada em Paris.

No Rio, hospedado em uma pensão, o poeta parte para São Paulo, em viagem rápida. De lá, porém, embarca para a Europa, deixando aqui a espôsa legítima sem um real, sequer, para as suas despesas comuns.

Uma noite, logo que isso se deu, há três ou quatro meses, vai a moça procurar Mário de Vasconcelos, diretor de "O Imparcial", e conta o desespêro da sua situação. Abandonada há muito tempo pelo marido, sentia a miséria de perto. E conclui:

— A. é um infame, doutor Mário! A. sabia que eu fazia despesas, não me dava um níquel, que fôsse, para o bonde; e, no entanto, nunca me perguntou onde eu o obtinha!... Agora, feita a minha desgraça, só me resta seguir o meu destino: vou ser, por obra do meu marido, a mulher de todo mundo!...

E desatou a chorar, para apagar o fogo que lhe queima o rosto.

— E você, que fêz? — indago de Mário de Vasconcelos, quando êle me contou essa história amarga.

— Eu? Fiz o que devia fazer.

E resumindo as suas medidas:

— Como ela se desse em minha casa, pedi-lhe que não fôsse mais lá... Quanto à outra, à amante, pela qual o A. abandonou a mulher, era o que havia de ordinário. No Rio, enganava-o com qualquer um...

*Segunda-feira, 13 de fevereiro:*

O mais íntimo dos meus amigos, cujo nome, depois da minha morte, pode ser escrito aqui por extenso, precisa deixar nestas páginas um dos traços da sua mentalidade. Vidas há cujo desenho visível é um, e cujos riscos reais e profundos são muito diferentes daqueles que são analisados por todos os olhos. A dêle está nessas condições.

Para a família, e para os que o conhecem tão mal quanto ela, o maior defeito dêsse meu camarada consiste na sua paixão pelas mulheres fáceis, e em gastar dinheiro com estas. E nada há, na terra, de mais falso, nem de mais absurdo: de mais absurdo, porque êle é e sempre foi pobre, e de mais falso, porque essa paixão constitui precisamente o avêsso do seu caráter.

Se há uma grande e real paixão na vida dêsse meu amigo, essa é a do trabalho intelectual. A sua maior volúpia consiste em ler e escrever. O dia em que pode permanecer, de manhã à noite, debruçado sôbre a sua mesa de estudo, é dos mais felizes da sua vida.

Dia consagrado àquilo que constitui o prazer da maioria — em passeio, em visitas, em repouso, — é, para êle, dia dissipado. O trabalho, que para a maioria é um castigo, é, no mundo, o seu prêmio. Só êle, na terra, lhe dá felicidade.

Ocorre, porém, na vida dêsse meu sósia moral, uma circunstância. Coube-lhe no mundo a missão de sustentar, com os seus fracos ombros de homem sem fortuna, uma família numerosa, que não é sua, que lhe veio por afinidade, e que, ademais, ignora a extensão do benefício que recebe. Êsse pêso, que arrasta há quinze anos, tem sido a causa de um profundo desvio no seu destino. Verdade, ou não, o certo é que o benfeitor atribui à carga que representam êsses beneficiados o retardamento de muitos anos na conquista da fortuna e das posições a que, supõe, lhe dá direito o seu esfôrço.

Sentindo que o seu trabalho, a sua renúncia àquilo que constitui o prêmio da maioria dos homens, redunda em proveito, principalmente, de pessoas que não compreendem o bem que lhes é feito, o meu amigo sente em si mesmo, naturalmente, a mais profunda e justa das revoltas. A sua vingança estaria, naturalmente, em gastar o seu dinheiro, o produto da sua operosidade, também, consigo mesmo. Mas, que fazer, se essa vingança não está no seu feitio, isto é, se aquilo que constitui o prazer dos outros não é, pròpriamente, o seu prazer?

Na sua revolta vem-lhe, instintivamente, o desejo de fazer como outros, gastando fora do lar uma partícula do seu ganho. E, no entanto, como lhe dói êsse prazer! Que pena tem êle, às vêzes, do seu dinheiro, e, ainda mais, da sua hora perdida!...

A sua condição é, em suma, a de um indivíduo que, tendo horror ao "champagne", o bebe, embora entre engulhos, ùnicamente porque o "champagne" constitui a maior volúpia do paladar dos outros homens...

*Têrça-feira, 14 de fevereiro:*

Da mentalidade dos nossos governantes, dá idéia o episódio que nos contava, a mim, a Afonso Celso, e a outros, quinta-feira última, na Academia, Gustavo Barroso, idólatra de Epitácio Pessoa.

Conversava-se um dia, na casa de Epitácio, sôbre o prestígio que alguns chefes da nação emprestam a indivíduos sem a menor moralidade, quando aquêle ex-presidente exclamou, com a ênfase habitual:

— Eu não tenho o remorso de haver, jamais, dado a mão a quem a não merecesse.

— Perdão, — teria atalhado Gustavo Barroso; — mas foi V. Ex.ª. quem facilitou a volta do Gilberto Amado à Câmara. Sem V. Ex.ª, êle, repudiado como estava por tôda gente, não teria sido o que hoje é.

Colhido, assim, em flagrante, Epitácio Pessoa procurou explicar-se.

— Bem, — exclamara; — mas o meu gesto justifica-se.

E com a sua gravidade costumeira, voltando-se para Gustavo Barroso:

— Diga-me uma coisa: quando o senhor se casou, e montou a sua casa, não adquiriu uma mobília de sala de visitas?

— Adquiri.

— Não comprou caçarolas e trastes de cozinha?

— Perfeitamente.

— E não mandou vir da casa de ferragens certos vasos de uso privado, cujo nome se tem vergonha de pronunciar, mas que são indispensáveis?

— Naturalmente.

E Epitácio:

— Pois, foi o que eu fiz, e é o que explica o regresso dêsse moço à Câmara, no meu tempo. Os governos, como os donos de casa, se vêem forçados, às vêzes, a fazer a aquisição de certos vasos, que lhes causam repugnância, mas de que têm necessidade...

*Quarta-feira, 15 de fevereiro:*

Ontem à noite, como fizesse calor, tomei na Avenida Central, em frente ao Palácio Monroe, um dos ônibus que passavam. Trazia a tabuleta "Copacabana", e deixei-me levar, na esperança de receber, por alguns momentos, no fio da viagem, a consoladora

brisa do mar. Aguardava-me em caminho, todavia, o espetáculo mais bizarro, senão macabro, porventura esperado por um filósofo.

Entrando pela Rua S. Clemente, o carro penetrou, aí, na Real Grandeza. De repente, vê-se um clarão, uma extensa nódoa de luz, na outra extremidade da rua. O barulho alegre de duas bandas de música esclarece o mistério: é uma batalha de confete, que se realiza no bairro. Condenado a atravessar a região em que se trava a pugna carnavalesca, o ônibus avança, buzinando, para não esmagar a massa popular, que se torna mais compacta. E penetra na zona de guerra.

De súbito, confrange-se-me o coração: é que a batalha se trava precisamente diante do Cemitério de S. João Batista, cujos muros alvos se iluminam ao clarão de milhares de lâmpadas que atravessam a rua, algumas das quais fixam os seus fios nas próprias paredes da Casa da Morte!

Na rua, que atravesso com dificuldade, e onde o veículo fica retido quase uma hora, é o "bruhaha" da multidão bêbeda de alegria, o estrondo e o fonfonar de dezenas de carros, o ir e vir do povo, o bulício louco da vida. As luzes que iluminam tudo isso, e parecem tornar mais intensa essa algazarra, penetram, porém, o refúgio dos mortos, cujos mausoléus brancos se acendem, mostrando as suas esculturas. Suspensos em cruzes altas, os Cristos se debruçam quase sôbre o muro, como para pedir um pouco de piedade à multidão. Anjos marmóreos, guardas imóveis de sepulturas, fulguram na luz crua, a cabeça baixa, olhando a terra tantas vêzes regada de lágrimas. À esquina do cemitério, a sombra de um crucifixo vem projetar-se na rua, onde a multidão, passando e repassando, a pisa e repisa, inconsciente do sacrilégio.

Marchando diante do ônibus, e retardando-lhe a viagem, os "cordões" e "ranchos" desfilam, cantando. À frente dêles, na extremidade da necrópole, abre-se um túnel, que escancara a enorme bôca de granito, — bôca de Moloch, devorador de homens vivos. Os grupos carnavalescos vão entrando por ela, desferindo toadas. E à medida que vão entrando, as vozes se vão tornando mais tristes, mais soturnas, mais cavas, mais abafadas. Até que desaparecem dêste lado, e reaparecem do outro, em Copacabana, onde os foliões são aliviados, e como que reconfortados, pela delícia da brisa do mar...

À entrada da grande bôca de granito, olho o túnel e o cemitério. São, talvez, dois túneis. Êste último terá, porém, na outra extremidade, um clima suave, que compense o tormento da viagem?

*Quinta-feira, 16 de fevereiro:*

Sessão da Academia. Na sessão anterior, do dia 9, falei três vêzes: sôbre a necessidade da publicação das atas da Academia, e organização dos seus Anais; sôbre a ressurreição da glória de Nabuco, que atribuo ao renascimento religioso, que se verificou no Brasil, como em todo o mundo, depois da guerra; e sôbre os concursos, dos quais sou juiz. Hoje, falei novamente sôbre os Anais e as atas, sendo aprovada a minha proposta; e sôbre a desnacionalização dos "brasileirismos", em virtude da sua adoção pelos lexicógrafos portuguêses. A nossa contribuição para o vocabulário da língua é, já, enorme, sendo que, com o seu contínuo uso, os "brasileirismos" já não são registrados como tais pelos dicionários da outra margem do Atlântico. Chamo a atenção da Academia, mais uma vez, para a necessidade de definir o que seja "brasileirismo", pois, na minha opinião, é "brasileirismo" não só o vocábulo criado pelo povo, mas o neologismo indígena, isto é, o vocábulo criado por escritor, de acôrdo com as regras da língua, e que não é usado em Portugal. Rui Barbosa é, assim, na minha opinião, com os seus neologismos, um dos formadores da língua nacional. A Academia escuta-me em silêncio, dando mostras de concordar comigo.

*Sexta-feira, 17 de fevereiro:*

Incumbido pelo Presidente do Maranhão, Capitão-Tenente Magalhães de Almeida, de entregar ao Contra-Almirante Sousa e Silva a quantia de dois contos de réis, sua contribuição para a "Casa de Marcílio Dias", fui convidado para visitar a Escola Naval de Guerra, que funciona no edifício do Almirantado. E fiquei conhecendo a usina onde se prepara pacientemente, não sei se a nossa primeira vitória, não sei se o nosso primeiro desastre no mar.

Freqüentado por onze oficiais de alta patente, daqueles que terão, em caso de guerra, de assumir o comando da nossa esquadra — se a tivermos, — a Escola Naval de Guerra é, talvez, a mais amarga escola de sonhadores de todo o Continente. Verdadeiros mestres em teoria, aquêles marujos travam, nos tabuleiros de cada sala de estudo, os mais sangrentos combates com a esquadra argentina. Instruídos por três oficiais americanos, cada um dêles é capaz de derrotar, com os seus cálculos, os próprios instrutores. Onde, porém, encontrar, no momento da luta, os elementos que figuram nos tabuleiros? Onde os couraçados? Onde os cruzadores? Onde os submarinos?

Em conversa confidencial, o Almirante Sousa e Silva manifesta-me as suas tristezas e apreensões. O Brasil está desarmado no mar, e, em terra, não conta com aparelhamento para a sua defesa. Lançando mão de qualquer pretexto, a Argentina poderá ocupar o Rio Grande do Sul, até a fronteira de Santa Catarina, o território das Missões e o sul de Mato Grosso. E uma vez aí, poderá impor-nos, para evacuar êsse pedaço de pátria, um tratado de Versailles.

— E os culpados somos nós, militares, que somos indisciplinados, — exclama, indignado, um oficial, Capitão-de-Mar-e-Guerra. — O Govêrno Epitácio gastou centenas de milhares de contos para melhorar a situação do Exército, que foi dotado de dezenas de quartéis. E que fêz o Exército? Na primeira oportunidade revoltou-se contra o Presidente Epitácio! Supondo a Marinha mais leal do que as fôrças de terra, o Sr. Artur Bernardes se compromete a abrir um crédito de quinhentos mil contos para melhorar o material da esquadra. E estava tudo assentado quando explodiu a rebelião do "S. Paulo"! No entanto, foram gastos mais de um milhão de contos com o restabelecimento da ordem, isto é, uma quantia que, por si, bastaria para dar eficiência às nossas fôrças de mar, de modo a podermos estar seguros contra qualquer surprêsa partida dos povos vizinhos!

Em conversa com os instrutores americanos, êstes louvam, com efusão, a competência dos nossos oficiais.

— Três dêstes há, — dizem-me, — que têm emendado, aqui, cálculos dados como definitivos na marinha americana!...

E lamentam, como se fôssem gente nossa, a falta de um campo de ação para apurar essas capacidades.

*Sábado, 18 de fevereiro:*

Na Livraria Leite Ribeiro encontro Fernando Magalhães, membro da Academia, e um dos próceres da Liga de Defesa Nacional. Conto-lhe, com tristeza, o que vi, e ouvi, na Escola Naval de Guerra.

— São infundados êsses receios, — diz-me êle, sereno.

Espero a revelação, e êle continua:

— A Argentina não se aventurará a isso. A sua superioridade, em breve, estará destruída.

E com uma segurança de profeta:

— O futuro Presidente da República será Yrigoyen, que fará cumprir no govêrno os princípios pacifistas do seu partido, e fará desmontar a máquina militar que se está começando a cons-

truir. Essa atitude de Yrigoyen determinará um golpe militar, com um general no govêrno. E a luta civil destruirá, na Argentina, tôda a idéia de uma guerra conosco.

E lá se foi tranqüilo, como se tivesse passado uma receita infalível contra o perigo da guerra.

*Domingo, 19 de fevereiro:*

Os indivíduos de condição modesta que aspiram, pelo trabalho ou pelo talento, a uma situação de destaque no seu país e no seu tempo, são obrigados a pagar um impôsto que lhes reduz, de muito, a possibilidade da conquista, e lhes põe uma gôta amarga no cálice da vitória. É a família, quando organizada cedo.

Casando-se moço, o lutador escolhe espôsa, em geral, no meio em que teve origem e se encontra no momento, e que pretende, pelo espírito ou pela fortuna, abandonar. Aliado a uma criatura escolhida nesse ambiente, esta prefere, ordinàriamente, manter os seus hábitos, as suas relações, os prejuízos de educação aí adquiridos. E reage contra a ascensão, estabelecendo-se, então, entre ela e o espôso, o conflito fatal: êle, querendo subir, melhorar, mudar de meio, estabelecer novos hábitos no lar e novas relações na sociedade; ela, conservar os mesmos costumes, as mesmas amizades, a mesma vida, incompatível, já, com a situação conquistada pelo marido.

Aos homens de origem modesta que aspiram melhorar de condição social, deixo, pois, aqui, êste conselho: não constituam família antes de se porem em marcha para a situação almejada e, mesmo, de divisarem no horizonte o ponto que pretendem atingir. Só por essa maneira o seu triunfo poderá ser, no seu lar, convenientemente aproveitado, por eficientemente partilhado.

*Segunda-feira, 20 de fevereiro:*

Segundo dia de carnaval. Sem entusiasmo por êsse gênero de folguedo, tão contrário ao meu temperamento de reservado e de tímido, deixo-me ficar em casa, trabalhando, todos êsses dias. Tiro, todavia, dêle, às vêzes, um proveito secreto, que é, poder-se-ia dizer, a palha que o passarinho furta ao trigal imenso, para o seu minúsculo ninho escondido.

A parte que me toca nessa alegria por atacado, é a que me fornecem, de doze em doze meses, às pressas, êsses "choros" carnavalescos, êsses pequenos grupos de amadores que, armados de violão, clarineta, pandeiro, viola e cavaquinho, percorrem as

ruas ou cruzam a Avenida, tocando as músicas mais populares do ano.

A alegria, assim expressa, é menos uma gargalhada do que um soluço, ou melhor, menos um sorriso do que uma lágrima. E o que mais me espanta e faz meditar, é o modo por que aquela meia dúzia de mulatos pernósticos ou de pretalhões analfabetos, tiram do seu violão, da sua clarineta ou da sua viola, vozes tão fundas, tão comovidas, que parecem arrancadas do próprio coração. Ao escutá-los, a impressão que se tem é a de que aquêles indivíduos, quase todos valentões, e alguns até criminosos, se humanizam de repente, tomando de empréstimo, por um dia ou por algumas horas, a alma de um namorado ou de um santo. A impressão é ainda mais completa, quando, iniciada a execução do "samba", se os vê passar das brincadeiras estúpidas e dos ditos grosseiros a um estado de imobilidade e de êxtase, tirando do instrumento, mesmo do simples pandeiro, harmonias imprevistas, que arrebatam, comovem e, não raro, fazem chorar. Agarrado ao seu violão ou à sua viola, o cafajeste do Rio de Janeiro penetra, parece, os verdadeiros domínios da sua religião.

Que diamantes de sentimento dormirão nesse cascalho humano, cristalizado por sofrimentos ignorados e à espera, apenas, de um joalheiro que os faça polir?

*Têrça-feira, 21 de fevereiro:*

A 8 de dezembro do ano último faleceu Carlos de Laet, considerado, e com justiça, o maior publicista do Brasil atual. Monarquista literário e católico praticante, tornou-se notável, em particular, pela severidade dos seus costumes e pela energia com que, na imprensa, sob a sua assinatura, atacava os vícios alheios. Morreu aos oitenta anos, que completara dois meses antes, e com tôda a mocidade de espírito.

Em janeiro, dizia-me, todavia, o seguinte, Félix Pacheco:

— Queres ver quem era o Laet?

E contou-me:

— Uma das minhas irmãs é professôra pública na Escola do Largo do Machado. Um dêstes dias, ao serem reabertas as aulas, apresentaram-se de luto três mulatinhas, que já haviam freqüentado o ano anterior. A mais velha tem uns onze anos, e a mais nova uns sete. Ao vê-las de prêto, minha irmã indagou:

— Vocês estão de luto?

— Estamos, sim, senhora, — respondeu a mais velha.

— Quem morreu de vocês?

— Foi o papai.
— Aqui no Rio?
— Sim, senhora. A senhora, com certeza, ouviu falar na morte dêle... Saiu em todos os jornais...
E ante o espanto da professôra:
— A senhora não ouviu falar no Dr. Carlos de Laet?
E Félix conclui:
— Com oitenta anos, aquêle Catão tinha uma amante, uma enorme mulata de Botafogo!...

*Quarta-feira, 22 de fevereiro:*

Um amigo meu, cujo nome seria irreverência e temeridade gravar nesta página ao lado dêste episódio, contava-me, há dias, uma confidência daquelas que o Príncipe de Orléans diria "obtida entre dois lençóis"!

Tratava-se de uma linda criatura divorciada, vivendo com pai e mãe. Separada do marido por brutalidade dêste, com o pai enfêrmo e incapaz e a mãe a lutar com dificuldades, essa criatura jamais havia tido, quando casada, um amante ou um namôro. Nessa situação, encontra uma antiga amiga, que lhe dá conselhos de perversão. Por que não freqüenta uma casa alegre, dessas em que vão homens ricos e generosos?

Uma tarde, quando eram mais terríveis as necessidades, a amiga lhe aparece, e convida-a para a estréia. Vai com ela. Momentos depois é apresentada, em um dêsses antros do amor, a um conhecido engenheiro, homem idoso, e igualmente divorciado, a quem a mulher enganara, e que mora com as filhas. Levada para um quarto, êle despe-se; ela, porém, não tem coragem: em vez de despir-se, põe a cabeça nas mãos, e desata a chorar.

O engenheiro compreende o drama: veste-se, pede-lhe desculpas, toma a seu cargo, desinteressadamente, as despesas da família, apresenta-a às filhas, dando a essa amizade um cunho de honestidade e de desprendimento.

— E depois? — teria indagado o meu amigo.
— Depois, o Diabo cumpriu o seu dever.
E num epílogo inesperado, ou esperado:
— Fomos amantes dois anos...

*Quinta-feira, 23 de fevereiro:*

Inicio a leitura de "La Vie de Disraeli", de André Maurois, livro que devia ter sido escrito há trinta anos, para que eu o tivesse lido há vinte.

Nas suas primeiras páginas, referindo a influência que as humilhações exerceram sôbre o destino do estadista inglês, encontro esta frase: "Il lui semblait que la vie serait intolérable s'il n'était le plus grand des hommes". E logo, adiante: "Une âme qui a été blessée ne trouve plus la sécurité que dans le triomphe".

O melhor livro para crianças não será, acaso, aquêle em que se conte a vida heróica dos grandes homens?

*Sexta-feira, 24 de fevereiro:*

Tenho continuado nestes últimos dias a "História da Minha Vida", livro de memórias em que relato os sofrimentos, desastres e vitórias do meu caminho. Dêle ressaltam os meus defeitos e as minhas qualidades, — grandes aquêles, pequenas estas — mas, de qualquer modo, os traços que fazem da minha existência uma lição viva e proveitosa à gente moça que, depois da minha morte, dela tenha notícia. Reatando, dêste ponto do caminho, da Câmara e da Academia, o fio da narrativa, vem-me à lembrança uma frase pitoresca de Eliseu César.

— "Seu" Humberto, — dizia-me, no Pará, o grande tribuno negro; — nós somos como pimenteira em quintal que tem galinha. Enquanto a pimenteira é pequena, tôda pimenta que nasce, a galinha come; mas a pimenteira vai crescendo; e ao fim de algum tempo, já é inùtilmente que a galinha a persegue: a galinha pula, pescoço espichado, mas não alcança mais a pimenta.

A minha pimenteira estará, enfim, e para sempre, livre da perseguição das galinhas?

*Sábado, 25 de fevereiro:*

Relendo Southey, encontro no VI volume da sua "História do Brasil" uma passagem interessante sôbre a indolência do homem branco, em Minas, nos tempos coloniais. "Afirma-se, — escreve o historiador, — que nunca naquela capitania se viu um homem branco, por ínfima que fôsse a classe a que pertencesse, tomar nas mãos um instrumento agrícola!" — E adiante: — "Quase desconhecidos os livros, considerava-se degradante tôda a espécie de indústria. Poucas pessoas havia de riqueza colossal na capitania, meia dúzia de famílias apenas que possuíssem um capital de duzentos e quarenta mil cruzados ou trezentos escravos. Os que serviam ofícios públicos, e os comerciantes, chamavam-se os nobres das Minas, vivendo os primeiros exclusivamente dos seus

ordenados. Dêles se diz que tinham em horror tôda a espécie de estudos, passando horas e horas à janela, embrulhados em seus roupões de manhã, e dedicando aos negócios o menos tempo possível, de modo que o trabalho de um ano equivalia ao de trinta dias de seis horas cada um. Deixava-lhes êste sistema de vida amplo lazer para a devassidão e mesquinhas intrigas a que eram miseràvelmente dados".

Era isso em 1808, em Minas. Atenuada embora, é êsse, hoje, cento e vinte anos depois, a lepra de todo o Brasil.

Os casamentos de amor são como o caviar: todos o recomendam, todos o gabam, todos os acham deliciosos, mas poucos se não arrependem de o terem experimentado.

*Domingo, 26 de fevereiro:*

Em "La Vie de Disraeli", de André Maurois, que estou lendo, encontro esta passagem deixada pelo futuro estadista, após um dos seus desastres, em uma das páginas do seu diário: — "Toutes les erreurs de ma vie sont venus d'avoir sacrifié mes opinions à celles d'autrui... A l'avenir, je n'écouterai que mon instinct: il ne me trompe pas..."

Lendo essa confissão, eu me pergunto a mim mesmo:

— Quem sabe se tudo que eu tenho conquistado na vida não provém da circunstância de ter, até hoje, prescindido de amigos e confidentes, escutando, apenas, os conselhos do meu raciocínio e os ímpetos do meu instinto?

Efetivamente, se a minha solidão me entristece, eu tenho me arrependido, sempre, das confidências. Agora mesmo me vem à lembrança a lição que recebi em 1917, e que me fêz mais discreto e prudente. Acabava de chegar da Europa a segunda série da "Poeira...", e eu havia reservado alguns exemplares para os jornais. Secretário, que era, de "A Rua" o meu patrício V. C., fui eu à redação dêsse vespertino, à Rua do Ouvidor, oferecer-lhe aquêle que reservara a essa fôlha. Em palestra, perguntou-me êle que obra se seguiria àquela. E eu desvendei-lhe os meus planos. Meses antes, havia eu recebido de Castro Meneses, como presente de príncipe, um exemplar de "A Pátria Portuguêsa", de Júlio Dantas, edição de 1914, que ainda possuo. O livro havia despertado o meu interêsse, e como, para escrever os meus versos de "Os Descobridores", que se encontravam na "Poeira...", tivesse lido alguns volumes sôbre o nosso passado heróico, era propósito meu aproveitar êsses elementos, escrevendo um volume de contos históricos.

Ao ouvir-me, V. pediu-me mais um ou outro esclarecimento e, no dia seguinte, procurou-me na Livraria Garnier. Queria que lhe emprestasse as obras de João Francisco Lisboa. Deixei-as lá no dia seguinte. E qual foi o meu espanto quando, dias depois, V. surgiu no "Correio da Manhã" assinando contos históricos, mas tão apressados, tão sem substância, que pareciam menos contos do que crônicas!

Um protesto meu seria irrisório. Eu era um quase estreante, e êle, já, autor de três ou quatro livros de ficção. O cão fugiu com o meu pedaço de carne. Mas a lição me ficou...

Aos homens que têm uma aspiração de glória ou de mando, e pretendem colaborar no progresso do mundo, — nas letras, na ciência, na política, — o casamento mais recomendável é o de conveniência. O amor é sempre exigente e egoísta: arranca o homem aos seus deveres sociais. E isso com a circunstância de, ao morrer, deixar no coração um cadáver, o Ódio, que no-lo empesta para todo o resto da vida.

Do convívio de dois indiferentes pode nascer a amizade, que é fecunda; o resíduo do amor é sempre o ressentimento, que é destruidor.

*Segunda-feira, 27 de fevereiro:*

De cama, com um acesso de gripe, leio, além de velhos volumes dos "Anais" da Câmara, o livro de Lucien Romier, "Qui sera le maitre?", obra em que o autor põe frente a frente, disputando-se o domínio do mundo, a Europa e a América.

Os argumentos são interessantes, e fazem a apologia da máquina, como instrumento de riqueza. O americano tem a máquina; mas terá êle assegurado, com isso, para si, a hegemonia entre as nações? E o espírito? E a inteligência criadora? E o fator moral? Romier responde: "Le machinisme, laissé à son seul règne, sans être contrôlé par les règles éternelles de la supériorité humaine, qui sont les lois de l'esprit, de la famille et de la charité, un tel machinisme n'assurerait aux peuples que force illusoire et précaire. Le maitre du monde sera le "civilisé" sachant se servir de la machine, et non le "proletaire" cherchant dans la machine le secret d'une civilisation".

Balanceando êsses fatôres, o escritor acha, então, que a partida se mantém, por enquanto, indecisa.

*Têrça-feira, 28 de fevereiro:*

Mergulhando no oceano da minha memória, encontro, nela, as reminiscências de uma visita a Coelho Neto, há quatro ou

cinco anos. Havia aparecido, em nova edição, a "Treva", e êle nos havia mandado, a mim e à minha mulher, um dos primeiros exemplares. Lemo-lo, e concordamos em que se tratava de um dos melhores, senão o melhor, livro de Coelho Neto, e que o conto mais forte era, sem dúvida, "Noite de Núpcias", história macabra de uma viúva que casa segunda vez com um indivíduo parecidíssimo com o primeiro marido. A semelhança é absoluta, com a diferença, apenas, que o falecido não tinha ares tão tristes nem apresentava, como êste, as mãos tão geladas. Casam-se. E quando, na noite das bodas, se abraçam, no escuro, no mesmo leito, o que a rapariga sente de encontro ao seu corpo é um esqueleto, ao mesmo tempo que uma caveira lhe babuja o rosto, deixando-lhe a bôca cheia de terra. A noiva solta um grito de terror, a janela escancara-se, um fantasma pula-a fugindo. Os cães acuam no quintal. E só se ouve, na noite alta, a gritaria dos cães, pelos caminhos...

Em visita ao escritor, falo-lhe da impressão deixada pelo livro na minha casa.

— Ah, meu velho, — diz-me o romancista, o conto aumentará de importância se eu te contar como êle me surgiu.

E contou:

— Certo dia, há alguns anos, apareceram-me em casa uns rapazes, se me não engano do Colégio Militar, que me iam pedir um conto para um número especial da revistinha de classe que publicavam. Marquei-lhes um dia, para que o fôssem buscar. No dia designado, à noite, lá estavam êles, e eu não me havia, sequer, lembrado do compromisso; pedi-lhes, todavia, que o mandassem buscar no dia imediato, ou no outro, certos de que, dessa vez, eu lhes não faltaria.

Na manhã seguinte sentei-me à mesa, e entre os assuntos que me acudiram estava aquela história, que me haviam contado em uma fazenda, em Vassouras. Fechei-me no gabinete, e comecei a escrever. Escrevia e fumava. Fumava e tomava café. À hora do almôço, chamaram-me. Não quis almoçar, e continuei a escrever, alimentado de café e cigarros. À noite, à hora do jantar, não saí ainda. Não tinha fome, e sentia, com o cigarro e o café, o essencial para o trabalho do cérebro. Por volta de uma hora da manhã, enfim, terminei o conto, que se havia transformado em novela. Tôda a família dormia, sem que ninguém soubesse o assunto sôbre o qual eu estava escrevendo, trancado no meu gabinete. Subi, assim, para o meu quarto, e dormi, fatigado como estava.

Pela manhã, era costume nosso ir Bá, essa preta velha que mora conosco, levar-nos na cama uma xícara de café. Quando

ela, pela manhã, entrou com o café, parecia aborrecida. Perguntei-lhe se tinha dormido mal.

— Eu, nhonhô? Eu quase não dormi! — respondeu.

E queixou-se:

— Nhonhô precisa ralhar com essa menina... Essa menina foi se meter comigo na minha cama, tremendo de mêdo, e ficou agarrada comigo, assim, até de manhã. Nem ela dormiu, nem eu!

— Essa menina — continuou Coelho Neto, — era a minha cunhada Esmeralda, que era ainda solteira, e morava conosco. À mesa do café, interpelei-a, e ela contou, nervosa:

— Ah, Henrique, tenha paciência; mas a culpa não foi minha; foi uma espécie de pesadelo, que eu tive. Pesadelo, não, que eu vi. Vi, e olhe como eu me estou sentindo tôda arrepiada? Eu ia pegando no sono, quando — imagine! — vi um vulto pular a janela, e vir se deitar junto de mim, na cama; quis gritar, e não pude. Procurei empurrá-lo, e reconheci que era um esqueleto. E êsse esqueleto, todo sujo de terra, ora queria me abraçar, ora queria me beijar, chegando junto ao meu rosto uma caveira horrível. Num movimento de desespêro, consegui libertar-me, e corri para o quarto da Bá, onde fiquei sem dormir, apavorada, até de manhã!

— O caso — continua Coelho Neto, — intrigou-me. O sonho da minha cunhada era uma parte da minha novela, ou antes, da história que me haviam contado em Vassouras. Como, porém, se explicaria essa semelhança, se eu não havia contado a ninguém em casa o assunto sôbre o qual eu estava escrevendo no gabinete e se eu estivera, mesmo, na véspera, durante o dia todo, inteiramente isolado da família?

Dias depois, indo o Fajardo, o Francisco Fajardo, à nossa casa, contei-lhe o caso. Que explicação, dêle, me dava a ciência? O Fajardo deu-me a sua opinião:

— Coelho Neto — disse, — eu acho que êsse caso não tem nada de complicado. O que se deu foi, muito naturalmente, o seguinte. Durante o dia, para escrever, e ainda mais com o auxílio do fumo e do café, você teve que concentrar tôda a sua fôrça nervosa, pondo-a na dependência do trabalho cerebral. À noite, ao dormir, essa energia foi dispensada. O seu sistema nervoso relaxou-se. E os fluidos, que estavam na dependência dêles, se propagaram pela casa, em tôrno à sua pessoa, indo influir sôbre outros temperamentos nervosos, aqui existentes. O mais fraco era o da sua cunhada. E daí a visão que teve, e que não foi senão o reflexo do seu pensamento. É um fenômeno conhecido, e que é a base, mesmo, do hipnotismo.

— A explicação não me satisfez, — adianta Coelho Neto. — Havia aqui um velho professor, especialista em ciências ocultas, o professor Alexander, com quem eu me dava. Contei-lhe o caso. Disse-lhe a opinião do Fajardo. E êle abanou a cabeça:

— Não, senhor Coelho Neto; não é bem isso.

E deu-me o seu parecer:

— Na minha opinião, o caso ocorrido em Vassouras foi um episódio verdadeiro. Sem o saber, o senhor é um "medium", e ontem, escrevendo, invocando a sua imaginação, funcionou com êsse caráter. Invocados pelo senhor, aqui estiveram ontem os espíritos que figuram nessa história, principalmente o do personagem principal. E como a sua cunhada é vidente, foi a única que se apercebeu dessa presença.

— E aí está, meu velho, conclui Coelho Neto, — aí está a história complicada dessa novela que tanto impressionou às pessoas da tua casa...

*Quinta-feira, 29 de fevereiro:*

Um jornal do Maranhão, hoje recebido, identifica um nome que se achava no fundo da minha memória: José Pedro Ribeiro.

Menino ainda, em Parnaíba, ouvia minha mãe pronunciar êsse nome como o de uma grande figura universal. Êle representava, aos seus olhos de antiga espôsa de comerciante, a vitória máxima na vida. José Pedro Ribeiro era, em verdade, a maior figura do comércio do Maranhão, nos primeiros anos de República. E daí, naturalmente, a admiração que lhe votava meu pai, e de que minha mãe partilhava. Ao chegar a São Luís em 1900, e ao subir, para entregar ou receber uma carta, as escadas da grande casa bancária, agência de vapôres inglêses, era com orgulho que parava nos degraus, que eram, aos meus olhos, os degraus do templo do Trabalho e da Fortuna. O nome de José Pedro Ribeiro chegava a ter gôsto no bico da minha pena.

Passam-se os anos. As mãos maneirosas da política voltam o meu rosto, de novo, para o Maranhão. Leio, outra vez, o nome de José Pedro Ribeiro. Vem nos balanços do Tesouro do Estado, do qual êsse José Pedro é diretor. Será o mesmo? Não; deve ser outro. Algum parente, talvez... O outro, certamente já morreu, há muito tempo, nos esplendores da sua fortuna.

Agora, vêm-me os jornais. Morreu José Pedro Ribeiro, Diretor do Tesouro. E leio o seu necrológio: "José Pedro Ribeiro foi uma das maiores figuras do comércio maranhense. Verificado o desastre da sua casa comercial, entrou como simples empregado

da Casa Oliveira Neves & Cia., onde o Presidente Magalhães de Almeida o foi buscar para entregar-lhe a direção do Tesouro do Estado. . ."

Ao ler essa notícia, voltei-me para dentro de mim. E ouvi uma voz soturna, que dizia assim:

— Jó, se um dia reconquistares as tuas ovelhas, e os teus camelos, e os teus bois, enfim, tôda a tua fortuna, não ponhas fora o teu caco de telha. Quem sabe não terás de voltar, um dia, faminto e coberto de chagas, ao monturo de Ur?

## MARÇO

*Quinta-feira, 1.º de março:*

Sessão pública da Academia, com Afonso Celso, Medeiros e Albuquerque e Coelho Neto na tribuna. Gripado, com acessos de tosse, deixo-me ficar fora do salão, na sala das sessões comuns, onde encontro Hélio Lôbo, que acaba de chegar do Uruguai, onde é nosso ministro. Peço-lhe notícias da nossa diplomacia ali e êle mas dá. As velhas questões com aquela República estão tôdas resolvidas: questões de fronteira, questões de comércio, as quais não tinham tido seguimento, desde Rio Branco. E uma das que reputo mais importantes, está iniciada e será levada a bom têrmo: a supressão, nos livros escolares, das referências desairosas ao Brasil, as quais são muitas e graves e têm alimentado, de geração em geração, as prevenções que ali existem contra nós.

— O maior obstáculo consistia na intransigência de uma sociedade patriótica, disseminadora da instrução, que existe em Montevidéu e tem grande influência em todo o país. Felizmente consegui convencer os seus líderes de que era preciso preparar um ambiente novo, mais favorável à paz, devendo ser redigido um acôrdo em que tantos os livros escolares dêles, como os nossos, sejam despojados de tudo que possa constituir fermento de ódios e antipatias.

E num sorriso diplomático:

— E olhe que, com a política que algumas vêzes seguimos no Império, o ressentimento dêles, em parte, tem razão.

* * *

À saída, encontro Gregório da Fonseca, Tenente-Coronel reformado, amigo íntimo de Bilac, seu braço direito e seu melhor

colaborador na famosa época cívica do sorteio militar. Peço-lhe informações sôbre uma conferência do Sr. Dinis Júnior, que se apresentou a si mesmo como um dos iniciadores dessa campanha, ao lado dêle, Gregório, e de Genserico de Vasconcelos.

— Eu também fiquei espantado quando li a conferência, — diz-me o oficial. — Mas a verdadeira história dêsse movimento já está feita por mim em um discurso, que se acha impresso, na Liga de Defesa Nacional. E a verdade é que Dinis não figura nêle. O movimento não foi sugerido nem impôsto a Bilac por ninguém: nasceu por si mesmo. Bilac voltava da Europa, de um ambiente em que a guerra apurava o civismo dos povos; aqui chegando, apresentei-lhe o Genserico, que vinha de Buenos Aires, impressionado com o espírito cívico e militar do povo argentino. Contrastando com um e outro, encontravam os dois, aqui, a nossa politicagem baixa, mesquinha, pessoal. Urgia uma reação. Ou ela se operava, ou o Brasil estaria perdido. A minha situação no Ministério da Guerra favorecia a realização dêsse sonho: a formação de um espírito nacional, através da caserna.

E segurando-me pelos ombros, como para me gravar isso melhor na memória:

— Porque é preciso compreender que Bilac desejava a educação militar para formar a nação civil. Era preciso criar uma mentalidade nova que tornasse impossível a continuação da politicagem que devorava a nação. E a prova é que, ao fundar a Liga de Defesa Nacional, êle fêz questão de que só entrassem para ela homens sabidamente limpos... Você sabe como Bilac era amigo do Azeredo... Pois, bem: quando formamos a Liga, alguém propôs para ela o Azeredo, Presidente do Senado, figura que levaria para ela o prestígio oficial e a aprovação, pelo Congresso, das medidas que a Liga indicasse. E Bilac se opôs, não consentiu. Que confiança poderia merecer do país uma associação destinada a reformar os costumes políticos, e que começava dando entrada a um dos expoentes mais conhecidos dessa politicagem que pretendia derrubar?

Voltou ao ponto de partida:

— É pena que o Genserico se encontre fora, na Suíça; senão, eu o convidava, e nós, os dois, escreveríamos agora a história do movimento de que resultou o sorteio, e de que tanta gente, agora, diz ter participado...

Voltamos a falar de Bilac, e eu lembro a Gregório a revelação, que êle nos fêz, da existência de um filho seu. E indago a veracidade da informação.

— Lembro-me perfeitamente, — diz-me Gregório; — mas, a falar com franqueza, não pensei mais nisso. Bilac já me havia

falado naquilo; mas, como você sabe, êle dizia sempre as coisas de tal maneira que a gente nunca sabia se êle estava pilheriando ou falando verdade... Mesmo o caso da Amélia, a coisa mais séria da vida dêle, êle nunca levou a sério.

— A Amélia é a irmã do Alberto...

— É; é a famosa paixão da sua mocidade... Desde o rompimento, êles nunca mais se falaram. Nos últimos anos da vida do Bilac, a Amélia, de quem eu era e ainda sou íntimo, falou-me várias vêzes para conseguir dêle uma aproximação. Não havia nenhuma pretensão amorosa; estavam ambos maduros, e nada mais natural que se vissem como simples amigos de mocidade, que se encontravam de novo. Mas Bilac se opôs sempre. Não queria de modo nenhum.

— "Que diabo de graça tem agora, — dizia-me êle, — nós nos encontrarmos? Que diabo vamos dizer um ao outro? Eu estou velho, neste estado; ela é hoje uma verdadeira matrona. Eu morreria de ridículo".

— Às vêzes, — continua Gregório, — nós estávamos juntos, quando víamos a Amélia surgir longe, numa esquina ou numa porta. Bilac dava-me um puxão no braço, para mudar de caminho:

— "Vamos... vamos... vamos dobrar aqui..."

E entre dentes:

— "Lá vem a "minha viúva..."

* * *

Em uma arrumação de livros, há dias, encontrei aquêle em que escrevia as minhas impressões diárias, em 1917. Iniciado a 1.º de março daquele ano, vai até 26 de julho, quando interrompi êsse trabalho cotidiano. Relendo êsse registro, encontrei algumas notas curiosas, dignas de conservação. E essa conservação vai ser feita aqui, começando eu, de hoje em diante, a passar para estas páginas de 1928, dia a dia, as impressões mais interessantes do meu diário de onze anos atrás. Onze anos, apenas; e, no entanto, quantas cruzes neste cemitério!...

*Sexta-feira, 2 de março:*

São comuns os suicídios nas barcas de Niterói. Morando em Icaraí há seis anos, já se deram dois, de que fui, pode-se dizer, testemunha. O primeiro foi há dois, por volta das onze horas da noite. Um homem residente no Rio, despedido do emprêgo, tomou a barca e, em plena baía, galgando o balaústre da tolda, em

cima, atirou-se ao mar. Estava a poucos metros de mim, mas do lado oposto. As pessoas que o viram saltar gritam, dando alarma. A sinêta soa, e a máquina pára. Botes são arriados no meio da noite, e descem na esteira de espuma, no meio da noite. Tudo isso constitui, porém, uma simples formalidade pois sendo as barcas movidas a roda, e tendo o suicida saltado ao mar do lado da proa, foi, com certeza, atingido por uma destas, que lhe rebentou o crânio ou lhe quebrou a espinha. Momentos depois voltaram os botes com os seus tripulantes. E a viagem continuou...

Anteontem, assisti a segunda tragédia. Eram sete e meia da noite quando se ouviu na proa, embaixo, o grito de alarma, e dezenas de pessoas correndo, aflitas, em direção à pôpa, onde eu me encontrava. A sinêta soa, e a barca, uma das barcas novas, estaca no meio da baía.

— Êle estava num banco ao meu lado, — informa um velhote vermelho, estatura mediana, tipo de operário; — de repente, caminhou para a proa, atirou isto no chão, e jogou-se mesmo entre as duas hélices.

E mostrava um jornal enrolado, e uma carta.

— Era um homem idoso, vestido de prêto, — adiantava.

Os botes mandados, na treva daquela hora, em busca do desventurado, voltaram sem êle.

A barca estremece tôda, retomando a viagem. E enquanto eu, no meu canto de banco, acompanho com o pensamento a agonia daquela vida, o tormento, talvez a poucos metros de mim, daquele corpo, escuto, a meu lado, voltando para a sua proa, esta graçola de um prêto alto, de fisionomia boçal:

— Vamos imbora! É um de menos...

Que desilusão, que dor, que desespêro poderia ter determinado aquêle gesto? Era a pergunta que eu me fazia, a mim mesmo, na barca, enquanto os botes, embuçados na noite, procuravam o suicida. Tratar-se-ia de um chefe de família, como o outro, desempregado e sem pão para os filhos? Ou de um marido enganado, que ia fazer do mar o túmulo da sua vergonha? Pela manhã, ontem, os jornais publicaram a carta do morto, carta misteriosa, sibilina, na qual havia esta frase:

— "O tiro foi dado para o ar... Mas eu o sinto como se fôsse no coração".

Até que, à tarde, tudo se esclareceu, mostrando-me que, por mais audaciosa que seja, a imaginação é, quase sempre, nas surprêsas do coração humano, ultrapassada pela realidade. Tôdas as minhas conjecturas da véspera estavam, de fato, muito aquém da verdade.

Vindo para o Brasil aos doze anos, o suicida, homem trabalhador e honrado, achava-se aqui há cinqüenta e cinco. Estabelecido há trinta anos no bairro de Barretos, em Niterói, fizera fortuna, prosperara, ao mesmo tempo que se tornava a figura mais estimada do bairro. Sentindo-se envelhecer, deu sociedade ao filho mais velho, entregando-lhe a direção do negócio. De súbito, a casa começa a sentir dificuldades. É que o novo administrador se tornou estróina, gastando grandes somas, sacrificando a fortuna do pai... Pressentindo a falência, o ancião retoma a direção do estabelecimento, salva o seu nome da vergonha, e, feito isso, chama o filho, e exproba-lhe, em particular, o seu procedimento. O rapaz é, porém, um impulsivo. Responde ao pai, alterca com êle. E, como último argumento, chega ao meio da sala, arranca do bôlso um revólver, e dá um tiro para o ar!

E não ficou, apenas, nisso. Afastando-se do pai, estabeleceu-se no mesmo bairro, com o mesmo gênero de negócio, passando a fazer ao velho a mais desleal e ostensiva das concorrências. O que êste sentia, mais do que tudo, era, todavia, a afronta do filho, levantando a mão contra seu pai.

— Eu ainda sinto a dor daquele tiro... — dizia êle, sempre, em família.

E nunca mais teve alegria, até que, anteontem, pôs têrmo à sua tortura sôbre-humana, afogando nas águas da baía aquela dor imensa que, na verdade, não podia caber na terra...

Ontem, durante o dia, e hoje ainda, dezenas de botes cruzaram a baía, procurando o seu corpo. E não o encontraram. O mar, na sua consciência misteriosa, compreendeu, sem dúvida, que êle, só êle, poderia ser o túmulo daquela dor, a maior, talvez, entre quantas se tenha sofrido no mundo...

*Sábado, 3 de março:*

Há dias emprestei a Afonso Celso uma obra da minha biblioteca, "Jules Verne, sa vie, son oeuvre", de M. Allotte de La Fuye, a fim de que tirasse algumas notas para a palestra que realizou quinta-feira última, na Academia, na sessão comemorativa do centenário do nascimento do famoso romancista. Após a sessão, Afonso Celso devolve-me, embrulhado, o exemplar, dizendo-o precioso, e declarando que êle e a filha, Maria Eugênia Celso, o haviam lido ao mesmo tempo. Esta, que se acha presente, confirma a notícia, entre grandes gabos à obra.

Ontem, ao manusear o livro, encontrei, nêle, um quarto de papel, rabiscado a lápis, em que havia sete quadras de Maria Eu-

gênia, inspiradas no espírito aventureiro que caracterizou Júlio Verne na mocidade. São em francês, fazem a apologia das viagens, e começam assim:

*"S'en aller sur la mer profonde*
*Sous la grandeur du ciel changeant;*
*S'en aller jusqu'au bout du monde*
*Dans le vent.*

*S'en aller sans tourner la tête*
*Vers la rive où tout est prison,*
*Ne voyant que ce que l'on souhaite:*
*L'horizon!*

*S'en aller bien loin de la place*
*De ce qu'on fait, de ce qu'on dit,*
*Libre enfin, se griser d'espace*
*Et d'oubli.*

*Sans un regret pour ce qu'on laisse,*
*Sans un désir, sans un remords,*
*N'emporter de soi — quelle ivresse! —*
*Que son corps!*

*S'en aller surtout, coeur fantasque,*
*Loin à jamais de son fardeau,*
*Et pouvoir jeter bas son masque*
*Dans l'eau.*

*D'être resté trop au mouillage*
*Âme et bateau s'Ankylosaient,*
*Ah! s'en aller pour le voyage*
*Qu'on rêvait!...*

* * *

*Loin de la terre et de la vie*
*Bravant la sort et le danger,*
*Sur la mer qu'on sait infinie,*
*S'en aller... s'en aller..."*

Êsse quarto de papel constitui, todavia, um documento pitoresco da psicologia feminina, pois que revela a mulher, a criatura profundamente doméstica, que há, ao lado da poetisa, na

pessoa de Maria Eugênia. Efetivamente, ao voltar o pedaço de papel, que encontro eu do outro lado? O "croquis" da arrumação de duas salas, mostrando o lugar em que deviam ficar, em uma, um grupo de palhinha, o porta-chapéu, a estante, e outros pequenos móveis, e em outra, a mesa de centro, a cadeira de balanço, o aparador, etc. É, vê-se bem, por aí, um espírito que se divide, principalmente entre a sua arte e o seu lar.

Devia eu ficar com êsse original? Não. Daí a idéia, que me vem, e que executei, de devolver-lhe, o que fiz ontem, fazendo-o acompanhar dêste bilhete:

"Minha brilhante poetisa — É com grande pena que lhe devolvo êste precioso documento psicológico, que me trouxe, numa surprêsa, o "Jules Verne". Mas a viagem não foi perdida: tirei cópia dos versos; minha mulher tirou da arrumação. Seu, etc."

*Domingo, 4 de março:*

Da leitura, que estou fazendo, de "La vie d'Alexandre Dumas Père", de J. Lucas-Dubreton, tirei a convicção de que o talento dos autores teatrais está na dependência imediata das qualidades de galã, que êstes possuam. Para que uma peça seja desempenhada com apaixonado interêsse por uma artista, é preciso, antes de tudo, que esta seja amante do autor.

* * *

Quando, por ocasião da Grande Guerra, ou pouco depois, o govêrno federal pensou em intensificar a imigração, foi por êle dirigido aos governadores dos Estados uma consulta sôbre o número de colonos que podiam receber. Presidente do Maranhão por êsse tempo, o Sr. Urbano Santos declarou que o seu Estado não os queria, pois, antes de aceitar êsses elementos, convinha sanear o interior, onde êles se deviam localizar. Adversário dessa teoria, telegrafei ontem ao atual Presidente do Maranhão, meu amigo Magalhães de Almeida, lembrando a conveniência de aproveitar o funcionamento do Congresso estadual e pedir uma lei autorizando o govêrno a introduzir no Estado, a título de experiência, uma leva dos imigrantes que o govêrno japonês pretende encaminhar para o Pará. No meu telegrama, faço ver ao Presidente o meu ponto de vista, contrário ao de Urbano Santos, pois que eu entendo que o povoamento deve preceder o saneamento, pois que não se pode sanear o Deserto.

Terei eu lançado, com essa sugestão, a semente do progresso real, e definitivo, da minha terra?

Outro telegrama de ontem, ao Presidente Magalhães de Almeida, é relativo à votação de uma lei abrindo um crédito de 20 contos para publicação das obras, que se achem esgotadas, dos nossos escritores mortos. Essa lei, cuja votação lhe é por mim sugerida, permitirá o início de uma biblioteca oficial de escritores maranhenses, tendo eu oferecido os meus serviços gratuitos para a coordenação e revisão das obras.

Se fôr atendido nessa minha lembrança, porei a minha pobre glória à sombra da glória alheia... Depois, quem sabe se, o que eu quero fazer agora, pelos sonhadores que morreram, não se fará, um dia, por mim?

*Segunda-feira, 5 de março:*

Foi recebido, anteontem à noite, na Academia, o etnólogo Roquete Pinto. Convalescente de gripe, não compareci à sessão, que, ademais, se realizou em uma noite de tempestade. Li, todavia, ontem, os discursos protocolares. O do novo acadêmico, um pouco veemente, acima do diapasão da casa; o de Aluísio de Castro, que o recebeu, um verdadeiro modêlo de finura e graça.

De passagem, cita Aluísio o meu nome, a propósito de idéias minhas relativamente à evolução da língua portuguêsa no Brasil. Em síntese, dois discursos com idéias, coisa que há muito tempo ali não aparece.

Roquete Pinto foi o único candidato à Academia cuja eleição, até hoje, despertou o meu interêsse. É um grande estudioso, e será, amanhã, um erudito. E a Academia não pode ficar nas mãos dos poetas que para ela estão entrando, simples trovadores sem cultura, sem o risco de transformar-se, dentro de pouco tempo, em simples grêmio literário como há dezenas de outros pelo interior do Brasil.

É minha opinião, aliás, que os poetas que não são senão poetas, e se ressentem da falta de cultura, só devem entrar para a Academia por direito de antiguidade. A cultura, na vida de letras, vale por tempo de campanha.

*Têrça-feira, 6 de março:*

Em 1914, ao sairmos, uma noite, da Sociedade Brasileira de Homens de Letras, à Rua Gonçalves Dias, Goulart de Andrade tomou-me do braço e, com o pensamento em um sonêto que Emí-

lio de Meneses nos havia recitado lá em cima, me segredou, como quem denuncia uma conspiração ou anuncia uma catástrofe:

— "Seu" Humberto, o Emílio é um poeta cujos versos desaparecerão quando êle morrer... O que a gente aplaude é a voz dêle. Sem êle os seus versos não valem nada!...

Achei, no momento, que era despeito ou, pelo menos, exagêro; mas, hoje, reconheço que Goulart de Andrade tinha razão. Emílio morreu há dez anos. Quem sabe, porém, ou recita, por aí, um só dos seus sonetos rìgidamente parnasianos?

Essa evocação vem-me agora, nesta hora triste da noite, ao ouvir, no "rádio", o programa de algumas estações irradiadoras. Uma destas forneceu ao público dois sonetos de O. M.; outra anuncia repetidamente, na seção de anúncios, que as "U.C." do mesmo poeta se encontram à venda em tôdas as livrarias. E logo me surgiu, de novo, na lembrança, Goulart de Andrade, que me contava uma destas tardes, ao sairmos da Academia:

— Mas, "seu" Humberto, quanto cabotinismo e quanta inveja neste O.! Sabe o que êle fêz? Eu tenho um sobrinho que faz dísticos para filmes e que, às vêzes, põe um verso meu como dístico. Pois, bem: o O. foi ao patrão do rapaz, e fêz questão de que os versos dêle fôssem utilizados na legenda dos filmes, e não apenas os meus!

Certo, a propaganda agora iniciada pela radiotelefonia tem a mesma origem. Mas, surtirá ela efeito? O., como o meu antecessor na Academia, não levará o efeito dos seus versos na gordura da sua cabeleira?

E, no entanto, pode ser que não. Tenho sempre na lembrança uma passagem do "Journal" dos Goncourt, em que Edmond lamenta a tortura de Flaubert, o trabalho que lhe custava uma simples página de novela. E tudo inútil, — pensava Edmond, — porque, artificial como é, a obra de Flaubert não podia ficar na memória dos homens.

A verdade, porém, é que Flaubert ficou, é lido, discutido, admirado. E quem lê, hoje, um romance dos Goncourt?

A glória é feminina, e como tôda entidade feminina, tem os seus caprichos. Quem sabe se ela, em um dêstes, não esquecerá um João Ribeiro ou um Coelho Neto, para erguer nos braços êsse feliz O., cuja ignorância o afasta de todos os grupos em que se conversa sôbre literatura, e que, na sua meia cretinice, é menos digno de inveja do que de pena?

* * *

Em artigo, hoje, no "Jornal do Brasil", Afonso Celso, referindo-se à minha pessoa, tem esta passagem: "... o Sr. Hum-

berto de Campos, cuja extraordinária atividade mental o traz sempre conhecedor de tudo quanto de mais interessante se publica no Brasil e no estrangeiro..."

Eu leio, é verdade; leio o mais que posso; mas, que mérito haverá nisso, se eu leio porque isso constitui a minha volúpia, o meu esporte, o único prêmio, em suma, que eu peço à vida? "Demandez à un prunier comment il fait des prunes!", dizia o velho Dumas.

E eu leio, e escrevo, com a naturalidade com que a ameixeira dá ameixas...

*Quarta-feira, 7 de março:*

Foi encontrado há dois dias, em uma das praias do Rio (praia das Virtudes), o corpo do ancião que se atirou ao mar da barca de Niterói em que eu viajava. Punho cerrado, o cadáver apertava na mão, nos dedos crispados como tentáculos, qualquer coisa. Abriram-lhe os dedos, enregelados pela água e pela morte.

Era uma imagem de São Sebastião.

O orgulho mais teimoso e persistente é o que nasce da ignorância. É um animal daninho, enfurnado na pedra. Nada o destrói ou o afugenta. Nasce na sombra e morre acuado.

*Quinta-feira, 8 de março:*

Academia. Sessão tôla. Entreguei aos meus colegas de comissão o meu parecer sôbre o concurso de contos e novelas de 1926. Proponho que o prêmio seja concedido a Gabriel Marques, de São Paulo; e menções honrosas a Luís Carlos Júnior e Aureliano Leite.

Três nomes novos. Três barcos lançados à correnteza. Qual, dêstes, atingirá a foz do rio, e chegará a conhecer o oceano?

*Sexta-feira, 9 de março:*

Viriato Correia foi incluído na chapa dos deputados pelo Maranhão à última hora, e após quatro dias de luta para vencer a relutância não só do Presidente Magalhães de Almeida como de outros políticos do Estado. A prevenção com o seu caráter, e com a sua falta de compostura, era geral. O candidato que estava na chapa era o Capitão-de-Fragata Morais Rêgo, que, ao meu lado, se havia batido pela ascensão de Magalhães de Almeida ao govêrno. À última hora, porém, o Presidente da República,

Sr. Washington Luís, manifestando a sua simpatia pelos nomes incluídos, fez saber ao Senador Godofredo Viana, por intermédio do Deputado Júlio Prestes, líder da Câmara, a sua nenhuma simpatia por Morais Rêgo, que havia sido subchefe da Casa Militar do Presidente Bernardes. Morais Rêgo, segundo mandava informar o Sr. Washington, não havia procedido com lisura nos últimos tempos do govêrno, realizando negócios que pecavam pela desonestidade. Ademais, havia obtido uma rendosa comisssão na Europa, com a circunstância, ainda, de ser pensamento do novo govêrno evitar quanto possível a intromissão dos militares na política. Convinha, pois, escolher outro nome. Redator de um dos jornais do capitalista Geraldo Rocha, contra cujos inimigos se atira ferozmente a um simples gesto do patrão, Viriato aproveitou a brecha. Amigo de Júlio Prestes, Geraldo pediu a êste que intercedesse por Viriato junto ao govêrno maranhense, fazendo-o incluir no lugar reservado a Morais Rêgo. Prestes pediu. O govêrno recusou. Magalhães de Almeida tinha compromissos de honra com o seu colega de Marinha, que, além de tudo, se encontrava no estrangeiro, sem poder defender-se. Mas foi preciso capitular. E ficou resolvido que Viriato entraria, comprometendo-se, porém, Prestes a impedir a entrada do oposicionista Marcelino Machado, pelo qual se interessavam o Governador de Pernambuco, Estácio Coimbra, e o ex-Presidente da Câmara, Arnolfo Azevedo.

Viriato entrou, mas sentindo que empurrava a porta depois de fechada, e, sobretudo, verificando que os que já lá estavam não haviam ficado satisfeitos com a sua companhia.

Isso foi contado para justificar a resposta que ontem lhe dei, na Livraria Leite Ribeiro. Acabava eu de entrar quando êle correu para mim, rindo, os braços estendidos:

— Sabes? Achei muita graça na história do cavalo, que tu fizeste comigo!

— Do cavalo ou do burro? — indaguei.

— A do cavalo que o Geraldo mandou para o Magalhães.

E como me contasse uma história desvirtuada, eu lhe expliquei como o caso ocorrera.

— Isso foi no dia do embarque do Araújo Castro, — disse-lhe. — O Geraldo não mandou, por êle, um cavalo de sela para o Magalhães?

— Mandou.

— Pois, bem; eu quando vi o cavalo embarcar para o Maranhão, voltei-me para o Domingos Barbosa, e estranhei.

— Estranhaste o quê?

— Estranhei que o Geraldo Rocha tivesse candidato, também, a deputado estadual!...

Viriato riu, satisfeito. O coração, porém, como estaria?

A história do burro, a que me reporto acima, é pura invenção de um semanário humorístico, "A Manha", desta semana. Refere essa fôlha que Viriato gosta muito de contar anedotas, e que contou uma do burro sábio. Dias depois, encontramo-nos eu e êle, e que eu lhe dissera:

— Não imagina como eu tenho rido sòzinho daquela história do burro! É soberba!

— Gostaste assim?

— Enormemente.

E no meu tom habitual:

— Gostei tanto, que não posso ver um burro que não me lembre de você!...

*Sábado, 10 de março:*

Ao levar hoje ao meu filho Henrique, no Colégio Batista Americano, um livro de Samuel Smiles, fui recordando pelo caminho a influência que êsse autor exerceu sôbre a minha vida. Li-o aos quinze anos. E ainda me não esqueci do meu espanto quando, ao lê-lo, verifiquei que, na minha idade, dezenas de outros rapazolas, que depois se tornaram notáveis, já eram inventores ou homens de letras, exclusivamente por terem aproveitado o seu tempo. As fôlhas de "O Caráter", de "O Poder da Vontade", de "O Dever e o Trabalho", passaram a ser para mim as dos louros de Milcíades. Comecei a ler, a estudar, a corrigir-me, a aperfeiçoar-me.

No meu coração tem Smiles uma estátua. Estava coberta de poeira, do limo que o tempo deixa. Sacudi, hoje, essas impurezas para um momento de adoração.

*Domingo, 11 de março:*

A história minuciosa da vida dos grandes homens que muito viveram é a história mais triste que se pode fazer depois dos quarenta anos, quando se começa a entrar na velhice. A princípio, nos batentes da mocidade, é a esperança, é o entusiasmo, é o sol enchendo de luz o oriente. Depois, no fragor da batalha, é o dia na sua glória, são os triunfos, a alegria da conquista, os aplausos do mundo, a embriaguez da epopéia. Chega, porém, a noite. Novas

gerações surgem, novos homens tomam o lugar ao grande homem de ontem. Atirado à margem, debalde o gladiador procura levantar-se. Ergue-se nos joelhos, mas tomba de novo. Quer fazer hoje o que fazia outrora. Desaparecidos os que o conheceram moço, e que envelheceram com êle, êle é, entre os vivos, um fantasma importuno. E o que ouve em tôrno de si, se tenta viver entre êles, é a chacota, é a mofa, é o escárnio, é o riso da platéia, zombando do seu ridículo.

O ancião que, na política, nas letras, ou na sociedade, persiste em ficar ao lado dos moços, deve sentir intimamente a amargura daquele Lázaro de Léon Dieux, que, no silêncio da noite, ia rondar o cemitério da sua aldeia, saudoso do túmulo, de onde o Nazareno o tirara...

*Segunda-feira, 12 de março:*

A história tirada do meu "Diário" de 1917, nesta data, ouvia-a eu repetida em São Paulo no ano passado, quando ali fui assistir a posse do Presidente Júlio Prestes. Mas um paulista, que se achava no grupo, e que conhecia a mentalidade dos seus coestaduanos, — liberais, francos, imprevidentes, — logo me contou outra, que suaviza a primeira.

Guarda-chuva debaixo do braço, calça e paletó de riscado pobre, barba da semana anterior, chapelão de roceiro, chega o mineiro ao guichê da estação de estrada de ferro, e indaga, humilde, a voz arrastada:

— Moço, quanto custa uma passagem de "premeira" pro Rio de Janeiro?

— Oitenta mil réis, — informa o vendedor de bilhetes.

— E de segunda?

— Quarenta e cinco.

— Me dê uma de segunda... — pede o filho de Minas.

E arranca do bôlso, para escolher uma cédula de cinqüenta, um vasto lenço de Alcobaça, em que se acham amarrados dez ou vinte contos de réis.

Nesse momento, chega o paulista. Alegre, jovial, imponente, superior, charuto caro fumegando, botinas luzindo, gravata com alfinête de pérola, roupa de casimira inglêsa, talhada em Londres,

— Quanto custa um leito no trem de luxo para o Rio?

— Cem mil réis, — responde o empregado.

— E um vagão especial, atrelado ao trem de luxo?

— Dois contos de réis.

— Prepara um vagão, — ordena, superior, o paulista.

E voltando-se para o mineiro, que se encolheu atrás dêle:

— O' amigo, empresta-me aí dois contos de réis!

Essa história contém, na verdade, a psicologia de duas raças, que se vão formando uma ao lado da outra.

* * *

O trabalho tem ocupado na minha vida um lugar tão grande, e exercido uma influência tão intensa, que eu o reputo a mais santa de tôdas as coisas da terra, e considero o seu produto tão sagrado e respeitável como a própria honra, senão mais. Por isso mesmo, no meu entendimento, a mulher casada que tem um amante, e vive à custa dêsse amante, pode ser desculpável. Aquela, porém, que vive à custa de um marido trabalhador, e o engana, é duas vêzes infame, pois que o rouba duas vêzes: na sua honra, que nada lhe custou, pois que nasceu com ela, e no seu dinheiro, que representa o sacrifício das suas horas de prazer, o seu suor e, verdadeiramente, o seu sangue.

*Têrça-feira, 13 de março:*

À página 12 da "Vie anecdotique et pittoresque de Maupassant", de Georges Normandy, registra êste autor o boato malévolo segundo o qual Maupassant seria filho de Flaubert. A situação de Laura de Maupassant, a sua separação do marido, a intimidade de Flaubert, velando pela espôsa abandonada, são motivos para essa suposição, contrariada, todavia, por outros motivos igualmente valiosos.

A leitura dêsse trecho trouxe-me à lembrança, de súbito, uma frase de Goulart de Andrade, há uns sete ou oito anos. Era ainda na antiga sede da Academia, no edifício do Silogeu. Sentado diante de nós, escutando um orador, estava M. de A. No muro da sala, sôbre uma peanha, descansava o busto de Machado de Assis, trabalho em bronze. E foi quando Goulart, chegando a bôca ao meu ouvido, segredou:

— Compara aquelas duas testas... aquelas duas cabeças... aquêle cabelo ondulado, em um e outro... Examina tudo isso sem esquecer a amizade "filial" que uniu o M. ao Machado até à hora da morte...

— Queres dizer que.... — aventurei.

E Goulart, afastando-se, com um risinho mau:

— Não sei... É o que se diz...

A insinuação calou-me no espírito. Havia, realmente, nos dois, traços fisionômicos que corriam paralelos. E aquela afeição paternal de Machado de Assis, tão desconfiado nas suas amizades e, no entanto, tão ligado a M. de A., cuja presença, na velhice, não dispensava um só dia? Meses depois, em uma das minhas visitas ao consultório de Afonso Mac-Dowell, meu médico e amigo, êste me recebe exclamando:

— Se você chega dois minutos antes, encontraria aqui um colega seu, da Academia.

— Qual dêles?

— O M..... M. de A.

Sem a menor lembrança, no momento, das palavras de Goulart de Andrade, falei-lhe do nervoso do M., o qual não saía à rua sem a companhia de um ou dois filhos.

— Nervoso só, não, — atalhou o médico.

E com ares misteriosos:

— Eu lhe digo aqui com a devida reserva: o M. é epilético.

Essa informação pôs um raio de luz na minha dúvida. J. de A. jamais sofreu de epilepsia. Machado de Assis morreu dessa moléstia. Como explicar, pois, a epilepsia de M. de A.?

Mergulhei no oceano dêsse mistério, tateantes, as mãos do meu pensamento. "D. Casmurro" não será uma história verdadeira? Aquêle amigo que trai o amigo, aquêle filho que fica de uns amôres clandestinos, não seriam páginas de uma autobiografia?

Guardei comigo, sempre, as indagações da minha curiosidade e as respostas do meu raciocínio. M., dotado de nervos sensibilíssimos, não teria sido vítima, também, do espetáculo, que tantas vêzes assistiu, das crises do seu mestre?

A pesquisa, hoje, seria mais frutuosa, porém, mais irreverente. Encarreguem-se, dela, o tempo, e os sábios de amanhã. Eu, por mim, me contentarei com a convicção de que a Natureza é tão perversa como os homens, e de que se compraz, como Iago, em deixar pelo chão o lenço de Desdêmona para que Otelo desconfie da sua virtude...

* * *

Pelas entrevistas que os presos das Casas de Correção e Detenção concedem aos jornalistas, chega-se à conclusão de que todos êles são inocentes, e de que ali se acham por simples perseguição ou complicado êrro judiciário. As casas de tolerância estão, igualmente, cheias de mulheres. E nenhuma está lá por

vício, por perversão, para arranjar dinheiro com que sustente o seu luxo. Tôdas elas — coitadas! — lá se acham por simples culpa dos maridos...

*Quarta-feira, 14 de março:*

Eleito deputado há mais de um ano, só ontem, à noite, visitei pela primeira vez o chefe oficial do partido que me elegeu, Senador Godofredo Viana. Rua Domingos Ferreira, em Copacabana. Casa nova, mobiliada com elegância e confôrto.

Pela primeira vez ouço a história da organização partidária a que pertenço, as pedras que a formam, a argamassa que as liga, e avalio a solidez aparente e a fragilidade real do edifício. Os subchefes que o orientam vivem, todos, prevenidos uns com os outros. A estrada está coberta de ovos, e é preciso pisar com jeito... O vaso, olhado a distância, parece íntegro. E, no entanto,

*"Il est brisé, n'y touchez pas"...*

* * *

Há um episódio da minha vida que, mais que qualquer outro, pode dar, talvez, a medida da minha paixão do trabalho. Há quatro ou cinco anos conheci uma linda mulher sem compromissos, moça e inteligente. Aproveitando a sua situação de divorciada, e de criatura atirada sùbitamente à pobreza, lançaram-se à sua conquista algumas dezenas de homens endinheirados. Fui-lhe apresentado por essa época, e, por um amigo, soube da sua situação, e do seu desejo de ganhar honestamente o seu pão. Fui a um Ministro, e arranjei-lhe um emprêgo.

Hoje, sei que essa rapariga, atualmente em São Paulo, onde vive honestamente, repete sempre, e por tôda a parte, esta frase:

— É um homem extraordinário, êsse... Todos os homens que, na minha vida, se têm aproximado de mim, só o fizeram para oferecer-me dinheiro. Êle foi o único que me ofereceu trabalho!...

*Quinta-feira, 15 de março:*

Academia. Sessão ordinária. E durante a sessão, e depois dela, a convicção de que a Academia atravessa um período de imbecilidade. Percorrendo a arquibancada, vê-se, com tristeza, que o número dos medíocres se avoluma assustadoramente, e que, na companhia dêles, os homens de cultura perdem, aos poucos, o

gôsto de trabalhar. Os poucos papagaios dos Aturés que ainda ali existem, em vez de falarem bem alto, como um protesto, a língua da tribo em que foram criados, emudecem, esperando a morte. Na Academia de hoje, eu chego, quase, a ter saudades da Câmara...

Após a leitura, que fiz na Academia, do meu parecer sôbre o concurso de contos e novelas, concedendo menção honrosa ao livro "Mosaico", de Luís Carlos Júnior, o pai levantou-se da sua cadeira, e agradeceu-me, num abraço:

— Muito obrigado, meu velho; muito obrigado pelas palavras sôbre o meu filho!

Não havia razão para agradecimento. Luís Carlos é um belo poeta. Como prosador, porém, Luís Carlos Júnior, que eu não conheço pessoalmente, é superior ao pai.

*Sexta-feira, 16 de março:*

Visitei, há dois dias, o meu médico homeopata, Raul Hargreaves, a quem me queixo de uma fadiga muscular, principalmente nas pernas. Informado de que faço apenas uma grande refeição por dia, isto é, que almoço e não janto, pois que o meu jantar é, à tarde, um chá, e à noite um copo de leite, o profissional espanta-se, e declara:

— Ai está! O que o senhor tem é uma astenia acentuada: excesso de trabalho e deficiência de alimentação. O senhor deve jantar; e alimente-se de peixe, de ovos, de mariscos, de miolos!

Ante essa recomendação, vem-me à lembrança o que me ordena o meu médico alopata, Afonso Mac-Dowell:

— Você não deve alimentar-se muito. Levante-se da mesa sempre com fome. Com a tensão arterial que você tem, é preciso evitar o "excesso de saúde", que vem com a superalimentação. Quanto menos sangue, melhor...

Será possível que a medicina não seja, um dia, incluída no Código Penal?

* * *

Acabo de ler mais um livro de escritor moço, nacional, cujas últimas páginas são ocupadas pela transcrição de tudo que, sinceramente, ou por amabilidade, se tem escrito sôbre o autor. Essas transcrições visam, naturalmente, impressionar o leitor, criando em tôrno da obra aquilo que os Goncourt costumavam chamar "admiração preventiva".

Êsse processo devia ser proibido ou, pelo menos, condenado. Um livro deve valer por si, deve ter o seu valor intrínseco, e sem que se atente para o nome do autor ou para o mérito das outras obras saídas da mesma pena. Não há muito tempo, foi julgado na Inglaterra, e condenado à morte, um indivíduo acusado de crime hediondo e misterioso, — a morte da própria namorada, cujo corpo, mutilado, procurou fazer desaparecer pelo fogo. As provas, vagas a princípio, foram se positivando. E o criminoso foi condenado à fôrca. Só, porém, depois da condenação pelo Júri, foi que o juiz, arrancando da gaveta uma pasta, comunicou ao conselho de sentença:

— A justiça acreditava há muito tempo na culpabilidade do acusado. Pelas investigações procedidas secretamente, havia ela apurado que se tratava de um criminoso de grande audácia, autor de crimes de roubo e de assaltos a mão armada. Era preciso, porém, que êsses fatos não pesassem na vossa consciência, contribuindo para que, influenciados por elas, não viésseis a condenar um inocente, deixando impune o verdadeiro criminoso. Desde, porém, que já o condenastes, compete à Justiça comunicar-vos que o assassino que aí está era, também, um conhecido salteador.

Assim é que deviam ser os julgamentos literários. Os livros, como os crimes, devem ser julgados independentemente dos precedentes do autor.

*Sábado, 17 de março:*

Encontro na Avenida com o Deputado Sales Filho e com o ex-Deputado Macedo Soares. E a palestra versa sôbre política e, principalmente, sôbre o espírito folgazão do Presidente Washington Luís, cujo epicurismo tem impressionado os próprios amigos. A propósito, Macedo conta que os dois companheiros de passeio do Sr. Washington Luís, agora, em Petrópolis, são o capitalista João Borges Alves, antigo boêmio e cocainômano, e Batista Pereira, genro de Rui Barbosa. Metem-se, os três, todos os dias, em um automóvel, indo almoçar em qualquer casa da estrada, onde comem como bichos, bebendo, de mistura, cálices de parati.

— Eu sei disso, — atalha Sales Filho; e sei mais: sei que o homem que o Washington mais admira hoje em Petrópolis é o Presidente da Câmara Municipal, cujo nome não me vem agora à lembrança. E essa admiração tem uma origem interessante. Em uma festa oficial que houve ali, o Washington tomou três cervejas de uma assentada. Olhou em tôrno, e viu que o tal Presidente

da Câmara havia tomado cinco. E ficou entusiasmado pelo homem, que, a datar dêsse dia, ficou sendo um dos seus companheiros habituais.

* * *

No estudo de Georges Normandy sôbre Maupassant, encontro uma anedota encantadora. Em um dos salões freqüentados pelo grande escritor na sua fase de mundanismo, conversava-se sôbre o decote das mulheres quando a palestra foi, insensìvelmente, encaminhada para a antropofagia. Fisionomia séria, Maupassant declara que a carne humana era um alimento delicioso.

— Vous avez donc mangé de l'homme?" — indaga, de repente, uma das suas interlocutoras.

— Non, — responde êle, com ar cândido; — de la femme".

E com a mesma gravidade:

— C'est si délicat et si savoureux, que j'en ai redemandé!"

*Domingo, 18 de março:*

Em conversa, ontem, com o meu amigo Mário de Vasconcelos, diretor de "O Imparcial", eu chamava a sua atenção para a superstição da autoridade, que caracteriza o brasileiro. À semelhança dos povos bárbaros, o nosso parece reconhecer nos chefes de govêrno uma espécie de mandato divino.

Essa superstição tem sido, provadamente, a causa do fracasso de tôdas as tentativas revolucionárias, principalmente na República. Em 1922 propuseram, diz-se, a captura, em caminho, do Presidente Epitácio, quando êste regressasse de Petrópolis. E os chefes do movimento desaprovaram a medida. Em 1924, por ocasião da revolta do "dreadnought" "S. Paulo", êste poderia ter, de passagem, bombardeado o Catete, sede do govêrno, onde se encontravam o chefe da Nação e o Ministério; o couraçado passou, porém, de canhões calados, preferindo assestar a sua artilharia contra as fortalezas da barra. O mesmo sucedeu em São Paulo, quando ali estalou o movimento chefiado pelo General Izidoro Lopes. Tôdas as providências foram tomadas; exceção, apenas, da prisão do Presidente Carlos de Campos, o qual partiu cômodamente a instalar o govêrno em outro lugar.

Nos países de grande extensão como o nosso, a captura de um presidente legal vale mais, nesses momentos, do que a posse de uma cidade ou de um Estado. O govêrno estará sempre onde se achar o presidente legal; e como êste encontrará sempre ter-

ritório nacional onde se instale, a revolução não será jamais vitoriosa, pois que não há revolução vitoriosa em país em que ainda existe, embora fora da sua sede comum, o govêrno constituído.

* * *

Instituindo o batismo nos umbrais da vida, isto é, impondo ao homem o compromisso de adotar uma religião quando ainda não compreende o que ela seja, o catolicismo utiliza um dos expedientes mais lamentáveis da Natureza, a qual desperta no indivíduo o amor, ou a sua contrafação, fazendo-o casar em idade em que êle, deslumbrado de mocidade, ainda não sabe o que seja o casamento.

Contra essas duas espertezas, o homem, na sua revolta, só encontrou dois recursos: a apostasia e o adultério. O adultério é a apostasia do casamento.

*Segunda-feira, 19 de março:*

No livro de Georges Normandy sôbre Maupassant (ed. Vald. Rasmussen, Paris), encontro êste conselho ministrado ao desventurado escritor por um eminente professor da época, membro da Academia de Medicina:

— "Puisque j'ai la chance de vous rencontrer, ce que je désire depuis longtemps, je vais vous donner des conseils de sage, car vous avez mené une vie de travail qui aurait tué d'hommes ordinaires. Il y a longtemps que je voulais vous prevenir. Vous avez publié vingt-sept volumes en dix ans; ce labour fou a mangé votre corps. Le corps se venge aujourd'hui et vous immobilise dans votre activité cérébrale. Il vous faut un très long repos et complet, monsieur".

Êsses vinte e sete volumes de Maupassant dão um total de 5.300 páginas, escritas em dez anos. Em dez anos, de 1917 a 1927, eu publiquei dezesseis volumes, um total de 5.533 páginas; mas a minha produção não reunida em livro foi o triplo dêsse total. É verdade que o produto de um cérebro quase genial é diferente da obra de um escritor como eu. Mas o trabalho cerebral é o mesmo. Tanto cansa o tear que tece o fio de sêda como o que trabalha com o fio de algodão.

Por isso mesmo o livro impressionou-me. Certos fenômenos que precederam a crise final em que desapareceu Maupassant, já os havia eu assinalado em mim. Será possível que eu esteja marchando mesmo para a paralisia geral, pela qual se penetra

naquela "região sinistra e desolada" em que se perdem os últimos gritos da razão, e nesse deserto sem limites em que apenas os uivos dos lôbos do pavor respondem, lúgubres, aos últimos apelos da consciência?

*Têrça-feira, 20 de março:*

Tendo de remeter ao Presidente da República, Sr. Washington Luís, uma caixa com ouro em pepitas e em pó, provenientes do Municipio de Turiaçu, no Maranhão, e que lhe eram enviados por meu intermédio pelo Presidente do Estado, mandei-lhe, também, para suprir uma carta que não fiz, um exemplar do "O Brasil Anedótico". Quarenta e oito horas depois recebia eu uma gentilíssima carta do Presidente, confessando já ter lido o meu trabalho quando lhe chegou às mãos o exemplar que lhe ofereci, e que me comunicava isso com satisfação.

Essa confissão vem confirmar a notícia, que diversas vêzes me deram, de que o atual Presidente da República é um dos meus leitores mais persistentes. Entre os oito ou dez amigos que eu tinha em São Paulo, um havia, há uns cinco anos, que me encantava pela sua alegria e pelas suas constantes provas de afeto. Chamava-se Jairo de Góis, era uma bela inteligência, um brilhante orador, e fôra o primeiro oficial de gabinete do Sr. Washington Luís, na Presidência do Estado. Íntimo do Presidente, de quem era compadre, êste o fizera, depois, promotor da capital. Um dia, ao vir ao Rio, em 1924, Jairo procura-me, e intima-me:

— Você vai me dar uma coleção dos seus livros, com dedicatória. Sabe para quem é? É para Washington, que vai ficar contentíssimo. Imagine você que êle foi à minha casa, e carregou-me com todos os livros seus! Agora, eu lhe levo a coleção, e êle me devolve os meus!

O Sr. Washington Luís estava, já, indicado para a Presidência da República. Não me apressei, no entanto, em mandar-lhe os meus livros alegres. E Jairo de Góis regressou sem êles. Um ano depois, em 1925, em visita à Câmara, conversava eu no recinto, depois da sessão, com o ex-Ministro Pires do Rio, quando êste, voltando-se de repente, indagou:

— Conheces o Valois?

E antes de qualquer resposta:

— Valois, conheces o Humberto de Campos?

Êsse Valois era Monsenhor Valois de Castro, Deputado por São Paulo. Embainhado na sua batina orlada de roxo, era o tipo

de um dêsses vigários de freguesia rica, a fisionomia enérgica e alegre, a testa inteligente, cabelo grisalho lançado para trás. Mais alto do que baixo, denunciava robustez física. O tipo, enfim, de um daqueles cardeais políticos dos séculos XVI e XVII, prontos a subjugar um povo ou a lançar à fogueira alguns milhares de infiéis.

À enunciação do meu nome, tão guerreado, então, pela maioria dos padres, Monsenhor abriu-se os braços:

— Oh, Humberto!... quanto prazer!...

E ainda a cingir-me com os dois braços:

— Como eu desejava te conhecer pessoalmente!... E sabes como eu conheci o teu primeiro livro?

E para mim e Pires do Rio:

— Foi nos Campos Elíseos. Eu tinha ido visitar o Washington, e fui entrando para o gabinete dêle. No gabinete não havia ninguém. Em cima da mesa, vi um livro, com uma faca dentro, e que estava sendo aberto. Era o "Tonel de Diógenes". Li o primeiro conto, e ia ler o segundo, quando ouvi os passos de Washington, que tinha ido ao interior da casa. Pus o livro no lugar, direitinho. Era o Washington que o estava lendo. Assim, porém, que cheguei à rua, fui à primeira livraria, e comprei-o. E nunca mais perdi um só!

O Sr. Washington foi, ainda, o primeiro Presidente de Estado que se mandou representar na minha posse na Academia, fazendo-o por intermédio do seu líder na Câmara, Carlos de Campos; escrevendo-me, mais, por essa ocasião, uma carta de algumas páginas, de que não sei o destino.

E, no entanto, Presidente da República o Sr. Washington Luís, eu nunca fui ao Catete!... Será possível que eu não saiba mentir, nem a mim mesmo?

*Quarta-feira, 21 de março:*

Um amigo meu, dêsses que, como a Rute bíblica, dão maior aprêço à palha deixada pelos ceifeiros do que ao próprio molho de trigo, contava-me hoje haver encontrado uma rapariga divorciada, e que vive com outro homem, a qual lhe dissera:

— Sabe você quem está me perseguindo com declarações de amor pelo telefone e súplicas diárias para uma entrevista amorosa! O senhor meu marido!

A perspicácia feminina é, porém, surpreendente. Por isso, a informante acrescentou, logo:

— Mas eu sei o que êle pretende. Não é amor, não é saudade, não é nada. O que êle quer, é ter o prazer de enganar o meu amante.

* * *

À pág. 40 de "La Vie de Talleyrand", de Jacques Sindral, encontro estas palavras de Stendhal sôbre o espírito dêsse grande homem: "Il n'était pas l'auteur de ses bons mots; on mettait à son compte ceux que Paris produit toujours; il les adoptait après deux ou trois jours, quand leur succès était assuré".

No Brasil, as frases, espirituosas ou não, mas históricas, atribuídas aos nossos homens públicos, são, na sua quase totalidade, obra de jornalistas anônimos, ou de algumas centenas de palestradores de inteligência viva que atiram generosamente à bôlsa da glória alheia as melhores moedas do seu espírito.

Se se decretasse a restituição de tôdas as frases célebres aos seus legítimos donos, poucos homens, hoje ilustres, permaneceriam na História.

*Quinta-feira, 22 de março:*

De passagem para a Academia, entro na Biblioteca Nacional, em visita ao seu diretor, meu velho amigo Mário Behring. Enquanto aguardava no seu gabinete os livros de que eu carecia para uma consulta, a nossa palestra se vai distendendo, de modo a abranger, elástica, meia dúzia de assuntos: o projeto sôbre direitos autorais apresentado por mim à Câmara; a necessidade de um edifício menos pesado, em que funcione a Biblioteca; as originalidades de Capistrano de Abreu e Constâncio Alves; o "crime" de Oliveira Lima oferecendo os seus 40.000 volumes à Biblioteca da Universidade Católica, em Nova York.

A propósito de História do Brasil, vêm à tona os contos históricos de V. C.

— Coitado do V.! — exclama, com os seus modos recolhidos, o diretor da Biblioteca. — Êle quer conhecer a História do Brasil mas não quer ler, estudar, pesquisar. Quer apanhar o assunto no ar, para desenvolvê-lo a seu modo. Uma vez êle me entrou por aqui, aflitíssimo. Queria que eu lhe fornecesse, de memória, alguns episódios históricos, que lhe servissem para contos. Lembrei-lhe que, na coleção da "Kosmos", havia numerosas crônicas escritas por mim, sôbre acontecimentos dramáticos da História do Brasil. Pois o nosso V., com a maior sem-cerimônia, caiu

na minha seara e não deixou nada! Não se deu, sequer, ao trabalho de ir às fontes citadas por mim, e isto sem a menor referência ao meu esfôrço.

E Mário Behring ri, modesto, como quem, possuindo um celeiro cheio, não se incomoda que um pinto lhe devore um punhado de milho...

* * *

Ao entrar no pequeno compartimento de "toilette", na Academia, encontro diante de um espelho, Alberto de Oliveira, que corrige, com as mãos trêmulas, algumas das devastações feitas pelo tempo no seu rosto de setenta anos. Ao ver-me, o velho poeta tem uma frase dolorosa:

— Triste coisa é envelhecer, meu caro Humberto!...

Consolo-o com o meu início de velhice, para que êle se não interrompa. O grande poeta corrige o bigode pintado, passa o pente no cabelo, mira-se, remira-se lentamente, como em liturgia, e conclui:

— O pior de tudo é êste papo, quando cai...

E passa a mão por baixo do queixo, sustentando a carne flácida que o une ao pescoço, estendendo entre um e outro uma pesada cortina de pele...

*Sexta-feira, 23 de março:*

Há oito ou dez dias recebi um longo telegrama do Presidente do Maranhão, pedindo-me que fôsse à Bahia, como seu representante, assistir a posse do novo Governador, o ex-Deputado Vital Soares. Dois dias depois o govêrno baiano me telegrafava pondo à minha disposição passagem nos navios da Mala Real Inglêsa e hospedagem na Bahia. Eu devia ter partido ontem. E não tive ânimo.

Como me custa, metodizado como tenho o meu trabalho, afastar-me desta mesa em que escrevo, e destas quatro paredes forradas de livros — prisão silenciosa, mas doce, a que eu desejaria viver perpètuamente condenado.

*Sábado, 24 de março:*

Ao passar, hoje, pela porta da "Gazeta de Notícias", o secretário me detém:

— Então, uma vaga na Academia, não? — diz-me.

— Quem morreu? — indago, com o pensamento no Marechal Dantas Barreto, que é, de todos nós, o que parece mais doente.

— O Oliveira Lima, — informa-me o jornalista. — Morreu hoje, de repente, em Washington.

Essa notícia me enche de tristeza, põe-me um crepe no coração. Vivendo, embora, longe do Brasil, e mais longe ainda da Academia, com a qual não mantinha boa amizade, Oliveira Lima era, entre os velhos acadêmicos, um daqueles que eu, no meu íntimo, mais estimava e admirava. A sua atitude, por ocasião da minha eleição, foi franca, leal, decidida. E lembrando-me dela, recordo ainda o modo por que êle me deu o seu voto nos dois pleitos a que concorri.

Foi isso em 1919. Lançada a minha candidatura à vaga de Emílio de Meneses, operou-se contra ela um movimento promovido por dois ou três inimigos pessoais meus, ou melhor, por Osório Duque Estrada, com quem me não dava, e por Luís Guimarães Filho, que se suscetibilizara com duas ou três pilhérias minhas no semanário "D. Quixote". Depois de baterem a várias portas à procura de um candidato, êstes lançaram o nome de Eduardo Ramos, a quem a Academia devia a lei que a considerou de utilidade pública e, mais tarde, a que lhe concedeu uma pequena subvenção.

Informado da chegada de Oliveira Lima ao Rio, corri a visitá-lo, no Hotel Central, no Flamengo. Encontrei-o no salão do pavimento térreo, em companhia de pessoas amigas. Aproximei-me, e apresentei-me. E foi para mim uma alegria vê-lo receber-me, não como um conhecido novo, mas como um amigo velho, e tratar-me com uma franqueza e uma jovialidade que eu estava longe de esperar.

As letras e a figura de Oliveira Lima estabeleciam, na realidade, um contraste com o cavalheiro, que êle pessoalmente era. Impetuoso nas investidas, inclemente nos ataques, e, ademais, quase monstruoso no físico, não se podia imaginar o que era êle na singeleza do trato.

Daí o meu espanto, ao ser cordialmente recebido por êle, e apresentado à sua senhora, que pareceu, desde o primeiro instante, na sua maturidade risonha, o tipo das boas espôsas brasileiras.

— Vamos lá em cima, — convidou-me o escritor, após alguns instantes de palestra, puxando-me para o ascensor.

Os aposentos de Oliveira Lima, no terceiro ou quarto andar do hotel, podiam ser considerados uma ironia, ou, mais do que

isso, um desafôro feito à sua pessoa. Ao penetrar na saleta des-sarrumada, êle quase a toma tôda; e quando se sentou diante da pequena escrivaninha prêsa à parede, de tal forma esta desapareceu que se teria dificuldade em dizer o que estava êle ali fazendo, naquela posição.

Passados alguns minutos, encaminhou-se para mim, com um envelope.

— Aqui tem, — disse-me; — voto em seu nome em todo o pleito. A Academia precisa de lutadores da sua têmpera, e, se não entrar agora, escreva-me para o Recife, ou para onde eu estiver, tôda a vez que fôr candidato, porque o meu voto será seu.

Em seguida, de pé, ali mesmo, na peça que o seu corpo quase enchia, pôs-se a falar das suas obras novas, uma das quais, sôbre a Argentina, estava revendo. Foi buscar as provas, mostrou-mas. Aludiu à sua "História da Civilização", e falou-me da sua biblioteca, encaixotada na sua residência de Londres, mas o estava preocupando por ter caído perto da casa, nas vizinhanças, uma bomba lançada por um dirigível alemão. E descemos, conversando, despedindo-nos, dessa vez, para sempre.

Meses depois, anulado o pleito acadêmico, escrevi-lhe, pedindo o seu voto; e êste me veio prontamente, acompanhado de uma carta afetuosa em que me dava o seu enderêço em Washington, para onde seguiria naquela semana. Desnecessário é dizer que a leitura da carta me tomou quase uma hora, pois a caligrafia de Oliveira Lima era quase indecifrável. Quem olhasse às pressas uma fôlha de papel escrita do seu punho, supô-la-ia escrita por um árabe.

Recordando êsse único encontro que tivemos na vida, vem-me igualmente à lembrança a sua figura singular. De altura acima do comum, era Oliveira Lima verdadeiramente monstruoso pela gordura. O rosto, enorme e oval, era continuado embaixo por uma papada, um verdadeiro lençol de gordura, que lhe cobria em parte a abertura da camisa. Ornando êsse rosto, uns olhos grandes. e a bôca polpuda, de sôbre a qual desciam as duas guias do bigode chinês, as quais, arqueadas sôbre a bôca, pareciam mais as duas asas de um pássaro pequeno que lhe quisesse entrar pelo nariz.

O que mais impressionava nêle era, porém, o corpo. Estendendo-se do pescoço ao umbigo, a abertura da camisa parecia mais uma rampa do que outra coisa. Para abraçar-lhe o ventre ou o tórax, seriam necessários dois homens, de braços abertos. Devia pesar uns 110 ou 120 quilos. Tôda essa gordura, porém, parecia desaparecer, evaporar-se, quando êle se movia ou falava.

O espírito, nêle, era uma espécie de energia elétrica mobilizando um encouraçado.

E êsse encouraçado acaba de afundar-se na terra, que é, infelizmente, onde se dão os maiores naufrágios...

*Domingo, 25 de março:*

Ao passar, há dois anos, pela Avenida do Mangue, vi no alto de uma tôrre, no antigo edifício da Companhia do Gás, um relógio parado. Marcava duas horas e vinte minutos, não sei se da tarde ou da manhã. Há pouco menos de um mês, lá estava a máquina do tempo no mesmo lugar, a marcar a mesma hora e os mesmos minutos. E ontem, mais uma vez a vi, com os ponteiros imóveis, sôbre os mesmos algarismos.

Quantos relógios parados temos nós, no Brasil, na política, nas ciências, nas artes e, principalmente, na literatura?

Alberto de Oliveira, sempre ereto, grave, solene, têso como um ponto de admiração, começa a sofrer no porte a influência dos setenta anos. Não querendo, porém, capitular, curvando a espinha ou vergando o pescoço, vai tombando todo por inteiro, para a frente, como uma estátua a que abalassem o pedestal.

Vendo-me ontem à noite no ônibus, um rapaz, que eu não conheço, quis cientificar-me de um dito de espírito. Não podendo fazê-lo diretamente, voltou-se para um companheiro que se achava no banco próximo, e perguntou-lhe alto:

— Sabes o apelido que puseram no Alberto de Oliveira?

E ante a negativa do outro:

— "Tôrre de Pisa"!

*Segunda-feira, 26 de março:*

Uma correspondência de Buenos Aires, publicada ontem, dava conta de uma visita feita por um jornalista brasileiro a Enrique Larreta, uma das figuras de maior evidência nas letras argentinas de hoje. Larreta vive no interior do país, em uma estância, que explora, multiplicando aí, a um mesmo tempo, a sua fortuna e os seus livros. De dois em dois anos, arruma as suas malas e vai a Paris, onde tem um grande nome e foi, por mais de um lustro, embaixador do seu govêrno.

A descrição da vida rural de Larreta, que é a de outros homens de letras da Argentina, obrigou-me a estabelecer um confronto triste com as figuras de maior relêvo em nosso mundo li-

terário. O escritor brasileiro é, sempre, um parasita dos cofres públicos. Ao descobrir, com razão ou sem ela, que pode escrever para os outros, o moço brasileiro arranca da sua província, onde era empregado do comércio, ou da sua fazenda, onde ajudava o pai, e vem para o Rio de Janeiro, aumentar o exército dos devoradores do orçamento. A falta de independência econômica determina, naturalmente, a falta de independência mental. E é dessa situação que resulta a existência dessa literatura de mendigos que aí está, incapazes, todos êles, de escrever o que sentem, e, mesmo, de sentir e de pensar com superioridade, como acontece a todos os escravos.

Além da falta de caráter individual, que se reflete na literatura, esta se ressente da falta de cenários verdadeiramente nacionais. Que podem saber, na verdade, da vida nas nossas fazendas, nos nossos seringais, nas nossas regiões florestais, indivíduos que lá não viveram, ou que, quando muito, por lá apareceram a passeio? A burocracia, a Avenida, as rodinhas maldizentes que se formam aos cantos de cada rua em que passam mulheres sem pudor e sem espírito, são o ímã que atrai, e destrói, quase tudo que o Brasil poderia aproveitar no domínio das letras.

A literatura brasileira, magra, esquálida, repugnante, tem uma úlcera na perna, e pede esmola, a bôca em praga e a mão estendida, nas ruas centrais do Rio de Janeiro.

*Têrça-feira, 27 de março:*

Uma leitura que faço todos os dias, durante, pelo menos, uma hora, é a dos "Anais" do Parlamento do Império. Esta noite, manuseava, página a página, os de 1856, acompanhando o desenrolar das questões agitadas na Câmara. E lá me apareceram, uma a uma, homèricamente aguerridas, as grandes figuras do tempo: Zacarias, Paranhos, Mauá, Pereira da Silva, Pinto de Campos, Rodrigues Silva, Paula Cândido, Saraiva, Paranaguá, Saião Lobato, Justiniano, Mendes de Almeida...

Paixões, lutas, rivalidades, entusiasmos. Uma centena de homens enchendo uma casa. E hoje? Todos, sem exclusão de um só, reduzidos a um quilo de poeira, ou a um pequeno monte de ossos, que talvez não encham uma lata...

*Quinta-feira, 29 de março:*

Um amigo meu, que parece preferir as mulheres fáceis às... difíceis, contava-me ontem um episódio galante que lhe

fôra narrado, na véspera, por uma portuguesita irrequieta e vivaz, grande conhecedora das coisas da sua terra.

Era a atriz Ângela Pinto, hoje falecida, amante de um rapaz, em Lisboa, que com ela se encontrava, em dias marcados, em uma casa da especialidade, ali. Na mesma casa, costumavam ter encontros, também, dois amantes, — uma senhora de família, e um cavalheiro de certa representação, que era, para não faltar à regra, amigo íntimo do marido da senhora.

Certo dia, foi o marido avisado da traição com a indicação da casa em que se davam "rendez-vous" os dois "criminosos". E lá se foi postar, nervoso, nas proximidades do "antro do amor culpado". A mão no revólver, viu entrar o amigo; e aguardava, trêmulo, a chegada da espôsa, quando, em vez desta, viu entrar Ângela Pinto, conhecida, já, então, de tôda a gente em Lisboa.

Tendo chegado ao "local do crime" antes do amante e, mesmo, antes do marido, a senhora casada tivera a felicidade de ver, por uma fresta da janela, a aproximação dêste último. Estavam, pois, descobertos... Quer fazer agora?

A casa estava, já, lá dentro, em rebuliço, quando Ângela Pinto chegou. Cientificada da situação, participou do temor geral no primeiro momento, mas, de repente, bateu na testa, satisfeita.

— Eu vou resolver êsse caso! — declarou, sorrindo, ao cavalheiro atrapalhado. — Vá lá estar com a sua amante, e, depois, venha.

Êste foi tranqüilizar a cúmplice, aflita com a presença do marido nas proximidades, e, pouco depois, voltava.

— Vamos sair! — convidou Ângela, dando-lhe o braço.

Ao ver sair o amigo com Ângela Pinto, o marido respirou. A denúncia era evidentemente falsa. E tal foi o seu contentamento ao certificar-se disso, que, saindo do seu enconderijo, deu volta por outra rua, indo sair diante dos dois, de modo a aproximar-se do amigo, a quem deu um beliscão, exclamando, entre dentes, piscando o ôlho:

— Parabéns, hem, maganão?!...

Certa de que a tempestade havia passado, Ângela Pinto tomou um carro, e voltou, às pressas, à casa de encontros, onde o amante já a aguardava, indignado. Ao vê-la entrar, êste explodiu:

— Sim, senhora! eu aqui há meia hora à sua espera!...

— Ora, filho, tem paciência! — exclama Ângela, atirando para um lado o chapéu, fatigada de tôdas as peripécias daquela cena. — Tive que fazer uma obra de caridade.

E sentando-se no sofá, abanando-se, e com a revolta que causam às mulheres livres as casadas que prevaricam:

— Tive que salvar a honra de uma p...!...

E disse o nome com tôdas as letras.

* * *

Em resposta aos meus telegramas de 4 de março, o Presidente Magalhães de Almeida, do Maranhão, comunica-me não haver necessidade da lei sôbre imigração, que lhe sugeri, por já existir uma nesse sentido. Quanto à reedição de obras esgotadas dos escritores maranhenses mortos, havia sido, já, apresentado o projeto, de acôrdo com a minha lembrança.

A notícia desta última providência governamental, divulgada por um telegrama da Agência Americana, e comentada do modo mais simpático, e mesmo comovente, por alguns jornais cariocas, levou à tribuna da Academia, ontem, o vulto franzino e vibrante de Coelho Neto, o qual, visìvelmente emocionado, pediu se consignasse na ata dos trabalhos da casa um voto de aplauso e de carinhosa simpatia ao Presidente do Maranhão. A voz grave, solene, majestosa, Alberto de Oliveira pediu que se telegrafasse ao Presidente Magalhães de Almeida, transmitindo o voto e os aplausos da Academia. Finalmente, Antonio Austregésilo propôs que se tornasse extensiva à minha pessoa essa demonstração afetuosa, pois, segundo adiantavam os telegramas, era a mim que o govêrno ia entregar, sem qualquer remuneração, a execução dessa obra de alto, generoso, e inteligente patriotismo.

*Sexta-feira, 30 de março:*

Goulart de Andrade, vaidoso da sua glória literária, não o era menos da sua vida galante. O seu maior prazer consistia na narração das suas aventuras à D. Juan ou Casanova, a maior parte das quais filhas exclusivas da sua imaginação. A verdade, porém, é que êle teve uns três ou quatro casos de amor, um dos quais fixou no seu romance "Assunção" e se encontra, sob outros aspectos, no...........

Após uma vida sexual intensa, Goulart de Andrade, casado em segundas núpcias com uma viúva de família rigorosamente católica, passou a retrair-se, a abandonar as referências, não raro fatigantes, à sua vida de conquistador. Até que, há quatro ou cinco meses, corre na Academia a notícia da grande novidade:

— O Goulart converteu-se! Há dois dias, confessou-se e comungou, submetendo-se rigorosamente a todos os mandamentos da Igreja!

Hoje, à tarde, encontrei-me com o poeta à Rua da Assembléia, canto da Rua Gonçalves Dias. Baixo e redondo, naquele seu andar de pombo enamorado, de que a Igreja o não privou, ia êle todo de prêto, enlutado pela morte recente de um irmão, quando o detive pelo braço.

— Como vão as mulheres desta terra? — indaguei.

— Não sei. Não trato mais disso...

E como quem quer fazer da humildade uma vaidade:

— Então não soubeste que eu me reconciliei com a religião?

— Sei, sei; mas...

— Não; o caso é sério. E queres saber aonde eu vou amanhã? Vou para Teresópolis, fazer o meu retiro espiritual no Colégio Anchieta. E sabes quem vai comigo? O Augusto de Lima.

Essa informação causa-me espanto ainda maior. Então, o Augusto de Lima, o Anacreonte ridículo da Academia, que não falava há quatro meses senão em mulheres, em prazeres pecaminosos, em gozos absurdos da carne, estava, também, convertido? Não pude deixar de rir.

— Vocês vão juntos no mesmo carro? — indaguei.

E ante a confirmação de Goulart:

— E será possível que vocês façam essa viagem, e êsse retiro, sem cair na gargalhada, ao olhar um para a cara do outro?

*Sábado, 31 de março:*

Recordo o meu encontro, ontem, com Goulart de Andrade, e fico a meditar sôbre o que êle me disse de si e de Augusto de Lima, que se gloriavam a todo momento da sua qualidade de conquistadores de senhoras, honestas ou não. E faço a mim mesmo esta pergunta:

— Quem sabe se os dois andam agora a namorar a Igreja, simplesmente por terem ouvido dizer que a Igreja é a "espôsa" de Cristo?

Após uma palestra de duas horas com o médico Raul Hargreaves, que me convence de que eu sou, como o de Molière, um "doente de cisma", e me recomenda que me distraia mais e trabalhe menos, resolvo, à noite, visitar um amigo. Penso em Luís Murat, paralítico. Vem-me ao pensamento Coelho Neto, que mora menos longe, e corro a visitá-lo. O silêncio é absoluto, na

[illegible] A criada que me recebe ao portão tem a cara fúnebre. Na ante-sala, ninguém. O gabinete do escritório está deserto. De repente, Coelho Neto, de pijama, aparece em cima, no tôpo da escada, e pede, a voz fatigada:

— Sobe, meu velho... Vem aqui em cima...

E enquanto eu subo:

— Gabi está passando mal... Não dorme durante a noite um só instante...

Entro no quarto da enfêrma. Os olhos redondos e bruxuleantes girando nas órbitas engelhadas, dá-me a impressão de quem não tarda a entrar em agonia. Recostada em dois travesseiros, é um esqueleto deformado, esqueleto de criança, coberto de pele. Sob o queixo, amontoam-se, como um punhado de papel amassado, os despojos do mento, que lhe dava uma tão bela garganta, há quinze anos. Respiração curta, aflita, não pode quase falar, no seu cansaço. Um dos filhos e uma das suas amigas abanam junto ao seu rosto, procurando dar-lhe, com dois leques, o ar que lhe falta. Ao espelho da cama, debruçado, o escritor José Oiticica. No aposento contíguo, separado por um arco, o romancista que me fôra receber à escada, volta a fumar, vencido, abandonado numa velha "maple".

Aproximo-me da doente, sento-me ao seu lado. Tenho o coração confrangido diante daquela ruína. Reanimo-a, entretanto, fazendo com ela o que fizera comigo, horas antes, o médico homeopata. Ofereço-lhe umas ameixas frescas, que lhe levara. Mais animada, a enfêrma pede uma, e come. Dão-lhe outra, que aceita. Chegam outras pessoas da família: uma irmã viúva, uma sobrinha. A conversa se vai animando, enquanto os leques aflam, dando ar à doente. Sentada no leito, Mme. Coelho Neto pende um pouco para a frente, pousando o rosto em um monte de travesseiros, que a filha mais velha sustenta. Assim mesmo sentada, fecha os olhos, e adormece.

E nós, um a um, fomos saindo, nas pontas dos pés...

## ABRIL

*Domingo, 1.º de abril:*

A minha visita, ontem, ao médico Raul Hargreaves, foi motivada pelos sintomas que eu sentia, de grave moléstia da circulação. Tonturas, suores frios, opressão no peito, perturbações visuais, — tudo isso me dizia que o meu fim estava próximo. O homeopata ouve-me, e sorri.

— Tudo isso é nervoso, e nada mais, — diz-me. — Encha-se de coragem, e da alegria de viver. A sua vida não tem, hoje, dificuldades. O senhor tem vivido em prosperidade ascendente e não tem qualquer moléstia grave. Por que, pois, essas atribulações? Eu invejo, acredite, a sua condição. Sou um doente, e é por isso que vivo em Petrópolis. A minha moléstia prejudicou o surto da minha carreira. A minha situação econômica é delicada e reclama grandes sacrifícios e cuidados. E, no entanto, não me aflijo, porque seria pior.

Hoje, pela manhã, ao ler, pela segunda vez, "Monsieur Bergeret à Paris", de Anatole France, fui ter ao capítulo VI, em que Bergeret e Zoé visitam a casa onde vão morar, próximo ao jardim de Luxemburgo. Cada um está satisfeito com o seu aposento. Lembram-se, porém, de Pauline, que não se acha presente. Ficará ela satisfeita?

— "Pauline n'est pas malheureuse avec nous", — diz Bergeret.

— "Non, certes", — confirma Zoé.

E com a sua perspicácia feminina:

— "Elle est très heureuse. Mais elle ne le sait pas".

Quem sabe se eu, também, não sou feliz, e não o sei?

*Segunda-feira, 2 de abril:*

A vaga deixada por Oliveira Lima na Academia começa a movimentar os candidatos, que assediam os acadêmicos. Os nomes que surgem são de rapazes que ainda não têm uma obra, e que prometem trabalhar, quando entrarem para a Academia.

No edifício do "Petit-Trianon", onde marquei uma entrevista com um dêles, o didata Carneiro Leão, encontro Medeiros e Albuquerque e Augusto de Lima. Trocamos idéias sôbre a situação. Augusto de Lima opina por um apêlo a algum grande nome fora da literatura profissional, lembrando o Ministro Edmundo Lins, do Supremo Tribunal. Contra as grandes figuras há, porém, o pequeno exército das mediocridades, no seio da Academia. Os poetas que metemos na casa não querem agora senão poetas.

É essa, também, a minha opinião e o meu temor, que manifesto. Ou se promove uma reação, ou a Academia estará perdida para o decurso de duas ou três gerações. Aí está O., incapaz de escrever um parecer com a própria pena, e que, para conseguir o seu discurso de recepção, teve de ir a Buenos Aires, onde o obteve do seu íntimo amigo Ildefonso Falcão, funcionário do

consulado. Aí está L. C., cuja prosa é inferior a qualquer ditado de normalista romântica. Aí está, finalmente, A. T., cuja obra se resume a meia centena de quadrinhas, o que dá uma quadrinha de dois em dois anos, e que nem isso escreveu mais depois que entrou para a Academia.

— O A. — confesso, — será para os vindouros, na Academia, o que é, hoje, para nós, o Silva Ramos.

Mas concluo:

— E, o que é pior, um Silva Ramos sem gramática!

*Terça-feira, 3 de abril:*

Pequeno, magro, entanguido, com o seu fraque prêto que data, parece, do tempo do Império, e um chapéu côco contemporâneo do fraque, — com o seu tipo, em suma, de antigo chefe de seção de secretaria de Estado, — encontro na Livraria Leite Ribeiro o historiador Rocha Pombo. O bigode de sexagenário cai-lhe, branco, dos cantos da bôca. Tôda a sua figura respira, em suma, pobreza limpa, e modéstia. Falo-lhe da sua candidatura à Academia, na vaga de Oliveira Lima. Animo-o, peço-lhe que trabalhe, que se resolva, que se agite. Os olhos do bom velhinho, olhos que não se escondem por trás de qualquer vidro, se iluminam, como os de uma criança a quem se prometesse doce.

— E depois, se vocês não me elegem? — ponderou, de repente, numa expressão de tristeza. — Eu já nem alimento esperanças...

E voltando à sua serenidade habitual, como quem quer evitar tôda a sorte de tentação:

— A minha vida, como eu já disse uma vez num álbum, tem sido um constante varrer de escada de baixo para cima...

*Quarta-feira, 4 de abril:*

Academia. E após a sessão, jantar em casa de Coelho Neto, intimidade que os meus afazeres não permitiam há muitos anos. A casa é a mesma, a sala de jantar é a mesma, e os mesmos os móveis. Tenho, no entanto, a impressão de que a mesa é muito menor, sem os pratos e o bulício de há dez ou doze anos. Pergunto ao escritor se êle suprimiu, ao móvel, alguma tábua.

— Não; é sempre a mesma, que tu conheceste... — diz-me êle.

Reflito, então. O que falta são os convivas, os companheiros antigos. No lugar em que me assento, assentava-se Bilac, quando ali ia. Do mesmo lado, adiante duas cadeiras, ficava o Mano, filho

mais velho do escritor, que lá está, já, no silêncio da morte. À direita do dono da casa, que ainda ocupa o seu lugar à cabeceira, ficava D. Gabi, que, entre a vida e a morte, já não pode descer dos seus aposentos. Lá para o fim da mesa, entre a meninada, era o lugar de Aníbal Teófilo, assassinado covardemente pelo então Deputado Gilberto Amado, que, por isso, foi promovido a senador. Em tôrno à mesa, hoje triste e sem crianças, como aos olhos de Ulisses na furna de Tirésias, passam e repassam as sombras...

*Quinta-feira, 5 de abril:*

Dia santo, um dos maiores da Igreja, que o crismou de Quinta-Feira Maior, a palestra com o amigo que me dá informações da vida galante da cidade havia de versar, necessàriamente, sôbre matéria sagrada. Na sua vida de "correur aux femmes", foi êle ter a uma dessas agências de amor, cuja proprietária, justificando os pecados que se quisesse cometer no dia, lhe referiu:

— Sabe o senhor quem estêve aqui ontem, quarta-feira de Trevas? Há uns quinze dias veio aqui, mandado por um dos choferes que servem a casa, um sujeito muito amável, e todo maneiroso, que o próprio chofer me disse, depois, ser um padre. Êsse sujeito voltou ontem. E sabe o que foi que eu apurei, por um retrato que saiu numa revista? É que o tal meu freguês não é padre: é bispo!...

E com a mesma alegria escandalizada:

— A mim, porém, isso não me admirou nada. Quando eu tinha casa à Rua Benjamin Constant, no princípio da rua, não é que um cônego, dêsses de batina debruada de roxo, atravessou da porta do palácio do Cardeal às duas horas da tarde, e entrou lá em casa, à procura de mulher? A casa estava cheia de gente, não havia um quarto desocupado. Eu arranjei o meu, e uma rapariga, que estava disponível. E nunca me arrependi tanto. O diabo do cônego não tirou nem os sapatos, de modo que me deixou a colcha completamente inutilizada!...

*Sexta-feira, 6 de abril:*

Separado de minha mãe há vinte e oito anos, em 1900, quando eu apenas tinha treze de idade, voltei a vê-la em 1902, por um ano; em 1912 por dois meses; em 1918, por dois meses e meio e em 1920, por trinta ou quarenta dias. Nesses vinte e oito anos de minha vida, passei, assim, a seu lado, menos de um e meio.

Agora, é ela que me vem ver. Vem de longe, de Parnaíba, no Piauí, com doze dias de viagem. Sou o seu único filho vivo. Tem sessenta e seis anos feitos, e é velhinha, miúda, magrinha, mas com a mesma figura de 1920. Acho-a mesmo mais forte, ou pelo menos mais resistente, do que em 1920. Parece que não tem, sequer, um cabelo branco a mais.

Recebendo-a nos meus braços, não me parece, todavia, que sinta a alegria que devia sentir. Adivinho, mesmo, que não veio de tão longe para ver-me, mas para tratar da netinha, filha de minha irmã, que a acompanha, e a quem se dedica com todo o coração. Eu sou um parente, e nada mais.

Ao constatar essas verdades não sinto, no entanto, a menor surprêsa. Sentimental ìntimamente, sou, na aparência, um indivíduo incapaz de despertar dedicações e, ainda menos, amor. Sei que sou reto e honesto, generoso e trabalhador. Os benefícios que espalho, não os espalho, jamais, com a esperança da recompensa, ou de simples gratidão.

Êsse feitio será, acaso, uma infelicidade? Acredito que não. A felicidade está, possìvelmente, nêle. Não é melhor que o indivíduo só confie em si, espere exclusivamente de si, e nada dos outros, do que esperar dos outros, seja proteção, seja amor, para sofrer, depois, amargas decepções?

Se há, no mundo, um homem que se considere "só", e que se não arrependa dessa condição, êsse homem sou eu.

*Sábado, 7 de abril:*

Antonino Freire, ex-Governador do Piauí, ex-Senador, e atualmente Deputado, é uma das figuras mais esquisitas do pandemônio nacional. Pequeno, magro, amarelo, tem o rosto achatado, a bôca enorme, desbeiçada como a de um saco, e os olhos saltados para fora, servidos por lentes fortíssimas, que faíscam encostadas à pupila. Enxergando pouco, é surdo de um lado, agravando-se tudo isso com a sua condição de tabético. Sem fôrças nas pernas, e pouco movimento nos braços, anda quase a arrastar-se. Fala por monossílabos, e isso mesmo gaguejando, e em voz quase imperceptível. Os seus adversários nos Estados puseram-lhe o apelido de "Sapo Esmagado", ou de "Sapo debaixo da pedra", em virtude da sua cara chata e dos seus olhos desmedidamente saltados.

Feio assim, e, mesmo, disforme, o atual Deputado piauiense tornou-se em breve indesejável aos olhos da própria espôsa, senhora honesta e bonita, que só tardiamente descobriu, ao que pa-

rece, os defeitos físicos do marido. Quasímodo tem, porém, coração. E Antonino Freire, doente, horrendo, acabado, e, sobretudo, pobre, veio a se apaixonar por uma linda senhora francesa de nome Germaine, ùltimamente divorciada de um espôso brasileiro.

Ao aperceber-se da paixão daquele admirador quase monstruoso, Germaine riu muito, a princípio. Depois, porém, afeiçoou-se. E de tal modo que, duas vêzes por dia, a hora certa, mesmo debaixo de temporal, corria ao pôsto telefônico do Catete, para dizer-lhe uma palavra de carinho e de confôrto.

— Vocês são amantes? — perguntou-lhe um dia a mais íntima das amigas.

— Não; não o somos.

— Fazes isso, então, por amor?

— Também, não; eu não o amo.

— Por que, então, todo êsse devotamento?

E Germaine:

— Por piedade, por pena... Estimo-o, dou-lhe a ilusão da felicidade, porque êle não tem no mundo quem o ame...

*Domingo, 8 de abril:*

De viagem para o Rio, encontro-me na barca com o Alberto de Oliveira, que está residindo, como eu, em Niterói. Trata-se da reedição dos escritores maranhenses mortos, missão de que estou encarregado pelo govêrno estadual, e o mestre parnasiano alude a Gonçalves Dias, que considera o maior poeta brasileiro e coloca muito acima de Castro Alves. Há referências à vida íntima do grande lírico, e Alberto indaga:

— A senhora do Gonçalves Dias não era uma Dona Olímpia, cunhada do Benjamim Constant? Então eu a conheci.

E conta:

— Não estou bem certo se foi em 1883 ou em 1884; sei que foi um ano antes do aparecimento das "Poesias", de Bilac. Havia no Rio uma sociedade literária "Gonçalves Dias", a qual promoveu nesse ano uma sessão em homenagem à memória do poeta, e que se realizou no salão nobre do Externato do Pedro II, na Rua Larga. Convidados para tomar parte, eu e Bilac assentamos que êle faria um discurso, e eu recitaria uma passagem do "I-Juca-Pirama". Foi essa, por sinal, a primeira vez que Bilac falou em público, ao contrário do que afirmou não sei onde o Miguel Couto. Terminada a festa, fomos, Bilac e eu, apresentados às pessoas da família do Benjamin, e à cunhada dêste, Dona

Olímpia. Era uma senhora já idosa, de cabelos brancos, mas com os sinais, ainda, de antiga beleza.

E concluindo:

— Ainda me lembro bem que tinha olhos verdes...

*Segunda-feira, 9 de abril:*

Ontem, domingo de Páscoa, iniciava eu a leitura do "Journal Intime", de Tolstoi, que comporta o período de 1853 a 1865, quando à pág. 7 do tomo I encontrei esta nota do futuro evangelizador da Rússia tzarista: "1853: 19 avril (jour de Pâques) — Pas mis les pieds à l'église et ai mangé du pain bénit, rompant ainsi le jeûne. Rien fait de la journée. Ai joué aux barres avec des gamins et des officiers. Je n'étais pas ivre; mon frère non plus, ce qui m'a fait grand plaisir".

"Eu não estava bêbedo; meu irmão também não...", diz Tolstoi, na mocidade, em um domingo de Páscoa, admirado de poder registrar um dia de temperança em uma vida de orgia tumultuosa. Vem-me à lembrança Sto. Agostinho. E eu me pergunto a mim mesmo, ao pensar que os moralistas são pecadores em estado de saciedade:

— Os melhores hóspedes do Céu não serão aquêles que voltaram da porta do Inferno?

*Têrça-feira, 10 de abril:*

A leitura, que estou fazendo, do "Alfred de Vigny", de Maurice Allem, deu-me uma idéia pouco lisonjeira do poeta, com a sua mania de nobreza e a sua preocupação em transformar em fidalgos prestigiosos, "galants guerriers sur terre et sur mer", modestos e obscuros capitães de navios. Pode-se imaginar, pois, a curiosidade impessoal com que eu ouvi, ontem, minha mãe, quando me contava:

— Dizem que os teus avós do ramo Veras, — que eu não conheci, pois que, quando teu avô morreu, teu pai tinha vinte dias de nascido, — eram opulentos e gastadores. Nesse tempo, segundo me contavam quando eu era moça, usava-se jaqueta de veludo, com pequenos bolsos, que se enchia de moedas de ouro; mas de tal forma que, quando os galãs iam dançar, e sapateavam no meio das raparigas, as moedas começavam a rolar pelo chão, para as crianças e os pobres apanharem. E nenhum homem rico, ao que me diziam, enchia os bolsos mais vêzes, e mais vêzes os esvaziava, do que teu avô, pai do teu pai.

E eu acredito. Os meus antepassados deixaram cair tanta moeda do bôlso que eu não encontrei nenhuma no meu...

*Quarta-feira, 11 de abril:*

A serviço da Prefeitura da Capital do Maranhão, visito o edifício do Ministério da Guerra, onde funciona a Comissão de Avaliações, destinada a regularizar as dívidas contraídas durante a última guerra civil. À frente dêsse serviço encontro um velho conhecido, o Almirante Sampaio, alvo, corado, cabeça inteiramente branca, rosto escanhoado, estatura mediana, impecável no seu uniforme de linho branco, e cuja figura me vinha à memória, como modêlo, tôda a vez que eu tinha de descrever nos meus contos galantes o meu elegante Almirante Justino Ribas. Duas horas de palestra sôbre política, sôbre coisas do passado e do presente, sôbre a decadência lamentável das nossas instituições militares.

— Viu, quando passou — diz-me êle, — o estado da parte antiga dêste edifício? No dia em que passarem, juntos, por êste alpendre, dez soldados, êle desaba. Êsses pedaços de parede de taipa que se acham abertos, caíram por si mesmos. E imagine que é nisto, na sala aqui ao lado, diante dêste capinzal que é o pátio, que funciona uma das seções da Missão Francesa! As próprias iniciais que caracterizam os dois Ministérios militares, anunciam o seu estado de pobreza: o "M. M." do Ministério da Marinha quer dizer "Ministério da Miséria"; mas o "M. G." do Ministério da Guerra quer dizer mais: significa "Miséria Grossa."

Falo-lhe da Escola Naval de Guerra, dirigida pelo Almirante Sousa e Silva, e onde um grupo de oficiais mobiliza no papel, em cálculos para uma batalha naval, uma esquadra problemática.

— A Escola Naval de Guerra foi organizada por mim, — informa o Almirante Sampaio; — mas eu a deixei com pena daqueles rapazes. Êles organizam ali os seus planos, fazem os seus cálculos; mas, em chegando aqui fora, onde estão os navios para experiência dêsses planos?

E com um riso sadio:

— É uma escola de masturbação mental...

*Quinta-feira, 12 de abril:*

Eleição na Academia. Eleito Ramiz Galvão, para a vaga de Carlos Laet, por 21 votos, em 2.º escrutínio, contra 14, dados a

Lindolfo Cólor. Votei em Cólor, meu companheiro na Câmara, não só pelas nossas relações políticas, como pelas desconfianças que tenho do mérito do seu competidor. Dizem-no um beletrista notável, senhor de grande cultura; a verdade, porém, é que, admirador seu, como quase tôda a gente, por informação, sofri a mais amarga das decepções ao ler um discurso por êle proferido no Instituto Histórico, há seis ou oito anos. Estilo obscuro, pronomes mal colocados, e, por tôda parte, o mau gôsto literário.

Intimamente, fiquei, contudo, satisfeito com a solução. Se a Academia elegesse Cólor, a culpa seria sua; elegendo, no entanto, o Barão Ramiz, se êle não corresponder à expectativa da casa e do país, a culpa será do próprio país, que, com a sua veneração, com essa "admiração preventiva" de que fala Ed. de Goncourt, o impôs à Academia.

Sentado entre Rodrigo Otávio e eu, Roquete Pinto, atual diretor do Museu Nacional e, há muitos anos, chefe de uma das suas seções, conta-nos, a cabeça baixa, na arquibancada da Academia, enquanto se procede à eleição:

— No govêrno Hermes, aí por 1912 ou 1913, apareceu no Museu, com uma carta de Palácio, um mocinho corado, bem vestidinho, ares de pelintra, que desejava falar ao diretor. Êsse mocinho havia sido nomeado jardineiro-mor da Quinta da Boa Vista, e aparecia para ser empossado. Deram-lhe posse, e êle nunca mais apareceu, passando no entanto dois anos a receber no Tesouro os vencimentos dêsse cargo.

E depois de aguçada a nossa curiosidade:

— Êsse "jardineiro-mor" era o Lindolfo Cólor, deputado, ex-candidato a Ministro, e candidato, agora, à Academia...

*Sexta-feira, 13 de abril:*

A nota transcrita no meu "Diário" de 1917, nesta data, reclamava um confronto. Pesei-me hoje, e a balança acusou 71 quilos, isto é, mais de 15 acima do pêso acusado há onze anos.

É o pêso médio, digo eu agora, de um campeão de boxe...

No gabinete do Ministro da Viação, Vítor Konder, que atende às partes nervosamente, consultando o relógio e passando a mão pelo cabelo que lhe cai sôbre a testa suada, Heitor de Sousa, Ministro do Supremo Tribunal, gordo e pálido, conta-nos, com a sua voz fina e baixa, a mim e a Aristeu de Aguiar, Presidente, já escolhido, do Estado do Espírito Santo:

— Eu era Procurador do Estado, em Minas, quando conheci o Desembargador Américo de Magalhães, que chegou, ali,

à Presidência da Relação. À entrada do Tribunal havia uma estátua de Têmis, de olhos tapados e seios muito volumosos, postos à mostra. O Desembargador Magalhães chegou, um dia, diante da estátua, e, depois de mirá-la, observou, com ironia, referindo-se a uma sentença que acabava de ser lavrada pelos seus colegas:

— Mas, venham cá...

E detendo os companheiros:

— Esta deusa é "peituda" e "vendada", ou "peitada" e "vendida"?

*Sábado, 14 de abril:*

É um caso que, talvez, interesse à Ciência, se a História, por intermédio de outro, que não eu, não quiser tomar conhecimento das suas particularidades.

Há na política e na imprensa brasileira uma figura, hoje nacional, que se notabilizou pela sua bravura, pela sua lealdade, pelo desassombro das suas atitudes. Jornalista vigoroso, foi deputado, e, na Câmara, enfrentou por mais de uma vez a quase totalidade da corporação. Valente e nobre, mediu-se, em plena rua, com os adversários mais temíveis, atraindo sempre a simpatia pública pela generosidade com que se portava diante daqueles que o seu pulso ou o seu direito podia subjugar. Prêso político, nenhum se mostrou menos intimorato. "Sportsman", não trepidou, jamais, em jogar a própria vida nas aventuras mais audaciosas. Inteligente e viajado, tem uma palestra brilhante, um raciocínio pronto, um conjunto, em suma, de talentos e qualidades que poucos homens têm reunido neste país.

Êsse jornalista, que é meu amigo, principiou a aparecer, de alguns anos a esta parte, em companhia de rapazes mais ou menos bonitos, que tomava à sua conta, sustentando-os. Fazia-se acompanhar por êles, vestindo-os da melhor roupa, levando-os às corridas, tratando-os com o zêlo, o ciúme, os cuidados que os homens só dispensam às amantes. E logo a notícia correu, e o boato se fixou, de que êsse meu amigo se entregava à pederastia ativa.

Uma singularidade causava, entretanto, estranheza; e era que êsses rapazes, êsses instrumentos de libidinagem sórdida, eram, por sua vez, homens, no absoluto rigor da palavra, sustentando mulheres de luxo com o dinheiro recebido do deputado.

Ontem, fazia eu as minhas unhas no "Salão Paulista", na Avenida, quando de mim se aproximou uma rapariga argentina,

cuja fisionomia me não era desconhecida. Perguntou se me não lembrava dela, e deu-se a conhecer.

— Eu vivia com fulano, — disse-me, — aquêle rapaz que andava sempre em companhia do seu amigo fulano...

Fiz um esfôrço de memória, e lembrei-me. E como o seu propósito de fazer confidências era grande, soube, por ela, que o jornalista e deputado sustentava o seu amante, mas a odiava, porque ela lhe tomava as horas.

— E o rapaz, seu amante, era, mesmo, masculino? — indaguei, com bom humor.

— Ah!... Era, sim! — respondeu-me, com orgulho.

— E fulano, que era, no meio de tudo isso?

E ela, prontamente:

— Era... a mulher! E era por isso, exatamente, que êle tinha ciúmes do meu amante, porque o queria todo para si, e o rapaz, como era natural, repartia a sua mocidade comigo...

Saí da barbearia com o coração confrangido. O boato, sôbre êsse ponto, que de alguns anos a esta parte vem enchendo a cidade, tem visos de coisa verdadeira. E eu senti uma tristeza tão funda, tão íntima, e uma pena tão grande a pesar sôbre minha alma, como se me tivessem acabado de anunciar o desmoronamento do Corcovado...

*Domingo, 15 de abril:*

Refletindo bem, a conclusão a que se chega é de que o maior mal do Brasil é o "horror das responsabilidades", de que falava Emile Faguet. É a êsse mal que se deve a anarquia política, a decadência literária, êsse mal-estar, em suma, que se observa em tôdas as classes, na sociedade brasileira.

A anarquia política e a decadência literária são originados pelo domínio dos incapazes; os incapazes, ou melhor, a incapacidade vitoriosa, é produto dos louvores da imprensa, do silêncio em tôrno dos homens honrados e da propaganda ruidosa dos medíocres, que a indiferença pública teria, de outro modo, condenado à obscuridade. E essa propaganda, certo, não seria feita, se aquêles que a fazem fôssem forçados a aparecer de rosto descoberto, sem o auxílio, de que hoje se prevalecem, do pára-vento formado por um jornal.

Assinasse cada um o seu louvor ou o seu ataque, caíssem os biombos por trás dos quais, como nos ampliadores de radiola, a voz dos mosquitos parece rugido de touro, e ter-se-ia iniciado o regime — para utilizar uma expressão da época, — de "estabili-

zação" dos valores, dando-se a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.

*Segunda-feira, 16 de abril:*

No livro de Maurice Allem sôbre Alfred de Vigny encontro uma informação sôbre a popularidade de Vítor Hugo. Esta, deveu-a inicialmente o grande poeta a Sainte-Beuve, que o incensava na rua, nos seus folhetins literários, ao mesmo tempo que desonrava o seu lar. Colaborava na sua glória mas tirava-lhe, em pagamento, a mulher.

Quantos monumentos, como o de Hugo, — que, aliás, não precisava disso, — não terão por pedestal um bidê?

*Têrça-feira, 17 de abril:*

Em agôsto passado extraí as minhas amígdalas, que considerava minhas "inimígdalas", e a que atribuía os meus constantes resfriamentos. Há dez ou doze dias apareceu-me, porém, uma dor de garganta. Recorri à homeopatia. Apelei para os gargarejos. Recomendaram-me água oxigenada. Fi-lo, porém, em dose tão forte, que me queimou a mucosa. Pedi à família que me arranjasse outra coisa. Aplicaram-me um remédio com iôdo. Resultado: uma inflamação geral da garganta, com febre e agitação, e uma noite de insônia ou de pequenos sonos povoados de pesadelos.

Pela manhã, porém, ainda sufocado, sento-me ao trabalho.

*Quarta-feira, 18 de abril:*

A garganta ainda me arde e oprime. Achando-me, porém, já, um pouco melhor, vou à cidade, a percorrer Ministérios, em serviço do govêrno do Estado.

Anteontem, à noite, com a febre nas veias, agitado, chamei minha mulher, e recomendei-lhe, mais uma vez:

— Olha, eu não quero ser sepultado em Niterói... Freta uma lancha e manda o meu corpo para o Rio...

Eu tenho, em verdade, a impressão — e não sei se já disse isto neste "Diário", — de que, indivíduo enterrado em Niterói, é indivíduo morto duas vêzes. Aqui, enterra-se o corpo e, com êle, o nome do sujeito.

Não tenho, entretanto, dúvidas, de que, morrendo aqui, minha mulher me fará sepultar aqui mesmo. Ela supõe que eu de-

sejo ir para o Rio porque meu cadáver pretende namorar algum esqueleto por lá...

* * *

Contava-me hoje o meu amigo de todos os dias, cujo prazer mundano, na terra, consiste em aumentar os pecados da sua carne, ter ouvido, horas antes, no silêncio de um quarto discreto, esta curiosa confissão feminina:

— Eu tenho três filhos, e quero mais ao segundo do que a qualquer outro. Examinando a minha consciência, cheguei à convicção de que essa predileção é devida ao desinterêsse com que concebi o primeiro. Ao conceber o segundo foi que, de repente, senti em tôda a sua extensão a delícia dos prazeres da carne.

E com alta filosofia:

— Eu estou convencida de que o próprio amor materno é uma modalidade do nosso egoísmo: o amor a um filho não é senão a saudade do ato em que o concebemos, e está na razão direta do prazer maior ou menor que sentimos nesse momento...

Aí está uma opinião que merece, evidentemente, a atenção dos fisiologistas e dos filósofos.

*Quinta-feira, 19 de abril:*

Sessão na Academia, a qual exibe as suas mais características mediocridades. Fala Ataulfo de Paiva. Ao fim de meia hora de discurso do magistrado-acadêmico, Roquete Pinto pergunta-me:

— Mas, afinal, que é que êle quer?

Ataulfo de Paiva é, em verdade, um dêsses oradores prolixos e intoleráveis, que pisam e repisam o assunto, monòtonamente, recorrendo ao maior número possível de advérbios e adjetivos, cada qual menos apropriado. Como o vocábulo exato lhe não acode, êle vai usando os que lhe surgem, e o resultado é, ao fim de uma hora de prolação, achar-se êle tão longe do assunto como no princípio.

— O Ataulfo — respondi a Roquete, — é o pião da Academia. O pião gira, e regira, zumbindo, até o fim da corda que se lhe deu. O Ataulfo é assim: quando começa a falar, nunca se satisfaz. E, por isso, fala, até tombar fatigado...

Olegário Mariano mostra-me uns versos miúdos sôbre a candidatura do capitalista Alberto de Faria, autor do livro "Mauá", à vaga de Oliveira Lima. Tomo da pena e faço, por minha vez, os seguintes:

*"Ontem, na secretaria*
*Do Pequeno Trianon,*
*Perguntava um tal Faria*
*Se algum candidato bom*
*Havia, acaso, por lá.*
*E o secretário, que ria,*
*Dando-lhe as costas: — "Mau, há..."*

Os versos de Olegário são êstes:

*"Chamaram-me de insensato*
*Porque me fiz candidato*
*À Academia. "Voilá!"*
*Sou como a "Fruta do Mato",*
*Só dou na Praça Mauá..."*

Em cima, na sala do chá, a um canto de janela, Coelho Neto confessa-me a sua tristeza por observar, no seio da Academia, uma guerra surda à sua pessoa. A Academia rejubila-se com o aniversário de cada um dos seus membros novos, com a publicação de cada obra de principiante: as datas da sua vida passam, entretanto, olvidadas e, particularmente as da sua vida literária. Os cento e dezoito volumes que já publicou não merecem uma referência; e confessa que lhe causou estranheza o silêncio da casa e dos companheiros em tôrno da sua recente eleição a Príncipe dos Prosadores Brasileiros.

Digo-lhe, por minha vez, a verdade. Na semana anterior, era pensamento meu requerer uma demonstração da Academia. Indo, porém, à mesa, pedir a Augusto de Lima, presidente, que me reservasse a palavra para êsse fim, êste me pediu que o não fizesse.

— Essas eleições interessam apenas aos jornais, que especulam com essas coisas... — dissera-me Augusto de Lima.

— É como te digo, meu velho, — diz-me Coelho Neto, com tristeza, depois que lhe relato o caso.

E mais triste ainda:

— Movem-me guerra, aqui dentro...

*Sexta-feira, 20 de abril:*

Escrevi hoje o prefácio, isto é, as três ou quatro páginas que devem preceder a "Odisséia", tradução de Odorico Mendes, e cuja publicação, como a de tôda a Biblioteca dos Escritores

Maranhenses, me foi confiada pelo govêrno do Maranhão. Contratei a edição do volume inicial, a epopéia argiva, que deve ter 320 páginas, com as oficinas do "Anuário do Brasil". A tiragem será de 1.500 exemplares, dos quais 100 encadernados, custando ao Estado 3$500 cada exemplar, formato grande. O meu trabalho será rigorosamente gratuito.

A primeira proposta para impressão do livro, que recebi, foi da Livraria Leite Ribeiro, que desejava 4$700 por exemplar. Para evitar a aceitação que as minhas relações com a casa me impunham telegrafei duas vêzes ao Presidente Magalhães de Almeida pedindo-lhe que me telegrafasse com urgência recomendando procurasse o maior número de propostas, para escolher a melhor. O telegrama veio, exatamente como eu o pedi; a minha sensibilidade é, todavia, de tal ordem, que, não obstante ter sido solicitada por mim, a recomendação me tocou uma das fibras mais delicadas do coração...

Calculo que a Biblioteca de Escritores Maranhenses venha a constar de uns cinqüenta volumes, *in* 4.º, que poderão ser vendidos, incluindo a pesada comissão dos livreiros, entre 6$000 e 7$000.

*Sábado, 21 de abril:*

Quando eu não era, ainda, deputado, organizava planos de trabalho literário para quando o fôsse. Eleito, e aberta a Câmara, as ocupações políticas tomaram-me todo o tempo, de modo a prejudicar a minha atividade nas letras. Por essa ocasião, prometi a mim mesmo recuperar o tempo consumido fora do meu gabinete por um trabalho mais intenso durante as férias. E estas chegam ao seu têrmo sem que eu haja feito a décima parte do que projetava.

E, no entanto, a vida poucas vêzes me tem corrido tão ativa e nervosa. Tendo a meu cargo a defesa do govêrno na imprensa e os seus interêsses políticos perante os Ministérios da Viação e Fazenda, e perante o Catete, as incumbências são tantas que eu não posso ficar em casa um dia, sequer, na semana. As horas que as letras me tomavam, toma-as, hoje, o Estado, com a circunstância de tratar-se, hoje, de uma atividade que não deixa vestígio, e que o não deixará, mesmo, na gratidão dos indivíduos a quem sirvo, arranjando-lhes nomeações e promoções no Estado.

A Política é, na verdade, um monstro que anestesia as suas vítimas, antes de devorá-las. Será possível que êste monstro me devore?

*Domingo, 22 de abril:*

Mãos inchadas e doloridas. Qualquer esfôrço com elas, torna-as vermelhas e congestionadas. O meu dentista descobriu uma supuração nas minhas gengivas, na base dos dentes inferiores. Começa, é verdade que um pouco cedo, a liquidação...

*Segunda-feira, 23 de abril:*

Na secretaria da Câmara, onde se reúnem, nestes últimos dias de férias, os funcionários da casa e alguns deputados, o Diretor Ernesto Alecrim conta um episódio que testemunhou, e que é confirmado por outros empregados antigos.

Era, ainda, no edifício da Cadeia Velha. Achava-se na tribuna um orador baiano, e Germano Hasslocher, que poucas vêzes se sentava, preferindo errar entre as bancadas, conversando de pé com um e com outro, estacou para aparteá-lo.

— V. Ex.ª não tem razão, — declarou, em certo momento. — O Senador Rui Barbosa é um homem de grande talento mas não é um grande caráter.

A pouca distância, na bancada da Bahia, achava-se o Deputado Alfredo Rui, famoso pela sua mudez parlamentar e pela sua quase cretinice. Ouvindo, porém, a agressão ao pai, o mudo aventurou, reunindo tôda a energia concentrada em duas legislaturas de silêncio:

— V. Ex.ª não pode dizer isso! V. Ex.ª não tem autoridade para julgar o Senador Rui Barbosa!

Germano voltou-se para o lado do aparteante. Mediu-o, com desdém, de cima a baixo. E deixou, entre o silêncio da Câmara, cair, pausadamente, uma a uma, como quinze penedos, sôbre a cabeça do desgraçado, estas quinze palavras esmagadoras:

— O senhor seu pai é um homem de talento; mas V. Ex.ª é uma bêsta!

*Têrça-feira, 24 de abril:*

A morte do antigo diplomata e republicano histórico Ciro de Azevedo, eleito pouco antes Presidente de Sergipe, levou à Presidência do Estado, para impedir uma luta dos grupelhos que exploram pòliticamente essa terra infeliz, um coronel matuto, de nome Manuel Dantas, que havia assumido o govêrno como Vice-Presidente. Êsse Manuel Dantas, ou Manuel Caroço, como lá o chamam e passaram a chamá-lo aqui, fêz há poucos meses uma

viagem ao Rio, e tornou-se, aqui, um verdadeiro bôbo alegre nas mãos de Gilberto Amado e Lopes Gonçalves, senadores, Graco Cardoso e Gentil Tavares, deputados, e de Hermes Fontes, candidato à deputação. E como são, alguns dêles, ou quase todos, indivíduos para os quais a política é um prostíbulo, não acharam lugar melhor para levar o velho do que as numerosas casas de "rendez-vous" do Rio de Janeiro, pelas quais andaram a arrastar, com o bôlso repleto de dinheiro, a figura exótica do ancião, — figurinha miúda, esmirrada, chôcha, de bôca sem dentes, e queixo enfeitado por cavanhaque ralo, de roceiro de comédia.

Mário de Vasconcelos, diretor de "O Imparcial", que, como muita gente, vive discretamente nesses lugares a sua hora de amor, confirmava-me ontem essa notícia.

— Eu o vi na casa da Ermelinda, — disse-me. — E tive pena do pobre diabo, explorado por meia dúzia de espertalhões da imprensa e da política.

E disse-me isso de tal modo, que eu tive a idéia de um urso manso e ridículo, explorado num circo por uma "troupe" de ciganos...

*Quarta-feira, 25 de abril:*

A visita, ontem, de um casal jovem, que foi abençoado pelo padre e sacramentado civilmente pelo pretor há oito ou dez dias, deu-me a idéia de escrever uma pastoral a todos os noivos da terra.

Os dias mais felizes de uma existência são êsses da lua de mel, quando se a goza na mocidade. Todos os sonhos deliciosos da vida desabrocham nessas três ou quatro semanas que sucedem ao dia do casamento. E, no entanto, raro é o noivo que não envenena êsse período de ventura com alguns momentos de dúvida, de ciúme e, mesmo, de terror. Se eu tivesse uma voz estentórica, ou uma tuba poderosa, embocá-la-ia, para gritar, bradar, trovejar, de modo a ser ouvido em todos os lares constituídos na véspera:

— Noivos enamorados, ampliai quanto possível o vosso período de embriaguez, multiplicando as vossas horas de sonho. Não desperteis dêsse sono encantado porque não adormecereis outra vez. A hora que passa é a mais risonha da vossa vida. Bebei de olhos fechados, sem tomar fôlego, as sessenta gotas do néctar que, em cada uma delas, os deuses vos oferecem!

Os noivos, em geral, não compreendem isso. Encantadas com o mundo sùbitamente revelado, as mulheres, nesses dias que se seguem ao casamento, multiplicam as asas da sua alegria, tor-

nando-se descompassadamente joviais, como pássaros que, nascidos em viveiro, descobrissem de súbito a vastidão imensa do céu. Mendigo da véspera, investido de repente, como senhor absoluto, na posse de um tesouro com que sonhara tôda a vida, dia e noite, o homem alarma-se com aquela alegria e, temendo perder o seu tesouro, põe-se em guarda, na sua defesa. A jovialidade, a coquetaria, a graça nova, os sorrisos com que a noiva sorri ao mundo, os olhares com que ela desafia inocentemente a vida — tudo isso que é causado por êle, é feito para êle, torna-se, para o noivo, na lua de mel, motivo de ciúmes, de suspeitas, de cenas que destroem, em parte, a felicidade que podia ser gozada por inteiro.

E era por isso que se fazia mister uma palavra de conselho, e êste grito, bem alto, a todos os homens recém-casados:

— Noivos de todos os recantos do mundo, preveni-vos contra vós mesmos. Tende confiança na companhia que escolhestes, não tôda a vida, mas nesse período que se inaugura com a comunhão de duas almas, de dois corpos, de duas existências. Lembra-te de que, se a mulher a quem te uniste te não quisesse, ela não se uniria a ti, como se uniu. Se há um momento em que deves confiar nela, de olhos fechados e lábios abertos, é êste.

E concluiria baixo:

— Confia absolutamente agora; desconfia permanentemente depois...

*Quinta-feira, 26 de abril:*

A sessão pública da Academia, comemorando o centenário do nascimento de Ibsen, levou à tribuna os quatro oradores prèviamente inscritos: Roquete Pinto, que leu um pequeno trabalho incolor, cheirando à candeia da véspera; Antônio Austregésilo, que se referiu, de memória, à sua viagem à Noruega, levado pelo culto de Ibsen, e que, do meio para o fim, se tornou fatigante, pela impropriedade do vocabulário; Afonso Celso, que tratou do Conde Frozor, amigo de Ibsen, seu tradutor e introdutor no Brasil, e que foi Ministro da Rússia no Rio de Janeiro; e, finalmente, Coelho Neto, que teve de procurar os pontos inexplorados de um assunto explorado por tanta gente. Mesmo assim, foi o único que arrebatou o auditório, e que foi interrompido por êste, mais de uma vez, com palmas de entusiasmo.

Coelho Neto é, em verdade, um orador inigualável, dentro ou fora da Academia. Imaginoso, com o vocabulário rico, a palavra acode-lhe fácil, formando a frase cintilante e, com esta, o

período harmonioso, magnífico, lapidar. As comparações, as hipérboles, as imagens, tudo isso se multiplica, enriquecendo o discurso, sem prejuízo da clareza e da elegância. A voz cheia e forte, ora se ergue num grito, ora desce, acompanhando a ondulação da frase, fazendo vibrar ou sorrir a platéia. E tudo isso com a gesticulação peculiar dos nervosos, o dedo estendido para as filas de cadeiras, o corpo recuado da tribuna, um ombro mais baixo do que o outro, como o gato que vai saltar sôbre a prêsa. Por trás do "pince-nez" forte e sem aros, os olhos, redondos, fixos, esbugalhados, amarelos, faíscam como os de um gato selvagem. Nas invectivas, o lábio inferior pende-lhe, trêmulo, fazendo cair palavras de desdém ou de desafio.

O grande romancista possui, além destas virtudes, a eloqüência das mãos. Quem o ouvir na Academia ou nas salas de conferências, não deve perder os movimentos dos seus dedos. Magras, finas, longas, as mãos de Coelho Neto multiplicam-se no ar, e com uma harmonia, um ritmo, uma agilidade, que seriam invejadas por uma bailarina. As suas mãos, no ar, desenham colos e marcha de cisnes, como poucas mulheres o fariam dançando o bailado de Salomé.

Cobertos apenas pela pele, ossos, tendões, nervuras, tudo aquilo se move e desloca, traçando frases de silêncio que só o espírito compreende. Hoje, elas voaram como andorinhas ou ondularam no ar como serpentes voadoras. E eu, vendo-as, lembrei-me da impressão que elas me deixaram quando, na noite em que Gilberto Amado devia matar Aníbal Teófilo, o vi recitar o seu conto "A formiga e a cigarra". Dito de memória, quase improvisado, Neto procurou, depois, reconstituí-lo, escrevendo. Mas o conto não saiu mais o mesmo. E que impressão davam as suas mãos, quando, voltando os dedos para baixo, buscavam oferecer a imagem das raízes famintas, procurando, sôfregas, sob as camadas de gêlo do maior inverno do mundo, um punhado de terra viva em que se afundassem!

A obra de Coelho Neto ficará, imperecível, na admiração dos contemporâneos e dos que vierem depois. O escritor é grande e maravilhoso. Só poderá, porém, medir-lhe a estatura quem tiver conhecido o orador.

*Sexta-feira, 27 de abril:*

Em visita à Academia, onde fui, hoje, receber os primeiros cantos da "Odisséia", tradução de Manuel Odorico Mendes, de

cujo original mandara tirar cópia, examinei, ali, as quarenta caixas de fôlha mandadas fabricar pela diretoria atual, e destinadas a receber todos os papéis referentes aos ocupantes de cada cadeira. Puxei a caixa n.º 20, ossuário mental dos meus antecessores, meu, e daqueles que me sucederam. Em uma pasta, encontro cartas autógrafas de Joaquim Manuel de Macedo, e retalhos de jornais, relativos ao seu centenário, em 1920; em outra, autógrafos de Salvador de Mendonça, inclusive cartas a Machado de Assis, e a sua bibliografia completa, organizada amorosamente pelos filhos; em outra, as cartas de inscrição de Emílio de Meneses, pedaços de jornais com sonetos seus ou com as notícias da sua morte, do seu entêrro e da trasladação dos seus ossos para o Paraná; e, finalmente, a que se referia à minha pessoa.

Era a mais volumosa. Abri-a. Autógrafos meus, rascunhos de pareceres lavrados na Academia, notícias de jornais entusiásticos, ataques violentos de outros, resto de tinteiro de amigos, bôrra de tinta de inimigos, — em suma, punhados de flores e braçadas de pedras, sob as quais tem corrido, vertiginoso e revôlto, o rio da minha vida. Respeitei tudo, como coisa sagrada. E fechei a caixa comovidamente, como a sombra de um morto que acaba de remexer os próprios ossos, no seu túmulo...

*Sábado, 28 de abril:*

Na Praia do Russell, no pequeno mas poético jardim ali existente, foi inaugurada, hoje, à tarde, a herma de Alberto de Oliveira. Promovida por Aloísio de Castro, com o auxílio financeiro de todos nós da Academia, essa homenagem teve por objetivo comemorar o 50.º aniversário da publicação das "Canções Românticas", livro editado precisamente em 1878.

Alberto de Oliveira, segundo leio nos jornais, não assistiu, de corpo presente, essa manifestação do carinho e da admiração dos seus amigos. Alegando moléstia, subiu ontem para Petrópolis.

— Não sei o que tenho, — teria êle declarado, ontem, a um jornalista. — Nada me dói, mas começo a sentir um grande desalento.

E batendo no peito, do lado do coração:

— Há alguma coisa aqui, na casa da vida...

*Domingo, 29 de abril:*

Anteontem, pela manhã, quando trabalhava, tive uma vertigem. O meu gabinete, com as suas estantes, as suas cadeiras, o

seu divã, o seu abajur, o seu ventilador, a sua máquina de escrever, girou em tôrno de mim, como se tudo tivesse desmoronado. Fechei os olhos, baixei a cabeça sôbre o papel em que escrevia, e deixei passar um minuto. Instantes depois restava, de tudo, apenas o mêdo de um mergulho mais longo na eternidade.

Ontem, procurei o meu médico alopata, Afonso MacDowell.

— É a hipófise, — disse-me êle. — Você, meu velho, está praticando um crime contra si mesmo. Vamos iniciar, hoje mesmo, êsse tratamento. Se você continua a protelar, depois, talvez seja tarde...

Capitulei. Reneguei a homeopatia, religião sem Inferno mas em que os santos não fazem milagres. E fiz, hoje, a minha primeira injeção, de um preparado em que entram o bismuto e o enxôfre, devendo fazer amanhã, outra, em que devem entrar o enxôfre e o bismuto...

*Segunda-feira, 30 de abril:*

Sábado reabriu a Câmara, em sessões preparatórias. Encontro de companheiros, de camaradas, de amigos, após quatro meses de separação, em que muitos, quase todos, andaram a passeio pelos respectivos Estados, entrando em contato com a terra, para os milagres de Anteu...

Os abraços, as palavras amáveis, a atmosfera de júbilo, deram-me a compreender o esfôrço desesperado dos políticos para se manterem nas suas cadeiras no Congresso. Aquêles que passam, reeleitos, de uma legislatura para outra, dão-me a impressão daqueles voluntários da grande guerra que partiam para o "front" deixando uma noiva, e, no regresso, vitoriosos, a encontravam à sua espera, com a bôca cheia de beijos e os olhos úmidos de prazer. Os que foram sacrificados nas urnas recordam-me, porém, os namorados infelizes, que encontraram a noiva morta ou, o que é pior, na estação, mas à espera de outro soldado...

* * *

Às duas horas, apesar de domingo, reunião, ontem, da Comissão de Poderes da Câmara, para reconhecimento de um deputado pela Bahia, Celso Spínola, e três pelo Estado do Rio de Janeiro: Arnaldo Tavares, Belisário de Sousa e Oscar Fontenelle. Aparece um contestante dêstes dois últimos, representado por um procurador. Agita-se no seio da Comissão, da qual sou membro, a validade do instrumento público, isto é, da procuração,

cuja firma não se acha reconhecida, por ser domingo e não funcionarem os tabeliães. Consultado em primeiro lugar pelo presidente, sou favorável à aceitação, preferindo, por mais liberal, o critério político ao critério jurídico. Amigo de um dos contestados, e tendo nojo, como homem de bem que sou, do contestante, não quero que êste alegue o cerceamento de um direito. Vota comigo o Deputado Carlos Penafiel, do Rio Grande do Sul. Votam contra os Deputados Deoclécio Duarte, do Rio Grande do Norte, que serve interinamente na Comissão, e Bernardes Sobrinho, do Espírito Santo. Incompatível, o Deputado Nourival de Freitas não vota. O presidente desempata a meu favor, aceitando a procuração e o prazo para a contestação é cedido, tendo eu, antes, justificado o meu voto.

## MAIO

*Têrça-feira, 1.º de maio:*

Todo de branco, na sua elegância de homem rico, o rosto escanhoado, a pele clara e fina, o médico Dr. Jaime Pogi, que acaba de passar dois anos na Europa e na América do Norte, conta-me aquilo que êle chama, e considera, uma das surprêsas da sua vida.

— Há uns oito ou nove anos, quando eu tinha a minha Casa de Saúde à Rua Marquês de Abrantes, apareceu-me ali, para ser empregada como enfermeira, uma mulatinha de nome Clotilde. Modesta, mas insinuante, aceitei-a. Semanas depois, ao atravessar o pátio, encontrei-a em conversa com um mulatinho esguio, vestido com pobreza, e que, pelas suas roupas e pela sua timidez, vi logo que não era um namorado. Ao ver-me passar, a rapariga chamou-me:

— "Doutor, faz favor?"

E trazendo o mulatinho tímido:

— "Apresento ao senhor o meu irmão..."

E disse um nome, que, pela sua vulgaridade, eu não pude reter. O mulatinho esguio e tímido voltou ainda à Casa de Saúde duas vêzes, pedindo-me, com atenciosa humildade, licença para visitar a irmã. Eu o fazia entrar imediatamente, sem trocar outras palavras, embora a enfermeira me tivesse dito, na apresentação, que êle era bacharel.

Um dia, notando que a Clotilde andava de namôro com um dos internos da Casa de Saúde, mandei fazer-lhe uma observação. Ela despediu-se, e nem me lembrava mais dela, quando, há uns cinco anos, a minha secretária me disse:

— Doutor, sabe quem está muito bem, e acaba de montar uma pensão? A Clotilde, aquela Clotilde que foi enfermeira aqui...

E para despertar o meu interêsse:

— O irmão dela, aquêle que vinha aqui falar com ela, parece que vai ser "governador" de Minas...

E Jaime Pogi conclui:

— O mulatinho tímido, irmão de Clotilde, era o Melo Viana, atual Vice-Presidente da República.

*Quarta-feira, 2 de maio:*

É uma página, mais, que Brantôme esqueceu, porque se tratava da virtude de um homem e, sobretudo, porque os melhores assuntos vieram ao mundo depois dêle.

É Governador de Pernambuco, atualmente, o Sr. E. C., galã de sessenta anos, ex-Presidente da República, o qual, ao assumir o govêrno daquela Unidade da Federação, organizou o seu gabinete com algumas dactilógrafas bonitas e jovens. Aos irmãos de Sedecias sempre foi agradável a proximidade das primas de Susana... Agora, chega ao Rio, de repente, a veneranda Sra. E. C., que havia seguido para o Recife, há pouco mais de um mês, com o espôso. E era dêsse regresso que, sem que eu lhe pedisse informações, me falava, hoje, na secretaria da Academia, Olegário Mariano.

— Então, você não sabe do caso? Pois, foi um escândalo! Imagina, menino, que a senhora do E., dias depois de terem os dois chegado ao Recife, foi procurá-lo no seu gabinete. À porta, o contínuo deteve-lhe o passo: "Madame, me desculpe, mas não pode entrar!" — disse. — "Eu?" — estranhou a senhora, espantada. E com arrogância: — "A mulher do Governador do Estado pode entrar a qualquer hora no seu gabinete. Abra essa porta!" Apavorado, o contínuo abandonou a porta, e desapareceu. A senhora abriu a porta, e atravessou uma sala deserta. Adiante, havia uma porta encostada. Empurrou-a, e, abrindo-a sem rumor, quedou, imóvel. O E., de joelhos no tapête, de costas para a porta, os olhos fechados, rugindo e uivando, tinha diante de si uma mocinha, a qual, sentada em uma cadeira de rodízio, dessas de mola, se atirava para trás, de cabeça e braços abandonados, no maior prazer do mundo!

Olegário descreve, então, ao vivo, cruamente, sem escolha de vocábulos, a reprodução daquela cena do Eça, em que Basílio de Brito faculta à sua prima Luísa, na intimidade do "Pa-

raíso", a sensação mais intensa porventura provada sôbre a terra, e conclui:

— A senhora do E., de pé, não fêz o menor movimento para espantar o casal. Quando os dois terminaram e deram com ela, ficou ainda um instante encostada à porta, e retirou-se, sem dizer palavra. No dia seguinte embarcava para o Rio.

E para dar autenticidade à narrativa:

— A moça era uma das dactilógrafas de Palácio, filha de um dos mais conhecidos educadores de Pernambuco...

*Quinta-feira, 3 de maio:*

Instalação solene do Congresso, no Monroe. Baixo, grosso, pele rosada e igual, bigode branco e tratado, cabeleira de prata, em uma ostentação feliz de velhice alegre e limpa, Antônio Azeredo de casaca, preside a reunião. À minha esquerda, em uma das tribunas, o corpo diplomático, em grande gala, tendo, ao centro, o Núncio Apostólico. Embaixadores, ministros, secretários, exibem os seus fardões agaloados e, sôbre êstes, montes de medalhas e laçarotes honoríficos. Lá fora, na Avenida, em uniforme de parada, um regimento de infantaria se estende, opondo uma barreira branca à pequena maré de curiosos.

Durante uma hora, os secretários lêem monòtonamente o documento oficial. Tendo de tomar parte em uma reunião da comissão de Poderes, na Câmara, saio antes de terminada a leitura, e não vou ao Catete. O que vejo é, porém, bastante para que se arraigue, mais, no meu espírito que, no momento atual, o mandato de deputado representa, para os homens de brio, uma dolorosa humilhação...

* * *

À noite, entro em um cinema. Como fui ao Monroe trajando o meu jaquetão democrático, encolho-me entre dois empregados do comércio, em roupas domingueiras. Em um dos intervalos, faz-se luz. Nos últimos segundos de claridade entram na fila seguinte, ficando por trás de mim, Basílio Viana, mulato viajado e internacional, e um casal corretamente vestido. Basílio consegue ver-me, e simula intimidade, dizendo, alto, ao casal:

— Neste cinema vem o Conselheiro XX...

— Verdade? — faz, num espanto, uma cristalina voz feminina, com acentuada tonalidade lisboeta. — Eu li todos os livros dêle, em Lisboa!

— Foi um sucesso lá! — confirmou o cavalheiro.

— E o Conselheiro é êste... está aqui... — diz Basílio, batendo-me no ombro.

— Ah!... — faz a dama, repetindo, com o cavalheiro, os elogios iniciais.

Volto-me. Basílio apresenta-nos, dizendo os nomes. Aperto-lhes a mão. Adivinho que a mulher é bonita. Percebo que o homem é fino... Aproveito, porém, a escuridão, e, despedindo-me, desapareço pela porta mais próxima...

*Sexta-feira, 4 de maio:*

Sessão na Câmara. Reunião da Comissão de Poderes, para reconhecimento dos dois deputados pelo Estado do Rio, justificando eu, aí, o meu voto favorável aos candidatos diplomados, sem prejuízo, porém, do direito, que tem o candidato contestante, de promover judicialmente a punição dos falsificadores da eleição em alguns Municípios. Diz "A Noite" que eu incentivei, na comissão, o contestante a tomar essa iniciativa moralizadora.

Em seguida, vou ao Ministério das Relações Exteriores, onde peço a intervenção do govêrno contra o abuso de alguns jornais argentinos, principalmente "La Novela Semanal", os quais, traduzindo os meus contos em números seguidos e durante meses, e até durante anos, modificam os nomes próprios e geográficos, desnacionalizando, assim, a minha obra e dando-lhe caráter de obra argentina, escrita em Buenos Aires. Proponho, caso se torne isso possível, que me sejam pagos os direitos autorais, e que, nas publicações seguintes, os jornais argentinos façam a tradução e não a adaptação dos meus contos.

À tarde, às cinco horas, em suma, sessão da Academia, onde tomo parte na discussão da ordem do dia, pondo a casa de bom-humor (o que faz com que Afrânio Peixoto, um dos oradores, me chame o Gravoche da Academia), e faço o elogio fúnebre do meu velho amigo João Lopes Ferreira, pai de Tomás e Oscar Lopes, jornalista que passou cinqüenta e cinco anos, dos setenta e quatro da sua vida, sôbre as mesas de redação.

À noite, trabalho no "O Imparcial", e uma hora de cinema. Dia cheio, como um ôvo, em que esta última hora de repouso tem a significação de simples bôlha de ar...

*Sábado, 5 de maio:*

Esguio e têso nos seus sessenta e muitos anos, a cabeça inteiramente branca, o rosto escanhoado, com a sua figura, enfim,

de estadista inglês, o Ministro Leoni Ramos toma o auto-ônibus na Praia de Icaraí, e vamos juntos até o Rio. É um oposicionista inteligente, às vêzes amargo, criticando a intolerância dos últimos governos mas deixando adivinhar quanto seria, êle próprio, intolerante, se fôsse govêrno.

Fala-se na Justiça, no Supremo Tribunal, de que é membro. Há uma referência ao Ministro Mibielli, que alguns jornais vêm acusando de corrução, por deter papéis em seu poder.

— É uma injustiça, — diz-me o Ministro Leoni Ramos. — O Mibielli é inteligente e honesto. Mas é preguiçoso e teimoso. Fica com os autos, meses inteiros, em sua casa. E quando os jornais reclamam contra a retenção de um dêstes, desanda a trabalhar, solta dezenas de processos, retendo, porém, aquêle pela demora do qual é censurado.

E com a sua franqueza pessoal:

— É um homem honrado, mas que pensa que a justiça é propriedade sua, e que êle pode exercer como e quando bem o quiser...

*Domingo, 6 de maio:*

A última sessão da Academia, com Alberto de Oliveira a falar, em um discurso escrito, nas "estrêlas de primeira grandeza do céu da nossa literatura"; com Cláudio de Souza a apresentar uma proposta que assim começa: "Considerando que a Academia pode ser considerada..."; com Gustavo Barroso a citar todos os autores encontrados no catálogo da livraria Hachette, para falar de um pobre rapaz de S. Paulo; o Adelmar Tavares a saudar Alberto de Oliveira com palavras líricas de batizado na roça, e a pedir para êle "um punhado de flôres de nossas palmas", dá-me uma tristeza tão funda que eu tenho a impressão de que me morreu um amigo, ou, pelo menos, um parente.

— Nós precisamos fazer aqui uma liga contra a retórica, — sopra-me ao ouvido Roquete Pinto.

Dentro em mim há, porém, indagação mais grave. É aquela frase de Arsène Houssaye, na "Histoire du 41e. fauteuil", na qual o autor pergunta a si mesmo:

— Trouverait-on, en remontant le fleuve du passé, la première académie dans l'arche?"

*Segunda-feira, 7 de maio:*

Entre os atributos da beleza feminina, um dos que mais me encantam é o cabelo. Daí o meu horror à mulher negra. Eu me

sentiria, parece, desonrado para o resto da minha vida, e sentiria engulhos até à hora da minha morte, se, arrastado pelo instinto, realizasse um ato amoroso com uma mulher de côr.

O que, nestas, me parece repelente não é, todavia, a pele; é o cabelo. Aquêles fios encaracolados, retorcidos, em espiral, dão-me a impressão de coisa imunda, tirada a um animal abjeto e posta sôbre o corpo humano menos como ornamento do que como castigo.

O homem branco que beijasse a cabeça de uma preta devia, como no caso do mercador que comia alho, e de que fala o conto árabe, lavar a bôca sessenta vêzes por dia, durante sessenta anos.

* * *

Ao entrar na Livraria Leite Ribeiro, encontro, sentado, conversando com Freitas Bastos, chefe da casa, o jurista Lemos Brito, que acaba de chegar de Portugal, onde foi realizar meia dúzia de conferências. Ao ver-me, diz:

— Aqui está um homem que está sendo muito lido por lá.

E conclui:

— Êle e o Coelho Neto...

Sento-me. E Lemos Brito informa-nos, então, a mim e ao meu editor, o sucesso dos meus livros galantes, revelados a Portugal pela exposição de livros brasileiros feitos em Lisboa e no Pôrto pelo livreiro Fraga Lamares.

— Você está sendo muito lido em Portugal...

*Têrça-feira, 8 de maio:*

Após quase dez anos, ou pouco mais do que isso, vem-me a memória uma frase de Emílio de Meneses. Havia morrido José Veríssimo, e Raimundo Morais, no Pará, escrevera um artigo levantando a minha candidatura à sua cadeira na Academia. Félix Pacheco, no "Jornal do Comércio", secunda-o, mas surge o nome do Barão Homem de Melo, que andava, nessa ocasião, pelos oitenta e um anos. Encontro-me com Emílio à Rua do Ouvidor, em frente à Confeitaria Pascoal, e êle interpela-me:

— Então, és ou não és candidato?

Digo-lhe que não.

— Mas por quê?

— Porque o Barão é candidato. Trata-se de um titular, de um antigo ministro, de uma figura histórica, e, depois, com oitenta e um anos...

— Bom; não te incomodes... Tens que esperar pouco... — diz-me o boêmio, rindo.

E referindo-se ao Barão, e à sua idade:

— Êsse entra com a vaga nas costas...

Dois anos depois eu entrava para a Academia. Entrava na vaga de Emílio...

*Quarta-feira, 9 de maio:*

Uma observação que faz, sem custo, o indivíduo que entra para a Câmara, é essa, da mentalidade mineira. O deputado mineiro — e eu refiro-me aos intelectuais, e não aos que são exclusivamente politiqueiros, — particularizam-se pelos seus estudos de humanidades. Conhecem o latim, trazem de cor as suas frases clássicas, e, quando juristas, conhecem todos os aforismos da profissão. Arrancados, porém, dêsse terreno, perdem o equilíbrio, sentem-se fora do seu elemento, como se estivessem dormindo, como a Princesa Adormecida no Bosque, desde o dia em que D. João VI voltou para Portugal. Conversar com José Bonifácio, Nelson de Sena, Basílio de Magalhães ou, mesmo, com Augusto de Lima, é recuar um século na história da Civilização.

Viver entre êles, ou interpelá-los, é penetrar num sepulcro, no qual os mortos falassem e nos dessem notícias da sua época, e dos seus conhecidos.

*Quinta-feira, 10 de maio:*

Plínio Casado, deputado federalista pelo Rio Grande do Sul, é uma das figuras de maior prestígio na Câmara. E eu empresto, no caso, à palavra "prestígio" um valor singular, pois que, na política brasileira de hoje, tôdas essas expressões têm uma importância relativa.

O prestígio de Plínio Casado não vai, em verdade, ao ponto de obrigar outro colega de bancada, e companheiro de partido, a votar desta ou daquela maneira, a subir ou renunciar à tribuna; se tentasse uma ascendência sôbre qualquer dêles, seria, certo, desobedecido. É, porém, depois de Assis Brasil, o mais velho do grupo, e chegou à Câmara antes dêste, uma ou duas legislaturas; foi deputado, da primeira vez, em 1896, muito moço, e conquistou, aí, foros de orador; é um constitucionalista, e tem, sôbre Assis Brasil, a vantagem de ser polido, delicado, maneiroso, procurando estribar-se mais nos argumentos do que nas frases ôcas e retumbantes, para agradar à platéia. Ajunte-se a isso o hábito

de conversar afàvelmente com todos os repórteres, não estabelecendo diferença entre êles e os deputados, e ter-se-á, aí, a significação de um prestígio e a história de uma popularidade.

Estatura mediana, magro, pálido, rosto escanhoado, sempre vestido de prêto, em conseqüência do luto constante em sua família; calvo até o meio da cabeça e, daí para diante, com o cabelo cortado à escovinha, a impressão que Plínio Casado nos dá, logo que o vemos, é a de um sacerdote protestante que se tivesse feito deputado. Concorre, ainda, para acentuar essa impressão, a sua voz. Sofredor de uma moléstia na garganta, a sua voz é sempre baixa, discreta, de quem dá conselhos ou faz confidências. Essa voz é, mesmo, uma espécie de abajur quando êle tenta, na tribuna, que raramente freqüenta, proferir um discurso mais veemente.

Era êsse homem, com essa figura simpática, e com essa voz de mistério, que, hoje, me contava êste pequeno episódio, que é, verdadeiramente, uma pequena sátira:

— Quando eu era estudante, havia em Pôrto Alegre uma prostituta, uma das mais devassas da cidade, que morava no Beco do Fanha e que tinha o apelido de "Opinião Pública". Formei-me, entrei para a política.

Chupou o seu cigarro de palha, e concluiu com um risinho surdo:

— Eu não sei por que, tôda vez que um orador apela para a "opinião pública", me vem logo à lembrança a tal prostituta do Beco do Fanha!...

* * *

À tarde, Academia. Ataulfo de Paiva, designado, cronològicamente, para relatar alguns verbetes do Dicionário, abre a bôca, e começa a dizer asneiras. Um quarto de hora, meia hora, e o homem não acaba. A Academia escuta-o num silêncio envergonhado, semelhante àquele com que escuta Adelmar Tavares, quando fala, e àquele com que escutaria Olegário Mariano, se falasse. De repente, Roquete Pinto me bate no braço:

— Você não acha que o Laet tinha razão?

— Em que?

— A história quem ma contou foi o Osório. Dizia o Osório que, quando o Ataulfo começa a falar, o Laet, a seu lado, ressonava:

— "Lá vem o irmão da Gata Borralheira!"

E se alguém não compreendia:

— "A Borralheira não tinha uma irmã que botava bosta pela bôca?"

*Sexta-feira, 11 de maio:*

Marcondes Filho é uma interessante figura de paulista, dêsses que se acham destinados a uma alta situação na República. Trinta e poucos anos. Alto, magro, elegante, alourado, olhos azuis, rosto escanhoado, cabelo em pastinha crespa, discretamente arrumada sôbre a calva prematura, mas adiantada. Fisionomia móvel, tôda ela transpira a jovialidade de quem vem triunfando na vida e, por isso mesmo, quer fazer da vida um brinquedo. Orador de nomeada na Câmara Estadual, confirmou na Câmara Federal, no ano passado, a fama que o precedia. Falando com facilidade, tem recursos graciosos de ataque, mostrando, em geral, mais talento e espírito do que, pròpriamente, cultura.

Enquanto o examino, Marcondes conta-nos, a mim e a Roberto Moreira, a solução de uma das suas escaramuças políticas. Amigo de Marrey Júnior, mas seu adversário político, pertencendo um ao Partido Democrático e outro ao Partido Republicano Paulista, sucedeu que Marrey denunciasse o P.R.P. de alistar três eleitores com documentos duvidosos, fazendo-os votar. A denúncia era verdadeira, e os eleitores eram de Marcondes. Êste compreende a situação, manda chamar os três homens, redige uma declaração, que cada um assina. E no dia seguinte aparecem estas nos jornais, vendo-se, por elas, que os signatários protestavam contra a imputação de serem eleitores do govêrno, e informavam ter, um, votado no Partido Democrático, outro, no Partido Independente, e outro, no Partido da Mocidade.

— No dia seguinte, cedo, ao ler as declarações, — conclui Marcondes Filho, — o Marrey não se conteve: telefonou para a minha casa passando-me a maior descompostura que tenho ouvido na minha vida!

Passa-se a tratar de literatura, e chega-se ao capítulo das citações latinas. Marcondes confessa o seu horror a essa língua morta, da qual, diz, não entende nada. Tem então, uma imagem pitoresca:

— Tôda a vez que escuto um orador, — diz — eu tenho a impressão de que faço uma viagem olhando pela portinhola do trem a paisagem iluminada; quando chega, porém, no latim, fica tudo escuro.

E numa frase feliz:

— Latim, para mim, é túnel!

*Sábado, 12 de maio:*

A uma das mesas da sala do café, na Câmara, presente Roberto Moreira, Afrânio Peixoto faz uma referência ao cabotinismo de Gilberto Amado.

— Gilberto? Gilberto — digo-lhe eu, — é capaz de matar o próprio filho, e dá-lo aos cães, contanto que se fale no seu nome!

— Homem, — observa gravemente Afrânio, — por mais terríveis que sejam essas palavras, elas não devem estar muito longe da verdade. Senão, escutem.

E contou:

— Antes de assassinar Aníbal Teófilo, Gilberto havia publicado um livro, "A Chave de Salomão", do qual foi editôra a Livraria Alves. Prestadas as contas ao autor, deu-se, pouco depois, o assassinato. Saído da prisão, vai Gilberto ao editor, verificar se tinham sido vendidos novos exemplares. Recebido pelo Paulo Azevedo, então gerente, hoje dono da livraria, êste, visìvelmente constrangido, comunicou-lhe que, após a última prestação de contas, não se tinha vendido mais um só livro seu, acentuando todavia como consôlo que isto se dava sempre com os autores que não escreviam para as multidões, mas para as "elites".

— "Mas, não se vendeu nem mais um exemplar?" — estranhara Gilberto.

— "Nem um, a mais".

E Gilberto, franzindo a testa:

— "Então, o meu crime não serviu nem para isto?"

Roberto Moreira olha-nos, com espanto. E Afrânio conclui:

— Quem me contou isto, tal como lhes estou contando, foi o próprio Paulo Azevedo.

*Domingo, 13 de maio:*

Encarregado pelo Presidente Magalhães de Almeida, do Maranhão, de entregar uma carta de significação política ao Presidente Júlio Prestes, de S. Paulo, ontem chegado ao Rio, vou à sua procura, à noite, no Copacabana Palace. Não o encontro, por ter ido jantar com o Presidente Washington. Em compensação, encontro-me com o Vice-Presidente da República, Melo Viana, a quem não conhecia de perto. Aproxima-nos um irmão do Deputado Joaquim de Sales.

— Já havíamos sido apresentados um ao outro; não se recorda? — diz-me o Vice-Presidente, retendo-me a mão.

E enquanto eu confirmo, constrangido, pois que não me lembrava de nada:

— Foi isso há uns sete anos... Na Brahma... Eu lhe fui apresentado pelo Heitor de Sousa...

Inteligente, perspicaz, o vice-presidente senta-se, e começamos a conversar sôbre assuntos variados: agricultura, mineração, instrução e um pouco de literatura. Diz-se contrário à exploração do subsolo, confessando ter sido essa, inicialmente, a sua aspiração, da qual, no entanto, se desviou de tal modo que interrompeu os seus estudos na Escola de Minas de Ouro Prêto e acaba de impedir que o filho siga, como profissão, a engenharia.

"Causeur" infatigável, deixo-o falar, para observá-lo melhor. Estatura mediana, magro, rosto comprido e fino, com a mesma dimensão nas têmporas e à altura do mento, é o tipo clássico do mestiço nacional. Cabelo ondeado e prêto, testa regular, usa-o para trás, repuxado, à fôrça do pente. Lábios finos, dentes miúdos e separados, plantados irregularmente, principalmente os inferiores, que aparecem todos no correr da conversação. Dois vincos em arco, partindo das asas do nariz para os cantos da bôca, denunciam a falta dos maxilares. Bigode curto, à Carlitos, cortado a navalha, como duas escôvas de dentes. Côr terrosa e queimada, de sangue mulato em segunda dinamização.

Examinando-o, tem-se a impressão de que ali está o verdadeiro tipo brasileiro, maneiroso, vivo, sentimental, conversador infatigável, mas incapaz de aprofundar um assunto ou de manter uma atitude inflexível, afrontando o ostracismo ou a impopularidade.

Homem, em suma, para ir longe, no Brasil; homem que se sente feliz com as rédeas de um govêrno e que o seria da mesma forma se Deus lhe tivesse pôsto entre os dedos, apenas, as cordas de um violão...

*Segunda-feira, 14 de maio:*

Eleição das comissões permanentes, na Câmara, sendo eu reeleito para a de Poderes. Ameaças de gripe pela manhã. Tonturas, na barca durante a travessia. No Banco do Brasil, onde vou conferenciar com Mário Brant sôbre promoções que me pedem, conta-me êle uma passagem galante da sua vida.

Freqüenta-lhe a casa, com a intimidade de vizinho, uma linda senhora de uns trinta anos, cujas virtudes, ao que parece, não seriam recebidas como fiança no instituto de crédito de que é êle diretor. Há dias, ao atravessar a saleta em que se encontravam êle, Mário Brant, e dois filhos, a senhora escorregou, caindo ao soalho, em cheio. O dono da casa acorreu, solí-

eito, segurou-a por baixo dos braços, ergueu-a, sentou-a em uma cadeira, mandando em seguida vir água-de-colônia, com que lhe friccionou o pé, o tornozelo e, mesmo, a perna, abaixo do joelho, depois de libertá-la da meia de sêda. Feito isto, levou-a para o interior da casa, entregando-a à família, regressando à companhia dos filhos.

Ao tornar, porém, à saleta, um dêstes, um rapagão de dezoito anos, observador e circunspecto, aproximou-se.

— Papai, — disse, — tenha paciência; mas...

E com o seu vozeirão de quem se está fazendo homem:

— Se ela escorregar outra vez, quem fricciona sou eu!

*Têrça-feira, 15 de maio:*

Febre durante a noite e, ainda, pela manhã. Durante o dia melhoro, leio e escrevo. E verifico, ao manusear o meu "Diário" de 1917, que o meu organismo funciona como um relógio, o qual, na sua perfeição, ou na sua imperfeição, chega, até, a ter as mesmas trepidações, quando o ponteiro passa pelo mesmo lugar...

*Quinta-feira, 17 de maio:*

No recinto (sala das sessões) da Câmara, um deputado baiano fala-me da obra inédita de Pedro Calasãs, que se encontra em Sergipe, nas mãos de um particular. E Afrânio Peixoto conta um episódio da vida do poeta.

— Calasãs — diz — casou com uma rapariga muito bonita, e muito nova, quase uma criança. Um dia, chega a sua casa, em Sergipe, um amigo que o conhecera no Recife, e encontrando no jardim aquela meninota, procurou abraçá-la, animá-la, fazendo-lhe festas no rosto. E perguntava, carinhoso:

— "Papai está em casa? Está?"

Nesse momento, o poeta aparece à porta:

— Que é isso, hem? Que desafôro é êsse?

E partindo para cima do recém-chegado:

— Aos abraços com minha mulher, "seu" patife?!...

É possível, todavia, que, no caso narrado por Afrânio, se não tratasse, pròpriamente, da mulher legítima de Calasãs. Segundo leio em Sílvio, êste deve ter contraído casamento em 1860, com vinte e quatro anos, passando casado apenas dois ou três anos, quando rompeu os vínculos conjugais por incompatibilidade de gênios. Com vinte e seis anos êle não podia ter uma filha de dezoito, de modo a determinar o engano do amigo.

É provável, no entanto, que, em 1874, tivesse uma amante de dezessete...

*Sexta-feira, 18 de maio:*

Ao entrar na Academia, que teve a sua sessão adiada de ontem para hoje, encontro na sala da secretaria, rodeado por quatro ou cinco acadêmicos, uma figura exótica de visitante. É um velhote baixo, apoplético, redondo como uma pipa, tipo clássico de comerciante português em trajes domingueiros. Encadernado em um fraque prêto, calça preta, colête prêto, o pescoço taurino esconde-lhe a gravata mas deixa-lhe à mostra o peito duro da camisa gomada. Carão redondo e sanguíneo, orna-o um par de soberbos bigodes brancos, retorcidos à antiga portuguêsa. Calva enorme; e o que não é calva, é cabelo branco, cortado à escovinha. Figura, em suma, de antigo comerciante matriculado, especialista em secos e molhados, reproduzida a óleo em quase todos os salões da colônia portuguêsa do Brasil, no tempo do Rei D. Carlos, e de D. Manuel, o "Desventuroso".

Introduzido na sala das sessões, é saudado por Afrânio Peixoto, Afonso Celso, Coelho Neto, Roquete Pinto e Augusto de Lima, como jornalista, como romancista, como economista, como antropologista. Responde a todos com segurança, com palavra fácil e precisa, sem imagens, sem grande brilho, mas com clareza didática, de homem de imprensa e de cátedra.

Era Bento Carqueja, diretor de "O Comércio do Pôrto", e membro da Academia das Ciências, de Lisboa.

*Sábado, 19 de maio:*

Eu ainda cheguei a conhecer no Rio, de vista, o Senador Vitorino Monteiro. Figura de relêvo nos primeiros tempos do atual regime, quando tomou parte nas campanhas do sul, tornou-se notável na política federal, pela sua intimidade com Pinheiro Machado e pela franqueza com que, em uma época de subserviência geral, falava ao chefe gaúcho. Era um homem de estatura mediana, tipo de fazendeiro do interior, que um chapéu do Chile completava. Sofria da espinha e, quando o conheci, freqüentava o Senado ora apoiado a um bengalão, ora a um criado, que o levava, no recinto, até à sua cadeira.

Era sôbre essa figura republicana, hoje esquecida, que se falava ontem na Câmara, na sala do café, quando o Deputado Domingos Barbosa referiu uma frase sua, que lhe fôra trans-

mitida no Maranhão pelo Senador Urbano Santos. Tratava-se de uma sucessão presidencial, e a política de Minas iniciava uma série de negociações secretas, para hostilizar Pinheiro Machado. Os processos eram pouco leais, e utilizavam tôda a sorte de subterfúgios. Amigo de Pinheiro, Vitorino irritava-se. E foi em um dêsses dias de irritação que, voltando-se para o senador maranhense, sentenciou:

— "Seu" Urbano, político e lombo mineiro, é tudo a mesma coisa.

E num gesto, apontando o rumo de Minas:

— Lá em cima, é muito bom, desceu a serra, estragou!

*Domingo, 20 de maio:*

Eu tinha ideado, há muitos anos, um romance, cujo enrêdo me foi fornecido por um fazendeiro cearense, há vinte anos, em uma história que me contou. É o caso de um rapaz sertanejo, que parte para o Amazonas em busca da fortuna. Tem pai, mãe, e irmã, que abandona, para correr atrás da miragem do Inferno Verde. Passam-se os anos. A família tem-no como morto. A irmã casa-se com um pequeno agricultor, e vai residir em uma casa modesta, em pleno sertão. Uma noite, chega à porta da casa um viajante, que demanda o Canindé. Tudo nêle é prosperidade, e denuncia dinheiro. O casal hospeda-o, dá-lhe pousada, e às suas malas, durante aquelas horas. Ao recolher-se, começa, porém, a refletir sôbre as injustiças do Destino, que dá tanta coisa àquele "paraoara", quando êles, honrados, trabalhadores, infatigáveis na luta, nada possuem sôbre a terra. Vem-lhes o pensamento da revolta. Nasce-lhes a idéia do crime. E matam o hóspede, durante a noite.

Enterrado êste no quintal dos porcos, correm a dar balanço nos seus bens, vasculhando-lhe as malas. De repente, a moça empalidece. Encontra uma carta sua, um retrato seu, quando era moça. E solta um grito, os olhos fora das órbitas.

— José! — exclama, chamando o marido.

E com as mãos na cabeça, em desespêro:

— Era... meu irmão!...

Êste episódio, que me disseram ocorrido nos sertões do Ceará, tem alguma coisa de parecido com o "Filho Pródigo", de Hall Caine, e só por isso não o aproveitei, até hoje. Suspeito, igualmente, que se trata de algum romance estrangeiro, adaptado à região pela imaginação popular. O certo, porém, é que a nar-

rativa tem dramaticidade, e merece bem ser aproveitada literàriamente.

É outro romance, que aqui está, adormecido em semente...

*Segunda-feira, 21 de maio:*

Ao entrar na Livraria Leite Ribeiro vejo em uma cadeira, conversando com um dos sócios da casa, uma senhora alta, gorda, cabeça levantada, aparentemente uns sessenta anos. Tôda ela denuncia os restos de uma figura imponente, vasta, opulenta, de antiga estátua da Liberdade. O rosto é grande, e comprido. Bôca forte, de dentes que a velhice amareleceu, mas conservou. Traja de escuro, vestido de dama arremediada; coroa-a um chapéu prêto, de sêda, com um grande "cabochon" de vidrilho da mesma côr. Tipo majestoso, grave, másculo, em suma, de mulher autoritária, imperiosa, destinada a predominar no casal.

O sócio da casa chama-me, para a apresentação. E apresenta-ma:

— A viúva de Artur Azevedo...

E eu, não sei por que, diante daquela mulher que deve ter sido vistosa e, talvez, bela, senti pena do grande humorista. Haverá, em verdade, na terra, coisa pior do que ter como companheira na vida uma criatura que não conhece o prestígio da fraqueza, a fôrça da humildade e a influência da graça?

*Têrça-feira, 22 de maio:*

No capítulo XII do livro "L'Australie, — comment se faït une Nation", de J. F. Fraser, traduzido para o francês por Georges Ferrilloy, encontro êste trecho: "Les australiens, comme les américains, aiment ce qui est énorme. Il est assez amusant d'écouter un grand diable, étendu sur la véranda du club e faisant des gestes avec son cigare, vous dire quel continent gigantesque est l'Australie — comme si c'était lui qui l'avait fait — et quel petit trou doit être l'Angleterre — comme si c'était votre faute. La gravure qu'il aime le mieux, c'est une carte d'Australie, avec l'Europe, moins la Russie, écrasée à côté."

E fico a pensar nos nossos processos de propaganda, a qual se reduz, hoje, à demonstração orgulhosa da imensidão dos nossos desertos...

*Quarta-feira, 23 de maio:*

Frase de um deputado, a respeito de outro, ouvida ontem, em uma roda, na Câmara:

— Fulano é tão mentiroso, que não se pode acreditar nem no contrário do que êle diz!

*Quinta-feira, 24 de maio:*

Devia ter ido hoje à Câmara, onde Assis Brasil se inscrevera para iniciar o combate da "esquerda" parlamentar aos atos do govêrno, e à Academia, onde me havia inscrito para dizer versos de Alberto de Oliveira, na sessão pública em sua honra. Assuntos urgentes, do interêsse do Estado que represento no Congresso, chamavam-me igualmente à cidade. No momento, porém, de sair, assaltou-me um indizível mal-estar, caracterizado por um frio intenso nas mãos e nos pés, um tremor por todo o corpo, e irregularidades no coração. Meti-me na cama, vestido mesmo como me encontrava, e passei o resto do dia a tomar remédios contra a gripe, — pois estou convencido de que se trata de mais um ataque gripal.

À noite, minha mãe, sentada à beira da minha cama, falou-me longamente do meu pai, e da sua morte, ocorrida no Maranhão quando êle tinha apenas trinta e quatro anos.

*Sexta-feira, 25 de maio*:

Na barca de Niterói, em viagem para o Rio, encontro o constitucionalista Castro Nunes, com quem vou conversando sôbre assuntos da sua especialidade. Da Constituição à História, é apenas um salto. Peço, então, a sua opinião sôbre o Império e, em particular, sôbre o segundo imperador.

— À luz do meu entendimento, — diz-me êle, — o Imperador foi um excelente cidadão mas um péssimo estadista. Dotado de excelentes virtudes privadas, tinha o culto da honestidade, e a paixão das minúcias, preocupando-se com pequenas intrigas da politicagem. Os grandes problemas nacionais eram-lhe, no entanto, indiferentes. Governou meio século, e não preparou a solução do problema servil e da colonização. Em um dos velhos países europeus, de civilização feita, teria sido um monarca ideal; em um país novo como o nosso, reclamando iniciativas, foi, porém, um entrave, com a sua mania de desconfiar da probidade de todos os homens empreendedores.

E enquanto saltávamos, no Rio:

— Pedro II, com a sua moralidade de pai de família, retardou de quarenta anos o progresso do Brasil...

*Sábado, 26 de maio:*

Como não houvesse sessão na Câmara, sentamo-nos a um canto, Manuel Vilaboim, Afrânio Peixoto, Elói de Sousa, e eu, a conversar sôbre fatos e homens da política nacional, principalmente daqueles que diziam respeito à sucessão Rodrigues Alves, em 1910, às candidaturas em foco, quando se deu a morte de Afonso Pena. Íntimo amigo de Carlos Peixoto Filho e de Pinheiro Machado, Elói de Sousa, que tomara parte nas negociações políticas dessa época, faz-nos revelações, em oposição com as versões correntes aqui fora, e que darão, com certeza, amanhã, um falso cunho à história oficial.

— Peixoto — diz-nos Elói de Sousa, — nunca suportou Afonso Pena, e fêz o possível para que êle não fôsse presidente. Um dia, Peixoto e João Pinheiro chamaram-me no meu quarto, no Hotel dos Estados, onde todos nós morávamos, e pediram-me que fôsse sondar Pinheiro Machado sôbre uma candidatura mineira, mas não dissesse, de modo nenhum, que era mandado por êles. Quando eu cheguei à casa do Pinheiro, em Haddock Lôbo, e procurei encaminhar a conversa, êle me olhou, firme, e indagou, sêco:

— "Quem te mandou aqui?"

E como eu titubeasse:

— "Se queres entrar nesse assunto, tens de dizer primeiro quem te mandou aqui falar comigo".

Calouro nestas coisas, contei a verdade. Pinheiro passou a mão pelo queixo, e indagou:

— "E quem é que êles querem?"

— "Querem o Chico Sales".

— "Bem, — tornou o gaúcho; — amanhã eu te dou uma resposta. Eu vou falar com o Rui, e só depois de conversar com êle te poderei dar uma opinião segura. Desde já porém te digo que iremos lutar com dificuldades, porque o Conselheiro (Rodrigues Alves) tem grandes simpatias pelo Pena".

No dia seguinte, estava eu almoçando, quando Pinheiro entrou no salão de refeições do hotel, passou pela mesa do Peixoto, que estava cheia de deputados, e foi sentar-se na minha.

— "Vou comer uma costeleta contigo", — disse-me, sentando-se.

E enquanto o garção ia buscar o prato:

— "O Rui está de acôrdo; e está de acôrdo, principalmente, por tratar-se de um republicano histórico".

— Quando Peixoto e João Pinheiro receberam a resposta, que eu lhes transmiti, — continua Elói, — despacharam o Wenceslau para Belo Horizonte, com uma carta para o Chico Sales, cientificando-o de tudo. E não houve meio de obter o seu assentimento. O Sales declarava que o seu candidato era o Pena, que já estava comprometido com êle, e que êste seria o candidato de Minas.

E Elói de Sousa conclui:

— Peixoto aceitou, afinal, o Pena, mas nunca o suportou. E o Pena, por sua vez, só o suportava porque precisava dêle...

*Domingo, 27 de maio:*

Leitura do "Bel-Ami", de Maupassant, escritor que eu dia a dia admiro mais, e que eu tomaria como mestre se não o considerasse inimitável e, sobretudo, se ainda fôsse possível, aos quarenta e dois anos, refazer o meu estilo. Maupassant assemelha-se, aos meus olhos, a essas tinturas poderosamente concentradas, das quais basta uma gôta para emprestar o seu gôsto e o seu prestígio a um copo de água. Duas palavras suas multiplicam-se de tal forma em nossa inteligência receptora, que logo se tem a idéia, com elas, de ambiente que Balzac não descreveria em quatro páginas, Zola em cinco e Flaubert em dez.

E, ainda mais, que instinto da alma humana! Dir-se-ia que Deus lhe deu um sexto sentido, mediante o qual pode operar como sismógrafo, registrando as mais imperceptíveis ondulações do sentimento e do pensamento.

Maupassant é, em suma, o único escritor que age, a um mesmo tempo, como fotógrafo instantâneo das sociedades, das coisas e das consciências.

*Segunda-feira, 28 de maio:*

Se eu escrevesse novelas, aproveitaria para uma o caso doloroso que chegou, há uns dez anos, ao meu conhecimento:

Era uma senhora de mais ou menos quarenta e três anos, espôsa de um alto funcionário que, não se sabe como, fizera uma fortuna superior a mil contos de réis, e que, pela idade ou por outros motivos, não lhe dava o amor indispensável à felicidade conjugal. Em confidência a pessoa amiga, ela confessara, mesmo, que a sua virgindade fôra destruída, não pelos desejos naturais do noivo, mas pelos seus dedos brutais, que a mortificaram e ensangüentaram.

Morto o marido, cuja vida fôra consagrada à proteção de donzelas, das quais exigia carícias especiais, a ilustre senhora, que era considerada um modêlo de virtudes, e cujo espírito católico chegava ao misticismo, foi procurada por diversos comerciantes, os quais lhe comunicaram estar prontos a prestar contas do dinheiro de seu marido, de que eram depositários. Um dêles, disse-lhe, mesmo, com certo constrangimento:

— Eu desejava, mesmo, minha senhora, que a senhora retirasse êsse dinheiro da nossa casa, pois que, modestos como são os nossos negócios, nós não precisamos de tanto dinheiro.

E logo:

— Onde poderemos nós arranjar recursos para pagar à senhora os juros de quinhentos contos de réis?

Ignorando inteiramente os negócios do marido, o qual, para que ela o supusesse em más condições, a fazia trabalhar para vestir-se, dando lições de piano, a mísera estremeceu, ante a notícia. Era verdade, então, que estava rica? A pobreza do marido era, acaso, falsa, ùnicamente para obrigá-la a trabalhar como uma escrava? Dissimulou, porém, a verdade, dizendo-se a par de todos os negócios do extinto, até que apurou tudo, pondo a resguardo, sob o seu nome, mil e duzentos ou mil e trezentos contos.

Ao lado da riqueza, vinha, porém, a sombra de tormentos novos. Casamentos apareceram-lhe, muitos e vantajosos. Contra êles se ergueu, no entanto, inflexível, um seu irmão, o qual, pretextando zelar pela felicidade da irmã querida, não tinha em mente senão a sua fortuna, pois que, sendo ela viúva e sem filhos, seria êle o seu herdeiro lógico, se a morte a viesse buscar.

A sua vida passou a ser, então, um martírio inominável. Moça ainda, torturada por muitos anos de abstinência, a sua fome de amor era desesperada. As suas noites de insônia eram seguidas e terríveis. Até que, em uma delas, fazendo entrar o guarda-noturno, transformou-o em amante de uma hora, — tamanha era, nessa hora, a sua fome de amor.

Essa "hora do Diabo" valeu-lhe, porém, anos de agonia. Dono de um segrêdo terrível, o guarda, indivíduo vil e baixo, tipo de homem rasteiro, teve-a, de então em diante, ao alcance do seu desejo, dos seus caprichos, da sua bestialidade. Fêz, dela, sua escrava. Arrancava-lhe o dinheiro que podia. Obrigou-a a dar dinheiro para o seu casamento. E se a sabia em visita a alguma casa de família, ia aí à sua procura, extorquindo-lhe o que queria, sob a ameaça permanente de um escândalo.

Esta criatura, que eu conheci, e que hoje dorme o sono da morte, não entrou nêle coerentemente. Morreu dos rins. O no-

velista poderá, todavia, fazê-la matar-se, para fugir ao seu destino. Essa vida reclama, literàriamente, um fecho trágico, digno dela.

*Terça-feira, 29 de maio:*

Almôço com Jaime Pogi, no Balneário da Urca. Do alpendre debruçado sôbre a enseada, vê-se a cidade desenhada do outro lado, na cinza do dia de mormaço. Os "arranha-céus" do bairro Serrador destacam-se do conjunto do casario como únicos pedaços de madeira deixados de pé, num brinquedo de criança. Jaime Pogi fala-me com entusiasmo da América do Norte, que acaba de visitar, depois de ter passado dois anos na Europa. Na sua opinião, o "perigo americano" não está tão iminente como se diz e se pensa. A nuvem que nos ameaça vem do sul, e está se formando no Prata. A propósito, fala, então, de uma palestra que teve, no ano passado, em Paris, com o Capitão Fausto d'Elly, que fêz parte da casa militar do Presidente Bernardes e se acha, ali, como adido militar.

A guerra não está longe, — ter-lhe-ia dito aquêle oficial, — e se nos surpreender como nos encontramos, será fatal a derrota e, sôbre a derrota, a vergonha. Não temos armamentos nem estradas estratégicas. Não temos esquadra nem munições. Temos apenas o homem, mas o homem sem preparo militar, a carne para os canhões do inimigo. Com os recursos de que dispõe atualmente, a Argentina pode pôr na fronteira, em trinta dias, 500.000 homens, e, com êles, o melhor material de guerra desta parte do Continente; nós, nesse período, poderemos opor-lhe apenas 40.000, com armamento velho, baterias desmanteladas e munições para alguns dias, senão para algumas horas. Tome-se em consideração que não temos, no mar, elementos para impedir o bloqueio do Rio de Janeiro. Sem outras comunicações com os Estados do Norte, que não as marítimas, ficaremos isolados dêles, sem poder receber um soldado ou, mesmo, víveres. De que nos servirá, então, nessa emergência, a nossa vastidão territorial? Dentro de trinta ou quarenta dias seremos forçados, pois, a capitular, assinando o tratado que os vencedores nos impuserem, do qual constará, possìvelmente, o desmembramento de uma parte, embora pequena, do nosso território.

Essa observação de um militar, feita, no momento, por intermédio do amigo que me fala, põe uma nuvem no meu espírito. Reajo, porém, contra êsse pessimismo, e contesto.

— Acredito em tudo isso, — digo; — e admito, mesmo, que essa conquista se verifique. Mas não creio que ela seja defi-

nitiva. A raça brasileira está unificada, e não se conformará com a desintegração de uma parte, seja ela qual fôr, do território nacional. Eu não confio nos políticos, nem nos almirantes, nem nos generais; mas confio no povo, confio no caboclo, confio no homem do interior: confio, em suma, no brasileiro simples e valente que não se conformou com o domínio holandês, que varreu o português do interior para o litoral, e que, contrariando a vontade dos governos e prescindindo da colaboração das fôrças armadas, não consentiu que se entregasse o Acre ao boliviano. Êsse não irá à guerra, talvez, ao apêlo do govêrno, em batalhões regulares, sob o comando de um oficial que passou a vida na cidade explorando o Tesouro; no dia, porém, em que se levantar entre êles um homem de coragem e em cuja sinceridade êles confiem, um homem que não tenha farda nem galões, um homem de estatura de Vital de Negreiros ou de Plácido de Castro, não ficará um caboclo em casa e, então, o domínio estrangeiro será impossível. Não será a luta em campo aberto; mas será a guerrilha, será a espera atrás do tronco, os ataques de surprêsa, a campanha de Marrocos em território americano. A Argentina não tem população suficiente para um exército de ocupação. À medida que o exército passe, as populações se irão levantando. Só se subjuga pela fôrça, nos casos como o nosso, o povo que se quer deixar subjugar.

Jaime Pogi escuta-me, e concorda comigo. E eu próprio, tranqüilizado pelas minhas palavras, calo-me, com uma suave esperança no coração...

*Quarta-feira, 30 de maio:*

A referência que Jaime Pogi fêz, ontem, durante o nosso almôço, ao Capitão Fausto d'Elly, trouxe-me à lembrança um episódio que me foi contado, há uns três anos, por Miguel Melo, no palácio do Catete.

Os movimentos de quartel, em 1922 e 1924, foram instigados, animados, soprados, por elementos civis, especialmente por certos políticos, os quais se puseram logo à margem, ao perceberem a vitória fatal da legalidade. Vencidos pelas fôrças fiéis ao govêrno, os oficiais revoltosos foram metidos nas fortalezas, ou obrigados a exilar-se, sacrificando assim o seu futuro, ao mesmo tempo que os civis que os haviam atirado à fogueira aderiram cìnicamente aos triunfadores.

No palácio do Catete, na sala em que funciona a Casa Militar do Presidente da República, existe, ornando a parede dos

fundos, uma tela enorme, representando Tiradentes marchando para o suplício. Tem êle as mãos acorrentadas e traz na fisionomia de sonhador alguma coisa da doçura e da resignação do Cristo.

Oficial de gabinete do Ministro da Guerra e, depois, membro da Casa Militar do Presidente Bernardes, o Capitão d'Elly não se cansava de mirar o grande quadro. Até que, um dia, voltando-se para Miguel Melo, confessou:

— Se eu, um dia, chegar a Ministro, o meu primeiro cuidado consistirá em mandar tirar cópias dêste quadro e afixá-las em todos os quartéis do Brasil.

E com o pensamento nos seus colegas sacrificados:

— Os militares deviam ter sempre sob os olhos esta cena, para verem o que fatalmente acontece a nós, soldados, tôda a vez que nos metemos a fazer revolução com paisano...

*Quinta-feira, 31 de maio:*

As reuniões da Academia tornam-se dia a dia, ou melhor, de mês para mês, ou de semana para semana, mais intoleráveis. O desinterêsse pelas letras, demonstrado a cada passo, vai transformando a instituição em uma espécie de feudo da diretoria, a qual delibera como lhe apraz sem que os acadêmicos protestem contra a usurpação. Recebam êles os cem mil-réis da cédula de presença, e tudo irá excelentemente.

Essa situação tem a sua origem, sem dúvida, na invasão da Academia por indivíduos que não fazem profissão das letras, e que não podem, por isso, interessar-se por elas. Em geral, o indivíduo que sonha com o fardão acadêmico passa anos e anos, ou meses, escrevendo um livro. Com êste, e com as suas relações mundanas, faz-se eleger. E uma vez eleito, nunca mais escreve nada, pois que já tem o que desejava, e que era, precisamente, a consagração acadêmica.

Permaneça a Academia no mesmo caminho, e ano virá em que os quarenta cérebros que coroam os fardões, não concorrerão com um volume, sequer, para a bibliografia brasileira.

## JUNHO

*Sexta-feira, 1.º de junho:*

Êste capítulo de tragédia íntima é digno, talvez, de registro. E ainda o é mais, por figurar nêle uma das mais ilustres figuras da ciência brasileira.

Homem de espírito, insinuante e, ainda moço, coberto de glória, o médico C. C. apaixonou-se por uma das mais formosas senhoras do Rio de Janeiro. Inteligente, viajada, e dona de uma linda voz, a moça correspondeu aos galanteios do homem de ciência, e tornaram-se amantes.

De repente, a senhora adoece. Examinada por um especialista, verifica-se a urgência de uma operação, para extração de um dos rins. Entra a moça para a Casa de Saúde. Opera-se. Fora, em um gabinete, o homem de ciência aguarda o resultado. Trazem-lhe o rim extraído. Êle examina-o, e estremece: o operador havia extirpado, por êrro de radiografia, o rim sadio, deixando o rim doente. A mulher amada estava, pois, condenada à morte, que sobreviria dentro de algumas horas!

Nesse momento, voltando a si do clorofórmio ou do éter, a moça pede às amigas que lhe ponham "rouge" nas faces e nos lábios, e pó de arroz e perfumes, para receber o homem a quem ama. Êle, com as suas credenciais de médico, entra, lívido. Ela sorri, feliz, para recebê-lo. Beijam-se com ternura, na presença das amigas cúmplices.

— Ficaste muito aflito, meu filho? — pergunta, com doçura.

E passando-lhe a mão pelos cabelos:

— Mas, felizmente, tudo correu bem. Agora vou ficar boazinha, para amar-te mais do que nunca...

Sente, porém, nesse instante, um frio nas mãos e nos pés. Um mal-estar a invade, pouco a pouco. Acreditando tratar-se da emoção, pede ao médico:

— Eu estou abusando, meu filho... Vai; volta depois...

Êle saiu, retendo os soluços. Sabia que nunca mais a beijaria, que nunca mais se veriam sôbre a terra.

E assim foi. Porque, quando êle saiu, entrou a Morte.

Hoje, quem vai pela manhã ao cemitério de São João Batista, vê sair de um automóvel um homem, com um ramo de rosas vermelhas, que vai depor sôbre o túmulo da linda senhora sacrificada por um êrro de cirurgia.

Mas, não é o amante. É o marido...

*Sábado, 2 de junho:*

A insinceridade dos políticos puritanos, dos chamados "homens de princípios", havia criado em Pinheiro Machado uma irreprimível prevenção contra êles. O chefe gaúcho sabia que essa classe de indivíduos aparecida com a República não passava de um conjunto de especuladores soturnos, de Tartufos

que se apegavam aos tais princípios ùnicamente para dar maior valor às suas concessões.

Dessa prevenção, dava idéia, hoje, em palestra, o Deputado Elói de Sousa, ao contar-me o episódio ocorrido por ocasião da sua eleição para o Senado. O pleito havia sido liso, e o reconhecimento não oferecia dificuldades. Era um caso líquido. Tendo relações com o Senador Sá Freire, Elói queria que os papéis lhe fôssem distribuídos, para dar parecer. Foi consultar Pinheiro Machado.

— Escolhe outro, — disse-lhe, prontamente, o gaúcho.

E como quem condena um fariseu:

— O Sá Freire é um homem de princípios...

*Domingo, 3 de junho:*

Um amigo meu, dêsses que não precisam falar alto para serem ouvidos, e que, como Félipe de Orléans, gostam de conversar com as mulheres entre dois lençóis, contava-me ontem uma confissão recebida na véspera. No silêncio de uma casa de pecado, em uma alcova elegante como um quarto de noivos de bom gôsto, a sua companheira eventual de prazer passara a contar-lhe passagens da sua vida de mercadora de prazeres.

— A minha família — disse-lhe ela, — é tôda honesta e direita. Apenas eu me extraviei. Não obstante isso, quem sustenta a casa sou eu. Tenho duas irmãs se educando, e quem paga o colégio sou eu. Minha mãe mora no Flamengo, em um prédio de bela aparência, e sou eu quem paga o aluguel. Roupas, sapatos, alimentação, tudo é à minha custa.

— E tu moras com êles? — indaga o meu amigo.

— Não; moro em um quarto, em casa alheia... Minha mãe, minhas irmãs, e até meu irmão, que vivem daquilo que eu ganho na vida que levo, acham que eu não devo viver com êles, e que eu sou a vergonha da família...

O meu amigo contava-me isso, indiferente. E eu, à medida que êle me falava, ia me lembrando do "Boule de Suif", de Maupassant, no qual se acha concentrada, num espetáculo doloroso, tôda a miséria do egoísmo humano...

*Segunda-feira, 4 de junho:*

Dando-nos o braço, a mim e a Paulo Morais Barros, João Penido leva-nos a tomar um café especial no último pavimento da Câmara. Discorrendo sôbre um assunto e sôbre outro, che-

ga-se ao capítulo da educação, e eu lhes falo de um projeto, que talvez apresente êste ano, proibindo a divulgação de notícias sôbre crimes de menores. E como se trate da influência do meio sôbre os costumes, conta-nos Morais Barros o seguinte:

— Quando eu estive, pela última vez, em Pedras Altas, em visita ao Assis Brasil, sucedeu que isso ocorresse nas vésperas, exatamente, do aniversário da filhinha dêle mais nova, a Joaninha. À tarde, íamos à estação, a família do Assis, êle e eu, quando, ao passarmos por uma venda, a pequena segredou qualquer coisa à mãe.

— Que está ela dizendo? — pergunta o Assis.

— Ela está me dizendo, — informa a senhora, — que o presente que ela quer amanhã, dia dos seus anos, é uma faquinha de prata para usar no cinto.

E Morais e Barros conclui:

— No dia seguinte a Joaninha apareceu radiante, com a sua faquinha de prata à cintura, — ornamento êsse que lhe emprestava ares de uma mulherzinha, isto é, de uma mulher gaúcha, preparada desde a infância para acompanhar e, se preciso, defender o marido, morrendo ou matando por êle.

* * *

Após diversos exames na minha bôca, onde a dentadura forte e direita vem sofrendo, de alguns anos a esta parte, alterações profundas na forma e na implantação dos dentes, o Dr. Frederico Eyer conclui, e comunica-me:

— O seu sistema ósseo está se modificando profundamente; e eu só posso atribuir essa modificação a causas gerais. Trata-se, evidentemente, da hipófise, e eu lhe peço que siga religiosamente a prescrição do seu médico, sob pena de uma deformação do seu rosto.

Corro a Afonso Mac-Dowell, conto-lhe o que me disse o dentista, descrevo-lhe a forma tomada pela minha arcada bucal evidenciada pelo molde tirado, e êle me observa:

— O culpado é você, meu velho. Há quanto tempo eu lhe aconselho que entre em tratamento. Agora, vamos ver se paralisamos isso. Tratamento rigoroso, com cinco injeções por semana, privação de excitantes, e, quanto ao amor, uma vez por semana, e, mesmo desta vez, o mínimo de excitação... Sob pena de...

— De...?

— De, no mínimo, ficar cego!

— E eu penso, de mim, comigo:

— Senhor meu Deus, será possível que eu esteja condenado à cegueira?...

*Terça-feira, 5 de junho:*

O regime que me impôs o médico em relação aos prazeres da carne, aos quais estão ligados necessàriamente os do espírito, vem patentear-me ainda uma vez a revolta do homem tôda a vez que se tenta restringir a sua liberdade. O pecado original é, já, o protesto da criatura contra a prepotência do Criador, tentando limitar o seu desejo.

Eu tenho, por mais de uma vez, passado oito dias completamente alheio às delícias do leito. Oito, dez e, talvez, doze dias. As preocupações e os livros, nessas ocasiões, falam mais alto, no tribunal da minha vontade, do que a beleza das mulheres. Bastou, entretanto, que, agora, a medicina me impusesse uma dieta para que o meu instinto se alarmasse, e todo o meu ser se rebelasse, como se me tivessem privado do mais sagrado e imperioso dos direitos!

Nesses momentos de rebeldia, o homem tem, parece, a cumplicidade da natureza. Efetivamente, eu nunca senti tanto desejo de amor, tanta fome de pecado, como agora, depois que o amor se me tornou defeso. Tudo, em tôrno de mim, é convite, é anseio, é tentação. As mulheres parecem mais lindas, de pele mais veludosa, de bôca mais fresca, de olhos mais cheios de sol. Os seios parece que amadureceram, como os frutos, e que fazem sentir o seu perfume de longe. Parece que todos os corpos femininos entraram em acôrdo, e que cada um dêles me diz, quando eu me volto: "Vem! ama-me! goza-me!"

Ah, Tântalo, como eu te compreendo! Como parece lindo e faiscante o pomo de ouro quando se o não pode tocar!...

*Quarta-feira, 6 de junho:*

De regresso do jantar "chez Walter", no "Bel-Ami", de Maupassant, marcham lado a lado, pela rua silenciosa, Duroy e Robert de Varenne, o velho poeta desiludido da glória e da vida. Cabeleira grisalha e destratada a derramar-se sôbre o ombro da velha casaca, fisionomia de sofrimento, andar de quem carrega um mundo sôbre as espáduas, o poeta caminha e fala. E da sua bôca murcha rolam, apenas, sôbre a terra, palavras de desolação, de morte. A situação social, que vale ela? A mocidade, que valor tem, se é um fruto que se corrompe e que ninguém, jamais, conservou? O dinheiro? As mulheres? Que vale tudo isso?

— "Et puis, encore?" — exclama, detendo-se, no silêncio da noite. — "De la gloire? A quoi cela sert-il quand on ne peut plus la cueillir sous fomre d'amour?"

O homem privado do amor, qualquer que seja a sua forma, deixa, em verdade, de ser um homem: passa a ser um fantasma.

E eu, hoje, sou êsse fantasma...

*Quinta-feira, 7 de junho:*

A "esquerda parlamentar", chefiada na Câmara por Assis Brasil, lançou-se nestes últimos dias contra o govêrno e os seus três melhores oradores: têrça-feira, foi o próprio Assis Brasil; quarta, Francisco Morato, e hoje, Plínio Casado. Homens de cultura e de educação, foram ouvidos em silêncio pela maioria, que os deixou discorrer livremente, sem apartes nem protestos, sôbre o programa financeiro do govêrno e, em particular, sôbre a anistia aos revoltosos de 1922 e 1924.

Assis Brasil, que deixou um nome nas letras nacionais, é, talvez, dos três, o que tem espírito menos literário. A impressão que nos deixa, ao escutá-lo, é a de um homem que estudou profundamente as questões sociais em evidência nas vésperas da República, impregnou-se da sabedoria contemporânea, mas não acompanhou a evolução dêsses mesmos problemas. É, por isso, um orador que, arrebatando embora aqui e ali as galerias com algumas frases consagradas, não convence nem satisfaz. Sente-se, mesmo, que, para fugir a afirmações categóricas, ladeia o assunto, a fim de se não comprometer. Se, porém, fôr apanhado em falso, fugirá ao debate com um rugido de orgulho, fazendo prevalecer contra a verdade porventura enunciada o seu meio século de paixão pela República, e a sua condição de "Chantecler" do regime. A seu favor tem êle ainda a sua figura respeitável, a sua cabeleira tôda de prata, lançada para trás, lisa e basta, na cabeça forte, e o bigode branco, de guias cortadas, e que se torna mais alvo sôbre a pele morena, quase cabocla, em que o tempo não cavou rugas. Rijo e sólido, entroncado e de pescoço taurino, a sua voz é a do homem habituado a gritar nos espaços livres, e, por isso, é, ainda, uma das mais fortes da Câmara. Vêzes há, mesmo, que estala, sêca e metálica, como a dos trovões que rebentam nas regiões pedregosas, no momento em que o raio fere, com a sua espada de fogo, o cabeço dos penedos nus.

*Sexta-feira, 8 de junho:*

Francisco Morato, o segundo orador da "esquerda", é outra figura que deve ser assinalada. Professor de Direito em São Paulo, foi eleito pelo Partido Democrático, e tem honrado, na Câmara, como o honraria em qualquer outro país culto, o eleitorado que o escolheu.

É uma figura bizarra, esquisita, original. Alto, magro, cadavérico, dá mais a impressão de um esqueleto vestido do que, pròpriamente, de um vivo. Rosto comprido e acentuadamente moreno, olhos fundos, brilhando na cavidade das órbitas, a pele se lhe estica, aí, sôbre os ossos, deixando saliente cada uma das particularidades da caveira. Escanhoado rigorosamente, parece ter sido eternamente imberbe, ou que lhe cobriram a arquitetura óssea com couro curtido. Trajando quase sempre de prêto, a indumentária completa essa impressão fúnebre. Dentro da roupa, calculadamente larga, o corpo agita-se, sôlto, como se tivessem vestido o defunto com um terno cortado no tempo em que êle era gordo. Braços largos, mãos compridas e esqueléticas, é nestes e nestas, que repousa a melhor parte da sua eloqüência.

Na tribuna Francisco Morato é, em verdade, o grande artista do gesto. Ereto, firme, começa a discorrer em voz sempre igual, alongando uma sílaba de cada palavra, não como os oradores de praça pública, arrebatadores de multidão, mas como um técnico da oratória, que tem um modêlo seu. A sua oração, nesse tom, é mais uma palestra em voz alta, é mais um conselho blandicioso do que pròpriamente um discurso. É o homem que procura convencer sem gritaria, e que, para isso, busca acentuar cada frase e demorar-se em cada vocábulo.

Essa eloqüência estudada, essa ciência de convencer que êle transformou em uma arte, é completada pela gesticulação. Braços longos e magros saindo das mangas largas e negras, o dedo indicador saindo, fino e longo, de cada uma das mãos fechadas, é com êles que Francisco Morato faz todo o seu jôgo oratório. Estendendo-os para o auditório, ou contra si mesmo, êsses dedos, ora um, ora outro, descrevem, para isso, verdadeiras parábolas na ponta dos braços sem carne. Acompanhando a palavra, êles passam da direita para a esquerda, da esquerda para a direita, cruzam-se no caminho, para transformar-se de repente em dez dedos abertos sôbre o peito do orador. Quem o visse sem o escutar teria a idéia de um sacerdote japonês vestido à maneira do ocidente, que se comprazesse em jogos malabares e que fôsse apanhado "au ralenti".

*Sábado, 9 de junho:*

Regressei, ontem, para casa, com febre. Noite agitada, de quase vigília, a gemer e a rolar na cama. Tendo lido, nos dois últimos dias, "O Deserto", de Pierre Loti, em uma tradução portuguêsa, que destinava à minha mulher, passei a noite a viajar com o autor, através de areais ora cinzentos, ora amarelados, ora sombrios, e divisando com êle as montanhas vermelhas em que se acha encravado, como uma ostra num rochedo perdido no oceano, o convento do Sinai. Senti o calor e o frio do Deserto. Ouvi os trovões da noite e os ventos ardentes do meio-dia. Estive de guarda, atrás de uma palmeira, no oásis de Akabah, à espera dos beduínos armados de punhais e de adagas recurvas, que se arrastam em tôrno ao nosso acampamento... Acordo agoniado, gemendo de dor ou de raiva. Bebo um cálice de remédio contra a febre. E, montado no meu camelo, continuo a viagem, ao lado de Pierre Loti e dos três xeques, pelo deserto solitário, até novo acidente, duas horas depois...

*Segunda-feira, 11 de junho:*

Quando me supunha melhor, ontem pela manhã, eis que me assaltam fortes dores no fígado, no baço, no estômago, nos intestinos. Volta a febre. Mando vir um purgativo. Tomo-o; vomito-o, de mistura com bílis. Recorro a tôda medicina de emergência; os vômitos, porém, persistem, abundantes, verdes, amargos, intoleráveis, tirando-me tôda a esperança do efeito dos remédios. E as dores continuam; e a febre acompanhando as dores. Hoje, enfim, pelas nove horas da manhã, a febre desapareceu, desaparecendo, também, as dores mais agudas. Sinto, porém, já o efeito dos três dias de jejum absoluto: sinto-me vazio, ôco, com as idéias a voar em tôrno a mim, e sem que eu as possa fixar, como um bando de pardais irrequietos sôbre a cabeça de um homem sem mãos...

*Têrça-feira, 12 de junho:*

Uma das formas do meu egoísmo é, talvez, essa, que se caracteriza pela minha prevenção com os livros que tôda a gente leu ou, pelo menos, de que tôda a gente fala. Só por necessidade de pesquisa, e não por prazer da inteligência, foi que me aventurei à leitura integral da "Odisséia", da "Ilíada", da "Eneida", dos grandes poemas antigos. É verdade que, virado o cálice, eu

sentia logo a doçura do vinho. Mas a dificuldade estava, precisamente, na disposição para empunhá-lo. Eu tenho a paixão do exótico, do misterioso, daquilo que poucos conhecem. Daí, por exemplo, o interêsse, a volúpia, a alegria intelectual com que me atirei ao Aulo-Gellio, a Justino, a Callímaco. Devorei, mais tarde, integralmente, Suetônio, e Plínio, e Ovídio, e Tácito, e Heródoto, e Catulo, e Estrabão, e Cícero, e Varrão, e César, e Salústio, e Cornélio, e Horácio, e Xenofonte, e Platão, e Esopo, e Plutarco, e Sófocles, e trinta ou quarenta outros, latinos e gregos; mas, ao lê-los, eu tinha a impressão de fazer o amor com mulheres públicas, lindas, apaixonadas, maravilhosas, porém passeadas por milhares de leitos, beijadas por milhares de bôcas, apalpadas por milhares de mãos.

Foi êsse egoísmo que me impediu de ler, por muitos anos, "O Príncipe", de Maquiavel, que se achava à minha espera, na minha estante. Maquiavel é dêsses escritores que podem ser citados sem serem lidos. O substantivo "maquiavelismo" explica a teoria do homem que lhe deu origem. A literatura meditada do seu pequeno livro é, todavia, uma necessidade, pois que será, como poucas, proveitosa.

E foi essa leitura que fiz ontem, neste início de convalescença. Em Maquiavel há, sem dúvida, o político feroz, inclemente, sanguinário, o mestre soturno daquela "política sem entranhas" a que aludia Lafaiete; mas é preciso convir que os costumes do seu século eram aquêles, e que a vitória, na diplomacia, só era definitiva quando repousava sôbre a destruição. Ao lado disso, porém, há aforismos que podem ser, como aquêle monstro da "Tentação de Santo Antão", de Flaubert, contemporâneos de tôdas as idades. E um dêles é o que emana daquele conselho em que Maquiavel manda que o conquistador, que poupa os princípios, destrua as repúblicas, pois que, nestas, o ódio é sempre mais ativo e mais forte, e mais intenso o sentimento da liberdade, de modo a não deixar tranqüilo o príncipe que delas se apossa.

Há, aí, evidentemente, uma grande e profunda verdade política, adaptável a todos os tempos. As tiranias republicanas matam, destroem, anulam no povo o sentimento da liberdade; êsse sentimento não deve, no entanto, ser destruído, pois que constitui a arma principal das nações quando se vejam, um dia, ameaçadas de um perigo estrangeiro. Os povos que se conformam com uma tirania nacional, conformar-se-ão com outra qualquer que lhes venha de fora, por se terem afeiçoado, já, à vida de servidão.

Os meus dias de prisão em casa eu os consagro sempre à leitura de autores que não me conformo a ler nos dias de liberdade. Foi a epidemia da gripe que me fêz suportar, da primeira à última página, a "Assunção", de Frei Francisco de S. Carlos. Entre a cidade invadida pela peste, com os caminhões repletos de cadáveres em putrefação, e o retiro em companhia do frade brasileiro, eu preferi o frade.

Era pensamento meu aproveitar a primeira enfermidade minha, ou a primeira epidemia na cidade, para ler um dos romances de Afrânio Peixoto. Porque, admirando a Afrânio conferencista, a Afrânio ensaísta, a Afrânio pesquisador, eu ainda não consegui descobrir as virtudes de Afrânio romancista.

— Eu sei que você não gosta dos meus romances... — disse-me êle, uma vez, dando-me o braço, e mudando logo de conversa.

Eu fiquei em silêncio, e não desmenti. O único dos seus romances de que consegui ler alguns capítulos foi "Bugrinha". Não pude, todavia, ir por diante. Achei que o assunto se dissolvia no vocabulário, como uma pastilha que se derrete num copo de água, e não deixa o seu resto ou o seu aroma. Faltam a Afrânio, como romancista, observação e síntese. Daí, o desinterêsse com que se o lê.

Quando a febre me assaltou, e eu, que havia terminado Loti, me vi na contingência de pôr de parte "Le Horla", de Maupassant, — o meu pensamento se fixou em Maquiavel e em Afrânio Peixoto.

— Ou "A Esfinge" ou "O Príncipe", — impus a mim mesmo.

Comecei pela "A Esfinge". Li as primeiras dez páginas com interêsse relativo. Ao chegar, porém, ao capítulo II, em que Paulo de Andrade se põe a falar de Atenas e de Helena, à mulher a quem ama, e que não vê há tantos meses, — não pude mais. O namorado que faz uma viagem de Roma para vir a Petrópolis encher os ouvidos da mulher amada, logo no primeiro encontro, com uma descrição erudita da guerra de Tróia e da arte grega na antigüidade, não devia ter atravessado o mar. E como o livro todo me parece assim, deixei-o para outra convalescença, senão para quando irrompa alguma epidemia em Niterói ou no Rio de Janeiro...

*Quarta-feira, 13 de junho*:

O indivíduo pode estudar, examinar, analisar o seu temperamento, conhecer-se, enfim, a si mesmo, como mandava o filó-

sofo; nunca, porém, corrigir as suas falhas fundamentais. A precisão do diagnóstico não constitui, nestes casos, a garantia da cura.

Eu sei, por exemplo, que sou violento, impetuoso, fàcilmente sujeito à cólera. Tenho estudado e analisado êsse meu defeito; mas não o posso eliminar. Conheço-o, e tão fundamente, que o posso descrever em tôdas as suas particularidades. Às vêzes, é-me possível ter paciência, suportando os fatos ou as pessoas nos casos mais delicados. Nada me altera, nada me modifica. De repente, porém, a uma simples palavra, a um simples gesto, a um simples sorriso de ironia, irrompe em mim o incêndio. O que era, há poucos segundos, doçura ou serenidade, é agora chama, labareda, lava candente que me turva o olhar e perturba os sentidos. É a tempestade em pleno céu. É a eletricidade na iminência de ser descarregada. E essa tempestade tem de cair, seja onde fôr.

Se, por uma dessas fôrças que são mais fortes que nós, — conveniência política ou respeito devido a quem causa a irritação súbita, — não me é possível descongestionar o coração e os nervos prontamente, opera-se no meu organismo uma série de alterações impressionantes. Incham-se-me as mãos, durante dias; dói-me o fígado; e chego, mesmo, a ter febre, dias seguidos. Possa eu, porém, vibrar imediatamente o raio da minha cólera, seja pela palavra, seja pela agressão física, e, momentos depois, tudo em mim entra em repouso, em sossêgo, em paz absoluta, como quando a lua nasce no céu lavado e límpido depois de algumas horas de tormenta.

Quando o raio estala em mim, eu me vejo, porém, na necessidade de quebrar, de rebentar, de destruir alguma coisa; seja um vidro, seja uma lâmpada, seja um móvel, seja o que fôr, — mas que estronde, que se desmorone com fragor, que dê a impressão de vingança, de catástrofe, de destruição. Entre um homem para matar e uma vidraça para partir, eu posso, com a mesma facilidade talvez, fazer uma ou outra coisa. Qualquer delas far-me-á voltar a mim, serenando-me. O essencial é que o raio seja despedido, bata onde bater.

Na Idade Média dir-se-ia que era o Demônio, que se apossa de mim e só me abandona depois de obrigar-me a praticar um ato contrário à vontade divina. Maupassant veria nisso, por sua vez, a presença do "Horla", o qual se poria em fuga, desertando o meu corpo, ao barulho das coisas destruídas por êle mesmo.

Eu direi que é um temperamento: fatalidade que eu lastimo, que eu lamento, que eu confesso, mas de que me não poderei, nunca mais, libertar...

*Quinta-feira, 14 de junho:*

Nervos em estado de guerra, prontos para a explosão. Domino-me por tôda a parte a que vou; evitando, assim, que uma palavra ponha fogo no rastilho. Na Academia, falam dois ou três acadêmicos, entre o desinterêsse geral dos companheiros, que discutem entre si, sem a menor atenção ao orador. Peço a palavra. O presidente, Augusto de Lima, quase não me ouve, tal o barulho. Começo a ler um parecer, sôbre diversas emendas. A conversa, nos grupos, inutiliza o meu esfôrço. Perco a serenidade, fico transfigurado de raiva, e trovejo, interrompendo a leitura:

— Senhor Presidente, é inútil continuar. A Academia não liga importância a coisas sérias. Isto não é mais uma casa de estudos: é um clube de palestras!

Cessa o sussurro. O presidente reclama atenção, protestando contra o ruído da conversa quando estão sendo debatidos assuntos de alta importância. Roquete Pinto apóia, em altas vozes, o meu protesto. Ao meu lado, Rodrigo Otávio diz que o culpado é o presidente, o qual não presta, êle próprio, atenção ao que se está discutindo ou votando. Reunindo os papéis que ia ler, envio-os à mesa, e protesto, lívido:

— Não continuo... A Academia não é mais a Academia. É o espectro do que foi! E a impressão que eu tenho neste momento, desta bancada, é a do Sr. Rui Barbosa da tribuna do Senado: é que estou debruçado sôbre uma ruína, falando para o Deserto!

Ouço palavras de aplauso. Todos estão de acôrdo... E como eu me recuse a ler o parecer cuja leitura iniciara, Fernando Magalhães lê entre o silêncio geral êsse documento, o qual constitui um ataque irônico, mordaz, impiedoso, com tôda a vibração dos meus nervos, ao estilo de Gustavo Barroso, que, entretanto, o escuta, até o fim, sem a mais ligeira interrupção...

No salão do chá, na Academia, Alberto de Oliveira conta-me uma frase de Emílio de Meneses, e, com essa frase, o modo por que se entreolhavam os poetas da sua geração.

— O Emílio e o Bilac, — conta-me, — não gostavam nada do Vicente de Carvalho. Achavam-no orgulhoso, e era corrente que o Vicente não se conformava com a popularidade de Bilac. O Vicente, como vocês sabem, não tinha um braço. E daí a frase terrível do Emílio.

E repetia a frase:

— Deixem lá, que Deus sabe o que faz... Quando êle só deu um braço ao Vicente, foi para que êste não batesse palmas a si mesmo!..."

*Sexta-feira, 15 de junho:*

Na sala do café, na Câmara, o Deputado João Elísio, que me confessa os seus sessenta e seis anos, conta-me episódios dos seus tempos de estudante, no Recife. Eram seus companheiros de casa, Clóvis Bevilacqua, Germano Hasslocher e João de Freitas, que foi, mais tarde, cunhado de Clóvis. Germano, sempre boêmio, grande noctívago, bebendo e comendo até alta madrugada. Clóvis, sempre correto, apavorado com os escândalos, evitando tomar parte nas orgias noturnas dos companheiros. João de Freitas era um digno companheiro de Germano. Um dia, os três resolveram meter Clóvis em uma pândega. Levaram-no por tôda a parte. Chovia a cântaros. Todos tinham dinheiro no bôlso, pois era já no ano da formatura. Clóvis perdeu o acanhamento. Bebeu como os companheiros. Cantou; gritou; fêz discursos; entrou, com os outros, em festas para as quais não havia sido convidado. E João Elísio conclui:

— Quando entramos em casa, quase de manhã, debaixo de uma chuva torrencial, foi que o Clóvis descobriu que, desde duas horas da madrugada, só andava com uma banda do sapato!

Acrescentou, entretanto, logo:

— Mas, justiça se lhe faça: passou oito dias preocupadíssimo, com vergonha do que tinha feito...

*Sábado, 16 de junho:*

Na sala do café, na Câmara, conversava-se sôbre a febre amarela, que acaba de reaparecer no Rio de Janeiro. Vem à baila o nome de Osvaldo Cruz. O Deputado Adolfo Bergamini, que está no grupo, exclama:

— Podia ter morrido milionário; e, no entanto, o filho, para poder estudar, teve de trabalhar nos jornais como simples revisor!

— Mas a culpa foi do Osvaldo, — intervém o Deputado Domingos Barbosa. — Êle ganhou milhares de contos, mas, no fim da vida, isto é, nos últimos anos, gastava fortunas com mulheres. Quis compensar os anos de abstinência e arruinou a saúde e a bôlsa.

Eu, por mim, confesso que é a primeira vez que ouço essa versão, a qual constitui para mim uma surprêsa.

*Domingo, 17 de junho:*

Iniciei, hoje, a revisão da "Antologia da Academia Brasileira de Letras", constituída de trechos escolhidos nos discursos de recepção, de 1897 a 1922. É o meu primeiro livro dêste ano.

Ao reler as primeiras páginas, em que figuram dez ou doze escritores, assinalo a modificação que se vai operando no meu paladar literário. Até há pouco tempo, agradavam-me ainda o tom eloqüente do discurso, o período farfalhante, o vocabulário sonoro e opulento. Hoje, prefiro o estilo sóbrio, claro, preciso, em que a idéia, a mais sutil, apareça logo à primeira vista como, no fundo de um riacho, um alfinête através da água transparente.

Daí o desagrado com que iniciei a revisão, e ter relido com encanto, até agora, apenas Machado de Assis e Nabuco.

*Segunda-feira, 18 de junho:*

Na barca de Niterói, em viagem para o Rio, encontro Alberto de Oliveira. Palestra sôbre amigos, sôbre literatura. Referências a "novos" e "velhos". Faz-se uma alusão a Hermes Fontes, que eu considero um grande poeta, sacrificado pela falta de cultura.

— O mal dêsse Hermes, — diz Alberto, — é a irregularidade. Às vêzes, o verso lhe vai correndo muito bem, com imagens felizes, belas hipérboles, admiráveis surtos líricos. De repente, porém, desgarra, e começa a dizer coisas prosaicas, de uma impropriedade lamentável, que comprometem tudo que há de bom no resto da poesia.

E prosseguindo:

— A impressão que as suas poesias dão, é a de uma sala onde um grupo de pessoas de bom gôsto conversam com a maior elevação e bom senso, e onde entra, de repente, um velho maluco, dizendo asneiras e envergonhando a família. Rara é a poesia dêle em que o velho maluco não entra na sala...

Já no Rio, fala-me da sua saúde. Vai mudar-se de Niterói para Petrópolis, onde pretende passar o resto da sua vida.

— Lá, — conclui, — eu poderia viver ainda uns cinco ou dez anos...

E eu desejo-lhe mais trinta ou quarenta, para que chegue aos cento e dez...

*Terça-feira, 19 de junho:*

Convalescente ainda e, conseguintemente, sem cérebro para as leituras suculentas, passo por uma livraria e adquiro a novidade do dia: "Le Chemin de Buenos Aires" ("la traite des blanches"), de Albert Londres, jornalista francês que passou pelo Rio há pouco menos de um ano, e que, nessa obra, já nos dá conta da sua viagem.

Trabalho de reportagem e de ironia, é êsse, também, um trabalho profundamente humano. Nêle, procura Albert Londres mostrar ao público que as mulheres que se entregam à prostituição, na América como na Europa, são mais dignas de lástima do que de condenação. De cem criaturas que consomem a sua mocidade alugando a própria carne, oitenta são desgraçadas, vinte viciadas: "quatre-vingts pour cent de malheureuses, vingt pour cent de vicieuses: voilà mes chiffres", conclui êle. E como compensação, lembra que se devia levantar em Buenos Aires, mesmo em frente ao pôrto, uma estátua à "cocotte" francesa, a qual deveria ter, no pedestal, a seguinte legenda: "A la Franchucha — le peuple argentin reconnaissant".

A leitura dessa obra fêz-me lembrar a observação que me fazia, há alguns anos, um rico celibatário e mundano carioca, o Dr. Galeno Martins.

— Fulano, — dizia-me êle, — eu acho que essas criaturas que nos fornecem uma hora de amor sem saber, sequer, quem somos nós merecem assistência e amparo do govêrno. Nós, homens, se fôssemos menos hipócritas, devíamos manter uma associação filantrópica, destinada a socorrer as mulheres públicas que se inutilizam na profissão, ou que chegam à velhice em completa pobreza. Em parte, elas se sacrificam por nós.

E segurando-me pelo paletó:

— Porque a verdade, é que as mulheres que roubam o pão aos lares e arrastam tanta gente à miséria, não são as profissionais, as "cocottes" de casa aberta: são as amantes de sociedade, as mulheres casadas ou divorciadas, insaciáveis no seu luxo e que o sustentam à custa de um só. A profissional concede-nos o prazer que lhe pedimos, recebe a sua remuneração, e não pesa mais na nossa vida; a amante de sociedade é, para nós, uma carga permanente.

E despedindo-se:

— Esta, sim; esta é a inimiga, é a calamidade...

Escrevi hoje o prefácio para um livro póstumo, de contos, de Artur Azevedo: "Contos Cariocas".

"O espírito — escrevi, — possui a sua sociedade, como os homens. E as relações nesse ambiente são feitas pela admiração. Glórias há, solenes, graves, soturnas, que se nos impõem como essas figuras circunspectas, carrancudas, cerimoniosas, cuja presença em nossa casa nos enche de orgulho, mas, também, nos causa constrangimento. Admiramo-las, mas não nos sentimos à vontade. É honra nossa conhecê-las, mas não é alegria. Quando nos lembramos delas, ficamos sérios, concertando a fisionomia, como se nos tivesse parado à porta um automóvel de luxo com um comendador ou um ministro de Estado. É a glória de Rui. É a glória de Euclides. É a glória de Nabuco ou de Evaristo da Veiga. A lembrança de Gonçalves Dias é uma visita para gabinete fechado: visita de confidência, visita de amigo íntimo, visita de irmão em tristezas, que quer secretamente chorar no nosso peito.

"A glória de Artur Azevedo é diferente de tôdas estas. Lembrarmo-nos dêle, é sentir entrar pela porta, como dono da casa, o velho amigo alegre, jovial, folgazão, que não quer ver aborrecimentos nos lares conhecidos, e invade o corredor falando alto, pisando alto, rindo alto, para prevenir a família da sua presença. Entra-nos pela casa como o sol, ou como um ramo de roseira, coberto de rosas. Para visitar-nos, não faz "toilette" de estilo, não passa o pente nos cabelos revoltos, não corrige a gravata na esquina próxima, não se preocupa, finalmente, com a etiquêta. Visita-nos sem aviso, como saiu do escritório ou da repartição. A sua glória é, a glória singela e doméstica; é a glória simples, risonha, natural; é a glória despreocupada; é a glória feliz e ingênua; é, em suma, pode-se dizer, a glória à brasileira".

Em seguida, trato dos contos. O autor, êsse, parece-me, contudo, que ficou definido nas linhas acima.

*Quarta-feira, 20 de junho:*

Líder da maioria da Câmara, ou, como se diz hoje, aliás de modo mais verdadeiro, — líder do govêrno perante a Câmara, Manuel Vilaboim é, hoje, pela autoridade que a função lhe empresta, a figura primacial dessa casa do Congresso. De estatura mediana, mais grosso do que magro, é acentuadamente moreno, quase mulato. Rosto grande, lábios finos, tem, entre a bôca e o nariz, um bigodinho à Charlot, da extensão de uma escôva de dentes, e quase tão estreito como uma sobrancelha. Essa escôva

é grisalha, cortada rente. Particularizam-lhe a fisionomia um par de costeletas à maneira dos estadistas do Império, e que lhe dão uma distinção e, ao mesmo tempo, uma respeitabilidade especiais. Veste-se com apuro, com uma correção à antiga, jaquetão ou paletó sempre abotoado, colarinho duro, gravata escura, camisa gomada, — elegância incomum nestes tempos de colarinho mole e paletó desabotoado, à americana.

Polido, amável com tôda a gente, tendo para cada uma palavra de lisonja, não é, contudo, um grande orador. Uma vez na tribuna, perfila-se nela, bem encostado ao corrimão, e daí não se afasta. A sua gesticulação tôda é feita com as mãos, e isso mesmo sòbriamente. Ao começar, segura-se, com ambas as mãos, ao corrimão da tribuna, como um papagaio que se empoleira. E quando uma das mãos sai daí, é, ou para se afundar no bôlso do paletó, ou para se espalmar, demoradamente, no peito do orador, como num ato de contrição.

Ligeiramente gago, sentir-se-ia bem em um discurso sem interrupções. Interrompido no meio de uma frase, volta sempre ao princípio dela, repisando um vocábulo duas e três vêzes, até cessar o aparte do adversário. E isso denuncia o professor, habituado a falar, a explicar, a expor seguidamente entre o respeito geral dos discípulos.

Por isso mesmo, o seu discurso de ontem, na Câmara, foi bom. A oposição ouvia-o em silêncio, raramente quebrado. E êsse silêncio permitiu-lhe a continuidade do raciocínio, a clareza da exposição, e uma certa dose de bom-humor, que predispôs a seu favor aquêles mesmos a quem respondia, defendendo a politica financeira do govêrno.

*Quinta-feira, 21 de junho:*

Academia, onde faço um discurso, não brilhante, mas hábil, sôbre concursos e, em particular, sôbre o critério que deve presidir à concessão de prêmios. A Academia recebe-o com palmas. Fui realmente feliz no desdobramento do assunto, na disposição dos argumentos e, sobretudo, na diplomacia com que ladeei a matéria.

À noite, solenidade no Instituto de Música, para entrega a Coelho Neto do título de Príncipe dos Prosadores. Não compareci, por incômodo subitâneo da vista, que me fêz correr para casa; mas me senti contente com o consôlo levado ao grande e maravilhoso trabalhador.

*Sexta-feira, 22 de junho:*

Conclusão da leitura integral, e meditada, do livro de Albert Londres, "Le Chemin de Buenos Aires". Capítulos há, nêle, que calam no meu espírito, e modificam a idéia, que tôda a gente tem, do cáften, do rufião, do "maquereau".

O "maquereau", diz-nos êle, vai à Europa, e encontra a padecer fome, entregando-se por cinco "sous", uma operàriazinha que tombou na prostituição depois de quatro ou cinco dias de fome, por ter sido despedida do emprêgo com que sustentava mãe enfêrma e irmãos menores. Tomando essa infeliz, já votada ao hospital, sob a sua proteção, o "maquereau" limpa-a, veste-a, educa-a, dá-lhe bem-estar e ares de mulher fina. Adianta-lhe dinheiro para deixar à família, e embarca-a para Buenos Aires. Aí, vela por ela, abre-lhe uma caderneta de Banco, e envia, pontualmente, uma mesada à família. Tira disso, naturalmente, a sua parte. Mas a verdade é que essas criaturas se sentem felizes sob êsse regime, e abençoam aquêles que, na opinião dos moralistas aqui de fora, as trazem escravizadas.

O que é certo, porém, continua o autor, é que êsses indivíduos prestam reais serviços à sociedade. Orientando a mulher na prostituição, dando ordem aos seus negócios, adiantando-lhe capitais, o cáften é o único protetor que essas criaturas encontram. E como sempre houve e haverá prostituição no mundo, a conclusão que se tira é que as mulheres seriam mais infelizes ainda se não houvesse êsses homens que, fora da lei, fazem do meretrício uma instituição. Sem êles a prostituição seria mais baixa, o número de vítimas seria maior, pelas moléstias; e maior, ainda, o número de mulheres lançadas no mesmo caminho, pois, industrializando uma rapariga, o "maquereau" faz com que ela envie mesada certa à família, impedindo que as irmãs menores se prostituam por miséria como ela se prostituiu.

O livro de Albert Londres deve ser lido, em suma, por quem tenha de escrever um romance sôbre a vida das grandes cidades. Se eu escrever êsse romance, êle me fornecerá, talvez, uma das suas melhores figuras.

*Sábado, 23 de junho:*

Posse do Barão de Ramiz Galvão, na Academia, como sucessor do Conde de Laet na cadeira de que é patrono o Barão de Santo Ângelo. Santo Ângelo viveu setenta e três anos. Laet, oitenta. Ramiz entra com oitenta e dois, feitos. É uma cadeira predestinada.

O novo acadêmico, raramente visto na rua, espantou a assistência com a sua robustez, na idade em que se encontra. Alto, ereto, elegante no seu fardão bordado a ouro, ninguém lhe atribuiria, ontem, ao vê-lo, mais de sessenta anos; sessenta e cinco, no máximo. Bela cabeça, de cabelo ondulado, que ainda não branqueou de todo, a calvície foi, nêle, substituída pela vastidão da testa, — testa larga, lisa, inteligente, da extremidade da qual o cabelo se lança para trás, abundante e de ondas largas, compondo o que se poderia chamar uma cabeça verdadeiramente artística. Moreno, a pele não se lhe enrugou ainda, conservando-se justa, esticada, como aos quarenta anos. O bigode, côr de prata velha, cai-lhe sôbre a bôca de lábios firmes, não como um reposteiro rôto, mas como uma cortina cuidada, que não cobre de todo a porta de que é velário. A orelha grande, de lóbulos caídos, conserva-se-lhe vermelha e limpa, sem vegetações capilares, patenteando, assim, a saúde da circulação. Empertigado na tribuna, a barba escanhoada cuidadosamente, não tem um tremor nas mãos, nem na voz. Não usa óculos, nem "pince-nez". Olha com segurança, de longe ou de perto. E discorre claro, pausado, uniforme, sem uma emoção, sôbre o seu patrono e sôbre o seu antecessor, durante quase uma hora, após a qual os seus oitenta anos não demonstraram o menor cansaço, a mais ligeira fadiga. Apenas, à maneira do seu tempo, umedece de vez em quando no lábio inferior a ponta do dedo, para voltar a página do folheto que lê.

O próprio estilo do Barão Ramiz foi para mim uma surprêsa. Apresentando, aqui e ali, uma frase feita, não apareceu, no conjunto, tão 1860, como eu esperava. O estilo é, nêle, vinte anos mais moço do que o estilista.

— Êste vai viver um século... — diz-me, à saída, Alberto de Oliveira.

E eu confirmo. O Barão Ramiz, na verdade, parece ter ficado, até hoje, adormecido no bosque, à espera da Academia...

*Domingo, 24 de junho:*

Estas noites de inverno, em Icaraí, começam a encher-me de pavor, povoando-me o cérebro de pensamentos lúgubres. Antigamente, deitando-me à uma ou às duas horas da manhã, só despertava às seis ou às sete, desfrutando as vantagens de um sono tranqüilo e seguido. Agora, adormecendo às onze horas ou à meia-noite, passei a acordar às três horas, para uma vigília de algumas dezenas de minutos. Mas, nesses minutos, que eternidade de idéias tristes!

É essa a hora mais quieta da noite. Aproveitando o sono dos homens, a própria natureza adormece. Não se ouve o barulho de um bonde, o passo de um transeunte, o farfalho de uma fôlha ou, sequer, o chiar de um inseto. O mar, o próprio mar, cujas ondas são ouvidas da minha casa, parece que, a essa hora, se retira da enseada, e recolhe-se ao seu leito largo, fora da barra, para além do contraforte das montanhas. No escuro do aposento e do meu leito, tenho a impressão de estar sepultado vivo, separado do mundo por uma tábua de caixão e dois metros de terra. Levanto a mão, procurando a tábua. Respiro. Estou vivo e, ainda, à superfície!

E começo a pensar. Dentro de cinco, de dez, de vinte, de trinta anos, serei, no fundo de um túmulo, um feixe de ossos esquecidos. E estas horas de mistério continuarão a repetir-se sôbre o mundo, a reproduzir-se sôbre o planêta, e, dessa vez, sem o meu ouvido atento, para escutar, anônimo, o seu silêncio. Durante anos, durante séculos, durante milênios, tudo isto se repetirá. Só eu não existirei mais...

*Segunda-feira, 25 de junho:*

As melhores páginas da História, e que mais dignificam o espírito e o coração humanos, não são, evidentemente, as que assentam na verdade, mas as que foram criadas pela imaginação.

Quando, há um ano, morreu Teixeira Mendes, chefe da Igreja Positivista no Brasil, a imprensa, unânime, louvou o nobre gesto do Cardeal Arcoverde, o qual teria descido até o jardim do palácio São Joaquim, em companhia de todos os membros do cabido, a fim de orar, num último preito à santidade daquele ateu, por ocasião da passagem do féretro do eminente discípulo de Augusto Comte. Eu próprio, em necrológio feito na Academia, me referi a essa manifestação de tolerância e superioridade da Igreja Católica, reconhecendo pùblicamente as virtudes do seu adversário.

Ontem, na barca de Niterói para o Rio, sucedeu que nos encontrássemos no mesmo banco, eu e Monsenhor Benedito Marinho, conhecido pregador e pessoa da intimidade do Cardeal. Velhos amigos, conversamos sôbre várias coisas, até que chegou a vez de tratarmos das mentiras da imprensa.

— É verdade! — diz-me o simpático sacerdote. — Os jornais aqui inventam o que bem entendem. Você não se lembra do caso do Teixeira Mendes? No dia do entêrro do Teixeira Mendes, nós tínhamos que sagrar um bispo, e íamos saindo do

palácio São Joaquim, eu e outros monsenhores, quando, ao chegarmos ao pátio, demos com o entêrro do Teixeira Mendes, que ia passando. Voltar, e entrar no palácio, seria uma hostilidade reparável; correr, e entrar nos automóveis que nos esperavam no portão, seria uma falta de respeito; de modo que o melhor seria ficàrmos de pé, no lugar em que estávamos, esperando que o cortejo passasse. E foi o que fizemos. A circunstância de estarmos paramentados fêz supor que ali estávamos em atenção ao morto, — suposição essa que se consolidou quando, na Praia de Botafogo, as pessoas que acompanhavam o entêrro encontraram uma irmandade de cruz alçada, a qual se dirigia para o templo em que se ia sagrar o novo bispo... No dia seguinte houve uma reunião do clero para esclarecer o assunto. Ficou, porém, combinado o silêncio em tôrno do caso, não obstante os inconvenientes que poderiam advir dessa resolução, não aqui, mas no interior do país, onde o suposto exemplo do Cardeal poderia dar ensejo a lamentáveis transigências por parte dos vigários.

A lenda não será, em verdade, mais simpática do que a História?

*Têrça-feira, 26 de junho:*

Em companhia de um amigo, vou a um "dancing", gênero americano, instalado em um primeiro andar da Avenida. É um salão vasto, com duas filas de mesas em tôrno, deixando ao centro o lugar necessário para as danças. Em uma das extremidades, em um estrado quase junto ao teto, meia dúzia de pretos vestidos de linho branco fazem rugir os instrumentos metálicos e de cordas, arrancando-lhes o uivo dos "charlestons" ou a queixa dolorida dos tangos. À frente, no estrado, um prêto novo ainda, baixo e forte, de grandes beiços e dentes alvos, acompanha com a voz poderosa, cantando a letra, a música de cada peça.

Embaixo, nas mesas, homens e raparigas: homens brasileiros e raparigas internacionais. Poucas, entre elas, têm dono certo. O cavalheiro que quer dançar faz um sinal da sua mesa e a "dama" sai ao seu encontro. Mesmo as que se acham acompanhadas pelos "amant du coeur" não recusam o convite. A música estala, a luz intensa das lâmpadas é substituída pela luz discreta dos focos coloridos, e os pares começam a deslizar, corpo a corpo, como em luta em que um dos dançadores procurasse derrubar o outro. Nesse exercício não se pressente, porém, o menor vestígio

de sensualidade. O corpo da mulher que se abraça é um país tão conhecido, que não se manifesta por êle a menor curiosidade.

Daí a perfeita ordem reinante nesses lugares. A liberdade que se desfruta, a facilidade em levar para o leito qualquer uma daquelas raparigas, afasta dali a menor idéia de abuso. Não se observa um exagêro, não se escuta o estalar de um beijo, nem a prática de um ato que não fôsse permitido em qualquer salão moderno. Reina por tôda a parte o respeito sem constrangimento.

A um sinal do meu amigo vêm sentar-se à nossa mesa duas conhecidas suas: uma alemã, loura, de olhos azuis e grande bôca miúda de belos dentes, e uma brasileira, de olhos miúdos, bôca pintadíssima e seios fartos, esparzindo desejos como as flôres dos trópicos espalham, sem que o pressintam, o seu perfume venenoso.

O meu amigo promete a esta última uma visita.

— Vá hoje tomar conosco uma xícara de chá, — convida ela com naturalidade de dama de alta roda. — Vá hoje que eu completo anos... Vinte e sete anos...

O meu amigo felicita-a, gaba-lhe a frescura física, fazendo-lhe notar, e com sinceridade, que parece ter, no máximo, vinte e dois anos.

— Pois faço vinte e sete... E ganhei flôres... Você não imagina quanta flor eu recebi! Mas levei tudo, logo, para Nossa Senhora das Dores, minha protetora, cujo altar, na igreja, ficou hoje coberto de flôres!

E com vivacidade:

— Tudo quanto eu sou na vida, devo a Nossa Senhora das Dores... Por isso, sou reconhecida a ela de todo o meu coração... Graças a ela, sou feliz, muito feliz.

E num transporte de ventura, as mãos no peito:

— Muito feliz, mesmo!

Na gaiola da orquestra, em cima, a voz do cantor negro se eleva e espraia, acompanhando um tango, com tôdas as tristezas e saudades da raça...

*Quarta-feira, 27 de junho:*

A leitura de "Les Contes de Jacques Tournebroche", de Anatole France, que acabo de fazer, confirma as minhas idéias sôbre êste espírito que tão alta influência exerceu sôbre as letras contemporâneas. Anatole não nasceu para a literatura de ficção. Não tinha a faculdade de criar, de inventar, de dramatizar, de tirar um mundo de si mesmo. Era, apenas, um grande artista, resultado de uma cultura cuidada e paciente.

É, por isso mesmo, o escritor das belas frases, e não dos belos romances ou dos belos dramas. Fazia o tijolo, maravilhosa obra d'arte, mas não sabia, com êle, levantar o edifício. Daí o seu apêlo constante às figuras e aos fatos históricos, aos episódios reais ou já escritos, para, sôbre essa tela fixa desenhar o arabesco das suas frases felizes e dos seus conceitos peregrinos.

Anatole foi, em suma, no campo da arte pura, o que foi Rui Barbosa nas letras políticas do Brasil: o fruto de um estudo longo, metódico e perseverante.

*Quinta-feira, 28 de junho:*

Tarde de vergonha para a Academia. Visita-a o poeta português Afonso Lopes Vieira, que lhe vai entregar, em nome do Presidente de Portugal, um exemplar dos "Lusíadas", da edição especial agora tirada pelo govêrno daquela República.

Pequeno, magro, espigadinho, o enviado do Presidente Carmona dá a idéia de um dêsses bonecos de pano que ornamentam, hoje, as alcovas das mulheres de luxo. Calça de listras, escura, cuidadosamente vincada, jaquetão prêto, abotoado justo, rosto comprido e pequeno; bigodinho aparado, em que se distinguem já alguns fios brancos; cabelo ralo, e ainda prêto, trazido do lado esquerdo, em pastinha, para disfarçar a calva adiantada; e, no fundo das órbitas, em emboscada ao mesmo tempo orgulhosa e medrosa, os olhos azulados de celta, um dos quais se esconde todo o tempo sob o vidro redondo de um monóculo. Fala baixo, pausadamente, emprestando gravidade a tudo, como se cada informação banal que nos dá constituísse um segrêdo de Estado.

Introduzido na sala das nossas sessões ordinárias, faz uma profunda reverência do alto do seu metro e trinta de altura, dando-nos a impressão de um embaixador de Lilliput que se imaginasse o maior homem da terra, e representante do maior país do mundo. Senta-se, durinho, tesinho, e é saudado pelo verbo, sempre feliz, de Coelho Neto. Em seguida, começa a tragédia.

Dada a palavra a Fernando Magalhães, êste, que é sem dúvida um belo espírito, passa a ler uma carta deixada por Afrânio Peixoto, para ser lida naquele dia. E lê. E a certa altura:

— "...a obra de Carolina Michaelis..."

E pronuncia: "Mixaélis"... Coelho Neto remexe-se na cadeira, aflito. Rodrigo Otávio leva um dedo à bôca, e rói a unha, nervoso. Há, aqui e ali, outros sinais de impaciência.

Fala Afonso Lopes Vieira. Puxa do bôlso interno do jaquetão as suas tiras, e faz a leitura, com a sua dição acentuadamente portuguêsa. Prosa comum, trivial, sem uma imagem, sem uma frase imprevista, sem uma novidade de pensamento ou de estilo.

Cabe a vez ao presidente, para o agradecimento. Mau orador, embrulhando-se nas próprias palavras como um gato em novêlo de lã, Augusto de Lima, que tivera uma indigestão na véspera, parece ter no cérebro tôdas as conseqüências dessa indigestão. Logo às primeiras frases, tendo de citar o nome do visitante, exclama:

— "Vós, senhor Afonso Lopes de Miranda..."

Há um sussurro. O orador dá pelo engano, volta, e emenda. Adiante, porém, tendo de referir-se ao filólogo José Maria Rodrigues, diz:

— "O vosso mestre, Dr. Bittencourt Rodrigues..."

Dessa vez, não emendou mais. Continuando, tratou o visitante ora por "vós", ora por "Vossa Excelência", para terminar chamando-o de "portador de uma embaixada".

Após a audição de tanto dislate, e haver sido despedido do salão antes de manifestar desejo de retirar-se, deteve-se Afonso Lopes Vieira na sala contígua da secretaria, em palestra animada com dois ou três acadêmicos.

— Que é que êle ainda faz ali fora? — pergunta-me Goulart de Andrade, a mim, que venho do grupo.

E eu informo:

— Nada... É que êle quer, por fôrça, levar o exemplar de "Os Lusíadas" que ofereceu à Academia... Depois dos discursos que ouviu, êle acha que é despesa inútil, deixá-lo aqui...

*Sexta-feira, 29 de junho:*

Outra sessão, e esta pública, e solene, para entrega dos prêmios relativos ao ano passado. Dois dias antes da festa, sabe-se, pelos jornais, que Augusto de Lima autorizara um dos premiados, um molecote cabotino, cuja obra nenhum acadêmico leu, a agradecer, em discurso, em nome de todos os outros. Na sessão de ontem Coelho Neto interpelou a mesa, perguntando se êsse premiado havia apresentado a procuração dos companheiros. Augusto de Lima responde negativamente, desculpando-se com a falta de um protocolo que regule o assunto. À saída, porém, confessa-me:

— Eu resisti, quanto pude, aos pedidos dêsse sujeitinho, para que o autorizasse a falar. Mas fui vencido pelo cansaço...

Coelho Neto, signatário do parecer premiando o cabotino, confessa-me que nem vira a obra. Fiara-se em Fernando Magalhães, relator. Fernando, por sua vez, declara:

— A obra não vale nada; mas tem uns gráficos muito bons, sôbre a instrução no Brasil.

Resultado: à noite, sala vazia. Dos trinta e tantos premiados, só três ou quatro apareceram a receber a sua láurea ou o seu prêmio, um protesto nobre ao ato da Academia, dando-lhes um intérprete dos seus sentimentos, à revelia dêles...

A Academia marcha para a morte. E está apodrecendo antes de morrer.

*Sábado, 30 de junho:*

Há dois dias venho trabalhando intensamente na revisão final da "Odisséia", tradução de Odorico Mendes, obra que deve estar pronta dentro de oito dias, a fim de ser remetida para o Maranhão.

Eu já havia lido Homero integralmente, nas versões francesas de Leconte de Lisle e de Mme. Dacier. Só agora, porém, lendo como revisor, verso por verso, vocábulo por vocábulo, foi que compreendi a grandeza do poema. A visita de Ulisses ao país dos Cimérios e o seu encontro, na furna de Tirésias, com as grandes sombras amigas, é verdadeiramente soberbo, na descrição; como soberbos aparecem, na tradução brasileira, o banquete no palácio de Alcino e o canto heróico de Demódoco; e, em particular, o aparecimento de Helena no momento em que Menelau recebe a Telêmaco, que anda errante em busca do pai. É aí que, descrevendo o recolhimento dos hóspedes e dos hospedeiros, Odorico tem êstes dois versos, admiràvelmente felizes:

*"Pernoita Menelau na alcova interna*
*E a mais gentil mulher nos braços dêle".*

## JULHO

*Domingo, 1.º de julho:*

Alta noite, antes de conciliar o sono, ou quando desperto em meio dêle, vem-me de súbito esta pergunta, feita na quietude do meu quarto e do meu leito de casal: quantos anos ainda me resta viver?

E respondo com outras interrogações: dez? vinte? trinta? Faço então os cálculos: se viver dezesseis, terei ainda tantos anos quantos estou no Rio de Janeiro. E, a mim, me parece que cheguei ao Rio ontem. Somo, à idade atual, dezesseis anos. Encontro cinqüenta e oito, isto é, a velhice, a incapacidade, a vizinhança da sepultura, senão a própria sepultura. E estremeço de terror, ante a fatalidade dêsse destino.

Essas reflexões lúgubres têm, todavia, uma vantagem: incitam-me, instigam-me, obrigam-me a aproveitar o mais possível os meus dias, as minhas horas, os meus minutos, convertendo o tempo, que foge, em ações, que possam ficar, e cuja memória possa constituir um prolongamento da minha vida. E vem-me à lembrança aquela sentença de Bernardes, na "Nova Floresta", na qual êle recorda os falcões da Noruega, "que caçam mais porque ali o dia é mais breve", e os corpos pesados, que, "precipitados do alto, tanto maiores distâncias vencem no mesmo tempo quanto mais se avizinham da terra".

A idéia do trabalho é, assim, o meu consôlo, o meu confôrto, o remédio ao meu desespêro ignorado... Se os pensamentos fôssem vozes, que gritos se levantariam de cada leito, que alarido de cada prédio, e que trovões de gemidos, de súplicas, de palavras de terror, das cidades aparentemente adormecidas!?...

*Segunda-feira, 2 de julho:*

Na barca de Niterói, em viagem para o Rio, encontro Alberto de Oliveira. Fala-se de Goulart de Andrade, que se acha enfêrmo, e o velho poeta refere-se ao arrefecimento das suas relações com aquêle nosso companheiro de Academia.

— E, no entanto, — diz, — o Goulart não devia esquecer o que eu fiz por êle. Bati-me pela sua entrada para a Academia, recebi-o ali, e fui eu, mesmo, que pedi em casamento a moça que foi a sua primeira mulher. E não foi, êste último, trabalho de somenos importância. O pai da menina, o Araújo Lima, apesar de companheiro de pândega do Goulart, não lhe queria dar a filha. Goulart encarregou-me do pedido, e desapareceu, indo, não sei se para a Bahia, se para São Paulo, tirar a sua carta de agrimensor, que êle diz hoje ser de engenheiro... Fiz o pedido, e o Araújo Lima pediu uma semana para refletir. Ao fim de quinze dias, sem resposta, escrevi-lhe uma carta, e êle procurou-me, apresentando uma negativa. A filha, a Zita, andava apenas pelos quinze anos, e êles, — êle e a senhora, — não se queriam separar dela, mesmo porque se tratava da única filha do casal. Re-

pliquei que tudo se podia arranjar: o novo casal ficaria morando com êles. E obtive o consentimento. Enquanto isso, o Goulart me escrevia ou telegrafava quase diàriamente, pedindo a solução definitiva da incumbência.

Alberto vê que há senhoras no banco atrás de nós, concerta o bigode, suspendendo com o polegar e o indicador da mão esquerda, já trêmulos, um ou outro fio negro, pintado, que se haja desgarrado sôbre a bôca, e reata:

— Casaram-se. Ao fim de pouco tempo a Zita adoece. Foram para Barbacena. E foi lá em Barbacena que êle conheceu a Albertina Berta... Regressam e, ao cabo de poucos meses, aparecem no "Correio da Manhã", os primeiros capítulos do romance "Assunção", em que êle descreve a moléstia da mulher e os seus amôres com Albertina, em Barbacena. Fiquei horrorizado com a sua coragem; e ainda mais horrorizado fiquei quando, indo visitar a doente, encontrei à sua cabeceira, muito solícito, acarinhando-a, o Goulart, o mesmo homem que, pela manhã, descrevia voluptuosamente no jornal a marcha da enfermidade! Dias depois, indo com a minha mulher ao cinema "Parisiense", vemos passar o Goulart tendo ao lado uma senhora. Minha mulher supôs ainda que fôsse a Zita. Esta achava-se, porém, em casa, entre a vida e a morte... Duas ou três semanas depois, morreu, efetivamente. E a sua morte comoveu-me. Ao ter notícia do seu passamento, escrevi um sonêto, intitulado "Pobre Luísa!" (Luísa era o nome dela), que lá vem na 4.ª série das "Poesias", e que mandei, com outros, para uma revista de São Paulo. O Goulart não podia gostar do sonêto, e não gostou. Encontrando-se comigo, disse-me, pouco depois: "Mestre, eu li o seu sonêto sôbre a morte da Zita; muito obrigado..." E ficou esperando a minha resposta mas eu, está visto, não lhe disse nada. Daí em diante ficamos afastados, tratando-nos cerimoniosamente...

*Têrça-feira, 3 de julho:*

Alberto de Oliveira acabava de contar-me, ontem, o episódio, ou melhor, os episódios que o haviam afastado de Goulart de Andrade, estranhando que êle tivesse escrito um romance, em folhetins, sôbre os seus amôres clandestinos e sôbre a agonia da própria espôsa, prevendo-lhe a morte, — folhetins que a doente lia diàriamente no seu leito de condenada, quando eu intervim:

— O Goulart foi, nesse caso, vítima da mentalidade que predominava na época. Nada fazia tanto mal a êsse pequeno Alexandre sem fôrças, quando êle surgiu no Rio, como os louros

do Milcíades que era, então, Paulo Barreto. Paulo conquistava nomeada dia a dia, e, para conquistá-la, sacrificava os seus brios de homem, fazendo constar que praticava as maiores perversões sexuais. O que êle queria era ser discutido, comentado, citado. Que o insultassem, que o injuriassem, mas que o não esquecessem. Para tornar-se famoso, teria lançado fogo ao templo de Diana ou à Biblioteca de Alexandria. À falta de um e outro monumentos, incendiava a sua própria reputação. E tornou-se, por isso, a individualidade literária mais em evidência no Rio de Janeiro. Essa notoriedade atormentava Goulart. O século era dos grandes cabotinos. D'Annunzio pregava a supremacia da obra d'arte, recomendando que se sacrificasse à obra d'arte os escrúpulos mais sagrados. Goulart viu, no seu romance de amor e de intimidade, o caminho para superar Paulo Barreto. Empregaria, nêle, dois elementos de escândalo: as suas relações amorosas com uma senhora de sociedade, que tôda a gente sabia quem era, e a vida de martírio da sua mulher, cuja moléstia é rigorosamente descrita no romance, a ponto de descrever, neste, o desfecho do drama, com a sua morte por inanição. A tentativa não surtiu, porém, o resultado previsto: o livro, ou não foi compreendido, ou despertou o horror naqueles que o compreenderam. E isso o encheu, parece, de despeito, senão de arrependimento, fazendo-o desinteressar-se das letras, com as quais priva, hoje, apenas de visita. É, em suma, um escritor de pequenos recursos, que sonhou fazer a sua carreira pelo cabotinismo e pelo escândalo, e que, fracassando, deixou cair os braços, em desânimo.

Alberto escutou-me, atento. E quando eu terminei:

— É isso mesmo. Você observou bem...

*Quarta-feira, 4 de julho:*

Sentado a uma das mesas da Sorveteria Alvear, na Avenida Central, encontro Laudelino Freire. Abanco-me a seu lado, a convite seu, e examino-o. Tipo fornido, de caboclo do Nordeste. A cabeça, chata em cima, é ornada por uma pastinha partida ao meio, e que parece acomodada, como pastinha de mulato, à fôrça de brilhantina. As sobrancelhas espêssas, cerradas, cerdosas, assemelham-se a choupanas agrestes para esconderijos dos olhos miúdos e desconfiados. Pele grossa, nariz de batata, dentes bons, rosto escanhoado, dá a impressão geral de um rústico apanhado tarde pela civilização. A roupa correta, apurada em demasia, denuncia logo o novo-rico, que comprou tudo de uma vez, e às pressas, para não deixar vestígio do trabalhador braçal que foi

na véspera. Parco nas palavras, conta-me a sua situação, no mundo dos negócios. Possuindo uma fortuna de oitocentos contos em fazendas e prédios, vendeu êsses bens para adquirir a emprêsa de auto-ônibus denominada "Auto-Viação". Feito o negócio, viu que dois terços dos carros estavam quase inutilizados. Requereu moratória, para pagamento de cêrca de três mil contos em dois anos. E vai, aos poucos, se equilibrando, graças à fiscalização que exerce, tendo, porém, de sair de casa às três e meia da manhã, para assistir à saída dos carros.

— Antes de meter-me nessa aventura, — diz-me, — consultei minha mulher. Perguntei-lhe se queria correr comigo aquêle risco, pois que eu teria de sair milionário, dono exclusivo da emprêsa, ou simples chofer de um dos seus ônibus. Ela declarou-se disposta. E eu fiz o negócio, do qual, espero, sairei, dentro de uns quatro anos, com os meus cinco mil contos.

E após outras considerações:

— Na Academia há poucos homens práticos. E um dêles é você...

*Quinta-feira, 5 de julho:*

Na sala de espera do "Petit-Trianon", antes da sessão acadêmica e presente Alberto de Oliveira, Coelho Neto conta-nos os motivos do seu respeito à superstição e aos supersticiosos.

— Era em mil e oitocentos e oitenta e poucos. Patrocínio era ainda um nome sem evidência no Rio, uma figura cujo valor só nós, seus íntimos, conhecíamos. Pois, bem; um dia o Campos da Paz foi convidá-lo para ir a uma cartomante famosa, que se havia estabelecido na Rua da Carioca. Era uma espanhola gorducha, de meia-idade, com um buço forte no lábio superior. Fomos todos. Na sala de espera, silenciosas, algumas pessoas aguardando o turno. Chegando a nossa vez, entramos todos. Patrocínio foi o primeiro a sentar-se. A mulher começou a alinhar as cartas. E ia mostrando no rosto sinais de espanto.

— Oh! Belo dia! grande dia! — exclamou de repente. — Muito povo... música... muita alegria... gente na rua... E o senhor no meio...

De súbito, porém, faz um gesto, como quem aponta para baixo da mesa, e diz, rude:

— Depois... afunda... vai para o fundo... para baixo!

E Neto conclui:

— Que será isso? Era o Treze de Maio! E depois? O naufrágio de Patrocínio... Feita a abolição, Patrocínio afundou.

E, olhos acesos, no mesmo gesto da cartomante:
— Foi para baixo...

*Sexta-feira, 6 de julho:*

Na sessão de ontem, da Academia, resolvi opor um dique ao cabotinismo de alguns acadêmicos novos, que, para figurarem no resumo dos nossos trabalhos, requeriam, por ocasião das sessões, votos de congratulações com os colegas que completavam anos. Essa inovação acabou por criar na Academia uma espécie de grêmio do elogio mútuo, desprestigiando a instituição. Apresentando uma indicação nesse sentido, lembrei o caso citado nas "Memórias" de Bachaumont, o qual relata que, tendo a espôsa de Saurin dado à luz uma criança em 1762, a Academia Francesa nomeou uma comissão para saudar, no leito, a parturiente, sendo orador, no ato, Monsenhor Olivet.

A minha indicação será votada na semana vindoura, e, provàvelmente, incluída no regimento.

Lá se vai, água abaixo, todo o elemento de que dispunha, para figurar nos trabalhos da Academia, o meu pobre Adelmar Tavares!...

*Sábado, 7 de julho:*

A operação de apendicite a que foi submetido há um mês e pouco o Presidente Washington Luís deu oportunidade a diversas manifestações de carinho e de aprêço público, entre as quais a missa solene de hoje, rezada na Candelária, por iniciativa das classes laboriosas do país. A ela compareci, excepcionalmente. Templo repleto e iluminado. Flôres em abundância. Vozes de mulheres e homens, no côro. À elevação da hóstia, a orquestra de professôres e o corpo lírico entoaram o Hino Nacional. Arte, luxo, e emoção.

Há muito tempo eu não entrava em um templo católico. E fiz bem começando essa reconciliação hoje, pela Candelária. O catolicismo, que nasceu do cristianismo humilde, é a religião da suntuosidade. A conversão, hoje, a êsse credo, só pode ser feita pelo processo empregado por S. Denis em relação ao Rei Clóvis. E a Candelária, como luxo, é igreja para converter um rei.

*Domingo, 8 de julho:*

Ao entregar-me, quinta-feira última, os seus dois últimos livros, "Velhos e Novos" e "Contos da Vida e da Morte", perguntei a Coelho Neto que obra nos daria depois.

— Ah, meu velho, não sei. O "Fogo-Fátuo" já está com o Lelo, no Pôrto, mas o livro que eu pretendia dar, tem que ficar sepultado. É o "Cântico dos Cânticos", feito de pequeninos poemas em prosa, que agradaram tanto quando publicados no "Jornal do Brasil".

— Por que você não o dá?

— Não posso, meu velho.

E com um sorriso malicioso:

— Gabi implicou que aquilo é para a Cecília Loebs, e acabou-se!

*Segunda-feira, 9 de julho:*

Estou na época dos prefácios. Tendo de tirar a 10.ª edição da sua "História Natural", pequena obra dedicada à infância e adotada em diversos Estados, o professor do Colégio Pedro II, Sr. Valdemiro Potsch, pediu-me, insistentemente, um prefácio para a obra. Escrevi-o hoje, e mandei-lhe. Deve ocupar umas três ou quatro páginas e, nêle, acentuo o valor do trabalho humano e a necessidade, que temos, de acabar com a exaltação exclusiva da nossa Natureza. As nossas montanhas, os nossos rios, as nossas florestas, nada disso representa esfôrço nosso e demonstra a nossa capacidade e, ainda menos, o nosso direito à posse de todos êsses tesouros naturais. O que deve orgulhar o brasileiro é a sua vitória sôbre tudo isso: é a extensão das nossas culturas de café, de cana, de algodão, de cacau; é a prosperidade das nossas indústrias; é tudo, em suma, que representa esfôrço humano.

É disso que devemos falar às crianças para que elas sejam continuadoras não simplesmente daqueles que admiram aquilo que já encontraram feito, mas daqueles que trabalham e aumentaram a riqueza e o bem-estar do país.

*Têrça-feira, 10 de julho:*

Roberto Moreira, que foi Chefe de Polícia de São Paulo, na Presidência de Washington Luís, é uma das figuras mais simpáticas da Câmara e será, segundo se prevê, um nome nacional, dentro de alguns anos. Forte, sadio, corado, creio que já descrevi, aqui, o aspecto e a inteligência. E foi êle, na Câmara, o orador de hoje.

Palavra fácil e clara, coube-lhe defender a emissão de apólices com que o govêrno pretende incentivar a abertura das es-

tradas de rodagem. A oposição combatia a idéia, e o orador passou a fazer o elogio das estradas, apresentando-as como fator político, pois que é por elas que se faz o congraçamento dos homens. A mão esquerda no bôlso da calça, a figura imponente, era, em verdade, um belo espetáculo vê-lo e escutá-lo. De repente, porém, a meio dos apartes, um estalo, mais vivo, quase insolente. O orador transfigura-se. Mas não se transfigura para melhor: o rosto, belo e jovial, contrai-se, num ríctus de dor e de raiva. Forma-se em tôrno à bôca um círculo de rugas, como se êle fôsse chorar ou proferir uma blasfêmia desesperada. E a represália surge-lhe, não magnífica, veemente, admirável, como a do oceano que vai buscar ao fundo as suas pérolas nas suas horas de tempestade, mas como as torrentes comuns, que aumentam de volume mas não têm uma onda, uma elevação de vaga, após uma grande chuva de inverno.

Roberto Moreira poderá ser, ainda, um belo e soberbo orador. Só o será, porém, no dia em que puder dominar os seus nervos, os quais, intervindo nos debates, o puxam para baixo, em vez de elevá-lo. E isso é uma prova de que o seu talento oratório é produto da cultura, do esfôrço, da disciplina da vontade, — razão pela qual decai na mediocridade quando o orador perde a serenidade e, conseguintemente, o "contrôle" de si mesmo.

*Quarta-feira, 11 de julho:*

Sessão solene do Congresso, Senado e Câmara reunidos, no palácio Tiradentes, para receber José Guggiari, presidente eleito do Paraguai. Ao dar a palavra ao Senador Godofredo Viana, que deve saudar o hóspede ilustre em nome da casa legislativa de que é membro, Rêgo Barros, que preside à sessão, dá-lhe o nome de Godofredo "Cunha", que é o do Presidente do Supremo Tribunal. Godofredo Viana sobe, tímido, à tribuna, exuma do bôlso interno do jaquetão um maço de papéis, e começa a leitura. E durante meia hora derrama algumas centenas de chapas, em voz sumida, deixando no auditório a pior das impressões.

Seguiu-se-lhe com a palavra, em nome da Câmara, Aníbal Freire, ex-Ministro da Fazenda. Tipo de homem do Nordeste, estatura mediana, aparentemente forte, tem a cabeça chata do seu tio Laudelino Freire, e uma calva extensa, que disfarça hàbilmente, espalhando sôbre ela a esteira de cabelos escuros de uma pastinha rala. Deve ter de quarenta e cinco a quarenta e sete anos. Bigode grosso, cortado em vassoura sôbre a bôca feia, ornado por inteiro de uma dentadura postiça.

Aníbal Freire sobe à tribuna favorecido pelo desastre do seu antecessor. Uma salva de palmas saúda-o, por antecipação. E começa o seu discurso de saudação como quem sabe o que vai dizer. As suas palavras saem rápidas, ligadas, de carretilha, como quem decorou e está com pressa de acabar. Cada período, iniciado em voz forte, vai esmaecendo para o fim, até que termina com o fôlego do orador. Sente-se, aqui e ali, a frase preparada com antecipação. As datas, com o ano e o dia em que foi assinado êste ou aquêle tratado, proferidas seguidamente e em voz rápida, chegam a dar, mesmo, a impressão de que tudo aquilo foi decorado. A extensão do discurso afasta, porém, essa suposição, deixando a certeza, apenas, de que as frases foram estudadas, mas de que o fio das contas foi metido no momento. Palmas demoradas glorificam o tribuno pernambucano.

Chega a vez do homenageado. Estatura regular, grosso, um pouco barrigudo para os seus cinqüenta anos, José Guggiari é uma figura simpática. Rosto gordo, moreno-claro, bigode aparado à americana, tem uma bela testa, do alto da qual se lança para trás uma ondulada cabeleira negra, na qual são invisíveis de longe os fios de prata. De pé, com as suas tiras na mão, o presidente paraguaio principia a lê-las com ênfase, voz forte, de homem do chaco. Escutando-lhe a voz, é tal a animação, o entusiasmo, a vivacidade castelhana que nela põe, que se tem a idéia de que êle está improvisando para a multidão na praça pública. E enquanto fala, gesticula, atira para o ar o braço desocupado, ou esmurra o espaço, por falta de tribuna, pois que fala da mesa, ao lado do presidente. Uma salva de palmas, vibrante e longa, abafa-lhe as últimas palavras castelhanas.

E suspende-se a sessão.

*Quarta-feira, 18 de julho:*

Durante seis dias nada escrevi neste "Diário". Limitei-me a tomar notas fora dêle, para aproveitamento oportuno; os acontecimentos a que se elas referiam eram, porém, de tal modo desinteressantes, que resolvi, finalmente, sacrificá-las.

E após esta semana de silêncio, tenho que fazer um registro triste, mas que aqui deixo de mão segura, e de alma quase conformada: estou com os meus dias contados!

Há dois meses vinha fazendo a medicação intensa, de bismuto e mercúrio, em injeções, e de hipófise, por via gástrica. E hoje voltei ao consultório. Examinado novamente, o Dr. MacDowell não dissimulou a sua tristeza. E disse-me que eu estou

sensìvelmente pior, recomendando-me que abandone a vida intensa de trabalho pelo menos por um ano, e me recolha a uma casa no interior, no mato, se fôr possível. Eu posso ficar cego, ou paralítico. As doses de remédio que eu estou tomando, são as maiores que se pode ministrar. E a doença progride, fatal, tenaz, impenitente.

— Há, entretanto, um recurso, que podemos tentar, como base para um tratamento novo. Está aí o professor Voronoff, que hoje fêz uma implantação de glândulas em um ancião. Se êle quisesse sacrificar um dos seus chipanzés para fazer em você o enxêrto da hipófise, seria, talvez, a sua felicidade.

Saí como um homem condenado à morte, mas a quem se dá ainda a esperança de um indulto, com a condição de que êle entregue à fôrça, para padecer o suplício por êle, um inocente. Fui procurar Belmiro Valverde, para que falasse ao sábio francês. Em caminho, detive-me várias vêzes. Terei eu o direito de sacrificar um ser vivo — perguntava-me a mim mesmo, — para salvar a minha vida? E recuava, horrorizado, ante a idéia egoística de fazer matar um animal para que êle dê uma partícula do seu cérebro. Automàticamente, cheguei, porém, ao meu destino, na Academia de Medicina, onde encontrei Belmiro Valverde. Dei-lhe o recado de Mac-Dowell, e êle prometeu falar hoje mesmo a Voronoff.

Que surprêsa, meu Deus, me reservará o dia de amanhã?

*Quinta-feira, 19 de julho:*

Razão tinha, e de sobra, Machado de Assis para louvar as botas apertadas. Elas têm a vantagem de nos facultar o prazer de descalçá-las. Foi essa, em parte, a minha volúpia de hoje.

Após uma noite agitada, noite de condenado que procura conter-se diante dos que o observam, passo a manhã a refletir sôbre a minha vida, balanceando-a, como um comerciante às suas mercadorias na véspera da falência. Recordando os meus temores de moléstias imaginárias, os tormentos passados ùnicamente por desconfiar que sofria disto ou daquilo, é que compreendo quanto perdi, em tempo e alegria, soltando as rédeas à imaginação. Comparo-me, em suma, a um Quixote novo, o qual, depois de passar a vida a bater-se com moinhos, se sente, de súbito, diante de um inimigo verdadeiro, com o qual se não pode medir por haver consumido as energias a lutar contra sombras corporizadas pelo seu mêdo.

À tarde, volto aos médicos. Jorge de Morais, operador, opina pelo enxêrto. Duque-Estrada, radiologista, que me fêz, há três meses ou quatro, a radiografia do cérebro, é de opinião contrária: bastarão, para que o seu estado se normalize, projeções de raios ultravioleta nas camadas profundas. Arnaldo Campelo, da mesma especialidade, tranqüiliza-me; a minha doença ainda se acha em comêço, de modo a haver tôda a probabilidade de cura. Faz-me a primeira aplicação. E eu logo me sinto melhor, mais animado, como se Jesus de Nazaré tivesse arrancado, de novo, Lázaro, irmão de Marta e Maria, à apavorante escuridão do seu túmulo...

*Sexta-feira, 20 de julho:*

Estou convencido de que, em política, os piores caracteres são os que se disfarçam na simplicidade e na bondade. Os lôbos mais temíveis, neste livro de fábulas que é a história política da República, são aquêles que nêle figuram com a pele inocente e macia dos cordeiros.

Em conversa que tivemos uma vez, antes da sua partida para o Maranhão, perguntou-me Magalhães de Almeida, que ia assumir o govêrno:

— Qual é a tua opinião sôbre o Domingos?

Êsse Domingos era Domingos Barbosa, líder então da bancada na Câmara. E eu fui sincero no julgamento.

— O Domingos, — disse-lhe, — pode ser um excelente elemento na bancada e na política, em relação a você. A questão é que você lhe assegure a reeleição e esteja em condições de lha assegurar. Nêle, o caráter está na dependência da vida econômica, mais do que na vida de qualquer outro. E isso é explicável. Iniciado na política ainda no princípio da vida, habituou-se a viver dela, de modo a tornar-se um parasita permanente do Tesouro. Não tendo uma profissão, o ostracismo para êle representa a fome, a miséria, a indigência. A certeza disso o apavora, e daí sacrificar tudo — gratidão, dedicação, amizade, — para manter as posições que lhe asseguram o pão com facilidade. Garanta-lhe, porém, você, essas posições, e tê-lo-á ao seu serviço, dedicado, abnegado, pronto a atirar-se à garganta de qualquer pessoa que você lhe aponte.

— É isso mesmo, — fêz Magalhães de Almeida; — observaste bem. O Domingos é isso mesmo.

E continuou:

— Na política do Maranhão, nunca estêve de baixo: sempre foi visto com o govêrno. Ainda agora, na minha luta com o Marcelino, foi interessante, como viste, a atitude dêle. O Marcelino atacava-me, insultava-me quase diàriamente da tribuna. E êle, na suspeita de que o Marcelino podia ser o Presidente do Estado, ou pelo menos, que eu não o fôsse, não dava o menor aparte, apesar de tratar-se de um adversário do partido. Resolvida a minha escolha, o Godofredo fêz-lhe a comunicação, no Palace Hotel. E êle empalideceu. "Gôdo, estou perdido!" — disse-lhe. O Godofredo contou-me o caso, e, quando eu saí, encontrei-o à porta, para abraçar-me. "Mingo, — disse-lhe, — fica sossegado; tu continuarás deputado..." No dia seguinte êle estava firme na Câmara, atacando o Marcelino!...

E Magalhães concluiu:

— Tu observaste bem; o Mingo é aquilo mesmo...

*Sábado, 21 de julho:*

A evocação que fiz antem, neste "Diário", de um episódio em que figurava Domingos Barbosa, líder da bancada maranhense na Câmara dos Deputados, teve por objetivo, apenas, justificar um caso recente, que diz respeito a êle, e a mim.

Por ocasião das férias parlamentares, procurou-me êsse colega para pedir-me, confidencialmente, que telegrafasse ao Presidente do nosso Estado, Magalhães de Almeida, pedindo-lhe que advogasse para êle, Domingos, o lugar de 2.º Vice-Presidente da Câmara, que devia vagar com a posse do Deputado Matos Peixoto no govêrno do Ceará. Declarei-me pronto para isso, e êle se ofereceu para redigir e cifrar o telegrama, que eu devia assinar. Ao separarmo-nos, comecei, porém, a refletir sôbre os riscos dessa intromissão inicial. Eu conhecia a opinião de Magalhães sôbre Domingos. E se êle, em resposta a mim, se recusasse a advogar a pretensão dêste, que lhe devia eu dizer? O incidente não podia dar ensejo a uma crise, fazendo sentir o Domingos a opinião íntima que dêle forma o Presidente do Estado? Felizmente, a dificuldade se resolveu por si mesma. No dia seguinte, ao nos encontrarmos outra vez, perguntou-me Domingos se não seria melhor que êle fizesse o pedido, diretamente, a Magalhães de Almeida, solicitando que êle, Magalhães, desse poderes para tratar, aqui, do assunto, perante a alta política federal. Assenti imediatamente, êle telegrafou, e, semanas depois, eu recebia instruções do Presidente do Estado, acompanhadas de duas cartas, que eu devia entregar a Júlio Prestes e Manuel Vilaboim.

Do modo por que me desempenhei do mandato, sabia Domingos Barbosa, que me não abandonava, cercando-me de tôda a sorte de gentilezas. Vindo Júlio Prestes ao Rio por um dia, fui procurá-lo no Copacabana-Palace, onde, não o encontrando, me entendi com o seu secretário, Lazarí (vide "Diário" de 13 de maio último), a quem expliquei o objetivo da minha missão, e expus o interêsse do Presidente do Maranhão, na promoção do líder da nossa bancada. Prevalecendo-me das minhas relações com Manuel Vilaboim, líder da maioria, conversei quatro, cinco, dez vêzes com êle sôbre a matéria, apresentando argumentos, alegando direitos, reiterando e insistindo, de modo a afastar os demais concorrentes, entre os quais Aníbal de Toledo, líder da bancada de Mato Grosso. De tudo isso tinha conhecimento Domingos Barbosa, que me não abandonava, lembrando e sugerindo, mostrando-se gratíssimo pela felicidade da minha atuação. E tudo isto em segrêdo, para que os nossos colegas de bancada não desconfiassem.

Chega, porém, a véspera da renúncia de Matos Peixoto, investido no govêrno do Ceará. Domingos procura-me, inquieto. Pede-me que procure Manuel Vilaboim, e obtenha a promessa de que êle será o 2.º Vice-Presidente da Câmara. Faço-o esperar na sala do café e corro ao recinto. Chamo à parte o líder, pergunto-lhe o que está resolvido. E êle me dá a resposta:

— Vamos eleger o Domingos... Está satisfeito?

Abraço-o, agradecido. Torno à sala do café, onde Domingos Barbosa me aguarda, de pé. Arrasto-o para junto de uma poltrona, e digo-lhe:

— Senta-te, para não caíres...

E logo:

— Dá-me agora um abraço... O vice-presidente serás tu!

Sinto-lhe a felicidade nos olhos, no riso, na fisionomia tôda.

— Muito obrigado, Humberto, — diz-me, abraçando-me; — muito obrigado.

E como eu me fôsse retirar:

— Olha; eu vou telegrafar hoje mesmo a Zé Maria (Magalhães de Almeida) comunicando, e dizendo-lhe o que tu fizeste: tudo isto foi trabalho teu... Eu te mostro o telegrama...

No dia seguinte, encontramo-nos. Nem uma palavra sôbre o assunto. No segundo dia, perguntei-lhe se havia telegrafado ao Magalhães. Respondeu-me vagamente:

— Não; eu vou telegrafar de casa, com calma...

No outro dia foi a eleição. Domingos, nem uma palavra sôbre o telegrama. Apenas, dois dias depois, me leu um tele-

grama dirigido ao Presidente do Estado, comunicando oficialmente a sua eleição, e no qual não havia, nem podia haver, a menor referência ao meu trabalho e ao meu nome.

Nesse dia, conheci o homem.

*Domingo, 22 de julho:*

Há um ano, mais ou menos, nos últimos tempos da vida de Múcio Teixeira, êste, que freqüentava quase diàriamente a Livraria Leite Ribeiro, à Rua Bittencourt da Silva, canto da Treze de Maio, começou a aparecer ali em companhia de um tipo original e bisonho. Ao fundo da espécie de rotunda em que se acha a livraria, existiam, e ainda existem, junto à secretária dos chefes da casa, um sofá e duas cadeiras, destinadas aos íntimos da casa, que aí se reuniam para palestrar. E aí é que apareceu, conduzido por Múcio, aquêle velhote de estatura abaixo de mediana, metido em uma velha roupa de casimira prêta, rosto engelhado, bigode sujo e sem trato, dando de si, em suma, a impressão de desmazêlo e falta de higiene. Tornando-se "habitué" do local, passou a freqüentá-lo sòzinho. Chegava, sentava-se sem dar sequer bons-dias aos donos da casa, e aí se deixava ficar, soturno, mudo, impenetrável, uma, duas, três horas. Às vêzes, para dar sinal de vida, honrava o pavimento com uma cusparada. Em seguida levantava-se, e afastava-se tão misteriosamente como chegara.

Um dia, perguntei ao Sr. Spicer, um inglês, que era então sócio da casa:

— Quem é êsse velhote, que vem aqui todo o dia?

— Você não conhece? — estranhou o inglês. — Dizem que é um homem muito inteligente... É um Generrimo... Generrimo...

— Generrimo dos Santos?

— É isso... isso... Generrimo dos Santos... Dizem que sabe muito, — acentuou o inglês; — mas para mim...

E numa cara de nojo:

— É um porco; suja tudo, e fede que você não pode estar perto dêle.

Generrimo dos Santos morreu há uma semana. Enterraram-lhe agora o corpo. O seu nome, no entanto, já estava enterrado há quarenta, pois que o seu talento, — se êle o teve, — só foi conhecido dos seus companheiros de mocidade.

*Segunda-feira, 23 de julho:*

O Coronel Virgílio Rodrigues Alves, irmão do Conselheiro Rodrigues Alves e que foi Vice-Presidente de São Paulo, possuía

uma grande fortuna, colocada quase tôda em terras, que se iam valorizando. Era, mesmo, segundo se dizia, o maior proprietário foreiro do Estado.

Conversávamos, hoje, na Câmara, sôbre êle, quando Roberto Moreira narrou, na roda, uma anedota que é corrente em São Paulo, e em que figura êsse velho milionário.

— Quando o Coronel Virgílio morreu, — conta, — foi bater à porta do céu.

São Pedro apareceu no guichê. E o velho Virgílio coçando o cavanhaque ralo:

São Pedro apareceu no guichê. E o velho Virgílio, coçando duzentos alqueires?"

*Têrça-feira, 24 de julho:*

Quando apareceu, em 1917, a 2.ª série da "Poeira", Celso Vieira fêz-me pessoalmente uma observação, que achei, então, procedente. Referia-se êle à citação de um trecho de Humboldt, que encabeça o poemeto "Os Aturés", — citação que se acha em francês por ter sido tirada à tradução francesa dos "Quadros da Natureza".

— Você devia citar, ou em alemão, ou em português: ou na língua em que foi escrita a obra, ou na nossa.

Relendo, agora, "Le Jardin d'Epicure", de Anatole France, observo que, adotado o critério de Celso Vieira, eu fui mais coerente do que o famoso ironista gaulês. Efetivamente, ao preceder essa obra de citações eruditas, Anatole põe entre elas uma de Diógenes Laerte, em grego, dando-a como tirada de um livro de título latino: "De Vitis Philosophorum".

Ora, eu cito um texto francês porque o tirei de uma versão francesa. Como se poderá tirar de uma versão latina um texto grego? O que Anatole devia ter feito, era, salvo ignorância minha, dar à obra, na citação, o seu título grego, ou, então, o seu título em francês.

*Quinta-feira, 25 de julho:*

Em discurso pronunciado há, mais ou menos, um mês, nas solenidades em que lhe foi conferido o título de Príncipe dos Prosadores Brasileiros, Coelho Neto confessou que a obra por êle realizada não era, absolutamente, aquela que ideara no início da sua carreira literária. Esta devia ser constituída, principalmente,

por uma História Geral do Brasil, para a qual pedira o auxílio dos governadores e presidentes dos Estados. Como êstes não lhe dessem, sequer, a honra de uma resposta, atirara-se à imprensa, a escrever contos e crônicas para obter o pão de cada dia. Daí a sua bagagem literária volumosa, conseqüência irremediável da falência do seu primeiro ideal.

Essa modificação de programa deverá, todavia, ser amaldiçoada ou, sequer, lamentada pelo grande escritor? A mim, me parece que não. Tivesse corrido tudo, inicialmente, de acôrdo com o seu desejo; tivessem os políticos atendido ao seu apêlo, dando ensejo a que se formasse, em lugar de um Coelho Neto romancista, um Coelho Neto historiador, — teria o seu nome adquirido o prestígio que hoje desfruta no domínio das letras, e, nêle, a repercussão que hoje tem? Coelho Neto é, pois, nesse particular, um homem que deve abençoar o Destino, o qual, interceptando-lhe o caminho por onde êle queria ir por sua vontade, o obrigou a tomar outro, que tinha os seus espinhos, como quase todos os caminhos da terra, mas que, em compensação, tinha à margem algumas flôres e lhe permitiu, quase ao têrmo, o prazer daquela consoladora glorificação...

*Quinta-feira, 26 de julho:*

Crise na Academia, proveniente da hostilidade a Laudelino Freire por Fernando Magalhães. Feita a nova eleição da Comissão encarregada de presidir à organização do Dicionário Brasileiro da Língua Portuguêsa, aparece, na apuração, vitorioso, o nome de Ramiz Galvão sôbre o de Laudelino. A ostensividade dessa eliminação leva o pessoal técnico do Dicionário a demitir-se, em massa, pois que todo êle havia sido pôsto ali pelo acadêmico repentinamente excluído. João Ribeiro, membro da Comissão, demite-se, por julgar afrontosa a exclusão do seu amigo. Coelho Neto acompanha João Ribeiro. E resolve-se fazer nova eleição, por ser anti-regimental a proposta que apresento, de sustar-se o trabalho do Dicionário por dois ou três meses, enquanto se espera o apaziguamento das paixões em efervescência. A eleição será na próxima quinta-feira.

Falo, em seguida, sôbre o centenário do nascimento de Antônio Henriques Leal, e ofereço à Academia exemplares da "Odisséia", tradução de Manuel Odorico Mendes, cuja publicação acabo de fazer, custeada pelo govêrno do Maranhão. Usam a palavra, louvando essa iniciativa, diversos acadêmicos.

*Sexta-feira, 27 de julho:*

Quando, ontem, na Academia, eu acabei de falar sôbre Antônio Henriques Leal, Afonso Celso, que se achava na bancada imediata à minha, volta-se para cumprimentar-me, e acentua:

— Eu o conheci pessoalmente... Por sinal que tinha umas filhas muito bonitas...

E voltando-se outra vez:

— Foi uma delas que inspirou aquêles versos ao Adelino Fontoura...

Silva Ramos, que fala depois de mim, conta que conheceu Antônio Henriques Leal na casa de Antônio Feliciano de Castilho, em Lisboa. E dá uma informação, que convém registrar:

— Lembro-me bem que tinha um defeito no braço; não me recordo se o esquerdo ou o direito...

*Sábado, 28 de julho:*

As aplicações de raios X que venho fazendo, e que são destinadas às camadas profundas do meu cérebro, determinaram em mim, nestes últimos dias, um outro mal de que há muito tempo não sofria: a insônia. Primeiro, passei até as duas horas da madrugada sem conciliar o sono; depois, até às três e meia; e esta noite passada não dormi, sequer, uma hora, levantando-me hoje fatigado, exausto, vencido, como se as horas que ouvi sucessivamente bater fôssem outras tantas bolas de ferro que tivessem caído na caixa de bronze do meu crânio.

Após o tormento dessa noite de vigília, que zombou dos narcóticos caseiros, eu me fiquei perguntando a mim mesmo se não haverá, nisso, um castigo do céu. Eu sempre manifestei o desejo de multiplicar as minhas horas, para tornar mais útil e fecunda a minha vida. Quem sabe se Deus não quererá repetir em mim aquêle episódio do rei Miquerinos, de que fala Heródoto, o qual, tendo de viver apenas três anos, segundo anunciara o oráculo, resolvera desmentir a palavra divina, vivendo seis, pela transformação das suas horas de sono e de repouso em horas de atividade e de prazer?

*Domingo, 29 de julho:*

Na última reunião da Academia, após o golpe contra Laudelino Freire, maquiavèlicamente preparado e dirigido por Fernando Magalhães, Adelmar Tavares, amigo da vítima, chega-se a mim, e observa:

— Mas, Humberto, que pessoal esperto, êste! Parece uma associação de políticos!

A observação chama para o caso a minha atenção.

— Não; eu, por mim, prefiro os outros, os políticos profissionais, — digo-lhe. — Os políticos têm atos dêstes, movimentos envolventes desta ordem, mas são profundamente estúpidos, e tôda a gente vê logo a mão que desferiu o golpe. Em política sente-se o pêso da mão que nos bate a carteira. Há correligionários e adversários. Aqui, não; aqui todos nós somos amigos, e os soldados agem na sombra, sem fardamento e sem bandeira. Os políticos daqui são mais finos, mais inteligentes, e, por isso, mais perigosos. Quando damos pela falta do relógio, o gatuno ainda se põe ao nosso lado, simulando procurar o ladrão.

Adelmar tem um riso de comerciante sempre disposto a agradar o freguês, e concorda:

— Está muito bom... É isso mesmo!...

*Segunda-feira, 30 de julho:*

A minha nota de 25 do corrente, sôbre a obra de Coelho Neto, contém, igualmente, uma gôta de bálsamo para as feridas do meu coração, — feridas que, como as de Roldão em Roncesvales, se abrem de novo, jorrando sangue e fel, tôdas as vêzes que eu levo à bôca o meu clarim de batalha.

À semelhança de Coelho Neto, eu vejo que a minha vida literária tomou, desde cedo, uma direção que eu nunca previra. O meu grande sonho era realizar uma obra poética uniforme e vasta, de que eram base, já, os dois volumes da "Poeira..." Ao lado dessa obra poética, viria uma obra crítica, uma série de ensaios, como os de Sainte-Beuve, Brunetière e Doumic. As obrigações de família, agravadas pelo espólio humano do meu sogro — três senhoras idosas que vieram para a minha casa desde que me casei, — fizeram-me dedicar inteiramente à imprensa, onde instituí as crônicas miúdas e humorísticas, os contos ligeiros e cotidianos, que deram popularidade ao meu nome e foram formando, aos poucos, êsses livros que são, hoje, o "Vale de Josafá", o "Tonel de Diógenes", a "Serpente de Bronze", os "Gansos do Capitólio", a "Bacia de Pilatos", a "Funda de Daví", "Grãos de Mostarda", "Pombos de Maomé", "Antologia dos Humoristas Galantes", o "Arco de Esopo", e, em outro gênero, "Da Seara de Booz" e "Mealheiro de Agripa". Êsses livros deram-me dinheiro e nomeada. Essa nomeada fêz-me deputado. Tivesse eu ficado a rimar os meus versos e a escrever os meus ensaios,

como era do meu programa inicial, e teria chegado onde hoje me encontro?

Deus sabe, pois, mais do que nós, o que faz a nosso respeito. E eu só tenho, por mim, que abençoar o dia em que êle, tomando-me pela orelha, e utilizando as três sogras que me deu, me fêz humorìsticamente mudar de caminho...

*Têrça-feira, 31 de julho:*

Às primeiras páginas de "Le Jardin d'Epicure" detém-se Anatole France em zombarias amáveis, ridicularizando a ciência antiga, tão ingênua nas suas afirmações. Recapitulando os conhecimentos do homem há dois mil anos, procura o ironista gaulês fazer-nos rir dos sábios precários daquelas épocas, que punham sôbre as nossas cabeças doze céus distintos, com os seus planêtas a presidir, de lá, o destino frágil das criaturas.

Anatole deixa perceber que o homem já pode rir dos sábios de há dois mil anos porque já descobriu a verdade das coisas e, com elas, a forma exata do mundo em que vive. Essa convicção não seria, no entanto, a dos sábios de há dois mil anos, ao terem notícia dos conhecimentos daqueles que viveram vinte séculos antes dêles?

Os sábios de há dois mil anos tinham, talvez, orgulho daquilo que êles sabiam, comparando-se aos seus antepassados. Mas, o sorriso de piedade que nos despertam será mais largo, e mais justo, do que aquêle com que os do ano 4.000 se inteirarão da presunção dos sábios de hoje?

## AGÔSTO

*Quarta-feira, 1.º de agôsto:*

Em visita a Coelho Neto, a palestra escorrega da literatura para casos de intimidade, que, transplantados da vida para o romance pareceriam, talvez, absurdos.

— Um dêles, — diz-me Neto, — é o do Demerval da Fonseca.

E conta-me:

— O Demerval casou-se com uma senhora, viúva, que tinha uma filha moça. Linda menina. Pois, bem: morando todos na mesma casa, tornou-se amante dela, e teve, com ela, três filhos, que a espôsa legítima, a espôsa oficial, mãe da rapariga, criava com tôda a ternura.

Dona Gabi, que escuta em silêncio, observa, para salvar o sexo:

— Note-se, porém, que a Cacilda tinha horror ao Demerval.

— Quem era a Cacilda? — indago.

— Cacilda era a moça, — esclarece Coelho Neto, que confirma o ódio da moça ao amante e padrasto.

E dando a chave do enigma:

— E era natural êsse rancor. O Demerval a havia desonrado menina ainda; quando ela, com o tempo, compreendeu a extensão da sua desgraça, continuou a submeter-se porque a mãe era conivente nisso; mas votava-lhe, no íntimo, um ódio de morte...

*Quinta-feira, 2 de agôsto:*

A Academia deu, hoje, mais um passo para o seu desprestígio, elegendo para a vaga de Oliveira Lima o Sr. Alberto de Faria, sogro de Afrânio Peixoto. Êsse cavalheiro, que é arqui-milionário, é autor, apenas, de um volume sôbre o Visconde de Mauá, obra em que consumiu vinte anos, e que qualquer curioso escreveria, talvez, em vinte semanas, com estilo mais seguro e melhor distribuição da matéria. Foi eleito em terceiro escrutínio por vinte votos. O meu voto, em todos êsses escrutínios, foi dado ao historiador Rocha Pombo.

Dêsse novo acadêmico é contado um episódio, o qual demonstra quanto tem variado o seu ponto de vista em relação à Academia. Há onze anos, quando morreu José Veríssimo, foi eleito para a sua vaga o folclorista Alberto Faria, de Campinas. Nome conhecido apenas dos estudiosos, era natural que a gente das rodas mundanas viesse a confundir Alberto Faria com Alberto de Faria, e que êste recebesse telegramas de parabéns de alguns brasileiros ricos de dinheiro mas pobres de letras, então a passeio na Europa. Ao abrir êsses despachos, conta-se que o milionário respondia, aliás com espírito, pelo telégrafo: "Obrigado pela intenção; mas o bôbo é outro".

Passaram-se os anos. O despeito transformou-se em esperança. Alberto de Faria pôs em campo todos os elementos de que podia dispor, vencendo resistências de tôda a ordem. E foi eleito.

O bôbo, agora, é êle.

*Sexta-feira, 3 de agôsto:*

A leitura de "Drames de Famille", de Bourget, obra em que o escritor transforma em novelas e contos de vivo interêsse pe-

quenos episódios de que teve notícia através da vida, fêz-me reavivar um caso que me foi contado, há alguns anos, na presença de uma linda mulher que ainda hoje vive, e que ainda hoje é linda, por um amigo meu que hoje é morto, e que era então seu amante.

— Esta criatura — dizia-me êle, indicando a companheira, que tomava chá ao nosso lado, — tem na vida um verdadeiro romance de dor e de ternura.

E contou-me:

— Tinha ela dezessete anos, e era já o que é hoje em graça e beleza, quando se apaixonou por ela um sujeito rico, que ela supunha solteiro. Um dia, os pais dela descobriram a verdade sôbre a situação do "noivo": o sujeito era casado. Deram à filha essa triste notícia, mas esta lhes reservava outra, ainda mais dolorosa: estava grávida do bandido. Podes imaginar o que pode ser uma confissão destas numa família de puritanos. A primeira idéia foi, naturalmente, a de esconder a vergonha, matando a criança no ventre materno. Vieram, porém, os escrúpulos religiosos, e a idéia foi posta de parte. E ficou resolvido que se deixasse vir ao mundo o inocente, guardando-se sôbre isso a necessária reserva. Meses depois, nasce a criança, um menino. E que fazem os pais desta rapariga, avô e avó do pirralho? Mandam registrá-lo como filho seu, e não como filho da sua filha, para que o pequenito, ao crescer, não tenha a tristeza de aparecer como filho natural!

E após uma consulta à moça, que confirma o drama:

— Hoje, o pequenino vive aqui no Rio, com os avós; fulana vive comigo em São Paulo. Tem êle oito anos, e está certo, absolutamente certo, de que ela é, não sua mãe, mas sua irmã. Trata-a assim, chama ao avô de pai, e à avó de mãe. E assim crescerá e ficará homem, sem que alguém lhe possa provar o contrário.

Olhou a moça, novamente:

— Não é verdade, Aída?

E ela, triste, confirmou.

*Sábado, 4 de agôsto:*

É hábito meu, depois que resido em Icaraí, sair de casa ùnicamente depois do almôço. Chego à cidade, em geral, entre uma e duas horas da tarde. Hoje tive, porém, de sair cedo. Às oito horas estava na Avenida e na Rua do Ouvidor e comecei a notar que o Rio de Janeiro que eu via era muito diferente daquele que eu me acostumara a ver.

Efetivamente, as cidades têm, no correr de vinte e quatro horas, diversas fisionomias. O Rio de Janeiro que eu conhecia, era o Rio de Janeiro de após o almôço, o Rio de Janeiro fatigado, suado, despenteado. À uma hora da tarde, já a maioria da população que trabalha perdeu a alegria e a frescura de alma e de pele com que desperta.

O Rio de Janeiro das oito horas da manhã até às dez, é outro que não o das doze horas em diante. Àquelas horas, a Avenida está movimentada, repleta de gente que se dirige para os empregos nos Bancos, nas casas comerciais, nos "ateliers" de costura, nos escritórios de advogados: rapazes, moças, senhoras... Tôda essa gente vai, porém, alegre, com a sua roupa limpa, o cabelo penteado, patenteando na elasticidade da marcha a influência tônica do banho frio. O sol, o ar livre, fá-los felizes. Mais alguns momentos, e cada um estará enclausurado no seu fundo de loja, no seu cubículo de dactilógrafa, no seu fundo de armazém, segregado à vida nervosa, que continua a tumultuar aqui fora...

*Domingo, 5 de agôsto:*

A sessão da Academia, quinta-feira última, ofereceu a amostra da "popularidade" que desfrutam no Brasil, como escritores, os membros dessa instituição, na sua quase totalidade. Da "popularidade", e, mais, da falta de senso com que êles confessam essa situação.

Pediu a palavra Cláudio de Sousa, para denunciar a má vontade dos livreiros aos homens de letras. E para documento, citou o seguinte:

— Um dos nossos colegas, Sr. Xavier Marques, havia escrito dois romances, e tinha iniciado o terceiro, quando teve a idéia de embarcar para o Rio com os dois primeiros. Aqui chegando, foi a todos os livreiros oferecendo-os para serem editados de graça. E nenhum dos nossos editôres os quis. Xavier Marques regressou à Bahia, trancou os originais, e desistiu de continuar o terceiro romance começado, cujos capítulos destruiu.

E Cláudio continua:

— Pior ainda foi o que se deu comigo, Sr. Presidente. Eu tinha acabado de escrever o meu livro "De Paris ao Oriente" há poucos meses, e levei-o a todos os livreiros do Rio de Janeiro, para que o publicassem. Dava-o de graça, nada querendo de direitos autorais. E nenhum quis o meu livro. Publiquei-o então à minha custa, e mandei expô-lo à venda, dando a comissão de 30% e de 40%. Pois, bem: mesmo assim, ainda houve uma li-

vraria, a Briguiet, que não quis, sequer, recebê-lo para expor à venda, recusando todos os exemplares que lhe mandei!...

Haverá melhor demonstração do prestígio literário dos acadêmicos?

*Segunda-feira, 6 de agôsto:*

Um retalho do "Jornal do Comércio", de 1920, com um artigo de José Feliciano de Oliveira, dá-me notícias da vida íntima do meu patrício Manuel Odorico Mendes, e das dificuldades com que lutou no Rio de Janeiro. Vivendo do seu trabalho, o tradutor de Homero via, no entanto, a sua casa permanentemente cheia de parentes, vindos de tôda a parte para comer o seu pão, beber a sua água, estragar os seus móveis, desorganizar a sua vida. Ao fazer-lhe certo dia uma visita, encontra-o um amigo estirado em uma cadeira de pano, no seu gabinete de trabalho. Da sala de jantar e de outras dependências da casa vem o grazinar dos risos, o tumultuar das vozes, o barulho de pequeno mercado.

— Está ouvindo? — diz-lhe o helenista.

E com um sorriso amargo:

— Vou mandar afixar na frente da casa uma tabuleta com êste letreiro: "Hotel Grátis"!

*Têrça-feira, 7 de agôsto:*

Cada vez me convenço mais que a forma das coisas é dada, não pela natureza, mas pelos nossos olhos. Êles é que as embelezam ou deformam, tornando-as fontes de tristeza ou de alegria. A matéria aí está, em pedras e vegetais; a côr e a forma, porém, essas, estão dentro de nós, nas mãos que as tocam ou nas pupilas que as vêem.

Isso é que me explica o modo por que eu via há quinze anos, e vejo hoje, a massa de montanhas do Rio de Janeiro. Quando eu cheguei ao Ceará em 1906, nada me comovia tanto, e me tocava tanto o coração, como o perfil das serras de Maranguape e de Baturité, vistas de Fortaleza. Olhando-se, na quietude da tarde, dos arrabaldes da capital, de tal modo me falava à alma aquela muralha cinzenta recortada no céu distante, que aos poucos se me iam ao olhos enchendo d'água, até que a vista se me turvava de todo. Eu sentia, então, em mim, uma doçura de saudade, uma tristeza suave, comovida, de amor perdido em hora de felicidade... Ao aportar ao Rio em 1912, eu ainda sentia essa mesma emoção ao fitar, dos pontos em que elas são mais visíveis, as

montanhas de Teresópolis e, nos dias tênuemente nublados, a paisagem de sonho formada pelas serras da Tijuca e do Corcovado. Hoje, nada disso me comove mais. A côr cinzenta das montanhas vistas à distância não chega mais a empanar-me os olhos ou a deter-me, quieto, em oração interior. Desapareceu, para mim, a eloqüência misteriosa dessas coisas.

Quem me levou os olhos que eu tinha, e que tão generosamente me interpretavam o mundo?

*Quarta-feira, 8 de agôsto:*

Tristão de Ataíde, crítico que eu não conheço em pessoa, e que os seus amigos dizem gastar mensalmente três contos de réis em livros, põe na sua crônica semanal, mas sem ordem nenhuma, a essência de todos êsses livros, e isso num estilo mastigado e insuportável. Ao deparar um artigo seu, vem-me à lembrança, não sei por que, o quadro sinistro de um grande edifício moderno desmoronado num incêndio. Os escombros são constituídos de tijolos partidos, de blocos de cimento armado, de vigas de ferro dolorosamente retorcidas pelo fogo. Sob êsses destroços, restos de mercadorias preciosas: latas de conservas americanas, caixas de brinquedos alemães, peças de tecidos inglêses. Tudo isso, porém, inaproveitável.

*Quinta-feira, 9 de agôsto:*

Álvaro de Carvalho, antigo senador federal por São Paulo, e hoje deputado, e que foi rebaixado pelo crime de ter sido candidato ao govêrno daquele Estado quando a êle concorria, também, o Sr. Washington Luís, deve ter, hoje, sessenta e cinco anos. Estatura mediana, rosto oval, grande calva reluzente, bôca de lábios finos, ornada por um bigodinho grisalho e aparado, é grosso, sem ser gordo, e elegante, sem pedanteria. Veste-se com distinção, mesmo com apuro, mostrando uma predileção pelas calças de flanela creme ou branca, e paletó de casemira. É, na Câmara, uma das poucas figuras aristocráticas.

Hoje, conversamos sôbre a morte, quando êle me confessou:

— Eu não sei se você conhece a minha vida. Casei-me cedo, e enviuvei. Passei vinte e tantos anos viúvo. Aos cinqüenta e quatro anos, casei-me novamente, com uma filha do Conselheiro (Rodrigues Alves). Dêsse casamento veio-me um filho, que tem hoje oito anos. Tôdas as manhãs o pequeno vai ao meu quarto tomar-me a bênção. E você não imagina o que é a minha tris-

[illegible], ao vê-lo entrar, tão miúdo, tão tenro, tão frágil, tão confiante em mim. Faço as contas da minha idade, calculo os anos que ainda posso viver, e pergunto a mim mesmo: que idade terá meu filho, quando eu morrer? Terei eu a felicidade de vê-lo homem, e de orientá-lo na vida?

E Álvaro de Carvalho queda-se, esquecido de mim, o olhar perdido no vácuo, o pensamento perdido no tempo, com a obsessão dolorosa de não poder compensar, vivendo mais longamente para o filho, a sua paternidade tardia...

*Sexta-feira, 10 de agôsto:*

Após a sessão da Academia, onde não encontrei Coelho Neto, fui à sua casa, vê-lo. Encontrei-o no seu quarto, no primeiro andar, estendido na sua cama de casal. Sentada a seu lado, recostada em travesseiros, magra e enfêrma, Dona Gabi.

— Ah, meu velho, não imaginas quanto tenho sofrido! — diz-me, deitado, com um lenço à bôca.

E explica-me:

— Imagina tu que eu não tinha os dentes superiores. Usava dentadura, como sabes. Ùltimamente, os inferiores começaram a supurar. Fui hoje a um dentista, e o bruto arrancou-me todos de uma vez... Arrancou-mos sem dor; mas agora, passado o efeito do anestésico, não calculas como me está doendo.

E na conversa, retira o lenço, deixando-me ver a bôca mole, os lábios flácidos, deixando ver apenas os dois caninos inferiores, despojos daquela devastação.

Coelho Neto, sem os dentes, envelheceu, em um dia, vinte anos.

*Sábado, 11 de agôsto:*

As homenagens aos homens de letras devem-lhes ser prestadas aos poucos, e a começar de uma idade mais ou menos adiantada. As grandes homenagens, ou as homenagens seguidas, têm o efeito de necrológio. Uma vez terminadas estas, o homenageado é pôsto de parte, e esquecido, como se os contemporâneos acabassem de liquidar as contas com êle.

Com Alberto de Oliveira está sucedendo isso. O meio centenário das "Canções Românticas" determinou uma série de manifestações de carinho: sessão pública na Academia, sessões nas demais associações literárias, e um busto na Praia do Russell. Cessadas as festas, as águas do rio da Vida puseram-no à mar-

gem, e continuaram a rolar, tumultuosas, pelas planícies do Tempo.

E o poeta ficou na ribanceira, enterrado vivo.

*Domingo, 12 de agôsto:*

Os poucos escritores da nova geração brasileira que têm a paixão da leitura, sentem-se tão desvanecidos com ela que procuram manifestá-la a todo o momento, abusando das citações, da referência aos autores que manusearam. Gustavo Barroso é um dêles. Cada artigo seu é um tablado, em que cada tábua pertence a um escritor estrangeiro. Ligadas as tábuas uma à outra, êle se deita em cima.

Não é êsse, entretanto, o objetivo da cultura. Ela deve ser como certos sais, os quais, lançados à água turva do nosso espírito, a decantam e purificam. Purificada, porém, a água, é preciso que não se descubra, no seu gôsto e na sua côr, o produto químico que a tornou límpida e saborosa.

A cultura deve ser, em suma, em um artigo, o que é a linha em uma roupa bem feita. É ela que, ajustando a fazenda, lhe empresta elegância e distinção. E, no entanto, a linha não aparece.

Escritores há, todavia, que cosem os seus artigos com linha branca, deixando à mostra todos os grossos pontos da costura.

São os palhaços graves da literatura.

*Segunda-feira, 13 de agôsto:*

Em política, o poder é uma árvore alta e carregada de frutos, em que se acham trepados, como senhores de todos os pomos, aquêles que governam. Embaixo, está a multidão, à espera das cascas atiradas de cima. Às vêzes, porém, os que se acham no chão se impacientam, sacodem a árvore, derrubando os que se encontram no alto. Outros trepam, tomando-lhes o lugar.

E a luta continua.

*Têrça-feira, 14 de agôsto:*

Com a sua espantosa cara de gato, os olhos azuis e vivos, o bigode branco no rosto cavado; magro, nervoso, elétrico, — Renato de Castro, antigo taquígrafo da Câmara, e ùltimamente no Senado, falava-me dos oradores que conheceu.

— O caso mais espantoso, porém, — diz-me, — foi êsse do Barbosa Lima. O Barbosa Lima é hoje um dos oradores mais perfeitos do Brasil. A sua frase é segura, e o seu vocabulário apurado. E no entanto, começou na Câmara com um desastre. Era dos piores, quando entrou para o Congresso; mas pela fôrça de vontade, pelo domínio de si mesmo, veio se aperfeiçoando, até que se tornou o gigante da tribuna, que hoje é.

E informativo:

— É produto do esfôrço, do estudo, da fôrça de vontade.

*Quarta-feira, 15 de agôsto:*

Há um mês e pouco estou em tratamento pelos Raios X, que me é aplicado nas camadas profundas do cérebro, em direção à hipófise. Submeto-me às aplicações duas e, não raro, três vêzes por semana. O médico avisou-me que os efeitos são lentos, e que, por isso, me não aflija, se não verificar melhoras imediatas.

Ontem, chamei a atenção do médico, Dr. Arnaldo Campelo, para um fenômeno que se vem acentuando em mim: a lacrimação fácil. Efetivamente, nada é mais fácil do que me umedecer os olhos. Em casa, ao almôço, se estou narrando à família um episódio de cinema, uma página de livro, uma notícia de jornal, logo se me enchem os olhos de água, para a formação de lágrimas, prestes a me escorrerem pelo rosto. No cinema, tenho de recorrer freqüentemente ao lenço, para enxugar os olhos. Ao imaginar, mesmo, um fato que me contem, os olhos se me marejam, como se eu estivesse com a cabeça cheia de água.

— Será efeito das condições da hipófise, doutor? — pergunto.

Êle sorri, e tranqüiliza-me:

— Não, senhor. O senhor é, simplesmente, um emotivo. O senhor sempre chorou; e se hoje chora mais fàcilmente do que outrora, é porque, com o abalo dos seus nervos, se tem apurado a sensibilidade.

Estará se formando em mim, acaso, um dos avatares de Heráclito?

*Quinta-feira, 16 de agôsto:*

Em "Mes Poisons", livro de notas íntimas de Sainte-Beuve, ùltimamente publicado por Vítor Giraud, encontro esta passagem: "Les grands hommes littéraires, avides d'admiration, sont comme ces courtisanes célèbres qui épuisent successivement plusieurs générations de jeunesse et préfèrent toujours la dernière,

la plus fraiche et vigoureuse". E, não sei por que, me veio logo à lembrança Graça Aranha, chefe do movimento modernista, sempre rodeado de meninotes que poderiam ser, talvez, seus netos.

Suporá êle, porventura, que a vizinhança das árvores novas rejuvenesce os velhos troncos?

*Sexta-feira, 17 de agôsto:*

Ao entrar, ontem, na sala de espera do radiologista Dr. Arnaldo Campelo, tive o coração confrangido por um dêsses espetáculos que o Destino prepara, sem auxílio de Shakespeare ou de Ibsen, neste imenso teatro da Vida.

O acontecimento doloroso do dia havia sido a morte do aviador italiano Del Prete, vencedor do "raid" transcontinental Roma-Natal. Vítima de um desastre na Guanabara após um almôço de rapazes, sofrera a amputação de uma perna, até que morreu, dias depois da operação, sem ter soltado jamais um gemido, e com o pensamento na pátria e na velha mãe, uma e outra distantes.

Ao entrar no consultório médico, encontrei, sentado em uma das cadeiras, uma figura humana que era quase um fantasma. Magro, esquelético, trajava a farda de capitão do Exército, trazendo as pernas, ou antes, as tíbias, comprimidas pelas perneiras regulamentares. Alto, cara comprida, devia ter sido um vigoroso tipo de soldado. Para sentar-se na cadeira, tinham-lhe pôsto embaixo uma almofada de rendas, forrada de cetim rosa.

Chegada a sua vez de entrar para a sala das aplicações, dois amigos, ou parentes, tomaram-no nos braços, em cadeirinha, e entraram com êle, acompanhados por uma senhora nova, pequena e bonita, que conduziu a almofada. Deixaram-no lá, e regressaram à sala de espera, onde se puseram a conversar nervosamente, em uma das janelas, sôbre a morte, que consideravam próxima, do militar.

Enquanto o oficial recebia a aplicação elétrica, entrei para o gabinete do Dr. Arnaldo Campelo, que encontrei comovido.

— Há coisas que abalam até o coração de um médico, habituado aos sofrimentos humanos, — disse-me, ao ver-me.

E sem que fizesse eu a menor pergunta:

— Nunca ouviu falar no Capitão Mário Barbedo?

— Filho do General Barbedo...

— Pois, bem. Êsse rapaz, como sabe, foi vítima de um desastre de avião. Ao cair, fraturou a espinha, ficando paralítico do meio do corpo para baixo. De tanto estar sentado, as nádegas

já se lhe tornaram em uma chaga, pela qual quase se lhe vêm os ossos. Agravando essa situação, está se formando, na bexiga, um tumor canceroso, que dia a dia se desenvolve. Pois, no meio de tudo isso, não dá uma palavra sôbre a sua moléstia. Vem aqui, isto é, é trazido, e, com vivacidade brilhante, fala tudo, menos do seu estado. E o que é curioso, é que nem o pai, nem a espôsa, nem os parentes, trocam comigo uma palavra, sequer, sôbre essa fatalidade!

E após um momento:

— Sabe o que êle veio fazer hoje aqui?

Fêz uma pausa, e, de olhos úmidos:

— Veio reanimar-se com uma aplicação elétrica, para poder ir depositar flôres, pessoalmente, sôbre o corpo de Del Prete...

*Sábado, 18 de agôsto:*

A obra literária é, em geral, fruto da imitação. É lendo um escritor que o nosso espírito encontra, de repente, o ponto de partida para a realização de uma idéia nova, a qual, às vêzes, nada tem que recorde a página que lhe deu origem. Não raro, colabora no nosso trabalho, por uma sugestão complementar, um mau escritor.

É que o pensamento tem afinidades com as plantas. Uma idéia feliz é, com raras exceções, o efeito de duas leituras diferentes, em uma das quais encontramos a semente, e na outra o estrume.

A idéia é a flor.

*Domingo, 19 de agôsto:*

Alberto de Oliveira acaba de entrar nos setenta anos, e, para comemorar êsse acontecimento, resolveu não pintar mais a cabeleira. Branca e abundante, esta lhe dá à fisionomia, agora, fôrça e majestade. Apenas não capitulou em relação ao bigode, que continua a pintar de negro, para contrastar com a juba leonina.

Outro ponto em que não transigiu, é no que diz respeito às mulheres. Gosta de admirá-las, de achegar-se a elas, de conversar com as que conhece e de olhar as que lhe não foram apresentadas. Ùltimamente, é sua companheira na barca de Niterói para o Rio uma graciosa criaturinha que terá, no máximo, vinte anos. De pequena estatura, cabelos negros, olhos negros, pele moreno-claro, ao chegar à estação passeia os olhos, inquieta,

procurando o velho poeta apolíneo. Se é êle quem chega primeiro, espera por ela. E se se encontram, juntam-se, e vêm, juntos, no mesmo banco, em conversa animada.

As suas afeições dessa ordem — e êle as tem tido diversas nos últimos anos, — parecem-me, todavia, sem outras conseqüências. Os velhos muros não gostam também, do aconchego da hera?

*Segunda-feira, 20 de agôsto:*

Tenho que fazer uma viagem ao Maranhão, viagem que já devia ter sido realizada nos primeiros dias dêste ano. E a protelação dêsse dever político dá ensejo a uma reflexão sôbre o meu comodismo.

Eu sou, realmente, como êsses pássaros que se habituam à gaiola, e que, uma vez postos em liberdade, se sentem desacostumados da vida livre, voltando de novo à prisão. Eu me afeiçoei de tal maneira à vida de trabalho entre as quatro paredes dêste gabinete, que me não posso conformar com o afastamento durante meses, semanas, ou, mesmo, alguns dias. Desde que montei a minha casa, no Rio, só me afastei dela durante quatro dias, em 1915, para ir a São Paulo, durante dois, em 1924, quando levei a família a veranear em Correias, durante três, para ir a São Paulo, de novo, em 1927, e durante três, novamente, em 1928, para tornar a Correias. Isso, em dezesseis anos.

O meu ideal seria ficar nesta colmeia de manhã à noite, fabricando a cêra e o mel de novos livros, e bebendo a sabedoria no caule dos livros alheios. Tudo que não seja trabalho produtivo, parece-me, a mim, um roubo feito ao meu próprio tesouro, que é o tempo.

Sei eu, lá, quantas moedas de ouro, que são os anos, ou de prata, que são os meses, ou de cobre, que são os dias, restarão, ainda, no cofre da minha vida?

*Têrça-feira, 21 de agôsto:*

Encontro em Sainte-Beuve uma nota sôbre o curso que Ampère, filho do famoso homem de ciências, dava em Paris, em 1848. Versando assunto árido, o professor arrastava os ouvintes para essas regiões, cujos caminhos êles palmilhavam como se fôssem a pé. Momentos havia em que, ao escutar o expositor, êles tinham a impressão de viajar "à dos de mulet".

Hélio Lôbo, Ministro do Brasil no Uruguai e membro da Academia Brasileira de Letras, é um dos maiores sabedores das nossas coisas econômicas e diplomáticas, que expõe em livros freqüentes, no estilo mais áspero e desinteressante do mundo.

Acabo de ler uma obra sua sôbre "A Democracia Uruguaia". E lembrei-me de Sainte-Beuve. Tinha-me cabido a vez de fazer uma viagem de sessenta léguas em costa de burro.

*Quarta-feira, 22 de agôsto:*

É um dos meus dias aziagos. A 22 de agôsto de 1899 fui despedido, ou melhor, tornei-me incompatível com o emprêgo de caixeiro da casa comercial do meu tio Emílio Veras, em Parnaíba, por ter praticado uma leviandade, que os meus primos, sócios da casa, consideraram crime. Tinha eu treze anos... Na mesma data, em 1912, fui assaltado na Praça da República, no Pará, escapando à sanha de oito ou dez indivíduos que aí, armados, me aguardavam. Uma semana depois era incendiada "A Província do Pará", de que era eu redator político.

Ao chegar êste dia, e o 14 de janeiro, enche-se o meu coração de pressentimentos. É o meu antepassado bugre, a manifestar-se, em superstições tôlas mas inevitáveis, nas raízes mais profundas da minha vida...

*Quinta-feira, 23 de agôsto:*

Na Câmara, conversava-se sôbre Carlos Peixoto, um dos espíritos mais interessantes que o Brasil político tem produzido. Tipo clássico de judeu, ao qual não faltou, sequer, o nariz adunco da raça, vivia cercado de amigos, que o admiravam e o amavam. E nenhum dêstes sabia, ou mesmo suspeitava, que êle já possuía mais de mil contos de réis, fortuna que deixou, quando morreu.

Peixoto possuía um "diário", de que os seus íntimos tinham vaga notícia. Após o seu falecimento, Prudente de Morais Filho, o Prudentinho das rodas políticas, teve a idéia de publicar o "Diário" do companheiro desaparecido. Correu à casa do velho Peixoto, pai do ex-Presidente da Câmara, insistindo para ver o livro de reminiscências do amigo. Em virtude da insistência, entregam-lho. Prudente abre, e lê, certo, em uma página:

— "Estêve hoje em minha casa o Prudentinho... Que bêsta!..."

Prudente de Morais Filho fechou o livro, e entregou-o à família de Carlos Peixoto. E nunca mais falou na publicação do "Diário" do amigo morto...

Isso me foi contado, ontem, por Manuel Vilaboim.

*Sexta-feira, 24 de agôsto:*

Ao passar em revista as minhas estantes, abri um dos volumes dos "Estudos da Literatura Brasileira", de José Veríssimo, e detive-me na leitura de algumas páginas sôbre a questão ortográfica. E quedei-me a refletir não só sôbre a decadência do humanismo e da crítica no Brasil nos últimos anos, como sôbre a figura, tão injustamente esquecida, do admirável estudioso que escreveu aquelas observações eruditas.

Veríssimo não era homem estimado, nem que se fizesse querer. A luta em que se empenhou para atingir na vida as posições que galgara, tinham feito dêle um solitário amargo, um eremita selvagem, um Simeão Estilita trepado na sua coluna do Deserto. Feio de feições, dentes superiores fortes, de carnívoro, voltados para dentro, lábios finos, queixo inferior recuado, imaginara, parece, recorrer ao processo do imperador Adriano, deixando crescer a barba para corrigir os defeitos da fisionomia. A barba nasceu-lhe, porém, áspera, intratável, como um molho de capim numa pedra. E o rosto de Veríssimo, afogado naquela moita negra, ainda se tornou menos convidativo à simpatia alheia. Adicione-se a isso uma voz desafinada, com transições do fino para o roufenho, e que chegava a ser quase um grasnido de corvo, e ter-se-á o homem, armado, dos pés à cabeça, para evitar qualquer amizade.

Não sei por que, entretanto, essa figura insociável me dispensava certa estima, certo aprêço, certa consideração. Crítico literário de "O Imparcial", procurava-me sempre, quando ia à redação. Se me encontrava na rua, convidava-me para um chá, ou para um refrêsco, em uma das sorveterias da Avenida, demorando-se em falar das suas preocupações literárias e políticas. Parecia-me, a mim, que êle tinha em excelente conta o meu caráter, mais do que as minhas letras, então incipientes.

Em um dos primeiros dias de fevereiro, em 1916, acordou aflito, e pediu luz. Acenderam a lâmpada, mas êle nada viu: estava cego.

Oito ou dez dias após a sua morte, Alberto de Oliveira dizia-me:

— Estive ontem em uma casa aonde você nunca foi, mas onde falaram de você com muita amizade e admiração... Fui à casa do Veríssimo.

E com espanto meu:

— O Veríssimo gostava muito de você, e, em casa, sempre se referia à sua pessoa com muita afeição...

*Sábado, 25 de agôsto:*

A propósito da nota de ontem sôbre José Veríssimo, veio-me à lembrança uma das suas raras pilhérias, — uma das dez ou doze que êle tenha perpretado em tôda a vida. O escritor Flexa Ribeiro vivia ainda no Pará, quando enviou ao seu sogro, no Rio, o Dr. Luís Bahia, indivíduo irritante e desocupado, com dois exemplares do seu livro de versos "O Amor e a Morte", um destinado a José Veríssimo, que fazia a crítica literária de "O Imparcial", e outro a mim. Entregando-me os dois, o intermediário pediu-me que intercedesse junto a Veríssimo, para que fôsse generoso com o seu genro.

Entreguei o exemplar ao destinatário, com a recomendação. Dias depois, ao vê-lo entrar na redação à Rua da Quitanda, encaminhei-me para êle, e pedi-lhe notícias da obra.

— Já li, — respondeu-me, puxando-me para a sacada, onde costumávamos conversar.

E debruçado para a rua:

— Êsse Flexa é difícil de perdoar... Que êle tivesse nascido burro, eu admito, e posso desculpá-lo, porque êle não teve culpa nenhuma nisso. O que lhe não perdôo, é ter casado com uma filha do Bahia.

E voltando-se para mim, os olhos pequenos, e negros, faiscando de maldade, entre as sobrancelhas e as barbas:

— Dessa infelicidade o culpado é êle... Êle é genro do Bahia porque quis!

*Domingo, 26 de agôsto:*

Ao ver em uma sala, em moldura ou num álbum, um retrato de pessoa da família, apossa-se de mim, sempre, uma tristeza amarga e íntima. O retrato, nas famílias burguesas e modernas, representa o papel das efígies nos suplícios da Inquisição; êle é guardado pelos vivos, para receber, dêstes, o castigo de ingratidão e de desprêzo com que não pôde aquinhoar o original.

Qual é, realmente, o destino de um retrato de antepassado, — grande, a "crayon" ou a óleo, ou pequeno, simples prova fotográfica? A primeira geração, a dos filhos, guarda-os ainda, ao lado dos seus, nos muros do salão de visitas. A segunda, porém, a dos netos, apeia-os de lá, para darem lugar aos seus próprios, relegando-os para o porão, se são grandes, ou para o fundo das cômodas, se pequenos.

Minha sogra e meu sogro estão, ainda, nas paredes da minha sala. Os avós da minha mulher, dois velhos barbadões, êsses repousam, já, roído das baratas, no quarto das malas, no fundo do quintal...

*Segunda-feira, 27 de agôsto:*

Informado de que o diretor do "Correio da Manhã", Paulo Bittencourt, andava pessoalmente à minha procura, tendo deixado diversos recados na Livraria Leite Ribeiro e no "O Imparcial" para que lhe marcasse uma entrevista, fui ao seu encontro, na redação, a fim de saber o que desejava de mim. E êle mo disse: quer que eu assuma o lugar de crítico literário da grande fôlha, na qual terei absoluta liberdade de ação.

Após algumas objeções, aceitei. O ordenado será fixo, de quinhentos mil-réis por mês, dando eu um artigo por semana.

— Não é o que você merece, — disse-me; — mas é o que nós, no momento, podemos dar. Eu espero, porém, que, em breve, o jornal poderá pagar a você aquilo a que você tem direito.

E deu-me liberdade para escolher a página, o tipo, e a posição do artigo, na fôlha. Escolhi o rodapé, com a denominação "Vida Literária", à Anatole, às quintas-feiras.

Essa minha deliberação foi, talvez, precipitada. Era intuito meu voltar a escrever artigos assinados, regularmente, na imprensa, mas sòmente após o meu regresso do Maranhão. O convite do "Correio" antecipa, todavia, a minha resolução.

— Não deixem o nome sair da vitrina — aconselhava o velho jornalista da Rocha.

E o "Correio", é, sem dúvida, o mostruário mais alto e, por isso mesmo, mais cobiçado do Rio de Janeiro...

*Têrça-feira, 28 de agôsto:*

Uma lembrança, ainda, da figura e dos modos de José Veríssimo. Goulart de Andrade acabava de publicar o seu romance "Assunção", em que pusera em evidência os seus amôres crimi-

nosos com a senhora Albertina Berta, que ainda não havia dado à estampa o seu primeiro romance, abordando o mesmo tema. Veríssimo, que escrevia a crítica literária, se bem me lembro, no "Jornal do Comércio", atacou o romance de Goulart, considerando-o amoral. O autor indignou-se, rompendo com Veríssimo.

Uma tarde, estávamos eu e Goulart de Andrade no "O Imparcial", quando Veríssimo entrou. Ao vê-lo entrar, o poeta retira-se. Veríssimo aproxima-se de mim, e queixa-se:

— Que tolice a dêsse moço! Você já viu o livro dêle? Êle transcreve, lá, como coisa genial, uma carta da amante, na qual esta diz que, em certas ocasiões, ao estarem juntos, ela é "como um gôlfo estreito no qual entrasse, inteiro, o mar fremente". Já se viu mau gôsto dessa ordem? — observa-me Veríssimo. — Depois, é uma indecência. Uma mulher que se compara a um gôlfo!

E baixando a voz, escandalizado:

— Uma mulher que confessa que é... frouxa!...

*Quarta-feira, 29 de agôsto:*

Os primeiros tempos da minha mocidade, dos quinze aos vinte e dois anos, foram perturbados pelas mais aflitivas preocupações religiosas. Eu não podia crer, não podia admitir as superstições tradicionais, as coisas ingênuas ouvidas dos lábios maternos, mas temia, enchia-me de pavor com a idéia do castigo. Essas cogitações envenenaram os dias que podiam ter sido, talvez, os mais felizes da minha vida. Pouco a pouco, porém, os cuidados materiais, as responsabilidades novas, foram afastando para um segundo plano os interêsses da vida futura. As dificuldades desta eram bastantes para adiar os da outra.

Hoje, sou um homem que não aceita nenhuma religião já feita, mas, também, não as hostiliza. Se entro em um templo católico, ajoelho-me respeitoso, às vêzes comovido, dirigindo a Deus a minha prece livre e silenciosa, onde quer que êle se encontre. Se passo por diante de uma igreja, tiro o meu chapéu, como o mais intransigente dos católicos. E para sossêgo do meu espírito, nunca mais tratei de pôr em confronto as afirmações da ciência com os mistérios da religião.

Com uma coisa, apenas, me preocupo, dando a isso um aspecto religioso: é em evitar que um ato meu faça sofrer o meu semelhante. Não sou generoso, mas tenho a impressão de que sou justo, sem rigor.

A honestidade dos atos é moeda universal. Deus, onde quer que êle esteja, e qualquer que seja o seu nome, há de receber a que eu possuo, dando-me um bom lugar no outro mundo, — se é que nem tudo, na terra, se resolve com um miserável punhado de poeira...

*Quinta-feira, 30 de agôsto:*

Iniciei, hoje, a "Vida Literária", em rodapé, no "Correio da Manhã". Parece-me que o programa traçado nesse artigo inicial agradou. Pelo menos, na Academia e na Câmara, todos o leram. Evidentemente, eu tenho uma vantagem, como escritor. E essa vantagem consiste nisto: eu tenho um público.

*Sexta-feira, 31 de agôsto:*

Ao ler um verso de Raimundo Correia, tenho a idéia de um rapaz no vigor da idade, — ágil, risonho, elegante, afeito à ginástica, marchando rápido e feliz. O verso de Bilac é mais distinto, mais aristocrático, mais mundano, voltando-se, sensual, para olhar as mulheres. O de Alberto de Oliveira, é um defunto de família rica, vestido de prêto, casaca de pano caro, camisa de peitilho duro, inteiriçado no seu caixão de ébano com argolas de ouro. É um verso embalsamado.

## SETEMBRO

*Sábado, 1.º de setembro:*

Nas oficinas do "Anuário do Brasil", onde se está imprimindo a minha "Antologia da Academia Brasileira de Letras", encontro, debruçado sôbre a pequena mesa do gerente, imprensado entre a porta e a parede, o historiador Tobias Monteiro, que revê o seu livro sôbre a Presidência Campos Sales. Pequeno, com uma cara de gato enfezado, ao qual tivessem arrancado os bigodes agressivos, espantou-se com a minha presença e pusemo-nos a conversar.

— Êste livro já estava feito, — explicou-me. — Êle é constituído das cartas que eu escrevi da Europa, quando acompanhei Campos Sales, e que foram publicadas no "Jornal do Comércio". O que me tem custado é o prefácio, que toma a têrça parte do volume.

E como falássemos do grande presidente, acentuou:

— Foi o govêrno mais interessante da República, sob o ponto de vista da História. Depois dêle, só o do Bernardes, cuja atuação há de ser objeto de grandes debates, daqui a uns trinta anos. O historiador não indaga se o govêrno foi bom, ou mau: quer saber, apenas, se houve fatos, para registrar e esclarecer. Quanto mais agitado é o govêrno, melhor para o historiador.

E numa síntese:

— A História é tragédia.

*Domingo, 2 de setembro:*

A minha paixão pelo trabalho mental, a minha fome de escrever, de produzir, tem, talvez, as suas raízes mais profundas no meu egoísmo. Que pretendo eu, em verdade, ao idear uma obra vasta, uma bibliografia numerosa? Pretendo, apenas, que meu nome me sobreviva, que se fale de mim quando eu já repousar no seio da terra.

Eu me mato, pois, para dilatar a vida. Quero enganar a Morte, deixando no mundo o meu rastro, para que os estudiosos de amanhã me procurem, depois que ela me tenha levado.

Quem sabe, no entanto, se eu me não estou enganando a mim mesmo?

*Segunda-feira, 3 de setembro:*

Em um pequeno grupo, na Câmara, no qual se encontram Manuel Vilaboim e Rodrigues Alves Filho, fala-se de casamentos inesperados e, no entanto, felizes.

— Aí está o caso do Azevedo Marques, — diz Vilaboim, referindo-se ao professor de Direito da Faculdade de S. Paulo, que foi Ministro das Relações Exteriores no Govêrno Epitácio Pessoa.

E contou, com a confirmação de Rodrigues Alves Filho:

— O Azevedo Marques advogava no interior de São Paulo, quando conheceu ali uma senhora quarentona, mas ainda bonita, que havia enviuvado, ficando com uma boa fortuna e com uma filha única, linda menina de uns dezesseis ou dezessete anos. Espírito prático, resolveu fazer a côrte à viúva, até que, um dia, chamou um velho fazendeiro, seu amigo, e pediu-lhe que fôsse, em seu nome, solicitar a mão da senhora.

— Você está doido, homem? — protestou o coronel, que viu, logo, o objetivo do casamento. — Se você quer casar, por-

que não casa com a moça, filha da viúva? Casando com a viúva, você só fica com a metade do "cobre"; ao passo que, com a moça, ficará com tudo, pois que tudo que a mãe tem, vai ficar para a filha. Vou, portanto, fazer o pedido, mas é desta.

Foi, e voltou com o assentimento. E assim, a senhora que Azevedo Marques desejava para sua espôsa, acabou sendo, pura e simplesmente, sua sogra...

*Têrça-feira, 4 de setembro:*

No prefácio às "Poesias Póstumas", de Gonçalves Dias, conta Antônio Henriques Leal que o maior desejo do poeta, quando ainda criança e simples caixeiro do pai, em Caxias, era possuir um exemplar da "História do Imperador Carlos Magno e dos Dozes Pares de França". A instâncias suas, o pai, o português João Manuel, levou-lhe da capital o livro pedido, ao qual o futuro lírico se agarrou com o maior dos encantamentos. Tudo aquilo lhe parecia verdade, e foi para êle um dia de tristeza aquêle em que o pai lhe arrancou essa ilusão.

A "História do Imperador Carlos Magno" exerceu também sôbre a minha imaginação infantil a sua ingênua influência. Li-a aos dez ou onze anos, em Parnaíba. Devorei-a em poucos dias, com os olhos ávidos e coração ansioso. E ainda hoje tenho na memória a luta cavalheiresca entre Oliveiras e Ferrabrás, a morte de Roldão, e, mais vagamente, o episódio em que as cobras saem da caveira de Cunegundes e o da tôrre, em que figura o Almirante Balão. Nenhum, porém, me comoveu tanto, e tanto me abalou, como o do heroísmo inútil de Roldão em Roncesvales. Eu o vi lutar, desbaratando, sòzinho, as ondas de inimigos que se lançavam contra o desfiladeiro. Ouvia-lhe o rasgado apêlo da trompa, chamando os companheiros, que não vinham. Via se lhe abrirem as bôcas das feridas, no esfôrço do sôpro, e o eco da trompa, reproduzindo-se aflitamente nos rochedos alcantilados. Até que o vi morrer, coberto de golpes, tendo, antes, partido nas pedras a sua espada, a sua Durindana, a sua companheira de tôda a vida, espôsa única da sua mocidade heróica, para que outro guerreiro jamais a possuísse...

No dia em que li êsse episódio, deitei-me, à noite, com o coração torturado. Seria possível que os homens levassem tão longe a sua maldade? Alta noite, acordei, na minha rêde de varandas estreitas. Ouvi o som da trombeta em Roncesvales. Tremi, de pavor, e de pena.

Anos depois, aos trinta de idade, tentei ler, novamente, a "História do Imperador Carlos Magno". E não cheguei à quinta

página. A beleza do poema da Cavalaria não estava, evidentemente, nos seus capítulos, mas na minha imaginação infantil.

É um livro, pois, que não relerei, nunca mais. Ao fechá-lo, eu teria saudades de mim...

*Quarta-feira, 5 de setembro:*

Silva Ramos. Membro da Academia desde a sua fundação, atualmente, setenta e cinco anos. Baixo, gorducho, pescoço enterrado, e para a frente, de modo a deixar-lhe uma corcunda de gordura ou de antigo lutador romano, tem rosto largo e corado, cabelos de neve, e um bigode cuidado, e igualmente branco, de comendador português. Veste-se limpamente, de casimira clara ou escura, colête branco, e, como complemento, um cravo, vermelho ou róseo, esborrachado na botoeira. Anda ligeiro, passos miúdos, inclinado para a frente, como se quisesse equilibrar a cabeça, apoiada, em falso, no pescoço.

Na Academia, jamais fêz uma conferência, ou um discurso em público. Se é obrigado a manifestar o seu voto em qualquer assunto, fá-lo em dois minutos, com uma dição exageradamente lisboeta, esfregando as mãos uma na outra, como se as ensaboasse, ou, se está irritado, dando palmadas na mesa. Às seis horas, em ponto, levanta-se, e vai-se embora, porque na sua casa o jantar é às seis e meia. Amável e alegre, freqüenta diàriamente os cinemas, e vai à noite, com a senhora, aos clubes familiares, ver a mocidade dançar.

Literàriamente, produziu na juventude um livrinho de versos, e, na velhice, um pequeno volume de sonetos medíocres e cartas, em prosa, dirigidas a amigos. Atentando para a sua vida, vem-me à lembrança uma frase de Saint-Beuve, sôbre Rossignol, e verifico que Silva Ramos é um pedaço de Deserto, árido, sêco, e abandonado, que, em quase oitenta anos, deu apenas duas pequenas moitas de capim...

*Quinta-feira, 6 de setembro:*

O meu artigo de hoje, no "Correio da Manhã", foi sôbre a obra de Coelho Neto. Evitei quanto possível as influências da amizade para julgar, exclusivamente, o homem de letras. Não o considero romancista. Acho que tem a imaginação exageradamente fantasiosa para poder fixar com verdade a vida, como ela é, e se manifesta. Considero-o um grande, um assombroso poeta, o maior que o Brasil tem produzido.

É possível que êle não tenha ficado contente. Mas é essa, sinceramente, a minha opinião.

*Sexta-feira, 7 de setembro:*

Os documentos autênticos que dizem respeito à proclamação da Independência, em 1822, contam que o príncipe D. Pedro, em viagem de Santos para São Paulo, na histórica jornada do Ipiranga, se distanciava de momento a momento da comitiva, apeando-se do cavalo e entrando para o mato, a fim de satisfazer as exigências de um desarranjo intestinal. Os banquetes, em Santos, tinham-lhe ocasionado uma disenteria.

A História do Brasil, para maior coerência, devia ser escrita em papel sanitário.

*Sábado, 8 de setembro:*

Tenho lido e escrito muito. As idéias multiplicam-se no meu espírito, como as formigas à bôca de um formigueiro alvoroçado. Tenho planos de romances, de contos, de ensaios literários, de obras de pesquisa e comentário. Trabalho dez, doze horas por dia, aos domingos e feriados, e, nos dias úteis, durante todo o tempo que os deveres políticos me dispensam. Às vêzes, sinto-me fatigado, sucumbido, com vertigens e atordoamento. Mas o cérebro continua a trabalhar, ágil, fértil, disposto, como se não estivesse em contato com o resto do corpo.

É que a máquina que dá o impulso não está de acôrdo com o resto do aparelho, que obedece. O motor é forte mas o carro já está ficando velho...

*Domingo, 9 de setembro:*

Conta-se que o peru, se lhe traçam em tôrno um círculo a carvão, fica-se a girar dentro dêle, piando, piando, piando, sem poder sair.

Ataulfo de Paiva, quando começa a falar na Academia, é um peru num círculo de carvão.

* * *

Recebo um telegrama de Coelho Neto, dizendo-se comovidíssimo com o meu artigo, e "beijando-me as mãos".

Eu não disse que êle era "poeta"?

*Segunda-feira, 10 de setembro:*

Ao ler a biografia de alguns homens de letras nacionais e estrangeiros, encontro-as sempre ilustradas de fotografias dêles,

quando na infância. Nem essa vaidade me foi permitida pela pobreza inicial. Nunca tirei o retrato, nos meus tempos de criança. A primeira vez que vi a minha fisionomia fixada no papel, foi aos dezoito anos, isto é, em 1903, no Pará, e isso mesmo por generosidade de um amador. Como estivessem aparecendo as veleidades literárias, postei-me diante da objetiva com um "pince-nez", mas de vidros sem grau. Só em 1914, mais ou menos, usei óculos por necessidade.

O meu primeiro retrato tirado por profissional é de 1911, quando chegou ao Pará o meu livro "Poeira..." Primeiro retratei a alma, nos versos. A fotografia do físico veio depois.

*Têrça-feira, 11 de setembro:*

O mundo é um jôgo com que os deuses se divertem. Cada homem é uma pedra que tem de sair dos perigos por si mesma.

*Quarta-feira, 12 de setembro:*

Uma das figuras que caracterizam a Academia Brasileira de Letras, é, no espírito e no volume, Adelmar Tavares.

Gordíssimo, corpulento, barrigudo, tórax enorme, a cabeça pousada nos ombros como uma abóbora no alto de uma pipa, a impressão que êle dá, com a sua gordura mais para cima do que para baixo, é a de um homem que estivesse sendo espremido à altura dos rins e cujos intestinos tivessem subido para os pulmões. Sôbre êsse busto de eunuco asiático, uma cabeça gorda, de bochechas abundantes, ao fundo das quais, assinalada por um bigodinho negro e cortado rente, a bôca se contrai num sorriso amável e permanente.

Nesse tonel de tripas, abriga-se uma pomba, que é a alma do poeta. Afável e sorridente, abraça tôda a gente, e tem para tôda a gente a mesma risadinha tôla, e para cada um uma amabilidade corriqueira e familiar. É o homem bom e carinhoso em tôda a extensão da palavra.

Secretário da Academia, acompanha atentamente as palavras de todos os oradores, batendo com a cabeça a cada frase, confirmando maquinalmente tudo o que se diz. Papagaio apanhado tarde, acompanha com os movimentos a voz alheia, mas destinado, parece, a nunca falar sòzinho.

Consciente da própria mediocridade, quis fazer da Academia uma sociedade de elogio mútuo, propondo votos de congratulações tôda a vez que um colega fazia anos. Apresentei uma

indicação contra isso e êle, agora, se limita a fazer necrológios, que traz escritos de casa. Necrológios ingênuos, tolos, que os defuntos devem ter ímpetos de sair da cova para dar nêle.

É, todavia, um bom, um inofensivo, um ingênuo. Se a Academia fôsse de Virtude, e não de Letras, êle estaria a esta hora na cadeira da frente, com uma palma verde na mão e coroado de boninas.

*Quinta-feira, 13 de setembro:*

Academia. No pavimento superior do edifício, em tôrno a uma grande mesa de oito metros, a comissão encarregada de não fazer o Dicionário, com todo o seu séquito de auxiliares. Livros em profusão, em uma das extremidades da mesa. Na outra Augusto de Lima, Coelho Neto, Medeiros e Albuquerque, João Ribeiro, Ramiz Galvão. O técnico lê o verbête; Coelho Neto dá uma opinião sôbre o vocábulo, sai do assunto, e espraia-se como um copo de água que se derramasse; Medeiros conta, a propósito das palavras de Coelho Neto, uma anedota. Os auxiliares riem. João Ribeiro, manuseando um livro, tem a atenção distante do local. Ramiz Galvão escuta o que se diz como quem se sente deslocado naquele meio.

De repente, alguém fala de crianças nascidas de sete meses. Coelho Neto volta-se para mim, que estou de pé atrás da sua cadeira, e diz-me:

— Bilac nasceu de sete meses... Não sabias?

*Sexta-feira, 14 de setembro:*

Há grandes homens que, como espírito, enchem o mundo, mas, como alma, não enchem um ôvo.

*Sábado, 15 de setembro:*

Constâncio Alves contava-me na Academia episódios da vida de Capistrano de Abreu, seu companheiro na Biblioteca Nacional.

Às vêzes, ao ler uma obra sôbre o Brasil colonial, nascia-lhe uma dúvida sôbre a data em que chegara ao Brasil êste ou aquêle aventureiro secundário, vindo do Reino. Após coçar a cabeça e a barba hirsuta, o velho pesquisador não se detinha. Ia às estantes, fazia descer volumes e mais volumes, abria um, abria outro, e ia percorrendo as páginas, roçando nelas o nariz, devido

ao cansaço da vista. Ao fim de dois dias de perquirição, a mesa não tinha mais lugar para o trabalho, nem a cadeira, para que êle se sentasse. Afinal, era encontrada a data misteriosa. Capistrano lia-a, e, sem tomar uma nota, fechava o volume, e mandava arrumar tudo.

E nunca mais pensava no assunto, provando, assim, que êle pesquisava mais por uma curiosidade própria do que com o intuito altruístico de esclarecer os outros.

*Domingo, 16 de setembro:*

Fernando Magalhães tem a preocupação de imitar o estilo de Rui Barbosa. Apreendeu o ritmo da frase do modêlo, mas, como não conhece o valor dos vocábulos, vai colocando-os inoportunamente, de modo a dar à sua prosa uma grande sonoridade, mas, também, um aspecto de imitação ridícula, quando lida.

Há uma sorte de artistas anônimos, que se ocupam em reproduzir em madeira pintada as mais belas obras da escultura. Vistas de longe, essas imitações do bronze, da prata e do ouro, enganam perfeitamente. Vistas de perto, porém, e tocadas, e examinadas, é uma desilusão.

Fernando Magalhães reproduz a obra de Rui, mas trabalha em pau.

*Segunda-feira, 17 de setembro:*

Ao abrir "La Vie Gaillarde et Sage de Montaigne", por André Lamandé, encontro, no início do capítulo I, esta passagem: "En cette année de grâce 1533, Montaigne vint au monde, le 28 février, après avoir été nourri et mignoté dans le sein de sa mère durante onze mois".

Bilac nasceu de sete meses; Montaigne de onze. A Natureza roubou, assim, dois meses de paz a Bilac, e deu-os a Montaigne...

*Têrça-feira, 18 de setembro:*

À Avenida Central está sendo levantado um edifício de dezesseis andares, um dos mais altos da cidade, neste momento. Lá no alto, sôbre os suportes de cimento armado, que vão constituir o sistema ósseo do grande prédio, cruzam-se as vigas de ferro, estendem-se os andaimes, movimentam-se os elevadores. E sôbre tudo isso, agitam-se, subindo, descendo, andando, martelando, dezenas de homens descalços, esfarrapados ou sujos dos detritos

da obra, que vai dia a dia, por esfôrço dêles, se levantando para o céu.

São os operários, — os pedreiros, os carpinteiros, os ferreiros, — a legião obscura das formigas humanas, construtoras infatigáveis das grandes cidades. São êles que, lá em cima, arrostam os perigos, arriscam a vida, zombam dos castigos do céu, e tudo isso mediante o mais miserável dos salários. Concluída a obra, levantado o edifício, retirados os andaimes, voltam as formigas ao chão, e vão repousar por um instante num casebre baixo, e humilde, em que mal podem erguer a cabeça.

Enquanto isso, os homens ricos, que não puseram em risco a própria segurança, instalam-se no palácio construído, e gozam, satisfeitos, os supremos prazeres da vida...

É a "revanche" da cigarra. Quem sofre a miséria, hoje, é a formiga, que ainda lhe faz a casa, e vai dormir, faminta, exposta às intempéries...

*Quarta-feira, 19 de setembro:*

Nas altas regiões do Pensamento, vale mais morrer no Deserto, bradando às areias, como Isaías, do que em Jerusalém, como Jesus, abraçado de costas, e em silêncio, à cruz do seu ideal.

*Quinta-feira, 20 de setembro:*

Entre os grandes romances que eu penso escrever, mas que provàvelmente não escreverei, está um, de previsão política, e que terá por enorme cenário a Amazônia. O govêrno paraense acaba de conceder à emprêsa americana de Henry Ford grandes extensões de terra no Tapajós, onde essa emprêsa iniciou a instalação de fábricas para preparo da borracha. Ao mesmo tempo, foram localizadas no Estado centenas de famílias japonêsas. O romance terá por tema o conflito das duas raças pela conquista da Amazônia, que terá de ficar nas mãos do americano.

A ação deve desenrolar-se em 1965.

*Sexta-feira, 21 de setembro:*

Em um estudo de Edouard Schneider sôbre S. Bento e a sua ordem religiosa, encontro a informação de que uma das recomendações do piedoso solitário de Subiaco era esta, àqueles que o buscavam para mestre: "Que a vossa oração seja breve, para que se conserve pura".

Êste santo, que viveu em solidão, conheceu a alma humana. Êle sabia que não há homem, por mais santo, que passe cinco minutos sem um pecado de pensamento.

*Quarta-feira, 26 de setembro:*

Foi pôsto à venda o meu livro "Antologia da Academia Brasileira de Letras", o primeiro que publico êste ano. O prefácio que explica a obra está um pouco amargo, mas os acadêmicos não lhe sentirão o gôsto.

A vaidade e a ignorância determinaram, já, naqueles a que me refiro na obra, o embotamento do paladar.

*Domingo, 30 de setembro:*

Eu preciso recolher-me a um claustro e, aí, mergulhando em mim mesmo, estudar a minha alma e o meu espírito. Eu sinto, às vêzes, que sou rigoroso de mais nos meus julgamentos .Examinando bem, verifico que eu sou, apenas, justo; mas o mundo não precisará menos de justiça do que de indulgência?

Eu assisti há alguns anos à representação de um drama, intitulado "O Carrasco", em que o protagonista, homem severo, imagina corrigir o mundo, fazendo-o todo à sua imagem. O ambiente doméstico por êle criado torna-se, por isso mesmo, irrespirável. À sua aproximação, todos se retraem, se calam, se atemorizam. E o resultado é a criação de uma atmosfera de hipocrisia, pois que é mais fácil a cada alma, a cada temperamento, criar o meio em que viva, do que afeiçoar-se ao meio que lhe é impôsto.

Eu sou, às vêzes, na vida de letras, e na vida social, demasiadamente exigente. Ainda me não pude impor a convicção de que o mundo é mais de imperfeições do que de virtudes. O Cristo, que perdoava à mulher adúltera e ao bom ladrão, acabou caluniado, injuriado, crucificado, aos trinta e três anos.

Já não é um milagre que eu, que me não perdôo nem a mim mesmo, ainda me encontre vivo aos quarenta e dois?

## OUTUBRO

*Segunda-feira, 1.º de outubro:*

Leio êste conselho de William Blake, o poeta contemporâneo de tôdas as idades, da definição de Edmond Gosse: "Conduz o teu carro e a tua charrua sôbre as ossadas dos mortos".

E medito sôbre a minha viagem. Eu tenho atropelado os vivos quando êles, por maldade, me tomam a passagem. Mas quando há um morto, desço da minha charrua, afasto o cadáver, e passo...

*Quarta-feira, 17 de outubro:*

Deixei hoje na Secretaria da Academia Brasileira de Letras, convenientemente lacrado, o primeiro volume dêste meu "Diário" relativo ao 1.º semestre do corrente ano. É um depósito provisório, pois desejo que as notas do ano de 1928 sejam publicadas em um único tomo, em 1948.

*Quinta-feira, 18 de outubro:*

Os jornais diários, na totalidade, noticiam a minha partida, amanhã, para o Maranhão; e quase todos comentam essa viagem com a falta de critério que caracteriza a imprensa irresponsável que possuímos. Ninguém procurou informar-se; ninguém sindicou; ninguém tentou apurar a verdade, para esclarecer o público da cidade ou do país: cada repórter mordeu o cabo do seu lápis, imaginou um absurdo, e lançou-o em circulação. Daí, não haver duas notícias concordes. O "Jornal do Brasil" diz ter eu sido chamado com urgência a São Luís pelo Presidente do Estado, e que os meus colegas de bancada se "estão ralando e interrogando com espanto". O "Diário Carioca" assegura que a minha viagem foi resolvida sùbitamente, e que foi determinada pelo discurso de Coelho Neto em Buenos Aires, anteontem. Tendo Coelho Neto elogiado ali, na sua oração, a política financeira do govêrno Washington Luís, acha o "Diário Carioca" que êste lhe dará uma cadeira na representação maranhense; e como essa é a minha, eu corri, logo, a pegar-me com o Presidente do Estado, a fim de assegurar a reeleição. "A Noite" anuncia o meu embarque, e pergunta: "A viagem do Sr. Humberto prender-se-á à sucessão estadual?" "A Manhã", em um tópico, informa que eu vou comissionado pela bancada para combinar com o Presidente Magalhães de Almeida o problema da sucessão. E adiante: "Ao que é corrente, o deputado e acadêmico leva plenos poderes dos seus colegas de representação para resolver com o governador do Maranhão o importante problema, sendo dado como bem feito quanto entre o comandante e o poeta fôr acordado". "A Esquerda", adotando essa versão, comenta: "O que há, entretanto, de mais interessante no caso, é que quem vai

abrir as "demarches" da sucessão é o Sr. Humberto de Campos". E acentua: "Ora, a verdade é que, depois que se achou deputado, êle se tornou de uma sisudez terrível". "A Manhã", que já havia dado o tópico transcrito mais acima, dá outro, no mesmo número, e que assim começa: "Cogita-se da sucessão estadual, e para lá vai embarcar o Sr. Humberto de Campos, que, segundo murmúrios, leva a palavra oficial do Catete, ou melhor, a ordem expressa do Sr. Washington Luís sôbre o que se deve fazer para a escolha do novo donatário dessa vaga capitania que em algum tempo foi a Atenas Brasileira".

Após a leitura dêsses comentários, e de outros do mesmo gênero, eu me pergunto, a mim mesmo: a que condição ficaria reduzida a História se ela se alimentasse mais da Verdade do que da Mentira?

*Sexta-feira, 19 de outubro:*

Bordo do "Pedro I", na costa do Estado do Rio. Eis-me, finalmente, a caminho do Maranhão. Resolvida esta viagem, tantas vêzes adiada, parto do Rio de Janeiro como Cristóvão Colombo de Palos para a descoberta da América. Ontem, após o almôço, fui despedir-me dos meus filhos, nos colégios em que se acham internados. Despedida afetuosa e comovida. Pranto de olhos que não mentem. A bordo, hoje pela manhã, recebo o abraço de boa-viagem de Antônio Azeredo, Vice-Presidente do Senado, de Manuel Vilaboim, líder da Câmara, e de numerosos deputados e amigos. Desatraca o navio, e afasta-se lentamente. A orquestra de bordo, postada no convés, ataca uma peça em que predomina o violino, e que parece ter sido escrita para o bailado dos lenços, que dizem adeus. Minha mulher, no cais, agita o seu. Separação doce e triste, de um casal que nunca se separou, em quinze anos, isto é, desde que se constituiu. E eu vejo de longe, à medida que o navio se afasta, meu filhinho Humberto, de cinco anos, em chôro desatado, limpando os olhos com as mãozinhas fechadas, e atirando-me beijos no meio do seu chôro...

Quando o navio desatraca, centenas de lenços se agitam, nervosos, de bordo e do cais. Depois, vão diminuindo, em número e movimento. O esquecimento dos que partem, e o desinterêsse dêstes pelos que ficam, começa na primeira hora da separação.

Distanciados da cidade, passo a examinar os meus companheiros de viagem. Após dezesseis anos de Rio de Janeiro, de contato com uma população cosmopolita, tenho a impressão de haver chegado, de repente, a outro país. O convés dá a idéia de

uma rua de cidade do Norte. Pequenos, cabeça achatada, morenos, loquazes, bôca rasgada, os passageiros, nortistas todos, pertencem a essa raça heróica e tenaz, em que se misturam o português e o índio: raça definida já, e adaptada ao clima, com uma capacidade de resistência que a torna vitoriosa, embora obscuramente, por tôda a parte. Tôda essa gente estava no Rio, perdida na multidão. A viagem à terra do berço a isola, a reúne, a congrega, patenteando essa sub-raça brasileira.

Nas viagens do Rio de Janeiro para o Norte, o Nordeste começa a bordo.

*Sábado, 20 de outubro:*

Costa da Bahia. Debruçado na amurada, olho as ondas do mar alto. Enormes, opulentas, majestosas, formam-se, levantam-se, e se desfazem em seguida. Crescem, e rolam, e são grandes, não para serem admiradas, não para serem vistas na sua fôrça e majestade, mas porque é êsse o seu destino. Olhando-as, lembro-me dos espíritos superiores e independentes.

Homero, Dante, Shakespeare... Ondas do mar alto...

De vez em quando, um cavalheiro, com a exuberância do nortista, se aproxima de mim, os dentes à mostra, e pergunta, alto, na sua voz cantada:

— O Senhor é o Conselheiro XX?

Outros se vão chegando, com o mesmo sorriso de camaradas velhos, e tem início, com grande constrangimento meu, a sessão de anedotas, em que cada um procura demonstrar o conhecimento que tem dos meus livros.

E eu me vou esgueirando, atrapalhado.

Cinco e meia da tarde. Estamos em frente aos Abrolhos. O Sol, no horizonte, faz faiscar no mar escuro os grandes e famosos rochedos, que lhe recebem o último beijo de moribundo. Sôbre uma dessas pequenas ilhas de pedra, achatada no oceano pela mão imensa de Deus, o edifício branco do farol, com o seu bico para o alto, dá a idéia de um pequeno fogo de salão, prestes a ser aceso. O navio passa em frente a êle, a grande distância, e afasta-se, galgando as ondas. A noite fecha-se, e o farol, que começa a funcionar, põe no rosto imenso do mar um ôlho brejeiro de ciclope.

E o mar geme, e se retorce, como Polifemo enganado.

À noite, realiza-se no salão de música, que se acha repleto, um sarau lítero-musical. Vão à minha procura, para fazer o dis-

curso de abertura da festa. Faço a biografia humorística do comandante do navio, contando três ou quatro anedotas, e, como estamos para chegar à Bahia, narro um dos meus contos sôbre a formação da raça cruzada que a habita.

Todos riem, aplaudem, e a festa continua.

*Domingo, 21 de outubro:*

Às três horas da tarde o "Pedro I" nos faz avistar a Bahia, o velho berço do Brasil. Vista de longe, com os seus compactos edifícios de quatro andares enfileirados na colina que margina o pôrto, a impressão que se tem é que as casas vieram correndo de longe, e galgaram aquela altura, para espiar o mar e a entrada do navio. No sopé da colina ,estende-se a vegetação, fazendo as vêzes de manjericão de um ramalhete.

Atracada a lancha da Saúde Pública, saem dela, à minha procura, Deraldo Dias, médico e poeta, e o Tenente-Coronel Faria, ajudante de ordens do Governador Vital Soares, o qual vem me comunicar que êste me espera para jantar, e põe à minha disposição o seu automóvel, para visitar a cidade.

Desembarco no cais. Vamos a Monte-Serrat, fortaleza colonial, evocadora das primeiras lutas com holandeses e indígenas, com a sua ponte levadiça e os buracos por onde estouravam os arcabuzes d'El-Rei. Restaurado recentemente para servir de Museu, o antigo forte nos arrasta, em espírito, aos tempos heróicos da colonização. Aos seus pés, o mar, o manso mar do Recôncavo. E na outra curva a cidade tôda batida de sol, fazendo lembrar as arquibancadas de um campo de atletismo, à espera de uma luta que se vai desenrolando no picadeiro marítimo.

Por tôda a parte, velhos edifícios seculares, casas pesadas e baixas, cujos telhados saídos se assemelham a mãos de avós que dessem a bênção aos netos. E por tôda a parte, igrejas, modestas ou solenes igrejas antigas, legítimas páginas da "História do Brasil", de Frei Vicente do Salvador, escritas em pedra. Alfredo de Carvalho Filho, oficial de gabinete do governador, que se nos vem reunir, explica-me a significação histórica dos lugares. Esta igreja recorda tal combate com os indígenas; aquela, uma vitória sôbre os franceses; aquela adiante, a derrota de um chefe holandês. E eu as examino, às pressas, na desfilada do automóvel; e ao examiná-las, vejo que a Bahia é um belo e grande livro heróico, de que as igrejas são capítulos. Cada templo é, em suma, uma página muda, mas eloqüente, do poema da conquista.

*Domingo, 21 de outubro:*

O automóvel vai até o Rio Vermelho. Na Avenida que orla o mar, passeiam a sua graça algumas moças. Tipos originais, que fazem recordar Josefina e, com ela, as torturas de Napoleão. Fisionomias de raça branca, sem mistura cabocla. Pele mate, quase européia. Mas, por trás da pele, e no negror dos cabelos ondeados, uma sensualidade crioula. E para completar o quadro, nos olhos, dois molequinhos assobiando.

Às sete horas, em palácio. Vasta, majestosa, a casa do govêrno é uma das mais belas, em todo o país. Salões vastos, em que o mobiliário parece brinquedo de bonecas. Rosto sôbre o comprido, com os traços todos descrevendo parábola, como se lhe tivessem repuxado a cara para baixo, corado e claro; escanhoado; olhos desconfiados, abrigados sob o alpendre das sobrancelhas; estatura mediana; com os seus cinqüenta e tantos anos bem denunciados nos cabelos ralos, — eis Vital Soares. Misto de severidade e bondade, é um príncipe no trato.

À mesa, brilham os cristais, a louça fina. Solteirão, o governador faz as honras da casa com o auxílio de uma irmã idosa, e de duas moças, tipos de acentuada distinção. Após o jantar, mostra-me as obras de arte, que enriquecem a casa. E entre estas, dois quadros, dois interiores do Convento de São Francisco, trabalhos de um boêmio baiano, destinados a valer, no futuro, uma fortuna.

O automóvel leva-me, ainda, a pontos não vistos da cidade. Atravesso uma praça fervilhante de pretos, que festejam a Senhora do Rosário. Foguetes estouram no céu, fabricando estrêlas miúdas e precárias. Em frente ao monumento ao Dois de Julho, Deraldo Dias recita-me versos de Castro Alves. Sinto-me comovido. Descubro, nas rimas que escuto, belezas imprevistas.

Enxugo os olhos. E volto para bordo com o pensamento no poeta, e com os olhos no céu, onde há, já, uma grande fatia de lua.

*Segunda-feira, 22 de outubro:*

Pôrto da Bahia. Amanhece. No Rio de Janeiro o céu ilumina-se de uma vez. O sol aparece aos homens, irrompendo no alto das montanhas, como um candeeiro à porta de um quarto escuro, iluminando tudo de chôfre. Na Bahia amanhece devagar. O sol parece surgir sob uma "veilleuse", que se vai graduando docemente, suavemente, como quem tem receio de acordar de súbito uma pessoa querida, que adormeceu fatigada. No Rio, o sol des-

perta o trabalhador, como o patrão ao seu criado. Aqui, êle tem, para isso, carinhos e ternuras de avô...

*Têrça-feira, 23 de outubro:*

O navio amanhece em Maceió. Às duas e meia levanto-me para ver a cidade, do largo. Iluminada, com os seus focos elétricos enfileirados, Jaraguá dá-me a idéia de um pedaço do colar de Copacabana, que se tivesse quebrado, e que aqui viesse ter, arrastado pelas correntezas do mar. Ao clarear do dia, vejo a praia, tôda branca, orlada pela casario modesto, mas limpo. Aqui e ali um edifício mais alto, de três ou de quatro andares, cujos telhados vermelhos atestam a novidade da construção e, com isso, que Alagoas progride. À direita, ao longe, destaca-se a Ponta Verde, avançando contra as ondas, com o seu coqueiral opulento, fechado em cima pelas copas e gradeando o horizonte, embaixo, com os seus caules direitos. Olhados de bordo, os coqueiros lembram um bando de avestruzes verdes e arrepiados, marchando, unidos para beber ou banhar-se no mar. Um pouco acima, numa elevação do terreno, três coqueiros altíssimos, que os ventos marítimos inclinaram na mesma direção, recordam três atletas que disputassem a mesma corrida. O que vai na frente, e que é o mais inclinado, parece destinado a tombar sem vida no momento da vitória.

Os trapiches, cobertos, assentados em centenas de moirões de madeira, avançam pelo mar, à semelhança de enormes lagartas que descessem de terra, sustentando-se em uma infinidade de pés, para afundar-se no oceano. Vistos de bordo, da distância em que me encontro, os bondes parecem baratas vagarosas, cuja casca é o tôldo, e os automóveis formigas rápidas, correndo na areia lisa da praia. Uma dezena de botes pequenos, de vela pontiaguda, correm, levando e trazendo passageiros, entre a praia e o navio. O vento inclina-se para um lado, fazendo-os quase soçobrar. E a minha imaginação, propícia no dia às comparações entomológicas, logo vê, nêles, grandes borboletas brancas a que tivessem arrancado uma asa, e que tentassem inùtilmente voar, ou saúvas heróicas, tenazes, esforçadas, carregando pedaços de fôlha tenra para a provisão hibernal do formigueiro.

Às dez horas partimos de Maceió. E às seis e meia começam a aparecer as luzes do Recife, como uma floração de fogo num canteiro plantado no mar. O farol, no meio delas, é um girassol, ora vermelho, ora branco, abrindo e fechando as pétalas. Além, na costa, por trás da massa escura e imprecisa do litoral, destaca-se um clarão longínquo, incendiando as nuvens, como uma cratera em erupção. É o sol, no seu túmulo? Não. É a chaminé formidá-

vel de uma usina, o respiradouro de fogo da usina Santo Inácio, anunciando o trabalho dos titãs de pele cobreada ou negra, dos pequenos diabos infatigáveis, descendentes de africanos e indígenas, de portuguêses e holandeses, netos, ao mesmo tempo, de Camarão e Henrique Dias, de Duarte Pereira e de Nassau. Visto do mar, êsse vulcão dá-me a idéia, já, do trabalho formidável realizado pelo homem do Norte, dominando a vida como o fogo, a eletricidade e a máquina. Sinto naquele clarão o palpitar do coração imenso de um gigante escondido.

Nos países industriais e guerreiros êsses espetáculos são vulgares. Êles denunciam ordinàriamente grandes fornos poderosos, produtores de aço, de que se fabricam os canhões, portadores da morte. Aqui, não. Aquêle incêndio assinala uma usina de açúcar.

E isso caracteriza uma raça, um gênio, a mentalidade de um povo. Rugimos como os leões. O rugido é feito, entretanto, por um enxame de abelhas que preparam o mel...

Às oito e meia da noite o navio atraca, e eu desço à terra para expedir um telegrama. Falam-me em um restaurante Leite, no qual se come bem. Desço à porta, sento-me. Raras mesas ocupadas. Em uma destas, duas fisionomias que me não são desconhecidas, saúdam-me. São dois rapazes entre trinta e quarenta anos, dêsses que me são apresentados diàriamente na Avenida, que me cumprimentam, a quem eu cumprimento, mas cujo nome ignoro. Ao fim de alguns instantes, vêm os dois à minha mesa, e um apresenta o outro:

— Apresento-lhe o meu amigo, Chefe de Polícia do Rio Grande do Norte.

— Eu já lhe fui apresentado no Rio, — balbucia a autoridade rio-grandense, que logo se despede.

O que fica, e que é o mais baixo, senta-se, trava palestra:

— Imagine a saudade que eu tenho do Rio! Mas estou retido aqui. O Estácio trouxe-me para Chefe de Polícia, e você pode imaginar o que é meu trabalho em Pernambuco!

Essas palavras esclarecem tudo. O rapaz é Eurico Sousa Leão, cujo nome começa a aparecer na imprensa do Rio como o de uma autoridade severa, violenta, arbitrária, mas que tem prestado ao Estado grandes serviços.

Janto, e quero pagar. O dono da casa não recebe: o Chefe já pagou. À porta, espera-nos um carro admirável, automóvel oficial vistoso, que é aberto e pôsto às minhas ordens. E vamos, os dois, eu e Sousa Leão, dar um passeio pela grande cidade adormecida. Vamos a Boa Viagem, praia imensa e deserta, as-

faltada e iluminada, à espera de habitações. Ao percorrê-la, no auto descoberto, surpreende-me, em uma curva, um cheiro desagradável, que nos faz levar o lenço ao nariz. É o sovaco da cidade.

Às onze horas leva-me o Chefe de Polícia à sua graciosa vivenda de residência, estilo pernambucano do XVIII século, no Bom Jesus. É uma casa térrea de compartimentos amplos, jardim discreto, com grandes vasos de porcelana sôbre suportes de pedra. Nos vasos, alguns cactos africanos, fôlhas duras e pontiagudas, que mais parecem coleções de facas tomadas aos bandidos de Pajeú, e ali conservadas com a lâmina para cima e o cabo enfiado na terra. No pequeno terraço, em outros vasos, algumas plantas do mesmo gênero estiram para fora as línguas verdes, dentadas como serras. Dentro, na sala de jantar, o gôsto apurado e severo, herdado de fidalgos portuguêses do tempo de Duarte Pereira. Móveis antigos, seculares, esculpidos pacientemente, com flôres e figuras abertas em madeira rija como o mármore. Móveis arrebanhados no interior, trabalhos de escultura que deviam ter consumido anos da vida de um artista anônimo, tão modesto que guardou consigo até o segrêdo da sua glória. Em um dos recantos da sala uma arca holandesa, pesada e solene como um esquife de milionário. A fechadura, em que pousou, talvez, a mão prudente de um general do Príncipe Maurício, cai-lhe, pesada, como a de uma fortaleza. Sôbre uma pele de onça, amarela e negra, que cobre uma grande peça colonial talhada em ébano, estende-se, na sua bainha de metal branco, uma espada recurva. É a espada bárbara do cangaceiro "Lampião", tomada em um dos combates entre o bandoleiro e a polícia pernambucana. Na lâmina da arma, sob a qual tombaram, talvez, dezenas de sertanejos inermes, a inscrição, em tinta preta e indelével: "Viva o Imperador!"

Tomada uma xícara de café, leva-me Sousa Leão a ver outros pontos da sua capital. E à meia-noite, reconduz-me para bordo, contando-me pelo caminho, no automóvel aberto, a sua enorme, a sua profunda, a sua invencível saudade do Rio...

*Quarta-feira, 24 de outubro:*

Partindo do Recife pela manhã, chegamos diante de Cabedelo à uma hora da tarde. O número de bóias espalhadas no mar, desde longe, como um bando de carrapetas atiradas à toa, dá idéia das dificuldades do pôrto. O navio marcha cautelosamente entre elas, como se o preocupasse o cuidado de não desmanchar

um brinquedo de criança. Ao movimento da hélice, sobem à tona golfões de água, de lama e areia revolvidas. E Cabedelo aparece à esquerda, espiando por trás de um braço de mar.

Primeiro, é uma velha fortaleza desmoronada, último vestígio, parece, do Brasil holandês. Ruína augusta, com os restos do seu fôsso, hoje soterrado, dá idéia, ainda, da importância que o conquistador emprestava a êstes areais. A vegetação sai, em tufos, do alto das pedras que ainda resistem às investidas da areia e da água. Ondas, vindas de longe, sobem a muralha rôta, lavando as grandes fendas abertas pelo tempo. E vem-me, diante dêsse espetáculo, a lembrança do cadáver de um guerreiro gigantesco e vencido, cujas feridas ensangüentadas os cães viessem lamber... Em cima, no meio das pedras, pasta um burro pacífico e indiferente, dando a essas ruínas históricas o valor de um tratado de filosofia.

Adiante da fortaleza destruída, amontoam-se trilhos enferrujados, velhas caldeiras, vigas enormes, dragas inúteis, viradas no mar. Uma fortuna em ouro, convertida em ferro: material destinado às obras do pôrto, mas inutilizado, porque a obra não se fêz. Dois navios atracados, ou melhor, encalhados na praia arenosa, e, em frente a êles, Cabedelo, com as suas palhoças, as suas casinholas miseráveis, refúgios da fome e da nudez, acocorada entre coqueiros como um acampamento de negros em um remoto palmeiral africano. Ao fundo de um pôrto tão difícil de penetrar, descobri-lo equivale um lôgro de mau gôsto. É como se, depois de desembrulharmos um pacote, desmanchando fio sôbre fio, invólucro sôbre invólucro, na esperança de encontrar uma jóia, fôssemos encontrar, no último pedaço de papel colorido, um besouro ou uma barata.

O navio lança ferro. Uma dezena de botes pequenos e sólidos parte da praia em busca de passageiros, trazendo, porém, já, para um precário comércio com os viajantes em trânsito, os vendedores de côco e as vendedeiras de renda. Tipos, uns e outros, curiosos. Não são caboclos nem pretos, mas escuros, com uma tonalidade de cobre na pele: tipos de mouros, magros, ressequidos, fisionomias sem idade nem sexo, figuras de "louva-a-Deus", mas resistentes, ágeis, resignados. As velhas mulheres, braços de esqueleto, sem uma linha curva no corpo, cotovelos salientes e nodosos, parecem feitas de gravetos. E no meio de uns e de outros, dezenas de meninos da mesma raça infeliz e heróica, subindo pela escada alta para vender um espanador ou um periquito.

À tarde, desembarco para visitar os famosos coqueirais de Cabedelo, que orlam a praia fora do pôrto, e vão pela terra a

dentro tomando o lugar a tôda e qualquer vegetação. Vão comigo, para o passeio, o comandante do "Pedro I", Nunes Gonçalves, e o agente do Lóide Brasileiro na Paraíba, Comandante Barbosa Lima. O dono do coqueiral é o Coronel Paz Velho, Prefeito do Município, e que o é há trinta anos. Os seus coqueiros são 25.000. À sombra dêles, êle é rei, como qualquer chefe de beduínos sob as tamareiras, num oásis do Saara.

O automóvel corre meia hora entre troncos direitos, ou inclinados pelo vento do largo. O mar, avançando, já fêz tombar as primeiras filas dêsse exército verde que veio fazer alto diante dêle. Na areia lavada pelas ondas jazem, já, algumas dezenas de troncos, — tristes cadáveres de vencidos abandonados ao vencedor. O exército, porém, continua firme, cada soldado no seu pôsto, esperando, cada qual, a sua vez...

Um cargueiro americano ancorado no pôrto passeia o seu holofote sôbre o lugarejo embuçado na noite. O jato de luz corre sôbre o teto de palha das casas, e mergulha, como uma grande mão luminosa, na cabeleira verde do coqueiral.

— De onde é êsse holofote? — pergunta um dos meus companheiros de viagem, em caminho, para o pôrto.

— É dos americanos, — explica outro.

— Que é que êles querem?

E o primeiro, sintético, lutando com o areal:

— Estão procurando côco...

*Quinta-feira, 25 de outubro:*

Desde o amanhecer, começam a aparecer, ao longe, formando o litoral, dunas de vegetação falha, que lembram crânios atacados de doença impiedosa, a qual lhes tivesse arrancado metade do cabelo. Às oito horas, finalmente, surge ao alto de um morro, ao sul da barra, um pedaço da cidade, de que é a sentinela avançada, que vigia o mar. E em pouco estamos diante de Natal, guardada por uma vigorosa linha de rochedos, de que é ôlho um farol.

O navio lança ferro. Chega a primeira lancha. E dela sai, e sobe a escada, um homem trajando democràticamente brim branco. Estatura mediana, magro, rosto escanhoado e puxado, olhos claros, dentadura postiça dominando a bôca tôda. É Juvenal Lamartine, Governador do Estado, que nos vem buscar, ao Senador Silvério Néri e a mim, para uma visita à cidade.

Natal é uma dessas capitais do Nordeste brasileiro que refletem o homem da região: pequena, de casas baixas, mas sólidas,

resistente, e sempre igual. De particular, um estabelecimento de ensino verdadeiramente modelar, o único no país: a Escola Doméstica, em que 130 moças aprendem a ser donas de casa, recebendo lições de costura, de humanidades, de escrituração comercial, de cozinha, de higiene, de jardinagem e de puericultura. Cada moça toma conta de uma criança de tenra idade durante sete dias. É a semana da Mãe.

Parada da Mocidade e da Graça, à nossa chegada. Um batalhão de moças, trajando uniforme branco, faz-nos a recepção. Tôdas fortes, robustas, alegres, bonitas, coisa rara no Brasil, onde a proporção das mulheres feias é de 50%. Entre as moças, duas filhas do governador.

Após a visita ao estabelecimento, o almôço, na sala ampla, em que se multiplicam as mesas redondas. Cardápio fino e farto, em que se lêem, ao lado do nome da iguaria, os das alunas que os prepararam. É a noção da responsabilidade nos domínios do forno e do fogão.

Sôbre a toalha branca, de linho puro, rosas vermelhas. Nas outras mesas, oito a oito, as alunas, festivas, gárrulas, joviais, com discrição, elegantes. Servem-nas as companheiras, como a nós. E quando nos levantamos, tôdas elas se erguem, sem que algumas se constranjam de, ali, diante de estranhos, fazer o sinal da Cruz, com a singeleza das almas simples. Comovente espetáculo, êsse, das moças que têm fé!

Ao escrever, no livro da casa, a minha impressão da visita, descubro, ao pôr a data, que hoje é dia de meu aniversário. Quarenta e dois anos!... E passa uma nuvem triste, no céu da minha alegria...

*Sexta-feira, 26 de outubro:*

Ao amanhecer o Ceará estende no litoral os seus montes de renda, como se Iracema, civilizada, tivesse trazido para a praia as suas roupas de noivado. E Fortaleza aparece, meiga e singela, cingindo o mar com os braços de terra de Mucuripe e do arraial Moura Brasil. Ondas e ventos. Recebo, a bordo, telegramas do Maranhão, comunicando-me uma recepção festiva, com oradores no desembarque. Essa notícia põe uma gôta amarga no vinho doce da minha viagem. Desço, entretanto, em Fortaleza. Desembarque tormentoso. Quem desembarca em Fortaleza deve receber atestado de que pode trabalhar em circo de cavalinhos.

Tomo, na ponte, um auto para levar-me ao Telégrafo. Passeio um pouco pela Praça do Ferreira, que dificilmente reconheço.

Civilizaram-na. Tiraram-lhe os quiosques e o pitoresco. E eu sinto, no fundo do meu coração, saudade do Ceará antigo... Filha de Araken, por que te vestes de maiô para tomar banho nas águas de Porangaba?

Percorro algumas ruas, de automóvel. Vou a Benfica, que o motor de explosão aproximou da cidade, tirando-lhe o prestígio da distância. As ruas formigam de gente. Cafés cheios. Movimento, atividade, dinamismo. O cearense é o bonde do Brasil: nunca está quieto. Cada comerciante atravessa a rua para ir conversar, alto, na calçada do vizinho. Ouço o meu nome, duas ou três vêzes. São pessoas que, certamente, já estiveram no Rio, e me conhecem de lá.

Por tôda parte, jumentos miúdos como pôneis, e resistentes como se tivessem canelas de aço. Aqui e ali um atropêlo na circulação: é que se encontram no cruzamento de duas ruas um bonde, um automóvel, uma tropa de jumentos, e um cavaleiro num cavalo marchador. Os jumentos dão a impressão de que têm seis pernas, duas das quais de quem os monta, e que arrastam no chão, levantando poeira.

As mulheres... Aqui e ali um rosto feminino, que nos encara com espanto, num sorriso interrogativo, a testa um pouco franzida, os olhos um pouco cerrados, como se descobrisse em nós um velho conhecido, cujo nome procure lembrar. Temos vontade de fazer o mesmo. O que supomos um sorriso é, porém, apenas um movimento natural da fisionomia, determinado pela refração da luz que, obrigando-as a entrecerrar os olhos, fá-las, ao mesmo tempo, entreabrir os lábios. A luz do sol ajuda a cearense a casar-se, arranjando-lhe noivo, sem que ela queira...

Vou deixar meu cartão a Matos Peixoto, em palácio, e encontro à porta um oficial que me diz já ter estado a bordo à minha procura. Acolhimento amável, fraternal, sem cerimônias. Matos Peixoto faz-me percorrer a casa do govêrno, tôda em reformas. Apresenta-me à senhora, gentil, franca, simples e alegre.

Machado de Assis tem um paralelo entre as almas e as casas. O palácio do govêrno, em Fortaleza, é um símbolo, em pedra, da alma do Ceará, pobre, mas firme. Avarandados vastos, coloniais com azulejos do Pôrto. Grades de madeira. Paredes caiadas. Ao centro, um jardim, com palmeiras e rosas. Palácio de governador francês na Argélia.

Saímos a passeio, de automóvel. Vamos a Mucuripe. Linda praia batida pelo mar alto. Coqueirais e coqueirais. No caminho arenoso, velhas cêrcas embriagadas de sol, cambaleantes, trazendo à cabeça o seu colorido tabuleiro de melão São Caetano. Na praia,

pequenotes nus, com água até a cintura, pescando, a grande linha atirada na onda.

Almôço em palácio. Peixe, carne, cajuína, cuscuz com leite, doce de leite, e queijo.

Figura curiosa a de Matos Peixoto. Estatura mediana, moreno, bigode curto, cabeça chata, dentes miúdos e sadios, testa larga, de cabelo que sabe resistir à calvície. Temperamento alegre, jovial, infantil, rebentando às vêzes numa gargalhada despreocupada, de estudante feliz. De repente, porém, se torna absorto, soturno, afastado da gente, alheio a tudo, como se estivesse longe dali. Um psicólogo verá, em suma, nêle, uma alma que se não sabe dividir: para onde vai, vai tôda de uma vez.

À 1 hora volto para bordo. Mar grosso, impede-me, quase, a passagem da lancha para a escada do navio. Às duas horas o navio corta, já, as ondas do oceano largo.

*Sábado, 27 de outubro:*

Ao amanhecer, não se vê a costa. Aqui e ali, porém, manchas barrentas de água de grande rio. Devemos estar em frente à foz do Parnaíba. É, mesmo, o Parnaíba. Só os rios do Norte têm esta coragem de vir ao largo a fim de cuspir golfadas de água suja no rosto verde do oceano.

Meio-dia. Estamos, segundo creio, pelo cálculo das distâncias e do tempo, em frente ao meu rio natal. Sôbre estas ondas que aqui rolam, ao sôpro desta brisa que as levanta, passei eu, há trinta e seis anos, rumo do exílio e dos mistérios do destino. Conheceram-me estas vagas e êstes ventos num pequeno barco a vela. Volto, agora, em um navio de 10.000 toneladas.

Terei eu motivo, mesmo, para queixar-me da vida?

Às duas horas avista-se o farol de São Marcos. Às três a cidade. Como é bonita a minha São Luís com as suas casas trepadas umas sôbre as outras, numa festa de telhados que se superpõem, como se lá dentro não houvesse ruas nem praças!

O "Pedro I" lança ferro a 30 metros de terra. De bordo, vê-se a rampa embandeirada, e o povo aglomerado, ao sol. Chegam a bordo os representantes do govêrno, autoridades, e o diretório do Partido. Despedidas, abraços afetuosos de amizades feitas em oito dias, e que se extinguirão em oito minutos. Ao pisar na rampa, os correligionários avançam, abraçando o filho pródigo, que não o é tanto pois que traz mais do que levou. Uma banda militar ataca o hino maranhense. O Dr. Clarindo Santiago sobe a uma tribuna armada no cais, e lê um discurso. Respon-

do-lhe com a emoção de quem acaba de reconciliar-se com pai e mãe. Soam as palmas. Reboam os vivas.

O cortejo sobe a rampa, conduzindo-me a palácio, que é franqueado ao povo, e onde me espera o Presidente do Estado. Impressão feliz da casa do govêrno: elegante, vasta, majestosa, embora sem luxo. São-me destinados os aposentos em que se hospedou recentemente, com a família, o Príncipe D. Pedro de Orléans e Bragança. Temperatura agradável, que a brisa do mar suaviza ainda mais.

À noite, jantar político, em minha honra, oferecido pelo Presidente, com a presença do Vice-Presidente do Estado, membros do diretório, secretários do govêrno, Presidente do Tribunal de Justiça, e altas autoridades estaduais.

À mesa, estão Alfredo de Assis, meu companheiro de fome no Pará, e que é, hoje, diretor da Biblioteca Pública, e Luís Carvalho, que me encheu de tanta inveja, uma noite, em Parnaíba, quando eu, humilde e obscuro, o ouvi, do meio da rua, recitar uns versos de Múcio Teixeira no salão do comerciante James Clark.

*Domingo, 28 de outubro:*

Desperto cedo, com o céu côr de porcelana, e uma claridade suave envolvendo a cidade inteira. Uma brisa mansa, familiar, vem dar-me os bons-dias dentro de casa. De repente, os sinos começam a estalar os bicos de bronze, como uma revoada de canários matinais: sinos que tocaram rebates miúdos, nervosos, aflitos, no tempo dos capitães-mores; sinos antigos, que cantaram, talvez, aos ouvidos de Vieira. É a missa, que se reza na cidade tôda.

Visto-me, e saio, de automóvel. Vou ao Largo dos Remédios, ver o meu grande Gonçalves Dias, trepado no seu tronco de palmeira, voltado para o mar, como se se procurasse a si mesmo, no oceano distante. Vou ao Caminho Grande; vou a São Pantaleão. Salto em frente à modesta igreja de Santo Antônio, com o seu rude teto de tábuas tôscas, em que reboou a palavra de um Antônio que era tão grande como o seu orago, que era de Lisboa como êle, mas que, em vez de Bulhões era Vieira. Ouço uma parte da missa e vou à Igreja do Rosário. É missa de festa, com vozes no côro. Templo modesto, como de cidade decadente do interior. Mas todo enfeitado. Rosas de papel, vermelhas, roxas, brancas, espoucam nas palmas, subindo os altares, especialmente o altar-mor, onde se perfilam imagens ingênuas e primitivas. Brota-me uma lágrima imprudente ao canto dos olhos. É que

aquele ambiente me recorda, na fartura da sua ornamentação provinciana, as festas da Igreja da Graça, em Parnaíba, onde os altares eram enfeitados assim...

Percorro algumas ruas sujas, nos arrabaldes. Urubus, grandes como águias, rodopiam no céu, lutando com o vento. Chama, porém, a minha atenção a limpeza das mulheres do povo. Tôdas elas penteadas, o cabelo repuxado para trás, o vestido de chita gomado. "Toilette" domingueira na manhã clara, que também se endominga.

De regresso, quero rever os lugares em que passei uma parte da minha infância triste e trabalhosa. Passo em frente à antiga Mercearia Dias de Matos, onde pesei açúcar e lavei garrafas, e em cujo mirante li, quase soletrando, Abbeville e Yves d'Evreux. Está fechada, mas vejo que é um depósito de fumo, que vem envenenar aqui fora o ar da manhã com o cheiro de nicotina. Em frente à Catedral, no Largo do Palácio, deixo o automóvel. Visito o templo vazio, mais pobre do que eu supunha. E concluo que o Maranhão, em matéria de antiguidades, é um fidalgo arruinado. Da sua opulência antiga, se é que êle a teve, só lhe resta o brasão.

Desço, em seguida, a pé, por uma ladeira, rumo ao bairro comercial, deserto e fechado nesse dia de descanso. Quero ver a casa em que morreu meu pai. Reconheço o sobrado, e vejo a porta larga por onde deve ter saído o seu caixão. Em vez da firma Ribeiro, Gondra, que aí funcionava, leio um letreiro: "Meireles & Cia. — fabricantes de tintas". Desço ainda a rua. Tenho desejo de ver o prédio de J. A. Santos & Cia., firma rica, poderosa, de que fui empregado humilde. Está aberta a casa. É um café, o "Café do Comércio", pertencente a um turco. E eu me fico a pensar que as casas, como os homens, têm o seu destino, com as suas exaltações e as suas humilhações. A barbearia modesta pode ser, amanhã, elegante loja de modas. Na sala em que funcionou a livraria pode estabelecer-se, dentro de pouco tempo, o carvoeiro. A humilhação imposta à velha casa de J. A Santos & Cia. foi, entretanto, tremenda.

Entro no café. Sento-me a uma mesa. Revejo tudo. Ali, onde está aquela mesa encardida, ficava eu, de espanador na mão, a olhar a rua agitada, como um prêso que espiasse o mundo pelas grades de ferro do seu presídio. Ali, onde se amontoam aquelas sacas de café, era o escritório, com o Sr. Carvalhinho, um homem vermelho, de cabelo grisalho, duro, cortado à escovinha, e a quem eu respeitava como a um inquisidor-mor. E saio triste, pensativo, sentindo que tudo está encolhido, que os prédios são mais bai-

xos, como se a cidade, envelhecida, se tivesse encarquilhado para dar-me a sua bênção de avó.

Às três horas da tarde, com a garganta em fogo, efeito de uma faringite que principiou a manifestar-se pouco antes do meu desembarque ontem, partimos, de automóvel, — o Presidente Magalhães de Almeida, seu irmão Artur, o Eng.º Teixeira Brandão, que dirige a Estrada de Ferro S. Luís-Teresina, e eu, — a visitar a ponte Benedito Leite, que deve unir a ilha ao continente.

A estrada de rodagem, aberta penosamente em terreno hostil, dá-nos, com as paisagens de um lado e outro, a impressão de sertão alto. As palmeiras, principalmente o babaçu, entrelaçam-se à direita e à esquerda, ou surgem do solo, roçando com as palmas tenras as rodas do automóvel que não conseguem matá-las. Um cheiro de mato verde, castigado de sol, embalsama a atmosfera. Aqui e ali uma ponte rústica, provisória, de paus e fôlhas cobertas de terra, a qual parece levantar-se à medida que o carro passa, como se quisesse protestar contra o pêso, que não estava na combinação... Vencido o 41.º quilômetro, avista-se a ponte, com uma das extremidades ainda no ar, à espera do atêrro definitivo.

Regressamos, com a sombra dos arbustos tapeando a estrada. Um desvio do carro leva-nos ao sítio de Artur Magalhães, em pleno mato. Os cajueiros, carregados, parecem árvores de Natal oferecendo brinquedos coloridos aos meninos, que são os pássaros. Ao longe, na quietude do crepúsculo, um sabiá executa a "ouverture" do drama lírico da noite. Papagaios passam aos pares, voando baixo, e pesadamente, como aves de barro. Pombas selvagens fogem das moitas, espantadas, à aproximação do carro.

Anoitece. O mato cheira como um vidro de extrato aberto. E a tampa do vidro é a Lua, a Lua cheia, que se levanta no horizonte, diante de nós, muito amarela, muito grande, muito redonda, como uma gema de ôvo estalada no imenso prato de porcelana do céu...

Pela manhã, visito a Biblioteca Pública, no mesmo local em que funcionava em 1910, quando eu, simples caixeiro de mercearia, a freqüentava à noite. Tem cêrca de oito mil volumes inúteis. O que havia de melhor, desapareceu, com a cumplicidade de alguns diretores que nada entendiam de letras. Escritores brasileiros, raros. Maranhenses, raríssimos. Biblioteca, em suma, para penitência de letrados, pois que não se encontra, nela, o que ler.

Três e meia da tarde. A lancha do Estado, com a bandeira maranhense, tremulando ao vento, arrebata-nos pela baía, agitada pela maré de enchente. A bordo, o Presidente do Estado e um grupo de homens de letras, entre os quais o Desembargador Reis Lisboa, antigo poeta parnasiano e, hoje, austero Presidente do Tribunal de Justiça. Vamos à "Vila São Marcos", residência de verão do governador, onde o Presidente Magalhães de Almeida me oferece uma carinhosa "festa de intelectuais".

A lancha encosta ao lado da antiga fortaleza da Ponta d'Areia, onde funciona um farol, que lhe tomou o nome. Detenho-me ante as ruínas da velha praça militar. Batendo incessantemente no paredão com a catapulta das ondas, o mar, inimigo jamais vencido, fêz rolar das muralhas enormes blocos ainda conjugados, e, com êles, os canhões que sustentavam. Lançadas embaixo, na areia, as peças de artilharia foram atacadas pelos mariscos, que a elas aderiram, cobrindo-as inteiramente. E assim ficaram dormindo na areia, petrificados, os velhos canhões roncadores, tornados, com a sua roupagem calcárea, tão monstruosos quanto ridículos. Grandes fendas ameaçam novos demoronamentos da fortaleza. A maré de enchente atira ondas fortes à cara de pedra do paredão. A água entra pelas abertas, mas logo de lá volta, repelida, como um vômito.

Os automóveis esperam-nos, para levar-nos pela areia da praia, aproveitando a meia hora que a maré de enchente ainda nos reserva. À esquerda, ruge o mar, espumando, mandando onda sôbre onda. À direita, levanta-se o barranco que as águas vêm carcomendo progressivamente, a ponto de se verem já embaixo, rolados pelos vagalhões, formidáveis blocos de alvenaria do forte e farol de São Marcos, que se pendura lá em cima, esperando a hora de, como os almirantes antigos, abraçar-se ao pavilhão de luz e sepultar-se nas ondas.

Do bangalô do govêrno, onde jantamos, vemos anoitecer e, pouco depois, levantar-se a Lua. Diante de nós, imenso e espumejante, o Atlântico ergue tôdas as suas vozes de namorado bárbaro, chamando a noiva fugitiva. Êle é Otelo; ela é Desdêmona. Ela segue, porém, o seu caminho nas alturas, afastando-se cada vez mais dêle, mas prateando-lhe as espumas, à medida que sobe. Até que êle, desiludido, tomba sôbre o seu próprio leito, rugindo, chorando, mordendo os pulsos, rasgando o manto com as unhas de pedra, como um velho amante devasso e bêbedo, que, rugindo de dor e de desejo, arrancasse as cãs, que são as espumas, no desespêro do abandono e da impotência...

À meia-noite, é o regresso, de automóvel, pelo interior da ilha, banhada de luar. Um cheiro de cajus maduros, adoça o ar

leve e fresco. Aves noturnas, espantadas, atravessam a estrada em vôo rasteiro, ou voam na frente dos carros, atordoadas pela faixa luminosa dos faróis. De vez em quando recortam-se na noite clara os perfis esguios das juçaras, ninfas selvagens que dançam em tôrno das fontes. E ouve-se logo a cantiga dágua de um riacho, que elas anunciam...

*Têrça-feira, 30 de outubro:*

Visita ao Tribunal de Justiça. Almôço, em companhia do Presidente do Estado, na residência do Desembargador Reis Lisboa, Presidente do Tribunal. À noite, febre.

## NOVEMBRO

*Sexta-feira, 2 de novembro:*

Três dias de gripe violenta. Febre e agitação nervosa. Hoje, felizmente, amanheci melhor. Durante a enfermidade, a visita, duas e três vêzes por dia, do Presidente Magalhães de Almeida, que passa, pode-se dizer, os dias comigo, fazendo-me o histórico da política do Maranhão.

Hoje, dia de Finados, os sinos badalam o dia inteiro. Olho o parque do palácio, e vejo as garças, os tuiuiús, os manguaris, todos muito quietos, à beira dos tanques, os pescoços encolhidos, suspensos em um dos pés. Por que será que tôda ave ribeirinha é triste? E lembro-me que eu, como sucedeu a elas, nasci, também, à margem de um rio, nas proximidades do mar...

As palmeiras estão povoadas, porém, de bem-te-vis, de fraque prêto e colête amarelo. Voam, gritam, perseguem-se, revoluteiam, como se houvesse no ar uma infinidade de trapézios invisíveis.

Bem-te-vis, não saberão vocês, acaso, que hoje é dia de Finados?

*Sábado, 3 de novembro:*

Visito, sòzinho, a Igreja do Carmo, de que eu guardava uma idéia suntuosa. Entro, e é uma decepção. O altar-mor é apenas um tabique modesto, espetado de velas, separando em dois o grande corpo da nave. Chão de tijolo. Duas mulheres idosas varrem o templo, envoltas em nuvens de poeira, que as fazem

tossir, ao mesmo tempo que a nave estronda, multiplicando-lhes o barulho da tosse. A poeira é o incenso do deus Trabalho.

A tarde, vou ao Quartel de Polícia, modêlo de organização, ao serviço de algodão, à usina de eletricidade do Estado. Em seguida, ao Tesouro Estadual, reformado inteiramente, e em cujos baixos se armazena tôda a atividade agrícola do Maranhão. Trabalhadores de blusa remendada e despachantes em manga de camisa fervilham entre montes de sacos de arroz, de milho, de côco-babaçu e de açúcar bruto, cuja baba escura faz um lago em tôrno a cada pirâmide. Encontro dois velhos conhecidos: Eduardo Guimarães de Oliveira, que foi meu patrão no Pará, e um Sr. Lamas, antigo empregado de Maia, Sobrinho & Cia., que conheci em Granja, no Ceará, em 1906. Dou-me a conhecer, confessando diante de testemunhas o que eu era há vinte e dois anos, e noto que isso encanta os que me escutam. Parece que, dos maranhenses que sobem na vida, eu sou o único que confessa não ter nascido príncipe, e com uma estrêla na testa, como a Borralheira ou alguém por ela...

Visito, ainda, o Serviço de Águas, no Sacavém, distante da cidade uns trinta quilômetros. Tanques cheios dágua, que decanta, passa sob umas ampolas que lhe pingam algumas gotas de cloro e que depois vai arejar fora, batendo-se em extenso lençol em uma dupla escada de cimento. O que mais me encanta não é, porém, o trabalho do homem: é a natureza. Cercando os edifícios novos, em que os maquinismos chiam e estrondam, é a vegetação rica, as mangueiras enormes, vergando de frutas a joalheria dos cajueiros, e, cercando tudo isso, as juçareiras elegantes, abraçadas, trocando-se flôres e frutas, à cadência alegre do vento da tarde...

Terra bonita, a minha!

Ao regressar do Sacavém, com o Dr. Basílio Franco de Sá, que é meu "cicerone", vamos ver uma relíquia da cidade: a casa em que viveu e morreu Joaquim de Sousandrade, a famosa Quinta da Vitória.

Por trás da Praça da Justiça, um portão de fortaleza, escancarado para sempre, abre uma grande bôca em um pedaço de muro alto, de meio metro de espessura. Ao fim do terreno e após um declive, por trás de um galpão de madeira construído recentemente para estação radiotelegráfica da Marinha, vê-se a fachada venerável, à margem do Anil, para o qual dá os fundos. Velha casa solarenga, já sem teto e, quase, sem soalho. Dando sôbre o rio, um grande salão de cinco janelas, oferecendo aos olhos um dos mais belos panoramas para quem vem cansado de

ver o mundo. Longe, para além da língua de terra que termina na Ponta d'Areia, é o mar vasto e imenso, tangendo para os baixios o seu enorme rebanho de ondas espumantes. À esquerda, os navios que entram ou saem, as canoas de velas latinas em luta com os ventos que vêm do oceano. À direita, o rio sinuoso, e os mangais. E embaixo, o mesmo rio amigo e inimigo, que lhe emprestava outrora tanto encanto mas que, rompendo o dique de pedra, o sólido cais que antigamente o detinha, vem nas grandes marés auxiliar o trabalho do tempo, destruindo, depredando, desmoronando, a ponto de haver canoas abrigadas no vasto porão que fica sob o salão de cinco janelas!...

Fora, à direita, árvores enormes que se debruçavam sôbre o rio, e que se acham hoje quase sêcas. À sombra destas grandes frondes, que, como o coqueiro da modinha popular, "de saudades já morreu", deitava-se o velho poeta bizarro, de bruços, no chão, lendo Homero no original...

E a tarde desce, envolvendo a ruína da velha casa, os destroços da majestade antiga — as suas paredes sem portas, os últimos vigamentos do seu telhado, as derradeiras pedras do seu muro, — como um grande lençol de hospital que recolhesse piedosamente os despojos de um cadáver exumado antes do tempo...

*Domingo, 4 de novembro:*

Há uma festa na Escola Modêlo. Distribuição de prêmios às crianças. Dão-me uma braçada de flôres que vou depor, como quem dá o seu a seu dono, no pedestal da estátua de Gonçalves Dias. De regresso do Largo dos Remédios passo pela rua que tem o meu nome, e que corre paralela à que tem o nome de Coelho Neto.

— É a antiga Rua do Coqueiro... — diz-me Artur Magalhães de Almeida.

Vamos até o cemitério. As casuarinas gemem, tristes, na tristeza do dia, como as ouvi gemer em 1894 quando fui beijar ali mesmo, entre elas, o túmulo em que dormia meu pai.

Silêncio e desolação. Túmulos pobres, modestos, sem vaidade, como se os maranhenses, até na morte, não quisessem abandonar o Maranhão... Levam-me a ver o de Aluísio Azevedo. E fico ainda mais triste. Nada o distingue dos outros. Sôbre a lousa em que está gravado o seu nome, coroas de vidrilhos, contemporâneas da trasladação dos seus ossos, se desfazem. E eu compreendo quanto era justo Edmond de Goncourt, ao imaginar a tristeza de Jules Janin, lá na outra vida, ao ver o seu corpo sepultado em um cemitério de província...

Em seguida, vamos visitar, de automóvel, o Codòzinho, bairro pobre da capital. Não é um bairro: é uma cidade africana. As ruas, certas, subindo e descendo elevações, são constituídas exclusivamente de casas de palha, cercadas e cobertas de pindoba. De cada porta emergem duas, três, quatro crianças até cinco anos, tôdas nuas, mas nenhuma suja. Tôdas banhadinhas, algumas ainda com a pele escura pulverizada de gotas. Se no Maranhão ainda há pretos não é porque êstes não recorram à água. A culpa é de Cham.

No regresso quero ver a casa em que primeiro morei em São Luís, quando, em 1894, falecido meu pai, nos mudamos de Muritiba para Parnaíba.

— E que rua é?

— Não sei; sei apenas que é uma rua em ladeira, nos fundos de uma fábrica de tecidos.

— Vamos, então, ver as fábricas, — propõe Artur Magalhães.

O automóvel pára a uma esquina. Derramo os olhos por uma rua em declive, calçada de pedra grosseira e de passeios irregulares e estreitos. Um cheiro de gás desperta-me a memória.

Descemos do automóvel, que nos acompanha, lento. Olho cada casa. Até que, ao chegar ao atual n.º 16, não tenho mais dúvida. Era ali, naquela casa, que residia meu tio Brasil, velho oficial cego, baixo, gordo e barbado, casado com uma irmã de minha avó materna. Ali nos hospedamos, por uns dias, à espera do vapor para Amarração. Tenho ainda na lembrança o canto da sala em que me vestiram no dia do embarque. Lembro-me do meu deslumbramento, ao ver o muro da fábrica, e ao visitar o mercado que havia adiante, todo rodeado de comércio turco, com as suas mercadorias à porta. E tenho saudades... de mim!

— Que rua é esta? — indago.

— Belarmino de Matos.

— E o nome antigo?

— Rua da Inveja.

À tarde visito, com o Presidente do Estado, a biblioteca de Wilson Soares, o maior e único bibliófilo do Maranhão. Trinta mil volumes. Excelente coleção de retratos e autógrafos. Entre êstes um recibo de Joaquim Silvério dos Reis, de 33$333 ou 66$666, da sua pensão por haver denunciado a conspiração mineira.

Desde êsse tempo os mineiros aprenderam. Hoje, são êles que denunciam as conspirações alheias.

À noite, visita de conterrâneos de Miritiba, minha vila natal, vindos para abraçar-me. Admiram-se da minha memória, de lembrar-me, ainda, de coisas que vi e ouvi aos seis anos.

Telegrama do Rio, de minha mulher, informa-me que meu filhinho Humberto adoecera, mas se acha fora de perigo. Basta isso, porém, para que fique com o coração alarmado, como um sino ao alto de uma tôrre oscilante, batida pelos inquietos ventos da noite...

*Segunda-feira, 5 de novembro:*

Partida para o sertão. Às 7:30 o trem especial, puxando um carro-salão, em que vamos o diretor da S. Luís-Teresina, Teixeira Brandão, um médico, um engenheiro e eu, parte da estação da capital. Às 8:30, cortada a ilha, estamos no canal dos Mosquitos, que atravessamos de canoa, a fim de tomar o outro especial do outro lado. E às nove horas viajamos, já, em terras do continente.

A princípio, é a terra baixa, quase alagada, tôda igual, em que o mangue, afundando nela as dez unhas de cada árvore, parece agarrar-se para não ser levado pelas marés. De repente, porém, cessa o mangal, e começa o campo de criação, que o inverno transforma, durante alguns meses do ano, em grande mar interior. A estrada corta-o, em uma reta de treze quilômetros, precisamente ao centro. Estendo os olhos para um lado e outro. A planície, coberta de um gramado baixo, não sofre uma intermitência; não apresenta uma elevação. A grande distância, aqui e acolá, parece-me ver pequenos grupos de formigas, semeando de manchas minúsculas a vastidão de uma grande mesa de jantar, nua da sua toalha. São as boiadas no pasto. Muito além, onde a vista já chega com esfôrço, parece-me ver o fim da planície uniforme.

— Isto é o Campo dos Perizes, — informa-me o diretor da Estrada.

— Aquilo é o mar ou um rio? — indago de um velho mestre de linha, apontando-lhe, em uma das extremidades da várzea imensa, em que se não levanta um arvoredo ou se acocora uma simples moita, uma toalha branca e luminosa, que lhe põe têrmo.

— Aquilo não é o fim, não, senhor, — explica-me o funcionário.

E explica-me:

— Aquilo são nuvens, que descem sôbre os campos. Êles vão ainda muito mais longe...

Vencido, porém, o estirão de treze quilômetros, penetramos na mata. E esta apresenta, logo, a sua riqueza de palmeiras que se estendem em maciços compactos de um e outro lado da via férrea. Admiro-as, no meu encantamento.

A primeira a chamar a minha atenção é o velho e clássico buriti, tão amigo da minha infância. Habitante dos vales, das baixadas úmidas, anunciador de água aos caminhantes, é o buriti o incontestável imperador das palmeiras. Tronco de atleta, coroa de rei, em que se multiplicam fôlhas inumeráveis, em forma de leque, tudo, nêle, é fôrça, orgulho e majestade. Rolam-lhe pelo peito, como colares de rubis ou de esmeraldas, cachos inumeráveis de frutos redondos, uns verdes, outros vermelhos. Olhá-lo, é ter uma impressão de fortaleza e de abundância. Êle é o cacique poderoso das tribos vegetais do sertão.

Rodeiam-no, trepando do vale para a terra firme, as hostes do babaçu, que lhe formam o exército e lhe fornecem, por tôda parte, a guarda de honra. Dispersando-se pelo sertão adentro, a primeira idéia que êste nos oferece, com o seu tronco liso e direito, e com a sua copa de fôlhas largas, tentando a posição vertical, é a de um espanador espetado no chão, ou, quando agrupados, a de um grande cordão carnavalesco, de índios com os seus cocares. É a palmeira elegante, por excelência. Do seu pescoço, descem, como enfeites, cachos longos, de quatrocentos côcos ou mais, cada um dos quais tem o tamanho e a forma de um seio de mulher púbere. Se a mitologia dos nossos indígenas fôsse mais rica, o babaçu teria tido, com certeza, uma das suas lendas mais sensuais.

Às dez horas, Rosário. Vêm receber-me o chefe político, o juiz de direito, o promotor, membros do Diretório político. Esperam-me para uma visita à cidade, que fica a dois quilômetros, e onde devo almoçar. O chefe da estação preparara, porém, almôço na estação. Aceito êste, prometendo comparecer ao outro, no regresso. Após o almôço, partida. Babaçu à direita e à esquerda. Júpiter condenou Tântalo a ver transformado em ouro tudo que sofresse o contato das suas mãos prestigiosas. No sertão maranhense operou-se, por bênção ou maldição de um deus, o mesmo prodígio: todo vegetal em que pousam os nossos olhos transforma-se, de pronto, em babaçu... O ar, quente, entra-nos pela porta do carro como se viesse diretamente da bôca de um forno...

* * *

De repente, em uma estação, um nome bizarro — "Kelru". Antiga fazenda para receber holandeses, guardou o nome primitivo. O nome, e uma lenda.

— Conta-se que o dono desta fazenda — narra-me o Diretor da Estrada, — era casado com uma senhora de imaginação doentia, em coisas de amor. Na extravagância dos seus sentidos, a senhora apaixona-se por um cavalo, que o marido possui. É uma aberração. O marido, avisado por um escravo, apanha-a em flagrante de excitação do animal. Toma de uma arma, e mata os dois, o cavalo e a mulher, mandando, em seguida, que o corpo do quadrúpede seja sepultado na igreja, que é a de São Patrício, ainda ali hoje existente, e que o cadáver da espôsa seja atirado ao campo, onde é devorado pelos urubus.

* * *

E o trem corre, vencendo grandes retas, cercado de altos muros vegetais, em que as faíscas abriram clareiras.

O Rio Itapecuru, que a estrada margina, corre ora a vinte, ora a cinqüenta metros da linha férrea. Entre aquêle e esta levanta-se apenas um muro de folhagem, em que predomina o babaçu adolescente, isto é, ainda sem tronco, e que tem, então, o nome de "pindoba". O trem pára, a fim de suprir de água a locomotiva, e eu aproveito a ocasião para travar conhecimento com o famoso rio maranhense. É um curso dágua comum, de uns cinqüenta metros de largura, a arrastar a sua correnteza barrenta entre ribanceiras inclinadas, de uns dez metros de altura.

— O senhor está vendo êsse rio lá no fundo? — diz-me um caboclo, morador do lugar. — Pois, o senhor venha cá.

E levando-me até à casa de taipa, coberta de fôlhas de babaçu:

— Esta vendo êste sinal na parede, mais alto do que um homem?

Olhei a marca. E êle:

— Pois a água, no ano passado, subiu até aí...

E, como eu lhe falasse na precaridade das construções, na quantidade de palhoças que vinha encontrando por tôda parte, à margem da estrada:

— Para que fazer casa boa? Pro rio levar?

O caboclo tem razão. Se o rio leva, todos os anos, as casas da margem, afugentando os moradores, para que fazer outro gênero de moradia, que não a casinhola de pindoba, que o Itapecuru arrasa em uma hora mas o sertanejo levanta em um dia?(1)

---

(1) A vida das populações ribeirinhas do Maranhão evoca, integralmente, a dos egípcios do tempo de Sesóstris (Vide Maspero: Au temps de Ramsès et de Assourbanipal, pág. 2 e seg.)

Ao meio-dia paramos em uma estação de certa ordem. É Itapecuru. A cidade fica longe, à margem do rio. Uma comissão de políticos espera-me. Entram todos no carro, acompanhados de crianças das escolas, que me vêm trazer flôres. Discurso do Promotor, ao qual respondo. Um cheiro de vegetação torturada pelo calor espalha ópio na atmosfera. Prometo voltar à vila de João Lisboa e Gomes de Sousa. O trem apita. E eu me despeço, comovido, dessa gente tão boa, e tão singela, que espera do Rio de Janeiro, os benefícios que merece como os hebreus esperavam, na vastidão do Deserto, o maná de Moisés. Com uma diferença, apenas: é que os israelitas esperavam o maná, e o tiveram...

Após a partida de Itapecuru despencou a chuva que o calor prenunciava. Sobe da terra quente um hálito de fornalha cujo fogo se tivesse abafado de súbito a jatos dágua.

A chuva passa, porém, ou nós a deixamos atrás, e penetramos, depois de Cantanhede, parada em que a máquina se abastece, em uma região diferente. Não deixa de haver babaçual mas já predomina, aí, a vegetação ingrata e hostil do "sabiá", da unha-de-gato, dos cipós espinhosos fingidamente secos, que formam verdadeiras rêdes de arame farpado.

Às 3:30 atravessamos, a tôda velocidade, um povoado, composto de uma grande e larga rua de casas de palha. As galinhas fogem, invadindo as casas, e os cabritos desaparecem com elas, aos pinotes.

— Pirapemas, — comunica-me o Diretor da Estrada.

E para despertar o meu interêsse:

— Terra do Viriato Correia...

Às 5:30, com um resto de dia nas nuvens em que o Sol se embrulhou com febre escarlatina, surge, enfim, Coroatá, para onde convergem, dando-lhe movimento, as estradas de rodagem do Norte do Estado.

À aproximação do trem, estruge o Hino Maranhense. Políticos locais. Moças. E o povo sertanejo, tão pronto a festejar quem vem de longe. O desembaraço dos homens e a distinção e gôsto das mulheres, patenteados no vestir, mostram que a cidade tem animação, tem vida, e confiança no seu destino. Forma-se o cortejo, com a música à frente, e vamos para a pensão em que me está preparado o jantar político.

Dizem os economistas que a adoção do trigo na alimentação é o sintoma característico da civilização. Onde chega o pão, chegou o progresso. O hotel, e a casa de pensão, que é uma das suas modalidades modestas, têm, no interior do Brasil, a mesma significação. A cidade, ou vila, que tem hotel, demonstra que vive

em contato com outras, que é procurada por estranhos, que aí vão repousar ou comerciar. A falta de hotel, e de pensão, é a cruz mortuária sôbre uma localidade.

E Coroatá não tem apenas um hotel ou uma pensão: tem seis ou oito, cada um com o seu letreiro na fachada, atraindo os passageiros do trem, vindos do litoral ou do sertão, ou, ainda, os que vêm de Pedreiras e Barra do Corda, pelas estradas recentemente construídas.

Jantar abundante, suculento. Discurso do promotor, que me conheceu no Pará. Brinde do velho chefe político sertanejo, Coronel Jefferson Nunes, ao Presidente do Estado. E após, um passeio de automóvel pela cidade, suavemente banhada por um pedaço de lua sertaneja, e que se espreguiça à vontade no sertão imenso como uma criança, numa cama de casal. As ruas, direitas e largas, estendem-se com as suas filas de casas caiadas, mas na maior parte cobertas de palha, que suaviza, mais do que a telha, a inclemência do sol nos seus fogaréus do meio-dia.

Após o passeio, faz-se a roda, à porta da pensão. O círculo de cadeiras se alarga. Em outro círculo, feito pelo povo, sob a proteção da noite fresca, uma banda de música exibe os seus dobrados, com a maestria nascida menos da técnica do que da vocação. O Juiz de Direito do Codó, que se acha aí de passagem, fala-me do Rio de Janeiro, e das sessões da Academia, a que comparecia quando estudante. O promotor refere-se ao meu discurso de recepção. E eu fico a pensar, sòzinho, o que será mais doloroso: se ficar-se até à morte, na pequena terra em que se nasceu, sem, jamais, vir olhar aqui fora o oceano tumultuoso da civilização larga, ou regressar à vida simples e sossegada de uma pequena cidade sertaneja depois de haver provado os inúmeros venenos do mundo...

Às oito horas, partida. Prometo avisar de Caxias o meu regresso, a fim de ser preparado um baile.

— Estou com setenta e dois anos, — confessa-me o Coronel Jefferson; — e só há dois anos deixei de dançar.

E ao meu ouvido, alto, para suplantar as vozes da música:

— Dancei até os setenta!

Vivas. Palmas. Adeuses. O Hino Maranhense. E o trem em marcha, atirando à noite o seu penacho de faíscas, que são beijos de fogo, que sobem, revoluteiam, e se apagam...

Em viagem, o Diretor da Estrada conta-me achar-se grandemente disseminada em Coroatá a paixão do espiritismo. E adianta:

— Um dos espíritos que mais apareciam era o do Padre Antônio Vieira; mas, ùltimamente, desapareceu, avisando que se ia

encarnar outra vez. É corrente, por isso, no Maranhão todo, que, dentro de dezoito anos, aparecerá no Estado um grande pregador. É o Padre Vieira que volta ao mundo.

Dez e meia da noite. Codó. Música. Vivas. Comissões políticas e operárias. E o Prefeito, jovem e animoso, que tem nas mãos um dos mais prósperos municípios do interior. Avisado de que só demoraria minutos, aguardou-me com um chá em uma casa próxima. Café, chá, e bolos, os saborosos bolos de ovos, que eram uma das maiores tentações do meu apetite, quando criança. Prometo passar pela sua cidade de dia, no regresso. O povo, que me acompanhara até à casa em que a bondade municipal me homenageara, leva-me, de novo, até à estação.

Vivas. Música. E o trem parte, cortando, como uma faca de aço que despede fagulhas, o pão negro da noite...

*Têrça-feira, 6 de novembro:*

Não dormi a noite tôda, como se imagina. Se, durante a marcha do trem, abria as janelas do carro, ligado à locomotiva, as fagulhas entravam por êle, incendiando o colchão da cama. Se fechava as janelas, o calor tornava-se insuportável. Às quatro horas, enfim, paramos. É Flôres, ou Senador Furtado, extremidade sertaneja da linha, em frente à capital piauiense.

Às cinco horas saio para a plataforma do carro, a ver o dia que nasce. Manhã do Nordeste, cheirando a vegetais, com um perfume capitoso, que não se sabe de onde vem. Os sentidos evocam, pelo prestígio do olfato, as manhãs cheirosas dos altos sertões cearenses: de Baturité, de Quixadá, de Granja, de Sobral, do Canindé, do Cangati... Apenas, aqui, em vez da temperatura suave, o ar, parado, anuncia, já, o dia africano. Em uma casa próximas as graúnas soltam notas de flauta, festejando o Sol, que vem perto. E êste acende a sua fogueira no horizonte, para o incêndio de doze horas.

Às sete horas chega à estação uma banda de música, da polícia piauiense. E pouco depois o Governador do Estado, João de Deus Pires Leal, meu amigo de infância, meu companheiro de escola primária, em Parnaíba. Acompanham-no os seus auxiliares de govêrno, que êle me apresenta.

— Vamos para Teresina, — convida.

E pomo-nos a caminho, a pé, para a margem do rio, que fica a uns duzentos metros da estação.

E vejo, enfim, o Parnaíba, como quem revê um conhecido, um amigo íntimo, a quem se não vê há muitos anos. Uma emo-

ção doce-amarga se apossa de mim, à medida que me aproximo da ribanceira. E ei-lo que me surge, escuro, barrento, no fundo das suas barrancas, a correr para baixo, veloz, arrastando na descida detritos de vegetação. Na margem fronteira, a uns duzentos metros, coroando uma grande extensão de ribanceira gramada, derrama-se a capital piauiense, com o seu casario baixo, as orelhas das suas tôrres católicas, e o penacho tupinambá dos seus coqueiros. Para um lado e outro, da margem maranhense e da margem piauiense, estende-se a mataria uniforme, sem um morro, sem uma elevação, sem uma ondulação sequer, até se perder na imensidade das distâncias...

Olho a água barrenta, e tenho a impressão de que o rio, êle também, me reconhece. Quantas vêzes, dos oito anos aos quatorze, me atirei no seu leito marulhoso, nos tempos de enchente, atravessando-o a nado, salvando-me, por milagre, de ser arrastado pelas suas correntezas apavorantes! Quantas vêzes não fui atirado por êle sôbre as embarcações ancoradas ao largo, e salvo por êle mesmo, que me arrebatava para as coroas distantes, como se me quisesse mostrar o detrito de palha que eu era sob o domínio das suas correntes! Três dos meus companheiros de infância morreram afogados... Eu, entretanto, o mais temerário, fui conservado, e salvo da morte mais por piedade dêle do que, pròpriamente, por esfôrço meu.

— Obrigado, rio amigo! — disse-lhe, de mim para mim, dentro do meu coração.

E tomei, com o governador, a lancha que nos esperava.

* * *

Se algum dia eu praticar um crime, e quiserem punir-me, condenem-me a viver em Teresina dez, cinco, ou mesmo dois anos da minha vida. Eu não sei, em verdade, de cidade que mais se pareça com um degrêdo, dentro do Brasil, ou fora dos seus limites. As aldeias cearenses e maranhenses que eu conheço, são sepulcros de vivos, com o silêncio que nelas reina, e com a falta de comunicações. Mas têm pitoresco, e são aldeias. Teresina, ao contrário, é uma aldeia grande, com o pomposo título de capital. É como êsses nobres que se envaidecem do título recebido, mas que não têm nem dinheiro, nem roupa, nem educação.

Logo ao desembarcar eu tive essa impressão triste. À margem do rio, apareciam à flor dágua os destroços de velhas lanchas e de velhas barcas destruídas aos poucos pela correnteza, e que ninguém têm coragem de remover, para impedir as atraca-

ções. Coroando êsse cemitério, a rua fronteira ao pôrto se estende sem calçamento, orlada de capim, como uma estrada de roça. E o coração da cidade não é diferente. À passagem dos automóveis que nos conduzem, levanta-se do chão fôfo, arenoso, um pó amarelo e implacável, que fica bailando no ar durante minutos, por falta de viração que o carregue. Aqui e ali uma rua esburacada pelas enxurradas de invernos seguidos, e em cujo leito se vem juntar a água dos banheiros ou dos quintais, com a sua sujeira ou a sua espuma de sabão. Vastos panos de muros, ou grandes lanços de cêrca de madeira ou de arame, separam as habitações baixas, em que as janelas chegam à altura do umbigo. E nessas ruas cheias de poeira e faiscantes de sol, apenas de longe em longe um transeunte descalço, tocando um jumento miúdo, que chouta maquinalmente carregando pequenos barris com água do rio ou caixões com telhas e tijolos. E por onde passa o jumento, ou o homem, fica, durante meia hora, a nuvem de poeira, como se um e outro tivessem, à maneira do que sucede nas mágicas, se dissipado em fumaça...

Conduzido a palácio, isto é, à residência do governador, que é o antigo e famoso "Colégio Karnak", de que foi diretor o pai de Félix Pacheco, é servido, aí, o café com leite, e o chocolate. Em seguida sai o governador a mostrar-me a sua cidade — cidade que tem apenas uns oitenta anos, mas que nasceu velha, — ou melhor, a apanhar sol e poeira, e a olhar, de automóvel, as vastas cêrcas e os largos panos de muro.

Ao meio-dia, hora oficial, — que corresponde à uma hora nos relógios comuns, o almôço, com o meu excelente companheiro de infância. O criado serve-me maionese de peixe com uma fatia de bife. O governador intervém, corrigindo o engano. E às duas horas, visitados, sob uma temperatura de 36º à sombra, alguns serviços públicos, torno para a margem maranhense, — dispensando o governador de atravessar o rio, em virtude de se estarem dando distúrbios políticos em um dos bares da capital.

Pobre Joca Pires Leal! Que fortuna darias tu para que te tomassem o govêrno, e para que uma revolução vitoriosa te expulsasse da cidade!...

Quatro horas da tarde. Estamos em caminho de Caxias.

A melhor surprêsa que Caxias me ofereceu foi, assim, a existência de um espírito literário; retardado, é verdade, mas vivo. Convém, todavia, acentuar que o tema de duas ou três poesias que ouvi, era o leproso, o que me vinha confirmar a notícia, que tinha, de ser a velha cidade maranhense um dos maiores focos dessa implacável enfermidade.

Às dez horas, despeço-me. Os automóveis rolam na noite escura, levemente clareada por lampiões espaçados.

— Desejo ver a casa em que nasceu Coelho Neto — declaro.

O carro muda de rumo, e entra em uma rua estreita.

— É esta, — diz-me o Coronel Castelo.

É uma casa térrea, baixa, de quatro janelas de frente. A cimalha, com o pêso das chuvas, desabou em parte, entre as duas janelas do centro. A cal, que a pintava, descascou, deixando aparecer os restos amarelos da pintura primitiva. No frontispício, um letreiro, que o toma todo: "Tip. "Jornal de Caxias".

— Está agora abandonada, — informam-me. — O "Centro Artístico" adquiriu-a, porém, agora, para reconstrui-la e fazer, aqui, a sua sede...

Instantes depois, um apito. E o trem partia, na noite negra.

Oito horas da manhã. Rosário. O Dr. Pinheiro, Juiz de Direito, vem buscar-me na estação, para um chocolate na sua casa. Em seguida, uma visita à cidade.

Duas ruas largas correm à margem do Itapecuru, que se espreguiça lá embaixo, humilhado por lhe terem as casas dado as costas, atirando-lhe os seus dejetos. Insultado, o rio arranjou uma ilha em frente à cidade, e em tôda a extensão dela, e desliza, em parte, por fora, como um protesto honrado das suas águas.

Em uma praça vasta, de arborização farta, o pequeno templo da Igreja do Rosário.

— Nesta igreja o vigário, que é aliás amigo do govêrno, fêz um sermão durante as eleições contra o senhor, o D. B. e o V.

— Por quê?

— O D. e o V. por viverem amancebados.

— E eu?

— O senhor, diz êle, por causa dos livros que o senhor escreve.

— Ainda bem.

Meio-dia. São Luís. Banho. Almôço. Repouso.

*Quinta-feira, 8 de novembro:*

Visita a alguns amigos. À noite, banquete oferecido por José Andrade, em sua casa. Senhoras em "toilette". Após o banquete, os homens vão para o terraço, e as damas para o salão. Separação absoluta dos sexos.

*Sexta-feira, 9 de novembro:*

Visita à Associação dos Empregados no Comércio. Saudado por um membro da diretoria, respondo, em palavras saídas do coração. Recordo a minha condição de antigo caixeiro, de auxiliar humilde do comércio maranhense, lembrando a emoção com que, deputado e acadêmico, revia as ruas por onde andara tantas vêzes, menino ainda, suarento e em mangas de camisa. Ali, entre êles, sentia-me entre amigos, entre irmãos, entre companheiros. Que êles, caixeiros de hoje, estudassem e trabalhassem; e, certo, o Destino seria tão generoso com êles quanto fôra comigo. Servida uma taça de champanha, saí. Eram sete e meia da noite.

Às oito horas, banquete dos intelectuais maranhenses, no Cassino, em homenagem ao escritor que voltava à terra natal. Setenta convivas, que subscrevem, e me entregam, um cartão de presença, com o nome de todos os presentes. Fala, saudando-me, Alfredo de Assis, diretor da Biblioteca Pública, professor da Faculdade de Direito, meu companheiro dos dias de fome no Pará, o qual lê um discurso generoso, mas excelentemente escrito. Respondo-lhe sem conhecimento antecipado daquilo que êle iria dizer. Evoco a nossa vida fora do Maranhão, mas solidários com a geração surgida em 1902, à qual pertencíamos, contudo, pelo espírito, pela comunhão do pensamento mantida no exílio. E concluo concitando os homens de letras do Maranhão a se reunirem de novo para o trabalho, para a atividade mental, a fim de que se não interrompessem as tradições literárias da nossa terra. E concluía com uma ou duas comparações históricas.

Meu discurso não me pareceu, porém, do agrado do auditório. O Maranhão morre, mentalmente; mas os responsáveis por essa catástrofe não querem que se fale em tal coisa. Eu acabava de fazer o elogio da corda na casa de um enforcado. As taças retiniram, porém, chocando-se. E eu sorri contente, ao verificar que o banquete se realizara na mesma rua em que eu fôra modesto caixeiro de mercadoria, e que se levantava, na esquina, o sobradão em que eu vivi quase dois anos, e onde a maior aspiração que me nasceu foi possuir uma pequena casa de comestíveis, onde eu, de braços à mostra, vendesse, alegre, o arroz, o vinho, a manteiga, o feijão...

Na noite estrelada, às dez horas, após o banquete no Cassino, cinco ou seis automóveis nos arrebatam, pelo Caminho Grande, rumo da vila operária onde as classes humildes me prepararam uma afetuosa demonstração política. Vamos, nos carros, o Chefe de Polícia, o Prefeito, o Inspetor do Tesouro, desembar-

gadores, juízes de direito da capital, outras autoridades, e eu. Ao penetrar a comitiva a estrada que vai dar ao bairro operário, dois foguetões estalam, e rebentam dos lados do caminho, iluminando-o, colorindo-o, fogos de artifício. O automóvel penetra um arruado de casas de palha, entupido de gente humilde. A banda de música da Polícia toca o Hino Maranhense. E eu salto entre vivas e palmas sob um dossel de bandeirinhas esvoaçantes e penetro, agradecido, uma sala humilde, iluminada a acetileno, repleta de homens e mulheres de côr, e em cujo centro se estende uma grande mesa coberta por um pano vermelho.

## 1 9 2 9

## JANEIRO

*Têrça-feira, 1.º de janeiro:*

Há um ano, precisamente, escrevo êste "Diário", em que foram registradas as minhas emoções e lembranças de cada vinte e quatro horas. A regularidade dessa anotação cotidiana custou-me pelo menos um livro, pois que, habituado a publicar dois volumes por ano, só publiquei em 1928 um, a "Antologia da Academia Brasileira de Letras", obra que, aliás, já se encontrava pronta para o prelo desde 1924. Em compensação voltei à atividade na imprensa com a minha seção "Vida Literária", no "Correio da Manhã", a qual constituirá, no ano corrente, um sólido volume de crítica. A Política tem assaltado com desusado vigor o patrimônio das minhas horas. Eu hei de fazer, porém, sempre, como os batedores escravos, os quais catavam diamantes para os senhores mas arranjavam sempre um meio de guardar um para si mesmos, ou para uma pessoa querida. O diamante de uma ou duas horas que eu recuso à política, dou-as à literatura.

Não sei se ela, no futuro, me agradecerá o esfôrço. O que é certo é que eu, só de lho consagrar, me sinto recompensado e contente.

Entremos, assim, na porta de ouro de 1929.

*Quarta-feira, 2 de janeiro:*

— Você vive constantemente preocupado! — dizia-me ontem um amigo.

— É engano seu, — respondi-lhe. — Eu nunca ando preocupado porque ando sempre ocupado.

E assim é, realmente. A preocupação é moléstia exclusiva dos que não têm ocupação, isto é, dos que, nada tendo para pensar ou fazer hoje, se ocupam hoje com o que têm de fazer ou pensar amanhã.

*Sexta-feira, 4 de janeiro:*

Examinando neste princípio de ano a situação mental da Academia Brasileira de Letras, chego à conclusão de que todo o seu desprestígio provém da desproporção da idade dos dois grupos que a formam. A Academia está constituída, hoje, de um núcleo de homens acima de sessenta e cinco anos, e de outro abaixo de quarenta e cinco. Os muito idosos são demasiadamente condescendentes com os muito novos. Há, entre uns e outros, doçuras de avô e neto. Os velhos tudo perdoam aos moços, a começar pela sua ignorância, como se êles não fôssem depositários de uma fortuna alheia, destinada não aos descendentes mais meigos, mas aos mais capazes.

É preciso lançar uma ponte sôbre o rio da vida, para que as duas margens se comuniquem, tornando-se a terra uma só.

*Têrça-feira, 8 de janeiro:*

Em uma visita ao terreno em que pretendo edificar minha casa, no Andaraí, passávamos pela Rua Barão de Mesquita, quando, quase à esquina da Rua Uruguai, minha mulher exclamou, em frente ao n.º 572:

— Olha, que pena! Uma casa tão bonita, e abandonada!

Era, efetivamente, um belo prédio de sobrado, com uma entrada de escada de mármore e, em cima, sôbre a escada, um terraço coberto de vidro. Casa nova, de construção moderna e sólida, com uns seis ou oito anos de concluída. O aspecto de abandono, de desmazêlo, era, todavia, impressionante. Portas e janelas rigorosamente fechadas. No jardim, de grade de ferro, não havia um canteiro, ou vestígio de ter havido algum. O capim e o mato rasteiro dariam pela cintura de um homem, alcançando, já, o balaústre da grande janela de frente. Na escada de mármore, embaixo, havia, à toa, latas velhas, pequenas e grandes, postas ali como se aquilo fôsse monturo. Em cima, no terraço de arquitetura, viam-se, nos balaústres, latas, pratos, bilhas de barro e outros objetos domésticos. Junto ao portão da rua, ao alcance da mão, um prato com resto de comida, destinado a um cachorro ou a um gato.

— De quem será esta casa?!... — pensou, alto, minha mulher.

—Só pode ser do Clóvis Bevilacqua! — disse por pilhéria.

Chegado à cidade, pergunto a Freitas Bastos, chefe da Livraria Leite Ribeiro e sobrinho afim do grande jurista:

— Bastos, onde mora o Clóvis?

E êle, com ar de riso, disfarçando a vergonha da informação:
— Barão de Mesquita, 572...

*Quinta-feira, 10 de janeiro:*

Na secretaria da Academia, hoje, conversávamos, em um grupo, sôbre a fidelidade conjugal dos homens, quando Coelho Neto informou:

— Eu conheci um homem fiel ao pacto conjugal: Euclides da Cunha.

Pôs um cigarro na piteira longa, e contou:

— Uma vez, estando a mulher dêle para ter criança, sentiu êle que a abstinência lhe estava fazendo mal. Encontrou-se comigo na Rua Sete de Setembro, e falou-me no assunto, com o recato de quem trata de coisas delicadas. — "Isso é fácil, — disse-lhe; — vamos ali". Nesse tempo ainda havia meretrício na Rua Gonçalves Dias. Quase na esquina do Largo da Carioca, ao lado daquela sorveteria que ainda existe, a "Maison Glacé", havia, num sobrado, uma casa de mulheres. — "Sobe, que eu te espero aqui ao lado, na sorveteria", — disse-lhe, empurrando-o pela porta. Êle quis apresentar objeções, mas eu o impeli para a frente, e êle subiu.

— Dez ou quinze minutos depois, — continua Neto, — chega Euclides na sorveteria.

— "Então? Já?" — pergunto.

— "Qual, seu Neto, não pude. Opunha-se, entre mim e ela, a sombra da minha mulher!..."

*Sexta-feira, 11 de janeiro:*

Ao dissolver-se, ontem, na Academia, a roda em que Coelho Neto contava o escrúpulo de Euclides da Cunha, Silva Ramos, que já foi abandonado pela mulher, pôs a mão no meu ombro, e disse-me:

— Eu também sou assim... E sei que você também é...

— Eu?!... — exclamei aterrorizado. — Eu?!...

E retirando-lhe a mão do meu ombro:

— Não, senhor!... Protesto veementemente!...

*Segunda-feira, 14 de janeiro:*

Data com que implico. Dia em que me há de acontecer qualquer coisa de terrível, de fatal, de irremediável. Êste ano... não me aconteceu coisa nenhuma!

*Sábado, 19 de janeiro:*

Um livro que, se eu puder, ainda escreverei, é o que estude a influência da mulher legítima na vida dos homens ilustres, principalmente na dos escritores. Que sofreu Sócrates, com a sua Xantipa? E Diderot, com a sua Annette? (Sainte-Beuve, "Portraits littéraires", I, 249). E Gonçalves Dias, com a sua Olímpia? E Artur Azevedo, com a sua Carlotinha? E o pobre Euclides da Cunha, o mais infeliz de todos?

Para os homens que levam no lar vida tormentosa, a canga da vida é duas vêzes pesada. Os felizes levam carga de esponja sêca. Os desventurados levam a sua mergulhada nágua...

*Quarta-feira, 23 de janeiro:*

Surpreendido na Livraria Leite Ribeiro, sem possibilidade de fuga, sou forçado a fazer frente a D. Amélia Freitas Bevilacqua, espôsa do grande jurisconsulto.

Baixa e grossa, vestida sempre de prêto, o seu corpo recorda um saco de 1m40, cheio de côcos da Bahia, — tantos são os nós, caroços e saliências que surgem de todos os lados. Cabelos pintados de azeviche, êstes lhe escorregam, em fios soltos, pelo pescoço, pela cara, pelas costas, escapando-se de um chapéu de palha preta que mais parece um paneiro velho pousado em cima do saco. Entre o chapéu e os ombros tortos, uma cara morena, olhos negros e estúpidos de gente surda, espantam com um sorriso alarmante a pessoa que se aproxima. Acompanha o fantasma outro menos velho, com tufos enormes de cabelos saindo de outro chapéu velho. É uma das filhas do casal, que se esganiça ao ouvido materno quando alguém se dirige à sua pessoa.

Ao ver-me, a bizarra criatura começa a me falar. Quero dizer-lhe alguma coisa, mas é tolice. Ela não ouve nada, e, se lhe digo alguma palavra, ela a pisa com as suas, e passa adiante. Desanimado, deixo-a falar, mesmo porque a filha se acha um pouco afastada.

— Eu vou publicar um livro, — diz-me alto, como se o surdo fôsse eu. — E vou mandar-lhe um exemplar... Com certeza não leu a tradução que eu lhe mandei de Jean de Robert... É um escritor francês muito interessante... O senhor há de ficar espantado como é que eu escrevo... O Mestre Clóvis acorda muito cedo... Escreve desde as seis até às nove e meia... Eu só me sento à mesa às oito, depois do café... Escrevo uma hora, se tanto... E isso mesmo com a filhinha menor, que está com

cinco anos, a me puxar pela roupa, chamando por mim... Às nove e meia saímos... Almoçamos na Brahma e vamos nos sentar num jardim público... Jantamos e voltamos para casa... Isso é todo o dia... Quando chove vamos ao cinema...

— ...

— Assim mesmo eu traduzi Jean de Robert... Achei que era uma alma muito parecida com a minha... Mandei a tradução a êle e êle mandou cobrar os direitos autorais... O Mestre Clóvis mandou o dinheiro e êle me escreveu, perguntando porque é que eu não vou à Europa... Êle mandou me dizer que, quando eu fôr, avise com antecedência que êle vai me receber a bordo para me mostrar os encantos de Paris... Êle mora na província, mas vai para Paris me esperar...

E eu penso, de mim, comigo:

— Se ela resolve ir a Paris, que susto vai tomar o Jean de Robert!...

*Quinta-feira, 24 de janeiro:*

A Academia, por proposta de Afonso Celso, resolveu organizar a gramática oficial. Foi indicada uma comissão, de que faço parte. Gustavo Barroso entra, igualmente, por ser membro da mesa, e ter sido esta que escolheu a comissão.

Os trabalhos vão começar, assim, com a colaboração do homem de letras que menos entende de gramática, e que sou eu, e do que pior escreve, que é êle.

*Segunda-feira, 28 de janeiro:*

Leio, no livro de D. Carolina Nabuco sôbre a vida do pai, que Joaquim Nabuco preferia que a Academia fôsse constituída de espíritos representativos. Em carta a José Carlos Rodrigues, que era um dos seus candidatos, êle condenava a "concepção acanhada da inteligência que fazia preferir às fôrças intelectuais poderosas, pequenos e insignificantes fios do pensamento sòmente porque deslizam por areias e pedras mais ou menos sonoras".

Êle era uma cachoeira que tinha fôrça e majestade. Que diria êle, assim, da Academia de hoje, onde os fios do pensamento descem de torneiras enferrujadas, e assim mesmo com intermitências?

*Quinta-feira, 31 de janeiro:*

Quando se dá um atentado ao pudor, o que a medicina legal primeiro procura apurar é se houve ou não efusão de sangue. No caso negativo, há probabilidade, de oito contra dois, de que se trate de virgindade falsa, isto é, não de uma virgem, mas de mulher prostituída.

Diante disso, que ilação tirar da República, e das suas origens, quando lemos que ela foi "feita" "sem sangue"?

## FEVEREIRO

*Sexta-feira, 1.º de fevereiro:*

Em visita à Biblioteca Nacional, vou ver no seu gabinete o diretor, meu velho amigo Mário Behring. Alto, magro, um topête de cabelo duro e grisalho subindo-lhe da testa, fazendo ainda mais longo o seu rosto comprido, revolve êle alguns requerimentos, quando entro.

— Vê, só, — diz-me êle, ao fim de alguns minutos de palestra: — vê, só, o que é a vida de um escritor no Brasil. Aqui está um requerimento da Companhia Melhoramentos de São Paulo, pedindo o registro de compra de duas obras: "História da Civilização", de Oliveira Lima, e "A Cidade Maravilhosa", de Coelho Neto.

E numa indiscrição, que a intimidade justifica:

— O Oliveira Lima ainda vendeu os direitos autorais por seiscentos dólares; mas o Coelho Neto...

Verificou o requerimento, e concluiu:

— Vendeu os dêle por três contos de réis!...

*Domingo, 3 de fevereiro:*

Eu precisava apurar, como outros apuraram a sua genealogia, as origens do meu estilo. Houve um período, aos vinte e poucos anos, em que eu me deixei arrastar pelo preciosismo bizarro de Fialho de Almeida, com intercalações de Camilo. Mais tarde, eu despi a minha prosa dos enfeites portuguêses, e ornei-a com os ouropéis de Chateaubriand, cuja suntuosidade verbal me encantava como ao Rei Clóvis a ornamentação católica da igreja de Reims, no tempo de São Dênis.

Pouco a pouco, porém, com a leitura de Anatole France, eu me fui despojando dos excessos de imagens e redundâncias, até

adquirir o meu estilo a forma atual, em que os vocábulos sonoros não espantam nem as hipérboles atordoam o leitor.

A minha aspiração consiste, hoje, não no brilho, mas, e ùnicamente, na simplicidade e na elegância.

*Têrça-feira, 5 de fevereiro:*

Olegário Mariano mostra-se aflito e, antecipadamente, encantado com o artigo que, na sua opinião, eu devo escrever sôbre o seu último livro, "Canto da Minha Terra". A sua atitude comigo chega até à infantilidade. Ontem, levou-me a tomar um café. E de repente, como quem descobre o modo mais elegante de fazer-se entender:

— Quem vai ficar contente quando você escrever a meu respeito é o Edmundo!

O Edmundo é Edmundo Bittencourt, dono do "Correio da Manhã", onde eu escrevo.

*Quinta-feira, 7 de fevereiro:*

Na sessão de hoje, na Academia, Roquete Pinto, que sucedeu ali a Osório Duque Estrada na cadeira em que sentara Sílvio Romero, comunicou à mesa não ter comparecido, por motivo respeitável, à inauguração do mausoléu do seu antecessor, erigido com o produto de um prêmio literário conferido ao escritor paulista Edvard Carmillo. Augusto de Lima desculpa-se igualmente, sendo acompanhado por Adelmar Tavares. Ao fim, o Presidente declarou:

— A mesa está ciente, e eu próprio comunico à Academia que, detido por um dever da minha profissão junto ao leito de um doente, também não compareci.

E eu, para Roquete Pinto, ao meu lado:

— O Osório terá comparecido?

*Têrça-feira, 12 de fevereiro:*

Em palestra com Roquete Pinto, eu lhe conto a impressão desagradável que Magalhães de Almeida, Presidente do Maranhão, me transmitiu, de uma visita a um acampamento de índios nas margens do Tocantins.

— Ah! É horrível! — confirma o autor da "Rondônia". — A companhia é a mais repugnante que se pode imaginar.

E contou:

— O índio vive contìnuamente soltando gases, sem a menor cerimônia. E isso ruidosamente, tanto por cima como por baixo. De modo que, onde êles estão, o mau cheiro é insuportável.

E eu, de mim, comigo:

— Ah, Gonçalves Dias de uma figa!...

*Quinta-feira, 14 de fevereiro:*

Em carta para Madri, informava o Embaixador da Espanha junto à côrte de Viena, no tempo de Leopoldo I:

— "Cada ministro de Sua Majestade o Imperador faz-me lembrar o chifre das nossas cabras de Lérida: é pequeno, duro, e torto".

E vem-me à lembrança o Sr. Epitácio Pessoa. É o tipo legítimo do político "chifre de cabra".

*Domingo, 17 de fevereiro:*

A grande campanha contra a candidatura do Sr. Artur Bernardes à Presidência da República teve por fundamento, como se sabe, umas cartas que lhe atribuíram, e em que êle chamava de poltrões e venais as altas patentes do Exército. As "cartas falsas", ou "verdadeiras", lançaram o país à revolução.

A propósito dêsses documentos, contava-me, hoje, Ernesto Alecrim, diretor da Secretaria da Câmara, ter ouvido do Marechal Vespasiano de Albuquerque, que foi Ministro da Guerra no Govêrno Hermes, esta opinião:

— Se as cartas são falsas ou verdadeiras, isso eu não sei dizer.

E manhosamente:

— O que eu sei é que, o que elas dizem, é exatamente o que mineiro pensa de soldado...

*Têrça-feira, 19 de fevereiro:*

Informado de que não é lisonjeiro o estado de saúde de Coelho Neto, vou, durante o dia, visitá-lo. Encontro-o na cama, de pijama, lendo Flaubert. Queixa-se de dores no dorso, e que lhe tomam às vêzes parte da cabeça, não o deixando dormir.

— Henrique pensa que está com um tumor no cérebro... — avisa-me D. Gabi, à entrada.

Tranqüilizo o enfêrmo. As dores de um tumor são contínuas e não passam, como as suas, com fricção de álcool. Êle con-

corda com o meu diagnóstico, e passamos a falar de literatura. Falo-lhe do livro, que eu desejaria escrever, sôbre a influência, positiva ou negativa, da mulher legítima na obra dos homens de letras, e cito-lhe nomes. E entre êstes o de A. A.

— Coitado do A.! — lamenta Coelho Neto. — E que mulher infame, a dêle! Conheces a história?

— Vagamente, — confesso.

— Era a tal C... a famosa C...

— A C. M. dos versos dêle:

*"Eu sou A. A.,*
*Tu és C. M. ..."*

— Essa mesmo. Diziam que ela era amante do Aluísio; e isso era uma infâmia. Aluísio tinha horror à C. e, nos últimos tempos, nem ia lá para não a esbofetear... O amante dela era, segundo se dizia, o J. C., da "Gazeta de Notícias"... O A. morava no segundo andar do prédio, e o J. C. no terceiro... O A. saía e o C. se metia lá... E além de tudo bruta como um cavalo. Um dia o A. nos levou, a mim e ao Guimarães Passos, para jantar lá, e comprou em caminho uma galinha assada. A C. nos recebeu agressivamente, obrigando-me a dizer-lhe uns desaforos, na presença do marido... Um demônio, a mulher.

— Não; essa é a segunda. A. C. morreu.

Voltamos a Aluísio. Lembrei-me do que me dissera Manuel Bonfim, há um ano, sôbre a inveja que o romancista de "O Mulato" parecia ter, dêle, Neto.

— Eu sei disso. Mas êle não precisava ter inveja, porque tinha talento, e de sobra. E eu lhe devo muito: devo-lhe o método no trabalho. Posso dizer que foi Aluísio que me ensinou a trabalhar.

E após um instante:

— Aluísio era um grande trabalhador. Sentava-se à mesa para trabalhar às seis da manhã, depois de ter tomado o café que êle próprio preparava, e escrevia até o meio-dia, seguidamente. Eu digo isso porque fomos companheiros de casa. E ainda hoje me lembro de uma caneta que êle possuía, e que eu devia ter guardado.

Sorriu, como quem acompanha uma lembrança jovial, e narrou:

— Quando Aluísio escrevia, e no ardor da imaginação procurava concluir uma frase ou concatenar uma cena, tinha o hábito

de meter o cabo da caneta no ouvido, coçando-o nervosamente. Às vêzes, eu me espantava: era êle que pulava da cadeira, soltando um grito, por ter metido longe de mais o cabo da caneta. Para corrigir-se, e evitar um ferimento mais grave, comprou êle então uma caneta especial, em forma de forquilha, a qual, por mais que êle quisesse, não entrava no ouvido. Foi com esta caneta que êle escreveu os seus melhores romances.

E como eu o arrastasse para o terreno da crítica:

— "O Cortiço" é uma obra-prima de observação. Quem escreveu aquilo comprou o direito de não ser esquecido...

*Quinta-feira, 21 de fevereiro:*

Quando eu, lendo um livro de crítica literária ou de ciência, entro na posse de um conhecimento novo, tenho a impressão de haver derrubado uma árvore na selva espêssa da minha ignorância, abrindo um caminho para a Verdade. Por isso, ao ler um artigo meu escrito há dez anos, é com íntima satisfação que reconheço:

— Tenho progredido.

E estendendo os olhos pelo caminho andado:

— Tudo aqui era floresta!...

*Sábado, 23 de fevereiro:*

Minha mãe, que acaba de completar sessenta e sete anos, embarcou ontem para o Piauí. Levei-a a bordo. Uma tristeza profunda fazia-a segurar-se a mim, como se tivesse o pressentimento de que nunca mais nos veremos.

Qual, de nós, chorará um pelo outro?

*Segunda-feira, 25 de fevereiro:*

Dizia-me hoje Freitas Bastos, parente de Clóvis Bevilacqua:

— A casa do Clóvis possui um vasto quintal e tem uma infinidade de galinhas, que se vão multiplicando, porque na casa dêle não se mata bicho nenhum. Apenas consomem os ovos. Galinha na casa dêle morre de velha. E só não tomam já o quintal todo porque, quando tem muitas, os ladrões vão lá e levam uma porção. E êle não se aflige com o furto: aflige-se apenas com a idéia de que êles as furtaram para matar... Êle e a Amélia são muito caridosos. Dão muita esmola, fazem muito benefício. Há pouco tempo uma criada que fazia a limpeza da casa roubou-lhe

tôdas as jóias, inclusive um anel de brilhantes valendo mais de dez contos. Êles nem deram queixa à polícia. Acharam que, se ela roubou. é porque precisava...

E com uma ilustração de livreiro:

— Do Clóvis pode-se dizer, sem favor, o que disseram de Renan: é um santo que não crê em Deus.

*Quarta-feira, 27 de fevereiro:*

Encontro em Sainte-Beuve esta famosa confissão de Lessing:

— "Se o Todo-Poderoso, tendo em uma das mãos a verdade e na outra a pesquisa da verdade, me dissesse: "Escolhe!"; eu responderia: "Ó Todo-Poderoso, guarda para ti a verdade e reserva para mim a pesquisa da verdade!"

A resposta de Lessing é o resumo de tôda a sabedoria. No conhecimento o melhor não é o fim: é o caminho...

## MARÇO

*Sexta-feira, 1.º de março:*

Desfazendo as rugas que habitualmente lhe franzem a testa, e baixando a voz em tom de confidência, Oliveira Botelho, Ministro da Fazenda, conta-me episódios políticos na penumbra do seu gabinete ministerial da Rua do Sacramento, o qual se torna mais escuro, mesmo durante o dia, com o papel vermelho que o forra.

— Você conhece êsse embaixador de Portugal que anda aí, o Duarte Leite? Pois, há pouco tempo êle me apareceu por aqui a pedido dos seus patrícios que vivem em Santos. A colônia portuguêsa de Santos havia mandado fundir em Lisboa um busto de Guerra Junqueiro para oferecer à municipalidade santista, e, como não quisesse pagar os direitos aduaneiros, requereu a intervenção do seu embaixador. O Duarte Leite veio aqui ao Ministério, expôs-me o caso, e eu lhe expliquei o impedimento, em que estava, de satisfazê-lo imediatamente. A lei determinava que, em tais casos, se nomeasse uma comissão de professôres da Escola de Belas-Artes, para dar parecer. Se a comissão considerasse o busto de Junqueiro obra de arte, eu não teria dúvida em ordenar o seu despacho com isenção de direitos.

— Muito bâim! Muito bâim! — aplaudiu Duarte Leite; — é assim que se faz, e faz-se muito bâim. Porque, olhe...

E ao ouvido do ministro, ao mesmo tempo que lhe apertava o braço:

— Se fôsse em Portugal não tinha Belas-Artes, não tinha nada: êles tinham que pagar os direitos todos, no total, à bôca do cofre! Lá é assim!

Em seguida, conta-me Oliveira Botelho outro episódio ocorrido com o mesmo diplomata, e que lhe fôra narrado por Otávio Mangabeira, Ministro das Relações Exteriores.

Ao chegar a Lisboa, de regresso do Brasil, o nosso cônsul-geral naquela cidade, o Sr. Holanda, teve a sua bagagem revistada violentamente, sendo sujeito, ainda, a outros vexames, por ter sido denunciado como portador de documentos e planos dos portuguêses "monárquicos" do Rio de Janeiro. Informado dêsse desrespeito, o nosso govêrno dirigiu uma queixa ao de Portugal, o qual redigiu uma nota diplomática, desculpando-se, e que devia ser entregue ao Itamarati pelo embaixador português no Rio de Janeiro. Duarte Leite pede audiência especial a Mangabeira, é recebido, e entrega-lhe a nota. Mangabeira lê a nota oficial, e, quando acaba, o embaixador indaga:

— Leu?

— Perfeitamente.

— Pois, bem; isso é o que diz a nota, — acrescenta Duarte Leite; — mas não acredite muito nisso.

E com os olhos fuzilando:

— Aquilo tudo que lá está no govêrno em Portugal é uma corja de patifes! Uma súcia de hipócritas! Uma canalha!...

*Têrça-feira, 5 de março:*

As freiras de um colégio recusaram como aluna a filhinha do ator Procópio Ferreira. A imprensa agita-se, profligando as religiosas. Tenho elementos para entrar na contenda, imprimindo um rumo novo aos debates. Um artigo meu, no momento, teria grande repercussão. Mas... para quê?

E fico triste, comigo mesmo. O poltro selvagem que havia em mim, e que dava tanto movimento à minha vida combativa, está domado. As conveniências puseram-lhe uma rédea, que o faz parar, como o de Fuas Roupinho, à beira dos precipícios...

*Quinta-feira, 7 de março:*

No salão do chá, no andar superior do "Petit Trianon", Afrânio Peixoto fala, alto, ao ouvido de Constâncio Alves, que

mergulha a cara miúda, de menino cretino, em uma taça de sorvete. (A Natureza, em um dos seus caprichos inexplicáveis, escondeu uma das mais lindas pérolas, que é o talento de Constâncio, em uma das ostras mais ásperas e inexpressivas do oceano humano.) Aproximo-me, para saudá-los, e Afrânio explica-me:

— Estou mostrando aqui ao Constâncio um engano da nossa história literária... França Júnior tem sido apontado como baiano, e isso por causa do Artur Azevedo, que o deu como tal, quando lhe fêz o necrológio, em uma crônica... Mas eu acabo de verificar que êle era carioca, tendo nascido aqui no Rio, como se vê neste folhetim, dêle próprio...

E exibia o livro, uma brochura amarelecida pelo tempo.

— O engano de Artur Azevedo — intervém Constâncio, — é devido à circunstância de ter sido o França Júnior secretário do presidente da província, no tempo do São Lourenço.

Engole, com uma gulodice tímida de menino da roça, a colheradinha de sorvete, e conta, com a sua voz em falsete:

— O Visconde de São Lourenço tinha levado o França Júnior para secretário; mas o França não se manteve no lugar, e isso em virtude de uma gafe horrível que cometeu. A viscondessa era uma senhora de idade, mas ainda bonita. Conta-se que, apresentado a ela, o França, pensando fazer uma gentileza, exclamou: "V. Ex.ª ainda é uma bela ruína!" Os jornais da oposição glosaram isso, e de tal maneira, que êle não se pôde mais manter no lugar, e voltou para a Côrte.

Nesse momento entra Silva Ramos, no seu passo miúdo, mas seguro, a cabeça curvada para a frente. Sei que completou anos ontem. Abraço-o.

— Quantos? Quarenta e cinco?

E êle, ao meu ouvido:

— Setenta e seis!

*Sábado, 9 de março:*

Ao contrário dos poetas e, em geral, dos panteístas, eu tenho horror às noites estreladas. Nada me deprime tanto, e me entristece, como o espetáculo da imensidade celeste. A visão das estrêlas miúdas, da "écharpe" ondulosa da via-láctea, chama-me à realidade da vida, e à consciência da minha insignificância. Lembro-me que aquêles glóbulos quase invisíveis são milhares ou milhões de vêzes maiores do que aquêle em que habito; que é possível que, morto, eu vá habitar algum dêles. E baixo os olhos, humilhado.

É que eu já me apeguei a êste grão de poeira que é a Terra. E como eu seria feliz se pudesse ficar eternamente nela, amando e sofrendo, lutando e penando!...

*Quinta-feira, 14 de março:*

Nervos abaladíssimos. Vertigens repentinas, suportadas heròicamente. Não obstante vou à Academia, onde apresento parecer sôbre o problema do papel para livros e sôbre a questão do livro português; discuto longamente o assunto; e inicio a discussão da Gramática Brasileira, com João Ribeiro e Ramiz Galvão.

*Sexta-feira, 15 de março:*

Visita a Coelho Neto, que se acha de cama. Encontro-o deitado, magro como sempre, pálido como nunca.

— Desta vez a coisa foi séria, meu velho, — diz-me.

E conta-me. Começara com vertigens na rua. Dias depois, começou uma dor pelo pescoço, que ia até à cabeça.

— Melhorei e saí algumas vêzes, até que, uma noite, as dores se concentraram na cabeça, como se eu fôsse enlouquecer. Tomei aspirina, sedalina, o diabo! E logo em seguida, febre. Febre que subia e descia como um elevador. E náuseas terríveis. Tomei horror ao café e ao fumo, isto é, às coisas que constituíam o meu vício. Mandei comprar há dez dias cinco maços de cigarros. Ainda estão aí. Afinal o Austregésilo diagnosticou: é inflamação nas meninges.

E com tristeza:

— Eu estou trabalhando de mais para a minha idade...

Neste momento, entra D. Gabi, que se achava à morte e ressurgiu para cuidar do marido.

— Eu estava, Humberto, num estado desolador quando Henrique adoeceu. Pois bem; não sei de onde me vieram fôrças para me levantar, e tratar dêle, passando noites acordadas. Só, mesmo, um milagre de dedicação.

— E por que não do amor? — emenda Coelho Neto, volvendo os olhos para ela.

E riem, os dois, como duas crianças velhas, que o sofrimento reconciliou.

*Quarta-feira, 20 de março:*

Leio uma "plaquette", em prosa, de Aloísio de Castro. Períodos harmoniosos, frase limpa, vocabulário elegante. Em

conjunto há, na verdade, em Aloísio de Castro, um estilo à procura de uma idéia.

A minha "Vida Literária", desta semana, no "Correio da Manhã", foi sôbre um livro de D. Amélia de Freitas Bevilacqua, que vivia a pedir-me, insistentemente, escrevesse a seu respeito. Tratei-a com afeto, louvando-lhe muito o marido, e procurando deixar fixados alguns aspectos da vida bizarra do casal. Deram-me parabéns na Academia, na tarde do dia em que apareceu o artigo, João Ribeiro, Fernando Magalhães, Aloísio de Castro, Afonso Celso, Roquete Pinto, Goulart de Andrade, Olegário Mariano e Gustavo Barroso. Hoje, soube, no entanto, que D. Amélia ficou indignadíssima com o que escrevi. Disse-me Freitas Bastos, chefe da Livraria Leite Ribeiro, que é seu sobrinho.

— E o pior é que ela arrastou o Clóvis na sua indignação, — disse-me.

E adiantou:

— O Clóvis disse-me, mesmo, que o maior prazer que alguém lhe podia dar é escrever um artigo elogiando a Amélia!

Pobre Clóvis! Eu o supunha um mártir, e êle é mais infeliz ainda: é um bôbo!

## ABRIL

*Segunda-feira, 1.º de abril:*

O construtor Almeida Veloso comunicou-me hoje ter dado início à construção da casa que com êle contratei, no terreno da Rua Amaral por mim adquirido em 1920. Vou, enfim, ter o meu teto, embora precise, ainda, para isso, de cinqüenta contos, que me vão ser dados por empréstimo, ao juro de 12%, pelo Deputado Francisco Valadares (1).

Ao ter notícia do aviso do construtor, minha mulher olhou a folhinha:

— Sim, senhor! Primeiro de abril.

E como quem já ia perdendo a esperança de ter a sua casa:

— Parece mentira!...

---

(1) Essa transação, iniciada com o Deputado Valadares, foi concluída com o capitalista inglês Frank Dodd, que me emprestou 1.250 libras, a 11%, prazo de dois anos, com hipoteca do imóvel — *H. de C.*

*Sábado, 6 de abril:*

D. Amélia Freitas Bevilacqua dirigiu-me uma "Carta Aberta" pelo "Jornal do Brasil", declarando, indignada, que o seu livro de infantilidades é literatura.

— Eu acho que você tocou em alguma ferida secreta da família, falando em crianças adotadas pelo casal, — dizia-me hoje Heitor Lima. — Houve uma infelicidade por lá, segundo se diz...

E repetiu-me uma história triste, que Goulart de Andrade já me havia contado.

Parece, todavia, que se trata de uma "blague" a que a maledicência emprestou duas asas de fogo e que deve ser, por isso, classificada como calúnia (2).

*Sábado, 13 de abril:*

Quinta-feira, quando ia, à tarde, à sessão da Academia, e tratar de assuntos do interêsse do Estado, passei uma das horas mais angustiosas da minha vida. Atravessei a baía com minha mulher, que deixei nas duchas, com uma das tias. Ao chegar à Livraria Leite Ribeiro comecei a sentir perturbações na vista, e um mal-estar geral. Procurei sair até um café próximo, mas voltei do caminho. Reentrei na livraria e pedi uma cadeira e um copo dágua. Empalidecia, e os empregados da casa, conduzindo-me ao interior do estabelecimento, fizeram-me deitar em um sofá. Correram em busca de um médico. Tentava sentar-me e não podia. Uma agonia horrível se apossava de mim, embora me conservasse perfeitamente lúcido. Dentro em pouco chegaram dois médicos, que me aplicaram uma injeção de óleo canforado. Reanimado, mas tomado de pavor, voltei para Icaraí, com minha mulher. E aqui estou detido há dois dias, enquanto a chuva escorre lá fora.

Dizem os românticos que a morte é boa, porque é a paz, a tranqüilidade, o sossêgo... Se essa região é tão acolhedora, por que não se faz, para chegar a ela, um caminho menos apavorante?

*Segunda-feira, 15 de abril:*

A aproximação da data centenária de José de Alencar faz-me lembrar uma conversa que tivemos, Mário de Alencar e eu, junto ao túmulo do grande romancista, no cemitério de São João

---

(2) Infelizmente não era calúnia, mas verdade pura e triste.

Batista. Tínhamos ido, alguns acadêmicos, em 1922 ou 1923, em visita à sepultura não sei se de Olavo Bilac ou de Francisco Alves, quando Mário me conduziu ao fundo da necrópole, nas proximidades do morro, ao lugar em que repousava o seu pai, que era o seu ídolo. Dois mausoléus de pequeno porte assinalavam o lugar em que dormem, um ao lado do outro, Alencar e a espôsa. No medalhão de um dêles, a efígie do escritor.

— Que idade tinha você quando êle morreu? — indaguei.

— Seis anos, — respondeu-me. — Mas lembro-me perfeitamente dêle.

— E de que morreu êle?

— Dos pulmões, segundo me disseram; mas eu tenho dúvidas, hoje, a respeito. Anos antes, tinha-lhe aparecido uma erupção capilar na cabeça, que lhe causava grande tormento. Lembra-me bem que êle tinha cabelo abundante e que, para tratar da erupção, minha mãe lhe cortava, com uma tesoura, grandes mechas, desbastando-lhe assim a cabeleira farta.

E afundou-se, triste, no mundo das reminiscências.

*Sexta-feira, 19 de abril*:

Recebo um novo livro de Coelho Neto: "Bazar". É um punhado de crônicas de jornal, em que se seguem os lugares-comuns, se sucedem as expressões banais, os têrmos da gíria, as frases feitas, compondo páginas sem relêvo, sem interêsse, sem beleza. Ao ler as primeiras, apossou-se de mim uma grande tristeza, uma grande piedade, um grande dó. Lembrei-me de uma frase do Abade Brémond, e exclamei, comigo mesmo:

— Meu pobre e grande Coelho Neto! A ti, que dessedentaste de beleza tantas gerações, como custa, hoje, espremer o resto do último limão para preparar uma limonada!...

*Sábado, 20 de abril:*

Quinta-feira, na Academia, Luís Carlos leu um pequeno discurso lírico, pedindo um voto de pesar pela morte de Edmond Schuré. Doente embora, pedi a palavra, pela ordem. E lembrei o lugar que Schuré ocupava no meu coração: recordei as palavras que me dirigiu quando publiquei a primeira série de "Poeira...", e o episódio narrado por Tomás Lopes, da sua visita ao grande pensador, o qual lhe mostrara um livro meu, quando Tomás lhe falou do Brasil. Lembrei a crônica de Tomás Lopes no "Jornal do Comércio", sôbre êsse assunto.

*Segunda-feira, 22 de abril:*

A falta de quem se proponha coligir episódios burlescos e ditos espirituosos do povo, obriga-me a transformar êste diário, intermitentemente, em repositório, também, de anedotas anônimas. Além de imitador falho dos Goncourt, sê-lo-ei, também, de agora em diante, dos Bachaumont e dos Tallemant des Reaux.

Entre os mictórios públicos desta capital, alguns existem cuja água, destinada à limpeza, é lançada de canos de ferro à altura de um metro, e nos quais se acham abertos pequenos orifícios. Às vêzes, porém, a fôrça dágua é tão forte, que o chuveiro molha inteiramente o transeunte que se utiliza dêsses lugares públicos. Pois, bem; em um dêsses mictórios apareceu a lápis, recentemente, esta quadra, verdadeiramente modelar:

*"Isto não é mictório.*
*Isto é uma coisa indecente.*
*A gente não mija nêle:*
*Êle é que mija na gente!"*

*Têrça-feira, 23 de abril:*

Após oito anos de Icaraí, de travessias em barca, de contrariedades por falta de condução, de quase degrêdo em um meio provinciano em que não fiz um amigo ou, sequer, um conhecimento mais duradouro, resolvi, afinal, transferir a minha residência, de novo, para o Rio. A amizade que minha mulher criara ao lugar, o receio de ouvi-la queixar-se diàriamente neste lado da Guanabara se aqui se desse mal e, em parte, o meu comodismo, o terror das mudanças e a falta de tempo para procurar uma casa, — tudo isso ia contribuindo para que ali me deixasse ficar, com a recomendação apenas, à minha família, que me não enterrasse morto no cemitério em que me havia sepultado vivo. A crise nervosa que me assaltou há poucos dias, e a compreensão, por parte da minha mulher, de que a vida ali era realmente um suplício, resolveram-nos, afinal, à mudança, que ontem se verificou.

Estamos assim, desde ontem, residindo na Rua José Higino, 102, em uma pequena casa nova, e elegante, de dois pavimentos. Tendo feito leilão de todo o mobiliário da casa de Icaraí, comprei tudo novo, e moderno, e de gôsto, para a nossa nova residência. Começou a raiar, assim, na minha existência doméstica, uma nova aurora de noivado. Apenas, como diferença da outra, os noivos começaram a envelhecer...

A nossa nova casa fica precisamente em frente à Fábrica de Cerveja Hanseática. Dia e noite, pulsam, aos meus ouvidos, as artérias das máquinas e arfa, angustiado e surdo, o coração dos motores. Caminhões trovejam na rua, tilintando as campainhas das garrafas. Operários entram e saem. E um cheiro bom, e amável, de lêvedo, de cerveja fervida, mistura-se, ao anoitecer, ao perfume fresco do jasmim-laranja, que sobe dos jardins da vizinhança. À direita, por trás da Rua Conde de Bonfim, a serra da Tijuca se estende, com a sua mataria escura, cerrada e igual, dando a impressão de um elefante enorme, de pêlo de sêda, que marchasse a beber num rio imenso, que eu não vejo. Pela manhã e à tarde, a neblina desce, rolando pelo dorso do monstro. É a hora em que Deus, seu cornaca invisível, o ensaboa com a espuma branca das nuvens...

Tenho, enfim, a sensação de que voltei à pátria após quase oito anos de degrêdo. Como a grande Rússia é bonita depois que se conhece a Sibéria!...

*Quinta-feira, 25 de abril:*

Leio em Taine ("Essais de Critique et d'Histoire"), que La Bruyère, não obstante a mentalidade do século, sofria profundamente por ver-se na emergência de viver às expensas de um príncipe. Êsse parasitismo dava-lhe a consciência da sua inferioridade.

V. C.: ao contrário do moralista dos "Caractères", tem a volúpia da subserviência. À semelhança das heras, êle só se sente à vontade para subir quando encontra... para encostar-se, um muro ou um tronco...

*Sexta-feira, 26 de abril:*

É digna de registro, talvez, a modificação que sinto em mim, e que demonstra a ascendência que a inteligência vai tendo sôbre os meus sentidos.

Eu sempre fui um homem, na acepção fisiológica dêsse têrmo. As mulheres acordavam em mim desejos violentos, que eram sem custo satisfeitos. O amor, na sua forma bonita, queimava-me o sangue, ardia nas minhas veias, agitava a minha vida. Pouco a pouco, porém, o desejo foi arrefecendo, como uma voz que se apaga a distância, na curva do caminho.

Essa renúncia não se verifica, todavia, à custa dos direitos da natureza. Esta continua a exercer o seu império, dando-me

mocidade. Apenas, preocupado com o espírito, eu me sinto surdo, aliás sem esfôrço, aos apelos que ela me faz...

*Sábado, 27 de abril:*

Num encontro casual, hoje, na rua, com Goulart de Andrade, cuja pressão arterial prenuncia, na opinião dos médicos, um ataque de angina, e que se mostra sucumbido, lembrei-me da sua saúde e das suas conquistas. E veio-me à lembrança uma das suas confidências, no tempo em que as mulheres se deixavam seduzir pelos amavios líricos dos seus versos.

— Menino, — dizia-me êle, nessa noite, com a alegria nos olhos, — você não imagina o que me sucedeu agora mesmo. Eu tinha uma entrevista com uma criatura casada, em um palacete que fica no fundo de uma chácara. Fui e, quando cheguei lá, ela se escusou, declarando ser impossível, por motivos alheios à sua vontade. Conversamos uns dois minutos, e quando eu me ia despedir, ela chamou a criada, uma criadinha espanhola, para me levar até o portão, que ficava longe, ao fim de uma alamêda de palmeiras. Pelo caminho eu fui conquistando a criadinha. E com tanta felicidade que, antes de chegar ao portão, estávamos como dois namorados entre palmeiras românticas!

E rindo com alegria:

— A empregadinha substituiu a patroa!...

*Segunda-feira, 29 de abril:*

Não obstante o meu estado de saúde, a depressão geral que sinto e que me tem impedido de escrever, nas últimas semanas, a minha crônica bibliográfica para o "Correio da Manhã", eu tenho, com a mudança de Icaraí para a Rua José Higino, a impressão de que vim de longe, e de que só agora cheguei ao Rio de Janeiro. Sob a cinza que me pesa na alma, eu sinto uma alegria tênue, um contentamento suave, quase infantil, como êsses que a gente sente, às vêzes, por causa de uma felicidade alheia.

Um dos espetáculos que eu havia esquecido, e que agora se renova aos meus olhos, é a presença de moças nas janelas ou nos portões, à tarde. Durante nove anos a minha vida se limitou a correr do centro agitado da cidade para o Cais Pharoux, onde tomava a barca e ia lendo o meu livro ou o meu jornal. Saltava em Niterói já noite, e corria a tomar o bonde ou o ônibus. Saltava à esquina, jantava, e ia ler ou escrever. Se chegava ao portão, via vultos que deslizavam na sombra, rumo da praia. Eu era,

ali, um estrangeiro. Não visitava ninguém, e ninguém me visitava. Saía de casa para as barcas e das barcas para casa.

Agora, vejo aqui e ali, uma adolescente à janela, a mão no queixo, o olhar pendido ao longe, nas montanhas. Criaturinhas de quinze, dezesseis, dezoito anos. Entreabertos botões, entrefechadas rosas, como diria Machado de Assis. E eu me lembro de mim, dos meus dezoito, dos meus vinte, dos meus vinte e dois anos. Bastava-me ver uma figurinha assim, com ares tristes e envôlta em cismas, para imaginar que era aquela mulher que me convinha... Passasse eu por uma rua em que houvesse um rosto pensativo de meninota, e chegava apaixonado ao fim do quarteirão.

Restos, talvez, de uma influência romântica, última gôta do vinho de Casimiro de Abreu. Êsse romantismo já só vive, porém, hoje, na saudade das minhas saudades...

## MAIO

*Quarta-feira, 1.º de maio:*

Os jornais amanheceram, hoje, repletos do nome de José de Alencar. Comemora-se nesta data o centenário do seu nascimento, e a inteligência nacional, que atravessa uma fase de espírito autonomista, aproveitou a oportunidade para glorificar o escritor que primeiro quebrou os moldes de linguagem portuguêsa, arvorando os seus deslizes gramaticais como um protesto contra a tirania da antiga metrópole. Alencar foi considerado, em suma, o Kosciusko da nossa literatura.

À tarde, houve sessão pública da Academia, na qual Fernando Magalhães leu um discurso de Afrânio Peixoto, que se acha na Europa, acompanhando seu sogro Alberto Faria. Adelmar Tavares leu, por seu turno, o discurso que Gustavo Barroso deve ter pronunciado no Ceará, onde se inaugurou, hoje, a estátua de Alencar. Uma sessão literária quase tôda por procuração.

*Sexta-feira, 3 de maio:*

Abertura do Congresso, a que não compareci. Anteontem, 1.º de maio, dia do centenário de Alencar, fui assaltado por uma crise idêntica, embora menos demorada, à que sofri a 11 de abril último. Ia para a cidade, de auto-ônibus, no qual me coube um lugar em que viajava de lado. A fuga das casas aos meus olhos, começou a atordoar-me. De repente, apossou-se de mim um frio,

um mal-estar, uma tonteira e uma agonia indizíveis. Mandei parar o veículo e saltei. Tinha a impressão de que me encontrava em pleno céu, num avião, às granadas. Entrei em uma farmácia fronteira, e deram-me ali uma forte dose de bromureto. Repousei um pouco, sentindo de vez em quando os mesmos fenômenos. E voltei para casa, onde, sob a atuação do bromureto, dormi profundamente cêrca de duas horas. Foi assim que, às cinco horas, pude comparecer à sessão da Academia.

*Segunda-feira, 6 de maio:*

Miúdo e claro, todo de linho branco, em harmonia com o cabelo branco, e um andó da alvura do cabelo, o Deputado Joaquim Pires Ferreira conta-me episódios da sua mocidade, que tem prolongado através de quarenta anos. Levemente gago, dividindo as palavras ao meio, narra-me episódios da infância do regime, quando alguém se aproxima de mim para cumprimentar-me pelo artigo sôbre Joaquim Nabuco. Joaquim Pires intervém, e conta:

— Eu era muito amigo de Floriano, que me estimava muito. Conversando um dia com êle sôbre os monarquistas de valor, êle me autorizou a dizer ao Conselheiro João Alfredo que o govêrno se sentiria feliz se pudesse contar com os serviços dêle para uma comissão diplomática ao estrangeiro. Eu procurei o Conselheiro na casa dêle, à Rua Marquês de Olinda, e disse-lhe que o Marechal estava disposto a dar-lhe um pôsto diplomático se êle aderisse à República. João Alfredo sorriu, e, com amabilidade, declarou-me que aquilo seria impossível. Agradecia a lembrança mas pretendia morrer com as suas idéias políticas. Voltei a Floriano, e dei-lhe conta do resultado.

— Mas quem te mandou falar em adesão — interrompeu o Marechal. — Eu não quero que o João Alfredo faça nenhuma declaração de adesão. Quero apenas que êle, sem qualquer outro compromisso, diga se aceita ou não o lugar de Ministro do Brasil em Londres!

Tornei à Rua Marquês de Olinda e expliquei o caso. João Alfredo ouviu calmamente a minha exposição, mandou chamar o Joaquim Nabuco, que morava na vizinhança, na mesma rua, e pediu-me que desse o recado, diante dêle. Nabuco não se conteve: explodiu, achando que era um desafôro aquela proposta. E João Alfredo recusou.

E Joaquim Pires conclui:

— Poucos anos depois, no govêrno do Prudente, Nabuco aceitava uma missão diplomática em Londres, sem se lembrar do conselho que dera a João Alfredo!...

*Quinta-feira, 9 de maio:*

Após a publicação, ontem, da minha "Vida Literária", em que tratava do último livro de Coelho Neto, fiquei intimamente arrependido, aborrecido comigo mesmo. Tinha sido um pouco severo com o escritor; êste, com certeza, não perdoaria o amigo. Receei, mesmo, um incidente desagradável hoje, na Academia.

Ao penetrar, porém, no Petit Trianon, ouço, na sala de espera, uma voz que me chama. Era Coelho Neto, que conversava com um escritor português, e que se ergue, exclamando:

— Muito obrigado, meu velho! Fiquei muito contente com o teu artigo. Muito bem feito e judicioso. É pena que fôsses escrever sôbre aquêle livrinho, uma coisa que não vale nada.

Volta-se para o escritor português:

— Êste homem está fazendo aquilo que não se faz hoje no Brasil: crítica de verdade. Os outros recebem os meus livros, e dão uma notícia que o Sr. Coelho Neto é isto, e aquilo. Mas, sôbre o livro, nada! Nem lêem. Êste, não; êste analisa, examina, aplaude, censura, enfim, faz crítica, e com proficiência.

Torna para mim:

— Eu tenho um livro, que está a chegar. Sôbre êsse, sim, eu quero a tua opinião, sincera como sempre. É o "Fogo-Fátuo". Já deve estar pronto, em Lisboa.

E como eu me levante, abraça-me, de novo:

— Muito obrigado... Eu sei que aquilo não é crítica... É mais coração...

*Sábado, 11 de maio:*

Dois ou três dias após a nossa mudança para a Rua José Higino, instalou-se na casa contígua, n.º 104, uma família um pouco misteriosa. Chamava a atenção pelas pessoas que a constituíam: uma cafusa idosa, que passa os dias no tanque, lavando roupa, uma outra de uns trinta e tantos anos, de cabelo repuxado a pente e alisado artificialmente; e um menino mais claro, mas ainda mulato, de uns dez ou doze anos. Como a casa não tivesse chefe, isto é, um homem que presidisse à mudança, eu supus que se tratasse de alguma família que, tendo de mudar-se, tivesse mandado adiante a mobília e as criadas. Era essa a minha

opinião, quando a minha mulher, com a sua curiosidade feminina, me vinha falar sôbre os novos vizinhos, — pois que isso, por tôda parte, foi coisa que nunca me incomodou.

Uma senhora, professôra pública, em visita à minha casa, encarregou-se, porém, de explicar o caso. A mulata mais nova, ou menos velha, é professôra pública, a filha do Professor Hemetério dos Santos, prêto retinto, filólogo, e catedrático da Escola Normal. Era casada. Fêz-se, porém, amante do escritor P. C. Êste montou-lhe a casa e deu-lhe um filho, que é o meninote. E agora estão residindo na casa da vizinhança, onde P. C., que é casado, vem passar as manhãs e, às vêzes, jantar. Da minha mesa de trabalho, escuto-lhe, quase diàriamente, o trovejar da voz, discutindo, ou expedindo ordens. É o garanhão que está na cocheira...

E ela é educadora... E êle também...

*Têrça-feira, 14 de maio*:

Estatura mediana, mas forte como um atleta de circo romano, a voz desferindo quase tôda a escala dos sons, mas pronta a trovejar enchendo a Câmara, o Deputado Batista Luzardo, representante dos revolucionários do Rio Grande do Sul, conta-me, no recinto, o modo por que Paulo Hasslocker, filho de Germano Hasslocker, e um dos maiores cabotinos do Rio de Janeiro, acaba de conquistar uma cadeira de deputado estadual no Rio Grande.

— O Hasslocker, antes da revolução de 1923, era nosso, era adversário vermelho dos governistas do Rio Grande. Quando o Dr. Assis estêve nessa ocasião no Rio, era êle quem levava as notícias aos jornais e montava guarda à porta do hotel. Escrevia horrores contra o Dr. Borges. Quando êle viu que nós não vencíamos, foi nos abandonando, e aproximando-se do Dr. Bernardes, com quem arranjou aquêle decreto concedendo honras de general ao Flôres e ao Paim. Êstes prometeram-lhe a deputação estadual, e, quando foi agora, na renovação da Assembléia dos Representantes, indicaram o nome dêle. O Dr. Borges recusou. O Paim insistiu, e declarou que o elegeria pelo seu distrito. O Dr. Borges conformou-se, e o Hasslocker foi eleito. Antes de reembarcar, porém, para o Rio, quis ir despedir-se dêle. O Dr. Borges recusou-se, porém, a recebê-lo.

E na presença de Plínio Casado, que chegava:

— O próprio Hasslocker me confessou que o Dr. Borges não quis recebê-lo, mesmo com o pedido do Flôres e do Paim...

*Quinta-feira, 16 de maio:*

Júlio César de Melo e Sousa, professor do Pedro II e que se tem popularizado, como escritor, com o pseudônimo de Malba Tahan, conta-me uma anedota de Carlos de Laet, que já me havia sido contada, aliás, pelo Deputado Henrique Dodsworth, professor, também, daquele estabelecimento.

Achava-se, em 1922 ou 1923, reunida a Congregação do Colégio, quando o Professor Oliveira de Meneses, que também é médico, irrompeu, furioso, em palavras agressivas contra Laet, que o havia ridicularizado, dias antes.

— Vossa Excelência é um decrépito! — exclamava Oliveira de Meneses. — Vossa Excelência não quer convencer-se de que está em decadência, mais perto da morte do que da vida! Lembre-se de que já está com os pés na sepultura!

Impassível, fumando o charuto, Carlos de Laet deixou-o falar. Quando, porém, êle acabou, indagou sem raiva:

— Vossa Excelência diz que estou com os pés na sepultura. Diz isso como meu inimigo, ou como médico?

— Falo como médico! — declarou o outro, fugindo de confessar a sua paixão.

E Laet, entre a risada geral:

— Bom; agora, fiquei mais sossegado...

*Sábado, 18 de maio:*

Esta noite, pela madrugada, tive o sonho mais nítido e esquisito da minha vida. Caracterizou-o, principalmente, a delicadeza e doçura dos sentimentos, delicadeza e doçura que eu senti, como não sentiria talvez acordado, tão perfeita foi a sensação que me deram.

Eu costumo recomendar sempre à minha mulher que, se eu, ao morrer, a deixar com recursos para viver a coberto de privações, não se case segunda vez; se, porém, ficar pobre, e moça, e lhe aparecer um casamento conveniente, que ela o aceite, de modo que a minha lembrança não seja motivo para que ela, com os filhos, sofra necessidades.

E o meu sonho liga-se, em parte, a êste conselho que, entre protestos seus, sempre lhe dou. Sonhei que o local era dividido em dois planos, como uma fortaleza, que tem um passadiço e um fôsso. Eu vinha pelo fôsso, o rosto encostado à muralha, vergado para o chão. Animava-me um sentimento doce, uma paz misturada de meiguice, uma espécie de mansidão carinhosa, de quem

acalenta uma esperança cristã mas não sofrerá se ela não se realizar. Eu ia por ali, em suma, como uma pluma que o vento leva, e que se sente quase feliz por ser levada pelo vento. De repente, escuto uma voz, em cima, no passadiço:

— Olha! É êle!...

Volto-me para o alto, e vejo, na balaustrada, olhando-me, com o contentamento de me verem, minha prima Iná, filha do meu primo-irmão Joaquim Veras, e minha mulher.

— Vocês aqui?! — exclamo, feliz, com uma profunda ternura, compreendendo, enfim, o motivo de ter sido levado até ali, por uma vontade misteriosa.

— Viemos ver-te, — diz-me, com suavidade, minha mulher. E logo:

— Não sabes, então, que hoje é o dia dos Mortos?

Olhei para a balaustrada e vi, então, que lá em cima era um cemitério, e que as sepulturas estavam cobertas de flôres.

— E tu, como estás? — pergunto, docemente, do meu lugar.

— Vou bem, — responde-me; — tenho apenas uma novidade para te contar...

— Tu te casaste? — pergunto, sem ciúme.

— Casei-me... Tu não me pedias tanto, que me casasse?

— E tens sido feliz?

— Fui, fui muito feliz a princípio.

E com tristeza:

— Mas, hoje, estou arrependida...

— E os nossos filhos?

— Vão bem... Todos se lembram muito de ti...

Uma onda de ternura me invadiu. Eu não sentia mágoa, nem tristeza, nem ciúme. Nada do que era terreno me atingia. O que eu sentia naquele momento, era apenas saudade, mas uma saudade que apenas me comovia, sem me doer...

*Segunda-feira, 20 de maio:*

Na sede provisória da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, em um segundo andar que se alcança por uma escada íngreme, encontro Goulart de Andrade, que ali fôra, como eu, receber o produto de direitos sôbre revistas apresentadas nos Estados. Ao chegar à sala em que eu me encontrava, mais parecia um morto: estava côr de marfim, os lábios brancos de cansaço. Descemos juntos. Na rua, conversávamos sôbre coisas de saúde, quando eu me referi ao meu sonho de sábado.

— Conta-me como foi, que eu te digo se é bom, ou mau, — disse-me, com interêsse.

Sorri, céptico, mas êle insistiu.

— Não rias, não; conta, porque eu tenho estudado isso.

Contei-lhe o sonho, enquanto caminhávamos para a Avenida. Ao terminar, êle indagou:

— Tu estavas debaixo, olhando para cima?

— Estava.

— Então, não tenhas receio. É um sonho bom. Indica ascensão... É algum surto novo na tua vida...

E como eu continuasse a rir:

— Não rias, não; isto é científico... É Freud puro!

À sombra da Galeria Cruzeiro começamos a conversar sôbre os seus sentimentos religiosos.

— Eu, hoje, Humberto, — disse-me, com a mão no meu ombro — estou inteiramente tranqüilo do meu destino. Estou preparado para morrer a cada instante. Não tenho o menor pavor.

— Como foi isso? Como foi a tua conversão? Eu queria saber como se operou êsse milagre.

— Foi a coisa mais natural dêste mundo... Eu andava, já, sentindo certa inquietação interior, quando me veio às mãos o "En route", de Huysmans. Comecei a ver, ali, em cada página, um pedaço da minha vida. E começou o terror, o pavor, a encher o meu coração. Às vêzes eu estava lendo, quando me assustava, de repente. Parecia-me que uma grande mão se aproximava de mim, pelas costas, e que ia me estrangular, e afogar, me apertar o pescoço... Depois de profundas reflexões resolvi procurar um padre, mas um padre inteligente, que me pudesse orientar e tranqüilizar. Fui ao Padre Franck, sacerdote de uma cultura assombrosa. Confessei-me, derramei-lhe aos pés tôda a lama do meu coração. E a êle devo a minha salvação. Êle é quem me guia, quem me aconselha. Agora, posso morrer.

E para mim, com interêsse:

— Já lêste Huysmans? Lê... Vai a uma livraria, e pede-o. Se não encontrares, eu te emprestarei o meu exemplar...

E despedindo-se:

— Até quinta-feira, na Academia... E não esqueças o Huysmans...

*Sexta-feira, 24 de maio*:

Quando Goulart de Andrade me contou, há quatro dias, o episódio da sua conversão religiosa, eu lhe confessei, com franqueza, a impossibilidade, que via, de seguir-lhe o exemplo.

— Eu não poderei admitir, jamais, — disse-lhe, — uma religião que seja repelida pelo raciocínio. Eu sinto que meu coração não aceitará aquilo que não seja aceito pela razão. Eu não posso reconhecer como verdade indiscutível um princípio, um dogma, que se apóie no mistério. Enquanto eu não tiver as provas de que tudo que a Igreja proclama é verdadeiro, restará a dúvida no meu coração. Para crer, eu preciso que me convençam, que se responda sem sofismas a cada uma das minhas interpelações. E como sei, de antemão, que ninguém responderá satisfatòriamente à minha razão vigilante, eu prefiro não entrar em indagações, levantando no meu peito uma tempestade que talvez ninguém possa aplacar.

— Entretanto, — continuei, — eu queria crer, e invejo os que crêem no Cristo sem afundar a mão nas suas chagas. Eu queria acreditar em uma outra vida, para que eu não temesse tanto a morte. Mas o raciocínio opõe-se, reage, protesta. E eu prefiro a indiferença, o alheamento, a renúncia à possibilidade de fé, a dar aos outros e a mim mesmo um espetáculo de hipocrisia.

Goulart escutou-me, atento, e reconheceu que a minha situação mental era diferente da sua.

— Isso é mau... — disse.

E insistiu no Huysmans, que eu ainda não li, e que, com certeza, lerei sem esperança...

*Segunda-feira, 27 de maio*:

Após a sessão na Câmara, no recinto quase deserto, o Deputado Luz Pinto, com os seus olhos muito grandes e à flor do rosto, — olhos de sono eterno — e as suas atitudes negligentes, conta um episódio de que fôra testemunha.

O Bispo de Cuiabá, D. Aquino Correia, que havia sido, também, presidente de Mato Grosso, tinha vindo ao Rio de Janeiro em 1926, quando os políticos do Estado resolveram oferecer-lhe, aqui, um banquete no Jockey-Club. Após a festa, em que o sacerdote fêz uma oração lírico-patriótica, desciam alguns dos convidados, rodeando Lauro Müller, pela Avenida. Falou-se da oratória do homenageado, e Luz Pinto lembrou:

— É verdade, "seu" Lauro, aí está uma bela figura para a Academia. Tem talento e tem o prestígio da batina.

— Qual talento, qual nada! — reagiu o ex-ministro, sem violência.

E baixando a voz:

— É um Ataulfo de saia!

Um ano depois entrava D. Aquino para a Academia, na vaga de Lauro Müller. E quem lhe dava as boas-vindas em nome do cenáculo era, precisamente, Ataulfo de Paiva...

*Quinta-feira, 30 de maio*:

A propósito de editôres, perguntava-me hoje Coelho Neto na Academia:

— Ainda conheceste no Rio de Janeiro o velho Garnier?

E à minha informação negativa:

— Era um judeu velho, barbado, baixo, sempre metido em um sobretudo caspento, e com um gorro prêto, como os judeus das estampas tradicionais. Vivia no fundo da casa, curvado sôbre uma carteira velha, olhando por cima dos óculos. Ao morrer, deixou setenta milhões de francos.

Feita a apresentação do tipo, contou o fato:

— O velho Garnier mandou-me um dia chamar, soprou a poeira de um banco, e declarou-me que tinha para mim um excelente trabalho. Era a organização de um Dicionário de Sinônimos, aproveitando o de Fonseca e Roquette. Aceitei a incumbência, e propus um colaborador para a obra, o qual seria Bilac. O velho Garnier esfregou as mãos, em sinal de aplauso, e eu parti como uma flecha para dizer a Bilac, meu companheiro de casa, que íamos ter dinheiro para uns quatro ou cinco meses. No dia seguinte, voltei à livraria, para dar a resposta. E como fôsse o momento de entrar em conversa mais séria, perguntei quanto êle dava pelo nosso trabalho. E sabe o que êle propôs? Trezentos mil-réis, para os dois, isto é, para o trabalho de dois homens durante três meses!

E Neto conclui:

— Nesse dia, quase dou no diabo do velho!

*Sábado, 1.º de junho*:

A morte de Miguel Melo, de que tive notícia quarta-feira última pelos jornais, constituiu um forte golpe no meu coração. Era um amigo que eu raramente via, mas que sempre encontrava de braços abertos quando, porventura, o procurava. Era, em vida, um morto que às vêzes ressuscitava. E, agora, não ressuscitará mais.

Secretário de "O Imparcial" em 1912, quando entrei para essa fôlha recentemente fundada, formávamos aí, na sala de redação, o que êle chamava a "ala dos namorados", Castro Meneses, êle, Goulart de Andrade e eu. Homens de letras todos, tínhamos as nossas mesas, tôdas, do mesmo lado da sala, pondo cada um no que escrevia um pouco de literatura e de sonho. A êsse pequeno grupo de jornalistas, e que eram mais poetas do que panfletários, deve-se a modificação que se verificou na imprensa carioca, na qual eram comuns, então, a brutalidade e a descompostura. "O Imparcial", com a sua "ala dos namorados", trouxe para o jornalismo a graça, a elegância e o bom humor.

Os "namorados" estão se indo, porém, um a um, para o noivado da Morte. Castro Meneses foi o primeiro. Agora, partiu Miguel Melo. Goulart de Andrade, confortado pela religião e desenganado pela medicina, espera a sua hora. E eu, quando irei?

*Na página 57, encontram-se 9 linhas retiradas do texto, cortadas a gilete.*

*Quinta-feira, 6 de junho*:

Sessão pública na Academia, comemorativa do nascimento de Cláudio Manuel da Costa, que veio ao mundo neste dia, há dois séculos. Na Secretaria, antes da sessão, Alberto de Oliveira, que ocupa a cadeira de que é patrono o poeta-inconfidente, chama-me:

— Olhe aqui... Eu vou falar bem dêsse Cláudio; mas você não faça mau juízo do meu gôsto.

— Por quê?

— Porque eu o acho um poeta insuportável. Vou elogiá-lo por obrigação...

Momentos depois proferia um belo discurso, pausado, medido, sensato, com a sua memória prodigiosa.

*Domingo, 9 de junho*:

Ia-me esquecendo de registrar uma das asneiras mais ineptas da minha vida. Tendo me encontrado uma tarde do mês passado no "Correio da Manhã", onde eu lia umas provas, Olegário Mariano convidou-me insistentemente para escrever com êle uma revista, destinada ao Teatro Recreio, onde êle estava exibindo uma, denominada "Laranja da China". Recusei imediatamente,

mas, para livrar-me da importunação, prometi que, mais tarde, entraríamos em entendimentos sôbre o assunto. Na manhã seguinte, ao abrir os jornais, encontro em todos êles a notícia de que eu e êle já havíamos feito entrega ao Recreio de uma peça denominada "Vamos deixar de intimidade", a qual já se achava em ensaios.

Revoltei-me com o abuso. E dirigi imediatamente aos jornais uma carta, declarando haver engano na informação, pois eu não havia escrito nenhuma peça, sòzinho ou acompanhado. No dia seguinte, Olegário foi esperar-me à porta da Academia, acompanhado do empresário, de nome Neves. E explicou-me a sua situação. Êle tinha se comprometido a obter a minha colaboração na sua peça, e eu devia salvá-lo. Senão, seria um horror. E andava de um lado para o outro, no terraço da Academia, as mãos nos cabelos, dramática e, ao mesmo tempo, cômicamente. O empresário insistia, por seu turno, afirmando que, se a questão era de dinheiro, êle não se incomodaria de fazer um preço do meu agrado. Declarei, aos dois reunidos, que me entenderia particularmente com Olegário e, durante a sessão da Academia, prometi-lhes escrever três ou quatro "sketches", mas que a peça seria da sua autoria e responsabilidade.

— Muito bem, meu "nêgo"; muito obrigado! — agradeceu. — E o "cobre" será nosso: setenta e cinco, por noite, para cada um!

E eu redigi, nesse sentido, uma nota para a imprensa, fazendo constar que a peça seria dêle, Olegário, e que eu contribuiria apenas com quatro "sketches", — gênero de que êle, Olegário, não entendia.

Escrevi, de fato, os quatro "sketches". A censura policial suprimiu um, e fêz cortes ineptos nos outros, como em tôda a peça. Os artistas foram modificando o resto de acôrdo com o momento. De modo que, oito dias depois da primeira representação, quando fui vê-la pela primeira vez, tive a impressão de que nenhum dos meus quadros figurava no programa!... Era, tudo, uma vergonha inominável.

Olegário, entretanto, continuava, e continua, radiante, encantado com a peça e com a vida...

*Têrça-feira, 11 de junho:*

A morte de Miguel Melo, de quem fiz o necrológio na Academia, tem feito com que eu o recorde dia a dia pelo milagre hu-

mano da saudade. E lembro a última vez que o vi neste mundo. Foi em novembro ou dezembro do ano passado. Saía eu do edifício da Câmara pelo portão que dá para a igreja da Misericórdia, quando o encontrei fora, no passeio, anônimamente, no meio da turba que aguarda diàriamente, ali, a entrada ou saída dos deputados. Perguntei-lhe por que não entrava, não ia lá para cima, onde tinha um irmão, Eugênio de Melo, representante de Minas, e devia ter muitos amigos. Agradeceu, e recusou. Estava à procura do deputado fluminense Miranda Rosa, e aguardá-lo-ia ali mesmo. Fiquei ao seu lado, até a chegada da pessoa que êle esperava. E despedi-me num abraço afetuoso, que seria o último.

Pelo caminho ia, no entanto, pensando na capitulação daquele espírito, a quem a Natureza dera tantas armas para vencer nas letras e na vida. Escritor de belos recursos, escrevera apenas um romance, um estudo crítico sôbre Eça de Queirós, premiado pela Academia e, na adolescência, um pequeno livro de versos. Oficial de gabinete do Presidente da República, tendo junto a êste o prestígio de um amigo leal, servia a todos que o procuravam, ajudando-os a vencer. A sua influência era de tal ordem que pôde fazer um dos seus irmãos deputado federal por Minas. Terminado, entretanto, o quadriênio Bernardes, e recompensados com empregos e comissões rendosas todos os seus auxiliares, o que se viu foi Miguel Melo regressar, com o seu paletó de brim ou de casimira surrada, ao seu lugar de oficial na Biblioteca Nacional, sem, sequer, a glória honorífica de promoção!

O desânimo havia, parece, como um polvo, se apossado da sua vida, sugando-a com todos os seus tentáculos. Quando o levaram a enterrar, êle já havia morrido, parece, para si mesmo, há três ou quatro anos.

*Segunda-feira, 17 de junho*:

Em palestra na sua oficina, onde tenho em impressão um livro meu e outro do govêrno do Maranhão, o editor Antônio Pinto, proprietário do "Anuário do Brasil", falava-me da situação das indústrias gráficas.

— Quem nos arrastou a esta situação, — diz-me, — foi o Monteiro Lobato, com a sua falência, dando às duas praças do Rio e de São Paulo prejuízos superiores a cinco mil contos, ou, segundo alguns, a quatorze mil contos. E o que se diz por aí é que êle está vivendo règiamente na América do Norte, com o dinheiro que levou daqui. Por causa dêle os capitalistas não querem mais negócios com livreiros.

E a propósito de edições:

— Eu acho uma falta de pudor essas notícias de que o Lobato tirava edições de vinte mil exemplares, e de que o Costallat vendeu sessenta mil de um romance da sua autoria. Os dois eram donos de oficina, e podiam atribuir-se as edições que bem entendiam. O que eu sei é que a obra de que tirei maior número de exemplares foi "Poesias", de Raimundo Correia, de que saíram seis mil exemplares, deixando-me um lucro insignificante.

E conclui:

— Agora, um fato curioso. Sabe a obra que mais me deu lucro até hoje? "Poesias", de Cruz e Sousa!...

*Quarta-feira, 19 de junho:*

Quanto mais eu vivo, e sofro, mais ardentemente amo a vida.

*Sexta-feira, 21 de junho*:

Em uma festa quase de família, inaugura-se, na Academia Brasileira de Letras, a estátua de Machado de Assis. Por deliberação de Fernando Magalhães, presidente dêsse instituto no ano corrente, ficou o romancista instalado entre duas colunas, na frontaria mesmo do edifício. Machado de Assis aparece aí sentado, pois cansou de esperar em pé a hora da sua glorificação no bronze. E até nisso mostrou a sua solidariedade com José de Alencar, seu velho amigo, que está sentado na praça que tem o seu nome, bisbilhotando, com o seu ôlho morto, o que se passa no Hotel dos Estrangeiros.

A "solenidade" não teve solenidade nenhuma. Presentes o Ministro Mangabeira, das Relações Exteriores, os representantes do Ministro da Viação e do Prefeito, alguns acadêmicos e vinte ou trinta pessoas que tinham ido ouvir a conferência do poeta espanhol Villaespesa, Fernando Magalhães veio para a rua conosco, leu um discurso breve, e deu por inaugurada a estátua. Nem uma escola! Nem uma criança! Nem uma comissão do estabelecimento de ensino que tem o nome de Machado de Assis ou uma leve demonstração de interêsse popular!

E Fernando Magalhães foi coerente na clandestinidade dessa inauguração. Se a Academia havia escondido Machado em um vão de janela, como havia de chamar gente, ainda, para vê-lo nessa posição humilde?

Após a inauguração da estátua do criador de Brás Cubas, realizou-se no salão nobre da Academia a primeira conferência

do poeta espanhol Francisco Vilaespesa. Estatura mediana, moreno e opilado, os olhos negros e pequenos afogados pelas pálpebras de noctívago. Rosto escanhoado e, apesar dos seus cinqüenta e dois anos, o cabelo negro, que êle traz em uma faixa larga, da esquerda para a direita, ajustado ao crânio, para disfarçar a calvície. Na bôca larga, apenas um dente superior, à esquerda, negro de nicotina. Nas têmporas, o sistema venoso grafando sob a pele caracteres árabes, proclamando, em poema de sangue, a vitória da arteriosclerose.

Sabendo de cor a sua conferência sôbre a poesia espanhola, já feita em quinze ou vinte cidades de todos os países sul-americanos, o poeta recita-a com o fogo, o entusiasmo, a veemência com que o avô da raça, "el gran Quijote", se atirava contra moinhos de vento. As imagens, as hipérboles, as palavras sonoras, multiplicam-se, turbilhonam, arrebatam a assistência. E o público, encantado mais com a imaginação do poeta e com a sua linguagem rica do que com a sua cultura, cobre de palmas cada um dos seus tropos.

Terminada a conferência, que foi curta, passou o poeta a recitar poemas seus. Recitou "Granada", "Roma" e "Rosas de Sevilha". Cansado e entusiasmado, sente-se que o organismo não corresponde mais às solicitações do espírito. Ao aspirar o ar, êste entra-lhe pela bôca, pelo esôfago, fazendo enorme ruído, num estertor que aflige, perturba, incomoda. E o poeta cai na sua cadeira, sob uma chuva de aplausos, lívido, fatigado, como um atleta romano que acabasse de estrangular um leão.

*Têrça-feira, 25 de junho:*

Que tudo me aconteça: que eu fique surdo, deformado, mutilado; mas que Deus me deixe a volúpia de pensar, de ler, e de deixar no papel o meu pensamento, a minha dor e o meu sonho!

*Quinta-feira, 27 de junho:*

Aparecimento, nas livrarias, do meu livro "O Conceito e a Imagem na Poesia Brasileira". Trabalho de paciência, esfôrço obscuro em louvor da glória alheia.

*Sábado, 29 de junho:*

Após o almôço que Aloísio de Castro ofereceu, têrça-feira, no "Copacabana-Palace", a Francisco Villaespesa, conta-me o

poeta algumas particularidades da sua vida errante. Acha-se êle na América há doze anos, dirigindo companhias teatrais e fazendo conferências. Há oito anos estêve na Espanha e voltou logo. Conhece tôdas as cidades de primeira e segunda ordem da América Espanhola. Perguntei-lhe se essa vida incerta não tem prejudicado a obra do escritor.

— Não, não! — protesta. — Imagina tu quantos livros eu levo agora para editar em Madri.

— Dez — avalio.

— Mais de cinqüenta, Humberto! Mais de cinqüenta! — afirma, com veemência.

E torna:

— Mais de cinqüenta, dos quais trinta e dois de poesia!...

## JULHO

*Quarta-feira, 3 de julho:*

Ao entrar em uma casa de modas da Rua da Carioca, às cinco horas, em companhia de minha mulher, diz-me o gerente, que me conhece:

— Então, doutor, uma vaga na Academia?

— Não sei. Morreu alguém?

— Morreu o Dr. Luís Murat. O senhor não sabia ainda? Os jornais da tarde já trazem a notícia... Morreu à uma hora da tarde...

Uma tristeza funda invade, de súbito, o meu coração. A tarde, rica de sol e de movimento, enubla-se para mim. Eu tenho a impressão de que acabo de perder um parente, um irmão que vivesse longe, mas que era, sempre, um irmão.

Á noite, após o jantar, dirijo-me, a pé, à casa do poeta morto, à Rua Conde de Bonfim, quase à esquina da Visconde de Cabo Frio. Casa fechada e silenciosa. Atravesso o jardim pequeno, e encontro na sala em meia escuridade alguns homens que ajustam peças de madeira, armando a essa. Penetro, sem encontrar pessoa que me oriente, no "hall" estreito, antes um corredor, que fica depois da sala, e vejo na sala de jantar três ou quatro mocinhas de fisionomia despreocupada, que conversam ou se distraem com qualquer jôgo.

— Onde está o corpo? — indago de um dos armadores da essa, pois que ninguém sai ao meu encontro, nem toma, sequer, conhecimento da minha presença.

— Está lá em cima, — informa-me o operário, atencioso.

Subo a escada e dou com "hall" igual ao primeiro, separando uma sala de um quarto. No quarto iluminado e modesto, uma cama de solteiro, amarela, e, estendido nela, o corpo de Murat. Sei que é êle porque a casa é sua e os jornais disseram que êle morreu. De outro modo, não o reconheceria, tão mudado está êle. Do Murat que eu conheci, alto, vistoso, bigodudo, cavalheiresco, altaneiro, vigoroso, nada resta. Magro, fino, rosto miúdo, onde o farto bigode grisalho deu lugar a um resto de bigode aparado e completamente branco; os olhos semifechados, com a pupila a aparecer, parada, entre as pálpebras; um lenço branco a amarrar-lhe o queixo, e que deixa sair, em cima, tufos de cabelo inteiramente alvo, — dá a impressão de que a Morte o devorou em parte, antes de o levar. Vestido, já de casaca preta, está pronto para a eterna viagem. À sua esquerda, sôbre um cavalete, uma oleogravura do Coração de Jesus. À direita, em uma cadeira junto à cabeceira do leito mortuário, a filha mais velha conversa, de olhos enxutos, com outra senhora, que eu não conheço. Saúdo da porta; a filha do poeta corresponde num sinal de cabeça e continua a conversar. Olho por um instante o morto, retiro-me. Do lado oposto, abre-se, na penumbra, a sua biblioteca, na sala da frente. Estantes abertas, sobrecarregadas de livros pesados. No centro, o grande "bureau" escuro. Tudo em ordem, limpo, arrumado, vendo-se, por êsses indícios, que o poeta, paralítico, já não mexia ùltimamente naquelas coisas.

Desci a escada, sòzinho. Na casa, nem um acadêmico, nem um conhecido, nem um amigo. Sòmente as mocinhas, joviais, na sala de jantar e as duas senhoras, lá em cima, junto ao morto.

Da rua, ouvi as marteladas dos operários, armando a essa. E senti que elas caíam, fúnebres, nas paredes do meu coração...

*Sábado, 6 de julho:*

A propósito de um estudo de Artur Mota, de São Paulo, sôbre a figura de Olavo Bilac, diz-me Coelho Neto:

— Está tudo errado. Estou até pensando escrever-lhe uma carta, retificando enganos até de datas, que ali se encontram. Não sei como o Artur Mota escreve sôbre Bilac sem me consultar, sabendo que eu tenho subsídios que ninguém tem.

Aproveito a oportunidade, e indago pontos da vida do poeta, que me parecem obscuros.

— Bilac, — diz-me Neto, — brigou com o pai, ou, antes, o pai brigou com êle por causa dos estudos. O Dr. Bilac, como

sabes, era médico, e estêve até no Paraguai nessa qualidade; e queria que o filho seguisse a mesma carreira. Bilac matriculou-se na Faculdade, e fêz um curso brilhantíssimo, até o quinto ano. O seu exame de fisiologia foi uma das coisas mais belas da Faculdade. De repente, implicou. Incompatibilidades de temperamento para uma profissão que considerava uma religião, e com a grosseria de alguns professôres. O pai insistiu. Ou continuava na Faculdade ou não lhe pisasse mais em casa. Bilac, que foi sempre firme e brioso, preferiu o segundo alvitre: deixou a casa paterna.

Continuou:

— Quando eu o conheci, morava êle à Rua do Carmo, em um quarto pequenino, mas em que estava tudo em ordem. Pouca roupa, mas tôda muito limpa, muito asseada. No dia em que nos conhecemos, ficamos na rua até tarde, e, como eu morasse em Cascadura, fiquei na cidade e fui dormir com êle, na Rua do Carmo. Depois, perdemo-nos de vista. Até que, um dia, pedindo a um amigo, o Muratori, que me indicasse onde poderia alugar um quarto, êle me recomendou a casa de um cunhado dêle, à Rua Formosa. Aí já fui encontrar Bilac. Fizemos de novo camaradagem, e nunca mais nos separamos... Mais tarde, morou êle na Dois de Dezembro, na pensão da Dona Maria; na Rua Dona Mariana, e, finalmente, depois da sua última viagem à Europa, na casa da irmã, à Rua Barão de Itambi, onde morreu.

E a novas perguntas minhas:

— O Dr. Bilac, pai de Bilac, era uma figura digna, não digo de Balzac, mas de Stendhal. Rôtas as relações com o filho, não falou mais nêle. A família morava, então, à Rua dos Andradas, canto da do Hospício, por cima de um alfaiate. Bilac ia ver a mãe, mas, admirável no seu brio, não entrava na casa mesmo na ausência do pai. Falava com ela de baixo, da calçada, ou da porta, onde ia receber a sua roupa, que ela lavava, ela mesma. Nas vésperas da morte, o pai mandou chamá-lo, e reconciliaram-se. Dois dias depois, o velho morria. E sabe o que se encontrou, "seu" Humberto?

E Neto, com os olhos brilhantes:

— Na cama do morto, entre o colchão e o estrado, o livro de versos de Bilac, puído dos seus dedos, e que êle lia e relia em segrêdo tôdas as noites!...

*Têrça-feira, 9 de julho:*

A propósito da morte de Murat, conta-me Coelho Neto:

— Murat casou-se com uma senhora de gênio terrível. Êle era, também, como sabes, violento. Tiveram uma filha, Cordélia,

que casou, enviuvou, e é hoje uma admirável costureira. Após o rompimento com a mulher, Murat tirou de casa uma prima, com a qual foi viver maritalmente. Dessa ligação nasceram o Tomasinho (Tomás Murat) e uma menina, ainda solteira. Essa senhora morreu, como morreu, já, a espôsa legítima. Ùltimamente, vivia êle, em casa, com uma espanhola já idosa, dada ao espiritismo, e que, quando êle se irritava, caía em transe, intrigando-o com todos os seus amigos.

*Quinta-feira, 11 de julho:*

Leio em um jornal de Minas uma entrevista com a mulata que foi cozinheira de Rui Barbosa nos últimos dez anos. E o que ela diz talvez aproveite à História.

Segundo êsse depoimento, o grande político era, na intimidade, homem sisudo e de poucas palavras. Ria-se apenas com os netos pequenos, que eram o seu encanto. Freqüentemente rebentavam na família discussões amargas, que o irritavam: umas, pela insistência da espôsa e dos filhos em arrastá-lo para as agitações políticas, impeli-lo para a Presidência da República, que êle pessoalmente não desejava; outras, no fim de cada mês, pelo exagêro das despesas que êle, com os seus recursos, não podia suportar. Quanto à parte que dizia respeito, pròpriamente, à sua especialidade, informa a cozinheira:

— O Conselheiro não gostava muito da cozinha baiana; fazia questão, só, de um prato com môlho de pimenta, de que êle ia se servindo durante a refeição...

*Sábado, 13 de julho:*

Seguiram ontem para o Maranhão os primeiros exemplares da "Viagem ao Norte do Brasil", de Yves d'Evreux, tradução de César Augusto Marques, e que constitui o segundo volume da Biblioteca de Escritores Maranhenses, por mim organizada gratuitamente, e ainda com sacrifício de tempo, de dinheiro e de saúde, para o Estado do Maranhão.

*Segunda-feira, 15 de julho:*

A propósito da bibliografia bilaquiana, dizia-me, hoje, Coelho Neto:

— Quem tiver de escrever um estudo sôbre a "verve" de Bilac, deve procurar as coleções dos jornais carnavalescos dos Democráticos e Fenianos, em que nós escrevíamos na mocidade.

Sorriu, e acrescentou:

— É verdade: há, mais, uma produção nossa, um livro meu e dêle, de que serás uma das duas ou três pessoas vivas que terão, hoje, notícia do fato.

E contou:

— Eu morava ainda na Rua Silveira Martins quando, uma noite, depois do jantar, confessei a Bilac a minha situação. Eu precisava, para um pagamento inadiável, de um conto de réis. Bilac passou a mão pela cabeça, e alvitrou alguns meios, todos inviáveis. De repente, lembrou: — "É verdade; eu passava há dias pela livraria do Jacinto, quando êle me chamou, e propôs-me um negócio: que eu fizesse um livro no gênero da "Martinhada", uma espécie de almanaque obsceno, pelo qual me ofereceu três contos de réis. Eu no momento quase dou nêle; mas, um caso como o teu, temos que recorrer a tudo. Queres que eu veja amanhã se êle ainda quer o livro?

— No dia seguinte, — acrescentou Neto, — confirmada a proposta pelo livreiro, atirávamo-nos, os dois, a trabalhar um almanaque, uma espécie de folhinha Laemmert, que é uma ignomínia. O Jacinto não deu os três contos, mas dois. Mesmo assim servira. E sabes tu o título que tem essa obra, minha e de Bilac?

— ?

— "Almanaque do Ânus"!

E ante o meu espanto:

— Eu não sei se o editor o imprimiu; mas é provável que sim. O que eu sei, com absoluta certeza, é que êle o pagou.

*Quarta-feira, 17 de julho:*

Artigo de João Ribeiro, no "Jornal do Brasil", sôbre o meu livro "O Conceito e a Imagem na Poesia Brasileira". Nêle, dando-me os títulos de "poeta, prosador, crítico, esteta, jornalista, cronista jovial, historiador anedótico, político, legislador, eloqüente", e de "um dos mais eminentes indivíduos da nossa Academia de Letras", em cujo grêmio a minha "palavra autorizada e persuasiva tem conseguido esclarecer a opinião dos confrades em questões várias, mormente na elaboração do dicionário", conclui dizendo que eu sou "tudo quanto quero ser".

Âmen.

*Quinta-feira, 18 de julho:*

Academia. À minha chegada, avisa-me Fernando Magalhães:

— Hoje virá aqui um visitante que quer ser apresentado a você. Trouxe o seu nome de Portugal, entre os dos brasileiros que deseja conhecer pessoalmente. É o Ricardo Jorge.

Pelo nome, e pela obra que conhecia, eu imaginava um rapagão forte, vigoroso, de fartos bigodes portuguêses, em que se conjugassem a beleza do nome, do espírito e de figura. É de imaginar, pois, a minha surprêsa quando, começada a sessão, vi entrar na sala, entre Austregésilo e Coelho Neto, um tipo autêntico de usurário semita, como não se encontraria melhor no Ghetto ou entre as velhas muralhas de Jerusalém.

Estatura mediana, curvado para a frente, ombros largos e magros como um cabide de madeira a sustentar um velho paletó prêto, e ter-se-á uma idéia física do hóspede notável. Orçando por uns sessenta e tantos anos, usa a barbicha clássica do judeu ibérico, forquilhada na ponta, e quase inteiramente branca, ou, antes, com um ou outro fio prêto. O nariz é o da raça, idêntico ao de Guerra Junqueiro, curvo no centro, como o de certas aves de rapina. Bôca aparentemente pequena, pelo feitio estreito da arcada superior, que sustenta uma dentadura postiça de dentes amarelos. Prognatismo evidente, pronunciadíssimo; queixo fino, de rosto de chinela, avançando, como se o lábio inferior fôsse aparar o superior. Cabelo com uma reduzida proporção de fios de prata, despenteados, gordurosos, resistentes à calvície. Terno prêto, usadíssimo, gravata desmazelada, em colarinho de côr, mal gomado; o todo, enfim, de um homem que vive mais para o estudo, para as altas cogitações do espírito, do que para as preocupações físicas da elegância. O judeu denuncia-se, todavia, em uma particularidade: em três anelões de ouro português, pesados e vistosos, os quais patenteiam o espírito da raça, isto é, o amor ao ouro, não para convertê-lo em confôrto mas puramente para guardá-lo em metal.

Saudado por Austregésilo, responde. Responde com elegância, com arte, como um senhor absoluto do vocabulário e da emoção, deixando ver, na frase, no tom da voz e na gesticulação singela, o homem que sabe domesticar, dominar e governar a palavra.

À entrada do visitante eu tive a impressão de que aquêle judeu vinha fazer agiotagem conosco. E o que êle fêz foi derramar nababescamente, entre nós, o oiro fluido da sua imaginação, — oiro que foi, talvez, o mais puro, o mais limpo, o mais brilhante que, nos últimos anos, nos tem vindo de Portugal.

*Sábado, 20 de julho:*

Em um encontro na Livraria Garnier com Américo Facó, diretor da Agência Brasileira e jornalista muito relacionado nas

colônias estrangeiras, conta-nos êle, a mim e a um rapaz que o acompanhava, que o secretário da legação da Polônia, cujo nome complicado repetiu, lhe perguntara por mais de uma vez:

— Já leu um livro de Barroso (Gustavo) sôbre a Polônia ("Coração da Europa", se não me engano)?

— Não, — respondera-lhe.

— Pois, leia; leia, que é meu.

E sem maldade:

— Leia; eu escrevi, e entrei em acôrdo com Barroso para o livro ser publicado com o nome dêle.

Facó referendou a afirmação com a sua palavra de honra.

*Quarta-feira, 24 de julho:*

A política brasileira vai tomando um aspecto que é de tôda conveniência registrar. Durante certo tempo, no quatriênio Epitácio Pessoa e, particularmente, no quatriênio Bernardes, houve uma tendência dos velhos chefes políticos para aproveitamento dos valores mentais no govêrno dos Estados. Assim é que foram postos Costa Rêgo, Carlos de Campos, Adolfo Konder, Ciro de Azevedo e Graco Cardoso, José Augusto, jornalistas ou homens de cultura, à frente de Alagoas, São Paulo, Santa Catarina, Sergipe e Rio Grande do Norte. Uma vez no poder, o primeiro cuidado de cada um dêles, jornalistas ou homens de reconhecido valor intelectual, consistiu em libertar-se da tutela dos velhos chefes, tornando-se chefes, êles próprios. Alguns foram, pouco depois, desmontados. A verdade, porém, é que os elementos tradicionais da política ficaram de atalaia, prevenindo-se contra os homens inteligentes; e como a tendência de cada político seja tornar-se chefe, ou continuar como chefe, cada um que deixa o govêrno procura para seu sucessor uma figura amorfa e apagada, uma espécie de títere escolhido nos próprios Estados, através dos quais continuem a preponderar. Foi isso que sucedeu no Piauí, com a escolha de Pires Leal; foi isso que se viu no Maranhão, onde ficará, como criação do meu amigo Magalhães de Almeida, o bacharel Pires Sexto; foi isso que tentaram os políticos sergipanos, confiando o govêrno ao Coronel Manuel Dantas, simples comerciante sem cultura, o qual acaba, entretanto, de constituir-se chefe absoluto do Estado, rompendo com aquêles que lhe deram a mão.

A ignorância será, acaso, mais leal do que a inteligência? É isso o que se vai ver. O que é certo, é que, dando preferência às figuras inexpressivas, e pondo de quarentena os homens esclarecidos, os políticos estão criando para o Brasil dias mais di-

fíceis talvez do que os atuais, pelo predomínio absoluto das mediocridades.

*Domingo, 28 de julho:*

Almôço na residência de Agripino Azevedo, em sua residência da Rua Júlio de Castilhos, em Copacabana, oferecido por êle aos seus colegas da bancada maranhense. Agripino, que é viúvo, e tem em sua companhia uma filha casada, teve como espôsa a filha de Dona Ana Amélia, que inspirou a Gonçalves Dias os seus famosos versos do "Ainda uma vez, adeus!" A musa do poeta, sua sogra, morou em sua casa longo tempo, falando êle, dela, com afetuosa veneração.

À mesa, a propósito da valorização da propriedade no bairro, conta-me:

— Quando começou a venda de terrenos em Copacabana, o Aluísio Azevedo, que estava de partida para o estrangeiro como cônsul, entregou ao Graça Aranha não sei se dez ou quinze contos para adquirir em seu nome uma quadra, perto daqui, e que é formada hoje pelo outro quarteirão. Tempos depois, de passagem pelo Rio, o Aluísio pediu a um patrício nosso (deu um nome) que verificasse onde ficavam os seus terrenos. Deu-se uma busca na Prefeitura e nos cartórios, e não havia nada em nome do Aluísio. Depois de muita pesquisa, verificou-se que o Graça havia feito a aquisição em seu próprio nome, e que já havia, mesmo, vendido a metade do terreno por cinqüenta contos. O Aluísio escreveu-lhe, ou entendeu-se com êle, e êle devolveu, então, o terreno restante.

E conclui:

— Êsse resto de terreno o Aluísio vendeu, também, por cinqüenta contos, e hoje valeria mais de trezentos.

*Têrça-feira, 30 de julho:*

A Presidência da República tem cabido, no Brasil, por um abuso tácito, aos Estados de São Paulo e Minas Gerais. Intermediário nas negociações para indicação do Sr. Washington Luís (de São Paulo), como sucessor do Sr. Artur Bernardes (de Minas), o Sr. Antônio Carlos (de Minas) foi considerado, logo, o sucessor provável daquele. Sucede, porém, que, no govêrno, o Sr. Washington Luís, sem grande confiança no caráter do Sr. Antônio Carlos, resolve quebrar o ritmo da sucessão, encenando a candidatura do Sr. Júlio Prestes, Presidente de São Paulo. Pre-

terido, o Sr. Antônio Carlos prepara a reação. E oferece a Presidência da República ao Sr. Getúlio Vargas, do Rio Grande do Sul, o qual, trabalhado pela parte moça da representação gaúcha na Câmara, aceita, aliando-se assim os dois grandes Estados contra o candidato do Presidente Washington. Êste conta com os demais Estados, em número de dezessete, e com grande parte das fôrças eleitorais do Distrito Federal.

E é assim que se vai travar a luta, cujas conseqüências ninguém poderá prever.

*Quarta-feira, 31 de julho:*

Menos por ambição do que, mesmo, por um impulso do temperamento que lhe caracteriza a família, o Presidente João Pessoa, da Paraíba, aderiu à aliança Minas-Rio Grande, aceitando o lugar de vice-presidente da chapa em que figura como candidato à presidência o Sr. Getúlio Vargas. Mesmo assim, é evidente a superioridade eleitoral do grupo de Estados que apóia a candidatura Júlio Prestes. Isso não impede, todavia, a preocupação dos homens de responsabilidade, ante a expectativa de um movimento armado no Sul, e a conseqüente tentativa de separação do Rio Grande.

Um telegrama reservado do Presidente Magalhães de Almeida, em que apela para a minha amizade e para o meu patriotismo, constitui-me, e a Domingos Barbosa, líder da bancada, seus representantes perante o Presidente Washington, para tratar do problema da sucessão presidencial.

Hoje, fui conferenciar com o presidente, que encontro animado, excelentemente disposto, perfeitamente preparado para a luta.

— Ninguém pode negar ao Prestes a qualidade de grande administrador. Depois, de uma correção inatacável. Não falou até hoje na sua candidatura. Censuram-no por isso; mas, se êle tivesse falado, teria sido êsse o pretexto para se atirarem contra êle... As imposições, como o senhor viu, partiram do Dr. Antônio Carlos, que se achou com o direito de indicar o futuro presidente... E os outros dezessete Estados, não lhes assistirá o mesmo direito?

Dou-lhe algumas informações sôbre o nosso contingente eleitoral e êle acentua:

— É isso; nós precisamos é de votos. É essa a parte que cabe aos nossos amigos. Incentivem o alistamento.

E sorridente, mas resoluto:

— Tragam votos; porque a ordem, essa, eu garanto!

# AGÔSTO

*Quinta-feira, 1.º de agôsto:*

Está aberta, na Câmara, a luta pela sucessão presidencial. No momento das votações, mineiros e gaúchos, na sua totalidade, abandonam o recinto. Tendo-se, porém, de votar o orçamento da Viação, voltou à sala o Deputado José Bonifácio, relator do mesmo na Comissão de Finanças, e, numa defesa do seu trabalho, deixa evidente a impossibilidade de uma conciliação.

Êsse dissídio na política nacional tem como origem, conforme expliquei em nota de 30 de julho, a ambição despeitada de um homem, a teimosia de outro, e a vaidade confiante de um terceiro. Alimentando há longos anos a esperança de chegar à Presidência da República, tendo, para isso, se tornado instrumento da vontade de todos os presidentes, o Sr. Antônio Carlos estava certo de que passaria do govêrno de Minas Gerais para o Catete. Observado o ritmo estabelecido, que destina a presidência, alternadamente, a Minas e a São Paulo, era agora a sua vez. O desejo de atingir êsse têrmo levou-o, porém, pelos caminhos mais escusos, de modo que, chegado à velhice, o Sr. Antonio Carlos é um homem que não inspira confiança a ninguém.

O Sr. Washington Luís compreendeu a mentalidade do presidente mineiro, e resolveu, com a sua vontade que não admite nuanças, anular-lhe a velha aspiração. Um político mais hábil, ou menos voluntarioso, teria, talvez, procurado no Norte — onde, aliás, falham as figuras, — ou no extremo Sul, a chave do problema da sucessão. O Sr. Getúlio Vargas, que foi seu Ministro da Fazenda, era o candidato que a habilidade lhe aconselhava. O Sr. Washington Luís é, porém, dêsses políticos que preferem a fôrça bruta à técnica inteligente, e, com o desassombro que o caracteriza, tornou evidente a sua preferência pelo Sr. Júlio Prestes, Presidente de São Paulo, seu discípulo político, seu correligionário no Estado e o mais íntimo dos seus amigos. Vendo-se preterido, o Sr. Antônio Carlos estendeu o dedo, e impeliu para diante, no fim do tabuleiro, a pedra com que o Sr. Washington Luís não mexera: levantou a candidatura Getúlio Vargas, propondo-a ao Sr. Washington, que, em resposta, lhe declarou que, "consultadas as fôrças políticas nacionais, verificara que dezessete Estados haviam opinado pelo nome do Sr. Júlio Prestes".

E caracterizou-se a cisão, cuja origem primária está no despeito amargo do atual Presidente de Minas.

Em conversa íntima com o Ministro da Viação Vítor Konder, examinamos, os dois, a delicadeza da situação, reconhecendo a sua gravidade.

— Estou certo — diz-me êle, — de que êsses gaúchos, explorados pela manha dos mineiros, irão até a conflagração do Estado. Vamos ter a guerra civil no Sul e precisamos estar preparados para sufocá-la. Haverá tentativa de separação, e talvez a separação. As guarnições que lá temos são compostas de rio-grandenses, e é preciso substituí-las, ou pelo menos afastar de lá a oficialidade nova, de espírito revolucionário. Devemos preparar elementos seguros, a fim de submeter o Estado rebelado antes de êle conseguir o reconhecimento da sua independência pela Argentina ou pelos Estados Unidos.

E a algumas observações minhas, para que as conclusões dessa palestra tenham resultado eficiente:

— Amanhã eu tenho despacho com o Presidente, e devemos ficar a sós, podendo conversar à vontade. Vou abrir-lhe os olhos, e dizer-lhe tudo isso, de modo a não sermos colhidos de surprêsa.

*Domingo, 4 de agôsto:*

Leio nos jornais elogios a dois ou três rapazes ansiosos de nomeada, que escolhem, êles próprios, os epítetos com que devem ser louvados. O estilo de uma notícia é o mesmo das outras: tudo do mesmo punho. E vem-me à idéia a "língua-de-sogra", o conhecido brinquedo de carnaval.

A glória dêsses rapazes é uma glória "língua-de-sogra". Espicha se êles a sopram; e encolhe, desaparece, quando êles retraem o fôlego.

Vivem do seu próprio sôpro, o que quer dizer que, se êles morrerem amanhã, ninguém mais falará dêles.

*Segunda-feira, 5 de agôsto:*

Na Câmara, com as tribunas e galerias repletas, José Bonifácio assoma à tribuna que fica à esquerda do Presidente, para proferir o seu anunciado discurso de rompimento com o govêrno, em nome das bancadas de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba.

É um tipo impressionante de orador antigo. Estatura mediana, robusto, pálido, usando a barba inteira à Silva Jardim — barba negra entremeada de branco, — tem a voz forte, segura, e um surto de frase que dá importância às afirmações mais banais.

Dição clara, adjetivação apropriada e imediata, é o orador por excelência para multidões pouco exigentes. O cabelo para trás, deixando à mostra grande extensão da testa pálida, os olhos negros e vivos, dão-lhe qualquer coisa de antigo e profético.

Lançando as primeiras frases sonoramente, como um desafio de guerra, não trai, na voz, o abalo nervoso, traído pelo gesto. As mãos tremem-lhe, ou antes, trepidam-lhe de tal forma, que, às vêzes, para levar à bôca o copo dágua, tem que segurá-lo com ambas as mãos. As galerias, repletas de amigos e curiosos, rompem em aplausos; os apartes cruzam-se, como setas, entre os dois grupos de deputados que se aglomeram em tôrno à tribuna. A tese sustentada pelo orador é ingrata e falsa: pretende êle demonstrar que os Presidentes da República jamais escolheram os seus sucessores, e quando o têm tentado, tiveram, sempre, a obstar-lhes a interferência, a política mineira. Dou-lhe dois apartes, dentro da lógica e da história. Ao encontrar um fio seguro para o discurso, o orador anima-se, levanta a voz, e a mão, trêmula, e aberta, bate nervosamente, acompanhando a palavra, no rebôrdo da tribuna. Percebe-se, por êsses motivos, que o cérebro está trabalhando mais ràpidamente do que a língua, e que êle precisa recorrer a um segundo meio de expressão mental e nervosa.

Em certo momento, no meio do clamor geral dos dois grupos, um que o secunda, outro que o contradita, o recinto transforma-se em campo de luta. Todos gritam, mas para os outros, o dedo em riste. As galerias e tribunas rompem em aplausos e exclamações. O Presidente Rêgo Barros, com a sua cara de múmia egípcia emergindo do sarcófago da cadeira, faz troar atordoantemente tôdas as campainhas, ameaçando suspender a sessão. Pálido, a barba eriçada, os olhos fulgurando, nervos vibrando, o orador recua para o fundo da tribuna, esperando que passe a tempestade. As suas mãos, crispadas, seguram a gola do paletó, apertam-no contra si mesmo, como se o orador se agredisse a si próprio; e ao vê-lo naquela postura, vibrando surdo, face transfigurada, a idéia que me vem é de uma fera acuada, que se amparasse a um tronco de árvore defendendo-se da matilha faminta.

Ao fim do seu discurso, os adversários dizem, alto:

— Que decepção! Esperava-se coisa melhor!

Quantos, porém, ali, poderiam fazer coisa melhor?

Após José Bonifácio, subiu à tribuna à direita do Presidente, João Neves da Fontoura, Vice-Presidente do Rio Grande do Sul e líder da bancada gaúcha.

Pequeno, miúdo, cabeça pequena, cara raspada e imberde por natureza, cabelo liso atirado para um lado, olhos negros e in-

quietos brincando no rosto claro, o moço rio-grandense dá a idéia de um menino que tivesse envelhecido fìsicamente aos treze anos. Tudo, nele, denuncia o estudante: a mobilidade, os ímpetos, o riso infantil ou despeitado, e até a indumentária descuidada.

A gripe que o reteve no leito por algumas semanas tornou-o mais miúdo e mais menino, apesar dos seus quarenta e dois anos. E é com a voz de um adolescente enrouquecido que inicia o seu discurso, cortado de aplausos injustificados desde as primeiras palavras. Ágil, nervoso, agitando-se dentro da tribuna, faz lembrar uma dançarina que bailasse sem música. Sem uma imagem nem, sequer, uma frase feliz ou uma demonstração de cultura, prefere as palavras de efeito, gritadas para as galerias, o rosto levantado para elas, que as cobrem logo de aplausos.

As "pontas-de-lança" a "guerra civil", a "reação pelas armas", vêm-lhe freqüentemente à bôca para receber as palmas dos gaúchos que enchem galerias e tribunas, como se o orador fôsse um simples orador de turma, e não o Vice-Presidente de um Estado pronto a incendiar-se e o subchefe de um movimento político que reclama, para orientá-lo, espíritos sensatos e refletidos.

João Neves da Fontoura deu-me, enfim, na mentalidade e na figura, idéia de um dêsses casos que a medicina registra, de indivíduos que se atrofiam na infância, e que, atrofiados de corpo e de espírito, se conservam crianças tôda a vida.

*Têrça-feira, 6 de agôsto:*

Resposta do líder da maioria, Manuel Vilaboim, aos discursos dos dois dissidentes. Professor de Faculdade, e não orador, impressiona mais pela ordem do discurso e pela exposição dos argumentos, do que pelos surtos, que não tem.

E a impressão dos amigos é que êle destruiu, principalmente com as cartas lidas, o castelo dos adversários, levantado na véspera. Êstes entendem de modo contrário. Mesmo porque, das paixões humanas, a política é aquela que mais faz obscurecer o entendimento.

*Quinta-feira, 8 de agôsto:*

À medida que acentuo o meu convívio com os políticos e os homens de letras, mais vou sentindo a necessidade de ser tolerante com êles. A política e a literatura são como êsses ácidos empregados na fotografia, os quais fazem realçar nas chapas escuras particularidades imprevistas. Uma e outra revelam o ca-

ráter humano com tôdas as suas minúcias, deixando-nos ver o que êle tem de mesquinho, de ridículo, de secreto, permitindo-nos, assim, análises interessantes.

E as análises dêsse gênero estão, de dia para dia, me levando mais à piedade do que à revolta.

*Segunda-feira, 12 de agôsto:*

Sousa Filho, deputado por Pernambuco, deve ter, atualmente, quarenta e seis ou quarenta e sete anos. Estatura mediana, tronco forte, moreno, cabelos negros e gordurosos repuxados para trás, é um tipo legítimo de caboclo temperado com 20% de sangue europeu. Cara raspada, mento de sapato de bico largo, quase de galocha, tem lábios finos emoldurando a bôca em linha reta, que encobre, ou descobre, dentes miúdos e separados. O nariz, achatado na base e arrebitado na ponta, completa-lhe a figura. Boêmio por educação e por índole, chega ao edifício da Câmara, em geral, entre as duas e meia e as três horas, com a fisionomia fresca de quem, tendo-se deitado pela madrugada, acaba de barbear-se e de sair do banho.

E êsse boêmio é, positivamente, o mais brilhante orador da atual legislatura. O seu discurso de hoje, pelo menos, colocou-o neste pôsto, que já disputava a João Mangabeira nos debates de 1927.

Voz sem grande variedade de tons, Sousa Filho começa a falar, pausado e mole. A falta de reação por parte daqueles a quem ataca esmorece-lhe o ânimo. Basta, porém, que alguém lhe dê um aparte, e que êle sinta que chegou o momento do perigo, para que o orador se transfigure. As palavras surgem, rápidas, precisas, e felizes, armando a frase perfeita. Não há aparte vigoroso que êle não responda com energia. Destemido, não receia os mais insolentes nem deixa sem represália os mais atrevidos. Se o adversário se inflama, êle o acompanha no mesmo diapasão, tornando-se vermelho, quase roxo, os olhos faiscantes, ao mesmo tempo que as palavras lhe saem em turbilhão, como de um saco derramado. Vencido, assim, o contendor, passeia na tribuna, calado, de um lado para outro. É, então, o leão na jaula, ou, então, o galo que cantou por último e que espera, ainda, de esporão em riste, que o adversário se levante do solo para humilhá-lo de novo.

Sousa Filho, que enfrentou hoje duas grandes bancadas — a de Minas e a do Rio Grande, — fazendo calar aquela e repelindo as bravatas desta, — é, em suma, o "chantecler" do momento. Êle é o galo vitorioso. E a Câmara é o seu terreiro.

## SETEMBRO

*Quarta-feira, 18 de setembro:*

Mudamo-nos hoje para a casa que acabamos de construir à Rua Amaral, e que tomou, aí o número 27. Os últimos dias têm sido a ela consagrados: à fiscalização das últimas obras, à escolha das pinturas, aos cuidados da mudança, às preocupações de pagamento, à remessa e à arrumação dos livros, — e tudo isto de mistura com as obrigações impostas pela política.

Mas estou dentro dela, e isto é tudo. À frente, em cima, fica o meu gabinete de trabalho, com as estantes abertas, fixas nas paredes. Os livros, alinhados nelas, convidam-me à leitura. Levanto a mão para acariciá-los. E a mão tomba, inerte, sôbre êles.

É a fadiga.

*Quinta-feira, 19 de setembro:*

Primeira noite na minha casa. Do terraço ao fundo, para onde dá o dormitório, desfruta-se um dos mais belos panoramas do bairro. Em frente e à esquerda, é a serra da Tijuca, vestida de matas que a distância acinzenta. Por ela acima, o casario perdido põe, até certa altura, minúsculos pontos brancos, como de gaivotas no oceano. E à direita, mais longe, é a serra do Andaraí, ondulando na direção do poente, como se fôsse a escadaria gigantesca do imenso templo do Sol.

Tudo muito lindo, muito bom. Minha mulher feliz. Meus filhos contentes. Mas, dentro de mim, a sombra: a preocupação das dívidas contraídas, a solução do problema da vida até maio do ano vindouro, pois que já transferi a um agiota o meu subsídio de deputado relativo a todo o resto da legislatura...

O destino do homem pobre é êsse mesmo. Se lhe põem um pouco de manteiga no pão que lhe é destinado, êle tem que sentir, fatalmente, o gôsto do ranço, ou o excesso do sal...

*Quarta-feira, 25 de setembro:*

Com a sua cara bondosa de "Pai João", o rosto negro e forte de sacerdote abissínio coroado por uma carapinha completamente branca, bigode cortado em cima da bôca e pendente nos cantos e uma barbicha curta e aparada, Teodoro Sampaio contava-me ontem, na sua cadeira na Câmara, da qual jamais levanta durante as sessões, episódios da vida de Teófilo Dias.

— Sofreu muito, — diz, a voz mansa; — e sofreu mais de nervoso. A senhora, a Gabriela, era nervosíssima também, e êle sofria por si e por ela. Sobreveio-lhe um fenômeno de circulação. Eu morava em frente à casa dêles, e, quando lhe vinha a crise, o seu grito era sempre: "Chamem o Teodoro!" Se eu estava em casa ia logo. Encontrava-o sentado em um sofá, tendo em frente uma pequena mesa, na qual se debruçava, com a cabeça nos braços. Eu chegava, punha-me a animá-lo, a conversar, e dentro de alguns minutos estava êle palestrando. A família espantava-se daquele meu prestígio, e eu próprio intimamente me admirava. Um dia, tinha eu saído para o meu trabalho no Serviço de Saneamento, quando, de volta, soube que me haviam mandado chamar da casa do Teófilo. Fui imediatamente, e encontrei-o no lugar do costume, no sofá. Sentei-me a seu lado como fazia sempre, e começava a conversar, quando êle, que se ia apoiar na mesa, tentou levantar-se, como sufocado; esmoreceu, porém, de súbito, procurando cair. Segurei-o, levantei-o, e chamei pela família. Estava morto.

E com tristeza dissimulada em serenidade:

— Morreu nos meus braços.

*Sábado, 28 de setembro*:

A democracia, que à distância parece um monumento, é, de perto, um frágil barracão imenso, feito de sarrafo e besuntado de vermelhão. Dentro, alguns palhaços ganham a vida, e o povo aplaude a pantomima, faminto e encantado.

Qualquer dia o barracão pega fogo.

## OUTUBRO

*Quarta-feira, 2 de outubro:*

Ainda a propósito de Teófilo Dias. Dizia-me, na Câmara, Augusto de Lima:

— Éramos como irmãos, ou mais do que irmãos. Companheiros de casa, muitas vêzes dormimos na mesma cama.

E explicava:

— O Teófilo era excessivamente medroso. Tinha horror à escuridão e vivia apavorado com as almas do outro mundo. Às vêzes metia-se na minha cama, e pedia-me que não dormisse antes dêle, nem apagasse o gás ou a vela antes que êle dormisse.

Conclui:

— E eu, com pena, ficava velando por êle.

*Quinta-feira, 3 de outubro:*

A Academia começou a discutir a reforma ortográfica apresentada por mim, em nome da comissão de Gramática, na sessão anterior. Falou sôbre a matéria Silva Ramos. Em seguida, João Ribeiro e eu. O resto fecha-se em silêncio, alguns por desinterêsse, a maioria por ignorância.

A Academia atual é, mesmo, uma tartaruga de que a ignorância é a carapuça. O silêncio é a carapuça da ignorância.

*Têrça-feira, 8 de outubro:*

Encontro, no consultório do Dr. Mac-Dowell, com Mme. Coelho Neto, que estivera, na véspera, com o marido em nossa casa, onde me deixara um recado.

— O que eu quero, Humberto, — diz-me, — é que você, com a influência que tem sôbre Henrique, o aconselhe a não publicar o livro amoroso que êle escreveu inspirado por Cecília Lebs. Essa paixão pode renascer. Eu estou para morrer. Que êle o publique depois da minha morte.

Afasto-lhe o pensamento dessas cogitações. Trata-se de literatura.

— Deixe o homem publicar o livro, — digo-lhe. — Não prive a história literária de uma das faces do talento do escritor!

E despedindo-me:

— Quem sabe se não se trata do "Cântico dos Cânticos" do Rei Salomão?

*Segunda-feira, 14 de outubro:*

Pequenas hemorragias pelo nariz, após algumas horas de dor de cabeça. Excesso de pressão nas caldeiras, cujos tubos já não resistem.

É a ferrugem que chega.

*Quinta-feira, 17 de outubro:*

Um telegrama de Parnaíba dava-me notícia, há dias, do falecimento, ali, do meu primo-irmão Canuto Veras. Morte repentina. Uma síncope, e o mergulho na eternidade. E êsse mergulho aos quarenta e oito anos.

É uma figura de intimidade que se achava curiosamente ligada à minha vida e, talvez, uma inteligência útil que o ambiente

provinciano sufocou. Portador de um curso de humanidades feito no Ceará, recolheu-se ao Piauí para trabalhar no comércio, como sócio do pai. Amante clandestino da literatura, encheu de bons livros duas estantes, e lia-os à noite, sem idéia de proveito literário, com a volúpia passiva com que o homem desencantado bebe, gole a gole, o seu cálice de absinto. Para esquecer-se de que era um prisioneiro tendo por menagem uma grande aldeia, assinava jornais e revistas do Rio, colecionava selos e futilidades, ùnicamente para pôr-se em contato com o mundo largo, que turbilhonava lá fora. Para melhor exercício dessa paixão, estudou o inglês e o esperanto. E de tudo isso fazia uso secreto, para preencher, no seu quarto de celibatário, as suas horas solitárias. Aos quarenta e três anos, enfim, casou-se; mas escolheu para isso a viúva de um amigo, que já lhe trazia a casa organizada e, até, os filhos para o novo casal. Uma figura, em suma, que Balzac não teria esquecido nas suas cenas de vida de província.

Acresce que foi nos seus livros, utilizando a sua pequena biblioteca de amador, que eu alimentei o meu gôsto das leituras, nascido com o meu entendimento, e animado secretamente pelo entusiasmo pelas letras que encontrei em 1900 no Maranhão. Confiando-me a chave das suas estantes, deixando-me ler, não sei se de boa ou de má vontade, o que ali havia de Coelho Neto, de Valentim Magalhães, de Luís Figuier, de Tavares Bastos, de Reclus e da Biblioteca das Maravilhas; corrigindo a minha prosódia ingênua, quando eu me referia a nomes estrangeiros, como Byron e Taunay, — o certo é que êle me afastou alguns calhaus do caminho e forneceu, de esmola, algumas das primeiras migalhas de pão reclamados pela fome do meu espírito.

Esta confissão, em sua memória, é tudo que lhe posso dar pelo bem (ou pelo mal?) que me fêz.

*Segunda-feira, 21 de outubro:*

Torna-se cada vez mais absorvente, em mim, não pròpriamente o pavor, mas a idéia da morte. A circunstância, mesmo, de me haver instalado em uma casa de minha propriedade, é motivo para essas fúnebres cogitações. Enquanto morei em casa alugada, acampamento transitório de judeu errante, a imaginação não encontrava terreno para as suas arquiteturas pressagas. Em que bairro, em que rua iria eu morrer? Em que compartimento da casa ficaria exposto o meu corpo? Que portas dariam passagem ao caixão? Agora, as conjeturas já se tornam possíveis. Estou instalado definitivamente. A minha morte dar-se-á, com certeza,

aqui. Morrerei ali, naquele dormitório. Meu esquife descerá por aquela escada. Ali ficarei, inanimado, de mãos cruzadas sôbre o peito. Nesta sala chorarão os meus filhos.

De repente, porém, um raio de esperança, a idéia de que a casa não se tornará assim tão fúnebre. É que eu me pergunto, de súbito:

— E se eu morrer numa Casa de Saúde, depois de uma operação, e se resolva que o entêrro saia de lá?

*Quarta-feira, 23 de outubro:*

Quinta e sexta-feiras últimas proferi na Câmara dois ligeiros discursos, para rebater uma perfídia que ali se considera inocente e comum, mas que eu não consenti que se fizesse comigo. Tendo eu dado, na quarta-feira, quando discursava o Deputado Sales Filho, um aparte que era apenas um trocadilho, o orador não respondeu, mesmo em virtude do tumulto que então se fazia. Ao rever a sua oração, o deputado imaginou a resposta que podia ter dado, e acrescentou-a. Chegando à Câmara, verifiquei o abuso, o enxêrto nas notas taquigráficas, e falei, protestando. No dia seguinte, êle rebateu. E eu voltei à carga no mesmo instante, dando-lhe a resposta que merecia, sem, todavia, fugir do terreno literário, ao qual circunscrevo, aliás, mesmo as discussões políticas.

A minha segunda resposta, que saiu errada no "Diário do Congresso", encontra-se mais fiel na forma que lhe deu o "Correio da Manhã", de 19, pois que, no órgão oficial, se encontram repetições de palavras que são mais um pastel do que um engano.

*Quinta-feira, 24 de outubro:*

Ao chegar à Academia, Olegário Mariano, que parece ter a volúpia das novidades, avança para mim, os braços abertos:

— Humberto, meu negro, sabe quem morreu?

Estaco, surprêso. E êle:

— Amadeu... Amadeu Amaral!...

E passa a contar o que dizia o telegrama fúnebre, detendo-se, a certa altura, para correr ao encontro de outro acadêmico:

— Austregésilo, meu negro, sabe quem morreu?

E de novo, alarmado:

— Amadeu... Amadeu Amaral!...

Enquanto isso, eu fico recordando, mentalmente, o companheiro morto. Vem-me à lembrança o banquete que lhe oferece-

mos, creio que em 1914, no Restaurante Rio Branco, na Avenida, presidido por Bilac, e em que cada um de nós fêz um desenho, organizando uma página curiosa, publicada, pouco depois, pelo "O Pirralho", de São Paulo. E lembro o jantar em casa de Bilac, à Rua Barão de Itambi; e a sua figura discreta, elegante, polida, e boa. Revejo-o como êle era. Alto, magro, olhos azuis, tez clara, de um claro queimado, de escandinavo instalado no Brasil. O cabelo alourado, arrumado em pastinha negligente para a esquerda, completava-lhe a fisionomia, compondo-lhe o rosto escanhoado. A voz igual, mas velada por uma rouquidão natural, era o reflexo, o espelho do seu caráter sem arestas e da sua alma sem ondulações. Amadeu era, enfim, o modêlo do homem mediano, — no talento, no estilo, na cultura, — mas que valorizava tudo isso com a sua bondade de amigo e a sua irredutível conduta de cidadão.

*Sexta-feira, 25 de outubro:*

Quarenta e três anos, hoje. Há homens para os quais o tempo tem o pêso do algodão. Para outros, o do chumbo. Daí, a diferença do pêso dentro da mesma cubagem.

Os meus quarenta e três anos pesam, hoje, oitenta e seis.

*Têrça-feira, 29 de outubro:*

Em visita que faz a Mme. Coelho Neto, minha mulher conversa com o prosador eminente, que é nosso padrinho de casamento, e nosso compadre, pois é padrinho, também, do nosso segundo filho. E, de regresso, traz-me notícias dolorosas.

O grande escritor confessou-lhe, triste, que já não enxerga com uma das vistas, que não tem mais olfato, e que pouco escuta, já, de um lado.

— Dos meus cinco sentidos — concluíra êle, — estou, já, com três obturados!

*Quinta-feira, 31 de outubro:*

Indivíduos há que se dizem milionários, fidalgos, ou membros de altas corporações. A polícia intervém, porém, sempre, e desmascara o impostor. Alguns há, todavia, que se dizem felizes. E ninguém os desmente, porque ninguém perde o seu tempo discutindo com os loucos.

A felicidade é um fenômeno de psiquiatria.

## NOVEMBRO

*Sexta-feira, 1.º de novembro:*

A vida consiste numa espécie de marcha da treva para a claridade. À medida que nos adiantamos nela, as coisas vão tomando forma, acentuando os contornos, definindo-se. É como se desembarcássemos, noite escura, em país desconhecido. Na escuridão, imaginamos as montanhas cobertas de verdura, as árvores cobertas de flôres, as flôres ressoantes de abelhas. Pouco a pouco, porém, o céu vai clareando. A aurora atinge as primeiras nuvens. E vemos as montanhas nuas, as serpes coleando nas pedras, e em cada furna, um selvagem que nos espia, pronto para o assalto.

Eu andava na meia escuridão, vagueando na praia. Definem-se, em tôrno a mim, as surprêsas do amanhecer...

*Domingo, 3 de novembro:*

Cláudio de Sousa dá-me a impressão de quem escreve com uma pena sem tinta. Quando êle termina a página, sente-se que, para a imaginação, ela continua em branco.

*Quarta-feira, 7 de novembro:*

Em palestra com o Deputado Tavares Cavalcanti, íntimo amigo do ex-Presidente Epitácio Pessoa e figura política da sua maior confiança, dizia-me êle:

— Os Pessoas, todos êles, são de índole facinorosa. Na geração atual há nada menos de cinco assassinos, alguns dêles com dois crimes. Um sobrinho de Epitácio é criminoso de morte no Espírito Santo, outro na Paraíba, outro em Pernambuco e dois aqui. Cândido Pessoa e Chico Pessoa são criminosos à espera de ocasião. Epitácio conhece tudo isso e vive alarmado com essa predestinação. Êle sente em si mesmo, como vê nos outros, a índole violenta e sanguinária da família, mas procura compensar essa fatalidade pela disciplina da vontade.

E concluindo, como homem de estudos que fala a outro, pondo à margem as conveniências da política ou da amizade:

— Epitácio é um facinoroso dominado consciente e miraculosamente pela cultura jurídica.

*Domingo, 10 de novembro:*

Em uma roda na Câmara, sala do café, ontem, alguns deputados referiam-se ao caráter de Afrânio Peixoto, que se vai degradando na paixão das intrigas miúdas, sem a menor necessidade.

— Eu sou insuspeito, — intervém Antônio Austregésilo; — Afrânio é meu compadre, padrinho de um filho meu. Mas é um degenerado. Aquela cabeça enorme num corpo pequeno está enquadrada num tipo definido pela ciência. Talento como diabo; mas uma tendência acentuada para o cinismo, para a intriga, para a safadeza.

E numa revolta que não pôde sofrear:

— Oh, baiano safado!...

*Quinta-feira, 14 de novembro:*

Sessão da Academia destinada à votação da reforma ortográfica, proposta pela Comissão de Gramática, de que faço parte, e por mim apresentada há algumas semanas. Displicência geral. Antes do início das votações metade dos acadêmicos já haviam desaparecido, com os cem mil-réis do "jeton".

Suspende-se a votação em meio, após a recusa graciosa do artigo que condenava a letra "k", salva pelo engenheiro Luís Carlos sob a alegação de que não saberia escrever "kilometro" sem ela. Após a sessão, concordo ìntimamente com êle. Mas não é pelo "kilometro", que continuaria a ter mil metros; é pelo "kagado", que deixaria de ser quelônio...

*Quinta-feira, 21 de novembro:*

Sessão da Academia. Deve-se votar, definitivamente, a reforma ortográfica. Falo, para encaminhar a votação. Lamento a displicência, o desinterêsse, o descaso dos acadêmicos por um assunto de tal relevância. E proponho não sòmente que a votação seja nominal, mas, também, que se registre na ata o nome dos que assinaram o livro de presença, receberam os cem mil-réis, e se retiraram, como de costume, sem tomar parte nos trabalhos.

Foi êsse o único recurso para obtermos número para as votações e, mesmo, certo entusiasmo nos debates. O meu discurso, que se acha integralmente na ata, foi publicado com alguns cortes na imprensa, a fim de não humilhar a Academia.

*Domingo, 24 de novembro:*

Escrevendo sôbre Jean-Baptiste Rousseau, diz Sainte-Beuve que êle, não tendo idéias próprias, procura captá-las de tôda a parte, com assombroso esfôrço. É essa a impressão que dá Gustavo Barroso. Êle é o êmulo, nas letras, do fabricante de fósforo nacional. Êste fabrica o fósforo, mas a caixa, o palito, o rótulo, a parafina, tudo vem de fora.

*Têrça-feira, 26 de novembro:*

Apresento na Câmara dos Deputados um projeto mandando adotar nas repartições e nas publicações do govêrno, e nos estabelecimentos oficiais de ensino, e equiparados, a reforma ortográfica aprovada pela Academia. Para uniformização das regras da mesma, estabeleço, em artigo especial, que se escreva "Brazil", com Z.

*Sexta-feira, 29 de novembro:*

O líder da maioria da Câmara, Manuel Vilaboim, declara-se-me a favor do meu projeto de reforma ortográfica. E adianta:

— O Presidente (Washington Luís) também está de acôrdo.

## DEZEMBRO

*Segunda-feira, 2 de dezembro:*

A propósito das minhas idéias, enunciadas em mais de um artigo, atribuindo a nossa desorganização social e econômica, em parte, à lei de 13 de maio de 1888, diz-me, na Câmara, o velho e erudito Teodoro Sampaio:

— Eu estou de acôrdo com você, e sempre temi que os resultados fôssem êsses que você assinala e nós estamos ainda hoje observando.

E conta-me:

— Quando se organizou o gabinete João Alfredo e o Antônio Prado foi convidado para a pasta da Agricultura, eu e o Derby (Orville Derby) fomos à casa dêste, de quem éramos amigos, conversar sôbre os têrmos do projeto de abolição, que devia apresentar. Ficamos fora, no alpendre, conversando com êle até alta noite. E o que ficou assentado entre nós é que a abolição seria concedida, mas com um artigo estabelecendo que os senhores

poderiam propor contratos de locação por dois anos aos seus antigos escravos, sendo êsses contratos fiscalizados pelo govêrno. Por essa maneira, o homem negro ficaria livre, mas radicado ainda à terra, que não seria despovoada como foi, com os efeitos sociais que você observa...

De repente, porém, na ausência do Prado, aparece o projeto radical do João Alfredo. E atirou-se o escravo à rua, sem outra coisa além da liberdade.

E insuspeitamente:

— A abolição, nas condições em que foi feita, foi um desastre.

*Quarta-feira, 4 de dezembro:*

Encontro esta ordenação nas regras da Ordem Beneditina: "Trabalhar é orar".

Se assim é aos olhos de Deus, Êle terá visto, já, que eu passo a minha vida de joelhos.

*Quinta-feira, 5 de dezembro:*

Na Câmara dos Deputados Viriato Correia lê um longo discurso, publicado hoje pelo "Diário do Congresso", e que dá a medida do espírito que preside essa casa do Parlamento. O orador começa, textualmente, por estas palavras, que copio do órgão oficial:

> "O Sr. Viriato Correia (lê o seguinte discurso) — Sr. Presidente, não sei, com segurança, a extensão do golpe que a Aliança Liberal sofreu com o dissídio do P. R. M. Para uns ela já bateu a bota".

A certa altura do discurso, verdadeira mistura de calão e de lugares-comuns, trava-se o debate nestes têrmos:

> "*O Sr. Ariosto Pinto* — Respeite as caras!... Comigo não, violão! (*Risos*)
>
> "*O Sr. Viriato Correia* — É o nobre colega que censura o humorismo!
>
> "*O Sr. Ariosto Pinto* — Para a linguagem de V. Ex.ª só mesmo essa observação. Quis apenas acompanhar o palavreado do orador, nesse humorismo que não eleva a Câmara.
>
> "*O Sr. Adolfo Bergamini* — Para a linguagem do discurso, só uma resposta dessa!"

No meio da leitura, o Deputado Álvaro de Carvalho, ex-senador, membro da maioria, levanta-se indignado, e diz-me, vermelho:

— Vou-me embora! Cada vez me convenço mais que êste lugar não é para mim... A Câmara degrada-se dia a dia.

E no rumo da porta:

— Isto é uma vergonha!

O "O Jornal", o "Diário Carioca" e outras fôlhas oposicionistas, escrevem, hoje, que o discurso de Viriato Correia tornou o dia de ontem "um dos mais tristes da história do Parlamento brasileiro".

*Sábado, 7 de dezembro:*

Em um estudo sôbre a literatura russa, Vladimir Pozner compara a geração de escritores russos do início do século a uma frota de navios prontos para a partida, mas ainda ancorados no pôrto.

Aproveito a imagem. Eu sou, também, nas letras, um navio que sonhou com as viagens de alto mar e levantou a sua âncora. Mas ficou, por necessidade, a fazer evolução dentro da baía...

*Segunda-feira, 9 de dezembro:*

Antes da chegada do presidente eleito do Maranhão, Pires Sexto, recebi um telegrama reservado do Presidente Magalhães de Almeida, pedindo-me que me aproximasse dêle, e que fôsse com êle a São Paulo, em visita a Júlio Prestes, Presidente do Estado e candidato à Presidência da República. Chegado Pires Sexto ao Rio, mostrei-lhe o telegrama; e êle mostrou-me outro, em que Magalhães de Almeida aconselha que nos aproximemos, pois que somos os seus dois melhores amigos.

— Antes de minha partida, — conta-me Pires Sexto, — conversando com Magalhães em palácio, disse-lhe que pretendia ir a São Paulo e convidar, para isso, um dos membros da bancada. Êle perguntou-me quem eu ia escolher. — "O Humberto", — respondi-lhe. E êle foi franco: "Era êle mesmo que eu te ia aconselhar. O Humberto não tem ligações no Estado, e é o único que é nosso amigo, e ùnicamente nosso".

Assim, vamos, os dois, partir hoje, no expresso "Cruzeiro do Sul", para São Paulo.

*São Paulo* — (*Esplanada Hotel*) — Têrça-feira, 10 de dezembro — Chegados hoje, fomos recebidos na Estação do Norte

por tôdas as autoridades: representante do Presidente do Estado; todos os secretários do govêrno; Prefeito; Presidentes do Senado e da Câmara; Comandante da Região Militar; Chefe de Polícia; etc. Guarda-Civil formada. Banda de música. E considerados hóspedes do govêrno, com três aposentos no Esplanada.

À tarde, visita a Júlio Prestes. Em seguida, assistimos, em sua companhia, na Avenida Carlos de Campos, a experiência do novo material para o Corpo de Bombeiros, seguida de uma revista a todo o material antigo. Por último, passou a primeira bomba que o Corpo de Bombeiros possuía. Puxa-a um burrico. E fica-se a pensar se os incêndios de hoje não são mais violentos ùnicamente para experimentar as máquinas inventadas, e se não se acha travada entre o fogo e o homem uma verdadeira guerra, como essa que travam, entre si, as usinas que fabricam torpedos e as que fabricam chapas destinadas aos couraçados.

A garoa paulista peneira-se sôbre nós. E a cidade parece vestida de cinza fria, como se vestem de cinza quente aquelas que têm vulcão perto.

*Quarta-feira, 11 de dezembro:*

Visita ao Parque da Água Branca. Bois de raça; carneiros de raça; bodes de raça; galinhas de raça. Fernando Costa, secretário da Agricultura, acompanha-nos, dando-nos explicações. Forte, robusto, figura gorda de alemão sustentado a cerveja, tem entusiasmo por tudo. E é com entusiasmo que nos mostra os peixes com que vai repovoar os rios, os pássaros com que vai repovoar os bosques, as mudas de planta com que vai repovoar de vegetação a terra devastada pelo café.

Tudo grandioso, e em grande escala. E eu me pergunto a mim mesmo se desci ontem, de um trem, em São Paulo... do Brasil ou em São Francisco... da Califórnia?

Depois dessas visitas, e outras; de uma excursão encantadora ao Hôrto Florestal, onde Fernando Costa possui 10.000 mudas de tamareiras e milhões de árvores de sombra para distribuição; e de percorrer o Museu Industrial, onde se acham representadas tôdas as formas da atividade paulista, sinto crescer em mim uma admiração viva por êsse paulista de estirpe que realizou tudo isso.

— O meu pensamento, — diz-me Fernando Costa, — consiste em evitar que o dinheiro paulista saia do Estado. Seja para o que fôr. É preciso que São Paulo produza tudo aquilo de que êle tem necessidade. Dentro de poucos anos teremos tanto peixe

que não se importará mais bacalhau. Teremos tâmara para o nosso Natal e para as necessidades dos outros Estados. As sondas estão furando a terra procurando petróleo.

E no seu contentamento quase infantil:

— Se o mundo fechasse as suas portas hoje, acredite, nós sentiríamos falta de pouca coisa... Já temos quase tudo!

E fala-me da semana do trigo, a inauguração dentro de quinze dias.

À tarde, viagem a Butantã. Em caminho, na velocidade do automóvel de Fábio Barreto, secretário do Interior, que nos acompanha, contemplo as ondulações do planalto da antiga Piratininga, a terra que se estende até onde os olhos alcançam, na sucessão das suas ondas mortas, de oceano paralisado.

No parque do Instituto, vemos um empregado, com uma pequena forquilha, e de mão livre, deter uma jararaca de cêrca de um metro, e comprimir-lhe a cabeça entre o indicador e o polegar, fazendo-a despejar em uma pátena de vidro as dez ou doze gotas do seu veneno. Pôsto em liberdade novamente, no tanque que circunda o viveiro diabólico, o réptil põe-se a nadar agitadamente, enfurecido por não ter feito mal ao seu detentor.

— É a cobra que perdeu o veneno da expressão popular, — explica-me o Dr. Afrânio do Amaral, diretor do Instituto.

E explica-me:

A cobra, depois que elimina o veneno, é tomada de grande agitação, uma espécie de nervosismo de alguma duração.

Vamos a outro viveiro, cercado por um muro mais baixo. Dentro, duas árvores de folhagem miúda e cerrada, como casuarinas de cemitério. É o serpentário das espécies inofensivas. O funcionário entra, bate na árvore, mais escura com a noite que começa a descer, e a fronde fervilha e dezenas de cabeças surgem, espiando entre as fôlhas. Dos galhos de outra árvore menos copada, pendem longas bandeirolas escuras que a viração agita de leve. São as peles das cobras que mudavam de vestuário.

Afastamo-nos com tristeza, na quietação do crepúsculo. Olho os arbustos do parque ajardinado. Olho, em seguida, as duas árvores do serpentário. E lembro-me que as árvores são como os homens: umas nascem para viver cobertas de frutos e ninhos, e outras, sem culpa nenhuma, para viver sob a baba e o abraço dos reptis...

*Quinta-feira, 12 de dezembro:*

Às seis e meia da manhã partimos, de automóvel, de São Paulo, com destino ao interior: Pires Sexto, presidente eleito do

Maranhão; Wilson Coelho de Sousa, funcionário da Secretaria da Agricultura, pôsto à disposição pelo govêrno, e eu. Uma chuva miúda veio deixar-nos fora da cidade.

As terras que atravessamos a princípio estão cansadas mas ainda estão lindas. Recordam essas mulheres que tiveram muitos filhos, até atingirem a esterilidade, mas ainda conservaram na face sem rugas, sob a proteção dos cabelos grisalhos, a graça da mocidade. Aqui e ali um bosque de eucaliptos, uma larga extensão de terras reflorestadas. E tôda essa terra cheira como se estivéssemos ainda no oitavo dia da Criação.

Às nove e meia atravessamos Jundiaí. Cidade antiga, pintada de novo. Em uma das extremidades, num alto, o cemitério caiado de véspera, e, dentro, um jardim com árvores à *Le Nôtre*, cortadas caprichosamente como as de um jardim público.

Os mortos, aqui, são melhor tratados que os vivos.

Às onze horas entramos em Campinas, indo diretamente para o Instituto Agrícola, onde um corpo de especialistas nacionais e estrangeiros estuda os mil segredos do mundo vegetal. A chuva miúda alaga lá fora; mas o diretor deve mostrar-nos as plantações da Fazenda Santa Elisa, e nós vamos, atolando os carros pelos caminhos, ver, de perto, a fortuna verde de São Paulo.

Santa Elisa. Algodoais. Cafèzais. Milho. Laranja. A fazenda fica num alto. Embaixo, Campinas, com os seus sessenta mil habitantes. E à direita, e à esquerda, os seus cafèzais seculares, soldados vestidos de verde e que todos os anos se pontilham de sangue.

Ao meio-dia almôço em um hotel provinciano, casa antiga e vasta e de um só pavimento, — homenagem do Prefeito Municipal, homenzarrão afável e inteligente, reprodução viva do Barão do Rio Branco.

— Quando antigamente eu ia ao Rio, ainda no tempo do Barão, — conta-nos êle, — era cumprimentado na rua por muita gente, que se confundia na figura.

Chama-se Orozimbo Maia, e foi íntimo de Coelho Neto, quando o escritor aí viveu como professor de literatura no Ginásio.

Em seguida, visitamos o Teatro, ainda em construção, e que dá a frente para os fundos de uma igreja. E para que não faltasse alguma coisa, passamos, de automóvel, pela famosa casa das andorinhas.

Eu tenho uma estima tôda particular pelas cidades secundárias, isto é, pelas cidades que não são grandes centros populosos

e, não sendo capitais de Estado, não possuem população adventícia de soldados e funcionários.

As grandes cidades têm o inconveniente de se não conhecerem os seus habitantes, e de poderem florescer, nela, os escândalos, pela falta de fiscalização. As pequenas localidades padecem de defeito contrário: essa fiscalização degenera na bisbilhotice. Nas cidades de segunda ordem, de que é Campinas o tipo, há a vantagem de todos se conhecerem sem a preocupação miúda da maledicência.

É a terra ideal para a formação de um lar. As famílias têm o zêlo da sua reputação, podendo, ao mesmo tempo, ministrar às moças uma educação perfeita e honesta.

A minha impressão de Campinas foi, em suma, a de uma cidade em que há confôrto e virtude. Por isso, apenas, trouxe-a na minha saudade.

Sob uma chuva torrencial corremos, afrontando a água e a ventania, rumo de Limoeiro. O automóvel rompe a tempestade à razão de cem quilômetros à hora. Vemos, de longe, os telhados de Vila Americana. Wilson Coelho de Sousa informa-me:

— Era uma colônia de americanos do norte, que abandonaram a pátria e vieram estabelecer-se aqui, após a guerra de Secessão.

E ajuntou:

— A sua população atual, quase tôda, é descendente dos colonos primitivos: quase tôda ela tem sangue norte-americano.

Nova Odessa. Grandes campos cercados para a criação de reprodutores bovinos. Antiga colônia russa.

Pelos caminhos alagados, puxando um carro com forragem, o neto louro de um mujique de Tolstoi.

A terra cheira, em todo o percurso, como uma écloga de Virgílio.

Quatro horas da tarde. Limeira. Cidade com ruas íngremes e calçadas, e uma bela praça com um castelo feudal no meio de um lago artificial. O castelo é um botequim.

Visita aos laranjais mais próximos. Alguns dêles com quinhentas mil laranjeiras produzindo. Até anoitecer corremos, de automóvel, entre plantas arruadas. O Coronel Levi, chefe político e primeira figura local pela fortuna e pelas iniciativas, leva-nos a um viveiro de laranjeiras. Estende os olhos pelo campo imenso e tratado.

— Aqui, — diz-nos ele, — eu tenho dois milhões e quinhentas mil mudas, prontas para a transplantação.

À noite, jantar num hotel, oferecido pela municipalidade, com a presença de tôdas as autoridades. Em seguida, passeio a pé pela cidade sossegada e quase adormecida. Um cinema ilumina uma das faces da praça. No meio desta, no lago, centenas de sapos levantam a voz, em desafio. E no meio do lago, no castelo feudal, dois "barões" da terra da laranja tomando tranqüilamente a sua cerveja...

Às onze horas da noite um carro especial ligado ao trem da carreira traz-nos, de novo, para Campinas, onde passamos a noite em um hotel em frente à estação.

*Sexta-feira, 13 de dezembro:*

Noite ingrata, de homens sem o hábito humano das viagens. Quando, ontem, viajávamos entre Jundiaí e Campinas, cruzamos com dois leprosos, montando dois cavalos, de cuja garupa pendiam galinhas amarradas pelos pés.

— A lepra por aqui é uma calamidade... — advertiu-me Wilson Coelho de Sousa, nosso companheiro de viagem.

À noite, no hotel, diante da cama larga, no quarto que me fôra destinado, eu olhava com desconfiança a colcha, o cobertor, o travesseiro. Vinham-me à lembrança os mutilados do caminho. Tirei a roupa, vesti um pijama que trazia, e, estendendo sôbre a cama o meu sobretudo, fiz dêle, na noite fria, colcha e cobertor. De cinco em cinco minutos um estrépido de ferragens, um apito, um ruído de vapor que se escapa. São as máquinas em manobras, na estação fronteira. E é assim que vejo raiar o dia, que me encontra fatigado da meia-vigília noturna.

Às oito horas, visita à Fábrica de Sêdas Nacional. Trabalho que encanta os olhos; indústria que prende o espírito. Cêrca de quinhentas moças, trabalhando divididas em quatro ou cinco seções, no edifício vasto e amarelo, cercado de uma larga plantação de amoreiras. Um cheiro esquisito, de mulher suada, sobe de tôda a parte: provés êle dos bichos-de-sêda mortos nos casulos.

Nos porões amplos, amontoam-se os sacos enormes, de casulos do tamanho de um cajá miúdo, e precisamente com êsse feitio: uns, brancos; outros, rosa-claro, de uma tenuidade de carne; e outros côr de ouro, o denominado "ouro-Campinas", produto exclusivo da região, invejado em todo o mundo.

Centenas de moças, enfileiradas, vigiam as máquinas delicadas, que desfiam o casulo, pôsto na água quente, e, reunindo cinco ou seis dêsses fios quase invisíveis, produzem um outro,

que, envolvido em carretéis ou em meadas, vai servir em outras fábricas para a manipulação dos tecidos.

— Que quantidade de fio tem um dêstes casulos? — indago do gerente.

— Cêrca de 1.200 metros.

— Contínuos?

— Contínuos.

E eu me fico a pensar na paciência do bicho-da-sêda, produzindo êsse fio que se não parte, e que, invisível quando estendido, só se torna digno de atenção depois de concluído, quando morre a larva que o produziu. Vêm-me à lembrança, então, certas vidas, certas existências longas e obscuras, — fios de sêda trabalhados na sombra, — e que só merecem o aprêço dos homens depois de cortado pela tesoura da Morte o fio precioso de que elas se constituíam...

Em uma das salas, um aspecto curioso da vida moderna. Sôbre uma longa mesa, milhares de borboletas brancas, moles, gordas, pesadas, que batem as asas, mas não podem voar. Cobre-lhe o corpo um fino pólen branco, úmido, de flor molhada. Em tôrno à mesa, dez ou quinze mocinhas, de quinze a dezesseis anos, escolhem duas borboletas, examinam-nas, aproximam uma da outra. As extremidades se contraem; as duas ligam-se, fundem-se. E a mocinha coloca sôbre a mesa o par amoroso, que fica estremecendo, palpitando, naquele prazer da fecundação, que é imenso porque é cego, e porque será o último e único de tôda a vida...

Ingênuas, inocentes, maquinalmente, as mocinhas vão, à nossa vista, exercitando o seu lenocínio industrial. E eu me faço, a mim mesmo, esta pergunta:

— Êste espetáculo da luxúria inconsciente não dirá nada, acaso, à inteligência destas meninas que se estão fazendo mulheres? Estas borboletas não aparecerão, porventura, em mais de um sonho de virgem? Quantas destas mocinhas já se sonharam transformadas em bômbix, batendo amorosamente as asas de sêda, e não despertaram de súbito soltando um suspiro envergonhado, que era tôda uma revelação?

Nove e meia. Um carro da São Paulo Railway leva-nos rumo do litoral. E antes do meio-dia; com o céu de Londres em cima, e a atividade de Chicago ou de São Francisco em tôrno, estamos, de novo, em São Paulo.

*Sábado, 14 de dezembro:*

Às sete horas, com o céu baixo e escuro, e chuviscos espaçados reclamando capa, descemos o ascensor do "Esplanada-Hotel". À porta, esperam-nos três carros sólidos, carros de excursão, com o Dr. Queirós Barros, secretário da Viação, e o engenheiro-chefe das obras hidráulicas de Santo Amaro. E os três automóveis, em fila, deixam São Paulo, indo, em um dêles, o Presidente Pires Sexto, Queirós Barros, e eu.

Às nove e meia, após uma visita ao serviço de águas de Santo Amaro, que abastece São Paulo, distinguimos no horizonte as obras colossais da reprêsa. Obra de ciclopes; trabalho de gigantes; feito de engenharia que enche de orgulho o espírito humano. Do alto da montanha imensa, com os olhos perdidos na imensidão das águas, e quase surdos com o barulho da reprêsa que sangra, ouço a explicação, que me dá o engenheiro americano:

— Isto aqui era a princípio um pequeno vale, para o qual nós desviamos o curso de diversos rios pequenos que desaguavam no Atlântico, e deverão agora desaguar no Paraná e, por intermédio dêste, no Rio da Prata. As águas que corriam para o mar, vão correr agora para o interior. E o nosso plano é o seguinte: construir um condutor aéreo, um cabo de grandes proporções, o qual, apanhando em Santos as lanchas e barcaças carregadas de mercadorias, as tragam ao cimo da serra de Cubatão, vindo deixá-las aqui na reprêsa. Daqui então, essas embarcações, passando de comporta em comporta, ganharão o interior por intermédio do Tietê e de outros rios que correm para o centro, pois. como o senhor sabe, o terreno declina, em São Paulo, à medida que se marcha para o interior, sendo aqui a serra o seu ponto culminante...

Olho, espantado, o americano. Uma lancha espera-nos, porém, na reprêsa, e começamos a navegar. Meia hora depois as tôrres da barragem dissipam-se na distância, dando-nos a idéia de uma cidade de arranha-céus, fechando o horizonte. E o motor da lancha estala, batuca, trepida, passando agora entre pequenas ilhas que eram, outrora, cabeços de montes, na base dos quais se aprumava, então, o rancho do caipira ou a casa do colono laborioso. Como no *Uraguai*, de José Basílio da Gama, passeiam agora os peixes entre os galhos em que antigamente cantavam os pássaros... Aqui e ali uma casa, com as suas portas, as suas janelas. É um grupo de habitações para os trabalhadores, construídas sôbre compartimentos estanques, de cimento armado. São casas flutuantes, que as lanchas rebocam naquele mar mediterrâneo, de acôrdo com as necessidades do serviço...

Aportamos, enfim, a ponto qualquer, onde outros automóveis nos aguardam. Estradas desfazendo-se em lama, e lama desfazendo-se em água. Em caminho, uma parada, para um culto ao passado: uma visita à antiga Estrada do Vergueiro, caminho primitivo da Civilização, subindo a serra. Já aí, porém, temos notícia de que perdemos a parte pitoresca da festa: a neblina, levantada do mar, cobre a montanha tôda e a baixada, de modo que não podemos ver Santos, e São Vicente, do alto da serra do Cubatão!

O nevoeiro vai-se tornando, na verdade, tão espêsso que os carros parecem isolados numa viagem pelas nuvens. A um metro de distância não se vê nada. Cada um de nós dá ao outro a impressão de estar envolto em gaze, ou escondido num véu de noiva. A neblina parece compacta, sólida, palpável. Não é uma evaporação impalpável: é um tecido, que, quase, se pode romper com estrépito. E é no meio dela que chegamos à confortável moradia que a Light construiu para o seu diretor no alto do Cubatão, a 700 ou 800 metros de altura, e onde nos servem o almôço de príncipes que a poderosa emprêsa nos oferece.

E passamos a descer, rumo de Santos. A estrada de rodagem, imersa na névoa, é um punhal mergulhado num monte de linho. De vez em quando, e a cada curva, escuta-se uma buzina, que parece sair do mistério da neblina. Por mais de uma vez escapamos de rolar no abismo, indo de encontro às barras de ferro que separam a estrada e o precipício. Até que chegamos embaixo, e encontramos uma reta que corta um verde oceano de bananeiras, e em que desenvolvemos uma velocidade de 130 quilômetros à hora, — abuso permitido, apenas, ao automóvel do secretário da Viação.

De súbito, uma resolução: vamos primeiro a São Vicente. Tomamos outra estrada, atravessamos a ponte, e eis-nos na velha cidade colonial, berço da capitania, com a sua fisionomia singela e simpática de honrada e velha cidade nordestina. E, enfim, o mar, a praia imensa e lisa, pela qual rodamos no rumo do sul durante alguns minutos... Damos meia-volta, e é Santos, com as suas praias animadas, e as suas extensas ruas de cidade que se preocupa mais com o trabalho do que com os enfeites.

Visita ao Panteom dos Andradas, uma capela, ao fundo de uma igreja antiga, mas com entrada independente. Três túmulos: José Bonifácio, ao centro, como um altar-mor, ladeado por Martins Francisco e Antônio Carlos. Tudo austero, grave, em mármore verde. No mármore, as fases e as frases que encheram de glória a vida dos três santistas eminentes. Um livro existente

na portaria mostra-me a perpetuidade do culto aos três varões que ali dormem: todos os dias vai gente, e não pouca, em visita àqueles túmulos. Vamos, ainda, ver o monumento que lhes é consagrado, e que é o mais belo e eloqüente do Brasil. E às três horas estamos subindo a serra debaixo de um temporal formidável, como Moisés subiu o Sinai: entre raios e trovões, que passam acima e abaixo de nós, e rolam pelo vale imenso como se tivéssemos chegado ao dia do Juízo Final. Pelo leito da estrada a água despenha-se, como a torrente de um rio em declive. E nós correndo contra a correnteza, montanha acima, qual se quiséssemos sair da terra, e ganhar o céu, para escapar ao Dilúvio Universal.

De súbito, uma pane. O automóvel pára no alto da montanha. A chuva diminuiu, porque a tempestade desceu. E nós vemos lá embaixo, a nossos pés, o duelo dos raios e o estrondo dos trovões, como se fôssemos agora os senhores do céu e víssemos, de cima, os elementos desencadeados contra os homens...

Um caminhão vindo de Santos vende-nos gasolina. Avançamos até São Bernardo, que atravessamos. Admiramos, por um instante, o soberbo monumento do Ipiranga, e o seu jardim, onde os "bougainvilles" cromatizam a verdura com os seus montes de pétalas róseas, vermelhas ou arroxeadas. E às quatro horas em São Paulo, depois de têrmos percorrido no mesmo dia cinco Municípios — São Paulo, Santo Amaro, São Vicente, Santos e São Bernardo.

Entre as quatro e as seis, visitas de despedidas a tôdas as autoridades. Às nove horas, enfim, sob um aguaceiro constante, um apito e um abalo.

É o "Cruzeiro do Sul", o trem de aço, que nos leva, de novo, para o Rio.

*Segunda-feira, 16 de dezembro:*

Ao chegar, ontem, em casa, uma surprêsa desagradável: encontro minha mulher com um dos seus mais terríveis ataques de vesícula biliar. E o calor intenso, abafando a cidade. De modo que eu, que esperava chegar sob o meu teto para compensar, com o sono tranqüilo, os dias de fadiga e as seis noites mal dormidas, tenho, ainda, de velar pela minha doente, cujo abatimento me dá idéia dos padecimentos de que foi vítima, e dos perigos de que ainda não está livre.

*Sexta-feira, 27 de dezembro:*

Vi, ontem, uma tragédia estúpida, de que era autor o Destino: o assassínio do Deputado Sousa Filho pelo Deputado Simões Lopes, no recinto da Câmara. E êsse crime sob as minhas vistas, ao alcance do meu braço, sem que eu o pudesse evitar. Retido na Polícia Central, com Afrânio Peixoto, Homero Pires, Machado Coelho e outros deputados, testemunhas do homicídio, até onze horas da noite, limito-me a transcrever o meu depoimento prestado ali, para dar uma idéia da cena brutal. Ei-lo:

> — Encontrava-me no recinto da Câmara, em palestra com o ex-Deputado José Eduardo de Macedo Soares, sentado nas duas primeiras cadeiras da segunda fila, ao centro, quando ouvi as primeiras palavras de uma altercação, em um grupo que se achava de pé, junto à primeira fila de cadeiras, a dois metros de mim. Havendo pouca gente ali àquela hora, ouvi a voz do Deputado Simões Lopes, que parecia protestar, responsabilizando a maioria parlamentar pelos distúrbios ocorridos momentos antes na rua, em frente ao edifício da Câmara. A uma interpelação do Deputado Sousa Filho, que não pude perceber, ouvi o Deputado Simões Lopes falar em Bexiguinha da Lapa, ao que o Deputado Sousa Filho retrucou: "Vocês e Bexiguinha da Lapa, não; você e Bambu". E repetiu, "Você e Bambu". Nesse instante, vi que o Deputado Simões Lopes vibrava um sôco no Deputado Sousa Filho, ao mesmo tempo que as pessoas do grupo os seguravam, pois que o Deputado Simões Lopes procurava tirar do bôlso uma arma e o outro uma faca ou punhal da cava do colête.
>
> Saindo para o espaço em frente às bancadas, em que se travava a luta, a fim de auxiliar os que subjugavam um ou outro, vi que o Deputado Sousa Filho, já seguro por amigos, era agredido a bengaladas por um rapaz de branco, que soube, depois, pelas palavras que proferia, ser filho do Deputado Simões Lopes.
>
> Conseguindo libertar-se das mãos dos amigos, o Deputado Sousa Filho tomou ao agressor um pedaço da bengala com que êste o agredira, precipitando-se sôbre êle. Entrando o Deputado Sousa Filho para a passagem que fica entre a parede e as cadeiras, do lado das bancadas paulista e baiana (lado da Rua da Miseri-

córdia) em perseguição do moço que o agrediu, eu, que me encontrava no espaço entre a mesa e as bancadas, vi que o Deputado Simões Lopes, que se libertara dos que o seguravam, ia em perseguição do Deputado Sousa Filho, empunhando um revólver, com o qual fêz de longe um disparo. Segui no seu encalço, com o propósito de detê-lo. Ao disparo da arma, o Deputado Sousa Filho, que me pareceu desarmado, abaixou-se entre as bancadas, ficando quase deitado. O Deputado Simões Lopes aproximou-se, tentando disparar a arma, novamente. Quando cheguei junto dêle, era tarde: o Deputado Simões Lopes disparara a arma à queima-roupa, sôbre o Deputado Sousa Filho, que não se levantou nem se moveu. Nesse momento, segurando o Deputado Simões Lopes pelo braço, levei-o, acalmando-o, para o espaço em frente à mesa, trazendo êle ainda a arma na mão. Procurei sossegá-lo passando-lhe a mão pela cabeça e pelo ombro, ao mesmo tempo que lhe segurava o braço, que tinha o revólver.

Nesse ínterim, o Deputado Sousa Filho levantava-se cambaleando, vindo cair, morto, ou moribundo, junto à porta do recinto que dá para a Rua da Misericórdia. Outros deputados, amigos do Sr. Simões Lopes, aproximaram-se então dêste que se achava a meu lado e desarmaram-no".

Neste documento íntimo, posso adiantar: Simões Lopes matou Sousa Filho com ferocidade. Matou-o no chão, a um metro entre o cano do revólver e o alvo. E eu só não me atraquei com êle no momento da pontaria não só por ter chegado junto no momento em que a arma disparava, como por estar convencido de que Sousa Filho se havia escondido, entrincheirando-se, entre as bancadas, para também atirar sôbre êle. Quando retirei Simões Lopes do lugar em que havia atirado, e não vi Sousa Filho levantar-se, tive a impressão que a bala lhe tivesse varado o crânio. Quando, porém, o vi erguer-se, sem sinal de sangue no rosto, dobrado sôbre si mesmo, e caminhar, encostado à parede, em direção à porta, tive ainda um momento de esperança. Mas esta era falaz. O grande e ardoroso tribuno estava ferido de morte.

Ao chegar à Polícia, uma hora após o crime, encontro-me com Simões Lopes. Cabeça levantada, pálido, a pálpebra do ôlho esquerdo descida, cercam-no Evaristo de Morais e Plínio Casado.

— O Sousa morreu... — diz-lhe alguém.

— Morreu?... Não sabia... — exclama, sem grande emoção.

E para mim:

— Uma fatalidade... Quando eu vi meu filho cair, tive a impressão que êle o tinha apunhalado... Pensei que êle tivesse assassinado meu filho...

Um instante depois, na sala anexa, Afrânio Peixoto diz-me:

— Êle ainda está sob a primitiva pressão nervosa. Ainda não refletiu sôbre o que fêz. Daqui a algumas horas, ou amanhã, quando sobrevier a calma, é que começará o drama da consciência...

FIM DO VOLUME I

HUMBERTO DE CAMPOS

# DIÁRIO SECRETO

VOLUME II

EDIÇÕES O CRUZEIRO

*Opiniões da crítica sôbre os livros de*

# CONSTANTINO PALEÓLOGO

"...seu estudo psicanalítico de Eça de Queiroz é por certo de um especialista e, ademais, de um crítico literário muito perspicaz."

SERGIO MILLIET

"...o responsável por esta seção tem gáudio em assinalar o estudo magistral que sôbre Machado de Assis publicou o Sr. Constantino Paleólogo, no seu volume de ensaios *Machado, Poe e Dostoievski*."

AFRANIO COUTINHO

"...altas qualidades de pesquisa e método crítico..."

WILLY LEWIN

"...Constantino Paleólogo se incorpora à rara equipe de críticos prospectivos da nossa literatura e além de radioscopar com fluoroscópia severa êsse organismo literário e humano, ultrapassa em qualidade o que sôbre Poe se fêz desde o livro de Craig."

JOSÉ GERALDO VIEIRA

"...um estudo completo da obra machadiana, lança sôbre ela intensa luz."

W. BERARDINELLI

---

HISTÓRIAS VERÍDICAS — contos ★ O HOMEM PERDIDO — romance ★ EÇA — LITERÁRIA E PSICANALÌTICAMENTE — ensaio ★ MACHADO, POE E DOSTOIEVSKY — ensaio.

---

EDIÇÕES O CRUZEIRO - RUA DO LIVRAMENTO, 203 - RIO DE JANEIRO

# DIÁRIO SECRETO

DE

HUMBERTO
DE CAMPOS

VOL. II

EDIÇÕES O CRUZEIRO — RUA DO LIVRAMENTO, 203 — RIO DE JANEIRO

# 1930

## JANEIRO

*Quarta-feira, 1.º de janeiro:*

Submeto a balanço a minha vida. E verifico que o ano de 1929 foi, para mim, dos mais trabalhosos e, no entanto, dos menos produtivos. Publiquei um livro, "O Conceito e a Imagem na Poesia Brasileira", mas êsse estava pronto e vinha, já, de anos anteriores. E, todavia, escrevi muito: para o "São Paulo-Jornal", para "A Gazeta" (de São Paulo), para "O Jornal", e a página de crítica semanal do "Correio da Manhã". E aumentei de quase duas mil as fichas do meu arquivo. E trabalhei vivamente na política, junto aos ministérios, em proveito do meu Estado.

Se Deus me pedisse contas da minha colheita de 1929, eu poderia, assim, desculpar-me:

— Senhor, eu plantei muito, suei e fatiguei-me; calejei as mãos, trabalhando, e os pés, peregrinando. Apenas, mais por culpa da terra e das estações, as minhas árvores não deram fruto!

E, tomando a enxada humilde, começo a trabalhar de novo...

*Sexta-feira, 3 de janeiro:*

Na secretaria da Academia, onde casualmente nos encontramos, — Medeiros e Albuquerque, Afrânio Peixoto e eu, — anuncia-nos Afrânio a sua partida, breve, para a Bahia, onde pretende visitar o seu distrito eleitoral. Conta-nos, então, Medeiros, um episódio da sua vida política.

— Quando eu representava Pernambuco na Câmara, fui eleito, sucessivamente, pelo primeiro, pelo segundo, pelo terceiro e pelo quarto distritos. Um dia um colega me disse, ao ver o meu nome indicado para essa última circunscrição:

— "Você é um homem feliz: já foi representante de todos os distritos eleitorais de Pernambuco!"

Mas eu protestei logo:

— "Pelo contrário, meu velho, isso é um mau sintoma. Isso prova que eu sou tão mau deputado que nenhum dos distritos quis repetir!"

E com o seu cinismo inteligente:

— E parece que era isso mesmo. Tanto assim que, não havendo um quinto distrito, eu fui pôsto fora da representação.

Rimo-nos, todos.

*Segunda-feira, 6 de janeiro:*

No tomo I dos "Soixante ans de Souvenirs", de Ernest Legouvé, encontro esta frase: "Ce n'est pas moi qui ai conduit ma vie. c'est ma vie qui m'a conduit". E reflito sôbre a minha vida. Eu sempre desejei, desde menino, partir para o oceano largo dos destinos humanos. Nunca tive, porém, no princípio, a idéia do ponto a que iria dar: se a uma ilha, a um continente, ou se terminaria num naufrágio. Parti como Colombo, ùnicamente com a fôrça do meu ânimo. E sou homem de letras com a mesma dedicação com que teria sido fazendeiro próspero, comerciante laborioso ou industrial infatigável.

Eu fui sempre, em suma, desde que me veio o entendimento, uma atividade inquieta em busca de aplicação.

*Quarta-feira, 8 de janeiro:*

Inicio, com Medeiros e Albuquerque, a organização do "Vocabulário" da língua portuguêsa, de acôrdo com a reforma ortográfica aprovada pela Academia.

Vamos, assim, batizar a criança, cuja paternidade nos é atribuída.

*Sexta-feira, 10 de janeiro:*

Na introdução ao primeiro tomo dos "Mes Cahiers" deixados inéditos pelo pai, conta Philippe Barrès que ouvia freqüentemente esta exclamação dos lábios paternos:

— "Ah, que ne puis-je travailler vingt-quatre heures par jour!"

Quantas vêzes não tenho eu também soltado essa queixa, partida do íntimo do coração!

*Domingo, 12 de janeiro:*

Os jornais noticiam, em artigos especiais, a morte do ex-Deputado Pereira Teixeira, que foi o último sibarita republicano. Figura de segunda ordem no domínio intelectual, possuía, contudo, um tato especial para os negócios escusos, para a advocacia administrativa, em que auferiu milhares de contos de réis.

Conta uma das fôlhas que lhe dão a biografia, que, chegado ao Amazonas, ganhou ali uma causa que lhe rendeu quinhentos contos. E festejou o acontecimento oferecendo à sociedade de Manaus um "cotillon" como jamais ali se viu, no correr do qual distribuiu pelas senhoras presentes, jóias no valor de cem contos de réis. Encarregado, de outra vez, de realizar em Paris um empréstimo para o govêrno amazonense, apresentou-se ali com uma comitiva de príncipe. Aí, ofereceu à espôsa de um amigo um automóvel de grande preço, dentro do qual havia um cão de luxo e cujo chofer estava pago por um ano. Adianta o jornal que dá essas informações que o primeiro automóvel que Rui Barbosa possuiu era presente seu.

Adorava as mulheres e vivia entre elas. Tinha as amantes que queria, transformando-as, depois que as deixava, em amigas sem ódio. Amigo dos maridos, reunia na casa de uma delas, tôdas as odaliscas, divertindo-as, em banquetes de Luculo, como um sultão alegre.

Ao aproximar-se dos sessenta anos, fêz-se amante de uma senhora ilustre, cantora hoje famosa, mas em cuja dedicação não podia confiar. Uma tarde, telefonou-lhe:

— Estás pronta para sair?

— Não.

— Então, veste-te a tôda pressa, para nos encontrarmos agora mesmo.

Vinte minutos depois chegavam os dois à sua chácara da Tijuca, o parque Cockrane, que pertenceu a José de Alencar.

— Despe-te, — ordenou.

E após um instante de amor:

— Veste-te, para sairmos.

Terminada a "toilette" da moça, Pereira Teixeira tirou do bôlso o seu cronômetro de ouro, e observou:

— Quarenta e sete minutos.

E sentando-se de novo no leito:

— O que eu quis ver foi, apenas, o tempo de que precisas para me enganar...

*Têrça-feira, 14 de janeiro:*

Às vêzes, ao refletir sôbre os incidentes dramáticos da vida, vem-me ao espírito uma concepção literária do mundo. Nós não seremos simplesmente os personagens vagos de um imenso e confuso romance que Deus escreveu?

*Quinta-feira, 16 de janeiro:*

Compareci anteontem perante a Justiça, para depor como testemunha do assassínio do Deputado Sousa Filho, praticado pelo Deputado e ex-ministro Simões Lopes. O Juiz, de nome Botafogo, rapaz delicado, pareceu-me simplesmente inepto. Plínio Casado, advogado do criminoso, declara contestar o meu depoimento. Dá-me, em seguida, o braço, e explica-me ao ouvido:

— É a praxe. Eu sei que disseste a verdade pura; mas é preciso salvaguardar alguns pontos que, em caso de divergência com o depoimento de outras testemunhas, devem ser explorados pela defesa.

E eu desço com uma indisfarçável repugnância da Justiça, e com uma profunda pena dos incautos e dos infelizes que tombam nas malhas dessa associação de especuladores oficiais, que funciona à luz do dia no coração, mesmo, das sociedades policiadas.

*Sábado, 18 de janeiro:*

A vida moderna, intensa, ativa, precipitada, vertiginosa, transformou o homem em máquina. A inteligência é um aparelho de funcionamento fácil, que produz muito, embora de segunda ou terceira qualidade. O escritor de hoje lavra a terra do pensamento por meio da eletricidade.

Alguns fazem saltar o solo, revolvendo-o, por meio de dinamite.

Eu continuo a admirar, porém, os que trabalhavam a sua terra pacientemente com enxada, ou, quando muito, com arado de mão...

*Segunda-feira, 20 de janeiro:*

A 11 do corrente recebi um telegrama do presidente do Diretório do Partido Republicano Maranhense (creio que é essa a denominação do partido a que pertenço), comunicando ter sido o meu nome indicado, por unanimidade, para a reeleição, na renovação da Câmara Federal.

A política partidária ocupa um lugar tão secundário na minha vida, que só hoje me lembrei dêste registro. Entretanto, fui eu, sem contestação, e segundo o depoimento do Presidente do Estado, o deputado de esfôrço mais eficiente. Por interferência minha, junto ao Ministro da Viação, foi concluída a ponte "Benedito Leite", ligando a ilha de São Luís ao continente; foi terminada a estação da Estrada de Ferro São Luís — Teresina, na capital maranhense, que tomou, a pedido meu, o nome de "Urbano Santos"; foi provida de locomotivas, carros, e material de oficina, a mesma Estrada, que não recebia material dessa ordem desde a sua inauguração. Fora os serviços miúdos, e os de caráter político, de que fui, e ainda sou, encarregado diàriamente.

Isso é, porém, coisa que me não compete lembrar. Antes que a política esqueça os serviços que lhe prestei, esqueço-os eu.

*Quinta-feira, 23 de janeiro:*

Conto a escrever: a história do indivíduo que tinha muitas almas. De repente, uma, serena e ponderada, saía; e entrava outra, irritada, ciumenta, malfazeja. Daí as variações do seu caráter, as suas certezas de um dia que se tornavam dúvidas no outro, as contradições dos seus atos e dos seus pensamentos.

A vida não será isso mesmo?

*Domingo, 26 de janeiro:*

De regresso, ontem, do consultório do nosso médico, Afonso Mac-Dowell, minha mulher contava-me o que êste lhe dissera sôbre a saúde de Coelho Neto, a quem examinara, há dias:

— Êle pensa que está bom; mas o seu estado é muito grave.

E com a frieza dos homens que se familiarizaram com a morte:

— Vocês podem receber, a qualquer momento, uma triste notícia...

*Quinta-feira, 30 de janeiro:*

A Academia havia resolvido eleger patronos para as vinte cadeiras de sócio correspondente. Consultados os acadêmicos por escrito, foi eliminado o nome de Francisco Sotero dos Reis. Na sessão de 16, bati-me pela sua inclusão. E a Academia, após um incidente com o Afrânio Peixoto, aceitou a minha proposta.

Sotero, hoje, é patrono. E Odorico Mendes também.

## FEVEREIRO

*Sábado, 1.º de fevereiro:*

De algum tempo a esta parte eu tenho pensado menos no problema da morte, e submetido a imaginação a menor trabalho a propósito do destino do meu corpo depois que a alma o tenha abandonado.

Eu sentia, na verdade, indizível terror ao refletir sôbre a cena dos meus funerais, e, particularmente, sôbre as primeiras horas, e os primeiros dias, no seio frio da terra. Um fato insignificante veio, porém, modificar êsses pensamentos sinistros. Eu fiz há dois anos uma extirpação das amígdalas. Espantado com o tamanho delas, e envaidecido com o resultado dessa intervenção cirúrgica, o operador, Dr. Carlos Rohr, pôs em álcool as glândulas extirpadas, e ofereceu-mas. De vez em quando, ao procurar um livro, eu encontrava num desvão das estantes o vidro que as continha. Até que, não sei como, com as minhas mudanças dos últimos tempos, desapareceram.

Onde andarão elas? Ainda estarão no álcool? Tê-las-á a terra destruído ou devorado? Não sei. Separadas de mim, tornou-se-me indiferente o seu destino.

Daí a minha relativa tranqüilidade, hoje. A Morte é uma mutilação. Separados alma e corpo, que importa o destino dêste? E se não houver alma não será, tudo, ainda muito melhor?

*Têrça-feira, 4 de fevereiro:*

O amor ideal é como êsses balões dirigíveis que vêm fazendo a travessia dos mares e dos continentes: vive no ar, entre as nuvens e as estrêlas, nas proximidades do céu mas, ao fim de cada vôo, lançam a âncora, fixando-a na terra.

A paixão mais pura precisa, de quando em quando, para viver, de um pensamento imundo.

*Sábado, 8 de fevereiro:*

Gripe violenta, atacando cabeça e pulmões. Continuei, não obstante, a tomar água gelada e a trabalhar com o ventilador diante de mim.

Resultado: acordei esta madrugada sufocado, como se me tivessem passado em tôrno do peito dois arcos de barril.

*Domingo, 9 de fevereiro:*

Cada geração literária tem um ideal sacrílego. O da de Flaubert e dos Goncourt era destruir Voltaire. O da atual, aniquilar Anatole France.

É a eterna guerra contra os deuses.

*Têrça-feira, 11 de fevereiro:*

Dizia-me, quinta-feira última, na Academia, com a sua vivacidade infantil, Rodrigo Otávio:

— Eu, quando publico um livro, só me lembro dêle até o dia em que sai da tipografia. No dia seguinte é como se nunca o tivesse escrito ou publicado.

E enquanto êle assim me fala, vem-me à lembrança aquêles louva-a-deus do entomologista Fabre, os quais, quando põem ovos, não olham, sequer, para trás a ver o lugar em que ficaram...

*Sexta-feira, 14 de fevereiro:*

A mocidade é como os pescadores à linha. Aos dezoito anos atira-se à água a isca do coração. E ninguém sabe o peixe que vem.

*Quinta-feira, 20 de fevereiro:*

Glabro e risonho, sentado na cadeira a meu lado, Rodrigo Otávio chama, na Academia, a minha atenção para o fato de haver Machado de Assis suprimido nas "Poesias Completas" a sua formosa poesia "Menina e Moça", uma das mais belas de sua obra.

— Eu perguntei-lhe um dia o motivo dessa omissão, — diz-me Rodrigo Otávio. E sabe o que êle me disse? Disse-me que a havia suprimido porque existia nela uma quadra em que figurava o nome de uma modista da Rua do Ouvidor. Desaparecida a modista, perdera a quadra a oportunidade. E êle, para não ter de modificar a poesia, preferiu suprimi-la.

*Domingo, 23 de fevereiro:*

O coração das mulheres é como as caixas de fundo duplo, usadas pelos prestidigitadores e contrabandistas: escamoteiam os sentimentos.

*Quarta-feira, 26 de fevereiro:*

Regressando de uma visita a Flaubert, escrevia um dos Goncourt: "Cet intérieur, c'est l'homme, ses gouts, son talent. Un intérieur tout plein d'un gros Orient, et où perce un fond de barbare dans une nature artiste".

É essa a impressão que dá, igualmente, a casa de Coelho Neto, nas peças domésticas em que êle impera. Na sala de espera, na sala de jantar, no seu gabinete, não há um palmo de muro sem um quadro, um tapête, um prato ou uma estatueta, pendurado num gancho ou apoiado num suporte. São os ex-votos da sua igreja.

Filho de índia, revela-se aí o bugre. Reduzido a outra condição social, êsses objetos de arte seriam representados, talvez, por um retalho de pano vermelho e um punhado de miçangas.

## MARÇO

*Sábado, 1.º de março:*

Indicado à reeleição pelo partido a que estou filiado no Maranhão, aguardo, tranqüilo, o resultado do pleito. À noite, saio. A cidade ferve, animada pelo carnaval e pela eleição. Ordem absoluta por tôda a parte.

Que estará, entretanto, sucedendo no sul?

*Segunda-feira, 3 de março:*

Olegário Mariano deve estar com quarenta e um anos. Os cabelos moles, que lhe escorregam pelo rosto, apresentam já fios brancos, que êle disfarça com uma tintura alourada. Mas faz questão de parecer menino, infantil e ingênuo. Incapaz de deter-se dois minutos em uma roda em que se trate de letras sérias, anda sempre cercado de meninotes, que lhe pagam a honra da intimidade com uma admiração preventiva, que é mais pelo acadêmico alegre do que pelo poeta, que nunca leram.

Ao vê-lo assim, tão abaixo da respeitabilidade da Academia, dizendo e fazendo tolices, a impressão que me vem é a dos cantores da Capela Sistina, de fisionomia máscula e vozes efeminadas. Há, realmente, almas castradas na infância.

E a de Olegário está nesse número.

*Quarta-feira, 5 de março:*

Duas lembranças remotas que se me gravaram na memória, e que aí se fixaram como abertas a ácido em placa de metal. A mais antiga data de 1894. Tinha eu oito anos. Vindos de Miritiba, minha mãe e seus dois filhos já órfãos de pai, fomos nos hospedar no Maranhão, à Rua da Inveja, em casa de parentes nossos, à espera de vapor para a Amarração. Chega a manhã da partida. Alguém me veste, abotoando-me a blusa. De repente, um apito longo, e distante.

— É o vapor, — diz-me quem me veste, bôca de mulher de que me não lembra o rosto.

— É nesse que a gente vai? — indago.

— Não, — respondeu-me.

E a mesma voz:

— Êsse que está apitando é o "Cabral"...

A outra lembrança é posterior. Estávamos já em Parnaíba. Meu tio Emídio Veras morava em um sobrado vasto, onde depois foi o telégrafo, à rua Grande. Tínhamos chegado há poucos meses, e eu estou vestido, para sair com minha mãe. Minha prima Bernardina ajoelhou-se no soalho, corrigindo a minha "toilette". Endireita a minha blusa, abotoa a minha calcinha desabotoada. E numa frase, que nunca esqueci:

— Quando ficar homem, vá dizer que uma moça lhe abotoou a calça...

E eu agora estou dizendo.

*Sábado, 8 de março:*

Conferência pública de Silva Ramos na Academia, comemorando o centenário do nascimento de João de Deus. Com setenta e sete anos, jamais havia êle falado para grande assistência. E saiu-se excelentemente. Leu durante uma hora as tiras que havia escrito, recorrendo, porém, à memória quando tinha de recitar versos do homenageado, que fôra seu contemporâneo na Universidade de Coimbra.

— Êle estava apavorado com a idéia de um insucesso, — diz-me ao lado Rodrigo Otávio.

E adianta:

— E me confessou que fêz a conferência em casa diversas vêzes, experimentando a resistência. O fôlego e a voz venceram a dificuldade; apenas as pernas não resistiram, fraquejando ao fim de cinqüenta minutos.

Mas, em público, as velhas pernas resistiram: o conferencista conservou-se de pé na tribuna uma hora, e elas lhe não fraquejaram. E ao fim, os abraços, os louvores, os parabens:

— Bravos, pela estréia!

*Têrça-feira, 11 de março:*

A Natureza é sábia e justa. O vento sacode as árvores, move os galhos, para que tôdas as fôlhas tenham o seu momento de ver o sol!

*Sábado, 15 de março:*

Quando eu cheguei ao Rio de Janeiro as livrarias eram, ainda, pontos de reunião de homens de letras. A Garnier, cuja porta se tornou histórica, possuía junto à Caixa três ou quatro velhas cadeiras de palhinha, em que se sentara Machado de Assis e se sentavam, ainda, Melo Morais e Alberto de Oliveira, que eu via de perto, e Sílvio Romero, que eu conheci de longe. Eram sucursais das cadeiras da Academia, cujos ocupantes iam, aí, matar as saudades das outras. Há oito ou dez anos, porém, as velhas cadeiras foram retiradas. E como os pássaros não cantam no ar, mas nos ramos, os poetas da Garnier desapareceram, por falta de pouso.

A Livraria Freitas Bastos, antiga Leite Ribeiro, é a única, hoje, que oferece cadeiras aos clientes. Mas entre os que delas se apossam não há um só homem de letras. Apossaram-se delas alguns funcionários públicos desocupados, que passam o dia discutindo política e vida alheia, sem a menor idéia de literatura.

A profissão literária não estará, na verdade, condenada ao desaparecimento, vitimada aos poucos pelo descaso público?

*Quinta-feira, 20 de março:*

À porta do "Jornal do Comércio", na Avenida, encontro o deputado baiano Homero Pires, que me agradece os dois artigos que escrevi sôbre o seu livro estudando a individualidade de Junqueira Freire. E como se falasse de críticos refere-me êle que Agripino Grieco, de quem é amigo, publicará um ataque à mesma obra, dizendo que o fazia por que o livro já havia sido elogiado de mais.

— Felizmente, — acrescenta, — tôda a gente conhece o Grieco. Eu vou contar a vocês (a mim e a um amigo seu, que

o acompanhava) um episódio que define o homem e dá uma idéia do escritor. Há tempos, achavamo-nos abancados no "Café São Paulo", eu, êle, Jackson e outros, quando chegou o Jarbas Loretti, que tomou lugar à nossa mesa. A presença do Jarbas foi motivo para que o Agripino começasse a recordar fatos da sua infância, de que o Jarbas fôra testemunha.

— O meu avô — contara Agripino, então, a todos, — foi um calabrês vingativo e sanguinário. Verdadeiro celerado. Condenado a galés por mortes e roubos, teve, afinal, a sua pena comutada por ocasião das guerras garibaldinas. Meu pai, vindo para o Brasil, trouxe um pouco do temperamento do meu avô. Fixando residência na Paraíba do Sul, de vez em quando estava às voltas com a justiça. Tinha, porém, bons amigos, e era absolvido ou sôlto sem dificuldade. O Jarbas, aqui, sabe de tudo isso. Êle era nesse tempo promotor da comarca. E eu ainda me lembro de uma peça que êle nos pregou. Meu pai havia sido prêso, e pronunciado; mas, para nós, na família, isso nada importava, pois que tínhamos certeza que êle seria absolvido, e que o Jarbas não apelaria. No dia do julgamento, preparamos uma festa, um farto jantar à italiana, para a volta do velho. Chega de tarde, o juri absolve; mas aqui o nosso Jarbas, em nome da sociedade, apela da sentença!

E concluira:

— E eu ainda me lembro com que cara nós comemos, por culpa aqui dêste nosso amigo, nessa noite, a enorme macarronada da família, destinada a festejar a soltura do velho!

E Homero Pires termina:

— O Jarbas, gostando da franqueza dêle, assegurou-nos que tudo aquilo era verdade...

*Segunda-feira, 24 de março:*

Os antigos não temiam a morte. O terror que esta inspira hoje é, parece, uma das criações do catolicismo. Era, talvez, para não ouvir o rumor da vida que êles pediam os grandes túmulos, ou que se amontoasse sôbre os seus despojos as infinitas pedras das pirâmides.

*Quinta-feira, 27 de março:*

Em um pequeno grupo na Academia, eu recordo uma frase do Deputado Tavares Cavalcanti, íntimo amigo do ex-Presidente Epitácio Pessoa, em um dia em que conversávamos os dois na Câmara, na sala do café.

— Não tenha dúvida, não, — disse-me êle, com a sua voz arrastada, de nortista; — Epitácio é um cangaceiro nato, modificado pela cultura jurídica. Isso está na consciência dêle mesmo.

Referida por mim essa frase, João Ribeiro corroborou-a:

— E isso é verdade. Eu sei de pessoa insuspeita que, quando se aproximou a época de a filha, a casada com o Gabaglia, ter criança, êle começou a mostrar-se inquieto e preocupado. E que essa preocupação desaparecera quando lhe foram dizer que a filha havia dado à luz uma menina. Eu soube que, nessa ocasião, êle exclamara:

— "Graças a Deus!"

E explicara:

— "Graças a Deus, sim; porque, na minha família, os homens trazem um destino vermelho, são assassinos por fatalidade; ao passo que as mulheres não; as mulheres, tôdas, são santas e boas..."

## ABRIL

*Quarta-feira, 2 de abril:*

Vindo do Maranhão, que acaba de governar, o Comandante Magalhães de Almeida traz-me um casal de marrecas. Elegantes e graciosas, com o seu dorso castanho-negro, os pés e o bico-vermelho, os dois palmípedes percorrem o quintal como duas raparigotas adolescentes que pusessem em evidência, na marcha, todos os requebros do corpo jovem.

Aves da minha terra, é com emoção particular e fina que lhes escuto alta noite o canto assustado. Reporto-me aos tempos da minha meninice, quando, em Miritiba ou na Parnaíba, as ouvia passar em bando, muito alto, nas noites de luar. Era no fim das águas, quando, sêcas as lagoas em que viviam, desciam elas do sertão para os pontos ainda alagados, enchendo o céu e a noite com os seus gritos de alarma, que talvez fôssem adeuses, cantos de saudade e de despedida.

Diziam-me então que, enchendo-se a bôca de farinha, e voltando-se para o alto, as marrecas tombavam da altura, tontas. E quantas vêzes não fiz a experiência, e não acordei cedo para, batendo o mato em tôrno da casa, procurar as aves tombadas de noite!

Lá estão elas gritando, aflitas ou alegres... E uma lágrima, — lágrima de saudade de mim mesmo, — vem brotar-me no canto dos olhos, para tornar-se, quase, o ponto final desta página...

*Têrça-feira, 8 de abril:*

Ao levar hoje no "Correio da Manhã" o meu artigo da semana, que é um estudo sôbre "A Viagem Maravilhosa", de Graça Aranha, Paulo Bittencourt lê as últimas tiras, e surpreende-me com esta aprovação:

— Está muito bom. Não faz mal que se mêta o pau, porque os dois procederam infamemente.

— Os dois, quem? — indago.

— O Graça Aranha e a Nazaré Prado. A Teresa do romance é ela, e o Felipe é êle. E o marido... como é o nome dêle?

— Radagásio.

— O Radagásio é o Pacheco Chaves.

E conclui:

— O Graça esperou que o Conselheiro morresse para publicar o livro... Foi uma lição na Nazaré... Bem feito!

*Quarta-feira, 9 de abril:*

Nove horas da manhã. Telefone.

— Bom dia, Humberto. Quem fala aqui é Graça Aranha...

— ...

— Venho dar-te um abraço de agradecimentos e de parabéns pelo teu artigo... Foi o melhor que já se escreveu sôbre o meu livro...

E após um diálogo de meia hora:

— Teu artigo honra a cultura brasileira.

Não se trata, entretanto, de um artigo encomiástico, mas de crítica sincera, altiva e imparcial.

*Sábado, 12 de abril:*

Telegrama do Presidente do Maranhão, Pires Sexto, dá-me notícias da apuração do pleito de 1.º de março, pela Junta respectiva. E informa-me ter eu sido diplomado deputado federal com 27.038 votos. Dos sete, estou em quarto lugar, obtendo o primeiro apenas novecentos votos mais do que eu.

Para quem não é político, e não foi ao Estado, não é muito: é de mais.

*Segunda-feira, 14 de abril:*

Na redação de O CRUZEIRO, num terceiro andar da rua Buenos Aires, encontro, após dez anos de ressentimentos, Carlos

Malheiro Dias, o romancista da "A Paixão de Maria do Céu" e d' "O Filho das Ervas". Com a sua face mais ou menos fresca aos cinqüenta anos, o cabelo grisalho e liso cobrindo a calva em progresso, o lábio ornado por um bigodinho em que são raros os fios negros, nota-se nêle êsse esfôrço alegre de quem quer perpetuar a mocidade além dos limites naturais. De pequena estatura e gorducho, dá a impressão jovial de um menino caracterizado de homem de meia-idade para um batizado de bonecas. No sofá ao lado, um croché, com a agulha enfiada, que devia estar sendo trabalhado pela rapariga loura, tipo de alemã ou de holandesa, que me atendeu à porta quando eu bati.

Ao ver-me, o antigo romancista, que se acha sentado à secretária do diretor do semanário, estende-me ambas as mãos, sem erguer-se. Uma bengala com o feitio de muleta que se acha ao lado da mesa, explica-me a sua atitude: é que êle, depois do desastre de automóvel de que foi vítima, não se pode mais erguer, ou marchar, sem apoiar-se pelo menos de um lado, como um mutilado de guerra. Falamos de letras, e êle, com a sua pronúncia acentuadamente lisboeta, refere-me episódios da sua vida de escritor.

— Quando eu publiquei o "Filho das Ervas", levei um dos primeiros exemplares a um velho tio meu, homem sem muita cultura mas muito inteligente e perspicaz. Dias depois, após a leitura, êste me dava a sua opinião rude, mas sincera, nestas palavras:

— "Tu vês bem as coisas, rapaz; lá isso, vês; mas é uma pena: escreves como um sapateiro!"

Falo a Malheiro Dias da impressão que me deixou a sua "Paixão de Maria do Céu", que li aos vinte anos. Comparo a sua "ouverture" à da "Ressurreição", de Tolstoi. Mas o autor objeta logo:

— É porque você não o releu mais tarde, com o espírito crítico que hoje tem. "A Paixão de Maria do Céu" é um romance defeituoso. O fim está em desacôrdo com o princípio. Do meio para diante o assunto começa a falhar. A cabeça é grande de mais para o corpo.

E continua a discorrer sôbre a sua vida, sem o menor entusiasmo pela própria obra.

*Quarta-feira, 16 de abril:*

Sorteio das comissões para organização da Câmara dos Deputados. Casos graves e complicados. E aconteceu-me ser sorteado

para o mais perigoso dêles, que é a apuração das eleições no Estado de Minas Gerais. São sorteados para essa comissão: Altino Arantes, Aníbal Freire, Pacheco de Oliveira, Bianor de Medeiros e Humberto de Campos. Proclamamos presidente Altino Arantes, que me distribui, para relatar, os papéis dos 3.º e 4.º distritos.

Expectativa ansiosa, na imprensa e no público.

*Segunda-feira, 21 de abril:*

Louro, vermelho, rosto empoado como quem acabou de barbear-se, terno de casemira clara corretamente pôsto, como quem acaba de sair do alfaiate, Elói Chaves comenta comigo, na Câmara, com a sua vivacidade alegre de homem feliz, os acontecimentos do Rio Grande do Sul. Notícias dali dizem que o ex-presidente Borges de Medeiros, com sua autoridade de chefe do partido, acaba de vetar o plano revolucionário preparado pelos elementos novos, especialmente João Neves, Osvaldo Aranha e Flores da Cunha.

— Quando o Conselheiro Rodrigues Alves foi eleito pela segunda vez Presidente da República, — diz-me Elói Chaves, — eu era seu secretário do Interior, no Govêrno de São Paulo. Na véspera do dia em que êle devia passar o Govêrno do Estado ao Altino, eu fui despachar com êle, e, ao terminar, êle me disse, pausadamente, como quem dá um conselho, disfarçando o intuito:

— "Os senhores que vão governar com o Altino, saltaram por cima de uma geração. A responsabilidade que vão assumir é grande, e eu lhes entrego a política do Estado com uma preocupação: é que os senhores não tenham homens-"breaks", para lhes deter no momento oportuno as paixões e os entusiasmos da mocidade".

E Elói conclui:

— O Dr. Borges é uma dessas entidades providenciais em política: é o homem-"break", que trava o carro à margem do despenhadeiro...

*Quinta-feira, 24 de abril:*

Conferência de Medeiros e Albuquerque na Academia, sôbre Rio Branco e Pereira Passos. Com a sua voz cansada e entrecortada pelo fôlego, que lembra a de um menino nervoso que dá a sua lição de leitura trazida na ponta da língua, Medeiros é conferencista sempre agradável. Não prepara uma frase, nem escolhe um vocábulo. Diz tudo correntemente, como quem conversa com um camarada numa esquina, olhando o bonde que se aproxima.

Diretor da Instrução Municipal quando Passos era Prefeito, Medeiros conta desenvoltamente como utilizou as mulheres bonitas para arrancar ao velho administrador alguns atos necessários à boa marcha do ensino. A assistência ri, e aplaude.

E Medeiros desce da tribuna limpando o "pince-nez", sorrindo do que contou, como quem acaba de pregar uma peça a um amigo.

*Segunda-feira, 28 de abril:*

Tive esta noite um dos sonhos mais terríveis entre quantos me têm assaltado na Floresta Negra do sono.

Foi um sonho absurdo e sinistro. A princípio, era um morro como o de Santo Antônio, ou antes, o morro de Santo Antônio, que eu olhava do Largo da Carioca. Em vez, porém, dos prédios que ali existem, e formam um dos ângulos da praça, o que havia era uma ribanceira, pela qual subiam, de sobrecasaca e chapéu alto, o Senador Azeredo, o Vice-Presidente da República Melo Viana, e o Presidente eleito Júlio Prestes, que iam tomar o trem para São Paulo numa estação situada no lugar em que se levanta o Convento de São Francisco. De súbito, porém, o panorama se transforma. Na ribanceira do morro levanta-se a mesa da presidência do Senado, em cuja cadeira se acha sentado, presidindo a sessão, Coelho Neto, que o Senador Azeredo deixou no seu lugar de presidente da casa. Curvado sôbre Coelho Neto, eu e outros amigos mostramos-lhe artigos do regimento, para que êle se não deixe enganar pelos outros senadores, alheio como vive à vida política. Nesse momento surgem, entretanto, na base do morro quatro viragos, quatro mulheres magras, altas, descabeladas, com os dentes caninos, únicos que lhes restam, à mostra, e que entram na praça cantando e dançando, como um rancho carnavalesco.

Dá-se, porém, aí uma nova mutação brusca. Na base do morro há um cemitério. Uma das mulheres sinistras aproxima-se de uma das sepulturas e deita-se nua sôbre a lousa. Coelho Neto deita-se sôbre a mulher. Alguém estende sôbre os dois um lençol branco. E eu vejo, pelas ondulações nervosas da fazenda, que os dois se entregam a um coito desesperado, — coito que me excita como se eu próprio tomasse parte nêle.

Alguém me arranca, porém, dali. Procuro retirar-me, mas olho os meus pés, que se acham nus e sujos de terra como se eu acabasse de ser enterrado. Em um dos meus tornozelos está prêsa uma placa, em que leio "Perpétua"; e no outro, outra, com êste número: "815".

E eu desperto apavorado, o coração batendo alarmado, e fico-me acordado o resto da noite, com mêdo de dormir para não ser assaltado por outro sonho.

*Têrça-feira, 29 de abril:*

Vota-se na Câmara o parecer de uma das comissões de inquérito, presidida por Artur Lemos, sacrificando todos os candidatos governistas da Paraíba e reconhecendo todos os oposicionistas.

A sinêta chama, no recinto. Retiro-me para a biblioteca. O brio íntimo afasta-me, sem alarde, do lugar em que se vai cometer o mais escandaloso e insolente dos atentados.

*Quarta-feira, 30 de abril:*

Em uma pequena roda na Câmara, na qual se encontra Cardoso de Almeida, líder da maioria, conversa-se sôbre a situação no interior da Paraíba, onde se deu um levante contra o govêrno estadual. Cardoso de Almeida mostra-se otimista. Com algumas metralhadoras a tropa federal restabelecerá a ordem ali e a Paraíba voltará ao aprisco.

— Basta aquilo que faz peque-peque-peque... — diz. Sabe o que é aquilo que faz peque-peque-peque?

Confesso-lhe a minha ignorância, e êle conta-me:

— Quando o Delfim Moreira estava na Presidência da República, rebentou no sertão da Bahia aquela luta de partidos, que ameaçava acabar na capital. O Delfim já estava desmemoriado, acertando dificilmente com o nome das coisas. Um dia o Ministro da Guerra foi levar-lhe um telegrama grave, mostrando a necessidade de intervenção, e pediu-lhe instruções. O Delfim leu, pensou, e, voltando-se para o ministro:

— A fôrça federal que está na Bahia não tem aquilo.. aquilo... aquilo que faz peque-peque-peque?

Só a muito custo o ministro compreendeu que êle queria se referir à metralhadora.

## MAIO

*Quinta-feira, 1.º de maio:*

Baixo e grosso, cabeça grande, cabelo de fogo, e com essa pele clara e úmida de rato recém-nascido, o Deputado Beni Carvalho conta-me episódios da vida bizarra do poeta José Abreu

Albano, seu contemporâneo no Ceará. Desequilibrado e misantropo, com umas grandes barbas negras a descer pelo peito, dirigia-se Abreu Albano à noite para as praias de Fortaleza, e, aí, sentado na areia, diante do mar, entregava-se à mais furiosa masturbação, esgotando-se até se não poder mais levantar. Mesmo nesse período de decadência não deixava de ter espírito.

— Havia em Fortaleza, — conta Beni, — havia em Fortaleza um amigo nosso (e diz um nome) que se comprazia em irritar o Zé Albano, dizendo-lhe que os seus versos não valiam nada, e que, poetas de verdade, eram Bilac, Vicente de Carvalho e Alberto de Oliveira. E acentuou, para vê-lo zangar-se:

— Poeta, para mim, é Antero de Quental. A êste sim, é que eu admiro.

— "E Antero até previu a sua admiração, — retrucou Albano, sem alterar-se.

Olhou o outro na cara, e insistiu:

— E tanto êle a previu que, sabendo que ia ser admirado por você, deu um tiro na cabeça!"

*Sábado, 3 de maio:*

Há dezoito dias venho trabalhando o dia todo, e parte da noite, no exame dos livros e demais papéis eleitorais de Minas Gerais. E chego à convicção de que 80% dos votos trazidos pelos candidatos da Concentração Conservadora são falsos, e que são falsos, idênticamente, 60% dos apresentados pelo Partido Republicano Mineiro. Fraude cínica, deslavada, de um lado e de outro. Os mapas levantados pela Secretaria da Câmara arrolam, porém, tôda essa votação viciada, apresentando resultados arbitrários, que têm de ser alterados pelo critério político.

Hoje, Cardoso de Almeida, líder da maioria, chamou-me à parte, e pediu-me a impressão do pleito, nos dois distritos de que sou relator. Dei-lha franca, sôbre o 3.º distrito.

— Numa apuração limpa, — disse-lhe, — acho que os mais votados são, aí, os seguintes: Ribeiro Junqueira, Eugênio de Melo e Levindo Coelho, do P. R. M.; e Sandoval de Azevedo e Alcindo Salazar, da Concentração.

— Não, não, — exclamou Cardoso tomando-me a lista, com a apuração da Secretaria. — Os que têm de entrar são êstes.

E marcou, com uma cruz, os nomes de Junqueira, Levindo, do P. R. M., e os de Ludgero Alves, Olavo Tostes e Sandoval, da Concentração.

— Nem uns nem outros estão eleitos... — explicou, enquanto ia fazendo as cruzes salvadoras, que equivaliam o sinal de sangue do Cordeiro Pascal na porta dos israelitas.

— Quanto ao quarto distrito, — continuou, — devem entrar Múcio Continentino, da Concentração, e Washington Pires, Pinheiro Chagas, Raul Sá...

Suspendeu o lápis e consultou-me:

— O que está em quinto lugar no mapa é o Raul de Faria; mas você não há de querer sacrificar o Augusto de Lima, que é seu colega da Academia.

— Reserva-me o direito de opção?

— Pois, não.

— Então, vamos reconhecer o Augusto.

— Está bem.

*Domingo, 4 de maio:*

Ontem, à noite, consegui arrastar Augusto de Lima até a confeitaria Lallet, onde lhe contei o que ficara combinado. Pedi-lhe apenas que se não mostrasse exaltado e agressivo como tem estado nas discussões, a fim de não dar motivo a uma represália. Êle prometeu, agradeceu, e foi para casa de alma contente.

*Têrça-feira, 6 de maio:*

Reunião da 5.ª comissão de inquérito, a portas fechadas, com a presença apenas dos membros da comissão e do líder Cardoso de Almeida. Bato-me quase insolentemente pela inclusão de Augusto de Lima e Bueno Brandão, filho, que ficam salvos.

*Quinta-feira, 8 de maio:*

Terrível trabalho de algumas bancadas contra o reconhecimento de Augusto de Lima. Joaquim de Sales, que trabalha pelo reconhecimento de Raul de Faria, diz-me:

— Eu prefiro ver meu filho morto a ver o Raul sacrificado!

Assediam-me, trabalhando contra o poeta, Sousa Leão, de Pernambuco, e Moreira da Rocha e Hermenegildo Firmeza, do Ceará, que alegam haver Augusto de Lima feito discursos incendiários na sua excursão ao Norte, e não ter dado a menor importância às visitas que os governadores lhe mandaram fazer. A atitude dêsses deputados faz-me compreender agora o motivo porque, na sessão secreta da comissão, Aníbal Freire, e João Eli-

sio, que faz o trabalho de Bianor de Medeiros, se batiam tão vivamente em favor de Raul de Faria.

À noite, chamo o poeta à minha casa, e previno-o. E êle me diz:

— Eu vou, daqui, falar ao Cardoso... — O Cardoso é meu amigo...

*Sexta-feira, 9 de maio:*

Dia de irritação e contrariedades. Com o cérebro fatigado com as somas e multiplicações, e com a leitura de centenas de atas eleitorais, já estava com os cálculos feitos, e ajustados às necessidades da política (o que me não causou grande pena, pois a fraude apareceu de lado a lado), quando, às três horas da tarde, Joaquim de Sales subiu com Cardoso de Almeida à sala da comissão, onde eu trabalhava em mangas de camisa. Chamando-me à parte, disse-me o líder:

— Então, está tudo pronto?

— Está.

— E o Raul de Faria entra.

— ?...

— ?...

— Sim, entra no lugar do Augusto. O "homem" me telefonou agora, dizendo-me que o trabalho contra êle era grande, e que nós tínhamos que atender.

— Mas, quem é o "homem"?

— O Washington.

Não convinha insistir. Cardoso de Almeida compreendeu, porém, a minha contrariedade, e procurou justificar a modificação. lembrando que Augusto de Lima se havia indisposto com a política do Norte, e que esta havia trabalhado contra êle junto ao Presidente.

— Estou ciente, — disse-lhe; — você é quem manda. Eu lavo as mãos, e condeno o justo para salvar Barrabás.

E continuei a trabalhar, de nervos trepidantes.

*Sábado, 10 de maio:*

Leitura dos pareceres sôbre as eleições em Minas. A introdução de um dos meus é enérgica, e traça o panorama da nossa atualidade política. Ao referir-me à impraticabilidade da Constituição, afirmando que nós vivemos, todos "no regime do perpétuo constrangimento, conseqüência do regime da perpétua mentira", partem palavras de aplauso.

— Muito bem!... Apoiado!

E eu pude, finalmente, à tarde, quase ao anoitecer, voltar para casa, a fim de tomar um banho de literatura, mergulhando no trabalho intenso que é a feitura do meu artigo semanal para o "Correio da Manhã".

É essa, aliás, a conveniência de aliar-se a vida de letras à vida política. Os que assim vivem, têm a cisterna junto ao lameiro. Após o mergulho no charco, pode-se tomar um banho.

*Segunda-feira, 12 de maio:*

Bonito! Nada mais faltava na série de pilhérias que me vem pregando o Destino. Farto de Câmara, de atas, de eleições, não compareci hoje à Câmara. Ao passar, porém, ao anoitecer, pela Galeria Cruzeiro, encontro o Deputado Leal de Sousa, que exclama:

— Então, outra vez?

— Outra vez, o quê?

— Você foi sorteado para apurar as eleições presidenciais realizadas na Bahia.

Compro um jornal, e vejo meu nome entre os sorteados.

Bolas!...

*Sexta-feira, 16 de maio:*

Mesa redonda, na sala do café da Câmara. Diante de mim, o médico e deputado cearense Álvaro Fernandes. Estatura mediana, grosso, entroncado, com um cavanhaque grisalho cuidadosamente aparado em ponta; rosto chato, cabeça chata de nordestino, com o cabelo penteado justo, agarrado ao crânio. De instante em instante puxa êle do bôlso interno do jaquetão correto um pente miúdo, e penteia o cavanhaque.

Narro-lhe o sonho bizarro que tive há algumas semanas, e peço a sua opinião de homem de ciência.

— Homem, — diz-me êle, — nós podemos conversar sôbre isso porque eu tenho idéias muito pessoais sôbre o assunto, e que talvez interessem a você, que é homem de letras.

Guardou o pente com que acabava de fazer a "toilette" do queixo, e começou:

— O cérebro, como você sabe, é uma víscera. É uma víscera como o coração, como os rins, como o fígado, como os pulmões, como o estômago. Ora, cada víscera tem a sua função: o estômago digere, o coração regula a circulação, o fígado segrega

elementos complementares da digestão, os rins eliminam os tóxicos, líquidos que podem perturbar a economia geral, etc. A função do cérebro é pensar. E assim, como o estômago, o fígado, o coração e os rins funcionam durante o sono, êle também funciona. Apenas, com o cérebro sucede o seguinte: não sofrendo êle durante o sono o "contrôle" da razão, acontece que os pensamentos não têm seguimento, baralhando-se, confundindo-se, constituindo assim o sonho uma série de imagens superpostas.

— Sem o "contrôle" da razão o pensamento, secreção do cérebro, tomba, então, no domínio do absurdo... — opino.

E êle:

— Exatamente. O sonho é o pensamento sem lógica, porque é a consciência, ausente durante o sono, que dá lógica ao pensamento.

E despedindo-se, arrastado por José Acioli:

— Ainda voltaremos a conversar sôbre essa matéria...

*Têrça-feira, 20 de maio:*

A vida, com os seus conflitos, dá-me a idéia de um paletó abotoado errado: fica sempre em baixo uma casa sem botão e, em cima, um botão sem casa. E nenhum dos botões está satisfeito com sua casa, e nenhuma das casas contentes com o seu botão.

*Sexta-feira, 23 de maio:*

Chegada ao Rio do Presidente eleito da República, Júlio Prestes, que vai à América do Norte, em excursão oficial, a bordo do "Almirante Jaceguai". Designado pelo Presidente Pires Sexto, do Maranhão, para, com o ex-Presidente Magalhães de Almeida e o deputado Domingos Barbosa, representar o Estado no seu desembarque, vou ao cais Mauá.

Odesembarque é um tumulto indescritível. Metido num círculo de agentes de Polícia, êstes, empurrados pela multidão, levam o novo Presidente de roldão pelo meio da massa, comprimindo e derrubando o que encontra pelo caminho. Nem o líder Cardoso de Almeida, com o chapéu em uma das mãos e a bengala na outra, e os braços no ar, conseguiu chegar perto do viajante. E assim, como um homem que se quer salvar de um linchamento, é que o meteram num automóvel do Catete, que rodou entre vivas das associações operárias, aglomeradas em frente ao pavilhão de desembarque.

À tarde, de regresso para casa, olho, do ônibus em que viajo, a praça Mauá e o navio que vai conduzir o Presidente, e que partirá à noite. O céu, no poente, apresenta laivos de sangue, do sol que morre, para os lados do cais do pôrto. E, não sei porque, enche-me o coração uma grande, uma profunda, uma imensa tristeza, e uma dó íntima e comovida de Júlio Prestes, como se antevisse nêle o bode expiatório dos erros, falhas e crimes, dêstes quarenta e um anos de regime...

*Têrça-feira, 27 de maio:*

Visita de Magalhães de Almeida, ex-Presidente do Maranhão, que me vem falar do direito que tem o nosso Estado de pleitear um lugar no Ministério, ou um pôsto de relêvo no govêrno Prestes. O Senador Godofredo Viana e o Deputado Domingos Barbosa declararam-se, em conversa com êle, dispostos a trabalhar para que, no caso de dar o Maranhão um ministro, êsse ministro seja êle, Magalhães.

Proponho que escrevamos, Godofredo, eu e Domingos, uma carta a Prestes, que entregaremos a êste pessoalmente, quando êle regressar da América. Ficou a meu cargo a redação dêsse documento.

*Quinta-feira, 29 de maio:*

Ao chegar à Academia, uma notícia sensacional: havia estado ali, acompanhada pelo marido, o pobre Clóvis Bevilacqua, D. Amélia Freitas Bevilacqua, que ali fôra levar a sua carta regimental, comunicando... ser candidata à vaga de Alfredo Pujol.

Alarma na casa. Com a sua voz de besouro velho, que é mais um resmungo, João Ribeiro pede-me:

— Vocês vejam se podem salvar a Academia votando contra, porque eu sou obrigado a votar a favor.

E justifica-se:

— O diabo da mulher é muito minha amiga, cerca minha família de muito carinho, e eu não quero fazer novas inimizades...

Aberta a sessão, Aloísio de Castro, presidente, submete à apreciação da casa a preliminar: deve-se, ou não, diante dos estatutos, fazer a inscrição de um candidato do sexo feminino?

Há opiniões favoráveis, em virtude de compromissos tomados recentemente em entrevistas à imprensa, quando procuraram tornar-se amáveis com as mulheres. Adelmar Tavares é dêsse número. Luís Carlos confessa:

— Que hei de fazer, meu velho? Eu sou contra; mas já disse pùblicamente que era a favor. Agora, tenho que sustentar o que disse...

Afonso Celso é favorável porque Maria Eugênia, sua filha, é candidata. Sincero, ùnicamente Augusto de Lima, que se apega, aliás, a um argumento digno da sua mentalidade, formada em Minas em 1882: descobre êle que, gramaticalmente, quando se diz "brasileiros", significa indivíduos de ambos os sexos nascidos no Brasil. Constâncio Alves lê um voto contrário, interessantíssimo e espirituoso. Dou a minha opinião: Não se trata de interpretação gramatical, mas de interpretação histórica. Urge, pois, que os fundadores da Academia, sobreviventes, informem o espírito com que foi redigido aquêle artigo dos estatutos.

Coelho Neto informa que, num encontro com Lúcio de Mendonça, êste, referindo-se à pretensão de uma poetisa do tempo, lhe dissera que a Academia era uma casa séria, e não admitia mulheres. Silva Ramos, na sua qualidade de membro da primeira diretoria, depõe, batendo nervosamente na mesa da sua bancada:

— Eu posso dizêre, e afirmáre, que, quando votámos os estatutos, e escrevêmos a palavra "brasileiro", nos referimos ùnicamente a brasileiro "macho"!

Riso alegre, de todos. E a inscrição de D. Amélia é recusada por quatorze votos contra sete, com grande suspiro de alívio mesmo dos que votaram a favor.

## JUNHO

*Quarta-feira, 4 de junho:*

Gabinete de O CRUZEIRO, onde Carlos Malheiro Dias reuniu os despojos da sua prosperidade passada. Pelas paredes, dois ou três tapêtes desbotados e valiosos, num dos quais o Cavaleiro da Triste Figura galopa, de lança e riste e com o seu escudo no punho. Retratos de escritores e políticos portuguêses do passado regime. Alguns móveis antigos. Sala de trabalho, enfim, de um fidalgo arruinado.

— Quando eu cheguei ao Brasil em 1907 depois de muitos anos de ausência, — conta-me êle, — uma das primeiras visitas que fiz foi ao Coelho Neto. Nessa ocasião fui apresentado a um sujeitinho feio que se achava mergulhado numa cadeira, e a que não liguei maior importância porque nunca o tinha ouvido pronunciar, preocupado, como andava, com as coisas do meu

país. Durante todo o tempo que durou a minha visita, o tal sujeitinho se limitou a um ou dois monossílabos, contribuindo isso ainda para que eu, na minha palestra com o Neto, quase que me não apercebesse dêle.

No dia seguinte recebia eu no hotel, um livro com dedicatória, e em que o nome do autor me lembrou logo o sujeitinho feio que eu havia visto na véspera. Comecei a ler, página sôbre página, com sofreguidão. E de tal maneira que, à noite, estava eu de novo na casa do Neto, levando o livro.

— Dize-me cá, — pedi-lhe, — aquêle homem que cá estava ontem à noite, como se chama êle?

— Euclides da Cunha.

— É ele então o autor dêste livro?

— É, sim. Não sabias?

E Malheiro Dias conclui:

— Danei-me com o Coelho Neto e comigo. Por que diabo me não havia êle dito? Que juízo estaria fazendo de mim aquêle homem com o seu talento imenso, ao ver-me tratá-lo com tanta desconsideração? Felizmente, depois, pude aproximar-me dêle, dando-lhe a entender tôda a minha admiração.

*Segunda-feira, 9 de junho:*

Ao sair da confeitaria Lallet, no Largo da Carioca, dou com João Elísio, deputado por Pernambuco, que trava do meu braço. E vamos andando, e conversando, rumo da Rua Treze de Maio.

— Então, vocês, na Academia, não quiseram a Amélia? — diz-me, com a sua voz gorda, de quem fala com a bôca cheia de água.

E depois que eu lhe conto o que ocorreu na Academia:

— Eu acho que a Amélia já está de miolo mole... Ela é mais velha do que eu...

Em seguida, relata-me o seguinte:

— Eu não sei se você sabe que o meu pai foi juiz de Direito no Codó, no Maranhão, no tempo em que o pai da Amélia, o Dr. João Antônio de Freitas, era juiz em Caxias. Transferido para o lugar dêste, que se havia aposentado, meu pai foi para Caxias, e levou a família. E datam daí as nossas relações com a família da Amélia.

Uma pausa para deixar passar os automóveis, e reatou:

— Eu era menino ainda, e a Amélia já era mocinha. Aos quatorze anos eu fui para São Luís estudar, e voltei aos dezessete. Embora o Dr. João Antônio de Freitas tivesse filhos, não havia

baile em Caxias em que a Amélia não me mandasse pedir à minha mãe, para que eu a acompanhasse. Minha mãe aborrecia-se com isso mas meu pai intervinha, e mandava que eu fôsse. Até que, um dia, ao chegar na casa do Dr. Freitas, encontrei a Amélia debulhada em lágrimas.

— Que é que você tem? —perguntei.

— Meu pai quer me casar, contra a minha vontade... — respondeu-me.

— Casar você, com quem?

— Com o Lustosa Paranaguá (que depois foi Barão, e Senador da República).

E soluçando ainda:

— Mas eu já disse a papai que, casar, eu só caso com uma pessoa.

— Com quem é?

— Com você.

João Elísio pára no meio da rua, e, com o seu carão vermelho, a cabeça branca, de sexagenário, documentando a informação, exclama:

— Seu Humberto, eu fiquei frio. Eu era um menino de dezessete anos e a Amélia andava já pelos vinte e dois ou vinte e três. Ela não era feia, não; mas eu estava longe de pensar em casamento. E desde êsse dia comecei a fugir, até que embarquei para o Recife, onde fui encontrá-la anos depois, com a mudança da família do Dr. João Antônio de Freitas para Pernambuco.

E conclui, depois de me pedir reservas:

— Mas não vá pensar que a Amélia da mocidade é essa que aí está, que fêz um chiqueiro da casa do Clóvis. Não. A casa do João Antônio de Freitas era limpa, asseada, direitinha. Eu não sei como foi que a Amélia ficou assim.

*Segunda-feira, 16 de junho:*

Na sala do café, na Câmara, Afrânio Peixoto conta-me que Capistrano de Abreu assegurava que os vocábulos portuguêses *louco* e *doido* eram originàriamente expressões depreciativas dos respectivos étimos: provinha ,a primeira, de *logicus,* e a segunda, de *doctus.* De modo que *louco* e *lógico, doido* e *douto,* são a mesma coisa.

Consulto as fontes e verifico a arbitrariedade da afirmação. Pelo menos, em relação a *louco,* que vem de *elucus,* e não de *logicus.* Quanto ao étimo de *doido,* ou *douto,* êste se conserva ainda desconhecido.

*Sexta-feira, 20 de junho:*

Desgraçado do homem que, em tôda a sua vida, não tem uma história triste para contar!

*Segunda-feira, 23 de junho:*

Preparei hoje, com as minhas próprias mãos, no quintal de casa, uma fogueira para divertimento dos meus filhos. Êles, em companhia de rapazolas e moçoilas das vizinhanças, assaram batatas e soltaram balões.

Alegria ingênua, como eu não via há mais de um quarto de século. Mas, que diferença! Diante dela, vendo-a e sentindo-lhe o eflúvio, eu sou como um homem que chegasse ao nariz uma flor que há muito não via, e que não pudesse mais reconhecer pelo perfume, por ter perdido o olfato...

Balões pontuam o céu, de mistura com as estrêlas. E correndo, doidos, em tôdas as direções, dão-me a idéia de um colar imenso cujo fio se houvesse despedaçado, e cujas pedras, sôltas e coloridas, rolassem pela amplidão...

*Segunda-feira, 30 de junho:*

Na Câmara, enquanto tomamos um copo de mate açucarado, Beni Carvalho conta-me surprêsas da sua vida. E entre estas a ingratidão de Gustavo Barroso com o Presidente Peixoto, do Ceará.

— O Gustavo queria por fôrça que eu desistisse da minha cadeira de deputado, em favor dêle. Eu intercedi por êle junto ao Peixoto, e fiz o que era possível. Mas recusar a cadeira que me era oferecida, para que dessem a êle, isso eu não fazia. Pois, bastou isso para que ficasse inimigo do Peixoto, contra quem sopra tôda a sorte de perfídias, esquecido do acolhimento que o Peixoto lhe fêz, quando o convidou para ir ao Ceará.

E como quem está magoado:

— Seu Humberto, que sujeito ingrato e pretensioso! Quando êle quer uma coisa, "cava" que é uma fera. Mas, se é servido, nunca mais se lembra da gente; e se o não é, é um inimigo que a gente tem!

## JULHO

*Sexta-feira, 4 de julho:*

A propósito do prestígio do uso, o qual consegue tornar inocentes, e de emprêgo cotidiano e corrente, certos vocábulos e expressões de origem obscena, cita-me Afrânio Peixoto alguns exemplos.

— Aí está, entre outros, *taludo.* Que é um menino *taludo?* Uma criança *taludinha?* É o menor cujo membro viril já vai tomando expressão, e vai caracterizando o homem. O *taludo* é o que tem o *talo*... Outra expressão é — *cair como um patinho.* Qual a origem? É o que há de mais indecoroso. Como você sabe, o pato, quando acaba de ter as suas relações sexuais, cai para um lado. Aí está de onde proveio a expressão, que hoje é empregada inocentemente por moças e crianças(*).

Lembro-lhe que não é preciso ir tão longe. No próprio dicionário, entre os vocábulos lìdimamente vernáculos, há casos, senão obcenos, pelo menos indecentes. De onde provêm os substantivos *cueiro* e *cueca?* E o verbo *acuar?*

*Quinta-feira, 10 de julho:*

Desde o dia 2, os meus dias e as minhas noites têm sido um tormento. No dia 4 ainda me consegui levantar, mas para recair. Os meus antigos padecimentos de uretra e bexiga recrudesceram. E está sendo um tormento a minha vida. Tenho que me levantar de hora em hora, durante a noite. E de dia, com grande esfôrço, para ir à mesa escrever o meu artigo diário para São Paulo, e a colaboração semanal para O CRUZEIRO e "Correio da Manhã".

Nunca houve o capital de um prazer que pagasse tão alto juro em sofrimento.

*Domingo, 13 de julho:*

Nota esquecida. Desde 15 de junho estou com os meus afazeres literários agravados. Tendo Medeiros e Albuquerque se-

(*) A origem que Afrânio Peixoto atribui a essa expressão é, como se vê, excessivamente atrevida. Por que não acreditar que ela proceda de uma tradução errônea da frase *tomber comme un patin?* Pode ter havido a intercorrência de *pato* (tolo), ou mesmo de *patin. Pateta* não será derivado de *pato?* (H. de C.)

guido para a Europa, "A Gazeta", de São Paulo, pediu-me para escrever, durante a ausência daquele seu colaborador, um artigo por dia, que deve ser enviado tôdas as tardes. Dêsse artigo, devo eu tirar uma cópia para "A Tarde", da Bahia, a qual segue por avião em duas remessas semanais. Tenho ainda, semanalmente, o meu rodapé de quase meia página no "Correio da Manhã" (crítica literária), uma crônica para o O CRUZEIRO, um artiguete para o "Diário de Notícias", de Pôrto Alegre e, uma vez por outra, um conto oriental, assinado Ali Hadjala, para o "O Jornal".

E tudo isso tem sido pontualmente executado, esteja eu com saúde, ou sem ela. E, ainda por cima, as incumbências políticas, os pedidos, os telegramas, os Ministérios...

*Quinta-feira, 17 de julho:*

Olegário Mariano é o poeta das cigarras. Quando, porém, deixa o verso por um palmo de prosa, é ordinàriamente para passar uma descompostura em alguma namorada, desmoralizando-a perante as amigas e comprometendo-a junto à sociedade. Êste ano passou êle já, na seção "Vida social", do "Correio da Manhã", duas descomponendas dessa ordem: uma na declamadora Maria de Pádua, e outra numa professôra de São Paulo, de nome Pagu, amante de Oswald de Andrade.

Conta Fabre, nos seus "Moeurs des insectes", que a cigarra, quando perseguida, lança um jato de urina contra quem a quer apanhar. É o *giscle de pissagno,* a que se refere Mistral, na língua da Provença. Poeta das cigarras, Olegário repete-lhe o gesto, nas suas turras de Don Juan.

A sua prosa é o seu *giscle de pissagno.*

*Têrça-feira, 22 de julho:*

Doente ainda, vou à Câmara. Na sala do café, um grupo de deputados da maioria ouvem, delicados, o subdiretor da Secretaria, Nestor Massena, atacar o líder Cardoso de Almeida, que lhe não deu a prometida cadeira na bancada de Minas. Um dos ouvintes conta, então, uma pilhéria de Martim Francisco Ribeiro de Andrada, o último do nome.

Eleito por São Paulo, e diplomado, Martim Francisco viu o seu diploma recusado, por interferência de Cardoso de Almeida, que se batia pelo reconhecimento de outro candidato. Preterido, o Andrada vingou-se, ferino:

— Êsse Cardoso é um ingrato! — dizia. — Recusou fazer comigo o que fizeram com êle.

E explicava:

— Êle é filho de uma mulata, com quem um português se casou. O português "reconheceu-o" e, agora, êle não quis me reconhecer!

*Sexta-feira, 25 de julho:*

Quando eu encontro um indivíduo a censurar sincera e convictamente os defeitos alheios, como se êle próprio não tivesse nenhum, a impressão que eu tenho é que as almas são como indivíduos deformados, os quais vivessem numa cidade sem espelhos.

*Têrça-feira, 29 de julho:*

Um amigo que eu tenho, cujo nome não escrevo mas que é um espírito suspeitoso de tudo, contava-me como, desde criança, lhe ferve no espírito, embora sob aspecto mais grosseiro do que hoje, o veneno da maldade.

— Eu tinha apenas dez anos, — contava-me êle, — quando, espontâneamente, começou a se caracterizar em mim esta qualidade má. Minha mãe tinha ficado viúva com alguns filhos, e era feia. Trabalhava penosamente para comer, e sustentar-nos. Às vêzes, à mesa, por brincadeira, as parentas falavam em casamento, cada uma indicando o noivo que ia escolher, e designando para minha mãe um velho rico, que morava ali perto. Eu, minha mãe e meus irmãos dormíamos todos no mesmo quarto. Pois, bem. durante meses, ou durante anos, eu muitas vêzes fiquei acordado até tarde, quieto na minha cama, simulando sono pesado, para ver se o velho viúvo costumava vir passar a noite com minha mãe! Examinava o ferrôlho das portas, levantava-me cedo para procurar pegadas no quintal, esquecido de que o quarto era interior e que ninguém podia chegar lá sem despertar tôda a casa.

E o meu amigo conclui, como quem oferece um documento a Freud:

— Aquelas conversas aparentemente inocentes, haviam pervertido imprevistamente a minha alma, envenenando as fontes do meu pensamento...

*Quinta-feira, 31 de julho:*

O mesmo amigo, que bem podia, como Rousseau, escrever as suas "Confissões", contava-me ontem, na Câmara:

— Eu devia ter meus treze anos, ou pouco mais, quando se começou a caracterizar em mim o instinto genésico. As conversas que eu ouvia, de companheiros mais velhos, davam-me a entender que tôdas as mulheres só esperavam a oportunidade para se entregarem ao homem. Certa vez eu fui passar uns tempos em casa de umas tias solteironas, que me deram um quarto ao lado do seu. Eram duas moças quase quarentonas, uma das quais minha madrinha. Que idéia me havia de vir à cabeça? Esta, apenas: fazer-me de sonâmbulo, e, empurrando a porta, ir me deitar com uma delas! Ficava, horas e horas, a espiar pela fresta da porta o momento em que elas mudavam de roupa; e, alta noite, preparava-me para me fazer de sonâmbulo. Mas, quando chegava junto à porta, adeus, coragem! E eu me deitava suando frio, deixando a aventura para a noite seguinte.

E o autor dessa confidência, que pretende fazer de mim um romancista, esclarece:

— Felizmente, nunca tive ânimo para consumar essa infâmia. Era tudo perversão dos sentidos, levemente ensaiada nos gestos. A porta que separava os dois aposentos teve, porém, o efeito da mão de Deus aberta diante de mim...

## AGÔSTO

*Sexta-feira, 1.º de agôsto:*

O "Correio da Manhã", fôlha em que há dois anos escrevia a seção "Vida Literária", por mim criada, é sabidamente uma fôlha sem direção intelectual. Filho único de Edmundo Bittencourt, Paulo Bittencourt se ressente dos defeitos peculiares aos moços ricos: é voluntarioso, desorganizado, mal-educado, embora dotado de nobres qualidades de caráter.

Tendo recebido das mãos paternas a grande fôlha fundada por estas, imaginou modernizá-la, dando-lhe prédio e máquinas novas, não obstante a gravidade do momento financeiro. E deixando em construção um grande edifício à Avenida Gomes Freire, orçado em cêrca de 2.000 contos, embarcou para a América do Norte, de onde regressou inesperadamente, em março ou abril. Aqui chegando, procurou-me, e, marcando um encontro na redação, travou comigo a palestra confidencial que vou reproduzir.

— Você uma vez me falou de um amigo seu que me mandara consultar sôbre a venda do "Correio da Manhã". Lembra-se?

— Exatamente.

— Pois, chegou o momento. Eu quero entrar em negócio.

E como quem quer desabafar:

— Como você sabe, o "velho" me vendeu o "Correio". Foi preço de pai para filho, mas vendeu. Eu lhe estou pagando 400 contos por ano. Feita a transação e assinada a escritura, comuniquei-lhe que ia realizar grandes reformas, e perguntei se êle me podia abrir um crédito, com a sua garantia individual, para que eu fôsse comprar nos Estados Unidos e na Alemanha as máquinas de que eu precisava. Êle me abriu o crédito de 800 contos no City Bank, e eu embarquei. Em Nova York entro em negócio com os fabricantes, combino, fecho o contrato verbal, e, quando chego no City Bank para combinar o pagamento da primeira prestação, caí das nuvens: a agência do City Bank no Rio tinha telegrafado comunicando que meu pai mandara suspender o crédito que me havia concedido! Levado pelas intriguinhas daqui, meu pai, sem nenhuma consideração, e sem o menor aviso, havia me desmoralizado perante os homens com quem eu acabava de entabular transações de grande vulto!

Paulo exalta-se:

— Então, isso se faz, "seu" Humberto? Eu não era ali um filho dêle, que êle pudesse punir de acôrdo com o seu capricho: era o diretor de uma emprêsa, era um homem como outro qualquer, que êle não tinha o direito de desmoralizar comercialmente! Enquanto isso, na minha ausência, êle mandava aqui, e desmandava, como se o jornal ainda fôsse dêle, sem a menor consideração para com o contrato de venda que êle havia assinado!

Continua:

— Voltei como uma fera! Cheguei aqui, retomei a direção do jornal, não o procurei, declarei que não queria nem vê-lo, e não nos vimos mais. Mas eu tenho compromissos na Alemanha e na América do Norte, que preciso satisfazer. E o único meio é vender o "Correio", passá-lo adiante. O jornal é meu. Há escritura de venda, tudo legalizado. E é um negócio de primeira ordem sob o ponto de vista comercial. Eu darei a você os balanços, darei tudo.

— Mas, Paulo, — ponderei, — quem sabe se não se poderá arranjar tudo de novo, num entendimento com o Edmundo...

— Com o "velho"? Não; não quero mais nada com êle!

— E sua mãe? Por que ela não intervém para pôr têrmo a essa desinteligência entre vocês?

— Qual, nada! Minha mãe também está envenenada pelas intrigas! Você não sabe o que é aquilo lá em casa. Todos os dias vão lá os parentes, para mexer, para intrigar mais. E ela vai acreditando em tudo... Só há mesmo um caminho a tomar: é a venda do "Correio". E você vai consultar os amigos, e dar-me uma resposta.

— Está bem. Amanhã eu direi a você alguma coisa.

— Eu espero.

E despedimo-nos.

*Sábado, 2 de agôsto:*

A atitude de Paulo Bittencourt procurando-me naquela emergência era, aliás, justificada. Quando, em outubro ou novembro de 1929, ia mais agitada a luta pela sucessão presidencial da República, eu fui informado por um amigo meu, o banqueiro Jaime Carneiro Leão de Vasconcelos, que o govêrno de Minas estava tratando de adquirir o "Correio da Manhã", para lançá-lo contra a candidatura Prestes. Ligado a essa candidatura pelos compromissos tomados pelo govêrno do meu Estado, tratei, naturalmente, de evitar o golpe. Procurei Paulo Bittencourt, e perguntei-lhe se era pensamento seu vender o jornal. E a sua resposta foi bela e sensata.

— Eu vou falar a você com franqueza, Humberto, — disse-me. — Eu não sou nenhum puritano, nenhum Catão; mas tenho bom senso. Eu podia vender o "Correio" e ir viver em Paris com a minha mulher e a minha filha. Mas, que é que eu ia fazer da minha vida? Se o "velho" tivesse feito de mim um industrial, um comerciante, eu iria para a indústria ou para o comércio. Mas, bem ou mal, fêz de mim um jornalista, educou-me para isto. Logo, ou eu faço isto, ou não faço nada. E se eu tenho de vender êste jornal para fundar outro, fico logo com êste, que não me dá trabalho nenhum.

— Posso, então, ficar tranqüilo: você não vende o "Correio", nem a mim nem a ninguém.

— Nem a você nem a ninguém: o "Correio" conservar-se-á independente durante tôda a campanha presidencial.

No dia seguinte, na Câmara, em conversa com o líder da maioria, Manuel Vilaboim, eu lhe contava essa palestra, tranqüilizando-o sôbre o que se dizia, já, nas rodas políticas, sôbre a venda do "Correio da Manhã" aos adversários da candidatura Prestes.

*Domingo, 3 de agôsto:*

Informado, assim, inesperadamente, de que era, agora, pensamento de Paulo Bittencourt desfazer-se do "Correio", fui à procura de Manuel Vilaboim, no "Hotel dos Estrangeiros". Indaguei se a política paulista teria conveniência de ficar com aquela fôlha. E êle, que seguia no dia seguinte para São Paulo, ficou de telefonar-me de lá. Quarenta e oito horas depois vinha, de fato, a resposta: Manuel Vilaboim perguntava quanto Paulo queria pelo jornal. Objetivava apenas uma coisa: é que o "Correio", passando para outras mãos, perderia a sua eficiência; perguntava, assim, se Paulo não preferia uma quantia que o tirasse da dificuldade ocasional. Paulo recusa; o seu pensamento é desfazer-se do jornal, embora, depois de vendido, continue a dirigi-lo, para que êle não perca a sua eficiência. E embarca para São Paulo, precisamente no dia em que Vilaboim tomava o trem para o Rio.

Dado o desencontro, Vilaboim telefona a Júlio Prestes, pedindo-lhe que mande visitar Paulo Bittencourt, e converse com êle. Paulo vai a palácio, e trava relações com Prestes, que, dado o preço que êle queria pelo "Correio", propôs novamente um auxílio, que Paulo recusa. Êste queria pelo jornal, inclusive prédio, máquinas, etc., 16.000 contos. Em 1928, ano que não havia sido bom, o lucro líquido da emprêsa tinha sido de 1.200 contos.

A viagem a São Paulo fôra, porém, proveitosa: Paulo Bittencourt aproximara-se de Prestes, passando, assim, a tratá-lo na sua fôlha com maior consideração, e conseguira ali, num banco da praça, a interferência junto a outro banco do Rio para uma transação que lhe aliviou a situação, naquele instante. Quanto à aquisição do "Correio", esta teria sido feita por um grupo de capitalistas de São Paulo, se o preço pedido não fôsse tão exagerado para o momento.

*Segunda-feira, 4 de agôsto:*

A revelação que aí fica tem por objeto dar uma idéia da minha situação no "Correio da Manhã", e para noticiar o meu afastamento dessa fôlha no dia 2 do corrente.

Quando a Academia Brasileira de Letras aprovou, há alguns meses, a sua reforma ortográfica, e começaram a aparecer artigos contra ela, eu, em conversa com Paulo Bittencourt, mostrei-lhe o que havia de injusto nesses ataques, e que algumas das acusações mostravam que os acusadores não conheciam a ortografia acadêmica.

— Está aí, atalhou Paulo; — por que você não escreve algumas das suas crônicas nessa ortografia, para se ver o que é? Seria interessante.

— Bom; eu vou pensar, — prometi.

E nunca mais voltei ao assunto.

Em uma das primeiras sessões da Academia, do mês de julho, Afrânio Peixoto, aproveitando a ausência de Medeiros e Albuquerque, que se achava na Europa, e de quem é inimigo literário, preparou-lhe um golpe; apresentou inesperadamente uma proposta, mandando adotar na "Revista da Academia" a ortografia portuguêsa de 1911. Enfêrmo nesse dia, só vim a saber dessa proposta pelo noticiário dos jornais. Na sessão seguinte, porém, posta a proposta em discussão, pedi a palavra, e combati-a. E foi então quando, numa resposta hábil, Afrânio alegou que eu não era tão entusiasta da ortografia da casa como parecia; tanto assim que, autorizado pelo "Correio da Manhã" a escrever nela os meus artigos de crítica, não me havia prevalecido dessa autorização. Diante dessa revelação de uma palestra íntima, prometi corresponder ao desejo do meu colega, e, comunicando a Paulo Bittencourt que me ia prevalecer do seu convite, escrevi a minha "Vida Literária" da semana na grafia acadêmica, ajuntando uma nota, em que declarava que assim procedia a título de experiência.

Dias depois, ao abrir o "Correio da Manhã", tenho uma surprêsa: vinha, nêle, na 2.ª página, uma carta anônima, de um "constante leitor", em que êste estranhava que aquela fôlha desse abrigo à "cacografia da Academia", assegurando que, se o "Correio" continuasse a aceitar os meus artigos assim escritos, perderia grande número dos seus leitores. E assim tudo de mistura com afirmações tôlas, de quem desconhece o assunto histórica e tècnicamente. Por baixo vinha, então, uma nota da redação: muitos elogios à minha pessoa, à minha autoridade literária, mas, também, a declaração de que eu só havia escrito na referida grafia uma vez, e isso com a minha responsabilidade individual.

Irritou-me aquela satisfação a anônimos. Procurei Paulo Filho, redator-chefe da fôlha, e pedi-lhe explicações. Mostrou-me êle que não havia desconsideração nenhuma; e que a carta fôra mandada publicar por Paulo Bittencourt, e que êle ainda aditara elogios à minha pessoa. Foi, então, quando, para regularizar a situação, propus a Paulo Bittencourt um inquérito jornalístico: o "Correio da Manhã" consultaria os professôres brasileiros e os estudiosos da língua, e em seguida o professorado primário, sôbre a ortografia a ser oficializada no Brasil: se a portuguêsa, se a da

Academia, se a mista, usual, com a solução das divergências ainda existentes em tôrno da grafia de certos vocábulos, o resultado dêsse inquérito seria por mim respeitado e prestigiado: eu não só modificaria o meu projeto existente na Câmara, e trabalharia para que fôsse oficializada a ortografia preferida pela nação brasileira conforme a apuração feita pelo "Correio da Manhã", como me esforçaria, ainda, para que a Academia Brasileira de Letras a aceitasse.

Paulo Bittencourt achou excelente a idéia, e pediu-me que escrevesse o artigo, lançando-a. E êle achou-o excelente. Ficou estabelecido, ainda, e assinalado no artigo, que sòmente seriam chamados a opinar os educadores, e, em particular, os estudiosos da matéria: tanto assim que Paulo queria recusar, da lista por mim organizada, o nome de Coelho Neto. E começaram a chegar, e a ser publicadas, as primeiras respostas: a de Mário Barreto, a de Hilário Freire, a de Júlio Nogueira... De repente, porém, no dia 2, ao abrir a fôlha, outra surprêsa: a resposta idiota, e agressiva, de um anônimo, sob um "recebemos a seguinte carta"! Perdi a paciência, e, nesse mesmo dia, enviei ao "Correio da Manhã", sobrescritada a Paulo Bittencourt, uma carta sêca e enérgica, em que, acentuando a deslealdade daquela fôlha para comigo, não só me declarava desinteressado do inquérito por mim lançado, e desligado de quaisquer compromissos em relação a êle, como, ainda, que me considerasse exonerado das funções de crítico literário, que exercera durante dois anos.

Foi assim que nos vimos livres um do outro: eu do "Correio da Manhã", e êle de mim.

*Quinta-feira, 7 de agôsto:*

Ao entrar hoje na Academia, Olegário Mariano, que se achava ao telefone, abandona-o, e vem ao meu encontro:

— Humberto, meu negro, tu recebeste uma carta do Paulo sôbre o negócio do "Correio"?

— Não; por quê?

— Porque eu não vi a tua crônica ontem, nem hoje...

— Mas eu deixei o "Correio".

— Você deixou, meu negro?...

Contei-lhe o ocorrido. E êle:

— "Seu" Humberto, você adivinha!... Você é um homem feliz!... Olhe o que eu recebi!

E mostra-me uma carta, de sábado, 3 do corrente, em que Paulo Bittencourt, alegando a situação precaríssima da fôlha, dis-

pensa os seus serviços ao "Correio da Manhã", onde ganhava 600$000 por mês.

Eu compreendo, então, tudo. Faltara a Paulo Bittencourt coragem para escrever-me carta idêntica, usando de uma lealdade que me devia. E preferiu, então, conhecendo o meu caráter, dar um motivo para o meu afastamento espontâneo. Não queria dispensar-me; mas queria que eu me despedisse.

Foi, pelo menos, uma homenagem ao meu brio.

* * *

Na sala em que funciona a Secretaria, na Academia Brasileira de Letras, João Ribeiro conta-nos, ronronando, a Coelho Neto e a mim, o seguinte:

— Hoje, eu dei em casa uma boa gargalhada... A D. Amélia... a Amélia Bevilácqua, completou anos hoje. E como êles são gentis com as minhas filhas, e gostam muito de presentear, minha gente hoje foi lá à casa dêles, levar uma lembrança qualquer. E você não imagina o que aconteceu. A Amélia chamou minha mulher à parte, e disse-lhe andar alarmadíssima com uma carta anônima que recebeu. E sabem o que o sujeito dizia na carta? Dizia-lhe que, se ela continuasse a ser candidata à Academia, êle escreveria uma carta ao Clóvis contando-lhe que ela, antes de se casar com êle, havia sido gueixa ou dançarina de um cabaré!

João Ribeiro desata a rir:

— Foi bom eu não ter ido lá; porque, se ela me conta o caso, eu tinha soltado uma gargalhada ali mesmo diante dela... E isso não é tudo: o melhor é que ela tem mêdo que o sujeito escreva mesmo a carta, porque o Clóvis pode acreditar!...

E engasga-se, num acesso de riso e de tosse.

*Sexta-feira, 8 de agôsto:*

Com a data de ontem, 7, dirigi, hoje, a Júlio Prestes, presidente eleito e reconhecido da República, esta carta:

"Eminente e Exmo. Am°. Presidente Júlio Prestes — Um abraço afetuoso e amigo. — Esta carta constitui um documento íntimo, que só a amizade justifica e a confiança desculpa. Ela ficará, por isso mesmo, no conhecimento exclusivo do seu signatário, e do amigo ilustre que a vai receber. Não exige, mesmo, resposta, porque esta se achará, implìcitamente, nos acontecimentos dela decorrentes. Expliquemos, pois, o seu objeto.

Quando, em dezembro do ano passado, o Dr. Pires Sexto, presidente eleito do Maranhão, estêve em São Paulo, era pensamento dêle falar-lhe num assunto da maior importância para a terra que ia governar e que interessava, ao mesmo tempo, à política nacional. O nosso Estado jamais havia tido no Govêrno da República um amigo mais íntimo dos seus homens nem melhor conhecedor da sua política. Aproveitar, pois, a circunstância feliz da elevação dêsse concidadão eminente à suprema magistratura para manifestar a sua grande aspiração, constituia, evidentemente, um verdadeiro dever. Daí a idéia que tivera o Presidente Pires Sexto, de tocar no seguinte ponto: que, na organização do seu Ministério, reservasse o Presidente Júlio Prestes um pensamento para a nossa pequena terra distante, e acentuar que, nesse caso, fixasse êsse pensamento na pessoa do nosso dileto amigo Magalhães de Almeida, que nesse momento realizava no Estado a mais fecunda das administrações, abrindo caminho para um futuro mais largo, num cenário maior.

Antes da visita que lhe fizemos em palácio, conversamos longamente sôbre o meio de exprimir-lhe êsse pensamento da política do Maranhão. E chegamos à conclusão da inoportunidade do assunto. A eleição presidencial ainda se não havia travado. Chocavam-se ainda no país grandes interêsses. E o Presidente Pires Sexto compreendeu prontamente a inelegância do gesto, pois que poderia parecer que o Maranhão impunha uma condição para sufragar a candidatura do ilustre Presidente de São Paulo, — candidatura que êle foi o primeiro a abraçar e que, consoante comuniquei ao Sr. Dr. Washington Luís em dezembro de 1928, quando regressei do meu Estado, em nome do Presidente Magalhães de Almeida, êle sufragaria em qualquer emergência, mesmo que tivesse de ficar sòzinho na política nacional. Diante dêsse escrúpulo, do receio de criar um embaraço ou uma suspeita no espírito de um amigo, ficou, então, combinado o seguinte: imcumbiu-me o Presidente do Maranhão de, após o pleito, e quando não houvesse mais dúvida da lealdade do nosso intuito, levar ao conhecimento do nosso grande amigo Júlio Prestes êsse pensamento do govêrno e da política do Maranhão fazendo-o acompanhar das palavras que me transmitiu, e que justificariam essa aspiração, guardada com o recato peculiar aos homens judiciosos e discretos.

A política do Maranhão, como o sabe o eminente e querido amigo de minha terra, só forneceu ao Govêrno da República, em quarenta e um anos de regime, uma figura sua, e que foi o Senador Urbano Santos. Dos Estados do Norte, o Pará já havia

dado Serzedelo e Justo Chermont, e acaba de dar Lira Castro. O Ceará deu Francisco Sá duas vêzes, e, se me não engano, João Cordeiro e João Filipe. O Piauí mesmo, com a sua política dividida, deu um ministro há quatro anos. O Rio Grande do Norte deu Tavares de Lira e Ferreira Chaves. E êsses Estados, todos, ou possuem bancada menor do que a nossa, que apresenta dez membros nas duas casas de Congresso, ou tem-na dividida em duas, como é, por exemplo, o caso do Ceará. Nós, não; nós apresentamos uma fôrça uniforme e coesa, obediente à voz de comando dos nossos chefes sem dar oportunidade, jamais, a uma inquietação por parte do govêrno da União, — tal é o ambiente de ordem e o espírito de disciplina que se observam em nossa terra e no nosso partido.

Ocorre que o Maranhão, ao subir ao poder o maior amigo que êle tem na política federal, possui no momento uma figura de trabalhador verdadeiramente notável, dessas que precisam de incentivo e de apoio para se completar, numa época em que se tornam raros os homens que reúnem à paixão do trabalho a lealdade, a sinceridade, o tato administrativo, o devotamento aos seus amigos, a capacidade de sacrifício por êles, e um grande, imenso, profundo amor ao Brasil. E êsse homem, que é um dos seus amigos mais devotados, e que mais fraternalmente lhe querem, é o nosso Magalhães de Almeida.

Nas reuniões da bancada maranhense, a idéia de trabalhar pelo aproveitamento dêsse chefe e companheiro veio ao espírito e à bôca de todos nós, havendo sugestões para que, coletivamente, trabalhássemos nesse sentido. Depositário, porém, de um segrêdo, que era esta incumbência do Presidente Pires Sexto a mim individualmente conferida, procurei dissuadi-los, com receio que a falta de discrição comprometesse a nossa aspiração comum. E ela aqui está, na pena de um amigo para os olhos de outro.

O Presidente Pires Sexto e eu sabemos, e tôda a bancada compreenderá conosco, que, na organização de um govêrno, um Presidente da República nem sempre pode fazer o que deseja e vê-se obrigado a contrariar a sua própria vontade. As contingências políticas obrigam-no a transigências, a ceder diante dos interêssses políticos aglomerados e antepostos, sacrificando êle, muitas vêzes, nomes que traz na lembrança e no coração. Mas sabemos todos, também, que o alheamento, num caso dêstes, pode ser tomado como uma demonstração de desinterêsse, ou, pelo menos, uma divisão de vontades no seio de um partido. E assim pensando, meu ilustre Presidente e amigo, é que lhe venho dizer, em nome do Presidente Pires Sexto, estas duas

coisas, com todo o coração: a alegria com que o Maranhão veria o nome do seu ex-presidente, e legítimo chefe da política do Estado, contemplado no seu govêrno; e a serenidade amiga com que continuará a cercar a pessoa de Júlio Prestes da mesma dedicação e do mesmo carinho no caso de não ser atendida a nossa aspiração. Estamos certos de que, se isso acontecer, isto é, se essa aspiração não fôr satisfeita, não será pelo seu desejo, mas por motivos superiores à sua vontade, no tumulto das fôrças que se chocam em ocasiões como esta. O que era preciso, porém, era que nos fizéssemos lembrados, para que o silêncio não seja tomado como uma renúncia quando se apresenta uma possibilidade.

Esta carta podia ser assinada por tôda a bancada, tão notório é o carinho com que tôda ela cerca o ex-Presidente do Maranhão. Eu não quis, porém, prejudicar companheiros, sôbre os quais pode recair a sua lembrança. Exclusão feita do signatário destas linhas, que não tem ambições fora do domínio das suas letras, e de Clodomir Cardoso e Agripino Azevedo, que não fazem parte do nosso partido, embora eleitos por êste, e na pessoa dos quais o partido não poderia ser premiado sem graves perturbações na política estadual, a política maranhense tem outros representantes que podem merecer a sua atenção dentro das possibilidades do momento. O que nós desejamos — e eu falo aqui em nome do Presidente do Estado, — é que o seu eminente amigo Júlio Prestes se lembre do Maranhão, certo embora de que êste, mesmo não contemplado, se sentirá contente de ter passado pelo seu pensamento.

Está, assim, meu preclaro Presidente, desempenhada a incumbência que a amizade e a confiança do Presidente Pires Sexto me conferiram, e que corresponde, pode ficar certo, ao desejo de tôda a representação maranhense, nas duas casas do Congresso. Quanto a mim, a minha aspiração, neste instante, é uma só: é que a pena me tenha ajudado o espírito, de modo que, abordando assunto tão delicado, não lhe tenha deixado a suspeita de uma queixa, mas apenas a certeza de que, atendidos ou não, terá no Maranhão, no seu govêrno e nos seus representantes no Congresso, uma fôrça política a prestigiar desveladamente a sua autoridade, e um grupo de amigos a cercar dedicadamente o seu amigo.

Afetuoso e cordial abraço do seu admirador e sincero amigo — *Humberto de Campos*".

Esta carta seguiu pelo correio, expressa, com a nota "pessoal". Leu-a Magalhães de Almeida, a quem a confiei, para lhe dar destino, e que a aprovou com esta frase:

— Esta carta, só ela, vale um ministério!...

*Domingo, 10 de agôsto:*

A literatura moderna é feita com isqueiro, que dá fogo automático. Para acender a chama do talento não se recorre ao *fósforo.*

*Têrça-feira, 12 de agôsto:*

Na Câmara, no recinto vazio, Afrânio Peixoto conta-me que, há um mês, mais ou menos, Assis Chateaubriand, diretor do "O Jornal", e que galvanizou o Presidente Antônio Carlos, atirando-o contra a candidatura Prestes, o meteu no seu automóvel para uma confidência. E a confidência era esta:

— Você não diga nada a ninguém, mas esteja avisado: dentro de quinze dias a revolução estará vitoriosa no Brasil inteiro!

Afrânio olhou-o com espanto, e travou-se o seguinte diálogo:

*Chateaubriand* — Mas não se assuste, não, porque você está fora do perigo: na Bahia só escapa você.

*Afrânio* — E os outros? Vão ser fuzilados?

*Chateaubriand* — Se não reagirem, não; serão apenas deportados ou exilados: estrangeiro, Clevelândia e Cucuí.

*Afrânio* — Isso é o diabo! Imagine você que eu queria ser deportado para Mato Grosso!

*Chateaubriand* — Que idéia é essa?

*Afrânio* — É uma idéia velha, filho. Eu tenho um romance começado, e que tem algumas cenas que se devem desenrolar em Mato Grosso. Tenho querido ir lá, mas minha mulher não deixa. E agora é a ocasião. É do meu interêsse ser deportado.

E Afrânio conclui, dizendo-me:

— Já lá se vai um mês, e nada de revolução. Estou, parece, com o meu romance perdido...

*Quarta-feira, 13 de agôsto:*

Intimado a comparecer ao Tribunal do Júri para depor, como testemunha, no julgamento do Deputado Simões Lopes, que matou ferozmente, aos meus olhos, o Deputado Sousa Filho, saio na manhã chuvosa para reconhecer as firmas do atestado médico e do requerimento com que justifico o meu não comparecimento, por enfêrmo, — o que é pura verdade. De regresso para casa, compro um jornal e leio a reprodução do crime. E atiro fora a fôlha, enojado. Pela narração ali feita, Simões Lopes atirou

em Sousa Filho no momento em que êste erguia a arma sôbre seu filho. E diz, textualmente: "Mais um segundo, e, se não tem abatido o adversário, o seu filho cairia apunhalado!"

E eu que vejo ainda Sousa Filho esconder-se, deitar-se, desarmado, entre a bancada e a cadeira, e Simões Lopes de pé, matá-lo à queima-roupa, deitado no chão!...

*Quinta-feira, 14 de agôsto:*

De caminho para o médico, encontro no auto-ônibus o filólogo Júlio Nogueira, que vem tomar assento a meu lado. Conversamos sôbre coisas do extremo-norte, e êle me fala dos anos que viveu no Amazonas. E vem à baila a figura de Eduardo Ribeiro, o "Pensador", que a lenda diz ter sido assassinado pelos políticos.

— Eu era, como você talvez não saiba, — diz-me, — oficial de gabinete do Silvério Néri, em cujo govêrno se deu o fato, e posso-lhe afirmar sob palavra de honra que não houve crime nenhum. O "Pensador" tinha ficado louco, e tôda a gente sabia disso. Vivia guardado em casa por íntimos amigos seus, o que não obstava que, às vêzes, fôsse apanhado nos bondes, em mangas de camisa. Até que, uma noite, arrancou o fio do mosquiteiro, forte como uma corda, passou-o no armador da rêde, deu com êle um laço no pescoço, e escorregou para sentar-se no chão. Faltou-lhe a razão para livrar-se da morte, erguendo-se, e foi encontrado morto.

E conta-me, então, coisas bizarras do período de loucura do ex-governador amazonense.

— Êle tinha um amigo íntimo, — narra, — o Desembargador Menélio Pinto, que não o abandonava quase. O "Pensador" chamava-o:

— "Seu fulano, eu quero uma pêra!

E emendava logo:

— "Duas peras!... Mil peras!... Vinte mil caixas de peras!..."

Júlio Nogueira continua:

O pior era quando lhe vinha a mania erótica. Êle chamava o Desembargador, e ordenava-lhe, aos berros:

— "Seu fulano, vá buscar Dona Fulana, Dona Sicrana, Dona Beltrana para dormirem comigo hoje! Dona Sicrana que você trouxe ontem não estava boa. Dona Beltrana é muito isto, muito aquilo!

— E ia citando assim, — conclui Júlio Nogueira, — o nome das senhoras mais bonitas de Manaus...

* * *

Pela madrugada de hoje o Júri do Rio de Janeiro absolveu, por unanimidade de votos, o Deputado Simões Lopes, assassino do seu colega Sousa Filho.

À saída do Tribunal, o povo, aglomerado na rua, fêz — dizem os jornais, — uma grande manifestação de aprêço ao assassino...

*Sexta-feira, 16 de agôsto:*

Recinto do Senado, após a sessão. Em um grupo que se forma na sala deserta, os Senadores Azeredo, Vilaboim, Francisco Sá, Magalhães de Almeida; e eu. Fala-se do passado, e eu intimo Azeredo a escrever as suas "Memórias".

— Qual! — aparteia Francisco Sá; — eu tenho insistido com êsse homem nesse sentido, e êle não me atende. Já até me ofereci para escrevê-las, e êle não quer!

Refiro-me à conferência realizada há pouco na Academia Brasileira de Letras por Alberto de Faria, em que êste afirma, com o testemunho de Graça Aranha e Muniz de Aragão, que o Barão do Rio Branco dirigiu ao Presidente Hermes uma carta enérgica, e o seu pedido de demissão, quando se ameaçou a Bahia de bombardeio. Alberto de Faria acentuara, mesmo, que o portador da carta foi Enéias Martins.

— Eu não acredito muito nisso, não, — atalha Azeredo. — E se o Barão escreveu a carta, o Enéias, que tinha o seu destino ligado ao dêle, era muito homem para não entregar.

E adianta:

— O Barão tinha o Hermes em grande estima... Foi êle que o fêz Presidente da República. Vocês ainda se lembram do discurso que êle fêz quando lhe foi entregar as medalhas...

E pela direção que toma a palestra, consigo recompor o panorama político do Brasil de 1909 a 1910. Dotado de mentalidade germânica, Rio Branco sonhara fazer do Brasil uma potência militar e, talvez, uma nação militarizada, à maneira da Alemanha. Para isso fazia-se mister, no seu entendimento, um Presidente militar. Daí a satisfação com que impeliu Hermes para o Catete, e promoveu a sua viagem oficial à Alemanha, onde devia buscar o modêlo da potência a organizar na América.

Apenas, êle não contara com as falhas da mentalidade nacional, refratária ao espírito de disciplina. E o resultado foi a anarquia que então reinou, com os militares assaltando o govêrno dos Estados, desvirtuando assim o sonho político do Chanceler.

Rio Branco morreu, possìvelmente, com a convicção da responsabilidade que lhe cabia no incêndio que o Exército ateava.

*Sábado, 16 de agôsto:*

No seu gabinete, no Senado, Antônio Azeredo, pedindo notícias da minha saúde, dá-me as da sua.

— Eu, com esta idade, graças a Deus não tenho nada, senão coisas de estômago.

— E dorme bem?

— Perfeitamente bem. Basta que diga a você que eu durmo a noite tôda, quando viajo de trem daqui para São Paulo. Quando eu saio de casa para a estação já vou de "toilette" feita: visto o meu terno por cima da camisola — pois eu não uso pijama, uso camisola, — e, quando o trem parte, é só tirar o terno, lavar as mãos e deitar-me. Acordo de manhã, perto de São Paulo.

Que inveja eu tenho, eu, que acordo de hora em hora, dêsses homens que recebem todos os dias, para as lutas da vida, o prêmio do sono!...

*Domingo, 17 de agôsto:*

Eu tenho pelos judeus, e pelo caráter político da sua religião, uma admiração viva, pùblicamente confessada. Mas, não sei por quê, tenho a impressão que não saberia amar, e fazer o amor, numa comunhão perfeita de sentidos e sentimentos, com uma judia. É, talvez, que, para mim, o amor é uma integração recíproca de desejos, sonhos e interêsses; de modo que êle não seria possível com uma criatura cujo Deus não fôsse o meu, ou, pelo menos, aquêle que, pela religião dos meus antepassados, me fôsse familiar.

*Segunda-feira, 18 de agôsto:*

Conta-me Afrânio Peixoto:

— Você não imagina a tristeza que eu senti outro dia. Eu havia recebido de Gilka Machado pedido de um enxerto de obra minha, ou um trecho inédito, para uma antologia que ela estava organizando. E davam-me o enderêço. Como era aqui perto da Câmara, na Rua da Misericórdia, e eu tivesse a carta no bôlso, re-

solvi entregar pessoalmente, isto é, a um criado, à pessoa que me aparecesse. Subi uma escadinha suja, e escura, e dei, no segundo andar, com uma porta, fechando um corredor escuro. Bati, e apareceu-me uma mulatinha escura, de chinelos, num vestido caseiro. Perguntei se era ali que morava D. Gilka Machado

— Sim, senhor; sou eu mesma, — respondeu-me a mulatinha; — o doutor faça o favor de entrar...

Afrânio continua:

— Não entrei. Entreguei a carta, desculpando-me, e saí... Mas, "seu" Humberto, que tristeza! Eu não conhecia a Gilka senão de retrato: moça, branca, vistosa... E fiquei penalizado de vê-la naquela alfurja, onde tudo respirava pobreza, e quase miséria!...

*Têrça-feira, 19 de agôsto:*

Reunião, no Senado, dos Senadores Magalhães de Almeida e Godofredo Viana, Deputado Domingos Barbosa, e eu, para estudarmos o meio de cientificar Júlio Prestes, presidente eleito da República, do desejo, que tem a bancada, de ver um maranhense entre os membros do seu Ministério. Godofredo e Domingos ignoram, absolutamente, a carta que eu escrevi. Após algumas propostas fica resolvido pelos quatro que Domingos e eu procuremos o Senador Manuel Vilaboim, e tornemo-lo portador do pensamento da bancada junto ao Presidente eleito.

Saio à procura de Vilaboim, pelo Senado deserto àquela hora (3½ da tarde). Encontro-o no gabinete do vice-presidente da casa, conversando com Azeredo. Trago-o para fora, hàbilmente, e levo-o para o salão, onde já se encontra Domingos Barbosa.

— Temos que desempenhar uma grave missão junto a você, — digo-lhe, sentando-o entre nós ambos. — E Domingos vai dizer-lhe o que é.

— Não, eu, não, — escusa-se Domingos; — eu estou com a garganta doente; o Humberto fala...

E eu, sem a menor referência à carta que fiz a Prestes, começo a expor-lhe o assunto, em nome da bancada. E procuro acentuar o nosso desejo de ver o nome de Magalhães de Almeida entre os que devem estar sendo objeto de cogitação.

— O Magalhães ou o Godofredo... — emenda Domingos.

— Perfeitamente, — acentuo; — a bancada tem figuras dignas, tem nomes que já se impuseram pela sua retidão, pela sua cultura, pelo seu conhecimento da administração. Exclusão

feita da minha pessoa, que não tem saúde nem a menor aspiração nesses domínios... (protestos protocolares, dos dois) a bancada maranhense acha que, no momento em que cada um trabalha para si, ela tem o direito de pleitear, mesmo uma compensação, para que se não diga que ela não trabalha nem para si mesma...

— Há, por exemplo, a presidência da Câmara... — adianta Domingos, que é o 2.º vice-presidente, puxando a brasa para sua sardinha.

Vilaboim anima-nos, achando que é de tôda a justiça o que pleiteamos. E promete escrever a Prestes amanhã mesmo, e ir, no sábado, a São Paulo, tratar diretamente do assunto.

Ao descermos, vamos, eu e Domingos, nos encontrar com Magalhães e Godofredo, que nos esperam na sala da Comissão de Finanças. E Domingos apressa-se em dar notícia do ocorrido, como se êle é que tivesse falado, ou ajudado a falar.

— "Nós" lhe dissemos tudo... "Nós" pedimos... "Nós" contamos...

No jardim, separamo-nos. Magalhães de Almeida mete-me no seu carro, ouve o que realmente sucedeu, e tem esta frase:

— Isto é só para não dizer que a bancada não se moveu coletivamente; mas, a verdade é que, se nós conseguirmos alguma coisa, deve-se tudo à tua carta... Aquela, sim!

* * *

De ontem para hoje, horas de preocupação e de pavor. Noite inquieta, cortada de sonhos turvos e, nas vigílias, de pensamentos sinistros. Ao fazer um movimento com o braço, senti uma pequena dor, no mamilo direito. Comprimo; encontro um ponto dolorido e duro. E vem-me logo a idéia de um tumor malígno, que se esteja formando. Hoje, à tarde, corri ao médico, Afonso Mac-Dowell. E êle, após o exame:

— Eu sei o que você está imaginando... Mas, não é... Isso está aí há muito tempo... É uma glândula em correspondência com a hipófise... Não tem a importância que você supõe...

E eu solto, confortado, um suspiro de alívio.

*Quarta-feira, 20 de agôsto*:

Telegrama do Maranhão noticia a morte do geógrafo e médico Dr. Justo Jansen Ferreira, que foi o primeiro homem ilustre de quem recebi uma carta. Em 1901 era eu, em Parnaíba, em-

pregado na casa comercial do meu tio Emídio Veras, quando se levantou o conflito entre os Estados do Maranhão e Piauí, em tôrno da posse do delta do Parnaíba, até então, na sua maior parte, sob a jurisdição maranhense. Um jornal parnaibano, "O Nortista", publicava semanalmente documentos, procurando provar o direito que assistia ao Piauí. Na imprensa maranhense o Dr. Justo Jansen Ferreira pleiteava a causa do Maranhão. Colecionador do semanário piauiense, de que haviam aparecido já cêrca de cem números, empacotei a minha coleção, e remeti-a ao Dr. Justo, acompanhada de uma carta. E duas semanas depois recebia a resposta afetuosa, com os seus agradecimentos, acrescidos de um exemplar, com dedicatória, do seu livro "Apontamentos para a Corografia do Maranhão".

Pode-se imaginar o que foi o meu contentamento, a minha vaidade infantil, ao receber, — eu, simples caixeiro de balcão de uma casa de comércio, — aquelas provas de atenção. Mostrava a todo o mundo, a carta e o livro. Passa-se o tempo. O Destino, generoso, traz-me para o Rio de Janeiro, mete-me na Academia Brasileira de Letras, fazendo do antigo pesador de sabão e açúcar uma figura das letras nacionais. Um dia, dois braços se abrem para mim, na Avenida. É o Dr. Justo. Recordo, aos que o acompanham, a origem da nossa amizade.

— E você sabe que ainda tenho a sua carta? — diz-me êle.

— É possível?

— Quer ver? Está aqui...

E exumando do bôlso a carteira, retira dela, dobradinha, conservada, embora amarelecida pelo tempo, a minha carta de menino, de 1901!...

*Quinta-feira, 21 de agôsto:*

Câmara. Pequena roda de deputados maranhenses. Fala-se da morte de Justo Jansen Ferreira. E cada um recorda o mêdo que êle tinha de morrer. Vem-me à lembrança o que me disse, em São Luís, o Presidente Magalhães de Almeida, que lhe permitira entrar em palácio de chapéu na cabeça, porque êle, Justo, jamais tirava o chapéu, com mêdo de constipar-se.

— E não tirava mesmo, — confirma Domingos Barbosa. — O Justo só tomava banho de água morna, e em quarto fechado, no qual se conservava até duas horas depois do banho. E quando entrava na água, tapava os ouvidos com algodão. Êle não sentava no urinol, ou na sentina, sem forrar o assento, em tôrno, com um

pano. E no inverno, se a água estava fria, não a bebia sem quebrar-lhe a frieza, amornando-a com água quente.

— É verdade, — confirmam outros.

E o homem que assim temia a morte... suicidou-se!... Matou-se há três dias, atirando-se da janela da sua casa à rua... Matou-se, possìvelmente desenganado, pelo pavor de morrer!...

*Sábado, 23 de agôsto:*

Leio no "Journal des Goncourts", com a data de 25 de setembro de 1887, uma palestra entre Edmond e Alphonse Daudet. Entendia o primeiro que a sobrevivência pelo livro havia sido tôda a preocupação da sua vida, sua e do seu irmão. Daudet compreendia-a, porém, ùnicamente nos filhos, achando que a literatura era simplesmente uma expansão.

O julgamento, hoje, pode ser feito. Léon Daudet, filho do grande romancista de "L'immortel", é, sem dúvida, um belo espírito, mas um agitador, um panfletário sem-cerimônia, um talento ao serviço do escândalo. Seu filho Philippe, neto de Alphonse Daudet, era, já, um degenerado, que acabou assassinado aos dezenove anos, e cuja morte deu ensejo a um dos processos mais tristes dêstes últimos tempos, com a revelação de que se tratava de um insexuado. Cerca-lhe a memória, neste momento, a mesma fama infamante que cobre o túmulo de um filho de Mário de Alencar, neto do romancista de "O Guarani", aparecido morto há três meses no quarto que alugara próximo ao pôrto para receber estivadores e marinheiros.

O sangue de Daudet, como o de Alencar, conspurcou a memória do homem que o ilustrara nas letras. A glória dos Goncourt está livre dessa afronta. Os filhos de *Madame Gervaisais* ou de *Germinie Lacerteux* jamais a cobrirão de lama comprometendo-a diante da posteridade...

*Segunda-feira, 25 de agôsto:*

Sonho extravagante o meu, desta noite. Como meu filho mais novo completasse hoje sete anos e eu tivesse adormecido pensando no presente que lhe devia dar, sonhei que havia ido a uma casa de comércio na Avenida, procurando êsse brinde de aniversário.

— Por que não leva um macaco? — perguntou-me o comerciante.

E logo desceram do teto três macacos, dois pequenos e um grande, os quais se achavam ali pendurados como se penduram cestas. bôlsas, e outras mercadorias.

— Leve um macaco... leve... leve... — insiste o homem.

A essas vozes, os macacos, ansiosos por serem vendidos, cada qual procurando tornar-se preferido, correm a acondicionar-se para ser conduzidos, recolhendo pés e mãos, e transformando-se cada um em um pacote, cuja alça era composta pela cauda do próprio macaco.

Eu não quis, porém, fazer a compra. Retirei-me, mas, ao chegar fora, vi-me num areal enorme, como os de Miritiba, onde nasci. E que vejo atrás de mim, correndo em minha perseguição? O macaco grande, que eu não quisera comprar!

E acordei. Eram duas e meia da manhã.

*Quarta-feira, 27 de agôsto:*

Há dois meses — desde os primeiros dias de julho — as minhas noites são um tormento. Acordo, e levanto-me, cinco, seis, às vêzes sete vêzes, de meia-noite até às sete horas. A cistite aguda que me vem acabrunhando tem feito da minha vida um inferno. Esta noite, com o estupefaciente denominado "Gardenal", só me levantei duas vêzes.

Mas, também, que estúpido que estou eu hoje!

*Quinta-feira, 28 de agôsto:*

Entre o cortesão, que lisonjeia um rei ou um grande homem público, e o demagogo, que bajula a multidão, há a diferença existente entre a mulher que se dá a um amante e aquela que se entrega à baixa prostituição.

*Sexta-feira, 29 de agôsto:*

No recinto da Câmara, onde converso com o meu colega Domingos Barbosa, lembro-me, ao ver passar Plínio Casado, ter lido nos jornais que êle, na defesa que fizera, no Tribunal do Júri, do Deputado Simões Lopes, se referira com grandes louvores à minha pessoa, ao escritor e ao homem público. E chamo-o para agradecer-lhe.

— Ah, tu soubeste? Os jornais publicaram alguma coisa? Pois, olha, eu não só me referi à tua integridade, confrontando-a com a falta de compostura de outros, como declarei que aprovei-

tava a ocasião para render uma pública homenagem ao escritor brilhante, um dos maiores estilistas do Brasil contemporâneo. E quando eu disse isso, o Evaristo (Evaristo de Morais) aparteou alto, soltando um belo — *apoiado!*

Reitero o meu agradecimento e vem-me à lembrança que, cinco ou seis dias depois, em outro julgamento sensacional, — o da escritora Sílvia Serafim, que assassinou o caricaturista Roberto Rodrigues, — um dos elementos a que se apegou o advogado da defesa, Clóvis Dunshee de Abranches, foi um artigo que eu escrevi há tempos sôbre Mário Rodrigues, pai do assassinado.

E assim, eu, um homem pacífico, sou, hoje, um homem notável... no Tribunal do Júri!

*Sábado, 30 de agôsto:*

Pelas minhas leituras de janeiro até agora, vejo que, no ano corrente, só conseguirei ler, e anotar, cem ou, no máximo, cento e vinte volumes. Dez anos para mil ou mil e duzentas obras... E eu que tenho, só em casa, para ler ou reler, mais de dois mil volumes, isto é, leitura para vinte anos, se me não entrasse na biblioteca mais um só livro!...

Dá-me, para que eu os encha, os teus anos vazios, avô Matusalém!

## SETEMBRO

*Segunda-feira, 1.º de setembro:*

Homens há que são como as árvores frutíferas: só tem préstimo quando vivos. Outros, porém, são como os grandes madeiros de construção, que começam a ter utilidade depois de mortos.

Abençoada a árvore que, depois de cortada pela Morte, vai ser o mastro de um navio, o cabo de um arado ou o esteio de um edifício...

*Quarta-feira, 3 de setembro:*

Os jornais noticiam, alarmados, ser gravíssimo o estado de saúde do Ministro da Fazenda, Oliveira Botelho, antigo deputado e Presidente do Estado do Rio. E é digno de nota êste fim de vida de um homem público.

Excelente chefe de família, aconteceu-lhe, há seis ou sete anos, perder a mulher. Não se conformando com a sua perda definitiva, recorreu ao espiritismo, para comunicar-se com ela. Conseguiu-o em uma sessão familiar, por intermédio de uma jovem dotada de virtudes mediúnicas, pela bôca da qual a morta vinha falar. Para não separar-se da defunta. Oliveira Botelho acabou casando com o "aparelho" em que esta se manifestava, isto é, com a jovem "medium", mais nova do que êle cêrca de trinta anos. E começou o seu tormento, que é o de quem, com fôrça para suspender oitenta quilos, quer levantar cento e sessenta.

Hoje, no consultório do meu médico, Mário Fonseca, falamos do caso. E o especialista contou-me:

— Eu conheço o caso... O Botelho não vai longe... Eu estive lá, a chamado da família, e conheço a marcha da doença...

Lembro-me que Oliveira Botelho me falou, algumas vêzes, dos seus cálculos renais, cuja passagem lhe determinava onze horas seguidas de dor, durante as quais rompia com os dentes, dúzias de lenços. E indago do médico:

— O mal dêle, agora, é de rins?

E Mário Fonseca, enxugando as mãos no avental:

— Não; aquilo é secundário... É a cantárida, que já está atuando sôbre o coração...

*Quinta-feira, 4 de setembro:*

À medida que vou marchando na vida, mais vou sentindo os efeitos do meu feitio bisonho, da minha educação recolhida, da minha vida de gabinete em companhia de mortos, que só me respondem quando eu lhes falo, e que são êstes quatro mil volumes que se alinham nas estantes amigas. Ainda hoje, na Academia, sofri a conseqüência dêsse regime.

Estava eu a um canto, com a fadiga no corpo e no espírito, quando entrou na sala da secretaria Fernando Magalhães, acompanhado de um estrangeiro forte, corado, pequeno bigode de um louro grisalho, tipo alegre de dragão francês, transpirando saúde e contentamento da vida.

— Monsieur Maurice de Waleffe... — apresenta Fernando.

E faz um elogio largo, e amável, do meu talento, em que entrava o adjetivo "grande" ao lado de alguns substantivos que indicam gêneros literários. Ergui-me, apertei a mão do jornalista parisiense, que se desdobrava em gentilezas, mas debalde procurei no cérebro uma frase banal de agradecimento. A memória quedou-se paralítica, fornecendo-me apenas duas ou três palavras

sem nexo, que devem ter dado ao nosso hóspede a convicção de que eu era, na verdade, alguma coisa de "grande", ou de "grandississimo": um grandíssimo... idiota!

Que mão misteriosa e invisível me quebra, assim, as asas, às idéias, e me furta as palavras, quando eu me encontro diante de estranhos?

*Sexta-feira, 5 de setembro:*

A história política do Brasil na República pode ser resumida num álbum de retratos. Figuras, figuras, figuras. Nenhum programa. Nenhuma idéia.

Celso Vieira — alfaiate que apresenta idéias e imagens comuns em uniforme de gala.

*Sábado, 6 de setembro:*

Pela manhã, após o café, e ainda à mesa, uma vertigem: palidez, frio, tontura, mal-estar indizível. Pequeno mergulho de experiência, de apenas um metro, no oceano da eternidade.

Ao vir à tona, segurei-me aos livros. E passei o dia, abraçado, em plena luz, nesses "salva-vidas", em que havia os nomes de Barrès, de Renan, de Maspero e de Darmesteter.

*Segunda-feira, 8 de setembro:*

Dias terríveis, o de ontem e o de hoje. Meus sofrimentos recrudesceram, não me permitindo mais, dia e noite, uma hora de repouso.

Hoje, mudei de médico. Recorri a outro, Paulo César de Andrade, que me submeteu a torturas que a Inquisição havia esquecido. Saio do consultório para casa, com a impressão de estar suando sangue. E das três da tarde até agora, nove da noite, já tomei oito ou nove banhos quentes, para aliviar o fogo que me está lavrando na bexiga e adjacências.

Há dois meses e meio isto... E estou, dizem, nas mãos dos homens de ciência... Bolas para a ciência!...

*Sexta-feira, 12 de setembro:*

Na sua autobiografia, publicada pòstumamente no 1.º tomo de *Mes Cahiers,* escreveu Maurice Barrès: "La faiblesse de mon enfance et de ma jeunesse a été de ne pas connaitre d'hommes

supérieurs. C'est d'eux que j'avais soif et faim. Il n'y avait même pas de notables, de hauts types de civilisation. Il n'y avait pas de grands coeurs".

Que devo eu dizer da minha infância, da minha mocidade, da minha vida inteira, transcorridas no meio de personagens egoístas e utilitárias, de um mundo miúdo que sempre me pareceu saído, inteiro, das páginas do *Gil Blas,* de Lesage?

*Sábado, 13 de setembro:*

Sala da Secretaria da Academia. Afrânio Peixoto, o Deputado Homero Pires, o Diretor da Secretaria, Fernando Néri; e eu.

*O Diretor* — Eu recebi do Aloísio um retalho de jornal de Roma, com uma notícia sôbre a conferência que êle ia fazer numa associação católica, sôbre assunto religioso. Com certeza é para publicar na "Revista da Academia".

*Afrânio* — (Diretor da "Revista") — Publica, publica... (*voltando-se para mim*) O Aluísio, o Austregésilo e o Ataulfo estão correndo um páreo para ver qual dêles arranjará primeiro o título de Conde do Papa. O Aloísio, para agradar ao Vaticano, escreveu êste ano uma "Oração da Páscoa". O Austregésilo, para não ficar atrás, escreveu imediatamente "A Páscoa do Estudante".

*Homero Pires* — E o Ataulfo?

*Afrânio* — O Ataulfo não concorreu. O Ataulfo é mundano.

*Eu* — Concorreu, sim; e está concorrendo.

*Afrânio* — Escreveu o quê?

*Eu* — Nada. Mas, como não sabe escrever, para escrever sôbre a Páscoa, passou, agora, a tomar o seu chá na *Pascoal!*

*Domingo, 14 de setembro:*

É esquisita esta sensação que se apossa de mim quando leio, aos domingos, nas páginas de anúncio nos jornais, os bilhetes que se mandam, anônimamente, os namorados venturosos ou sem ventura. Quanta alma, quanto coração às vêzes, num daqueles recados, que vão direito ao seu destino através do riso ou da indiferença dos homens! E vêm-me à memória, de repente, aquelas "promessas" da gente simples da minha terra, a qual, pondo uma vela de cêra num pequenino barco de madeira, longo de três palmos, confiava a embarcação frágil ao mar tormentoso, que o ia encalhar, levado pelas correntes marítimas, na praia de S. José de Ribamar...

Ao ler essa literatura ardente, os beijos e promessas dêsses namorados que se estreitam, cegos, diante do mundo inteiro, invade-me o coração uma tristeza afetuosa, e uma simpatia profunda. A simpatia e a tristeza que sentiria, talvez, na Turquia antiga, um eunuco ainda moço, ao ver, através de uma fechadura indiscreta, o amplexo apaixonado, e o beijo doido, de duas mocidades unidas na véspera...

*Segunda-feira, 15 de setembro*:

Enquanto um deputado da oposição repete pela vigésima vez um discurso contra o govêrno, falando displicentemente e como por obrigação, conversamos em um grupo ao fundo da sala, Álvaro de Carvalho, de São Paulo, Simões Filho, da Bahia, e eu. Álvaro de Carvalho ataca o abastardamento da política republicana, o aproveitamento de indivíduos sem caráter e sem moral para altas funções públicas, ùnicamente por serem bajuladores e audaciosos, e personaliza:

— Não está o caso do Gilberto Amado que chegou a ser senador e só não chegou a ministro porque Deus vela por êste país?

E ante o nosso gesto confirmativo:

— Gilberto é a criatura mais privada de senso moral que eu conheço. Vocês sabem o que Vilaboim fêz por êle, quando êle matou aquêle rapaz, aquêle poeta.

— Aníbal Teófilo.

— Isso... O Vilaboim constituiu-se advogado dêle, Gilberto, e trabalhou como para um filho, para um irmão. Pô-lo na rua, absolvido. Se não fôsse o Vilaboim, que não recebeu um níquel de honorário, êle teria ficado na cadeia. Pois bem; dois ou três anos depois, quando se deu o rompimento na política paulista, não é que o nosso Gilberto se mete no meu automóvel e, durante meia hora, me diz os maiores horrores do Vilaboim? Isso, por que? Ùnicamente na suposição de que me era agradável, por estarmos no momento em campos opostos e eu numa situação de destaque com a ascensão do Conselheiro Rodrigues Alves à Presidência da República!...

A propósito, conta Simões Filho dois casos que lhe foram referidos pelo Deputado Leandro Maciel. Candidato à Presidência de Sergipe, Leandro Maciel fôra convidado por Gilberto para uma conferência, em que pretendia obter dêle, Leandro, a renúncia a essa candidatura. Tomaram um automóvel, e Gilberto mandou rumar para o Restaurante do Chuá, na Gávea. No automóvel, começaram a discutir. Chegados ao fim da viagem,

Gilberto chamou o gerente do estabelecimento, e, entregando-lhe um revólver, disse-lhe:

— Guarde-me, isto, senão eu cometo hoje outro crime!

Terminado o jantar, durante o qual Maciel não capitulou, Gilberto pediu a arma, e, no automóvel, ameaçava, de vez em quando:

— Não me faça assassino de novo, "seu" Leandro!

No dia seguinte — é Leandro Maciel ainda quem conta a Simões Filho, — Gilberto convidou-o para ir à sua casa, trancando-se com êle em uma sala e puxando um revólver de uma gaveta. O visitante ia, porém, armado, resumindo-se a entrevista a uma gritaria com troca de desaforos que pôs em alvorôço tôda a vizinhança.

Após essa narração, vem-me à lembrança o que me contou, na presença do Deputado Alves de Sousa, o Deputado Graco Cardoso, sôbre essa mesma sucessão presidencial em Sergipe.

— O Gilberto havia rompido comigo há quatro anos, — começou o ex-presidente sergipano. — Há uns vinte dias, entretanto, qual não é a minha surprêsa quando êle me chamou ao telefone e pergunta-me se eu lhe concederia uma entrevista para tratarmos da política do Estado. Respondi-lhe que, para servir ao Estado, estaria sempre pronto, e êle marcou um encontro comigo às dez horas da noite na estação da Leopoldina. Fui, e, lá, êle me propôs tudo, contanto que eu apoiasse a candidatura do seu irmão, um meninote bestinha, à Presidência do Estado. Recusei, e êle perguntou-me se eu aceitaria a dêle próprio, Gilberto, mediante as seguintes compensações: eu iria para o Senado, na vaga dêle, e poria um amigo meu na minha vaga na Câmara. De repente, porém, o homem desandou a confessar a verdade:

— "Seu" Graco, eu preciso pôr uma pessoa minha no govêrno do Estado. Ou eu, ou meu irmão. Não pense, porém, que é para servir a Sergipe ou por interêsse político: é para me garantir a mim, "seu" Graco! Eu no govêrno, ou meu irmão, eu farei o sucessor dêle, ou o meu; e terei a minha volta para o Senado garantida. Se eu não fizer êste presidente agora, estou perdido; o sucessor dêle não me reelegerá, e eu estarei na rua. Não pense que é patriotismo, não; nem que eu me importe com Sergipe. Eu estou é cuidando de mim, "seu" Graco!

Terminada a narração dêsse episódio, tal como mo contou Graco Cardoso, o Deputado Álvaro de Carvalho teve um gesto de nojo:

— O Gilberto é isso mesmo... E dizer-se que êsse homem é Senador da República e teve, até agora, voz ativa nos conselhos do govêrno!... É uma vergonha!...

*Quarta-feira, 17 de setembro:*

Tarde chuvosa, com o vento varrendo a chuva. Corro à Academia, para escutar uma conferência do escritor francês Benjamim Crémieux, que, de regresso de Buenos Aires, vai falar sôbre Marcel Proust.

Na Secretaria, encontro o conferencista. Estatura abaixo de mediana, grosso, forte, entroncado, tôrso de atleta. Sôbre os ombros sólidos, uma cabeça ornada por uma bela barba negra e cuidada, descendo até o segundo botão da camisa gomada e branca. Sôbre o nariz grande e ligeiramente curvo, de semita, óculos fortes, sem aros, e cujas lentes são fixadas por duas lâminas de ouro que se vão perder atrás da orelha rosada. Cabelo negro e basto, partido ao meio. Terno prêto, de paletó, escovado e armado com elegância. O tipo clássico, em suma, do judeu de luxo.

A conferência agrada à casa quase vazia. O conferencista fala pausada e claramente, desmentindo no estilo o escritor apaixonado pelos vocábulos abstratos.

Crémieux confessa que Proust era judeu. E eu me fico a pensar se a popularidade de certos nomes literários na Europa (Valéry, Maurois, Proust, Gide, Ludwig) não será a conseqüência de uma disfarçada luta de raças, isto é, uma conspiração de semitas, transferida do campo social para o puro domínio da literatura...

*Quinta-feira, 18 de setembro:*

Segunda e última conferência de Benjamim Crémieux, na Academia. Tema: *L'esprit d'inquiétude et de reconstruction dans la littérature française après la guerre.* Desenvolvimento: voltando-se para a alma individual os escritores novos procuram encontrar, nela, o sentido da vida e do universo. E retrocederam desiludidos: só encontraram poeira e vasa. E tentam, agora, reconstruir o que haviam destruído.

Conclusões minhas: a obra negativa, isto é, o espírito de destruição que caracterizou inicialmente a geração atual nasceu da ignorância do espírito clássico. Formados no campo de batalha, longe das bibliotecas e dos gabinetes de estudo, os escritores franceses de hoje entraram em atividade sem nenhum contato com o passado. Atiraram-se a buscar a Verdade com o auxílio precário do instinto. Destruíram o brinquedo, para ver o que havia dentro, e, como não encontraram senão palha e arame, arrependeram-se do sacrilégio.

E agora voltam, arrependidos, como o "orgulhoso sicambro" de São Remígio, a adorar o ídolo secular que haviam queimado...

*Segunda-feira, 22 de setembro:*

Às vêzes, recapitulando as sensações de minha vida, vem-me à lembrança a ancianidade do meu temor da morte, — temor que vai, agora, pouco a pouco, se modificando. E vem-me à memória a consulta que eu, aos dez ou onze anos, me fazia:

— Eu terei mesmo de morrer, e ir um dia para o fundo da terra?

E a esperança, luz dos cegos, rumor para os ouvidos dos surdos, oferecia-me o consôlo vago:

— Talvez, não. O homem tem inventado tanta coisa, tem feito tanta descoberta... Quem sabe se, nestes cinqüenta anos, êle não encontrará um remédio para o homem viver eternamente? A questão é esperar.

E estou esperando...

*Quarta-feira, 24 de setembro:*

A geração francesa que fêz o naturalismo não me parece muito versada nos antigos e, nesse particular, não poderia censurar a geração atual, que, em nome dos interêsses do futuro, cortou as suas relações com o passado. Relendo hoje o volume VIII do "Journal des Goncourts", lá encontrei uma nota de 1889, em que Edmond registra como novidade lida em um jornal parisiense, e descoberta por Maspero, uma velha passagem de Heródoto.

*Quinta-feira, 25 de setembro:*

Eleição de Otávio Mangabeira, Ministro das Relações Exteriores, para a vaga de Alfredo Pujol, na Academia Brasileira de Letras. Apurados 35 votos, caso único na história da Academia, cujos membros, em grande parte, vinham recebendo favores do ministro candidato: Fernando Magalhães, Austregésilo, Aloísio, Medeiros e Albuquerque e Rodrigo Otávio foram à Europa, com ajuda de custa do Itamarati; Coelho Neto foi à Argentina, como Embaixador; João Ribeiro e Afonso Taunay tiveram comissões rendosas na Biblioteca do Ministério; e é corrente que Luís Guimarães será promovido a embaixador e que Olegário Mariano cônsul ou vice-cônsul em Paris.

No momento da apuração, ao ser lida a vigésima cédula, diz-me Luís Guimarães, de longe, piscando, num nervosismo feliz:

— Não precisa mais... Está eleito!

— Unânimemente, — respondo-lhe. — Obterá 37 ou 38 votos.

E num gesto de ombros que êle, cabo eleitoral do candidato, compreende contrafeito.

— Fôsse o Washington, e obteria quarenta e dois!

*Sexta-feira, 26 de setembro*:

Eu mergulho, às vêzes, no meu passado, reconstituindo, até os dias mais remotos, os meus atos e pensamentos de criança. E é tanta a malícia que encontro em uns e outros, que pergunto, sòzinho:

— Senhor, será verdade, mesmo, que eu algum dia fui inocente?

*Domingo, 28 de setembro*:

Uma senhora jovem, e cuja palavra ingênua é a garantia da veracidade das coisas que conta, narrava a outra, que me transmitiu o que escutara, o seguinte:

— Uma família nossa conhecida tinha uma filha, bonita meninota de quatorze anos, que internou no Colégio Sion, aqui no Rio de Janeiro. Ao fim de algum tempo, quando os parentes iam visitá-la no colégio, a pequena caía em chôro desesperado sem explicar, entretanto, o motivo. No fim do ano, com as férias e o regresso a casa, o seu moral melhorou. Quando porém se tratou da sua volta para o colégio, tombou no mesmo abatimento e na mesma choradeira, abraçando-se com o pai e com a mãe, sem lhes dar, todavia, explicações do seu sofrimento. Foi assim no primeiro, no segundo e no terceiro ano até que, com dezessete anos, concluído o curso, voltou definitivamente para a companhia da família, gente muito religiosa, soltando um suspiro de alívio. E foi então quando, em uma confidência, me contou a razão das suas lágrimas e do seu horror quando, depois das férias, se via na contingência de tornar para o Sion.

— Há no colégio um capelão, o Padre Magalhães, que é o homem mais infame do mundo. Êsse miserável não podia encontrar uma de nós, as maiores, sem nos apalpar, dizendo-nos as coisas mais indecentes. Mesmo no confessionário, êle fazia e dizia tudo que é possível imaginar para perverter uma menina. Um

dia êsse cão chamou para confessar uma das minhas companheiras, uma criatura que era um encanto, e disse-lhe tanta coisa de perversão para exaltar-lhe os sentidos, descrevendo-lhe prazeres diabólicos, que a pobrezinha saiu como uma louca. E quando chegava o fim do ano, sabe o que fazia o desgraçado? Comunicava à Superiora que era preciso nos preparar contra os perigos do mundo, levava-nos a nós, suas preferidas, para a capela, tirava a custódia do santuário, e, chamando-nos uma a uma, fazia-nos jurar, sob pena de perder a nossa alma, que não contaríamos em casa nada do que êle fazia. Era assim todos os anos! Daí o terror que eu sentia quando tinha que voltar para o colégio, e o desafôgo que senti quando me vi livre daquela casa de perdição.

## OUTUBRO

*Sábado, 4 de outubro:*

Ao regressar para casa, vindo do cinema, às dez e meia da noite, meu filho Henrique sobe ao meu gabinete, onde me encontra escrevendo, e comunica-me, espantado:

— O senhor sabe que houve um atentado contra o Washington? Pois houve. Êle tinha ido visitar a Escola Naval e um oficial de Marinha deu-lhe um tiro. Dizem que êle está ferido e as fôrças estão tôdas de prontidão. Aí no canto os soldados estão revistando as pessoas e não deixam mais passar automóvel pela frente do quartel.

Ouço alguns trilados repetidos e chego à janela. À esquina da Barão de Mesquita com a rua Amaral uma patrulha detém os automóveis, revistando-os. Procuro telefonar para alguns Deputados e não consigo resposta. E deito-me na ignorância de tudo, conservando-me a ler até às duas horas da manhã. Às 4½, porém, a campainha do portão retine. Desço. É um telegrama urgente do líder Cardoso de Almeida pedindo para comparecer à sessão da Câmara, a fim de deliberar sôbre assunto de alta importância.

Às sete horas, enfim, o primeiro jornal com o primeiro esclarecimento: revolução em Minas e no Rio Grande do Sul!

A uma hora em ponto chego à Câmara, que já fervilha de deputados. À entrada do recinto uma pequena mesa, com um funcionário e uma fôlha de papel. Diante dela, Cardoso de Almeida, que me detém, fisionomia preocupada:

— Assina aqui.
— Que é isso?
— Pedido do sítio.

Leio o projeto. Pede-se o sítio para os Estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraíba, Rio de Janeiro, e para o Distrito Federal. Assino, e penetro o recinto, onde, em grupos, os deputados procuram saber as novidades. Cruzam-se os boatos. Em Minas o movimento é chefiado pelo ex-Presidente Bernardes, tendo como comandante o General Santa Cruz, que foi chefe da sua Casa Militar. Os revolucionários fizeram saltar as pontes e inutilizar os túneis, impedindo assim qualquer auxílio às fôrças federais que se acham cercadas em Belo Horizonte.

— Mas as esquadrilhas aéreas já estão bombardeando a cidade, — explica um.

— Êles prenderam o comandante do Regimento, mas um major assumiu o comando e está resistindo à polícia mineira, que tem ali 6.000 homens, — informa outro.

Do Rio Grande as notícias são ainda mais vagas. Segundo uns, a fôrça federal ali existente composta de 13.000 homens, teria aderido ao movimento, depois de prender os respectivos comandantes. Segundo outros, uma parte dessa tropa continua fiel ao govêrno, e resistindo. Tudo obscuro, vago, impreciso.

À 1,30, o Presidente Rêgo Barros abre a sessão. Dia quente, de sol forte, apesar da estação invernosa. Leitura da ata e do expediente. Terminada esta, faz-se silêncio. Cardoso de Almeida, vestido de escuro, colête branco, encaminha-se para a tribuna que fica à direita do presidente, subindo, lentamente, os cinco degraus Deposita alguns papéis, passa o lenço aberto pelo rosto suado e pelos bigodes brancos, e, emocionado, mas enérgico, inicia o seu discurso:

— Sr. presidente. É dominado pelo mais profundo sentimento de revolta que venho comunicar à nação brasileira que irrompeu, ontem, um movimento subversivo em Belo Horizonte e em Pôrto Alegre, com imediata repercussão em outras cidades de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul.

E continua severo, firme, vigoroso, mais na entonação do que na frase. De súbito, um aparte de Maurício de Lacerda. A bancada paulista revida, impetuosa. Balbúrdia, tumulto, tímpanos. E cinco minutos depois, cumprido o seu dever, desce o orador, iniciando-se a discussão do projeto por êle apresentado, o qual, às 4 horas, é aprovado por 111 votos contra 5.

Nas tribunas, a polícia civil, sentada, fiscaliza, em silêncio, os poucos estranhos que compareceram para assistir aos debates.

À noite, um telegrama reservado do Presidente do Maranhão informa-me que, no Piauí, a situação é grave. O batalhão federal e as fôrças de polícia revoltaram-se. O governador desapareceu.

*Domingo, 5 de outubro:*

Sessão extraordinária da Câmara, para votar o crédito de cem mil contos destinados a despesas com as operações militares. Maurício de Lacerda e Adolfo Bergamini fazem discursos incendiários, que morrem entre as quatro paredes da Câmara. Pedindo-me reserva, Artur Cirilo comunica-me haver o Senador Paim Filho seguido de avião, pela madrugada, para o Rio Grande, a fim de fazer a contra-revolução.

*Segunda-feira, 6 de outubro:*

Atmosfera pesada, de apreensões. Pela manhã, Domingos Barbosa telefona-me, comunicando que os revolucionários de Teresina já haviam chegado a Caxias, ameaçando descer para São Luís. Na Câmara, palavras misteriosas sôbre a situação em Pernambuco. Em conversa, o Deputado Francisco Rocha conta-me:

— O nosso Washington está traído, meu caro Humberto! Há um mês recebi carta de um amigo, oficial do Exército, avisando-me que êsse movimento ia rebentar. Corri ao Ministério da Guerra e mostrei ao Sezefredo. Êle riu, achou graça, e chamando outros oficiais do gabinete, levou o negócio para o lado da pilhéria, dizendo-me que não havia nada. Saí com a cara dêste tamanho, de envergonhado. No caminho, porém, comecei a pensar. Corri ao telégrafo, e avisei o Coronel Franklin, para que reunisse a nossa gente e mandasse buscar as armas e a munição que eu tinha em Barreiro. E é graças a isso que 600 homens nossos já entraram hoje em território mineiro, no alto São Francisco. Fôsse eu me fiar no Ministro e teríamos sido apanhados de surprêsa!

Meia hora depois Beni de Carvalho, deputado e vice-presidente do Ceará, contava-me, por sua vez:

— Êsse ministro é um infame, "seu" Humberto!

E informa-me que, anteontem, tendo recebido um telegrama do Presidente Matos Peixoto comunicando-lhe uma tentativa de sublevação no Colégio Militar em Fortaleza, correu ao Guanabara, a fim de mostrá-lo ao Presidente da República e pedir as providências que êle indicava. O Presidente já estava recolhido, e mandou-lhe dizer que fôsse, com urgência, ao Ministro da Guerra. Êle foi, e solicitou a transferência de alguns oficiais.

— Para substituir por quem? — indaga Sezefredo.

— V. Excia. é quem sabe.

— Eu, não; eu não tenho ninguém. O senhor pense, e faça a indicação, que eu atendo. Mas eu acho desnecessário.

E Beni batendo na perna:

— Uma infâmia, "seu" Humberto!

Nove horas da noite. Telefonema do Deputado Domingos Barbosa:

— Sabes! O Camargo já foi repôsto no govêrno do Paraná. Foi repôsto pela fôrça federal.

— E êle tinha sido deposto?

— Não sabias? Pois tinha. E Belo Horizonte foi bombardeada hoje pelos aviões do Exército. Dizem que fizeram estragos horríveis. O Olegário Maciel telegrafou ao Washington protestando.

— Então, tudo bem?

— Tudo bem. Até amanhã.

— Até amanhã.

*Têrça-feira, 7 de outubro:*

Por decreto de ontem foi tornado extensivo a todo o território da República o estado de sítio. Outro decreto, da mesma data, tornou feriados nacionais os dias de 6 a 21, a fim de evitar a corrida aos Bancos. E hoje outro, convocando todos os reservistas de 20 a 30 anos, a fim de receberem instruções e seguirem para os campos de operações.

Boatos a granel!

— O Estácio Coimbra foi assassinado!

— O Penteado, de S. Paulo, acaba de ser deposto!

— Assassinaram o Aristeu de Aguiar, do Espírito Santo!

E ninguém sabe, ao certo, onde está a mentira e onde a verdade, de tão semelhantes que são as vestimentas com que uma e outra se apresentam.

*Quarta-feira, 8 de outubro:*

Antes de ir para a Câmara, entro no Senado, que se encontra quase vazio, e onde encontro o Senador Cunha Machado que, pequeno e corcunda, com a sua figura de gnomo de jardim, me puxa para um sofá.

— Notícias do Maranhão? — peço-lhe.

— Nenhuma. Então, não estamos cortados?

— Cortados?

— Então? Com a tomada de Teresina ficamos sem o Telégrafo Nacional; e com a de Pernambuco, sem o submarino. O único recurso agora é o Rádio, e por êsse não tem vindo nada.

Peço-lhe informações mais claras, e êle adianta:

— O Estácio abandonou a cidade aos rebeldes, e vem aí, a bordo do "Aratimbó" ou do "Araçatuba"; e o Lamartine, com a tomada de Natal, fugiu para o Ceará. E o pior é o que os rebeldes fizeram com o João Dantas, assassino de João Pessoa: retiraram-no da prisão, arrastaram-no para a rua, amarraram-no a uma coluna de uma das pontes, encharcaram-no de gasolina e queimaram-no vivo!

Na Câmara, encontro, num grupo, o ex-Deputado Guaraná, que informa ter uma coluna revolucionária invadido o Estado do Rio, tomando Pádua e Itaperuna, com o propósito de marchar sôbre Campos. A polícia fluminense concentra-se nesta última cidade, para defendê-la.

Às três horas, vamos, os sete deputados maranhenses, levar ao Presidente Washington Luís, no Palácio Guanabara, os nossos protestos de solidariedade. Em uma ante-sala do primeiro andar, encontramos, uns de pé, outros sentados, alguns deputados e senadores paulistas. No centro, numa pequena mesa, sôbre a qual um vidro grosso fixa duas cartas geográficas, uma de Minas Gerais, outra do Rio Grande do Sul. Sôbre elas, curvado, o deputado paulista Armando Prado, com a sua figura morena de cavaleiro mouro ou de apóstolo hindu, e que nos dá algumas informações sôbre a marcha das tropas legais em território mineiro.

— A polícia mineira pretendia penetrar no Estado de São Paulo, — diz, acompanhando a explicação com o dedo sôbre o mapa; — aqui por Itapira, a fim de atingir Campinas e cortar as comunicações da capital com o interior. A fôrça federal aquartelada em Pouso Alegre cortou-lhe, porém, a marcha, dando-lhe combate, desbaratando-a e fazendo cêrca de quatrocentos prisioneiros. Os remanescentes da tropa mineira fugiram para Ouro Fino, de onde estavam hoje pedindo auxílio, num rádio que apreendemos.

— E no sul?

— No sul os revolucionários ainda se conservam no Rio Grande, entretidos pelas guarnições federais. Ainda não passaram a fronteira, onde o General Nepomuceno tem já concentrados 3.000 homens. Ainda há pouco recebemos um rádio em que êle comunica que Santa Catarina e Paraná se acham em paz.

Nesse momento um oficial baixo, de branco, se aproxima de nós, da bancada maranhense:

— O Sr. Presidente convida V. Exas. para entrar.

Atravessamos outra sala pequena, e abre-se uma porta. E penetramos num acanhado gabinete de trabalho, em cujo centro

se vê pequena mesa ao comprido, com duas cadeiras de cada lado e uma em cada cabeceira. Em uma destas, o Presidente, que examina no momento grandes fôlhas de papel com algarismos em colunas, contendo, talvez, os contingentes militares em luta. À nossa chegada, põe-se de pé, e pede que nos sentemos. Agradecemos e, de pé, Domingos Barbosa diz-lhe, em quatro palavras, que ali estamos para levar-lhe a nossa solidariedade. Êle agradece, lembrando que a política do Maranhão nunca lhe faltou com o seu apoio, sendo a sua bancada uma das mais firmes e dedicadas. E, de pé, com uma das mãos no espaldar da cadeira em que se achava sentado, fala, animado, sôbre a sua situação:

— Os senhores estão vendo? É uma loucura, a dêsses homens. O meu espanto é tamanho diante dêsse crime que eu não quero crer na realidade. Tudo isso me parece um sonho, de tão inominável! Então, agora, precisamente quando a nossa situação começava a melhorar, com o câmbio em ascensão e aumentava a nossa exportação de café é que se lança o País numa luta armada? Parece-me um pesadelo, acreditem. É tão absurdo, que me custa a crer estejam envolvidos no movimento homens de govêrno e responsabilidade. Só me parece que se apossaram de dois grandes Estados dois grupos de indivíduos fora da lei, e seqüestraram os homens de responsabilidade, os membros do govêrno, passando a agir em nome dêles!

Olho-o, e examino-o, enquanto êle fala. Veste um terno cinzento, de algum uso, paletó abotoado. Gravata escura, de laço frouxo. Na fisionomia congestionada, os sinais da vigília e dos sofrimentos profundos. Olhos empapuçados, nariz grosso, como num dia de coriza. O paletó folgado dá a impressão de quem emagreceu em quatro dias. As suas palavras, rápidas e precisas, são menos de revolta e de indignação do que de queixa, de mágoa, de ressentimento. A explosão dolorida, em suma, de um homem de bem que se considera traído na sua boa-fé. Em tudo isso, porém, o traço elegante, o sorriso amável, de quem se acha gravemente ferido e não quer desfalecer.

À noite, em casa, duas informações graves, sôbre um mesmo assunto:

— Fugiram do Campo dos Afonsos quatro aviadores com os respectivos aparelhos, indo juntar-se aos rebeldes!

Lembro-me que a minha casa fica a cinqüenta metros de um quartel legalista, alvo provável no caso de um bombardeio aéreo. E penso nos meus livros inéditos, sepultados comigo, e no destino destas notas, que, possìvelmente, ninguém lerá...

*Segunda-feira, 9 de outubro:*

Sem saber porque, acordo com o coração povoado de pressentimentos. Tenho a impressão de que me vai suceder alguma coisa grave e inesperada. E fico, assim, até depois do almôço, quando, já quase vestido para sair, minha mulher sobe ao nosso quarto, e comunica-me, alarmada:

— Sabe o que o padeiro acaba de informar? Mataram o Dr. Suaçuna!

— O deputado?

— Sim. Êle ia saindo do hotel quando foi assassinado.

Visto-me, e vou à Câmara, onde sou informado, pelos jornais e pelos colegas, da veracidade da notícia. João Suaçuna, apontado como cúmplice do assassínio de João Pessoa, foi morto, a bala, às 8½ da manhã, na rua Riachuelo, esquina da dos Inválidos, por um desconhecido que fugiu, rápido, galgando o morro de Santa Teresa.

Na Biblioteca da Câmara fico, durante mais de uma hora, a conversar com o deputado mineiro Fidélis Reis, que tem lágrimas nos olhos ao lembrar os patrícios nossos que estão morrendo a esta hora nos desfiladeiros da Mantiqueira. E quando me despeço, é para encontrar Viriato Correia, que, arrastando-me para uma janela do lado da Rua da Assembléia, me comunica, alarmado:

— Sabes? O Maranhão foi tomado!

— Com certeza?

— Absoluta. Eu venho agora mesmo dos Telégrafos, onde o chefe do serviço me comunicou ter chegado um telegrama, ou um rádio, nesse sentido. O Domingos já sabe? Vamos chamá-lo.

Vem o Domingos Barbosa, que nada sabe. O que lhe consta é que Fortaleza caiu em poder dos revolucionários e que o Presidente Matos Peixoto já vem a caminho do Rio.

— Vamos ao Telégrafo? — convida.

Vamos, os três. A chuva fina que cai desde a madrugada torna a tarde triste, quase fúnebre. No Telégrafo, o informante procura evasivas:

— Foi um rádio, que nós apreendemos; mas, como sabem, êsses boatos quase sempre são confirmados... Fala-se no Ceará, também... Mas é tudo incerto... Eu vou expedir um rádio cifrado, via Pará... Vamos ver se vem resposta... O que constar, eu comunicarei aos senhores, até às oito da noite...

Outro funcionário idoso, o engenheiro Laranja, vem participar da conferência:

— Oitenta por cento desta revolução, — diz, — está sendo feita pelo rádio. O senhor não imagina as informações que os rebeldes espalham com as três estações de alta potência que possuem! Ainda ontem interceptamos um rádio de Belo Horizonte comunicando ao país todo que 30.000 homens do Exército e da Milícia gaúcha se achavam às portas de São Paulo, cuja polícia aderira ao movimento, e que a cidade cairia dentro de poucas horas. E hoje outro, dizendo que o Forte de Copacabana estava bombardeando a cidade, cuja população se achava espavorida, e que o General Tasso Fragoso havia assumido a Presidência da República. E o mais interessante é que êsses comunicados são transmitidos com a assinatura do Presidente Olegário Maciel!

Ao sairmos do Telégrafo, Viriato Correia toma-me da mão, retendo-me:

— "Seu" Humberto, você não acredita em espiritismo? Não lhe aconteceu nada ainda dêsse gênero?

— Não; por quê?

— Pois eu acredito e vou contar a você uma coisa. Há aí uma cartomante a quem eu consulto sôbre todos os atos da minha vida. Essa mulher previu que eu ia ser deputado, previu os riscos que ia correr a minha candidatura, e previu até que eu arranjaria dinheiro, um dia, para pagamento de uma letra de três contos de réis... E eu hoje fui consultar essa mulher.

— E que disse ela?

— Disse que nós havemos de vencer!

— E intrigado com o meu sorriso:

— Se você não acredita, não ria!

* * *

Antes de sair da Câmara, um funcionário da casa, Sílvio de Brito, dá-me a mais grave das notícias: seu cunhado, oficial do Exército, falou-lhe, hoje, que já se cogita nas classes armadas da organização de uma Junta Militar, a qual apelaria para os revolucionários pedindo-lhes que depusessem as armas e enviassem seus representantes para assentarem as bases de um govêrno novo.

Essa informação desperta-me reflexões e, mais do que isso, apreensões. Por mais generosos que fôssem os propósitos dos chefes militares, êles teriam resultado funesto. Segundo se sabe no Rio, as tropas revolucionárias estão sendo comandadas no sul por Luís Carlos Prestes; em Minas pelo General Isidoro Lopes e no Norte pelo Capitão Juarez Távora. Êsses militares têm, cada um, idéias políticas próprias e radicais: o primeiro é comunista,

o segundo tem espírito conservador e o terceiro tende, mais ou menos, para um "fascismo" constitucional, que me parece a forma de govêrno mais aplicável ao país. Vitoriosos, nenhum dêsses homens cederia as suas palmas ao outro, renunciando aos seus direitos e às suas idéias. E teríamos, possìvelmente, a guerra da secessão, com o Brasil dividido em três, até tombar de exaustão.

O Futuro é, porém, cioso dos seus segredos. Só Deus os conhece. E eu deixo aqui os meus temores para serem conferidos com a realidade, — caso escape alguma coisa dos horrores do incêndio.

* * *

Sessão da Academia. Olegário Mariano espalha uma notícia:

— O Paulo Hasslocher, coitado, foi liquidado em Pôrto Alegre!

E completando o informe:

— Foi fuzilado!

Fernando Magalhães diz-me, a um canto:

— Se o Bernardes vier como ditador, vou-me embora dêste país. Mudo-me para a Europa com a família.

E Félix Pacheco, ao meu ouvido:

— Eu auguro mal dessa ida do Santa Cruz para o Norte; êle é impetuoso e violento em demasia... O que se requeria no caso era um general cauteloso e hábil... Êle é homem para sacrificar-se e sacrificar a fôrça que levou...

Falo-lhe daquilo que eu faria, na situação do Presidente Washington Luís: um apêlo aos Presidentes de Minas e do Rio Grande, aceitando as reformas que êles propusessem, renunciando o mandato o Júlio Prestes, com a escolha de novo presidente e a eleição de novo Congresso. Contanto que se conseguisse a paz, e se evitasse o desmembramento do país.

E Félix:

— Já seria tarde... Êles não aceitariam...

*Sexta-feira, 10 de outubro:*

Dia chuvoso e frio. Após uma noite de ventania úmida, as serras da Tijuca e do Andaraí aparecem como enormes incensórios, de que sobem rolos de neblina clara. Chuviscos miúdos e constantes molham a rua, como um chôro dolorido da Natureza, solidário com a inquietação dos homens.

No quartel próximo à minha casa cresce a vigilância. Nos seus terraços altos estiveram, durante o dia inteiro, soldados de

prontidão, olhando o horizonte, na terra e no céu. À noite de ontem para hoje, passaram pela minha rua canhões e metralhadoras para guardar um morro que fica à esquerda da minha casa.

Durante o dia vou a cidade. Na Câmara sou informado da prisão dos Deputados Maurício de Lacerda e Adolfo Bergamini, e que as fôrças legais tomaram Barbacena, aproximando-se, assim, pouco a pouco, de Belo Horizonte. Confirma-se a queda do Maranhão e do Ceará na mão dos revolucionários. Ao penetrar no recinto, em que só se vêem, palestrando, os representantes dos Estados ocupados pelos rebeldes — Ceará, Pernambuco, Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, — lembro-me dos bispos sem diocese, e saúdo-os:

— Senhores deputados pela Betsaida, salve!

E êles, sucumbidos, sorriem, sem compreender...

* * *

Oito horas da noite. Chuva constante e fina. Do quartel próximo saem fôrças de infantaria equipadas, para guarnecer o morro. Entre êle e o quartel fica a minha casa. Enquanto isso, trilam apitos na noite escura e úmida e na rua militarizada eu, como aquêle monge Nestor de Anatole France (*Vie littèraire*, vol. I, pref. pág. VI), escrevo serenamente estas notas, anestesiado, ou melhor, bêbedo de literatura...

Que monstro guardará, entretanto, esta noite, no seu ventre inchado e negro?

*Sábado, 11 de outubro:*

Tendo de escrever uma crônica para O CRUZEIRO, permaneci em casa até a tarde, quando saí para entregá-la. Em caminho tenho a pouca sorte de só encontrar derrotistas. De modo que, para contrabalançar o que êles me dizem, me vejo na contingência de comprar dois jornais governistas, na esperança de ler verdades ou mentiras que me confortem.

É essa uma das lições de sabedoria que tiro da situação. Nos momentos como êste, o espírito pede, reclama, exige palavras de animação e de coragem. As informações otimistas podem ser mentirosas; mas fazem bem. Dá-se com o político, nesses instantes, o que sucede com os fumantes inveterados: êles sabem que os cigarros medicinais que lhes oferecem são falsificados e não têm nicotina. Mas consolam-se com a fumaça...

Eu tenho escrito por mais de uma vez sôbre a desvalorização da vida humana, que acompanha e precede as guerras e as revoluções sangrentas. Hoje, tive mais ou menos a confirmação prática dessa conclusão teórica. Eu sou, ordinàriamente, um homem que tem mêdo da morte. Nas ocasiões como esta, porém, em que a vida se torna tão inquieta e o caminho do Desconhecido a todo instante se enche de almas, a impressão que eu tenho é que a morte não me custaria tanto e teria, mesmo, o valor de uma libertação.

O que há de horrível e apavorante na morte é, parece, o cenário: a família em tôrno, as lágrimas, os gritos, as lamentações, e a certeza de que os outros aqui ficam e o morto não sabe para onde vai. Em tempo de guerra, morre-se por grosso. Outros foram antes e outros irão depois.

Quem morre nesses dias, em geral, nunca vai só, e isso constitui, já, para o egoísmo humano, uma espécie de consolação...

*Domingo, 12 de outubro:*

Dia úmido, chuvoso e triste. Não saio de casa, e ignoro o que vai pelo mundo. À noite, um reservista do Exército, meu vizinho, traz-me um boato novo:

— O 12.º Regimento que estava resistindo em Belo Horizonte capitulou!

E eu subo para o o meu gabinete, e continuo a ler Xenofonte...

*Segunda-feira, 13 de outubro:*

Na Câmara, onde chego ainda cedo, e que encontro quase deserta, escuto de Domingos Barbosa esta observação ao nosso colega de bancada Costa Fernandes, que fala nas garantias do Legislativo:

— Cala a bôca. Nós estamos aqui por um fio.

E olhando em tôrno:

— Então vocês não sabem que alguns generais já pensam em fazer Washington ditador, para que êle permaneça no poder até o restabelecimento da ordem no país?

Às três horas da tarde reunião da bancada maranhense na sala da Comissão de Justiça do Senado. Presentes todos os senadores e deputados. O objetivo é tratar da situação do nosso partido, e definição da nossa atitude diante da deposição e fuga do Presidente Pires Sexto. Sabe-se, por informação segura, que o

Presidente Washington Luís se mostra irritadíssimo com os governadores que abandonaram os seus postos sem luta, ordenando que nenhum dêles lhe aparecesse no Rio. Assim é que ficaram na Bahia, para de lá regressarem aos seus Estados, sob a proteção das fôrças federais: Estácio Coimbra, de Pernambuco; Juvenal Lamartine, do Rio Grande do Norte; e Matos Peixoto, do Ceará. O Senador José Augusto contou ao Deputado Domingos Barbosa que foi quatro vêzes ao Guanabara sem ser recebido pelo Presidente, o qual, afinal, recebendo-o, e sabendo que o governador Juvenal Lamartine vinha para o Rio de Janeiro, interpelou-o, irritado:

— Que é que êle vem fazer aqui? Só se vem, com os outros, expor na Avenida Central a prova da sua covardia.

E no mesmo tom:

— Diga-lhe que desembarque na Bahia e regresse de lá com a expedição que vai partir de lá para a reconquista do norte...

Tendo o Presidente Pires Sexto embarcado do Maranhão para o Pará, onde se encontra, dando ensejo assim a que, restaurada a ordem no Estado, seja nomeado para êle um interventor militar que lá se instale e nos destrua o partido, urgia uma providência. E o ponto capital, em tôrno do qual iam girar as nossas deliberações, era o oferecimento do Senador Magalhães de Almeida, que se prontificava a abandonar as suas regalias de membro do Congresso, e seguir na qualidade de oficial de Marinha para operar um desembarque no Maranhão. O que se torna necessário é levar o fato ao conhecimento do Presidente da República, para que êste lhe ponha à disposição duzentos homens, e um navio artilhado. Domingos Barbosa propõe que escrevamos, coletivamente uma carta, idéia que eu combato, fazendo sentir que o efeito de uma carta depende muito do estado de espírito de quem a lê. Proponho, por isso, a escolha de um emissário, pessoa da intimidade do Presidente. Quem será êle, porém, se os nossos amigos, que o são também do Presidente, se acham todos em São Paulo, como Vilaboim e Cardoso de Almeida? Magalhães de Almeida propõe que eu vá, sòzinho, ao Presidente. A minha qualidade de homem de letras é uma garantia contra a possível má vontade do chefe da nação, no estado de irritação em que deve estar conosco, e de que tem dado provas com outras bancadas. Ponho em dúvida êsse meu prestígio, e proponho uma visita coletiva. Aprova-se a idéia de um pedido de audiência. E é indicado Domingos Barbosa para ir ao Guanabara pedi-la, enquanto nós permanecemos em reunião permanente.

Uma hora depois, regressa Domingos Barbosa, contentíssimo:

— Rapazes, o negócio foi melhor do que nós queríamos. O Presidente mandou-me entrar, e eu expus a pretensão do Magalhães. E êle ficou satisfeitíssimo e agradecido. Diz êle que nós, do Maranhão, não precisamos de audiência: chegando lá seremos sempre recebidos. Quanto à ida do Zé Maria (Magalhães) êle lamenta que o Ministro da Marinha não lhe tivesse levado ontem o pedido dêle, pois ontem partiu o "Pará" para o Norte, levando munições; mas se êle quiser, põe à nossa disposição um avião, que pode partir hoje mesmo e encontrar o "Pará" na Bahia.

Contentamento geral. Magalhães, com o seu ânimo decidido, acaba de salvar o Maranhão. E é contente que êle parte para o Guanabara, a fim de combinar a sua partida com o Presidente da República.

* * *

Nove horas da noite. Telefone. É Magalhães que me comunica, a voz surda:

— Olha... Eu sigo às três horas da manhã... de avião... Mas aqui em casa ninguém sabe de nada... pensam que eu vou a São Paulo, a chamado do Prestes... Fiquem tranqüilos e confiantes... Um abraço... Vou me arrumar.

Corro à sua casa, à Voluntários da Pátria. Magalhães, Godofredo e Domingos. Mme. Magalhães de Almeida, que saiu nesse dia da Casa de Saúde onde o filhinho de cinco anos foi operado há oito dias, escuta o rádio, alegre e satisfeita. Descemos ao porão, onde êle me conta:

— O Presidente me comunicou que está se organizando no Pará uma expedição de 3.000 homens, sob o comando do Coronel Coelho de Sousa, com elementos das polícias do Pará e do Amazonas. Eu pretendo chegar ao Maranhão à noite, e fazer um desembarque fora, no litoral. Marcharei durante a noite para atacar a cidade por terra, antes do amanhecer. O navio de guerra em que eu fôr entrará nesse momento e fará uns disparos para amedrontar. Eu conto tomar a cidade de assalto.

E para nós:

— Eu não conto exercer vinditas pessoais... Não matarei ninguém a não ser, está visto, que haja reação... Mas, xadrez, cadeia, grade, aquêles patifes tomam...

Despedimo-nos. Fica combinado que, no dia seguinte, após a chegada de Magalhães à Bahia, Domingos Barbosa e Alberto Magalhães de Almeida procurem D. Vivi, e digam-lhe a verdade.

*Têrça-feira, 14 de outubro:*

Na sala do café da Câmara, conta-me Plínio Marques, 1.º vice-presidente.

— Já soubeste do caso do Matos Peixoto?

— Não.

— Êle fugiu a bordo do "Afonso Pena", com a família. Ao passar, porém, ao largo da costa de Pernambuco, um rebocador com metralhadoras fêz parar o navio, e o Juarez Távora, que nêle vinha, passou revista à bagagem do Peixoto, encontrando nela 750 contos de réis...

* * *

À noite, telegrama do Magalhães de Almeida, que chegou bem à Bahia.

*Quarta-feira, 15 de outubro:*

Telefonema de Domingos Barbosa. Comunica-me ter ido, ontem à noite, dizer a verdade a Mme. Magalhães de Almeida.

— E ela?

— Chorou quando soube, mas confessou que estava certa de que êle não tinha ido para São Paulo, como dissera. A sua desconfiança, que, entretanto, não lhe revelou, nasceu quando êle começou a arrumar a bagagem. E sabes por que foi que ela desconfiou? Porque o viu pôr seis pijamas na mala para ir passar uma noite em São Paulo...

Argúcia de mulher, quem duvida de ti?

* * *

Dia escuro, triste, de céu baixo, e sem Sol. Terminando hoje o prazo para apresentação de todos os reservistas de vinte a trinta anos, encontro as ruas cheias de rapazes que se encaminham para os quartéis. Cidade animada de gente desanimada. Na Câmara, uma atmosfera de derrotismo acentuada. O deputado paulista Álvaro de Carvalho torce o nariz às notícias boas, pondo-as em dúvida, a meia voz. O deputado cearense Álvaro de Vasconcelos, oficial de Marinha, franze a testa, como quem vê tudo perdido. Alguns governistas intimidados conversam, amáveis, com os mineiros da corrente revolucionária que aparecem. À saída, para irmos ao Ministério da Marinha, Domingos Barbosa diz-me:

— Sabes o que está correndo por aí?

— Não.

— Consta que o General Nepomuceno foi cercado e batido no Paraná.

No Ministério, onde vamos definir a situação de Magalhães de Almeida na expedição a que se incorporou, o chefe, interino, do Estado-Maior da Armada, Comandante Frederico Vilar, nada sabe sôbre o falado desastre do Paraná. Mas desmente a notícia que circulou há dias, de que o Presidente do Estado tivesse sido repôsto.

— O Afonso de Camargo continua em Santos, e Curitiba em poder dos revoltosos.

E acentua:

— De qualquer modo, é luta para muitos anos. E eu acredito que algumas gerações tenham de entrar em fogo... A afluência de rapazes é enorme. Só o município de Petrópolis dará, talvez, nesta primeira chamada, mais de três mil homens...

Dia triste, enfim, sem que se saiba por que... Percebe-se no silêncio, com os ouvidos da alma, um sino dobrando a finados...

*Quinta-feira, 16 de outubro:*

No Senado, onde encontro Antônio Azeredo cercado de congressistas e repórteres, tenho a notícia de que é falso o boato do aprisionamento do General Nepomuceno, no Paraná.

— Não acredites nunca em prisão do Nepomuceno, — diz-me Azeredo. — Êle tem tanto de valente quanto de burro. Se te disserem que êle morreu, acredita. Mas que êle foi prêso vivo, duvida.

Irineu Machado, com a sua cara de judeu, — nariz aquilino, olhos vivos e azulados, próximos um do outro, e cabelo grisalho e crêspo de menino de procissão, — condena vivamente a minúcia dos jornais, publicando até os mapas mostrando o avanço e a posição das tropas legais. E critica a denominação dos batalhões patrióticos, batizados com o nome de políticos vivos, e a especulação que estão fazendo com a formação dêles alguns aventureiros conhecidos. À voz fina, de flauta rachada, o Deputado Moniz Sodré secunda-o:

— E na Bahia? A Bahia vai ser invadida e tomada sem dificuldade. Os tais batalhões patrióticos que estão sendo criados são puramente nominais: têm por fim ùnicamente a organização de fôlhas de pagamento a indivíduos que nunca existiram. Na Bahia tem muita gente que enriqueceu com a formação de batalhões imaginários em 1924.

* * *

Vou à Academia. Discute-se o Dicionário. De regresso, vou eu refletindo sôbre a atitude que assumi, com uma série de ar-

tigos contra a revolução e os revolucionários, especialmente, os do Rio Grande do Sul, na "A Gazeta", de São Paulo(1). E penso na apresentação de um projeto, assim concebido:

"Considerando que o Estado do Rio Grande do Sul alimenta há mais de um século o ideal separatista, evidenciado em 1835, com a República de Piratini, em 1893 e em 1930, quando a bandeira nacional foi arriada em todo seu território, e substituída pelo pavilhão estadual;

considerando que, pela sua formação étnica e pela sua índole belicosa, êle constitui um elemento perturbador da vida política do país, pondo em constante risco a unidade nacional pelo seu completo desmembramento, arrastando à guerra civil populações pacíficas de outros Estados; e

considerando que se torna preferível uma solução incruenta a uma desintegração após lutas sangrentas, mais cedo ou mais tarde;

O Congresso Nacional resolve:

*Art. 1.º* — É concedida a independência política ao Estado do Rio Grande do Sul, cujo território, formado dentro dos limites atuais, fica, assim, desintegrado da República dos Estados Unidos do Brasil.

*Art. 2.º* — O govêrno federal do Brasil fará retirar tôdas as suas guarnições, armamentos, repartições aduaneiras e outras, para a fronteira do território desintegrado com o Estado brasileiro de Santa Catarina, fazendo, outrossim, demolir os quartéis e destruir as benfeitorias imóveis que o govêrno brasileiro possui no território rio-grandense.

*Art. 3.º* — O govêrno dos Estados Unidos do Brasil suprimirá uma das estrêlas da sua bandeira, dará ciência desta deliberação às nações amigas, entre as quais incluirá a que se formar com o Estado desintegrado, praticando os demais atos civis ou militares para que ela seja executada, abrindo para êsse fim os créditos necessários.

Sala das Sessões, 15 de outubro de 1930".

---

(1) Essa atitude era determinada pelos telegramas de Buenos Aires, informando que Lindolfo Collor, em entrevista aos jornais, declarara que o Rio Grande promovera a revolução para facilitar a sua emancipação.

Um artigo pode ser adicionado regularizando a situação dos rio-grandenses que desejarem manter a sua nacionalidade de brasileiros.

* * *

Sonho esquisito, o meu, da noite passada. Eu chegara de viagem a uma cidade do interior, e, depois de uma sessão do cinema local, fôra ao hotel, dirigido por uma hoteleira que conheci no Ceará. Ao penetrar na sala pobre, vejo Medeiros e Albuquerque com a cabeça nas mãos, chorando. Em tôrno dêle, dois ou três acadêmicos, e meu primo Mirocles Veras, médico em Parnaíba.

— Que aconteceu? Que tem o Medeiros?

Explicam-me:

— O Washington Luís renunciou o cargo de Presidente da República!

O sonho continuou; mas eu não me lembro do resto. O que é evidente é que nêle se misturaram diversas impressões e pensamentos da véspera.

*Sexta-feira, 17 de outubro:*

Na cidade, onde vou fazer algumas pequenas compras, só encontro derrotistas, indivíduos que me procuram demonstrar que a causa do govêrno está perdida.

— Que há de novo? — pergunta-me Freitas Bastos, da Livraria Leite Ribeiro.

— Nada; tudo bem.

— Qual bem, nada, "siô"! — contesta.

E puxando-me pelo braço:

— O govêrno não pode com a revolução. Onde está o Santa Cruz?

— Na Bahia, a caminho de Pernambuco.

— E você acha que êle entra no Recife?

— Deve entrar.

— Entra, nada! Recife está minado. Se os navios se aproximarem, irão a pique... E por terra ainda é mais difícil... Que é que você acha?

A essas palavras, declaro, firme:

— Homem, eu não quero saber de nada. Para minha comodidade, eu só aceito notícias boas, ainda que sejam mentirosas. Só leio jornais que trazem notícias favoráveis, mesmo falsas. Se perdermos, perdemos. O que não quero é elemento para debili-

tar o meu ânimo. Para mim o govêrno está vitorioso, desbaratando o inimigo, e avançando por tôda parte. Pode não ser verdade, mas, para mim, é como se fôsse. Até logo!

* * *

Telegramas de Buenos Aires, publicados ontem, dizem que Lindolfo Collor, que ali se encontra como embaixador dos revolucionários, declarou aos jornais, em entrevista, que o fim do movimento era a emancipação do Rio Grande do Sul. A extensão da luta armada a outros Estados do Norte e do centro visou apenas criar dificuldades ao govêrno federal, distraindo as fôrças da União para que o Rio Grande mais fàcilmente realizasse o seu objetivo político.

*Sábado, 18 de outubro:*

Fico em casa, lendo e escrevendo. Nada de novo. No céu caiado de nuvens estrondam motores. É um avião, a grande altura, pequeno inseto cinzento a escorregar pelo papel apanha-môscas do firmamento. Aonde vai êle? De onde vem? Na tôrre do quartel que se vê da minha casa, soldados olham para cima, procurando com os olhos o besouro que ronca...

*Domingo, 19 de outubro:*

Sensação extravagante a que às vêzes me assalta, quando leio deitado. Parece-me que, de repente, alguém me segura pela gola do pijama ou da camisa, de modo que me não doa, e me arrasta de costas por um areal imenso, numa praia sem fim. Nesses instantes não compreendo mais o que leio. Fecho o livro, e deixo-me arrastar, até que, de súbito, desperto num sobressalto, como quem sente, ou pressente, que está sendo levado para um abismo...

*Segunda-feira, 20 de outubro:*

Chuva e umidade. Atmosfera grossa, de cinza molhada. Apesar do reaparecimento das minhas dores, com a inflamação, novamente, da bexiga e da próstata, vou à Câmara e, em seguida, ao Senado

No Palácio Tiradentes, notícias boas:

— Você já sabe? Uma vitória nova, em Itararé, — comunica-me o Deputado Cotrim Filho. — As fôrças legais aprisio-

naram ontem cêrca de 3.000 homens, com dois trens de campanha, completos.

Outros deputados repetem a boa nova. Mas ouço, por essa altura, uma notícia má:

— E Sergipe, hem?

— Que é que houve?

— Caiu em poder dos revoltosos. Você, então, não sabia? O presidente abandonou a cidade, retirando-se com a polícia para a Bahia!

Confirmada por outros essa informação, vou ao Senado conversar com o Senador Godofredo Viana. E encontro outra notícia desagradável: a Inspetoria de Estradas recebera um aviso de que se estavam desenrolando graves acontecimentos em Vitória, para onde fôra nomeado, há três dias, um interventor militar.

Saio, sob a chuva, para ir fazer um curativo doloroso. E ao chegar em casa, padecendo enormemente, mais duas notícias desoladoras, que meu filho Henrique me traz do curso secundário, dirigido por oficiais de Marinha, e que ouviu, como coisa certa, de filhos de militares: o aprisionamento do submarino "Humaitá" pelos rebeldes, no litoral de Sergipe, e o naufrágio do destróier "Paraná" nos mares do Sul, em combate com uma frota de navios artilhados.

— Será verdade, meu filho? — indago, com o pensamento em Magalhães de Almeida, que deve atravessar, a esta hora, em um navio carregado de munições, a zona porventura ameaçada pelo submersível.

E êle:

— Quem nos contou na aula foi o filho de um oficial de Marinha, que ouviu isso do pai...

E eu me quedo apreensivo, principalmente por uma circunstância, digna de registro: é que as notícias más, tôdas, senão tôdas, têm sido confirmadas...

* * *

A atitude dos governadores de alguns Estados, abandonando as suas capitais antes da luta, tem dado oportunidade ao carioca para tôda uma série de anedotas e trocadilhos. Ainda hoje, contava-me o Deputado Raul Veiga a seguinte, em que figuram os governadores Estácio Coimbra, de Pernambuco, e Juvenal Lamartine, do Rio Grande do Norte, que desapareceram furtivamente de Recife e de Natal à simples chegada dos revoltosos:

— Quando o Estácio viu que era necessário fugir, raspou às pressas o bigode, abriu uma coroa, vestiu uma batina que lhe

arranjaram, e corre a meter-se no último trem que saía nessa noite. Ao tomar, porém, o seu lugar no carro, viu no banco fronteiro uma freira de olhos baixos, que passava pelos dedos magros o seu rosário. Galanteador velho, o governador de Pernambuco, disfarçado em padre, começou a fitar a freira. Em poucos minutos passava para o lado desta, e, maneirosamente, mergulhava as mãos sob os panos da soror. E ia já adiantado quando a serva de Deus o repeliu, baixo:

— Tira a mão, Estácio.

E num sussurro:

— Eu sou o Lamartine...

*Têrça-feira, 21 de outubro:*

Nenhuma das notícias de ontem foi, hoje, confirmada. Nem as boas, nem as más. Na Academia, onde vou procurar um livro, encontro Laudelino Freire, que se confessa apreensivo com uma possível invasão de São Paulo pela fronteira de Mato Grosso. E conta-me o seguinte:

— Uma senhora, minha constituinte, que chegou ontem do Rio Grande (e dá um nome de mulher), disse-me que o Getúlio era contrário ao movimento revolucionário e foi arrastado a isso pela população, que se acha verdadeiramente atacada de loucura. Disse-me ela que, insistindo o Getúlio em condenar a revolução preparada, alguns exaltados fizeram um embrulho com um camisão de dormir, de mulher, e um "soutien-gorge", mandando entregar em palácio por um portador. Enquanto isso, reunia-se em frente ao palácio, em Pôrto Alegre, grande massa popular, para ver o portador entrar com a encomenda. Diante dessa atitude, o Getúlio não teve remédio senão aderir, pois, se não aderisse, seria liquidado, e a revolução se faria do mesmo modo.

Quanto à Bahia, diz-me Laudelino:

— Eu tenho receio que a Bahia não resista. O govêrno federal conta apenas, lá, com os reservistas e os tiros de guerra. Não basta. Êle devia mandar, pelo menos, seis mil homens do Exército para lá...

E passamos a tratar do Dicionário, da ortografia, e de outras questões de linguagem, as quais, dividindo embora os homens, até hoje não mataram ninguém...

* * *

Pilhéria do dia:

— Sabes qual foi a última "medida" do Washington?

— Não. Qual foi?

— Um metro e setenta e dois!

*Quarta-feira, 22 de outubro:*

Ao chegar, ontem, em casa, uma notícia que me sacode os nervos: a do falecimento, em Parnaíba, do meu primo Merval Veras. E' o segundo Veras da minha geração que desaparece, dentro de um ano, e em plena mocidade. Dessa geração, em que éramos sete homens, quatro já desapareceram, e todos antes dos cinqüenta anos.

Que mau augúrio êsse, para nós, os que restamos!...

* * *

Um oficial do Exército, reformado, que chegou do Ceará e passou alguns dias no Recife, mostra-me alguns jornais pernambucanos, publicados após a queda da cidade em poder dos revolucionários. Puro domínio da imaginação. Um telegrama do Rio de Janeiro anunciava haver um trem conduzindo tropa se precipitado da Serra do Mar, morrendo mil soldados legalistas. Outro informa estar a fortaleza de Santa Cruz bombardeando a cidade, cuja população foge, alarmada.

O viajante, que se chama Correia Lima, conta-me:

— Eu era passageiro do "Afonso Pena", em que viajava o Matos Peixoto.

— E foram atacados em alto mar...

— Nós? Não, senhor! O comandante do navio, um oficial de Marinha reformado, de nome Gama, é que nos levou para o Recife e entregou o navio aos revolucionários.

— E o Matos Peixoto?

— O Peixoto está no Recife, sôlto, hospedado num hotel com tôda a família. Apenas, está proibido de sair de lá...

* * *

Notícia colhida na Câmara, de um gaúcho:

— O Getúlio está no Paraná, com o grosso das fôrças rio-grandenses, num total de 45.000 homens. Não tendo os revolucionários confiança nêle, puseram-no à frente das fôrças, e o Osvaldo Aranha assumiu o govêrno do Estado, em Pôrto Alegre.

* * *

Com a minha correspondência da tarde recebo, vindo pelo correio, convenientemente selado e fechado, e tendo sôbre o sêlo

de 300 réis o carimbo "Livre-Censura", um envelope estreito, tarjado de negro. Abro-o, e encontro, dentro, um cartão com uma tarja de luto, com esta quadra logogrífica:

Q. E. Q. A.?
O. Q. C. V.? O.
O. P. R. P.
A. C. K. H. A.

Procuro sôbre o sêlo o carimbo de origem, mas êste foi destruído pelo da censura. A letra do cartão e a do sobrescrito são de mulher, sendo esta última um pouco tremida, apesar de excelente. As iniciais do terceiro verso significam, como se sabe, Partido Republicano Paulista, e o O. e o A. marginais — Osvaldo Aranha, chefe da revolução do sul.

De onde teria vindo essa pequena sátira de mau cheiro? De Pernambuco? Da Paraíba? Do Rio Grande?

* * *

A fim de recolher pequenas notas sôbre a vida literária da geração de Flaubert, comecei, a 21 de abril dêste ano, a reler o "Journal des Goncourt", lido já em 1915, sem omissão, sequer, de uma página. E hoje terminei a leitura do 9.º e último volume. Li, pois, de um mesmo autor, nove volumes em seis meses. E, dentro do mesmo prazo, 35 volumes de outros autores, ou 44 volumes, ao todo.

Convém acentuar, todavia, que muitos dêsses volumes têm mais de 500 páginas, e que eu leio anotando, sem saltar, jamais, uma fôlha.

Média do semestre: 1 volume de 4 em 4 dias, — ùnicamente no domínio das leituras, pois que a maior parte do meu tempo é consumido em produzir, em obrigações políticas e na colheita de fichas para o meu arquivo, para o qual organizei, em ano e meio, mais de 3.000.

*Quinta-feira, 23 de outubro:*

Saio de casa para ir à Academia, e enviar um novo artigo para a "Gazeta", de São Paulo. Cartas anônimas, e assinadas por

desconhecidos ali residentes, louvam a minha atitude serena, mas desassombrada, assumida nos artigos que tenho escrito.

Na Academia, atmosfera pessimista. Alberto de Oliveira e Laudelino Freire acham impossível a vitória do govêrno, que dispõe, hoje, ùnicamente do Distrito Federal e dos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Pará, Amazonas, Mato Groso e Goiás, achando-se já nas mãos do rebeldes Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Espírito Santo, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão.

— O govêrno não tem mais onde vá buscar gente para impedir o avanço dos rebeldes, — opina Laudelino.

E Alberto, com gravidade despreocupada:

— Se êles estão em Vitória, daí a Campos é um pequeno passeio...

Medeiros e Albuquerque e Olegário Mariano referem a prisão que sofreram uma destas noites após a visita que fizeram a Afrânio de Melo Franco, que se acha refugiado em uma legação estrangeira. Levados à presença do delegado êste os soltou, pedindo-lhes desculpas. Aloísio de Castro, rigorosamente de prêto, para pôr em destaque a palidez da pele e a alvura da camisa gomada, carrega-me para um canto. Na minha qualidade de deputado eu devo estar a par dos acontecimentos. E a verdade é que eu sei menos do que êles, pois passei a manhã conversando com Hippolyte Taine e Tito Lívio, que nada sabiam do assunto. Gustavo Barroso, satisfeito com a deposição de Matos Peixoto, que o não fêz deputado pelo Ceará, conta anedotas sôbre o Barbado (Presidente Washington Luís), e informa:

— O que eu sei é que tem sido um trabalho doido para conter alguns generais, que querem dar aqui um golpe de Estado. Mas a coisa está rebenta não rebenta.

Entra Fernando Magalhães, que me pede, também, notícias, que eu não tenho; e eu, para ver-me livre e definir a minha atitude diante de tanto boato, conto-lhe o episódio que me foi contado há vinte e dois anos pelo Coronel Antônio Diogo de Siqueira, opulento fazendeiro no interior do Ceará. Viajava Antônio Diogo sòzinho, a cavalo, para uma das suas fazendas, em fevereiro ou março, sem que houvesse no sertão calcinado a menor esperança de chuva. Céu limpo e azul. E o sol dominando o céu, anunciando mais um ano de sêca. De repente, vê o viajante um velho sertanejo que, com o dorso à mostra, faz a limpa de um pequeno cercado, preparando-o para a plantação. Aproxima-se, saúda-o, e indaga:

— Meu velho, que é que você me diz de inverno?

O caboclo para um instante, levanta a cabeça, e responde:

— Homem, "seu" coronel, eu não lhe digo nada; nem acredito em nada que o senhor me disser...

E dobrando o corpo sôbre a enxada, continua a trabalhar...

— Eu sou assim, — conclui — em matéria de revolução, não lhes digo nada nem acredito em nada que vocês me disserem... Cumpro, apenas, com o meu dever.

Em seguida, alguém traz uma triste notícia doméstica:

— O nosso Silva Ramos está muito mal...

— De quê? — indago.

— Coração.

*Sexta-feira, 24 de outubro:*

Após uma noite de lua nova e de céu toldado, amanhece chovendo. Ruas molhadas, e garoa constante. Às seis e meia da manhã ouve-se barulho no quartel. Chego à janela do meu quarto, e vejo partir autocaminhões, repletos de soldados. Desço para o café e, às sete horas, minha mulher se aproxima de mim, os olhos cheios dágua.

— Coitadinhos! Você escutou?

— O quê?

— A partida dos soldados. Iam todos gritando, dizendo adeus... Saíram quatro ou cinco caminhões repletos, agora mesmo!

Aconselho-a, digo-lhe que não cultive o sofrimento com essas coisas irremediáveis e, para me não comover eu mesmo, abandono o jornal que leio e subo para o gabinete de trabalho. Ao abrir a janela vejo, ainda, passar no canto dois caminhões com soldados, que descem para a cidade, pela Barão de Mesquita. E entrego-me ao trabalho, fazendo um artigo a máquina.

De repente, cêrca de oito e meia, tilinta o telefone. Meu filho atende.

— Quem é? indago.

— É uma pessoa que manda dizer ao senhor que os revoltosos já estão passando pela Praia de Botafogo.

— Mas, quem é que fala?

— Não disse, não, senhor. Eu perguntei quem era, e desligou. Mas parece, pela voz, que era o Betinho (irmão do Magalhães de Almeida).

Mostro-me aborrecido.

— Que brincadeira tôla! — digo. — Com essas pilhérias êle ainda acaba prêso.

E volto à máquina, para trabalhar.

Cêrca das nove horas, minha mulher bate, aflita, à porta do gabinete.

— Então, você não ouviu? Depressa! Cinco aviões passaram agora mesmo do Campo dos Afonsos para a cidade... E a vizinha acaba de me dizer que a cidade está em revolução!

Levanto-me, e vejo os aviões, voando alto, e que baixam no horizonte. A hipótese de um bombardeio aéreo do quartel próximo faz com que a família se alvoroce para deixar a casa, indo refugiar-se na de uns parentes, à Rua Conde de Bonfim. Meu filho sai, às pressas para trazer a irmã, que se acha no Colégio Batista, à Rua José Higino. Chuvisca continuamente. Como não regressem a filha nem o filho, saio a procurá-los, descendo, à pé, a Rua Barão de Mesquita. Em caminho encontro um funcionário do Lloyd, que sobe a rua.

— O senhor vai para a cidade? Não vá, porque não passa. Em frente ao Colégio Militar, e nas ruas próximas, já há trincheiras armadas, e dezenas de metralhadoras esperando o ataque... O centro da cidade está guarnecido até a Rua Uruguaiana...

Peço-lhe informações sôbre as fôrças que se rebelaram.

— Foi a tropa federal do centro da cidade, com a adesão de duas fortalezas.

Encontro os meus filhos em caminho, e regresso com êles. Contam-me, à esquina, que a tropa que partiu pela manhã aderira aos revoltosos, tendo, antes, desarmado os companheiros que se haviam conservado fiéis ao govêrno. A notícia dos entrincheiramentos na Rua São Francisco Xavier é um argumento contra o abandono da casa. Automóveis fervilham repletos de famílias que procuram os arrabaldes. Vou para o portão ouvir as notícias trazidas pelos que vêm do centro nos últimos bondes que se recolhem.

— O Washington foi intimado a renunciar dentro de duas horas, — informa o primeiro.

Aviões vão e vêm, ora em grupo, ora isolados. Às dez e meia, enfim, chega a confirmação:

— O Presidente renunciou. Assumiu a chefia do govêrno o General Mena Barreto, até que se organize a Junta Militar. O Juarez Távora chegará à tarde, de avião, e as tropas vitoriosas desfilarão pela Avenida às 4 horas da tarde.

Novos aeroplanos voando baixo, atiram boletins, que não consigo apanhar. Um vizinho que chega informa-me que o "povo" em delírio percorre o centro da cidade, destruindo os jornais governistas.

Na minha rua, porém, uma grande paz envolve tudo. As famílias recolhem-se às suas casas. A esta hora não sou mais deputado, tenho vinte e dois mil-réis no bôlso e devo mais de setenta contos.

Mas está vitoriosa a revolução. E que importa a minha miséria se ela vem poupar a vida de milhares de homens, que estariam votados à morte com a continuação da guerra civil?

* * *

Três horas da tarde. No quartel próximo, estruge o Hino Nacional. O pavilhão brasileiro é içado debaixo de vivas da soldadesca, dentro da praça de guerra e na rua. Uma banda militar rompe um dobrado alegre. E um contentamento louco enche a cidade.

Automóveis passam, buzinando, arvorando bandeiras vermelhas. E de cada um dêles partem gritos de bôcas que se escancaram, acompanhadas de movimentos doidos, de braços que se agitam:

— Viva a Revolução!...

E a tarde vai declinando, com o sol já faiscando no céu, mas prenhe de ameaças surdas e explicáveis apreensões...

Até alta noite, gritaria no quartel da Barão de Mesquita. A casa de bebidas da esquina desce as suas portas, mas os soldados procuram violentá-la. Não o conseguindo, saltam o muro, indo beber pelos fundos do estabelecimento. Jaime de Vasconcelos telefona-me, comunicando-me que a cidade está na iminência de saque, com a quantidade de soldados soltos, e de civis desordeiros, que percorrem as ruas do centro. De repente, porém, tudo se acalma, como por encanto, cessa a gritaria, o vivório, e desaparecem os soldados do meu bairro, recolhidos ao seu quartel.

Começa a manifestar-se, talvez, a energia do novo govêrno, cuja constituição é, todavia, ainda, para mim, um enigma.

*Sábado, 25 de outubro:*

Completo hoje 44 anos, e vou recomeçar a vida, — teia de Penélope urdida durante dezoito anos e desmanchada ontem.

Manhã morna, e serena. A névoa, cobrindo uma parte das montanhas da Tijuca, deixa emergir dos flocos brancos os dois picos iluminados, como um véu de noiva que velasse um colo deixando de fora os dois seios túrgidos. Chega o primeiro jornal,

cheio ainda de entusiasmo e de ódio. Aparecem as primeiras nomeações da Junta Revolucionária. E surgem as primeiras preocupações com o destino da pátria no coração de um homem prudente. Autoridades civis tiradas, na sua maior parte, do grupo dos demagogos, dando já ao novo "govêrno pacificador" um caráter acentuadamente partidário. A prudência mandava, talvez, que as autoridades tôdas fôssem militares. Pacificada a nação, entregar-se-ia, então, esta ao grupo que ela escolhesse. As fôrças armadas estão se limitando, entretanto, ao que parece, a segurar a cabra pelo chifre para que a oposição antiga lhe tome conta do úbere.

O meu primeiro sentimento é, assim, de tristeza e inquietação patrióticas. O cavalo Brasil acaba de mudar, ao que se me afigura, ùnicamente de cavaleiro. A rédea vai ser ainda mais curta, e a sela, a mesma.

* * *

Onze horas da manhã. Leio que um indivíduo cujo nome me repugna escrever, e que era até anteontem o mais vil sabujo dos homens de govêrno, formou, ontem, ao lado dos militares que foram intimar o Presidente Washington Luís a renunciar, e foi, por isso, nomeado diretor interino da Instrução Municipal.

Diante de fatos dêsses, e da confiança que indivíduos dessa ordem ainda conseguem despertar em homens de qualquer espécie, surgem em mim, de mistura, uma profunda pena e um irreprimível nojo da humanidade.

E sai um grito, que eu não contenho, do íntimo do meu coração:

— Timon de Atenas, meu mestre, dá-me tu'alma!...

* * *

O golpe militar que acaba de mudar a fisionomia política do país não me apavorou nem, sequer, me abalou, de modo visível. Sinto-me doente, na mais aflitiva pobreza, e vejo, pelos jornais, que senadores e deputados em grande número se acham presos, recolhidos a fortalezas e quartéis, ou asilados nas legações estrangeiras. Conservo-me, porém, na minha casa, preferindo ser prêso a fugir. Se me procurarem, entregar-me-ei. Dos companheiros de bancada tenho notícias. Peço ligação para a casa dêles e ninguém atende. Estão, possìvelmente, abrigados em casas amigas.

Sinto-me, entretanto, em mim, que o físico está me comprometendo o moral. Estou sereno, e disposto à luta. Por que é, porém, que, desde hoje pela manhã, para compreender uma página de Taine, preciso lê-la duas vêzes?

*Domingo, 26 de outubro:*

Onze horas e meia da noite, ontem. Começava a mergulhar no algodão fôfo e negro do sono quando retine insistentemente a campainha do portão. Olho à janela, e vejo uma senhora que mora na nossa rua, acompanhada do filho, reservista do Exército. A família desce, para atendê-la, e chama-me, em seguida. Trata-se de um aviso: um sobrinho da visitante, funcionário policial, manda avisar-me ter visto o meu nome em uma lista de congressistas que deviam ser presos de ontem para hoje. E mandam pôr à minha disposição uma casa da rua próxima, onde me posso homiziar sem perigo. A minha residência foi, adiantam-me, rondada durante a tarde por investigadores e policiais armados.

Agradeço a comunicação, mas declaro não ser pensamento meu eximir-me à prisão. Tenho horror à simples idéia de andar foragido, assustado, como criminoso. E nesse mesmo instante procuro comunicar-me com o 2.º Delegado Auxiliar, com quem só consigo falar depois de meia-noite, pelo telefone do Ministro da Justiça. Pôsto em comunicação com essa autoridade, que é um antigo amigo meu, o bacharel Francisco de Paula Santiago, digo-lhe o que acabo de saber. Não pretendo fugir mas desejo saber se é verdadeira a ordem da minha prisão, para apresentar-me, deixando os meus papéis em ordem e a minha vida tanto quanto possível organizada, a fim de não deixar a família em dificuldades.

O meu amigo estranha a notícia. Não pode ser verdade. Vai, entretanto, sindicar e pede-me que, dentro de meia hora, lhe telefone para a Polícia Central, para onde irá imediatamente, a fim de conversar sôbre o assunto com os outros delegados. Peço-lhe que transmita ao Ministro da Justiça, Gabriel Bernardes, a deliberação em que estou de apresentar-me, e subo a esperar, lendo o meu Taine, a hora combinada para a resposta. À uma hora da manhã consigo, enfim, a comunicação telefônica com a Segunda Delegacia:

— Olha, Humberto, podes ficar tranqüilo... Contra ti não há nada. Podes dormir sossegado... E aqui estou: qualquer coisa, já sabes: é só telefonar.

Volto, assim, à cama, para mergulhar no meu sono interrompido, através da janela de duas fôlhas que é o livro oportuno que

estou lendo (*Les origines de la France contemporaire, t. VII*), a qual me mostra, nas verdades do passado, as fraquezas e misérias do presente...

* * *

Pela manhã, converso, pelo telefone, com o banqueiro Jaime de Vasconcelos, que se mostra indignado com o assalto aos altos cargos por indivíduos sem capacidade para exercê-los.

— A Junta Revolucionária é verdadeiramente idiota, — diz-me. — Ainda não tomou deliberação nenhuma e os generais que a compõem não tiveram coragem de desfazer nada do que se tem feito no nome dêles. Você sabe quem nomeou Gabriel Bernardes ministro da Justiça e Bergamini prefeito? O Cândido Pessoa, com uma carabina e uma caixa de balas! Abusando da sua qualidade de maluco, levou-os às repartições, empossou-os, e a Junta ficou de braços cruzados, porque Cândido é irmão de João Pessoa ,o mártir do dia. Eu já telefonei ao Collor, em Buenos Aires, para que êle venha com urgência constituir uma Junta, com Juarez Távora e Francisco Campos, senão isto acaba na anarquia e no ridículo. O Cândido fêz do Maurício de Lacerda ministro da Viação; mas o Maurício, que não é tolo, não levou a sério.

Leio no "Diário da Noite" de ontem, e no "Diário de Notícias", que, de fato, na véspera, o ex-Deputado Cândido Pessoa percorrera a cidade com a sua carabina e a sua caixa de balas, indo terminar com elas no Palácio Guanabara, onde queria, à fôrça, matar o Presidente Washington Luís...

* * *

Quando se deu a convocação dos reservistas, fiquei comovido com a atitude de duas famílias da minha rua, uma, enviando dois filhos, rapazes do comércio, e outra, dois chefes da casa, rapazes casados, um dos quais o que me trouxe ontem à noite o aviso de perigo próximo. Ontem, voltaram todos: os dois primeiros estiveram escondidos em uma casa dos subúrbios, e os dois últimos em uma chácara de Petrópolis, de onde regressaram com duas braçadas de cravos para as respectivas espôsas.

— Nós pretendíamos nos incorporar, — conta-me um dêstes, — e fomos à Vila Militar, para isso, mas o soldado da

guarda nos aconselhou que fôssemos dar uma volta, o mais por longe possível. E nós fomos visitar uma família amiga, em Petrópolis...

* * *

Notícia dos jornais, em que abundam adjetivos desagradáveis: foi prêso no Hospital da Cruz Vermelha, num leito, queixando-se de uma crise de apendicite, o meu colega de bancada Viriato Correia. Levaram-no, numa ambulância, para a enfermaria da Casa de Detenção.

E vem-me à lembrança, de mistura com a pena que eu tenho dêle, as suas palavras do dia 9, e o lôgro que lhe pregou, desta vez, a cartomante, assegurando-lhe que "nós havíamos de vencer"...

*Segunda-feira, 27 de outubro:*

Meio-dia. Às onze horas, um barulho de aeroplano a pequena altura. Chamado para o almôço, abandono o livro que leio, e desço. Ao chegar, porém, à sala de jantar, encontro duas senhoras que acabam de entrar aflitamente, pedindo para falar ao telefone, pois acabam de saber que o centro da cidade se acha em pé de guerra, com a rebelião da Polícia Militar.

O telefone não fala. No centro, uma exibição de fôrças, detendo os automóveis, que mudam de rumo. Param os bondes e os ônibus. E começam as notícias, verdadeiras ou não, trazidas pelos que regressam do caminho.

— A Polícia iniciou a contra-revolução, — informa. — Está se combatendo na Avenida, em frente ao Senado.

— É um movimento comunista, — define outro — e a Polícia está solidária.

E um terceiro:

— A Polícia rebelou-se por causa da substituição do Coronel Sotero de Meneses pelo Coronel Rodolfo Klinger como Chefe de Polícia do Govêrno Provisório. Houve forte tiroteio na Rua Frei Caneca, tendo um avião bombardeado o Quartel da Brigada.

E os aviões continuam a roncar, indo e vindo, à hora em que termino esta nota.

* * *

Leio nos jornais da noite que a rebelião de alguns batalhões de Polícia foi ocasionada por uma discussão entre um oficial e um soldado. Essa explicação, apesar de oficial, é graciosa, pois

que o movimento estalou, à mesma hora, em diversos quartéis da cidade. Outras fôlhas, mais coerentes e de melhor imaginação, informam que se tratava de uma especulação comunista, telefonando para os quartéis do Exército que êstes iam ser atacados pela Polícia, e para esta que o Exército se preparava para atacá-la. Dai o choque.

À noite, o quartel das proximidades da minha casa entrincheirou-se, aguardando um ataque.

*Têrça-feira, 28 de outubro:*

Dias quentes, ontem e hoje. Sol de ouro em um céu sem nuvens. Continua a substituição gradual das autoridades que, no primeiro momento, se apossaram de todos os cargos, aqui e nos Estados.

Impressão deixada pela Junta Governativa, constituída, já agora, dos Generais Tasso Fragoso e Mena Barreto, e Almirante Isaías de Noronha: a de homens polidos que chegando ao teatro e encontrando a sua cadeira ocupada, preferem assistir ao espetáculo de pé a pedir que o intruso espontâneamente se levante. Daí, só terem sido substituídos, entre os que se investiram de funções públicas na primeira hora, os homens de vergonha. Os cínicos vão ficando...

*Quarta-feira, 29 de outubro:*

A necessidade de reorganizar a minha vida força-me a abandonar esta casa, construída com tanto carinho, e em que acreditei ficar até à morte. Tenho que a alugar, para morar em outra maior, em que alugue apartamentos com pensão. Para poder viver com honradez e decência, tenho de equiparar-me, — eu, deputado até o dia 23! eu, membro da Academia! eu, que estudo dez horas por dia! — a qualquer colono estrangeiro que aqui desembarca sem teto e sem pão, a fim de fornecer comida e casa aos abastados e comer a sobra do prato dêles!

Minha vida tem sido uma viagem em montanha-russa. Que trabalho para subir! E que velocidade, para descer!...

Com o intuito de procurar a nova casa, que será menos nossa do que dos outros, pois que iremos ser, lá, os criados dos hóspedes, saímos, minha mulher e eu, para ver um prédio anunciado, no Flamengo. De regresso, fizemos uma visita a Coelho Neto e a D. Gabi. E o romancista conta-me, com a vivacidade habitual, a tragicomédia da sua mudança na madrugada de 24, quando estalou a revolução.

— Eram quase duas horas, — diz-me, — quando eu despertei com um barulho esquisito de rodas entre o nosso jardim e o Palácio Guanabara. Supus que fôssem as carroças que lavam as ruas durante a noite, e não me preocupei. Momentos depois, porém, Paulo e a Zita invadem o quarto, alarmados, gritando que estávamos cercados, que não podíamos mais fugir, que íamos morrer todos chacinados, um horror. Abro a janela que dá para o Palácio Guanabara, e vejo: a rua cheia de soldados, com canhões, metralhadoras, o diabo, a perder de vista. Na minha opinião, o melhor era ficar em casa, esperando os acontecimentos. Gabi, mesmo doente como está, não perdeu a calma. O que eu fizesse estava de acôrdo. Mas os filhos não se conformavam: Paulo achava que eu queria que a mãe morresse, e Zita, desarvorada, gritava de camisão pelo meio do quarto, que eu não tinha alma nem coração, que eu era o assassino da família, e coisas ainda piores. Diante disso, desci, saí à rua, procurando falar com um oficial. Ao sair do portão, um policial abordou-me, com modos bruscos. Disse-lhe que desejava entender-me com um oficial, e entendi-me com alguns, que foram, realmente, de extrema gentileza comigo. Um dêles prontificou-se mesmo a arranjar-me um automóvel e uma praça, prevenindo-me, porém, que a Polícia só estava dominando até a praia, pois daí em diante o terreno estava em poder do 3.º Regimento, isto é, dos revolucionários. Por essas atenções tôdas, "seu" Humberto, foi que eu vi que nós, homens de letras, ainda temos o nosso prestígio... Volto a casa, para prevenir a Gabi que se agasalhasse, pois estava chuviscando, e telefono para a casa de Violeta, a fim de prevenir-lhe que nós íamos para a casa de Dina, em Copacabana. E sabes o que ela me pediu? "Papai, pelo amor de Deus, traga o "Lord"!" O"Lord" é um cachorro do tamanho de um bode, que ladrava acima e abaixo pela casa tôda, como maluco. E foi com Gabi, Paulo, Zita, duas criadas e o "Lord" que me meti num automóvel, às três horas da manhã. O cachorro ia atravessado no meu pescoço, por cima de mim. Chegados à praia, o soldado regressou. E começou o tormento. A cada esquina, era o carro detido por dois soldados que cruzavam as baionetas. Um terceiro tentava passar revista ao carro, mas, quem disse? "Lord" avançava, ladrando, ameaçando morder os soldados, atirando-me ao fundo do carro cada vez que investia!

E Coelho Neto termina:

— Foi assim, "seu" Humberto, que conseguimos chegar, já ao amanhecer, à casa de Dina, em Copacabana, após enorme volta pela Gávea, debaixo de uma chuva impertinente que ainda hoje me conserva a garganta no estado que você vê...

*Quinta-feira, 30 de outubro:*

Excursão por Botafogo e Flamengo, em busca de casa para a pensão. Amigos que encontro procuram dissuadir-me, entendendo que os amigos que tenho entre os revolucionários não consentirão que eu faça isso. Jaime de Vasconcelos, em cujo escritório várias vêzes me encontrei com Lindolfo Collor, intima-me:

— Você não faça isso. Dê-me dez dias para resolver a sua situação, mas não tome deliberação nenhuma...

Eu continuo, porém, a cuidar de mim, e a procurar a solução do meu caso como um homem votado definitivamente ao ostracismo e que concluiu, sem esperança de repetição, a sua trajetória política.

* * *

À tarde, Academia. Gustavo Barroso explica a sua prisão no dia seguinte ao do movimento revolucionário, confirmando o que disseram os jornais sôbre a sua humildade ao ser levado ao Forte de Copacabana, onde declarou não ser político mas um simples funcionário sem pretensões políticas, — apesar de ter sido o autor do "Manifesto dos intelectuais", que foi levar a Júlio Prestes, em São Paulo, à frente de grande comitiva.

Félix Pacheco puxa-me, porém, pelo braço, e diz-me:

— Isso é um canalha! Na manhã do dia 24 êle, que se batia pelo Prestes, foi apresentar-se ao Forte para tomar parte no movimento. E foi pôsto de lá para fora quase que aos pontapés! No dia seguinte, então, foi prêso por uns rapazes das Relações Exteriores (diz os nomes), e sôlto à porta do Forte, a cuja oficialidade declarou nada ter com o govêrno. Uma vergonha!

A propósito da situação, Félix informa-me:

— Vai tudo muito mal. A ocupação de São Paulo pelas tropas do Rio Grande foi um êrro político. Não sei em que isso vai acabar. E eu fiz muito bem em não querer me meter nisso.

— E a Marinha?

— A Marinha está misteriosa, mas isso não tem importância porque os navios não andam. A chave de tudo é a artilharia de costa, e essa está nas mãos do Leite de Castro, que é o único homem de todo êsse movimento. Meu irmão, que serve no setor de Oeste, disse-me que as fortalezas são um bloco único nas mãos do Leite de Castro. Por êsse lado não há perigo nenhum. Mas o resto, ninguém se entende.

Saímos juntos. Na tarde chuvosa e úmida a Avenida Central tumultua. Os ônibus movem-se com dificuldade. Raras figu-

ras femininas. E a grande massa de homens, vestidos de cinzento ou de prêto, quase que se funde na cinza da tarde. Essa onda, movendo-se confusa, dá a idéia de um turbilhão de lava que rolasse na sombra, com o rumor surdo de matéria em ebulição.

— Que é isso? — indago.

E Félix:

— É o Flôres da Cunha que chega para amarrar o seu cavalo no Obelisco...

* * *

Um jornal de anteontem ("Diário da Noite") foi entrevistar no Forte de Copacabana, onde se acha prêso, o Presidente deposto.

— Dr. Washington Luís... — começou o jornalista.

— Dr. Washington Luís, não; Sr. Presidente da República. Até o dia 15 de novembro, se não morrer, serei eu o Presidente constitucional do Brasil.

O presidente deposto, mas não resignatário, tem dado, assim, uma prova de fortaleza verdadeiramente admirável. Ficará prêso até 15 de novembro, mas não renunciará.

*Sexta-feira, 31 de outubro:*

Visita, à noite, a Edmundo Bittencourt, a quem vou pedir que me abra um crédito, com a sua garantia, até — 5:000$000, em algum estabelecimento bancário, a fim de adquirir mobiliário para a pensão que pretendemos abrir, eu e minha mulher. Êle promete, e pede-me que, na semana vindoura, lhe telefone para a sua fazenda, em Teresópolis.

Como me custa pedir alguma coisa a alguém, Senhor meu Deus!... E eu sou forçado a pedir, não por mim, que preferiria morrer a fome, ou no anonimato de um hospital, mas por minha família, por minha mulher, por meus filhos...

## NOVEMBRO

*Sábado, 1.º de novembro:*

Leio em uma fôlha de São Paulo a entrevista que lhe concedeu um meninote de 16 anos, que veio do Rio Grande do Sul combatendo ao lado das fôrças revolucionárias. Chama-se Armando Fernandes, e é natural de D. Pedrito.

— Seus pais não se opuseram à sua incorporação? — pergunta o jornalista.

— Não, — respondeu. — Era meu desejo vir também para fazer companhia aos meus irmãos Epaminondas e Fernando.

— E você não teve mêdo dos tiros?

E êle:

— Sempre a gente se assusta, mas, na hora, a raiva dá coragem.

É essa, na verdade, a mais flagrante definição da bravura: a coragem que vem da raiva.

*Domingo, 2 de novembro:*

Finados. O dia amanhece quieto, e a minha rua, deserta e muda, é como um cemitério. A quietude das coisas reflete-se em mim, e apavora-me. Eu fiquei surdo, ou morri? Vem-me à lembrança a observação consoladora de Jean Dolent: "Para quem está morto, todo o dia é domingo". Hoje é domingo e dia dos mortos. É, pois, domingo duas vêzes.

Mas... que foi que morreu em mim, que eu sinto o coração dobrando a finados?

*Segunda-feira, 3 de novembro:*

Posse de Getúlio Vargas, no cargo de Presidente da República Brasileira, como chefe da Revolução vitoriosa. Primeiras notícias sôbre o seu Ministério, composto de gaúchos e mineiros quase que exclusivamente, e que causa boa impressão. E primeira desilusão, também: Juarez Távora, figura primacial e heróica da Revolução, que declarava, há dois dias, que nenhum militar devia aceitar postos políticos, aceita êle próprio o de Ministro da Viação depois de ter investido o seu irmão no de Presidente Revolucionário do Ceará.

É homem e está, como os outros, sujeito às contingências humanas. Acabará, talvez, pacífico senador da República e honrado chefe de oligarquia...

*Têrça-feira, 4 de novembro:*

O filho do meu vizinho que eu supusera estar nas fronteiras do Paraná ou de Minas, como reservista, defendendo a legalidade, e que regressou do seu esconderijo no mato após a vitória da Revolução, trouxe dali, como troféu, uma pomba-rôla, ou "asa-branca" (nome que lhe dão no nordeste), a qual tem contribuído para ainda mais desarranjar os meus nervos. Dia e

noite solta a pobre ave o seu chôro doloroso, que ainda se torna mais triste no silêncio noturno. É um arrulho soturno e abafado, como o de alguém que, tendo perdido para sempre o seu amor ou uma criatura querida, se lembra repentinamente dela e rompe em soluço profundo e solitário, desafogando o peito, e com as duas mãos na bôca para não despertar os que dormem.

Tôda a vez que, na quietude da noite ou da madrugada, êsse chôro pungente me chega ao ouvido, sinto que uma descarga nervosa me abala todo, como se um alfinête me tocasse o coração. E é assim que, nestas últimas noites, tenho dormido: como quem se hospeda numa casa em que há um morto, junto ao qual velasse, sem consôlo, um coração de mãe ou de noiva soluçando intermitentemente por êle...

*Quarta-feira, 5 de novembro:*

Em uma entrevista concedida aos jornalistas e por êles divulgada nas fôlhas de hoje, diz o Secretário do Interior do Govêrno Revolucionário que é absoluta a liberdade de pensamento. E conclui:

— Até aqui o povo obedecia ao govêrno; agora é o govêrno que tem de obedecer ao povo.

Leio, porém, os matutinos, criticando cada um dêles um ou dois atos do govêrno provisório, principalmente certas nomeações para os cargos de mais alta confiança. O que uns aprovam com entusiasmo outros censuram com vivacidade. E pergunto a mim mesmo, com a minha alma de cético e o meu conhecimento dos homens e da sua fragilidade: — quando começarão, no Rio, as correrias na Avenida e o fechamento dos jornais?

* * *

Renúncia do ex-deputado João Neves da Fontoura ao cargo de Vice-Presidente do Rio Grande do Sul, com uma carta à imprensa declarando que volta a ser simples soldado do seu partido, sem quaisquer aspirações. À tarde, Jaime de Vasconcelos, que se acha enfronhado nos negócios íntimos da Revolução, diz-me:

— Você viu o caso de João Neves? Êle tem razão para fazer o que fêz. Ninguém trabalhou mais do que êle pela vitória do Getúlio. E a única coisa que êle pretendia, a pasta do Interior, deram ao Osvaldo. Êle aborreceu-se, renunciou a tudo, e fêz muito bem. E o Macedo Soares, você viu? Leu o artigo intitulado *Terra de ninguém,* sôbre a designação de um gaúcho para

interventor no Estado do Rio? Está furioso, e com justiça. É uma humilhação, apesar de não haver no Estado do Rio um homem nas condições do Plínio...

Após o restabelecimento da circulação das notícias, verifica-se a falsidade de algumas, registradas neste "Diário". Assim é que:

1.º — os assassinos de João Pessoa não foram queimados;
2.º — Paulo Hasslocher não foi fuzilado;
3.º — as tropas federais no Rio Grande não resistiram; e
4.º — o palácio da Liberdade, em Belo Horizonte, não foi bombardeado por aviões legalistas.

Estas duas últimas notícias foram, todavia, divulgadas em comunicados oficiais, por mais de uma vez, pelo Ministro da Justiça.

*Quinta-feira, 6 de novembro:*

Posse, ante-ontem, de Batista Luzardo no cargo de Chefe de Polícia. Ao chegar à Polícia Central, — conta-se, — foi o novo chefe saudado com uma salva de palmas. Sala cheia. Corredores cheios. Gente até na rua. Tudo correligionário. Surpreendido com aquela manifestação, Luzardo tem uma frase de espírito:

— Sebo! — exclama.

E correndo irônicamente os olhos pela multidão:

— Se eu soubesse que aqui no Rio havia tanto revolucionário não teria ido para o sul: fazia a revolução aqui mesmo!

* * *

Espetáculo original e bizarro o da cidade, nestes últimos dias. Trens e vapores têm despejado no Rio, em menos de uma semana, mais de trinta mil homens, vindos do Rio Grande, do Paraná, de Minas e do Nordeste, os quais, com o seu fardamento de campanha, dão à capital o aspecto de país conquistado pelo inimigo. Espalhados pelas ruas centrais, isolados ou em magotes, o sentimento que despertam é, ora de piedade, ora de tristeza, mas sempre amargo e doloroso. Trajando calça e blusa cáqui, geralmente em desproporção com o corpo que as veste; perneiras; chapéu mole, de dois bicos, da mesma fazenda da roupa; completam êles a indumentária com um lenço, ou um simples pedaço de pano, ora vermelho, ora verde-e-amarelo, que trazem ao pescoço e que é o símbolo oficial da Revolução.

Os tipos que exibem êsse "uniforme" a que falta uniformidade, são os mais pitorescos. Há o rapazola de boa família, cara raspada e suíça até o meio da face, que pisa a Avenida como conquistador, percorrendo-a marcialmente a passo largo, na convicção de que os passeios estão cheios de mulheres que saíram de casa para vê-lo. Há o velhote alourado, colono alemão ou polaco do Paraná, de pele curtida na lavoura, bigode sujo cortado rente, e que marcha atrapalhado com as perneiras, à semelhança da galinha que leva alguma coisa prêsa no pé. E há o tipo mineiro ou do Nordeste, o caboclo miúdo, o mulato de gaforinha, ou o prêto verdadeiro, que se deixa ir pelas ruas desconfiado, como quem se encontra envergonhado de andar metido naquelas roupas no meio de gente que não conhece.

E essa multidão está aquartelada em todos os edifícios públicos da cidade. Ainda hoje, de caminho para a Academia, passei pelo Senado. E confrangeu-se-me o coração. O edifício elegantíssimo que foi o orgulho nosso na Exposição de São Luís, a casa que Antônio Azeredo encheu de tapêtes caros e mobílias de gôsto, vomitava por tôdas as portas, e despejava pela escadaria de mármore, um turbilhão de homens semivestidos, quase todos em mangas de camisa, dezenas dos quais dormiam sôbre as capas de campanha estendidas no gramado do jardim circundante. No parque ajardinado fumegavam marmitas em fogões improvisados. O Senado é, hoje, um simples quartel da soldadesca revolucionária!...

São os primeiros bárbaros. Atrás dêles não virão os hunos?

*Sexta-feira, 7 de novembro:*

Em um bonde de Botafogo, leio os jornais da manhã. Tôda a imprensa, tôda ela revolucionária, elogia o novo Prefeito Adolfo Bergamini, que só tem feito até agora nomear politiqueiros suburbanos para os cargos técnicos, e ataca por faccioso e politiqueiro o ex-Prefeito Prado Júnior, atualmente prêso no Forte de Copacabana. À Avenida Beira-Mar, levanto os olhos, e vejo os imensos jardins com que Prado Júnior enriqueceu a cidade, tornando-a uma das mais belas do mundo. Orlando os lagos empenachados de depuxos, as flores artìsticamentes disposta parecem montes de sêda colorida arrumados em tôrno de um espelho mágico, emprestando ao quadro o aspecto de um sonho encantado ou de um daqueles jardins orientais que a imaginação de Scherazade criava para enfeitar a vigília do seu rei e senhor. Reflito que êsses jardins se estendem por muitas milhas de praia, e que

a cidade foi quase tôda remodelada pelo gôsto de Prado Júnior, homem rico e viajadíssimo, nascido como um príncipe. Recordo uma página do Conde Frola, no qual êle conta que, indo visitar Bergamini no Engenho de Dentro, foi recebido por uma preta velha que lavava roupa em um tanque na frente da casa. E evoco, de alma triste, as palavras de Edmundo Bittencourt, que há poucos dias me dizia, na sua casa:

— Para fazer o julgamento da Revolução, basta meter um estrangeiro num automóvel, e, mostrando-lhe os jardins da Avenida Beira-Mar, dizer-lhe: "O homem que fêz isto foi metido na cadeia!"

* * *

Outro julgamento da Revolução: foi prêso a bordo de um navio estrangeiro no momento em que êste atracava, e levado para a Casa de Detenção, o ilustre homem de ciência, Professor Carlos Chagas, Diretor do Instituto de Manguinhos, que acaba de realizar conferências na Alemanha, na França e na Itália, a convite do govêrno dêsses países. Dado o alarma pela imprensa, o delegado que fêz a captura, o Tenente Chevalier, declarou, ingênuamente:

— Eu não sabia. Eu supus que Carlos Chagas era o ex-delegado Francisco Chagas, acusado de homicídio na pessoa do negociante Niemeyer...

Êsse fato, e outros, oferecem o metro para avaliação da mentalidade que preside à "regeneração da República". Aos homens do dia sobram boa vontade e patriotismo. Mas faltam, infelizmente, inteligência e cultura, sem as quais tôda a obra humana terá, fatalmente, o cunho da mediocridade e do ridículo.

* * *

Três horas da tarde. Assis Chateaubriand telefona-me, comunicando-me achar-se o govêrno revolucionário de posse de um artigo meu, violentíssimo, publicado em São Paulo antes da vitória da Revolução. E pergunta, espantado:

— Você ainda está sôlto?

Aguardo, pois, a prisão, altivo e sereno, sem fugir à responsabilidade do que pensei e escrevi. Apenas, não levarei para o cárcere, como Sócrates, uma taça de cicuta, mas simplesmente algumas pílulas de azul de metileno, para colorir a urina...

*Sábado, 8 de novembro:*

Continuam as prisões dos homens públicos mais em evidência nos governos passados, especialmente governadores e antigos governadores, que vão ser entregues à justiça dos seus adversários rancorosos. À noite, ontem, foi prêso o ex-Ministro Mangabeira. Fundam-se nos Estados tribunais revolucionários para julgamento dos políticos depostos. Reprodução pura, da Revolução Francesa, em 1930. Os jornais vêm repletos de denúncias anônimas, em que cada covarde, mergulhado na sombra, denuncia o seu inimigo.

E a Polícia vai prendendo não sòmente por conta própria, como à requisição dos tribunais instalados nos Estados à revelia do Govêrno Central.

* * *

Impressão esquisita, essa, que me assalta, ao ver um dêsses empregados de matadouro encarregados de distribuir carne verde pelos açougues da cidade. Carregando ao ombro, ou à cabeça, os quartos de reses abatidas, o sangue escorre-lhes do pescoço, empapa-lhes a blusa de algodão branco ordinário, dando a impressão de homens horrìvelmente feridos.

Ao vê-los, não me vem, todavia, a idéia de guerras, de batalhas sangrentas, de choques militares e fratricidas: a minha imaginação vai, tôda, para o mercado público, a longínqua e modesta "casa da feira" de Parnaíba, que eu visitava quase diàriamente dos oito aos treze anos. Ponto de reunião dos valentões da cidade e dos municípios vizinhos, era ali, à sombra das mongubeiras copadas, que êles iam ajustar contas. Fazia-se a roda e os dois contendores pulavam para o centro, de cacête na mão. Dentro de poucos minutos o sangue descia da cabeça de um ou dos dois, cobrindo-lhes os olhos, empastando-lhes o cabelo, ensopando-lhes a camisa. Mas a luta só terminava quando um dos dois tombava por terra, com a ferida borbulhando. Não raro a contenda terminava por uma gritaria:

— Pega! Pega! Prende! Segura!

E via-se desapareecr ao longe, fracamente perseguido, varando por uma porta para saltar um quintal, um dos contendores, enquanto o outro jazia na terra frouxa e morena, agonizante, a roupa em sangue, com uma facada no ventre ou no peito...

*Domingo, 9 de novembro:*

Em artigos brilhantes com a sua assinatura, ou esparsos pelo seu jornal, Assis Chateaubriand levanta os primeiros protestos

contra as prisões injustificáveis dos últimos dias, aconselhando ao Govêrno Provisório mais comedimento e serenidade. No "Jornal do Brasil" Coelho Neto, que reaparece na imprensa, escreve uma bela coluna sob o título "Nova era", chamando a atenção dos novos governantes para o regime de delação que acaba de ser instaurado na imprensa e nas repartições públicas. "Trate-se agora da reconstrução, — aconselha; — e como nas reconstruções, posta de parte a argamassa, que se esfarela, sempre se aproveita o granito, não se rejeitem os homens dignos e de capacidade experimentada só por haverem seguido uma política tida por adversa. Mais vale um caráter inflexível do que um dêsses dobradiços sem fé, que se adaptam a tôdas as situações, curvando-se servilmente aos pés de quem tem o poder".

À tarde, peço a minha mulher que telefone a D. Gabi, e envie ao romancista o meu abraço de parabéns.

— Eu também gostei muito dêsse artigo de Henrique, — diz-lhe Dona Gabi; — quando êle o leu para eu ouvir, eu lhe disse isso. E sabes o que êle me disse? Disse-me: "Gabi, eu escrevi êste artigo pensando no Humberto"...

* * *

Tendo eu escrito a Mario Brant, Presidente do Banco do Brasil e um dos chefes do movimento revolucionário em Minas, uma carta em que pedia para ser fiador da casa que vou alugar, recebo, dêle, além de um telefonema que me não encontra, um bilhete, com estas palavras amigas: "Caro Humberto. — Estou ao seu dispor. Mande a minuta. E não se abata. Um homem do seu valor intelectual e moral não pode cair definitivamente. Demais, se a Revolução não admitisse a penitência, quantos de nós poderíamos estar acreditados junto dela? Cordial abraço do — *Mário Brant*".

Eu recebo, freqüentemente, elogios ao meu talento, à minha cultura, à minha atividade literária. Dão-me, êles, contentamento. Mas o que me enche de orgulho íntimo, é o louvor ao meu caráter. Eu quero que êle constitua o patrimônio e, se possível, o orgulho, também, dos meus filhos.

*Segunda-feira, 10 de novembro:*

Visita a Assis Chateaubriand, na redação de "O Jornal". — O jornalista aparece-me, ágil, miúdo, moreno, cabelo escorrido e negro caindo do lado, um grande sinal no lábio superior esca-

nhoado. Figura de adolescente, gestos de estudante adoidado, e um instinto assombroso das situações e dos negócios. Camisa de sêda creme arregaçada nas mangas. Determina a minha visita a condição em que se encontra Magalhães de Almeida, prêso no Maranhão.

— Você tem lido o que nós temos escrito aqui sôbre a orientação do govêrno? — pergunta-me.

E ante a minha confirmação:

— Você não imagina como estão êsses homens do govêrno. Estão ferozes! E eu tenho mêdo que êles queiram banir também o pobre do Zé Maria (Magalhães de Almeida). É uma fúria de perseguição que você não imagina. Ainda hoje incluíram o Rêgo Barros.

E após outras informações:

— Você não soube o que fizeram com o Zé Maria, no Maranhão... Meteram-no na Penitenciária, no meio de criminosos! Eu não disse nada a você nem à D. Vivi (Mme. Magalhães de Almeida). Mas fizeram isso. Quem me informou dessa miséria, debaixo de tôda a reserva, foi o Diretor da Western, que se comunicou, a pedido meu, com a estação de lá...

*Quarta-feira, 12 de novembro:*

Partem os primeiros políticos deportados: o Senador Irineu Machado; os Deputados Pessoa de Queirós, Machado Coelho e Artur Lemos; o Senador Paim Filho; o Governador Juvenal Lamartine; e outros mais.

A imprensa, com dois dedos na bôca, assobia no cais, tripudiando a desgraça dos vencidos... Brasileiros vitoriosos apedrejando irmãos que partem para terra estranha, cobertos da maldição e de lama...

Está certo?

*Quinta-feira, 13 de novembro:*

Sessão da Academia, falha de interêsse. Vai esta em meio quando aparece à porta da sala uma figura bizarra, que faz sorrir a uns, e franzir a testa a outros. A calça bombacha, de riscado escuro, ordinário, e sujo, parece mais larga ainda, quase uma saia-balão, pela compressão das perneiras altas, que a prendem até à altura do joelho. Paletó prêto, e velho. E ao pescoço, como "écharpe" flutuante e escandalosa, caindo pelo ombro, uma bandeira do Rio Grande do Sul, com as côres azul, branca e verme-

lha. Alto, louro, corado, traz à mão um rebenque. E ao vê-lo entrar com aquela indumentária de carnaval político, a idéia que me acode é a de um alemão domiciliado num reino balcânico e que, no traje da terra, quisesse amedrontar o indígena com o prestígio belicoso do seu país.

O bárbaro aproxima-se de mim, para o meu abraço desconfiado. Sinto, a um metro de distância, o cheiro do uísque do dia.

É Alcides Maia que chega do Rio Grande do Sul, fantasiado de major do Exército gaúcho, "libertador do Brasil"...

De Juarez Távora, único idealista envolvido nesta aventura de políticos profissionais, dizia-me hoje, na rua, um médico meu amigo:

— É uma donzela de dezesseis anos levada inocentemente, depois da meia-noite, a uma casa de prostituição!

*Sexta-feira, 14 de novembro:*

À porta da Casa Artur Napoleão, na Avenida Central, o juiz cearense Eduardo Studart descreve-me, como lha descreveu um médico da Cruz Vermelha, a cena da prisão de Viriato Correia no hospital daquela instituição. Autor de meia dúzia de conferências pelo rádio, nas quais insultava grosseiramente os chefes militares e políticos da revolução, correu Viriato, triunfante esta, a esconder-se num quarto de doente daquela casa de saúde. Descoberto o seu paradeiro, invadiram o estabelecimento, alta noite, três oficiais revolucionários, indo encontrar o escritor em uma cama, com um saco de água quente no ventre.

— Sabe o senhor quem eu sou? — exclama um dêstes, penetrando no quarto.

E sem esperar a resposta:

— Sou o Tenente Cabanas!

A essas palavras, Viriato ficou lívido. Cabanas é um antigo revolucionário, famoso pela sua ferocidade, e a quem Viriato, nas suas palestras irradiadas, atacava de modo descabido.

— Mas, eu não posso sair daqui, — objeta o escritor. — Estou com um ataque de apendicite, e devo ser operado de manhã.

— Operação? Para quê? — diz-lhe Cabanas, entre feroz e zombeteiro. — Para que operação se o senhor vai ser esta noite mesmo passado pelas armas?

Ao escutar essa informação o novelista empalidece de todo, ao mesmo tempo que uma descarga intestinal lhe inutiliza a roupa e a colcha da cama. Compadecida, a enfermeira corre a arranjar outro pijama e outro lençol.

— Para que isso? — exclama Cabanas. — Não precisa nada disso.

E enrolando Viriato, brutalmente, na colcha da cama em que se achava:

— Êle vai assim mesmo: com merda e tudo!

Foi assim, embrulhado de mistura com as próprias fezes, — acentua o informante, — que Viriato Correia foi transportado alta noite, numa ambulância, para a enfermaria da Detenção.

*Segunda-feira, 17 de novembro:*

Eu não me recordo ter tido, jamais, o que se chama, verdadeiramente, pavor. Tenho me encontrado na presença de grandes perigos, entre os quais o de vagalhões de ressaca, nos banhos de mar. De uma feita fiquei no fundo dágua, arrastado pela correnteza, muscularmente inerte, mas sem terror nenhum. Dá-se em mim nesses momentos uma espécie de anestesia, que é, parece, uma reação benéfica do meu sistema nervoso. Entretanto, nos sonhos que às vêzes me povoam o sono, eu tenho sentido o pavor, em tôda a sua extensão. E é assim que desperto, não raro, com o coração alarmado, a respiração inquieta e opressa, como um homem que vem respirar à tona no momento em que morria, detido por um polvo, nas profundezas do mar.

Será que existe em mim, no meu subconsciente, sem que se tenha jamais revelado, um covarde, controlado pela consciência e pelos fortes ensinamentos da vida?

*Quarta-feira, 19 de novembro:*

Inicio, sob o título geral "Notas de um Diarista", a minha colaboração diária em "O Jornal", de Assis Chateaubriand. Trato da Revolução, confessando que a combati, e que serei contra todo movimento armado que se apresente para solução de problemas políticos.

Telefonemas, parabéns de amigos, que me saúdam pelo desassombro com que confesso a minha solidariedade com os vencidos diante dos revolucionários vitoriosos.

*Sábado, 22 de novembro:*

Encontro, no bonde, à Rua Senador Vergueiro, com o 2.º Delegado Auxiliar, Francisco de Paula Santiago, que conduziu para bordo do "Alcântara" o ex-Presidente Washington Luís.

— "Seu" Humberto, que sujeito bruto, o "Barbado"! — diz-me. Cercamo-lo de tôdas as atenções e amabilidades; pois, nem assim! Quando êle chegou a bordo, onde as autoridades e o pessoal de bordo o esperavam, êle não apertou a mão de ninguém: passou pelo meio de todos com o chapéu na cabeça, sem dar confiança a ninguém! Ia danado da vida!

*Domingo, 23 de novembro:*

Recomeço a "Vida Literária", a minha secção de crítica iniciada no "Correio da Manhã" e que reapareceu, hoje, no "O Jornal".

*Segunda-feira, 24 de novembro:*

Dias de inquietação e tormento íntimo, êstes últimos. Há tempos vinha encontrando dificuldades para escrever. As letras e as palavras fixadas no papel misturavam-se sob os meus olhos, forçando-me a abandonar o trabalho à mão, e à máquina. Impressionado, resolvi procurar uma casa de vidros para óculos, a fim de comprar uns para vista fraca. E qual não é a minha surprêsa quando, experimentados todos os vidros para miopia e vista fraca, verifico que êles nada adiantam e que minha vista esquerda se acha inteiramente perdida, pois que, tapado o ôlho direito, eu não vejo, com ou sem óculos, eu não vejo diante de mim senão um muro de cal, com umas vagas sombras à direita!

Corro ao meu médico Afonso Mac-Dowell, que me envia ao oculista Gabriel de Andrade. Êste me examina a vista, com grandes e pequenos aparelhos, recorrendo até à dilatação da pupila. E conclui:

— O fundo do ôlho não tem a menor lesão. Tudo perfeito e normal. A minha opinião é que se trata de um defeito de nascença. O senhor sempre foi assim, e só agora deu por isso.

Eu sei, porém, que a ciência, ou está enganada, ou quer enganar-me. Há dois anos ainda eu me submeti a exame ótico, e êle, constatando embora o defeito, assinalou, apenas, um astigmatismo ligeiro no ôlho esquerdo. E repito, com tristeza, os dois versos de Vicente de Carvalho, que trago de cor:

*"Cegos, nunca saibais verdade tão dorida*
*Para a cegueira! O olhar vale mais do que a vida!..."*

*Quarta-feira, 26 de novembro:*

Regressou, anteontem, do Maranhão, o ex-Senador Magalhães de Almeida, que devia ser conduzido de bordo para a Polícia, ao desembarcar. Chego à Polícia Marítima às sete horas da manhã. Nenhum senador amigo. Nenhum deputado. A única pessoa que encontro à sua espera é o seu irmão, auditor de guerra. E é com êste, e comigo, que o viajante cumpre o dever humilhante de ir, escoltado por um investigador, à Polícia Central, para ser identificado. A nossa ex-bancada ficou em casa, apavorada ainda com os acontecimentos...

E como os jornais de anteontem e de ontem hajam publicado o flagrante fotográfico do desembarque do vencido, acompanhado ùnicamente por mim e pelo seu irmão, multiplicam-se os parabéns e os apertos de mão dos que me encontram na rua, e que vêem no meu gesto isolado a demonstração da solidez de um caráter, coisa rara nestes tempos de covardia geral...

*Quinta-feira, 27 de novembro:*

Espírito popular. É sabido que, na manhã de 24 de outubro, desesperados de, pelas boas maneiras ou pela ameaça, demover o Presidente Washington Luís de permanecer no Guanabara, os generais revolucionários apelaram para o Cardeal D. Sebastião Leme. Após uma ligeira conferência com o chefe da Igreja brasileira, o Presidente cedeu e, momentos depois, seguia, com êle, para o Forte de Copacabana.

O povo guardou isso de memória e, agora, contam-me o seguinte caso. Há dias, passava pela Rua Riachuelo um ébrio, ameaçando a todo o mundo. Um guarda-civil acorre, para conduzi-lo prêso, mas o pau-dágua se agarra a um poste elétrico, disposto a não ir. Vem outro guarda, e mais outro. Puxam-no, mas inùtilmente. O homem, agarrado ao poste, está disposto a não ceder. Esbraveja, dá pontapés para um lado e para outro, e não sai. E é nesse momento que, do meio da multidão que se forma para ver o espetáculo, parte a voz de um garôto:

— Com os soldados êle não vai, não.

E ajunta, logo:

— Vão buscar o Cardeal, que êle vai!

*Sábado, 29 de novembro:*

É curioso o que se está passando em mim. Dentro de uma semana teremos abandonado esta casa construída com tanta ilu-

são e carinho, e mobilada com tanto gôsto e confôrto, para nos comprimirmos em um aposento de casa que vamos alugar e sublocar, e servida de móveis pobres. Medito sôbre isso, lembro-me dos dias de miséria e de fome que passei na mocidade, e, não sei porquê, sinto uma espécie de alívio no coração, como o de quem, tendo passado algum tempo na propriedade alheia, se sente desconstrangido por ter chegado a hora de voltar para a própria casa, onde encontrará coisas humildes, mas amigas e familiares...

## DEZEMBRO

*Sábado, 6 de dezembro:*

Após uma infinidade de incidentes, e de corridas pelos bairros elegantes da cidade em busca de uma casa que sirva para a pensão que ideamos, fica resolvida a nossa mudança para o prédio nobre da Praia do Flamengo, 252. E hoje é o dia em que devemos abandonar esta casa em que supunha morrer, pois que a havia construído para morar e com a idéia de nela envelhecer e acabar os meus dias.

Os meus livros já lá estão, no outro pôrto. Ficamos aqui eu, êste caderno, êste tinteiro e esta pena. Ao abrir, cedo ainda, a janela do gabinete onde trabalhava há quatorze meses, dão os meus olhos numa pequena mancha sôbre o telhado vermelho do terraço. Atento melhor, e vejo: é um passarinho morto antes de nascer, e cujo ôvo em que se formava parece ter caído do beiral do gabinete. O pescoço longo e despido tem na ponta uma bola, que é a cabeça. As asas semi-abertas, e em que há alguma penugem, e os pés encolhidos e hirtos, mostram quanto é feia a morte, mesmo quando ela estampa o seu sêlo no corpo miúdo de um pássaro.

Chamo a minha mulher para vê-lo. E no meu pensamento, e no dela, elabora-se o mesmo símbolo.

A ave perdera, naquele dia, o seu filho. Nós perdíamos também um sonho humilde, com o abandono desta casa em que havíamos pôsto, igualmente, tôda a nossa esperança de tranqüilidade...

*Domingo, 7 de dezembro:*

Dormimos, já, na nova instalação permitida pelo Destino. Situada no melhor ponto da Praia do Flamengo, deixamos, para alugar, os cinco compartimentos do andar superior. No andar

térreo, acomodamo-nos na sala da frente minha mulher, meu filho menor, eu, a minha mesa de trabalho, a minha máquina de escrever, uma estante aberta com livros, e sete peças de mobiliário. Tudo comprimido, mas conformado com a sorte. No "hall" da escada que dá para o andar superior, a minha livraria, franqueada aos hóspedes que vierem; e no patamar dos dois vãos de escada, a cama turca do meu filho maior. Minha filha e o resto da família, isto é, a avó e a tia, num quarto no fim da casa.

E todos nós passamos o dia em arrumações, ajustando a nossa vida à nossa nova condição.

*Têrça-feira, 9 de dezembro:*

O panorama que se desdobra aos nossos olhos, da janela da nossa casa, é dos mais variados e deslumbrantes. Com o Pão de Açúcar à direita, estende-se ao fundo, do outro lado da baía, o sistema orográfico de Niterói, orlado pela faixa branca da praia de Icaraí. Sôbre a toalha líquida, navios que chegam e navios que partem. E à noite, faiscando como um exército de vaga-lumes em marcha, as luzes miúdas das praias de Niterói.

Mas, não sei porquê, isto não me entusiasma ou comove. Os meus olhos doentes ainda abrangem o quadro inteiro. Vejo, ainda, a Natureza em sua plenitude. Mas o mar não tem, para mim, a eloqüência da montanha. Somos como dois indivíduos de raça diversa, que falassem línguas diferentes...

E eu vou ser obrigado, agora, a viver com êsse estrangeiro, a vê-lo todos os dias, sem que eu o entenda e êle me entenda!...

*Quinta-feira, 11 de dezembro:*

Corro os olhos pelos jornais que a Revolução conservou e que eram, todos, revolucionários. E cada um dêles contém, hoje, uma reclamação, um protesto, uma observação dirigida ao govêrno. Ninguém está satisfeito. O Tribunal Revolucionário que se instalará amanhã para julgar os atos violentos e inconstitucionais dos maus governos, tem a sua ação limitada, por decreto, ao quatriênio Washington Luís. E os revolucionários que se rebelaram em 1922 contra o Presidente Epitácio, em 1924 contra o Presidente Bernardes, se conformam com isso, deixando entender, assim, que eram maus cidadãos, pois que se rebelaram contra dois governos perfeitamente modelares... Mas, êsses estão satisfeitos. Queriam o poder; têm-no. Que lhes importa o passado?

De regresso do Norte, referindo-se ao Piauí, onde é capitão-mor, isto é, interventor, um revolucionário de nome Areia Leão,

que pôs nos cargos públicos todos os seus parentes, dizia o Capitão Juarez Távora:

— No Piauí, tem mais "areia" no govêrno do que no pôrto de Amarração!

Entretanto, êle, Távora, já fêz o mesmo com a parentela tôda: um dos seus irmãos é o Interventor no Ceará; outro, e um sobrinho, estão no gabinete do Ministro da Viação; seu cunhado é Prefeito de São Luís. E por aí além.

Êles subiram. Mas o câmbio vai descendo...

* * *

Na Academia, hoje, ouço encômios e recebo parabéns pelos meus artigos diários, assinados, no "O Jornal".

— O senhor tem dito ao govêrno verdades bem pesadas, em estilo leve... — diz-me Afonso Celso.

— Você tem feito como os fabulistas: veste a verdade para apresentá-la aos príncipes... — observa João Ribeiro.

E Plinio Marques, Araújo Lima, e outros ex-deputados, que encontro na rua:

— Você tem nos vingado. Você tem dito tudo que se precisava dizer!

E eu vou continuando. Se não acabar na prisão, direi o resto.

*Sábado, 13 de dezembro:*

No pavimento superior da Academia, onde se serve o chá e trabalha o chefe da secretaria, encontro um grupo formado por Afrânio Peixoto, o ex-Deputado Homero Pires e o secretário de Legação Mário de Lima Barbosa, que viveu longamente na intimidade do Conselheiro Rui Barbosa, sôbre o qual escreveu um livro.

Fala-se do grande morto, dos tormentos da sua vida, e do seu ambiente doméstico. E Afrânio opina:

— A família de Rui jamais procurou tirar dêle senão dinheiro. Dona Maria Augusta foi, para êle, um anjo e um demônio. Rui era tratado por ela como um filho, senão como uma filha. Cercava-o de mimos e cuidados; mas não o poupava para extorquir-lhe dinheiro, impondo-lhe trabalhos enormes cujo produto repartia pelos filhos, pelos irmãos e pelos genros. Governava-o tirânicamente, obrigando-o a escrever, alegando necessidades simuladas, pareceres jurídicos contrários às suas convicções. A Light era uma vítima constante da família Rui Barbosa. Tôda a família ia buscar dinheiro, ali, em nome dêle.

Com os seus ares de menino grande, ou antes, de menina, pois que todos os seus gestos são efeminados, Mário de Lima Barbosa se refere ao constrangimento com que Rui vivia no ambiente familiar, em cuja mesa só se falava em luxo e dinheiro.

— Eu tenho nojo de tudo isso, — dissera-lhe êle, uma vez, após o jantar, estirando o lábio inferior, num desabafo. — Luxo e dinheiro! Luxo e dinheiro! O confôrto, sim; e o dinheiro, para conseguir o confôrto. Mas, aqui, não se compreende isso. É luxo e dinheiro!...

Mário de Lima Barbosa refere, ainda, que Rui, irritado contra o Presidente Epitácio Pessoa, o "tio Pita" a que se referia a imprensa, tivera a idéia de escrever sôbre êste uma página humorística, aproveitando a harmonia do seu apelido com a denominação vulgar da "agave americana". A pita, ou piteira, dá um caule alto, e seca, em seguida. Assim era Epitácio; nada produzira, deixando, de si, apenas o topête.

Com o pensamento nessa página, Rui subira para Petrópolis, encarregando Mário de Lima Barbosa de copiar em Spix e Martius o que êstes possuíam sôbre essa planta. Mário remeteu as informações, e, em resposta, recebeu uma carta que começava assim:

— "Recebi o que me enviou sôbre a pita; e estou verdadeiramente interessado por êsse vegetal curioso, que é fêmea na botânica e macho na política".

*Domingo, 14 de dezembro:*

Manhã luminosa e quente. Mar azul, céu azul, montanhas azuis. Azul líquido, azul etéreo, azul sólido. Montanhas: pedaços do céu e do mar condensados. Mar: montanhas e céu diluídos. E o sol, desfeito em ouro, derramando-se sôbre o mar, sôbre as montanhas, e por todo o céu, como Júpiter sôbre Dânae...

*Segunda-feira, 15 de dezembro:*

Até esta manhã, apesar de nos encontrarmos instalados há oito dias, ainda não temos o primeiro hóspede. A casa está montada com extrema limpeza e gôsto discreto. Quatro e às vêzes maior número de candidatos têm vindo vê-la, guiados pelo anúncio. Mas ninguém fica, porque todos, hóspedes de outras pensões, procuram, acossados pela crise, mudar-se para outras mais baratas. E a nossa, pelo local e o alto aluguel do prédio, só pode

ser de preço mais elevado do que o das casas do mesmo gênero situadas nas ruas transversais.

Leio nos olhos de minha mulher o terror de um fracasso e a compreensão da responsabilidade assumida. Ela se tem multiplicado em atividade, revelando uma energia que eu lhe desconhecia, pelo menos em tão alto grau.

* * *

O contato com a gente que tem vindo ver a casa tem, todavia, me dado ensejo ao conhecimento de certos tipos, dignos de romance. Ontem apareceu-me um dessa ordem. Neurastênico e bêsta. Magro como um palito, moreno queimado, sem sangue. Trinta e poucos anos em pele e osso. Cabelo gorduroso e liso, de índio, cortado no lado mas rebelde no lado posterior do crânio, onde se levanta, como crista de pavão. Nortista, funcionário público. Solteiro e vegetariano. Horror à carne, ao feijão e recomendando que lhe não misturem os guardanapos nem lhe ponham pimentão ou colorau na comida. Acha minha biblioteca pequena porque êle tem encaixotados mais de 4.000 volumes num armazém. Ares de importância e superioridade. Já leu muito, mas agora não dá mais aprêço à literatura. Quer armários especiais, feitos para êle, pois tem muita roupa. Sapateira não precisa, pois, possuindo uma caixa de ferramenta, costuma pregar um fio, do qual suspende, junto à parede, os seus dezoito pares de sapatos. Tem muito sapato, pelo seu horror à galocha, que é anti- higiênica. E à saída, já á escada, pergunta se não há ninguém doente na casa, achando que eu devo, por fôrça, sofrer do fígado, fazendo-me ainda uma preleção contra o uso do quinino.

Ao vê-lo pelas costas tenho ímpetos de dar-lhe uma banana. E não lha dou. Só dou banana quando o macaco é meu.

*Têrça-feira, 16 de dezembro:*

Ao abrir, pela manhã, os jornais, encontro a notícia da morte de Silva Ramos, que se verificou ontem à noite. Vitimou-o uma trombose, tendo adoecido há uns vinte dias. Morre quase com 78 anos. Virtuoso das letras, foi mais um professor do que um escritor. Não deixou uma obra, uma frase, ou um pensamento.

Não carregou para o seu túmulo nem a pedra, nem o tijolo, nem a areia. Irá, na literatura, diretamente para a vala comum, isto é, para o mesmo lugar a que iremos ter, todos nós, mais cedo ou mais tarde...

*Quarta-feira, 17 de dezembro:*

Na tarde cinzenta, um grande transatlântico, de três chaminés, demandando a barra, em busca do oceano largo. A bordo, vão, com certeza, brasileiros que podem, pela sua fortuna, fugir ao inferno de ódios e de miséria em que nos debatemos. E eu me imagino entre êles. Mas, nesse caso, sentir-me-ia eu feliz?

Consulto a consciência, e a sua resposta é negativa. Se eu fôsse naquele navio, sentir-me-ia, nesta hora, com o coração despedaçado, como um réu a quem abrissem as portas do cárcere, mas que deixasse neste um punhado de companheiros inocentes, condenados à morte...

Há dez dias nesta casa admiràvelmente arrumada e composta, fazendo despesas maiores do que fazíamos, e, até hoje, nenhum hóspede! Os que vêm atraídos pelos anúncios, louvam tudo, elogiam tudo, combinam preços, marcam dia para a mudança, e não mais aparecem.

Não digo nada a minha mulher para não a desanimar. E ela também nada me diz, pelo mesmo motivo. Cada um, porém, adivinha o silêncio do outro.

E eu, diante de tudo isso, perguntando a mim mesmo: terei que fazer com isto uma tragédia ou um romance humorístico?

*Quinta-feira, 18 de dezembro:*

Sessão da Academia, em que se tenta a eleição da mesa para 1931. Elege-se presidente a Ramiz Galvão, que renuncia. Fernando Magalhães procura estabelecer confusão no pleito, na esperança de conseguir a sua eleição. Gustavo Barroso é recusado em seis escrutínios pela Academia, que dispersa votos, ou votas em branco, para não o eleger. Afrânio Peixoto segreda, em conciliábulos, a fim de prejudicar o que estava estabelecido por proposta minha, e que consistia em afastar da direção da casa todos nós, que tivemos posições políticas na situação passada, evitando, assim, que a Academia seja hostilizada pelo Govêrno Revolucionário. Coelho Neto, vendo o pérfido trabalho de Afrânio Peixoto, que pretende secretamente hostilizar o govêrno com sacrifício da Academia, simulando estar fazendo o contrário, diz-me, ao lado:

— É uma atividade diabólica, a dêste homem!

E, dentes cerrados, com vivacidade:

— "Seu" Humberto, se eu viesse por um areal, morto de sêde, e encontrasse êste Afrânio no meu caminho com um copo dágua e todos êstes sorrisos, eu derramava a água, e não bebia!

*Sexta-feira, 19 de dezembro:*

No pavimento superior da Academia, encontro o ex-Deputado Homero Pires, meu antigo colega de Câmara, que me fala do seu desejo de regressar para a Bahia, e da necessidade, que tem, como escritor, de permanecer no Rio.

— Eu tenho lá interêsses, — diz-me; — mas tenho aspirações literárias que se relacionam com a Academia. Se eu me afastar daqui perderei o terreno já conquistado, pois ninguém dá importância, aqui, a livro que se publica nos Estados.

— Você tem razão, — confirmo.

E defino:

— O Rio é uma cidade míope: só lê de perto...

*Segunda-feira, 22 de dezembro:*

Na Academia. Laudelino Freire, Afrânio Peixoto, e eu. Assunto: filólogos brasileiros. Fala-se de Mário Barreto. E a palestra toma êste caminho:

*Afrânio* — Se Mário Barreto viesse para a Academia, faria logo três exigências: que o Dicionário fôsse feito sob a exclusiva inspiração dêle; que só trouxesse o seu nome no frontispício e que fôssem seus os direitos autorais.

*Laudelino* — Você diz bem. Mário é um dos maiores egoístas que eu conheço.

*Afrânio* — Mário Barreto não cita nos seus trabalhos um só escritor brasileiro, a não ser Silva Ramos, e isso porque Silva Ramos lhe não podia fazer sombra em nada: não tinha livros, não tinha popularidade nem ambições.

*Laudelino* — Você diz bem. Além disso, Mário é um dos homens mais desorganizados do Brasil. Basta dizer que, educador, as filhas dêle, com dez e doze anos, já mocinhas, se conservavam analfabetas! Quando trabalhávamos juntos, fiz o possível para que êle pusesse as filhas em um colégio. E nada consegui!...

*Quinta-feira, 25 de dezembro:*

Manhã chuvosa e úmida. O mar e a terra cobertos de cinza lilás. Árvores paradas, imóveis, como ramalhetes verdes sob o borrifo invisível de um pulverizador. E hoje é dia de Natal.

Ontem à noite saí para comprar um pequeno brinquedo para meu filho mais novo. Os outros, maiores, levaram a tarde a pilheriar com a nossa condição atual. Cada um comeu as suas cas-

tanhas e o seu pedaço do meio queijo que mandei comprar, e dormiu cedo.

E a paz do Senhor, — a boa paz do espírito e do coração, — sem alegria, mas sem tristeza, envolve, neste dia, a minha casa de pobre...

* * *

Abro, pela manhã, os jornais. E encontro em todos êles palavras de decepção, e de censura ao govêrno estabelecido pela Revolução. Em São Paulo, jornais suspensos. Aqui, uma declaração do Chefe de Polícia de que será degredado para Fernando Noronha todo indivíduo que espalhar notícias alarmantes. Algumas fôlhas clamam contra as demissões em massa. Outra, contra a nomeação de verdadeiros celerados para cargos rendosos. Por tôda a parte o descontentamento e a desilusão, entre um ou outro sinal de falsa esperança.

As rãs queriam um rei. E gritam, agora, no bico do grou...

*Sábado, 27 de dezembro:*

Ao abrir, agora, pela manhã, os jornais, encontro esta notícia, que me penaliza sinceramente: foi encontrado morto, com um revólver ao lado e uma bala na cabeça, o poeta Hermes Fontes.

Há uma semana ainda encontramo-nos na Avenida, e êle correu para mim, pequenino, no seu passinho miúdo e ligeiro, os braços abertos, o seu perene sorriso na fisionomia mulata.

— Você está admirável!... — exclamou, com o seu hábito de louvor. — O seu reaparecimento na imprensa é mais uma vitória. Êles pensam que nos esmagam, porque têm a fôrça; mas nós surgimos adiante, mais dispostos do que nunca... Eu também aqui estou... Caí, mas de pé... E sinto-me bem...

E ao meu ouvido, com a sua voz baixa, de surdo, e as suas intermitências de gago:

— Com... conosco êles não podem, não, "seu" Humberto!

E, após outro abraço apertado, lá se foi, Avenida afora, miúdo e apressado.

Os homens em geral só fazem justiça aos seus semelhantes depois que êles, abatidos pela morte, deixam de lhes fazer concorrência na vida. A tragédia de Hermes Fontes estava diante de todos os olhos; e ninguém a via e, se a via, dava-lhe o valor de farsa ou de comédia. Órfão de pai e mãe, criado com o pão alheio, conseguiu impor-se pelo vigor do seu estro poético. Sonha com

a Academia, e é duas ou três vêzes recusado, recebendo votação afrontosa. Apega-se à política, prestando serviços ao govêrno do seu Estado e, no momento, recusam-lhe a deputação prometida. Casa-se; tem paixão pela mulher; e a mulher, doidivanas, leva existência dissoluta, levando vida de "cocotte", passeando à luz do dia com os amantes, levando-o, dêsse modo, à dissolução do contrato conjugal.

A Revolução, tirando-lhe o lugar de oficial de gabinete do Ministro Konder, completa o seu aniquilamento moral. Restituído aos Correios, repartição de que era funcionário, é mal recebido pelos companheiros. O desmoronamento é absoluto, integral. E êle, não podendo assistir à catástrofe do seu mundo, delibera, num gesto brusco ou meditado, sepultar-se sob os seus escombros.

Um lar feliz, ou, pelo menos, organizado, teria impedido êsse ponto final vermelho no poema da sua amargura. Hermes vivia sòzinho na casa em que fôra venturoso. O Natal é a festa doméstica. E êle, nessa noite, não tinha ninguém a seu lado: nem pai, nem mãe, nem espôsa, nem filhos. Ninguém!

E matou-se.

*Domingo, 28 de dezembro:*

Visita de Magalhães de Almeida, que me comunica ser pensamento do Govêrno Provisório, — pensamento já anunciado pela imprensa, — decretar, por intermédio do Tribunal Especial, a perda de todos os direitos políticos aos congressistas que apoiaram o Presidente Washington Luís na última fase do seu govêrno. E acentua:

— A idéia dêles, com isso, é afastar-nos das eleições, para que tomem conta disto sem concorrência. Êles sabem que muitos de nós continuam com o seu prestígio nos respectivos Estados, e que voltaríamos a dominar. E vêem que só nos poderão aniquilar por êsse golpe de fôrça.

Manifesto a minha indignação contra essa infâmia, não porque pretenda voltar à política, mas pela covardia que êsse ato representa. E como me declare disposto a escrever um artigo violento, atirando isso tudo à cara dos homens do govêrno, Magalhães aconselha-me:

— Nada disso. Nós precisamos ter calma. O que a prudência nos aconselha, é que façamos como os camelos no deserto, que metem o focinho na areia e ficam imóveis até que passe a tempestade.

A mim, custa-me, porém, permanecer indiferente quando se trata de verberar uma indignidade. E esta, de que se fala, é daquelas que fazem tremer, indignados, os ossos dos mortos.

*Segunda-feira, 29 de dezembro:*

Leio, nos jornais, a denúncia apresentada ao Tribunal Especial por um dos procuradores, contra cento e tantos deputados que votaram pelo reconhecimento dos candidatos a deputado pela Paraíba nas eleições de março de 1930. E é com espanto que não encontro, entre os acusados, o meu nome.

É possível, entretanto, que isso se explique. No dia do reconhecimento eu estive na Câmara, e meu nome devia constar da lista da porta. No momento das votações retirei-me, porém, do recinto, numa satisfação silenciosa à minha consciência. Eu achava, de mim para comigo, que o govêrno estava se excedendo na humilhação imposta àquele Estado. Os candidatos liberais pleiteavam junto à comissão a presença dos livros eleitorais, isto é, aquilo que se fazia em relação aos outros Estados. O Presidente da República fêz questão, porém, de manifestar a sua fôrça, e ordenou que se fizesse o reconhecimento sem esperar pelos livros! Acrescia que os candidatos do govêrno federal haviam sido liberais até as vésperas do pleito, e que só haviam se declarado contra o govêrno do Estado depois que tinham visto o seu nome eliminado da chapa. Essas circunstâncias calaram na minha consciência, e de tal modo que procurei ausentar-me do recinto no momento da votação.

Quando se fêz a chamada para esta, eu estava na sala do café com o deputado gaúcho Augusto Pestana. Em seguida, tomei o elevador, e fui para a Secretaria da Câmara, no 3.º andar. Feita novamente a chamada com as campainhas, perguntou-me o diretor da Secretaria, Ernesto Alecrim:

— O senhor não vai votar?

— Não; repugna-me dar o meu voto a essa violência.

— Mas, que é que tem? tôdas as outras eleições não são como essa?

— Devem ser; mas essa é escandalosa demais.

E sentei-me, até que, meia hora depois, um contínuo me veio avisar que os deputados paraibanos haviam sido reconhecidos, e os maranhenses logo depois.

Como foi, porém, que se apurou a minha ausência? Terá havido votação nominal ou chamada dos deputados presentes?

Não sei; o certo é que, se neguei o meu voto, e não disse nada a ninguém, foi simplesmente para dar uma satisfação a mim mesmo, isto é, à minha consciência.

* * *

Na Academia, presentes Laudelino Freire, Afrânio Peixoto e eu. Fala-se de Hermes Fontes, do seu fim trágico, e Laudelino conta como Hermes veio de Sergipe.

— Eu era deputado estadual em Sergipe, e um dos sete representantes da oposição, quando notei que, todos os dias, aparecia nas galerias da Assembléia um meninote que acompanhava com grande interêsse os debates. Um dia trouxeram-no à minha presença, como um menino prodígio. E eu verifiquei que se tratava realmente do portador de uma memória assombrosa, pois que o pequeno sabia de cor discursos inteiros de Rui Barbosa, e até alguns meus, proferidos na Assembléia. Êsse menino era o Hermes Fontes, ou o Hermesinho, como era conhecido em Aracaju... Morando com o cunhado, modesto empregado da Recebedoria, o pequeno não podia ser aproveitado, como convinha. Foi então quando me lembrei de oferecer-me para trazê-lo para o Rio, a fim de interná-lo no Colégio Militar, de que eu já era professor. Êsse meu oferecimento de oposicionista meteu em brios o Martinho Garcez. "Não, senhor, — declarou êste; — quem toma conta do menino sou eu!" Mais tarde, em encontro que tivemos, conversamos sôbre o menino, ficando combinado que êle traria o Hermes para o Rio, tomando-o sob a sua proteção. Embarcamos no mesmo vapor, o Martinho com o pequeno, e eu. E aqui o Martinho fêz por êle o que se sabe, contribuindo, aliás, para prejudicá-lo moralmente, pois que, como ninguém ignora, o Martinho Garcez vivia em companhia de amantes.

E saltando por cima de trinta anos:

— Na manhã de 24 de outubro o Hermes chegou à minha casa, aflito. Queria um conselho meu. Perguntava-me se devia, ou não, vir para a cidade procurar o seu ministro. Disse-lhe que seria inútil, pois o Konder já devia estar prêso àquela hora; e, depois, não lhe permitiriam a passagem pelo túnel, ocupado pelas tropas revolucionárias.

— Então, — disse-lhe Hermes, — é melhor que eu fique mesmo por aqui, para proteger as meninas.

E Laudelino continua:

— As meninas eram a mulher e a cunhada, que viviam uma vida de dissolução em um arranha-céu por trás do Lido. E ao

falar nelas, acrescentou: — "Minha mulher tem sido mal julgada, Laudelino. Ela tem aquêles modos americanos, mas é pura!" E disse isso com os olhos cheios dágua. Não sabia de nada, coitado; ou fazia por não saber...

*Quarta-feira, 31 de dezembro:*

Meia-noite. Estouram os primeiros foguetes saudando o ano que vem. Por diante da minha casa os automóveis em disparada buzinam e estrondam, carregando passageiros alegres, rumo dos clubes em que a gente se diverte. Eu, entretanto, amarrado a esta mesa, que é meu pelourinho e minha recompensa, medito sôbre as surprêsas do meu destino...

A noite está quente, com a metade da lua no céu. A outra metade fragmentou-se em estrêlas...

## 1931

## JANEIRO

*Quinta-feira, 1.º de janeiro:*

A minha vida tem se tornado, nos últimos tempos, uma espécie de marcha ascencional para a cratera de um vulcão. À medida que avanço, vai a viagem se tornando mais difícil, mais penosa, e o caminho mais íngreme, reduzindo o rendimento do esfôrço. Em 1928 publiquei dois livros; em 1929 apenas um; em 1930, nenhum. Trabalho muito, escrevo muito, mas o que sai da pena é, hoje, obra transitória de jornalista e não, mais, a do homem de letras, como era minha ambição e meu sonho. Sou, atualmente, como um náufrago numa ilha deserta e que, atormentado pelo frio, queima, para aquecer-se, as tábuas do escaler em que devia salvar-se.

O ano de 1930 encontrou-me deputado, com perspectiva de prosperidade e esperanças de repouso, e despediu-me hoteleiro, doente, cansado, com uma sobrecarga de sonhos mortos, em um país desorganizado e reduzido à miséria, em que se não dá mais valor ao trabalho da pena.

Entro, enfim, em 1931, como um homem que, após uma noite de tempestade, vê raiar o dia e se encontra, à claridade dêle, como Jó: entre os escombros da sua casa, diante do seu campo incendiado, cercado pelos cadáveres das suas ovelhas...

O primeiro hóspede que tomou aposentos em nossa casa, entrou ontem à tarde e chama-se Gaspar (Gaspar Coelho).

É um rei mago empregado no comércio, e natural do Amazonas. Não sei se traz o ouro, a mirra ou o incenso. Não veio montado em camelo mas trouxe pela rédea um norte-americano alto, magro, mestiço da Virgínia, e que é seu companheiro de quarto.

Não veio guiado por nenhuma estrêla, mas por um anúncio nosso, no "Jornal do Brasil".

Vou mandar entoar, hoje a canção dos pastôres.

*Sábado, 3 de janeiro:*

Abro os jornais revolucionários. Desilusões constrangidas em que, sentindo-se roubados, os jornalistas acusam, pelas faltas do govêrno de hoje, o govêrno de ontem. O orçamento da receita para 1931 foi majorado, acentuando-se a política protecionista, pela qual se acusava o govêrno passado. O balanço no Tesouro de Minas Gerais mostra que o Estado deve cêrca de 400.000 contos, e que, quando rebentou a revolução, já devia nove meses de vencimentos ao funcionalismo. Minas fêz a revolução para esconder o seu desastre, ou, como diria Rui Barbosa, procedeu como Mme. de Maintenon, que inventou a moda dos vestidos frouxos para dissimular que estava grávida.

O barco vai, enfim, deslizando na correnteza, rumo das cataratas, com os marinheiros bebendo e jogando...

*Domingo, 4 de janeiro:*

Antes de deitar-me, li a notícia da missa de Hermes Fontes. E com êsse elemento, o subconsciente preparou êste sonho, que, narrado a esta hora matinal, ainda me horroriza e arrepia.

Eu tinha ido à missa do poeta e, terminada esta, havíamos nós, seus amigos, ido nos despedir dêle, que se achava presente, na capela da igreja ou do cemitério. Todos o abraçavam e, ao chegar a minha vez, abraço-me com êle, exaltado e comovido:

— Hermes, — grito, — eu sempre te admirei, Hermes! Nunca te disse porque é êsse o meu feitio, Hermes!... Mas todos sabem como eu te queria, como eu te admirava!... Eu reconhecia que tu eras o maior de nós, o maior poeta do Brasil depois de Bilac!... maior do que Bilac, Hermes!...

E, dizendo-lhe isso, abraçava-o com emoção exaltada, enquanto que êle me não respondia, a cabeça no meu ombro, numa dor silenciosa, profunda e recolhida.

Desço a escadaria da capela mas, tendo esquecido um embrulho, torno ao lugar da despedida. E chego precisamente no momento em que o poeta vai se recolhendo, de novo, ao seu túmulo. Olho-lhe o rosto, e vejo, então, que está intumescido, roxo, e meio comido, já, pelos vermes. Tomado de pavor — de um pavor que só tenho em sonhos, — tento voltar, mas dou com a minha mulher, que, ao ver-me, grita para uma sua prima, afastando-a de mim:

— Alzira, minha filha, foge, pelo amor de Deus! Não te encostes nêle!...

E puxando-a pelo braço, horrorizada de mim:

— Foge, que êle está fedendo a carne podre!...

E acordo suado, num arrepio de terror, com o coração batendo como um desesperado.

*Segunda-feira, 5 de janeiro:*

Ontem, lua cheia. Olhava o horizonte, de um banco da praia, quando notei que um dos morros do outro lado da baía começava a incendiar-se. Atentei melhor, e vi. Era a lua que surgia no céu claro, e que punha à mostra um pedaço da face luminosa. E, em breve, ei-la subindo, amarela e enorme, como um balão de ouro levantado lentamente, insensìvelmente, por mãos invisíveis.

Êsse espetáculo comoveu-me profundamente. Evoco algumas noites de luar da minha vida. Lembro aquela em que, na Parnaíba, vi, com um telescópio, o doce astro romântico, e a tristeza de que se me encheu o coração ao sabê-lo deserto e sem água. E vejo que, deserta, e estéril, é, também, hoje, a existência que levo, — sem dinheiro, sem pão, sem saúde, e, o que é pior, sem entusiasmo e sem esperança...

*Têrça-feira, 6 de janeiro:*

Em uma visita breve a Edmundo Bittencourt, no seu palacete da Rua Copacabana, fala-me êle do seu desinterêsse absoluto pelos acontecimentos políticos. Vive, hoje, na sua fazenda de Teresópolis e do aluguel dos seus imóveis. E nem lê os jornais. Nem, mesmo, o "Correio da Manhã", senão por acaso. Conversamos sôbre a situação financeira, e êle observa:

— Eu, no lugar do Getúlio, teria deixado de cerimônias, e lançava uma série de contribuições pesadas sôbre tôdas as grandes fortunas dêste país: Modesto Leal, Guinle, essa gente tôda. Porque a verdade é que tôdas as grandes fortunas do Brasil foram feitas à custa do Tesouro: a dos Guinle com as Docas de Santos, construídas com o dinheiro do Banco da República, e a do Modesto por uma série de patifarias que o tornaram dono de tôdas as fazendas fluminenses hipotecadas a um banco emissor no tempo do Encilhamento, e, mais tarde, nas liquidações do tempo de Campos Sales.

E passa a referir os casos, em que Modesto Leal aparece como sócio de Joaquim Murtinho.

— Murtinho — diz, — ao morrer deixou uma fortuna superior a 50.000 contos, e não foi com certeza com a homeopatia que êle se tornou arquimilionário. Infelizmente, neste país não se lê nada e se esquece tudo que se viu. Você não vê essa glorificação constante de Campos Sales? E houve quem fizesse maiores males a êste país do que Murtinho e Campos Sales?

Perfila-se na cadeira de palha, e exclama, encarando-me na meia escuridão do terraço:

— Quem instituiu a política dos governadores, criando as oligarquias que devastaram os Estados? Quem inventou os 2% ouro, e o sêlo de consumo, que encareceram a vida e se vêm agravando até hoje? Murtinho e Campos Sales!

E dando de ombros, para mudar de assunto:

— Mas ninguém quer ver isso... Ninguém se lembra disso...

*Quarta-feira, 7 de janeiro:*

Visita de Múcio Leão, que me vem pedir o voto para a vaga de Silva Ramos na Academia. Alto, moreno, elegante, pausado nas palavras e nos gestos, fazendo um esfôrço enorme para tornar-se amável e simpático. Inùtilmente é, porém, o moço que, não obstante o seu valor, tem o cuidado de se não referir jamais aos escritores da sua geração, para que o barulho do nome dêles não prejudique o interêsse pelo seu.

É, sem dúvida, um legítimo homem de letras e que, pelas suas letras, merece a Academia. Eu receio, porém, que o prêmio seja prematuro, e que o seu caráter seja abalado pela precipitação na recompensa.

*Quinta-feira, 8 de janeiro:*

Na Academia, antes da sessão.

*Adelmar Tavares* — Você não chegou a ver o corpo do nosso Hermes Fontes? Eu estive na casa, e fui ao cemitério. Com que desejo de morrer êle deu ao gatilho!... Imagine você que êle meteu o cano do revólver, rasgando a carne, até o fundo do ouvido, para, então, disparar a arma!...

*Luís Carlos* — E aquela mulher... aquela mulher...

*Adelmar Tavares* — Você viu? No meio de tudo aquilo, aos gritos, a dizer que ficava na miséria e a me perguntar se ela ficava com direito ao montepio!... E o pobre Hermes morreu sem dei-

xar uma só palavra de acusação!... Nem uma queixa, nem um recado, nem uma palavra justificando o seu ato!...

E caímos, todos, em silêncio.

*Sábado, 10 de janeiro:*

Diálogo entre indivíduos do povo, e que me foi transmitido:

*A.* — Então, camarada, que é que me diz você da política, depois da Revolução?

*B.* — Homem, eu acho que não adiantou nada. A merda é a mesma, as môscas é que mudaram...

*Segunda-feira, 12 de janeiro:*

O aspecto da baía do Rio de Janeiro nestes últimos dias de verão tem sido deslumbrante. Águas, céu, luz e montanhas, num jôgo de côres e de formas verdadeiramente imprevisto, formam, à tarde, paisagens atordoantes, que parecem menos realidade do que imaginação.

Eu sinto isso tudo, mas, como estrangeiro. Desapareceu em mim a capacidade de admirar a Natureza, e de comover-me diante dela. Eu me encontro, enfim, como um viúvo que se casa novamente com mulher jovem e bela, que a tem ao alcance do seu braço mas a quem falta, já, a capacidade do amor...

*Quarta-feira, 14 de janeiro:*

Data em que, por uma superstição alimentada há trinta anos, eu espero sempre que me aconteça alguma desgraça.

A mim, êste ano, não me aconteceu nada. Mas a Juarez Távora, General da Revolução, sucedeu uma coisa desagradável: casou-se êle hoje.

*Sexta-feira, 16 de janeiro:*

Há três ou quatro dias, Assis Chateaubriand me telefona:

— Humberto, eu me preocupo mais com a sua saúde do que você imagina. E você conhece o Silva Melo, êsse grande médico que é o Silva Melo? Pois, bem: o Silva Melo, que é um dos seus grandes admiradores, quer tratar da sua saúde. Faz questão disso. É só você passar pelo consultório dêle, e você será imediatamente atendido.

Procuro Silva Melo, no seu vasto consultório da Rua Sete de Setembro. Figura bizarra de soldado da Independência ou de

ministro do Império. Alto, rosto escanhoado, mas ornado de costeletas alouradas, com alguns fios brancos. Cabelos ligeiramente grisalhos, e descuidados, de sábio. Figura de homem de estudo, sepultada num túmulo de livros alemães e inglêses, cujas paredes são formadas de estantes enormes.

Recebido, agradece-me êle a gentileza de haver atendido ao seu convite. Acha que é obrigação sua, e dos médicos brasileiros, não consentir que eu abandone a minha saúde e desbarate a minha vida. Na Alemanha, na Inglaterra, na França ou na América do Norte eu estaria rico. A ciência do meu país não pode, pois, me desamparar, quando eu sofro e preciso dela. Gentilezas graves de homem fino. Palavras afetuosas de homem bom.

Submeto-me a exame. Exame de coração, de fígado, de pulmão, de pressão arterial. Exame de sangue e de urina. Uréia, normal. Pressão boa. Exame de sangue, negativo.

— É a maior surprêsa da minha vida! — confesso-lhe. — Que a Revolução tivesse triunfado a 24 de outubro, admite-se; mas que o exame do meu sangue tenha apresentado resultado negativo, é, para mim, o fato mais surpreendente dêste século!

Os meus males, na sua opinião, são dois: o da hipófise, e o da bexiga. Há, também, qualquer coisa no coração; mas sem importância. Eu tenho que ir, pois, a dois outros médicos: o Dr. Paulo César, que me tratará da bexiga, e o Dr. Almeida Reis, que me fará uma radiografia do coração e da aorta. Quanto a despesas, nada me custará. Êle, Silva Melo, se entenderá com êles. Êles ficarão contentes de me prestar um serviço. Se eu tiver constrangimento de ir sem convite, serei convidado. A catequese, em suma, de um homem fino, para afastar de um orgulhoso-tímido, como eu, tôda espécie de constrangimento.

Hoje, fui a um e a outro. Recebido com afeto, e com a atenção que se dispensa, em geral, ao homem mais rico da cidade. O Dr. Almeida tira as radiografias recomendadas, e ainda outras, que me podem ser úteis. E Paulo César, feito o primeiro tratamento, diz-me:

— Antigamente, eu não lhe podia fazer imposições, obrigando-o a ser pontual no tratamento. Agora, posso: imponho-lhe que venha aqui todos os dias!

De regresso para casa, eu me pergunto a mim mesmo: Mas, como havia ainda tanta gente boa no mundo, e eu não sabia?

*Sábado, 17 de janeiro:*

O meu sonho desta noite resume, em parte, os acontecimentos de ontem. Eu tinha ido consultar um feiticeiro, caboclo claro,

que se acocorou na areia e partiu uma galinha preta. Em seguida, tomou nas mãos um pombo prêto e branco, amarrou-lhe sob a asa um bilhete, e soltou-o. A ave deu algumas voltas pelo céu, e foi pousar sôbre um telheiro, a que o caboclo subiu, para apanhá-la. Ao descer com o pombo nas mãos, acocorou-se de novo na areia, ciscou na terra, fazendo no chão uns riscos com os dedos, e, abrindo o papel retirado da asa do pombo, mas ainda prêso a êste, sentenciou:

— A sua vida há de ser sempre cheia de aborrecimentos... O senhor nunca terá seguidamente cinco dias felizes... Se tiver quatro dias de paz, no quinto virá uma contrariedade... As suas horas melhores são as do dia em que se reúne com uns colegas, numa sociedade de que faz parte...

— As da quinta-feira na Academia, por causa dos cem mil-réis... — digo-lhe irônicamente.

Fico, porém, sério, de repente, e interrogo:

— E a minha saúde?... Que é que diz de minha saúde?

Mas não obtive resposta; o caboclo já havia soltado o pombo...

*Têrça-feira, 20 de janeiro:*

Resultado dos exames a que me submeteram os três médicos que me estão tratando: hipófise, inflamação paralisada; coração enorme, com desenvolvimento considerável da aorta; bexiga e rins, inflamadíssima aquela, com eliminação de pus, denunciando pielite. Anteontem à noite, calafrios.

Fadiga e pêso nas pernas. Desejo de repouso físico, impossível na pequena sala a que me acho circunscrito. E o motor, o cérebro, em cima, na água-furtada do edifício velho, trabalhando firme, com precisão...

*Têrça-feira, 27 de janeiro:*

Abro um jornal pela manhã, e leio: "Faleceu ontem, às onze e meia da noite, o escritor Graça Aranha". As notícias são longas, derramadas. O romancista revolucionário, que vivia ùltimamente acastelado em um arranha-céu (Edifício Milton) da Praia do Russel, passara bem até às 10 horas da noite. Às 11, ou pouco antes, começou a sentir os efeitos de um edema agudo do pulmão. Às 11½ estava morto.

Graça Aranha, trabalhador moroso, mas ambicioso de notoriedade, vivera êstes últimos anos, senão tôda a sua vida, a po-

lir a pedra da sua própria glória. Os seus livros eram lançados como artista de cinema: após reclamo intenso, a que não faltava o escândalo. Êle tinha mêdo, parece, de ficar esquecido. Foi isso que determinou o seu rompimento com a Academia; a organização de um grupo de devotos que lhe consagravam poliantéias; e, ùltimamente, a da "Fundação Graça Aranha", espécie de Academia dos Goncourts, em que se pensava menos no premiado do que naquele que dava o prêmio.

Com êle desapareceu, em suma, um dos mais belos escritores, mas, também, o mestre, entre nós, do cabotinismo literário.

*Sexta-feira, 30 de janeiro:*

Dias e noites de tormento, com a minha enfermidade da bexiga, que reclama confôrto, paz e comodidade. Sitiado na sala de frente da minha pensão, separado do banheiro da casa pelas salas de jantar, de espera, e do hall, passo a maior parte do dia sem contato com aquêle refúgio doméstico, e, depois do jantar, até meia-noite, que é quando os hóspedes abandonam a saleta de música, onde ficam a manejar a vitrola e o piano, moendo em um e outro todo o trigo inútil das suas horas.

O tratamento tem agravado sensìvelmente o meu estado, irritando-me os órgãos enfermos e determinando febre, intoxicação, e dores permanentes e irritantes. Segunda-feira, vão os meus médicos, ou antes, a Faculdade de Medicina, que piedosamente tomou conta dos meus restos vivos, experimentar a vacina de germes colhidos em mim mesmo, a fim de atenuar os efeitos dos curativos.

E eu tenho tanto, ainda, que fazer neste mundo!...

*Sábado, 31 de janeiro:*

Sob a chuva que alaga as ruas, corro ao médico em busca de um curativo que me alivie as dores. Regresso molhado, e com os meus padecimentos agravados pela umidade. E meto-me na cama, com o saco de água quente, que me suaviza os sofrimentos.

E é na cama, na minha sala de estudo, de repouso e de enfermaria, que recebo a visita do ex-Deputado Homero Pires, autor do livro *Junqueira Freire, sua obra e seu tempo,* o qual me vem pedir o voto para a vaga de Graça Aranha na Academia. Com a sua cara que tem não sei quê de ave noturna, dentes superiores à mostra, e que procura recolher com o cacoete de quem beija no vácuo, é uma figura curiosa de semita literário. Pesqui-

sador minucioso, tem milhares de retalhos de jornais, que classifica e coleciona. E não tira, dessa fortuna em papel-ouro, o proveito que poderia tirar. Prometo-lhe, todavia, o meu voto, sob a promessa de que porá êsse tesouro em circulação. E êle promete.

Vamos ver, assim, o que nos dará, no domínio das letras, com a sua usura, êste que é, nelas, um dos mais simpáticos filhos de Israel.

## FEVEREIRO

*Têrça-feira, 3 de fevereiro:*

Sofrimento, sofrimento, sofrimento. A impressão de que sou um saco feito de carne humana, mas cheio de pregos e navalhas, que me espetam e retalham de dentro para fora. Pequenos sonos de dez minutos em noites que parecem de setenta horas. E nestes sonos ligeiros, sonhos pavorosos, com fantasmas que ainda vejo depois de acordado.

E ainda pela manhã, a obrigação de escrever coisas alegres...

*Quarta-feira, 4 de fevereiro:*

Não quebres, nunca, um brinquedo na presença de uma criança.

*Sexta-feira, 6 de fevereiro:*

A nova política brasileira caracteriza-se pela afirmação da ignorância presunçosa. Dificilmente se poderiam reunir tantas mediocridades sem a menor noção da própria responsabilidade. Verdadeiro ajuntamento de boêmios apaixonados pela violência, ou puro ajuntamento de conspiradores de baixa origem que tivessem jurado guerra ao bom senso e à inteligência.

Vale a pena ler os jornais do tempo, especialmente os mais amigos do govêrno, para ter uma idéia da hora que o Brasil atravessa sob a mão de meia dúzia de rapazes saídos das mesas de jôgo, dos cabarés, das fazendas de gado e das prisões militares para as altas funções governativas.

*Sábado, 7 de fevereiro:*

Getúlio Vargas — um bôbo risonho, de pernas curtas e covinhas na face, cuja maior alegria consiste em ouvir dizer que é esperto.

*Quinta-feira, 12 de fevereiro:*

Ao anoitecer, visita de Coelho Neto, Ataulfo de Paiva, Olegário Mariano e Adelmar Tavares, que, sabendo, na Academia, do meu estado de saúde, me vieram ver, após a sessão.

Durante a visita, fala-se de uma notícia do "Correio da Manhã", sôbre um conflito que se está verificando em tôrno do túmulo de Graça Aranha. Segundo informa aquêle jornal, as flôres que são depositadas na sepultura do romancista aparecem horas depois atiradas por terra, dando a entender que se trata de inimigos da sua arte, que assim lhe vão conspurcar a glória.

— Inimigo, nada! — atalhou Coelho Neto; — já tôda a gente sabe do caso, que ainda vai acabar em escândalo. — Quem vai tirar as flôres do túmulo, e lança-as fora, é a própria mulher do Graça. Porque sabe que elas são postas pela amante, que vai ao cemitério quase todos os dias.

— Tôda a gente sabe disso, — acentua Ataulfo. — As flôres são postas na sepultura dêle pela Nazaré... (A Teresa, d'el *Viagem Maravilhosa*).

A palestra vai para o terreno literário. E a opinião geral é que um dos desejos de Graça Aranha era a reconciliação com a Academia, reconciliação que se não deu em virtude da insistência do grupo de rapazes que lhe exploravam a vaidade, e que fizeram dêle um prisioneiro e, mais do que isso, um instrumento do seu despeito impotente.

*Quinta-feira, 19 de fevereiro:*

Sete dias de tormento, de martírio; quase de desespêro. Uma semana inteira com uma sonda espetada na bexiga inflamada, e que entra em espasmos, ou fica obstruída pelos detritos, de meia em meia hora. Às vêzes, não podendo mais suportar as dores, arrancava a sonda, no meio da noite. E, sem ela, as dores ainda se tornavam mais irresistíveis.

Hoje, pela madrugada, não pude mais. E aqui estou a escrever esta nota no mesmo estado em que me encontrava há uma semana, e isso após oito dias e oito noites de sofrimento inútil!

*Domingo, 22 de fevereiro:*

Dois dias de tormento ainda maior, ontem e hoje. Tendo a sonda me ferido a bexiga em algum movimento durante a noite, sobreveio a hemorragia. Esta determinou o aparecimento da or-

quite. Dor e agonia. Apelo a todos os médicos que me podem socorrer, e que não chegam nunca. Febre. Princípio de delírio. E outra viagem pelos desertos da Síria em um camelo que Pierre Loti me ofereceu há três ou quatro anos, em outro delírio que tive.

À noite, ligeiras melhoras. Consigo ler e compreender um estudo sôbre Balzac, feito por Brunetière.

*Segunda-feira, 23 de fevereiro:*

Ora, graças a Deus! Após alguns anos de pesadelos e terrores que Maupassant me legou, tive os primeiros sonhos amáveis e coloridos! O primeiro foi esta noite, em uma das oito fatias de sono em que a dividi. Eu passeava com minha filha pelos jardins da Avenida Beira-Mar quando vimos sôbre um tanque florido uma linda borboleta que se debatia entre a folhagem. Corremos a apanhá-la. Era marrom, com uma espécie de manto amarelo nas costas e um avental branco na frente. Podia ter um palmo de asa a asa.

— Vamos leva-la à tua mãe... — disse à minha filha. — Não é das mais bonitas; mas é a borboleta mais elegante que eu tenho visto...

Em caminho, porém, pela Rua do Passeio, encontramos, diante do mostruário de uma casa de móveis, duas freiras, vestidas precisamente como a nossa borboleta morta. E eu me quedo triste, meditativo, perguntando-me a mim mesmo:

— Quem sabe se esta borboleta não era companheira destas religiosas, e se eu não acabo de matar uma freira?

O outro sonho foi agora à tarde. Eu dormia há uma hora, e sonhava. Estava em Paris, quando Coelho Neto, que falava com alguém ao telefone, me chama:

— Humberto, o Anatole France quer falar contigo... Êle está falando da Suíça e acaba de fazer-te os maiores elogios...

Corro ao fone, um aparelho atrapalhado, que engata e desengata e dá-me a impressão de uma gaita de fole.

— Alô! Alô!...

O aparelho desmancha-se nas minhas mãos. Endireito-o, conserto-o, na minha atrapalhação:

— Alô! Alô!...

Escuto voz de mulher.

— É a sobrinha dêle, — diz-me Neto; — espera que êle vai falar.

Nesse instante, batem à porta do quarto em que durmo. Desperto de repente. Minha filha mergulha a cabeça:

— Papai!
— Que é?
— Está aí o Fidélis, contínuo da Academia.
E por causa do Fidélis eu deixo de falar com Anatole France!...

*Têrça-feira, 24 de fevereiro:*

Alto, fino, lépido, corado, terno de linho branco refrescando ainda mais a sua fisionomia de sexagenário conservado, Edmundo Bittencourt penetra, alegre, o meu quarto de doente. Desceu ontem da sua fazenda de Teresópolis, sobe hoje, e, sabendo-me enfêrmo, correu a ver-me.

Fala-me da sua vida de lavrador, de criador, de plantador de rosas e cravos, e da sua descrença em fazer do prêto ou do caboclo brasileiro coisa que preste.

— Quando eu comprei essa fazenda do Quebra-Frasco, resolvi proteger aquela pobre gente do povo, tirando-a da miséria em que vivia. Mandava comprar no Rio dúzias e dúzias de cobertores de lã, e distribuía. Fundei uma escola, e, na época das plantações, distribuía sementes pelos moradores. E sabe qual era o resultado? Comiam as sementes e iam vender os cobertores no Alto da Serra, às vêzes por uma ninharia! O pior, porém, foi o que deu a escola: o caboclo aprendia a ler, descia logo para o Rio, abandonando a fazenda. E os que ficaram, deram para escrever cartas anônimas com palavrões de arrepiar o cabelo! Tive que mandar o professor embora e entregar os pobres diabos ao seu destino.

E com veemência:

— Querem agora êsses idiotas do govêrno dispensar o braço estrangeiro... Como? Você vê a Light: motorneiros portuguêses, condutores portuguêses, trabalhadores no alfalto quase todos portuguêses ou espanhóis. O brasileiro não quer isso: quer é ser carteiro do correio, guarda-civil ou mata-mosquito. Coisa leve, com pagamento certo... Uma vergonha!

*Sábado, 28 de fevereiro:*

Ainda em casa, sofrendo. Lá fora, na cidade alarmada, o pânico da bancarrota, o câmbio abaixo de 4, a libra a 62$000, o dólar a 12$400. E o Presidente da República sorrindo cretinamente ao povo e passeando pelo interior de Minas, ao mesmo tempo que o Ministro da Fazenda se entrega à escolha de re-

tratos de mulheres para gravar nas moedas divisionárias! E a imprensa aplaude, encantada, a estupidez dêsse govêrno que deu um emprêgo público a cada um dos seus redatores...

O Brasil está bêbedo!

## MARÇO

*Segunda-feira, 2 de março:*

Visita de Fernando Magalhães, Presidente da Academia, que me vem comunicar assunto de urgência. Conta-me êle que, por conta própria, e em caráter particular, escrevera uma carta a Júlio Dantas, consultando, sob reserva, sôbre a possibilidade de um entendimento em tôrno da questão ortográfica. Assinalara alguns pontos da reforma portuguêsa, em que o Brasil podia fazer concessões, e outros da reforma, que Portugal poderia adotar. E agora acaba de receber a resposta de Júlio Dantas, acompanhada de um parecer reservado dos filólogos da Academia das Ciências de Lisboa, no qual êstes se declaram dispostos a reabrir as negociações para a uniformização gráfica da língua portuguêsa na Europa e na América.

— Sendo você membro da comissão de Gramática da Academia, eu venho pedir a sua opinião, e ver se é possível uma reunião quarta-feira, às duas horas. Caso você não possa ir, a comissão poderá reunir-se aqui, em sua casa. Eu virei também.

Dou-lhe a minha opinião favorável a um entendimento, indicando os pontos em que devemos insistir, ressalvando as tendências da língua no Brasil. E prefiro que a reunião se faça na Academia, pela falta de comodidade em minha casa.

À saída, quase, tratamos das vagas na Academia.

— Para a do Silva Ramos há o Alcântara Machado e o Múcio Leão. Ainda ontem recebi um telegrama do Paulo Bittencourt, diretor do "Correio da Manhã", pedindo-me o voto para o Múcio.

— E você?

— Voto no Alcântara. Entre os dois não há comparação...

*Têrça-feira, 3 de março:*

Leio as "Memórias", de Goethe. Infância feliz, despreocupada, e tranqüila, de menino rico. Nenhuma preocupação de ordem econômica. Excelentes professôres, bons livros, ambiente

aristocrático e artístico. Saúde, abundância, distinção. Os elementos, enfim, para a formação física e mental de um semideus.

E lembro-me que, na idade em que êle recebia essas dádivas do Destino, eu era órfão, pobre, e sofria fome...

*Quarta-feira, 4 de março*:

Pela manhã, um telegrama de minha mãe, que se acha em Parnaíba, comunicando-me o falecimento, ali, do seu irmão Antoninho, e que, com isso, a sua situação se tornou dolorosíssima. Era na companhia dêle, e de uma irmã solteira, que ela vivia, auxiliada embora pelo aluguel da casa que ali possui.

E vêm-me à lembrança a figura e a vida dêsse tio, que acaba de desaparecer com setenta e poucos anos. Pequeno, miúdo, rosto redondo e picado de bexigas, usava o cabelo duro e curto, cortado a "brosse-carré". Bigode pequeno e grisalho, e uns olhos côr de rapé escondidos no fundo das órbitas, e em que havia um misto de bondade e desconfiança. Metódico e lento, era a expressão mais característica dos indivíduos do meu sangue materno. Jamais desejou na vida senão que o deixassem viver. E viveu setenta e dois ou setenta e três anos, menos para si do que para os outros. Não amou, não namorou, não casou. Trabalhou modestamente, obscuramente, para as irmãs, que tomou a seu cargo desde a idade de quinze anos, e morreu.

Se a abnegação e a renúncia fizessem os santos, eu teria, hoje, um santo na família.

*Segunda-feira, 9 de março:*

Ao entrar-me no quarto, em visita, Magalhães de Almeida, ex-presidente do Maranhão, diz-me:

— Então, outra vaga na Academia; não?

— Quem morreu?

— O Dantas Barreto. Não sabia ainda? Morreu ontem.

Eu sabia, há dias, que o velho marechal se achava em estado grave, em que se complicavam a arteriosclerose e padecimentos da bexiga. Mas ignorava a sua morte, por falta de jornais ou de quem ma comunicasse.

E vêm-me à lembrança, de mistura, a sua fama e a sua decadência, o esplendor da sua nomeada há quinze ou vinte anos, e a sua transformação em animal inofensivo e ridículo, desmoralizado pela obra corrosiva do tempo.

Ministro da Guerra, Governador de Pernambuco, Senador da República, Deputado, Acadêmico, Marechal, Dantas Barreto

constituiu, em certo momento da vida brasileira, uma das grandes esperanças do regime. Probo e inflexível, dispondo de popularidade nas fôrças armadas, o seu nome por muito tempo amedrontou os políticos, que temiam o lançamento da sua espada na concha da balança em que se negociavam as candidaturas presidenciais. Pouco a pouco, porém, foi sendo esquecido. Chegou-se a compará-lo a êsses leões de tapête, que arreganham os dentes mas não fazem mal a ninguém. Até que tombou no olvido absoluto, ao mesmo tempo que a velhice e as enfermidades lhe consumiam as últimas energias.

Fìsicamente, o organismo acompanhava o desastre moral. Figura imponente de soldado até os sessenta anos, apesar da sua estatura mediana, o que dêle restava era, apenas, a ruína do que fôra. Os bigodes insolentes e o olhar aquilino haviam desaparecido, ou cedido à fôrça do tempo. A pele aderira à caveira, coroada por alguns cabelos brancos e duros, cortados rente. E o que irradiava dessa fisionomia morta era, apenas, o cansaço e a imbecilidade.

Vão carregar, assim, hoje, para o túmulo, um homem que, de há muito, já havia morrido.

*Quinta-feira, 12 de março:*

No seu livro sôbre a Revolução, intitulado *1.ª Bateria, fogo!*, conta o Capitão Afonso de Carvalho que, ao ser embarcado em uma lancha que devia aguardar ao largo a passagem do "Alcântara", em que devia seguir exilado para a Europa, o Presidente Washington Luís perguntou ao General Borba, que o acompanhava, porque não ia diretamente para bordo.

— O Govêrno Provisório tomou essas providências para evitar um desacato dos estivadores.

— Mas, que tenho eu com os estivadores? Eu não devo nada aos estivadores!

Antônio Prado Júnior, que tem liberdade com o Presidente deposto, intervém:

— E a vaia?

— Ora, a vaia! — responde filosòficamente o outro.

— A vaia é o aplauso dos que não gostam!

Em encontro com o autor do livro, peço-lhe informações sôbre a frase, e sôbre tôda a cena do embarque. E êle me informa:

— Tudo que está narrado é rigorosamente verdadeiro. Como o senhor sabe, o Marques Pôrto, que é da Polícia Marítima, ia na lancha conduzindo os exilados. Êle tomou as notas na noite dêsse dia, e foi êle quem as forneceu.

*Sábado, 14 de março:*

As afeições que nascem de um demorado convívio, têm sete fôlegos, como os gatos. São como os esqueletos dos feiticeiros, cujos ossos, na opinião dos antigos, se transformam em cobras e escorpiões.

Quem me ajuda a matar êste gato, que ainda me arranha o coração?

*Domingo, 15 de março:*

A imprensa tem estado em alvorôço, nestes últimos dias, com um mistério policial de que tôda a gente tem a chave mas que ninguém pretende revelar.

Residindo no palacete mais suntuoso do Rio, o capitalista Eduardo Guinle despertou, segunda-feira pela madrugada, sentindo dores fortes na cabeça. Olhou em tôrno, e viu o travesseiro ensopado de sangue. Passou a mão na nuca, e sentiu que estava ferido. Dormindo só, no andar superior do prédio, tocou a campainha, chamando os criados. É chamada a Assistência, que se faz acompanhar da Polícia. E o que esta apura é que houve uma tentativa de morte, sendo os golpes vibrados durante o sono da vítima com uma das estatuetas do palacete. Mas quem vibrou êsses golpes?

A Polícia apurou o seguinte: que nenhum estranho penetrou no palacete; que Eduardo Guinle não vive em boas relações com a senhora, que reside, contudo, no andar térreo do prédio; e que a situação financeira do casal é complicadíssima, a ponto de acharse em atraso com o salário dos criados.

E para completar a Polícia, diz-me um amigo:

— A vida do Eduardo é a história mais complicada do mundo. Como você sabe, a senhora com que êle casou era noiva do Guilherme, irmão dêle. O Guilherme embarcou para a Europa, deixando a noiva aqui, confiada ao Eduardo; e quando regressou, o Eduardo estava noivo com ela. E a vida dessa senhora tem sido um tormento. O Eduardo é o maior sultão do Brasil. Deve a Deus e ao mundo. E o Guilherme continua rico e equilibrado. Quem terá, pois, da família, tentado contra a vida do Eduardo?

É tema, como se vê, para um romance. Terei eu, acaso, um dia, paz e sossêgo para escrevê-lo?

*Quinta-feira, 19 de março:*

Na manhã clara, com pedaços de nuvens brancas esfarrapadas no céu, e em que o mormaço faz entrecerrar os olhos, desfila pela Praia do Flamengo um Regimento de Infantaria, que já fêz, ontem, o mesmo passeio, sonorizando a cidade com a sua banda de clarins. Notícias vagas de desgostos no campo revolucionário. Assegura-se que, após a passagem do Príncipe de Gales, os generais assumirão a tutoria do Presidente da República, afastando os civis inquietos que o "controlam" atualmente.

Boatos... Tropas na rua... Foi assim que o Presidente Washington começou...

Ao meio-dia, Assis Chateaubriand telefona-me pedindo-me que não trate mais de política nem me refira mais às figuras do govêrno nas minhas "Notas de um Diarista". A de ontem determinara uma ordem para minha prisão, — ordem do Ministro Osvaldo Aranha, — que foi, entretanto, retardada pelo chefe interino da Polícia, o qual transformou a ordem em um chamado do secretário do jornal àquela repartição, e a um aviso para que não publicasse mais artigos meus a não ser os de cunho nìtidamente literário.

O meu artigo de ontem é uma entrevista com um macaco. E um govêrno que se preocupa com os macacos quando o câmbio despencou da casa dos 4 para a dos 3, está francamente votado à morte. É govêrno destinado a morrer de ridículo.

*Sábado, 21 de março:*

Na Secretaria da Academia Brasileira de Letras conversa-se sôbre a candidatura do Coronel Gregório da Fonseca, secretário do chefe do Govêrno Provisório, à cadeira de Dantas Barreto. Argumenta-se com a circunstância de ser um autor que produziu apenas, em tôda a sua vida, três conferências, e que traz a eiva política, pela sua função oficial no momento.

— Eu votarei nêle, — declara francamente Medeiros e Albuquerque, depois de acompanhar a palestra com a mão em concha no pavilhão da orelha direita. — É meu amigo, e eu não entro mais em considerações de outra ordem.

E antes que formássemos juízo sôbre as suas palavras:

— É isso mesmo. Eu já atingi uma idade em que não se põe mais a amizade abaixo da literatura. Entre um escritor de talento e um amigo que seja candidato, estarei com o amigo...

Dá uma risadinha ligeira, que parece um soluço, e torna:

— Tivesse eu escrito a *Ilíada*, os *Lusíadas*, ou a *Divina Comédia*, e soubesse que, publicando a obra, perderia a amizade ali do Fidélis (*) e não tenham dúvida: poria fora o poema!

A palestra deriva para o Dicionário. Laudelino Freire queixa-se da displicência de João Ribeiro, que não dá mais importância a assuntos literários, reduzindo tudo a dinheiro. Fernando Magalhães conta, então, um caso característico. Tendo o filólogo Pedro Pinto recebido de São Paulo um livro de Direito do pai de Guilherme de Almeida, e sendo amigo do autor, foi pedir a João Ribeiro que elogiasse a linguagem do livro, que era, de fato, limpa e cuidada.

— Ah! elogiar? Não. O livro não presta. Êsses bacharéis quando se metem a puristas são uma calamidade. Além disso o artigo atacando a obra já está escrito, — respondeu-lhe o mestre.

Pedro Pinto, desolado, escreveu ao autor comunicando o insucesso da missão. E eis que, dias depois, aparece no "Registro Literário", do "Jornal do Brasil", a crítica do livro, em que João Ribeiro elogiava vivamente a obra. Ao lê-la Pedro ficou comovido. Com certeza João Ribeiro substituíra o artigo, modificando as opiniões do primeiro, em virtude do seu pedido. Devia-lhe, pois, uma visita de agradecimentos. E foi à sua casa.

Ao tocar, porém, no assunto, o velho crítico o interrompeu:

— Você não me deve nada. Eu é que lhe devo.

E contou, com a displicência habitual:

— Eu tinha escrito mesmo o artigo contra o livro. A minha opinião era que a obra não prestava. Ia levá-lo ao "Jornal do Brasil" mas, ao entrar na Livraria do Jacinto, êste me perguntou se eu já havia escrito alguma coisa sôbre o volume que era edição da casa. Disse-lhe que sim, e mostrei-lhe as tiras. Êle leu, perguntou quanto eu ia ganhar pelo artigo. Disse-lhe que era 100$000, êle me deu essa quantia e me rompeu as tiras. Eu, então, escrevi outro, a favor, pelo qual o "Jornal do Brasil" me deu outros 100$000.

E com a mesma calma, para Pedro Pinto:

— De modo que, como está vendo, você não tem nada que me agradecer. Eu é que tenho que agradecer a êsse seu amigo ter-me fornecido um assunto que me rendeu 200$000 e que só ia me rendendo a metade...

---

(*) Servente da Academia, de côr preta, muito serviçal.

*Quinta-feira, 26 de março:*

Pelas constantes observações que tenho feito, cheguei à conclusão de que o sonho não é o reflexo daquilo em que pensamos durante o dia, mas o desdobramento do que estava latente em nosso cérebro, e que não desenvolvemos suficientemente quando acordados. O ligeiro pensamento diurno é apenas um traço à superfície; mas êsse traço continua à noite no sentido da profundidade, com os caprichos de uma visão submarina. O sonho oferece-nos, em suma, a parte de pensamento que evitamos ou que não concluímos em estado de consciência. Apenas, durante o sono, a sua elaboração se torna ilógica, arbitrária, inconseqüente, pela falta de fiscalização do raciocínio.

*Sábado, 28 de março:*

Os jornais dêstes últimos dias têm anunciado que a Fundação Graça Aranha, instituída por êste escritor, não desapareceu com o seu patrono, tendendo, antes, a desenvolver-se, e que continuará a ser patrocinada pela Sra. Nazaré Prado, que a ideou e iniciou. A Fundação vai ser, agora, confortàvelmente instalada, a expensas da sua benfeitora.

A Sra. Nazaré Prado é a Teresa d'*A Viagem Maravilhosa,* na qual Graça Aranha se disfarçou na figura jovem de Filipe.

*Domingo, 29 de março:*

Ao levantar-me, cedo ainda, recebo um telegrama triste de minha mãe: faleceu em Parnaíba minha tia Ritinha, a última das minhas tias solteiras, e que vivia em sua companhia, e na do meu tio Antoninho, que também se foi para sempre dêste mundo nos primeiros dias dêste mês.

A notícia do seu desaparecimento faz-me voltar ao passado, ao tempo em que a conheci, há trinta e seis ou trinta e sete anos. Ela devia ter vinte e poucos anos, e era um curioso tipo feminino. De um moreno pálido e fino, possuía grandes olhos azulados, ou entre o azul e o amarelo, que lhe davam uma graça particular. Era fina e elegante, e de um retraimento orgulhoso que não encontrava explicação. Não gostava de festas nem de passeios e jamais alguém lhe conheceu namorados. Nervosa, preocupada sempre com enfermidades que não tinha, passava a maior parte do tempo deitada, mergulhada em si mesma. Dava, em suma, a impressão de uma criatura exilada, que vive entre estrangeiros e se não conforma com a condenação.

Agora, terminou a sua pena. Cumpriu, por inteiro, a sua sentença. E o que o telegrama de minha mãe me diz é que essa pobre exilada voltou, finalmente, à sua pátria...

* * *

Procurei conversar com o dinamarquês, marido da senhora que tem por amante um rapazola que a vem visitar polidamente todos os dias, aqui em casa, e que têm os seus encontros possìvelmente fora daqui. O dinamarquês desculpou vivamente o rapaz, dizendo-me que é pessoa muito distinta, e muito seu amigo, — embora tenha de vez em quando uma cena de ciúme por causa dêle, com a mulher.

É um cínico. Merece tôda a ornamentação com que a mulher o favorece.

*Segunda-feira, 30 de março:*

Outro sonho bizarro, o desta noite; mas desenrolado nas camadas mais profundas do cérebro, de modo que, só alguns momentos depois de acordado, alta noite, dêle me lembrei e pude, mais ou menos, reconstituí-lo.

Era um caminho negro e de edifícios negros, como essas ruas de cais em que os navios descarregam carvão de pedra. Por essa rua fúnebre passava um féretro mortuário, um caixão de defunto levado aos ombros por oito homens. Sôbre o caixão, perseguindo-o, voavam demônios munidos de lanças de prata, que faiscavam na meia escuridão e que procuravam alvejar o defunto, isto é, a caixa negra em que êle ia guardado. À frente do pequeno cortejo funerário, indicando o rumo a seguir pelas ruelas escusas, via-se, em gestos desordenados, o escritor católico Tristão de Ataíde, que, apontando para a frente, exclamava, nervoso e indignado:

— Por aqui!... Por aqui!...

O caminho era o do Inferno. E não apurei, ao certo, se o defunto era eu.

*Têrça-feira, 31 de março:*

Saio de casa às 3½, para ir ao médico. Em caminho, no bonde, sinto uma perturbação forte: tontura, mal-estar, e a sensação de que me encontro a bordo, em mar alto, em dia tempestuoso. Procuro com os olhos, em tôrno, um automóvel que me

reconduza a casa ou me leve à Assistência. Não vejo nada, fecho os olhos, e continuo a viagem. Respiro fundo, tentando reagir. Consigo dominar a crise e, ao dar o bonde a volta ao Jardim do Russell, busco distrair o olhar e a atenção, procurando à sombra das árvores o busto, em bronze, de Alberto de Oliveira, há tempos inaugurado. Enquanto o bonde roda, vou pensando:

— O Alberto já tem o seu busto... Entretanto o Coelho Neto não o tem... Por que não promover homenagem idêntica à sua glória?... Vou conversar com o Fernando Magalhães, com o Laudelino, com o Aloísio... Uma subscrição entre admiradores e amigos, e um pedido de licença à Prefeitura... Mas. esta dará a licença, tratando-se de pessoa viva?... O govêrno agora é outro... Qualquer dia os amigos de Graça Aranha tomam uma iniciativa dessas, e Graça terá o seu busto num jardim público, antes do Neto... É verdade que Graça Aranha é um morto... É melhor não aventurar... Quando o Neto morrer, se fôr antes de mim, êle terá o seu busto numa praça pública...

Por essa altura das minhas reflexões, o bonde se encontra, já, em frente ao Passeio Público. Um pequeno sobe ao estribo, vendendo os jornais da tarde. Compro um, e, a certa altura, leio que Coelho Neto se acha em estado grave, tendo sido, pela manhã, vítima de um ataque de uremia. À Rua Treze de Maio, salto. Corro a um telefone. Tenho o pressentimento de que o escritor àquela hora está morto. Atende-me o seu filho Paulo, que me diz:

— Papai quase morre e, infelizmente, ainda não está fora de perigo... Logo depois do café, ainda lá em cima, foi atacado de uma convulsão, perdendo os sentidos... Chamamos a Assistência, e os médicos fizeram três incisões nas veias do braço, mas não veio sangue... Na quarta e na quinta saiu já um sangue grosso, uma golda... Só depois das dez horas é que êle recobrou os sentidos... Tiraram três copos de sangue, e êle está muito exausto...

À noite, vou visitar o meu grande mestre e amigo. Não subo. As filhas e os genros contam-me, porém, as particularidades do caso.

— Papai não toma juízo, "seu" Humberto, — diz-me uma das moças; — imagine o senhor que os médicos lhe têm recomendado a maior dieta. E sabe o que êle fêz? Entrou ontem em casa com um enorme pedaço de lingüiça, mandou assar, e comeu tudo, com um grande pedaço de queijo, antes de dormir!... De manhã teve o ataque. E quando melhorar, fará outra vez a mesma coisa!...

## ABRIL

*Sábado, 4 de abril:*

Pela manhã, ao abrir a janela do meu quarto, dou com os olhos em um gato prêto que descansa no pátio da casa vizinha, com a parte traseira pousada no cimento e apoiado nas patas dianteiras.

— Mau agouro! — diz, superficialmente, o céptico que existe em mim, em um tom de mofa e de ironia.

Mas o supersticioso hereditário que lá está escondido no meu íntimo, franze a testa, com um receio soturno e inexplicável:

— Cuidado com o dia de hoje!

Durante a manhã tôda esqueço o gato. Mas, à tarde, ao sair para o meu curativo no consultório do Dr. Paulo César, começo a encontrar pela rua, saudando-me e até me abraçando, pessoas consideradas "jettatori". No percurso de dois quarteirões deparo nada menos de quatro. E ao dar com os olhos em cada uma, sinto o sinal de alarme na memória:

— Olha o gato!...

Vou ao médico. De regresso, ao passar em frente à Livraria Boffoni, vejo Rafael Pinheiro. Chego-me a êle para pedir notícias de Goulart de Andrade. Trocamos, os dois, idéias sôbre o momento político, e, em particular, sôbre a "Junta de Sanções", constituída dos Ministros Osvaldo Aranha, Leite de Castro e Francisco Campos, e que tem por objetivo o afastamento da atividade de todos os políticos do regime deposto, a fim de lhes não fazerem concorrência na organização da futura Constituinte, exigida pelos credores inglêses para concessão do "funding".

— Tu já sabes com que êles vão inaugurar êsse Tribunal... Começarão ferozmente... — diz-me Rafael. — Têrça-feira será lavrada a sentença banindo os membros das comissões que trataram dos casos de Minas e da Paraíba. Serão banidos por cinco anos... Tu não fizeste parte de nenhuma delas; não é verdade?

— Fiz; eu fiz parte da comissão que estudou as eleições em Minas. Fui até relator do pleito em dois distritos...

— Pois, olha, meu velho, desculpa-me. Eu não gosto de dar notícias desagradáveis a ninguém. Mas a informação que te dou é de fonte segura; é de quem poderia dar... Prepara-te, porque terás de abandonar por cinco anos êste desgraçado país...

Dissimulo quanto posso a intensidade do choque. De quantos golpes me têm sido vibrados na vida, êsse é o que mais me tonteia e me abate. Embarcar para o estrangeiro, abandonando

família, e lá viver... Mas, com que recursos? E, ademais, doente, sofrendo continuamente, como poderei subsistir em terra estranha quando sinto, já, os efeitos da velhice precoce? Procuro, porém, estudar a situação, e estabelecer um plano, a executar no estrangeiro. Correspondência de jornais, e uma comissão da Academia. A família alugará mais a sala em que moro. E eu esperarei a morte no exílio, pois que tenho a certeza de que não viverei mais cinco anos, principalmente sem os cuidados médicos que o meu organismo reclama.

Enquanto medito sôbre isso, o Diabo Risonho exclama, incorrigível, dentro de mim:

— Maldito gato!

E o Diabo Sério, que dorme ao lado daquele:

— Desgraçado país que entroniza a maldade e a ignorância, e que consente em ser governado por meia dúzia de estancieiros que nasceram para esfolar bois e criar burros!...

*Domingo de Páscoa, 5 de abril:*

Acabo de ouvir, pelo rádio da casa vizinha, que se escuta da minha casa, a missa da Ressurreição cantada em não sei que templo da capital. A música religiosa, a majestade da liturgia católica, a emoção dos sacerdotes que celebram aquêle sacrifício, a gravidade do culto, penetram-me o espírito e o coração. As minhas aflições desta hora, a falta de consôlo humano, o isolamento moral em que vivo, tornam-me permeável à beleza da religião, oferecida pela Igreja.

Sinto necessidade de confôrto fora da terra. Terá me ferido o coração, e o entendimento, o raio que converteu Paulo no caminho de Damasco? Não sei que é; tenho sêde, e sinto que só me saciará, neste instante, uma gôta de água do céu...

Choro. E o chôro faz-me bem.

* * *

Indo à redação do diário em que escrevo, mostraram-me ali o original de uma fotografia tirada na véspera na residência de Goulart de Andrade, e em que o poeta aparece no meio de parentes e pessoas íntimas. Sentado, trajando pijama, o meu pobre amigo é, hoje, uma triste ruína humana. Magro, escaveirado, a cabeça pendida sôbre o peito mas com a face voltada para o fotógrafo, apresenta na fisionomia todos os característicos dos longos sofrimentos e da noite que lhe começa a descer sôbre o cé-

rebro. Crânio de caveira, nu, e de pele ajustada ao osso, os olhos lhe brilham no fundo das órbitas, muito redondos, como de ave noturna amedrontada. Um sorriso que é mais um movimento de chôro mostra-lhe os dentes brancos sob os beiços magros: sorriso que se não sabe se é, na verdade, uma expressão de reconhecimento aos que lhe prestam aquela homenagem confortadora, ou, já, um reflexo da imbecilidade em que se vai aos poucos afundando.

Horas antes, no meu encontro com Rafael Pinheiro, havia pedido notícias do desventurado poeta e companheiro de sonho.

— Deu-se nêle uma ligeira reação, — disse-me êle; — o organismo continua resistindo; mas, o que é triste, é a progressão do entorpecimento cerebral.

— E não há possibilidades, também, de melhoras nesse sentido?

— Não; a anemia cerebral de que êle se ressente é muito profunda. A irrigação não mais se fará. De modo que é impossível o restabelecimento das suas faculdades mentais...

*Têrça-feira, 21 de abril:*

Continuo trabalhando muito. Leio e escrevo. Hoje, além da minha crônica diária, escrevi cinco artigos sôbre comunismo, para os diversos jornais de Assis Chateaubriand. Há vinte dias que venho produzindo literatura dessa ordem, mais ou menos na mesma proporção. E isso para ter um conto de réis por mês.

Os nervos estão distendidos como a corda do arco de Guilherme Tell. Quando a flecha partir, qual será o alvo?

*Quarta-feira, 22 de abril:*

Na Confeitaria Lallet, em uma roda de médicos, trata-se da crise, e do modo por que ela se vem refletindo nas rendas do consultório. Presentes Brandão Filho, Leonídio Ribeiro, Leitão da Cunha, Matos Pimenta. Um dêles lembra um trocadilho, em circulação na classe.

— Antigamente, — diz — a frase verdadeira era a do Couto (Miguel): "Não há doenças; há doentes"; mas, hoje, é o contrário: "Há doenças; o que não há é doentes".

E todos concordaram.

*Quinta-feira, 23 de abril:*

Eleição de Alcântara Machado, na vaga de Silva Ramos, na Academia. Concorria com êle Múcio Leão, que obteve, em 2.º escrutínio, 13 votos contra 19.

— Êste rapaz — diz-me Coelho Neto, referindo-se a Múcio, — levou muito longe o direito de cabalar. Eu ainda não havia tomado café hoje pela manhã, e já havia mulheres telefonando para minha casa...

E Olegário Mariano:

— O Múcio tinha como certo o voto do Félix (Félix Pacheco); mas eu hoje de manhã bati para a casa dêle com uma carta do Afrânio (Afrânio de Melo Franco, Ministro das Relações Exteriores), e voltei de lá com as cédulas para o Alcântara, nos quatro escrutínios...

*Sexta-feira, 24 de abril:*

Estatura mediana, moreno pálido, bigode curto e ligeiramente grisalho; duas entradas profundas no cabelo ralo, mas reparadas pela pastinha discreta, aberta ao meio; paletó-saco, sem colête, camisa de colarinho mole; dentes "pivot", com a base escurecida pelo fumo e pelo tempo, e brigando uns com os outros; cinqüenta e cinco anos de idade, mas aparentando quarenta e oito; falando para si mesmo, como os artistas de cinema antes do cinema falado, obrigando-nos a fixar a atenção, para saber o que êle diz. Êsse homem é Alcântara Machado, o novo Acadêmico.

Em palestra, refiro-me ao seu livro "Vida e Morte do Bandeirante", obra que inaugurou um gênero novo nas nossas letras, restaurando o Brasil colonial com os públicos documentos do tempo, catados nos arquivos.

— Mas a minha melhor obra é outra, — diz-me.

E referindo-se ao seu filho, o jovem escritor Antônio Alcântara Machado:

— A minha melhor obra é o Antônio... É por êle que me vou mudar para o Rio. Não quero que meu filho se perca naquela vida provinciana de São Paulo...

*Sábado, 25 de abril:*

Na Secretaria da Academia. Medeiros e Albuquerque diz-me:

— O Afrânio de Melo Franco não sabia que o Mangabeira havia dado a D. Sebastião Leme 200 contos para a sua viagem a Roma, quando foi ser sagrado cardeal. Eu é quem lhe disse e êle mandou verificar, e viu que era verdade... E não foi muito, relativamente, pois que o Arcoverde recebeu quantia igual do Rio Branco, em iguais circunstâncias, e naquele tempo a vida era cinco vêzes mais barata. Feitos os cálculos, D. Sebastião Leme devia ter recebido mil contos...

*Quinta-feira, 30 de abril:*

Sessão pública da Academia, com a presença do Ministro da Instrução, e a promessa de presença do Presidente Getúlio Vargas, que se fêz esperar até as 5½ e, afinal, não compareceu nem se fêz representar. Objetivo da sessão: assinatura das bases do acôrdo com a Academia das Ciências de Lisboa, para uniformização da ortografia da língua.

Fernando Magalhães, que preparara essa festa a fim de ligar o seu nome a essa obra de cordialidade literária, havia preparado o decreto oficializando a nova ortografia, remetendo-o ou levando-o ao ministro, que devia assiná-lo, e lê-lo nessa ocasião. E a sua decepção foi evidente: o ministro não trouxe o decreto, e não deu uma palavra, nem para agradecer o convite ou explicar o seu comparecimento.

Falaram Carlos Malheiro Dias, da Academia das Ciências, que subiu à tribuna apoiado à sua bengala de meio-aleijado, puxando a sua perna dura, e que leu com a sua dição lisboeta um elegante discurso; e Medeiros e Albuquerque, em nome da Academia Brasileira, contando uma dezena de anedotas e fazendo pilhérias em tôrno do assunto. Em seguida é distribuído um folheto contendo as bases do acôrdo, redigido por Fernando Magalhães, e que é lido pelos cantos, debaixo de risos e de exclamações de escândalo, pelos acadêmicos e convidados.

Um desastre da Academia, preparado pela fatuidade do seu presidente.

## MAIO

*Sexta-feira, 1.º de maio:*

Há certas mulheres cuja máscara é de tal modo misteriosa, que se tem ímpetos de empunhar um bisturi, e retalhar-lhe a face, e abrir-lhe o crânio, e despedaçar-lhe o cérebro, para ver o que existe lá dentro.

*Sábado, 2 de maio:*

Em palestra com o romancista português Carlos Malheiro Dias, reduzido, hoje, a escrever notícias e legendas para o semanário O CRUZEIRO, e que se queixa da situação a que o arrastou o destino, digo-lhe:

— Você, enfim, sempre chegou a realizar uma obra... A *Paixão de Maria do Céu* é um dos romances mais famosos da língua portuguêsa...

E êle:

— Qual, meu caro Humberto! Eu nem sei mesmo se havia iniciado a minha obra literária... Todos os meus livros são quase trabalhos da adolescência... O *Filho das Ervas* foi escrito aos vinte anos; *Os Teles d'Albergaria* aos vinte e dois; e a *Paixão de Maria do Céu* aos vinte e três. Que é que se pode fazer de bom nessa idade? Mas, agora é tarde... Não vou mais por onde quero: deixo-me levar...

*Quinta-feira, 7 de maio:*

Academia. Sessão ordinária, mas animada. Fernando Magalhães, ferido na sua vaidade, como negociador do acôrdo ortográfico, pelos artigos que João Ribeiro e eu escrevemos sôbre o assunto, requer à Academia a inserção, em ata, de uma justificação da sua conduta, declarando-nos responsáveis pelo referido acôrdo, e que êle apenas encaminhara os trabalhos... João Ribeiro responde, sempre oparteado por êle, que se prevalece das fraquezas do velho mestre para atirar-lhe em rosto as suas incongruências. Falo eu, em seguida. Peço apenas que me seja fornecida cópia da sua justificação, para que a minha fique, também, nos Anais da Academia. *Verba volant*... Enquanto, porém, não obtenho a cópia dêsse documento, e não lhe dou a devida resposta, preciso explicar aos meus pares o modo por que os fatos, na realidade, se desenrolaram.

E passo a descrever como Fernando Magalhães encaminhou o acôrdo sôbre a uniformização da ortografia com a Academia das Ciências de Lisboa. As bases para o acôrdo foram organizadas por êle, e não por nós, membros das comissões de Dicionário e de Gramática. Nós, membros dessas comissões, tínhamo-nos limitado a discutir e a votar; mas não nos pudemos afastar dessas bases. Insistia, pois, em declarar que não havia ainda um acôrdo definitivo, mas apenas entendimento para um acôrdo; mesmo porque ainda há pontos por estudar, e em que divergem as duas Academias.

Terminada a minha oração, que é serena, Gustavo Barroso, que preside a sessão como secretário-geral, lê uma proposta de Medeiros e Albuquerque, louvando Fernando pela dedicação com que encaminhou o entendimento com Portugal. Medeiros deixara a proposta sôbre a mesa, e escapulira-se... Peço a palavra novamente. Declaro-me perfeitamente de acôrdo com a moção. Dou-lhe o meu apoio, que é, apenas, a repetição do que já dissera pela imprensa. O acôrdo com Portugal era uma necessidade.

Promovê-lo, um ato meritório, que eu próprio louvara; apenas não o considerava concluído. Votava, pois, a favor da moção, certo de que o Sr. Fernando Magalhães o levaria a têrmo, promovendo a solução das dúvidas ainda existentes, e a redação de um formulário. O meu interêsse não era pelo homem; mas pela obra, que êle devia encaminhar para uma solução oportuna e feliz.

Salva de palmas. Fernando retira a sua justificação e pede que não conste da ata a veemência dos debates. Encerra-se a sessão, e êle corre a dar-me um abraço, encerrando, assim, o incidente.

*Sábado, 9 de maio:*

Volúpia esquisita, esta, de descompor baixinho, de si para si, aquêles que nos fazem mal e de quem nos não podemos vingar em voz alta! É uma vingança quieta e inofensiva, que consola a alma e descongestiona o coração. O resmungo dos velhos não será uma variante dessa volúpia?

Envelheço, evidentemente. Sinto, já, certo prazer em me vingar dos outros, falando sòzinho...

*Quinta-feira, 14 de maio:*

Com o título *A Mentira Comunista,* foi distribuído hoje, gratuitamente, um folheto de 40 páginas, anônimo, que escrevi a pedido de Assis Chateaubriand. Linguagem singela, para o povo. Exposição à altura de inteligências primitivas. É trabalho de um dia e parte de uma noite.

Continuo a escrever, diàriamente, no "O Jornal", as minhas "Notas de um Diarista". E, além disso, três ou quatro artigos, originais ou tradução, contra o comunismo, que são publicados no "O Jornal" e no "Diário da Noite", e no "Diário de São Paulo".

*Sexta-feira, 15 de maio:*

Iniciei no dia 12 as minhas "Memórias", aproveitando as notas que havia tomado em 1912, em Parnaíba, quando ali estive a passeio, doente. Tenho escrito um capítulo por dia, além dos meus quatro artigos de jornal.

Foi mais um fardo, para experimentar a resistência do burro...

*Sábado, 16 de maio:*

Dia de chuva, e de umidade. Cinzento o céu; cinzenta a terra; e cinza na minh'alma. Saio, às 3½, sob a chuva, para ir ao meu médico, e fazer um pagamento, à Rua da Candelária. Subo dois andares altíssimos, galgando a escada; e sinto-me mal. Não encontro a pessoa que procuro, e desço imediatamente. Ponho-me a andar sob a chuva, e pioro de instante a instante. Ao penetrar na Rua do Ouvidor pelo Beco da Cancela, tenho a impressão de que vou morrer. Foge-me a vista, gelam-se-me as mãos e os pés; e o coração bate, em desespêro. Esforçando-me para não cair na rua, consigo atingir a Livraria Garnier. Entro; peço que me amparem, e me dêem um copo de água. Eduardo Lemos, o gerente, e o chefe da casa, Sr. Isar, levam-me para o escritório, e correm ao telefone, chamando a Assistência. Peço-lhes, na minha agonia, que não façam isso. Prefiro um médico; um remédio urgente da farmácia mais próxima. Correm em busca de Miguel Couto, que entra, aflito, sob a chuva, o bôlso do capote repleto de remédios. Examina-me: é o coração; e são os nervos fatigados. É o organismo depauperado, que não pode mais. É, enfim, a alimária que tomba, ao pêso da carga.

Melhoro, pouco a pouco. Volta-me a côr; o pulso melhora; a circulação se restabelece. Eduardo Lemos manda vir um automóvel, e traz-me para casa. E aqui estou à minha mesa, à meia-noite, tomando estas notas.

*Quarta-feira, 20 de maio:*

Para descansar o espírito em boa e leve prosa portuguêsa, fiz, nestes últimos dias, uma intensa e continuada estação de Eça de Queirós. Reli a *Correspondência de Fradique Mendes,* e li o volume póstumo da *Correspondência.* E o grande romancista aparece-me, em um e outro, sob dois aspectos: exigente com o trabalho alheio, não elogiando jamais incondicionalmente a obra literária realizada pelos amigos, sem gostar, todavia, que êstes lhe censurem a sua; e guloso, à boa maneira lusitana. O bacalhau de cebolada atravessa os seus sonhos e ferve, no seu espírito aristocrático, uma sólida panela de cozido com repôlho.

Esta última preocupação é, porém, justificável. Tratava-se de um mesentérico, sujeito a dieta constante e rigorosa; de modo que o seu pensamento está ligado, sempre, àquilo que lhe é vedado pela família e pelos médicos. Era uma espécie de Coelho Neto, cujo espírito está na iminência de se apagar pela bôca, e a quem eu expunha, hoje, essa similitude.

— Tu conheces o caso do Eça com Bilac? — pergunta-me Neto, concluída a minha exposição. — Bilac estava em Paris quando, em uma véspera de Natal, foi convidado pelo Eça para a sua ceia doméstica, à maneira portuguêsa. Bilac foi. Muita castanha, muito vinho, muito bôlo. Havia, porém, à parte, a dieta do dono da casa: uma papa e não sei que mais. À mesa, o Eça não se conteve: pôs-se de pé, e, em discurso comovido, fêz um apêlo a D. Emília, senhora dêle, para que, em nome daquele dia, suspendesse a pena que vinha cumprindo. Lembrou o que aquela noite representava para um estômago português. E, antes de receber o deferimento do pedido, meteu-se nos bolos, nos vinhos e nas castanhas... No dia seguinte estava de cama, com uma provisão de dores para um mês...

E Neto conclui:

— Outro que era assim era o Rui... Guloso como eu! E haverá coisa melhor no mundo, "seu" Humberto ?

Sorri, sem responder. Ainda não cheguei à idade em que se é dessa opinião...

*Segunda-feira, 25 de maio:*

De ontem para hoje escrevi, além de um capítulo das minhas "Memórias", quatorze artigos, que devem dar um folheto de 60 a 70 páginas.

Quando acabei de corrigi-los esta tarde, estava com a língua prêsa e as mãos inchadas.

*Quarta-feira, 27 de maio:*

Sinto que, de dia para dia, a vista se me vai ensombrando, e que marcho, gradualmente, para a cegueira completa. Do lado esquerdo nada vejo mais, e, quando na rua, ando a dar encontrões nos transeuntes que vêm dêsse lado, na mesma direção.

Penso, então, no destino que me espera: cego, pobre, sem um amigo, sem uma afeição, e sem possuir mais, sequer, êste consôlo de escrever e de ler... E vem-me à idéia, de repente, um espetáculo doloroso a que assisti em Parnaíba, quando menino. Um dos meus primos possuía no jardim um viveiro, fervilhante de pássaros. No meio dêstes havia um corrupião cego. Tonto, sem direção, vivia encolhido a um canto do viveiro, o bico encostado no arame, onde o iam perseguir todos os hóspedes do aviário: sabiás e canários, cardeais e patativas, pipiras da côr da tarde e graúnas da côr da noite. Até os vim-vins miúdos, poeira sonora

vestida de penas, iam persegui-lo, beliscá-lo no seu refúgio. Quando, perseguido, tentava levantar o vôo, batia com a cabeça no arame e nas traves, tombando ferido, num grito de dor e de desespêro.

Eu serei, talvez, como o corrupião cego. Morrerei perseguido, torturado, mas em silêncio. O mundo não ouvirá mais, vindo da minha noite, nem o meu canto, nem o meu grito...

*Quinta-feira, 28 de maio:*

Leio, em uma definição científica: "O homem é o mais social dos animais".

E é verdade. Mas os homens se associam, se agrupam, se congregam, para mais fàcilmente se hostilizarem.

Se eu fôsse Deus, e tivesse de tomar uma forma, não faria como Jeová, como Júpiter, como Brama, como Vixenu, que conservam a semelhança humana. Eu tomaria a de uma imensa abelha dourada ou a de uma enorme formiga diligente.

A vida seria doce e alegre, e o mundo teria fartura.

*Sexta-feira, 29 de maio:*

A sessão de ontem, da Academia, teve uma parte secreta verdadeiramente curiosa. Discutiu-se, nela, o que se poderia chamar "o mistério Santos Dumont".

Tendo a "A Noite", desta capital, levantado a candidatura do grande e famoso inventor da dirigibilidade aérea à Academia na vaga de Graça Aranha, Santos Dumont, que se encontrava em um sanatório dos Pireneus atacado de grave doença nervosa, dirigiu um telegrama ao nosso instituto declarando "aceitar e agradecer" a sua investidura. O telegrama é endereçado, porém, à "Academia de Ciências e Letras".

Não obstante a irregularidade, mas em atenção ao nome e ao estado de quem a praticava, a Academia aceitou a inscrição. Os demais candidatos, com exceção de Homero Pires, sustentado por Afrânio Peixoto, de quem foi companheiro de bancada na Câmara, retiraram-se do pleito, para que o eminente inventor brasileiro, preterido em tanta coisa na vida, fôsse eleito por unanimidade. E tudo ia correndo normalmente quando anteontem o presidente da Academia, Fernando Magalhães, recebeu dois telegramas, ou, antes, radiogramas, de redação diversa, em que Santos Dumont comunicava a retirada da sua candidatura. Ambos procediam dos Pireneus.

Surpreendido com êsse gesto, e com a duplicidade dos radiogramas, Fernando Magalhães procurou comunicar-se com a família do descobridor da dirigibilidade. E soube, de um:

— Mas, Santos Dumont não está nos Pireneus; está na Suíça!

E de outro, sob a maior reserva:

— Santos Dumont está no mar, em viagem para o Rio. Viaja sob sigilo porque não deseja festas nem homenagens, e mesmo porque se encontra gravemente enfêrmo.

E os radiogramas serão apócrifos.

— São do Afrânio... Coisas dêsse baiano... — diz, a um e a outro, Augusto de Lima. — Com certeza êle mandou pedir a alguém em Paris que fizesse isso anteontem, quando faltam apenas oito dias para a eleição e a Academia não tem mais tempo de apurar a verdade.

E Coelho Neto, que admite a mesma versão:

— Êste Afrânio... Êste Afrânio...

E, sùbitamente:

— Êste Afrânio é um tipo que Molière esqueceu!...

*Domingo, 31 de maio:*

Tendo iniciado, sob novos moldes, as minhas "Memórias" iniciadas em 1912 mas que se ressentiam do meu estilo e da minha cultura naquele tempo, passei a distribuir a matéria em pequenos capítulos de modo a aproveitar os miúdos episódios da infância. Nada aproveitei, a não ser o assunto, da obra antiga, que já se achava adiantada.

Iniciada essa reconstituição definitiva de 13 de maio, escrevi, em 18 dias, aproveitando as sobras do tempo, 12 capítulos, que enchem 54 páginas de 23 linhas, nesta letra liliputiana e econômica.

Durante o mesmo período de dezoito dias escrevi 37 artigos para jornais.

## JUNHO

*Segunda-feira, 1.º de junho:*

No consultório do meu médico, Dr. Paulo César de Andrade, jovem operador cujo bisturi prenuncia um grande futuro, conta-me êle ter sido procurado hoje por um cliente, homem de condição e de fortuna, que dizia vir conduzido por fôrças ocultas. Consultara um mestre da magia hindu, e êste, interpelando não sei

que deuses da Índia antiga, havia recomendado que o enfêrmo procurasse o Dr. Paulo César, que o poria bom.

— É curioso — acrescenta Paulo César, — como é que homens de certa cultura se deixam dominar pelas superstições. É o caso, por exemplo, do Jorge Gouveia, operador admirável, a quem eu tive como mestre.

E refere:

— O Jorge tem superstições interessantes. Êle não opera, absolutamente, sem consultar a côr da camisa que veste na ocasião. Se a camisa é vermelha ou tem risca vermelha, êle não opera de modo nenhum. E não opera, igualmente, quando há cachorro uivando ou gente cantando perto certas canções que considera de mau agouro. Em tais casos, ou adia a operação ou passa o bisturi ao assistente.

E conclui:

— Eu não tenho, felizmente, nenhuma dessas preocupações. Quando tenho o doente diante de mim, só existem para mim no mundo duas coisas: êle e o bisturi.

*Quinta-feira, 4 de junho:*

Homem complicado, êste grande Santos Dumont! A sua eleição, hoje, na Academia, por 19 votos contra 10 dados a Homero Pires, foi cercada de uma série de incidentes, cada qual mais imprevisto. A autenticidade dos telegramas de renúncia à sua candidatura não foi apurada. E o descobridor da navegação aérea foi, finalmente, eleito.

Vamos ver, depois disso, o que ainda vai sair daí, uma vez que os seus deuses não querem deixar tranqüilo o homem que lhes arrancou o domínio dos céus.

*Sexta-feira, 5 de junho:*

Bonito! O telegrama de renúncia era, mesmo, de Santos Dumont, que vem rumo do Brasil, e se acha no mar, gravemente enfêrmo e, parece, já privado da razão! A confirmação chegou ao Rio cinco horas após a sua eleição!

Evidentemente Júpiter não quer perdoar o titã que projetou o domínio do Olimpo!...

*Sábado, 6 de junho:*

Ronald de Carvalho, que parte hoje para Paris como secretário de embaixada, e que, ao encontrar-se comigo, não poupava

os homens que foram levados ao poder pela Revolução, dá, hoje, ao "O Jornal", uma entrevista, em que louva entusiàsticamente êsses mesmos homens.

Decepção para mim. O talento está, de tal modo, ligado ao caráter de um indivíduo, que eu passei a ver nesse moço em quem via até hoje uma inteligência de primeira água, um simples espírito de segunda ordem.

*Segunda-feira, 8 de junho:*

Vou visitar Coelho Neto, à noite, e encontro-o à mesa, jantando. Diante dêle, uma terrina de frango com arroz.

— Estás vendo? — diz-me. — É isto há quase três meses: frango no almôço, frango no jantar!

Dona Gabi intervém, explicando que os médicos insistem na manutenção daquela dieta.

— Os médicos não entendem disso, Gabi! — protesta o romancista, irritado. — Eu conheço melhor o meu organismo do que êles.

Nesse momento a servente põe à mesa, para o resto da família, um grande prato de assado com farofa. Como uma criança gulosa, Neto avança uma colher, enche-a de farofa, e deita-a no seu prato, deliciado. A espôsa protesta; a filha mais velha reclama contra a desobediência. O escritor altera-se, por sua vez, apelando para mim:

— Farofa de manteiga, Humberto; farofa de manteiga! Isto, então, faz mal a alguém?

Enquanto êle come, curvado à cabeceira da mesa, examino-lhe a figura. Está aparentemente mais gordo, ou menos magro, porém, mais curvado. O cabelo duro, que ia resistindo à velhice, começa a embranquecer, tomando uns tons de pêlo de rapôsa prateada.

Neto trabalha pouco, e vai perdendo o interêsse pelas coisas literárias. Seu maior prazer consiste em falar dos netos, dos filhos, encantado com êles. Vive menos para a glória do que para a família.

O espírito, nêle, começou a repousar. A atividade, agora, é tôda do coração.

*Sábado, 13 de junho:*

De regresso da Academia, onde havíamos ido assistir à sessão pública destinada à comemoração do sétimo centenário da

morte de Santo Antônio, e que abandonamos antes de começar, encaminhamo-nos para a Avenida, Coelho Neto, Medeiros e Albuquerque, e eu. Medeiros fala-nos da sua mudança para Copacabana, onde tem à sua disposição, na casa que ocupa, todo um pavimento. Aí ninguém o incomoda, ninguém lhe perturba o trabalho. A sua atividade reclama sossêgo absoluto. Não escreve no barulho, no tumulto, com a presença de estranhos. Por isso mesmo, espanta-se de ver Coelho Neto escrever na mesma sala em que a filha toca piano.

— Eu fui companheiro de Franklin Távora, — acrescenta, — na Secretaria do Ministério do Império. Às vêzes, trocávamos confidências. E ainda me lembro como êle se queixava do modo porque era obrigado a escrever. Os seus artigos e os seus livros eram escritos em uma pequena mesa colocada em um canto da sala de jantar, entre os gritos da mulher que falava de manhã à noite, sem parar... Eu sou incapaz de trabalhar assim.

Muda-se de assunto. E Medeiros, iniciando assunto novo, diz-me:

— Eu sou um homem que sempre andou às avessas na vida. Na mocidade vivia constantemente doente. Sofria de hemorróidas, doença de velho. Envelheci, e fiquei bom das hemorróidas. Na mocidade, era casto. Alimentava sonhos de glória e tinha horror a mulheres. Chegou a velhice; tornei-me gaiteiro.

Examina, de repente, o relógio:

— Hoje à noite devo receber em casa uma senhora, a quem estou tratando com aplicações de raios violeta, hipnotismo, e outros processos.

Ri, e acentua:

— A Academia está destinada a ter sempre um curandeiro. Antigamente, era o Murat. Morreu o Murat; agora sou eu.

E deixa-nos, para ir tomar o seu ônibus.

*Têrça-feira, 16 de junho:*

Decreto do Govêrno Provisório, adotando nas repartições públicas federais, e permitindo aos estabelecimentos de ensino, a ortografia aprovada pela Academia Brasileira de Letras, de acôrdo com a Academia das Ciências de Lisboa. Designado para redigir, com Laudelino Freire, o formulário que condensa a reforma, limitei-me a rever o que êle realizou. Trabalhador infatigável, Laudelino. Ânsia de realizar um nome, de firmar uma reputação, de fixar uma individualidade, com o auxílio, apenas, de uma cultura geral defeituosa, e de estudos filológicos esforçados, mas prejudicados pelos defeitos da cultura geral.

À noite, indo ao "O Jornal" levar a minha crônica, o secretário, Lincoln Néri, mostra-me uma carta de Medeiros e Albuquerque, em que êste lhe envia uma entrevista, para que aquêle matutino a publique como se lha tivesse pedido. Trata da reforma ortográfica. E, nela, que vem completa, desde o intróito, Medeiros se atribui a paternidade do movimento, como se a ortografia agora aprovada fôsse a sua, e não, precisamente, uma reação contra as tendências fonéticas pelas quais êle se batia.

Celebridade! celebridade! és um pecúlio feito de esmolas, recolhidas humildemente, ou pedidas de olhos baixos, com um pires na mão!...

*Quarta-feira, 17 de junho:*

Há dez dias, mais ou menos, suicidou-se em um arranhacéu da Rua Paissandu, e que é contíguo ao meu quintal, o engenheiro e sociólogo Vicente Licínio Cardoso, considerado um dos valores mentais mais eficientes da sua geração. Deu um tiro no coração, e da minha casa se escutou o tiro. Na carta que deixou, lacônica e serena, dizia levado àquele ato por sofrer de enfermidade incurável, e pedia que se comunicasse o fato, imediatamente, a quatro amigos seus, um dos quais é o meu médico, Paulo César de Andrade. Ontem me encontrei com êste, e pedi-lhe esclarecimentos.

— O pobre do Licínio, — disse-me, — estava realmente doente, mas supunha o seu estado muito mais grave do que realmente era. Êle sofria de neurastenia depressiva, o que o afligia muito. Durante meses, sentia-se incapaz de qualquer esfôrço mental, incapaz de ler ou de produzir. Considerava-se então um inútil. Há meses teve uma dessas crises e, no seu desespêro, tentou o primeiro suicídio. Fui chamado a socorrê-lo, internei-o na Casa de Saúde, e ninguém soube disso. Ùltimamente, voltou a crise. E pôs têrmo à vida por se não conformar em viver sem o uso da inteligência.

— Mas, a sua enfermidade não tinha cura? — indago.

— Não; cura, pròpriamente, não tinha; mas voltariam fases de normalidade, períodos em que êle poderia trabalhar. E êle não se coadunava com essas intermitências. Queria que o espírito estivesse pronto à primeira solicitação. E isso era impossível.

— E a religião, não lhe serviu de confôrto? Creio que êle era católico.

— É engano. A família dêle tôda era; êle não. Era espiritualista, mas não era católico. E era, sobretudo, um belo espírito e um grande caráter.

Vicente Licínio Cardoso matou-se aos 41 anos.

*Quarta-feira, 24 de junho:*

Em palestra, hoje, com Carlos Malheiro Dias, conto-lhe os meus tormentos físicos e morais, as crises nervosas de que sou assaltado diàriamente na rua, as enfermidades que suponho ter e de que sinto os sintomas; em suma, a morte de cada hora, a agonia de cada minuto.

E Malheiro Dias, em um diagnóstico possìvelmente verdadeiro:

— Teu mal, meu caro Humberto, é uma fortuna que muita gente invejaria...

— ?...

— Tu sofres... de excesso de imaginação!...

*Sexta-feira, 27 de junho:*

Visita de Homero Pires, candidato à cadeira de Graça Aranha na Academia, derrotado por Santos Dumont, o qual me vem agradecer a defesa, que assumi, do seu livro sôbre Junqueira Freire, com o qual concorrera ao prêmio anual de erudição. A comissão lavrara parecer em favor de outro concorrente; eu apresentei emenda em seu favor. Mas o parecer foi aprovado por 10 votos contra 9 obtidos pela emenda.

No correr da palestra que mantivemos, êle confessa que as duas derrotas que acaba de sofrer na Academia são devidas ao apoio que lhe tem dado Afrânio Peixoto. Alguns acadêmicos têm-lhe, mesmo, dito isso abertamente, pois Afrânio, embora muito admirado pelo seu talento, e principalmente pela sua atividade, é pouco estimado pelo seu caráter.

— E note-se que o Afrânio não é nada meu amigo, — observa Homero Pires; — tanto assim que o meu maior espanto em tudo isso tem consistido em vê-lo a meu lado, trabalhando abertamente por mim.

E vendo-me sorrir, compreende o meu pensamento:

— Já sei. Você quer dizer que tudo isso é um plano dêle: êle tem trabalhado por mim, para pôr a Academia contra mim... É ou não é?

*Domingo, 28 de junho:*

Está se processando em mim uma alteração que me espanta e, ao mesmo tempo, me consola das tristezas que me enchem a vida. Antigamente, para falar na Academia, tornava-se um es-

fôrço terrível sôbre mim mesmo. Faltavam-me os vocábulos justos, fugiam-me as idéias que imprimiam lógica ao discurso, atordoava-me, confundia-me e, não raro, terminava sem dizer com segurança o que pretendia. Hoje, tudo isso desapareceu. Peço a palavra sem refletir sôbre o que vou dizer e sem preparar uma frase de apoio; e, no entanto, desenvolvo com segurança os argumentos que me vão acudindo, de modo a ser considerado, atualmente, um homem com quem se precisa contar quando se deseja a vitória de uma causa ou de uma idéia. O dia do meu espírito, como orador, foi nublado e cinzento. Com a noite, porém, o céu vai clareando. É que a noite, graças a Deus, é de lua...

*Têrça-feira, 30 de junho:*

Abençoado sejas tu, meu Deus, que me concedeste a graça dos altos prazeres do espírito, êste consôlo de viver a vida do meu pensamento!

Que seria de mim, na verdade, sem essa bênção do céu, ao sentir-me, no limiar da velhice, pobre, doente, feio, e quase deformado, e, sobretudo, sem amor e sem amigos?

Os homens, e as mulheres, deixaram-me nu, como um mendigo. Mas Deus, na sua misericórdia, vestiu-me de estrêlas...

## JULHO

*Quinta-feira, 2 de julho:*

Na Secretaria da Academia, repleta de acadêmicos que aguardam o início da sessão no salão próximo, Augusto de Lima me apresenta um cavalheiro de estatura mediana, corretamente vestido, moreno e pálido, de olhos fundos e febris. Tem o rosto escanhoado e o cabelo ondulado, partido ao meio.

— Humberto, olha aqui... Apresento-te o professor... Como é o nome?

— Sana-Khan... — completa o desconhecido...

— Sana-Khan, — repete o poeta das "Contemporâneas". — É um homem que desvenda o destino alheio, cientìficamente. Êle quer o teu enderêço, para ir ler a tua mão.

— Com uma condição, — atalho eu; — quero apenas notícias do passado e do presente; nada do futuro; êle poderia fazer-me revelações tão graves que eu morreria antes do tempo, estragando-lhe a profecia...

— Não, senhor... Como o senhor quiser... — interrompeu o visitante; — mas, com licença... dê-me a sua mão...

Toma uma, depois outra.

— Não, senhor... Não tema conhecer o seu futuro... A linha da vida é longa, na sua mão... O senhor viverá de 67 a 77 anos...

A informação, ministrada a um homem que espera a morte todos os dias, enche-me de confiança. Olhar nervoso, falando rápido, Sana-Khan continua:

— A primeira carreira que lhe escolheram foi a de marinheiro...

Lembro-me que era êsse o pensamento de meu pai.

— O senhor tem uma imaginação muito fértil... Muitas idéias... Muitos homens, em gerações sucessivas, trabalharam para aperfeiçoar o seu pensamento, a mentalidade de que o senhor é portador...

— Muito obrigado.

— A sua vida tem que ser marcada por quatro ascensões... A última, isto é, a mais recente, foi em 1925...

— Não, senhor; eu fui eleito deputado em 1927...

— Mas começou a subir para isso em 1925...

— É verdade. O compromisso da política do meu Estado comigo é de 1925.

— O senhor é um temperamento apaixonado... amoroso... Compreende?

— Perfeitamente.

— Mas, a datar de 1924, vem se operando na sua pessoa uma profunda alteração.

— ?...

— O que era paixão ardente, impetuosa, está se transformando em fôrça de espírito, em energia ideal... As suas energias estão se sublimando... O seu espírito está em ascensão, à medida que esquece os prazeres materiais...

— Parece-me que sim...

— E isso vai ser motivo para uma conquista nova, na sua carreira... Dentro de três ou quatro anos, em 1934 ou 1935, o senhor fará uma nova conquista, de ordem social... É uma nova ascensão, no seu caminho...

E eu me senti contente. A minh'alma se acha, na realidade, tão vazia, que uma mentira que lhe lançam tem, já, hoje, o valor de uma libra esterlina no chapéu furado de um cego!...

*Sexta-feira, 10 de julho:*

Trabalho intenso, e contínuo. Um artigo, diário, assinado, para "O Jornal"; outro, anônimo, igualmente diário, sôbre comunismo, para a mesma fôlha; ainda, todos os dias, para o "Diário da Noite"; três páginas, por semana, para o jornalzinho humorístico "Não Pode!"; anúncios comerciais para "A Capital"; e, cada noite, 400 vocábulos para o "Vocabulário Ortográfico" da Academia, que estou organizando com Laudelino Freire e Medeiros e Albuquerque.

E tôdas as noites, para variar um pouco de trabalhar, vou ao médico fazer o meu curativo, e sofrer um pouco...

*Quinta-feira, 15 de julho:*

Eleição do Tenente-Coronel Gregório da Fonseca, secretário do Chefe do Govêrno Provisório, para a Academia Brasileira de Letras, na vaga de Dantas Barreto.

Militar com algum mérito literário, Gregório não produziu ainda, em cinqüenta e tantos anos de vida, duzentas páginas de prosa. É, assim, em literatura, um militar que acaba de chegar ao marechalato por antiguidade, e não por merecimento.

*Sábado, 19 de julho:*

Redução progressiva do campo visual. Vou ao exame radiológico. O médico, Dr. Duque-Estrada, vai examinar a chapa, e volta, soturno.

— Doutor, eu tenho piorado? — indago.

— Um pouco.

E tranqüilamente:

— O osso da sela túrcica cresceu e está comprimindo o nervo ótico precisamente no cruzamento.

Busco tirar ilações. É o ôlho direito que está, já, ameaçado. E regresso para a tristeza da minha casa, cambaleando pela rua, como um ébrio...

*Segunda-feira, 21 de julho:*

Passei o dia de ontem, de manhã à noite, escrevendo pequenas coisas anônimas e sem encanto, para ganhar o triste dinheiro destinado ao aluguel da casa em que moro. Hoje, cedo, o médico, Xavier de Oliveira, me telefona:

— Eu vi a sua chapa no Duque-Estrada. Mas há uma dúvida ainda, que depende do exame da urina e do sangue. Vamos submeter o sangue à reação de Botelho, para caracterizar o tumor da hipófise. Por enquanto, a ordem é esta: não trabalhe muito.

Sorrio. Eu sou, positivamente, um homem que vai nadando no mar alto para se salvar, e a quem gritam, de súbito:

— Não nades, desgraçado, que tu sofres do coração!

Se eu nadar, morro de uma síncope; se não nadar, morro afogado.

Continuo a nadar.

*Sexta-feira, 24 de julho:*

Há três dias telefono ao médico, pedindo-lhe o resultado dos exames, das pesquisas, o diagnóstico, enfim. Êle não atende. Manda-me dizer que telefonará depois. E não telefona.

Há pouco, apelei, pelo telefone, para um amigo. Que êle pedisse ao médico uma resposta, mesmo a sentença de morte. O que é preciso é que eu saia desta dúvida angustiosa.

*Domingo, 26 de julho:*

Ameaçado de cegueira, já com uma das vistas perdida e, assim, de tombar inútil precisamente quando sentia o espírito melhor provido para a realização de uma obra literária que me sobrevivesse, eu sou como um operário que passou anos inteiros a carregar o material para construção de um abrigo para os seus dias, e a quem cortam os braços no momento em que vai lançar o primeiro tijolo.

A fatalidade tapa-me os olhos no instante, exatamente, em que eu ia beber com êles, comovidamente, o líquido ouro do sol...

*Segunda-feira, 27 de julho:*

Reinicio, hoje, o meu tratamento radioterápico. Faz-me as aplicações, gratuitamente, o Dr. Jacinto Campos, irmão do Ministro Francisco Campos, da pasta da Educação. Moço atencioso, fino e culto. O aparelho é o do Sanatório Guanabara, no morro da Graça, na casa em que residiu Pinheiro Machado.

— O senhor pode melhorar, — diz-me o radiologista; — mas a sua cura só se tornará possível com uma operação. Esta, porém, o senhor só a deve fazer na Alemanha.

*Quinta-feira, 30 de julho:*

Na manhã cinzenta, úmida, e chuvosa, vou ao Hospício Nacional de Alienados, na Praia da Saudade, submeter-me a um exame da vista. Confirma-se o que eu sentia: um ôlho perdido e outro, já, afetado. Seis ou sete médicos me cercam, atenciosos e prestativos. Discutem o meu caso. Trocam idéias. E concordam unânimes:

— É uma operação sem importância na mão do Krause. Mas é preciso ir à Alemanha... À Alemanha ou aos Estados Unidos... Aqui ninguém a fêz, nem convém...

Escuto-os. E confesso:

— Os senhores querem que lhes fale com absoluta sinceridade? Pois, bem. Eu sou um indivíduo comodista, no sentido honesto da palavra. Tenho horror às viagens, às mudanças, ao deslocamento da minha pessoa e dos meus hábitos. E asseguro-lhes o seguinte: eu prefiro arriscar a vida numa operação aqui, a ir buscar a saúde em lugar distante.

Êles riram. Mas eu falei, dessa vez, escutando o meu coração.

*Sábado, 1.º de agôsto:*

Eu jamais imaginei que viesse a perder, e tão tranqüilo, o gôsto da vida. A insistência com que os médicos, na sua unanimidade, opinam pela necessidade de uma operação, e a diversidade das opiniões sôbre o país em que devo ir fazê-la, deram-me a absoluta certeza de que não escaparei à intervenção cirúrgica, sabidamente arriscada, que êles me recomendam. Tôdas as que têm sido tentadas no Brasil têm sido fatais. E não há segurança sôbre as estatísticas das levadas a efeito na Argentina. Os dois operadores mais eminentes são Krause, em Berlim, e um americano, em New York. Refletindo sôbre os perigos que corre a minha vida, eu tenho dito, a mim mesmo:

— Eu não tenho mais, no mundo, nem ilusões nem afetos. A vida está se me tornando um fardo, dia a dia mais pesado e terrível. Eu queria a vida para consagrá-la principalmente às minhas letras, à realização de uma obra que trazia no pensamento. Isso tornou-se impossível. As minhas horas são consumidas, tôdas, na conquista do pão de cada dia. Para que me serve, pois, a vida, se não a posso empregar naquilo para que a desejava? Acresce que, morrendo no ato operatório, nada sofrerei. A transição do sono para a morte será, provàvelmente, insensível. Para que, pois, podendo morrer serenamente, voltar ao mundo, a fim de aguardar, talvez, morte pior?

Essas reflexões, temperadas por Schopenhauer, preparam-me para morrer com sabedoria. Deitar-me-ei na mesa de operações como quem se deita num leito macio, para um sono largo.

Se o sono fôr bom, para que despertar?

*Quinta-feira, 6 de agôsto:*

Sei, por minha filha, que minha mulher, em companhia de uma das tias, foi procurar José Américo de Almeida e, alegando a situação em que me encontro, ameaçado de cegueira, e o seu desejo de auxiliar-me, pediu um emprêgo para si mesma. Ela procurou o ministro levando uma carta do meu velho amigo Belisário Távora. Após a informação dada por minha filha, vem, ela própria, e confirma o fato. O ministro mostrou-se vivamente penalizado, e, no meio das dificuldades que atravessa, disposto a servir-me. O único lugar de que pode lançar à mão é o de diarista dos Telégrafos, com 7$000 por dia, trabalhando cinco horas. Ela aceita o lugar para o filho, mas a filha pede-lho. Mais tarde, dentro de dois ou três meses, terá ela, segundo lhe promete o ministro, uma agência de correio.

— Disse, porém, a êle, que você o procurou à minha revelia?

— Disse. Disse que o procurava porque via que, em breve, você estaria impossibilitado de trabalhar.

Hoje mesmo, após a sessão da Academia, fui procurar José Américo, no Ministério, para apresentar-lhe o meu agradecimento. Não o encontrei, mas deixei com o seu secretário, sobrinho de Belisário Távora, o meu recado.

O seu gesto, na verdade, tocou-me o coração.

*Quinta-feira, 13 de agôsto:*

Na Academia, Aloísio de Castro procura-me. Soube, por minha mulher, do meu estado e da minha situação. E comunica-me que tomara uma deliberação, que eu não condenaria: escrevera uma carta a Gregório da Fonseca, secretário do chefe do Govêrno Provisório, pedindo-lhe que interferisse junto ao Presidente Getúlio para que eu seja nomeado fiscal do ensino, no Distrito Federal. A carta fôra subscrita por todos os acadêmicos presentes à sessão, os quais a assinaram com a maior emoção e boa vontade.

— Eu acabo de ver, meu caro Humberto, quanto você é querido nesta casa.

E acentua:

— Querido e admirado!

Agradeço, do fundo do meu coração, essa demonstração de carinho e de solidariedade profissional; mas, no fundo da minha alma reina uma dolorosa e amarga tristeza: a tristeza do trabalhador mutilado e altivo que se vê na contingência de receber uma esmola dos antigos companheiros. Esmola que êle não pediu, é verdade, mas que, nem por isso, deixa de ser esmola...

*Segunda-feira, 17 de agôsto:*

Amanheci aflito e sofrendo. Mãos inchadas, a vista turva, dores de cabeça, e vertigens freqüentes. Mandei chamar o médico, Afonso Mac-Dowell. Conversamos francamente, sôbre a operação.

— A minha situação, — diz-me êle, — é terrível e incômoda. A intervenção cirúrgica, seja no Rio, seja no estrangeiro, é perigosa. A um cliente a quem eu falasse apenas como médico, eu me limitaria a expor os riscos. Mas a um amigo, como você, eu devo dar, também, um conselho. E eu prefiro ter o amigo cego, mas vivo, a vê-lo morto em ato operatório recomendado por mim.

— Não devo, então, submeter-me à operação...

— Acho que não; cego, mas vivo. Você poderá ditar os artigos; continuará a escrever, a trabalhar. Apenas não verá...

Escuto-lhe o conselho. Falo-lhe do meu desinterêsse pela vida e pelo mundo. Não tenho mais ilusões nem desejos. E fica estabelecido, então, que eu aguarde, tranqüilamente, a sombra eterna...

A idéia da cegueira sugere-me a modificação do título do meu livro de "Memórias", ou o dêste "Diário". "Diário de um enterrado vivo", — eis o nome que, talvez, venha a caber a êste livro...

* * *

Às duas horas da tarde, uma surprêsa comovedora. Entra-me em casa Gregório da Fonseca, trazendo-me o decreto que o Presidente Getúlio Vargas acaba de assinar, nomeando-me inspetor do ensino no Distrito Federal.

— Aqui está, — diz-me; — demorou apenas dois dias... Não é o cargo que tu mereces, mas é o que se pôde arranjar... São 900$000, e sempre dão para alguma coisa...

E conta-me a boa vontade que encontrou, não só da parte do Presidente Getúlio, como de José Américo de Almeida, que, interpelado por êle, Gregório, se se opunha a essa nomeação, lhe declarou: "Eu? Nunca! E vou até pedir ao Getúlio que a faça

quanto antes!" Gregório adianta que, ao assinar o decreto, o Presidente exclama: "Ora, coitado do Humberto! Não sabia que êle estava assim... E a operação é mortal?" E ante a afirmativa de Gregório: "Então, dize a êle que eu mando dizer que não faça..."

O gesto de Getúlio Vargas nomeando para um cargo disputadíssimo pelos correligionários um adversário que ainda se acha na estacada, comove-me, toca-me o coração. Mando-lhe os meus agradecimentos, prometendo ir levar-lhos em pessoa oportunamente. E Gregório sai, contente:

— Vou levar o decreto para o Chico Campos referendar... Amanhã vais tomar posse, sem falta...

Vejo-o sair. E sinto os olhos cheios d'água.

*Têrça-feira, 18 de agôsto:*

Se os céus me dessem o direito de pedir-lhes uma graça, neste momento em que o meu campo visual se vai estreitando e as letras bailam diante de mim, eu pediria a Deus apenas isto:

— Senhor, que a minha enfermidade continue a sua marcha terrível; mas que ela se detenha quando os meus olhos ainda possam alcançar os limites de um livro aberto!

Os limites de um livro são, para mim, os limites do universo.

No romance russo "Iama", de Alexandre Kuprine, encontro esta frase: "Kolia, sem compreender, sentia que estava vivendo um dêsses minutos imensos que têm repercussão sôbre a vida inteira".

Eu estou vivendo horas de resignação que, transformadas em dor, encheriam a eternidade.

*Sexta-feira, 21 de agôsto:*

Em visita a Coelho Neto, que não encontro em casa, converso longamente com D. Gabi, que me fala da tristeza íntima do seu velho companheiro.

— Henrique, Humberto, não me diz nada, — começa. — Mas eu sinto quanto êle sofre com o isolamento em que vive. Ninguém o procura mais, e quase não se fala nêle. Lá um ou outro amigo, como você, é que ainda vem aqui e ainda fala nêle. E isso é horrível para um homem que consagrou a sua vida às letras, e que sempre viveu cercado de admiradores.

Consolo-a, dizendo-lhe a verdade:

— Não se aflija com isso, nem veja nesse isolamento uma ingratidão. O que está acontecendo com o Neto, acontece, neste

momento, com tôdas as figuras da sua geração, e, mesmo, da minha. A geração que aí está, a geração que sucedeu à dêle e à minha, fala outra língua que não a nossa e não nos pode compreender. Nós cultivamos a arte de bem escrever, fazíamos do estilo uma religião; os bárbaros aí estão, porém, a destruir aquilo que nós adorávamos. Nós falamos uma língua que êles já não entendem; somos estrangeiros entre êles. Eu sou, é verdade, ainda popular e discutido no meio dêles; não o sou, porém, como escritor, mas como homem de ação; não o sou pelo meu modo de escrever, mas pelas idéias que ponho em foco, pela atualidade dos assuntos que debato; isto é, porque estou diante dêles, em plena luta, como espírito combativo. Escrevesse eu, porém, em vez de crônicas de combate, versos, crítica ou romances, e estaria relegado como uma entidade antediluviana. O nosso espírito clássico, as nossas ligações com a cultura antiga, desdenhadas pelo presente, fazem de cada um de nós um animal do Mundo Perdido. Mas o humanismo voltará mais uma vez; e Coelho Neto reconquistará o seu lugar na memória e na admiração dos homens.

E senti que as minhas palavras, sinceras e verdadeiras, a deixaram consolada.

*Sábado, 22 de agôsto:*

Dia aziago, na minha superstição. Nada, porém, me acontece. Mas tenho a impressão, aliás muito serena, de que é o último 22 de agôsto que me infunde receio. Para o ano estará êle livre de mim. E eu dêle.

*Têrça-feira, 25 de agôsto:*

Ontem, segunda-feira, ainda em jejum dirigi-me ao Hospício Nacional, onde devia fazer uma punção na espinha para extração do sôro raquidiano. Atravesso os corredores imensos do velho edifício que José Clemente Pereira fêz construir na Praia Vermelha, e Xavier de Oliveira, que ali me recebe, mostra-me um pátio interno, arborizado, cortado por uma calçada de pedra em cujo início se vêem duas estátuas simbólicas.

— Está vendo aquelas estátuas? — diz-me o meu guia. — Pois bem: ali, entre uma e outra, se encontram enterradas tôdas as camisas de fôrça que o Juliano Moreira encontrou aqui no Hospício quando foi nomeado diretor.

Em uma sala pequena, estacamos. Duas enfermeiras e alguns aparelhos elétricos. Ao centro, uma pequena mesa de ope-

rações, de tábuas. Chegam os médicos que devem submeter-me à punção: Valdomiro Pires, Diretor atual do Hospício, que a vai fazer; Jacinto Campos e Damasceno de Carvalho, que o vão auxiliar. Deito-me à mesa, de lado. Os dois auxiliares curvam-me com a cabeça até o peito, segurando-a nessa posição. Valdomiro Pires desinfeta a região, à altura da nuca, e empurra a agulha. Sinto estalar de nervos, e uma fricção de ossos. A agulha não encontra a união das vértebras, a passagem para a medula. Sinto um frio nas extremidades mas me mantenho calmo.

— A agulha não penetra, — diz Valdomiro. — Êle tem um pescoço de Dempsey.

— E possui também uma caixa craniana muito espêssa e muito sólida — junta Jacinto Campos. — O que êle tem dentro está bem guardado.

Retira-se a agulha. Sento-me, para esperar a nova investida. Ao fim de alguns momentos de repouso, dobram-me para a frente, seguram-me de novo. A agulha entra, e encontra a passagem. O líquido começa a correr. Ouço dizer que a pressão é de 28°, apenas, e, conseguìntemente, normal. Sinto um frio na cabeça e na região lombar. A agulha é retirada e eu me deito, a cabeça baixa. Mostram-me, em um tubo, o líquido: límpido, transparente, cristalino. Palestro um pouco com os médicos. Mas tenho a voz rouca, e calo-me. Tenho que ficar duas horas naquela posição. A meu lado, senta-se o Dr. Damasceno de Carvalho, que, a propósito dos meus sofrimentos e da naturalidade heróica e contínua com que os dissimulo, me conta, devagarinho, a seguinte história, cujos pedaços vou arrumando cuidadosamente na memória, como quem guarda em uma caixa, embrulhados em papel de sêda, os pedaços de uma estatueta de louça que pretende reconstituir.

— Vai para alguns anos, — começa êle, — nós tivemos aqui, na enfermaria, um doente, do qual o Miguel Couto fala em uma das suas lições publicadas em livro. Era um palhaço do Circo Spinelli. Êsse homem foi trazido para cá apresentando dois aneurismas, um dentro do coração, outro fora. Sofria horrìvelmente. As suas crises eram angustiantes, mesmo para quem olhava com olhos de médico. Pois bem. Êsse homem, até às vésperas da sua entrada para a enfermaria, ainda trabalhava no circo. Tôdas as noites, ansiado, aparecia êle ao público. Obrigava-o a isso um contrato que não rescindia para não morrer de fome. Ao surgir no picadeiro, recebiam-no com salva de palmas, e uma gritaria ensurdecedora. Era êle o palhaço querido dos freqüentadores do circo. Às vêzes, ao aparecer, já vinha branco, semimorto, sob a

máscara de alvaiade branco. Segurava-se à entrada da arena, para não cair. Sentia necessidade de recuar, de voltar para dentro, até que lhe cessasse a agonia. Olhava, porém, as criancinhas que lhe batiam palmas, a alegria dos pirralhos que ali haviam ido para ver-lhe os pulos e as quedas e ouvir-lhe as pilhérias ingênuas e sabidas. E atirava-se no meio da arena, num salto mortal, cabriolando como um louco, entre os aplausos e a gritaria atordoante de todos os espectadores, especialmente da meninada alegre, que vivava em algazarra o seu nome... Atrás da porta de pano que dava entrada aos artistas havia, já, uma cadeira à sua espera e, junto, duas pessoas amigas, uma com um copo d'água, outra com um leque. Ao desaparecer dos olhos do público, o palhaço atirava-se à cadeira, ansiando, aflito, com falta de ar, os braços caídos, enquanto duas mãos piedosas lhe abanavam o rosto angustiado sob o alvaiade, e lhe davam a beber pequenos goles de água, que êle engolia com dificuldade. Lá fora o público, satisfeito com as suas piruêtas, pedia "bis", reclamava a sua volta à arena. O diretor do circo vinha à sua procura. Encontrava-o naquele estado. E ordenava, tomando-o pelo braço:

— Anda, rapaz! Vamos! Avia-te!

E o palhaço reaparecia ao público, sorrindo com a sua enorme bôca de vermelhão, a contar anedotas com a voz fatigada, e que a multidão, supondo que aquêle cansaço era artificial, aplaudia aos gritos, pedindo mais...

Eu escutava, em silêncio, a história que o Dr. Damasceno de Carvalho me contava. Quando êle terminou, eu me lembrava do meu trabalho alegre de todo o dia, das crônicas risonhas que escrevo gemendo, e da luta, que tenho, para receber do jornal em que escrevo, o meu salário miserável. Vem-me uma idéia maligna ao pensamento.

— Doutor, — indago, — e o Spinelli pagava em dia o palhaço?

O Dr. Damasceno respondeu. Mas uma vertigenzinha doce me havia invadido.

E eu não ouvi a resposta.

*Quinta-feira, 27 de agôsto:*

Academia. Compareço. Recebo os meus cem mil-réis, como defunto que vai à casa de um amigo buscar o dinheiro da coroa funerária que lhe é devida.

*Sexta-feira, 28 de agôsto:*

Embora não apresente melhoras, sinto a cabeça mais leve, e o espírito mais ágil. Tenho a impressão de que o meu cérebro é um salão de onde se tirou alguma coisa, ou onde se fêz alguma arrumação considerável. Sinto-o com um pouco mais de espaço para os passeios domésticos do pensamento...

*Domingo, 30 de agôsto:*

Macedo Soares (José Eduardo), que encontrei sexta-feira última na Avenida, havia-me contado que, almoçando há dois dias com o Presidente Getúlio Vargas, surgiu o meu nome como assunto. E adianta que, a certa altura da palestra, o chefe do Govêrno Provisório lhe dissera:

— É pena que a nossa situação financeira seja tão má, senão lhe daríamos logo uma comissão no estrangeiro, de modo que êle se pudesse tratar. Mas, vamos falar com o Afrânio (Melo Franco). Há de se dar um jeito...

Ontem, José Roberto Macedo Soares, introdutor diplomático do Ministério das Relações Exteriores, me veio visitar. E tomou nota para um telegrama que o ministro vai passar ao Embaixador do Brasil em Buenos Aires, indagando o preço de uma intervenção cirúrgica, na hipófise, pelo professor Segura.

E hoje telefonou-me, comunicando que o telegrama seguiu.

## SETEMBRO

*Têrça-feira, 1.º de setembro:*

Magalhães de Almeida (José Maria), que me tem visitado constantemente, voltou hoje. Vinha contente. Estivera, domingo pela manhã, na residência do Ministro Osvaldo Aranha, no Silvestre, e a convite dêste.

— Falou-me muito a teu respeito, — adianta. — Tu não imaginas a admiração que o Osvaldo tem por ti!

E transmite-me palavras que me encheriam de vaidade, se eu escriturasse como dívida recebida as moedas da caridade alheia.

*Quarta-feira, 2 de setembro:*

Embora não seja considerável a modificação, sinto que o meu campo visual está mais amplo, e que o ôlho já auxilia em al-

guma coisa o direito. Já distingo os objetos, e tapando o ôlho direito percebo, de modo mais duradouro, uma lâmpada acesa. Até há pouco, via apenas uma claridade baça onde havia um fogo luminoso. Começa a operar-se, lentamente, a descompressão do nervo óptico. E sinto que a vida me volta, como quem vai tornando a si de uma vertigem...

*Quinta-feira, 3 de setembro:*

Na Academia, Fernando Magalhães chama-me à parte.

— Já sabe o que nós estamos arranjando para você; não sabe? Sabe, sim.

— Nós, quem?

— O nosso amigo Gregório, e eu.

— Não; não sei.

— Estamos arranjando um meio de você ir a Buenos Aires fazer a operação. Você está indicado para iniciar o intercâmbio intelectual com o Uruguai. Terá uma subvenção para ir a Montevidéu fazer três ou quatro conferências, e de lá irá a Buenos Aires. Está bem?

Abraço-o, agradecido.

* * *

O Govêrno Provisório encarregou a Academia de redigir o anteprojeto da lei sôbre direitos autorais. Na sessão de hoje, o presidente Fernando Magalhães designou a comissão, que deve elaborá-lo, na seguinte ordem: Humberto de Campos, Rodrigo Otávio e Augusto de Lima.

*Sexta-feira, 4 de setembro:*

Vou ao Ministério da Educação, no edifício do antigo Conselho Municipal, receber uma caixa de sôro preparado em Manguinhos, e que me é destinado. Em um gabinete estreito e longo, que mais parece um corredor, um divã, um tapête, ambos de preço, e uma pequena mesa sem preço nenhum, e que ali se acha deslocada, como a de um porteiro de consultório médico no vestíbulo de um palácio. À mesa, em uma cadeira pobre, um homem magro, moreno, de cara encovada, de uns quarenta anos de idade. Está todo de prêto, e tem a fisionomia de quem ficou viúvo na véspera. O cabelo, negro, é partido ao meio, mas procura erguer-se de um lado como a asa de um pequeno frango morto. É o na-

turalista Carneiro Filipe, que vem fazendo nome entre os biologistas brasileiros.

À minha chegada, interrompe a revisão das provas de um livro, levanta-se, faz-me sentar a seu lado, e conversamos. Fala-me das investigações em Manguinhos, e dos estudos pacientes, e ainda quase ignorados, do seu companheiro Tales Martins. Explica-me a ação dos hormônios, e fenômenos curiosos da ação glandular. E conclui:

— Leve esta caixinha. É uma preparação do Instituto. É feito com a urina de mulher grávida injetada em ratinha castrada. Colhida a secreção sexual da ratinha, dissolve-se em sôro fisiológico. É possível uma reação da sua hipófise.

Meto a caixinha no bôlso, e despeço-me. Desço a escadaria, lentamente, quase me não podendo mover com as dores da bexiga, que me supliciam. Mas tenho um sorriso interior.

Diabo! — penso. — E se, agora, com êste sôro, eu fico grávido, e dou à luz a um rato?

E solto um lamento surdo. É o gemido da montanha...

*Sábado, 5 de setembro:*

Há dois ou três dias vinha sentindo os sintomas de uma perturbação gástrica, efeito de uma dieta de frutas e leite. Não obstante isso, tomei a injeção preparada em Manguinhos, cultivada em sangue de rato. À noite, a temperatura subiu, e vieram os sonhos bizarros. Vi-me na casa da Rua Amaral, cujo quintal estava cheio de leões. Disseram-me que êles eram mansos e inofensivos, e eu entrei. Puseram-se, porém, a perseguir-me, e um, que se achava deitado, segurou-me, com os dentes, a perna. Entrei na casa, e êles me acompanharam. Até que consegui escapar, e fugir... Adiante, encontro uma outra pessoa conhecida, Vítor Hugo Aranha, que me convida a voltar. Assegura-me que o perigo passou, e voltamos. Logo, porém, à entrada da rua, os leões investem. Corro, e escondo-me entre as fôlhas de uma latada de maracujá. Um dos leões vê-me, e sobe também, procurando tirar o dinheiro, — cento e tantos mil-réis, — que eu tenho na mão. O dinheiro cai, o leão desce, junta as cédulas, e vai-se embora... E o sonho continua, mas já muito vago, muito tênue, muito impreciso.

Pela manhã, a temperatura sobe a 39°. Tomo um purgativo. E, a esta hora, seis da tarde, quase já não tenho febre.

*Domingo, 6 de setembro:*

Trabalho intenso, durante o dia, para uma pequena fôlha humorística. Ao anoitecer, visita de Afonso Mac-Dowell, que me examina com atenção, e exclama, com alegria:

— Mas, "seu" compadre, como você está melhor!... Francamente, não imaginei que a punção lhe fizesse tanto bem. O edema das mãos e do rosto cedeu consideràvelmente. Vamos fazer outra punção. Vamos ver se paralisamos a marcha da enfermidade.

E tomando-me ambas as mãos:

— Estou contente, sabe? Estou satisfeitíssimo com êstes sintomas!

*Têrça-feira, 8 de setembro:*

Agravam-se os meus sofrimentos de bexiga e próstata. Levanto-me três vêzes por noite, entre as 21 e as 5 horas, para ferver água e tomar clisteres, a fim de conseguir uma ligeira micção dolorosa. Mas, mesmo assim, saí depois do almôço ligeiro, para reforma de uma promissória, dívida que me ficou do tempo em que eu tinha casa. Padecendo enormemente a cada passo que dou, vou caminhando sob a chuva tenaz e grossa, quando, ao passar pela porta de um Banco, alguém me bate no ombro. Volto-me, e vejo Macedo Soares (José Eduardo), de capa de borracha e óculos escuros. Entro, e conversamos um pouco. O assunto é a revolução que estalou no Chile, da qual os jornais dão notícias vagas e reduzidas.

— Você não imagina o que houve lá, — diz-me. — Foi uma coisa muito séria. Foi um movimento comunista de grande extensão, encabeçado por tôda a esquadra chilena. Eu estive agora mesmo com o Afrânio (Melo Franco, Ministro das Relações Exteriores) e com o Embaixador do Chile, no Jockey Club. Os países americanos quase todos, inclusive nós, tiveram de correr em auxílio do govêrno chileno, enviando-lhes recursos para suplantar o movimento. Vários navios rebeldes foram postos a pique, com tôda a tripulação. Já se contam mais de vinte mil mortos. Mas, também, se o comunismo consegue instalar-se ali, a América do Sul ia tôda.

Falamos um pouco de política interna. E êle:

— Aqui, nós continuamos procurando decifrar o Getúlio. É um enigma, que nos está quebrando a cabeça a todos. Nem os seus mais íntimos amigos, até hoje, o conhecem!...

Despeço-me, e continuo o meu caminho, gemendo surdamente, sob a chuva grossa.

*Quarta-feira, 9 de setembro:*

Leio em um jornal da tarde que Mário Barreto, o filólogo, acaba de falecer no Hospital da Beneficência Portuguêsa. Adianta a notícia que Mário foi há algumas semanas atropelado por uma bicicleta, e submetido a algumas operações na perna, que fraturara. E vêm-me à lembrança a figura bizarra do morto, e a crônica dos seus sofrimentos morais, afogados no silêncio e na sombra.

Mário Barreto morre com 53 anos, e era o tipo clássico do gramático. Desleixado, sem cuidado consigo mesmo, conservava a bôca desdentada, com, apenas, os dois caninos à mostra. Usava, ainda, paletó de lustrim, como um velho mestre-escola, e a calça branca, de brim, que lhe completava a indumentária obsoleta. Chapéu de palha sujo; cabelo alourado e gorduroso rolando magramente pela testa, e que êle suspendia freqüentemente improvisando um pente com os dedos. Era claro, e usava um bigode alourado e grisalho que roía aos poucos. E era completamente surdo, tendo no rosto, sempre, êsse sorriso meio bondoso, meio idiota, dos homens que não sabem se lhe estão dizendo uma amabilidade ou uma descortesia. Amigo do General Tasso Fragoso, com quem ia quase diàriamente ao cinema, a sua figura parecia ainda mais esquisita, e o seu desleixo ainda mais acentuado, postos em confronto com a imponência marcial dêsse amigo indefectível.

Havia na sua vida uma tragédia obscura de que ninguém, todavia, se ocupa. Quando cheguei ao Rio de Janeiro em 1912, fui, um dia, ao Hotel Avenida, em visita ao Deputado Heitor Castelo Branco, e encontrei ali, reunido, um conselho de família, composto de Heitor, de um advogado de nome Pinto, que tem uma orelha furada e tapada com cêra, e de um terceiro personagem de que perdi a lembrança. Tratavam do caso doméstico de um Mário, e concluí que era o de Mário Barreto, de quem Heitor Castelo Branco era parente. O advogado dizia:

— Êle fêz tudo para uma reconciliação. Tem ido várias vêzes lá, e se ajoelhado aos pés dela, pedindo-lhe que volte para casa. E ela tem se mostrado inflexível.

— Eu, no caso dêle, — atalhava Heitor, — não pediria mais. Tratava de esquecer. É isso que êle deve fazer, e foi isso o que eu já lhe disse.

Vim a saber, de fato, depois, que Mário vivia apenas com os filhos. Nunca ouvi falar, entretanto, dessa tragédia doméstica.

*Quinta-feira, 10 de setembro:*

Na Academia, antes da sessão pública em homenagem a Álvares de Azevedo, e a que não assisto, encontro, no salão superior, à mesa do chá, Laudelino Freire e Afrânio Peixoto. Falamos de Mário Barreto.

— Coitado do Mário! — exclama Laudelino, seu inimigo. — Após a morte, quando foram tratar do entêrro, o filho declarou que a família só possuía em casa cinco mil-réis! Da Beneficência telefonaram, então, ao Tasso Fragoso, e, pouco depois, se ofereciam para custear os funerais não só a própria Beneficência como o Mosteiro de São Bento e aqui a Academia. Êle tinha a vida doméstica inteiramente desorganizada.

Afrânio intervém:

— Parece que êle foi vítima de uma imperícia médica. Fizeram as ligações dos vasos mas deixaram o joelho desarticulado. Quando fizeram a nova intervenção para corrigir a primeira, já havia gangrenado.

E abandonamos, os três, o defunto, para fazer o entêrro de alguns vivos.

*Sexta-feira, 11 de setembro:*

Aumentam os meus tormentos. Após a lavagem cotidiana da bexiga, peço ao médico que me examine a próstata. Abafo, a custo, um grito de dor.

— Interessante! — diz-me êle. — O senhor não tem aí senão uma prostatite comum. Mas, há, pouco adiante, alguma coisa de mais sério. Convém fazer uma radioscopia da região. Vamos ver que novidade é essa.

Eu enxugo os olhos, e torno para casa, gemendo. E é gemendo que deixo aqui estas linhas.

*Sábado, 12 de setembro:*

Leio "Une Vie", de Maupassant, e reflito sôbre o ato do Conde De Lamare, desonrando a criada, irmã de leite da noiva, e sôbre as revelações do padre Picot, para quem não havia nada mais natural e comum do que o desvirginamento das criadas pelos patrões ou pelos filhos. Lembro-me do que escreve Kuprine sôbre

essa tradição da velha Rússia. E recordo o episódio de Nekludov, na "Ressurreição", de Tolstoi. E não encontro na minha consciência nenhuma acusação de delito igual.

*Segunda-feira, 14 de setembro:*

Percorro, com os olhos, algumas revistas norte-americanas, ricas em ilustrações. E encontro, em cada página, homens fortes, mulheres belas, criaturas vigorosas e felizes. Bons dentes, boa saúde, boa alegria, paz de alma e contentamento da vida.

Eu queria ser um dêsses sêres, os únicos que eu invejo na terra. Queria ser, moral e mentalmente, quem sou, mas pertencendo a uma raça alegre e saudável, senhora de uma região de clima frio.

Sou, porém, uma enfezada fruta dos trópicos, que apodrece, antes de haver amadurecido, na escuridão quente de um porão fechado.

*Têrça-feira, 15 de setembro:*

Júlio César de Melo e Sousa (Malba Tahan), que me vem visitar, e me encontra de cama, conta-me fatos, que considera coincidências prodigiosas, ocorridas por ocasião da morte do seu irmão, o aviador Rubens de Melo e Sousa, há poucos anos.

— Um amigo nosso, oficial do Exército (diz um nome), residente em Niterói, acordou de repente pela madrugada, aflitíssimo com um sonho que acabava de ter. Sonhara que via o Rubens cair com o seu aparelho, e morrer. Vestiu-se a essa hora mesmo, atravessou a baía, e chegou ao Campo dos Afonsos quando o Rubens já estava pronto para subir. Pediu-lhe que não voasse. Contou-lhe o seu sonho, na presença de outros colegas. Riram-se dêle e o Rubens tomou lugar no aparelho, e decolou. Meia hora depois o sonho se realizava. O avião caía incendiado, e o Rubens estava morto.

Melo e Sousa continua:

— Outra coincidência curiosa. Quando morre um aviador, a direção da Escola fecha o seu quarto, sela a porta, e manda entregar a chave à família. Quando meu irmão morreu, nós recebemos a chave poucas horas depois, e eu fui no dia seguinte, reabrir o seu quarto, onde ninguém havia entrado depois que êle saíra. Sôbre a mesa havia dois livros: "A Educação da Vontade", de Jules Payot, e "A Imitação de Cristo". Dentro dêste último um lápis, marcando uma página. Abro, e vejo: marcava

o capítulo intitulado: "Da meditação na Morte". Fôra êsse o capítulo que êle lera na noite em que devia acordar para morrer. Êsse livro, assim marcado, ficou com a minha mãe. Ela o teve sob o olhos até o dia, também, da sua morte...

*Quarta-feira, 16 de setembro:*

A leitura, que fiz há poucos dias, da novela russa "O Sétimo Companheiro", do escritor comunista Boris Lavrenef, tornou mais profunda a suposição, que tenho, de que há em minhas veias um pouco de sangue russo, ou que minhalma procede da mesma fauna fantástica e misteriosa. Aquêle General Adamoff, antigo professor da Academia Militar de Jurisprudência, que aceita o regime soviético e vai ser, nêle, simples lavadeira de soldados, encontrando sempre uma explicação justa dos acontecimentos e não se rebelando jamais contra êles, — aquêle General Adamoff é, de qualquer modo, meu parente. Nós somos, individualmente, na marcha das sociedades, simples fragmento de palha num cabeço de onda. Que importa ao oceano a reação do fragmento de palha? Não é melhor que êsse detrito se deixe levar pela vaga sem tentar qualquer reação inútil?

Eu não tinha lido, ainda, Boris Lavrenef e, conforme demonstram as páginas dêste "Diário", já pensava como Adamoff. Estou deitado, de costas, no dorso da vaga espumante e verde. Ela que me conduza. Que poderá a minha vontade contra a sua fôrça, se ela quiser me arrastar para o mar largo ou rebentar-me o crânio de encontro a um rochedo?

*Quinta-feira, 17 de setembro:*

No pavimento superior do Petit-Trianon, de pé junto à mesa de chá, conversam Afrânio Peixoto e Constâncio Alves. O primeiro fala alto, repetindo cada frase. O outro o olha com olhos curiosos, procurando decifrar na fisionomia do amigo as palavras que êste pronuncia, e que êle não ouve. Tem-se a impressão de que Afrânio está ensinando um macaco a falar. Assunto: Castro Alves, Nabuco e Rui Barbosa.

— O maior dêles foi mesmo Castro Alves, — reconhece Constâncio. — Basta lembrar que, tendo morrido aos 24 anos, teve enorme projeção sôbre o futuro, projeção que os outros só conseguiram em idade avançada. Se Rui e Nabuco tivessem morrido aos 24 anos, ninguém hoje falaria nêles.

— Por isso mesmo os dois tinham inveja do poeta, — acentua Afrânio; — e não gostavam um do outro. Contou-me San-

cho de Barros Pimentel que, certa vez, em uma roda, Nabuco, simulando elogiar a Rui, dizia lamentar que êste, com seu egoísmo, não deixasse nenhuma obra. Tudo que Rui escrevia tinha caráter pessoal: eram pareceres jurídicos para ganhar dinheiro, discursos em causa própria, conferências para proclamar as próprias paixões. Sancho contou o caso a Rui. Êste franziu a testa, e respondeu: "É isso mesmo; o vaidoso sou eu, que não tenho nenhum livro porque só falo de mim. E êle tem duas obras ("Um Estadista do Império" e "Minha Formação"); mas uma é sôbre o pai e outra sôbre si mesmo.

Afrânio acrescenta ter ouvido de Graça Aranha que Nabuco se convertera ao catolicismo em homenagem à mulher, para agradecer-lhe a atitude nobre e generosa que mantivera quando êle pôs fora os 400 contos do seu dote, nos negócios do Encilhamento. A senhora não lhe fizera a menor observação sôbre o assunto; e êle, grato, resolveu dar-lhe uma alegria de coração. Foi quando êle escreveu "Minha Formação", que se devia intitular "Minha Formação Religiosa". A supressão dêsse adjetivo foi feita a conselho de José Veríssimo.

E Afrânio conclui:

— O Visconde de Taunay também pôs fora, no Ensilhamento, a fortuna da mulher; mas esta nunca o perdoou. O confronto da atitude das duas senhoras tornou mais profunda a gratidão de Nabuco.

Nesse momento, como nas mágicas, aparece Afonso Taunay à porta do elevador, subindo da terra para cortar a conversação em tôrno do pai.

*Sexta-feira, 18 de setembro:*

Leio em um jornal que Mário Barreto, falecido há uma semana na Beneficência Portuguêsa, tivera para os enfermeiros estas palavras, horas antes da morte:

— Morro satisfeito porque morro numa casa de Portugal, e entre portuguêses.

Morreu, pois, como um filólogo. Morreu como um purista. E é capaz de ainda voltar à terra para fazer a análise lógica do seu próprio epitáfio.

*Sábado, 19 de setembro:*

Na coleção francesa de contos de Antônio Tchekhov, sob o título "L'Homme a l'étui", encontro um, "Os Relegados", que corresponde, precisamente, ao estado atual da minhalma. Degre-

dado para a Sibéria, o velho Simeão, mais conhecido por Tolkôvyi, isto é, o homem do bom-senso, ali vive num rancho à beira do rio, tomando vodca, dormindo depois de bêbedo, e transportando passageiros de uma para outra margem, sob a neve que rola do céu. Outros degredados vêm, e choram com saudade das criaturas amigas que deixaram longe. Apenas Simeão não sofre, porque Simeão não tem ninguém no mundo. Alguns pensam em mandar buscar a família. Simeão desaconselha. Êles insistem. Vem a mulher de um, vem a filha de outro, mas estas voltam para o Ocidente, porque não suportam a vida na Sibéria. E os degredados, após uma desilusão nova, se sentem ainda mais solitários no seu degrêdo. Simeão não tem ninguém, não espera ninguém. E por isso, não é abandonado por ninguém.

— Se quereis a vossa ventura, — diz êle aos companheiros saudosos; — se quereis a vossa ventura, antes de tudo não desejeis nada!

Na fria Sibéria em que vivo, sujeito a êste degrêdo moral, eu atingi êsse mesmo grau de sabedoria.

Entre os degredados que gemem e choram, eu me chamo Simeão.

*Domingo, 20 de setembro:*

Minha mulher, que vinha se sentindo nervosa com a enfermidade da mãe, cuja doença também é nervosa, seguiu há quatro dias para Correias, onde foi passar uma quinzena no hotel.

E eu tenho a sensação de que estou viúvo há um século!

*Segunda-feira, 21 de setembro:*

Em um estudo de Leon Chestov sôbre o sentido ou a revelação da Morte na obra de Tolstoi, lembra o filósofo russo que Aristóteles já havia assinalado que "cada um, em sonho, possui o seu universo particular, enquanto que, no estado de vigília, nós vivemos em um mundo comum a todos". E Chestov acrescenta: "Esta constatação é a base não sòmente da filosofia de Aristóteles, mas, também, de tôda filosofia científica, positiva, tal qual existe e existiu sempre. O senso comum considera-a igualmente como uma verdade indiscutível".

Tentei identificar essa opinião, emprestando-lhe significação transcendente, isto é, tomando-a no sentido da profundidade. E verifiquei que se trata de frases concretas, de palavras de escritor, e não de filósofo. E essa conclusão me faz sentir que,

mesmo para compreender Chestov, não se faz mister mergulhar. O seu pensamento, que nós procuramos nos abismos, está, muitas vêzes, à superfície...

*Têrça-feira, 22 de setembro:*

Após seis dias passados em casa, e consumidos na intimidade dos grandes espíritos, saio, à tardinha, numa atmosfera cinzenta e úmida, para ir ao médico e comprar algumas peças de vestuário para meu filho pequeno, que levo comigo.

Penetro na Rua do Ouvidor, que fervilha de gente. A redução do meu campo visual, a umidade escura da tarde, a minha falta de convívio com a multidão, atordoam-me, perturbam-me, enchem-me de mal-estar e do desejo doido de correr, de fugir dali, de encerrar-me de novo na minha sala, com a minha pena, a minha máquina de escrever e os meus livros.

Como, pelo defeito de visão, vejo pouca gente, tenho a impressão de que ninguém me vê. Recordo, então, os tempos em que passava por ali, vendo e sendo visto, saudando com alegria e sendo saudado com a mesma efusão; e me vem a sensação horrível de que eu sou um indivíduo que morreu já há muitos anos, e que obteve permissão para voltar ao mundo, e percorrer os lugares em que viveu feliz e cujos habitantes já nem se lembram dêle...

De regresso para casa passo pela redação do "O Jornal", e encontro uma carta do chefe do gabinete do Ministro da Educação, em que êste me comunica oficialmente, em nome do Ministro Belisário Pena, ter êste me designado para inaugurar o intercâmbio intelectual com o Uruguai, como membro da comissão brasileira que segue para Montevidéu a 15 de outubro. A carta acrescenta que eu devo estudar a situação da imprensa daquele país, e apresentar, sôbre o assunto, um relatório. As despesas correrão pelo Ministério das Relações Exteriores, que já abriu o respectivo crédito.

Leio a carta e pergunto a mim mesmo:

— Devo ir? Devo aceitar? Que devo eu procurar com os meus olhos, viajando, que não possa alcançar, lendo, do meu gabinete, através dos livros, com o auxílio do meu espírito?

Procuro, em mim mesmo, todos os pretextos para não ir. Lembro as dores da minha próstata, os incômodos da viagem, as exigências do protocolo, o meu horror às aglomerações humanas, e lanço, novamente, a interrogação:

— Vou, ou não vou?

*Quarta-feira, 23 de setembro:*

Persiste em meu espírito a dúvida sôbre a viagem ao Uruguai e à Argentina. Devo aceitar, ou não, o convite que me é tão gentilmente feito pelo govêrno do meu país, e, principalmente, por um govêrno de que sou adversário militante na imprensa? E, no caso de aceitar o convite, e de ir também à Argentina, devo, ou não, me submeter à intervenção cirúrgica que me é aconselhada, e em que posso morrer?

Saio, para consultar os médicos, que também são amigos. Vou a Aloísio de Castro, que me diz:

— Acho que você deve ir, meu caro Humberto. Embora não faça a operação. Você ouvirá em Buenos Aires os especialistas de lá, e serão algumas opiniões a mais para sua orientação, mas vá. Eu darei a você uma carta para o Professor Segura, você conversará com êle, e ficará sendo você próprio o juiz das suas deliberações. Quanto à sua designação, eu lhe posso dizer: foi recebida com a mais viva simpatia por gregos e troianos. Tôda gente viu nisso um ato de perfeita justiça, uma homenagem que era devida a um puro homem de letras capaz de honrar em qualquer parte o seu país.

Sorrio tristemente, agradecido, e tomo a deliberação de ir ouvir o maior homeopata brasileiro, o Dr. Murtinho Nobre. Exponho-lhe ainda uma vez o meu caso. Êle concorda com o diagnóstico mas discorda da operação.

— Os alopatas estão de acôrdo? Não estão. Êles não conhecem ainda, nem nós, a função real da hipófise. Eu acredito que o senhor suporte bem a operação; mas ficará bom? Desaparecerão os fenômenos de que o senhor se queixa? Nós não conhecemos ainda as relações do simpático com essa glândula. Os seus médicos supõem que essa compressão do nervo óptico é mecânica. Mas a sela túrcica está comprimindo a sua próstata, está exercendo pressão sôbre as suas mãos? Entretanto o senhor está sentindo aí os efeitos da alteração da hipófise. Todos os fenômenos de que o senhor se queixa, são funcionais. Mas, essa glândula estará trabalhando de mais ou de menos? Tudo isso é mistério ainda para nós. De modo que, na minha opinião, o senhor não deve operar-se. Talvez o senhor precise amanhã dessa glândula, mesmo no estado em que ela se encontra, para ficar bom.

E dá-me, para consôlo, um vidrinho de comprimidos, para tomar de três em três horas...

Procuro meu velho amigo Afonso Mac-Dowell. — E êle me declara:

— Vá à Argentina; ouça os homens de lá, e, se êles disserem que é preciso operar, volte. Não se opere.

E eu volto para casa cabisbaixo, e mais irresoluto, ainda, do que saí.

*Quinta-feira, 24 de setembro:*

Na Academia, ouço Antônio Austregésilo:

— Vai, e opera-te. É preciso que não demore. Depois seria inútil. O teu estado patenteia que é chegado o momento da operação.

Quem mais quererá opinar neste caso, para pôr maluco um pobre homem, cuja cabeça está transformada em bola de futebol nos pés de dois times compostos por valentes campeões da Medicina?

*Sexta-feira, 25 de setembro:*

Frederico Barata, diretor do "Diário da Noite", informa-me que Azevedo Amaral, um dos jornalistas mais brilhantes do Brasil, está completamente cego há mais de um ano, e que, no entanto, continua a escrever todos os dias, isto é, a ditar os seus artigos.

— Não vê nada, e, no entanto, não quer absolutamente capitular. Acha que está melhorando, e que há de ficar bom.

E conta-me que, há dias, indo visitá-lo, Amaral insistia sôbre as suas melhoras, declarando, mesmo, que já podia ler o título dos jornais. Para provar isso, tirou o cigarro da bôca, pô-lo sôbre a mesa, tomou um exemplar de "A Noite", olhou, apalpou, e acabou descobrindo que era, mesmo, a "A Noite", que tinha nas mãos. Quando foi, porém, retomar o cigarro, virou tudo, derramou a água de uma garrafa que estava ao lado, quase vira o tinteiro, e não atinava com o cigarro que ardia quase sob as suas mãos e que êle absolutamente não via.

— Não obstante isso, — adianta Frederico Barata, — sai sempre à noite, atrás de mulheres. Sai com o Mário Hora, que escolhe para êle a mulher, e a quem pergunta se ela é loura ou morena, se é bonita, se é moça, o necessário, enfim, para maior intensidade do seu prazer.

— Mas, afinal, qual a origem da sua cegueira? — indago.

E Frederico Barata:

— Tracoma... E êle sabe... É uma coisa horrível!...

*Sábado, 26 de setembro:*

Vou visitar, no Ministério da Educação, o Ministro Belisário Pena, e agradecer-lhe a minha indicação para representar a imprensa e as letras brasileiras na embaixada intelectual que vai a Montevidéu. Encontro-o no pavimento superior, percorrendo a casa. Ao ver-me de longe, vem ao meu encontro, com um grande abraço. Pequeno, grosso, pernas curtas, cabeça grande enterrada nos ombros fortes, vestindo sem preocupação um terno com que o conheço há dezessete anos e que nunca envelhece, é o tipo do pequeno comerciante de subúrbio nos dias em que vem fazer sortimento na cidade. Agradeço-lhe a lembrança do meu nome para tão honrosa investidura, e êle objeta:

— Nada! Eu é que tenho que agradecer a Humberto de Campos a aquiescência ao meu convite. Desde a primeira hora o meu candidato foi você. Mesmo antes de ir para o Ministério, logo depois da Revolução, eu disse sempre ao Osvaldo (Osvaldo Aranha): "Olha o Humberto! Nós precisamos fazer alguma coisa por êle. Seria um crime abandonar um espírito como o dêle". Foi, assim, uma alegria para mim fazer eu mesmo aquilo que eu tanto pedia aos outros.

Projeto voltar novamente ao Ministério para conversar mais com o amigo do que com o Ministro. Belisário despede-me no alto da escadaria. Seu secretário, Foción de Serpa, vem deixar-me à porta do edifício. Pela escada, e embaixo, os antigos funcionários da Câmara, de que é composto o funcionalismo do novo Ministério, saúdam-me à passagem, vendo no vencido de ontem, e que supunham enterrado, um homem homenageado pelos próprios adversários. E eu sinto, comovidamente, êsse prêmio ao meu caráter, ao meu esfôrço, à dedicação com que tenho servido às letras sem idéia de venalidade.

*Domingo, 27 de setembro:*

Vem-me à memória, agora, uma frase do meu filho Humberto, que tem atualmente oito anos. Há ano e meio, tendo êle pouco mais de seis, tomamos um automóvel e fomos, minha mulher, os filhos e eu, dar um passeio à Gávea, pela orla do mar. Era noite de lua e o mar espelhava, todo de prata. Na Avenida Niemeyer, entre a selva e o oceano, os perfumes da mata se misturavam à brisa do mar. Um encanto para os olhos, para os sentidos todos, para a alma inteira. Cada um de nós soltava a sua exclamação de entusiasmo ou de alegria.

— Mas, que Natureza!... — exclamavam todos.

E foi quando o Humbertinho, no seu deslumbramento, se expandiu, mais uma vez:

— Olha a lua na água, mamãe! Oh, mamãe! que beleza!...

E de súbito, no seu arrebatamento:

— Oh, mamãe!... Quando a Natureza morrer, eu quero ficar no lugar dela!...

## OUTUBRO

*Sexta-feira, 2 de outubro:*

Tenho que fazer duas ou três conferências em Montevidéu e não sei, sequer, em que consistirão elas. Estou procurando desembaraçar-me de outros compromissos para pensar nessa matéria. Ontem, além de dois artigos para a Bahia, escrevi a minha crônica diária para o "O Jornal". Hoje, além da crônica, escrevi o prefácio, de nove laudas dactilografadas, para as "Mil Histórias Sem Fim", de Malba Tahan. E imaginava ter amanhã apenas a crônica diária, quando recebi, agora, à noite, uma carta em que me pedem para fazer amanhã, no "Rádio Clube do Brasil", uma saudação aos Estados e a alguns países amigos, inaugurando, com ela, uma poderosa estação transmissora, que essa sociedade acaba de montar.

*Sábado, 3 de outubro:*

Primeiro aniversário da Revolução, e um decreto mandando adiantar, às 11 horas, uma hora em todos os relógios do Brasil, instituindo-se, assim, no país, o horário de verão. Um jornal, comentando os dois acontecimentos, observa com espírito que a Revolução, vendo que, ao fim de um ano, a mudança de govêrno nada havia adiantado ao Brasil, resolveu remediar a falta: adiantou... uma hora.

*Domingo, 4 de outubro:*

Ontem à tarde saí de casa para ir ao médico e fazer uma compra. Ao descer na Avenida comecei a sentir perturbações, e a sensação de estar suspenso no ar, e na iminência de cair. Não escuto os meus passos, nem dou inteiro acôrdo de mim. Tenho a impressão de que vou desfalecer de uma vez, e apresso a marcha. De repente, alguém me sai ao encontro, e me segura.

— Que é que você têm? — pergunta-me. — Está sentindo alguma coisa? Que é isso, que você está tão pálido?

É o ex-Deputado Batista Bittencourt, meu antigo colega de Câmara. Faço-lhe um sinal, dando-lhe a entender que me estou sentindo mal. Êle me pergunta se quero que chame um automóvel. Pára, porém, junto a nós, um ônibus, e eu entro. Fecho os olhos para ver se melhoro e salto diante da minha casa.

Descanso uma hora, o rosto mergulhado no travesseiro para abafar, matar, sufocar, os pensamentos que tumultuam.

E duas horas depois estava na sede do Rádio-Clube, fazendo uma saudação a cada Estado do Brasil, e recebendo, ao concluí-la, uma manifestação de aprêço para a qual o espíquer convidou, pelo microfone, todos os que me acabavam de escutar, no Brasil todo e em New York.

À tarde, quando começava a escrever uma das conferências que tenho de fazer em Montevidéu, recebo a visita de Gregório da Fonseca, secretário do Presidente Getúlio Vargas. Minha mulher o recebe, e, chego à saleta que nos serve de sala de visitas.

* * *

Quando, há um mês, era mais desesperador o meu estado, e a minha enfermidade se agravava com o nervosismo dos médicos, recebi uma carta de um espírita, marcando-me dia e hora para ser recebido no Centro Redentor. Dizia-me êle que meu pai e minha avó (não falava em minha mãe; sabia êle, acaso, que minha mãe ainda está viva?) me chamava, e que eu ia receber, ali, confôrto e consolação. Recomendava-me o missivista que não desse conhecimento daquela carta a ninguém; nem mesmo a minha mulher.

Guardei a carta, e não a reli mais. Desde o primeiro instante compreendi que, ou o espiritismo era um embuste e eu perderia o meu tempo, ou era coisa séria, e seria para mim mais uma preocupação. E eis que, agora, se repete o assédio, mas, desta vez, por outras legiões.

Estêve em minha casa, hoje, Gregório da Fonseca, secretário do Chefe do Govêrno Provisório e católico praticante. Após uma hora de palestra, ao nos vermos sós, contou-me êle que vinha de um convento e trazia uma missão. Uma freira, filha do Marechal Bento Ribeiro, lhe havia dado a incumbência de visitar-me, e de perguntar de que modo eu receberia um sacerdote, enviado do Cardeal, que viesse conversar comigo.

— Há um grande interêsse — acentuou Gregório, — na tua conversão. O Cardeal tem-se preocupado muito contigo, e

acha que precisas ter fé e confiança em Deus. E essa menina, filha do Bento Ribeiro, ofereceu-se para colaborar nesse trabalho da tua aproximação com a Igreja.

Sorrio com a revelação e explico a Gregório o que penso a respeito. Acho que, atendendo à orientação do meu espírito, nenhum sacerdote poderá abalar o edifício do meu racionalismo. É possível que, todavia, mais tarde, por uma tendência do sentimento, eu venha a capitular, aceitando o catolicismo sem discuti-lo. Ainda não havia, porém, chegado a hora dêsse milagre.

E conclui:

— Dize à freira, e ao Cardeal, que ainda não chegou a hora...

Gregório concorda:

— Tens razão. Essas coisas não se forçam. Vamos esperar...

*Segunda-feira, 5 de outubro:*

Conta-me o General Jônatas Barreto que, sendo êle não sei quê no gabinete do Prefeito Serzedelo Correia, foi designado para receber a bordo os despojos de Joaquim Nabuco. Recebidos e trazidos para terra, a fim de serem expostos à visitação pública, verificou-se que o caixão não tinha chave, nem fechadura.

— Depois de muito trabalho, e em virtude de uma aposta feita comigo, foi que um antigo deputado por Pernambuco, um Albuquerque, de cujo nome por inteiro não me recordo, descobriu um botão secreto, que abria o caixão, — informa o General Jônatas.

E termina:

— Todos nós compreendemos logo que se tratava da última vaidade do Nabuco, talvez do seu pedido final. Êle não queria que o vissem desfigurado pela morte, êle, que se considerava o homem mais bonito nascido no Brasil!...

*Têrça-feira, 6 de outubro:*

Visita a Coelho Neto. Palestramos êle, Dona Gabi e eu, quando vêm à tona da conversação as boas fortunas do Rio de Janeiro.

— Cláudio de Sousa, por exemplo, tem mais de quatro mil contos, — observa Coelho Neto.

— Cláudio é muito feliz em negócios, — acentua Dona Gabi. — E tudo quanto êle deseja, consegue.

— Mesmo escrever bem? — indago, pilheriando.

— Ah, isso, não, — objeta Coelho Neto. — E é isso, na vida, o que mais lhe dói. Cláudio sofre com os triunfos literários

alheios. Sofre, mas tem uma qualidade: confessa que sofre, confessa que lhe fazem mal os aplausos recebidos por aquêles que exploram os gêneros literários que êle tem tentado.

E conta:

— Uma vez nós fomos assistir, eu e êle, a uma peça do Oduvaldo Viana. A peça agradou, e começou a ser aplaudida. À medida, porém, que o público manifestava agrado, Cláudio ia se mostrando indignado. Achava que a comédia era uma imitação de "vaudevilles" espanhóis, e que não possuía mérito nenhum. Com êste meu feitio, defendi Oduvaldo. E Cláudio não se conteve: convidou-me para sairmos, e, já na rua, me confessou que não se podia conter quando assistia a uma vitória literária. Procurava dominar-se, mas não conseguia. "Que hei de fazer? — dizia-me; — êsse sentimento é mais forte do que eu. Eu sofro com o triunfo dos outros".

— Mas, isso é inveja, perfeitamente caracterizada, — digo.

— É, lá isso é, — torna o romancista. — Cláudio é invejoso, e não pode se libertar dêsse tormento. Êle daria a sua fortuna tôda para ter talento, e a metade dela para que os outros não o tivessem.

*Quinta-feira, 8 de outubro:*

A passagem do 30.º aniversário da morte de Francisco de Castro dá ensejo a uma sessão animada e comovida, na Academia. Falam Austregésilo, Afrânio Peixoto, Fernando Magalhães, e outros. Aloísio de Castro recita um sonêto, à memória do pai. E diz o último verso, chorando.

É curiosa, realmente, a figura dêsse homem de ciência e de letras, e digna de um estudo. Nenhum escritor teve, talvez, no Brasil, tão poderosa influência sôbre uma geração literária. Tendo falecido com 47 anos, deixou êle, à ciência, um núcleo de médicos de grande mérito, e às letras, um núcleo forte, e seleto, de homens de estudo e de gôsto. Dêsse núcleo saíram para a Academia, como escritores, Miguel Couto, Fernando Magalhães, Austregésilo, Roquete Pinto, e seu filho Aloísio de Castro. E êsses nomes constituem, por sua vez, o estado-maior das letras médicas no Brasil.

A nossa história literária não pode esquecer êsse homem. Êle foi um revelador de espíritos, um animador, um descobridor de vocações literárias. Foi, mesmo, o introdutor da estética em nossa medicina, transformando-a em uma religião elegante, que exigia dos seus sacerdotes o gôsto no vestir, no falar e no escrever.

*Sexta-feira, 9 de outubro:*

Mais uma vez observo uma das minhas idiossincrasias: — é-me impossível dormir sem meias. Se não as calço, ou não consigo conciliar o sono, tomado de esquisito nervosismo, ou durmo, e sou assaltado pelos sonhos mais trágicos ou pelos mais absurdos pesadelos.

Dizia mestre Shakespeare que, se os homens tivessem miolos nos pés, muitos dêles morreriam de frieiras. Quem sabe se eu, cujos sonhos dependem das meias, não estou pensando, já, pelos pés?

*Segunda-feira, 12 de outubro:*

Está anunciada para hoje a inauguração da estátua do Cristo Redentor, no Alto do Corcovado. De todo o Brasil vieram peregrinos. Ontem devia haver grande missa campal em São Cristóvão. E hoje outra, no Estádio do Fluminense. À noite, Marconi, da Itália, deve iluminar o monumento, no Rio de Janeiro.

Mas, ontem choveu, e não houve missa. Hoje, amanheceu chovendo, e não houve também. E agora à tarde, chove torrencialmente. E isso me faz refletir sôbre a distância da Terra ao Céu, o qual está tão alto que Nosso Senhor não toma conhecimento, sequer, nem das festas para sua glorificação.

Ou é que Deus cortou, de uma vez, as relações com aquêles que se dizem seus filhos?

*Têrça-feira, 13 de outubro:*

Na Confeitaria Lallet, onde entro para tomar um chá, encontro João Neves da Fontoura, que me fala da ansiedade com que é esperado o meu "Diário" da Revolução, cuja publicação iniciei. E como eu lhe assegurasse a isenção de ânimo com que o escrevi, êle me diz com a vivacidade do seu temperamento:

— Seria interessante que alguém do nosso lado tivesse feito o mesmo, porque se veria, agora, que a história é muito diferente daquela que se está contando. O Getúlio e o Dr. Borges não queriam a Revolução, e o Getúlio ainda menos do que o Dr. Borges. E só a aprovaram quando eu, autorizado pelos companheiros, lhes disse que ela se faria mesmo sem êles. Êles vieram com a Revolução para não ficarem sòzinhos.

E, pequeno, claro, cara raspada, rosto de menino, voz de adolescente que começa a falar grosso sem ter deixado de falar

fino, continua a falar da Revolução, e a insinuar discretamente o papel que nela representa, ao mesmo tempo que procura demonstrar, por meio de palavras sibilinas, a influência duvidosa de Getúlio Vargas e Osvaldo Aranha.

É mais um, em suma, que, não obstante a advocacia rendosa que exerce, não considera, ainda, esta, a República dos seus sonhos...

*Quarta-feira, 14 de outubro*:

Em visita ao Hospício Nacional, onde vou extrair sangue para exame, encontro, em uma das salas de consulta, uma dúzia de pequenitos de cinco a doze anos, ali internados. À minha chegada, todos investem, e me cercam. Os menores se seguram às minhas pernas, abraçando-me. Outros, estendem a mãozinha pálida, para que eu lha aperte. E todos, metidos no uniforme branco hospitalar, se mostram polidos, mansos e meigos, chegando-se a mim como os cordeirinhos se chegam para a sombra de uma árvore na hora da tempestade. De repente, porém, um dêles, dos maiores, tem uma idéia:

— Moço, dá um tostão?

E todos, logo, a voz surda, e gemida, repetem a súplica, a mãozinha estendida:

— Dá um tostão, dá?

Um médico vem em meu socorro:

— São os filhos do Fábio, — diz.

— Filhos do Fábio?

— Sim; o chefe da seção a que êles pertencem aqui é o Fábio Sodré. Nós os consideramos, então, aqui, filhos dêle.

Dou, secretamente, a um dêles, uma prata, para que reparta com os outros. Êle esconde o dinheiro, e recua.

— Dá outro dinheiro pra mim, moço! — pedem os demais.

— Peçam àquele menino, que êle vai trocar, e dividirá com vocês.

— Êle não dá, não, moço.

Nesse momento, entra uma enfermeira, que vem buscá-los. Todos se calam. E as mãozinhas que se estendiam para pedir dinheiro, tôdas procuram apertar a minha em despedida, ao mesmo tempo que os menores se chegavam a mim, abraçando-me, preferindo, de novo, o carinho ao tostão.

E o pequenino rebanho, composto todo êle de anormais, saiu em silêncio, mais obediente e dócil do que o mais disciplinado colégio do mundo.

Quem sabe se, se o mundo, aqui fora, fôsse confiado aos malucos, tudo isso não andaria direito?

*Quinta-feira, 15 de outubro:*

Sessão da Academia. Em meio a esta, dá entrada na sala André Siegfried, autor francês de livros internacionais. Homem de 56 anos, mas conservado. Tomado de mania ambulatória, viajando sempre, parece que a velhice anda atrás dêle, mas não o encontra nunca onde o deixou na véspera. Alto, magro, cabelo e bigode aparados, de ouro sujo e, no rosto, a côr do homem branco que apanhou sol sob tôdas as latitudes da terra. Figura despretensiosa de homem de mérito. Saudado por Fernando Magalhães, põe-se de pé, e responde. Palavras rápidas, precisas, e pensamentos claros, sôbre questões sociais, enunciados com elegância. Frases felizes, pronunciadas sob todos os climas. Um cérebro, enfim, que se abre, como um armarinho, para pôr à porta, em exposição, as mercadorias do seu comércio, mostradas, já, a todos os povos da terra.

E cada mercadoria tem um carinho, que é uma propaganda da França, e da sua cultura, e do seu espírito, e do seu gênio nacionais.

* * *

Após a sessão, reúne-se, secretamente, no isolamento do salão de honra, o "conselho de guerra" que deve resolver sôbre o meu destino, nessa viagem ao Prata. Dessa reunião de médicos, que são ao mesmo tempo amigos, depende a operação na hipófise, a que me devo submeter em Buenos Aires.

Entram para a "sala secreta" Miguel Couto, Aloísio de Castro, Afonso Mac-Dowell, Antônio Austregésilo e Xavier de Oliveira. Êste último é portador de tôda a documentação sôbre o meu caso clínico: radiografias da cabeça, exames de sangue e do campo visual, reação de Botelho, etc. Os juízes da ciência examinam primeiramente tudo isso, e me mandam chamar, para dar alguns esclarecimentos. Confabulam de novo, e Miguel Couto lavra a sentença verbal:

— A nossa opinião, Humberto, é que não deves fazer agora essa operação. A tua doença tem tido uma evolução muito lenta, e observamos que ela pode ser detida, e, mesmo, pode involuir, com um tratamento continuado e metódico. O exame do campo visual é dos mais favoráveis. Êle aumentou consideràvelmente de agôsto para cá. E isso não aconteceria se se tratasse de um

tumor maligno, ou mesmo de uma inflamação renitente. Quanto aos sofrimentos de próstata e bexiga, êles não devem correr tanto por conta da hipófise. É um caso que a nossa cirurgia pode liquidar. A nossa opinião é, pois, que você vá a Buenos Aires, mas para passear e repousar. Consulte o Segura, que é uma autoridade. Peça a opinião dêle, e diga-lhe a nossa. Mas não se opere. Seria inútil dizer a você que se trata de uma operação delicada e de grandes riscos. E os seus amigos, os médicos que aqui se acham, não consentem que você arrisque a sua vida longe dêles. Você está melhorando. Não ficará curado, mas pode melhorar muito, e viver muito, para nos dar a ventura do convívio do seu espírito. É com alegria que lhe dizemos isso, e eu, por minha parte, o faço com todo o meu coração.

Em seguila, todos me abraçam, com sinais de alegria no rosto e na alma. E Aloísio de Castro me mete no seu automóvel e me vem trazer em casa.

*Sexta-feira, 16 de outubro:*

É curioso o modo por que se formam as lendas, e vale a pena acompanhar-lhes o surto, desde o início. Os dias 11, 12 e 13 do corrente, foram, no Rio, de chuva e de nevoeiro baixo, de modo a tirar todo o brilho às festas do Cristo Redentor, cuja imagem colossal se inaugurava no cimo do Corcovado. Às sete e quinze da noite, a chuva continuava fina e o nevoeiro continuava grosso. De modo que não se viu, absolutamente, aqui de baixo, o sucesso da proeza de Marconi, iluminando a estátua, através do oceano. Os que melhor viram, viram apenas a claridade, coada nas nuvens. Eu tomei um ônibus, fui até à praça do Jockey Club, e vi apenas, com intermitências, um clarão de lua escondida. Minha filha, que fôra até à Praia de Botafogo, nada conseguiu ver. Pois bem; não obstante isso, já começa a se formar a lenda. Em visita que hoje me fêz, contou-me o ex-Senador Magalhães de Almeida que a sua senhora, cuja religiosidade chega às raias do misticismo, lhe contou ontem que se deu um verdadeiro milagre na noite daquela inauguração.

— Eu, de casa, não vi nada, — diz-me êle; — mas Vivi me contou que impressionou a todo mundo o fato que se deu. Ela estava na Praia de Botafogo às sete horas. Não se via nada para os lados do Corcovado. Às sete e quinze, porém, as nuvens se afastaram, e a imagem do Redentor apareceu justamente quando ia ser iluminada. Parecia que ia subindo ao céu. Permaneceu assim um momento, e as nuvens se foram aproximando outra

vez, como os dois panos de uma cortina, até que desapareceu. Daí em diante não se viu mais nada, a não ser o clarão.

Essa tradição, talvez ainda mais ornada pela imaginação, será, com certeza, a que prevalecerá no futuro. Eu quero, porém, deixar o meu depoimento, que é o de todos os homens do Rio de Janeiro: na noite da inauguração do Cristo, ninguém o viu. Nem, mesmo, os discípulos, no caminho de Emaús...

*Sábado, 17 de outubro:*

No andar térreo do Ministério da Educação, onde aguarda o Ministro Belisário Pena, encontro, em companhia de dois cavalheiros, Evaristo de Morais. Ao ver-me entrar, abandona os companheiros e vem ao meu encontro, jovial e amável. Encostamo-nos a uma coluna, e pomo-nos a conversar. E êle, logo de princípio, desabafa:

— Ah, "seu" Humberto, que vergonha vai por isso tudo!

Interrompo-o sorrindo:

— Que é isso? Então, você não está satisfeito com a República Nova? Ela não é sua filha?

— Não, eu não nego que tenha responsabilidade nisso que aí está. Mas isso que nós estamos vendo é uma pândega.

Resolvo não o interromper, e êle fala, baixo, para não ser ouvido por outros, mas animado, para ser levado a sério por mim:

— Vocês, que olham isto de fora, não imaginam o que é o saco de gatos dêste govêrno. Vivem todos se hostilizando, se mordendo, se desmoralizando. Osvaldo nunca disse o nome de Bergamini sem ser acompanhado de um palavrão, mesmo na frente de estranhos. Êles próprios se denunciam uns aos outros, insinuando coisas aos jornais. Nunca vi na minha vida tanta falta de tato e de compostura. Você não vê? Você não tem visto?

E, a cada frase, solta um pedacinho de gargalhada, um fragmento de riso gutural que faz lembrar a voz de uma galinha que chama os pintos.

— Todos, na opinião de uns sôbre os outros, são ladrões. Você não vê? Como se pode respeitar um govêrno que desmoraliza todos os seus auxiliares? Não é uma vergonha?

Êle fala, o rosto a um palmo do meu, e eu o examino. Está forte, e moço, para a sua idade. O cabelo de cafuzo, cortado à escovinha, dificilmente deixa perceber os fios brancos. O bigode grosso, e largo, também aparado, está grisalho, mas ninguém dá por isso. E traja, agora, com alguma elegância, terno claro, de casimira, como quem anda de amôres novos.

Despede-se, amável e familiar. E eu, ao ver êsse conspirador de 1930 descontente como tantos outros, tenho vontade de me perguntar a mim mesmo se não serei eu, acaso, o único homem que se acha satisfeito, hoje, com a República Nova...

*Domingo, 18 de outubro:*

Duas visitas, hoje, dignas de registro. Uma, de D. Francisca de Basto Cordeiro, figura altamente mundana que ao envelhecer se consagrou às letras, e de Modesto de Abreu, jovem escritor, presidente da Academia Carioca de Letras. Vieram, ambos, em nome dessa instituição, convidar-me para a sessão pública que me é consagrada, e que se realizará amanhã, à tarde, no salão da Associação Brasileira de Imprensa, e com a solidariedade desta. Modesto de Abreu, pequena figura de funcionário, cujo nome é justificado pelas maneiras, faz-se acompanhar pela senhora, delicado tipo de brasileira, graciosa e calada, e que deve, pelos modos, chamar-se Violeta, que é o da Modéstia feita flor, ou mulher. Dona Francisca, com os seus cinqüenta anos e os seus cabelos grisalhos, é a ruína de um templo grego, daqueles que, mesmo derruídos, demonstram, ainda, o que foram, na graça triste e elegante das linhas. Uma gargalhada fresca, de cantora, alegra essas ruínas, como um córrego que atravessasse uma velha fazenda abandonada mas em que ainda há flores de jardim no meio do mato.

Informado dos motivos da visita, pergunto-lhe se não seria possível transferir para depois do meu regresso a homenagem projetada. A minha doença, a impossibilidade de mostrar-me contente e grato, como devo, aconselham êsse adiamento. Os emissários insistem, porém.

Vou, assim, amanhã, ter uma festa literária, de despedidas.

A outra visita foi à noite. Fêz-ma o Dr. Renato Kehl, o homem que mais se tem batido pela eugenia, no Brasil. Moço, isto é, de 42 anos, mas parecendo ter pouco mais de 30, é alto, forte, elegante, mais de figura do que vestuário. Um defeito no lábio superior, que a cirurgia corrigiu, é denunciado pela voz um pouco fanhosa, a qual demonstra que êsse defeito não era superficial. Trouxe em sua companhia, também para visitar-me, sua senhora, filha de Belisário Pena, atual Ministro da Instrução e Saúde Pública. Pequenina, miúda, e loura, Mme. Kehl é um tipo curioso de brasileira. Culta e viajada, é dotada de inteligência viva, e de uma erudição leiga, e austera, em discordância absoluta com a sua figura franzina. Com uma facilidade de ex-

pressão admirável no seu sexo quando êste não trata de futilidades, Mme. Kehl me conta haver sido, quando menina, profundamente religiosa. Um dia, porém, de repente, teve a impressão de que despertava de um sonho, e que penetrava na realidade da vida e das coisas.

— Era — diz — o "estalo" do Padre Antônio Vieira, no sentido da negação. Deixei de crer, de repente, como um milagre. Debalde minha família trabalhou para que eu voltasse à fé antiga, debalde os padres, amigos da nossa casa, tentaram me convencer de que a verdade estava com êles; tinha raiado a manhã no meu espírito. Pus-me a ler, com sofreguidão, tôda a biblioteca de um parente meu. E as viagens à Alemanha e à Áustria fizeram o resto.

E de repente:

— É em nome dessas idéias, e dêsse estado de espírito, que nós estamos aqui. Disseram-me que o senhor havia feito profissão de fé católica. Ontem, em nossa casa, isso foi objeto de discussão. Asseguraram-nos que o senhor se havia convertido integralmente. E resolvemos vir aqui, ouvir do senhor, pessoalmente, a verdade.

Sorri, ante a notícia. E contestei-a. Não era verdade. Nem, sequer, isso passava pelo meu pensamento. E concluí citando o caso de Renan, o qual recomendava aos seus amigos e discípulos que, se um dia êle voltasse ao misticismo, e a repudiar as suas idéias da maturidade, não dessem a isso importância. Era efeito da idade, da decadência do espírito. É que êle não era, mais, Ernesto Renan.

— Pode, pois, minha senhora, — concluí, à despedida, após duas horas de palestra — pode dizer, garantir, assegurar que é falso o que se anda espalhando. E se, um dia, eu próprio lhe disser que isso é verdade, ou não me creia, ou tenha a certeza de que eu não sou Humberto de Campos...

*Segunda-feira, 19 de outubro:*

Sessão pública da Academia Carioca de Letras, na sede da Associação Brasileira de Imprensa, à Rua do Passeio. Prédio nobre e antigo, construção de Jean de Montigny, e em que há o maior salão do Rio de Janeiro. Às cinco em ponto, chego. Nas filas de cadeiras destinadas ao público, diversas senhoras que não conheço, e cavalheiros graves, que nunca vi. Espalhados pelo resto do salão, os acadêmicos cariocas, muitos dos quais apenas conheço de nome. Entre as senhoras, Maria Eugênia Celso, Ira-

cema Vilela (Abel Juruá), Maria Sabina, Francisca Basto Cordeiro. Aberta a sessão, é nomeada uma comissão para me conduzir ao lugar de honra, na mesa. Salva de palmas, e eu me sento entre o presidente, Fócion de Serpa, e Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa. À esquerda de Fócion, Fernando Magalhães, presidente da Academia Brasileira.

Explicando as razões daquela homenagem, Fócion lê um discurso, em que faz o elogio do jornalista, do poeta, do crítico, do humorista, do cronista. E conclui recitando o meu sonêto "Irapuru", e dando a palavra a Modesto de Abreu, orador oficial da festa. O trabalho dêste é longo, e meticuloso. Passa em revista a minha vida e a minha atividade, pondo em destaque, sobretudo, o poeta, o crítico e o estilista. Lê o meu sonêto "Marinha", e declara que os seus contemporâneos me consideram o primeiro crítico brasileiro da atualidade. Refere-se, ainda, à minha coragem na enunciação das minhas idéias, dando, como exemplo, a defesa que eu fiz do bolchevismo numa época em que êsse nome constituía um espantalho. Atílio Milano faz-me uma saudação curiosa, de improviso. E em seguida, recitam versos meus os acadêmicos Mário Zeferino Barroso, Maria Sabina, Francisca de Basto Cordeiro e Alfredo Cumplido de Santana, cada um dos quais precede as minhas rimas de palavras de admiração e de afeto. E falo eu, por último; falo, a princípio, de improviso, para acentuar que eu não imaginara, jamais, que a festa que me era consagrada tomasse aquela extensão. As palavras que eu havia escrito para agradecer, eram, pois, para outra reunião, que não aquela. E leio o pequenino discurso que havia escrito, o qual é coberto, ao fim, por um longa salva de palmas.

E acaba, assim, a primeira homenagem literária que me é consagrada no Rio, vindo os acadêmicos, em grupo, deixar-me à porta, cercado da mais carinhosa atenção.

*Têrça-feira, 20 de outubro:*

Por ocasião da visita que me fêz domingo último, a fim de me convidar para a festa da Academia Carioca de Letras, Dona Francisca de Basto Cordeiro deixa comigo o seu álbum de autógrafos, para que escreva qualquer coisa.

É, no gênero, o mais precioso do Rio de Janeiro, e que eu tenho visto. Ilustram-no os maiores nomes das letras brasileiras, e as figuras artísticas e literárias de maior relêvo que têm vindo ao Brasil. Vários nomes europeus, colhidos em Paris, esmaltam páginas curiosas. Os autógrafos mais interessantes e originais são,

todavia, os de Santos Dumont e Machado de Assis. Utilizando a última fôlha do álbum, o descobridor da navegação aérea desenhou os três primeiros tipos do seu invento, e escreveu, por baixo: "Dirigível, biplano, monoplano, — minha família. — Santos Dumont. — Rio, 8-I-1929".

Machado de Assis escreveu, na página que lhe foi destinada, esta jóia, modêlo do seu bom-humor:

"Voulez-vous du français ou bien de notre langue?
Uma e outra lhe dou, Francisca, e não se zangue;
Car pour dire d'un beau visage et son esprit
Um nome basta, o seu, ce nom tout seul suffit".

Há, ainda, enriquecendo-o, um sonêto com a letra correta e elegante de Bilac, e estas duas quadras, de Coelho Neto:

"O coração é um cofre de segrêdo
Quem uma criança pode abrir:
Basta que o toque com um dedo;
Nem tanto até: basta sorrir.

A fôrça, entanto, o coração resiste.
Pode à violência sucumbir,
Mas do segrêdo não desiste.
E uma criança o pode abrir".

*Quarta-feira, 21 de outubro:*

De regresso da casa de Coelho Neto, minha mulher dá-me, zombeteiramente, uma notícia:

— Sabe o que se está comentando muito por aí e foi assunto da conversa em casa de Gabi? A sua conversão ao catolicismo. Dizem que você sai tôdas as madrugadas para ir à missa, e que você comunga quase todos os dias. A viúva Franklin Sampaio assegura que tem visto você sair para a missa.

— É mentira dela, — respondo. — Eu tenho saído mas é para ir passear com ela, de manhã, de automóvel.

Uma verdade daquele calibre só pode ser contestada com outra, como esta.

*Quinta-feira, 22 de outubro:*

Visita ao Itamarati, onde vou receber com o chefe do Protocolo, Ministro Restaing Lisboa, uma carta para a Mala Real

Inglêsa sôbre o caráter oficial da minha viagem. Homem de estatura mediana, fino de corpo e de maneiras, vestido de prêto, cabelos pretos, óculos pretos. Polidez extrema e grave. Enquanto espero a carta, entra no salão um rapazola da Embaixada Portuguêsa, quase um menino. Atendido no meio do salão, começaram os dois um torneio de mesuras e salamaleques, para ver qual dos dois fazia a última reverência, e passava por último para a sala contígua.

E nessas mesuras, nesses salamaleques, nessas reverências, uma insinceridade tamanha, e um tão acentuado profissionalismo, que se fica a perguntar se não seria mais prático, e não ficaria mais barato, a utilização de bonecos de mola, simples aparelhos mecânicos, nos trabalhos da diplomacia.

* * *

Ao entrar na Academia, Augusto de Lima exclama, de longe:

— Eu tenho uma coisa para você. É uma preciosidade...

— Lá vem catequese... — digo, de mim, comigo.

Momentos depois, aproxima-se êle, tendo qualquer coisa fechada na mão.

— Tome isto, — diz; — é uma relíquia... É só para você... Não diga nem mostre a ninguém... Graças a ela, eu já escapei de um naufrágio, de um desastre de trem e de diversos outros perigos... É uma Santa Teresinha do Menino Jesus... Você vai fazer uma operação, pegue-se com ela, confie nela... Dom Leme (O Cardeal) fêz a operação dêle, também muito grave, e com tanta fé, que não sentiu a menor dor... E no momento da operação, ela apareceu a êle; êle a viu, mas viu mesmo...

Félix Pacheco, que chega na ocasião, assiste às últimas palavras de Augusto de Lima. E, quando êste se retira, diz-me:

— Êste Dom Leme está fazendo um trabalho tremendo de propaganda. É um político formidável... E vai vencendo tudo...

Abro a "relíquia" de Augusto de Lima. É uma pequenina carteira, tendo, interiormente, de um lado, a imagem da santa e, do outro, uma pétala de rosa.

Pode não ser milagroso; mas é delicado.

*Sexta-feira, 23 de outubro:*

No Ministério da Educação, Belisário Pena, Ministro da pasta, recebe-me com a alegria e simplicidade habituais. Vou despedir-me dêle e êle, interrompendo o exame de um monte de

processos que os secretários lhe apresentam, põe-se a conversar, contando-me a satisfação com que viaja o interior. Entre os caboclos, faz-se caboclo rasteiro como êles.

— A grande excursão que eu fiz pelo interior até o Pará em companhia do Artur Neiva, — diz, — teria sido deliciosa se, por exemplo, fôsse feita com você, que gosta dessas coisas e sabe compreender a nossa gente sertaneja. Com o Neiva, a minha viagem foi um inferno. O Neiva é um neurastênico intolerável e, além de tudo, não era um clínico. Não examinava um doente, não ministrava um remédio. Os caboclos não acreditavam, por isso, que êle fôsse doutor, nem lhe dispensavam a consideração de que êle se considerava credor. E isso o irritava, tornando-o cada vez mais insuportável.

E tornou a falar do sertão, e do sertanejo, do qual sente saudades na situação oficial em que a política, de repente, o colocou.

*Sábado, 24 de outubro:*

Primeiro aniversário da Revolução. Dia lindo, e claro. O céu azul, o mar azul, as montanhas azuis. E o sol, sabão de ouro, ensaboando tudo. Pela manhã, grande parada militar, comemorativa, na Praia do Flamengo, perto da minha casa. Não chego, porém, sequer à janela. Sofro e gemo surdamente. Gemo e escrevo.

Há um ano, neste dia, eram as apreensões dos governistas, que tombavam, e as esperanças dos revolucionários, que subiam. Hoje, sucede o contrário: esperanças entre os antigos governistas, livres das responsabilidades do govêrno, e apreensões entre os revolucionários, responsáveis por êle. Nesses doze meses, muita ameaça, muito boato, muito rugido de leão em redil; mas, ao fim de tudo, a vitória do velho coração brasileiro, inclinado, sempre, ao perdão e ao esquecimento. Não se matou ninguém. Não há ninguém na prisão, e os que se acham no exílio só ali permanecem porque dispõem de recursos e consideram inoportuno o próprio regresso. E a nação, aqui, sacudida pelo vento e pelo mar, sem que a possam manter tranqüilamente sôbre as vagas os marinheiros que lhe tomaram o leme e as cordas das velas.

Em suma, vamos indo. E se faltam cabeças à República, é que, onde falta cabeça, sobra coração.

*Domingo, 25 de outubro:*

(Bordo do "Astúrias", na costa do Rio de Janeiro.) Partida para Montevidéu. Às duas horas saio de minha casa, em companhia de meus dois filhos, de minha filha e do meu amigo

Magalhães de Almeida. No pôrto, encontro algumas pessoas que me vão abraçar. Às três horas em ponto, o navio desatraca. Afasta-se aos poucos, manobrando para a grande marcha, ao som triste, quase fúnebre, do hino inglês, atacado pela orquestra de bordo. No meio de vários grupos vejo um grupo, que é meu. É composto por meus amigos, e por meus filhos. Entre os que me dizem adeus, vejo o meu filhinho Humberto, de oito anos. Quando um dos braços se fatiga, ergue êle o outro, num movimento rápido, para que o ar não fique um só instante sem a agitação da sua mãozinha miúda e amiga. Os seus cinco dedos são as pontas da última bandeirinha viva que assinala, em terra, o lugar em que deixei o coração.

O navio, soberbo, imponente, com os seus seis "decks" e as suas três chaminés fumegantes, toma velocidade. Vejo, ao longe, as avenidas litorâneas e reconheço, pela direção, a minha casa. Consulto o meu coração e sinto-o mudo, silencioso, no seu orgulho.

O transatlântico defronta, porém, o Pão-de-Açúcar, cuja mole imensa encobre aos meus olhos o prédio em que os tenho pregados. Por que não hei de eu pôr, também, uma pedra destas sôbre a minha lembrança, tornando-a em lousa do túmulo em que sepultei, com os remanescentes da minha mocidade, os restos da minha vida?

Feita a curva, rumo do mar, e passada a Praia Vermelha, surgem o Leme e Copacabana, que se agasalham num véu ligeiro, franzido de espuma. Por cima da cidade e das montanhas, no alto do Corcovado, Jesus de Nazaré abre os braços, convidando ao sossêgo e à segurança da terra firme os homens que passam ao largo, na imensidade do oceano... Mas o navio afasta-se, ganhando o mar alto. Para os lados do litoral o trovão reboa, revolvendo em chuva a temperatura do dia quente. E a terra desaparece, na chuva e na distância. São cinco horas da tarde.

Abandono o convés, à procura do meu camarote. O navio é enorme mas não dá, dentro dêle, idéia da sua extensão. Os grandes navios e os grandes edifícios são como o Rio Amazonas, cuja majestade não se pode avaliar, pela impossibilidade de vê-los em conjunto, senão quando se está de fora.

A chuva, em grandes rajadas, fustiga o navio. Êle marcha, porém, insensível, como Gulliver chicoteado com chicotes de linha por todos os habitantes de Lilliput.

Às oito horas envergo o meu "smoking", desço para o jantar. Como não sei onde se encontram os meus companheiros de comissão e de viagem, aceito a mesa que me é indicada a um

canto do salão, e onde permaneço solitário. A alegria dos demais passageiros, na sua quase totalidade argentinos e inglêses, faz-me mal. Os meus padecimentos físicos agravam-se com o esfôrço e com as emoções do dia. E eu resolvo não voltar mais ao salão, e fazer, de amanhã em diante, as minhas refeições no camarote.

Subo, em seguida, ao convés e ao salão de danças. Estas não começaram ainda. Observo os passageiros, divididos em dois grupos: o dos inglêses e o dos argentinos. Aquêles, com o aspecto de indivíduos que consideram a Terra um planêta descoberto para uso da raça saxônica; e êstes, com a superioridade arrogante de quem não se preocupa com isso. São, todos, capitalistas idosos, que regressam à América depois de alguns meses de prazer e de férias. Têm, todos, ares de milionários felizes. Apenas, o dinheiro não lhes serviu de muito na Europa, uma vez que regressam arrastando após si uma inglêsa sem idade ou uma argentina sexagenária de cabelo acaju, recendendo à tinta da véspera. Entre êles, familiar e risonho, um tipo de índio brasileiro. Moreno, imberbe, fortes óculos de ouro. Peruano ou japonês.

Completei anos hoje. Quarenta e cinco.

— Pêsames, meu amigo!

*Segunda-feira, 26 de outubro:*

(Pôrto de Santos) — Madrugada. Quatro horas. Um farol no mar. Luzes indecisas, ao longe, de cidade que ainda não acordou. Após uma noite mal dormida olho o céu sem sol como um enfêrmo ainda tonto de clorofórmio que entrevê o mundo através de uma tira de gaza.

O navio avança pelo canal infindável. Pequenas lanchas a gasolina estalam ao lado do "Astúrias" como pequeninos insetos irritados. Como fico do lado oposto ao da cidade não vejo a atracação nem o pôrto. Pela vigia do meu camarote diviso apenas alguns galpões de zinco e embarcações miúdas que passam trepidando.

De repente, um golpe à porta. É um estafêta que me traz um telegrama de Magalhães de Almeida, desejando-me boa viagem. É um amigo. Uma árvore no meu deserto. Deito-me para dormir um pouco. Mergulho num ligeiro sono cansado. Mas desperto logo, com uma voz forte, que exclama à porta, abrindo-a:

— Dá licença?

Ergo-me, estremunhado e tonto. Na meia sombra reconheço o excelente amigo que me vem ver. É Manuel Vilaboim, antigo Senador, antigo líder da Câmara dos Deputados, que desceu de

São Paulo nesta manhã brumosa especialmente para me trazer o seu abraço. Está forte, gordo, remoçado, na sua figura simpática de estadista do Império. Informa-me ter sabido à noite que eu passaria em Santos pela manhã, e descera no primeiro trem. Dou-lhe notícias da minha vida, dos meus sofrimentos físicos, da má operação financeira com a minha casa do Andaraí, e êle me censura não lhe haver escrito, pois que êle iria imediatamente em meu auxílio. Indaga se êste ainda será oportuno, e eu lhe respondo negativamente. É tarde; está tudo perdido. Põe-se, todavia, à minha disposição para o que se torne preciso para a reconquista de minha saúde. Eu lhe agradeço com o coração a boa-vontade da oferta, e passamos, em seguida, à política.

— O Washington, — diz, — foi vítima da sua excessiva boa-fé, à qual se deve a vitória da Revolução. Eu procurei convencê-lo inúmeras vêzes do perigo que nos ameaçava a todos, mas êle não acreditava. Para que o movimento revolucionário fracassasse, bastava que êle não retirasse as fôrças federais que se achavam aquarteladas em Minas. Disse-lhe que não as retirasse, e êle as retirou, confiado na palavra hábil dos homens que tramavam a conspiração. E o resultado não foi apenas a nossa queda, que nada ou pouco significa, mas a situação lamentável em que se acha o país, sem orientação, sem crédito, sem homens responsáveis. São Paulo, principalmente, está pagando caro a sua fé na Revolução.

E após uma hora de palestra, sempre amável e bom, despede-se, reafirmando a sua velha amizade e repetindo os seus generosos oferecimentos.

* * *

Às 6½ da tarde, partida de Santos, que não consigo ver senão pela vigia do camarote no momento da partida. À medida que o "Astúrias" ganha o mar, olho o perfil das montanhas, esbatidas na distância e na cinza da tarde. Contemplando-as, evoco o pavor surdo dos conquistadores primitivos, ao fitarem êsse azulado círculo de serras, que guardavam os segredos de um mundo novo. Que mistérios e perigos dormiriam para além daquela muralha ciclópica? Que panoramas se descortinariam daquelas alturas? Que sonhos teria despertado na alma dos nautas e dos desbravadores lusitanos o majestoso espetáculo destas serranias que parecem fechar o caminho da terra e do céu? Recolho, porém, os olhos, e solto-os, mais perto, na paisagem do litoral. Até à base da cordilheira dos Órgãos é a planície uniforme, onde o homem reuniu e disciplinou as águas dos antigos alagadiços. Aqui, nestas terras inundadas, bateram-se tamoios e portuguêses, homens ves-

tidos de ferro e homens vestidos de penas. Nestes ares silvou a flecha, faiscou a espada, estourou o arcabuz. Naquele solo, que vai desaparecendo à minha vista enfêrma, se estenderam as sombras de Anchieta, de Nóbrega, de Frei Vicente, de Frei Gaspar da Madre de Deus. E levanta-se na minha imaginação, ajudada pela melancolia da tarde, todo o poema épico e sacro da Conquista.

Pouco a pouco, porém, vai o navio galgando as ondas, rumo do oceano largo. As vagas se encapelam cada vez mais, num protesto de espumas. Vejo desaparecer ao longe a última ponta de terra alta, que avança pelo mar, como se quisesse acompanhar o transatlântico que lhe carrega os filhos. E os olhos se me enchem d'água. Lágrimas, aos pares, rolam dos meus olhos, correndo-me pelo rosto triste. É um chôro doce, comovido e bom. Chôro que me dói e que me faz bem. Chôro, enfim, de quem, pela primeira vez, e já quase no fim da vida, se afasta do solo da pátria, para escutar outra língua, tratar com outros homens, comer outro pão.

Tento olhar com o meu ôlho enfêrmo, e nada vejo. Mas peço a Deus que mo conserve. Êle ainda me serve para chorar...

*Têrça-feira, 27 de outubro:*

Noite mal dormida, ou dividida em oito ou dez pequenas fatias de sono, cortados pelas minhas dores. Mas, como as árvores de espinho sempre têm a sua flor, eu vou vivendo, nestas últimas vinte e quatro horas, um pequeno conto de fadas, que me divertiria se eu não viajasse doente.

Tendo de passar, de meia em meia hora, para o quarto de banho contíguo ao camarote, sucede que, na minha ausência, o camaroteiro entra sem ruído, e deixa sôbre a pequena mesa o café, o almôço, o jantar, ou frutas, queijo e compotas. Ao entrar no camarote encontro sempre uma bandeja repleta de guloseimas, sem ver, jamais, quem ma trouxe.

Elias viu o corvo que lhe levava o pão junto à corrente de Lorit. Eu não surpreendi, porém, a ave sem asas que me alimenta.

* * *

Descobri o "pássaro". Chama-se Charles. Figura poderosa, loura, corada, de antigo fidalgo bretão. Calça preta, colête branco, camisa dura e gomada, gravata branca. Bigodudo e forte como se saísse de uma página de Walter Scott. Altivo e, ao mesmo tempo, serviçal, a sua presença, como a sua bandeja, seria desejável se não fôsse acompanhada, sempre, de um cheiro estranho e azêdo de geléia de abricó.

Meio-dia. Mar sossegado e côr de cinza leve. Reaparece a terra, com algumas dunas alvas, e montanhas ao longe. Águas de Santa Catarina.

Onze horas da noite. Ouço barulho, palmas, alegria, no convés que fica acima do meu. Dança-se, grita-se, aplaude-se. Informam-me que há, a bordo, danças e cinema. Mas eu continuo deitado, lendo, dormindo, ou gemendo, sem indagar se é dia ou se é noite, se o Sol brilha lá fora ou se brilha no céu a Lua. Não posso dar dois passos sem uma dor dilacerante. Quem viaja com o meu nome não é um homem: é um saco de cacos de vidro. E os vidros vão cortando o saco.

De quando em quando um banho quente, com água salgada. Se o homem é, como afirma Quinton, um organismo que teve a sua origem no mar, eu sou uma entidade que volta ao seu elemento...

*Quarta-feira, 28 de outubro:*

Alto mar. Amanhece. Manhã sem Sol, ou de Sol que se não vê. No horizonte, para os lados de terra, uma faixa de bruma rósea, como uma orla de porcelana. E essa faixa, à medida que sobe, vai se tornando ligeiramente azulada, mas dêsse tom azul tênue que põe em destaque as veias delicadas no mento fresco das crianças e das moças de pele clara. Não se vê terra. O mar, escuro e grosso, move-se com preguiça como um gigante em descanso mas que experimenta os músculos para as grandes lutas do dia.

Meio-dia. Vêm ao meu camarote Ernâni Lopes e Renato Pacheco, declarar que me escolheram para presidente da nossa delegação. Recuso. Alego minhas condições de saúde. Há dificuldades para escolha de outro presidente. E fica resolvido que não escolhamos nenhum.

Deixo, pela primeira vez, de ser presidente de qualquer coisa. Presidente eleito ou proclamado no mar.

Seria o João-sem-Terra.

* * *

Sete horas da noite. Dia todo sem ver a costa. Horizontes de cinza triste. O navio reduz a marcha para chegar pela madrugada a Montevidéu. Dores de cabeça e perturbação visual. Mas continuo a ler, dia e noite. Leio Mamine-Sibiriak, Andreief,

Garchine, Gorki, Tolstoi. E meu espírito se encolhe como uma formiga à passagem dêsses elefantes siberianos. Que músculos têm, na alma, êsses gigantes!...

Saio do meu camarote para conhecer melhor, neste fim de viagem, os meus companheiros de Arca. Amanhã, pela manhã, encalharemos no cimo do Arará. E eu quero ver a fauna que vai desembarcar, e na qual eu sou, talvez, o mais bravio dos animais.

Pelos corredores longos, começo a encontrar fantasmas. São inglêsas do tempo de Macbeth, vestindo restos de sêda vistosa, que trazem enrolados ao corpo sem a menor preocupação da moda. E cada uma traz à cabeça um chapéu de papel vistoso, distribuído à mesa durante o jantar. Ao vê-las, finas, esgalgas, sem vestígio de pó de arroz na pele côr de tijolo, a impressão que se tem é que êstes cavalheiros que as acompanham foram chamados à pátria para trazer dali as mulheres mais feias da Inglaterra.

As modas atuais, das saias compridas e panejantes, que as inglêsas exageram até o ridículo, contribuem para que as mulheres da raça ainda pareçam mais esquisitas e o "Astúrias" se transforme em um museu de raridades. Cada inglêsa, assim trajada, dá a impressão de estar metida no vestido da avó.

Há baile, de despedida. Baile das múmias, ou bailes de asilo de velhos. A mais moça das damas deve ter mais de cinqüenta anos. E se disser que tem vinte é, então, porque nasceu com trinta.

Nos homens, "smokings" solenes sôbre camisas amarrotadas. "Smokings" que têm o cheiro de uísque de tôdas as marcas e que conhecem, já, todos os mares do planêta.

Êsses "smokings" e êsses vestidos movem-se, rìgidamente abraçados, pelo meio do salão. Alegria surda, de inglês. E ao vê-los assim, a gente tem vontade de perguntar, em voz baixa, à pessoa mais próxima:

— Onde está o defunto?

*Quinta-feira, 29 de outubro:*

Às duas horas da manhã, desperto, e sinto que o navio reduziu a marcha, ou se acha parado. Chego à vigia do camarote e vejo um farol forte, piscando perto. Devemos estar diante de Montevidéu, e aquêle ôlho de Polifemo deve ser da cidade que não dorme. Deito-me novamente, para mais uma hora de sono. Às três, levanto-me, faço a barba, tomo um demorado banho quente, e, ao olhar de novo pela vigia, vejo que cai um chuva cinzenta e pesada. São cinco horas e meia e eu, que ainda supunha estar ao largo, para olhar de longe o panorama da capital

uruguaia, tão cantada pelos poetas do Prata, vejo apenas a algumas dezenas de metros uma fila de armazéns iguais e vermelhos, de tijolo cru, ao qual se encosta, abrigando-se da chuva e do vento, uma dúzia de trabalhadores do pôrto que madrugaram para conquistar o seu pão.

O navio atraca, pouco a pouco, e pouco a pouco vai chegando mais gente friorenta, metida em capotes pesados e impermeáveis. Saio para o convés, e observo. Embaixo, no cais, trabalhadores brancos, agitando as mãos, procuram angariar fregueses para desembarque e despacho de bagagem. Passageiros debruçados na amurada falam ou gesticulam para os conhecidos que os vêm receber. Uma velha gorda, passageira de segunda classe, cabelo branco e amulatado coroando rosto de pele fina, põe-se a gritar e quase a urrar como uma leoa ferida, ante a notícia que teve, ou que adivinhou, de pessoas de luto que a esperam lá embaixo. Morte de marido ou de filho. E é urrando e chorando que ela corre pela amurada, como uma fera na sua jaula.

Um dos companheiros chega e comunica-me que o médico já se acha a bordo, para inspeção de passageiros. Um cartão distribuído na véspera informa que se faz mister apresentar à Saúde do Pôrto o atestado de vacina, e o passaporte à Polícia. Não tenho o atestado de vacina e prevejo uma contrariedade. Subo ao salão e encontro um rapagão forte, sentado diante da fôlha de passageiros, e um velhote de pé, que me chama:

— Es de primera?

— Sí.

Procuro mostrar meu passaporte ao moço, para o qual o velho me empurra docemente, e o moço não quer ver nem o passaporte que lhe apresento, nem o atestado de vacina que eu não tenho. Pede apenas o cartão que me forneceram a bordo, para ver o meu número na fôlha, e assiná-lo na lista. Estou despachado, e espanto-me. Não há complicações nem exigências. Mil vêzes mais complicado foi, no Rio, quando, há três anos, eu, deputado federal, regressei do Maranhão com tôdas as minhas imunidades. E fico pensando no comentário íntimo ou público de um turista europeu, ao comparar esta benignidade simpática do funcionário uruguaio com a importância burocrática dos mulatos pacholas que fazem a polícia fiscal ou higiênica dos portos brasileiros.

* * *

Posta a prancha, o navio começa a fervilhar de visitantes. Um companheiro de viagem traz-me o nosso ministro em Montevidéu, Araújo Jorge, velho amigo de há dezesseis anos, e com-

panheiro cotidiano de mesa no "Alvear" e na "Renaissance", onde nos reuníamos, em 1918, para tomar chá e comentar os sucessos da Revolução Russa, cujos ideais de liberdade e de reorganização social ecoavam com estrondo em nossas almas ainda povoadas de sonhos generosos. Enquanto esperamos os meus companheiros de viagem, conversamos:

— Você vem estudar a situação literária no Uruguai, — diz-me; — mas fique sabendo desde já que aqui não há literatura e, havendo embora jornais, não há imprensa. Aqui não se cuida senão de duas coisas: política e futebol. Os escritores que o Uruguai ainda possui, vivem para um canto, erram por aí desconhecidos dos próprios uruguaios. Quem os conhece somos nós, de fora. Há por aí um grande homem, velho educador, dono de uma grande cultura, o Vaz Ferreira. Mas êle passa pela rua e ninguém sabe quem é; ninguém se volta para vê-lo, como se a honra de conhecê-lo não valesse o esfôrço para isso. A Juana de Ibarbouru é uma invenção imprevista. Não tem o talento que se lhe atribui, nem é superior a nenhuma das nossas poetisas. Como era bonita e nova fizeram dela uma espécie de esporte. E nada mais. Você não encontra na imprensa diária um só artigo assinado, de escritor uruguaio. Há umas agências que fornecem cópia de colaboração estrangeira, e é tudo. A literatura é uma atividade exótica no Uruguai.

* * *

A chuva, embora mais branda, continua. Descemos, e vamos tomar o automóvel da legação, para ir à Alfândega ver a nossa bagagem. Tumulto babelesco. Maletas e malas passam-nos por cima da cabeça, e à direita, e à esquerda, como bólides. Grita-se em espanhol, em inglês, em alemão, em árabe, em italiano, em romeno. Um carregador russo descompõe em espanhol um imigrante que lhe entregou a bagagem. Verifica, de repente, que o freguês é seu compatriota. Utilizam a língua natal mas continuam discutindo com a mesma veemência. Consigo descobrir a minha máquina de escrever e ponho-a sôbre o balcão do conferente.

— Abra! — ordena-me um funcionário de terceira classe.

— Não abra! — diz-me Araújo Jorge.

— Abra la máquina! — intima o sujeito.

— Não abra! — ordena com energia o ministro. — Es de la misión brasileña que llegó hoy. Guarde usted la máquina.

O funcionário sorri, humilde, numa desculpa. Guarda a máquina e a minha bôlsa de mão. Saio a procurar minha mala como

quem procurasse um determinado carneiro entre todos os rebanhos da Austrália. Descubro-a mais por acaso do que por método. O acaso é, aliás, nesses momentos, o único descobridor de bagagem em condições de exercer eficientemente o seu ofício. O funcionário aduaneiro prega uma espécie de sêlo nos meus volumes, sem abri-los. Entrego-os ao carregador. E saímos, no automóvel do ministro, rumo do Palácio Flórida Hotel, "calle" Florida, no centro da cidade, onde nos reservaram aposentos à razão de 3,50 pesos por dia, equivalentes a 24$000 brasileiros, ao câmbio do dia.

Dão-me apartamento no primeiro andar, e que tem o número 85. Um quarto mobiliado com sete peças, e, ao lado, banheiro com excelente banheira de água quente e fria, e com as demais utilidades íntimas. Tomamos café com leite e pão mais uma vez, e aguardamos o almôço. E êste é imenso, farto, brutal, gargantualesco. Há um "puchero" de derrubar um homem. E eu, abusando de mim mesmo, como do que me parece mais inofensivo, na ilusão de que os meus incômodos não se aperceberão da extravagância, uma vez que os pratos se encontram, aqui, rotulados com outro nome. Em seguida, embora sofrendo muito, pagando cada movimento com um gemido, desço com os companheiros, a fim de ir à legação do Brasil, à Rua 25 de Mayo. Pelo caminho vou notando, porém, o silêncio das ruas, a quietude da cidade, o quase despovoamento das "calles" centrais, como se tivéssemos desembarcado na Montevidéu do tempo de Artigas, duas horas após a evacuação da cidade pelo caudilho.

* * *

Por cima do Banco Español para El Rio de la Plata é a nossa legação. Entrada solene e grave. Ao tôpo da escadaria um grande salão de espera, que é menos uma peça dessa ordem do que uma nave de catedral. Edifício histórico, assinado por um dos arquitetos italianos de nomeada que aportaram a Montevidéu no último quartel do século passado. Recebidos no gabinete do Ministro, Araújo Jorge entretém comigo uma palestra explicativa, cheia de surprêsas para mim.

— Êste silêncio das ruas que você observou é uma das originalidades inteligentes da cidade. É a hora da sesta, feita, aliás, de diversas horas. O comércio aqui fecha as portas às 11½ ou ao meio-dia, conforme o gênero do negócio, e só abre às duas horas ou às duas e meia. A cidade morre durante essas duas ou três horas. Empregados, choferes, trabalhadores braçais,

tudo se recolhe a casa para o almôço e repouso subseqüente. Depois, voltam todos ao trabalho, que avança pelo resto do dia, e que às vêzes vai pela noite adentro com uma nova turma de empregados. Daí êsse movimento noturno da cidade, que você vai observar. Ninguém janta antes das nove horas e os teatros funcionam até uma hora da manhã. A essa hora, o trânsito nas ruas centrais como a 18 de Julio é tão intenso como durante o dia.

Voltamos a falar da vida intelectual, e Araújo Jorge acentua, confirmando o que já me dissera antes:

— Isso é que, verdadeiramente, não há. Passe você os olhos por êsses jornais. Não há nada de interêsse. O uruguaio, com exceção de um ou outro idealista, desconhece o mundo e o seu próprio país. Para êle o mundo se reduz à sua política e ao seu futebol. E isso porque a vida do país é o resultado apenas da atividade de estrangeiros. O uruguaio nato, agora é que começa a mover-se. Os colonos, os argentinos e os brasileiros é que faziam o seu comércio e até a sua política. Até há pouco tempo, o melhor meio de conhecer o uruguaio era observar a rua. Aquêle que, no meio da multidão apressada, caminhava devagar, com as mãos cruzadas nas costas, atropelado por todos, era, fatalmente, uruguaio.

* * *

Sinto-me mal, no dia frio, longe do meu quarto do hotel. Tomo um automóvel e regresso para o Flórida. E aí fico até à noite, quando, ao chegar ao salão, encontro um casal brasileiro que me vem visitar. É Otacílio Braga, professor da Associação Cristã de Moços, casado com a antiga secretária do Colégio Batista, do Rio de Janeiro, conhecida de meus filhos. Chama-se Gladir, a moça. Pequena, simples, amável, com uma acentuada expressão de candura e bondade. Olhos de quem tem chorado muito sem limpar os olhos. Convidam-me para um ligeiro passeio a pé, pelas ruas mais movimentadas àquela hora. E eu tomo o primeiro conhecimento com Montevidéu, que sinto animada, cheia de vida, com os seus belos estabelecimentos de comércio, mais ricos e de melhor gôsto do que os seus congêneres do Rio de Janeiro.

O casal Braga janta comigo. Em seguida procuro dormir. Mas o sono é cortado, de hora em hora, pelos meus sofrimentos físicos, como sempre.

*Sexta-feira, 30 de outubro:*

Passo em casa metade do dia. À tarde, ligeiro passeio pelo centro da cidade.

Entre as originalidades da terra, o costume de expor no passeio os objetos de comércio. As quitandas encostam à parede, do lado de fora, as caixas de peras, de laranjas, de maçãs, de repolhos, em uma exibição colorida e bizarra. As casas de brinquedos enfileiram no passeio, à ponta da calçada, velocípedes e bonecos.

Olho êsses estabelecimentos. E lembro-me do meu colega Gustavo Barroso, com o seu peito atulhado de comendas e berloques, nas noites de carnaval acadêmico, isto é, de sessão solene, no Petit Trianon.

*Sábado, 31 de outubro:*

Passeio pela cidade, entre gemidos. Resolvo, então, ficar em casa, tomando conhecimento com a terra e com o povo através da sua imprensa.

O uruguaio atual, de tipo comum, é fisicamente belo e forte. De raça branca, melhorada pelo clima e pelos desportos, manifesta, contudo, certo entorpecimento mental, ou, pelo menos, um gôsto diverso do nosso, no que concerne às coisas delicadas e amáveis da vida. Age sem meditar muito, e sem cogitar dos perigos. É, finalmente, mais norte-americano do que europeu. É um belo animal de raça latina a que ensinaram um majestoso trote saxônico.

As mulheres são formosas e fortes. Dão a impressão de que amam sem sonhar e vivem mais dos sentidos do que da alma. São Julietas que pedem, não o balcão florido para o galanteio romântico, mas um leito fôfo para o amor desesperado.

A carne humana tem, aqui, o prestígio da carne de boi.

## NOVEMBRO

*Domingo, 1 de novembro:*

Amanheci pior, e conservo-me no meu quarto de hotel. De uma solicitude que eu diria fraterna, se os irmãos de hoje não fôssem como Esaú e Jacó, Araújo Jorge, Ministro do Brasil em Montevidéu, tem sido infatigável em tornar-me menos penosos êstes dias de enfermidade. Três, quatro vêzes por dia, vem êle ver-me, demorando-se em palestras longas, em que trocamos impressões sôbre os homens e as coisas do Uruguai.

Deve ter, êle, hoje, uns quarenta e oito anos. De estatura mediana, mas sólido, tem cabelo negro e liso, partido ao meio.

Moreno, a pele fina, de tons vermelhos. Rosto escanhoado e bôca rasgada mostrando dentes iguais, perfeitos e excelentes. Óculos de aro de tartaruga velando os olhos miúdos e escuros. Boêmio, ingere seis, oito, às vêzes dez uísques por dia. E o termômetro das doses ingeridas é o seu sistema venoso, a ramificação das veias das têmporas. Êsse, e o tom mais vermelho, quase roxo, da tez fina, e uma alegria larga, e nervosa, que se desdobra em gargalhadas e em uma agitação que o faz andar de um lado para outro rindo e palestrando com animação. O abuso do álcool, que lhe não feriu o belo espírito e a clara inteligência, já se vem manifestando, contudo, por um sintoma físico alarmante: uma espécie de paralisia das mãos, que ordinàriamente lhe pendem dos braços como abandonadas.

Independente, porém, da alegria excessiva que lhe dá o álcool, é alegre, vivaz e jovial. Ri sempre de pé, atirando o corpo para trás e agitando os braços, como quem vai cair de costas e procura segurar-se. É casado com uma formosa senhora que tem fisionomia de menina, apesar de terem, já, um filho de doze anos.

— O álcool, — diz-me êle, — não pode ser combatido como os outros vícios. Há naturezas para as quais êle é uma necessidade, um elemento de vida, e que não subsistiriam sem êle.

E sisudamente:

— A minha vida sem êle perderia três quartas partes da sua eficiência. Êle me ajuda a trabalhar e a pensar. Êle é, enfim, a gasolina do meu motor. Privem-me dêle e eu serei um homem liquidado.

E levanta-se para rir, dando uma volta pelo quarto.

*Segunda-feira, 2 de novembro:*

Ao escutar, pela manhã, da minha cama, o barulho de alguns sinos que dobram melancòlicamente, recordo que hoje é Dia de Finados. E reflito sôbre a coincidência de encontrar-me hoje, como há três anos, doente, e longe de casa. A 2 de novembro de 1928 eu acabava de chegar ao Maranhão, e me encontrava com febre, na mesma situação de hoje.

O mês de outubro é, aliás, para mim, o mês das viagens. Em outubro, 10 ou 11, de 1912, deixei o Pará, embarcando para o Rio de Janeiro. Em outubro, 19, de 1928, parti para o Maranhão, a fim de agradecer a minha eleição para deputado. A 25 de outubro de 1931, parti do Rio de Janeiro para Montevidéu. A 25 de outubro de 1886 vim do outro mundo para êste. Será em outubro, ainda, que embarcarei dêste para o outro?

*Têrça-feira, 3 de novembro:*

Araújo Jorge tem trazido a visitar-me alguns jornalistas, com os quais tenho palestrado, utilizando sempre, para isso, a língua dêles. E isso não me é difícil, pois sempre li muito a literatura espanhola e aprendi, sem custo, as características da prosódia uruguaia.

Encarregado pelo govêrno brasileiro de estudar a situação da imprensa em Montevidéu, tenho me transformado, diante dêles, de entrevistado em entrevistador. Ao contrário dos meus companheiros de missão, que procuram obter notícias de imprensa para justificar a viagem, eu estou aproveitando os jornalistas para obter material com que possa escrever no Rio uma ou duas dezenas de artigos. Querem, todos, dar a impressão, no Brasil, de terem impressionado vivamente o Uruguai, quando, na verdade, pouca gente se apercebeu da nossa missão ou se preocupou com ela, ocupados, como se acham todos, com as eleições que se vão realizar a 28 do corrente.

Mas, com tôdas as nossas delegações enviadas ao exterior, não terá sucedido o mesmo?

* * *

"El Ideal", de hoje, traz uma longa entrevista minha ou, melhor, uma palestra de um dos seus redatores comigo. Êsse redator foi o jornalista Hugo Ricaldoni, filho do grande médico e publicista Américo Ricaldoni. Observador meticuloso, o jornalista não esquece nenhum dos meus traços físicos, não olvidando, mesmo, as minhas mãos curtas de dedos grossos. Descreve êle a minha vida de lutador, as peripécias da minha mocidade à Jack London. Apenas, por um equívoco de memória, me dá como nascido na Paraíba e colaborador de jornais diários do Piauí. No mais, gentil, cavalheiresco e generoso.

Retratando-me fìsicamente, fá-lo o jornalista nesta dúzia de palavras: "Está enfundado en un ambo de tela tropical, que marca su cuerpo de estatura menos que mediana, pero sólida y firme. Tez mate, cabello rizado y entrecano, fuerte mentón prominente y una nariz roma y bien plantada sobre el paisaje del rosto, con tono de autoridad... Cordialidad norteña, dulce y tranquila, con serena profundidad de cielo tropical".

No correr do artigo há ainda outras observações curiosas sôbre o meu físico. E a finura com que apanhou êsses traços, ou gestos, faz-me adivinhar em Ricaldoni um novelista que o tempo revelará, ou que fará mal, se não revelar.

*Quarta-feira, 4 de novembro:*

Às nove horas, antes de me haverem levado ao quarto os jornais, o criado me veio avisar a presença, na sala, de um jornalista que me quer visitar. E' Enrique Rogberg Balparda, do "El Diario" e de "El Imparcial". Saio a encontrá-lo fora, na sala de espera.

É uma figura simpática e sugestiva. Produto fino, e cuidado, de duas raças polidas. Estatura pouco mais do que mediana, esbelto, elegante, rosto oval, embora afinado acentuadamente no queixo, tem olhos azuis, que denunciam nêle o sangue saxônico materno, e testa ampla e inteligente. De uma vivacidade nervosa, diz-me, mal começamos a conservar:

— "Entonces, morió Zorrilla; no?"

— Zorrilla?

— "Sí; Zorrilla de San Martín".

O nome do grande e velho poeta uruguaio confundia-se ainda, até êsse momento, no meu espírito, com o de seu homônimo espanhol, ou, melhor, com os seus homônimos, o poeta e dramaturgo, e o homem de Estado. O nome por inteiro deu-me, porém, ciência e consciência da pessoa, sem, contudo, me fornecer uma idéia precisa do que essa perda significava para o Uruguai.

Após uma hora de palestra com Balparda, entro no meu quarto para ler os jornais da manhã. E encontro-os cheios de Zorrilla, cujo necrológio enche páginas inteiras, e que é unânimemente considerado por êles o maior poeta uruguaio, em todos os tempos. E vejo, também, que morreu sùbitamente antes da meia-noite, no momento em que conversava com alguns amigos. Estava com 76 anos, era fiscal do govêrno junto ao Banco de la República Oriental del Uruguay, tendo por incumbência assinar tôdas as cédulas emitidas por êsse estabelecimento de crédito. Sob êsse ponto de vista, nenhum poeta, em todo o mundo, punha o seu nome em papéis de tanta valia.

* * *

À tarde, saio para ir a uma casa de flores, onde mando confeccionar uma coroa para o féretro do poeta, em nome da Academia Brasileira de Letras. E venho a saber, ainda pelos jornais, que o govêrno uruguaio deliberou prestar-lhe honras fúnebres de chefe de Estado, expor o corpo na praça pública junto à estátua de Artigas, e, mais, que o Banco de la República votou um crédito para edição de tôdas as suas obras, além de homenagens outras que dão aos seus funerais o caráter de consagração nacional.

Não tendo podido comparecer à conferência de Rosalina Coelho Lisboa, que veio de Buenos Aires para tomar parte na Embaixada Intelectual, vem ela própria ao hotel visitar-me, à noite, em companhia de Araújo Jorge.

Rosalina reaparece-me com todos os seus predicados de espírito e formosura, tratando-me com a mesma familiaridade singela e honesta dos tempos em que ela era uma menina que fazia lindos versos e eu um poeta feio e sem responsabilidades sociais nem políticas. Noto, apenas, que o tempo começa a fazer os seus estragos na obra de arte que ela outrora constituía e ainda constitui. A pele clara e lisa, a bôca fresca, em que cintilam dentes sadios; mas emagreceu um pouco e nota-se que, com isso, o colo começa a descer, deixando, no decote e no pescoço, ligeiras rugas que aparecem nos pequenos movimentos.

O que me faz bem na sua visita espontânea e gentil não é, todavia, o espetáculo da sua formosura: é a sua lembrança, abandonando deveres mundanos para confortar um velho amigo enfêrmo; é a solicitude com que procura me encorajar, quando me sinto tão abatido e solitário; e é a prova que me dá da sua estima pelo meu espírito, recitando-me de memória velhos versos meus, e escrevendo às pressas cartões para amigas e amigos seus de Buenos Aires, recomendando-lhes que me cerquem de todo carinho, e dizendo-lhes que eu sou como um seu irmão.

Visitaram-me, assim, hoje, à noite, em uma pessoa só, o Talento, a Graça e a Bondade.

*Quinta-feira, 5 de novembro:*

Pela manhã saio com Araújo Jorge, de automóvel, em visita à cidade. Em primeiro lugar vamos, porém, à praça em que se ergue o monumento a Artigas, junto ao qual foi pôsto o féretro de Zorrilla de San Martín. O dia está quente e resplandecente de sol. No pedestal da estátua, do lado que dá para o Bulevar 18 de Julho, foi improvisado um dossel de pano escuro, coberto de fôlhas e flores, sob o qual descansa o esquife do poeta. Em tôrno ao monumento, para além da corrente de ferro que o isola, apenas alguns soldados, guardas, e pessoas da família ou autoridades. Fora dêsses limites, apinha-se a multidão, homens e mulheres, que se põem nas pontas dos pés para ver o caixão e as coroas. Êsse agrupamento de umas duas mil pessoas renova-se a todo instante, com os que chegam e com os que partem, com os que já viram e com os que vêm ver. Limusines de luxo encostam à borda do passeio central da praça, despejando cavalheiros e se-

nhoras vestidas com apuro. Nessa multidão e nessa elite, porém, nenhum sinal de tristeza. Curiosidade, apenas. Todos vêm ver San Martín como iriam espiar uma baleia morta que tivesse dado à costa em Carrasco ou Pocitos. E isso dá bem idéia do que seja a glória em relação ao amor. Quando se é querido, e morre, a única pessoa que vai ver o morto, olha-o e chora. A glória reúne muitos em tôrno de um caixão mortuário. Mas não arranca uma lágrima.

Visto assim, de longe, o esquife do poeta, ao qual Artigas e o seu cavalo dão as costas, vamos às praias de Pocitos e Ramírez. Vazias, solitárias, nada têm da beleza que as fotografias dos cartões postais anunciam. A água do Prata, misturada à do mar, empresta a êste uma côr suja, de vestido verde usado por três gerações de mulheres pobres. E a areia que orla a água não é mais convidativa do que esta.

Regressamos à cidade para visitar algumas livrarias. Compro dois volumes de Zum Felde, um de Lauxar, aquêles e êste sôbre a literatura e a história uruguaia; adquiro o famoso "Tabaré", de Zorrilla de San Martín; Araújo Jorge oferece-me os dois volumes da "Epopeya de Artigas", do mesmo autor. Tudo caríssimo.

E regressamos ao hotel, para o almôço.

Segundo artigo de "El Ideal", a meu respeito. É interessante, nesse artigo, à semelhança do que sucedeu no primeiro, o modo por que Hugo Ricaldoni percebe os meus sofrimentos físicos durante uma palestra em que procurei aparentar a maior tranqüilidade. Os meus gestos traíram os meus gemidos, surdos, e êle os surpreendeu.

*Sexta-feira, 6 de novembro:*

Pela manhã, novo passeio, em companhia do Araújo Jorge, pelos arredores da cidade. Vamos a Carrasco, a praia longínqua onde se ergue um grande hotel de luxo, o Cassino em que a gente rica de Buenos Aires vem perder o seu dinheiro. Em frente ao suntuoso edifício, o estuário do Prata, com algumas ilhas longínquas e o fumo de alguns navios no horizonte. Águas baixas e iguais, monótonas como um livro de Cláudio de Sousa ou Gustavo Barroso. Rio, em suma, que dá a impressão de ter sido formado com enxurradas de morro depois de uma grande chuva.

Por trás do hotel, o parque artificial, de eucalipto, e de uma árvore triste, de galhos pendidos, como se estivessem cansados de estar no tronco a que pertencem. Árvore, em suma, cujas

ramadas chorosas lembram versos de Pereira da Silva. Vegetação tão pesada de tristeza que não se vê, sequer, um pássaro nas cercanias.

A árvore, no Uruguai, é, aliás, sempre, um hóspede da terra, que chora por voltar à pátria. O solo, aqui, foi encontrado nu e quer ficar nu como nasceu. É filho, ou pai, do índio charrua, que preferiu morrer a vestir-se.

À noite, vou, com Otacílio Braga, ao teatro "18 de Julio", assistir a duas representações de uma companhia de revistas.

Casa de espetáculos modesta, com uma ornamentação desbotada pelo tempo, e com a orquestra misturada com os espectadores. Como as nossas cadeiras fiquem na primeira fila, o meu companheiro tropeça no bombo e derruba as músicas do homem da flauta. Platéia cheia. Camarotes repletos.

A revista é composta de retalhos de tôdas as revistas, sem costura nenhuma, nem seguimento. Pilhérias antiquíssimas; coristas de bom aspecto. E, como atração principal, a cançonetista argentina Sofía Bozón, que dirige a companhia e regressa da Europa, com ela, após uma temporada feliz.

Sofía é um tipo interessante da sua raça. Moreno-mate, cabelos negros e ondeados, olhos negros e ardentes, bôca rasgada e de dentes bons, que fazem uma esquina ligeira ao centro, não é bela, mas é uma autêntica expressão de graça "criolla". Não tem voz excelente, mas tira todos os recursos daquela que Deus lhe deu. Canta por destino, quase com volúpia, como a cigarra. Canta quantas vêzes a platéia pede, até começar a tossir, arfando o peito magro, de tuberculosa em marcha para o túmulo.

A sua especialidade é o tango. Tangos alegres, tristes, brejeiros, trágicos, canalhas ou desesperados, ela os interpreta todos com alma, com sentimento, como se mudasse de alma a cada momento, de acôrdo com as exigências da peça. Deve ter de vinte e quatro a vinte e seis anos.

A platéia aplaude, pedindo mais. E Sofía canta. Canta e tosse. Canta, deitando a alma, em harmonias, pela bôca bonita.

Canta, cigarra morena! Canta, aproveitando os últimos raios de sol da primavera... Canta!

*Sábado, 7 de novembro:*

Agravam-se as minhas dores. E eu fico em casa. Uma vertigem, efeito do láudano tomado na véspera.

*Domingo, 8 de novembro:*

Noite terrível, a de ontem. Deito-me cedo e tenho dois sonhos sucessivos, que me enchem de pavor. Primeiro, sonho que me encontro no vestíbulo de uma grande casa, o qual tem ao centro uma piscina. De súbito, abre-se uma porta à esquerda, e sai dali minha mulher apertando ao corpo um "peignoir" azul, em que se vêem bordados dragões e cegonhas de prata. Chega à margem da piscina, e olha-me. A sua fisionomia estampa, a um mesmo tempo, a dor e a alegria, o terror e o contentamento. Ri e chora, fitando-me, sem falar. Corro para ela, sacudo-a, grito-lhe, e ela não me responde. Está louca, e no seu rosto se sucedem os esgares trágicos da inconsciência.

Desperto, o coração batendo célere. Durmo novamente, e volto a sonhar. Agora é uma viagem, rio acima, em um navio que procura atracar em um pôrto para o qual dão os fundos de tôdas as casas. Sùbitamente, já não me vejo a bordo de um navio, mas de uma canoa, movida a remos. Na canoa levo um pequeno baú, que é tôda a minha bagagem. A embarcação aporta a Miritiba, minha vila natal, mas é uma Miritiba diferente, que não se parece nada com aquela que eu tenho na lembrança. Quando a canoa encalha no pôrto, procuro retirar o meu baú. Mas êste se acha enterrado na lama, que enche a embarcação. Desenterro-o, e encontro-o cheio de lama. Deixo-o, e desembarco. Em cima, na lareira, velhas e imensas mangueiras sombreiam um relvado, que se inclina em descida. É um parque, pelo qual descem, atiradas do alto, dezenas de bolas de celulóide de tôdas as côres, vermelhas, brancas, amarelas, verdes, azuis... Mas o sonho se vai dissipando aos poucos, e acordo outra vez, com as minhas dores.

São duas horas da manhã. A porta do quarto estremece, continuamente sacudida. Atento o ouvido, e escuto um gemido longo, que não pára mais. É a tempestade lá fora, dois ou três andares acima do meu. Um gato enorme, e doido, mia estirado sôbre Montevidéu.

Reflito sôbre os meus sonhos bizarros. Efeito do ópio, contido no láudano? Ou a vertigem de ontem seria, já, o anúncio nervoso da tempestade que se armava no céu?

*Segunda-feira, 9 de novembro:*

Temperatura de 8°, lá fora. Continuo deitado, sofrendo. Às duas horas, vem Araújo Jorge, trazendo-me ao quarto uma visita. É Juan Carlos Blanco, Ministro das Relações Exteriores. Figura

simpática e aristocrática. Pouco mais de quarenta anos, pele fina e corada, de criança ou de moça; cabelo negro e liso; belos dentes, olhos escuros, rosto escanhoado. Veste com apurada elegância jaquetão negro. Maneiras distintas e fidalgas; palavra medida e pausada de quem escolhe os vocábulos num mostruário para formação cautelosa da frase.

Filho e neto de estadistas e escritores, representante do seu país na Sociedade das Nações, queixa-se, todavia, do seu destino. Asmático e tabético, sofre muito. E é ao clima do Brasil que vai, às vêzes, pedir um pouco de saúde. Estirado no meu leito de doente, escuto-o, tendo-o sentado à cabeceira, no lugar do médico. E êsse homem, que é tido como o aristocrata por excelência da política uruguaia, e como enfêrmo de vaidade e soberbia, demora-se a palestrar comigo cêrca de duas horas, dissertando e ouvindo as minhas opiniões sôbre literatura e política.

Momentos após a sua saída, entra, em visita, Rogberg Balparda. E tenho mais outra hora de palestra, embora de outro gênero. A palavra de Juan Carlos Blanco é o cálice de licor, que se bebe suavemente, trago a trago. Balparda é o champanha que se tem de beber de uma vez, e que desce fervendo.

* * *

Em seu número de hoje, "El Diario", considerando-me "el más prestigioso valor del Brasil actual", censura o govêrno uruguaio por não me haver cercado de homenagens oficiais. "Durante su estadía en nuestra capital, — diz, — nuestras autoridades no se han preocupado de facilitarle entrevistas con nuestros hombres prestigiosos, ni siquiera se les ha ocurrido proporcionarle la producción literaria de nuestro pais". E após uma investida contra os ministros que me não visitaram pessoalmente, lembra ao govêrno a conveniência de me oferecer uma coleção dos melhores livros uruguaios.

*Têrça-feira, 10 de novembro:*

Ontem à noite, após o jantar, algumas senhoras brasileiras, acompanhadas dos respectivos maridos, vieram até a porta do meu quarto a fim de apresentar-me senhoras argentinas e uruguaias hospedadas no hotel. O aparecimento de livros meus nos mostruários da Livraria Monteverde, que os tinha em depósito, pôs em ordem do dia o Conselheiro XX. Diversos exemplares

me foram trazidos para grafar dedicatória, que eu redigi atrevidamente em espanhol, e em verso, ou, mais claramente, em versos espanhóis.

* * *

Hoje pela manhã, visita do Presidente da República, por intermédio do seu secretário. O Presidente deseja que eu vá almoçar com êle, no regresso de Buenos Aires. E eu lhe faço essa promessa, que será cumprida, digo, se desembarcar aqui no regresso.

* * *

Artigo em três colunas abertas, em "El Bien Público", a meu respeito. Artigo entusiástico, em que se me põe em relêvo a cultura e a imaginação, e sou considerado o mais lido escritor da língua portuguêsa, na hora atual. Artigo, também, de "El Imparcial", com os mesmos exageros a meu respeito.

"El Bien Público" é o antigo diário "El Bien", fundado por Zorrilla de San Martín. Fôsse eu vaidoso, e, a esta hora, estaria perdido: teria comido o fruto da árvore d' "El Bien" e d' "El Mal"...

* * *

O uruguaio é, por índole, impetuoso e barulhento. Pisa forte, fala alto, bate as portas, conversa às três horas da manhã com o mesmo diapasão com que palestraria às três da tarde. E tudo o mais que lhe pertence é assim. As caixas-d'água dos W.C. do hotel, quando dão a descarga, despertam a casa tôda. Os atos mais íntimos são realizados com estrépito.

— Bolas! — dizia eu, um dêstes dias, a Araújo Jorge, ao descarregar a caixa-d'água do meu banheiro.

E indignado com a indiscrição:

— No Uruguai, até a m...., para descer, faz barulho!...

São dignas de nota as coincidências verbais do português e do espanhol, quando um vocábulo comum em uma das línguas assume, na outra, caráter de têrmo chulo ou inconveniente. Está nesse caso a palavra "trampa", que em espanhol é "armadilha", "alçapão", e em português é excremento humano. Quem, em castelhano, cai em uma armadilha, cai, em português, no conteúdo da latrina. Em compensação, o vocábulo "pelota" corresponde a "estar nu em pêlo". De onde as pilhérias que circulam quando, no concurso de Beleza, o Brasil deu o título de "Miss" Universo a "Miss" Pelotas.

A melhor pilhéria no gênero é, contudo, a que se atribui a uma criança brasileira, matriculada em um "Jardim da Infância" de Montevidéu. Conforme se sabe, o grupo "11", no castelhano do Prata, soa como "j". Exemplos: "calle", que se pronuncia "caje"; "semilla" (semente), que se pronuncia "semija". Certo dia, volta a pequenita brasileira escandalizada, porque a professôra havia explicado da seguinte forma o processo de fazer uma plantação:

— Hácese un hueco, pónese el estércol, y después la semilla (semija).

*Quarta-feira, 11 de novembro:*

(Meia-noite, bordo do "Ciudad de Buenos Aires", nas águas do Prata). Ás dez horas da noite, partida de Montevidéu, a bordo do "Ciudad de Buenos Aires". Noite fresca e estrelada, e de céu alto como se Deus o tivesse repuxado para cima, a fim de não ser atingido pelos sonhos dos homens. Recebido o abraço dos amigos que me vieram trazer ao cais, entro para o pequeno e gracioso navio, todo atapetado de pelúcia vermelha. Dois apitos furam a noite, as hélices remexem a água, e, em breve, singram o estuário do Prata, escutando o brinquedo das maretas mansas no casco da embarcação leve e ligeira.

Às onze horas, Ernâni Lopes, médico brasileiro, meu companheiro de missão intelectual que também vai a Buenos Aires, convida-me para irmos ao bar, no tombadilho. Passageiros, na sua maioria inglêses e alemães, de brim branco, bebem e comem sanduíches em mesas redondas. O bar é um pequeno jardim de inverno, com plantas verdes emergindo das sanefas de sêda vermelha.

Sentamo-nos, para tomar uma laranjada. O rádio, em comunicação com Buenos Aires, alegra o recinto calado com os tangos cantados por vozes chorosas. Ao fim de alguns momentos, abanca-se, próximo, para um chá, um tipo curioso de velho feliz. Veste roupa de xadrez, à inglêsa, aperta luvas claras na mão fina, é de meia estatura, rosto moreno e escanhoado, afinando consideràvelmente no queixo. Ligeiramente calvo, tem o resto do cabelo, completamente alvo, cortado rente. Dentes bons, ou dentadura artificial admiràvelmente posta. Figura, enfim, de sexagenário solteirão, que desfruta ainda a vida com alegria e entusiasmo. Da sua mesa, olha-me êle com interêsse. Toma o seu chá, e, terminando êste, encaminha-se para a nossa mesa, estaca, e saúda:

— Es usted el señor doctor Humberto de Campos?

Confirmo, espantado, e o velho, depositando as suas luvas e a bengala de castão de ouro sôbre o piano que se acha ao nosso lado, pede permissão para sentar-se, puxa uma cadeira, e apresenta-se. Chama-se Barbosa Terra, é primo do Presidente da República do Uruguai e exerce, há muitos anos, o cargo de cônsul-geral do seu país em Buenos Aires. Ernâni Lopes recorda tê-lo visto, à tarde, no consulado argentino em Montevidéu.

Com os seus modos a um tempo corteses e amáveis, o velho cônsul, que foi jornalista muitos anos, refere o desejo que tinha de conhecer-me, e os motivos dêsse desejo. Conhecia-me de nome, pela leitura de jornais brasileiros. Mas o seu desejo se tornara maior, mais vivo, ao ouvir o que de mim dizia Manuel Bernárdez, ex-ministro do Uruguai no Brasil e na Itália, na sua casa de Montevidéu.

— Bernárdez considera usted el primero periodista no solo del Brasil pero de América del Sur.

Sorrio atrapalhado, e êle insiste:

— Bernárdez me ha dicho, y a muchos amigos suyos, que usted, si fuera francés y hicesse carrera literaria en Francia, sería hoy milionario!

Mudo de conversa, pois as desse gênero sempre me atrapalham. E Barbosa Terra fala-nos de Bilac, a quem conhecera em Buenos Aires por ocasião da viagem de Campos Sales, sendo êle, também, nesse tempo, jornalista. E refere o encanto da palavra do poeta, cujos discursos maravilhosos foram um dos maiores atrativos da viagem do Presidente brasileiro ao Prata.

O cônsul despede-se, oferecendo-me a sua residência em Buenos Aires.

Nesse momento, o rádio transmite as primeiras notas da serenata de Toselli. Ponho a cabeça nas mãos, para ouvi-la religiosamente. Os sons comovidos, apaixonados e doces, enchem aquela parte do navio, e derramam-se no rio, pelas vigias abertas, como um líquido de ouro derramado em imensa banheira de prata. As luzes do bar vão sendo apagadas, uma a uma. O pranto desce pelo meu rosto, em gotas lentas e solitárias. Sinto uma saudade inquieta e funda. Mas, de quem?

Procuro, e descubro. Saudades de mim mesmo. Saudades de alguém que morreu dentro de mim...

*Quinta-feira, 12 de novembro:*

(Buenos Aires) — Desembarque às 8 horas, com um dia claro e temperatura suave. Cidade majestosa e rica, de maior

animação do que o Rio. Recebido a bordo pelo secretário da Embaixada Brasileira, João de Morais, êste me leva para o Hotel Majestic, na Avenida de Mayo, onde me dão bons aposentos olhando a rua, e quarto de banho confortável. Edifício solene e triste. "Hall" circular, visto como uma basílica, sustentado por dezenas de colunas floridas e monumentais. Salão de jantar digno do Sacro Colégio, com lugar para centenas de cardeais. Mas quase vazio, como se a cidade estivesse invadida por alguma epidemia. Agasalhado no alto de uma porta, grande como as de Roma e alta como as de Tebas, um quinteto chora, com lágrimas de tango, o abandono em que se acha o hotel. Nessa vastidão sonora, onde jantei hoje sòzinho, recordei-me de Luís da Baviera escutando Wagner num teatro escuro e vazio.

Às duas da tarde, vou à Embaixada, em visita ao Encarregado de Negócios, Lafaiete de Carvalho. Figura displicente de brasileiro que sofre do fígado. Palavras e movimentos pausados, de espírito e corpo enfermos. Simples e familiar. Magro, alto, moreno e careca. Sempre de acôrdo com o interlocutor, por diplomacia e comodidade. Ares, enfim, de quem se sente irremediàvelmente roubado na profissão e na vida.

Da Embairada, resolvo ir, logo, à residência e consultório do Professor Eliseu Segura, o famoso especialista em extirpação de hipófises, para o qual trago cartas de Aloísio de Castro e Clementino Fraga, seus eminentes colegas brasileiros. João de Morais leva-nos, a mim e a Ernâni Lopes, à casa do grande cirurgião.

"Calle" Carlo Pelegrini, 1980. Saltamos. Aperto o botão de uma campainha, e abre-se uma porta de corredor. Uma enfermeira, de branco, no rigor da indumentária da classe, aparece. Digo a que venho, e entro.

Consultório no andar térreo da casa em que mora o afamado cirurgião. Duas salas de espera, amplas, unidas por um arco. Meia escuridão, ou quase escuridão, proposital e estudada. Nos muros, quadros escuros de mestres flamengos e italianos. Móveis negros, pesados, dignos do segundo ato da "Tosca", na casa de Scarpia. À parede, um fogão apagado, a escancarar sinistramente na treva a sua bôca de túmulo. Aqui e ali, isoladamente, uma lâmpada colonial distribuindo claridade medrosa e mortuária. Nas vastas cadeiras negras, pessoas silenciosas, enterradas em si mesmas. Um grande relógio, alto como um esquife, mede no silêncio fúnebre os centímetros miúdos do Tempo. As portas e janelas de vidro isolam as salas do barulho da rua. Ninguém fala, ou se move. Apenas a fita invisível do relógio escorre, medindo a Eternidade.

De longe em longe, desliza pelo corredor uma sombra, que vem do interior da casa. Uma enfermeira aparece à porta, faz um sinal, e outra sombra sai da sala e desaparece no corredor. Até que chega a minha vez, e a minha sombra, e a do Ernâni Lopes, se deslocam seguindo a mulher de indumentária branca, — novo Dante e novo Virgílio a seguirem uma nova Beatriz, sombras seguindo sombra, por um calado desfiladeiro do Inferno, aonde esta viesse ter por haver errado o caminho do Paraíso.

À esquerda do corredor, a mulher que nos serve de guia empurra uma porta. E penetramos em um gabinete estreito e longo, à esquerda do qual se vê uma grande mesa escura, de cobertura de vidro, abarrotada de livros e papéis. Sôbre esta, pendendo do teto, a pequena altura, de modo a iluminar apenas a mesa e a pessoa que nela se encontra, uma lâmpada forte, com um quebra-luz para fixar o foco perpendicularmente. E, diante da mesa, de pé sob êsse foco, um homem.

Alto, forte, robusto, ar imponente, é moreno escuro, rosto largo, escanhoado, e gordo, de pálidas bochechas pendentes; olhos pequenos e negros, traços severos, enérgicos, característicos de vontade imperiosa. Sessenta anos sólidos, e atrevidos. Cabelo ralo, lançado para trás, e quase todo branco nas têmporas. Avental branco, aberto no peito, mostrando sob o colête escuro a camisa e o colarinho duros, azul-pálido, espelhantes como novos, e em que se encastoa uma gravata negra, de laço feito. No peito da camisa uma pérola ostensiva, de alto preço. Figura de cacique charrua integrado na civilização. Olhando-o com atenção, vê-se, quase, aparecer por trás da sua cabeça alta o canitar de penas de papagaio ou de avestruz, ornato glorioso do avô. Cada olhar seu, frio e inflexível, é uma ordem para levar o prisioneiro à muçurana, para o banquete da tribo. Sob um século de civilização rugem, na sua máscara, dois, ou três, de antropofagia implacável. A mão do cirurgião. que hoje retalha em nome da ciência, e ergue a taça de champanha, é, sente-se bem, a mesma do bugre que decepava membros em nome do ódio, e esvaziava a taça de cauim. Êsse homem é o Professor Segura.

À nossa entrada, manda-nos sentar. Abre as cartas que eu lhe havia mandado entregar pela enfermeira, e que ainda não havia lido, e dirige-se a mim. Dou-lhe as informações que trago sôbre a minha enfermidade, apresento-lhe as chapas e os quadros do campo visual, chamando a sua atenção para as melhoras obtidas com a radiologia.

— Essas melhoras não têm importância, — diz-me, cortando-me a palavra, com voz enérgica e entonação impiedosa. — O

senhor não melhorou nada. Os raios X só produzem efeito após a extração da hipófise... E é isso o que o senhor tem a fazer. A sua hipófise está enorme. É a ocasião de operar. Já se está verificação a calcificação da sela túrcisa... Não há tempo a perder...

Ernâni Lopes indaga quantas operações êle já fêz.

— Eu? Mais de cinqüenta.

— E tôdas felizes, professor? — intervenho.

Segura titubeia, faz um gesto vago, e responde:

— As últimas, muito felizes.

Fica assentado que eu, amanhã pela manhã, compareça ao Hospital de Clínicas, a fim de começar a preparar-me para o holocausto. Desolado, resolvo, de antemão, e de acôrdo com o que ficou resolvido no Rio, não entregar a cabeça ao bisturi. Ernâni Lopes entende que me devo submeter. Sorri, encantado, com a idéia de assistir a uma operação sensacional e de luxo. Mas eu reajo. E volto para o meu quarto do "Majestic" sucumbido, como o porco que é metido no chiqueiro nas vésperas de Natal e sabe o destino que o aguarda no dia seguinte...

*Sexta-feira, 13 de novembro:*

Pela manhã, vou ao Hospital de Clínicas, verdadeira cidade com os seus grupos de pavilhões. À porta de cada pavilhão, a multidão apinhava-se, esperando a chamada. Mas multidão branca e limpa. Multidão em contraste com o que se vê no Rio de Janeiro à porta dos hospitais, e que é formada de miseráveis tribos africanas descidas dos morros da cidade. Na clínica de nariz, ouvido e garganta encontro Segura, que comanda um pelotão de médicos jovens, mas todos fortes, claros, esportivos. Vestem, todos, avental branco, e trazem o rosto, dos olhos para baixo, velados com um pano branco, para evitar o contágio pela bôca e pelo nariz. Com o gorro branco, dão, em conjunto, a idéia de um batalhão da Klu-Klux-Klan, ou um bando de mascarados fantasiados, à maneira antiga, de almas do outro mundo. Atendendo a centenas de pobres, êsses especialistas fazem aí, indo e vindo, o Carnaval da Caridade.

Com duas enérgicas palavras de comando, Segura faz partir comigo um auxiliar, que me leva a tirar uma nova radiografia da hipófise. Em seguida, manda-me à clínica de olhos para novo exame no campo visual. E como eu me queixo dos meus padecimentos da bexiga, faz-me ir ao especialista de vias urinárias, que me faz uma sondagem com cocaína. É preciso ainda um exame clínico geral.

E Segura, que se mostra desta vez mais humano ou menos imponente, recomenda-me que volte segunda-feira.

* * *

Meia-noite. Comecei, hoje, a conhecer a cidade, em passeios ligeiros pelas vizinhanças do hotel. E têm início as observações. O Rio de Janeiro tem mais luz. Em compensação, aqui, os automóveis gritam mais. As buzinas conversam, insultam-se, chamam-se, namoram-se. E assim passam a noite inteira, nas esquinas da Avenida de Mayo, à semelhança de velhas tias que matassem o tempo no interior de uma casa, enquanto as sobrinhas dançam no salão.

Agora, à noite, trovões, relâmpagos, chuva tempestuosa. Centenas de gigantes, banhando-se no Prata, enchem as mãos de água e lançam-na sôbre a cidade. Mas, afinal, se cansam, e o movimento urbano, à meia-noite, continua...

*Sábado, 14 de novembro:*

Noite mal dormida, como sempre. Com a sondagem da bexiga os meus padecimentos se tornaram mais intensos e constantes. E eu resolvo regressar para o Rio de Janeiro com a maior brevidade, aproveitando o primeiro vapor da Mala Real. Infelizmente, o primeiro passará sòmente a 24, e eu tive a ingenuidade de comprar, no Brasil, passagem de vinda e volta.

Pela manhã dou um passeio de automóvel, e, após o almôço, outro, a pé, com Ernâni Lopes. Hoje é, porém, sábado, e, com a semana inglêsa, o centro da cidade está morto. A "calle" Florida tem, já, os seus grandes magazines fechados. Isso facilita, porém, com a quietação das ruas, o exame detido das vitrinas luxuosas. Sente-se um comércio opulento, pulso de um povo em cujas artérias circula dinheiro. Entro em uma livraria e compro livros. Livros caros, pelo duplo, quase, dos preços do Rio. E uma fartura assombrosa de traduções, que facultam aos povos de língua espanhola a intimidade de outras literaturas sem o conhecimento de outro idioma, além do seu.

Separo-me do meu companheiro e corro à Embaixada, "calle" Callao, para tomar um café. Mato as saudades do paladar e, encontrando aí o cônsul do Brasil em Buenos Aires, que estêve muitos anos na Amazônia, mato, também, as do coração e da memória.

Às cinco horas torno ao hotel, com a idéia de ir ao teatro. Mas a chuva desaba, de novo, ao anoitecer. Buenos Aires dá a impressão de um navio a navegar, sob capa, debaixo de um aguaceiro marítimo. A chuva passa, porém, à meia-noite. E o navio continua no mesmo lugar.

* * *

Uma das originalidades de Buenos Aires é a venda de flores na rua. Em cada esquina, especialmente na Avenida de Mayo, há um vendedor ambulante com a sua floreira de vime, alta e esgalgada, repleta de flores. Mas flores tristes, que não convidam à compra: palmas de Santa-Rita, lírios vermelhos, pendidos nas hastes, bêbedos do próprio sangue; rosas pálidas, emurchecidas, desencantadas e sem perfume como noivas de bairro operário. E cravos miúdos, magros e rubros como inglesinhos embriagados.

*Domingo, 15 de novembro:*

Após uma noite de sofrimento contínuo, passo a manhã no quarto, ao qual mando vir o almôço. Pouco depois dêste, visita de Ezequiel Ubatuba, que conheço do Rio e que descobriu o meu enderêço na Embaixada. Cessada a chuva irritante que molhava as ruas irritantemente, saímos a passeio. Em sua companhia desço pela primeira vez ao seio da terra, viajando no metropolitano. Lembro-me de Anatole France, que tinha horror à viação subterrânea, declarando que só desceria a um buraco depois de morto. Percorro os 23 quilômetros da Companhia Inglêsa e os 19 da Companhia Lacroze, e fico encantado com a comodidade, a velocidade e a segurança dêsse meio de transporte. A linha da Lacroze sai em frente a um cemitério. E eu sorrio com a originalidade da coincidência: os mortos, em Buenos Aires, entram na terra, nos cemitérios; os vivos, saem da terra diante dêle.

Regresso ao hotel, para o jantar, que é triste, pois que Ernâni Lopes seguiu hoje, por terra, para o Rio Grande do Sul. A orquestra, com o seu chôro dolorido, abre-me a concha do coração onde moram uns caramujos de marcha triste e lenta, a que dão o nome de "saudades". Sinto saudades fundas e enormes do meu filhinho, meu companheiro de quarto e meu amigo no Rio. E deixo correr duas ou três lágrimas, que me consolam e aliviam.

À noite, vou com Ubatuba ao "Teatro Buenos Aires". Revista sem interêsse nem gôsto. Regresso para o hotel às pressas, aguilhoado pelos meus padecimentos.

E entrego-me à leitura, por não poder dormir.

Ao contrário do que se pode imaginar, tenho lido muito no decurso desta viagem. Terminados os volumes que trouxe do Brasil, tenho consumido as minhas noites de insônia forçada, e as horas diurnas de retenção no leito, a ler os que comprei em Montevidéu e aqui em Buenos Aires, especialmente algumas traduções do russo e do japonês. "Con los nómadas de la estepa", de Vladimir Zenzinov e Isaac Levine, transporta-me às vizinhanças do pólo Ártico, onde a criatura humana ignora inteiramente a civilização e mesmo os confortos rudimentares da vida, e, no entanto, suporta-a, e vive. E são êsses mesmos autores que me contam que, entre os "chukchins", povo pastor das regiões geladas, o homem não se transporta de um campo a outro com a sua família e o seu rebanho de rendas: o único nômade é êle, pois que possui à sua espera, em cada campo, um rebanho e uma mulher.

Travo, ao mesmo tempo, relações de leitura com Alberto Zum Felder, sociólogo e historiador uruguaio. Leio a sua "Crítica de la Literatura Uruguaia" e o seu "Processo Histórico del Uruguay". É um estilista de imaginação rica e, na minha opinião, o primeiro prosador vivo da sua pátria.

*Segunda-feira, 16 de novembro:*

Pela manhã, vou ao Hospital de Clínicas. Ao sentir-me, porém, no meio daquela multidão que vai e vem, sem que tenha nela, ou nas proximidades, um amigo ou um simples conhecido, apossa-se de mim um atordoamento e um temor inomináveis. Uma perturbação gástrica, de efeito nervoso, agrava a situação. Um suor frio cobre-me o rosto, corre-me pelo corpo. O coração bate-me apressado, manifestando a taquicardia. Devo estar pálido, cadavérico. A vista se me turva, pondo diante de mim um véu de bruma. As pernas recusam obedecer-me. Valerá a pena, porém, pedir a êstes estranhos que me socorram? Resolvo reagir, e esperar. Sob essa tempestade interior, caminho para o portão do Hospital. Tomo um táxi. E regresso para o hotel, para a tristeza e para o silêncio do meu quarto, atirando-me à cama, ainda vestido. E agora, que não tenho, mesmo no hotel, um conhecido?

Pouco a pouco o organismo vai reagindo. Procuro ler um jornal, e esquecer-me de mim. Até que, depois do meio-dia, almoço, e saio a procurar Ezequiel Ubatuba, na sua pequena casa

de café moído da "calle" Tucumán, 692, onde o encontro, para irmos a algumas compras e em visita a algumas livrarias. À noite, vamos assistir a duas sessões do Teatro "Apolo", uma com a revista "Palpitando el Escrutinio", outra com "El Sueño del Peludo". Platéia alegre, cenários pobres. Artistas principais: Pepe Arias, com os seus monólogos que envolvem sátiras políticas, e Pepita Guzmán, cançonetista espanhola de voz fresca e idade em maturação.

Na "calle" Corrientes, onde fica o "Apolo", funcionam nove teatros e sete cinemas. E ainda há outros teatros espalhados pela cidade.

*E aqui se interrompe o "Diário", na página 47, do caderno número 11, que até a última página apresenta tôdas as fôlhas em branco, apesar de numeradas.*

*Dentro do mesmo encontram-se ainda os recortes de artigos e entrevistas publicados em jornais uruguaios.*

*"De lo que escucho escribo y lo que veo".*
*Dom FRANCISCO MANUEL, Epíst.*

## 1 9 3 2

## JANEIRO

*Sexta-feira, 1.º de janeiro:*

Penetro neste novo ano com uma alma que me é estranha e que eu jamais imaginei encontrar no meu caminho para substituir a que tinha. O palácio em que residia minha alma começou a esboroar-se, e a moradora o deixou. E no velho pardieiro veio agasalhar-se, hóspede da miséria e do silêncio, estoutra que eu não conheço, e em cujos traços e modos se refletem a renúncia, a indiferença e a resignação.

Consulto-me a mim mesmo nesta hora de recolhimento e considero-me intelectual, moral e fìsicamente morto. Nada mais, hoje, me prende à vida. Esperanças de saúde, sonhos de glória, idéias de tranqüilidade doméstica, tudo desapareceu. Há três anos não publico um livro e não escrevo, hoje, senão crônicas transsitórias e diárias, para converter em pão amargo e pobre. Vivo como aquêle velho Taupin do drama de Dumas, filho, que sonhava moldar um Moisés, como Miguel Ângelo, e um Perseu, como Benevenuto Cellini, e a quem as necessidades prosaicas da vida, conseqüência de uma ligação desastrada, reduziram à condição de modelador de bonecos de massa para uma loja de brinquedos. Sinto que a memória se me vai enfraquecendo com as noites mal dormidas, e falta-me ânimo, e tempo, para escritos de maior fôlego. Nada fiz de sólido e duradouro e, agora, nada mais farei. Sou, em suma, um corpo inerte pôsto à porta do templo das letras, à espera do carro fúnebre.

* * *

Alma, não a tenho mais. A que vive em mim é uma intrusa que eu não sei de onde veio, e está comigo, talvez, ùnicamente

para evitar a decomposição da minha carne, isto é, o desmoronamento completo do pardieiro que a guarda...

"A vida é um baile", escreveu alguém. Nesse baile eu fui um lenço humilde que caiu ao chão, e que os convivas pisaram. Fui inutilizado antes de recolher um beijo ou enxugar uma lágrima.

*Segunda-feira, 4 de janeiro:*

Conversando sôbre as minhas "Notas de um Diarista", que saem nos seus jornais, dizia-me, hoje, Assis Chateaubriand, coçando a cabeça com quatro unhas da mão direita, e limpando-as depois com quatro da esquerda:

— Você sabe quem gostou muito do seu "Diário" da Revolução? O Getúlio. Êle sabe de cor trechos inteiros, e disse-me que foi o melhor trabalho sôbre a Revolução, publicado até agora.

Eu sorrio, encabulado. Encabulado ou desconfiado, não sei bem.

*Quarta-feira, 6 de janeiro:*

Na redação do "O Jornal", onde havia ido rever as provas de um artigo firmado com pseudônimo, em que procura demonstrar, com o auxílio da matemática e da biologia, a impossibilidade da destruição do poder civil pelo poder militar na política brasileira, o ex-Senador Sampaio Correia conta-me episódios políticos em que foi parte ou de que foi testemunha. Moreno, rosto comprido, bôca de talho horizontal firme, orlada por um bigode aparado baixo; olhos escuros e pequenos, que uma tênue floração capilar aprofunda, formando olheiras; cabelo grisalho cortado rente, como para disfarçar o sangue mestiço; cabeça fortemente rebatida atrás, como nos indivíduos de raça árabe, da qual herdou, talvez, a sua paixão das matemáticas; estatura mediana, de ossatura forte, vestindo sem apuro, mas com decência, roupa de casimira escura, — eis o homem.

— A teimosia do Washington deve passar à história, — diz-me.

E refere:

— Dois meses antes da Revolução, um amigo meu, militar, recebeu uma carta do Azevedo Costa, general que comandava em Juiz de Fora, e em que êste lhe pedia levasse ao conhecimento do Presidente da República os preparativos revolucionários que

estavam sendo feitos em Minas e no Rio Grande do Sul, de onde tinha notícias seguras por oficiais de sua confiança. Êle, Azevedo Costa, havia, já, escrito sôbre o assunto ao Ministro da Guerra, mas êste não tomara nenhuma providência; de modo que usava daquele meio para que os fatos chegassem ao conhecimento do Presidente.

— Era uma carta de doze páginas, — continua o ex-senador carioca; — e eu fui ao Catete, levá-la ao Washington. Entreguei-lha, êle a leu, e, ao fim, dobrou-a, e entregou-ma, dizendo:

— Êsse general deve ser censurado. Êle devia ter-se dirigido, oficialmente, ao Ministro da Guerra.

— Mas, êle já se dirigiu, e o ministro não ligou importância.

— Então, é porque a denúncia não tinha importância.

E endireitando-se de repente na cadeira:

— Êsse general está é com mêdo. Os boatos que êle transmite não têm a menor significação. O Exército inteiro apóia o govêrno. E eu considero uma leviandade andarem os militares e políticos de responsabilidade a dar crédito a essas intrigas, quando a ordem não corre o menor perigo e o país se encontra no gôzo da maior tranqüilidade.

— Eu meti a carta no bôlso, conclui Sampaio Correia, — e nunca mais lhe dei uma palavra sôbre revolução, senão depois que esta rebentou.

Passa-se a tratar da situação atual, e o antigo chefe carioca recorda um episódio recente.

— Quando, há seis anos, o Cesário de Melo foi injustamente depurado aqui no Distrito Federal em favor do José Piragibe, eu resolvi bater-me pelo reconhecimento do espoliado e telegrafei ao Antônio Carlos, que estava como Presidente de Minas, pedindo-lhe o apoio da bancada mineira. Dois dias depois, recebo, assinado pelo Chico Campos, secretário do interior no govêrno do Antônio Carlos, um telegrama precisamente nestes têrmos: "De ordem Exmo. Sr. Dr. Antônio Carlos Presidente Estado comunico Vossa Excia. bancada mineira matéria reconhecimentos Câmara seguirá rigorosamente ordens Exmo. Sr. Presidente República Dr. Washington Luís".

— Depois da Revolução, — continua Sampaio Correia, — êles envolveram meu nome em um processo, na Junta de Sanções de que fazia parte o Chico Campos, como juiz. Eu requeri vista dos papéis para juntar cópia autenticada do telegrama sôbre reconhecimento de poderes. E o meu processo não foi para diante.

E Sampaio Correia ri, satisfeito, com o seu riso inteligente e perverso, de olhos encolhidos e dentes cerrados.

*Têrça-feira, 5 de janeiro:*

Recebo de tôda a parte, e vou publicando e respondendo, cartas de homens a quem as mulheres desgraçaram, e que choram no cárcere, ou no silêncio das alcovas desertas, a viuvez do seu coração. E eu os conforto nas minhas crônicas, dando-lhes coragem, confortando-os, consolando-os, recomendando-lhes que fechem o coração ao sofrimento e abram as velas da alma aos ventos alegres da vida.

Enquanto isso, choro eu, sòzinho, sem confôrto e sem consôlo. Êles, ainda me escrevem a mim. Eu, a quem escreverei?

Os meus modestos prazeres que a Vida hoje ainda me concede, são tristes rosas murchas e sem perfume oferecidas na ponta de um galho de urtiga.

*Quinta-feira, 7 de janeiro:*

Sessão da Academia, sem "ordem do dia" e, apenas, no expediente, assuntos breves e sem o menor cunho literário. Recebido o envelope com os cem mil-réis, cada acadêmico procura ir-se embora.

— A Academia está vivendo de "expedientes", — diria um trocadilhista.

O trocadilho seria mau mas a verdade seria boa.

*Sexta-feira, 8 de janeiro:*

Magalhães de Almeida, ex-presidente do Maranhão e chefe de maior prestígio no Estado, continua a visitar-me tôdas as semanas e a telefonar-me quase todos os dias. Na sua visita de hoje, mostrou-me cartas de São Luís pelas quais se afere a possibilidade de reconquistarmos pacìficamente a situação que a Revolução nos arrebatara.

— Nós daremos à Constituinte dois ou três deputados, — disse-me.

E pediu-me:

— Você vá, por isso, desde já, preparando o programa do novo partido, que temos de formar. Decretado o alistamento, eu irei ao Estado com êsse programa, e convocarei a nossa gente para discuti-lo. Mas temos que eliminar os elementos inúteis, a carga morta que fêz a nossa desgraça.

E conclui:

— Eu já mandei dizer isso mesmo aos nossos amigos de lá...

*Sábado, 9 de janeiro:*

A Revolução começa a tombar nos domínios do ridículo. O seu esfôrço em condenar de modo irremissível o regime deposto, a chamada "República Velha", está apresentando efeitos negativos. O poeta Reis Carvalho, apóstolo positivista, dizia-me hoje:

— Êles puseram abaixo a República Velha, não é?

E ao meu ouvido:

— Mas criaram, no lugar da República Velha, a "República Velhaca"!

* * *

João Pessoa, Presidente da Paraíba e mártir da Revolução, era, pessoalmente, um dos homens mais irritantes e politiqueiros do Brasil, antes do rompimento de 1929. Ministro do Supremo Tribunal Militar nomeado por seu tio Epitácio Pessoa, era juiz irascível, que se vangloriava de condenar todos os militares rebelados contra o poder constituído, sem se dar, sequer, ao trabalho de ler o processo. A imprensa que mais tarde o sagrou grande homem, atacava-o sem piedade, pondo em relêvo o seu temperamento apaixonado e as suas sentenças clamorosas. A sua elevação ao govêrno da Paraíba, por ser sobrinho do seu tio, foi, igualmente, comentada como um escândalo.

Sucede, porém, que João Pessoa, tentado pela idéia de ser Vice-Presidente da República, recusa apoio à candidatura Prestes. Violento, dá ensejo a uma rebelião no seu Estado, que os adversários aproveitam. Sem escrúpulos no ataque, invade a casa dos seus contrários, apossa-se de cartas íntimas, de família, e publica-as na fôlha oficial. A vítima dessa felonia, que era da sua têmpera, mata-o. E João Pessoa fica elevado à alta condição de novo Tiradentes, de protomártir da Nova República! Dá-se o seu nome à capital da Paraíba. Cidades e vilas passam a denominar-se "João Pessoa". Dá-se o nome de "João Pessoa" a navios, a ruas, a praças e a jardins, no Brasil inteiro. Propõe-se êsse nome para a Avenida Atlântica, chegando-se a impor isso ao interventor no Distrito Federal. O exagêro dessa consagração imerecida chegou, mesmo, a tal ponto, que era corrente, ontem, a seguinte pilhéria:

— Então, você já soube do pedido que a colônia paraibana dirigiu ao Cardeal?

— Não.

E o informante:

— Ela pede ao Cardeal a mudança do nome do Cristo Redentor para João Pessoa!

*Domingo, 10 de janeiro:*

Conta-se que as tartarugas do Amazonas, perseguidas nas praias arenosas no momento em que vão deitar os ovos, mergulham de novo no rio, onde morrem, todavia, dias depois, por não terem levado a efeito a postura.

Eu sou, nas letras, uma espécie de tartaruga amazônica. E tenho a certeza, quase, de que morrerei sufocado, pela impossibilidade de encontrar um ninho em que deixe, para que fecundem, meus sonhos e minhas idéias.

*Segunda-feira, 11 de janeiro:*

(10 horas da manhã). Esta madrugada, cêrca de 4 horas, levantei-me e, vendo luz na sala de jantar, saí, a ver o que era. Encontrando aí minha mulher e uma das tias, que choravam, soube, por esta última, que minha sogra havia entrado em agonia desde as duas horas. Vou ao quarto, vê-la, e encontro-a imóvel, cadavérica, os olhos semicerrados e sem movimento. O queixo, fino, magro, não parece pertencer ao mesmo rosto. A bôca, aberta, deixa ver os dentes esparsos, restos de dentadura que a velhice poupou. O cabelo grisalho emplasta-se-lhe sob a cabeça pequena. A pele, engelhada, tornou-se mais escura. Sob o lençol branco, que a cobre como se não cobrisse ninguém, o único sinal de vida é o movimento apressado da respiração. Às vêzes, solta um gemido fraco e dolorido, como se quisesse dizer alguma coisa. A mão, magra e nodosa, desliza de leve, com os dedos amarfanhando no vácuo. Duas velas, em uma pequena mesa encostada à parede do lado dos seus pés, estalam as chamas, como línguas de fogo que rezassem. Uma das suas irmãs, sentada numa cadeira ao lado, lê um livro de orações, em voz baixa, e, de vez em quando, chorando em silêncio, enxota com a mão aberta as môscas imprudentes, que esvoaçam, zumbindo, sôbre o lençol, as mãos e o rosto da moribunda.

Lá fora, vai a cidade acordando. Bondes rolam, pesados, na quietude matinal. Uma cigarra desenrola ao longe o carretel de ouro do seu zinido, anunciando o dia quente. Chego à janela que dá para a baía. Cinza no céu, e cinza no mar. A iluminação da praia foi extinta e a de Niterói envôlta pela bruma. Apenas a de

Villegaignon fulgura, como uma grande constelação, entre o mar e o céu, que se confundem.

Volto a olhar a moribunda. A bôca mais aberta; os olhos mais apagados. Olho em tôrno. Arrumo a sala em que moro e durmo para transformá-la em câmara mortuária.

E, ao escrever esta nota, vejo que está tudo tristemente disposto, à espera da Morte.

*Têrça-feira, 12 de janeiro:*

(3 horas da tarde). Minha sogra faleceu ontem, às 4,45 da tarde, após quatorze horas de agonia suave. Depois de meio-dia, o único sinal de vida era a respiração. Os olhos haviam parado; as mãos não se moviam mais; a bôca permanecia aberta; apenas o ventre, sôbre o qual se lhe haviam paralisado as mãos, ofegava, apressado. Pouco a pouco, porém, êsse ofêgo ia sumindo, e tornando-se mais curto. O ventre deixou de ondular, resumindo-se o movimento ao arfar do peito, mas sem ruído nenhum. Morte lenta, longa e serena. De vez em quando a filha, minha mulher, entrava no quarto, e saía soluçando, ou com exclamações de desespêro. Torcia as mãos e invectivava o céu, que consentia uma pena tão longa, com a dilatação triste e precária daquela vida. Por que Deus não levava logo aquela alma, consentindo que aquêle mirrado corpo sofresse tanto? Às quatro e meia, tornou a entrar no quarto. A moribunda continuava a respirar e a arfar, cada vez mais aceleradamente, prêsa ao mundo por aquêle tenuíssimo fio de ar. Na suposição de que aquela reação da matéria era o reflexo de um sofrimento surdo, de uma luta inútil do espírito para se apegar ao corpo, minha mulher não se conteve, e, num dos seus assomos desesperados, tomou nervosamente entre as suas as mãos da agonizante, e gritou-lhe, com o rosto lavado de lágrimas:

— Minha mãe, pelo amor de Deus! Deixe de sofrer, minha mãe!... Abandone esta vida, minha mãe! Não sofra mais, minha mãe! Que é que a senhora deseja, para sossegar, para que êsse corpo e essa alma deixem de padecer, minha mãe?...

Uma corrente nervosa uniu, talvez, mãe e filha. Aquêles olhos abertos, mas que já não viam; aquêles ouvidos obturados pela morte, viram, e escutaram, aquela figura e aquela voz. A moribunda não se moveu. Mas, como se tivesse ouvido uma ordem imperiosa e só esperasse por ela para obedecer, diminuiu, de repente, o fôlego. O peito arfou mais uma ou duas vêzes. E parou.

Estava morta.

*Quinta-feira, 14 de janeiro:*

Na Academia, examinando detidamente Roquete Pinto, a sua cabeleira negra e ondulada, os seus olhos pequenos e negros iluminando o rosto moreno e escanhoado em que se destaca um nariz recurvo e pequeno, interpelo-o:

— Você tem sangue judeu?

— Não sei, — responde-me. — Suponho, porém, que tenho sangue mouro. Você conhece meu irmão, o Maurício? É um mouro. Todos os seus traços fisionômicos são de mouro.

— "Mauro" é, já, uma das variantes de "mouro", — digo.

E Roquete:

— Do que eu tenho, porém, certeza quase absoluta, é de possuir nas veias sangue negro... Havia em casa o retrato de uma das minhas bisavós, que era o tipo clássico da mulata brasileira. Linda mulata! A nossa família não gostava que se dissesse isso. Mas quem fala aqui é o etnólogo, não é o membro da família.

Um acadêmico pede a palavra ao presidente. E inutiliza-nos a conversa.

*Sexta-feira, 15 de janeiro:*

Nove horas. Manhã quente e abafada. Mar côr de asfalto, ligeiramente arrepiado por uma brisa insensível, que apenas o belisca. Montanhas côr de asfalto. Céu com grandes nuvens pesadas, igualmente côr de asfalto, mas que deixa ver, entre uma e outra, claridades de espelho fôsco. Por trás delas está o sol, emparedado e invisível. Os veículos, — ônibus e automóveis — passam pesadamente pela avenida em frente à minha janela, como se o mormaço lhes distendesse, em gestos de preguiça, os músculos de aço. Um torpor africano paralisa as palmeiras, que têm leques, e, no entanto, não se abanam. Ao longe, cigarras cacarejam como galinhas. Outras, ainda mais longe, trilam em seguimento. Uma tristeza funda e sonolenta envolve as coisas.

Parece que a manhã pôs luto, hoje, pela morte de um deus.

*Segunda-feira, 18 de janeiro:*

Tenho piorado sensìvelmente da vista nestes últimos três dias. Cresce o domínio das sombras, diante de mim. O ôlho esquerdo, que ainda me auxiliava o direito, de nada mais serve. E

sinto que o direito, êle mesmo, já não abrange o mesmo campo, nem tem a mesma acuidade.

Sinto, em suma, que desce a noite, que eu tanto temia. Badalam seis horas da tarde, diante dos meus olhos. É hora, quase, de rezar, e dormir...

Tristeza de coração, extensa e profunda, que toma tôda a minha vida como a Noite toma o céu sem Lua; tristeza que me veste de prêto a alma e que é, nela, o luto completo e fechado, pela minha ventura morta.

*Quarta-feira, 20 de janeiro:*

Na tarde chuvosa e quieta, com as montanhas vestidas de névoa tênue, reflito sôbre a inutilidade da minha vida, conseqüência da precariedade do meu esfôrço. Nada escrevo mais que traga o sêlo da durabilidade. Nem um artigo, sequer, que não esteja destinado a apodrecer no dia seguinte. Nem uma frase, ou uma imagem, que tenha recebido injeção de formol!

E eu, sem ilusões de glória, e com a terrível, com a terrificante certeza de que não deixarei uma obra e, talvez, nem, ao menos, a lembrança do meu nome, — pois que o nome é a sombra, sôbre a terra, de uma obra ou de um feito, e não pode deixar sombra, conseguintemente, no solo, a árvore que não nasceu...

*Sexta-feira, 22 de janeiro:*

Iniciei, ontem, no "Diário Carioca", a minha colaboração, assinando uma seção diária sob o título "Ontem-Hoje-Amanhã", e em que devo comentar ùnicamente assuntos palpitantes da cidade. Noticiando, hoje, mais uma vez, o meu aparecimento em suas páginas, a fôlha de Macedo Soares considera-me "ilustre poeta e um dos maiores escritores da língua".

Deixei de escrever, desde sábado último, para "O Jornal", as "Notas de um Diarista". As razões dessa mudança de casa serão dadas após um entendimento com Assis Chateaubriand, que se acha ausente.

*Domingo, 24 de janeiro:*

Relendo, hoje, as "Pasquinadas", de Fialho d'Almeida, encontro esta frase, sôbre Camilo, que passava alguns dias, cego, velho, e abandonado, em Lisboa: "Êsse rebelde, sendo o maior escritor português do nosso século, ainda achou meio de ser, também, entre os homens de gênio, o maior desgraçado!"

Eu não sou homem de gênio nem o maior escritor do Brasil. Quem sabe, porém, se não me caberá a glória, pelo menos, de ser o mais infeliz?

*Segunda-feira, 25 de janeiro:*

Continuam as sátiras anônimas, algumas impiedosas, visando a situação política. A propósito do assalto a todos os cargos rendosos por indivíduos procedentes do Rio Grande do Sul, e ao exercício da advocacia administrativa por outros, contava-me, hoje, em um ônibus, um oficial do Exército de nome Espiridião, que me havia sido apresentado momentos antes no Pritaneu Militar:

— Em dezembro último, um gaúcho residente no Rio de Janeiro resolveu visitar a sua terra, e embarcou para Pôrto Alegre. Ali chegando, comprou um bilhete de loteria do Natal, e tirou 500 contos de réis. No auge da alegria correu a receber o prêmio, mas foi entrando de bar em bar, e bebendo de tudo. Ao entrar na casa de loterias estava visìvelmente embriagado mas, assim mesmo, recebeu o que lhe cabia, sendo 300 contos em um cheque e 200 em dinheiro, que formavam vinte pacotes, de dez contos cada um. Embrulhando os maços de cédulas em um jornal, o felizardo saiu, às guinadas, espalhando notas do Tesouro aos punhados e aos pacotes, lançando-as ao vento à direita e à esquerda, ou dando pontapés nos pacotes como se fôssem pedras da rua. Já noite, entrou no hotel em que se hospedara, e, como encontrasse no bôlso um maço de cédulas no valor de dez contos, espalhou-as pela escada e pelos corredores, recolhendo-se finalmente, completamente bêbedo, ao seu quarto, mergulhando pesadamente no sono. Na manhã seguinte, com o sol já alto, despertou, e tocou a campainha, pedindo o café. Instantes depois, o criado entrava. Trazia nas mãos uma grande bandeja com o bule, o açucareiro, a xícara e o pão; e, com êstes, um grande embrulho, descuidadamente amarrado.

— Que é isso aí, nesse pacote? — indaga.

— É o dinheiro do senhor. Estão aí duzentos contos, sem faltar nem dez mil-réis... O senhor andou atirando pelas ruas dinheiro a torto e a direito, mas aí está tudo outra vez.

— A polícia juntou, para restituir-me?

— Não, senhor; a polícia não se meteu nisso. Foi o povo mesmo. As pessoas que encontravam o dinheiro no chão pediam informações, indagavam onde o senhor morava, e vinham tôdas

trazer as cédulas à portaria do hotel. E aí estão os duzentos contos, certinhos.

O viajante sentou-se na cama, espantado.

— Será possível?!... Nesta terra, então, não há ladrões?!...

— Não, senhor, — respondeu-lhe tranqüilamente o criado. E com a mesma fleuma:

— Depois da Revolução, foi tudo para o Rio de Janeiro...

*Têrça-feira, 26 de janeiro:*

Na minha seção "Ontem-Hoje-Amanhã", no "Diário Carioca", escrevo sôbre Graça Aranha, de quem se comemora, amanhã, o primeiro aniversário do falecimento. E ponho em relêvo, sobretudo, a felicidade da sua vida, risonha e fácil até a velhice. Ponho em relêvo, sobretudo, a circunstância de haver encontrado no seu caminho um intenso e comovido amor de mulher, que lhe tornou ainda mais suaves os dias e cobre, agora, de rosas, a pedra do seu túmulo.

À tarde, pára diante da minha porta um grande automóvel amarelado, de cujos vasos pendem cravos róseos de grande hastes. Há, dentro, um vulto de mulher, vestida de branco, e cujo rosto não vejo através da janela. Um chofer, fardado, pula do carro, toca a campainha. Chego à janela lateral.

— O Dr. Humberto de Campos está? — indaga.

— Às suas ordens.

— Aqui está uma carta que Dona Nazaré Prado mandou entregar.

Recebo a carta, abro-a, e leio. São palavras de comovido agradecimento pelas minhas palavras de hoje. Graça Aranha, diz, foi o seu ídolo, e deixou-a "desamparada e desesperada". Possui, dêle, mais de 1.300 cartas, inéditas, e que só publicará em 1940. E termina convidando-me para comparecer amanhã ao cemitério, onde lhe vai cobrir o túmulo de flores, esperando que, no seu regresso de São Paulo, para onde parte a 28, a visite, na Fundação Graça Aranha. Junto, envia-me, autografado, o último retrato do escritor, tirado por ela própria.

Leio tudo, sorrio. E repito, sòzinho, o que escrevi esta manhã:

— Foi um homem feliz...

*Quarta-feira, 27 de janeiro:*

Pela manhã, bate à porta, à minha procura, um grupo curioso. Constituem-no um homem moreno, sólido, espadaúdo,

estatura mediana, cabeça enorme e cabeleira lisa, e de olhos severos e faiscantes; uma senhora magra, fina, morena, dentes de obturação antiga, trajando um surrado vestido de sêda côr de vinho e um chapéu de palha, de cujo modêlo se perdeu a memória; e um pequenito de cinco anos, magro, pálido e triste, que entra cambaleante de sono. O cavalheiro, que é gaúcho, é o legítimo tipo do índio charrua, com a sua musculatura poderosa e a sua fisionomia de tragédia. Deve ter perto de 40 anos. A senhora deve ter 35, e tem mãos pequeninas, finas e frias, como a dos "kobolds". E a criança não parece criança, porque não fala, nem sorri. O homem chama-se Valdemar Figueiroa, é funcionário do Tesouro, e ocultista. A senhora, espôsa dêle, é poetisa. O menino, que é um dos quatro da prole, recita os versos da mãe.

Vêm, os três, pedir a minha interferência, direta ou indiretamente, junto ao Ministro da Fazenda, para que Figueiroa tenha uma comissão fora do Rio. Está, além da incompatibilidade com alguns colegas, por não pactuar com desonestidades, em situação precaríssima, por haver empenhado os seus vencimentos, em virtude de necessidades imperiosas. Filhos enfermos, mulher enfêrma, e a miséria em casa.

A senhora, que parece, na tristeza de sua vida de privações, boa e instruída, lê-me uma poesia vigorosa, escrita na véspera, sôbre a incineração do café, sôbre a destruição de uma riqueza imensa quando há milhões de brasileiros morrendo a fome. Os grãos vermelhos do café são gotas de sangue do colono. A fumaça que sobe em turbilhão revolve-se no céu, como um protesto contra o egoísmo dos homens opulentos. Grito de dor e de revolta. Canto de desespêro de bôca que tem fome no meio do trigo atirado aos porcos. Bela poesia, em suma, rica de ritmos e de inspiração.

A senhora começa a ler o seu poema, a voz surda. Entusiasma-se, vibra, move a mão fria, transfigura-se na sua ossatura e na sua "toilette" pobre e consumida. O marido escuta-a, e os olhos se lhe vão enchendo de água. Admira a mulher, e adora-a. E quando ela termina, rebenta em pranto:

— Doutor, esta criatura...

E sacudido pelos soluços:

— Passa, às vêzes, o dia sem um pedaço de pão!...

Enquanto, porém, o marido chora, a senhora, na sua palidez, na sua magreza, na miséria do seu físico e dos seus trajes, sorri, os olhos ardentes, como se estivesse muito longe do mundo e da terra, liberta das contingências da vida, pairando no ar, voando no céu angèlicamente, com as asas dos seus versos...

Arte divina, arte maravilhosa, bendita sejas tu que confortas o pobre, consolas o triste e iludes o faminto, dando-lhes a ilusão da felicidade e da fartura nas suas longas horas sem alegria, sem amor e sem pão!...

*Quinta-feira, 28 de janeiro:*

Na Academia, Félix Pacheco inicia, de cor, um longo discurso sôbre José do Patrocínio. Ao fim de quinze minutos, porém, é traído pela memória, serviçal até êsse momento. E arranca de sob alguns livros meia centena de tiras escritas a mão, transformando, daí em diante, a oração em leitura. Terminada esta, fala, recordando o apóstolo negro, Coelho Neto.

O grande orador da Academia apresenta, porém, já, as conseqüências lamentáveis da idade. Começa a falar pausadamente, como quem já está fatigado desde o início. Tenta levantar a voz, e imprimir-lhe a escala dos antigos tempos, mas a garganta protesta, e uma tosse impertinente lhe estrangula e afoga a palavra. Os olhos, faiscantes ainda, enchem-se-lhe de água. E Neto procura reagir contra a mais poderosa lei da vida, que é a da destruição, na velhice, do que fôra o instrumento de vitória na mocidade.

Recorda Patrocínio enfêrmo, a caminho da morte, na sua mansarda suburbana. Repete o quadro de miséria, descrito, já, por êle mesmo, no discurso com que recebera na Academia a Mário de Alencar. E evoca outro episódio. Era na noite de 13 de maio de 1888. Patrocínio, que havia discursado o dia inteiro, havia chegado à redação da "Cidade do Rio", e atira-se, afônico e semimorto de cansaço, em um sofá do seu pobre gabinete de diretor. Amigos e companheiros cercavam-no, recomendando-lhe repouso. O gigante negro não receberia mais ninguém, não atenderia mais a ninguém. E tomava precauções nesse sentido quando um dos redatores entrou no gabinete, e comunicou:

— Está aí embaixo o Dr. Benjamim Constant, em companhia dos cegos do Instituto...

Entreolharam-se todos. A homenagem era tão comovente que ninguém teve coragem de propor uma recusa de audiência.

— Pede-lhes que subam... — sussurrou Patrocínio, fazendo-se entender mais pelo gesto do que pela palavra.

Um momento depois, alinhavam-se no gabinete dez ou doze cegos que se puseram em fila, pisando-se aflitamente uns aos outros. Tomando a dianteira dêles, Benjamim disse, apenas, comovido:

— Patrocínio, os meus alunos, os cegos do Instituto, pediram-me que os trouxesse aqui para "ver-te"... Emprego de propósito êsse verbo, Patrocínio, e repito-o: meus cegos vieram te "ver"!

O grande negro abriu a bôca para falar. A barba tremeu-lhe, hirsuta, mas nenhum som lhe saiu dos lábios grossos. Os olhos encheram-se-lhe de água. E, desatando em soluços, mas sem proferir uma palavra, atirou-se, com o rosto mudo lavado de pranto, nos braços de Benjamim Constant.

Cena assombrosa e patética. Todos, em tôrno, tinham os olhos úmidos, ou choravam abertamente. Os cegos, em fila, quietos, pareciam interrogar o silêncio circundante. Ao cabo, porém, de alguns minutos, o futuro proclamador da República voltou-se, emocionado, para êles, e disse-lhes, enxugando os olhos:

— Meus filhos, acabais de ouvir o mais belo discurso que já se pronunciou no mundo. Fôstes testemunhas de uma cena que só o coração pode compreender... Vamos!

E desceu as escadas, à frente do seu rebanho sem olhos.

*Sexta-feira, 29 de janeiro:*

Tendo remetido à minha mãe o capítulo do meu livro de "Memórias" sôbre o cajueiro que plantei em nossa casinha de Parnaíba, recebi, ontem, dela, uma carta, em que se refere, num período, àquela minha lembrança. "Sôbre o teu escrito, oh, meu filho! chorei tanto, relembrando o nosso passado, bem penoso, sim, mas ao mesmo tempo consolador, porque tinha os meus dois filhos a meu lado, que me davam coragem e me ajudavam a trabalhar até tarde da noite, acompanhando-me nos dissabores e nas poucas alegrias dêsse tempo! E hoje, que me resta? Recordações! saudades! Acredita: quantas vêzes, quando vou visitar o túmulo de tua irmã, passo por lá, pela nossa casinha, tenho saudades de tudo; mas não tanto como quando chego defronte do teu cajueiro, onde estudavas as tuas lições de manuscrito, que o Firmino tanto apreciava. Há muito queria te pedir que escrevesses sôbre a sua origem. Uma francesa, senhora muito distinta, que mora em nossa casa, ficou muito comovida quando lhe contei como achaste e trataste êsse cajueiro, que ainda vive, apesar de já velho, mas todos os anos floresce e dá os seus saborosos frutos. Vou mandar que ela leia o que escreveste e tire a fotografia do teu companheiro de infância".

Mostrei na Academia, a Afonso Celso, êsse trecho da carta. E êle me deu um abraço, comovido, achando que tem uma fortuna quem possui uma mãe assim...

*Domingo, 31 de janeiro:*

Prefaciando as "Memórias" de Charles Brifaut, que publicou sob o título "Souvenirs d'un académicien", escreve o Dr. Cabanès: "Brifaut voit partout des anges et l'on souhaiterait quelques démons, ne fut-ce que pour faire ressortir, par le contraste, les vertus et les grâces qu'il reconnait à ses modèles".

As "Memórias" de Brifaut estão, realmente, povoadas de anjos, e as minhas, como se vê por êste "Diário", não contém senão gritos e asas de demônios. E isso é natural. Brifaut viveu no Paraíso. Eu vivo e luto no Inferno. A alma de cada um está cheia dos rumores do seu mundo.

## FEVEREIRO

*Têrça-feira, 2 de fevereiro:*

Minha mãe completa, hoje, setenta anos. E refletindo sôbre a sua vida, tão povoada de horas más, tão rica de provações e tormentos, eu me convenço da assombrosa resistência do coração humano.

Que romance é, na verdade, a sua longa existência!... Órfã de pai e mãe ainda menina, cresceu na pobreza, trabalhando em misteres modestos para ajudar o irmão mais velho a criar os irmãos menores. Casa, e a vida lhe sorri. Mas apenas um instante, porque logo enviúva, ficando no mundo com dois filhos pequenos. Trabalha, passa fome, experimenta a miséria, fraca e sem pão, enfêrma e sem medicamentos. Mas cuida dêsses filhos, veste-os, alimenta-os, educa-os, manejando a agulha e a tesoura de costureira, tendo, embora, um aneurisma no polegar da mão direita.

Vê, porém, a sua filha casada, e o seu filho encaminhado nas letras, na política, no trabalho. Supõe terminados os seus suplícios e que vai envelhecer e morrer em sossêgo. E eis que lhe morre a filha, o genro arranca-lhe os netos, levando-os para outro lar, que constitui. O filho perde as posições conquistadas, adoece, e não pode ajudá-la. E voltam a pobreza, a quase miséria na solidão, e a fome triste satisfeita, de novo, com o pão alheio...

Que crimes tenebrosos terão cometido os nossos antepassados, minha mãe, para que soframos tanto no mundo, tu e teu filho?

*Sexta-feira, 5 de fevereiro:*

Dias de calor intenso e contínuo. Temperatura de 38°, à sombra. Noites intoleráveis, como os dias. Meus padecimentos de

bexiga e próstata, que haviam diminuído um pouco, recrudescem. E desce, de novo, sôbre mim, o véu escuro que cobre a alma dos intoxicados...

*Sábado, 6 de fevereiro:*

Após algumas semanas sem sonhos maus, veio-me, esta noite, o primeiro. Sonhei que o meu amigo Magalhães de Almeida havia morrido repentinamente, em viagem. Chegados à terra a notícia e o corpo, preparam-se, debaixo de grande emoção popular, os funerais. Vejo entrar na casa, que é enorme edifício, grande peças de madeira, destinadas à câmara funerária. São transportadas pelo ar em guindastes poderosos. Eu olho de baixo, tomado de fundo sentimento, a chegada dêsse aparelhamento gigantesco, destinado à essa do meu amigo. E acordo chorando.

Era meia-noite, e eu havia adormecido há meia hora.

*Têrça-feira de Carnaval, 9 de fevereiro:*

Há quatro dias não saio de casa, e quase não me afasto da minha sala, lendo e escrevendo. Como se a população se quisesse vingar da miséria que a aflige, tôda ela se atirou aos festejos carnavalescos, que se tornaram, por isso, delirantes, mais animados do que nunca. Meu filho mais velho, de quatorze anos, quebrou o braço há oito dias em uma batalha de confete, foi recolhido pela Assistência, mas há cinco dias ganhou a rua de novo, com o braço metido no gêsso, e eu só o vejo durante minutos, pois que só entra pela madrugada, para dormir metade do dia, e desaparecer novamente.

*Quarta-feira, 10 de fevereiro:*

Em 1923 ou 1924, quando residia em Icaraí e vivia penosa e exclusivamente de colaboração para a imprensa, tomei a deliberação corajosa de procurar, no palácio do Ingá, a Aurelino Leal, então interventor no Estado do Rio. Êle sempre me distinguia muito quando me encontrava, de modo que não senti constrangimento de pedir-lhe, se possível, um emprêgo, mesmo dos menos disputados. Aurelino escutou-me com simpatia, e falou-me largamente da situação angustiosa em que encontrara o Estado. Ia, porém, envidar esforços para que eu fôsse satisfeito. Dentro de poucos dias eu teria a resposta. E não me deu a resposta prometida, nem eu o procurei mais.

Oito ou nove anos são decorridos. Aurelino Leal morreu há mais de um lustro. Hoje, entretanto, quando examinava alguns livros na Livraria Freitas Bastos, antiga Leite Ribeiro, sinto, de súbito, que alguém pronuncia o meu nome, e aproxima-se de mim, a mão estendida. É um filho de Aurelino, que era, então, secretário do pai na interventoria, e é, hoje, advogado de emprêsas estrangeiras, no Brasil.

— Sabe, Dr. Humberto, — diz-me, — que eu tenho um documento curioso para lhe entregar? Encontrei-o entre os papéis de meu pai, mas eu já tinha conhecimento dêle, desde que meu pai o recebeu.

— É uma carta, minha, dirigida a êle? indago.

— Não, senhor. É uma carta de que o senhor nunca teve notícia.

E conta:

— Quando o senhor procurou meu pai e contou a sua situação, meu pai ficou muito preocupado, procurando um meio de dar-lhe uma colocação. Lembrou-se, então, que o Ajuricaba de Meneses, seu oficial de gabinete, ia ser, por aquêles dias, nomeado para a magistratura federal na Bahia, e que o senhor ficaria muito bem como oficial de gabinete da interventoria, no Estado do Rio. No dia seguinte, tendo de vir ao Catete para conferenciar com o Presidente Bernardes, contou a êste a sua visita, a admiração que tinha pela sua pessoa, e o propósito, em que estava, de nomeá-lo para o lugar do Ajuricaba. O Presidente não aprovou nem reprovou a idéia. Vinte e quatro horas depois, porém, meu pai recebia uma carta do Bernardes, em que êste se declarava contrário à sua nomeação, alegando que o senhor havia sido seu adversário, e redator do "Correio da Manhã", não convindo, assim, dar-lhe um cargo de confiança política. Meu pai ficou contrariadíssimo, e mostrava-se comovido sempre que se encontrava com o senhor sem que o senhor mostrasse o menor ressentimento.

E concluindo a narrativa, que eu escutei sorrindo:

— É essa carta do Bernardes que eu guardei, para dar ao senhor...

*Quinta-feira, 11 de fevereiro:*

Iniciada a sessão da Academia, Coelho Neto, cuja poltrona é à minha direita, — ou, melhor, a cuja esquerda fica a minha poltrona, — diz-me:

— Sabes o que me disseram hoje com absoluta segurança? A viúva do Euclides, que casou com o assassino do marido,

dá-lhe pancadas de criar bicho! Cai-lhe em cima de tapona e até de pau!

— Ela deve estar velha; não? — observo.

— Velha e feia, com certeza.

— Ela era feia, em moça?

— De cara, não. Tinha bonita cara. Mas o corpo era horrível. Muita adiposidade. Era um saco de carne.

E numa ressurreição do helenista:

— É uma víbora. Eu lhe dei o nome de Clitemnestra...

*Sexta-feira, 12 de fevereiro:*

Eu me sinto sem saúde, sem dinheiro e sem uma afeição, e a caminho da cegueira, tão profundamente desgraçado, que chego a encontrar uma espécie de volúpia na minha própria desgraça. Parece-me que, se eu fôsse menos infeliz, seria menos resignado. Os caboclos do Maranhão, para imprimir maior velocidade à marcha e manterem nesta o ritmo costumado, enchem de pedras os balaios que trazem ao lombo, quando de regresso a casa, depois de os terem esvaziado na cidade. O meu infortúnio é tão grande que eu tiro dêle mesmo o meu consôlo. Se êle fôsse menor, quem sabe se eu me não insurgiria, à semelhança dêsses poltros xucros que se encabritam com uma cangalha e saem trotando, ligeiros e dóceis, sob a tirania de uma carga pesada?

*Sexta-feira, 19 de fevereiro:*

Entre as lembranças vagas, e possìvelmente adulteradas, que me restam, da leitura, feita há trinta e cinco anos, da "História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França", está a de luta entre Olivérios e o gigante Ferrabrás. O infiel traz à garupa do cavalo uma cabaça com um doce vinho maravilhoso, o qual, tomado um gole, faz sarar, de repente, tôdas as feridas, por mais profundas, abértas por lanças e espadas. Ferido e sangrando, Ferrabrás leva à bôca o líquido prodigioso, e logo o sangue deixa de correr, e êle volta ao combate com o cavaleiro cristão. Êste não conta, porém, senão com a sua bravura e com a sua resistência. O peito, os braços e as pernas se lhe abrem em chagas, que vomitam sangue abundante e generoso. O espetáculo dessa coragem e dessa resistência é, porém, tão comovente, que o turco, êle próprio, se apiada, e dá ao inimigo, para que êle restaure as fôrças, e as feridas se lhe estanquem, um gole do seu vinho. O cavaleiro bebe-o, e volta a combater contra quem lho deu.

*Domingo, 21 de fevereiro:*

Em palestra que tivemos agora à noite, minha mulher contou-me o que tem sido o seu trabalho e as suas decepções nestas últimas semanas, ao tomar a iniciativa de cuidar da vida sem o meu auxílio ou a minha interferência. Tendo procurado o Ministro José Américo para pedir um emprêgo, êste foi de uma sinceridade absoluta, dizendo-lhe que não lho podia dar e tirando-lhe tôda a esperança de lho dar em futuro próximo. Ante essa resposta, procurara falar a Pedro Ernesto, interventor no Distrito Federal. Dias e dias fôra à Prefeitura, sem ser recebida. Conseguiu, afinal, falar a êsse político, que prometeu atendê-la, dizendo-lhe que procurasse, dias depois, o seu secretário, o médico Jones Rocha. No dia marcado voltou. E voltou cinco, seis ou sete vêzes, ouvindo sempre desculpas e adiamentos. Às vêzes fica de pé uma hora inteira, no meio dos pedintes, sem que lhe ofereçam, sequer, uma cadeira. Se fala pelo telefone, não a atendem. E sempre as mesmas promessas, os mesmos argumentos, as mesmas protelações.

E dizendo-me isso, vibra, numa revolta surda, numa indignação que procura conter, mas que lhe vem estalar nos olhos, em cólera e lágrimas. Escuto-a, animando-a. A vida, digo-lhe, é assim mesmo para todos os pobres, para todos os que precisam. Trabalhos, afrontas, humilhações são frutos que ela apresenta todos os dias. Quem quer enfrentá-la, deve preparar-se para tudo isso. Não há pão mais amargo do que aquêle que se traz do trabalho fora de casa, disputando-o aos outros, no tumulto do mundo.

*Segunda-feira, 22 de fevereiro:*

À tarde, fui levar meu filhinho Humberto, de oito anos, ao Colégio Otati, à Rua Marquês de Olinda, onde o internei. Estava corajoso e animado, tendo, contudo, rebentado num chôro, mas ligeiro, no momento da separação. E foi reagindo contra uma emoção forte, profunda, que vi desaparecer por trás de uma porta, levado pela mão de uma senhora, o meu malcriado, mas idolatrado amiguinho de tôdas as horas e que é, hoje, o mais forte laço humano que me prende à vida.

*Têrça-feira, 23 de fevereiro:*

Primeira noite em minha nova casa, ou, melhor, na casa alheia em que tomei aposentos. Não fôssem as minhas preocupa-

ções de ordem financeira, o temor de não transferir o contrato do prédio em que morava e que me torna responsável pelo aluguel mensal de 1:500$000, e eu me sentiria, talvez, relativamente feliz.

A casa em que resido desde ontem corresponde a um velho sonho do meu espírito. Eu sempre tive uma profunda e comovida simpatia pelo Rio de Janeiro antigo, com as suas boas residências senhoriais, as suas ruas tranqüilas e os seus quintais vastos e sombreados. E é a cidade de outrora que ressurge para mim. A rua em que moro, calçada de paralelepípedos, é quieta e antiga. Diante das três janelas da sala em que durmo, abrem-se duas outras ruas, uma das quais vai dar à Praça São Salvador, cujo velho chafariz de pedra colonial se vê da minha cama. Em frente, uma vetusta casa senhorial que foi de José Carlos Rodrigues, aquece a sua senectude ilustre embrulhada num verde lençol de folhagem. E, lá no alto, por cima dos telhados todos, a imagem do Redentor, espetada ou equilibrada no dedo gigantesco do Corcovado. Dentro, na casa, um dormitório amplo, ornado de móveis que têm um século, e uma sala de biblioteca, forrada de madeira esculpida até dois metros acima do soalho, e que foi sala de jantar de algum honrado fidalgo da monarquia. E, ao lado, sombreando a mesa em que escrevo, uma trepadeira de largas fôlhas, que serve de cortina ao alpendre que se estira ao longo da casa. Na manhã enevoada, bem-te-vis cantam alto, e pardais cochicham falando mal dos pássaros grandes.

Tenho, enfim, aos 46 anos, o que desejava aos 27. Faltam-me, apenas, agora... os 27 anos!

*Quarta-feira, 24 de fevereiro:*

Os meus padecimentos de bexiga e próstata agravaram-se nestes últimos dias com o aparecimento de uma gripe e com os trabalhos da mudança. É só o que me atormenta. Sob os restos dêste pardieiro, que é meu corpo, sacudido pelos tempestuosos ventos da noite, residem, porém, e felizmente, hoje, uma alma sem angústias e um coração sossegado...

*Quinta-feira, 25 de fevereiro:*

Pela manhã, surge-me à porta da sala em que escrevo o meu parente J. V., cuja espôsa é a amiga mais íntima de minha mulher. Deseja falar-me em particular e, levado para o meu quarto de dormir, senta-se, e, a fisionomia carrancuda, começa:

— Eu cheguei à conclusão absoluta de que fulana me não é fiel. E eu estou resolvido, ou a abandoná-la, ou a dar-lhe um tiro.

E conta-me, então, as suas suspeitas. Separados como vivem, tem encontrado na bôlsa da espôsa, quando ela regressa da rua, ora receitas para não ter filhos, ora substâncias adstringentes, ora bicos para lavagens, que lhe parecem provas concludentes de que ela se vai encontrar com algum homem fora de casa. Ela sai pela manhã, à tarde, e à noite, e não lhe diz para onde vai. As suas idéias são as mais absurdas, em relação aos deveres conjugais. Chega dizer à mesa, na presença do genro, que, se a filha tiver de trabalhar, prefere vê-la pelo braço de um amante que a sustente.

Pergunto-lhe se tem alguma documentação mais concreta, se conhece o homem que, porventura, lhe tomou o lugar. E êle:

— Eu desconfio de um sujeitinho que morou lá em casa, um Tenente Carneiro, filho da Elvira, de Parnaíba. Ela andava com êle, êle telefonava para ela, e se era eu que atendia ao telefone e lhe reconhecia a voz, êle desligava o aparelho. Êle tem uma "garçonnière" à Rua Barão de Guaratiba.

— Que idade tem êle?

— Vinte e quatro anos.

— E tua mulher?

— Quarenta e sete.

Sorrio, e dou-lhe conselhos. Recomendo-lhe que não pratique desatinos, que não faça loucuras. Nada de tiros nem de tragédias. Sua mulher já tem na alma a semente do castigo. Ela vai amar com desespêro êsse rapaz, que poderia ser seu filho. E êle a abandonará em breve, ao ver-lhe a realidade dos cabelos brancos, que ela pinta de prêto. Não mate: abandone. Que ela sofra o desprêzo do homem a quem ama, e tombe na velhice sem confôrto e sem amparo. Mas, de modo nenhum, mate, nem fira.

Êle escuta-me, reagindo. Promete apurar a verdade e, no caso de uma conclusão positiva, obedecer-me. Mas sofre, e revolta-se.

Ainda ama, o desgraçado!...

*Sexta-feira, 26 de fevereiro:*

A confusão reinante nos arraiais da política nacional tem feito com que eu não registre nestas notas os acontecimentos que ocorrem naqueles domínios. Homem bom, mas sem a energia indispensável ao chefe de um govêrno ditatorial, o Sr. Getúlio Vargas está transformado em navio à vela batido pelos mais variados ventos de tempestade. A sua indecisão na escolha de um interventor para São Paulo, acabou por indispô-lo com o

Estado inteiro, cujos partidos se vão arregimentando e unindo contra o Govêrno Provisório. E o mesmo sucede com a idéia da restituição do país ao regime legal. No Rio Grande do Sul, os partidos que fizeram a revolução exigem a decretação imediata da lei eleitoral. Os militares, e alguns civis audaciosos que os exploram, opinam pelo adiamento dessa medida e pela continuação da ditadura. E o Chefe do Govêrno Provisório tergiversa, contemporiza, desgostando a uns e a outros, e impopularizando-se pelas suas louváveis qualidades pessoais, que são lamentáveis defeitos políticos.

Parece-me, porém, que, de ontem para hoje, entramos na fase decisiva, para sair desta situação dúbia, embora para pior. Eu havia terminado o meu artigo cotidiano para o "Diário Carioca" cêrca de onze horas da noite, quando telefonei para a redação, pedindo que o mandasse buscar. Às onze e meia o contínuo me bateu ao portão, e, minutos depois, eu ainda telefonava, dando uma ordem à revisão. Tendo passado mal a noite, adormeci às seis horas. E quando, às oito, acordei, vi que, entre as fôlhas que o jornaleiro me deixa, não estava o matutino em que devia vir o meu artigo. Pus-me, porém, a ler o "Correio da Manhã", e eis que descubro a razão da falta: o "Diário Carioca" foi empastelado esta noite, sendo destruídas as suas máquinas, espancados os seus redatores, feridos os seus operários! À meia-noite, caminhões do 1.º Regimento de Infantaria despejaram à Praça Tiradentes algumas dezenas de soldados armados de sabres e fuzis, os quais, sob o comando de oficiais do Exército, penetraram na sede daquela fôlha e destruíram-na, aos olhos da multidão e da própria polícia. Nenhuma dissimulação, nenhum disfarce. Praticou-se êsse ato de vandalismo como se se tratasse do cumprimento de uma ordem militar!

Contam os matutinos que, informados do acontecimento, estiveram no local, verificando o alcance material e moral das depredações, os Srs. Maurício Cardoso e Flores da Cunha, expoentes, um, da ordem jurídica, e outro, da coragem e do brio revolucionários. São dois homens de bem, as duas mais altas vozes do Rio Grande do Sul na política federal.

Que irá sair disso tudo? Que monstros se estarão gerando no seio do Silêncio e do Mistério?

*Sábado, 27 de fevereiro:*

Dias sem jornais. Como protesto contra o ataque feito por oficiais e praças do Exército à redação e oficinas do "Diário Carioca", os gráficos do Rio de Janeiro se declararam em greve

por 24 horas, sendo acompanhados nesse movimento pelos de São Paulo, Belo Horizonte, Niterói, Pôrto Alegre, Recife e outras cidades do país. E os diários não circularam nem pela manhã nem à tarde.

Essa circunstância contribuiu para tornar ainda mais espêssa a atmosfera de apreensões. A má vontade do Ministro da Guerra em apurar as responsabilidades no ataque ao matutino de Macedo Soares é evidente, e positivou-se com a nomeação de um inimigo daquele jornalista para iniciar o inquérito. Prevê-se a saída do Ministro. Mas êsse afastamento terá como resultado, fatalmente, uma revolta da guarnição e, possìvelmente, a sua elevação ao pôsto de ditador.

No dia quente, zumbem môscas invisíveis. E o país lá se vai às guinadas, sem leme e de velas rôtas, como um navio atirado ao mar e tripulado por uma legião de cegos armados de carabinas, e que, tomados de pavor ou de cólera, se estão matando uns aos outros...

* * *

Ontem, houve leilão de móveis na casa em que morávamos à Praia do Flamengo. De acôrdo com a praxe, o leiloeiro encheu as salas de peças que não eram minhas, incluindo uma velha secretária e uma velha cadeira pertencentes a um hóspede, e a que eu jamais me sentei. Como o anúncio do leilão dizia que os móveis todos pertenciam a um "conhecido homem de letras", eu começo a pensar sôbre o lôgro de que têm sido vítima os colecionadores, adquirindo objetos em leilões na residência de homens célebres. Quanta preciosidade haverá por aí, arrematada na casa de Gautier, de Zola, de Flaubert, e em que êstes nunca tocaram e jamais pousaram os olhos?

O que me era caro em minha casa, veio comigo: minha mesa de trabalho, minhas estantes, meus livros. O resto estava tão prêso a mim como os pratos em que comi em Buenos Aires ou a cama em que dormi em Montevidéu. Nada lhes deixei de mim. E não trouxe, dêles, nem a lembrança.

*Segunda-feira, 29 de fevereiro:*

Um oficial do Exército, o Major Bomilcar da Cunha, professor do Pritaneu Militar, contava-me hoje mais uma anedota, em que a malícia anônima do carioca verbera o modo por que o rio-grandense-do-sul, aproveitando a ditadura e com a cumplicidade do ditador, se apossaram de todos os cargos rendosos, no Distrito Federal.

— Na Avenida, próximo ao Teatro Municipal, — começa o narrador, — faz ponto um mendigo de perna de pau, cuja sorte é invejada por todos os seus companheiros de profissão. Êle estende no passeio a sua perna artificial e, como o ponto seja concorridíssimo, pois é o caminho dos cinemas, rara é a senhora que, de passagem, lhe não atira um níquel ou uma prata. Há dias, um curioso o interpelou:

— Amigo, diga-me com franqueza: você, aí, nesse ponto, arranja mais de vinte mil réis por dia; não arranja?

— Eu? Muito mais!

— Trinta?

— Suba!

— Quarenta?

— Suba!

E numa confissão:

— Aqui, neste lugar, eu arranjo diàriamente de sessenta mil réis para cima. Nunca menos.

A essa palavra o interpelante impôs-lhe silêncio:

— Cale a bôca, homem; cale a bôca... Não se desgrace!

E ao ouvido do mendigo:

— Porque, se o Getúlio sabe que êste ponto é bom assim para pedir esmola, arranca você daí e dá o lugar a um gaúcho!...

*Quarta-feira, 2 de março:*

As reflexões graves sôbre política não fazem parte do programa natural destas notas. Êsse assunto penetra aqui ùnicamente sob feição anedótica, ou quando ligado à vida do autor destas anotações avulsas. Parece-me, porém, chegado o momento de registrar os acontecimentos que se vão desenrolando na vida nacional, e que podem ter, de repente, um desfecho de larga e profunda repercussão no destino do país.

A grande virtude de Getúlio Vargas, chefe do Govêrno Provisório, reside na tolerância e na contemporização. Êle tem abusado, porém, de tal maneira dêsses dois remédios, que êles se tornaram o maior dos perigos para a saúde e, mesmo, para a vida da República. Os acontecimentos dêstes últimos dias, que enchem a cidade de apreensões, têm a sua origem nesse processo de manter uma ditadura, e que degenerou, já, em displicência.

O afastamento repentino do Ministro da Justiça, Maurício Cardoso, é um dos frutos dêsse regime. Maurício Cardoso tinha vindo do Rio Grande, indicado pelos dois partidos que ali dominam associados, com a missão de encaminhar o país para a cons-

titucionalização. Um dos seus primeiros atos consistiu em suspender a censura sob a qual vivia a imprensa. Em seguida, trabalhando dia e noite, concluiu o Código Eleitoral, primeiro passo para a Constituinte. Restituída a liberdade que lhe haviam arrebatado, a imprensa que se batera pela Revolução levantou o seu grito de protesto contra as ameaças do militarismo, dia a dia mais forte. Atacados, os militares jovens, explorados por alguns políticos civis, especialmente pelo médico Pedro Ernesto, Interventor no Distrito Federal, procuraram o Ministro Maurício Cardoso e pediram-lhe que restabelecesse a censura. Êste comunicou o fato a Getúlio Vargas, que, de acôrdo com o processo, adiou a solução do caso. Atribuindo a protelação ao Ministro, os militares atacaram e destruíram as oficinas do "Diário Carioca". Maurício procura Getúlio e expõe-lhe a necessidade de um inquérito rigoroso, e conseqüente punição dos culpados.

— É melhor não sindicar muito, Maurício, — ter-lhe-ia respondido o Chefe do Govêrno. — Os rapazes andaram mal, é verdade; mas eu estou informado de que êles fizeram isso para me prestar um serviço. O jornal do Macedo estava me atacando muito...

Essas palavras, proferidas em Petrópolis, teriam espantado o jurista gaúcho. Eram uma revelação.

— Bem, — teria êle dito; — nada mais tenho que fazer aqui.

— Volta para conversar...

— Só se fôr pelo rádio! — fôra a resposta do Ministro.

Nesse mesmo dia, às 22 horas, partia Maurício Cardoso para o Rio Grande do Sul, de automóvel, sem uma palavra à imprensa e deixando, apenas, um cartão de despedidas a um ou outro amigo.

E o govêrno perdeu, dessa maneira, um legítimo homem de bem e, por isso mesmo, a figura mais respeitável, e mais simpática, da galeria da Revolução, tão carecida e pobre dêles.

*Quinta-feira, 3 de março:*

No Pritaneu Militar, onde vou inspecionar os exames, em segunda época, do curso secundário, encontro o jovem Capitão Dulcídio do Espírito Santo Cardoso, simpática figura de militar, professor de História Universal e oficial de gabinete do General Leite de Castro, Ministro da Guerra. A franqueza com que faço a crítica dos últimos acontecimentos infunde-lhe confiança, e êle desenrola aos meus olhos o panorama inteiro da situação.

— Para explicar os fatos sem cometer injustiças, — diz-me, — é preciso conhecer os elementos que para êles contribuíram.

O caso do empastelamento do "Diário Carioca", por exemplo, é reprovável e lamentável, envergonha as fôrças armadas e envergonha a nossa cultura, mas tem a sua lógica.

E conta:

— Êsses rapazes, oficiais do Exército e da Marinha, que atacaram o "Diário Carioca", vêm sendo trabalhados há tempos por elementos civis, que se querem aproveitar da sua boa-fé para a conquista do poder. Êsses politiqueiros os convenceram de que a imprensa estava tentando desmoralizar as classes armadas e êles, encontrando provas dêsse propósito em alguns artigos do Macedo Soares, procuraram o Maurício Cardoso, Ministro da Justiça, pedindo-lhe o restabelecimento da censura à imprensa. O Maurício levou o fato ao conhecimento do Getúlio mas êste, com o seu hábito de protelar tôdas as soluções, nada decidiu. Os artigos e as especulações continuaram e os rapazes, vendo que o ministro nada fazia para atender ao que êles lhes haviam pedido, resolveram tomar, êles próprios, as providências, indo atacar os jornais que consideravam inimigos da classe. Dirá o senhor: "Mas, por que não foram sòzinhos, e sim acompanhados de praças armados de fuzis?" Isso, porém, tem a sua explicação. Os oficiais iam sòzinhos praticar a violência, e estavam preparados para isso quando chegou ao Quartel do 1.º Regimento, onde se encontravam, cêrca de nove horas da noite, um emissário do Luzardo, Chefe de Polícia, a quem o fato fôra denunciado. Os rapazes não negaram, e, certos de que a Polícia ia guardar o jornal para enfrentá-los, resolveram ir preparados para a luta: armaram três pelotões, noventa e seis homens, e foram para a rua, atacar as fôlhas que consideravam inimigas da classe. Iam preparados para bater-se com a Polícia, e não para atacar operários.

A uma observação minha, o Capitão Dulcídio informa:

— No dia seguinte, aparece aquela ordem do Ministro da Guerra, mandando abrir inquérito, e em que diz estar informado de que o empastelamento do "Diário Carioca" fôra praticado "por oficiais do Exército e da Marinha, seguidos de praças das suas corporações". Não querendo que a acusação caísse sôbre tôda a classe, os oficiais assinaram uma declaração, confessando o delito e assumindo a responsabilidade dêles, e levaram-na ao Ministro da Guerra. O Ministro levou-a ao Getúlio, e pediu-lhes instruções. Devia punir, ou não, os oficiais? O Getúlio opinou pela negativa. Mandou que se guardasse reserva sôbre a confissão dos rapazes. E o resultado é a atitude da opinião pública contra os autores do atentado, na suposição de que êles praticaram o de-

lito e se acobertaram no anonimato... Não seria melhor a franqueza? Não seria preferível que o Govêrno informasse o público de tudo isso, para que se não suponha que as classes armadas são compostas de poltrões, que cometem crimes e se escondem?

Nesse momento, chamam-no ao telefone. O capitão acorre. É do Ministério da Guerra. E eu escuto, de longe, que o oficial, na palestra com o seu chefe ou com os seus colegas, pronuncia diversas vêzes o meu nome...

*Sexta-feira, 4 de março:*

Demitiram-se ontem à noite, seguindo de avião, esta madrugada, para Pôrto Alegre, Lindolfo Collor, Ministro do Trabalho, Batista Luzardo, Chefe de Polícia, e João Neves da Fontoura, Consultor Jurídico do Banco do Brasil. Romperam com Getúlio Vargas, que fica, assim, nas mãos dos militares, manejados por Pedro Ernesto.

Ponhamos a mão no queixo e aguardemos os acontecimentos.

*Segunda-feira, 7 de março:*

Pelo telefone, converso com José Eduardo de Macedo Soares, diretor do "Diário Carioca", empastelado há dias por oficiais e praças do Exército e da Marinha. Tratamos do reaparecimento do seu matutino.

Macedo Soares — Não sei ainda, Humberto. Estou esperando que o govêrno me dê garantias eficientes para circulação da fôlha, e para mim mesmo, individualmente. Tu sabes que o plano dêles era assassinar-me.

Eu — A você?

Macedo Soares — Era, e ainda é. E eu aqui estou à espera dos acontecimentos.

*Sexta-feira, 11 de março:*

Dias de inércia nas letras e na política nacionais. A crise que se manifestou com a demissão dos políticos rio-grandenses caiu em estado de cronicidade. Os demissionários continuam a dar entrevistas, recheadas de lugares-comuns. O ditador continua a sorrir, e a passear entre as alamedas de Petrópolis. E a vida continua...

Pessoalmente, tenho vivido ocupadíssimo com a inspeção de bancas examinadoras, das 10 da manhã às 11 da noite, e com o

problema da rescisão do contrato da casa que ocupava no Flamengo. Dias quentes e inúteis. Podiam, perfeitamente, ser descontados na minha vida, e suprimidos na História e no calendário.

*Domingo, 13 de março:*

Por imposição de minha mulher, e a conselho do diretor do Colégio Otati, onde se acha êle internado, não fui ontem, como nos sábados anteriores, buscar meu filho Humberto, de oito anos, para passar o dia comigo. Não me vendo aparecer, nem mandar ordens, pediu êle a diversos coleguinhas que me telefonassem, suplicando que não o deixasse prêso ali. Ao chegar em casa, recebi os recados. Corri a levar-lhe, na tarde chuvosa, doces e um brinquedo. À porta, o criado me informou que êle passara o dia chorando, à minha espera. E eu, violentando a minha natureza, sufocando os gritos do meu coração, voltei dali sem ver meu filho!

Minha mulher costuma responsabilizar-me pela situação dos nossos filhos maiores, que pouco aproveitaram nos internatos em que estiveram porque eu sempre lhes fiz a vontade, e insiste na necessidade de "salvar" o último, radicando-o mais ao colégio e ao estudo. Quanto, porém, me dói êsse rigor! Quanto me custa saber que meu filho está chorando, e que só de mim depende secar-lhe as lágrimas com os meus beijos!

É êsse, na realidade, o meu feitio. Eu sou como um deserto árido e estéril, um vasto lençol de areia sôlta lavada de sol africano, mas em cujo subsolo desliza silenciosa, anônima, e lírica, uma corrente fresca e doce, que, trazida à superfície, faria desabrochar, talvez, em flores suaves, e em frutos mansos, a face nua do areal...

Um indivíduo que canta na via pública, e recebe de cada transeunte um tostão, é um mendigo; aquêle, porém, que canta em uma sala fechada e recebe cem mil-réis de cada ouvinte, é um artista.

*Quarta-feira, 16 de março:*

Após alguns minutos de palestra na secretaria da Academia, saímos, Medeiros e Albuquerque, Homero Pires, e eu, rumo da Avenida, onde cada um tomaria o seu rumo. Pelo caminho, Medeiros fala de alguns dos seus contemporâneos, já desaparecidos.

— Um dos responsáveis pela deificação do Patrocínio, — diz, — é o Neto. O Patrocínio, após o 13 de maio, demoralizou-se

completamente. Vendia a sua pena ora aos da direita, ora aos da esquerda. E acabou por não merecer confiança nem a uns nem a outros... O Neto contou, ou escreveu, que o Patrocínio chegou um dia a um lugar em que lhe estava preparada uma vaia, e que, tendo começado a falar, transformou os assobios em aplausos. É fantasia dêle. Quem conhece a psicologia das multidões sabe que ela não muda de atitudes com discursos. Fôsse o Patrocínio falar onde lhe estivesse à espera uma vaia, e não falaria, porque a vaia estalaria logo. O Neto tem romantizado demais o Patrocínio...

E em seguimento:

— Outro cujos defeitos ainda não foram estudados, é o Alcindo... O Alcindo Guanabara chegou a tal ponto de descrédito, vendeu tanto a sua pena e o seu prestígio parlamentar, que, quando dirigia a "A Imprensa" de que era secretário o Demétrio de Toledo, mandou que êste retirasse o nome dêle, Alcindo, do cabeçalho, a fim de que a fôlha merecesse a confiança do público... Não havia negócio escuso, advocacia administrativa, transação fracassada nas mãos de outros, cujos interessados não corressem ao Alcindo, tomando-o para patrono... Entretanto, êsse homem que ia buscar o dinheiro tão longe e a tão alto preço, quando recebia o seu subsídio no Senado ou na Câmara, dava-o todo a uma infinidade de parasitas que o assediavam e que viviam da sua generosidade... Êle chegou à perfeição de sustentar a amante, o sujeito que vivia com esta, a filha da amante e o marido da filha da amante... Era, todavia, excelente chefe de família: êle achava que, dando aos seus uma quantia igual à que esbanjava na rua, estava absolvido... E vocês sabem como êle morreu: morreu na casa da Chrysanthéme, com quem vivia últimamente; morreu de súbito, e os filhos o transportaram, morto, para casa, dentro de um automóvel.

Tínhamos chegado à esquina, onde nos devíamos separar. E separamo-nos.

*Quinta-feira, 17 de março:*

Recebo de Parnaíba, enviadas por minha mãe, três pequenas fotografias do cajueiro que eu plantei quando era criança, e cuja história contei no meu livro de "Memórias". É uma árvore majestosa, de galhos poderosos, vestidos de folhagem sadia e verde. Ao lado dêle, vêem-se os caules de dois coqueiros que lhe varam a fronde ou o acompanham no surto alegre para o céu.

Tendo eu dito, na página que escrevi, que êle possuía, quando o vi pela última vez, um chiqueiro de porco a cercar-lhe o tronco, minha mãe me manda agora, no envelope em que vieram as fotografias, o seguinte recado: "Meu filho: — Não tem mais o chiqueiro; mas tem um cercado de galinhas. Êsses coqueiros que vês são os que molhaste tantas vêzes, quando eras pequeno e vivias a meu lado".

Olho, em tôrno do tronco do cajueiro, a terra limpa e sombreada. E os olhos se me enchem de água. A areia é a mesma, fina e suja de detritos. E tenho a impressão de que descubro, ainda, no chão, a marca dos meus pés descalços, e que a areia me reconhece, e tem, para mim, um meigo sorriso de irmã...

*Sexta-feira, 18 de março:*

Tempestades ruidosas, mas sem chuva, nos altos céus da política, onde imperam os deuses. Prevê-se, em virtude do gesto do Rio Grande do Sul, retirando o apoio que lhe dava, a renúncia do chefe do Govêrno Provisório. E inventa-se uma anedota, em que se recorda o episódio da deposição do Presidente Washington Luís, que só deixou o Palácio Guanabara, na tarde de 24 de outubro, a instâncias do Cardeal, D. Sebastião Leme.

— Assoberbado pela crise política, o ditador Getúlio Vargas deitou-se já pela madrugada. Deitou-se, e dormiu. Dia alto, a senhora foi despertá-lo:

— Getúlio!... Getúlio!... Acorda!...

— Hem?... hem?... que é? — fêz o Chefe do Govêrno, despertando, atarantado.

E esfregando os olhos, como quem está, ainda, sob o domínio de um sonho que teve:

— O Cardeal já está aí?

*Domingo, 20 de março:*

A anarquia mental, nas letras, na política e na filosofia, é tão intensa nesta hora do mundo, que se tem a impressão de que a Humanidade, na sua marcha, passava por um desfiladeiro quando foi soterrada por uma barreira enorme, desabada de súbito. Livrando-se da mortalha de areia ou de barreira, os homens, separados uns dos outros, procuram salvar-se, guiados pelo egoísmo e desaparecidos todos os vínculos que estabeleciam a continuidade e a solidariedade da espécie.

Cada um abre seu caminho, sem pedir notícias do pai, do filho ou do irmão.

*Quarta-feira, 23 de março:*

Informado, há dias, de que a velha casa senhorial, que fica em frente àquela em que moro, foi mandada construir por Dona Carlota Joaquina, que ali vinha enganar o seu real espôso Dom João Sexto, ocorre-me consultar, na Academia, Afonso Celso, que me pareceu ter visto, há dias, em visita aos meus misteriosos vizinhos.

— É verdade, — responde-me êle; — é uma casa histórica, e uma das nossas melhores edificações antigas. Atribui-se a sua construção a Dona Carlota Joaquina. A tradição diz, porém, que ela possuía mais duas moradias no bairro: uma nas Águas Férreas, outra nas Laranjeiras, no alto do morro, onde mora hoje o Eduardo Guinle. Nesta última é que se deu o assassinato que lhe atribuem, e que é ainda hoje um dos mistérios da nossa História...

E a outra interrogação minha:

— A casa em frente à sua pertence, hoje, às minhas sobrinhas, filhas do Gastão da Cunha, que a adquiriram por 390 contos. Mas foi, por muitos anos, a residência do José Carlos Rodrigues, que, por sinal, passou aí por uma enorme decepção, famosa ainda hoje na história mundana do Rio de Janeiro... Como o senhor sabe, o José Carlos teve de fugir para os Estados Unidos em conseqüência de um processo que moveram contra êle. Secretário de um ministro, o Conselheiro Carrão, êste o acusou de haver falsificado a sua assinatura, mandando a Polícia pagar secretamente a êle, José Carlos, quatro contos de réis. Mas, não era verdade, não; a assinatura era autêntica; o que o José Carlos fêz foi meter a ordem de pagamento no meio de outros papéis, e o ministro assinou. Descoberto o estratagema, e o pagamento indevido, o José Carlos fugiu para a América, e por lá ficou. De regresso, muitos anos depois, conquistou situação e fortuna, adquiriu a casa em frente à sua, e deu aí um grande baile, a cuja entrada um cavalheiro corretamente vestido distribuía "carnets" com uma capa luxuosa, aos convidados. Ao chegarem, porém, aos salões, os convivas abriam o "carnet", e encontravam, dentro, impressa, a cópia da sentença contra o José Carlos, condenado por desonestidade... Foi um escândalo inominável!

Escuto, calado. E fico pensando na conveniência de palestrar freqüentemente com Afonso Celso, que é, na verdade, um dos tomos humanos da crônica viva da cidade.

*Segunda-feira, 28 de março:*

Da janela da minha sala e, mesmo, da minha cama, vê-se, lá em cima, no alto do Corcovado, a gigantesca imagem do Cristo Redentor, com os seus enormes braços abertos. À hora doce e triste do crepúsculo, as nuvens do poente formam um fundo negro, no qual vai, aos poucos, desaparecendo a figura branca do Nazareno. Ao vê-lo assim, uma tristeza profunda e dolorosa penetra a minhalma. Uma pena imensa me enche o coração, como se se tratasse de um homem, de uma criatura viva, de súbito condenada a passar a noite sòzinha naquelas alturas, ameaçado pelas tormentas do céu e pelos mil fantasmas da solidão.

E, não sei por que, me parece a mim, que o Cristo abre os braços, não para abençoar e proteger os homens, mas para pedir aos homens que o protejam, e que o não deixem assim, abandonado, no silêncio e na escuridão...

*Têrça-feira, 29 de março:*

A propósito do surto militarista que dia a dia se acentúa, e da intolerância e presunção das classes militares, contava-me, hoje, no Pritaneu Militar, um oficial do Exército, professor do estabelecimento e da Escola Militar, uma anedota que lhe fôra contada por Leopoldo de Bulhões.

Quando Bulhões era Ministro da Fazenda no Govêrno Rodrigues Alves, tinha à sua disposição sempre, duas praças do Exército, que tomavam lugar na boléia do seu carro, ou o acompanhavam, montadas. Sendo sempre as mesmas, acabaram familiarizando-se na casa do ministro, especialmente um cabo, excelente cantador ao violão. Gente singela, a senhora e as filhas de Bulhões davam, às vêzes, confiança ao cantador nacional, fazendo-o sentar em um dos bancos do jardim, para diverti-las com as suas modinhas brejeiras ou sentimentais.

Certo dia, chega ao Rio de Janeiro um cantor de fama universal, Caruso ou outro equivalente. Tendo Bulhões uma frisa oficial, e sendo acompanhado até a porta do Lírico pela sua ordenança, mandou que esta o acompanhasse no interior do teatro, fazendo-a ficar, de pé, à entrada da frisa, para ouvir, também, o grande artista. Representava-se o "Rigoletto", e o cabo assistiu, sem pestanejar, ao desempenho da peça, e aos aplausos com que a platéia, unânime, glorificava o tenor.

Terminado o primeiro ato, o ministro voltou-se para a ordenança:

— Então, cabo, gostou?

— Gostei, sim, senhor "seu" doutor.
— O homem cantou bem?
O cabo sorriu:
— Cantou, sim, senhor.
— Fale com franqueza, cabo, — tornou Bulhões, descobrindo o motivo daquele sorriso. — O homem canta, mesmo, bem?
— "Seu" doutor quer que eu dê, com sinceridade, a minha opinião?
E a um assentimento do ministro:
— Para paisano, êle canta bem!

*Quinta-feira, 31 de março:*

"Tôdas as mulheres que se deitaram com um carteiro, transferido na manhã seguinte para outra zona de distribuição, — observa Pittigrilli, — crêem que sua vida é tema para um romance".

Dona Zeferina Aguiar, senhora de quarenta e dois a quarenta e cinco anos, proprietária da pensão em que moro, resolveu, espontâneamente, contar-me o drama da sua existência. Não dá matéria a um romance mas pode fornecê-la, talvez, para um capítulo.

Casada no Rio Grande do Sul, de onde é filha, vem para o Rio de Janeiro... Feminina de alma, e masculina de vontade e de figura, resolve auxiliar o marido a prosperar, e funda, em casa, um "atelier" de costura. Ensina bordado e prendas domésticas a uma dezena de moças e meninas. Ganha dinheiro. Compra um terreno, e transforma-o numa chácara, em Jacarepaguá. Panteista, vive para o seu trabalho, para as samambaias do seu terraço, para os pássaros do seu viveiro, para as rosas dos seus caramanchões. Não sai de casa, contente com êsse pequeno mundo. É um pássaro entre os pássaros, uma rosa silvestre entre as rosas cuidadas. Tem confiança absoluta no marido, que trabalha na cidade, e, uma vez ou outra, vai a Minas, ou a São Paulo, a negócios.

Um dia, porém, um vizinho a procura, e diz-lhe que o marido tem outra mulher, e sustenta outra casa, nos subúrbios da Central.

— É uma infâmia! — exclama.
— E tem três filhos com a outra... — adianta o informante.
— É mentira! — grita a espôsa, agarrando-se à última tábua, na previsão do naufrágio da sua felicidade.
— A senhora verá!

No dia seguinte, ela apurava tudo. O espôso passava metade do dia na casa da outra, com a qual possuía, realmente, três filhos. A rival morava num primeiro andar, por cima de outra família. Para verificar isso, bateu à porta desta última e ouviu, em cima, a voz do marido, ralhando com as crianças. Pediu água, para não morrer sufocada. Podia ter subido, e praticado o crime. Levava um revólver na bôlsa. Não subiu; tomou o caminho da estação e esperou, ali, por êle. Ao fim de uma hora, êle surgiu do outro lado da linha. Ela chamou-o:

— Fulano?

Êle a viu, e compreendeu tudo. Tal foi a sua perturbação que, ao dar o primeiro passo, caiu, tropeçando num trilho. Ergueu-se; mas tombou de novo, entre dois trilhos. Alcançou, enfim, a plataforma da estação, mas não podia subir. Ela deu-lhe a mão, e êle subiu.

Tomaram o trem, para casa. Cena brutal, violenta, tempestuosa. Êle fechou as janelas para que os vizinhos não a escutassem. Ela quebrou os vidros com as mãos, cortando as veias, ficando banhada em sangue. O marido procura detê-la, e ela, forte, o atira longe, como um trapo... A noite tôda, passa-a chorando, procurando uma solução para a sua vida. Ao amanhecer, olha em tôrno. As rosas estão murchas, as samambaias estão perdidas, e os passarinhos, empoleirados, não cantam. Sente que tudo, tôdas as coisas a que ama, sofrem com ela. À tarde, tem tudo resolvido. Arruma as suas roupas em uma pequena mala, toma nos braços uma cachorrinha da sua estimação, e que treme de pavor porque nunca saiu à rua, e vai pedir agasalho no alto de um morro, a uma família pobre e amiga, que vive num barracão de tábua e zinco. Encontra a dona da casa, italiana, na cozinha, abanando fogareiros de carvão, tendo amarrado ao pescoço um avental de estôpa. Conta a sua história. A italiana abraça-se com ela, e choram as duas. Choram, limpando o rosto com o avental de estôpa. E sorriem, no meio das suas lágrimas: estão, as duas, mascaradas, com os rostos sujos de carvão.

À noite, tempestade no morro. Só há uma cama na casa, e esta foi dada à hóspede. A família dormiu no soalho, ou em colchões postos sôbre êste. A luz dos relâmpagos entrava pelas frestas das tábuas do barracão e a chuva tamborilava no zinco, agitando os seus milhões de dedos líquidos. A espôsa traída adoece. Vem para a cidade, e põe-se a trabalhar em costuras. Na pensão em que vai morar, os hóspedes se compadecem dela. Transforma-se em um esqueleto, sem sexo. Um dos moradores se compadece da sua condição. É um homem bom, e surdo, vítima do de-

sastre do Clube de Engenharia, quando ficou quase soterrado pelos escombros do edifício. Ao fim de algum tempo, êste lhe propôs viverem juntos. Aceitou.

E dona Zeferina conclui:

— Hoje, vivemos a ajudar-nos mùtuamente. Liga-nos a gratidão comum. Êle tem as suas desilusões... Eu tenho as minhas... E vamos, assim, atravessando a vida...

Pittigrilli faria calar esta senhora, em meio à sua narrativa?

## ABRIL

*Sábado, 2 de abril:*

Em palestra com o advogado José Marcelo Moreira, que reside na mesma casa em que hoje moro, e que é tido como um homem sério, dizia-me êste, à tarde, à mesa do jantar:

— Tive, hoje, casualmente, uma surprêsa, que me deixou triste. Eu estava no Fôro, em um dos cartórios, procurando os papéis de um constituinte meu, quando me caiu sob as mãos o inventário do João Pessoa, que era, antes de 1920, um simples auditor de Marinha, vivendo pobremente com o ordenado de setecentos mil-réis. E sabe o senhor quanto foi inventariado?

— Quanto?

— Mais de mil contos. E com a circunstância de existirem no espólio numerosas ações do Banco do Brasil, que confirmam a grande patifaria levada a efeito no Govêrno Epitácio, e que a imprensa denunciou... o Epitácio, como sabe, pretendia reformar o Banco, dando a êste enormes regalias, que fariam subir as ações. Antes disso, porém, mandou comprar para si as ações que pôde, e recomendou aos parentes que fizessem o mesmo. O João Pessoa aproveitou, e ficou rico. O inventário do Marechal Pessoa, irmão do Epitácio, também acusou muitas ações do Banco. Ficaram todos ricos.

Calei. E deixei aqui esta anotação, para as sindicâncias da História.

*Têrça-feira, 5 de abril:*

Reaparecimento do "Diário Carioca", empastelado por oficiais do Exército na noite de 25 de fevereiro. À tarde, na redação, aonde vou levar a minha croniqueta cotidiana, Vítor Hugo Aranha, chefe da redação, conta-me ter sido chamado, ontem, à Rua da Relação, onde o Chefe de Polícia, Salgado Filho, lhe fêz a seguinte comunicação:

— Estiveram aqui na chefatura, comigo, constituídos em comissão, alguns oficiais do Exército, os quais me vieram avisar que, se o "Diário Carioca" trouxer amanhã algum artigo violento contra êles, o Sr. Macedo Soares será assassinado por êles, assumindo êles a responsabilidade dêsse crime. E como se pode evitar semelhante desgraça, eu peço ao senhor que não deixe sair nada nesse matutino.

— Êles vieram dizer ao senhor que estavam prontos para cometer êsse crime? — indaga o jornalista.

— Vieram.

— E o senhor como Chefe de Polícia, não os prendeu?

Salgado Filho desculpou-se. A ameaça era, já, um crime previsto no Código. Mas, que fazer, se nós vivemos em um período anormal, em que se tem de sacrificar a lei para conservar a ordem?

E o "Diário Carioca" circulou, em linguagem vibrante de sentimento, mas poupando os homens, individualmente, mas atacando enèrgicamente os atos.

* * *

Ao lançar uma rêde à água, os pescadores deixam à superfície, apenas, pequenos discos de cortiça, que a sustentam, e que aparecem à flor das vagas como uma reticência ondulante. A rêde, que êsses discos denunciam, mergulha na profundidade.

Assim são as palavras para o pensamento. Os vocábulos são discos à superfície, revelando a rêde do pensamento mergulhando no mistério, onde pesca as idéias — peixes de ouro, miúdos, que faíscam ao sol, ou terríveis monstros do mar, que rebentam as malhas estendidas para capturá-los.

*Sexta-feira, 8 de abril:*

Pela manhã, pouco mais das dez horas, chamam-me ao telefone. Voz de mulher, enrouquecida pela gripe ou pela idade.

— Então, já se esqueceu de mim?

Árido, sem interêsse pela novidade, perguntei quem era, e o que pretendia. E vim a saber, sem custo, que a voz era de B. L. V., dona do meu coração quando eu tinha vinte anos, que me inspirou os versos mais apaixonados que escrevi, e que foi, aos trinta e três, a mais amarga das minhas desilusões. Casada, apareceu ela, no Rio de Janeiro, em 1918, e foi, quase, minha amante. Amante de outro, que não eu, levou-a o marido para longe. E ei-la voltando, agora, com idéias de tentação, assegurando-me que não envelheceu, e que seu coração está, ainda, cheio de minha

lembrança... Agora à noite telefonou-me de novo, prometendo, ainda, telefonar amanhã.

Será, todavia, debalde. Taís pode usar de todos os seus recursos de sedução: Pafúncio está no alto da sua coluna, na Tebaida, e só pede ao areal, e às estrêlas, repouso, olvido, silêncio, solidão...

*Domingo, 10 de abril:*

Há um epigrama da Antologia, não sei se de Agatias ou de Páladas, em que o poeta manda ao lavrador que detenha a charrua, ao revolver a terra, no solo pátrio. A poeira do chão é cinza dos avós. E não convém perturbar o sono dos mortos.

Foi êsse mesmo grito que partiu de mim hoje, quando B. L. V. me chamou, mais uma vez, ao telefone, proferindo palavras enternecidas de quem pretende ressuscitar um amor há tanto tempo desaparecido. As palavras que lhe disse, sinceras e francas, fizeram-na desanimar. Creio que não voltará, mais, a perturbar a doce quietação da minha vida.

Que lucramos, nós, na verdade, em revolver com escândalo a cinza dos mortos?

*Quarta-feira, 13 de abril:*

Pela manhã, notícia, nos jornais, de que o Ministro da Educação, Francisco Campos, havia escrito, já, à Academia, inscrevendo-se candidato à vaga de Alberto de Faria, para a qual não foi eleito nenhum dos cinco candidatos que a ela concorreram no pleito de quinta-feira última. Agora à noite, visita dos médicos Valdomiro Pires, Diretor do Hospício Nacional, e Jacinto Campos, a quem devo incontáveis gentilezas, e que vêm pedir o meu voto para o Ministro.

Declaro-lhes que votarei neste, sem constrangimento. Prefiro, realmente, e já o declarei pùblicamente, um homem público de compostura, que seja uma expressão social ou política, a um literato irrequieto, que ponha em risco a ordem e a gravidade da vida acadêmica.

*Quinta-feira, 14 de abril:*

As últimas crises do aparelho circulatório de que Medeiros e Albuquerque tem sido vítima, estão exercendo, parece, acentuada influência sôbre o seu espírito. Um episódio, de que fui testemunha, deu-me essa convicção.

Estêve hoje na Academia Brasileira de Letras a escritora Sílvia Serafim, que assassinou, em dezembro de 1929, o caricaturista Roberto Rodrigues, filho de Mário Rodrigues, que fazia contra ela na imprensa a mais ignóbil das campanhas. Apresentada a Medeiros na minha presença, êste começou logo a referir-se ao crime, declarando que sempre o condenara, colocando a moça em uma situação de constrangimento, que só não se tornou mais desagradável por tratar-se de uma rapariga inteligente e de extraordinária vivacidade. De repente, como se se tivesse apercebido da gafe cometida, o jornalista me dá a impressão de que vai reparar a asneira feita.

— Bem, — exclama. — De qualquer modo, foi a fatalidade, e não falemos mais nisso.

E tomando, com ambas as mãos, a mão direita da escritora:

— Pode-se beijar esta mão assassina?

*Sexta-feira, 15 de abril:*

Em visita à Academia, fico informado das "razões políticas" da candidatura do Ministro Francisco Campos à vaga de Alberto de Faria, na "Casa dos Quarenta".

A política de Minas Gerais está sendo feita por dois grupos, o Partido Republicano Mineiro e a Legião Liberal, representados no Govêrno Provisório, esta, pelo Ministro Afrânio de Melo Franco, das Relações Exteriores, e aquêle, por Francisco Campos, da pasta da Educação. Êsses dois políticos procuram, cada qual, imprimir maior relêvo social à sua personalidade, para sua maior importância no Estado. Quando se deu a vaga de Alberto de Faria, Olegário Mariano, fornecedor de mobiliário acadêmico ao Ministério das Relações Exteriores, e que já havia fornecido a cadeira de Otávio Mangabeira, correu ao Itamarati e ofereceu-a a Afrânio de Melo Franco. A imprensa, informada dessa candidatura possível, atacou-a, e o Ministro não mandou a sua carta de inscrição.

Verificada, a 7 do corrente, a inutilidade do pleito para preenchimento da vaga por outros candidatos, e reaberta a inscrição, corre Olegário novamente a Melo Franco, e êste aceita a candidatura, entregando-lhe a carta para apresentação de candidatura. Contentíssimo, o poeta sai a mostrá-la a tôda gente, como uma vitória sua. E mostra-a a Augusto de Lima. Político em Minas, filiado ao grupo de Francisco Campos, o poeta das "Contemporâneas" corre ao Ministério da Educação, conta o caso a Francisco Campos, pede-lhe uma carta de inscrição, leva-a a Fernando

Magalhães, e fornece a notícia da candidatura a todos os jornais. De modo que, para não ter de bater-se com o seu colega de Ministério nas urnas da Academia, Afrânio de Melo Franco não tem outro remédio senão recolher a sua carta, e dar por inexistentes os seus propósitos de "imortalidade".

E é assim que, em vez de irmos ter na Academia um Ministro de Estado, levado por um acadêmico que deseja ser cônsul, vamos ter outro, arrastado por um acadêmico que pretende ser deputado.

*Sábado, 16 de abril:*

Agripino Grieco. Panfletário brilhante, mas venenoso. Téu-téu da crítica literária: voa, mas tem esporão na asa.

* * *

A dor, no homem, é, às vêzes, um elemento de preservação, como o veneno na serpente: os animais não devoram a serpente venenosa, nem a Morte procura, e arrebata, o homem que sofre.

*Domingo, 17 de abril:*

Na tarde doce e calada, quase à hora do crepúsculo, após alguns minutos de sono na casa quieta, chego ao terraço embrulhado em sombra e silêncio quando o rádio do prédio vizinho começa a lançar ao vento a melodia de uma serenata, com as cordas mais graves de um violino solitário. A queixa é triste, funda e longa. Partículas de alma de Chopin ou de Beethoven erram no espaço, como pássaros de asas cansadas que chegassem de longe e que não encontrassem pouso. E escutando a música dolorida, a impressão que eu tenho é a de um coração que está sendo esmagado lentamente, impiedosamente, na concavidade de uma fina mão ou sob um pequeno pé, que ora se ergue, perdoando, ora calca mais forte, com raiva, na volúpia de agravar o martírio. E o sumo dêsse fruto que assim se comprime e esmaga sem pena, é essa música de sangue, de soluço e de pranto, que escorre pelo ar, na tarde mansa e melancólica.

Parado, sem ninguém em tôrno de mim, eu escuto a queixa da alma desconhecida e errante, que se dissolve em som. E assinalo a necessidade, que me é imposta, de fugir às emoções artísticas dessa ordem. Meu coração está dormindo, quieto, e sem sonhos, como uma criança órfã que ignora, ainda, a extensão e a profundidade do golpe que lhe foi vibrado pelo Destino. É preciso que êle não acorde, e não venha a saber, tão cedo, que está sòzinho no mundo...

*Têrça-feira, 19 de abril:*

Manhãs de neurastenia. Síncopes dos nervos. Síncopes do cérebro. Síncopes da vontade... Desejo de dormir... Ânsia de chorar.

*Sexta-feira, 22 de abril:*

Ao abrir os jornais da manhã, dou com a notícia da morte de Manuel Bonfim, cujo nome é freqüentemente encontrado neste "Diario" na parte relativa a 1928. Vítima de um câncer na próstata, o qual se manifestou há pouco mais de dois anos, submeteu-se à primeira intervenção cirúrgica extraindo essa glândula. Pouco depois, porém, nova ferida se abria, determinando novas operações, as quais subiram a quatorze, ora na uretra, ora na bexiga, em vinte e quatro meses. Debilitado em extremo, transformado no fantasma de si mesmo, Bonfim teve de submeter-se à transfusão de sangue diversas vêzes, vivendo, assim, do sangue alheio. Não obstante isso, e viver deitado, trabalhava, produzia, escrevendo com a máquina obras mais substanciosas. Morreu às dez horas da noite, extenuado pelo sofrimento.

Era um belo e forte espírito, forrado de idéias originais, principalmente em Sociologia e História. Tinha um vasto cabedal de conhecimentos a que faltou, apenas, um estilo, que os exprimisse e vulgarizasse. Era, em suma, uma grande cabeça a que os deuses haviam negado uma língua.

*Sábado, 23 de abril:*

No seu consultório, hoje à tarde, o Dr. Paulo César, que submeteu Manuel Bonfim às últimas oito ou dez operações, que lhe prolongaram a vida, dizia-me:

— Eu não sei como se pode explicar a existência, no Bonfim, de dois homens tão diversos um do outro: o escritor ilustre, o homem de grande erudição, e o indivíduo desprovido de certos escrúpulos, em matéria de moral privada.

E ante o meu espanto:

— Eu também fiquei horrorizado quando soube de tudo, pelo Werneck. O Werneck, que era íntimo amigo dêle e foi o seu primeiro operador. Disse-me o Werneck que o Bonfim era um sujeito de tal ordem, em assunto de mulheres, que não respeitava nem as dos seus amigos mais íntimos. Casou-se, não por amor, mas para esquecer uma amante, e porque a moça possuía

dinheiro... Seduziu a mulher de mais de um amigo, sem o menor respeito às leis de amizade. Obrigado a fugir durante a revolta de 1893, foi asilado por um amigo, que o livrou, assim, da prisão e da morte. E quando abandonou o asilo que lhe deram, foi levando a mulher do amigo, que tornara sua amante, e que abandonou depois sem a menor consideração. Era, enfim, um sujeito levado da breca, e com uma infinidade de culpas dessa ordem, cada qual mais terrível e inexplicável.

Deteve-se um instante, e continuou:

— Mas, também, coitado, se isso é verdade, pagou caro neste mundo os seus pecados. Sofreu horrìvelmente, até a hora da morte. Durante três anos as dores não o abandonaram. Basta dizer que há dois anos as fezes lhe saíam por um buraco aberto no ventre, do lado direito, e a urina por outro orifício à mesma altura, do lado esquerdo. Os raios X tinham-lhe destruído os intestinos, e êle se sentia decompor ainda em vida.

E concluindo, penalizado:

— Um horror!

*Têrça-feira, 26 de abril:*

Plutarco escreveu a vida dos varões ilustres de Roma e da Grécia para louvá-los. Consumiu a maturidade e a velhice elogiando e glorificando homens.

Agora, leio que Plutarco nasceu na Beócia. E compreendo tudo. Era um beócio...

*Quinta-feira, 28 de abril:*

Na Academia, Alcides Maia fala sôbre Manuel Bonfim, justificando as irregularidades do seu estilo. Êsse estilo, diz, é o "estilo brasileiro": indisciplinado, tumultuoso, revolucionário. Bonfim e Graça Aranha são, no seu entender, duas expressões estilísticas do pensamento nacional, o qual, informa, não se pode ajustar à vestimenta do estilo acadêmico. Em seguida, falo eu, também sôbre Bonfim, e sôbre os motivos que o impediram de pertencer à Academia.

## MAIO

*Sexta-feira, 6 de maio:*

Ontem à noite, na segunda edição dos jornais vespertinos, telegrama de Paris noticiando que o Presidente da República,

Paul Doumer, fôra agredido a tiros por um médico de nacionalidade russa, Gurgulov. Agora pela manhã informações de que o Presidente faleceu.

Novo Sarajevo? É o fogo do novo estopim, para incêndio do mundo? A morte de Doumer corresponderá, agora, à de Francisco Fernando?

*Domingo, 8 de maio:*

Dias de gripe, monótonos, continuados, merecedores de uma eliminação da vida e do calendário. Dias para encher tempo...

*Segunda-feira, 9 de maio:*

Esta noite, ouvi longamente, neste bairro civilizado, o ladrar de um cão. E comparei-o ao ladrar dos cães de Parnaíba, quando eu era menino. No Rio de Janeiro, quando um cão ladra, vem-nos sempre à lembrança um ladrão. Nas cidades pequenas, a idéia que nos assalta é diferente: ou é namorado pulando cêrca ou, então, é lobisomem.

*Quinta-feira, 12 de maio:*

Perturbação, ainda mais acentuada, da vista, com dificuldade para ler ou escrever. À medida que leio ou escrevo uma palavra, surge uma sombra ou, melhor, uma sombra esbranquiçada, que apaga, como se fôra de "heureca", o vocábulo que ficou atrás. Meu ôlho esquerdo está devorando, faminto e insaciável, tudo que o direito produz.

*Sexta-feira, 13 de maio:*

A Sra. B. L. V., a quem não vi ainda, a quem não desejo ver e que transformou o amor que nos ligou outrora em simples e consoladora amizade, continua a telefonar-me todos os dias. Palavras de estima, recordações ingênuas da nossa mocidade, que se afasta cada vez mais. Confidências honestas sôbre o nosso presente. Hoje, a propósito dos seus filhinhos, contava-me ela que o menor, de dois anos, lhe foi comunicar, pela manhã, que a cozinheira matara um pato.

— E você tem pena, meu filho? — perguntara.

O garotinho não respondeu. Correu, porém, à cozinha, e regressou de lá trazendo, para mostrar à mãe, as mãozinhas cheias de penas de pato...

*Sábado, 14 de maio:*

Pouco antes das quatro horas da tarde, antes de entrar no médico, à Rua da Assembléia, vou à leiteria fronteira, e sento-me. De repente, ouve-se na rua o estalo de ferraduras no asfalto. É um esquadrão de cavalaria, que se dirige para o edifício da Câmara.

— Vai acompanhando o Getúlio! — informa um freguês a outro.

Ninguém, porém, se erguera para ir à porta ver a passagem do ditador. Desinterêsse absoluto pelos homens e pelos fatos.

Momentos depois, o Chefe do Govêrno Provisório lia, na sede da antiga Câmara, o seu manifesto à nação sôbre a convocação da Constituinte, o qual foi publicado pelos jornais da noite. Não o li, nem encontrei quem o tivesse escutado.

E será possível, Senhor, que eu tenha de roubar a Tucídides, para dar a Getúlio, meia hora do meu tempo, a fim de saber o que êsse documento contém de promessas, que não serão cumpridas, e de esperanças, que se vão dissipar?

*Domingo, 15 de maio:*

Ontem à noite, telegrama de Parnaíba comunicando a morte de outro parente, pertencente à minha geração: faleceu Antônio Almeida Neves, meu primo, casado com uma das minhas primas-irmãs. Tinha 48 anos. Matou-o o coração. À tarde, hoje, em visita ao meu primo Mirocles Veras, êste me diz, com a sua autoridade de médico:

— Voce já viu que fatalidade? Nenhum de nós desta geração, com exceção do Joaquim, passou dos 50 anos. Todos nós nos vamos entre os quarenta e os cinqüenta.

E conta:

— Merval, Canuto, Antônio Veras, Antônio Neves... Restamos eu, você, e o Nestor, que ainda estamos dentro da casa fatídica...

Eu sorrio, amarelo. E chego ao nariz o meu vidrinho de sais...

*Têrça-feira, 17 de maio:*

A convite da diretoria visito, com o presidente da casa, o Asilo São Luís para a Velhice Desamparada, à Praia de São Cristóvão. Organização perfeita da boa caridade. Oitenta e quatro homens e duzentas e dezenove mulheres, entre os quais alguns centenários, vivendo daquele pão alheio, cujo trigo é recolhido grão a grão. Cada vida, que ali se extingue, é um pequeno

romance. Recolho material para algumas crônicas. Almoço, e volto a um mesmo tempo triste e consolado.

— Aqui passou os últimos meses de vida a viúva do Patrocínio, — diz-me o Presidente, Dr. Carlos Ferreira de Almeida. — Ela saiu, contra o nosso conselho, para submeter-se ao chamado "toque de Asuéro". E não resistiu à intervenção. Morreu dias depois.

Apresenta-me figuras curiosas. O prêto Zeferino, contemporâneo da guerra dos Farrapos, e que, sólido, e de memória excelente, conta atualmente 107 anos. Um velho soturno, fechado por dentro, isolado de todos, homem culto, calado, e cego, ateu intransigente, que recusa, na grandeza da sua desgraça, qualquer contato com a religião. A Condêssa Henri de Barincourt, de olhos de porcelana, pele e cabelos de neve, e mãos de pluma. O marido morreu cego, a seu lado, no Asilo. A mãe da artista Maria Lima, que tem horror à filha. A mãe do dançarino Duque, pensionista, cuja pensão é paga por êste.

— É um boêmio, o Duque, mas, muito bom filho... — diz-me o Presidente.

Há velhinhas, pretas, que estão virando macaco. Algumas passeiam, duas a duas, pelo parque ensombrado.

— Quando há festa aqui, — diz-me o Dr. Ferreira de Almeida, — e a música toca uma valsa ou um tango, essas velhinhas, quase tôdas, se agarram, e dançam furiosamente umas com as outras, com uma alegria de crianças... Os velhos, não; os velhos ficam quietos, calados, tristes, olhando e escutando. A alegria, nêles, não volta mais...

E dá-me notícias de figuras que aí se finaram. De um tenor Del Cappo, internado com a mulher, setuagenários ambos, e que soltava, ao entardecer, a sua grande voz em declínio, repetindo as óperas que cantara nos palcos. As asiladas, encarquilhadinhas e trêmulas, aglomeravam-se diante da grade que separa os indigentes solteiros dos indigentes casados. E a velhinha Del Cappo, tomada de indignação, arrastava o marido para o interior do quarto, com ciúmes das outras velhinhas acorridas para escutá-lo...

Puros romances da vida, com algumas páginas ainda em branco. Nessas páginas, ou pelo menos na última, é a Morte que vai escrever: "Fim"...

*Quarta-feira, 18 de maio:*

Passando em revista os volumes que se enfileiram nas minhas estantes, encontro um exemplar do "En Guerre", de Castro

Meneses, editado em 1917. No texto da obra, um retrato, em sanguínea, da Grã-Duquesa de Luxemburgo. E vem-me à lembrança a origem dessa homenagem.

Entre as paixões românticas de Castro Meneses estava essa, pela famosa senhora que governava o pequeno grão-ducado europeu por ocasião da Grande Guerra. Êle possuía o seu retrato ao lado, na sala de trabalho. Queria-lhe bem, interessava-se por ela, mandava-lhe os seus livros, Namorava-a de longe, como o sapo namora a estrêla. Que lhe importava, a êle, a Grã-Duquesa não soubesse disso?

Grande e magnífico sonhador, era êle. A sua alma estava cheia de romances. E não escreveu nenhum...

*Sexta-feira, 20 de maio:*

A característica principal da política do Presidente Getúlio Vargas é a inércia. Todos os problemas do seu govêrno são resolvidos pelo tempo. Os cargos de interventor e de ministro ficam vagos, meses inteiros, até que um acontecimento inesperado resolve a dificuldade porventura existente. A pasta da Justiça acha-se vaga há três meses, e os problemas econômicos de São Paulo jazem sem solução há mais de seis, na dependência da composição do govêrno local. A propósito, e como definição do homem e da sua política, referem que, indo um dos seus amigos a palácio pedir-lhe que precipitasse a organização do govêrno paulista, êle sorriu, respondendo:

— Vamos devagar; nada de pressa.

E numa frase que resume tudo:

— Vamos deixar como está, para ver como é que fica...

*Segunda-feira, 23 de maio:*

O último livro do ex-Deputado Maurício de Medeiros, "Outras Revoluções Virão...", tem uma passagem que merece, talvez, a atenção de um romancista. É a influência exercida pelo govêrno Rodrigues Alves sôbre a evolução da sociedade carioca. "O confôrto material da vida, no seu aspecto higiênico, — escreve êle, — foi um gôsto útil e benéfico introduzido nos hábitos brasileiros pelo Govêrno Rodrigues Alves. Mas a ânsia do confôrto material, a qualquer preço e de qualquer natureza, foi uma generalização a que tendeu o povo com os mais clamorosos resultados sôbre a moral administrativa do país".

Um homem de imaginação e de talento pode, talvez, tirar dessa semente, como na parábola do grão de mostarda, a árvore

de um grande romance, cujo tema seja a influência da Avenida Central sôbre a moral da sociedade brasileira. Uma família carioca, até então pacífica, virtuosa, puritana, toma-se da paixão do luxo e do dinheiro, e tomba na degradação. O assunto daria oportunidade à descrição das duas sociedades, a de antes e a de depois da Avenida, e ensejo para a fixação do momento e do fenômeno da transição.

Coelho Neto e eu poderíamos, talvez, associados, escrever êsse romance. Nem êle, porém, nem eu, dispomos de tempo, como outrora, para colhêr flores nas roseiras da vida. Estamos a sangrar os dedos, arrancando raízes para comer...

*Quarta-feira, 25 de maio:*

Anteontem à noite, Xavier de Oliveira me telefonou:

— Diga-me uma coisa: você conhece o Raul Fernandes?

— De vista e de nome, apenas.

— Não se dá com êle?

— Não.

— Pois, olhe: hoje, houve reunião em que tomaram parte êle, o Afrânio Melo Franco, o Rodrigo Otávio, o Spencer Vampré, e eu, para tratar da fundação, aqui, de um escritório da "Api" (Associação de Paz Internacional), como o que funciona em São Paulo, dirigido por internacionalistas. E quando se falou da escolha de um secretário-geral, o Raul lembrou logo o seu nome, que foi unânimemente aceito. E o Spencer me pede para marcar um encontro entre você e êle de manhã mesmo, pois que embarca depois de amanhã para a América do Norte.

Combino o encontro. Marcado para o Grande Hotel, é realizado na Praça Mauá. Caminhando para cima e para baixo, acompanhando as evoluções de um navio japonês que vai atracar, pequeno, capenga, o cabelo branco e duro aguardando barbeiro, uma pesada pasta debaixo do braço, Spencer Vampré tenta explicar-me o seu plano, que é vasto e audacioso. Mas as explicações vêm aos pedaços, sem seguimento, e sem a calma que a matéria requer. Marcamos novo encontro no Supremo Tribunal, às duas e meia. E perco novamente o meu tempo. Vampré tem mil coisas a tratar, e duas mil a resolver.

Separamo-nos, enfim, marcando novo encontro, que seria realizado uma hora antes do seu embarque. Mas eu não compareci mais. A Associação de Paz Internacional que ponha em prática o seu programa começando por deixar-me em paz...

*Têrça-feira, 31 de maio:*

Dias seguidos de neurastenia, de vertigens na rua, de preocupações por tôda a parte. O campo visual cada vez mais estreito, mais limitado. Momentos há em que tenho a impressão de que estou olhando o mundo por um buraco de fechadura.

Que Deus se apiede de mim, deixando-me essa fresta para espiar curiosamente a vida...

## JUNHO

*Quarta-feira, 1 de junho:*

Entreguei hoje à Emprêsa Marisa, do Rio, os originais do meu livro "O Monstro, e outros contos". Pretendia dar-lhe o título de "Contos bárbaros", mas o editor opinou pelo da primeira peça do volume, o qual, diz, dará motivo a uma capa mais sugestiva.

As condições comerciais do contrato são as piores a que me tenho até hoje submetido. Receberei apenas 10% sôbre o preço de venda, numa edição de mil e quinhentos exemplares. A situação econômica e financeira do país justifica, todavia, essas cautelas dos editôres. Quando se restringe o pão para a bôca é porque o espírito já se acha inteiramente privado do seu.

Como acontece tôda a vez que tenho um livro no prelo, estou desgostoso com êle. Parece-me certo o insucesso e cubro-me antecipadamente de vergonha. Cada volume que publico é, por isso, uma violência que exerço sôbre mim mesmo.

Livro entregue ao editor é, porém, palavra fora da bôca. A tolice está feita. Aguardemos, agora, as conseqüências...

*Sexta-feira, 3 de junho:*

Laudelino reuniu alguns escritos de Rui Barbosa, e deu-lhe o título de "Primores". O estrangeiro ou a criança que encontrar essa obra, terá, naturalmente, a impressão de que Rui deu, aos seus próprios escritos, essa denominação.

— Idéias dessas, — dizia-me ontem Afrânio Peixoto, — só acodem ao Laudelino. É assombroso!

E adianta:

— Isso ainda não é nada. Imagine você que êle organizou um outro volume de Rui, com o título, se me não engano, de "Preciosidades da Língua Portuguêsa", e inclui, nêle, um discurso de Rui... em francês!...

Laudelino Freire é, na verdade, o mais interessante caso, que eu conheço, de ignorância audaciosa e feliz. Dispondo de fortuna, têm sempre um filólogo pobre a seu serviço, trabalhando por êle ou para êle.

Os estudiosos, em geral, fazem, êles mesmos, a sua cultura. Laudelino compra-a feita.

*Segunda-feira, 6 de junho:*

Não há dia em que, ao sair de casa, não seja assaltado por quatro, seis ou oito vertigens. A primeira hora de rua, é, para mim, sempre, um tormento. O solo foge-me sob os pés, as casas fogem ou movem-se diante de mim ou ao meu lado, como se eu me encontrasse no ar, em um trapézio em movimento. Olho a distância que me separa do automóvel mais próximo, pronto a meter-me nêle e a regressar para casa ou a correr para o pôsto da Assistência. Pouco a pouco, porém, me vou dominando. E a crise vai diminuindo, mas à semelhança de um tremor de terra que reduz a intensidade e espaça os abalos, e que não cessa de todo, conservando as populações contìnuamente apavoradas.

Quem me encontra na rua, pisando firme, não sabe a agonia que vai dentro de mim. Que eu sou como um navio que navega tendo música a bordo, com os passageiros dançando, mas cujo comandante sabe, e mantém em segrêdo, que lavra incêndio nos porões e que a hélice pode parar de repente...

*Têrça-feira, 7 de junho:*

Há dois dias mudou de dono, ou de dona, a pensão em que moro. À senhora gaúcha, violenta, rude, semibárbara, sucedeu uma espanhola quarentona, de sangue judeu, e que tanto o é que tomou, como pseudônimo, o nome de Raquel.

Vivendo maritalmente com um dos sócios da confeitaria Pascoal, a Sra. Raquel García é mais educada, mais polida, do que a sua predecessora. É separada do marido legítimo, e parece pessoa de bom trato.

Ainda não me contou o seu romance. Mas estou à espera dêle...

*Quarta-feira, 8 de junho:*

Reiniciei, hoje, as aplicações radiológicas, no Sanatório Guanabara, com o Dr. Jacinto Campos. As mãos tinham voltado a

inchar, à noite, com uma dormência dolorida, que me tirava o sono. A vista continuava a tornar-se mais fraca, e os fenômenos nervosos a multiplicar-se.

Vamos ver se, agora, melhoro novamente, e se me volta, mesmo de leve, o antigo gôsto da vida.

*Sábado, 11 de junho:*

Magalhães de Almeida insiste para que eu vá, com o meu filho pequeno, assistir, de uma lancha da Marinha, à revista da esquadra, na Guanabara. Aceito à última hora, e vou. Lancha pequena; mar agitado; vento forte. Visito a ilha das Cobras, e tomo café no torpedeiro "Paraná", que Magalhães comanda mas que não tomou parte na revista, por achar-se em consêrto.

Gaivotas lutam contra o vento, gritando. Na primeira hora, sinto taquicardia, tontura, e tenho a idéia de que vou morrer do coração, longe de qualquer socorro médico, idéia que sempre me assalta e tortura quando saio um pouco dos meus hábitos. Pouco a pouco, porém, êsse pensamento se dissipa, e eu assisto à passagem dos navios de guerra em continência ao Chefe do Govêrno Provisório, e... volto para casa com uma tremenda dor de cabeça!...

*Domingo, 12 de junho:*

Continua a dormência nas mãos durante a noite, acompanhada de dores que me fazem acordar diversas vêzes. E eu, recordando quanto tenho sofrido física e moralmente, fico a pensar como se ajustaria no meu túmuto o epitáfio que Scarron fêz para o seu:

"Celui qui s'y maintenant dort
Fut plus de pitié que d'envie
Et souffrit mille fois la mort,
Avant que de perdre la vie.

Passant, ne fais ici de bruit,
Garde bien que tu ne l'éveilles!
Car voici la première nuit
Que le pauvre Scarron sommeille!"

*Quarta-feira, 15 de junho:*

Traduzi, adaptando-o à minha sorte e ao meu túmulo, o epitáfio de Scarron, que tomou esta forma, em português:

"O homem cansado da lida
Não inveje dêste a sorte:
Êle conheceu a morte
Mil vêzes, dentro da vida.

E quem por aqui se afoite
Não faça barulho enorme;
Pois esta é a primeira noite
Que Humberto de Campos dorme".

E Scarron, meu irmão, não teve, como eu, a notícia de que ficaria cego!...

*Quinta-feira, 16 de junho:*

Apresento à Academia uma proposta, mandando organizar, por Medeiros e Albuquerque, um "Pequeno Dicionário da Língua Portuguêsa", e determinando que o outro, em que já se vem trabalhando, seja denominado "Grande Dicionário da Língua Portuguêsa".

Tomando em consideração a circunstância de só ficar concluído, êste último, daqui a dois séculos, propus que se concluísse o outro dentro de dois anos.

*Domingo, 19 de junho:*

Carinhosa e comovedora lembrança, a que me veio hoje às mãos, trazida por meu primo Mirocles Veras, médico em Parnaíba, e atualmente no Rio de Janeiro.

É um pequeno álbum, contendo, impressa em papel de linho, a minha crônica intitulada "Um amigo de infância", em que falo do cajueiro que plantei, quando menino, e que é, hoje, naquela cidade piauiense, objeto de admiração e culto afetuoso, Por iniciativa da senhora que reside na casa em que se ergue hoje a velha árvore, foram mandadas para o Pará, e ali ampliadas, três fotografias desta. Senhoras da aristocracia artística e social da cidade pintaram, esta, um galho do cajueiro, aquela um caju, aqueloutra, um maturi. E fizeram, de tudo isso, um álbum, ou, antes, uma "plaquette" em exemplar único e delicado, que me mandaram.

E dizer-se que isso foi feito em honra do homem que, quando menino, era apontado como a criança mais inaproveitável da cidade, pela modéstia da sua origem, pela vergonha dos seus costumes, pelos defeitos de sua educação?!...

*Têrça-feira, 21 de junho:*

Recebo uma carta de Afrânio Peixoto, em que êste, em nome do Professor Leitão da Cunha, me pede para escrever o hino dos alunos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, de que êste último é diretor.

Não sei se o escreverei, com a brevidade que a encomenda exige. Não tenho mais gôsto para escrever versos.

Escrevam-no os poetas, pois que eu já não o sou.

*Quinta-feira, 23 de junho:*

Faço, na Academia, o necrológio de Raimundo Monteiro, poeta amazonense que acaba de falecer em Manaus. Na imprensa do Rio, a notícia da sua morte apareceu apenas em um telegrama banal, em que se dizia que o finado "exercia funções de tabelião"...

*Sábado, 25 de junho:*

Voltam-me os sonhos impressionantes, com a recrudescência de uma intoxicação, cuja origem desconheço. Dores de cabeça, mãos inchadas e doloridas, pontadas reumáticas nos pés e nas pernas, dormi, esta noite, um dos meus sonos partidos e repartidos. Em uma das últimas vêzes que adormeci, já pela madrugada, sonhei que me havia encontrado com o desembargador cearense José Moreira da Rocha, meu antigo colega na Câmara, e que êste, vendo-me com as mãos na cabeça me disse:

— Tome cuidado com isso. Eu andava com essas dores exatamente assim, quando sobreveio de repente, um derramamento cerebral. E eu passei um ano inteiro paralítico!

Será o aviso?

*Quarta-feira, 29 de junho:*

Ontem, 28, ocorreu um fato que, para ser compreendido, reclama um histórico daqueles que o precederam.

Há dois meses, mais ou menos, recebi uma carta vibrante, embora um pouco insolente, de uma criatura que assinava Celina Napalése, a qual, manifestando-se partidária de idéias avançadas, me convidava para colaborar com os seus companheiros de ideal na reforma da sociedade. Dizia-se proletária, e dava-me a entender que é comunista exaltada.

Respondi-lhe pela imprensa, em quatro artigos sob o título "Uma voz na sombra", nos quais, aproveitando a oportunidade, patenteei os meus pontos de vista, de tendência socialista. Ao aparecer o segundo artigo, veio-me outra carta, em que a signatária assinalava o atraso das minhas idéias, e me dizia que, se eu lhe pusesse à disposição uma coluna de jornal, ela me mostraria, pela imprensa, a falsidade dos meus argumentos. Estilo nervoso e irregular, cheio, sempre, de vivacidade, e, às vêzes, de brilho. Cultura séria, ou, melhor, paixão pelos estudos sérios.

Fui à redação do "Diário Carioca", pedi o pedaço de coluna que me era solicitado, e, no último artigo da série, pus o jornal às ordens de minha opositora. E ela... desapareceu.

Hoje, porém, pela manhã, sou chamado ao telefone. Voz de mulher. Pergunto-lhe o nome, e ela me diz que é a dona da "voz na sombra". Identifico-a. É ela mesmo. Soube, pelos jornais, que eu me achava doente, e vinha pedir-me notícias da minha saúde. Falamos das suas idéias, e das minhas. Conto-lhe que estava trabalhando junto a amigos para obter, embora sem remuneração, uma comissão que me permitisse penetrar nos centros operários, e conhecer as idéias dos nossos trabalhadores.

— Eu lhe posso arranjar essa aproximação, — diz-me. — Se você pretende conhecer os nossos líderes, eu levarei você à presença dêles. Preciso, entretanto, prevenir-lhe, que você será recebido sem simpatia. Há, entre a nossa gente, uma grande prevenção contra você... Tanto assim que, eu própria, sou combatida por êles, pela vivacidade com que faço a sua defesa e pela admiração com que falo do seu talento...

Acentuo as minhas idéias, que ela, com o seu extremismo, volta a combater. E termina propondo que nos aproximemos para melhor conversarmos, pois que, sendo, ambos, dois órfãos na vida, é preciso que nos tornemos amigos. Para a semana, telefonará, marcando êsse primeiro encontro. A minha resignação diante da vida, o meu estoicismo ante os sofrimentos morais e físicos que me atormentam, parecem comovê-la. E é comovida que a voz, a "voz na sombra", se despede.

À noite, ao chegar em casa, encontro duas cartas longas, de Celina Napalése. E um cartão de última hora, também seu, com palavras de afeto e ternura. Acompanhando o cartão, um lindo ramo de rosas.

Sorrio, intrigado. Celina deve ser, forçosamente, feia e velha. Do contrário, não teria tempo de lembrar-se de mim...

## JULHO

*Domingo, 3 de julho:*

Acompanhada de dois jornalistas, vem visitar-me, num movimento espontâneo de delicadeza, a romancista cearense Raquel de Queirós, que estreou em 1930 com "O 15", e acaba de publicar o "João Miguel".

Estatura mediana, é um misto de menina e mulher. Moreno-mate, lembrando as mulheres louras quando as queima o sol das praias, tem cabelos negros, que lhe caem, em madeixas, pelos ombros, como os das meninas de escola. Olhos negros, rosto largo e alegre, terminando num queixo fino. Bôca regular e bonita, ornada de dentadura forte, sadia e bonita. Vestido de crepe da China, côr de tabaco, enfeitado de gaze da mesma côr. Chapéu e sapatos da côr do vestido. Corpo de adolescente, flexível e frágil em relação ao rosto. Um conjunto, em suma, de mulher e de menina, arrumado por um espírito varonil e alegre, que se encontra contente e feliz dentro da vida.

Conversamos durante uma hora ou mais. Falo-lhe da impressão que me deixaram os seus livros, e ela me fala da estima que me consagram na sua casa. Jovial, tem expressões curiosas e expressivas, características da sua terra, e que emite repentinamente, acompanhadas de uma risadinha sarcástica e de tonalidade igual, como a voz de um piano que só tivesse uma tecla. Espírito ágil, pronto para compreender e para explicar, dá a impressão de uma casa limpa e aberta, em que as aranhas não fazem teia e em que o sol penetra, levando a luz sem levar o pecado. Com vinte e um anos, tem, já, por intuição, uma noção integral da vida. Conhece-a sem hipocrisia, sem simular que a ignora nem fazer escândalo com o que sabe.

Raquel de Queirós trabalha, neste momento, em um novo romance, "O Barracão", em que estuda a vida do cearense emigrado para o Sul e que vem ter, no Rio, à Ilha das Flores.

Ao anoitecer, despede-se. E eu, apertando a sua mão pequena e macia, tenho a impressão de que vivi aquela página de Flaubert em que a Rainha de Sabá visita, no sonho do asceta, a úmida furna de Frei Antão...

*Têrça-feira, 5 de julho:*

Dia chuvoso, do céu cinzento e temperatura baixa. Antigamente, isto é, quando cheguei ao Rio de Janeiro, os dias como êste eram os que melhor se ajustavam ao meu coração e à minha

alma. Eu sentia uma alegria interior, pausada e doce. Meus nervos sentiam vontade de espreguiçar-se, de esticar-se, de distender-se, para um repouso profundo e voluptuoso. Nos dias como êste, em suma, o meu corpo e o meu espírito se sentiam bem.

Hoje, eu sinto que a Natureza volta a ser o que costumava ser; mas desapareceu a intimidade que se estabelecia, nos dias como êste, entre mim e ela. O instrumento é o mesmo, e é a mesma, ainda, a música aberta diante de mim... Mas os meus dedos — ai de mim! — perderam a agilidade, de modo que o ambiente, e eu, somos, hoje, dois estranhos, dois desconhecidos...

*Quarta-feira, 6 de julho:*

Agravam-se as minhas dores e dormência nas mãos, dores e dormência que se estendem, já, até a parte superior do braço, obrigando-me a acordar seis, sete, e até oito vêzes durante as minhas poucas horas de sono, para desentorpecer os membros em que se interrompeu a circulação. Esta madrugada, sonhei que havia sido vítima de um desastre, no qual havia quebrado os braços, e que me conduziam, carregado, para o camarote de um navio, igual, em tudo, ao do "Highland Brigade", em que viajei de Buenos Aires para o Rio. Minha mulher, que aí se achava, olhava-me indiferente, sem me socorrer naquele transe... E eis que desperto com grandes dores em ambos os braços entorpecidos, sinal evidente de que aquelas dores me estavam atormentando mesmo durante o sono...

* * *

Apareceu, esta tarde, nas livrarias, a 20.ª obra que publico: "O Monstro, e outros contos", composto de 17 peças mais ou menos extensas. Apresentação modesta, com uma capa de Paulo Werneck, a quem não conheço.

Não havendo mais crítica nem críticos, ignoro o seu pêso literário na balança da consciência pública. O seu juiz vai ser, assim, o leitor burguês, que é, ainda, dos melhores magistrados, pois que paga, êle próprio, as suas sentenças, enquanto o crítico literário profere as suas à custa do autor, que lhe fornece o livro de graça.

Sou inteiramente indiferente, contudo, à sorte dêste filho. Quando já se lançou ao mundo dezenove iguais, não se sente mais o útero...

*Quinta-feira, 7 de julho:*

De caminho para a Academia, encontro Augusto de Lima, que me diz:

— Coitado do nosso Luís Carlos! Você já sabe?

— Que é que tem êle?

— Está muito mal; é um caso perdido. Está com um câncer no pulmão!...

Na Academia, encontro a mesma notícia, que a todos entristece. E cada portador agrava-a mais. Adelmar Tavares conta-me que, a noite anterior, passou-a a família sem dormir, aguardando o desenlace.

Peço informações sôbre o seu estado geral e sôbre a marcha do mal. Asseguram-me que Miguel Couto já o desenganou. Eu tenho, entretanto, para mim, que o enfêrmo resistirá. Não é um diagnóstico médico. É coisa mais séria: é um pressentimento.

*Sexta-feira, 8 de julho:*

Voltam a perseguir-me os sonhos, ou, melhor, os pesadelos. Passei a noite mal e, após o almôço ligeiro, tentei dormir. E sonhei. Era em Niterói, onde havia um incêndio. Fui vê-lo de perto e, de regresso, tomei um carro, ou uma caleça puxada por um velho cavalo através de uma planície desolada. Com o braço estendido no encôsto do banco, trazia a mão fora do veículo, quando senti que alguém me segurava e apertava o pulso. Volto-me, e vejo um homem que vem correndo atrás da caleça e que me prende por essa parte do braço. Atento melhor, e vejo: é um defunto que fugiu do cemitério de Parnaíba, cujas paredes alvejam perto. Puxo o braço, com fôrça.

E acordo com uma dor forte no pulso, e a mão dormente, como efeito da falta de circulação.

*Domingo, 10 de julho:*

Pela manhã, após uma noite má, tendo me deitado para aplicação de um saco de borracha sôbre os rins, entra-me pelo quarto, inquieto, meu primo Mirocles Veras, atualmente no Rio.

— O Aristides Rocha, com quem estive há pouco — diz-me, — manda dizer que todos vocês da República Velha estão ameaçados de prisão, que pode ser efetuada de uma hora para outra. Êle e o Pires Rebêlo já estão escondidos... Rebentou uma re-

volução em São Paulo, e o govêrno já está concentrando fôrças na Barra do Piraí.

— Mas é coisa séria? — indago.

— É séria, sim; e parece que, desta vez, o Getúlio vai...

E como esteja com a senhora enfêrma, operada de véspera, em uma Casa de Saúde, o meu parente despede-se apressadamente, sem novas informações políticas ou militares. O caso, porém, me preocupa de modo tão relativo, que eu passo o dia sem me lembrar dêle, e sem trocar, com quem quer que seja, a menor palavra sôbre o assunto. Agora à noite, entretanto, um dos moradores da pensão, o Dr. José Marcelo Moreira, conta-me ter ido à estação Marítima, no Cais do Pôrto, despedir um soldado, seu sobrinho, que partiu com o seu batalhão para a Barra do Piraí, e que a situação é, realmente, da maior gravidade.

— Boatos assim! — diz.

E junta os dedos em feixe, para dar-me uma idéia das versões que circulam, a esta hora, na rua, sôbre a situação.

*Segunda-feira, 11 de julho:*

Na manhã clara e azul, boa para viver, homens da mesma pátria atormentam o coração... Às 11 horas, ao entrar para o almôço, meu filho Henrique traz-me um exemplar matutino de "O Globo", em que vêm confirmados os boatos de ontem. Explodiu, efetivamente, um movimento revolucionário em S. Paulo, chefiado pelo General Isidoro Lopes, e com a solidariedade das guarnições federais de Mato Grosso. O Govêrno Provisório está concentrando fôrças em Barra do Piraí e Cruzeiro. Comunicados oficiais asseguram que o Rio Grande do Sul está solidário com o Govêrno Provisório, e que a cavalaria gaúcha partiu, já, para a fronteira do Paraná, rumo de São Paulo. O Presidente Getúlio Vargas lançou um manifesto à Nação.

Repete-se, enfim, em julho de 1932, o drama, ou comédia, de outubro de 1930.

À tarde, a caminho do médico, detive-me apenas em dois lugares: na Livraria Freitas Bastos e na redação do "Brasil-Médico", onde fui levar a minha colaboração semanal. Bastou isso, entretanto, para recolher dezenas de boatos sôbre a situação.

— Em Minas, — diz um, — o movimento já rebentou. Assumiu o govêrno o Mário Brant, com apoio do Bernardes.

Outro:

— O Coronel Cristóvão Barcelos e o Major Távora, que tinham seguido para Minas para assumir o comando da Polícia a fim de descer contra São Paulo, foram presos em caminho.

Outro:

— No Rio Grande já se está combatendo francamente. As poucas fôrças que tentaram ficar com a ditadura foram subjugadas. As guarnições do Paraná e Santa Catarina estão com os paulistas.

Outro:

— Em Pernambuco e Bahia a coisa já estourou. Os interventores foram depostos.

Na redação do "Brasil-Médico" o Dr. Luís Sodré mostra-se otimista em favor do movimento. A vitória é certa. Acrescenta:

— O movimento podia ter sido mais rápido, mas foi precipitado pelo Klinger. Os generais nomeados para as regiões nestes últimos dias estavam todos na conspiração. O Borba, em Juiz de Fora, e o Vasconcelos, em São Paulo, eram solidários; mas o Klinger, em Mato Grosso, não deu tempo a que o primeiro tomasse pé no cargo e o segundo fôsse empossado. E o Borba já foi demitido, e vem prêso, para o Rio.

Conclui:

— Mas a coisa vai. Digo-lhe mais: a nova Junta Governativa já está constituída, e funcionando secretamente, aqui mesmo no Rio!

Alguém faz uma pilhéria, aludindo ao General Espírito Santo Cardoso:

— O Getúlio é que está satisfeito. Diz êle que o Washington, ao ser deposto, foi conduzido pelo Cardeal; e que êle é mais importante, pois vai com o Espírito Santo.

E eu, aproveitando geogràficamente o trocadilho religioso:

— Sim; mas, Espírito Santo, capital... Vitória!

*Têrça-feira, 12 de julho:*

Ocupado em rever a 1.ª série da "Poeira...", que devo entregar ao editor, com a 2.ª, para constituição das "Poesias Completas", dentro de quatro dias, não saio de casa. Mas os boatos vêm a domicílio. O contínuo do "Diário Carioca", encarregado de vir buscar, agora à noite, o meu artigo diário, informa-me:

— A coisa parece que vai rebentar hoje, aqui no Rio.

— De que modo?

— Vão se revoltar à meia-noite a Polícia, a Escola Militar e o Corpo de Bombeiros.

— Então, vá depressa que faltam apenas vinte minutos para meia-noite.

E êle sai correndo, convencido de que lhe estou falando com seriedade.

*Quarta-feira, 13 de julho:*

À tardinha, após escrever o meu artigo e passar o dia revendo versos antigos, saio, para ir ao médico. Itinerário de sempre: dez minutos de bonde e duzentos metros a pé. E recolho êstes boatos:

— As fôrças do Rio Grande estão marchando sôbre São Paulo, mas solidárias com os revoltosos.

— Houve combate em Pôrto Alegre, sendo morto um cunhado do Getúlio.

— O Flores da Cunha foi deposto; assumiu o Govêrno do Rio Grande o Borges de Medeiros.

— O Flores da Cunha foi assassinado, hoje pela manhã, em Pôrto Alegre.

— Foi assassinado o Lindolfo Collor.

— O Luzardo já passou em Itararé à frente de 3.000 homens, para reunir-se aos revoltosos de São Paulo.

Como do "Diário Carioca" me tenham avisado, de véspera, não poderem mandar buscar em casa o meu artigo, vou levá-lo eu próprio à redação. E encontro tôda a casa vibrante de animação, com a certeza da vitória dos paulistas e a queda do Govêrno Provisório, dentro de dois ou três dias.

— Assumirá o govêrno, dizem-me, — o Edmundo Lins, Presidente do Supremo, que marcará as eleições para 7 de setembro, com o restabelecimento imediato, embora provisório, da Constituição de 24 de fevereiro. Em janeiro teremos, já, a Constituinte e um Presidente da República regularmente eleito.

E tomo conhecimento de um caso pitoresco: o 3.º Delegado Auxiliar, de nome Coelho Branco, ameaçou de demissão o censor policial do "Diário Carioca", por haver permitido a publicação de minha crônica, da qual constam uns versos de Augusto dos Anjos sôbre um cadáver podre. Acha êle que é uma perfídia minha, e que o "cadáver podre" é uma indireta ao govêrno, e que eu quero me referir ao Presidente Getúlio Vargas...

E mostram-me o jornal censurado tardiamente, com os versos assinalados a lápis vermelho.

*Quinta-feira, 14 de julho:*

Manhã cristalina, fresca, de céu alto e azul. Aeroplanos passam baixo, roncando. São nove horas da manhã. E eu penso, e escrevo.

Saio de casa para a Academia. E recolho fatos, que parecem boatos, e boatos que parecem fatos.

Cláudio de Sousa, com a sua voz de quem quer impor tudo o que diz, informa:

— O Juarez está ferido, aqui no Rio, e parece que gravemente. Uma parenta minha, que mora nas vizinhanças dêle, contou-me que a casa está sempre cheia de gente. E quem o feriu foi o Borba. Êle foi dar ordem de prisão ao Borba, e êste respondeu-lhe que só poderia ser prêso por um general e não por um capitãozinho ou tenente. Êle insistiu com insolência, e o Borba passou-lhe fogo.

E conclui:

— O Borba já chegou aí, prêso.

Olegário Mariano geme, lìricamente:

— Coitado de São Paulo. "seu" Humberto!... São Paulo está sòzinho... Minas e Rio Grande deixaram São Paulo na mão!... Coitado de São Paulo!...

Parece que São Paulo é um seu amigo, ou estêve com êle no colégio.

Em uma roda em que se acha Aloísio de Castro, chega Gustavo Barroso, que exibe um papel no qual se acha um logogrifo irreverente contra o Presidente Getúlio Vargas. Aloísio escuta, e, dando uma volta pela sala, torna à minha presença. Encontrando-me sòzinho, diz-me, aborrecido:

— Não gosto disso. Porque, seja como fôr, o Getúlio é um homem que não perseguiu ninguém. Tem os seus defeitos, mas é um homem bom.

E sacudindo a cabeça, afastando-se:

— Não gosto disso.

* * *

Abre-se a sessão. Gustavo Barroso lê um necrológio de Rodolfo Teófilo, falecido esta semana no Ceará, e que nasceu na Bahia. Na sua qualidade de baiano, Afrânio Peixoto secunda-o. E como Afonso Celso, que não é baiano nem cearense, junte sua palavra à dos dois, profiro uma ligeira alocução sôbre o morto, lembrando episódios da sua vida, sendo o meu pequeno discurso imprevisto encerrado com uma carinhosa salva de palmas. Bondades de ocasião...

* * *

Após a sessão, vou ao "Diário Carioca" levar a minha crônica diária. À porta, alguns empregados da administração me detêm:

— O senhor não suba que não há ninguém lá em cima.

E explicam-me:

— O jornal foi suspenso por ordem do govêrno...

Regresso para casa, cabisbaixo. Uma tristeza funda enche-me o coração. Que será?

*Sexta-feira, 15 de julho:*

Confirma-se o isolamento de São Paulo, no seu combate à ditadura. E quais serão as conseqüências? Segundo concluo das notícias e dos comentários, os paulistas contavam com a solidariedade do Rio Grande e de Minas Gerais. Os políticos dêsses dois Estados estão se limitando, porém, a manifestações inócuas e platônicas, ao mesmo tempo que os respectivos interventores enviam tropas abundantes para o cêrco ao grande povo rebelde. Dêsse abandono, resultará, possìvelmente, ser São Paulo vencido. Dessa derrota resultará, com certeza, o ressentimento contra os outros Estados brasileiros. E dêsse ressentimento a idéia separatista, que acaba de ser criada, assim, pela Revolução.

Contribuirão, possìvelmente, para êsse pensamento novo e perigoso os recursos de que vêm lançando mão alguns serviçais da ditadura na sua campanha contra os rebeldes. Nos seus manifestos, nas suas proclamações, nos seus comunicados pelo rádio, os paulistas não se cansam de declarar que o seu gesto tem por objetivo a libertação do país, a sua constitucionalização e o fortalecimento da unidade nacional. Nada de separatismo. Nada de desmembramento. Pois bem; não obstante isso, dois homens, a serviço do Govêrno Provisório, insistem em especular com êsse argumento, dizendo, nos documentos públicos, que São Paulo quer fracionar o Brasil! Um dêles, o General Gois Monteiro, em proclamações militares, repete constantemente êsses propósitos; e o outro, o Tenente Juraci Magalhães, interventor na Bahia, chegou a lançar um manifesto, assegurando que a rebelião em São Paulo era a explosão de um movimento do Sul contra o Norte! Maldade em um, ignorância no outro. Para honra da Revolução de 1930, nem o Sr. Getúlio Vargas, nem o Sr. Osvaldo Aranha, usaram até agora dêsses recursos, lançando mão da calúnia para comprometer o seu adversário perante a opinião nacional.

Êsses momentos servem, porém, para revelar os homens. E a palavra de cada um vale, nesta hora, por um depoimento, ou por uma pequena amostra do seu feitio moral.

*Sábado, 16 de julho:*

Jornais sob censura rigorosa. Nenhuma notícia segura sôbre as operações militares. Continuam a seguir para Resende, na fronteira paulista, as tropas federais e de polícia, procedentes dos Estados. Diz-se que o General Góis Monteiro declarou, já, que não tomará a ofensiva sem que tenha, às suas ordens, 50.000 homens.

*Domingo, 17 de julho:*

Ontem à tarde deixei na redação de "A Batalha", aos cuidados do jovem jornalista cearense Raimundo Magalhães, filho do escritor do mesmo nome, um exemplar do volume "O Monstro, e outros contos", destinado a Raquel de Queirós. Levava, o exemplar, esta dedicatória:

*Todos êstes sertanejos*
*E êstes caboclos, Raquel,*
*São filhos da Cordulina,**
*Sobrinhos do* João Miguel. **

*Se os achares muito pálidos*
*Não penses que é de sezão:*
*São falhas da minha tinta,*
*Defeitos da minha mão.*

*Os teus, salvaste-os n'*O Quinze.
*E êstes agonizam...; pois,*
*Vêm bater o "trinta e um"*
*Na sêca do 32.*

Agora, à tarde, aparece-me em casa Raimundo Magalhães. Traz-me um recado da romancista, a qual me manda dizer que recebeu o meu livro, e que me não pôde vir ver, nem escrever. E conta-me o motivo. Ontem à tarde os partidários da ditadura promoveram um "meeting" em frente ao Teatro Municipal. À frente de dez ou doze rapazes, comunistas todos, Raquel dirigiu-se para o local, e pôs-se a apartear os oradores, atrapalhando-os

---

* Personagem de *O Quinze*, romance de Raquel.

** Herói do romance do mesmo nome.

com interpelações que eram incapazes de responder. Um indivíduo pertencente à polícia secreta intima-a a calar-se. Os rapazes que a acompanham tomam a sua defesa. Arma-se o conflito. Um dos rapazes tomba ferido com um tiro no peito, e é levado agonizante. Raquel é prêsa, e conduzida para a Polícia Central, devendo ser, pela manhã de hoje, transportada para o "Pedro I", que se acha transformado em navio-prisão. Seus tios correm, porém, em seu favor. E Raquel de Queirós foi embarcada hoje ao amanhecer no "Duque de Caxias", estando, já, a esta hora, em viagem, a caminho do Ceará.

Não há, todavia, um só jornal que dê a menor notícia do caso. A imprensa dêstes dias, como sempre acontece quando há censura, é muda, e surda, e cega, diante dos acontecimentos.

*Segunda-feira, 18 de julho:*

Um advogado, hóspede da casa em que moro, traz-me uma notícia da cidade. Segundo era, hoje, corrente, havia-se desencadeado, ontem, a ofensiva de uma parte das tropas da ditadura na fronteira fluminense-paulista.

— Dizem que foi uma carnificina horrível, — adianta. — Os voluntários paulistas contra-atacaram com tanta fúria, um desvairamento tamanho, que os comandantes das fôrças federais mandaram suspender o fogo para não fazer maior devastação!

Outros boatos vêm, todavia, contrabalançar o primeiro. Corria, ontem, de bôca em bôca, que uma coluna paulista se havia apossado de Parati e Angra dos Reis, no litoral fluminense.

— Mas há de ser por poucos dias, — atalhavam os trocadilhistas.

E, logo:

— Porque o Góis Monteiro, que não enjeita bebida, há de querer tomar Parati!

*Têrça-feira, 19 de julho:*

A dona da casa em que moro, cujo nome por inteiro é Remedios García André, mas que mudou o seu primeiro nome espanhol pelo de Raquel, conta-me um episódio galante que interessa, talvez, às letras. Residia ela em uma pensão da Rua Haddock Lôbo, há cinco ou seis anos, quando conheceu uma senhora casada, ali também hospedada. Era pequenina, miúda, mas muito interessante e graciosa. O marido, médico militar, era, além de ignorante, intoleràvelmente porco. E a criaturinha, ro-

mântica e inteligente, andava atrás de alguém que correspondesse ao seu ideal.

Um dia, essa criatura leu o livro de versos de Heitor Lima, no qual vem o retrato do poeta. Apaixonou-se pelos versos e pelo homem, e de tal modo que não pensava em outra felicidade, que não a de ser sua amante. Devia ser um encanto a intimidade daquele espírito. O indivíduo que escrevia aquêles versos devia ser bom e doce, capaz de todos os extremos de delicadeza. Entregar-se àquele homem tornou-se o maior sonho de sua vida. E tamanho era êsse desejo que, dois meses depois, o conhecia, e era levada por êle a uma casa de "rendez-vous".

De regresso, porém, vinha vermelha, quase congestionada de vergonha. Ao penetrar no quarto onde pela primeira vez se ia entregar a um homem que não seu marido, Heitor não tivera, dizia ela, uma palavra, sequer, de carinho ou polidez.

— Tira a roupa! — dissera-lhe brutalmente, arrancando-lhe o vestido, sem atender, ao menos, para o corpo que se lhe oferecia ofegante de desejo.

Despira-a, lançara-a à cama, apossara-se dela com a brutalidade de um carregador. Satisfeito, saltara da cama, e começara a vestir-se, dizendo-lhe:

— Anda, filha; vamos! Veste-te logo!

Um ano depois essa dama fugia com um aviador alemão. Mas não se cansava de contar a sua decepção com o poeta meigo e carinhoso dos "Poemas", o qual era, dizia ela, o menos espiritual ou, melhor, o mais grosseiro e indesejável dos amantes.

*Quarta-feira, 20 de julho:*

Dois jornais matutinos se referem, hoje, à minha pessoa: o "Diário Carioca", em um longo artigo de Benjamim Lima, e o "Correio da Manhã", onde Antônio Leão Veloso, tratando de autodidatas, me considera um dos documentos mais expressivos da cultura livre. No seu artigo de mais de meia página, Benjamim Lima, tomado de comovido entusiasmo, tem esta passagem: "De Humberto de Campos não hesito em avançar que é um dos primeiros escritores do mundo contemporâneo". Antônio Leão Veloso considera-me "um dos maiores valores do Brasil atual". E é de ontem, ou de anteontem, um artigo de João Ribeiro, no "Jornal do Brasil", em que o velho mestre me considera "um dos escritores mais perfeitos que possuímos". Tenho notícia, também, de um longo estudo encomiástico de Félix Pacheco, no "Jornal do Comércio", na semana passada. Não o li, porém,

ainda. Encerrado em casa, de onde saio apenas para ir ao médico, ignoro inteiramente o que de mim se diz e escreve. As poucas informações que me chegam são, entretanto, como se vê, confortadoras e generosas. Não posso queixar-me dos homens do meu tempo, os quais me têm dado, em verdade, nos seus julgamentos, tudo que se pode conceder, em palavras amigas, a um pobre e desventurado homem de letras.

* * *

As notícias da guerra civil são tristes e desoladoras. Segundo referem os comunicados do govêrno, as fôrças do Paraná e do Rio Grande que prestigiam a ditadura quebraram a resistência dos paulistas em Itararé, havendo grande número de mortos, de parte a parte. Na frente mineira estão se verificando, também, combates sangrentos. E êsses fatos começam a agitar a cidade, conforme tenho verificado pelas pessoas com as quais me comunico, e que se acham, tôdas, tomadas de indisfarçável nervosismo.

*Quinta-feira, 21 de julho:*

O homem é uma criança curiosa, e a sua vida um livro de figuras, que Deus lhe entrega, fechado. Cada dia vira êle uma fôlha dêsse livro. E cada página lhe traz, não raro, uma surprêsa. um boneco ou um quadro novo.

A fôlha que hoje voltei trouxe-me uma dessas surprêsas. Eu já falei, em dia de abril ou maio, de uma criatura misteriosa e bizarra que me escrevia umas cartas ardentes de revolta, convidando-me para participar das suas idéias revolucionárias. Assinava Celina Napalése, e confessava-se comunista. Queria redimir o proletariado, e entendia que eu, proletário, com uma considerável projeção na imprensa de todo o país, devia estar a seu lado, formando com os seus companheiros de ideal e de luta. Respondi ao seu convite em quatro artigos, sob o título "Uma voz na sombra". E não tive mais notícias suas senão há poucos dias, por uma carta e um ramo de rosas.

E hoje, apareceu-me, em pessoa, a dona das rosas. Pequena, flexível, busto de menina. Clara, cabelos negros, sob um chapéu de palha pobre. Olhos negros, tarjados de sobrancelhas grossas. Bôca regular, marcada a "rouge", guardando bonitos dentes. Mãos miúdas e finas. Vestido de crepe-da-china azul-claro, ligeiramente decotado, e sem qualquer enfeite. Dois sinaizinhos no

queixo. Vinte e dois a vinte e quatro anos. No decote, um colar, fantasia, de grandes pedras de um vermelho queimado. Tipo de costureirinha pobre, que procura casamento.

Penetra no meu gabinete visìvelmente emocionada. Abraça-me em silêncio longamente, sem proferir uma palavra. Ofereço-lhe uma cadeira, junto à minha mesa. Senta-se, fecha os olhos, e respira profundamente, como para reaver-se a si mesma. E fala, cortando as frases curtas. Parece-lhe um sonho que esteja aqui, na minha casa, perto de mim. Eu não sou, para ela, um homem, a quem se estima, a quem se quer, mas uma divindade, a quem se adora. Lê, há muitos anos, tudo o que eu escrevo. Lê, corta, e guarda. Eu sou a sua obsessão de cada dia. Admira-me, pelo meu espírito, e estima-me, pelo estoicismo e pela dignidade da minha vida.

Escuto-a sorrindo, com a minha boêmia habitual. Ofereço-lhe a minha amizade fraterna. Só se interessa pelos que sofrem, os que vivem, também, no sofrimento... E arranco-lhe, como um médico arranca aos pedaços uma criança morta no útero materno, grandes postas sangrentas que constituem o segrêdo da sua vida e da sua revolta.

Órfã de pai desde a infância, não conheceu, a princípio, necessidades. Vivia na abundância, quase no luxo. Pouco a pouco, porém, ao tornar-se mulher, compreendeu de onde lhe vinha aquêle confôrto, e envergonhou-se dêle. A mãe tinha um amante, ou alguns amantes, que a sustentavam. Amargava-lhe aquêle pão, amassado à noite num leito de prazer. Aos quatorze anos fizeram-lhe sentir que devia abandonar a casa, ou, melhor, o alcouce materno. Que arranjasse trabalho, ou casamento. Não sendo feia, e quase menina, aceitou o primeiro homem que lhe bateu à porta do coração. Não tinha a mesma instrução nem era da mesma esfera social. Mas era um homem, era um apoio, era um empresário para o drama da sua vida. Casou. Vieram dois filhos. Antes, porém, dos filhos vieram as desinteligências. E hoje são dois estranhos. O marido considera-a um pêso na sua vida, um tropêço no seu caminho, um desastre no seu destino. Para lhe não dar razão, resolveu ganhar a sua vida, trabalhando. Passa o dia na rua, lutando pelo seu pão. Já foi enfermeira, e criada de servir. Hoje, vende jóias na rua, batendo de porta em porta. Ao chegar em casa à noite, vai, ainda, dar banho nos filhos pequeninos, mudar-lhes a roupa, dar-lhes o jantar, e fazê-los adormecer.

A vida que hoje leva, fê-la entrar em contato com os elementos comunistas em atividade no Brasil. Nada podendo fazer por si mesma nesta sociedade burguesa, quer trabalhar pela redenção

dos proletários de amanhã. E a sua tristeza é que eu, com a projeção do meu nome literário, não me lance à luta, para trabalhar pelo mesmo ideal.

Aproveito a oportunidade, e enuncio o meu pensamento sôbre os problemas sociais que preocupam o mundo. Sem dúvida, o regime capitalista contemporâneo é desumano e revoltante. Mas a sua substituição deve ser tentada lentamente, para que a sociedade não desmorone com o choque da transição. Considero o comunismo, como idéia, um dos mais belos sonhos do século. Mas considero perigosa a sua adoção entre nós. A Rússia dispunha de uma "elite", de um estado-maior de intelectuais, professôres e pensadores que manejaram a massa militar e operária. O Brasil não dispõe de um estado-maior que corresponda àquele. O comunismo, entre nós seria, portanto, a anarquia. Temos o braço para destruir. Mas falta-nos o material de construção.

A moça escuta-me, calada. E quando eu termino, concorda comigo.

— É verdade, — confessa; — e com a circunstância de haver, entre os comunistas do Brasil, uma terrível prevenção com os intelectuais. Eu própria sou considerada, entre êles, uma intelectual. E isso basta para que me olhem com desconfiança. Para que uma idéia mereça atenção, é preciso que parta de um operário autêntico. Se eu expendo uma idéia sensata e um operário, mesmo analfabeto, me contradiz, todos os demais apóiam o companheiro contra mim.

— E são muitos os comunistas do Rio de Janeiro?

— Uns oitocentos.

Volta, porém, à carga, numa obsessão:

— Seja, porém, como fôr, e por quem fôr, a atual organização social deve ser substituída. O mundo deve ser pôsto em marcha. Não podemos cruzar os braços. E nós, desta geração, temos que nos sacrificar em proveito dos que vierem depois. Precisamos preparar um mundo melhor para os nossos filhos.

Falo-lhe de novo. Recomendo-lhe a mansidão, a doçura, a resignação no sacrifício. Digo-lhe, um pouco, os meus tormentos, e o modo por que os suporto. E Celina Napalèse, denunciando a sua condição de mulher, desata a chorar.

— Veja só, — diz-me; — eu vim buscar confôrto, coragem e alegria na sua palavra; e volto mais triste...

Conversamos ainda um pouco. Abre um embrulho que traz, e entrega-me algumas brochuras comunistas: "A Nova Rússia", de J. A. Alvarez del Vayo; "O Pavilhão n.º 6", de Tchecow; "Les questions fondamentales du marxisme", de Plekhanov. Ofe-

reço-lhe, em retribuição, alguns antídotos. E ela se despede, confessando que o seu sonho é trabalhar a meu lado, servindo-me, ajudando-me, participando anônimamente da minha atividade, tornando-se, finalmente, alguma coisa na minha vida.

— Eu estou para ficar cego, — digo-lhe; — e quando isso acontecer, mandarei chamá-la para ser os meus olhos...

Celina Napalèse ergue-se, para retirar-se. Aproxima-se de mim, que me conservo sentado. Toma-me uma das mãos, e põe-na sôbre o seu coração que bate forte. Pousa os lábios ardentes na minha testa, num beijo longo.

E sai em silêncio, como uma sombra.

* * *

À tarde, na Academia, notícias da guerra civil.

— O Gregório(*) estêve aqui — informam, — e é de opinião que o Govêrno não vencerá. Tudo será resolvido por um acôrdo.

E todos procuram permutar boatos, em que figuram combates imaginários, em que há centenas ou milhares de mortos, os quais, todavia, devem continuar gozando boa saúde...

*Sexta-feira, 22 de julho:*

Informações divulgadas pelos jornais denunciam a vitória das fôrças da ditadura nos setores do Paraíba, de Minas, e em Itararé, após combates sangrentos. Entre os prisioneiros e os mortos, são encontrados rapazolas, quase meninos, pertencentes às mais importantes famílias paulistas. São Paulo está sacrificando, pela sua liberdade, o seu sangue mais ardente, mais forte e mais generoso.

Arrastado a refletir sôbre essa desgraça que esmaga na hora presente o Brasil, procuro fugir a essa atração obsedante. Distraio o espírito com o trabalho, com o estudo, com as altas preocupações intelectuais. Que adiantaria o meu sofrimento, se êle não tornaria menos loucos os homens que me cercam, e continuariam surdos à minha voz aquêles que se conservam impassíveis ante a voz da consciência e a voz de Deus?

---

(*) Gregório da Fonseca, secretário do Chefe do Govêrno Provisório.

Quero isolar o meu coração do ambiente que o cerca. Êle insiste, porém, em permanecer de joelhos diante de São Paulo sacrificado...

*Sábado, 23 de julho:*

Manhãs maravilhosas e frescas; dias esmaltados de azul com os enfeites de ouro do sol; crepúsculos de cinza e de sangue; e noites claras, tôda salpicada de estrêlas, que são restos, parece, de lua esfarelada...

Dias para viver no Brasil. E há brasileiros que se estão matando, como bichos, nas margens dos rios e no contraforte das serras, ensopando de sangue as fôlhas e tingindo de vermelho a pureza das águas!...

Que animal estúpido é o homem!...

*Domingo, 24 de julho:*

Um rádio captado pelas estações do govêrno anuncia, vagamente, o falecimento esta manhã, em Santos, do inventor Santos Dumont.

Deve ser verdade. O Brasil está fazendo, nesta hora, a sua colheita de desgraças.

*Segunda-feira, 25 de julho:*

Em São Paulo, por ocasião de um exercício de tiro, explodiu um canhão, matando o comandante da Polícia e outros oficiais e alguns civis, e ferindo o General Klinger, todos pertencentes às fôrças revoltosas.

— Não é verdade! Deve ser invenção do govêrno, que forjou êsse rádio para desanimar a gente! — protestam em cada canto, nos comentários, os que se interessam pela causa paulista, e que são, pode-se dizer, a cidade tôda.

Mas, eu creio. Uma desgraça nunca vem só.

*Têrça-feira, 26 de julho:*

Às oito horas da manhã, recebo, de Petrópolis e com a data de ontem, êste telegrama: "Candidato vaga Santos Dumont Academia Brasileira tenho honra solicitar desde já seu prestigioso voto. — *Carlos Góis*".

Êsse Carlos Góis, que vem pedir a cadeira de Santos Dumont quando êste ainda se acha insepulto, é o mesmo que estêve em

minha casa há três meses, solicitando o meu voto para a vaga do... primeiro acadêmico que morresse.

— Xô, urubu!

* * *

No consultório do Dr. Paulo César de Andrade, conta-me êste que uns parentes seus procedentes de São Paulo com passaportes especiais, narram episódios assombrosos e comoventes, probatórios do entusiasmo ali reinante pela defesa do Estado. Capitalistas há que passam procuração ao govêrno estadual para dispor livremente dos seus bens. O caso mais característico e impressionante foi, porém, o de um jovem, filho de pais japonêses.

Eram dois irmãos. Tipos de raça amarela, mas nascidos, já, no Brasil. À primeira chamada de voluntários, correram os dois, a apresentar-se. Fisionomia de japonêses, e apresentando todos os atributos da raça nipônica, foram os dois recusados pelas autoridades, a fim de evitar complicações futuras. Insistiram, porém, os dois de tal maneira, que a Junta de Alistamento resolveu aceitar o mais velho. Ao ter notícia dessa solução, o mais novo arrancou da cinta o punhal, e enfiou-o no ventre, para rasgá-lo, fazendo o "hara-kiri". Impedido de completar o suicídio horrendo, pelos soldados que se achavam presentes, o japonês-brasileiro debatia-se, gritando:

— Deixem-me morrer! Eu devo morrer! Então, que homem sou eu, e de que me serve a vida, se eu não tenho uma pátria? Não sou japonês porque nasci no Brasil, e amo o Brasil, principalmente êste São Paulo, com todo o meu coração. E recusam-me como soldado, para bater-me por São Paulo. Para que, então, esta vida, se eu não tenho uma pátria para bater-me por ela?

Satisfizeram-lhe o desejo. Deram-lhe uma farda e um fuzil. E êle seguiu para a zona de operações, buscando, indiferentemente, a glória ou a morte.

Os jornais da tarde publicam êste telegrama recebido pelo Ministro da Guerra, e cuja última parte confirma o heroísmo desesperado com que São Paulo se atirou à luta, e a vem sustentando, com o sangue e a vida da sua mocidade:

> "Caxambu, 25, 7, 32, 10 h. 45 m. — Ministro da Guerra, Quartel-General. Rio — Em resposta a vosso telegrama, tenho a informar-vos que o combate de Pouso Alegre, iniciado dia 20, terminou às 10 horas do dia 21, com a brilhante vitória do Destacamento do Coronel Pôrto

Alegre e do 6.º Batalhão de Caçadores. Os adversários abandonaram o campo da luta completamente destroçados, reingressando no território paulista. Deixaram 12 mortos, 16 feridos e cêrca de 100 prisioneiros, entre os quais muitos jovens adolescentes, alunos das escolas de São Paulo. A tropa derrotada constituía o Batalhão Fernão Dias Pais Leme e outros que, ao retirar-se, conduziram os feridos e alguns mortos, inclusive o comandante do P.R. Recolhemos grande quantidade de material, caminhões, uma composição de máquina e cinco carros da Mogiana, etc.... Nossas tropas, que tiveram apenas uma baixa, procederam com grande denôdo e bravura, mas com espírito de humanidade para com os jovens de aspecto infantil, muitos do quais choravam diante do insucesso. (a) *Silva Rocha,* Tenente-Coronel, Chefe do Estado-Maior da 4.ª Região Militar".

O govêrno tem informado pelos jornais, ser grande o número de voluntários que se têm apresentado para combater os paulistas. A propósito, contava-me, hoje, pelo telefone, José Roberto de Macedo Soares, que acaba de deixar o lugar de introdutor diplomático do Itamarati, uma anedota ilustrativa.

Ao pôsto de alistamento chega um cabo e, fazendo a continência ao superior, comunica:

— "Seu" capitão, estão aí cinco "voluntaro" que eu "truxe" da rua.

E no mesmo tom:

— Posso "desamarrá" êles?

* * *

A cantora Ogarita Dell'Amico, secretária do Pritaneu Militar, contava-me ontem:

— O Getúlio, para obrigar os paulistas a se renderem, ordenou que os aviadores fizessem vôos sôbre o interior do Estado, e matassem todos os animais que encontrassem. Um dêles foi até Itu, e matou ali 23 burros. E sabe qual foi o telegrama que êle passou ao Getúlio?

— Não, senhora.

— Foi assim: "Acabo matar 23 burros. Itu 24"...

* * *

Paulo César de Andrade recebe-me no seu consultório:

— Então, os paulistas pediram paz!...

— Pediram?

E êle:

— Pediram, sim; mas não é "paz" com "z"; é "pás" com "s"... para cavar trincheiras!

*Quarta-feira, 27 de julho:*

Encontro na caixa do correio a cópia, dactilografada, das irradiações feitas em São Paulo sôbre as operações militares. Dizem elas:

1.º — Que o município de Vacaria, no Rio Grande do Sul, se levantou contra a ditadura, achando-se sob o domínio militar do General Paim Filho;
2.º — que o govêrno de São Paulo comunicou às praças estrangeiras que a revolução constitucionalista reconhecerá todos os compromissos da Nação, exceto os traídos pelo ditador durante o atual interregno das operações militares;
3.º — que a Marinha Nacional declarou ao ditador que não dispararia um só tiro para manter o seu govêrno;
4.º — que foram presos no Rio, e enviados para a zona de operações, como soldados, quatro estudantes, que tomaram parte em manifestações contra a ditadura".

Há, ainda, no Boletim, outras informações sôbre a morte de estudantes paulistas, pertencentes às importantes famílias do Estado, tombados em combate, e sôbre outros acontecimentos.

Êsse Boletim acha-se datado de 23 de julho.

*Quinta-feira, 28 de julho:*

Pela manhã, visita da jovem comunista Celina de Napalèse, que vem, desta vez, mais graciosa e garrida. Traja vestido de sêda verde-garrafa, semeado de pequeninas flores vermelhas e traz, para mim, duas lindas rosas na mão. Rosas amarelas, veiadas de vermelho.

De olhos baixos, fala-me, colegialmente, da saudade que levou, na sua primeira visita, e do desejo, que teve, de voltar. Não supusesse eu, todavia, que se tratava de uma paixão material e grosseira. Gostava de mim com o espírito, com a inteligência, com o coração. A sua perspicácia de mulher descobre, parece, nos meus modos propósitos evidentes de interpretar de outro modo a sua visita, e de corresponder ao seu desejo, no caso de um pensamento pecador...

Volta-nos, porém, a ela a tranqüilidade, e a mim o bom-senso. Conversamos como velhos amigos e, sobretudo, como pessoas que têm idéias e sentem a necessidade de dar-lhes asas. Tratamos, principalmente, de problemas sociais e, particularmente, da organização comunista no Brasil.

— Você não imagina — diz-me, — o que isso é. Eu vou contar a você o que me aconteceu um dêstes dias.

E narra-me, sorrindo irônicamente, com uma voz de menina envergonhada, a sua aventura. Por exigência de um "camarada" ou de uma "camarada", foi levada, uma destas noites, a uma das "células" comunistas da cidade. A sua primeira surprêsa consistiu na quantidade de pretos, que se achavam presentes. A pessoa que a conduzia apresentou-a. Era ainda uma burguesa, mas em adiantada evolução. Perguntava, pois, se podia ser recebida.

— Voto contra! — declarou uma voz feminina.

Voltou-se. Era uma senhora, jovem ainda, espôsa de um médico brasileiro, a qual se achava, muito risonha, em um grupo de pretalhões e mulatos.

— Voto contra ! — insistiu a dama. — A "camarada" ainda é das que usam meias e vestidos de sêda. Não pode participar dos nossos trabalhos.

— Apoiado! Apoiado! — aplaudiram os pretos.

O "camarada" introdutor pleiteou, porém, a sua causa. E ela permaneceu no recinto como simples visitante. Ao terminar, porém, a sessão, recebeu a maior das suas surprêsas: a espôsa do médico, à despedida, oferecia a face, ou a bôca, a todos os pretos e mulatos, para o beijo da fraternidade!...

* * *

Conta-me, em seguida, outros episódios, ocorridos na sua célula. Há quinze dias, por exemplo, foi recebida, ali, a "camarada" Raquel de Queirós, a conhecida romancista de "O Quinze" e do "João Miguel". Com a palavra para uma explanação, Raquel havia começado a falar, quando um "camarada" estivador a aparteou:

— Discordo!

E Raquel, interrompendo a excitação:

— Cale a bôca! Você não entende disso!

Foi um fim do mundo. Protestos. Gritaria. E, como conclusão, Raquel expulsa, na mesma noite, da célula comunista.

Outro episódio. Recepção de um médico. Homem moço, elegante, e de talento. Com a palavra, o postulante expõe, perante um auditório de operários, a sua adesão ao ideal comunista.

— Comunista de roupa da moda e camisa de sêda não dá certo. Não pode ser sincero! — aparteia um dos ouvintes.

— Camarada! — retruca o médico, — a minha sinceridade é, talvez, maior do que a sua. As minhas roupas e a minha posição depõem a favor dela. Você pode ser comunista por despeito, por inveja, por miséria. Que inveja posso eu ter, eu, que tenho confôrto, regalias e posição, e as abandono para vir bater-me convosco a favor dos miseráveis e dos expoliados?

Mesmo diante dêsse argumento, o auditório, todo êle de operários, ficou ao lado do companheiro contra o médico. A minha gentil visitante conta-me tudo isso, mas insiste na necessidade de combater, com o auxílio dessa gente, a sociedade burguesa.

— Há de vir gente melhor, — conclui, — para mobilizar essas massas.

E num esclarecimento precioso:

— Há atualmente, na Rússia, 52 brasileiros estudando a organização soviética. Êsses é que serão os arquitetos do Brasil novo...

Algumas palavras mais. Um beijo na testa. E uma despedida.

*Sexta-feira, 29 de julho:*

A revolução ou, melhor, a guerra civil, começa a fatigar a imaginação popular. Reduzindo as informações oficiais, o noticiário dos jornais não oferece margem, sequer, à formação de boatos. E' geral, coletiva, a simpatia pelos rebeldes de São Paulo; mas ninguem enuncia essas simpatias senão em voz baixa. Aqui e ali uma correria de estudantes e esta informação soprada ao ouvido:

— A "coisa" rebenta hoje, aqui no Rio... Até à meia-noite o movimento estala, para deposição do Getúlio!

E os dias se vão passando, e o Norte continua despejando tropas na fronteira paulista, e a vida permanece a mesma, com a sua monotonia cheia de apreensões monstruosas.

*Sábado, 30 de julho:*

Enquanto os "comunicados" do govêrno informam que o Rio Grande se acha em paz e que o General Valdomiro Lima continua avançando em território paulista, os boatos contestam, assegurando que o Interventor Flores da Cunha já se encontra em Buenos Aires, por ter sido deposto em Pôrto Alegre.

— Eu ouvi dizer, no rádio, que Flores está em Assunção, no Paraguai, — diz-me o Dr. Jorge Pinto, no "Brasil-Médico". E um dos meus companheiros de mesa, na pensão:

— O General Valdomiro já se acha em São Paulo. Foi aprisionado pelo Klinger... As informações do govêrno são falsas; positivamente falsas!

*Domingo, 31 de julho:*

O bom-humor carioca persiste na sua atividade. Contavam-me hoje que, entrando de repente no quarto em que dorme o casal no Palácio Guanabara, a Sra. Getúlio Vargas encontrou o marido abrindo e fechando gavetas, como quem procura alguma coisa.

— Que é isso? Queres alguma coisa? Que é que está procurando?

E êle, sem interromper a busca:

— Quero ver se ficou por aqui algum resto da coragem do Washington Luís...

Outra anedota. Espalha-se que, do seu exílio na Europa, o ex-Presidente Washington passou a Getúlio um telegrama. Êste, trazia apenas uma gargalhada:

— "Quá-quá-quá-quá!"

E, embaixo, a assinatura do exilado, que se acha lá, dizem, à espera do seu sucessor...

## AGÔSTO

*Segunda-feira, 1.º de agôsto:*

Vou à redação do "Diário Carioca", e encontro os redatores, repórteres e contínuos agrupados em tôrno do gerente, o qual, de lápis na mão, procura demonstrar que São Paulo não será, de nenhum modo, esmagado pela União, que correu a lutar contra êle.

— Aqui está! — exclamava. — Aqui está. São algarismos!

E agitando um papel, que tem à mão:

— São Paulo tem em armas 104.000 homens! E tudo isso armado à moderna, com carros de assalto e metralhadoras como a União não possui!

E êsse entusiasmo, essa confiança em São Paulo, são vistos por tôda a parte. Mais de 90% da população carioca, sem exagêro nenhum, são partidários de São Paulo e contra a ditadura, sem fazer, embora, justiça às qualidades pessoais do ditador.

*Têrça-feira, 2 de agôsto:*

A insistência com que algumas autoridades militares declaram que o objetivo da revolução paulista é a separação, começa a surtir efeito em alguns espíritos, que não podem admitir tamanho esfôrço, e tão grandes sacrifícios, em proveito de todo o país. A verdade é que a luta está assumindo um caráter que, se não fôr solucionada por um acôrdo, dará oportunidade, mais cedo ou mais tarde, ao desmembramento. Vitorioso, São Paulo exigirá imediatamente a sua autonomia, pois que lhe não convirá continuar ligado ao resto de uma federação que se levantou tôda contra êle. E vencido, não esquecerá a derrota, passando a preparar um movimento mais sério, que vingue o primeiro.

De qualquer modo, se não houver diplomacia da parte da União, a integridade do Brasil estará desfeita, cabendo, talvez, ainda a mim, o registro do seu fracionamento e, conseqüentemente, do seu desaparecimento sob êste nome.

*Quarta-feira, 3 de agôsto:*

Terceira visita de Celina Napalèse, que veio, desta vez, à tarde. Vestido de sêda prêto, e gola creme. Pretextando dor de cabeça, tirou o seu chapéu ligeiro, sacudindo a sua cabeleira negra, de colegial.

Tratava-se no seu espírito, parece, a mais terrível das lutas morais. Os comunistas que a catequizaram tornaram-na uma fanática. Mas estão abusando do seu prestígio sôbre o espírito conquistado. Ela desejaria servir a causa mas sofre, por excessiva grosseria dos homens que a representam. E conta-me a sua situação.

— Êles estão exigindo de mim mais do que eu posso dar, — começa. — E de tal modo, que parecem desejar mais o meu sacrifício do que os meus serviços. Imagine você que, às vêzes, eu sou procurada por um dêles às duas horas da madrugada, a fim de que vá, a essa hora mesmo, pregar boletins na Ponta do Caju ou, pela manhã, falar aos operários no Moinho Inglês. Ora, por que não encarregam êles disso os homens? Eu passo o dia copiando boletins, fazendo traduções, prestando serviços intelectuais. Por que me arrastam êles a êsses riscos?

Ela própria justifica, entretanto, os seus carrascos:

— Dizem êles que eu preciso me habituar mais que os outros ao sacrifício, consagrando-me tôda à causa. E acrescentam que, ao fim de pouco tempo, eu não sentirei senão prazer no

meu devotamento. Mas eu vejo os perigos, e lembro-me dos meus filhinhos, para os quais eu sou tudo...

Enchem-se-lhe os olhos de água; pousa a cabeça na borda da mesa, e chora. Enxuga os olhos, mostra-me o retratinho dos filhos, um lindo pequenito de três anos e uma graciosa pequenita de quatro, e continua:

— Eu expus os meus escrúpulos em uma reunião. Não podia sacrificar meus filhos. E êles me responderam se eu não me lembrava dos milhares de crianças, que dormem ao relento e perecem à fome, e que não são, como criaturas humanas, menos dignas de piedade.

— E você, que lhes respondeu? — indago.

— Eu? Eu... desatei a chorar...

E desata a chorar, novamente.

Para reanimá-la, recorro à lógica. Não será o sacrifício dos seus filhos, que salvará os milhares de crianças que hoje vivem ao abandono. Pelo contrário, êles, abandonados, irão aumentar o número dos desgraçados já existentes no mundo. Guarde, mantenha as suas idéias, mas não se sacrifique. A minha visitante está, porém, fanatizada, já, demais, pelos que se apossaram do seu espírito. E quando eu penso que a convenci, vibrando-lhe a corda do sentimento, eis que o cérebro reage, e a propagandista ressurge, magnífica de fé, alucinada de coragem, pronta para o sacrifício. Tenho a impressão que, se lhe disserem que mate, ela matará. E é assim que se retira, sem que tenha podido, com a minha palavra, dar-lhe serenidade.

Eu preciso, no entanto, fazer alguma coisa por esta criatura. É preciso arrancá-la, enquanto é tempo, das garras da loucura, que a ameaça, e às garras dos homens que a exploram.

*Quinta-feira, 4 de agôsto:*

Sessão ordinária da Academia, à qual comparece, em visita, acompanhado da senhora, o escritor francês Luc Durtain.

Alto, tórax de atleta, afinando para baixo, como o dos indivíduos que abusam do remo. Rosto comprido, escanhoado, de gigante ingênuo e louro. A testa ampla, de calva, vem formar, com as órbitas, dois alpendres de grande beiral para abrigo seguro dos olhos azulados. Cabelo escasso, louro, grisalho e curto no crânio longo, e em ar de serenidade desconfiada e bondosa no cunjunto da fisionomia. Traja terno de casimira cinza escuro, que lhe deixa patente a musculatura. Quarenta e sete a quarenta e oito anos fortes. A senhora, de costume azul-marinho, cabelos

finos, de ouro fôsco, e ondulados; tez mate; olhos azuis. Tipo de parisiense que faz render com a graça e o gôsto a pouca beleza que tem.

Ao penetrar na sala, já a sessão começou, e se encontram 'sentados Durtain e a senhora. Gustavo Barroso lê algumas tiras, com uma saudação, em português, ao hóspede ilustre. Durtain responde, em voz baixa, num discurso ligeiro, feito para ser pronunciado na Austrália, no Canadá, na Nova Zembla, ou em qualquer outro ponto do planêta. E passa-se à ordem do dia.

À enunciação, porém, do primeiro assunto — a inscrição tardia de uma candidatura a um dos prêmios acadêmicos, — estabelece-se a balbúrdia. Ninguém pede a palavra e todos querem falar, como meninos engraçados, no dia em que têm visita. Fala Cláudio de Sousa, fala Laudelino, fala Olegário, fala Ataulfo de Paiva. Outros intervém. Há uma desarticulação geral. Todos querem demonstrar, perante o visitante notável, dotes oratórios ou bulhento zêlo acadêmico. Durtain, sem perceber uma palavra de tudo aquilo, volta-se ora para um, ora para outro, espantado, como um surdo que recebesse ordens em língua estrangeira. E ergue-se para se ir embora. E, com o seu afastamento, voltam a calma e o silêncio, ao espírito e à bôca dos monges, no interior de Santa Sofia...

Em seguida, discute-se o adiamento da eleição acadêmica marcada para quinta-feira próxima, — adiamento motivado pela guerra civil, mas que tem por objetivo prejudicar o candidato Francisco Campos, Ministro efetivo da Educação e interino da Justiça. Medeiros e Albuquerque, autor da proposta, está certo que, com a reorganização do Ministério, Francisco Campos perderá as pastas que ocupa e que, perdidas as pastas, ninguém votará nêle. A Academia divide-se: oito votos contra oito. E Fernando Magalhães, Presidente, desempata, a favor do Ministro.

*Sexta-feira, 5 de agôsto:*

Afirma-se que o ditador Getúlio Vargas tentou, já, por duas vêzes, renunciar, a fim de não assumir a responsabilidade, perante a Nação e a História, da continuação da guerra civil. Os militares têm, entretanto, insistido com êle para que continue, a fim de evitar uma crise mais grave nas classes armadas, com uma guerra civil dentro da guerra civil.

E êle resolve continuar.

*Sábado, 6 de agôsto:*

Tendo a Renascença Editôra, recentemente fundada, me proposto a publicação das minhas "Poesias Completas", consumi os minutos disponíveis dêstes últimos vinte dias a rever e coordenar numa obra única todos os meus versos, de 1904 a 1931. Reuni 179 peças, que devem dar um volume de trezentas e tantas páginas, e fui entregá-lo, hoje, num primeiro andar da Rua Uruguaina, ao poeta Renato Travassos. Preço: um conto de réis de direitos autorais por uma edição máxima de dois mil exemplares.

A guerra civil, com o cêrco de São Paulo e a paralisação dos negócios em todo o país, faz com que o livro, apesar de anunciado, só entre para o prelo em setembro. E como se fala em livros, o poeta-editor faz uma referência às memórias de Medeiros e Albuquerque, sob o título "Quando eu era vivo...", vendido, já, pelo autor à Livraria Alves.

É um livro que eu não aceitaria para editar nem de graça, — diz-me Travassos; — êle o trouxe aqui, para fazer negócio comigo, e leu-me algumas páginas; e eu vi logo o perigo que corre o editor que o lançar à rua. Principalmente o quarto volume.

— Quantos volumes são?

— Quatro volumes. E as pessoas são citadas tôdas nominalmente, homens e mulheres.

— Mesmo no capítulo dos amôres?

— Mesmo aí.

— E êle fará referência às relações com a nora, e que lhe são atribuídas?

— Com a nora, não; com as noras. Dizem que êle vive com as duas... Parece que êle faz referência a tudo isso. Apenas, o que parece infâmia, são as relações com a irmã...

E Travassos conclui:

— Coitado do Medeiros! Trabalha muito, ganha muito, e anda sempre atrapalhado por falta de dinheiro, para dar luxo às mulheres. Veja aqui: aí está a nova edição da "Marta", o romance dêle. Vendeu-nos os direitos autorais por quinhentos mil-réis!...

*Domingo, 7 de agôsto:*

Nada de novo na cidade ou, pelo menos, em tôrno da casa em que moro. Ao anoitecer, o Cristo do Corcovado se ilumina. E, assim de pé, os braços abertos, pousado na montanha mergulhada na treva, dá a impressão de que se vem equilibrando sôbre uma ponta de nuvem, com mêdo de cair lá de cima e tombar, de novo, entre os homens...

*Segunda-feira, 8 de agôsto:*

Telegrama de Parnaíba traz a notícia da morte, ontem, ali, do meu tio Emídio Veras. Desaparece aos setenta e sete anos, e era, dos irmãos de meu pai, o que ainda permanecia neste mundo. E tinham sido treze, ao todo.

Nas minhas "Memórias" tracei o seu perfil balzaquiano de trabalhador burguês, os aspectos da sua bondade rude, e as suas maneiras de praticar o bem, dando sempre a entender que o praticava de má vontade.

Era, como quase todos os Veras do ramo a que pertenço, um original. É provável, pois, que a esta hora se encontre no Paraíso, satisfeito com a moradia, mas discutindo com São Pedro, declarando-lhe que estaria melhor no Purgatório e, quiçá, no Inferno.

*Têrça-feira, 9 de agôsto:*

Um cavalheiro que vem sempre à pensão visitar um amigo, e que é comerciante e apaixonado pelas corridas de cavalo, apareceu hoje com as mais frescas notícias da guerra. Conta êle que um homem de negócio, italiano, chegado ontem de São Paulo, no avião fretado pelo govêrno do seu país, traz informações assombrosas sôbre a organização militar dos paulistas. São Paulo tem, em armas, neste momento, nada menos de 200.000 homens. E está produzindo todo o material indispensável às operações de guerra: da pólvora ao trem blindado; do canhão ao capacete de aço. E o entusiasmo da população é sereno, firme, inabalável, de modo a transformar num dogma a certeza de vitória. E o informante conclui:

— Êsse italiano me disse que o que se vê em São Paulo encheria de orgulho qualquer grande povo do mundo!

*Quarta-feira, 10 de agôsto:*

Visita, na Polícia Central, ao 4.º Delegado Auxiliar, o Capitão do Exército Dulcídio do Espírito Santo Cardoso, filho do Ministro da Guerra e a quem conheci no Pritaneu Militar, estabelecimento de que é professor e em que desempenho as funções de inspetor do ensino. Levam-me a essa visita não só o desejo de obter notícias de amigos que se acham presos, como o de salvar das garras de especuladores do comunismo a pobre e aflita Celina Napalèse, embora a reconheça cada vez mais fanática pela "causa", e mais disposta a "sacrificar-se pela humanidade".

Na sala de espera, encontro, no meio de uma dezena de homens e mulheres, que aguardam audiência, Herbert Moses, Presidente da Associação Brasileira de Imprensa, que me diz estar tratando, ali, da libertação de Costa Rêgo, detido a bordo do navio-prisão "Pedro I", ancorado ao largo da Ilha Grande. Trocamos impressões.

— Você sabe quanto o govêrno está gastando por mês com esta brincadeira? Mais de 300.000 contos, incluindo as rendas federais que deixou de receber de São Paulo. Quando isto acabar, a miséria vai ser horrível!

E pisca, inquieto, os seus olhos miúdos e vesgos, como quem aguarda a minha opinião.

Vem, porém, ordem para entrarmos, os dois. A autoridade faz-me uma recepção amável, cordial, efusiva. Refere-se aos meus artigos diários, e ao desassombro das minhas opiniões sem estabelecer conflitos com a ordem. E passa a contar-me o que são as suas contrariedades e trabalhos de cada dia e de cada noite, pois não dispõe, mais, de uma hora certa para repouso. E conta-me o que foi a sua última hora de atividade, para que eu faça uma idéia do que são as vinte e quatro, que Deus lhe dá e o Diabo lhe toma, entre dois nascimentos do sol.

— Agora mesmo — diz-me, — acabo de resolver um caso interessante. Uma senhora de sociedade, casada, tem um amante. O amante costuma esbordoá-la, e ela me veio pedir que o mandasse chamar, e o admoestasse. Mandei chamar o escrivão para tomar nota da queixa; mas a dama protestou. Não queria que ficasse nada registrado. O marido viria a saber, e seria o escândalo, de que resultaria o divórcio. Queria, apenas, que eu agisse particularmente, dizendo ao amante que não lhe batesse mais... E aí está como eu me transformei, de repente, em conciliador de amantes e protetor de amôres clandestinos...

Continua:

— Resolvido o caso da mulherzinha, vem um investigador me dizer que o "Clube 5 de Julho" estava distribuindo armas e munições na Galeria Cruzeiro. Fiz partir uma escolta, com ordem de tomar as armas e prender os seus portadores. Foram feitas as prisões; e eis que me entra por aqui, furioso, o Pedro Ernesto, dizendo-me que as armas haviam sido distribuídas por ordem sua, para defesa do govêrno. Respondi-lhe que à polícia é que competia a manutenção da ordem, e não a particulares, e que a apreensão de armas continuaria a ser feita. E êle saiu daqui furioso comigo.

Em seguida passo a expor-lhe o motivo capital da minha visita: o propósito de salvar Celina Napalêse do grupo de comu-

nistas que a exploram. É preciso, porém, que ela nada sofra. As reuniões comunistas estão degenerando em focos de perversão, que convém combater, para preservação social.

— Está combinado, — diz-me a autoridade; — fá-la-ei seguir quando fôr à sua casa, e ela nada sofrerá; servirá, apenas, de farol... Quando ela irá fazer-lhe a primeira visita?

— Sexta-feira, às duas horas.

— Pois, está assentado. Vamos proceder com discrição e cautela.

E, num abraço, vem trazer-me ao elevador...

*Quinta-feira, 11 de agôsto:*

Academia. Sessão agitadíssima. Tendo Medeiros e Albuquerque insistido na sua proposta de adiamento da eleição para preenchimento da vaga de Alberto Faria, à qual é candidato Francisco Campos, Ministro efetivo da Educação e interino da Justiça, a Academia aprova essa dilatação de prazo, por 12 votos contra 9. Irritado, Fernando Magalhães, após uma discussão ácida com alguns acadêmicos, renuncia à presidência e vem sentar-se nas bancadas, de onde profere uma oração um pouco incongruente, mas feroz, contra os seus pares, especialmente contra Medeiros e Albuquerque. Refere-se a êste de modo brutal, e termina assim, ante a estupefação de tôda a Academia:

— Senhores acadêmicos, eu sou um homem limpo, um homem que anda de cabeça levantada. Orgulho-me do meu passado e do meu presente. E não admito que a Academia me desconsidere assim, por iniciativa de um homem... de um homem...

E num rugido, em que põe a raiva e o nôjo:

— Por um homem que tem ficha na Polícia!...

Não obstante essa agressão a um companheiro, que, ademais, já se ausentou, diversos acadêmicos apelam para o presidente demissionário, a fim de que êle volte a presidir os trabalhos da Academia. Fernando Magalhães mostra-se, porém, intransigente. E como todos compreendem que se trata de um dos impulsos de seu temperamento, levanta-se a sessão, adiando a solução do caso da sua renúncia, para que, com o tempo, lhe voltem a serenidade e a reflexão.

Gregório da Fonseca, secretário do Chefe do Govêrno Provisório, traz-me para casa, depois da Academia. Não obstante a sua qualidade de gaúcho e a sua posição junto à ditadura, conta-me uma anedota a favor de São Paulo, deixando perceber que, de coração, está com êste.

Um gaúcho, arrogante, entra estrepitosamente num restaurante, senta-se com estrondo, e bate com fôrça na mesa:

— Garção! olha aqui... Depressa! Traze uma "paulista"!

— É cerveja "Paulista" que o senhor quer? Se é cerveja, dessa marca não tem.

— Cerveja, nada! — exclama o homem do pampa. — Quando eu falo em "paulista" me refiro à sopa.

E num trocadilho da gíria:

— Paulista é "sopa"!

A essas palavras, um sujeito que come, calado, numa mesa próxima, bate, por sua vez, no copo, chamando:

— Garção!

O empregado acorre. E êle, de modo a ser ouvido por todos:

— Traga um "gaúcho"!

— "Gaúcho"?... Não tem, não, senhor... Que é "gaúcho"?

— Homem, você não sabe?

E em tom mais alto:

— "Gaúcho" é um pedaço de carne, enfiado num pedaço de pau, e... o resto é farofa!...

*Sexta-feira, 12 de agôsto:*

Celina Napalèse voltou, hoje, a visitar-me, entrando-me no gabinete com as pequeninas mãos cheias de rosas.

— Sabe que eu estou querendo muito bem a você? — diz-me, sentando-se.

— Quem lhe contou êsse boato? — respondo-lhe, sorrindo.

Ela me conta que, tendo sido notificada de exclusão de uma célula comunista a que se filiara, fôra procurada por uma comissão de mulheres, com as quais passaria a trabalhar.

Mostro-me contente com essa notícia. O comunismo, entre mulheres, deve ser mais amável, e mais compatível com a sua inteligência e a sua sensibilidade.

À tarde, notícias insistentes de agitação em Minas, chefiadas pelo ex-Presidente Bernardes. Alguém me explica:

— O João Alberto pediu ao Presidente de Minas a prisão do Bernardes, por causa do manifesto que êle acaba de lançar, declarando-se solidário com os paulistas. O Olegário Maciel respondeu não ter encontrado na Polícia Mineira quem se quisesse desobrigar daquela incumbência. O João Alberto mandou, então, uma escolta do Rio à Viçosa. Mas a escolta não voltou. O Bernardes tem ali, armados, mais de cinco mil homens...

*Sábado, 13 de agôsto:*

Noite de insônia. Mãos inchadas, dormentes, e doloridas. Olho-as com tristeza e desânimo, e adapto ao meu caso uma velha pilhéria de Emílio de Menezes:

— Eu tenho, mesmo, que ter as mãos "enxadas"... Não é com elas que eu "cavo" a vida?

*Domingo, 14 de agôsto:*

Há um mês, mais ou menos, a dona da pensão em que moro, Dona Raquel, perguntou-me se acreditava em espiritismo. Respondi-lhe com um gesto, em que havia mais negativa do que afirmação.

— Eu também não creio, — respondeu-me; — mas, tantas são as coisas que tenho visto e as curas por espiritismo, que fico às vêzes na dúvida, sem saber o que pense a respeito.

E conta-me o seu caso, e o caso de amigos e conhecidos seus, cujas enfermidades foram diagnosticadas e curadas com receitas fornecidas pelos "mediuns", acertando êstes, geralmente, mais que os médicos. E conclui:

— Por que o senhor não consulta o espiritismo? Se o senhor quiser, ponha o seu nome, a sua idade e a sua residência num papelzinho, que eu dou ao Iglésias, e êle faz a consulta.

Dei-lhe a papeleta com êsses esclarecimentos. E esgotou-se a primeira semana. Decorreu a segunda. Terminou a terceira. E não me lembrava mais do caso, quando, esta manhã, Dona Raquel, empurrando a porta do meu gabinete, onde eu escrevia tranqüilamente, entrou, e, encostando-se à mesa, me disse, calmamente:

— O senhor deve estar aborrecido comigo e com o Iglésias, por causa do negócio do espiritismo. Mas meu marido não se esqueceu. Êle está é constrangido em lhe dar a resposta... O senhor é, porém, um homem superior, e não ignora a sua doença. De modo que eu achei melhor vir lhe dizer a verdade.

Tomou fôlego, continuou:

— Iglésias foi a duas sessões de espiritismo, e em tôdas duas a resposta foi a mesma, isto é, que o senhor está muito doente, e pode morrer de repente, de um momento para outro, de modo que nem vale a pena receitar... Os espíritos acrescentam que o senhor abusa muito da sua saúde, mas que o médico que o senhor tem é muito bom...

E notando, parece, em mim, o efeito da notícia:

— É possível que isso não seja verdade... No meu caso, êle acertou... No meu, de Santinha, e em todos os outros... Mas, no do senhor, pode não dar certo... De qualquer modo, o senhor é um espírito forte, e é melhor estar prevenido...

Um frio irresistível me corre a espinha. Agradeço a informação e Dona Raquel retira-se. Bate-me o coração, descompassado. Tenho a impressão de que vou desfalecer. Deito-me. Levanto-me. Passeio pela sala, atônito, como quem acaba de levar uma paulada na cabeça.

Afinal, eu creio ou não creio?

*Segunda-feira, 15 de agôsto:*

Noite de insônia. Mas insônia sem mêdo, sem susto, sem pavor, sem causa positiva ou definida. Efeito provável da notícia de ontem, no subconsciente. O subconsciente é o espírito.

Os espíritos, pois, que se entendam.

*Têrça-feira, 16 de agôsto:*

Celina Napalèse costumava telefonar-me às têrças-feiras, comunicando-me o dia e a hora da sua visita semanal. Hoje, pela manhã, não telefonou. Agora à tarde, porém, ao reentrar em casa, encontro um grande ramalhete de rosas vermelhas, côr de sangue, prêsas por uma fita de gorgorão negro, como essas que pendem das alças dos caixões funerários. Ao lado, um pequeno envelope tarjado, um cartãozinho de luto. E, nesse cartãozinho, na sua letra segura, elegante, e aristocrática, entre aspas, êstes dois versos da "Môsca Azul", de Machado de Assis:

> "...Dizem que ensandeceu, e que não sabe como
> Perdeu a sua môsca azul..."

A despedida não podia ser mais expressiva, nem mais elegante. Uma pequenina môsca azul, pousada num ramalhete de rosas vermelhas, amarradas por uma fita de gorgorão negro, é decorativo. Decorativo, oriental, e soviético.

Mas, por que êsse mistério? Por que motivo, político ou sentimental, me terá abandonado a minha encantadora môsca azul?

Iniciei, hoje, uma colaboração semanal, assinada, em "A Noite". Dia aziago: o artigo, anunciado ontem com retrato e louvores, saiu errado...

*Quarta-feira, 17 de agôsto:*

Na penumbra vernal do meu gabinete, em um vaso modesto e azulado, paira, sôbre a mesa do centro, a mancha vermelho-escuro das rosas de Celina Napalèse. Prende-as, ainda, a fita fúnebre com que a sua pequenina mão as reuniu. E, olhando-as, contemplando-as na cinza desta manhã triste, dão-me a idéia de uma grande nódoa de sangue de alguém a quem eu houvesse assassinado, e de quem tivessem levado o cadáver, deixando-me apenas sob os olhos, para o arrependimento e para o remorso, uma lembrança do meu crime.

E sinto saudade, e terror.

*Quinta-feira, 18 de agôsto:*

Academia. Grande colheita de boatos. Faço a colheita.

*Laudelino Freire* — Achava-se travada, há quatro dias, na frente do Paraíba, uma batalha sangrentíssima. O Góis Monteiro não queria tomar a ofensiva, e apresentou objeções ao plano que lhe foi enviado pelo Estado-Maior. Êste, porém, insistiu e êle ordenou o ataque geral, que tem sido um desastre, com enorme perda de vidas de lado a lado. Ontem, êle telegrafava ao Estado-Maior, começando com estas palavras: "Está se consumando a catástrofe. Seguem quinze carros repletos de feridos. Mande mais quinze carros para encher". Do lado paulista as baixas não estão sendo menores. Há 470 moças trabalhando nos hospitais de sangue no vale do Paraíba, e ontem à noite foi captado aqui um rádio em que eram pedidas mais enfermeiras, porque aquelas não davam conta do serviço, tamanho é o número de feridos... A esperança tôda está em uma conspiração aqui. E estava, já, tudo combinado quando um dos conspiradores traiu os companheiros, entre os quais funcionava como espião, sendo então presos o Sotero de Meneses e outros oficiais. Os que foram traídos juraram, porém, matar o traidor no dia em que forem postos em liberdade... E os dois Pessoas, o Aristarco e o José, estavam nessa conspiração e só ainda não foram presos porque não se afastam, um, da Escola Militar, e outro, do Corpo de Bombeiros... E o caso da Escola? Foi uma coisa bonita. O Govêrno, receando que a Escola Militar se revoltasse, ordenou o recolhimento ao Quartel-General de todo o armamento ali existente. Na ocasião em que os caminhões ali chegaram para receber êsse armamento, trinta alunos se insurgiram contra essa medida, atacando em altas vozes a ditadura. Diante dessa atitude, o Go-

vêrno mandou que êsses trinta alunos fôssem desligados, e mandados para o campo de operações, distribuídos pelos batalhões. Ao chegar à Escola essa ordem, seiscentos alunos se declararam solidários com os seus trinta colegas, prontificando-se a ir com êles para o "front", sofrendo o mesmo castigo. Compreendendo o perigo que constituiria a presença de tantos rapazes no meio da tropa, e que êles passariam para o inimigo na primeira oportunidade, o Govêrno anulou a ordem anterior, limitando-se a impedir a Escola. E lá estão êles retidos, e armados de pistola, em atitude hostil contra oitenta companheiros que não aderiram, e que se acham entre êles ameaçados de morte.

*Afrânio Peixoto* — Anteontem, saía eu aqui da Academia, após a conferência do Luc Durtain, quando o Tasso Fragoso me chamou e me meteu no seu automóvel. "Então, que me diz você desta situação?" perguntou-me. Respondi-lhe que a pergunta devia ser minha. E êle: "Vai muito mal tudo isto. Estou que não suporto mais. Já pedi minha demissão de Chefe do Estado-Maior e não ma querem dar, para responsabilizar-me pelos erros que se vêm cometendo... Mas isto não irá muito longe. Estamos esperando, apenas, um entendimento que o Maurício Cardoso está estabelecendo, para tomarmos a atitude que a honra militar e as responsabilidades civis nos impõem". Êle me dizia em voz tão clara que eu lhe chamei a atenção para a ordenança que parecia estar nos escutando. Êle, porém, objetou: 'Não faz mal; não há mais segrêdo; todo mundo já sabe o que eu penso e o que eu digo".

Sessão acadêmica desinteressante. Continua a crise doméstica, determinada pela renúncia de Fernando Magalhães. Notícias tristes de Luís Carlos. Pessoa da sua casa informa-me:

— O tumor maligno, no pulmão, está se desenvolvendo. Já se está manifestando na glote, com a dificuldade no falar. Sente-se, já, o mau hálito...

*Sexta-feira, 19 de agôsto:*

Da correspondência telegráfica de "A Noite", rigorosamente fiscalizada pelo Govêrno, destaco esta informação consoladora:

> "Setor do Túnel, 18 — Do enviado especial de "A Noite" — Verificou-se ontem um fato interessante e que deu margem a inúmeros comentários.
>
> Um cabo da polícia mineira, tendo avançado demais, foi feito prisioneiro pelos paulistas.

O Coronel Félix Sampaio, comandante das fôrças revolucionárias no Túnel da Mantiqueira, mandou o prisioneiro, de volta, acompanhado por um sargento, que o apresentou às tropas governistas. Na mensagem que enviou, o Coronel Sampaio pedia a devolução do sargento como uma retribuição ao seu gesto de gentileza.

Ao que sabemos, as tropas do govêrno mandaram o sargento paulista novamente para o seu setor.

Como se vê, em campanha, há dêsses gestos de gentilezas".

*Sábado, 20 de agôsto:*

No Rio de Janeiro, temperatura baixa, entre 13° e 19°, muita umidade e aguaceiros contínuos há dois dias. Lembro-me dos milhares de nortistas mandados para o Sul e para os altos da Mantiqueira, onde a temperatura deve estar abaixo de 0°. E por quê, e para quê, o sacrifício de tantas vidas, quando os aproveitadores da situação se encontram, a esta hora, ao abrigo das intempéries, debaixo dos melhores cobertores?

*Domingo, 21 de agôsto:*

Continuam em todos os setores, as batalhas entre brasileiros do Norte e brasileiros do Sul. E continuam, também, o frio e as aguaceiros. Deus, de bom humor, procura, parece, com bacias de água gelada e gritos de trovão, separar e afugentar os dois cães que brigam debaixo das suas janelas...

*Segunda-feira, 22 de agôsto:*

Tendo ficado a escrever até às duas da madrugada, e recomeçado às seis da manhã, deitei-me um pouco, às duas da tarde. Minutos depois chamam-me ao telefone. É Celina Napalèse, a comunista gentil, que me comunica, por meio de palavras sibilinas, estarem se desenrolando na cidade acontecimentos graves. Ao mesmo tempo, um hóspede, caixa de um Banco estrangeiro, telefona à senhora avisando que os estabelecimentos bancários estão fechando, e que parece ter havido um pronunciamento da Marinha. Tendo de levar o meu artigo de "A Noite" e a minha colaboração para o "Brasil-Médico", visto-me, e saio. Desde a Lapa, o comércio está de portas descidas. Cinemas fechados. Pelotões de cavalaria que passam, trotando. Desço na Galeria Cru-

zeiro, repleta de rapazes, na sua maioria estudantes. Os automóveis e os ônibus foram afastados da Avenida. No centro desta via pública, soldados de carabina e guarda-civis armados. Atravesso-a para ir à Rua Rodrigo Silva, e encontro tôdas as portas cerradas, ou semicerradas, e repletas de gente que aí se refugiou. Regresso, sob uma atmosfera de ameaça e de terror. À Rua São José encontro grande massa de povo, que foge, em disparada. Encosto-me a uma parede, deixo passar a onda, e aguardo os acontecimentos. Na Avenida, novas correrias, galope de cavalos, e um disparo, ao longe. Tomo um bonde que passa. E venho para casa, à espera de explicação para tudo isso.

À noite, informam-me. Duas bombas que explodiram nos terrenos da antiga Exposição fizeram supor uma insurreição da Marinha. Os adversários da ditadura animaram-se, dando vivas. Acorre a polícia. Há tiroteio, caindo feridos gravemente um médico e um estudante. E as tropelias continuaram, até ao anoitecer, quando o centro da cidade ficou em abandono e em silêncio.

*Têrça-feira, 23 de agôsto:*

*9 horas da manhã* — B.L.V., que foi minha namorada há vinte e cinco anos, e que ainda conserva graças da mocidade e tentações que a experiência lhe trouxe, telefona-me:

— Olha, vai para a janela; que eu vou passar por aí, e quero ver-te...

Faço-lhe a vontade. Vou à janela como um namorado jovem. Ela passa, com uma das suas amigas. Cumprimenta-me. Respondo-lhe. E ela desaparece ao longe...

10 *horas, idem* — Visita imprevista de Celina Napalèse, que me traz um cravo vermelho e um beijo da mesma côr. O cravo rubro fica sôbre a minha mesa, e a marca do beijo na minha testa. Diz-me que não virá mais. Mas virá.

*3 horas da tarde* — Saio para ir à cidade. Em caminho, encontro o Batalhão Naval, que desfila. Em frente ao Palácio do Catete, desço, e entrego na portaria um pacote de livros que prometera a Gregório da Fonseca. À porta, soldados e investigadores cercando um rapazola que chora convulsivamente, e que vai ser metido num táxi, que se acha à sua espera, e que o trouxe de longe, pois que o relógio marca mais de vinte mil-réis.

Na redação do "Brasil-Médico", diz-me o Dr. Sebastião Barroso:

— O movimento geral contra a ditadura estava marcado para ontem, às duas horas. A fortaleza de Villegaignon chegou

até içar a bandeira vermelha, que arriou, quando viu que as outras não a acompanhavam.

Acrescenta:

— O Govêrno está quase sem aviões. Com a passagem, ontem, do seu melhor aparelho de combate, pilotado pelo Capitão Asdrúbal, que se passou para os paulistas, ficou êle em manifesta inferioridade.

O Dr. Barros Barreto, que entra no momento, adianta:

— Hoje foram presos todos os aviadores do Exército, e ontem foi exonerado o comandante da Escola de Aviação, o Pederneiras, que também se acha prêso.

O Dr. Sebastião Barroso insiste:

— E a adesão do Capitão Otelo, do Estado-Maior do Góis Monteiro? Consta que êle se passou para os paulistas, levando todos os planos do Estado-Maior...

Na Livraria Freitas Bastos encontro Dona Francisca de Bastos Cordeiro, que me diz ao ouvido:

— Já sabe da grande novidade? O Góis Monteiro refugiou-se ontem à noite numa Embaixada. Rompeu com a ditadura e está na Embaixada Francesa!

— Absolutamente certo?

— Obtive essa informação de pessoa perfeitamente ininformada.

Fala-me dos seus filhos, que se acham em São Paulo:

— Tenho dois do lado de lá, e dos quais não tenho notícias há dois meses. Devem estar combatendo, ou mortos.

E com um brilho repentino nos olhos, como se estremecesse tôda:

— Mas, com que orgulho!...

*Quarta-feira, 24 de agôsto:*

Pela manhã, nos jornais, notícia da dispensa do General Tasso Fragoso de Chefe do Estado-Maior do Exército. E, pelo correio, endereçado a mim, em envelope fechado, êste boletim:

> "Exmo. Sr.
>
> Na noite de 18 para 19 do corrente foram presos POR INVESTIGADORES 4 oficiais da Armada em suas respectivas residências. Um quinto não o foi por não haver sido encontrado, mas foi convidado a comparecer ao M.M. para receber ordens de embarque imediato.

Êsses distintos oficiais haviam comparecido ao gabinete do Sr. Ministro que os interrogou em conjunto e separadamente sôbre as suas condutas no seio da marinhagem. Apelou para êles como camaradas de armas e todos diante de um apêlo, à sua honra militar, feito por Almirante responderam com a mais absoluta lealdade de oficiais da Armada. O Sr. Ministro agradeceu a atitude e as informações leais dos seus camaradas.

À noite a POLÍCIA CIVIL os prendia. Não é possível que V. S. aprove um tal ato de felonia de um Almirante da Marinha Brasileira, permitindo ou aconselhando a prisão de camaradas tão leais.

Êste ato do Sr. Ministro o destitui da autoridade de Chefe natural da Marinha Brasileira. Esperamos que V. S. como oficial da Armada que tem noção perfeita da honra militar, não mais reconheça no Ministro da Marinha um chefe a quem se deva respeitar e obedecer.

Escolha V. S. um Almirante digno de tal título e o eleja na sua consciência como chefe, e a êle se apresente".

*Sábado, 27 de agôsto:*

Movimento nas classes conservadoras, para efetivação da paz. Fala-se na ida a São Paulo de uma comissão organizada pela Associação Comercial. E de outra de que farão parte os professôres Miguel Couto e Afonso Celso e o ex-Presidente Wenceslau Brás, que, à última hora, declinou, indicando, para ir no seu lugar, o General Lauro Sodré.

A opinião pública não nutre, parece, esperanças no sucesso dessa missão. Tem-se a impressão de que a idéia nasceu morta.

*Domingo, 28 de agôsto:*

Uma entrevista concedida aos jornais pelo Ministro da Marinha, Almirante Protógenes Guimarães, estabelece, de antemão, as bases para um acôrdo possível com os paulistas. E entre as condições exigidas está a entrega das armas antes das negociações. Diante disso, as comissões que iam a São Paulo se dissolveram. e a guerra vai continuar.

Deus os favoreça.

*Segunda-feira, 29 de agôsto:*

Boatos insistentes de um movimento sério no Rio Grande do Sul, chefiado por Batista Luzardo, Raul Pila e Lindolfo Collor,

que teriam se apoderado de uma parte do Estado, instalando em Santa Maria um novo govêrno chefiado por Borges de Medeiros.

— As fôrças do Borges já estão marchando em terras de Santa Catarina para cercar o Valdomiro Lima e fazer ligação com as de São Paulo, — informava-me esta manhã um parente do ex-Presidente Washington Luís, que sempre me traz notícias contra o govêrno.

Eu observo, porém, que, nesta revolução, está sucedendo o contrário do que se verificava na outra: os boatos nunca, ou quase nunca se confirmam. Desta vez, entre os revolucionários que se levantaram contra o govêrno, a imaginação e a língua estão trabalhando mais do que as armas...

# 1933

## JANEIRO

*Domingo, 1.º de janeiro:*

Estaco, de repente, no caminho da minha vida, como costumo fazer cada ano, no dia de hoje. E é com surprêsa que, ao erguer a cabeça para o céu, não encontro a abóbada que me esmagava nos anos anteriores. Ainda não estou cego, e já não estou só. Deus, em quem ainda não creio, mas que já me bate insensìvelmente às portas do coração, compadeceu de mim.

O ano de 1932, que completou, no seu início, a série de males e de castigos que me foram infligidos por 1931, iniciou, também, parece, a reparação dos tormentos excessivos de que fui vítima. Dissolveu, êle, o meu lar, e reconstituiu-mo, sòlidamente, ou não. Acentuou os meus padecimentos mais persistentes, e deu, agora, um pouco de trégua aos que mais me atormentavam. Não tenho ainda, é certo, esperança de restabelecimento nem ilusão de felicidade. Sinto, porém, ou pressinto, que a Morte quer esperar...

Por outro lado, o ano que acaba de encerrar-se foi dadivoso comigo no domínio das letras. Publiquei um livro, "O Monstro. e outros contos", que a imprensa e os críticos, em julgamento constante, consideraram a melhor das minhas obras até agora publicadas; concluí a primeira série das "Memórias", de que já vi, ontem, o primeiro exemplar; vi meu nome crescer na consideração pública; e não senti diante de mim, como em 1930 e 1931, o espectro da miséria. O ano que acaba de desaparecer afundou, em suma, no sarcófago do Tempo, com a minha saudade e a minha bênção.

Adeus, Ano Bom!

* * *

No momento em que as cornetas dos automóveis, e as sirenas de algumas fábricas, anunciaram a entrada de 1933, estava

eu curvado sôbre esta banca de trabalho, quebrando o trigo para o meu pão com o bico de aço desta pena. Havia festa lá embaixo, no salão do hotel. Dançava-se. Lá estavam minha mulher e minha filha. E eu, sòzinho, aqui, neste quarto andar. De súbito, irrompem as duas, cansadas da carreira. Vinham abraçar-me, congratular-se comigo pelo acontecimento, e desejar-me venturas, muitas venturas no ano que se inaugurava. Um júbilo alvoroçado enchia-lhes a alma, irradiava-lhes dos olhos, da fisionomia tôda, e dos gestos barulhentos e tumultuosos. E lá desceram outra vez para o salão da festa, para compartilhar da alegria que turbilhonava lá embaixo, no andar térreo, onde se tocava o primeiro "fox" de 1933.

E eu, consolado com aquela pequena lembrança que tiveram de correr a ver-me, ergui-me da mesa, e estirei-me cansado na minha cama, que não sabe fornecer-me uma noite de sono senão em miúdas parcelas de duas horas.

Bendito sejas, contudo, ó leito amigo! E também tu, ó Noite cortada de músicas e de vozes felizes: tu, em cujo seio imenso e misterioso eu quisera atirar meu coração, esfarelado em estrêlas!...

*Quarta-feira, 4 de janeiro:*

Grande, forte, gordo, com os seus cinqüenta e dois anos puxados, o cabelo ralo atirado para trás, a cara raspada e morena caindo em papadas recentes, o Coronel do Exército Homero Maisonnette interpela, a meu lado, na banca de exame do Pritaneu Militar, os duzentos sargentos e tenentes comissionados que fazem, ali, o curso secundário. Em determinado momento, ergue a voz, e exclama, estentòricamente:

— Os senhores não se perturbem. Mas não esqueçam, também, que lhes coube a honra de ter na presidência desta banca um dos maiores escritores da língua portuguêsa... Tenham orgulho disso... Na prova escrita, os senhores escreveram em fôlhas rubricadas por êle... Basta isso para emprestar uma alta significação aos exames a que os senhores se estão submetendo. Guardem êste fato na memória, para que se envaideçam disso no futuro!

E voltando-se para mim:

— O senhor não imagina quanto é querido entre nós, militares. Todos nós, do Exército, o temos como nosso amigo, não porque nos lisonjeie, elogiando-nos incondicionalmente, mas pelas verdades que costuma dizer. O senhor faz amigos pela sua sinceridade.

Interrompo-lhe os louvores, que me parecem extraordinários por provirem de um homem severo no julgamento dos seus contemporâneos, e, o que é mais, de ampla e sólida cultura. O Coronel Maisonnette é, na verdade, um erudito, e o mais interessante professor de História que tenho conhecido. Dispondo de assombrosa memória, recita, de cor, páginas inteiras dos grandes mestres latinos, com a circunstância, ainda, de poder repetir, palavra por palavra, do princípio ao fim, os "Comentários" de César.

Um humanista, no rigor da palavra. Sabe muito, e não escreve nada. O contrário, precisamente, de alguns acadêmicos, que não sabem nada, e escrevem muito.

*Domingo, 8 de janeiro*:

No dia cinzento e chuvoso, entra na minha saleta de trabalho um raio de sol, feito alegria. É um telegrama de Medeiros e Albuquerque, passado da sua residência em Copacabana, e que se acha assim redigido: "Parabéns teu maravilhoso livro, sôbre o qual escrevi o mais entusiástico artigo da minha vida. Êste sairá "A Gazeta", têrça-feira. Abraços".

Essas manifestações não me entusiasmam porque o entusiasmo não figura entre as vibrações do meu temperamento. Mas, dá-me um sentimento consolado e doce, que é a única forma da minha alegria...

À tarde, visitas de Lincoln Néri, diretor do semanário O CRUZEIRO, que me vem pedir uma entrevista sôbre o modo por que escrevi as "Memórias", e do médico radiologista Dr. Miguel Mota, autor de dois romances publicados com o pseudônimo de Arnaldo Tabaiá, o qual me vem oferecer os seus serviços, gratuitos, e os de um especialista alemão, seu companheiro de consultório, que desejam tratar-me da hipófise.

Palavras boas e amigas. Interêsse por mim, pela minha saúde, pelo meu destino. E eu, calado, me sinto quase feliz...

*Quarta-feira, 12 de janeiro:*

Na Academia. Detenho-me na Secretaria a subscritar uma carta, quando passa por mim Alberto de Oliveira, que abandona a sessão e parece retirar-se apressadamente, a fim de tomar o seu trem de Petrópolis. Meia hora depois, terminada a sessão, estamos alguns acadêmicos no mictório da casa, quando alguém se queixa de um cavalheiro que se acha fechado no W. C. e que

parece ter morrido lá dentro. A essas palavras, a porta do "reservado" se abre, e aparece, com as calças nas mãos, a alta figura de Alberto de Oliveira, que, para maior comicidade do quadro, está sem dentadura, a bôca murcha, o rosto encovado.

— Que é isso, Alberto? — exclama Coelho Neto, encostado ao aparelho de louça, onde desafoga a bexiga.

E o grande parnasiano:

— Foi leitoa com farofa... Leitoa assada, e com muita pimenta... Deixou-me neste estado!...

— Homem feliz! — exclama Coelho Neto, com inveja.

E abotoando a braguilha:

— Quem me dera licença para uma leitoa assada, mesmo com os riscos de uma dor de barriga! Eu daria mesmo duas dores de barriga por uma leitoa com pimenta!...

*Sexta-feira, 13 de janeiro:*

Dia interessante, pela benignidade das surprêsas, o de hoje. Têrça-feira última, havia o gerente do "Diário Carioca" me comunicado que Macedo Soares (José Eduardo) desejava conversar comigo, e pedia que lhe telefonasse, para marcarmos um encontro. Hoje, pela manhã, telefonei, e êle, após uma porção de palavras lisonjeiras sôbre o meu último livro, do qual já adquiriu três exemplares para obsequiar amigos, me informa:

— Sabes que estamos te preparando uma viagem para cuidares da tua saúde e conheceres um pedaço do mundo?

— Viagem?... Para mim?

— Sim. O Osvaldo (Osvaldo Aranha) está interessado nisso... Deves mandar-lhe um livro, embora êle já o tenha lido... Estamos tratando de mandar-te à Europa, comissionado pelo Instituto do Café... Irás com bastante dinheiro... A coisa está quase resolvida, e um dia dêstes eu te telefonarei para te dar conhecimento de tudo...

Agradeço-lhe a lembrança, dizendo que jamais alimentara a idéia de uma viagem em tais condições, e, à tarde, vou ao Departamento Nacional do Ensino, cujo nome atual é Diretoria-Geral de Educação, cumprimentar, como inspetor de ensino secundário, o Capitão Dulcídio Cardoso, empossado há dois dias. Êste me recebe com demonstrações especiais de carinho, manda esperar pessoas chegadas antes de mim, e, fazendo-me sentar a seu lado em um canto do sofá, conta-me o seu programa e as condições que impôs ao Chefe do Govêrno Provisório quando êste lhe ofereceu o cargo de que se acha investido. Traz para essas funções um

plano cuidadosamente estudado, de que me expõe as linhas principais.

— É idéia minha dar maior desenvolvimento às diretorias já existentes, e criar outra, de grande eficiência.

E em voz baixa, para burlar a curiosidade dos que acompanham de longe a nossa palestra:

— Nessa terceira diretoria, eu desejo a sua colaboração. Quero que o senhor venha para êste Departamento, ajudar-me, certo de que terei com isso enorme contentamento. É preciso que o senhor deixe êsse trabalho de inspetor, por funções mais de acôrdo com a sua cultura e com a sua capacidade.

Mostro-me agradecido, ponho-me à sua disposição, e passamos a conversar sôbre assuntos que se relacionam com o ensino, verificando que estamos, os dois, de acôrdo em vários pontos, especialmente na necessidade de opor um dique à maré montante do doutorismo, que inutiliza nas profissões intelectuais milhares de brasileiros, que se tornariam mais eficientes, auxiliando a economia nacional, se não fôssem nem médicos, nem engenheiros, nem bacharéis.

O novo diretor-geral da Educação vem deixar-me à porta do gabinete, e eu me retiro tranqüilo da minha vida, e tranqüilo com o meu destino, que me oferece dois empregos no mesmo dia, quando milhares de homens de melhor estirpe andam de Ministério em Ministério o ano inteiro, e não encontram nenhum.

*Sábado, 14 de janeiro:*

Espetáculo fantástico, e evocativo, êste, que me oferecem, ao anoitecer, as montanhas que se divisam das janelas do andar em que moro. Semeadas de habitações, essas montanhas ficam, aos meus olhos doentes, estampadas no céu, como uma extensa barra de cartão pregada no horizonte. Pouco a pouco as residências alpestres se vão iluminando. Pontos de fogo aparecem aqui e ali. E como o perfil das casas se dissipa, deixando ùnicamente as pequenas manchas luminosas, a impressão que tenho é que a montanha é ôca, e se acha tôda iluminada por dentro, deixando escapar pelos orifícios os raios vivos de uma abundante iluminação interior.

E vem-me à lembrança uma longínqua emoção da meninice. Em Parnaíba, eu costumava, às vêzes, fazer grandes montes de areia molhada, que perfurava em seguida, em várias direções. Feito isso, introduzia na montanha liliputiana um pedaço de papel, chegava-lhe fogo, e logo as furnas miúdas se acendiam, abrin-

do olhos ardentes e chamejantes na escuridão. Não raro, fazia em cima, também, um pequeno buraco, pelo qual a fumaça se escapava, transformando a montanha em vulcão.

Os morros cariocas que me rodeiam não têm, como os meus, o orifício em cima. Às vêzes, porém, vem a bruma, e pousa-lhes no cocuruto. E, sôbre a montanha fulgurante de olhos, fica o penacho...

*Quinta-feira, 19 de janeiro:*

Na Academia, onde chego atrasado e não tenho tempo de assistir à sessão, Fernando Magalhães, que se retira, toma-me pelo braço e, arrastando-me para um canto de janela, aperta-me fortemente contra o coração.

— É admirável o teu livro, — diz. — Escreveste uma das maiores obras dos últimos tempos, no Brasil. E que documento para orientação da mocidade brasileira! Que obra de educação, em todos os sentidos!... Li-o seguidamente; minha filha o leu comigo, e quem o está lendo agora é minha mulher. E ela está encantada!

Austregésilo aproxima-se:

— Eu ainda não o li porque êste safado ainda não me deu. Mas, vou lê-lo em viagem... Tenho ouvido dizer, porém, que é um grande livro.

— Um "livrão", como disse o Medeiros, — insiste Fernando.

— Superior ao "Petit Pierre", de Anatole? — indaga Austregésilo.

E Fernando, em tom convicto:

— Eu acho. Tem mais emoção.

Retiro-me, atrapalhado. Na sala dos chapéus, o costumado ramo de flôres de Celina Napalèse, a romântica. Desta vez, porém, é um delicadíssimo punhado de catléias brasileiras, de um roxo úmido e sensual, com pétalas longas que parecem feitas de carne. E uma carta. Carta de mulher desconhecida, mas que assina o seu recado amigo. Diz ela que, há poucos dias, uma das suas amigas lhe prometeu um relógio. Passando, porém, por um mostruário de livraria, viu ali um livro meu, as "Memórias". Sendo pobre, não pôde comprá-lo. Falou, todavia, do assunto, à amiga. No dia seguinte esta lhe perguntou o que preferia. O relógio ou o livro. E ela preferiu o livro!

Preferiu-o e, terminada a leitura, vinha, comovida, exprimir a sua "simpatia enternecida" pelo espírito que escrevera aquelas

páginas... "A amiga, — diz, — agradeci comovida a lembrança; e você, queira permitir que eu beije espiritualmente a sua alma linda..." E assina: Cordélia Tavares, Edifício Sousa, 5.º andar, 502.

Estou, parece, para ficar sem olhos, como o Rei Lear. E terei eu, também, como êle, a afeição filial de uma Cordélia shakespeariana?

*Segunda-feira, 23 de janeiro:*

A caminho da cidade, passo ràpidamente na Academia. Na sala das sessões, fresca e deserta, encontro Olegário Mariano em mangas de camisa, grudando sonetos em amplas fôlhas de papel, originais de uma antologia lírica encomendada pela Editôra Guanabara, estabelecimento mantido por dois judeus russos que fizeram fortuna vendendo mercadorias na rua, a prestações. Os judeus, colaboradores da obra, estão a seu lado, um com o pincel de goma, outro com a tesoura, ajudando-o. Ao ver-me, o poeta exclama:

— Ah! eu tenho uma coisa para te contar... Foi o João Alberto (Chefe de Polícia) quem me contou, para te dizer... O João foi sábado a Petrópolis, conferenciar com o Getúlio (Presidente da República). E encontrou-o estirado numa espreguiçadeira, lendo as tuas "Memórias"! Estava agarrado mesmo!

Agradeço-lhe a informação com um sorriso, e saio. No terraço de entrada, um pé de abóboras que subiu de um terreno baldio. apresenta algumas flores amarelas, que começam a murchar. Imagino para mim uma grande e mole coroa de flôres de abóbora, e exclamo, de mim, para mim:

— Imortalidade, és minha!

*Quarta-feira, 25 de janeiro:*

Meu editor, M. Sobrinho, da Marisa Editôra, comunica-me achar-se inteiramente esgotada a 1.ª edição das "Memórias", e propõe-me uma segunda, de 2.200 exemplares, como a anterior. Tenho, todavia, de fazer a revisão novamente, pois que a composição foi tôda desfeita pela oficina, que precisava do chumbo.

Aceito o negócio. A 1.ª edição rendeu-me apenas 2.000$000, dos quais recebi apenas 1.000$000, devendo receber o outro no fim de fevereiro. Isso, e mais cem exemplares do livro, para propaganda.

E há autores que ainda me dizem:

— Você fêz um belo negócio!

*Sábado, 28 de janeiro:*

A Academia Brasileira de Letras possui dois membros honorários verdadeiramente interessantes. São dois cavalheiros idosos e de fortuna que comparecem à sua sede em todos os dias de sessão, põem os chapéus onde nós pomos os nossos, tomam chá à nossa mesa, entram e saem como nós próprios, marcam encontros ali, gozam, em suma, de tôdas as regalias, exceto a de receber a cédula de presença e a de tomar parte nas votações.

Um dêles é um sexagenário de cara comprida e escanhoada, cabelo branco e em pé, que lhe faz da cabeça uma alfineteira. Andar pesado, com os pés arrastando, as pontas do jaquetão cinzento e surrado pesando para diante, é um antigo e conceituado comerciante de café, e que escreveu um volume de algumas centenas de páginas sôbre esta rubiácea. Chama-se Augusto Ramos, e gozou de grande consideração no mundo dos negócios. O outro é um capitalista italiano que fêz fortuna no Brasil, e que é, hoje, conhecido universalmente em conseqüência de uma tragédia ocorrida em sua família. É o Comendador Francisco Canela, sogro do "desmemoriado de Colegno", e cuja filha é brasileira.

Êste apareceu na Academia mais ou menos há dois anos, pela mão de Laudelino Freire, que lhe prometeu a solidariedade da Academia, na sua crise doméstica. Os acadêmicos assinaram uma expressiva moção de solidariedade à filha de Canela, declarando reconhecer, aqui de longe, que o homem com quem ela hoje vive é seu marido desaparecido na guerra, e Canela, agradecido, nunca mais deixou de comparecer ao "Petit-Trianon". Tôdas as quintas-feiras lá está êle. Chega às vêzes debaixo de chuva, discute os casos acadêmicos, e fica na sala de espera, até que a sessão termine. Depois, retira-se com os membros da casa, com uma familiaridade como se a ela pertencesse.

O Dr. Augusto Ramos é freqüentador ainda mais antigo, e mais constante. Anda pela casa tôda, calado. Faz parte de tôdas as rodas. Toma chá. Sobe no elevador. Desce. E tem o seu chapéu na sala dos acadêmicos. No meio da semana aparece duas, três vêzes, a fim de tomar café. Em seguida, vai embora. Surgiu êle pela mão de Afrânio Peixoto. Depois, passou a aparecer sòzinho Não falta nunca, e de tal forma que, quando não aparece à hora de costume, alguns acadêmicos indagam, como se se tratasse de colegas:

— O Dr. Augusto Ramos está doente?

Certa vez, vendo-o sempre chegar em companhia de Afrânio Peixoto, perguntei a êste que ligação era aquela. E Afrânio respondeu-me:

— Não sei, filho. Êste homem, que é uma figura respeitabilíssima, telefonou-me dizendo que desejava me falar. Marquei-lhe um encontro na cidade, e viemos juntos para a Academia. Na quinta-feira seguinte, foi esperar-me na esquina. E nunca mais me deixou. Vem comigo, sai comigo. À despedida, diz-me sempre: "Tenho a dizer-lhe uma coisa, mas fica para outra vez..." E já lá se vão três anos, e eu não sei o que o Dr. Ramos quer de mim, e muito menos da Academia!...

O certo é que êsses dois acadêmicos honorários são infalíveis às quintas-feiras. E eu estou quase certo que, quando algum dêles morrer, a Academia abrirá as inscrições para preenchimento da vaga...

## FEVEREIRO

*Quarta-feira, 1 de fevereiro*:

Recebo de São Paulo um artigo sôbre as "Memórias", assinado por Mota Filho e ali publicado a 29 de janeiro, na "Fôlha da Manhã".

> "Em nossa literatura — diz êle, — temos grandes estilistas. Muitos dêles foram descuidados na gramática, como Nabuco, como Euclides da Cunha, como José de Alencar. Foram todos estilistas, porém, porque, como o Sr. Humberto de Campos, souberam transmitir com fidelidade e clareza o que havia de fôrça universal e humana nas suas personalidades. Mas o Sr. Humberto de Campos não pertence a êsse número de escritores, porque, além de estilista, é, como Gonçalves Dias e Machado de Assis, como Rui Barbosa e Coelho Neto, um escritor corretíssimo. A sua obra é cuidadosamente bem disposta. Tôdas as vírgulas estão pacientemente em seu lugar, e todos os problemas gramaticais assim perfeitamente resolvidos". "Memórias" — acrescenta, — formam um dos livros mais humanos escritos no Brasil. Tem a humanidade das "Memórias Póstumas de Brás Cubas", sem a perversidade que esta obra contém. Machado de Assis foi humanamente perverso. O Sr. Humberto de Campos ficou só na humanidade".

E compara-me a Rousseau, a Cellini, e a Anatole, na coragem vitoriosa com que realizei essa obra de autodissecação, que considera

"um grande e nobre livro, que ainda se torna maior e mais nobre nesta época de futilidade literária e de imenso e intenso desequilíbrio cultural", e que é "escrito em um estilo claro e harmonioso, sem quedas nem exaltações, mantendo sempre a mesma superioridade, a mesma intensidade emocional, a mesma fôrça de sinceridade".

*Quinta-feira, 2 de fevereiro:*

Minha mãe completa hoje setenta e um anos. Embora magoado pelo modo por que me tratou a propósito das minhas "Memórias", cuja publicação proibiu para não desgostar os parentes, mandei-lhe um telegrama com um abraço comovido e 100$000, por intermédio do Banco do Brasil.

* * *

Há mais de um mês venho faltando, propositalmente, às reuniões da Comissão de Gramática, da Academia, tendo, já, por duas vêzes, apresentado verbalmente a Afonso Celso, seu presidente, a minha renúncia. Hoje, resolvi renunciar por escrito, e enviei uma carta, com palavras de despedida, reiterando as declarações anteriores e dando como definitivo e irrevogável o meu afastamento. Ao chegar à Academia, um pouco mais tarde, estou a tomar o meu chá quando Afonso Celso se ergue da cabeceira da mesa em que preside a Comissão, e vai à minha procura.

— Recebi a sua carta, — diz-me, sentando-se a meu lado; — e li-a à Comissão. E ela, unânimemente, resolveu não tomar conhecimento da sua renúncia. A sua enfermidade e as suas ocupações não serão motivo para isso. O João Ribeiro, o Laudelino e o Ramiz farão a sua parte. O senhor, depois, lerá a obra em conjunto e fará as alterações que achar conveniente. O essencial é que seu nome figure na Comissão. A obra terá maior autoridade com a sua assinatura, pois o senhor não ignora o que é, hoje, a sua nomeada como escritor perfeito e elegante.

Sorrio, e insisto. Afonso Celso mostra-se, porém, de tal maneira irredutível, que me conformo, embora constrangidamente. Porque, na verdade, o meu afastamento não é determinado pela doença, nem a insistência da Comissão é baseada na minha suposta autoridade como homem de letras. Mentimos, ela e eu.

A minha resolução foi, de fato, determinada pelo caráter comercial de qualquer atividade de Laudelino Freire, cuja nomeada e cuja fortuna têm sido feitas com o trabalho alheio. Êle é

como aquelas formigas de Fabre, que deixam que a cigarra faça o orifício no caule verde, do qual dimane o líquido suculento, e que a escorraçam depois, tomando conta do manancial. Trabalhar com êle é segurar a cabra pelo chifre enquanto êle se apossa do leite. E a prova está, ainda agora, no "Vocabulário" da nova ortografia, feito em grande parte por Medeiros e Albuquerque e por mim, e para o qual Laudelino conseguiu um editor, que é êle mesmo, o qual se está apossando integralmente de todo o produto. A Gramática da Academia terá, fatalmente, o mesmo destino. E não quero trabalhar mais para encher as algibeiras de um argentário, que não tem, sequer, para ser desculpado, nem talento nem cultura.

Quanto à mentira da Comissão, é tão sensível, aos meus olhos, quanto a minha própria. A idéia da minha conservação entre os seus membros deve ter partido de Laudelino. Êste sabe que eu sou, na Academia, um dos poucos homens perigosos e que podem perturbar os seus planos comerciais, não pelo talento, mas pela atividade na imprensa e pela influência exercida sôbre alguns jornais. Eu poderia comprometer o destino da Gramática, depois que êle começasse a explorá-la comercialmente; e, como um dos seus autores, ficarei incapacitado para essa campanha. Eu estou vendo os pulos do gato. Simulo acreditar que êle me está divertindo. Mas vejo, sem lhe dar a perceber, que o que êle quer é o queijo...

*Sexta-feira, 3 de fevereiro:*

O defeito da minha visão não é causa, apenas, para mim, de inquietações e tristezas: dá-me, também, às vêzes, impressões suaves e deleitosas. E uma destas é o espetáculo que me fornece tôdas as noites o compacto das montanhas que conduzem ao Corcovado, visto do quarto andar em que moro, no Flamengo.

Na encosta dos montes, e na planície formada pelo bairro das Laranjeiras, suspendem-se habitações elegantes e erguem-se alguns arranha-céus. À noite, as habitações se iluminam, e as janelas dos altos edifícios se transformam em quadriláteros de luz. Na escuridão, o corpo das edificações desaparece para deixar, apenas, desenhado no horizonte, o largo perfil das montanhas. E a impressão que tenho, com os meus olhos que se apagam, é que a montanha é ôca, e se acha tôda iluminada por dentro, e que a claridade extravasa por uma infinidade de orifícios abertos na parede.

Vem-me, então, à lembrança, um dos meus brinquedos prediletos, nos meus tempos de criança. Com a areia molhada pelas chuvas, eu fazia, à noite, à porta da nossa casa, um grande monte, que cavava por dentro, introduzindo cuidadosamente a mão. Em seguida, cavava subterrâneos, para os quais abria, também, respiradouros à flor da terra. Terminada a obra, introduzia no bôjo do edifício um pedaço de jornal, ao qual ateava fogo, e ficava de longe a olhar o aspecto feérico da construção e, em particular, aquêles olhos de fogo abertos na escuridão.

E é porque me lembro sempre dos meus imaginosos brinquedos de menino pobre, que me quedo contemplativo, à noite, quando se apagam os últimos vestígios do sol e se vão acendendo os buracos da montanha com as portas das casas alpestres e as janelas quadradas dos grandes arranha-céus...

* * *

De Belo Horizonte recebo um exemplar do "Estado de Minas", de 29 de janeiro último, em que Jaime de Barros, escritor fluminense, autor de alguns romances e ensaios, publica, sob o título "Uma vida heróica", um longo artigo sôbre as "Memórias".

> "Não há na literatura brasileira, — escreve, — livro autobiográfico tão sincero, profundo e corajoso, como estas "Memórias", cuja primeira edição, de alguns milhares, um público faminto devorou vorazmente em poucos dias, determinando, já, o lançamento de uma segunda tiragem".

Jaime de Barros analisa, em seguida, os livros brasileiros congêneres, de Joaquim Nabuco e Graça Aranha, assinalando que êstes se perfilaram diante do espelho, escolhendo atitudes para penetrar na imortalidade. E observa que a própria Natureza os favoreceu, fazendo-os, a ambos, fisicamente belos, e aplainando-lhes o caminho da vida. O contrário, precisamente, do que se deu comigo. Analisa com simpatia e grandes louvores diversos capítulos, e conclui:

> "Ao voltar a última página do primeiro tomo das "Memórias", em que Humberto de Campos passa do século XIX ao século XX dando o balanço em mercadorias, diante dos vastos bigodes lusitanos do seu patrão, o Sr. Dias de Matos, fica-se a pensar como teria surgido mais tarde o escritor que é agora o maior orgulho das nossas letras".

*Sábado, 4 de fevereiro:*

Homenagem carinhosa, a que me foi prestada hoje pela revista semanal O CRUZEIRO, de que fui, durante alguns anos, colaborador. A propósito das "Memórias", consagrou-me êsse semanário uma página dupla, com fotografias e palavras de afetuosa simpatia, que realmente me comoveram. Nessas duas páginas apresenta êle dois aspectos da minha biblioteca, uma reprodução dos originais das "Memórias", outra de uma das fôlhas do livro, e um retrato meu; e, ainda, um estudo sôbre a minha atividade literária, no qual me considera, generosamente, o escritor mais em evidência nas letras brasileiras, na hora presente, e a figura mais eminente da Academia.

Eu leio e olho tudo isso, e me pergunto a mim mesmo:

— Êsses meus amigos estarão, mesmo, convencidos do que escrevem? E os que os lêem acreditarão nêles?

E abanando a cabeça:

— Eu, pelo menos, não acredito...

*Domingo, 12 de fevereiro:*

Esta madrugada, por volta das duas horas, minha filha veio bater à porta do nosso quarto, para acordar minha mulher:

— Mamãe!... Mamãe!... Venha ver titia. Ela está com alguma coisa.

Minha mulher levanta-se, e vai ao quarto contíguo, onde dormem minha filha e uma das irmãs de minha sogra, que vive conosco há vinte anos. É uma solteirona de 62 anos, de cabeça quase tôda branca, tipo moreno e magro, que errava nestes últimos tempos pelos corredores do andar em que moramos, atacada de insuficiência mental, à semelhança da irmã, falecida há um ano.

Minutos depois minha mulher vem buscar-me:

— Venha ver... Cecília está com alguma coisa de grave... Não seria bom chamar um médico?

Penetro no quarto. Na cama de solteiro, ao lado da minha filha, a sexagenária se acha estendida, coberta por um lençol branco e amarrotado. Os olhos fechados, a bôca cerrada. Não emite nenhum gemido mas, de vez em quando, se agita com violência, repuxando o lençol e o camisão de morim, como tentando desnudar-se. Minha mulher, ao lado, recompõe-lhe as roupas, ralhando brandamente com ela, que a não escuta. Nos movimentos desordenados e intermitentes, deixa à mostra os pés magros

e nus, e as pernas, em que se multiplicam cicatrizes de feridas e dartros, que aí deixaram manchas escuras e escamosas.

— Quando eu entrei no quarto para deitar-me, — explica-nos minha filha, — ela já estava dormindo. Estranhei, porque ela sempre dorme depois de mim. Deitei-me, e dormi. E quando acordei, ela estava quase fora da cama, tendo eu despertado, mesmo, com a pancada que ela me deu com a mão, numa dessas agitações... Chamei por ela e, como não acordasse, acendi a lâmpada e fui chamar vocês. .

Minha mulher tenta reanimar a enfêrma, pondo-lhe à bôca, através dos dentes cerrados, algumas colheradas de café quente. O líquido gorgoleja-lhe na garganta, mas a doente se agita, estrebucha, e o café extravasa-lhe pelo canto da bôca fechada... Os dentes, sadios ainda, surgem, às vêzes, por entre os lábios finos e murchos. O cabelo branco, e cortado junto ao pescoço, espalha-se pelo travesseiro baixo. E eu contemplo, de pé, aquêle conflito entre a Vida e a Morte.

Aquêle quadro tem alguma coisa de satânico. Na sua inconsciência, aquêle corpo me aparece como tomado por demônios invisíveis. A agonia daquela velhice virgem é todo um poema de pecado. Nas suas convulsões, empinando o ventre magro e infecundo, atirando as pernas para os lados, repuxando as roupas numa contínua ânsia de desnudamento, sacudindo a cabeça branca, rilhando os dentes que jamais, parece, conheceram beijo de homem, aquela anciã dá a idéia de uma bacante velha ferida de desejos tardíos e doidos, ou de uma feiticeira medieval que se entregasse a amôres infernais em sonhos malditos e delirantes. Há em tudo aquilo um traço tão fundo de lubricidade, de luxúria fúnebre, que enche a alma de pena, de repugnância, e de terror.

À mesa de cabeceira há uma indicação para o diagnóstico: achando-se esta parenta de minha mulher a apresentar, ùltimamente, fenômenos de confusão mental, trouxe-lhe eu, anteontem, para submetê-la a um exame, Antônio Austregésilo, que lhe receitou, entre outros medicamentos, um tubo de "Beladonal", destinado a combater a insônia de que ela se queixa. O tubo está à mesa de cabeceira, faltando cinco cápsulas. Tendo tomado nas noites anteriores duas cápsulas, uma cada noite, está visto que tomou pelo menos três, hoje, antes de deitar-se. Está, evidentemente, sob o efeito do narcótico.

— Se chamar o médico, — obtempero, respondendo à minha mulher, — êle passará uma receita e não haverá a esta hora farmácia em que se a mande aviar. Não acha melhor chamar a Assistência? A Assistência traz o médico e o medicamento.

Ela concorda, contanto que o carro não alarme a rua nem desperte os demais moradores do hotel. Vou ao telefone, peço êsse socorro municipal, e que o carro penetre na rua sem vibrar as campainhas de alarma. E minutos depois recebo no alto do elevador um médico e um enfermeiro, que atravessam o longo corredor nas pontas dos pés. Fora, a noite corre quieta, e mansa. As estrêlas brincam no firmamento parado, aproveitando a ausência da lua e o sono confiante dos homens.

Na quarto, examinada a doente, e ministradas por nós as informações indispensáveis, o médico volta-se para mim:

— De acôrdo com a praxe, — diz-me, — eu ponho à disposição do doutor os medicamentos que trouxe, e, se preciso, estou pronto para auxiliá-lo.

— Mas... por quê? O doutor não pode prestar os seus serviços nesse caso?

— Poder, posso; mas é que é costume nosso, quando se trata de colega, nos pormos às suas ordens.

— Colega?

— Sim; o doutor não é médico?

Sorrio e contesto.

— Pois, olhe, eu supus que o doutor fôsse médico. O senhor tem escrito tantas vêzes sôbre os médicos e sôbre a medicina que eu estava certo de que era meu colega.

E tirando o paletó, e arregaçando as mangas da camisa, dá início ao seu sacerdócio. Examina a pupila, o pulso, o coração. Evidentemente, é uma intoxicação. Mas não pode ser causada pelas três ou quatro cápsulas de "Beladonal". Aplica uma injeção de cafeína, e mais outra. Enquanto isso, a enfêrma piora. O rosto torna-se congestionado, inchado, e escuro. Debruçado sôbre o leito, o médico acompanha a evolução dos sintomas. Êstes se acham em desacôrdo com a sua expectativa, formada com os elementos que lhe fornecemos. As convulsões desapareceram, mas a situação é mais grave. Convém lavar o estômago, para examinar as possibilidades de um envenenamento... Sobem os aparelhos. Faz-se a lavagem do estômago, que se acha vazio: vem apenas água limpa... Mas a doente continua a ficar escura, o rosto cada vez mais congestionado.

— Temos que prevenir com a sangria... — observa o médico.

Faz-se a sangria, no braço. Extrai-se mais de um copo de sangue: sangue grosso, escuro. Dá-se o descongestionamento. A doente tenta falar, mas não articula palavra, ininteligível. É a vida que volta. A medicina oficial cumpriu o seu ofício. São qua-

tro e meia da manhã, e ela prepara-se para partir. Há uma vida salva. E no silêncio da noite, sem alarde, sem escândalo, como sombra leve e benfazeja que velasse pelo sono da cidade...

* * *

Enquanto a Ciência lutava, esta madrugada, para salvar uma vida na minha casa, eu extraía da Medicina informações que interessam à Literatura.

Osman Portela, chama-se o amável médico desta noite. Estatura abaixo de mediana, moreno pálido, rosto escanhoado, calva adiantadíssima. Simpatia mansa e doce. Cultura cuidada e que não vem à janela senão a pedido de quem passa na rua. Um moço, em suma, destinado a fazer a sua carreira na vida e na classe. Conversamos, e êle, dando tempo à ação dos medicamentos empregados, conversa, após algumas amabilidades e cortesias.

— A minha profissão e o meu emprêgo — diz-me, — têm me dado a honra, nestes dois últimos anos, de socorrer alguns colegas do senhor, membros da Academia... O último ainda foi o Dr. Medeiros e Albuquerque...

— Ah! foi o Doutor que o socorreu a última vez que êle estêve mal?

— Sim, senhor. E supus não o pudéssemos salvar... Pouco depois da Assistência chegou, também, à casa dêle, o Dr. Clementino Fraga... Era alta noite, e o caso era gravíssimo...

— Angina péctoris...

— Não, senhor; edema pulmonar... Outro que eu socorri foi o Dr. Graça Aranha. Também um caso de edema, e alta noite.

— O caso do Graça foi, porém, fatal...

— Não, senhor. Dessa vez em que o socorri, consegui debelar a crise.

— O Graça teve, então, mais de um ataque de edema? — indago.

— Teve, sim, senhor. O ataque que o fulminou ocorreu alguns meses depois dêsse em que o socorri. E é possível que tenha tido outro. O que posso assegurar é que o Dr. Graça Aranha teve mais de um ataque de edema do pulmão. Êle não foi, absolutamente, como li em alguns jornais, surpreendido pela enfermidade que o vitimou...

Dei um livro meu a êsse meu amigo de uma noite. E o seu carro de socorro partiu, antes que a Manhã chegasse no seu côche de ouro, de colchas de púrpura.

*Segunda-feira, 13 de fevereiro:*

Cêrca das 11 horas, hoje pela manhã, comunicam-me a morte de Constâncio Alves, ocorrida pela madrugada. Constâncio estava lendo no seu gabinete, quando, de repente, se ergueu, e tombou morto. Chamaram a Assistência Pública. Mas inùtilmente. Quando esta chegou, encontrou um cadáver.

E logo me vem à imaginação o vulto humilde do jornalista morto, a figura silenciosa e quase ridícula do acadêmico desaparecido, tal como a encontrava às vêzes na rua e a via, infalìvelmente, às quintas-feiras, em nossas reuniões da Academia: pequeno, trajando o seu antiquíssimo e invariável fraque prêto, um maço de jornais amarrotados debaixo do braço, as costas ligeiramente curvas, a cabeça estendida para diante como a das tartarugas que espreitam, a marchar lentamente, a arrastar imperceptìvelmente os pés, sem fazer o mais ligeiro ruído, como as sombras que se estampam nos muros abandonados. Surdo em extremo, trazia os olhos à flor do rosto, arregalados, como se quisesse "ver" os rumores na imensa treva do silêncio circunjacente. A cabeça pequena, em que o cabelo ligeiramente grisalho, e duro, que ignorava o pente, vinha estender um beiral no meio da testa, era uma obra de arte de desleixo humano. Sôbre a bôca de sapo esmagado, o bigode chinês tombando murcho como enfeite desencantado do rosto miúdo e murcho, retalhado de rugas. E na rua, como complemento de tudo isso, o chapéu côco raramente visitado pela escôva, e o guarda-chuva de cabo torcido, molemente pendurado no braço. Um pequeno boneco, em suma, com um resto de corda para um resto de marcha, e que deslizava encostado às paredes, como se fugisse, intimidado, à pressa furiosa da cidade.

E, no entanto, um escritor elegante, um humorista fino e sutil, um estilista inutilizado, pode-se dizer, pelo espírito anacrônico do jornal em que escrevia.

* * *

Ao meio-dia, telefonema de Félix Pacheco, que me comunica, também, o falecimento de Constâncio Alves. Félix conclui:

— Humberto, você quer ficar no lugar do Constâncio, como cronista do "Jornal do Comércio"?

Espanto-me com a lembrança. Posso responder imediatamente, aceitando. Mas peço prazo para refletir. Responderei mais tarde.

Despeço-me de Félix, e ponho-me a pensar. Abandonarei o "Brasil-Médico", que me paga 50$000 por semana, e onde faço uma página de cópia e traduções. E ficarei com o "Jornal do Comércio", que deve pagar bem. Talvez 150$000 por crônica; 100$000 pelo menos.

À noite, comunico a Félix que estou inclinado a aceitar. Êle mostra-se satisfeito, conversa um pouco, e conclui:

— Você sabe as condições do Constâncio; não?

— Não.

— Cinqüenta mil réis por crônica; uma crônica por semana.

Sinto-me cair das nuvens.

— Não é pouco, Félix?

— É quanto o Constâncio ganhava, e fazia a crônica semanal há 36 anos. Ùltimamente êle vinha reclamando; mas o "Jornal" não pode pagar mais...

Sinto revolta, e nojo. E pena de Constâncio Alves. Explorado há quase meio século, passando miséria, para que Félix Pacheco e Oscar Costa, donos do "Jornal", vivam em dois palácios, possuam chácaras de recreio e tenham três ou quatro automóveis de luxo, e nunca o metessem nesses automóveis porque êle vivia sujo, destratado, e andando a bonde, gemendo pelas ruas!...

Pobre Constâncio!... Quem te vingará, meu irmão?

*Têrça-feira, 14 de fevereiro:*

Noticiando o falecimento de Constâncio Alves, o "Jornal do Comércio" tece-lhe os mais vivos louvores, achando que êle, se nascesse em França e tivesse escrito em francês, seria, hoje, um nome universal, pois que teria se pôsto em relêvo nas páginas do "Fígaro" ou do "Journal des Débats". E assinala a pobreza em que morreu o cronista ilustre, a quase miséria em que decorria a sua existência. Um abajur velho sôbre uma velha mesa, numa pequena e pobre casa de "vila".

Não disse, porém, por modéstia, que essa miséria fôra motivada pelo "Jornal do Comércio", que o explorara desumanamente durante 36 anos!...

*Quarta-feira, 15 de fevereiro:*

É pôsto à venda o meu livro "Poesias Completas", pela Renascença Editôra. Notícia carinhosa, enfeitada de altos louvores, no "Diário Carioca". Volume sólido, com 352 páginas. Bom aspecto.

Interessante carta, autógrafa, de Osvaldo Aranha, Ministro da Fazenda, agradecendo o exemplar das "Memórias", que lhe mandei, a pedido de Macedo Soares. "Seu livro foi uma coisa boa nesta minha vida má", — começa êle. E adiante: "A sua dádiva, com palavras tão generosas, foi uma árvore, com sombra e com frutos, na hora da canícula e no vão áspero da estrada".

Se os políticos de Revolução soubessem que há entre êles um homem com imaginação, êste ficaria, amanhã mesmo, sem a pasta.

*Quinta-feira, 16 de fevereiro:*

Na Academia, Félix Pacheco lê um extenso elogio de Constâncio Alves, e pede a transcrição, em nossa revista, do artigo que escrevi sôbre o morto no "Diário Carioca". O discurso de Félix terminava comunicando à casa que eu ia assumir o pôsto de Constâncio no "Jornal do Comércio". A minha recusa, momentos antes, fê-lo, porém, saltar, na leitura, segundo me disse, o trecho que se referia ao assunto.

Fernando Magalhães aproximou-se de mim:

— Que é que você acha da candidatura do Epitácio à vaga do Constâncio?

— Muito boa; mas eu só votarei nêle se não se apresentar um legítimo homem de letras.

— Bom, mas êle só se apresentará contando antecipadamente com a vitória.

E para Augusto de Lima, que se aproximava de nós:

— É idéia do Gustavo... Êle me pediu para sondar a opinião dos companheiros, e é o que eu estou fazendo.

Augusto sorri:

— Se o Epitácio vier para cá, será para atacar a memória do Pedro Lessa...

* * *

Na sala do café, Cláudio de Sousa estende-me as duas mãos, ao sair do elevador:

— Parabéns!

— Por quê?

— Pelo sucesso do livro... No trem de Petrópolis, hoje, no carro em que eu vinha, viajavam três pessoas lendo as "Memórias"...

Eu leio, porém, nos seus olhos, o desejo de que tivesse acontecido o contrário, isto é, que ninguém comprasse o meu livro...

*Sábado, 18 de fevereiro:*

Agora à noite, minha mulher preparou-se para acompanhar minha filha a um baile a fantasia no "Esplêndido Hotel". Vestido negro, meia "toilette". E assim vestida, acho-a linda, apesar dos seus trinta e sete anos, e sinto no coração um fio de despeito fino e fundo, como deve ser o dos amantes velhos das atrizes novas, ao vê-las preparadas no camarim para se exibirem no palco e receberem os aplausos dos admiradores anônimos.

Neste carnaval, tenho-lhe dado o que ela me pede e eu lhe posso dar Não tenho mais, parece, alma e coração de marido. Tenho-os, para ela, de pai. Mais ainda: tenho-os de avô...

Como é bom e, ao mesmo tempo, como é triste, renunciar!...

*Têrça-feira, 21 de fevereiro:*

Sob o título "Um homem público", escrevo no "Diário Carioca" de hoje um artigo sôbre o Comandante José Maria Magalhães de Almeida, chefe da política maranhense, e o mais dedicado dos meus amigos. Nesse artigo dou por encerrada a minha carreira política, declarando que não alimento mais qualquer ambição nesse terreno, nem desejo tornar ao Congresso, com as eleições para a Constituinte.

Magalhães de Almeida me tem dito, reiteradamente que um dos seus candidatos às próximas eleições sou eu, e que a cassação dos meus direitos políticos constitui caso secundário, pois o decreto que trata do assunto deixou margem para suspensão dêsse anátema quando dispõe que o chefe do Govêrno Provisório pode relevar a pena quando se trate de cidadãos que tenham prestado serviços à Nova República. E essa Nova República já me utilizou duas vêzes, nomeando-me inspetor do ensino secundário e enviando-me ao Uruguai como representante intelectual do Brasil. Para mim, porém, o regresso à política neste momento seria o maior dos desastres. A Constituinte, se chegar a reunir-se, será uma assembléia de soldados, em que dominará o espírito militar, com tôdas as suas violências. Eleito, eu teria, ou de pactuar com êsse espírito, e, nesse caso, perderia a minha situação atual na confiança pública; ou de combatê-lo, e pagaria possìvelmente com a vida, e sem nenhum resultado para o meu país, a minha temeridade.

De modo que o mais prudente seria o afastamento. E afastei-me Daqui de fora, como espectador, sem o constrangimento estabelecido pela disciplina partidária, poderei levar, quando neces-

sário, uma palavra insuspeita e de bom senso aos contendores exaltados, quando êles se desmandarem nos debates.

Procedendo assim, tive a impressão de que acabava de depor à margem do caminho um fardo que me pesava, e que vinha deixando, já, a sua marca nos meus ombros.

*Quarta-feira, 22 de fevereiro:*

Homenagem curiosa, esta, prestada às minhas letras! Um comerciante da Bahia, Júlio Mateus dos Santos, chefe da firma exportadora Mateus & Assis, envia-me, para ser entregue em minha casa, com tôdas as despesas pagas até à minha porta, uma caixa com uma centena das mais deliciosas mangas da sua terra! "Permita assim, caro Sr. Humberto de Campos, — diz êle na sua carta de remessa, — que, após o jantar, lhe seja ofertada uma salada de mangas da terra de Castro Alves, Dantas, Cotegipe, Visconde do Rio Branco e Rui Barbosa".

E as mangas chegaram, doces como favos e lindas como pequenas jóias vegetais, fazendo pensar nos versos que os velhos poetas do século XVIII lhes consagraram, preferindo cantar a polpa das frutas a celebrar a ingratidão das mulheres.

*Quinta-feira, 23 de fevereiro:*

Na Academia, cuja sessão decorre sem interêsse, encontro a costumada lembrança de Celina Napalèse. Desta vez é um punhado de miosótis, a flor-criança, tão miudinha e tão azul que dá a idéia de pupilas azuis, de olhos de escandinavos recém-nascidos.

E tenho a notícia de que, na semana passada, a comunista encantadora, lírica e sentimental, levou-me as flôres votivas com um dia de atraso, isto é, sexta-feira. E Fernando Néri, diretor da Secretaria. conta-me um caso comovente, um episódio que define, com um traço romântico, a capacidade de dedicação dessa criatura de alma de homem e de coração de criança. Tendo chegado, sexta-feira passada, à Academia, e não encontrando na portaria qualquer dos serventes, penetrou Celina na pequena sala em que há um cabide para cada acadêmico, e, procurando o meu, deixou aí o seu belo ramo de orquídeas. Precisando, porém, escrever no papel que as envolvia o meu nome e não tendo lápis, escreveu-o com o seu "baton" de "rouge". Mais: não dispondo de um alfinête para pregar o papel, arrancou da blusa o seu broche, um grande broche de ouro semeado de pedras pequeninas, e deixou-o lá... Hoje o servente mostrou-me tudo isso, e eu senti

tanta pena dessa criatura tão boa, que os olhos se me umedeceram...

Mas, que hei de fazer, se eu não tenho mais coração, único presente que lhe poderia dar?

* * *

Minha mulher acaba de sair, agora, onze e meia da noite, fantasiada de cigana, para um baile no Hotel Suíço. Foi com minha filha, e com outras moças, amigas recentes de minha filha. Eu próprio lhes arranjei o convite. Paguei as despesas com o vestuário carnavalesco. E dinheiro para os lança-perfumes e para as serpentinas. Foram alegres. Foram satisfeitas. E eu fiquei aqui com esta máquina em que escrevo e rodeado por êstes livros, que são, hoje, os únicos amigos que me entendem...

*Sexta-feira, 24 de fevereiro:*

Pela manhã, visita do jornalista Luís Amaral, de São Paulo. Vem trazer-me o seu livro "Cruz de Ouro", e apresentar-me uma proposta do editor paulista José Olímpio, que deseja publicar a segunda parte das "Memórias". Oferece-me 8.000$000, ante a apresentação dos originais, para uma primeira edição de 5.000 exemplares. Como ainda não tenha, sequer, iniciado êsse trabalho, mando-lhe dizer que só poderei dar uma resposta depois do livro concluído, e pronto para o prelo.

Figura insinuante, simpática, a do portador. Luís Amaral é um rapaz viajadíssimo, conhecendo grande parte do seu país e do mundo Baixo, robusto, moreno, olhos azulados, e vestindo-se com apuro, traz na fisionomia a distinção um pouco exagerada do paulista que possui fazenda de café ou desempenha freqüentemente rendosas comissões do govêrno.

— Eu não pretendia regressar hoje para São Paulo, — diz-me. — Tais são, porém, os rumores de que se está preparando um novo movimento armado, que talvez rebente amanhã, que eu achei prudente voltar esta noite mesmo.

— Movimento aqui? — indago.

— Aqui, em São Paulo, em Minas e no Rio Grande.

Volvemos a tratar de literatura, e Luís Amaral conta-me que, em um ligeiro inquérito procedido em São Paulo, verificou-se que os escritores nacionais mais lidos ali, no jornal e no livro, são os seguintes: em 1.º lugar, Humberto de Campos; em 2.º lugar, Medeiros e Albuquerque; em 3.º, Paulo Setúbal.

Peço-lhe notícias dêste último. E êle:

— Está em São José dos Campos, tuberculoso...

*Têrça-feira (de carnaval), 28 de fevereiro:*

Manhã quentíssima, com uma nebulosidade leve atenuando o azul do céu, como uma gaza imponderável que vestisse um corpo de mulher, deixando-a nua. Uma preguiça de fadiga estira os músculos da cidade, derreada por quatro dias de carnaval. Levanto-me, tomo o meu banho de chuveiro, abro o ventilador, que se debate e zune diante de mim com um aflito desespêro de inseto prêso.

Após o café, que tomo sòzinho, entrega-me o porteiro uma carta. É de São Paulo, de Fernando de Azevedo, o erudito humanista dos "Jardins de Salústio" e "No tempo de Petrônio", o qual acusa o recebimento das "Memórias" e das "Poesias Completas" que lhe enviei há quatro dias, por Luís Amaral.

"Mas não se satisfez com isso a sua generosidade para comigo, — conclui. — Nas amáveis palavras com que mos dedicou, quis ainda prestar a um seu admirador, que se sentiria sumamente honrado se o tivesse por seu discípulo, as homenagens que se tributam aos mestres e lhe são, portanto, devidas como ao maior prosador brasileiro, entre os vivos, e um dos maiores, na literatura continental de todos os tempos".

Leio a carta do humanista eminente, antigo diretor da Instrução Municipal no Distrito Federal e atual diretor da Instrução em São Paulo, e digo, de mim, comigo:

— Será possível que eu acabe acreditando que sou isso mesmo?

Evidentemente, se isto continua assim, eu preciso vacinar-me contra a vaidade...

* * *

Às 9½, vindo do quarto da filha, com a qual foi a um baile carnavalesco no Sindicato Médico, minha mulher vem abraçar-me, e comunica-me:

— Fique descansado. Absolutamente, não dancei: passei sentada todo o tempo que durou a festa.

Uma tranqüilidade doce me encheu o coração. Se as mulheres soubessem o valor da mentira, jamais, em tôda a vida, fariam uso da verdade...

## MARÇO

*Quarta-feira, 1 de março:*

A revista "O Malho" está fazendo um inquérito entre homens de letras residentes no Rio de Janeiro para saber qual é,

na opinião dêles, a maior poetisa do Brasil. Não tendo eu respondido aos diversos apelos da redação, vem à minha casa o judeu russo Adolfo Aizen, rapaz atenciosíssimo, pertencente à administração daquele semanário, o qual vem buscar o meu voto. Dou-o a Maria Eugênia Celso. Gilka Machado tem, no meu julgamento, inspiração mais viva, mais impetuosa; mas é inculta e, por isso, irregular. Maria Eugênia tem inspiração e é uma escritora completa. Possui o que a Natureza lhe deu, e o que ela lhe arrancou pelo esfôrço, pelo estudo, pela meditação consciente.

— Entretanto, — diz-me Aizen, — a Gilka vai triunfar. E o senhor não imagina com que pena da minha parte! O senhor a conhece?

— De vista, apenas.

— Pois, não perde nada. Ela está de uma vaidade doentia. Prevendo o resultado do inquérito pelos votos já recebidos, "O Malho" mandou-me à casa em que ela mora, para tirar-lhe um retrato. E sabe quantos já tiramos? Seis! Ela não acha bom nenhum que se tire. Quer um em que apareça bonita e moça; e como já está velhusca, não se conforma com a verdade fotográfica. Censura o nariz, o queixo, a bôca; em suma, não quer um retrato parecido, mas como o tem na imaginação.

Comento a circunstância de haver Gilka Machado cessado de escrever.

— Dizem que foi depois que o marido morreu, — obtempera Aizen. — Há quem diga que o marido, o Rodolfo Machado, era quem lhe escrevia os versos.

Protesto:

— Isso, não! O Rodolfo era poeta, mas os versos que a mulher publicava eram muito superiores aos dêle. Acresce que os melhores livros de Gilka foram publicados depois que êle morreu. E êle não tinha talento para escrevê-los.

— Ela tem horror à memória do marido, — torna Aizen. — Diz ela que êle foi um carrasco. Não gosta nem que se lhe fale no nome...

E passamos a tratar de outra coisa.

*Quinta-feira, 2 de março:*

Na sala de sessões da Academia sento-me, como de costume, à esquerda de Coelho Neto, na segunda fila de cadeiras, ao centro. Félix Pacheco, sentando-se na ponta de bancada em que outrora se sentava Constâncio Alves, puxa do bôlso do jaquetão

escuro e novo um maço de fôlhas largas, e começa a ler a justificação do seu voto a um projeto que não se acha na ordem do dia. Descobre Anatole como há pouco descobriu Baudelaire, e, com o auxílio de Jerônime Cognard, faz ironias sôbre o destino das Academias. Ao meu lado, Neto arrisca, em voz baixa, uma observação crítica. E eu lhe conto o caso de Constâncio Alves, explorado pelo "Jornal do Comércio", o qual, após 36 anos de atividade, só lhe pagava cinqüenta mil réis por crônica semanal.

— Isso é infame — diz-me Neto; — mas não é novo naquela casa. Queres ver uma?

Conta-me:

— Há tempos, querendo dar uma das suas edições especiais, mandaram-me êles perguntar se eu poderia escrever uma novela que tomasse uma página do "Jornal". Examinei os assuntos que poderia desdobrar, e respondi afirmativamente. Pediram-me preço. Dei. Escreveria uma novela, para uma página, por quinhentos mil réis. Sabes quanto mandaram oferecer-me? Cem mil réis!... Nem respondi.

E após algumas palavras de revolta, referindo-se a Félix e Oscar Costa, proprietários do "Jornal do Comércio":

— E em que palácios vivem êsses homens!...

*Têrça-feira, 14 de março:*

Há três dias me encontro, finalmente, na minha residência nova. É um apartamento cômodo e confortável, em um arranha-céu denominado "Palácio Rosa", no Largo do Machado. Abandono, enfim, a vida de hotel. Volto a ter uma casa em que me posso mover à vontade e que tem a chave nas minhas mãos.

Quase que posso dizer, mesmo, que só agora, apesar de casado há vinte anos, vou ter o meu lar, um pequeno mundo destinado à minha mulher, aos meus filhos, e a mim.

Sòzinhos, apenas em companhia dos nossos filhos, e não obstante nos encontrarmos todos doentes, a vida nos vai correndo sem irritações nem contrariedades. As refeições vêm, prontas, de uma casa de família, que vive dêsse mistér. E tudo corre sem tropeços na casa sossegada, cuja descrição interna será feita em outra oportunidade.

Como, todavia, está escrito no Grande Livro que eu não tenha, jamais, felicidade completa, a epidemia de gripe que percorre a cidade e o mundo neste momento me contemplou também a mim. Há quatro dias não trabalho, e há quatro noites não durmo. O germe atacou-me os centros nervosos, invadiu-me

o organismo todo, e a febre aniquilou-me as energias. Sinto-me surdo e sucumbido. Um suor frio lava-me o corpo a cada instante. E é assim que me comparo, nesta hora, a um soldado que tombou ferido na peleja, e que, imóvel, aguarda apenas que os nervos se acalmem um pouco, para, mesmo cambaleante, se erguer, e entrar, de novo, em combate...

* * *

Há dias publiquei, sob o título "Diário de um Enterrado Vivo", algumas notas dêste meu "Diário" relativas ao período mais agudo da minha enfermidade da hipófise. Palavras em que se liam a minha dor e a minha resignação, a angústia surda da minhalma e do meu coração à medida que se caracterizava a infalibilidade da cegueira. Foi isso quinta-feira passada. À tarde, na Academia, dizia-me Afonso Celso:

— O senhor hoje me fêz chorar. Li o seu artigo de hoje, enxugando continuamente os olhos... E eu sou um velho que já não devia chorar.

E Laudelino Freire:

— Vou deixar de ler o que você escreve. Você hoje me estragou o dia. Como você sofreu, e como se sente na sua prosa a fôrça da sua resignação!

Telefonemas diversos, de médicos e de leitores desconhecidos, trouxeram-me a confirmação dessa impressão. E hoje, algumas cartas. Cartas de nacionais e estranjeiros. Cartas com a indicação da residência dos missivistas, do Rio, de Niterói e de São Paulo. E, entre essas, duas, de entusiastas do espiritismo, que me perguntam:

— Se a ciência dos homens, a ciência da terra, não dá remédio ao seu mal, por que esquece a ciência do céu? Ninguém pede a sua adesão. Ninguém lhe impõe a fé. Continue materialista, e espere. Mas não esqueça essa fonte de que têm emanado tantas curas prodigiosas!

Eu sinto, neste momento, que meus males se agravam, ou, mais precisamente, que a minha vista se vai apagando. Já não posso mais escrever a mão. Já leio poucos livros, e com dificuldade. A Medicina declara-se impotente, com os seus alopatas. A homeopatia fêz-me sentir, lealmente, que se trata de uma causa mecânica, e que êsse obstáculo só poderá ser removido pela cirurgia. E a cirurgia responde-me:

— Há noventa possibilidades de morte contra dez de vida. E nessa porcentagem favorável, dois por cento de eficiência contra oito por cento de ineficácia.

Diante disso, devo, ou não, experimentar o sobrenatural? É ridículo? É infantil? E se a mão de Deus estiver, na verdade, à minha espera, entre os ingênuos e os ignorantes, para abater o meu orgulho e a presunção da Ciência do meu tempo?

*Quarta-feira, 15 de março:*

Pela mala diplomática, recebo de Araújo Jorge, Ministro do Brasil em Montevidéu, uma formosa carta, em que acusa o recebimento das "Memórias" e das "Poesias Completas".

A propósito do primeiro, escreve: "Você não exagera dizendo ser êste um livro "novo, no seu gênero, nas letras nacionais". Digo mais: num país que soubesse ler e escrever e tivesse consciência da sua dignidade, essa obra tão profundamente humana e, sobretudo, tão profundamente brasileira, teria provocado, como "Oliver Twist" e "Nicholas Nickleby", de Dickens, na Inglaterra, um vasto, clamoroso e irresistível movimento de reforma nacional. Com uma diferença em favor de você: enquanto os personagens dickenianos eram tipos imaginários embora construídos com as peças fornecidas pela realidade ambiente, os seus (entre os quais deixe-me citar o imortal Zé Miranda) são figuras de carne e ôsso, que viveram e ainda vivem. Não nos façamos, porém, ilusões: seu grande grito, como o de uma atalaia demasiado avançada, ficará vibrando no ar, sem eco; milhares de leitores se hão de comover com as desventuras do órfão de Miritiba, mas as populações que, há trezentos anos, vegetam, esquecidas, fora do Rio e das grandes capitais, continuarão mergulhadas na mesma semibarbaria e obscurantismo que você com tamanha intrepidez denuncia a seus contemporâneos em páginas de fogo que deverão fazer corar de vergonha os nossos homúnculos públicos. Se as "Memórias" são um livro triste pelo inenarrável do doloroso drama que nêle se desenrola, são, felizmente, ao mesmo tempo, um livro consolador, pois que revela que nem tudo está perdido, que um exemplar da nossa raça é capaz de reagir contra a pressão daquele ambiente asfixiante, libertar-se das influências malfazejas e galgar com um heroísmo comovente os altos cimos iluminados das letras e das artes, ainda trazendo na fronte o resplendor do inferno em que viveu".

A carta de Araújo Jorge é, tôda ela, veemente e generosa. Misturam-se, nas suas páginas, cérebro e coração.

*Quinta-feira, 16 de março:*

Esta tarde, na Academia, elegemos, por 24 votos contra 6 ou 7 a um candidato irritante e teimoso, Rocha Pombo, que entra,

assim, na vaga de Alberto Faria. Eleição mansa, e calada. De passagem, porém, por uma bancada em que se acham lado a lado Fernando Magalhães e Afrânio Peixoto, êste me pergunta:

— Em quem vamos votar?

E mostrando-me o nome de Rocha Pombo:

— Neste?

— Eu voto neste, — confirmo.

— Eu, não voto, não, — intervém Fernando. — Votarei em qualquer outro.

— Eu voto neste mesmo, — declara Afrânio.

Sento-me entre Coelho Neto e Félix Pacheco. Os dois têm à mão, enrolando-as e desenrolando-as, as papeletas com o nome do velho historiador. Compreendo que a vitória está segura.

E o pleito confirma a previsão.

Antes da eleição, Afonso Celso corre para mim, as duas mãos estendidas:

— Soube que estêve doente... Mas vejo que não foi nada...

— O senhor também estêve... Infelizmente não pude nem perguntar as suas notícias... Caímos de cama ao mesmo tempo...

— É verdade... Mas o senhor está com boa fisionomia...

Atribuo o fato à homeopatia. E êle:

— Em minha casa, não gostam muito da homeopatia. Entretanto, nós, lá, lhe devemos coisas assombrosas... Foi ela que salvou Maria Eugênia... Foi Murtinho...

— Foi?

— Sim, senhor. Maria Eugênia teve paralisia infantil aos três anos e meio. Fizemos tudo para salvá-la. E andava de muletas, deformada, quando apelamos para o Murtinho. Deixou as muletas, passou a andar sòzinha... Ficou ainda com os vestígios físicos da enfermidade; mas êle atribuiu à demora em recorrermos ao tratamento homeopático. Se o tivéssemos chamado mais cedo, ela teria ficado inteiramente boa.

E com vivacidade:

— Devo, assim, a vida de minha filha a Murtinho...

*Sexta-feira, 17 de março:*

Visita de Chrysanthème, que, há dias, me pedia por telefone hora para uma audiência. Entra vistosa, espalhafatosa e barulhenta, mostrando-se encantada com o meu gabinete, que acha amplo e confortável. Veste sêda, prêto e branco. Um chapéu de pequenas abas repuxadas tenta esconder-lhe o rosto em ruína, e todo rebocado de argila branca, preta e vermelha. A bôca de-

generou em saco de couro, que a proprietária dificilmente contém fechado.

Acompanha-a, nessa visita, Luís de Góngora, moço espanhol de 34 anos. Rapagão forte, alourado, e simpático, transformado por ela em cachorrinho de luxo. Mas, dessa vez, o cachorro é que vem puxando a francesa.

— O Luís, — diz-me a escritora, — tem por você, Humberto, uma espécie de fanatismo. A maior alegria dêle seria ter um livro prefaciado por você. E é isso que êle lhe vem pedir, e eu com êle... Você lerá os contos, e verá que são realmente interessantes...

Luís de Góngora entrega-me os originais, dactilografados. Fala-me da influência exercida por mim sôbre a sua vida literária. Conversamos alguns instantes mais. E Chrysanthème, acompanhada de Góngora, que é a polidez em pessoa, desce a escada do meu primeiro andar, dispensando o elevador, e desaparece lá embaixo, com todo o seu barulho e com todos os seus enfeites, lembrando uma ruína colonial coberta de bandeirolas e ressoante de músicas nas festas do seu centenário...

*Domingo, 19 de março:*

Ao lado do edifício de dez andares em que hoje moro, fica a velha casa senhorial em que, segundo se diz, residiu o Duque de Caxias, na praça que tem o seu nome. Em frente, cercado de palmeiras e árvores veneráveis, levanta-se a sua estátua eqüestre. Marcando passo no mesmo lugar, todo de mármore sôbre o seu pedestal de granito, o velho soldado marcha para a guerra.

Vivesse, porém, o espírito dos mortos nos monumentos que os reconstituem, e o venerando herói das maiores batalhas do Império teria fugido com o seu cavalo de mármore. A casa a que vinham, em romaria, príncipes e ministros, poetas e generais, e que recebeu, mesmo, por mais de uma vez, a visita do próprio Imperador, seria hoje a sua vergonha. O grande portão lateral pelo qual passavam as carruagens, é, agora, simples entrada para uma garagem de automóveis de praça. E o grande prédio de dois pavimentos, simples casa de cômodos, dividida em cubículos de madeira, habitada por gente modesta, funcionários de ordenado pequeno e operários de pequenos ofícios.

Pela manhã cedo, aparecem às sacadas dos antigos salões, em que se debruçaram as mais formosas damas do Paço, pesadas matronas despenteadas e caras esgrouvinhadas de trabalhadores que jantaram mal. Na cantaria das varandas fumegam fogareiros

de carvão, preparando o café magro dos pobres. Nas janelas do mirante, onde, talvez, fumou alta noite o grande capitão brasileiro meditando nos destinos políticos e militares da pátria, secam peças de roupa, estendidas em cordas sujas. A pobreza e a miséria, em suma, por onde passaram, outrora, o orgulho e a opulência.

E Caxias contempla tudo isso do alto do seu pedestal. Tem ímpetos, talvez, de galopar e fugir. Mas o seu cavalo é de pedra, e não sai do lugar...

*Têrça-feira, 21 de março:*

Uma coincidência curiosa ou, talvez, um fenômeno de espiritismo. De qualquer modo, um fato que reclama registro.

Desde que me transferi para o apartamento em que agora me encontro, no Palácio Rosa, venho utilizando uma ou duas horas, durante a noite, na arrumação da minha biblioteca. Às vêzes, seguindo o exemplo de Penélope, não faço mais do que inutilizar o trabalho da véspera. Ontem à noite, depois das onze horas, tendo separado todos os volumes de determinada altura para colocá-los em ordem, sucedeu que ficasse sem lugar um dêles, sob o título "Saudade", em que o Almirante Artur Índio do Brasil enfeixou todos os artigos escritos sôbre sua senhora, Clarisse Índio do Brasil, quando esta foi assassinada por um louco, em uma das ruas centrais da cidade. Havendo nesse livro um escrito meu, o almirante levou à minha casa um exemplar encadernado, com uma dedicatória expressiva e amiga.

Ontem à noite, havendo recebido, cêrca das 10 horas, algumas cartas de adeptos do espiritismo, que haviam mandado essa correspondência para a redação do "Diário Carioca", achava-me, naturalmente, preocupado com o que êsses missivistas me diziam, e, conseqüentemente, com o espírito aberto a superstições e pavores. Daí, o interêsse que me despertou o livro sôbre Dona Clarisse Índio do Brasil. Tomei-o nas mãos, procurei para êle um lugar, e, não encontrando, pu-lo no chão. De repente, voltei. Pareceu-me um desrespeito atirá-lo assim. Retomei-o; coloquei-o em cima da minha mesa. Mas a presença daquele volume ali me fazia mal. Tinha a impressão de que, se o deixasse ali, me aconteceria alguma coisa de desagradável durante a noite. Já estava à porta, com a mão no comutador da luz, quando voltei para apanhar o livro, e colocá-lo entre outros, em um monte de volumes encadernados que devia arrumar esta manhã E fui deitar-me. Noite má, inquieta. Sonhos confusos, com pessoas mortas.

Pela manhã, venho para o gabinete, e começo a trabalhar. Cêrca de 11 horas minha mulher, que fôra atender ao telefone, abre a porta do lugar em que trabalho.

— Uma notícia má, — diz-me; — mas que sou forçada a lhe comunicar.

Fito-a, em silêncio. E ela:

— Telefonaram agora mesmo comunicando que o Almirante Índio do Brasil acaba de falecer!

*Quarta-feira, 22 de março:*

Legítima figura balzaquiana, êsse Almirante Artur Índio do Brasil, ontem falecido, e cuja morte me foi anunciada, de véspera, de modo tão curioso. Eu sempre imaginei metê-lo em um romance. Se o romance não chegar a ser feito, aqui fica, isolado, o personagem.

A sua origem é um mistério. Dizem que era filho de uma negra e de um caboclo, e que nascera em Vitória, no Espírito Santo. Êle sempre guardou reserva sôbre os seus antepassados. A verdade é que era de côr escura, quase negra, e de cabelo escorrido, como os hindus, e que, achando-se no Pará a 15 de novembro de 1889, foi investido, ali, nas funções de Chefe de Polícia, por ser um dos poucos militares então destacados naquela província. Era, então, tenente da Armada, e fazia parte da guarnição de um pequeno navio de guerra da esquadrilha fluvial. De Chefe de Polícia passou a Prefeito. De Prefeito a Deputado à Constituinte Republicana. E veio para o Rio de Janeiro, nunca mais regressando ao Pará.

Deputado, fêz-se querer por uma das moças mais ricas do tempo. A família desta opôs-se ao casamento. Tratando-se, porém, de pessoa de maior idade, o casamento realizou-se, não sem que se verificasse uma cena impressionante: na ocasião em que a noiva devia sair para a Pretoria e para a Igreja com as suas vestes nupciais, todos os membros da família, inclusive as crianças, formaram alas no corredor, todos rigorosamente vestidos de luto.

Mas o casamento se fêz. Calado e misterioso, Índio do Brasil, senhor, pela herança da mulher, de grande fortuna, continuou a sua carreira política. Da Câmara passou para o Senado. Durante 28 anos ocupa uma cadeira no Congresso. Não faz discurso. Não assume uma atitude. Não escreve um parecer. Após vinte e cinco anos de afastamento da Marinha, consegue uma lei, mandando contar o seu tempo de deputado e senador para efeito

de promoção e pagamento de sôldo, e recebe, além das estrêlas de almirante, algumas centenas de contos de réis.

Em 1919, um cocainômano assassina-lhe a senhora no centro da cidade, no momento em que ela se encontra no interior de um automóvel parado. Não havendo filhos do casal, Índio do Brasil recebe uma herança de quase 10 mil contos. Os seus vencimentos de senador e de almirante são economizados e postos a render, com a aquisição de prédios. Envelhece, soturno e misterioso. Alto, escuro, fúnebre, óculos pretos, é olhado com respeito e consideração. A idéia de que êle pode deixar algum legado a alguém, fá-lo cercar de gente obsequiosa e mesureira. Êle recebe as homenagens, mas não abre a sua bôlsa a um pobre, nem presta um favor a alguém que lhe não possa prestar outro. Dessa maneira, negociando hàbilmente com os préstimos dos que o cercam, utilizando o seu amigo Murtinho para prestar um serviço a Pedro, e utilizando o seu amigo Pedro para prestar um serviço a Martinho, consegue ter, vivo, uma rua com o seu nome, no coração da cidade; outra com o nome da mulher; um busto, em mármore, desta, na Praia de Botafogo. E faz-se Marquês da Santa Sé. E consegue ter o seu retrato, e a sua biografia, no "Larousse Illustré", coisa jamais conseguida pelos brasileiros mais eminentes. Na véspera do seu aniversário, um procurador telefonava aos amigos jornalistas, lembrando o acontecimento. Não dava presentes, senão raramente, e isso quando não precisava desembolsar qualquer quantia para fazê-lo. Imitava, em suma, com uma fortuna que não gastava, aquêle personagem de Mark Twain, o qual, com uma cédula de cinco milhões de libras, do Banco da Inglaterra, que jamais trocou, levava existência farta e regalada com a simples importância que a posse dessa nota lhe dava.

Católico, padres e freiras o cercavam constantemente, na esperança de um donativo. Êle os dava, às vêzes, miúdos, mas fazendo barulho, tocando sino, para que Deus não ignorasse a sua caridade. Mas, também, só era generoso com a igreja; nunca com os homens. Entendia, parece, que a miséria do homem é um castigo de Deus, e que não cabe aos homens impedir êsse castigo, por meio da esmola.

E assim morreu, ontem, com 78 anos. Grande cortejo. E nenhuma lágrima. Coelho Neto, que foi ao cemitério, dizia-me, hoje:

— "Seu" Humberto, que entêrro curioso! Ninguém chorava. Ninguém chorava. Todos estavam ali por mera formalidade.

E numa frase expressiva:

— Muita gente; nenhum amigo!

*Quinta-feira, 23 de março:*

À saída, hoje, da Academia, Gregório da Fonseca, secretário do Chefe do Govêrno Provisório, toma-me no seu automóvel para levar-me ao centro da cidade. Em caminho, conversamos. Êle quer notícias da minha situação política no Maranhão.

— O Partido chefiado pelo Magalhães de Almeida, — conto-lhe, — está em excelente situação. Pode-se dizer que êle tem o Estado nas mãos. E o Magalhães mostra o maior interêsse no meu regresso à atividade, dentro dêsse Partido. Mas, eu te confesso uma coisa, Gregório: mesmo que seja decretada a anistia, e seja indicado meu nome para a Constituinte, eu repito o que tenho escrito por mais de uma vez: dirigirei uma carta ao Partido, e não aceitarei. Seria para mim um constrangimento assistir às cenas que se vão desenrolar. Eu não quero sair da Câmara a pata de cavalo.

— E fazes bem, — concorda Gregório. — Essa Constituição é um contra-senso e vai ser uma balbúrdia, porque ninguém sabe o que quer. Aliás, eu disse isso mesmo ao Getúlio, a quem aconselhei, de preferência, que mandasse redigir uma Constituição por homens eminentes e sensatos e consultasse o país por meio de um plebiscito. Êle, a princípio, aceitou; mas vieram outros amigos, e fizeram-no mudar de idéia.

E Gregório conclui:

— A Constituinte vai ser um desastre!

* * *

O acolhimento excepcional obtido pelas "Memórias" vinha preocupando sèriamente Cláudio de Sousa, que, tôdas as quintas-feiras, se referia ao número de pessoas que encontrava lendo êsse livro no trem de Petrópolis. Conhecendo, porém, o homem, como eu conheço, limitava-me a receber a informação, em que adivinhava o despeito, sem lhe oferecer ou prometer um exemplar. Cláudio não se conteve, todavia; e, hoje, ao penetrar na sala do chá, foi logo se encaminhando para mim, e dizendo:

— Afinal, li o seu livro; e não vi nada de extraordinário na sua vida. É a vida de todo o mundo no Brasil. A minha, a do Austregésilo, a do Coelho Neto, a de todos nós.

— Não, mas o livro é um grande livro, — atalha Austregésilo. — A minha vida foi difícil, mas não foi como a dêle.

— Sim, mas êle exagera, — tornou Cláudio, como quem não encontra outro ponto de apoio.

Momentos depois, encontrando-me em companhia de João Ribeiro, volta êle à carga:

— Eu estava dizendo ainda agora que o livro dêle não continha nada de novidade sôbre a vida das crianças brasileiras. Eu e o senhor passamos pelos mesmos tormentos.

João Ribeiro o atalha, porém:

— Não; o livro dêle é um grande livro. É uma obra única nas letras brasileiras. Eu já disse isso mesmo. Não sei se outros passaram pelas mesmas dificuldades; o que sei é que ninguém as descreveu com tanta verdade e tanto sentimento.

Intervenho:

— Cláudio, onde você nasceu?

— Em São Paulo.

— Eu nasci em uma vila do Maranhão, à qual não ia vapor nem chegou, ainda hoje, o automóvel. Chegamos, os dois, ao Rio. E eu cheguei primeiro do que você à Academia. Veja, agora, quem despendeu esfôrço maior, e veio de mais longe...

E voltei-me para Filinto de Almeida, que procurava mostrar-me uma carta, em que uma sobrinha, atualmente na Europa, e a quem não conheço, me mandava recomendações sôbre a minha saúde.

Cláudio é, sempre, aquêle homem que, uma noite, convidava Coelho Neto para retirar-se do teatro, pelo mal que lhe faziam os aplausos a peças que não fôssem suas....

*Sábado, 25 de março:*

Quando os males que nos assoberbam são muitos, constituem um bem. Êles têm a vantagem de nos proporcionar a felicidade quando se tornam em menor número. A alimária sobrecarregada resfólega feliz quando reduzem o pêso da sua carga, igualando-a ao que torna desgraçado o animal que jamais transportou carga nenhuma.

*Têrça-feira, 28 de março:*

Sábado último, na redação de "A Noite", Vasco Lima, gerente da emprêsa e hoje milionário, indagou, interessado, da minha saúde. Contei-lhe os meus sofrimentos, e o esfôrço feito para aquela visita, não só em conseqüência dos meus sofrimentos urinários, como pelas perturbações dos nervos e da vista, que me enchem de terror tôdas as vêzes que me afasto de casa.

— Por que não consulta o Sabino Teodoro?

— Não conheço.

— Pois é um homeopata verdadeiramente notável... Quer ouvi-lo?

— Com muito prazer.

— Pois, eu o levarei à sua casa.

E agora, à noite, encontro no meu gabinete, trazido por Vasco Lima, um rapaz que tanto pode ter 26 anos como 40, baixo, imberbe, rosto redondo e moreno, cabelo negro e liso despencando-se sôbre os olhos, e uns dentes miúdos e claros de criança que tem ama cuidadosa. Fisionomia de estudante, com alguns movimentos infantis e, na voz, uma tonalidade lisboeta. Êsse menino-homem é Sabino Teodoro.

Após a apresentação protocolar, presto-lhe esclarecimentos sôbre os meus males. Enquanto falo, voltando às vêzes ao ponto de partida, êle toma notas em uma pequenina carteira. Em seguida, passa a inquirir-me: sôbre o meu temperamento, o meu caráter, o meu humor, a minha sensibilidade. E passa ao exame concreto. Ajusta-me ao braço um aparelho, medindo-me a tensão vascular.

— Por aqui não vai... — diz, rindo.

— Circulação boa? — indago.

— Nada de mais.

Chega, porém, a vez do coração. Detém-se. Ausculta mais em cima, e mais embaixo, mais à direita, mais à esquerda. Faz gesto vago. E êsse é tão misterioso que eu lhe não pergunto nada.

— Agora, — diz, — guardando os seus aparelhos, — eu vou estudar o seu caso. Por enquanto, deixo-lhe uma receita de emergência. Depois, entraremos num tratamento sério e metódico.

— Muito bem, — aprovo.

Mais alguns momentos de palestra. E vou deixar à porta os meus visitantes, ignorando, todavia, a opinião que leva do meu organismo a ciência de Sabino Teodoro.

*Sexta-feira, 31 de março:*

Pela manhã, telefono a Macedo Soares. Palestra ligeira.

Eu — Que há de novo?

Êle — Muita coisa. Em política uma balbúrdia enorme. O Osvaldo empurrado para todos os lados, para a barca não afundar. Tem havido até bananas e ameaças de pontapé e mão na cara. E o Flôres brigando com todo o mundo, e partindo para o Rio Grande brigado... E no Maranhão?

Eu — Tudo bem. Mas eu nada tenho mais com a política.

Êle — Não tens por quê? Ainda um dêstes dias eu conversei com o Magalhães, e êle me disse que virias na chapa.

Eu — Se êles me incluírem eu recuso.

Êle — Por quê?

Eu — Porque sou inelegível, e porque não quero.

Êle — Pela inelegibilidade, não. Isso se arranja.

Eu — Mas eu não quero.

Êle — Não digas isso. Fecha a bôca e espera.

E despedimo-nos, sem que eu tenha, todavia, mudado de opinião.

* * *

Na Academia, no meio de correspondência abundante, e diversos retalhos de jornais contendo artigos sôbre os meus últimos livros, uma carta, em que se reconhece a letra feminina. Traz o carimbo da cidade de Pomba, Minas Gerais. Abro-a. Dentro, uma fôlha de papel. No centro da fôlha, êstes dois versos meus:

*"...Tú és a vitória-régia*
*Do lago azul do meu Sonho..."*

E nada mais.

## ABRIL

*Sábado, 1.º de abril:*

Acaba de sair da minha casa o moço mais inocente do Brasil. Chama-se Leão de Vasconcelos, é poeta, autor de quatro livros futuristas, e candidato à Academia Brasileira de Letras.

Pequeno, miúdo, imberbe, bôca de menino de leite, cara de criança velha, nos seus trinta e cinco anos cearenses. Deposita sôbre o sofá o seu chapéu fino, de massa, côr de cinza, e a sua capa de sêda, e fala-me do seu desejo de entrar para a Academia.

— Em que vaga? — pergunto.

— Na de Santos Dumont. Pareceu-me a que oferece mais possibilidade, e é uma das que se preencherão primeiro. O candidato inscrito, o Celso Vieira, não me pareceu difícil de afastar. Não lhe descobri merecimento nenhum.

— E conta com elementos, você?

— Conto, sim. Conto com o Laudelino... com o Aloísio... com o João Ribeiro...

— O João Ribeiro prometeu-lhe o voto?

— Não; prometer, não prometeu; mas êle elogiou tanto o meu livro que eu estou certo que êle não votará em outro...

— Hã...

— E o Laudelino foi quem ofereceu meu último livro à Academia, e disse sôbre êle e a meu respeito uma porção de coisas amáveis...

— Hã...

— Você não acha que êles podem arrastar muita gente para meu lado, na Academia?

Resolvo dizer-lhe a verdade:

— Olhe, não se iluda com estas coisas. Na Academia nenhum de nós conta senão com o seu próprio voto. E êsse voto nem sempre nós damos a quem tem mais talento, ou a quem elogiamos aqui fora. Prevalecem lá dentro numerosos fatôres de ordem econômica, política e social, que nada têm com a literatura. Hoje, é difícil entrar para a Academia na primeira arrancada. Nem o Ministro da Educação conseguiu isso. E será impossível uma exceção. Rocha Pombo, agora eleito por um movimento de piedade coletiva, bateu cinco ou seis vêzes à porta da Academia. Pereira da Silva, que vai entrar na vaga de Luís Carlos em homenagem à memória de Luís Carlos, foi candidato oito ou dez vêzes. E Celso Vieira não entrará agora, nem o seu competidor, quem quer que êle seja. Apresente-se, mas não conte com a vitória. Peça votos para um determinado escrutínio, para fixar votação em um dêles. Comece a sua preparação para entrar em 1935 ou 1936.

— É, então, difícil assim?

— Um pouco mais do que lhe estou dizendo.

— E tem ainda êsse negócio de escrutínio? Eu supunha que um acadêmico só votava em um candidato.

— Engana-se. Um acadêmico vota em quatro candidatos, e recebe os agradecimentos de oito.

— Está bem... Mas eu vou inscrever-me.

— Inscreva-se. E prepare-se para esperar.

Após alguns momentos de palestra sôbre indivíduos que tinham, todos, menos talento do que êle e eu, — na opinião dêle e na minha, — fui levá-lo ao elevador.

E disse-lhe, ao vê-lo desaparecer:

— Adeus, selenita!

Era, mesmo, um homem descido da Lua.

*Domingo, 2 de abril:*

Após quase três meses de silêncio, voltou, hoje, a telefonar-me, a criatura misteriosa que me deu o nome convencional de Leda, e que me acompanha há quinze anos, cercando-me de carinho, interessando-se por tôdas as coisas da minha vida, e sem se dar a conhecer. Hoje, à tarde, como estivesse sòzinho em casa, atendi-a ao telefone, conversando com ela um pouco mais demoradamente.

Pergunta-me por uma pequena medalha representando os olhos de Santa Luzia, que me remeteu pelo Correio em dezembro de 1918. Fala-me da cesta de flores que mandou para a Academia em maio de 1920, na noite da minha recepção.

— Você estêve lá? — indago.

— Não, não estive. Gostou das flores? Eram violetas?

— Eram. Você não as viu?

— Não. Pedi a uma das minhas amigas que escolhesse violetas. Eu não podia aparecer.

De repente, um susto. A ligação interrompida. A campainha retine outra vez. É ela, novamente.

— Desculpe, se eu desligar outra vez. Eu não posso falar à vontade.

Compreendo, por êsse aviso, que é casada, e que o marido se acha em casa. E ela me fala, de novo, dos meus versos, dos meus livros, indagando porque não incluí nas "Poesias Completas" êste ou aquêle soneto, publicado nesta ou naquela revista, há doze ou quinze anos, dando-me a entender o carinho silencioso com que tem acompanhado todos os meus passos, desde o ano em que me conheceu.

— Por que passou quinze anos sem me falar? — indago.

— Porque você era feliz, vivia no alto, glorioso e vitorioso. Hoje, sei que está doente, que sofre muito, e, então, apareci...

— E eu não a verei nunca?

— Nunca! Serei sempre, para você, um mistério...

Palestramos mais alguns minutos. A campainha da minha porta retine. E ficamos para reatar a conversa talvez amanhã, talvez daqui há dez anos, se ainda formos vivos...

*Terça-feira, 4 de abril:*

Na sede da Diretoria Geral de Educação, no velho palácio do Conde d'Arcos, onde foi o Senado, e precisamente no salão de honra, forrado de vermelho-escuro e ornado com uma grande mo-

bília dourada que o tempo começa a descascar desrespeitosamente, palestramos hoje, durante mais de uma hora, o Capitão Dulcídio Cardoso, diretor-geral, e eu. Tendo em mim confiança, e dando certo aprêço à franqueza com que me habituei a julgar os homens e os acontecimentos, desafoga o espírito e o coração comigo, narrando-me as suas decepções de revolucionário histórico.

— A minha posição neste cargo, — diz-me, — não pode ser mais desagradável. Já apresentei a minha demissão por diversas vêzes ao Presidente da República, em virtude das minhas divergências com a politicagem do Ministro da Educação (Washington Pires). O Presidente me autorizou, porém, a ressalvar a minha responsabilidade, quando discordasse. E assim é que, quando o Ministro autoriza uma ilegalidade, eu a pratico, mas faço a declaração de que me acho em desacôrdo. E vivemos assim, constrangidos, um ao lado do outro.

Passamos a falar de política. Refiro-me à convocação da Constituinte, e confesso-lhe os meus receios de que ela seja dissolvida pelos seus colegas militares.

— E os seus receios são fundados. Alguns já falam, até, nesse processo de dissolução. E eu lhes tenho aconselhado calma, juízo, ponderação. Se o pensamento é êsse, para que, então, êsse trabalho todo que vão ter com as eleições? É verdade que se pretende evitar êsse desastre com uma farsa, isto é, estabelecendo de antemão o número de deputados que apoiarão o Govêrno, e o dos que serão dados pela oposição. Os militares querem assegurar-se determinado número de cadeiras, que lhes garanta a aprovação do projeto da Constituição e a eleição do Presidente da República. Mesmo assim êles vão arrepender-se. A gente que a Revolução vai levar à Câmara é, tôda ela, composta de rapazes entusiastas, mas sem nenhuma prática da tribuna. A oposição levará, com certeza, homens experimentados, oradores acostumados a perturbar o adversário; de modo que, na Constituinte, ou êles se deixarão orientar pelos inimigos, ou serão estrondosamente derrotados em todos os encontros. E teremos, então, a violência substituindo a eloqüência.

Cêrca de uma hora depois o Capitão Dulcídio ia deixar-me à porta do seu gabinete. E dizia-me, em despedida:

— Apareça de vez em quando. Precisamos desafogar, juntos, o coração...

*Quarta-feira, 5 de abril:*

Um dos melhores prêmios da minha vida de letras, é êste, que me vem todos os dias pelo correio, na correspondência abun-

dante que me chega, ora endereçada para a minha casa, ora para a Academia, ora para a redação dos jornais em que escrevo. São oito, dez, às vêzes doze cartas por dia, de pessoa que eu não conheço, de leitores distantes e anônimos, os quais, sabendo-me doente, me mandam uma palavra de confôrto ou uma demonstração de solidariedade por esta ou aquela opinião emitida. Entre as que recebi hoje, por intermédio do "Diário de S. Paulo", duas havia, curiosas: uma, de um rapaz de vinte e quatro anos, que ama desesperadamente uma criatura que o despreza, e outra de um fazendeiro italiano de Avaré, em São Paulo, o qual me escreve no papel com o timbre da sua fazenda, e confessa que, lendo um dos meus artigos, lhe "sono venute le lagrime agli occhi, per tanta ressignazione dolorosa, bonaria filosofia e santa pazienza". "Nessuno potrà — diz êle, — distruggere la sua illusione, tessuta di bontà e de verità! Oggi ho pregato Iddio perché a Lei dia la sanità fisica, allontani da Lei la cecità, restituindole la vista e la speranza nel cuore per guardagnare il suo pane quotidiano e scioglier al vento le genrose chimere che cantano la giovinezza nel suo nobile cuore".

Chama-se Lando Argentieri, o signatário destas palavras de entusiasmo e de dó.

Grande parte da correspondência da Bahia versa, porém, sôbre minha saúde. E quase tôdas as cartas me convidam a fazer uma promessa ao Senhor do Bonfim, certo de que ficarei curado de todos os meus males. Uma, de mulher, dizia-me:

— "O senhor já consultou todo os grandes médicos do Rio de Janeiro. Consultou Miguel Couto, Austregésilo, Mac-Dowell. Ainda não consultou, no entanto, êste grande médico baiano: o Senhor do Bonfim!"

Como são felizes os que têm fé!...

*Sexta-feira, 6 de abril:*

A circunstância de não ter feito, nestes últimos tempos, nas fôlhas dêste "Diário", referências à minha saúde, não quer dizer, absolutamente, que ela seja perfeita. Os meus incômodos de bexiga e próstata continuam a interromper-me o sono três, quatro vêzes durante a noite, entre uma hora e sete da manhã. Levanto-me às pressas, gemendo, a andar de um lado para outro, até que as dores desapareçam.

As mãos e os pés, inchados, às vêzes ficam dormentes e doloridos o dia inteiro. E a vista ora turva de todo, ora a devorar a metade das palavras, ora a multiplicar por três ou quatro cada sílaba que me cai sob os olhos.

E eu trabalho. Trabalho ininterruptamente, como uma velha máquina cuja alavanca tivesse puxado, pondo em marcha, e que mantivesse em movimento as velhas molas, mecânicamente, insensivelmente, inconscientemente, por ser êsse o seu destino na terra...

*Segunda-feira, 9 de abril:*

Sábado, fui ao Hospício Nacional tirar uma radiografia da cabeça. E hoje, fui buscá-la. Para confronto, levo as chapas tiradas em julho e outubro de 1931. E é feito o cotejo, para verificar o desenvolvimento da hipófise.

Esta aumentou ainda, neste ano e meio. A sela túrcica dilatou-se ainda mais. E a glândula, que devia ter o tamanho de uma ervilha, está, hoje, do tamanho de um ôvo.

— Mas, não é para desesperar, — diz-me Afonso MacDowell, examinando as chapas. — Não se trata de um tumor maligno e a glândula não está dilacerada. O raio X poderá deter êsse desenvolvimento.

E abraçando-me, satisfeito:

— Não desanime, "seu" compadre. É não descuidar... Vamos para diante!

*Quarta-feira de Cinzas, 12 de abril:*

Pela manhã, uma visita gentil. José Olímpio Pereira Filho, livreiro em São Paulo, que pretende editar a 2.ª série das "Memórias" e me fêz há pouco tempo uma visita, mandou-me pela mão de sua noiva, de passagem pelo Rio, um punhado de rosas.

Vera Pacheco Jordão, é o seu nome. Esbelta, morena, irradiando simpatia e inteligência. Participando da caravana organizada pelo Touring Clube e que vai a Ouro Prêto assistir às festas da Semana Santa, chegou esta manhã de São Paulo e correu a cumprir a missão de que seu noivo a investira. Dentro de poucos minutos somos amigos. Fala-me, confiante, do amor imenso que vota ao noivo, e da luta para que êle tenha confiança nesse afeto.

— José — diz-me, — vota-me um grande afeto. Mas é um homem que tem terror diante do futuro. Não tem coragem de dar um passo definitivo, casando-se, e tem mêdo de perder-me. Foge, e volta no dia seguinte, chorando como uma criança. Não tem confiança no meu amor, e, no entanto, êle é tôda a minha vida.

E conta-me particularidades dêsse amor delirante e inquieto. Para assegurar-se a felicidade futura, êle lhe pediu, já, com o rosto lavado de lágrimas:

— Eu sou um insensato, um louco... Desejo a felicidade, e tenho mêdo. Mas, dize-me: se eu te fugir, te abandonar numa dessas crises, tu me esperas?

— Espero-te, — respondeu-lhe ela.

— E me perdoarás?

— Perdoar-te-ei.

— Mesmo que eu te insulte?

— Mesmo que tu me insultes. Não tenho mais altivez, não tenho mais fôrças, diante de ti...

Êle lhe caiu aos pés, soluçando.

E Vera Pacheco Jordão, chorando ela mesma, conclui:

— Eu me desconheço a mim mesma. Tão altiva que eu fui, e hoje me humilho para que o José creia em mim... E sofro, também, porque êle sofre. Sofro porque êle não compreende a felicidade que lhe posso dar, e se tortura, quando, amando-nos tanto, podíamos ser as duas criaturas mais felizes da terra!...

Prometo escrever ao seu noivo, falando-lhe em nome da minha experiência.

E ela se despede sorrindo entre as lágrimas, com a felicidade faiscando nos olhos...

* * *

Primeira aplicação de raios X dêste ano. Fá-la o Dr. Miguel Mota.

— Confie em nós, — diz-me, referindo-se ao seu companheiro de consultório, um alemão que fêz um curso de radiologia em Viena, e a si mesmo.

E eu entrego a cabeça aos dois.

*Quinta-feira Santa, 13 de abril:*

À noite, telefonema do Dr. Raul de Paula, secretário-geral da Sociedade Amigos de Alberto Tôrres. Achando-se reunido, no Rio, um Congresso de professôras de Escolas Regionais, foi lido, hoje, em sessão, o capítulo das minhas "Memórias" sôbre o meu cajueiro de Parnaíba. Terminada a leitura, — conta-me o Dr. Raul de Paula, estavam tôdas as professôras comovidas, e algumas choravam. E acrescenta:

— E ficou resolvida uma coisa que não sei se lhe será desagradável: foi nomeada uma comissão de 21 professôras, uma de cada Estado e do Distrito Federal, para ir à sua casa, levar-lhe as homenagens das professôras do Brasil. Quando o senhor poderá recebê-las?

Reflito um pouco. Em meu gabinete há apenas quatro cadeiras. Onde poderei receber tanta gente? E peço-lhe desculpas. Agradeço comovidamente a lembrança. Eu sou, porém, um emotivo, e acho-me doente. Essa homenagem me abalaria muito...

— E uma comissão de quatro professôres do Norte? Uma do Maranhão, outra do Piauí, outro do Pará, outra do Ceará? Não ficaria bem?

Reconto as cadeiras e concordo. E o Dr. Raul de Paula fica de, na semana vindoura, telefonar-me, a fim de que lhe marque o dia para essa visita coletiva e gentil.

* * *

Reiniciei hoje o meu tratamento pela radiologia.

MÉDICO — Dr. Miguel Mota.
VÍTIMA — Eu.
LUGAR DO SUPLÍCIO — Avenida Rio Branco.
ÉPOCA — Atualidade.

*Sexta-feira Santa, 14 de abril:*

Às 9 horas da noite, o empregado avisa-me:

— Está aí o Dr. Fernandes Távora...

— Fernandes Távora? Homessa!

Fernandes Távora é o antigo interventor no Ceará, irmão de Juarez Távora, Ministro da Agricultura e chefe ostensivo da política brasileira em todo o Norte. Jamais veio à minha casa. Nem eu, jamais, fui à sua. Visita, pois, inesperada, e de alguma cerimônia. Mas vou recebê-lo em pijama, e pijama velho, com um rasgão no cotovêlo, para não o pôr em mau costume.

Quando chego ao gabinete êle já está. Estatura mediana, moreno, cabeça inteiramente branca, rosto escanhoado, e todo de prêto, na indumentária quaresmal. Veste, mesmo, com certo apuro, como se passasse o terno a ferro tôdas as manhãs. Fala macia, medindo e pensando cada palavra, como se se tratasse de mercadoria preciosa.

— Que surprêsa amável, a sua visita! — exclamo, entrando no gabinete. — É pena que seja em uma Sexta-feira da Paixão!

— Abstraia do dia, — diz-me êle, e receba a homenagem, que é trazida de coração.

Conta-me que era pensamento seu, há muito tempo, fazerme a primeira visita, para, em seguida, realizar outras, mais de-

moradas. É admiração velha, a sua por mim. E passamos a falar de política, especialmente da sua, informando-me, pausado:

— A minha eleição à Constituinte, pelo Ceará, é segura. Mas serei sufragado, também, no Acre, tendo como absolutamente certa a vitória. Fui, também, convidado para entrar na chapa da União Cívica do seu Maranhão, e indicado ali pelos dois grupos que a constituem: o do Tarquínio e o do Marcelino Machado... Ainda há mais: o José Augusto, alegando que eu estive durante alguns meses foragido no Rio Grande do Norte no tempo do Bernardes, tem insistido comigo para incluir o meu nome na chapa do seu partido. Eu não concordei, e êle incluiu o do meu irmão Ademar...

Conversamos cêrca de meia hora. Fernandes Távora promete voltar qualquer dia. E eu fico a refletir sôbre o que êle me disse, lembrando-me que êle, que jamais conseguiu uma deputação, mesmo pela sua terra, antes da Revolução, é agora solicitado por quatro circunscrições, ùnicamente porque é irmão de Juarez Távora, chefe revolucionário vitorioso e Ministro da Agricultura!...

*Sábado de Aleluia, 15 de abril:*

Diante da janela do meu gabinete, estende-se um quintal com algumas árvores, e em cujo solo arenoso mariscam algumas dezenas de pombos e bicam a terra alguns perus, amigos dos pombos. Fazem a sua vida juntos. Não se beliscam nem se perseguem. A cabeça baixa, apanhando insetos e detritos, vêm êles, de mistura, das extremidades do quintal, até a sombra do arranha-céu em que moro. De repente, chego-me à janela. Debruço-me, e começo a acompanhá-los, com os olhos. De repente, ao menor barulho, os pombos se alarmam, espantam, e levantam o vôo. Os perus assustam-se também, levantam a cabeça, e, vendo os pombos elevar-se ao espaço, põem-se a piar com aflição, dando voltas no mesmo lugar, batendo agoniadamente as asas pesadas, no desejo de acompanhá-los. E como não o conseguem, desatam numa espécie de chôro, num piar doloroso, em que há, parece, uma queixa contra os pombos amigos, que os abandonaram na hora do perigo, e contra a fatalidade, que os acorrentou à terra, quando abriu o espaço imenso ao vôo das outras aves...

Olho-os da minha janela, e sinto piedade. É que vejo, nêles, a imagem de tantos espíritos esforçados, e de tantos homens nulos e medíocres, os quais, assistindo à ascensão alheia, se lamentam ou se revoltam por não conseguirem fazer o mesmo. Não

compreendem êles, na sua mediocridade, que, no quintal de Deus, e em que Êle ceva os homens para matar, há, como no da minha casa, pombos e perus...

* * *

Após o jantar, chamam-me ao telefone. Atendo. É o Dr. Raul de Paula, secretário da "Sociedade Amigos de Alberto Tôrres" e promotor do Congresso de Escolas Regionais, atualmente reunido no Rio.

— Dr. Humberto, poderia receber-me agora? Não tomarei seu tempo. Cinco minutos, apenas...

— Com muito prazer...

O prazer é, porém, nenhum. Ainda me não sentei à máquina para escrever o meu artigo do dia, que a redação mandará buscar às 10 horas, mas não há meio de fugir.

Dez minutos depois a campainha retine. Abro a porta, eu mesmo. E encontro, diante dela, não só o cavalheiro que me havia telefonado, como duas senhoras, que êle, de pronto, me apresenta:

— O senhor me desculpará o estratagema. Era, porém, preciso. Aqui estão duas professôras paulistas, de Piracicaba, representantes do seu Estado no Congresso de Escolas Regionais... Não se conformaram em regressar para São Paulo sem fazer-lhe uma visita.

Sentam-se. Cercam-me de amabilidades verbais. Fazem o elogio do meu último livro, e da minha atividade jornalística. E eu agradeço, e sorrio, com êste cepticismo que é, em mim, o preservativo do ridículo.

Chama-se, uma, Antonieta Pedreira Silveira, e é clara, miúda, alourada; a outra, Matilde Nogueira, e é alta, morena, o rosto pontilhado de espinhas. A primeira é vivaz, ágil, de palavra rápida; a segunda, lenta nos gestos e nas palavras, e uma certa ingenuidade de modos e pensamentos.

Conversam durante duas horas. Esquecemo-nos, elas e eu, do meu artigo. Às dez e meia vou levá-las ao elevador. Encontro à porta do apartamento o portador do "Diário Carioca".

— Vim buscar o artigo... — diz-me.

E eu:

— Não há artigo hoje. Diga lá que estou doente... Dor de cabeça e febre...

*Domingo de Páscoa, 16 de abril:*

Na manhã radiosa, com o sol dourando os pedaços de montanha que se vêem furtivamente da nossa casa, escuto a campai-

nha. Como estou perto da porta, abro-a. Diante de mim, um ramos de catléias roxas na mão clara e pequena, uma figura de mulher loura e jovem.

— Alguém que errou de porta, — penso, de repente.

— É o Dr. Humberto de Campos? — pergunta a visitante, aumentando o meu espanto.

— Sim, minha senhora.

— Eu sou Maria de Lourdes Azevedo...

— Ah!... Faça-me o favor de entrar, minha senhora... Faça favor... Um instante!

Ela entra para o meu gabinete, entrega-me o punhado de flores caras, e eu corro a reparar a minha indumentária substituindo a calça de pijama por outra mais cerimoniosa. E volto ao gabinete.

Vestida de cambraia rosa, cabelos alourados espiando por baixo do chapéu miúdo, tez clara, olhos muito claros, de turmalina liquefeita, Não é nenhum tipo de beleza. Mas inspira simpatia. Há qualquer coisa de bondade singela e confiante nas suas maneiras e na sua figura.

Vem reiterar, diz, o oferecimento, que me fez, dos seus serviços gratuitos, como dactilógrafa. É desquitada, não tem filhos. Ganha o suficiente, e mais do que o suficiente, para as suas despesas. Reside com uma irmã casada, e tem três sobrinhos pequenos, que são o encanto da sua vida honesta e tranqüila.

— Sofri muito, — acentúa, — e amo os que sofrem. Tive, sempre, pelo senhor, uma viva admiração; e quando soube que se achava doente e que eu podia ser-lhe útil, corri a comunicar-lhe a minha alegria se pudesse prestar-lhe algum serviço... E' aqui estou, em pessoa, para dizer-lhe que, em qualquer ocasião, pode contar comigo... Será uma grande honra para mim...

Maria de Lourdes tem 29 anos. Casou aos 16, quando normalista, com um homem mais velho do que ela 22 anos, e que a cativou pelo brilho do espírito. Desquitou-se aos 22 anos de idade. Mas não tem ódio ao marido, nem a criatura nenhuma. Tem o desejo de ser boa para os simples e para os bons. E tudo, nela, denuncia a sinceridade do que me diz.

Prometo-lhe utilizar os seus serviços. Estendo-lhe a minha mão amiga. E ela se despede contente, deixando, com as suas maneiras bondosas e honestas, um raio de luz, saudável e doce, na sombra quieta da minha vida...

*Quinta-feira, 20 de abril:*

Depois de presidir a instalação da "Sociedade Manuel Bonfim", destinada a velar pela glória dêste sociólogo e historiador,

vou à Academia, onde haverá uma sessão pública em que Aloísio de Castro dissolverá em versos portuguêses a inspiração italiana de Giovanni Pascoli. Na Secretaria, encontro Coelho Neto.

— Como vai você, Neto? — indago.

— Mal... — responde-me, displicente.

— Doença?

— Não, meu velho. Não sinto nada. Mas é um desânimo que tu não avalias. Passo a maior parte do dia deitado. Não tenho coragem nem para ler... Além de tudo, surdo!

É a Velhice, cumprindo o seu dever. E eu me recordo de Edmond de Goncourt tremendo de frio nos dias de sol. Tôda a terra sentindo a Primavera lá fora, e êle, enregelado, sob os horrores de um Inverno, que não teria mais fim...

* * *

Após algumas semanas de notícias vagas, enviadas de Minas, onde talvez tenha ido ter o seu filho, concebido sob o regime comunista, Celina Napalèse reaparece, num lindo milagre; ao entrar, hoje, na Academia, encontro no armário aberto em que me deixam a correspondência, um lindo, mimosíssimo ramo de orquídeas roxas.

Ao dar com os olhos nas flores admiráveis, cujas pétalas parecem feitas de carne humana, exclamo, na calma do meu coração:

— Ela chegou!

E aqui se acham, a meu lado, as flores da sua lembrança.

*Sexta-feira, 21 de abril:*

Enviado pelo autor, Benjamim Lima, cuja situação econômica é das mais precárias, pois que se encontra doente e sem trabalho, recebo um lindo volume de crítica jovial e generosa da pessoa e da obra do poeta futurista Jorge de Lima. Livro de luxo, com um magnífico retrato do criticado na capa. E fico a pensar nas razões daquela homenagem, quando o homenageado ainda não tem "obra" que dê para duzentas boas páginas em verso e prosa.

Hoje, aparece-me em casa o editor do livro, fundador da Emprêsa Adersen, o simpático judeu brasileiro Adolfo Aizen, o qual me contou o segrêdo dêsse livro.

— O Benjamim Lima, — disse-me, — pretendia escrever dois ou três artigos sôbre o Jorge. Escreveu o primeiro, que saiu no "Diário Carioca". Tendo, porém, o "Diário" dispensado a

sua colaboração, êle não pôde publicar o segundo. O Jorge soube disso, e mandou propor-lhe a compra do artigo, para publicação em folheto. O Benjamim aceitou, escreveu mais outros artigos, e nós fizemos o folheto, de que foram tirados 500 exemplares, por conta do Jorge, que nos pagou muito bem.

— O Jorge de Lima está no Rio a passeio, ou de mudança?

— Êle já está aqui, para ficar. Já está instalado.

— É advogado?

— Não; é médico. E montou um bonito consultório.

— É rico, então?

— Não; a história da fortuna dêle é curiosa. O Jorge era médico em Alagoas quando foi chamado para tratar de um ricaço. O doente morreu, e êle apresentou uma conta de cem contos de réis, de honorários. A família do morto recusou-se a pagar, e êle foi para os tribunais. Ganhou a questão, recebeu o dinheiro, e mudou-se para o Rio.

Refiro-me ao retrato de Jorge de Lima que vem na capa do livro de Benjamin.

— O Jorge não tira o retrato senão assim, de chapéu na cabeça, — diz-me Aizen.

— Por quê? É calvo?

— Não; é que êle tem o cabelo muito encolhido, cabelo de negro... E não quer ser mulato, de modo nenhum!

*Domingo, 23 de abril:*

Tenho, agora, em casa, um rádio, que minha filha põe a funcionar, às vêzes, pela manhã. Uma das estações cariocas, a essa hora, irradia sempre uma lição de ginástica, em que o espíquer simula estar dirigindo um grande grupo de moças, rapazes e crianças, aos quais dirige de instante a instante recriminações espirituosas:

— Mais para a frente, madame... Assim... assim, com as mãos levantadas... Muito bem!... Não converse, cavalheiro! preste atenção ao que está fazendo... O senhor está curvado demais... Depois, o senhor fica feio e a sua noiva fica zangada... Cavalheiro, as mãos na cintura... A sua senhora está executando muito bem... Siga-lhe o exemplo... Faça favor... Não ria!... não ria!... O pé mais para dentro... Assim...... assim está muito bem!

Escutando essa irradiação, minha mulher está certa de que se trata realmente de uma aula, com a presença de senhoras e cavalheiros. E eu próprio a acompanho com a imaginação, recom-

pondo, pelas palavras do espíquer, todos os quadros que ela sugere.

E, no entanto, o causador de tudo isso está, provàvelmente, sòzinho, com uma fôlha de papel na mão, criando todo um mundo na imaginação alheia!

*Quinta-feira, 27 de abril:*

Tendo, hoje, à tarde, feito o elogio de Vital Soares, ex-Governador da Bahia, na Academia Brasileira de Letras, lembrava-me, agora à noite, pelo telefone, Pedro Calmon, jovem escritor de talento:

— O Afrânio foi eleito deputado pelo Vital, e não se lembrou disso... O Gustavo saudou o Vital em nome dos homens de letras do Brasil, em um discurso que leu no Cais do Pôrto, quando êste veio ao Rio como candidato oficial à Vice-Presidência da República...

— Sim, é verdade... Mas, o Vital vivo era um, e o Vital morto é outro... E eu prefiro louvar os mortos a lisonjear os vivos...

Passamos a tratar de candidaturas acadêmicas.

— Sabe que se cogita, por aí, da candidatura do Teodoro Sampaio à vaga do Constâncio Alves?

— E eu lhe darei o meu voto, — declaro.

Conversamos, então, sôbre Teodoro.

— Teodoro, — diz-me Calmon, — é, como você sabe, filho de uma escrava. Nasceu fôrro, embora tivesse vindo ao mundo antes da lei Rio Branco. E há um ponto admirável na sua vida: consta que, todo dinheiro que êle ganhava quando menino, guardava. E, com essas economias, alforriou a própria mãe, que continuava escrava.

— Isso é verdade ou lenda?

— Não lhe posso assegurar se é uma coisa ou outra. Era o que se dizia na Bahia.

— Lenda ou história, é um belo enfeite para uma vida, — concluo.

E fico, ainda mais, querendo bem a Teodoro.

*Sábado, 29 de abril:*

Noite digna de registro pelos seus sucessos, esta, de hoje. Às oito horas, soa a campainha da minha porta. O empregado vai atender.

— Estão aí uma porção de moças! — vem dizer-me.

Vou recebê-las. São doze professôras do Curso Regional, atualmente funcionando no Rio, as quais me vêm fazer uma visita coletiva em nome das suas companheiras. E trazem-me uma braçada de flores. E, além das flores, uma mensagem, assinada por 37 delas, exprimindo a sua admiração e o seu aprêço.

Faço-as entrar para o gabinete de trabalho, e, como não haja cadeiras para tôdas, passamos para a saleta de música e para a sala de jantar. Uma das professôras, paulistas, adianta-se, e lê a mensagem:

"Vós, que sois uma flor preciosa do sofrimento brasileiro; vós que, melhor que nenhum outro, soubestes marmorizar em páginas imortais o esfôrço obscuro e sublime das humildes professôras no labor anônimo da formação nacional; vós que sois um amigo sincero das causas do povo e pairais, hoje em dia, acima das pequenezas partidárias e das ambições rasteiras da vida, e como o cajueiro, já agora legendário na literatura do Brasil, ofereceis a sombra do vosso agasalho e o suco do vosso apoio às tentativas humanitárias, vós mereceis, Sr. Humberto de Campos, os estremecimentos de admiração e reconhecimento com que, em tôrno das vossas palavras apostolares, vibram e palpitam nossos corações".

A mensagem é longa, e tôda nesse estilo enérgico, e rica de idéias e expressões generosas. E eu a agradeço, singelamente, mas com palavras arrancadas, como jóias de pobre, do cofre do coração.

Em seguida sentam-se, e, após meia hora de palestra, retiram-se, alegres e familiares.

Uma hora depois, outra comissão. Mas, agora, são homens: seis ou sete estudantes da Universidade, membros da "Casa do Estudante", que me vêm agradecer o que eu tenho escrito sôbre a sua instituição de classe, e que me trazem um livro, com afetuosa dedicatória.

São recebidos como irmãos. E é como irmão mais velho que, meia hora depois, vou levá-los à porta do elevador.

Dia cansado. Noite feliz.

*Domingo, 30 de abril*:

Em conseqüência do frio, ou em virtude da reação operada pela aplicação interna dos raios X, voltou-me a dormência nas mãos. E, com ela, um enfraquecimento alarmante das articulações. Enquanto me acho em movimento, não sinto senão o pêso das pernas, e uma dor vaga e longínqua nos joelhos. Se, porém,

me sento ou me deito, êsse pêso aumenta, as articulações e os músculos me doem mais fortemente, e é tal o trabalho que tenho para erguer-me ou, mesmo, para colocar uma perna sôbre a outra, que tenho a impressão de haver, já, completado noventa anos. Tenho, às vêzes, vontade de olhar em tôrno, e chamar meus netos, eu, que ainda não acabei de criar os meus filhos.

E vêm-me, de repente, à lembrança os rebanhos do nordeste, nos tempos de sêca. Tocando o seu gado pelo sertão, aboiando melancòlicamente na esteira dos esqueletos das suas vacas e dos seus bois, o vaqueiro evita, sempre, que êstes se deitem para descansar. Porque, uma vez deitado, o boi, ou a vaca, não se levanta mais. Eu, hoje, estou assim.

— Ecô! Levanta, vaca velha!

## MAIO

*Quinta-feira, 4 de maio:*

Os grandes olhos azuis muito abertos no rosto moreno, que a cabeleira côr de cinza coroa, o Barão de Ramiz Galvão se encaminha para mim, nos seus 87 anos sadios, a mão direita estendida, o charuto fumegando na esquerda:

— Estou encantado com as "Memórias"!... É um "livrão" mesmo, como disse o Medeiros! Mas, ainda não acabei a leitura... Não acabei porque só agora você me deu um exemplar, e eu só leio à noite...

— O Sr. Barão lê à noite?

— Só à noite... De dia não leio nunca, porque tenho os dias sempre muito cheios de outras ocupações... Mas, à noite, não durmo sem ler.

E eu me fico a pensar na saúde espantosa dêsse homem que, aos 87 anos, lê à noite, quando eu, com 46, já não leio nem de dia!...

*Sexta-feira, 5 de maio:*

Lêda, a sombra misteriosa que me segue há quinze anos, volta a telefonar-me, com a mesma voz doce, e os mesmos processos furtivos. Momentos de conversa inocente e amiga. Palestra em que há qualquer coisa de irmão e irmã.

— Sabe que eu estive há pouco tempo na porta da sua casa?

— Deveras? Quando?

— Sexta-feira da Paixão. Fui assistir, daí, a passagem da procissão do Senhor Morto...

— Promessa?

— Promessa pela sua felicidade. Quando a procissão passou, troquei um tostão por outro da salva de esmolas... Troquei-o para lhe mandar... Guarde-o, e tenha fé... Um dêstes dias encontra-lo-á na Academia...

E cai o silêncio. E com êle se renova o mistério.

*Sábado, 6 de maio:*

Curioso fenômeno fisiológico, êste, que me cabe registrar hoje.

Sem contato sexual há oito meses, não me tem vindo, sequer, nos sonhos sensuais, as descargas compensadoras. Esta noite, porém, veio-me uma dessas descargas. Não veio, todavia, como sói acontecer, acompanhada de algum sonho erótico; sonhei, simplesmente, que um médico me havia pedido para exame certa quantidade de esperma, e que eu, para atendê-lo, vertia o meu sêmen em uma garrafa. O contato do gargalo determinava a eliminação; mas eu não sentia nenhum prazer.

As mulheres estão, na verdade, de tal modo eliminadas da minha vida, que eu nem para isso preciso delas. Nem sonhando!...

*Domingo, 7 de maio:*

Na tarde nublada e fria, chego a uma das janelas do meu gabinete, que dão para o quintal deserto. Manso e leve como uma sombra, sai de uma porta, em baixo, um gato prêto, que se esgueira encostado à parede, como um namorado clandestino ou um conspirador político procurado pela Polícia. De repente, pára. Olha em tôrno, espreitando, examinando a segurança do terreno. Certo de que não será importunado, desce a calçada, cava com as unhas um buraco. Acocora-se nesse buraco, espremendo-se, o dôrso em arco. Terminado êsse ato que a Natureza lhe exigira, volta-se, e começa a cobrir cuidadosamente com areia aquilo que deixara no buraco. Enterrado o fruto dêsse esfôrço, vai-se, de novo, e desaparece na escuridão da porta de onde saíra.

Da minha janela, acompanho tôdas as precauções do gato, e tôdas as particularidades do seu ato. E penso, de mim, para mim:

— Por que Cláudio de Sousa não enterra os seus livros, seguindo o exemplo dêste gato?

*Quarta-feira, 10 de maio:*

Na Secretaria da Academia Brasileira de Letras, na minha presença e de Homero Pires, Afrânio Peixoto conta como se deu o seu rompimento com o casal Clóvis Beviláqua.

— Certa manhã, — diz, — fui surpreendido por um telefonema de Clóvis. Desejava um encontro urgente comigo. Combinamos a Livraria Alves. À hora marcada, estava eu lá. Clóvis entra, puxa-me para o interior do estabelecimento, e diz-me que D. Amélia é candidata a uma cadeira na Academia. e que êle conta com o meu voto. Fico estarrecido, mas digo-lhe que sim, pode contar comigo. Pergunto-lhe quem são os outros, com quem êle conta.

— Conto com o Alberto de Oliveira.

— Com quem mais?

— Com o João Ribeiro.

— Quem mais?

— Ainda não pensei nos outros.

— O senhor já falou com o João Ribeiro?

— Ainda não. Mas, êle é nosso compadre, e votará com certeza na Amélia.

— E com o Alberto?

— Também ainda não falei. É, porém, voto seguro. O Alberto é muito nosso amigo.

Afrânio continua:

— Segurei-lhe no botão do casaco, e disse-lhe:

— Dr. Clóvis, o meu voto é de D. Amélia; mas acho prudente o senhor não expor a sua senhora a um desastre eleitoral na Academia. O senhor até agora conta apenas com um voto: o meu. Não anuncie, pois, a candidatura de sua senhora sem falar com os outros amigos. Converse primeiro com êles.

— Mas, eu já levo até, aqui, a notícia feita, para os jornais, — respondeu Clóvis.

E Afrânio termina:

— Nessa mesma tarde, encontrei-me com Clóvis e D. Amélia. Estávamos Graça Aranha e eu. Os dois dirigiram-se ao Graça, que se achava ao meu lado. E nem uma saudação com a cabeça! Ficaram mal comigo, até hoje...

*Têrça-feira, 23 de maio:*

Conversamos, em um grupo, na Secretaria da Academia Brasileira de Letras, Augusto de Lima, Afrânio Peixoto, Fernando

Néri, atual diretor daquela parte administrativa da instituição, quando chega, risonho e humilde, naquela sua postura de negro velho metido na roupa mais fina do patrão, Teodoro Sampaio. E logo o envolve uma atmosfera de simpatia, em que todos recordam o artigo que sôbre êle escrevi há poucos dias. Teodoro, a alma agradecida brilhando nos olhos, aperta-me fortemente de encontro ao peito robusto, o rosto encostado no meu rosto, proferindo palavras carinhosas e comovidas. E, em breve, pôsto à vontade, começa a falar, abordando os assuntos mais diversos, e referindo episódios interessantíssimos sôbre homens e coisas do seu tempo. A certa altura, recordo-lhe o que êle me disse, uma vez, sôbre a morte de Teófilo Dias.

— É verdade, — confirma êle; — Teófilo Dias morreu nos meus braços. E sofreu muito, coitado. Era de uma sensibilidade doentia. E não tinha em casa o confôrto moral de que necessitava.

Interpelei-o mais uma vez, e êle adianta:

— Teófilo era, como você sabe, de origem humilde, e chegou a ser, em São Paulo, até condutor de bonde. E casou em uma família aristocrática, e sem fortuna, como era a dos Andradas. A mulher, que aliás era feia, gostava de luxar, de gastar. E êle sofria porque não tinha onde fôsse buscar para as despesas.

— A mulher era feia então?

— Feia de mais, não era; mas era vesga.

— E ainda vive?

— Creio que sim. Depois de viúva, ela casou ainda. Casou com um italiano.

A palestra se distende, ainda. Mas, daí em diante, não é mais do interêsse das letras.

*Quinta-feira, 25 de maio:*

Antes da sessão ordinária, na Academia, conversamos, em uma roda, alguns acadêmicos. Entre nós, Medeiros e Albuquerque. Há quem faça referência ao carinho desinteressado de que me cercam hoje as mulheres. Medeiros opina:

— Eu não gosto do sistema. As mulheres só me interessam hoje sob o ponto de vista sexual.

E conta um caso:

— Na casa em que eu moro em Copacabana, todo o andar térreo é meu. O meu gabinete de trabalho fica na sala da frente, de modo que, quem passa na rua, vê a minha mesa, onde se enfileiram numerosos retratos de criaturas risonhas, de acôrdo com a recomendação do Coué. Uma tolice como outra qualquer, pois,

ao fim de algum tempo, o indivíduo já se familiarizou de tal modo com aquelas figuras que elas não exercem mais a menor influência sôbre o seu humor... Há uns quinze dias, eu notei que uma rapariga simpática, e mesmo bonita, tôda a vez que passava na rua olhava detidamente para dentro da sala. Dias depois, indo pela Gonçalves Dias, via-a, e encaminhei-me para ela. Apresentei-me, falei da minha galeria de retratos, convidei-a para uma visita. Podia entrar, quando quisesse.

— Amanhã, posso ir?

— Perfeitamente. A que horas?

— Às duas.

— Estarei à sua espera.

No dia seguinte, eram precisamente duas horas, quando a dama passou em frente à janela. Corri a recebê-la ao portão. Encontrei-a examinando o relógio de pulseira, para mostrar que era pontual. Fi-la entrar, tirei-lhe eu próprio o mantô, e em seguida o chapéu, conduzi-a para um divã discreto e, antes que ela tivesse uma palavra, realizei aquilo que os outros levam meses para concluir. Instantes depois, ela consertava o vestido, recompunha-se, e, examinando o relógio de pulso, dizia-me:

— Sim, senhor; o senhor é um homem prático. Estou aqui apenas há dez minutos, e já fizemos o que teríamos de fazer no fim!

— Não foi melhor assim? — retrucou-lhe Medeiros. — Se eu fôsse fazer como os outros, gastaríamos um tempo enorme, com o pensamento no mesmo fato, estragando assim uma boa palestra. Agora, não; agora, já fizemos o que nos preocupava, e podemos conversar sossegadamente, como bons amigos e pessoas superiores.

— E assim foi, — continua Medeiros. — Estabelecida de chofre a intimidade, ela contou-me a sua vida. Era de Belo Horizonte. Casada, enviuvara cêdo, indo então residir com a sogra, que possuia mais dois filhos solteiros. Ao fim de dois meses, os cunhados começaram a assediá-la. Entregou-se a um; depois a outro. Um dia, a sogra a chamou à parte, e perguntou-lhe o que havia de verdade nas ligações com os seus dois filhos. Imaginou-se perdida, mas resolveu confessar tudo. E quando esperava a expulsão, a condenação do seu crime, o que viu foi um sorriso no rosto da matrona.

— Está bem, — disse-lhe esta. — Estou contente com o que fizeste. Tu vens salvar a minha situação. Dessa maneira, meus filhos não deixarão a casa, e poderemos viver perfeitamente felizes.

— Dois dias depois, — conclui Medeiros, — seguiu ela para Minas, de onde me telegrafou à sua chegada, e onde é amante de dois cunhados, sob a proteção amiga e generosa da sogra...

## JUNHO

*Têrça-feira, 13 de junho:*

Desaparecem, pouco a pouco, as esperanças que havia depositado na homeopatia, no tratamento das minhas doenças urinárias. Continuo a levantar-me quatro vêzes entre meia-noite e as sete horas da manhã, e a sofrer desesperadamente com os espasmos da bexiga, tôda vez que me levanto.

Durante o dia, o mesmo tormento, o mesmo esfôrço, os mesmos gemidos de dor e, às vêzes, as mesmas lágrimas de desespêro.

Mas, é preciso viver. Viverei.

*Sábado, 17 de junho:*

Mais uma carta interessante, a que me veio com a correspondência de hoje. Vem datada de Santo Antônio da Barra, na Bahia, onde foi escrita a 7 do corrente, e começa desta maneira:

"Hoje, durante a minha missa, senti-me inspirado a pedir a Deus que consolasse e lhe desse muita paciência no meio dos sofrimentos de tôda a espécie que lhe trazem a hipertrofia da hipófise". E após algumas comovidas ponderações sôbre a Dor:

"Mais uma vez lhe ofereço os sentimentos de uma alma compadecida, que também se valorizou com a dor, e lhe deseja as alegrias íntimas de quem descobre em si o Divino Hóspede, o Deus das Consolações".

Assina essa carta o Padre Camilo Torrend, S. J.

*Têrça-feira, 20 de junho:*

Comissionados pelos seus companheiros do 4.º ano ginasial, visitam-me dois alunos do Colégio Pedro II. Vêm convidar-me para, após as férias dêste mês, visitar aquêle estabelecimento, em que me preparam uma demonstração de carinho. Prometo ir.

E tenho, quase, a certeza de que não irei.

*Quinta-feira, 22 de junho:*

Na Academia, encontro Coelho Neto. Bate o queixo de frio.

— Que é isso, caboclo velho?

— É o que tu vês. Frio e fraqueza. Cada vez mais fraco. Não sei aonde vou com isto.

E enquanto o aperto nos braços:

— Ou antes, sei, mas não digo...

*Sexta-feira, 23 de junho:*

Véspera de São João. Noite linda e fria. Procuro no céu os balões. Não os encontro. Será, mesmo, que não há balões pelas alturas, ou sou eu que os não vejo mais? Digo à minha filha:

— Nenhum balão no céu...

E ela:

— Oh, papai, há tantos! Olhe: um... dois... três... Mais de vinte, só ali...

Não lhe digo nada. Para que dizer-lhe a verdade sôbre os meus olhos?

*Segunda-feira, 26 de junho:*

Faleceu, hoje, Rocha Pombo, eleito para a Academia há poucos meses. Velhice triste, a dêste admirável trabalhador. No fim da vida, a miséria, que a Academia procurou remediar, pagando-lhe a cédula de presença mesmo sem que êle tivesse tomado posse da cadeira. Êle fazia, porém, por merecer essa modesta recompensa, comparecendo às sessões, velhinho e mirrado, a cabeça grande, o queixo fino, o bigode branco pendente e triste, e sempre de prêto, mas sempre muito limpo e cuidado na sua pobreza. Chegava, acompanhado por dois rapazes, seus parentes ou amigos. Cumprimentava todos, com grande solicitude, os contínuos como os acadêmicos, dando a impressão de preocupação por estar em casa alheia. Confirmava apressadamente tudo que lhe diziam, atarantado, mesmo sem que o interlocutor concluísse a frase. Uma timidez de escolar, num corpo quase infantilizado pelos setenta e sete anos que viveu. No recinto das sessões, sentava-se, calado e atento. E assim ficava até o fim, quando se retirava cercando tôda gente das maiores reverências.

E lá se finou, hoje, o velhinho. Parou, enfim, aquêle enorme coração, que era grande demais para o corpo que o carregava.

*Têrça-feira, 27 de junho:*

Recebo, enviado pelo editor, o primeiro exemplar do meu livro "Crítica" (1.ª série). Aspecto material excelente. Vinte e sete estudos, 341 páginas compactas. Muitos erros de revisão.

Mas estou satisfeito com êste filho.

*Quinta-feira, 29 de junho:*

Foi pôsto à venda, hoje, o meu livro de contos infantis, "Histórias Maravilhosas". Recebi dois contos de réis pela primeira edição, de 5.000 exemplares.

Histórias para os filhos dos outros. Pão para os meus.

— Deus vos pague, meninos!

*Sexta-feira, 30 de junho:*

Amável e confortadora surprêsa, a desta manhã. Há dias, uma voz feminina vinha perguntando, de modo mais ou menos insistente, ao telefone, por mim. Dizia ser uma jovem senhora do Rio Grande do Sul. Viria visitar-me qualquer dia. E hoje veio.

Dezoito anos. Delgada, clara, pele de criança pálida, sem vestígio de tinta, e de extrema delicadeza. Olhos cinzentos, dentes magníficos, cabelos castanhos, e trajando com apurada elegância. Espiritualidade triste, de boneca doente. E uma alma cristã animada de grande fé. Acha-se casada há quase dois anos, e tem uma filhinha de seis meses.

— Quando embarquei para o Rio, — diz-me, — vinha com a resolução de conhecê-lo. Chegando aqui, pedi a meu marido que me trouxesse a sua casa. Êle não aquiesceu, e veio só, porque admira também muito o senhor. O senhor, porém, não o recebeu, porque se achava doente. Êle embarcou para o Rio Grande, e eu fiquei. E vim realizar o meu desejo, apertando-lhe a mão, e trazendo-lhe estas flores.

E entrega-me um punhado de lindos cravos, cor-de-rosa e vermelhos.

— Vou oferecer-lhe dois livros meus, como recordação desta visita... Quer dar-me a honra de aceitá-los?

— Com imensa alegria.

— Com uma dedicatória?

— Sim, senhor; mas sem o meu nome; o nome do senhor apenas. O meu é Consuelo. Mas, não precisa escrevê-lo... Está, já, em um dos seus contos de "O Monstro"...

Faço-lhe a vontade. Meia hora de palestra mais, de amigos que se compadecem um do outro. E vou levá-la ao elevador, com profundo reconhecimento de coração.

## JULHO

*Têrça-feira, 21 de julho:*

Noite de surprêsas tristes e inquietantes, a de ontem. Após três dias de atividade mental intensa, e durante os quais me não afastei de casa, fui chamado para, às nove horas, falar na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Às 8½ tomo um automóvel, corro ao "Diário Carioca" para entregar o artigo que acabava de escrever, subo ràpidamente as escadas, desço, e meto-me de novo no carro. Êste começou, porém, a trepidar, parado. Salto, e dirijo-me a pé, a passos ligeiros, para aquela estação de rádio. Em meio à Praça Tiradentes, procuro respirar, e não posso. Tenho a impressão de que os pulmões estão cheios, ou paralisados. Uma angústia se apossa de mim. Chego à Rádio Sociedade, tomo o elevador. Está na hora de ocupar o microfone. Desculpo-me. Falta-me fôlego para falar. Procuro retirar-me, a fim de, embaixo, tomar um automóvel que me leve ao Hospital da Assistência Pública. Não consentem. É melhor chamar a ambulância. E esta vem. Dentro de cinco minutos, estou cercado por um médico jovem, e por dois enfermeiros.

— Depressa! Óleo canforado! — pede o doutor.

O enfermeiro procura, atarantado, a seringa e a ampola. Na tentativa de aplicação, a agulha entorta no meu braço, e transforma-se em anzol. Encontra-se difìcilmente outra, e o moço dá-me a injeção. Ao fim de alguns segundos sinto-me piorar. Um frio entra-me pelo peito, como se o tivesse escancarado aos ventos do polo. Com a mão no meu pulso, o médico exclama:

— A esparteína... Depressa!

Outra injeção. Ao fim de um minuto sinto a taquicardia, e que vou desfalecer.

— Doutor, deixe-me levantar! Quero ficar de pé! — exclamo. — Quero andar! Quero mover-me!

— Não, senhor! Absolutamente! Não faça esfôrço nenhum...

E de repente, sem soltar o meu pulso:

— Vamos para o Pôsto! É preciso fazer uma sangria, quanto antes...

Tento sentar-me, mas o médico mo impede. Serei levado para a Ambulância carregado. Protesto, mas inùtilmente. E lá me vou, conduzido, a pulso, em uma cadeira, até ao elevador, e daí ao carro, que lá se vai bimbalhando pela rua.

Na Assistência, levam-me, na maca, para um quarto. Passam-me para uma cama. Acorrem médicos e doutorandos de todos os cantos, para ver o animal raro. Cada qual mais solícito e atrapalhado. Até que aparece um, de categoria, afasta a gente miúda, examina-me, e, como quem conhece o meu caso, recomenda-me apenas sossêgo e uma dose, boa, de bromureto. Conversa, distraindo-me. Volta-me o bom humor, e digo-lhes algumas coisas alegres. Desejo aliviar a bexiga. Os enfermeiros trazem-me um "compadre". Canal impedido, em conseqüência da cânfora, contida na injeção. Sonda. Tormento. O aposento enche-se de jornalistas, informados da ocorrência. E, por volta da meia-noite, lá venho para casa, trazido por diversos amigos que, como o médico da Assistência à despedida, me dizem, insistentemente:

— Trabalhe menos!... Dencanse êsse cérebro!... Repouse essa cabeça!...

E eu aqui estou, já, trabalhando...

*Domingo, 23 de julho:*

Pela manhã, após a visita do Padre Couto Bacelar, chefe do Partido Católico do Maranhão, que veio acompanhado de dois sobrinhos que desejavam conhecer-me, e do médico Dr. Brito Cunha, que me veio convidar para ir ao seu consultório examinar os meus olhos, o criado anuncia-me dois homens de letras:

— O Dr. Jorge de Lima e o Dr. Povina Cavalcanti.

Mando-os entrar. No gabinete, referem-se à minha saúde, pedem esclarecimentos sôbre a enfermidade que me levou segunda-feira à Assistência, louvam a escolha de Celso Vieira para a Academia, e, daí, o salto se torna fácil. Jorge de Lima insiste:

— Agora, chegou a minha vez: eu vim pedir a você o seu voto para a vaga de Rocha Pombo.

— Muito bem. Estou ciente.

— E venho pedir, também, a você, que trabalhe por mim, conquistando outros acadêmicos, pondo-os a meu favor.

Sorrio. Na Academia cada um dispõe apenas, e mal, do seu próprio voto.

— Mas, vá pedindo. Você pode arranjar... — obtempera Jorge de Lima.

Deixo-o sair, com o seu entusiasmo e com a sua ilusão. É de ilusão que vivem os poetas.

* * *

Às quatro horas, visita de Celso Vieira. Vem conversar comigo sôbre o membro da Academia que deve recebê-lo. Desejava

que êsse acadêmico fôsse eu. A justificação que lhe apresentei desde a primeira hora em que me falou nisso, e que tem o seu fundamento na impossibilidade em que estou de ler, fá-lo pensar em outro, e vem pedir a minha opinião. Combinamos, então, quatro nomes, na seguinte ordem: Aloísio de Castro, Fernando Magalhães, Roquete Pinto, Afonso Celso. Ouvido Adelmar Tavares, que trabalhou também pela sua candidatura, Celso voltará a procurar-me.

Resolvido êsse ponto, passamos a tratar de assuntos que se referem à vida da Academia. Celso preocupa-se, já, com o destino da instituição, de que é o filho mais novo.

— Nós devemos cuidar, meu caro Humberto, — diz-me, — de dar a impressão de que a Academia é um instituto representativo de um país dominado pela raça branca. E ela está ameaçada pelos homens de côr.

O meu pensamento vai, diretamente, a Teodoro Sampaio. Defendo-o vivamente. É uma figura que honrará a Academia. É o maior representante da raça negra, na hora presente, em todo o mundo.

— Não, eu não quero referir-me ao Teodoro, — explica Celso. — Teodoro é um erudito. Eu falo é dos poetas mulatos e desleixados, como o Pereira da Silva. É um grande poeta? Não é. E nem ao menos procura impor-se pela compostura das roupas e das maneiras. Contou-me o Adelmar que, outro dia, querendo levá-lo em sua companhia, no Forum, no elevador destinado aos magistrados e aos advogados, o cabineiro não consentiu, tal era o seu aspecto. E agora, fala-se no Ribeiro Couto, com aquela cabeça de prêto que corta o cabelo rente para disfarçar...

— O Ribeiro Couto não é mais candidato, — desculpo. — E o Pereira entra por testamento. É o herdeiro do Luís Carlos.

— Ah, mas não está certo! Precisamos reagir contra o sentimentalismo nas escolhas. Eu, na Academia, bater-me-ei, sempre pelos homens de cultura. Sou, mesmo, de opinião que a Academia devia ter a seção de Ciências e a seção de Letras.

A propósito do seu discurso de posse, faz-me uma pergunta:

— Você acha que eu devo falar sôbre o Graça Aranha no meu discurso?

— Evidentemente. Por que não? Deve ser, mesmo, o objeto principal da peça. Por que você pergunta?

— Por que o Laudelino Freire é de opinião que eu devo estudar a figura de Santos Dumont, e não a do Graça. Diz êle que êste morreu brigado com a Academia, e que esta não receberá bem o panegírico da sua pessoa e da sua obra.

Combato êsse ponto de vista, que me parece estreito demais. E Celso concorda.

Às sete horas, levando-o ao elevador, dizia-me êle:

— Você de agora em diante terá duas casas: esta, e a minha. E quando não tiver mais esta, a minha ainda será sua.

E desce, lentamente, na gaiola de ferro.

*Têrça-feira, 25 de julho:*

Na Secretaria da Academia, onde vou à procura de Adelmar Tavares, encontro Valdemar Falcão, deputado à Constituinte, eleito pelo Ceará. Tipo de nordestino alegre, vivaz, inteligente, gostando do riso e das boas histórias. É de Baturité, e recorda-se da minha passagem pela sua terra. Lembra-me tipos. Narra-me casos. E, a propósito do espírito religioso que ali domina, conta-me que, no dia seguinte ao do pleito em que foi candidato, o chefe do grupo católico da sua cidade natal enviou-lhe um telegrama, assim concebido:

"Sua vitória garantida aqui. Todos os eleitores sufragaram o seu nome. Viva Cristo-Rei!"

*Domingo, 30 de julho:*

Gordo, alegre, risonho, Adelmar Tavares entra-me pela porta, às últimas horas da tarde. A candidatura de Pereira da Silva à cadeira que Luís Carlos ocupava na Academia, leva-nos a conversar sôbre êsse poeta fúnebre e desventurado. E como são íntimos, os dois, pergunto-lhe se é verdade o que me contou Castro Menezes, sôbre a herança que o pai de Pereira deixou ao filho, e que era constituída apenas por uma cruz de madeira, encontrada na sua oficina de carpinteiro.

— É verdade, é, — confirma Adelmar. — Êle me contou isso, e a mãe dêle, também, que ainda é viva, e o idolatra. Tanto que a velha achava que êle devia assinar-se, não Pereira da Silva, mas Pereira da Cruz.

Essa informação abriu caminho para outras, mais dolorosas.

— E a vida dêle, continuou Adelmar, — tem sido, realmente, um Calvário. Eu a conheço tôda, porque fui o advogado que tratou da ação de desquite, quando êle se separou da mulher, depois daquela tragédia da Boca do Mato. Você conhece o caso... Não conhece?

E ante a minha resposta negativa:

— O nosso Pereira casou-se, aqui no Rio, com a filha do Rocha Pombo, e foi nomeado, logo, juiz de Direito no Paraná.

Juiz na Capital, com um belo futuro. Chegando lá, a mulher declarou-lhe que não suportava o clima, nem a tristeza da cidade. Queria vir para o Rio de Janeiro, e viria, com êle ou sem êle. Pereira pede demissão, e regressa para o Rio, onde conseguiu um emprêgo de simples escrevente da Central do Brasil. Com um ordenado insignificante, foi residir na Bôca do Mato, nos subúrbios. À noite, trabalhava na "Gazeta de Notícias", como revisor. Nasceu-lhe um filho. De repente, a mulher dá para beber. Embriagava-se, e, para completar a desgraça, arranjou um amante, um caixeiro lá dos subúrbios mesmo, o qual metia em casa tôdas as noites, enquanto o pobre do marido se consumia, mediante remuneração miserável, sôbre a mesa de revisão. O filho, de quatro ou cinco anos, contava-lhe o que sucedia na sua ausência, mas êle não queria acreditar. Evitava sempre apurar a verdade. Uma noite, porém, chega-lhe à "Gazeta" uma empregada, que lhe vinha pedir não voltasse para casa naquela noite. Havia surpreendido uma conversa entre a patroa e o amante, os quais haviam combinado a morte dêle, naquela noite. Pereira foi dormir na casa da velha mãe, e, no dia seguinte, procurou apurar a denúncia. A mulher não contestou. Disse-lhe, face a face, que o detestava, que tinha um amante, e que não lhe aparecesse mais. Foi, então, quando eu tratei do desquite. Semanas depois a mulher do nosso Pereira casava-se com o caixeiro, em uma igreja presbiteriana. E o nosso Rocha Pombo assinava os convites para o casamento!

Adelmar detém-se, ante o meu espanto.

— É verdade, — insiste. — O nosso amigo Pombo fêz convites para o casamento da filha com o caixeiro da Bôca do Mato... O Pereira ficou desolado. Queria perdoar a mulher. Amava-a ainda, e considerava-a uma infeliz, que precisava do seu apoio. O tal marido pela igreja presbiteriana abandonou-a. Embriagando-se sempre, ela adoeceu, e, à hora da morte, mandou chamar o Pereira. O nosso Pereira foi, perdoou-lhe o perjúrio, assistiu-lhe à morte, fêz-lhe o entêrro, e ficou tão triste como se tivesse ficado viúvo da mais virtuosa das espôsas.

— Casou, porém, depois...

— Casou. Mas, casou de um modo engraçado. Acabrunhado com a morte da espôsa adúltera, o nosso Pereira resolveu fazer-se frade, entrando para o Convento de Santo Antônio dos Pobres. Conta, porém, êle, que, no momento em que subia a escadaria do convento, que dá para o Largo da Carioca, encontrou-se com uma senhora, que se encaminhou para êle, e com a qual se deteve

a conversar, confessando o seu desígnio. A senhora disse-lhe que não fisesse tal, e que pensasse um pouco sôbre o que ia fazer. A vida aqui fora podia reservar-lhe ainda paz e felicidade. E acabou confessando a admiração que lhe votava, e que, sendo viúva e possuindo alguns bens de fortuna, estava disposta a tornar-se sua espôsa, e a ser sua companheira pelo resto da vida... Pereira volta para casa. À noite, chama o filho, rapagão de vinte e dois anos, e encaminha-se para a casa da viúva. Ia levar-lhe a resposta, a qual era a seguinte: não queria casar; mas aceitava a sua mão para seu filho... A viúva protestou contra a substituição. Era a êle, Pereira, que ela queria. Era ao poeta, e não ao homem, que ela queria consagrar-se.

Adelmar conclui:

— E o nosso Pereira casou. Casou no dia do entêrro da sogra do Luís Carlos. Nós saímos do cemitério e fomos diretamente, de prêto, para o casamento dêle...

*Segunda-feira, 31 de julho:*

Curiosa carta, esta, que acabo de receber de Silvestre Ferraz, em Minas Gerais. O signatário meteu-a em um envelope, e, em vez de sobrescritá-la, escreveu, apenas, em cima:

"Exmo. Sr. Dr.". Em seguida: "Redação da NOITE — Rio de Janeiro". E, no meio do envelope, em vez do nome do destinatário, pôs um retrato meu.

E a carta, sem conter o meu nome, veio, hoje, às minhas mãos.

## AGÔSTO

*Têrça-feira, 1.º de agôsto:*

Eliminei, inteiramente, da minha vida, as mulheres. Às vêzes começo, mesmo, a imaginar um tipo feminino que me despertasse o desejo, e não o encontro, embora não tenha limites o mundo da imaginação, e seja habitado pelas mais formosas raças existentes ou por existir. E não encontro um só, real ou imaginário, que arranque êste novo Xenócrates ao exílio moral em que o afundou o sofrimento.

Hoje, entretanto, ao passar pela sala em que tenho o aparelho de rádio, escutei, de repente, uma voz de mulher. Cantava, e a sua voz era doce e quérula. E veio-me uma saudade funda e comovida de um mundo em que já vivi, e de que nunca mais tive notícias...

Será possível, Senhor Deus, que eu ainda abra a algum vulto feminino a porta do meu coração, que eu fechara para sempre, e do qual, parece, até já perdi a chave?

*Quarta-feira, 2 de agôsto:*

Cêrca de nove horas, o criado me anuncia a visita de um cavalheiro, que me deseja falar com urgência.

— Pergunte-lhe o nome.

O criado volta:

— Mandou dizer que o senhor não o conhece, mas que o caso é urgente.

Mando entrar o desconhecido. Tipo forte, robusto, carão largo e escanhoado. Vestido com alguma elegância: paletó prêto, calça de listra, gravata pequena, fantasia, no colarinho duro e baixo.

— O senhor, — diz-me, sentando-se, aprumado, repuxando as calças vincadas, — não me conhece; mas o senhor é meu conhecido antigo. Onde eu o encontrasse, reconhecê-lo-ia logo.

— Pelos retratos que os jornais publicam?

— Não, senhor; pelos seus artigos. Quando eu leio um artigo seu, a sua figura vai me aparecendo, tal como eu estou vendo o senhor aqui.

Pergunto-lhe o nome.

— Não é preciso, — responde-me. — Eu sou português, e comerciante. Mas isso não importa. O que importa é a missão que eu vim desempenhar junto à sua pessoa.

Puxa do bôlso interno do paletó um papel dobrado, e diz-me, entregando-mo:

— Eu sou aqui um enviado do Círculo de Fraternidade e Justiça, do qual faço parte. Tendo o Círculo recebido da filial no Pará a comunicação de que o senhor é dos nossos, e que os nossos irmãos de lá se acham em contato freqüente com o seu espírito, nós, do Rio de Janeiro, verificamos pelo seu último artigo em "A Noite", intitulado "Victor victorum", que o senhor está de acôrdo com as nossas idéias e com o nosso programa.

Reflito um pouco sôbre o meu artigo. Nêle há apenas uma blague política. O homem, porém, continua:

— Diante disso, venho convidar o senhor para visitar a sede do nosso círculo, a fim de ser recebido com as devidas homenagens, ou, então, permitir que venhamos aqui incorporados, para ser investido das altas funções que agora lhe cabem.

— É espiritismo? — indago.

— Não, senhor. Não temos nada com o espiritismo. Adoramos o Cristo Romano, e temos apenas três santos.

E puxando um papel, que me entrega:

— Aqui estão êles: Nossa Senhora da Conceição Silva, Santo Ismael & Cia., e Santo Humberto de Campos... Sim, porque o senhor agora é um dos nossos santos, e é para isso que desejamos a sua presença. Precisamos pregar no seu peito as insígnias.

Desculpo-me por não poder ir no mesmo dia. Mas prometo ir. Irei, com certeza.

— Mas, olhe... — diz, levantando-se.

E levando o dedo aos lábios:

— É preciso tôda a reserva... Compreendeu?

— Pois, não; pode contar comigo, — asseguro.

E levo-o até à porta do elevador. Aí encontro, porém, o médico Dr. Miguel Mota, que me vem visitar. E conto-lhe o episódio, mostrando-lhe os documentos.

— Agora, meu amigo, — observo, — sou santo.

E repetindo o gesto do meu visitante misterioso, levando o indicador aos lábios:

— Mas, psiu!... não diga nada a ninguém... Ouviu?

*Têrça-feira, 8 de agôsto:*

Voltei, hoje, aos médicos. A notícia, diversas vêzes lida nos jornais, de que o Dr. Jesuíno de Albuquerque possuia estudos especiais sôbre bexiga e próstata, levou-me a procurá-lo, no seu consultório, à Rua Uruguaiana. Atendido, começo, antes de qualquer apresentação:

— Doutor, eu sou menos um doente do que um atormentado... Não sei se o senhor sabe quem eu sou...

E êle:

— Como não? Ainda ante-ontem li um belo artigo a seu respeito, assinado pelo Júlio Dantas...

Conto-lhe, entretanto, a parte dos meus sofrimentos, que particularmente lhe interessam. E êle, antes que eu terminasse:

— O senhor é dotado de uma energia moral assombrosa!

E inicia o meu tratamento, embora sem me prometer a cura radical, fazendo-me sondagens na uretra, e dando-me uma injeção na próstata, pelo reto. Um pouco mais de martírio para uma pequena esperança.

*Domingo, 13 de agôsto:*

Visita de um cavalheiro alto, magro, solene. Trinta e tantos anos. Chama-se Humberto de Melo Nóbrega e pertence ao funcionalismo do Banco do Brasil, no qual, parece, tem um lugar de relêvo. Acaba de chegar de São Paulo, onde nasceu, e de onde vem transferido.

O motivo da visita é o pedido de um amigo, que deseja o meu autógrafo em um exemplar das "Memórias", que me apresenta finamente encadernado. Quer, também, um retrato meu. E mostra-me alguns originais de Batista Cepelos, encontrados, segundo me diz, nas algibeiras do suicida, no dia da tragédia.

— Mas, afinal, qual o motivo da morte do Cepêlos? — indago.

Nóbrega acende calmamente um cigarro de fumo inglês, e conta-me, pausado:

— O que se sabe até agora, é triste e horrível, e quase que se não pode contar.

E confia-me o seguinte:

— O Cepelos, como o senhor sabe, nasceu em Cutia, em São Paulo, e era mestiço, e filho natural. Indo ainda jovem para a capital, sentou praça na Brigada Policial, e chegou a capitão. Na revolta de 1893, foi para o sul, e tomou parte, lá, na campanha. Veio depois para o Rio de Janeiro, e aqui ficou, até que, em 1915, foi a São Paulo, e conheceu ali uma jovem, pela qual se apaixonou. A ignorância da paternidade era um dos tormentos da sua vida. A moça, porém, correspondeu à sua paixão. Era filha do velho Coronel Gomide, chefe político de Cutia. O velho Gomide opôs-se vivamente ao noivado. E foi quando, para forçar o pai ao consentimento, a moça confessou:

— Mas, o senhor tem que consentir, porque eu já me entreguei a êle.

O velho entra em desespêro. Toma um revólver, mata a filha, e suicida-se depois. Cepelos era, também, filho do velho Gomide!...

Ao ter conhecimento do fato, Cepelos achou que não devia mais suportar a vida. Subiu à pedreira que dá ali para a Rua Pedro Américo, e atirou-se de lá.

— E ainda há quem não acredite na existência de Édipo!... observo.

E Nóbrega:

— E' pena que não se possa narrar êsse drama, ou, melhor, essa tragédia...

*Segunda-feira, 14 de agôsto:*

Ao anoitecer, na hora, precisamente, em que meu coração se mostra mais inquieto com a enfermidade de minha filha, cuja febre chegara a 40 graus, anunciam-me uma visita, a quarta ou quinta do dia. É o professor e advogado Hermes da Fonseca Filho, último rebento do último presidente militar do Brasil. Vem trazer-me um exemplar do "Ariel", de José Henrique Rodó, por êle traduzido e prefaciado.

Gentil, pondo um acento de convicção em cada palavra, falando quase em surdina, refere-se ao seu entusiasmo pela minha estrutura intelectual e moral, e a confiança que a sua geração deposita em mim.

— O senhor, diz-me, — é o único homem em condições de ser o nosso guia, o nosso orientador, o nosso mestre. A sua palavra, dirigida à mocidade, como Rodó à mocidade uruguaia, seria ouvida e seguida. O senhor tem ainda uma grande missão social no Brasil. Tome a dianteira, e nós o seguiremos.

— Não penso, absolutamente, nisso, — respondo-lhe. — Ainda hoje, escrevendo um pequeno artigo que os estudantes de Direito da Universidade me vieram pedir, o tema foi precisamente a incapacidade da minha geração para resolver os problemas sociais e políticos que recebeu da anterior, e lega sem solução à geração nova. A minha palavra é um pedido de perdão, é a absolvição para todos nós.

Hermes da Fonseca insiste, ainda, argumentando mais com o coração do que com a razão. E eu, de mim, comigo, sorrio, e exclamo:

— Pobre país! Em tôda parte os cegos pedem um guia. E o Brasil é tão desgraçado que a sua mocidade tem desejo de ser guiada por um cego!...

Entreguei, hoje, à Editôra Marisa os originais de "Lagartas e Libélulas", que será o meu sétimo livro do ano. Aparecerá em setembro.

— Deus te dê boa sorte, meu filho!...

*Têrça-feira, 15 de agôsto:*

Pela manhã, às oito horas, sobe o porteiro do arranha-céu em que moro, trazendo a correspondência. E, com esta, um embrulho, com papel de sêda, ao qual se acha prêsa uma carta.

Abro-os. O embrulho contém três lindos e frescos punhados de violetas que me perfumam, logo, docemente, o gabinete. E a

carta, o seguinte, em elegante caligrafia feminina, sôbre papel azul:

— "Em 15 de agôsto de 1933, dia de Nossa Senhora da Glória — Para o Dr. Humberto de Campos — Com os sentimentos da mais viva simpatia e maior admiração. — N-a-e-i-u-g-e".

Que te posso eu mandar, Anjo Desconhecido, para pagar-te a carinhosa esmola dêste dia?

*Quarta-feira, 16 de agôsto:*

Dormi, de ontem para hoje, quatro e meia horas seguidas, coisa que me não acontecia desde fins de junho de 1930. E devo êsse milagre ao tratamento a que me está submetendo o Dr. Jesuíno de Albuquerque. Meia hora depois de despertar, quase tenho uma síncope. O organismo estranhou o sono.

Dá-me vontade de gritar, numa explosão de alegria:

— Toca o hino, Jesuíno!...

*Sábado, 19 de agôsto:*

No cartório do tabelião Belisário Távora, sogro e tio do Ministro Juarez Távora, detenho-me a conversar com a sua filha mais velha, que lhe serve de secretária. Fala-me ela do desejo que tem o seu cunhado de encontrar-se comigo, pois que o meu nome é constantemente lembrado na casa da Rua Marquês de Abrantes, onde moram todos juntos, e passamos a conversar sôbre a feição humana da minha literatura.

— Ah, se o senhor soubesse as coisas terríveis que nós ouvimos aqui, neste cartório!?... — diz-me a filha de Belisário Távora.

E conta-me:

— Há poucos dias veio aqui um casal fazer testamento. Possuiam um filho só, e já rapaz. Eram loucos por êle. Há dois meses, vai o moço tomar banho em Copacabana, e morre afogado. Nem o cadáver conseguiram encontrar. Os dois, pai e mãe, vieram aqui para assinar a escritura de doação de uma escola que estão construindo em Copacabana, e que terá o nome do morto. E fizeram testamento legando a essa escola tôda a sua fortuna, quando morrerem. A pobre mãe, então, chorava a não poder mais. E já considerava uma esmola de Deus, que a consolaria, ter

na terra o túmulo do seu filho, para chorar sôbre a lousa que lhe cobrisse o corpo... A escola de Copacabana vai ser para êles, assim, uma espécie de mausoléu diante do mar, onde irão rezar pelo morto, cuja alma têm êles a impressão de que deve rondar por ali...

Um ligeiro silêncio, e refere:

— Há, porém, casos ainda mais tristes do que êsse. Há dois ou três dias estêve aqui uma velha senhora que vinha deserdar as filhas. São duas moças, solteiras. O marido dessa senhora morreu, deixando alguns bens. Na ocasião da partilha, as moças se desavieram com a velha, e agrediram-na. Uma das filhas investiu contra a própria mãe com uma pá de juntar lixo de cozinha, e feriu-a na cabeça. Um talho horrível. Quase que abre a cabeça ao meio. Ela nos mostrou, aqui, a cicatriz, e ficamos horrorizados.

E com a sua alma de católica:

— Tudo isso é falta de religião...

*Segunda-feira, 21 de agôsto:*

Na Livraria Freitas Bastos, encontro o Desembargador Piragibe, antigo jornalista e antigo deputado, que passou diretamente da baixa política para a alta magistratura. Fala da minha saúde, da atuação das minhas letras, e termina por uma inquirição de caráter religioso.

— Não, você não pode ser um céptico! — protesta. — A vida está tão cheia de prodígios que um espírito como o seu não pode deixar de apreendê-los.

— A fé não depende da vontade, — respondo-lhe. — É possível que eu viva cercado por êsses prodígios; mas êles fogem à minha percepção. Êles não encontram eco no meu íntimo. Não há, para êles, ressonância no meu peito, no meu coração. E o sentimento religioso nasce da compreensão dos fenômenos exteriores, pela alma. E a minha alma é surda e cega às coisas maravilhosas que a cercam. Ela as percebe, mas sem o caráter maravilhoso que lhe dão os que têm o dom da fé. E' defeito meu. Mas, que quer, se eu fui feito assim?

— Procure crer, — insiste Piragibe.

E eu:

— Minha alma está aberta. Deus pode entrar. Depende dêle que eu ouça os seus passos dentro dela...

## OUTUBRO

*Quarta-feira, 11 de outubro:*

Não obstante a chuva que desaba desde a tarde, dá-me vontade de ir levar a Coelho Neto uma alegria, com um exemplar da segunda série da "Crítica", em que há um estudo sôbre o seu livro "Fogo-Fátuo". Meto-me em um automóvel. Em frente à casa, na rua alagada, um tumulto de carros, um barulho de buzinas aflitas. E' que se vai realizar, no estádio fronteiro, uma partida de futebol, que deve ser assistida, à luz dos fócos elétricos, pelo General Justo, Presidente da Argentina.

Toco a campainha. Neto sabe da minha presença, e manda que me façam subir. Encontro-o de pé, no meio da saleta. Sentamo-nos. Vêm os filhos, a nora, os netinhos. Afundado em uma cadeira de mola, o escritor deixa-se ficar silencioso. Olha-nos, sorri quando nos rimos. Tem palavras de louvor para a minha atividade, para a minha obra. Palavras cansadas, arrancadas de longe. Resto dágua no fundo de um balde, puxado de um poço mergulhado na treva.

— Tens escrito, Neto? — indago.

— Eu? Nada.

— Que é que sentes?

— Nada. Só fraqueza. Desânimo. Não tenho coragem para nada.

— Astenia?

— É.

— E a alimentação? Tens comido bem?

— Quem? Eu? Não. Galinha. Galinha e café.

Examino-o. Está dia a dia menor, mais miúdo, mais encolhido. As mãos, em cima das pernas, não se movem. Parece tomado de irresistível preguiça. A netinha brinca no tapête. O netinho cabeceia de sono. A mãe ordena-lhe que vá dormir. Que se despeça de mim, que tome a bênção ao avô. A criança levanta-se e encaminha-se para o quarto. Coelho Neto olha o pequenito, indiferente. Nada mais lhe interessa.

Uma pena comovida e profunda apossa-se do meu coração. Dói-me o espetáculo daquela meia imbecilidade. Despeço-me. Desço a escada. E, já no automóvel, penso:

— Mas, êsse estado, que Edmond de Goncourt tanto temia, essa morte do espírito antes do corpo, não será, porventura, uma bênção dos deuses?

*Quinta-feira, 12 de outubro:*

À porta da Academia, saindo quando eu entrava, encontro Medeiros e Albuquerque, vítima, há três dias, do sétimo ou oitavo ataque de edema pulmonar.

— Você por aqui, num dia úmido como êste? — estranho.

— Estou aqui precisamente porque o dia estava mau para sair... O Neto está doente. O Laudelino também. Imaginei que a Comissão do Dicionário não pudesse se reunir, e vim, para fazer número. O Neto e o Laudelino fizeram, porém, as mesmas conjeturas. E o resultado foi a comissão trabalhar, hoje, com a presença de todos nós.

Conversamos sôbre a sua saúde, e Medeiros diz-me:

— Estão aí jogando na nossa vida. Há um páreo acadêmico disputando a Corrida da Morte, com quatro corredores: eu, você, Coelho Neto e Laudelino.

— Quem é o favorito? — indago.

E Medeiros, rindo, a mão no peito:

— Êste seu criado...

*Domingo, 15 de outubro:*

Mais uma curiosidade para êste "Diário". Trouxe-ma o tenente-coronel e ex-senador Feliciano Sodré, antigo presidente do Estado do Rio, saído recentemente de uma Casa de Saúde, na qual fôra internado como sofrendo das faculdades mentais. Tendo me pedido ontem hora para uma visita, veio hoje.

Os primeiros vinte minutos de palestra foram para mim uma surprêsa. Palestra sôbre coisas transcendentes, mas lógicas. Recorrendo de vez em quando à matemática para demonstrações científicas ou filosóficas, raramente lhe falhava o raciocínio. E, de quando em quando, esta frase, iniciando um novo assunto:

— Nas minhas peregrinações pelos arraiais da loucura...

Afinal, explicou a razão da sua visita. Achando que a medicina é impotente para curar-me, vinha oferecer, para isso, a sua colaboração, a qual consistiria na sua presença diária na minha casa, durante uns quinze minutos, a fim de fazermos umas preces, em conjunto. Desculpei-me. Não me sobrava tempo. Êle, porém, insistiu:

— Não custa nada... Você vai ver como é simples.

Levantou-se, fechou a porta, fechou a janela, chegou para junto de mim uma cadeira, segurou nas minhas mãos, e ordenou:

— Concentre-se... Acompanhe-me com o pensamento... Feche os olhos... Assim...

E começou a rezar, em voz alta. Rezou, primeiro, três Padres-Nossos a Deus, três Ave-Marias, três Santas-Marias, e mais um oferecimento. Repetiu-os em louvor de Nossa Senhora; de Santa Teresa; de Santa Teresinha do Menino Jesus; dos Apóstolos; dos Doutores da Igreja; e de outras entidades protetoras. E iria ainda mais longe, talvez, se eu não abrisse os olhos, como quem se dá por satisfeito. Nessa altura, o tenente-coronel apertou ainda mais as minhas mãos, e cantou, alto, com tôda a unção, uma Ave-Maria e uma Santa-Maria, como se estivesse no côro de um templo. Quando êle concluiu, pus-me de pé.

— Então, que sentiu? — indagou.

— Nada. Apenas tranqüilidade, que vem da oração.

— Pois, é isso. E é com isso que você vai ficar bom. Você não imagina o poder curativo da prece.

Emendou:

— Sedativo e curativo. E eu voltarei amanhã.

— Amanhã, não, — protestei.

— Depois de amanhã.

— Está combinado.

À sua saída chamei, porém, o empregado:

— O senhor viu êste cavalheiro que acaba de sair?

— Vi, sim senhor.

— Pois bem; quando êle voltar, diga-lhe que eu não estou.

*Segunda-feira, 16 de outubro:*

Foi pôsto à venda, hoje, no Rio, a 1.ª edição da 2.ª série da "Crítica". Edição Marisa. Volume compacto de 342 páginas.

O parto foi longo. Mas o pai está contente com a cara do filho.

*Quarta-feira, 18 de outubro:*

Editada pela Livraria José Olímpio, apareceu em São Paulo a 4.ª edição do 1.º tomo das "Memórias". Edição de 5.000 exemplares, numerados de 10.001 a 15.200.

*Sábado, 21 de outubro:*

O Dr. Jesuíno de Albuquerque, meu médico para a bexiga, recomendava-me hoje:

— As pílulas que eu lhe receitei são para tomar à noite: uma antes de deitar, e outra mais ou menos às três horas da manhã.

— Mas, se eu estiver dormindo a essa hora?

— Não estará, não. A essa hora, todos os prostáticos acordam para ir ao mictório.

E ilustrando a afirmação:

— Se um aviador levantasse vôo às três horas da manhã, pairasse sôbre uma cidade e pudesse ver o interior de tôdas as casas, verificaria que todos os prostáticos estão acordados, e de pé, a caminho do banheiro...

*Quarta-feira, 25 de outubro:*

Completei, hoje, 47 anos. E sinto-me perfeitamente satisfeito com o meu destino, e contente com a minha vida. As manifestações de carinho que recebi durante todo o dia, e que me vieram em visitas, cartas, flores e telegramas desde as primeiras horas, deram-me a doce e consoladora certeza de que tenho sabido aproveitar o meu tempo, na inquieta peregrinação por êste mundo.

Dez ou doze ramalhetes de flores encheram todos os jarros da minha casa, tendo minha filha saído, ainda, para comprar mais dois. Nove senhoras e meninas, das quais conheço apenas duas ou três, comunicaram-me, pelo telefone, terem comungado, hoje, oferecendo êsse ato a Deus em favor da minha saúde e da minha felicidade. Vozes femininas, de leitoras de minhas crônicas, chamaram-me numerosas vêzes ao fone, para dar-me um abraço, e que eram, quase tôdas, de pessoas que eu não conheço.

A primeira visita foi, porém, de Belisário Távora, sogro de Juarez Távora, Ministro da Agricultura e um dos chefes militares da Revolução de 1930. Ainda não eram oito horas quando me bateu à porta do apartamento, para trazer-me os cumprimentos de tôda a família, e o abraço de Juarez, a quem não conheço pessoalmente. À tarde, uma comissão de trinta acadêmicos da Faculdade de Direito de Niterói, entrou-me pela casa, em nome de todos os alunos daquela escola superior. Um dos acadêmicos, rapagão moreno e simpático, falou em nome dos manifestantes. Discurso inteligente, e finamente literário. A mocidade acadêmica fluminense vinha à minha casa saudar o homem capaz de orientá-la, e cuja palavra se tornara, já, aos seus ouvidos, um evangelho. Eu constituia, para a juventude, um exemplo de coragem, de lucidez cívica, de dignidade heróica e varonil. Quanto

ao homem de letras, eu era, aos seus olhos, como aquelas minas da Baviera, as quais, na expressão de Stendhal, transformavam em pedras preciosas até as fôlhas sêcas lançadas ao fundo da terra... E entregou-me, em nome dos acadêmicos, uma caixa, contendo uma pasta de couro, para mesa.

Respondi. Lembrei aos moços que ali se achavam a responsabilidade que a minha geração lhes legava. Nada fizemos pelo Brasil. Que êles reparassem a nossa falta, cumprindo, por nós, o nosso dever. O maior elogio que lhes podia fazer, êles se tinham feito, êles próprios, comparecendo naquele momento à minha casa. Eu nada era, pela posição ou pela fortuna. Êles vinham, entretanto, de longe, confortar um escritor pobre e enfêrmo, ùnicamente porque era enfêrmo e pobre. Pelo pedaço de coração que me davam, eu lhes dava, pois, todo o meu coração, desejando-lhes um destino tão alto como a sua esperança, e tão grande como a sua bondade.

Telegramas de ministros do Supremo Tribunal, de ministros de Estado, e de sargentos do Exército e da Marinha. E o de minha mãe. E o de minha amiguinha Maria de Lourdes, da Bahia, e, no meio de oitenta outros, êste do meu primo Mirocles Veras, de Parnaíba:

"Parabens. Tua velhinha vive hoje um dos seus dias mais felizes".

Grande dia. Dia feliz, e consolador, êste, marcado hoje no calendário da minha vida!

Obrigado, meu Deus!

*Têrça-feira, 31 de outubro:*

Remoçado pelo ar da montanha, vem visitar-me Edmundo Bittencourt. Vem ver-me, e comunicar-me que, na sua fazenda de Teresópolis, denominada "Quebra Frasco", mandou arranjar uma casa pequena, e que se acha tôda mobiliada, à minha espera, ou sòzinho, ou com os filhos, para passar uns dias, umas semanas ou uns meses. Falamos de imprensa. E êle me diz:

— Eu não leio diàriamente o que você escreve ùnicamente para não ter contato com a alma do Macedo. Não o tolero mais.

— Ao Macedo Soares?

— Sim. Tomei nojo. Hoje, êle me causa repugnância.

— Mas, isso é de pouco tempo.

— Desde que êle se pôs a endeusar a Epitácio e a Bernardes. O homem que recebe as afrontas que êle sofreu dêsses dois indivíduos, não procura nem aceita reconciliações. O homem que não tem vergonha é considerado morto, para mim.

Foi êsse o motivo de não ter sabido do meu aniversário. Não leu o jornal de Macedo Soares. E como se refira à influência da minha literatura nas camadas populares, conto-lhe o caso dos telegramas recebidos por mim, de sargentos da Marinha e do Exército. E Edmundo:

— É isso mesmo. Você tem penetrado fundo na alma e no coração do povo, que tem você como um chefe intelectual da revolução social com que êle sonha. A sua responsabilidade é cada vez maior.

Tratamos, ainda, de outras coisas. E Edmundo, após uma hora de palestra, se retira, certo de que irei, breve, passar alguns dias na sua fazenda.

## NOVEMBRO

*Quinta-feira, 2 de novembro:*

Na manhã fria e chuvosa, os sinos badalam lùgubremente, pedindo uma prece pelo mortos. O céu é cinzento e baixo. Uma tristeza comovida paira no ar. Parece que a Morte, neste momento, se acha confundida com a Vida.

Cruzo os braços. Afundo entre êles, a cabeça. E fico a escutar um sino pequenino e distante, que estala agudamente o seu bico de bronze, como um pássaro implume e aflito, que visse partir os outros e não pudesse acompanhá-los, por falta de penas para voar...

*Quinta-feira, 9 de novembro:*

Na sede da Rádio-Sociedade, onde vou fazer a minha primeira palestra do mês, diviso, num recanto do grande salão de espera, a figura simpática e brasileira de Roquete Pinto. Em mangas de camisa, acompanhado por um auxiliar, acha-se por trás de uma infinidade de aparelhos de física, de fios de arame que sobem e descem, de radiadores que se defrontam, com os seus círculos e losangos misteriosos. Encaminho-me para o seu laboratório de homem de ciência, e êle me explica do que se trata.

— É um aparelho de televisão, — diz-me. — Há tempos venho fazendo experiências em silêncio, e já tenho conseguido muita coisa. Tenho transmitido letras e sinais, e recebido também. Há poucas semanas transmiti um retrato de Euclides da Cunha; mas não saiu muito nítido. Dentro, porém, de poucos meses teremos coisas verdadeiramente sensacionais com um aparelho fabricado por um polaco, que eu encomendei dos Estados-Unidos.

Falo-lhe do modo por que dispersa o seu esfôrço nos domínios da ciência, sem que se tenha, aqui fora, notícia dessa atividade prodigiosa. Roquete volta-se, porém, para mim, e diz-me:

— Humberto, eu sou, talvez, mais vaidoso do que você supõe. Eu não me desinteressei da minha ciência predileta, a antropologia, porque estou inteiramente tranqüilo em relação à conservação do meu nome, nos seus anais. Dentro de um século, não se escreverá sôbre raças, especialmente sôbre índios, assim como sôbre educação e sôbre rádio no Brasil, sem subir as escadas do Museu Nacional ou das Bibliotecas para consultar o que eu deixei... Tudo que um homem de pensamento aspira, e que é a sobrevivência na memória dos homens de amanhã, eu tenho como certo. Agora, o meu desejo é divulgar o conhecimento das maravilhas da ciência moderna nas camadas populares. Essa a razão dos estudos que estou agora realizando. Eu quero tirar a ciência do domínio exclusivista dos sábios para entregá-la ao povo.

— Mas, se você reunir em livro as suas conquistas científicas. não é possível que os homens de amanhã esqueçam o que você fêz? —retruco.

E Roquete:

— Não há necessidade. O que eu fiz de novo em ciência está nas páginas das revistas e dos boletins, e citado nas obras dos sábios estrangeiros. Isso basta.

Louvo o seu esfôrço, a sua energia, a sua tenacidade. Despeço-me, em seguida, e saio. E, pelo caminho, venho pensando nessa confiança que Roquete Pinto deposita em si mesmo, e que é tão diferente do que acontece comigo, que tenho certeza absoluta de que, ao fim de cinqüenta anos, não se imprimirá mais um só livro, no qual se encontre, mesmo vagamente, citado o meu nome...

*Quarta-feira, 22 de novembro:*

Carta comovedora, essa, de Maria Eugênia Celso, que acabo de receber. Tendo eu lhe enviado, há algumas semanas, um exemplar da segunda série da "Crítica" e outro de "Lagartas e Libélulas", escreveu-me agora a poetisa, para mos agradecer. Neste último livro há, porém, uma crônica intitulada "A Criança Mutilada", em que eu me refiro a uma pequena de doze anos, sem pés e sem braços, a qual pedia a morte, na previsão terrível do seu destino. Defeituosa desde a infância, Maria Eugênia sentiu que lhe tocava, em parte, o meu grito de piedade em favor daqueles que se acham marcados na vida por essa espécie de mal-

dição. "Em ninguém, creia, — diz-me ela, agora, na sua carta, — em ninguém teria ela encontrado eco mais profundo e mais comovida simpatia, porquanto, — não obstante tudo que de carinho e sucesso a Vida me tem dado, — fui uma criança um pouco mutilada, uma criança coberta de aparelhos cujos pés impacientes nunca puderam sair completamente da sua trôpega prisão de dor e de imobilidade, e, por isso talvez, sinto, como todos os atingidos na sua integridade física, uma íntima e enternecida solidariedade. Fiz parte, faço parte ainda do grupo doloroso daqueles que "não são como todos os outros" e, diante do grito cruciante de revolta, que é o final do seu artigo, estendi-lhe as mãos espiritualmente num gesto de fraternal compreensão, e tive ímpetos de lhe mandar dizer: — Irmão, não se julgue sòzinho na amargura do seu sofrimento... Acompanha-o a turba inumerável daqueles que adoram a Claridade sem olhos para lhe admirarem o esplendor, que sentem no peito o bater desesperado de asas ouvidas do espaço, e mal se podem equilibrar nos pés deformados para caminhar, que se finam no desejo de colher uma flor ou pegar uma boneca, e, como a pobre pretinha da Bahia, não têm mais braços para fazê-lo. Somos legião os que se exaltam "no sentimento da beleza, no culto da graça, no amor da perfeição", e que a própria imperfeição inexoràvelmente separa da posse almejada de tudo isso... Que o aqueça, um minuto, o calor da miséria comum e a consciência dessa igualdade na dureza de idênticas provações. E bendito o sofrer que desabrocha consoladoramente, como o seu, em emoção, em fantasia, em piedade para os outros!... É o que lhe quis escrever quando aquela belíssima página saiu no "Diário Carioca", e que não pude agora fugir ao impulso de escrever-lhe, relendo-a no livro que me ofereceu...

Não sei se estas palavras lhe poderão servir de algum bálsamo. Posso entretanto assegurar-lhe que são escritas, não com a pena que humilha e que molesta, mas com a sinceridade que entende e que espera ser entendida".

*Quarta-feira, 29 de novembro:*

De caminho para o médico, passo na Academia. Na Secretaria, o diretor desta, Dr. Fernando Néri, diz-me:

— Já soube do Afonso Celso?

— Que é que houve com êle?

— Está muito mal. Pneumonia dupla. O Fernando Magalhães, que estêve há pouco aqui, disse que êle está mais para o lado da Morte do que da Vida.

E acompanhando com a palavra o curso do meu pensamento:

— Os velhos da casa estão mal. O Medeiros, cada vez pior. O Neto, perdido. E agora o Afonso Celso.

E eu, lembrando-me do último incidente acadêmico, e das suas origens:

— São homens polidos. Querem fazer a vontade ao Gustavo...

* * *

À noite, uma senhora que tentara falar-me durante o dia pelo telefone, pede ligação, novamente. Voz doce, maneiras polidas e respeitosas, revelando pessoa de educação extremosamente cuidada.

— Quem lhe fala, Sr. Doutor, é uma professôra. Tomei a liberdade de telefonar-lhe para fazer-lhe uma comunicação que parece, lhe será agradável ao coração... Eu sou professôra de português da "Escola Amaro Cavalcante", e, nas provas semestrais dêste ano, que acabam de ser feitas, dei para o tema, às minhas alunas, e aos meus alunos, o estudo e o exame da pessoa e da obra de um brasileiro ilustre, à escolha dêles. Quando terminaram, vi que a maior parte da classe, quase a metade, escolheu para tema a sua personalidade e os seus livros... E o senhor não imagina que descrições lindas alguns fizeram!... As meninas, principalmente, de doze a dezesseis anos, escreveram a seu respeito coisas tão emocionantes que me comoveram... Em segundo lugar, na escolha, vieram Coelho Neto e Rondon... Os rapazes, com o instinto da aventura, escolheram Rondon. Mas as meninas, as mocinhas especialmente, escreveram sôbre o senhor... Mais da metade da turma, em suma, demonstrou que o seu ídolo, no Brasil, é Humberto de Campos! O senhor quer ouvir, pelo telefone, uma dessas provas?

E passa a ler um hino à minha pobre pessoa, hino exaltado e comovido, revelador de uma alma feminina ingênua e boa, tomada, ao mesmo tempo, de entusiasmo pelo escritor e de piedade pelo homem: palavras arrancadas do coração e perfumadas, ungidas, tôdas, do mais puro e meigo sentimento.

— A senhora professôra poderia fazer-me o favor de dizer-me o nome da aluna que escreveu a meu respeito coisas tão lindas e generosas?

— Chama-se Maria de Lourdes Long... Tem quinze anos... E é uma das melhores alunas da Escola...

— E o nome da senhora professôra? Poderia dizer-mo?

— Eu queria dar-lhe apenas a notícia feliz, sem dizer-lhe quem a comunicava. Mas, uma vez que o senhor quer o nome de quem lhe está falando, não tenho nisto senão prazer. Meu nome é — Thamar de Sousa... Peço-lhe que conserve o "h" apesar da reforma ortográfica, pois tenho a impressão de que o meu nome é de outra pessoa quando o suprimem...

A professôra que me faz comunicação tão gentil e consoladora, promete enviar cópia de algumas das provas das suas alunas que se ocuparam com a minha pessoa. E eu prometo enviar-lhe um livro meu, para que o entregue a Maria de Lourdes Long, em cujo coração amigo e inocente ocupo um lugar pequenino e escondido, e tão agasalhado como um pedaço de céu...

## DEZEMBRO

*Quarta-feira, 13 de dezembro:*

Adelmar Tavares, que segue hoje à noite para Recife, em visita à sua velha mãe enfêrma, vem despedir-se apressadamente, e diz-me :

— A velhinha está com oitenta e cinco anos, e tenho a certeza, quase, de que é a última visita que lhe faço.

Falo-lhe da minha mãe, e da impossibilidade de trazê-la para perto de mim. Seria uma desumanidade, um ato de egoísmo. Em Parnaíba, onde se encontra, tem ela as sobrinhas e duas irmãs, a quem visita e que a visitam. E tem conhecidos, tem amigos, e tem os netos. Aqui, sua única afeição seria eu. E eu, com a minha vida intensa, não lhe poderia consagrar senão uma ou outra hora do meu dia.

— Foi o que sucedeu comigo, — diz-me Adelmar. — Certa vez, minha mãe veio passar uns tempos comigo. Eu saía, porém, muito cedo, e voltava alta noite. Mesmo assim ela se mostrava contente.

— Minha mãe, — dizia-lhe eu, — é mesmo como se a senhora não tivesse vindo de Pernambuco. A senhora nem me vê..."

— "Não, meu filho, não é a mesma coisa. Eu fico acordada até que tu entres".

— "E nem me vê, minha mãe!"

— Sim, meu filho; não te vejo, mas tenho uma alegria que não tinha no Recife".

E docemente.

— "Escuto os teus passos".

*Sexta-feira, 15 de dezembro:*

Pequenino e moreno, escondendo sob um físico de aprendiz de barbeiro um talento de jornalista de verdade, Raimundo Magalhães Júnior vem visitar-me, como de costume, ao anoitecer, à hora em que me encontro à mesa de jantar. O criado leva-o para o meu gabinete, onde êle senta no sofá estofado, lendo jornal. Vou ao seu encontro. Êle me cumprimenta, e continua lendo. Sento-me diante dêle. E êle não se move enquanto não termina a leitura. Afinal, põe o jornal para um lado, e pomo-nos a conversar. A palestra vai de assunto a assunto. Diz-me êle, afinal, que vai em visita a Henrique Pongetti, que mora no bairro. Elogio a literatura dêste autor, a quem não conheço pessoalmente. Elogio, principalmente, o seu estilo.

— E, no entanto, — diz-me Raimundo Magalhães, — você não imagina com que dificuldades êle luta para escrever! É um torturado da forma.

E conta-me o processo a que recorre Pongetti na sua atividade de escritor e jornalista.

— Um original dêle é horrível de ver. Basta dizer-lhe que Pongetti escreve a lápis. Escreve uma frase, e para. Arrepende-se de a ter escrito, e, então, passa na bôca o dedo polegar da mão direita, e apaga com a saliva as palavras que se acham no papel. Depois, escreve por cima a frase nova.

E numa conclusão:

— Um original de Pongetti não tem sequer uma palavra riscada. Tôdas as eliminações são feitas com cuspo!

*Sábado, 16 de dezembro:*

Ontem, pela manhã, o criado anunciou-me uma visita de três senhoras, uma das quais, dizia êle, era a "mãe do Damião". Supondo tratar-se da família de um prêto que tem êsse nome, e cujo filho estou procurando internar no Instituto Ferreira Viana, fui eu próprio abrir a porta. E eis que me aparecem uma velhinha clara, elegantemente vestida de prêto, uma senhora nova ainda, e uma bonita menina de uns quinze anos, alta, alourada, e de grandes olhos pestanudos.

— Sou a mãe de Fenelon Perdigão, seu amigo do Pará! — disse a velhinha, abraçando-me numa grande alegria. — E não lhe chamo nem doutor Humberto nem senhor Humberto. Venho visitar o Humberto, amigo do meu filho!

— Apresentou-me, em seguida, a senhora, sua afilhada, e a moça de lindos olhos, sua neta. E contou-me o objetivo principal da sua visita:

— Há no Leblon uma senhora alemã que tem feito milagres, curando pessoas desenganadas. E eu me lembrei de você. Não é espiritismo, não. Você tem experimentado tantos médicos, tantos remédios, sem resultado nenhum. Por que não experimentar uma coisa que não lhe pode fazer mal? Olhe, eu estava desenganada. E hoje aqui estou, com saúde, e vida para muito tempo!

A senhora secundou a velha. A menina permanecia calada, mas piscava constantemente os seus olhos pestanudos, confirmando. Resolvi, por isso, aquiescer. A Ciência anda de tal modo desmoralizada no seu capítulo de medicina, que é bem possível ninguém se cure mais com os seus recursos, mas com os dos curandeiros clandestinos.

E, hoje, veio a mulher prodigiosa. Veio em companhia da velha e da mocinha dos lindos olhos pestanudos. Tipo de alemã do sul, com uns cinqüenta anos aproximadamente. Pequena, cabelos louros e secos espalhados pelos ombros. Vestido prêto, e pobre. E, de mistura com o cheiro característico de suor eliminado no dia quente, um perfume esquisito de flores murchas, em oratório fechado.

Afastadas as duas companheiras para uma sala contígua ao meu gabinete, ficamos sós, a alemã e eu. Abrindo uma bôlsa, tirou ela, de dentro, um dêsses aparelos comuns de auscultação, pô-lo ao ouvido, e começou a examinar-me. Escutou, primeiro, o coração. Em seguida, o pulso; e a carótida; e a artéria abdominal; e as têmporas. Tomou notas em um papel. Feito isso, perguntou se eu me queria mesmo tratar pelo seu processo. Respondi-lhe afirmativamente.

— É crente, senhor? — indagou.

— Não, senhora.

E passa-me a falar das suas teorias. Há vinte e dois anos vem estudando o mistério da vida e o mistério da morte. A criatura é constituída de dois sêres: um físico, material, que é êste corpo visível; outro, imponderável, sôbre o qual é moldada a forma física. O primeiro sobrecarrega-se de impurezas, de misérias, que são as enfermidades. Mas essas enfermidades podem ser eliminadas pelo outro ser, que procede do astral. Para realizar a cura, é preciso fortalecer o astral contra o ser material e terreno. E êsse fortalecimento pode ser levado a efeito por intermédio de outra criatura humana, que transmita os fluidos necessários ao

organismo que dêles careça. E oferece uma imagem, na sua meia língua:

— Assim como a mãe dá leite ao seu filho, e êste se torna forte e alegre, assim uma pessoa pode dar a outra, fraca e doente, os fluidos bons que a tornem sadia.

E noutra comparação:

— À medida que o corpo doente recebe os fluidos bons, as dores e tristezas vão desaparecendo. É como acontece com os percevejos quando se limpa uma casa.

À proporção que me explica, a alemã vai se animando e transfigurando. Sentada na ponta do sofá, ergue os punhos fechados, busca os sinônimos, recorre às imagens, quase sempre felizes, e clama contra a medicina moderna, das injeções, das pílulas, das cápsulas, tão mentirosa como a de outrora, das sangrias, dos purgantes e dos xaropes. E entusiasmada, os olhos cinzentos faiscando, as mãos seguras nas minhas:

— Êles não sabem nada da vida, senhor! A dor não pode ser eliminada da terra sem a substituição da substância que forma o espírito! Deus não criou a Dor, senhor. A Dor é uma impureza da terra.

Durante mais de uma hora, desenvolve com inteligência e vivacidade as suas idéias. E pergunta, de novo, se estou disposto a curar-me.

— Estou; por que não?

— Então, — torna ela, — eu vou estudar todo o seu caso. Mas vou, desde já, para facilitar o trabalho mental, estabelecer um regime.

E explica:

— Pela manhã, três ou quatro bananas São Tomé, amassadas; em seguida, uma xícara de café prêto. Às nove horas, uma xícara de chá com pão torrado. Às onze, um copo de suco de cenoura. E, no resto do dia, frutas. Nada de leite. Nem de carne. O senhor precisa aliviar-se do excesso de matéria, que o torna pesado e cansado. Mas o senhor ficará bom. Sua vista voltará. E viverá muitos anos!

Paguei-lhe com algumas cédulas a esperança. Não queria receber. Insisti. E ela recebeu. Agora, vou aguardar os acontecimentos, conjeturando, como Baudelaire diante do seu calunga africano:

— Quem sabe se não será esta a medicina verdadeira?

*Têrça-feira, 19 de dezembro:*

Campainha. O criado vai atender, e volta.

— Está aí Mme. Franck.

— Mme. Franck Como é ela? Velha? Moça? Nacional? Estrangeira? Deixe, que eu vou ver.

Abro o postigo, e dou, por êle, com a cara da alemã que se propôs curar-me, há poucos dias.

— Ah! É a senhora? Faça o favor de entrar.

A velha entra, senta-se. O nariz, vermelho, escorre uma água de coriza, que ela apara na mão, para enxugar, em seguida, a mão nas almofadas do meu sofá. Na sua primeira visita, eu havia observado, já, que ela sofria de alguma coisa no nariz, fino e longo, e muito vermelho.

— Vim dizer ao senhor que está tudo arranjado para o senhor ficar bom. O senhor vai ficar sem sofrimento nenhum... Vai dormir direito... Vai ficar vendo direito...

— Fico bom dos olhos, também?

— Também, senhor. O senhor vai ficar vendo como quando tinha vinte anos! Todo novo! Todo curado! Todo bom!

E, logo:

— O meu serviço, senhor, o senhor paga depois que ficar bom. Mas agora, precisa dar dinheiro para os preparos. Tenho que comprar quatro toalhas novas, boas... Um roupão... Um par de chinelas... Outras coisas... Tudo custa 920$000, que o senhor tem de dar adiantado, porque essas coisas, depois de usadas, não prestam mais.

O mercantilismo da velha fêz-me compreender a extensão do conto do vigário.

— Bom, — prometo, — na semana que vem, dar-lhe-ei uma resposta.

— Mas, o senhor precisa começar logo. Quanto mais depressa, senhor, melhor...

Apresento justificações. Imediatamente é impossível. Peço-lhe que me telefone quarta-feira vindoura. Dou-lhe, por escrito, o número do meu telefone. Enquanto isso, examino-a. A coriza é forte. Dá, mesmo, a impressão de um caso de sinusite, interessando, já, a vista. Para ler o número do meu telefone, vira ela o papel, dando-me a entender que ela própria só tem um ôlho. Alguns movimentos que faz confirmam a minha suposição. E sorrio. E é sorrindo que vou levá-la à porta, ao mesmo tempo que digo, comigo mesmo:

— Sim, senhor! Esta velha quer me curar! Se ela própria, com os seus fluidos, ainda não arranjou um ôlho para ela, como arranjará dois para mim?...

*Quinta-feira, 21 de dezembro:*

Na Academia, onde me sento, desde que esta se instalou no Petit-Trianon, em uma das filas do centro, rodeado por um semicírculo de arquibancadas, observo que êste se encontra inteiramente vazio: Ramiz Galvão, eleito Presidente da Casa, foi para a mesa; Medeiros e Albuquerque está à morte; Coelho Neto, enfêrmo; Afonso Celso, ainda de cama. As arquibancadas achamse, entretanto, repletas, apesar de constituídas, normalmente, por maior número de acadêmicos! Levanto-me, e, aproveitando a ausência do Arcebispo D. Aquino, que saiu mais cedo por ter de embarcar para Cuiabá, sento-me ao lado de Ataulfo de Paiva, a quem dou conta da observação que acabo de fazer.

— É verdade! — diz-me êste. — É curioso! Mas o que está em pior situação é o Medeiros... Estive lá há três dias, e encontrei-o quase um defunto.

— Disse-me o Clementino Fraga que o coração está dia a dia mais fraco... — observo.

— Ah! está liquidado! Encontrei-o na cama, imóvel. Não tem mais sangue. Não lê mais nem jornal. Mete pena... Mas, também, o Medeiros fêz muita extravagância com aquela idéia de prolongar a mocidade... Fêz Steinach, fêz Voronoff, recorreu a não sei quantos processos para não parecer velho... E o resultado está aí... De vez em quando êle me convidava para fazer a mesma coisa, contando-me o seu sucesso entre as mulheres... Mas, aquilo, nêle, aquêle erotismo, era a cantárida, que êle ingeria sem saber... E eu sempre recusei... Vou seguindo aqui a minha vidinha como posso. O que acabou, acabou...

E, de repente:

— Você sabe quantas dúzias de gemas de ovos o Medeiros ingeria diàriamente? Cinco dúzias!

— É possível?!... estranho.

— É o que estou dizendo a você! No dia em que estive lá, o filho, chamando-me à parte, disse-me que o pai tomava três dúzias de gemas de ovos por dia. Mas, em conversa com o Gotuzzo, êste me contou que o Medeiros, êle próprio, lhe confessara que, por mais de uma vez, fôra às cinco dúzias!

E conclui:

— Mas, está morto, coitado. E, o que é pior, com a consciência do seu fim...

*Sexta-feira, 22 de dezembro:*

Às três horas da tarde, acabo de vestir-me a fim de ir à cidade, quando me chamam ao telefone.

— Humberto, é o Gregório.
— Ó, Gregório, boa tarde! Como vai você? Você está no Catete?
— Estou. E tenho um negócio que interessa a você...
— A mim?... Querem me fazer ditador? Não aceito...
— Não; o caso é sério. O Homero Pires, que foi para a Câmara, deixou vago o lugar de Diretor da Casa Rui Barbosa. Eu me lembrei de você, e falei ao Getúlio. E êle concordou imediatamente. O ordenado é um conto e seiscentos por mês... Não acha bom?
— Excelente! Dê um abraço no Presidente, com os meus agradecimentos. E, a você, Gregório, muito obrigado, pelo presente de Natal!

* * *

Um minuto mais, e o telefone volta a tocar. E' o Gregório, ainda:

— Humberto, como é o teu nome todo?

— Humberto de Campos.

— Só? Assim tão curto?

— Só, Gregório. E, assim tão curto, você não imagina o trabalhão que tive para fazê-lo!...

* * *

Na Avenida, encontro Macedo Soares (José Eduardo).
— Tive hoje uma boa notícia do Catete, sabe?
— Está resolvido o negócio? Quando é o embarque?
— Embarque?
— Sim; ainda no domingo, eu conversei com o Getúlio e com o Gregório, nas corridas, no Jockey.
Explico-lhe o que houve meia hora antes. E êle:
— Ah! Então é outra coisa. O que êles estavam arranjando para você era uma viagem à Europa, numa comissão boa. Mas, isso virá depois...

*Segunda-feira, 25 de dezembro:*

Natal tranqüilo, e com algumas emoções amáveis, o meu dêste ano de 1933. Ontem, noite das castanhas, dormimos antes da meia-noite. Sem alegrias extremas, sem contentamentos excessivos, mas, também, sem contrariedades. Hoje, cedo, minha mu-

lher e minha filha foram à missa. Após o almôço, fui à Central do Brasil levar uma carta para meu filho pequeno, que se acha em Caçapava. E, à tarde, e à noite, a chuva torrencial, despejando-se continuamente sôbre a cidade.

Mas, ontem e hoje, alguns brindes carinhosos e imprevistos. Um dos primeiros foi uma enorme e linda cesta de flôres, enviada pela Sra. Baronesa de Saavedra, dama ilustre, e jovem, a quem conheço apenas de nome, espôsa do banqueiro e titular dêsse nome, a qual fêz acompanhar a lembrança gentil de um cartão em que fala da sua gratidão "pelos momentos de grande emoção" que lhe tenho feito passar, lendo a minha "obra magnífica, verdadeiro poema de humanidade". Em seguida, um ramo de flores, e um pequenino exemplar, com encadernação de luxo, da "Imitação de Cristo", presente de D. Eugênia Augusto Borges, filha do antigo Senador Pedro Borges. Mais tarde uma grande cesta de frutas e flôres, enviada para o meu Natal por Celso Vieira. E um exemplar de "A Subida do Calvário", enviado por D. Gabriela Ribeiro. E finalmente, uma delicadíssima caixa de biscoitos, feitos em casa, e lindamente acondicionados, lembrança de Mme. Youle.

Muito carinho em tudo, e, em tudo, muita espontaneidade. E, o que é mais interessante, de tôdas as senhoras que se lembraram de mim em dia tão grande, conheço pessoalmente apenas a última. Tôdas as demais são amigas do meu espírito, amizades feitas pelas minhas letras.

Bendito seja, assim, o alfabeto, que plantou tantas rosas no Deserto da minha Vida!...

*Têrça-feira, 26 de dezembro:*

Pouco depois do meio-dia vem à minha casa Gregório da Fonseca, secretário do Chefe do Govêrno Provisório. Ao entrar, pergunta-me, logo:

— Já foste tomar posse do teu lugar? O decreto foi desde sábado para o Ministério da Educação... Cada dia que se passa perdes cinqüenta e tantos mil réis...

Respondo-lhe que ainda não fui. Aguardo a publicação do decreto. Nada de precipitações. E passamos a tratar de outros assuntos, até que vem à tona o meu "Diário".

— Quem tem um "Diário" também, como o teu, é o Presidente.

— Quem? o Getúlio?

— Sim. E há dez anos, sem falha de um dia. Tôdas as manhãs, quando eu chego ao Guanabara, lá está êle com uns cader-

ninhos pretos, em que escreve a lápis... E ninguém sabe o que há naqueles caderninhos... Quando êle aparece com êles, isola-se em uma cadeira de balanço, escreve, e, depois, vai guardá-los de novo...

— Que observações espantosas devem conter êsses cadernos! — digo.

Gregório concorda:

— Se o Getúlio as publicasse hoje, amanhã haveria outra revolução!...

* * *

Uma senhora que foi íntima de Hermes Fontes, recorda-me a passagem do terceiro aniversário da sua morte, hoje, e diz-me:

— Êle não gostava muito de você... E parece que você era um pouco impiedoso com êle...

— Nos primeiros tempos, por causa da sua vaidade doentia... Depois, não... Até ficamos amigos...

— Não sei; o que sei é que, uma vez, êle me disse: "O Humberto pensa que pode zombar de mim ùnicamente porque é maior do que eu dois centímetros... Êle é maior do que eu, sim; mas apenas na altura..."

Riu quem me disse. E eu ri, também, lamentando não ter mais olhos para escrever sôbre essa figura das nossas letras contemporâneas, na qual havia, sem dúvida, um poeta de altas qualidades e que legou à posteridade alguns versos de grande brilho.

*Quarta-feira, 27 de dezembro:*

Antes de tomar posse do cargo para o qual fui nomeado, vou à Casa de Rui Barbosa, conhecer o patrimônio cuja guarda me vai ser confiada. Na tarde chuvosa, desço à porta do casarão vetusto da Rua São Clemente. Empurro um portão de ferro, atravesso um jardim povoado de roseiras que se cansaram de dar rosas, e encontro, sob uma espécie de viaduto que perfura o edifício, um guarda-civil, que se perfila à minha chegada. Pergunto onde se acha o Dr. Homero Pires, meu antecessor, ou, antes, a quem vou substituir provisòriamente. De uma porta, à esquerda, sai um empregado, que solícito, me conduz a um compartimento modesto, e térreo, na ala direita, e que dá para um jardim interior, em que se vêem grandes árvores. Chupando de vez em quando um dente, no seu cacoete invariável, o autor do "Junqueira Freire" vem ao meu encontro, e faz-me entrar para um salão de pavimento cimentado, com algumas caixas de fôlha amontoadas,

três ou quatro estantes carregadas de velhas brochuras, e alguns quadros pobres pelas paredes. Sala de barbearia do interior, em segunda-feira sem fregueses.

— Isto aqui, explica-me Homero, — era a estrebaria das bêstas que puxavam o carro de Rui. O automóvel acabou com as bêstas. A família transformou a estrebaria não sei em que outra coisa. E eu me instalei aqui para poder trabalhar. É frio, por causa do cimento; mas eu mandei pôr um capacho sob a mesa. Para trabalhar é bom. Mas você poderá trabalhar onde quiser.

Apresenta-me o "sô" Antônio, jardineiro de Rui, e que é, agora, o mordomo do estabelecimento. E penetramos na casa, em que se alinham, nos dois pavimentos, os 40.000 volumes que constituem a biblioteca deixada pelo maior homem público legado à República pelo antigo regime. Preciosidades aqui, ali, acolá. De repente, no salão principal da biblioteca, um genuflexório, diante de uma porta, sôbre a qual se ergue um Cristo crucificado. Sendo "sô" Antônio o melhor conhecedor da vida de Rui, de cujos livros cuidava, indago:

— Rui era, mesmo, religioso?

— Era, sim, senhor. Tôdas as manhãs êle se ajoelhava ali com um breviário na mão, e ficava algum tempo em meditação. Êsse breviário tinha uma porção de anotações, feitas por êle.

E conta:

— Há muitos anos vieram aqui em visita ao Conselheiro o arcebispo de Mariana, D. Silvério, e o Dr. João Lopes Martins. O Conselheiro estava lá para dentro, e o Dr. Lopes Martins, sem me ligar importância, pegou o breviário e mostrou algumas anotações ao arcebispo. Êste leu, e sacudiu a cabeça.

E com outro movimento de cabeça:

— "Êle não vai à missa, — disse, — ma...

E com outro movimento de cabeça:

— "Está muito mais perto do céu do que nós!..."

Em outra sala, esta pequena e estreita, um móvel esquisito: uma cuba de louça, com uma tampa de madeira. Ao lado, um bidê de ágata, sôbre uma tripeça de ferro. Objeto barato e vulgar.

— Que é isto? — indago. — Parece um urinol...

— E é urinol mesmo, — responde-me "sô" Antônio. — O Conselheiro, para poder trabalhar, mandava-me fechar por dentro tôdas as portas, aqui em cima. Ninguém entrava, e êle não saía. Então, fazia suas necessidades aqui mesmo. Depois, asseava-se neste bidê.

— E a água? — pergunto.

— A água vinha num jarro, que está lá dentro...

Hábitos provincianos... Reminiscências da Bahia de outrora... — observo.

E Homero:

— É mesmo...

Percorremos a casa tôda. E descemos. Apresenta-me os funcionários.

E saímos, eu e Homero Pires, com destino à cidade.

* * *

À noite, entre outras visitas, a de Paulo Coelho Neto, que vem me apresentar a sua jovem noiva, encantadora criaturinha morena e esguia, de cabelos negros e olhos escuros, dona de uns lindos dentes e de uma voz cariciosa e pausada, que imprime em cada palavra um cunho de meditação. Paulo fala-me do seu pai, cuja amnésia se acentúa, de modo alarmante.

— Imagine o senhor, — diz-me êle, — que, sábado último, eu entrei, depois da meia-noite, da casa da minha noiva, e encontrei papai no gabinete, folheando um livro.

— Ainda acordado, papai? Que é que está fazendo?

— Estou procurando assunto para o meu artigo de domingo, no "Jornal do Brasil".

— "Mas, papai, nós já estamos no domingo. Mesmo que o senhor mandasse o artigo agora mesmo não sairia mais... E quem vai levar o artigo?"

— "O Rodolfo."

Paulo explica:

— Imagine o senhor, "seu" Humberto, que Rodolfo, contínuo da Escola Dramática, reside no Realengo. Foi à sala de jantar, e lá estava Rodolfo numa cadeira, dormindo, à meia hora da manhã, à espera do artigo de papai, e que papai nem havia começado! Voltei à sala, e convidei-o de novo para subir. Disse-lhe que o artigo ficaria perdido. E êle me gritou:

— "Deixe! Vá-se embora! Não é da sua conta!

Outro episódio.

— Quinta-feira passada, êle declarou que não iria à Academia. Anoiteceu. Quase às sete horas começou a vestir-se.

— Aonde vai, papai? — perguntamos.

— À Academia. Tenho que dar um abraço no Ramiz Galvão, que vai ser eleito presidente.

— Mas, papai, a sessão já acabou...

— Não se importem... Não é da conta de vocês...

Paulo conclui:

— Foi. Quando chegou lá, encontrou a Academia fechada...

*Domingo, 31 de dezembro:*

Fim de ano quieto e calado, êste. 1933 morreu tranqüilamente, e sem barulho, como morrem os santos e os justos. E eu acabo de assistir à sua agonia, que foi lenta e doce como a de uma criança que se extingue sem sofrimento.

O dia foi, todo êle, chuvoso e tranqüilo. À tarde, porém, a chuva aumentou, as torrentes dágua se desataram no céu, de modo que, às sete e meia, quando minha filha e meu filho pequenino chegaram de São Paulo, os fios dágua uniam a terra e as nuvens. Cêrca de onze e meia, deito-me. Tomo um jornal, tentando ler algumas notícias. A chuva recrudesce lá fora. De repente, escuto, partidos de perto, dez ou doze tiros, numa descarga seguida. Alguns automóveis que passam pelo Largo do Machado buzinam às pressas. Aguardo, deitado, mais alguma demonstração de saudade ou de alegria. O relógio marca meia-noite e um minuto. A chuva continua a derramar-se lá fora. Todos dormem na casa, e eu me levanto, cauteloso, para escrever esta nota, que significa ùnicamente, isto:

— 1933 morreu!...

## 1 9 3 4

## JANEIRO

*Quarta-feira, 3 de janeiro:*

Recebo de São Paulo o primeiro exemplar da 2.ª edição de Carvalhos e Roseiras". Boa aparência. Abro-o. Dois enganos nas dez primeiras páginas.

E os dois enganos foram cometidos por mim. Resultado da minha vista má.

Quem, nas letras, perdoará o crime de não ter vista?

*Quinta-feira, 4 de janeiro:*

Dois fenômenos curiosos se verificaram hoje em mim, que me alarmaram no momento e, até agora, me estão preocupando. Com o grande calor do dia, deitei-me após o meu leve almôço, todo êle de frutas. Com a pressão da atmosfera e a influência da digestão, dormi. E tive um sonho curioso e rápido. Sonhei que estava recebendo uma importância em dinheiro, e que, para completar a quantia, a pessoa que me estava pagando mandou trocar fora uma cédula de quinhentos mil-réis. Nesse momento, desperto. Sinto que estou acordado. Viro-me na cama. Lembro-me que tenho muita coisa a fazer. Mas continuo deitado... à espera do trôco! Só depois de algum tempo, uns cinco ou seis minutos, é que, já aborrecido com a demora, entro em estado de consciência, e me levanto, mas verdadeiramente intrigado com o incidente.

O outro caso foi, talvez, mais grave, como sintoma. Eu havia tomado um automóvel para ir à Academia. Na portaria do arranha-céu em que moro, entregam-me a correspondência. Uma das cartas vem do Hospital S. Sebastião, de tuberculosos. Em caminho, tomo a deliberação de, na primeira oportunidade, lavar as mãos. Tenho, porém, de ir à cidade, provar uma roupa. No alfaiate, esqueço-me do meu propósito. Já na Academia, lembro-me, de novo, da resolução tomada no automóvel. Mas, onde lavar

as mãos? Lembro-me que, no primeiro andar, há um lavatório, e que, na sala dos chapéus, no primeiro, há um filtro. Não me lembro, porém, de modo nenhum, do lavatório que há aí embaixo; do lavatório a que vou tôdas as vêzes que chego à Academia! Dirijo-me ao contínuo Fidélis:

— Onde é que posso lavar as mãos aqui embaixo?

Fidelis pensa que eu estou pilheriando, sorri, e responde:

— Oh, "seu" Doutor, no lavatório!

Volto a mim. E eu que me não recordava do lavatório. Homessa!

E aqui estou, preocupado, a perguntar aos meus botões, e a mim mesmo:

— "Seu" Humberto de Campos, que diabo disto é aquilo?

* * *

Não tendo Coelho Neto comparecido à Academia, telefono, à noite, para sua casa, pedindo notícias. Seu filho Jorge atende, e diz-me que o pai está passando regularmente, e que se acha, mesmo, ali perto, jantando no quarto. Neto indaga, do filho, quem está falando, e, como êste lhe diga que sou eu, manda-me um recado:

— Pergunta a êsse "porcaria" porque é que êle não vem me ver.

Mando-lhe dizer que irei qualquer dia. Desligando, porém, o aparelho, resolvo ir imediatamente. Apanho na jarra do meu gabinete uma das três rosas que Celina Napalèse me levou hoje à Academia, meto-me num automóvel, e vou visitar o meu velho amigo. Subo. No quarto de vestir, sôbre uma pequena mesa de centro, alguns pratos, com restos de comida. De pé, por trás de uma cadeira de mola, o escritor parado. Sentados, e que se erguem à minha chegada, seu filho e sua nora. Encaminho-me para o romancista, abraço-o com alegria, dou-lhe a flor, que lhe causa agrado. Converso, com animação. Neto sorri, com a sua pequenina cara de chôro.

Examino-o. Está mais abatido, mais alquebrado do que da última vez que o vi. O pijama branco, de listras negras muito finas, desce-lhe pelo corpo magro, como se estivesse em um cabide. O que mais impressiona é, porém, a fisionomia. O cabelo duro e crescido, quase todo branco, partiu-se ao meio, caindo uma parte sôbre a testa, enquanto que a outra se arrepiou em crista, em sentido contrário. O bigode queimado pelo fumo cresceu, tombando-lhe sôbre a bôca. O todo, enfim, de um caipira

velho de comédia indígena, e um ar de espanto, uma interrogação surda e nos olhos que se fixam ora num, ora noutro, como se estivessem diante dêle, falando em outra língua que não a sua.

Ao fim de alguns instantes, entrega ao filho a rosa que eu lhe levara, para que a ponha num jarro, encaminha-se para o quarto de dormir, e não volta mais. Passam-se uns vinte minutos. Pergunto por êle. O filho vai buscá-lo. Encontra-o junto à janela, fumando. Deixa-o no meio do quarto de vestir, e Neto aí permanece, sem dar um passo. A cadeira fica a meio metro, e êle não se move. De repente, diz-me:

— Vês como eu estou? A cadeira está aqui, e eu não tenho coragem de dar um passo para chegar onde ela está. Uma inércia absoluta.

Animo-o a dar o passo. Êle o dá. Senta-se. E permanece quieto, fumando, sem uma palavra. Conto casos alegres. Todos riem. Neto olha, sem compreender. Afinal, despeço-me. Êle me abraça, mesmo sentado. Pede-me que volte a vê-lo. Prometo. Em baixo, à saída, o filho diz-me:

— É sempre assim. De 31 para 1.º é que nos meteu um susto. A fraqueza era tamanha, que nem se voltava na cama. Era eu quem o virava de um lado para outro. Hoje está muito melhor...

Saio, na noite quente. E, pela rua deserta, vou pensando naquele discurso que Neto proferiu na Academia junto ao corpo de Bilac, o qual, vazio do espírito, inerte e alheio a todos os rumôres da vida, era como um cofre fechado cuja chave se tivesse atirado ao mar. E penso:

— Pobre amigo! Tu, também, és um cofre quase vazio, e cujos tesouros, nunca mais, no mundo, ninguém verá...

*Sábado, 6 de janeiro:*

José Olímpio, meu editor paulista, que veio ao Rio em viagem de núpcias, estêve hoje em minha casa. Encantado com a sua nova condição, a mão na mão da espôsa apaixonada e jovem, encontra sempre um momento para tratar de negócios.

— Precisamos trabalhar muito êste ano, — diz-me. — E venho propor-lhe um programa para o primeiro semestre.

— Diga.

Êle empunha um lápis, e vai escrevendo em uma fôlha de papel, ao mesmo tempo que fala, alto:

— Agora, em janeiro, apareceu "Carvalhos e Roseiras"... 2.200 exemplares... Em janeiro, até o fim do mês, você não

poderá dar-me, para aparecer em fevereiro, o livro de contos orientais?

— Posso.

— E "O Monstro, e outros contos", com algumas peças novas?

— Posso.

— Em fevereiro, para aparecer em março, eu conto com um novo livro de crônicas... Daremos, então, a 3.ª edição dos "Párias"... Posso contar com isso?

— Pode.

— Em março, para circular em abril, a segunda parte das "Memórias"... E a segunda edição das "Poesias Completas"...

— Perfeitamente.

— Em abril, para aparecer em maio, o terceiro volume da "Crítica". Nessa ocasião reeditaremos a primeira e a segunda séries.

— De acôrdo.

— E em maio, para circular em junho, o "Diário de um enterrado vivo..."

— Concordo.

José Olímpio recapitula:

— "Carvalhos e Roseiras", 2.200... Contos orientais, 6.200... "O Monstro", 3.200... "Crônicas", 6.200... "Párias", 3.200... "Memórias", 2.ª parte, 15.200 volumes... "Poesias Completas", 3.200... "Crítica", terceiro volume, 6.200... Primeiro volume, 2.000 "Diário de um enterrado vivo", 15.200...

Soma:

— 63.500 exemplares em um semestre! Está bom?

E eu, calmamente:

— Está bom.

*Sábado, 27 de janeiro:*

Seguiram, ontem, para São Paulo, os originais do meu novo livro "À Sombra das Tamareiras", contos orientais. Hoje, tomaram o mesmo destino os da 3.ª edição de "O Monstro, e outros contos", a que juntei duas peças novas, com a promessa de mandar, ainda, uma, ou duas. Ambos êsses livros devem aparecer na segunda quinzena de fevereiro.

Está cumprido, assim, o primeiro número do programa de trabalho, combinado com José Olímpio, meu editor.

*Domingo, 28 de janeiro:*

Estêve em minha casa, esta manhã, uma senhora piauiense, casada com um telegrafista que tem o ordenado de trezentos e tantos mil-réis. Tem dois filhos, um de dezessete e outro de dezoito anos, e mora em uma pequena sala cujo mobiliário é constituído de caixões de serpentina, apanhados na rua durante o carnaval. A miséria é absoluta no seu lar. Um dos seus filhos é destinado, porém, à Faculdade de Medicina, e o outro à Escola Naval. Para isso fazem, pai e mãe, os mais desesperados sacrifícios.

E eu me fiquei a pensar se o mal do Brasil não será êsse, de não estar ninguém satisfeito com a sua condição social, e pretender, cada um, colocar o filho na camada imediatamente superior. Se êsse casal encaminhasse êsses dois filhos para o comércio. estaria, já, recebendo uma renda, em vez de contribuir com uma despesa. E o sacrifício será de duas existências, em tôda a sua extensão, pois os dois rapazes só terminarão o curso daqui a seis anos.

Êsse desejo de ascensão é observado por tôda parte, no país. A lavadeira faz do filho contínuo de repartição. O contínuo faz da filha normalista. A normalista quer que o filho seja doutor. E como todos são impelidos para as ocupações aristocráticas, o resultado é a crise, pela pletora, no alto da escala social, e a crise, igualmente, pela falta de trabalhadores modestos, nos ofícios humildes. Mme. Sá Couto, é o nome dessa senhora que me veio pedir uma recomendação para professôres, amigos meus, da Escola Naval e da Faculdade de Medicina. Registro-lhe o nome e o heroísmo, para verificar, no futuro, se aquêles por quem ela se sacrificou dessa maneira corresponderam a tamanha abnegação.

*Segunda-feira, 29 de janeiro:*

Visita do Capitão Martins de Almeida, interventor do Maranhão, que vem despedir-se, por ter de partir sábado para o Estado. Chega às nove horas, sai à meia-noite, consumindo êsse tempo em expor-me o seu plano de administração.

Já lhe descrevi, se me não engano, em outra parte, o seu físico. e as impressões que me deixou o seu espírito. E hoje se avolumaram as simpatias pela sua singela figura de soldado, e, em particular, pela coragem com que pretende enfrentar os problemas econômicos de um Estado que me parece, no Brasil desta hora, o mais difícil de governar. O Maranhão se encontra, em verdade, de tal modo abatido, que só Hércules, com a sua fôrça, e Pangloss, com o seu otimismo, poderão levantá-lo.

— Lá estou como seu amigo, — diz-me o Capitão Almeida. — Mande as suas ordens, que serão cumpridas com satisfação.

— E eu aguardo as suas, e não desejo senão que faça a felicidade da minha terra, — digo-lhe.

E abraçamo-nos.

## FEVEREIRO

*Quinta-feira, 1.º de fevereiro:*

Dias e noites terríveis, de sofrimentos físicos e morais. Os males da próstata se agravaram, fazendo-me passar tormentos que só eu conheço. A micção difícil e constante é uma tortura. O reto inflamado, retendo os gases, que comprimem a próstata. Não há uma posição que me liberte das dores. E, como conseqüência a intoxicação, a falta de vista, a incapacidade de trabalho, o desejo de permanecer deitado, imóvel, horas inteiras, dias inteiros, sem um pensamento no cérebro.

No meio dêsses padecimentos, assalta-me de vez em quando, como uma libertação, a idéia da morte. A esperança de restabelecimento desapareceu. Há quatro anos sofro, noite e dia. E eu me recordo da reflexão de Schopenhauer:

— Para que tantos sofrimentos, se o podemos trocar por um só?

*Sexta-feira, 2 de fevereiro:*

Minha mãe completa hoje setenta e dois anos. Cedo, ainda, lhe mandei um telegrama de muito carinho, que será, para ela, motivo de grande alegria.

Quanto te quero bem, minha mãe!... E que alto papel estás representando, hoje, sem que o saibas, no drama da minha vida?!...

*Sábado, 3 de fevereiro:*

Há cêrca de um mês venho piorando dos meus padecimentos da próstata e da bexiga, com reflexos no estado geral. Passando horas inerte, e apenas com a idéia de que me acho vivo porque as dores não me abandonam, recordo-me às vêzes de Coelho Neto, e tento reagir. A falta de coragem retém-me, porém, no leito, fazendo-me pensar na morte como num prêmio, num benefício, numa libertação.

— Eu creio que estamos perdendo tempo, — declarou-me um dêstes dias Jesuíno de Albuquerque, em um dos últimos curativos que me fêz. — O senhor deve extirpar a próstata quanto antes. É uma operação demorada, mas de resultado seguro.

E explica-me o processo:

— Em primeiro lugar, o senhor tem que abrir a bexiga, e colocar uma sonda, durante dois meses. Ficará urinando aqui por cima, pela barriga.

— E depois?

— Ao fim de dois meses fará, então, a extirpação. E o senhor ficará livre de tudo isso.

— Mas, o Doutor não me disse, uma vez, que, sem a próstata, desaparecem todos os prazeres do sexo?

— Disse, pois não. Mas, de um modo ou de outro, o senhor não está passando sem êles?

— Lá isso é verdade... E as perturbações mentais, de que o senhor também me falou?

— Ah! essas podem sobrevir... Serão, todavia, transitórias...

Diante disso, e após a visita que me fêz, pela manhã, o médico baiano, Dr. Soares da Cunha, resolvi voltar à homeopatia. E ontem mesmo fui ao Dr. Raul Hargreaves, que me deu a primeira receita. À hora em que escrevo esta nota, continuo, porém, sofrendo muito.

O sofrimento é, talvez, meu irmão xifópago. No dia em que nos separarem, êle morrerá. E eu também.

*Quinta-feira, 8 de fevereiro:*

Quadro curioso, o que me ofereceu a Academia, esta tarde. Terminada a sessão, Coelho Neto, que vai completar setenta anos, deixou-se ficar, imóvel, na sua inércia dolorosa, na cadeira a meu lado.

— Vamos, Neto! — convidei.

— Já vou... — respondeu-me, na sua apatia senil.

Nesse momento, porém, Ramiz Galvão, que tem 88 anos, se ergue da mesa de onde acaba de presidir a sessão, encaminha-se para o romancista, toma-o pelo braço, e insiste:

Vamos!

Neto deixa-se levar. No pátio, fora, segura-o mais fortemente, para fazê-lo descer as escalas. E mete-o no seu automóvel.

Pensamento e imaginação, que valeis vós, diante da saúde?

*Sexta-feira, 9 de fevereiro:*

Sonho curioso, o meu, desta madrugada. Tendo me levantado às três horas para preparar meu filhinho Humberto, que devia seguir para Macaé, deitei-me novamente, após a sua partida, às cinco horas, e, já, com a claridade no céu. Eram quase seis horas quando, após os tormentos que me causa a próstata a cada momento, adormeci. E foi, então, quando me assaltou êste sonho bizarro.

Era um rio, como o Parnaíba, o qual eu, e minha mulher, procurávamos atravessar a nado, vencendo a correnteza. O rio era sujo, e barrento, e trazia, à superfície, montes de lama, que iam por êle abaixo. Eu fazia recomendações à minha mulher, para que me seguisse. De repente, porém, a lama começou a dissolver-se, e a água ficou tão grossa, tão consistente, que eu consegui ficar de pé sôbre ela, e atravessar o rio a passadas largas, atingindo a outra margem. Minha mulher acompanhou-me, e, chegados à terra firme, nos debruçamos sôbre um muro de verdura, que guardava uma chácara. Dentro, era um aviário, em que se viam as aves mais coloridas e lindas, especialmente uns periquitos de cauda vistosa e longa, aos quais se dirigia, com palavras de grande meiguice, um português moço ainda, e em traje de trabalho.

— É interessante, — observou minha mulher, — como um homem dêsses, tão ignorante, tem palavras de tanta ternura para essas aves!

— É que êle é noivo, — respondi-lhe eu; — só os noivos sabem dizer instintivamente coisas delicadas e bonitas...

O sonho continuou, mas prosáico, misturando novas figuras. E foi interrompido por minha mulher, a qual, vendo-me dormir tão longamente, contra meus hábitos, não me despertou para o café, e ia sair, já, para ir ao cabeleireiro.

* * *

Pela manhã, uma visita de Joaquim Ribeiro, o jovem historiador de espírito severo e de maneiras infantis, o qual me vem trazer a sua brochura intitulada "Nove mil dias com João Ribeiro", a qual constitui um trabalho pitoresco sôbre a vida anedótica de seu pai. Peço-lhe notícias dêste.

— Papai está passando mal, — responde-me. — Ainda no sábado supusemos que êle morresse.

— De que?

— Cálculos na bexiga... Há uns dez dias vinha se sentindo mal, mas não ligava importância. Piorou, sofrendo horrìvelmente. Sábado, estava tão exausto, que, no momento da crise, caiu para trás, sem fôrças... Chamámos um médico, e êste lhe deu um purgante, que lhe agravou o estado... O senhor não imagina como êle está abatido.

— E a operação? Por que não extrai os cálculos?

— É muito perigoso, na idade dêle. Papai está com setenta e quatro anos...

— E a alimentação? A dieta deve ser rigorosa.

— Ah! Tem sido uma luta! Só agora, depois da crise de sábado, foi que êle começou a manter um regime. Antes, não atendia a nada. Eu nunca vi ninguém mais desorganizado. Imagine o senhor que, lá em casa, almoçamos ao meio-dia. Às vêzes, onze e meia papai se vestia para sair. Pedia-se que êle almoçasse, e êle não acedia. E sabe que fazia? Entrava em qualquer confeitaria, e enchia-se de empadas e pastéis! Para nós, os filhos, não recusa nada. O dinheiro que pedimos, dá. Mas, consigo mesmo, é de uma parcimônia doentia. Não é capaz de entrar em um restaurante para almoçar ou jantar. Só entra em confeitaria e cafés. Para a família, entretanto, é um mão rôta!

Mando ao velho João o confôrto da minha solidariedade. Eu também estou como êle... E vou levar Joaquim Ribeiro à porta, agradecendo-lhe, igualmente, a transcrição, no seu livro, de um artigo meu, sôbre seu pai.

* * *

Há oito anos não nos víamos, Martins Fontes e eu. Uma contrariedade, causada pela sua derrota na Academia, fêz esfriar, mesmo, a nossa velha e festiva camaradagem. E eis que me mandam, hoje, da portaria, a notícia de que o poeta estava lá embaixo, e desejava abraçar-me. Pedi que o fizessem subir, e ei-lo aqui em cima, no meu gabinete, sangüíneo e forte, quase sem alteração nenhuma no físico, e o mesmo, ainda, no gesto nervoso e na palavra ardente, como uma garrafa de champanha que acaba de espoucar e não acaba, nunca, de ferver.

Ao ver-me, corre para mim, os braços abertos, encosta o rosto ao meu, beija-me, e todo êle é louvor à minha obra literária, à minha atuação, à popularidade que eu desfruto em São Paulo, e à veneração que, na sua opinião, tôda gente, no Brasil inteiro, tem por mim. E comunica-me a resolução, tomada por um grupo de amigos velhos, de fazer-me uma grande festa em que a gera-

ção proclame a admiração que me vota, e em que eu sinta a onda de simpatia que turbilhona lá fora... Tento, por várias vêzes, detê-lo. Mas Fontes não deixa. E refere episódios, tentando mostrar que não são ùnicamente os intelectuais que me querem e admiram, mas também o povo. E tudo isso no meio da adjetivação mais luminosa, com vocábulos que faiscam, trepidam, e são como os fragmentos de um sol despedaçado num choque dos astros.

Passamos, afinal, a tratar dos amigos. Fontes conservou todos os velhos camaradas.

— Menos um, — diz. — Menos Luís Murat, pela infâmia dos seus artigos contra Bilac!

— Murat já estava gravemente enfêrmo quando escreveu aquelas torpezas contra Bilac e contra Emílio, — observo. — "O Jornal do Comércio" é que andou mal, publicando-as.

— Ah! mas eu fiz uma carta ao "Jornal do Comércio" e outra a Murat, com tôda a fôrça da minha indignação, e o "Jornal" não continuou. Murat escreveu novos artigos, mas não saíram... E Murat, sabes tu como êle me respondeu? Com isto: "Martins Fontes, eu sempre te considerei um bêbedo!"

Fontes faz um gesto de horror. Procuro desviar a palestra. Falámos de Aníbal Teófilo. De Castro Menezes. Dos companheiros mortos.

E vou deixá-lo à porta do elevador, que êle dispensa, para descer a escada na carreira, prometendo voltar aqui domingo, pela manhã.

Torno ao gabinete, que ainda ressoa, como se tivessem estado nêle vinte pessoas joviais, em tumulto. E tinha estado uma só...

*Segunda-feira de Carnaval, 12 de fevereiro:*

Martins Fontes, que regressa depois de amanhã para Santos, vem trazer-me o seu abraço de despedidas, e, com êle, uma dezena de lindos pêssegos que sua mãe, D. Isabel Martins Fontes, que hoje completa 65 anos, me manda de presente. Chega tumultuosamente, enche a casa inteira com a sua palavra quente e colorida, recorda episódios da nossa mocidade à minha filha e ao meu filho mais velho, e exclama, em certo momento, voltando-se para êste:

— Ah, Henrique, divina coisa é a memória! E a minha maior ventura, Henrique, é recordar longe do Rio as horas de alta inteligência que aqui vivi na companhia de teu pai e de outros amigos dêle e meus!

E, a propósito, perguntou-me se me lembrava, ainda, de um episódio ocorrido no dia do aparecimento da segunda série da "Poeira...", em 1917, o qual, ainda na véspera, fôra por êle recordado na casa de Goulart de Andrade.

— Tu havias recebido de Portugal os primeiros exemplares do teu livro, e, depois do jantar em casa de Coelho, fomos com êle para o meu quarto no Hotel Avenida. Cada um de nós que se apossava de um livro, lia com mais fôrça, e maior entusiasmo, um soneto ou uma poesia. E era uma tempestade de palmas, uma gritaria de aplausos, um dizer de versos teus, que não acabava mais. A certa altura, batem na porta, e aparece um cavalheiro respeitável, de cabeça branca, e modos polidos. Queria falar com o dono do quarto, e eu me adiantei. Vinha pedir um favor. No quarto do andar superior, sua filha casada sofria, naquele momento, as dores do parto. Pedia, pois, às pessoas ali presentes, a fineza de não fazerem muito barulho. Os moços que ali estavam eram cavalheiros, e deviam compreender a importância daquele pedido de pai... A aquiescência foi imediata. Cessou a algazarra. Os teus versos continuaram a ser lidos, mas em voz baixa, substituindo-se as palavras de aprovação pelo gesto. De repente, batem à porta de novo. Era o mesmo cavalheiro, que trazia, agora, uma cara de júbilo. Vinha agradecer a nossa atenção, e comunicar que poderíamos continuar a nossa festa, pois a sua filha havia sido feliz no parto: acabava-lhe de nascer uma netinha... Nesse momento, Emílio de Menezes se levanta, e, encaminhando-se para o visitante com o teu livro na mão, diz-lhe, por sua vez:

— Meu caro senhor, a alegria é dupla, então, nesta casa; pois êste nosso companheiro (e te indicou) acaba de dar à luz, também, êste livro!

— O cavalheiro te saudou, e nós a êle, pelo nascimento da neta. E a nossa festa continuou com a leitura dos teus versos. Lembras-te?

— Perfeitamente, — confirmo, achando graça da fidelidade da sua memória.

E êle:

— Que pena tenho eu de não haver tomado o nome dessa menina! Por onde andará ela hoje?!...

Meia hora depois, Fontes se despediu. E ficou, ainda dessa vez, na casa, a impressão de que havia passado por ela um ciclone que tivesse despojado um roseiral.

* * *

Não obstante o horrível dia de sofrimento que foi, para mim, o de hoje, convido, à noite, minha mulher, para um passeio

de automóvel. Os filhos foram para os festejos carnavalescos, e nós, os dois, vamos até Copacabana, de onde regressamos meia hora depois, com o recrudescimento das minhas dores. Para chegar mais depressa, o automóvel entra pela passagem que liga a Rua Farâni, na Praia de Botafogo, à Rua Guanabara, nas Laranjeiras. Ao defrontar a casa de Coelho Neto, minha mulher olha para cima, e diz-me:

— Lá está meu padrinho, na janela do quarto de dormir... Sòzinho, fumando...

E eu:

— Coitado! Foi tudo que êle conquistou em cinqüenta e tantos anos de trabalho mental, em que escreveu mais de cem volumes: o direito de ficar sòzinho, abandonado, fumando...

*Quinta-feira, 22 de fevereiro:*

Marcada para hoje, na Academia, uma sessão em homenagem a Coelho Neto, que ontem completou setenta anos, às cinco horas foram iniciados os trabalhos. Enquanto se espera o homenageado, ao qual foi antecipadamente comunicado o que se projetava, tratou a Academia de outras matérias para preencher o tempo. Falei sôbre o Rei Alberto I, da Bélgica, propondo um voto de pesar pela sua morte trágica, depois de recordar a atenção do grande monarca para com a Academia, na sua viagem ao Brasil, em 1920. Falei, ainda, sôbre o decreto do Govêrno Provisório, concedendo ao Estado da Bahia o direito de publicar as obras de Rui Barbosa. Outros acadêmicos falaram sôbre assuntos diversos. E era, já mais de seis horas, quando Coelho Neto chegou, acompanhado do seu filho George, e de sua jovem nora, espôsa dêste, sendo recebido com uma salva de palmas, e com todos nós de pé.

A fisionomia de espanto, sem um movimento de cabeça, Neto entra lentamente pelo braço do filho, e vem sentar-se a meu lado. Olhos fulgurantes, um sorriso de pasmo no rosto pequeno e cortado de rugas, parece não compreender muito bem o que está acontecendo.

Fala, em primeiro lugar, Fernando Magalhães, que propusera aquela homenagem. Discurso bem feito, embora com algumas passagens inoportunas. Recorda o início das suas relações com o escritor eminente, em uma festa no Passeio Público, em benefício da Maternidade, na qual Coelho Neto figurara como orador oficial. Mais tarde, trabalhara a seu lado na Escola Dramática. E sempre encontrara nêle o espírito admirável, de pa-

lestra rica, e de criação opulenta. Evoca o espírito de ordem de Coelho Neto, de que é expressão a sua mesa, em cujas gavetas há um lugar para os lápis, outro para as canetas de tinta negra, outro para as de tinta vermelha. E passa a lembrar o que foi essa mesa na vida do romancista. Em tôrno dela moveram-se os personagens dos seus contos e das suas novelas. Sôbre aquela mesa pousou o caixão do seu filho morto. E pousou, mais tarde, o caixão da companheira querida. E hoje, repousa coberta de flores, recordando as sombras que por ali passaram... Lindo discurso, em suma, prejudicado apenas pelo efeito doloroso daquelas evocações fúnebres em uma festa destinada a confortar um espírito abalado por aquêles acontecimentos.

Em seguida falou João Luso, sócio correspondente da Academia. Reviveu a sua mocidade de expatriado e de principiante, e o confôrto que encontrou, então, nos conselhos de Coelho Neto. Não costumava comparecer às sessões da Academia. Mas ali estava para proclamar, naquele dia, a gratidão da sua geração literária, que tivera o homenageado daquela hora como seu amigo e seu mestre.

Eu havia, já, ontem, publicado um artigo sôbre Coelho Neto. As palavras de João Luso fizeram-me sentir porém, a necessidade de não permanecer em silêncio naquela hora. E falei também. Recordei a influência exercida pelo prosador soberbo no meu destino literário. Lembrei que foi após a sua passagem pelo Maranhão em 1899, e lendo os seus livros, que me nasceu o desejo de escrever. Confessei que foi pela sua mão que penetrei na Academia. A êle devia, assim, grande parte da minha situação nas letras. E por isso, me era grato, naquela hora, terminar aquelas palavras de solidariedade com os dois versos famosos do lírico fluminense:

*"Se o futuro me der algumas palmas*
*As palmas do cantor são tôdas suas!"*

Depois, foi Alberto de Oliveira. Chegado há dias de Araxá, referiu o interêsse com que se perguntava ali pela saúde de Coelho Neto. No trem ainda, conheceu um senhor Bulhões, de Goiás, o qual, falando do romancista, afirmou ter lido quase tôdas as suas obras.

— Quantos volumes já leu? — indagou Alberto.

E Bulhões:

— Bem uns vinte!

Em Araxá, uma professôra de piano, paranaense, afirmou possuir todos os livros de Coelho Neto.

— Quantos, minha senhora?

E ela:

— Vinte e três!

Alberto de Oliveira explicou-lhes então, que a bibliografia de Neto era constituída por mais de cem volumes. E foi um espanto. Todos ignoravam isso, e não podiam imaginar, mesmo, que um homem só, escrevesse tanto.

— Dizem, porém, que êle está muito doente... — teria aventurado Bulhões.

— E foi então, — diz Alberto, — quando eu lhes contei a história do gigante lombardo, que vem no cancioneiro medieval. Em uma aldeia da Lombardia vivia outrora um gigante, que, com um murro, quebrava rochedos, cujos pedaços lançava a grande distância. Um dia, desapareceu, refugiando-se nas montanhas. Tempos depois correu a notícia, no vale, de que o gigante lombardo estava muito velho, e para morrer de fraqueza. Rapazes da aldeia quiseram vê-lo, galgaram a montanha, e, lá no alto, viram um grande velho, curvado, as barbas caídas no peito, e que descansava numa ponta da rocha. Era o gigante lombardo. Encaminharam-se para êle, e perguntaram-lhe como ia.

— "Muito mal, meus filhos. Estou velho e fraco. Tão fraco mesmo, que, hoje, mal posso arrancar êstes carvalhos da montanha, e atirá-los lá embaixo no fundo do vale!..."

E Alberto conclui:

— Assim, — disse-lhes eu, é Coelho Neto. Êle está cansado Mas. mesmo na sua fadiga atual, é capaz, se quiser, de imitar o gigante lombardo, e, escrevendo romances, contos, dramas e crônicas, fazer mais, muito mais, do que qualquer de nós em tôda a fôrça da sua saúde!

Falou, ainda, Félix Pacheco, relembrando um soneto seu, sôbre a Glória, inspirada em uma página de Coelho Neto. E, finalmente, Ramiz Galvão, que leu a saudação oficial da Academia.

Sem uma palavra, ou um movimento, Neto escutava tudo. E foi em silêncio que ouviu suspender-se a sessão. Todos foram abraçá-lo. Recebeu os abraços sentado. Todos se retiraram. E êle no mesmo lugar. Os empregados fecharam a casa, e ficaram na porta, à espera. E êle, imóvel. O filho, que me pedira para esperá-lo, segurava-o pelo braço:

— Vamos, papai!

Neto batia-lhe na mão:

— Larga!

Após alguma insistência, deixou-se levar para o automóvel. Entrou, mas deixou uma perna de fora. Meti-a para o carro, e sentei-me a seu lado. Do outro lado, a sua nora, com uma paciência risonha e gentil. Em frente à minha casa, saltei. E Neto lá se foi, silencioso, indiferente, como se nada daquilo fôsse com êle...

*Segunda-feira, 26 de fevereiro:*

Meu filho Humbertinho, de dez anos de idade, vem ao meu gabinete, e diz-me:

— Papai, eu vou voltar para o colégio um dia dêstes, e queria que o senhor me dissesse uma coisa. Mas queria que o senhor falasse sério.

— Que é?

— Queria que o senhor me dissesse como é mesmo que a gente nasce. Êsse negócio de vir do céu na cestinha eu já sei que é mentira, por isso não vale a pena vir para o meu lado com essa história.

Lembrei-me do que me contou, certa vez, Medeiros e Albuquerque em relação ao neto de oito anos, ao qual explicou tudo, ministrando-lhe uma lição de anatomia.

— Meu filho, — respondi-lhe, — o que lhe vou dizer não é nenhuma indecência, nenhuma imoralidade. É uma coisa que a natureza determina, e, por isso, natural e sagrada... A gente nasce da barriga das mulheres.

Humbertinho tomou posição no espaldar de uma poltrona, como quem está resolvido a entrar em longas indagações:

— E como é que a gente entra pra lá?

— Para onde?

— Para a barriga das mulheres?

— São os homens que botam.

— E como é que êles botam a gente lá?

Arrependi-me de haver começado. Era tarde, porém, para recuar.

— Os homens juntam-se com as mulheres, e nascem as crianças.

— E como é que os homens e as mulheres se juntam?

— Encostando-se um no outro.

— E como é que a criança passa do homem para a barriga da mulher?

— Por um canudinho.

— Pelo xixi?

— Pelo xixi, sim.

— E onde é que o homem bota o xixi dêle?

— Bota no xixi da mulher.

— E como é que a criança passa? É como água?

— É. É uma água que passa do homem para a mulher, e que, chegando na barriga da mulher, se transforma em uma criancinha pequenina, e começa a crescer.

— Que côr tem essa água?

Meu filho mais velho, que assistia ao inquérito sorrindo maliciosamente, intervém:

— É verde-amarela... Bandeira nacional...

— É, papai?

Resolvo passar das respostas a uma explicação séria, evitando quanto possível as particularidades que convidam à malícia. Ao concluir, digo-lhe, gravemente:

— Eu acabo de desvendar à sua inteligência de criança uma verdade que ninguém conta aos meninos da sua idade. Não se trata, porém, de uma vergonha, de uma indignidade, mas de uma lei da natureza. E você acaba de saber aos dez anos uma coisa que eu só vim saber aos dezesseis.

Meu filho sorri:

— Mas, isso, como o senhor está me contando, eu já sabia... Já sabia desde os sete anos...

E malicioso:

— Eu perguntei, agora, ao senhor, só para saber se era mesmo assim... Eu pensei que o negócio era ainda de outra maneira...

E levantou-se, brejeiro, como quem acaba de liquidar um grave caso de consciência.

*Têrça-feira, 27 de fevereiro:*

Ontem, na ocasião em que o médico Dr. Paulo César de Andrade me fazia a lavagem diária da bexiga, parou de repente.

— Que é? — indago.

— Tive a impressão de que a sonda havia arranhado qualquer coisa. Mas, não encontro mais...

Pela manhã, hoje, comecei a refletir sôbre alguns fenômenos que venho sentindo, entre os quais a sensação de um corpo que se deslocasse quando me viro na cama. E resolvi tirar uma radiografia da bexiga.

— Venha hoje mesmo, — disse-me o Dr. Paulo Côrtes, a quem telefonei.

Às quatro horas, fui. Submeti-me ao exame, com os Raios X. O médico entrou com a chapa, e, momentos depois, regressava.

— Tem pedra! — disse.

— Positivo?

— Positivo. Três pedras, cada uma do tamanho de uma azeitona. Quer ver?

Entrei com êle. Olhei a chapa, de encontro à luz. Lá estavam as três pedras do fundo da bexiga, sendo que duas delas pareciam unidas, formando uma só.

Encaminho-me, gemendo com as minhas dôres de todos os dias, para o consultório de Paulo César, e dou-lhe a notícia.

— Muito bem; agora, vamos tirá-las. Prepare-se para entrar para a Casa de Saúde. Acho, todavia, que essas pedras não são uma causa, mas um efeito. O seu mal está no colo da bexiga. Mas, retiradas as pedras, veremos isso. Procure um clínico, que examine o seu organismo. Daí de baixo, desde que êle me assegure a resistência do campo, me encarrego eu.

Saí mais consolado. Pelo menos, já há alguma coisa responsável pelos meus tormentos. São essas três pedras. E, com isso, renasce, em mim, a esperança...

## MARÇO

*Têrça-feira, 6 de março:*

Recebo, da Bahia, o seguinte telegrama:

"Temos satisfação levar vosso conhecimento inauguração solene hoje arrabalde Rio Vermelho "Ateneu Humberto Campos", estabelecimento instrução nossa propriedade e direção. Saudações. — Professor Orlando Meireles, Elisa Meireles".

*Quarta-feira, 7 de março:*

Havendo o Tesouro reduzido de 1:600$000, quantia que ganhava o meu antecessor, para 496$000 os meus vencimentos mensais de diretor da "Casa de Rui Barbosa", resolvo não ir mais a êsse emprêgo, e publico um artigo irônico sob o título "A glória de Pafúncio e a recompensa da Pátria". Pelos meus cálculos, eu devia receber, por dois meses e dias, 3:400$000, que destinava ao meu tratamento na Casa de Saúde. Pagaram-me, por todo êsse tempo, 1:020$000.

Para coroar os desastres da semana, suspende, hoje, a sua publicação, o "Diário Carioca", que me pagava 150$000 por semana, e fica a dever-me uma semana vencida.

— Viva a literatura!...
— Viva a glória dos homens de letras!...
— Viva o Diabo, que os carregue!...

* * *

Coelho Neto não compareceu à sessão da Academia. E era pensamento meu telefonar para sua casa, à noite, pedindo notícias, quando dali me telefonaram. Minha mulher atendeu. Era Jorge Coelho Neto que me mandava dizer terem se agravado consideràvelmente as condições de seu pai:

— Há três dias, — disse êle à minha senhora, — papai não se levanta. Hoje chamamos o médico, e, quando êste se ia retirar, vimos, eu e Juçara, com êle à porta. De repente ouvimos um baque lá em cima. Corremos, e encontramos papai estendido no chão, ao lado da cama. Tentara levantar-se, e, como já não tem fôrças para se manter de pé, rolou por terra, onde se deixou ficar sem um movimento.

E num recado, para mim:

— Diga a "seu" Humberto que papai está se acabando!...

R.-J.

*Sexta-feira, 9 de março:*

À noite, pouco depois das oito horas, tomo um automóvel, e corro a visitar Coelho Neto. Recebem-me à porta dois dos seus filhos.

— Onde está êle? — indago.

— Papai está lá em cima, "seu" Humberto; está deitado. — responde-me um dêles.

E com tristeza:

— Não se levanta mais...

Subo, com dificuldade, a escada. Em cima, no pequeno quarto de dormir, estendido na grande cama de casal, de varões de ferro dourado, está o velho romancista estendido, coberto até o pescoço por um lençol, e até a metade do corpo, ou quase até o peito, por um "edredon" amarelo e negro, como o pêlo das onças brasileiras. O rosto, pequeno e magro, emerge apenas daquele tumulto de panos e travesseiros, como a cara miúda de um sagüi doente. A barba por fazer há quatro ou cinco dias, irrompe-lhe hirsuta e branca do rosto moreno e engelhado como um maracujá morto. O cabelo destratado cai-lhe da testa, agressivo. A bôca, sem a dentadura, afundou-se, e é apenas uma nesga sob o bigode áspero. E uns olhos fixos, que olham sem compreender,

e que são os de quem se sentisse prisioneiro de selvagens cuja língua não entende, e espera ler na fisionomia alheia a sua sentença de vida ou de morte.

— Que é isso, caboclo velho? Continuamos firmes?

Neto levanta vagarosamente a mão magra, um sorriso incompreensível nos olhos espantados. Levo-lhe duas flores, dois enormes e lindos crisântemos de um ramalhete que uma senhora me havia mandado à tarde. Êle não liga, porém, nenhuma importância às flores. Nem as recebe, sequer, das minhas mãos. Mas uma jovem, sua futura nora, as toma, dizendo:

— Que lindas! Dê-me aqui... Vou pô-las no retrato de D. Gabi!

Sento-me em uma cadeira, ao lado da cama, do lado da cabeceira. No mesmo instante, justifico-me com o calor que está fazendo, e puxo a cadeira para junto da janela. A verdade, porém, é que não suporto o cheiro que enche o quarto, e que me parece vir do "criado-mudo", ou de algum urinol deixado debaixo da cama. O fétido é intolerável, e uma censura surda se forma no meu espírito, contra os que permitiam a permanência de um vaso cheio, no quarto de um enfêrmo. Converso. Zita Coelho Neto, a ilustre declamadora filha do escritor, conta-me que o pai, até há poucos dias, se fechava no banheiro, e ficava ali três e quatro horas seguidas. Era preciso arrombar a porta, para arrancá-lo de lá, onde se deixava inerte. Neto escuta o que se diz, e não dá uma palavra. Procuro interessá-lo na conversa:

— Que é que lhe dão para comer, hem, Neto?

Êle me olha, pasmo. Insisto:

— Que é que você come, hem?

Neto profere as únicas palavras que lhe ouvi, durante tôda a visita:

— Galinha... galinha... galinha...

Faço pilhéria com a sua resposta. Êle não se apercebe. A filha explica-me o horror do romancista pelos legumes.

— O que êle tem, então, é uma desnutrição, — digo. — Um homem sem vitaminas é homem sem vida.

A nora intervém:

— O senhor sabe o que êle deseja comer? Camarão torrado!

Neto escuta as censuras, indiferente. Nada daquilo é com êle. O calor é intenso, e êle continua sob o monte de cobertas, e sob o edredon. O mau cheiro torna-se insuportável. Despeço-me. Aperto-lhe a mão, que êle me estende, em silêncio. No jardim, falo ao seu filho sob o mau-cheiro. Jorge interrompe-me:

— O senhor não imagina como eu estava agoniado, vendo o senhor ali... Mas, sabe o que é?

E compungido:

— Foi êle "seu" Humberto... Foi êle que fêz a sua necessidade na cama... Quando subirmos agora, temos que lavá-lo, mudar-lhe a roupa, e tirar tudo aquilo que está ali. Êle já nem se sente, coitado!...

Baixei os olhos. E subiu-me do coração, surdamente, êste rugido de revolta:

— Meu Deus! Como a Vida insulta um homem!...

*Domingo, 11 de março:*

Ontem à noite, após o jantar, tocam a campainha. Uma das tias de minha mulher vai atender, e vem dizer-me:

— Está aí uma mocinha que quer falar com você. Diz ela que é noiva de um dos filhos do Coelho Neto.

Mando entrar, e vejo aparecer à porta da saleta de música a mesma criaturinha de perfil angélico, e olhos macerados, que me veio, há três meses, com o jovem Paulo Coelho Neto, comunicar-me o seu noivado. Trazia à mão um lenço, e chorava. Ao vê-la entrar nesse estado, tive pressentimento de que se tratava da morte ou, pelo menos, da agonia do grande romancista, que eu deixara na véspera no estado que descrevi. As primeiras palavras da visitante dissiparam, porém, essa suposição.

— Sr. Humberto, — começou ela, — o modo por que o senhor me tratou quando vim participar-lhe o meu noivado fêz-me acreditar que tenho no senhor um amigo. E é como amigo que venho procurá-lo, para comunicar-lhe o rompimento do meu compromisso com Paulo, e pedir a sua intervenção, para minha tranqüilidade.

— Que houve entre vocês?

— Como o senhor sabe, havia entre nós um desacôrdo completo no modo de encarar a vida depois do nosso casamento. Eu ganho, como funcionária do Ministério do Trabalho, ordenado superior ao de Paulo. O que êle ganha, não daria absolutamente para sustentar a casa. Entretanto, êle queria que eu abandonasse o emprêgo antes do nosso casamento. Eu lhe objetava a necessidade que tínhamos do dinheiro que ganho. Sem êle, seria a miséria em casa. Paulo alegava, porém, sempre, que as mulheres não querem deixar as repartições, para continuarem a namorar, depois de casadas. Hoje, tivemos uma discussão mais violenta, e êle insultou-me. Insultei-o, também, e devolvi-lhe a aliança, e uma pulseira que êle me havia dado. Êle saiu atrás de mim, até o ônibus, e gritou-me que havia de vingar-se, pois iria difamar-me

por tôda a parte. E o que eu quero do senhor é isso: é a promessa de que êle me respeitará, senão como uma pessoa que foi sua noiva, pelo menos como alguém que foi amiga de sua mãe, e a quem sua mãe muito queria.

Prometi intervir, nesse sentido. Disse-lhe que fôsse descansada. Achava que os dois deviam manter o rompimento, pois via que o casamento, como êle se enunciava pelo noivado, seria, entre êles, um desastre. E ficasse tranqüila. Seu noivo seria cavalheiro. Eu me entenderia com êle. E a mocinha lá se foi, chorosa ainda, e desolada, mas visìvelmente tranqüila, quanto à sua reputação.

Hoje, pela manhã, entendi-me com George, irmão de Paulo. Fiz-lhe sentir necessidade de acabar, de uma vez, com aquêle noivado. E êle me confessou que tôda a família estava interessada nisso, pois o casamento seria desastroso. Quanto ao respeito devido à moça, o seu irmão o manteria. Ia pedir-lhe a sua palavra de honra. E agradeceu vivamente a minha intervenção, neste momento em que o pai se encontra enfêrmo, e todos me consideram o melhor amigo da sua casa.

Os namorados são, porém, renitentes. Estou quase certo de que os dois se reconciliarão, ficarão meus inimigos, se casarão.

E estarão separados dois meses depois.

* * *

Recebo os primeiros exemplares de "À Sombra das Tamareiras", e da 3.ª edição de "O Monstro, e outros contos", aparecidos há oito dias, em São Paulo. E, com êles, um extenso artigo de "A Gazeta", muito carinhoso, e outro do "O Estado de São Paulo", em que Plínio Barreto faz um paralelo entre Voltaire e Humberto de Campos, a propósito da ironia dos contos orientais.

Não obstante ter sido feita por Luís Amaral, escritor brilhante, a revisão está deplorável. Parece, até, que foi feita por mim!

*Quinta-feira, 15 de março:*

Eis-me, afinal, novamente na Casa de Saúde do Dr. Eiras, e no mesmo quarto, o de n.º 21, que ocupei em dezembro de 1931. Tendo trabalhado, pondo em ordem os meus papéis e as coisas da minha vida, desde as quatro e meia da manhã, tomei, para cá, às 10 horas, o automóvel que Gregório da Fonseca pôs à minha disposição.

Minha mulher, que arrumara a minha maleta, fêz questão de vir trazer-me. E arrumou a minha roupa nos armários, predispondo tudo do melhor modo. Fêz ela própria, fronhas novas para o meu travesseiro pequeno, que trouxe de casa. E tão solìcitamente cuidou de tudo, que, olhando em tôrno, vejo que nada me falta. Curiosa criatura, esta, de quem tanto me queixo, mas a quem, às vêzes, tanto admiro pela delicadeza feminina de certas lembranças! Minha filha acompanhou-a até aqui, e auxiliou-a nas arrumações carinhosas e miúdas. À despedida, choravam, as duas. Minha mulher, porém, mais do que minha filha, mostrava-se apreensiva e nervosa.

* * *

Paulo César, meu médico, dissera-me ontem:

— Esteja na Casa de Saúde às 10 horas. Vou operar lá um doente e devo estar livre às 10 ou às 10 e um quarto.

Chego à hora. Às onze, indago de um assistente:

— E o Paulo?

— Está operando. Está extirpando os gânglios do pescoço de um doente.

— Câncer?

— Câncer. Êle já havia, há tempos, extirpado os gânglios do lado direito. A doença voltou. E êle está extirpando, agora, os do lado esquerdo.

Meio-dia. Paulo César aparece.

— Trabalhão! — diz-me. — Que organismo cheio de surprêsas! Três horas de lutas e preocupações!

Põem-me a sonda de demora, na bexiga. Dor e aflição, que se tornam maiores sob os 35.º de calor, no dia quente. A sonda entope, com o catarro eliminado pela mucosa inflamada. Retiram-na. Paulo promete voltar à tarde, com outra sonda. Recomeçou a luta, entre o Homem e a Morte.

* * *

Não obstante a ordem do médico, afixado na portaria e na porta do meu quarto, para que se não permita a entrada a visitantes que me procurem, vejo surgir, de repente, às três horas, um vulto, que exclama, a dois metros da minha cama:

— Dá licença?

Ponho os óculos, e vejo. É Edmundo Bittencourt, o velho e temido jornalista, que me vem ver. Vem ver-me, e oferecer-me os recursos de que tenha necessidade, e dizer-me, ainda uma vez,

que a sua fazenda de Teresópolis está à minha disposição, para a convalescença. Agradeço-lhe tudo, reconhecendo na sua visita, na visita de um homem que não visita ninguém, a estima que me consagra. E passamos a conversar sôbre a situação política.

— Você não imagina, — diz-me, quanto eu sofro com êste estado de coisas. Quero dominar-me, e afastar-me de tudo, esquecer tudo, e não posso. Às vêzes, vou lá para o "Correio da Manhã" e ponho-me a falar. Mas, arrependo-me, porque posso sacrificar aquêles rapazes. O Paulo Filho teve ainda agora um gesto atrevido, lançando a candidatura do José Américo à Presidência da República, em oposição à do Getúlio. Isso deve tê-lo colocado mal na política da Bahia... E o culpado fui eu... O Paulo queria apenas votar contra a inversão dos trabalhos da Assembléia. E eu lhe fiz ver que isso não bastava. Êle é redator-chefe do "Correio". Não pode separar as suas atitudes políticas das atitudes do seu jornal. E êle subiu à tribuna e lançou a candidatura do José Américo... E fêz bem. O José Américo é ainda o único homem limpo e de coragem que há por aí. O único que ainda não se acanalhou.

— Mas, o Getúlio será eleito. Vem aí, e vamos tê-lo por mais quatro ou cinco anos... — aventuro.

— Vir, vem. Mas, não acredito que se mantenha no govêrno por muito tempo. Êle tem descontentado a todo mundo. Já não possui mais um amigo.

Conversamos ainda meia hora. Às quatro, Edmundo se despede e insiste:

— Olha, é o que quiseres. Não tenhas cerimônias. Se eu estiver na fazenda, escreve, ou telegrafa. Descerei imediatamente...

*Sexta-feira, 16 de março:*

Ainda uma noite sem sono, e levantando-me de duas em duas horas, ou menos, como na minha casa. Perdendo tempo...

Pela manhã, três operações, na sala de cirurgia, em frente ao meu quarto. Uma senhora, operada de apendicite, e que fôra anestesiada com éter, solta os gritos mais trágicos, mistura de gargalhada e de urro, saídos de garganta humana.

Ao escutar essas manifestações de dor, consciente ou não, reflito sôbre o que me espera. E, à semelhança daqueles cristãos que, dos corredores dos circos, escutavam os gritos, lá fora, dos companheiros despedaçados na arena, não tenho no coração senão um desejo: que chegue, quanto antes, a minha hora de ser lançado aos leões...

*Sábado, 17 de março:*

Noite mal dormida. Um misto de calor e de frio, um mal-estar sem origem definida tira-me o sono e enche-me de sonhos inquietos aquêle que consigo.

Resfriamento? Nervosismo?

* * *

Pela manhã entraram-me no quarto duas freiras. Uma traz um maço de cartas e telegramas — três telegramas e onze cartas — a mim dirigidas, com endereço para a Casa de Saúde, e que chegaram ontem.

— É aniversário? — pergunta-me.

E eu:

— Não, senhora. É assim todos os dias...

*Domingo, 18 de março:*

A pedras continuam a pesar na minha bexiga e na minha vida. Noite mal dormida levantando-me cinco vêzes para gemer. Com os gemidos saídos do meu peito nestes últimos quatro anos, Eolo teria feito uma tempestade. E, agora pela manhã tenho ainda de permanecer em jejum, à espera dos médicos que vêm extrair o meu sangue.

Os morcegos da Natureza voam à noite. Os da Ciência aparecem de dia.

* * *

Linda carta a que acabo de receber com a minha correspondência de hoje, e que me vem de Uberaba, por intermédio do Professor Alcibíades de Lamare. Assina-a a família Sousa Neto. Remetendo-ma, escreve o portador: "A Senhorita Maria de Sousa Neto, professôra do Grupo Escolar de Uberaba, moça cultíssima, piedosa e empreendedora, vota à sua pessoa verdadeiro culto de admiração, dedicando-lhe suas mais fervorosas orações e sucessivas comunhões. Não só pelo seu completo restabelecimento, como, também, pela sua integral conversão à fé de Jesus Cristo".

A carta a que se refere o professor de Lamare, é um mimo de elegância profana e de doçura cristã.

*Segunda-feira, 19 de março:*

Noite inquieta e mal dormida, cortada de impressões tristes e trágicas. A Casa de Saúde possui alguns pavilhões destinados a loucos, os quais não são vistos do lugar em que me encontro, por-

que os escondem um morro, e altos muros de vegetação. Durante o dia com os rumores e atividades da vida, ninguém se apercebe, quase, dessa vizinhança. Alta noite, porém, quando os homens sadios se acomodam, escuta-se de vez em quando, um grito lancinante quebrando o silêncio, cortando a solidão. É um demente no seu pavor e na sua aflição. Às vêzes, é um só. Às vêzes, são dois, três, ou mais. E a alma se sente em nós transida, imaginando olhos escancarados na treva, punhos crispados na sombra, e o terror invadindo o Caos de um cérebro, repleto de nuvens escuras e povoadas de fantasmas.

Esta noite, os gritos foram mais nervosos, mais fortes, mais desesperados. E eu acordei e dormi, seis vêzes, ao som dessa música sinistra, que deu, um pouco, o ritmo aos meus sonhos agoniados, e que se tornaram mais terríveis na noite quente.

* * *

Pela manhã, telefonema de minha mulher, narrando-me a sua inquietação com a enfermidade dos nossos dois filhos mais velhos: Lourdes com asma e tosse violenta; Henrique com febre, a garganta inflamadíssima e chorando de dor.

Peço a presença de Miguel Couto. Chamo Augusto Linhares. Couto suspeita um caso de difteria e leva alguns detritos da massa emitida pelas amígdalas para exame bacteriológico. Horas terríveis de expectativa. À tarde veio o resultado negativo. Mas o meu filho continua sofrendo, embora medicado, já, pelos homens de ciência.

E o calor infernal a tostar-me vivo na grelha desta cama, no fogareiro diabólico dêste quarto de hospital!

*Têrça-feira, 20 de março:*

Desde o dia da minha entrada para a Casa de Saúde, ouço, partida do quarto vizinho, uma vozinha gritada, de criança que, ou fala ao telefone de cabeceira, dirigindo-se com os seus gritinhos a outras crianças que ficaram em casa, ou se esgoela, em toada, repetindo esta cantiga do último carnaval:

> "O tipo louro
> Vale um tesouro,
> Mas, perto do moreno,
> E' café pequeno!"

Supunha que se tratasse de uma pequenita sadia, que viesse todos os dias ver a sua mãezinha doente. Esta noite, verifiquei,

porém, que era a pequena, ela própria, a enfêrma. Cêrca de uma hora da manhã, despertei com o seu chôro, e com os seus gritinhos de dor e de fé:

— Ai, mamãezinha! Reza pra mim, mamãezinha! Não aperta. . . Não aperta, mamãe!... Dá uma injeção, mamãezinha! Dá, pra não doer, não doer mais, mamãezinha!...

Três ou quatro vêzes, desperto com êsses gritos de sofrimento infantil. E o coração se me enche de pena, de piedade, sabendo que, a meu lado, sem que eu lhe possa fazer uma carícia, padece uma criancinha doente.

Esta manhã, perguntei a uma das freiras quem é a doentinha. E ela me disse:

— É uma pequenita de seis anos. Tinha dezesseis dias quando perdeu a mãe, passando a ser criada pela avó, uma senhora que está com ela aí. Há dois meses, um ônibus atropelou a menina, comprimindo a perna esquerda de encontro ao passeio, mas de tal modo que não lhe produziu fratura, espedaçando, entretanto, todos os tecidos, todos os músculos da parte inferior da perna. Os médicos recompuseram tudo, e ela aí está, em tratamento. Tem sofrido muito, coitadinha!

Calado, escuto essa informação. E peço mentalmente a Deus, que tenha pena dêsse anjo. Que sofrimentos reserva, na verdade, a vida, a quem, aos seis anos, tem, já, sofrido assim?

* * *

O "Correio da Manhã" e o "Diário Carioca" são os dois únicos jornais que recebo, todos os dias, ao amanhecer. Abro o primeiro, e encontro uma crônica de Raul de Azevedo, sôbre o interêsse que despertou a minha doença. Abro o segundo, e leio, em uma notícia, que eu já fui operado com grande felicidade e que estou passando perfeitamente bem!

* * *

No momento em que, à uma e meia da tarde, palestrava com Clementino Fraga, que acompanha, como clínico, a operação a que vou ser submetido, entra no meu quarto um médico da Casa de Saúde, e diz-me:

— O Doutor Schiller (diretor do estabelecimento) manda comunicar ao senhor que está lá na secretaria um franciscano, que deseja falar-lhe; e pergunta se o senhor quer recebê-lo.

— Pois, não! — respondo. — Diga-lhe que o frade pode subir.

Clementino despede-se, sorrindo. E, minutos depois surge-me um religioso alto, magro, alourado, moço ainda, rosto comprido e pele rosada, vestindo o hábito dos irmãos de São Francisco.

— Pode entrar, — digo-lhe saindo ao seu encontro e estendendo-lhe a mão.

Êle entra, e, levando a mão à chave da porta, pede:

— Dá licença?

— Pois, não.

Ficamos sós.

— Sei, — começou polidamente — sei, pelos seus livros, que o senhor é um amigo dos franciscanos, e que tem uma alma franciscana. Os frades do convento de Santo Antonio sabem disso; e é em nome dêles que aqui estou, a fim de dizer-lhe que estamos rezando pela felicidade da operação a que vai submeter-se, e que estamos certos de que será inteiramente feliz.

Agradeço-lhe, e êle continua. Traz à mão um exemplar dos "Parias", e mostra-me a página final da crônica intitulada "Carta a Jesus, meu Senhor", na qual eu ofereço a Cristo o meu coração. Adivinho, nas palavras do visitante, a idéia da catequese. Mas, atalho a investida amável.

— Irmão, — digo-lhe, — eu sinto que uma grande mão invisível me vem conduzindo da incredulidade mais irreverente para os possíveis domínios da fé. Não quero, porém, precipitar com a mão do homem aquilo que está reservado, talvez, à mão de Deus. Se eu tiver de ser um crente, se-lo-ei espontâneamente. Não quero ir para Deus por uma violência, por um constrangimento, para satisfazer a outrem. Sinto que marcho para a claridade, como resultado do sofrimento, e da contemplação cotidiana da vida. Mas, se é para lá que marcho, quero ir por meu pé.

— Eu não vim aqui para precipitar essa manifestação da sua alma, — diz-me o frade. — Ela está feita no final da sua crônica. Vim conhecê-lo de perto e trazer-lhe as saudações e as orações dos meus irmãos.

Conversamos mais alguns minutos, em que expendo o meu pensamento sôbre o papel das ordens religiosas na renovação da sociedade. Êle concorda. E despedindo-se:

— Posso voltar dentro de oito dias?

— Não; é cedo.

— Dentro de quinze?

— Talvez.

E aperto-lhe a mão, em despedida.

*Quarta-feira, 21 de março:*

As primeiras notícias do meu filho Henrique, que se acha atacado de angina plutácea, e o nervosismo em que se encontra minha mulher com o estado dêsse nosso filho, põe-me em agitação que não consigo dominar. Diante disso, e de acôrdo com o médico, resolvo pedir à minha mulher que me não venha fazer companhia amanhã, por ocasião da operação. Ela insiste, mas eu alego a necessidade de precaver-me contra alguma infecção, vinda de casa.

Antes do almôço, uma visita indesejável, que consegue vencer a barreira levantada à porta contra as pessoas que me querem ver. É a do misterioso Nicodêmus, o homem que em agôsto do ano passado me canonizou ao lado de Nossa Senhora da Conceição e Silva e São Ismael & Cia. Entra, senta-se, e diz-me:

— Vim buscar uma parte dos seus sofrimentos... Você vai ficar melhor...

Chamo o enfermeiro. Peço a presença do médico. E Nicodêmus se vai embora, prometendo voltar amanhã.

Em seguida, vem José Olímpio, meu editor, chegado esta manhã de São Paulo. Traz a amostra das capas da terceira edição dos "Párias" e da primeira de "Sombras que sofrem". Peço-lhe notícias dos meus livros.

— Admiràvelmente bem! — diz-me êle. — Os seis mil e tantos exemplares de "À sombra das tamareiras" aparecido há quinze dias, estarão esgotados antes de seis meses. Das "Memórias", primeira parte, não temos atualmente em casa e no depósito, mais de oitenta exemplares. E eu estou pensando em aumentar a edição de "Sombras que sofrem", de seis mil e duzentos para oito mil e duzentos. Depende do preço que me vai fazer a oficina em que está sendo impresso.

E o dia todo é de visitas de amigos. À tarde, finalmente, Clementino Fraga me diz:

— Amanhã, às dez horas... Combinado?

E eu:

— Pronto! Desde já...

* * *

As pedras que me chocalham na bexiga e me transformaram em maracá humano, continuam a atormentar-me. Ao menor movimento, deitado, sentado, ou de pé, roçam-me a mucosa inflamada, forçando-me quase a urrar.

Tenho a impressão de que já não são três, mas quatro, vinte, cinqüenta, ou cem. Se estiverem numeradas, poderão, até os médicos, fazer o seu jôgo no momento da operação.

Sou o Homem-Víspora.

* * *

Ao entardecer, aparece-me Belisário Távora. Traz uma incumbência.

— Você vai operar-se amanhã, — diz-me. — Chegue-se às freiras... Converse com o capelão...

— Com muito prazer! — digo-lhe.

Mas conservarei a minha alma livre. Se ela chegar às mãos de Deus, será como essas rôlas bravias que nunca foram aprisionadas, e conservam nas penas o vestígio das fôlhas e o cheiro agreste do seu ninho selvagem.

*Sábado da Aleluia, 31 de março:*

Visita de Alcântara Machado. Quando aqui estêve, segunda-feira passada, Teodoro Sampaio, eu lhe perguntei:

— E o Alcântara? Vota em você?

— Vota. Êle, e os outros paulistas da Academia, votam em mim.

— Mas, foi o Alcântara mesmo quem lhe disse que vota no seu nome?

— Não; foi o Afrânio. O Afrânio me disse que falou com êle e que êle lhe fêz essa declaração.

Hoje, perguntei ao Alcântara se votara, efetivamente, em Teodoro.

— Não, — respondeu-me; — votei no Ribeiro Couto. E por dois motivos: primeiro, porque preciso da companhia dos moços, para ter a impressão de que sou moço; segundo, porque não recebi, direta ou indiretamente, qualquer pedido em favor do Teodoro.

— O Afrânio não falou a você?

— Não; Afrânio não me deu, sequer, uma palavra sôbre a eleição. Nem sei, mesmo, em quem êle votou...

* * *

À noite, entra uma freirinha de 22 anos, para ser operada de apendicite. Filha de Arlindo Leôni. Freira de clausura. Lá fora, a festa, a animação, a alegria. Aqui dentro um bisturi, dilacerando um lírio.

## ABRIL

*Quarta-feira, 12 de abril:*

Às 10 horas, saída da Casa de Saúde. Minha mulher vem buscar-me, e o Pedro não falta com o carro oficial do Gregório. Desço no elevador, curvado para diante, o passo tardo, incomodado pela sonda, que me atormenta o colo da bexiga. Relativamente a tormentos, retiro-me, assim, com os mesmos com que entrei, com a diferença, apenas, de ter vindo com duas pedras e retirar-me, agora, com uma borracha. Muitas homenagens, muitos abraços dos médicos e dos enfermeiros, na partida.

O dia está lindo e claro. Mas, eu não sinto, ainda, a alegria inocente das coisas. À Rua Marquês de Abrantes sinto tonturas. As casas bailam em tôrno como crianças que se dessem as mãos. Fecho os olhos. E a tontura passa. Tudo passa sôbre a terra...

Saio do carro amparado pelo Pedro e por minha mulher. Penetro em minha casa. Tudo arrumado, tudo limpo e preparado para receber o Homem que venceu a Morte. *Ritorna, vincitore!*

Mas o vencedor vem trôpego, e gemendo. E tem ainda, de, ferido, como se acha, travar outras batalhas...

*Sexta-feira, 13 de abril:*

Após o jantar, peço à minha filha que telefone para a casa de Gregório da Fonseca, e o chame ao aparelho. Ela se encaminha para o fone, e eu fico a seu lado, aguardando a ligação. Gregório atende, e conversa com ela. De repente, ouço-a exclamar:

— Morreu? Quando? Agora à tarde?

— Quem foi? — indago, inquieto.

E ela, passando-me o fone:

— O João Ribeiro!

Ponho-me em comunicação com Gregório, e êle me conta o ocorrido. João Ribeiro, que se achava doente há uma semana, fôra transportado para uma Casa de Saúde, a fim de ser operado. Mas a operação não chegara a ser feita. Às quatro horas de hoje, faleceu.

— Bexiga? — pergunto.

— Parece que sim. Próstata e bexiga.

Silêncio de um lado e de outro. Enche-nos o coração, tomando-nos a voz, a saudade do morto.

*Sábado, 14 de abril:*

Fernando Néri, diretor da Secretaria da Academia, passa pela minha casa antes de ir ao entêrro de João Ribeiro. E dá-me notícias da enfermidade que levou dêste mundo êsse escritor eminente, apagando um dos espíritos mais fortes e brilhantes que o Brasil tem produzido em todos os tempos.

— O João Ribeiro vinha doente há muito tempo. Às quintas-feiras, após a reunião da Comissão do Dicionário, eu descia, e, ao entrar no banheiro, já o encontrava gemendo, fazendo esforços para urinar. Dizia-lhe que se tratasse daquilo, antes que tomasse maior gravidade. Êle me respondia, porém, dizendo-me que estava já muito velho para impedir a obra destruidora da Natureza, e que, já agora, iria assim até o fim da vida... Há pouco mais de um mês piorou, como você sabe. Mas voltou ainda à Academia, até que, sábado passado, soubemos que êle havia sido transportado para a Casa de Saúde Estelita Lins, aqui nas Laranjeiras. Fui vê-lo, e encontrei-o bem. Tinham-lhe tirado da bexiga cêrca de dois litros de urina, que o estavam intoxicando. Ainda conversamos, contando êle algumas anedotas. Saí animado. E, ontem, morreu, tendo permanecido em estado de coma cêrca de 24 horas.

— Não chegaram a operá-lo...

— Não; parece que os médicos acharam desnecessário. Êle não resistiria... Diagnosticaram como causa da morte intoxicação, conseqüente da hipertrofia da próstata...

* * *

Às duas horas da tarde, retine a campainha. Uma das tias da minha mulher vai à porta, e regressa com um grande embrulho.

— São peras, — diz.

— Quem as trouxe?

— Um moço chamado Custódio de Viveiros. Entregou o embrulho e foi embora. Disse que não lhe incomodasse.

Custódio de Viveiros é romancista. Tem três volumes publicados.

— Isto me está cheirando a candidatura à vaga de João Ribeiro na Academia! — digo à minha filha, quando esta regressa do trabalho, à tarde.

— O senhor quer tirar isso a limpo? — observa-me ela.

— ?

— Papai, telefone para a casa dos outros acadêmicos. Se êles também receberam peras, é, então, que o moço quer entrar mesmo para a Academia!

*Domingo, 15 de abril:*

Telegrama de Paulo Setúbal, de São Paulo, pedindo voto para a vaga de João Ribeiro, na Academia Brasileira de Letras.
Quanta pressa!...

*Têrça-feira, 27 de abril:*

Visita hierática de Múcio Leão. Múcio Leão é o urubu da Academia. Só aparece aos acadêmicos quando tem carniça, isto é, quando morre algum e êle é candidato ao lugar.
— Venho comunicar a você que fiquei com o "Registro Literário", do "Jornal do Brasil", como sucessor do João Ribeiro...
— Parabéns a você.
— E sou candidato à vaga do João na Academia.
— Está bem.
Múcio adivinha a estranheza que me causa a pressa dos candidatos.
— Eu podia, — adianta, — ter esperado oito dias para pedir votos. Mas o Setúbal começou logo no dia seguinte, e o Jorge de Lima três horas depois do óbito.
— ?
— Três horas, sim. Imagine você que o João faleceu às quatro horas. Às sete o Jorge telefonava pedindo o voto ao Olegário!...

*Domingo, 29 de abril:*

Fazendo ressoar pelo corredor o seu sapatão de pau, que tenta corrigir a sua perna de Tirteu, Hílton Fortuna, chefe da Tesouraria da Academia Brasileira de Letras, entra, em visita, no meu quarto. Estendido na cama, imóvel, peço notícias dos companheiros de "imortalidade".
— Como vai o Medeiros? — indago.
— Melhor. Ainda não foi à Academia, mas já conseguiu levantar-se. Está ainda muito pálido, muito fraco... Apareceu o segundo volume das memórias dêle; viu?
— Li a notícia, apenas.
— E, no entanto, coitado! está passando necessidades terríveis. Quer ver?
Tirou do bôlso interno do paletó a carteira, e, desta, uma carta. Era de Medeiros. Pedia-lhe que lhe adiantasse cem mil-réis, por conta do "jeton" do mês vindouro, confessando não ter em casa, naquele dia, senão 2$700!...

Fortuna lê a carta, e comenta:

— Apesar disso, não quer sair da casa suntuosa em que está morando agora. Diz êle que a aparência é tudo!...

## JUNHO

*Têrça-feira, 5 de junho:*

Georges Coelho Neto, filho do grande romancista, vem à noite, à minha casa. Peço-lhe notícias do seu pai. E êle:

— Não tem melhoras, não, Sr. Humberto. E que trabalho, coitado, nos dá todos os dias! Imagine o senhor que, antes de sair para o Banco, tôdas as manhãs, tenho que lhe dar um banho, pois está todo sujo! E quando regresso à noite, tenho que repetir êsse trabalho! Domingo atrasado cheguei, mesmo, a dar-lhe cinco banhos, pois havia feito as suas necessidades na roupa, sem se sentir.

Entretanto, essa ruína triste e gloriosa ainda apresenta vestígios do velho espírito. Conta-me o filho que, anteontem, entrando no banheiro, encontrou-o com a janela aberta, e sentado no bidê, que enchera de água fria.

— Papai, que maluquice é essa?... — exclamara. — O senhor quer apanhar ainda outra doença?!...

E Neto!

— Ah, meu filho, isso é impossível! Era difícil encontrar no meu corpo lugar para mais uma!...

*Quarta-feira, 6 de junho:*

Cêrca de três horas, minha mulher, que se acha trabalhando na Diretoria de Educação, chama-me ao telefone.

— Da Academia telefonaram agora a você? — pergunta.

— Não; por quê?

— Olhe, não se alarme. E' uma notícia triste...

Meu pensamento vai direto a Coelho Neto. Ela conclui, porém:

— O Professor Couto!

— Miguel Couto? O Miguel Couto morreu?

— Morreu, ao meio-dia...

Uma tristeza profunda me toma sùbitamente o coração. Minha mulher não tem quaisquer informações sôbre o modo por que morreu o grande clinico, e despede-se. Agora à noite leio, porém, nos jornais, que o matou uma crise de "angina pectoris".

Couto havia, parece, tido uma ameaça durante a noite, quando estudava no seu gabinete. Tanto assim que, tomando da pena, escreveu à senhora o seguinte bilhete, que deixou na gaveta da secretária: "Cotinha. Sei que vou morrer amanhã". Ao amanhecer saíra, porém, para ir à missa por alma de D. Júlia Lopes de Almeida, na cidade. Terminado o ato fúnebre, encaminhou-se para o seu consultório, à Rua dos Ourives. Como o elevador não estivesse funcionando, subiu as escadas até o terceiro andar. Mas, ao chegar lá em cima, sentiu-se mal. O coração batia-lhe forte, descompassado. Desceu, tomou o automóvel, dirigiu-se à Farmácia Granado, pediu um remédio e mandou tocar para a sua residência, à Praia de Botafogo.

Era meio-dia quando ali chegou. Reconheceu a gravidade do seu estado, e definiu-o. A família, alarmada, pedia a presença de médicos amigos. Êle recomendava, porém, calma, serenidade:

— Estou morrendo como Sêneca, — disse. — São os mesmos sintomas, e o mesmo quadro doloroso. Como se sofre horrìvelmente sob as garras constritoras da angina!...

Fêz algumas recomendações, mandou alguns recados, pedindo desculpas a amigos por morrer antes de ir às solenidades, para as quais se achava convidado. A um dêles mandou dizer:

— Fonseca, diga ao Póvoas que não poderei assistir à posse dêle. Mas, lá estarei em espírito, certamente...

Momentos depois, falecia. Falecia, e logo a cidade se movimentava para a Praia de Botafogo, e de tal modo que, às quatro horas, vindo à minha casa, o porteiro da Casa de Rui Barbosa me dizia:

— Há tanto automóvel desembarcando gente em frente ao palacete do Professor Couto, que o trânsito se acha, ali, em grande extensão, completamente interrompido...

Grande figura é essa, realmente, que desaparece. Uma grande foice, movida na altura, está derrubando, parece, implacàvelmente, tôdas as grandes árvores da nossa humana flora nacional.

*Sábado, 9 de junho:*

Ao anoitecer, entra em meu gabinete, em visita, Clementino Fraga. Vem todo de prêto, em luto rigoroso, e tem a fisionomia compungida.

— Que é isso? De luto? — indago. — Ou vem de algum entêrro?

— Não; luto... Eu era muito amigo do Couto... Couto me queria muito bem... De modo que eu senti muito... É como se fôsse um parente...

Conversamos sôbre a morte do grande médico, e Clementino, após alguns minutos de palestra, diz-me, na mesma voz triste:

— Eu vim conversar com você sôbre um caso, que você é o primeiro a conhecer... No entêrro do Miguel, eu fui, dos professôres da Faculdade, o último a retirar-se do cemitério... Fiquei com a família... Éramos muito amigos... Êle me distinguia muito... Estávamos assim, quando o Miguelzinho...

— Filho do Couto?

— Sim, Miguel Couto Filho... Estávamos assim quando o Miguelzinho abraçou-se comigo, e me disse: Fraga, nós queríamos um favor seu: queríamos que você fôsse o sucessor de papai na Academia...

— Na presidência da Academia de Medicina?

— Não; na Academia de Letras...

— Hã!

— Você sabe, eu lhe tenho dito várias vêzes, que a Academia não entra hoje nas minhas cogitações. Não me interessa... Diante, porém, dessas palavras do Miguelzinho, eu resolvi conversar com você e com o Medeiros... Por mim, eu não tocaria nisso...

— Você quer a minha opinião?

— Quero.

— Se você não tem desejo de ser acadêmico, não entre diretamente nisso... Deixe que os seus amigos se movam, e coordenem os elementos para a vitória... Eu acredito que a Academia não tente um homem de responsabilidade como você... A Academia está em decadência... Por isso mesmo, deixe que os outros trabalhem por você, e fique na expectativa... Você não poderia acompanhar nos processos de cabala os competidores que certamente se apresentarão...

— É isso que eu penso também... Mas, eu acho que há aí uns elementos que já se acham em atividade... Parece que o Félix Pacheco está agindo em meu favor... Êle tem muita influência lá dentro...

— Isso, não sei. Parece-me, porém, que você se engana... Hoje, na Academia, ninguém tem influência... Cada um conta com o seu voto...

— Bom, mas eu conto com os médicos... Austregésilo, Aloísio, Cláudio... Depois, a família do Couto mesmo se interessará por mim...

Calo-me. E, olhando o ilustre professor da Faculdade, fico a pensar, comigo mesmo, quanto a Academia é mal conhecida aqui fora, e como se tornam ingênuos, mesmo quando são inteligentes, todos os namorados...

*Domingo, 10 de junho*:

Tendo sofrido muito ontem até cêrca de meia-noite, levantei-me, hoje pela manhã, cêrca de oito horas. E achava-me no banheiro banhando o rosto quando minha mulher assomou à porta, dando-me os bons-dias.

— Outra novidade triste; sabe?

— ?

— Foi o Medeiros!

— O Medeiros?... Telefonaram para cá?

— Não; está nos jornais.

Termino a minha higiene matinal, e, arrastando-me, encaminho-me para a sala de café. Apanho uma das fôlhas. E vejo: Medeiros faleceu ontem, às 6 horas da tarde. Os jornais não entram em particularidades sôbre o desenlace. Parece, todavia, que se deu mais uma crise de edema pulmonar. Deixou dois bilhetes: um, dirigido à família, em que proíbe todos os da sua casa de porem luto pela sua morte, e recomenda que o enterrem em caixão e côche de última classe; outro, destinado à imprensa, em que dá, êle próprio, notícia do seu falecimento.

Após a leitura, reflito, mais uma vez, sôbre a fatalidade que pesa, nesta hora, sôbre a Academia. De 12 de abril para cá, isto é, em menos de dois meses, já lá se foram, dos membros efetivos da casa, isto é, dos Quarenta, João Ribeiro, Augusto de Lima, Gregório da Fonseca, Miguel Couto e Medeiros e Albuquerque; entre os candidatos, Carlos Góis, que auxiliava a Comissão do Dicionário, e, há dois dias, Manuel de Sousa Pinto, que ocupava em Lisboa a cadeira de estudos brasileiros que a Academia mantinha na Faculdade de Letras. E, como se não bastasse, lá se foi, igualmente, há uns dez dias, D. Júlia Lopes de Almeida, espôsa de Filinto e que era, ela própria, pela nacionalidade, pelo talento, mais acadêmico do que o marido.

E eu não tenho, como os judeus na Páscoa, o sinal de sangue na minha porta!...

* * *

Pela manhã, curvado para diante, vou, como o faço todos os dias, de automóvel, à Casa de Saúde. Dia de mudança de sonda,

e de torturas maiores que as habituais. Paulo César introduz o dreno de borracha. Procura colocá-lo bem, e eu me sinto ferir, sem direito de reclamar. De repente, diz-me êle:

— Espera... Tem paciência...

E para o assistente:

— Senti arranhar a sonda... Parece que se confirma a suposição em que estou de que há, ainda, outra pedra...

— E eu tenho de ser aberto novamente? — indago.

E êle:

— Se se confirmar, não há outro remédio.

E é com essa notícia, e as minhas dores torturantes, que venho para casa.

*Segunda-feira, 11 de junho:*

Pela manhã, falo, pelo telefone, com Fernando Néri, diretor da Secretaria da Academia, e peço-lhe informações sôbre a morte de Medeiros e Albuquerque.

— O Medeiros morreu muito bem, — diz-me êle.

— Novo ataque de edema?

— Não. Uma síncope. Sábado à tarde, estêve em casa dêle, em visita, a senhora do Maurtua, Ministro do Peru. Quando a senhora saiu, o Medeiros foi levá-la até o portão. Quando reentrou em casa, queixou-se de muito frio nos pés, e pediu água quente, para um escalda-pés, ou para um saco de borracha. De repente, perdeu os sentidos, e morreu. Não durou dois minutos.

E Néri conclui:

— Você não escreve sôbre êle? Você não imagina como êle lhe queria bem, e a admiração que êle tinha por você.

* * *

Datada de ontem, recebo uma carta de Alceu Amoroso Lima, relembrando um episódio de que já me não lembrava. Conta êle que, há tempos, quando, à sua revelia, lançaram a sua candidatura à Academia na vaga de Luís Carlos, Gregório da Fonseca me viera pedir, para êle, o meu voto. E que eu respondera:

— O Tristão deve ter contra mim o ódio teológico!

Separam-nos, diz êle agora, crenças e princípios. Mas, êsse ódio, da sua parte, não existe. Nem podia existir, uma vez que se trata de quem escreveu a "Carta a um noviço", que considera "uma das mais belas páginas da literatura brasileira". E termina comunicando-me a sua candidatura à vaga de Miguel Couto.

Telefono a Clementino Fraga. E êle:

— Já soube. É candidato do Cardeal... O Tristão foi derrotado seguidamente, apesar da proteção de D. Sebastião Leme, em dois concursos, seguidamente. O Cardeal quer dar-lhe, então, agora, essa ficha de consolação...

*Têrça-feira, 12 de junho:*

Multiplicam-se os candidatos à Academia. Hoje, durante o dia, quatro cartas e telegramas: de Lindolfo Gomes e Artur Mota, candidatos à vaga de Miguel Couto; e de Renato Kehl e Viriato Correia, à vaga de Medeiros e Albuquerque.

Amanhã tem mais.

Fernando Néri desperta a minha atenção para uma curiosidade.

— O Aloísio de Castro não foi ao entêrro do Medeiros...

— Não foi? Êle cercava o Medeiros de tanta consideração, quando vivo!...

— Sim, mas o Medeiros não era católico. E o Aloísio não vai em entêrro de quem não professe a sua religião... Você não reparou que êle não foi nem no do Constâncio?

*Quarta-feira, 13 de junho:*

Visita de Hélio Lôbo e Paulo Setúbal. Êste, exuberante, palrador, comunicativo, concluindo cada frase com um abraço, para que ela tenha, sempre, um pouco de coração. Aquêle, reservado, diplomático, emitindo surdamente, e em tom solene, frases sem a menor importância. Como Clementino Fraga me houvesse dito que era êle um dos seus eleitores seguros, falo-lhe da vaga de Miguel Couto na Academia, e da candidatura de Tristão de Ataíde.

— Essa candidatura estragou o meu trabalho. Eu achava que a cadeira do Miguel Couto devia caber a um grande médico, a um nome nacional, dentro da profissão. E estava trabalhando em favor de uma figura que honraria a Academia.

— Médico?

— Sim; grande médico.

Meu pensamento vai para Clementino. E Hélio:

— Eu estava coordenando elementos em favor da candidatura do Carlos Chagas...

Lembro-me que Carlos Chagas é candidato de Hélio Lôbo. Nesse momento, porém, uma pessoa da casa me anuncia a presença de Miguel Osório de Almeida.

— Mande entrar, — ordeno.

E Miguel Osório entra, com a sua barba loura, à nazarena, na qual já se destacam numerosos fios brancos.

Hélio e Setúbal retiram-se. E Miguel me comunica ser candidato à vaga de Medeiros e Albuquerque na Academia. Nesse momento, recebo um telegrama. O Conde Cândido Mendes de Almeida também é candidato!

"Tableau"!

*Sexta-feira, 15 de junho:*

Às quatro horas, uma visita, que me pediu essa audiência, pela manhã. É o Dr. Carlos Ferreira de Almeida, figura respeitável de filantropo, diretor do Asilo São Luís para a Velhice Desamparada. Cabelos inteiramente brancos. Barba em ponta, nívea como os cabelos. Imagino que me venha pedir o voto para Clementino Fraga, chefe de clínica do Asilo. E é com espanto que o escuto, após alguns momentos de divagações:

— Eu venho aqui para me desobrigar de uma incumbência, da qual fui investido pelo Sr. Cardeal.

— Ouço-o, calado. Êle continua:

— O Sr. Cardeal encarregou-me de saber, em seu nome, como o senhor receberia a candidatura do Dr. Tristão de Ataíde à vaga do Professor Miguel Couto, na Academia.

Respondo-lhe:

— Pode dizer ao Senhor Cardeal que eu considero a candidatura do Dr. Tristão de Ataíde perfeitamente legítima. É um perfeito homem de letras, que já devia estar lá.

— E o seu voto?

— Quanto ao meu voto, eu não posso comprometê-lo, por enquanto. Fala-se na candidatura do Professor Fraga. Se êste fôr candidato, votarei nesse nome, porque se trata de um amigo que merece a Academia, e a quem muito quero. Se, porém, essa candidatura fôr afastada, não tenho dúvida em votar em Tristão de Ataíde. Não o conheço pessoalmente, não temos afinidades espirituais. Trata-se, todavia, de um homem de cultura, e isso basta.

O velhinho sai, metido no seu capote côr de macaco. E sinto, no seu abraço, e nas palavras com que se despede, que vai satisfeito.

* * *

Às seis horas, aberta a porta de entrada, surge no corredor uma figura alta, encadernada com distinção. Ponho-me de pé, junto à mesa em que escrevo, e o recém-chegado aproxima-se.

É um cavalheiro esguio, espigado, trajando terno escuro, colarinho alto e camisa engomada. Moreno, o rosto cortado por algumas rugas, denunciando o homem que dobrou o cabo tormentoso dos cinqüenta anos. Cabelo de mulato, cortado rente dos lados, mas deixando perceber o predomínio dos fios brancos, e advinhar a origem mestiça de quem os quer dissimular. Rosto escanhoado, olhos negros, e pequenos.

— Oliveira Viana... diz.

— Ah! — exclamo, contente com aquela visita.

O sociólogo que se acha diante de mim é tido geralmente como um sujeito bisonho, que não visita ninguém, que não aparece a ninguém. Êle mesmo, em carta que me escreveu, se confessa um tímido, um retraído. É, assim, extraordinária, digna de espanto, a sua presença, ali, na minha casa. Sentamo-nos. Conversamos. Trocamos idéias sôbre o trabalho que temos de realizar juntos para uma enciclopédia espanhola. E ao fim de alguns minutos tenho sob os olhos a alma do homem. Bom coração. Sem invejas, sem baixezas. Mas, com a consciência do seu valor, e, por isso, com um lastro de orgulho, do orgulho peculiar aos tímidos, e que busca, debalde, dissimular.

Ao fim de uma hora, vou levá-lo ao elevador, como a um velho amigo. Abraços brasileiros na despedida.

— Até breve! — digo-lhe.

E êle:

— Até breve!

*Segunda-feira, 18 de junho:*

O Dr. Iseu de Almeida e Silva, que foi um dos médicos que assistiram à morte de Capistrano de Abreu e viveu na intimidade do grande historiador, conta-me que êste definia da seguinte forma a literatura de Afrânio Peixoto:

— O Afrânio é como "foie-gras".

E explicava:

— Pouco, todo mundo gosta; muito, enjoa.

*Sábado, 23 de junho:*

Visita anunciada, mas que eu não esperava, esta de hoje. Às onze da manhã vibra a campainha. Minha mulher vai receber. Os visitantes entram para o meu gabinete.

— O interventor em São Paulo! — vem ela avisar-me.

Encaminho-me, amparado à minha bengala, para o meu gabinete. Um homem alto, moreno, rosto escanhoado e simpá-

tico, espera-me de pé. Dois outros, um de "pince-nez", baixo e claro, e outro moreno, com a farda de capitão do Exército. Ao lado dêstes, José Olímpio, meu editor. O homem alto apresenta-me os dois desconhecidos, que são o seu secretário e o seu assistente militar.

— Sente-se aqui a meu lado, — diz-me, ajeitando as almofadas no sofá, à sua direita.

Agradeço-lhe, e sento-me em uma poltrona, à sua esquerda. E a palestra se estabelece, corrente e singela como se fôssemos velhos conhecidos. Literatura, política, ensino, administração. E eu observo, espantado, que tenho diante de mim um espírito original, uma inteligência moça e grave, um homem que possui idéias próprias, que pensa por si mesmo, e capaz de reagir, com serenidade, contra os ímpetos instintivos da multidão. Falamos da Universidade em projeto, e para a qual acaba de contratar na Europa alguns dos professôres mais eminentes que ali doutrinam, e Armando de Sales Oliveira me diz:

— Eu quebrei, em São Paulo, o ritmo a que obedecia o problema da educação. Nós temos, já, escolas primárias bastantes para as necessidades mais imediatas do povo. O problema brasileiro não é, todavia, o do analfabetismo: é o da cultura, o da preparação das elites. Urge a formação de uma geração de homens públicos capazes de comandar. E, para isso, é indispensável a Universidade, onde a ministração da ciência pelos mesmos professôres determinará uma orientação homogênea da mocidade. Um dos nossos males tem sido o autodidatismo. Êle individualiza e anula os homens, pela falta de disciplina... Aí está, para lição nossa, o exemplo da França. A Europa inteira conflagrada, ameaçada de anarquia. A França, entretanto, flutua no Dilúvio, graças aos seus homens superiores, saídos das Universidades com o mesmo pensamento. A Universidade de São Paulo resolverá, espero, a crise de homens públicos em que nos debatemos no Estado.

— E êsses homens podem, — atalhei, — educar o Brasil inteiro, com as suas lições de disciplina e de ordem.

O assunto é absorvente, e entramos por êle. Armando de Sales Oliveira, cauteloso como um caçador experimentado, expõe mansamente os seus pontos de vista. E em seguida, fala da minha atividade literária. Pergunta-me pela segunda parte das "Memórias".

— Os originais acham-se, já, em mãos do editor? — indaga.

Respondo-lhe negativamente. Mostra desejo de ver a altura em que vai o trabalho. Manuseia, curioso, o original primitivo da

primeira parte, fazendo referências elogiosas aos perfis de família, do primeiro volume. Interessa-se pela minha vida. Pergunta pelos meus filhos. E, após mais de uma hora de palestra inteligente, retira-se, dizendo-me:

— Eu ainda voltarei aqui. Mas, desde já, o que precisar de São Paulo e do seu govêrno, lá tem um amigo.

Essa visita, em dia como hoje, tem especial significação. Desde ontem reina o pânico na Bôlsa do Café. O interventor, antes de sair para vir à minha casa, estêve no Ministério da Fazenda, em uma conferência em que se iam jogar os destinos econômicos de São Paulo e do Brasil. E, em seguida, veio palestrar com o escritor doente sôbre coisas delicadas do espírito. Essa particularidade revela um homem, e quanto há de espiritualidade na sua vida, dedicada à política secretamente, e votada às letras em segrêdo.

*Segunda-feira, 25 de junho:*

Noite linda, a de ontem. Do interior da casa, via, através dos vidros, que o céu estava claro. Tive desejos de abrir a janela e olhar diretamente o firmamento. Para que, porém, se os meus olhos doentes não encontrariam, mais, nêle, balões que por êle fugiam?

— É melhor não experimentar, como fiz no ano passado... — pensei.

E regressei para a minha casa, com os sofrimentos que me não deixam, e sem a claridade dos meus olhos, que me deixou...

*Quarta-feira, 27 de junho:*

Fernando Néri, diretor da Secretaria da Academia, dá-me notícia da recepção solene de Pereira da Silva, ontem:

— Estêve boa, — diz. — Gente pobre, de subúrbio, pessoal da Estrada de Ferro, mas em boa quantidade. Houve apenas uma nota desagradável, com a idéia do Cláudio.

— Que idéia foi essa? O Cláudio já tem idéias?

— Já. Mas tristes... Imagine você que, em uma reunião festiva, o Cláudio lembrou-se de mandar colocar na primeira fila as seis cadeiras dos seis acadêmicos mortos, e pôr no alto de cada uma, caindo pelo espaldar, um largo e pesado laço de crepe... O Adelmar, que devia receber o Pereira, escreveu anteontem uma carta ao Cláudio, pedindo-lhe que retirasse aquêle sinal de luto, que dava um tom de tristeza a uma noite de alegria... E

não obteve nada! Lá estavam, à noite, os laços de crepe, enlutando a festa do Pereira!

Fernando Néri conta-me isso pelo telefone, e eu me fico a pensar:

— Mas, a culpa será do Cláudio? Não será a Fatalidade, que tomou à sua conta cercar de tristeza tudo que se refere à vida de Pereira da Silva?

*Quinta-feira, 28 de junho*:

Suscetibilidade merecedora de registro, essa, de Júlio César de Melo e Sousa, o Malba Tahan dos contos árabes! Melo e Sousa mostrava-se amigo solícito, e admirador entusiasta das minhas letras até os primeiros dias dêste ano. Freqüentava a minha casa, vinha buscar meu filho para levar ao circo, ao cinema, e a outros passeios, telefonando-me freqüentemente, com afetuosa amizade. Retribuindo essas gentilezas, escrevi um longo estudo a seu respeito, que publiquei no "Correio da Manhã" e incluí, mais tarde, na 1.ª série da "Crítica". Escrevi, ainda, em "O Jornal", uma crônica sôbre o seu volume de *Matemática*. Um dia, porém, a convite de Assis Chateaubriand, escrevi um conto oriental. Depois, outro. Melo e Sousa espaçou as suas visitas. Quando cessaram os contos, surgiu, para criticá-los, fazendo-me sentir que eu não dava para aquilo. No princípio dêste ano José Olímpio, meu editor, exigiu um volume, organizado com aquelas narrativas despretensiosas. E publicou o livro, que eu lhe entreguei, sob o título *À Sombra das Tamareiras*. E Melo e Sousa desapareceu da minha casa. Estive na Casa de Saúde. Fui operado. Continuo enfêrmo. E o rapaz nem, sequer, pediu, por telefone, notícias minhas!!...

Por que me não preveniu êle de que havia tirado patente como produtor de contos orientais? A inveja roubou o meu amigo. Que Alá o conserve longe de mim...

## JULHO

*Segunda-feira, 2 de julho:*

Todo de prêto, na sua elegância fúnebre e habitual, visita-me Aloísio de Castro. Polido e gentil, desfaz, com o interêsse que mostra pela minha saúde, e com a tática da palestra acadêmica, as minhas prevenções dos últimos tempos. Fala-me do preenchimento das vagas existentes na Academia. Prudente, e sincero.

— E o Clementino? — pergunto-lhe.

— Votarei nêle, se êle se apresentar como candidato à vaga do Couto. Acho, apenas, que êle devia decidir-se desde já, a fim de obrigar ou desobrigar os seus amigos...

Sinto que pensamos idênticamente. E Aloísio levanta-se, para examinar alguns quadros que me ornam o gabinete, e em que se vêem fotografias de reuniões da Academia, há uns quatorze anos passados.

— Quantos já se foram, meu caro Humberto! — exclama. — Somos já tão poucos, os dêsse tempo...

— E os que restam estão velhos, — observo. — Os que tinham cabelos pretos, hoje estão de cabelos brancos...

Surpreendo-me, todavia, em meio à "gaffe". Aloísio tem o cabelo e o bigode de um negro retinto e lustroso.

— E os que não ficaram com a cabeça branca, ficaram calvos, e não têm mais a cabeleira moça daquele tempo...

Aloísio passa a mão pela cabeça. Volta a olhar uma das fotografias.

— Veja você como eu, naquele tempo, ainda tinha cabelos... E, agora, a calvície em progresso, a deixar-me desta maneira...

Mudo de assunto. E êle me acompanha com vivacidade, como quem se afasta de uma porta, no interior da qual houvesse alguma coisa, que êle não quisesse ver...

*Quinta-feira, 5 de julho:*

Estou à mesa de jantar quando soa a campainha. Minha filha vai atender, e escuto, no corredor, a voz pesada e grossa de Alberto de Oliveira. Vem, com certeza, da sessão da Academia. Minha filha vai recebê-lo, e conversa com êle. Quando entro no gabinete, encontro-o admirado. E exclama:

— Pois, estou satisfeito, com isso. Ao ser recebido pela sua filhinha, já foi um espanto. Imagina que me disseram que você estava aqui em cima sòzinho, e muito doente, só reconhecendo as pessoas através de um vidro muito grosso, que trazia na mão... E adiantaram-me que você havia sido abandonado pela senhora e pelos filhos, e que se achava profundamente abalado com tudo isso... E eu dei crédito, porque me disseram isso lá embaixo, e quem me disse mora aqui no edifício.

— Aqui?

— Sim; quem me disse foi o sobrinho do Bilac, o gorducho, o Ernani...

Minha mulher entra, fala com êle, abraça-o. Alberto louva o meu gabinete, e diz que tem vontade de mudar-se para a casa em que me vê.

— Aqui é bem uns quarenta mil réis a diária... Não?

— Eu pago setecentos e cinqüenta mil réis pela casa tôda, — digo-lhe.

— Aqui não é pensão, então? — indaga.

— Não; a casa é nossa.

— Mas, vocês sublocam quartos...

— Não; só moramos nós: eu, a mulher e os filhos.

Mostro-lhe a casa: a sala de música, a sala de jantar, os quartos, o banheiro vasto, os cômodos interiores. E êle:

— Muito confortável... Nunca imaginei que você estivesse instalado assim... Deve ser um dinheirão...

Observo que o problema financeiro o preocupa, e que se vai tornando obsessão, aos setenta e cinco anos. Falamos, então, de companheiros. E êle me conta que o empregado da Escola Dramática, a serviço de Coelho Neto, o Rodolfo, lhe narrou, há dias, um caso, que define o estado de saúde do grande romancista. Neto achava-se no seu quarto, no primeiro andar da casa em que mora, à Rua que tomou o seu nome, quando chamou o Rodolfo. O rapaz entrou. E Neto:

— Chame Dona Gabi.

— Quem, Doutor? Dona Gabi?

— Dona Gabi, sim, senhor! — gritou-lhe Neto.

— Onde, Doutor?

— Lá embaixo, "seu" idiota! Então, Dona Gabi não está lá embaixo? Eu não estou ouvindo a voz dela? Desça, e diga-lhe que venha cá.

O empregado desceu. Quando voltou ao primeiro andar, uma hora depois, o escritor não lhe falou mais no assunto. Tinha olvidado o que pedira, ou tinha se lembrado, talvez, que a espôsa, que êle mandara chamar, e cuja voz estava ouvindo, morreu, já, há quase três anos...

*Quinta-feira, 12 de julho:*

Sonho colorido, e curioso, êste, desta noite! Sonho que nem parece, a não ser na parte clerical, o de um homem que se acha derreado há dois dias pela gripe, e com todos os seus padecimentos agravados!

Era uma igreja festiva e ampla, tendo saída para duas ruas, e repleta de povo. Alguns sacerdotes maranhenses aproxi-

maram-se de mim: Padre Ricardino Seve, que já morreu; Monsenhor Benedito Marinho, e outros. E eu lhes apresentava pêsames, pela morte de um coestaduano nosso. De repente, anuncia-se a chegada do Cardeal, D. Sebastião Leme. À porta da igreja enfileiram-se muitas senhoras idosas, tendo nos braços, cada uma, uma barrica de vime, pintada de verde, e cheia de flores, que se despencam pelas bordas. Flores frescas e lindas, principalmente "margaridas" e crisântemos. O carro do Cardeal estaca, mas põe-se de novo em movimento, para que a entrada se faça pela outra rua. E as devotas, com as barricas de flores, se deslocam pelo interior do templo, a fim de se postarem na outra porta. E as alas já estão feitas, e o Cardeal vai saltar, quando penetram na igreja dois pescadores descalços, suspendendo, um de cada lado, um grande cêsto de peixes miúdos, do qual pinga água pelo interior do templo, entre as filas de beatas, que continuam com as suas barricas repletas de flores, estendidas em filas para a passagem do Cardeal...

O resto foi muito confuso. Não me lembro mais.

*Domingo, 15 de julho:*

Em visita que me faz o editor José Olímpio acompanhado de sua senhora, esta me conta o que foi a solenidade de 9 de Julho, em São Paulo, para comemorar o segundo aniversário da rebelião constitucionalista de 1932.

— Organizaram, — diz-me, — uma passeata enorme, que desfilou pela cidade debaixo de chuva, mas sob os aplausos de uma multidão incomputável, que não se apercebia da chuva. Em primeiro lugar desfilaram, tendo ao braço ou pela mão os filhos pequenos, as viúvas dos soldados e voluntários que morreram em combate. E, em seguida, os voluntários e os soldados que combateram por São Paulo. E todos marchavam, com êste ritmo, e repetindo, em côro: "São Paulo, só! São Paulo, só! São Paulo, só!"

E enxugou, comovida, os seus olhos paulistas.

*Segunda-feira, 16 de julho:*

Foi promulgada, finalmente, hoje, a nova Constituição da República. O dia amanheceu cinzento e frio, e frio e cinzento se conservou até à tarde. Retido em casa pelo meu estado de saúde, tenho notícia do que vai ocorrendo lá por fora ùnicamente pelo que diz o rádio, pelo que vislumbro nos jornais de leituras rápidas, e pelo que, à noite, me contam os filhos.

— Soldado pra chuchu! — informa-me Henrique. — Os fuzileiros navais desfilaram, e por onde passavam, as palmas choviam... Mas, o melhor, foram umas correrias para os lados da Rua do Carmo. A polícia deu cêrco, e descobriu uma porção de bombas de dinamite, que eram para lançar na Câmara quando se estivesse promulgando a Constituição...

As fôlhas da tarde confirmam essas informações. E dão outras, sôbre a solenidade na Assembléia. Casa cheia. Tribunas repletas de senhoras. A mesa do presidente coberta de flores. Em determinado momento, Antônio Carlos se põe de pé, e lê o preâmbulo da Constituição, que é, na verdade, sonoro e bonito. A Assembléia escuta-a de pé. Ao terminar, as bandas militares atacam, nas galerias e corredores, o Hino Nacional. A artilharia, postada em frente à Câmara, saúda a Carta Magna com uma salva cerrada de 21 tiros. As fortalezas, na barra, fazem o mesmo, reboando o estrondo pelas montanhas. Lá dentro, a emoção é profunda. Alguns deputados paulistas que perderam filhos e amigos na luta armada pela constitucionalização do país, lembram-se dêles, e choram. Senhoras soluçam nas tribunas. E o Hino da Pátria, festejando o regime da Lei, que se inaugura, estronda, e espalha-se, até que morre sob uma frenética explosão de palmas, que cobrem o grito de Antônio Carlos:

— Viva a Nação Brasileira!...

*Têrça-feira, 17 de julho:*

Eleição do Presidente da República pela Assembléia Nacional Constituinte. Os boatos, há dias, enchendo a cidade.

— Preparam um bote contra o Getúlio, — afirmava-se. — O voto secreto vai causar-lhe uma surprêsa.

A escolha de Borges de Medeiros para candidato da oposição, e a notícia de que os paulistas lhe dariam o seu voto, empresta maior vulto aos boatos. Pela manhã, assegurava-se:

— O que está combinado é dividir a votação entre o Borges e o Getúlio, de modo que nenhum dêstes tenha a maioria absoluta. Então, para desempatar, será eleito o Protógenes, Ministro da Marinha.

Um certo nervosismo parecia dominar a cidade. Tôda gente aguardava a surprêsa. Às duas e tanto começou, porém, a sessão, à qual faltaram apenas dois deputados, e êsses mesmos representantes de classes, por se acharem na Europa. Duzentos e cinqüenta e dois eleitores lá estavam. E, pouco depois das três, teve início a votação secreta.

Com o auxílio do meu aparelho de rádio, acompanho os discursos, a chamada, e, finalmente, a apuração. Os quatro primeiros votos são de Getúlio Vargas, ou, melhor, para Getúlio. Borges de Medeiros começa a ser votado depois, às vêzes seguidamente. A apuração final deu, porém, 175 votos para Getúlio, e 59 para Borges de Medeiros, sendo aquêle proclamado Presidente da República para o quatriênio que terminará a 3 de maio de 1938.

Está encerrado, assim, no Brasil, desde ontem, o período revolucionário.

*Quarta-feira, 18 de julho:*

De viagem para o Maranhão, hoje, Magalhães de Almeida (José Maria) sobe ao meu gabinete, no momento de ir para bordo.

— Você é a única pessoa de quem me despeço, — diz-me. — Saí da Constituinte já noite, e, quando acabei de arrumar a mala, eram duas e meia da manhã. Mas preciso embarcar hoje, e vim aqui ùnicamente para lhe dizer uma coisa. E é isto: você não precisa me dizer nada porque eu conheço o meu dever. Fique, pois, certo, de que, se eu conseguir arregimentar as fôrças que pretendo, você virá deputado federal, novamente, pelo Maranhão... Vou passar dois meses no sertão, percorrendo o Estado... Pode ser que meus cálculos falhem. Mas eu vou cheio de grande confiança e de grande coragem.

Agradeço-lhe a solicitude, o tranqüilizo-o. Não se preocupe comigo. E Magalhães:

— Não, senhor! E' a minha obrigação. Eu tenho compromissos sagrados com você!

Examina o relógio. Falta meia-hora para o vapor desatracar, e a família está lá embaixo, no automóvel, à sua espera.

— Adeus!... adeus!... Confia em mim!...

Abraça-me, e desce as escadas, correndo.

*Domingo, 22 de julho:*

Agora à noite, uma visita do Capitão Martins de Almeida, interventor federal no Maranhão, que deve regressar para o Estado na têrça-feira. Chega sòzinho, às nove horas. E fica a palestrar sôbre coisas da política e da administração maranhense até agora, meia-noite. A certa altura, diz-me:

— Vim despedir-me, e receber as suas ordens. E, principalmente, fazer-lhe uma comunicação. É esta: dizer-lhe que, se a interventoria tiver de intervir nas eleições, e certamente inter-

virá, será para que seu nome seja incluído na chapa dos deputados federais. Acho que o Maranhão está nesse dever, e quero que êle se desobrigue dêsse compromisso de honra.

Agradeço a sua lembrança. E acrescento:

— Não faça, porém, sacrifícios, no caso de encontrar alguma oposição. O Magalhães, antes de partir, aqui estêve, e fêz-me a mesma promessa que acabo de ouvir de sua pessoa. E o meu pedido a êle foi o mesmo: que não violentasse a vontade do Estado para reconduzir-me à Câmara.

— Pois, olhe, — retruca o interventor maranhense, — não houve entre mim e o Magalhães o menor entendimento a êsse respeito. E eu folgo em saber que êle está de acôrdo na sua eleição. Não é preciso mais.

Passamos a conversar sôbre o primeiro governador constitucional do Estado. Martins de Almeida tem desejos de repouso. Mas está, já, apaixonado pela administração e pela política. E eu adivinho, nas suas palavras, a satisfação que sentirá se o transformarem, nas eleições próximas, de interventor em Presidente...

*Domingo, 29 de julho:*

Noite chuvosa, triste, e fria. Após um dia tomado, inteiro, pelas dores da bexiga, que me não deixam andar, sequer, pela casa, chego-me arrastando-me, amparado à bengala que me serve de muleta, à sala de jantar, e sento-me em uma poltrona. Os pés em outra cadeira, e, entre a poltrona e a cadeira, um aparelho de vidro, no qual mergulho a borracha que me sai do baixo-ventre. Cada movimento é um gemido. Cada respiração profunda é uma navalha, que me corta interiormente. Para pôr as pernas sôbre a cadeira, foi preciso que meus filhos mas pusessem.

Na saleta junto, minha filha liga o rádio. Harmonias alegres ou brejeiras espalham-se pela casa, no ritmo dos sambas ou dos "chôros" nacionais. Um conferencista fala sôbre o problema das raças na Alemanha. Um artista excêntrico preludia uma passagem de ópera em uma gaita de bôca. Um casal de comediantes representa um ato ligeiro. E são dez e meia horas, quando o espíquer anuncia, para encerrar aquela parte do programa, a valsa "Danúbio Azul", pela orquestra da estação.

Os primeiros gorjeios dos violinos espalham-se pela saleta, e extravasam para a peça em que me encontro. Pouco a pouco, a melodia enche a sala, ondula no ar, e penetra minha alma, entra pelo meu coração. Sinto que tudo valsa, lentamente, em tôrno de mim. Os móveis e as cortinas, os tapêtes e os quadros, tudo se

move, no ritmo embriagador da valsa imortal. A imaginação me toma nos braços, me leva para o passado. Vejo-me no Pará, no salão do Esporte-Clube, aos vinte e quatro anos, poeta e namorado. Minha mulher é quase menina. Menina e moça. Moça e linda. E nós, eu e ela, abraçados, sentindo a respiração um do outro, valsando aquela mesma valsa, o espírito enfeitado de sonhos, a alma enfeitada de esperança, como duas árvores que se cobrem de flores na primavera... A valsa era a mesma. Eram os mesmos os seus acordes. Nós, porém, ali estávamos, mas, quão diferentes do que tínhamos sido na mocidade!... Ela, desiludida e cansada, desencantada da vida e de tudo. E eu, transformado na mais desoladora ruína de mim próprio!... Desci os olhos pela minha miséria. Onde estavam as minhas pernas lépidas, meu corpo ágil, minha vivacidade daquele tempo? Contemplei os restos de mim mesmo. Dei com os olhos no aparelho que me torturava. E senti que nunca mais voltaria a mover-me, a andar, a deixar de sofrer. Meditei sôbre a cegueira que avança, e sôbre a imobilidade, que se aproxima... E uma lágrima subiu-me aos olhos. E um soluço me subiu à garganta. E outras lágrimas vieram, e outros soluços, e de tal modo que, ao fim de alguns instantes, minha mulher acorria, compadecida, abraçando-me comovidamente e pedindo-me que não chorasse mais!

Pedia-me isso. E, no entanto, ela própria, ao vir em meu socorro, estava chorando...

Oh, Strauss! por que, sendo eterna a magia da tua música, não fizeste eterno o sonho no coração dos namorados?...

## AGÔSTO

*Quinta-feira, 2 de agôsto:*

Realizou-se na Academia a eleição para a vaga de Rocha Pombo. Não fui votar, nem mandei o meu voto. Não votei em Rodolfo Garcia, porque não tem livros. E não votei em Osório Dutra, porque os tem. A cabala foi, entretanto, intensa e extensa. E foi eleito o primeiro dêsses candidatos, com 20 votos. O poeta, seu competidor, obteve oito votos, apenas. E, como homens de letras, aquêle não merecia dez, nem êste merecia quatro.

Informado pelo diretor da Secretaria de que não havia aparecido ali, também, o voto de Coelho Neto, telefono para a casa do romancista. Atende-me o seu filho Jorge, que me diz:

— Papai melhorou um pouco agora à noite, "seu" Humberto, mas ainda está inspirando cuidados.

— Êle havia piorado, então?

— O senhor não soube? Imagine o senhor que êle, apanhando-se sòzinho lá em cima, encheu a banheira de água morna, e meteu-se dentro. A água esfriou e êle não saiu. Passou assim não sei quanto tempo. Quando o retiramos, teve uma febre alta, de 39º, acompanhada de bronquite. Não sei como não teve uma pneumonia. Há dois dias não fala, nem se levanta. Põe-se-lhe uma cápsula na bôca, e a cápsula se desmancha, e êle não a engole. Ante-ontem, à noite, Paulo, que ficou no quarto velando por êle, foi me acordar, dizendo que papai estava morrendo. Aplicamos-lhe injeções de óleo canforado, e êle sossegou. Mas, tem passado muito mal, coitado!

Meu pobre e grande amigo!... — exclamo, de mim para mim.

E coloco, de novo, o fone no gancho, com uma funda tristeza no coração.

*Sexta-feira, 3 de agôsto:*

Esguio e manso, a cabeça e o bigode completamente brancos, vem visitar-me o ex-Deputado Sales Filho, atual diretor da Imprensa Nacional. Vem convidar-me para escrever uma palestra diária, destinada à Rádio-Difusão, instituição oficial por êle dirigida. Não aceito. Falamos de política, e êle se refere ao seu esfôrço para impedir a publicação de atos do Govêrno, verdadeiramente notáveis pela inépcia. E a propósito do Presidente da República, diz-me:

— "Seu" Humberto, eu estou com Getúlio uma, duas vêzes por semana, e, quando vou a palácio levo a deliberação de estudá-la. E, quando regresso, ainda me pergunto, a mim mesmo: "O Getúlio será um gênio, ou um imbecil"?

Lembro-me da definição que lhe deu Hélio Lôbo, e que me foi transmitida pelo Professor Clementino Fraga:

— Se fôssem propor ao Getúlio que se pusesse o Brasil em leilão, êle concordaria logo. Impunha, apenas, uma condição: que fôsse êle o leiloeiro!

*Domingo, 5 de agôsto:*

No meu quarto, estirado na cama, padecendo as conseqüências da mudança de sonda feita pela manhã na Casa de Saúde, recebo o fisiologista Álvaro Osório de Almeida, que acaba de descobrir o processo de destruir a célula cancerosa, e, com isso, a cura do câncer. Vem visitar-me, e fala-me da sua descoberta.

— Você sabe, — diz, — que eu não gosto de escândalos ou de exibições. Trabalhamos juntos há dezessete anos, e você co-

nhece o meu feitio. Eu não queria, ainda, anunciar ou proclamar o que havia conseguido. Estava nas experiências finais, mas ainda nas experiências, quando a imprensa divulgou o caso. Trabalhando com uma porção de auxiliares, era impossível o segrêdo. Felizmente, as experiências continuam bem, e eu posso dizer, hoje, que o câncer é curável... Apenas, estou muito cansado.

— Há quanto tempo vem você se entregando a essas pesquisas?

— Há dois anos e pouco. Desde a morte de minha mãe, que morreu com um câncer na medula. E você se lembra que meu pai faleceu do mesmo mal.

Peço-lhe esclarecimentos sôbre o aparelho por êle utilizado, e êle me explica:

— É simplíssimo. Um quarto com uma cama, uma cadeira, um telefone. Dentro, o oxigênio, levado pelos tubos. A água para purificar o oxigênio após a sua passagem pelos pulmões. Aí o doente passa três ou quatro horas.

— E nada sente?

— Nada. Apenas um pouco de frio, quando começa a eliminar o oxigênio, após a saída do aparelho.

Álvaro Osório, que fuma cigarros sôbre cigarros, abre a janela para que o fumo se dissipe. Sentado na poltrona ao lado da cama, conta-me o resultado imediato obtido em cinco doentes que tem aos seus cuidados. Sob a compressão do oxigênio, os tecidos cancerosos se desagregam, e as células sadias tomam o seu lugar.

— Um dos doentes, — informa, — um médico do Paraná, rapaz de 28 anos, com um câncer que teve comêço nas amígdalas, estava de tal modo tomado pelo mal, que lhe caíram até as gengivas, deixando-lhe de fora os dentes.

Perguntei-lhe se tem notícias da repercussão do acontecimento no estrangeiro. E êle:

— Não sei como a imprensa e os círculos científicos receberam a notícia. Tenho andado de tal modo ocupado com as demonstrações, que não leio jornais. Creio, porém, que o caso já é conhecido aí por fora, pois já recebi dois telegramas: um de Londres, de uma senhora, que me pergunta se posso ir à Inglaterra proceder à sua cura, e outro de Buenos Aires, no mesmo sentido. Eu não pretendo, porém, explorar pessoalmente a descoberta. Concluídas as demonstrações, entregá-la-ei aos homens de ciência para que a aperfeiçoem, e vou descansar.

— Que idade tem você, Álvaro?

— Cinqüenta e um anos.

— Mas, sem cabelos brancos! — observo.

Álvaro Osório, fumando sempre, declara que o seu aparelho se acha inteiramente à minha disposição, se eu o quiser utilizar, para combater a hipertrofia da hipófise. E conclui:

— Deixarei tudo para cuidar de você... Embora não se trate de um tumor maligno, estou certo de que você se dará bem...

Despede-se. Mando levá-lo ao elevador, por minha filha.

— Que homem feio! — diz-me ela, de volta.

E eu:

— Guarde, porém, a fisionomia e o nome dêsse homem feio... O seu nome, como o de Pasteur e o de Curie, em breve, talvez, encha o mundo...

*Quinta-feira, 9 de agôsto:*

Decreto do Presidente Getúlio Vargas, nomeando-me, interinamente, para exercer o cargo de diretor da Casa de Rui Barbosa, criado agora, com a reforma que sofreu essa instituição.

E eu em casa, padecendo estas dores que me não deixam, e cortando sempre cada consôlo com dois gemidos!... Senhor, por que hás de misturar sempre, como fizeram ao teu filho os maus homens de Jerusalém, um pouco de fel ao vinho com que os corações compadecidos procuram aliviar a minha sêde?

*Sexta-feira, 10 de agôsto:*

Na Casa de Saúde, Paulo César aplica o cistoscópio, para examinar a minha bexiga. Passa o aparelho aos outros médicos do estabelecimento. E diagnostica:

— O estado geral da bexiga é melhor do que eu esperava. A inflamação do colo é, porém, bastante acentuada. E há no lado superior um edema bulboso.

Acrescenta:

— Temos, pois, de continuar com a sonda, e com as duas lavagens diárias, até que se possa fazer uma fulguração no colo da bexiga... Vamos esperar...

E eu regresso para casa, gemendo.

*Sábado, 11 de agôsto:*

Recebo do Maranhão o seguinte telegrama: "Aguarde brevemente notícias cumprimento dever maranhense honrado glorioso nome escritor cuja fama ultrapassou fronteiras pátria para orgulho nossa terra. Abraços afetuosos. — *Magalhães Almeida*"

*Segunda-feira, 20 de agôsto:*

Ontem, à noite, um telefonema do Palácio do Catete, onde se acha hospedado o Presidente do Uruguai, Gabriel Terra, perguntando, em nome do Embaixador Juan Carlos Blanco, se eu me encontrava em casa. Resposta afirmativa. E, hoje, por volta das duas horas, vem ao meu apartamento, oficialmente, um militar, homem idoso, creio que general, fazer-me uma visita, em nome do Presidente. Trazia um cartão, com as saudações, autografadas, do chefe da nação uruguaia, o qual, em nome desta, saudava em mim os homens de letras do Brasil.

Essa atitude do Presidente Gabriel Terra tornou-se, para mim, mais honrosa, pela circunstância de não ter eu, até agora, lhe enviado qualquer cumprimento de boas-vindas, ou escrito artigo, ou emitido qualquer opinião, sôbre a sua visita ao Brasil. Amanhã, porém, escreverei sôbre a sua figura e a sua atuação na política sul-americana.

*Terça-feira, 21 de agôsto:*

Ontem, à tarde, após a saída do emissário do Presidente Terra, senti um mal-estar repentino. Queria respirar, e não podia. O coração batia forte, e doído. Tinha a impressão de que ia morrer. Pedi à empregada que chamasse minha mulher, na repartição em que trabalha. Esta vem, de automóvel. Não empresta grande importância à minha aflição. Dá-me uma dose de bromureto, e eu consigo sossegar, e dormir. Ao anoitecer, estava melhor, mas com terror incompreensível, como o de quem dormiu com um leão debaixo da cama e só veio a saber pela manhã.

Brincadeiras dêste pobre coração desmantelado. E é com o pensamento nisso, que me vêm à bôca uns versos de um poeta futurista, que li há tempos:

*"Coração, cria vergonha!*
*Cria vergonha na cara!..."*

*Domingo, 26 de agôsto:*

Visita de Gastão Cruls, com a sua simpática figura de normando ou de flamengo. Fala de Antônio Tôrres, falecido recentemente em Hamburgo. Pergunto-lhe de que morreu o seu grande amigo. E êle:

— O Tôrres andou a queixar-se, há uns dois anos, de uma infecção na bôca, por causa de um dente. Tempos depois, a in-

fecção apareceu na perna, no osso, de modo que se tornou preciso abrir o osso, para atacar o foco infeccioso. Por essa ocasião, faleceu na Inglaterra, de septicemia, um grande jornalista, cujo nome não me vem à lembrança. Nessa ocasião, êle me escreveu, dizendo-me estar desconfiando que viria a morrer do mesmo mal... Ùltimamente, surgiu-lhe uma dor nas costas. E morreu disso. Foi, evidentemente, a septicemia, que o matou.

E numa informação curiosa:

— Eu vou publicar em volume as cartas dêle. E talvez publicasse um livro póstumo, se a bagagem dêle não tivesse vindo no "Rui Barbosa", que acaba de naufragar nas costas de Portugal.

E eu, lembrando-me da lusofobia do escritor desaparecido:

— Quem sabe se os rochedos portuguêses não puseram a pique o "Rui Barbosa" por causa da bagagem do Tôrres?

## SETEMBRO

*Domingo, 9 de setembro:*

Após um dia de intensos padecimentos, sem, quase, poder respirar, pois que a simples contração de um músculo determinava dores fortes na bexiga, acabo de receber, agora à noite, como confôrto, o viático de uma ilusão.

Procedente do Maranhão, chegou hoje, à tarde, ao Rio, o Secretário-Geral da Interventoria, um moço de nome Vitorino. Rapaz um pouco estourado, e conservador. Chegou, e veio, logo, visitar-me. E deu-me notícias da política.

— A chapa de deputados federais do Partido Social-Democrático ainda não foi publicada. Sê-lo-á no dia 16. Mas os nomes principais, que a constituirão, são já conhecidos: o Comandante Magalhães de Almeida, o Desembargador Couto, o Capitão Becker, e o senhor. O Partido fará seguramente, cinco deputados. Os outros farão dois. Mas os suplentes imediatos serão nossos, de modo que, com a passagem do Comandante Magalhães e do senhor para o Senado, nós continuaremos com a maioria.

— Com a minha passagem para o Senado?...

— Sim, senhor. Pelo menos era o que estava assentado até o dia da minha partida: os futuros senadores serão o senhor e o Comandante Magalhães.

Calo-me. E fico pensando, com um pouco de ironia, e outro tanto de satisfação íntima:

— Será possível que o filho de Dona Anica, de Parnaíba, chegue até a senador da República?

E sobe-me ao coração a frase de D. Silvestre Gomes Pimenta:

— Altos juízos de Deus!...

*Quarta-feira, 19 de setembro:*

Visita de Paulo Setubal. Tumultuoso e gentil. Todo em pequenas explosões, como os motores à gasolina. Informa-se do meu estado, das minhas dores, que me atormentam dia e noite, E exclama:

— E que faz você dessa dor, "seu" Humberto? Artigos e crônicas admiráveis! Mas, não basta! Você deve aproveitar êsse sofrimento em perfeição moral, "seu" Humberto! Você tem, nessa dor imensa, um tesouro enorme, e não sabe! Transforme tudo isso em fé!

Retruco. Isso não depende de mim. Eu quisera ter fé, e não tenho. Invejo os que crêem. Mas, não posso mentir.

— Você já leu a "Imitação de Cristo"?

— Já.

— Por que você não conversa com um padre inteligente?

— O que eu quero não depende dos padres; depende de Deus. Só êle me pode fazer a "revelação". O que fôr meu, êle me trará.

Setubal quer insistir. Confesso-lhe que as discussões em tôrno dessa matéria me fatigam e fazem mal. E êle conclui:

— Pois, olhe: eu sou católico, apostólico, romano. E sou feliz!

E passamos a tratar da Academia. Do Céu, descemos, diretamente, ao Inferno.

*Quinta-feira, 20 de setembro:*

Persistindo a insônia terrível que há quinze noites me perseguia, mando chamar o médico Pedro da Cunha. Era noite quando chegou, ontem. Havendo deixado o consultório repleto de clientes para vir à minha casa, não se demora. Receita, porém, duas ampôlas de hipnotina, dizendo:

— Tome uma hoje, e terá um sono sossegado. E a outra, depois de amanhã... Depois, voltarei aqui.

Tendo dormido das onze e meia até uma da madrugada, despertei, e não pude mais conciliar o sono. Chamo a minha mulher:

— Dá-me a injeção; sim?

Eram duas e meia da manhã. Ela se ergue, e aplica a injeção, cuja agulha ficara preparada. E, ao fim de dois minutos, começo a sentir um mal-estar inexprimível, como o de quem está morrendo aos poucos. Uma dormência me sobe das partes inferiores do corpo, imobilizando-me. O coração bate forte, acelerado. Tenho vontade de erguer-me, de me pôr de pé, a fim de reagir. Mas, não posso. Estou chumbado à cama, como se fôsse, eu próprio, de bronze, ou de ferro. Nada me dói, mas eu não me sinto bem. Estou vivo, e estou morto. Morto, porque não sinto nada. Vivo, porque compreendo tudo. A taquicardia passa, mas eu não estou dormindo. Tenho a consciência das coisas, mas não tenho o menor movimento. E assim se passam as horas. Às cinco, posso estender a mão, e acender a lâmpada de cabeceira. Tomo um pouco dágua. Dormi, ou não? O cérebro não dormiu, mas o corpo, com a cessação das dores, repousou. A verdade é que me sinto bem. Estou mais disposto. Há, em mim, qualquer coisa de renascimento consolado. Ao sentir os primeiros efeitos do marcótico, eu me dizia a mim mesmo, à noite — "Não tomarei a outra injeção; é horrível, isto!" Agora, porém, digo: "Vale a pena o sacrifício; tomarei a outra, amanhã ou depois". Não será, porém, a tentação da morfina?

Eu sou, porém, um homem. Saberei reagir, quando se tornar necessário.

*Segunda-feira, 22 de setembro*:

Há seis meses, precisamente, a 22 de março, fui operado. Abriram-me a bexiga, escancararam-me como a um peixe. E, ainda hoje, parcialmente aberto, sofro. Sofro mais do que antes da operação. Sofro, e tenho nojo de mim, com êste apêndice de borracha que me sai de sob o umbigo, e com êste mau cheiro, que, não obstante a higiene mantida, os dois curativos diários, às vêzes me entontece!

Às vêzes, choro sòzinho. Choro, com pena de mim. Choro, com saudades de mim. Mas, é preciso trabalhar, e eu trabalho. Trabalho, e sorrio. E quantas vêzes, ao ser entregue à porta, ao portador, o artigo que acabo de escrever, e em que há alegria ou sarcasmo, não mergulho a cabeça nas mãos, e soluço longamente, atormentado pelas dores que me perseguem!...

— Ri-te, palhaço!...

*Sábado, 23 de setembro*:

Chega do Maranhão, e é publicada pelos jornais, a chapa oficial de deputados federais, na qual se acha incluído o meu nome. Das três que vão ser sufragadas no Estado é a pior. O

"Jornal do Brasil", fôlha contrária, aqui no Rio, ao partido que me apresenta, publica um artigo a meu respeito, louvando a minha escolha e dizendo que o meu nome podia ser sufragado por qualquer Unidade da Federação, pois que se trata de um nome verdadeiramente nacional. Telegramas do Estado criticam a chapa, dizendo só aparecerem, nela, dois nomes que o Estado conhece: o de Magalhães de Almeida e o meu.

E, na verdade, a chapa constitui um desastre: dois antigos secretários de Magalhães de Almeida, desembargadores medíocres, aposentados por nulidade, e três secretários do atual interventor, quase todos militares, chegados ao Maranhão, levados por êle, de Minas Gerais.

Vou ficar assim, como Paula Duarte em 1889, entre a espada e a ignorância. E poderei, sequer, como êle, salvar a gramática?

*Segunda-feira, 25 de setembro:*

Por intermédio de Clementino Fraga, e com a aquiescência de Paulo César, que me operou, faço vir à minha casa o Dr. Alcindo Baena, especialista em vias urinárias. Examina-me. Escuta a narração dos meus padecimentos, e conclui:

— É preciso acabar com isso. O senhor está sofrendo demais. Temos que apressar a segunda parte da operação, que é a electro-coagulação do colo da bexiga. Vou conversar com o Paulo...

E, apiedado, deixa-me um pouco de solução de cocaína, a 2%, para aliviar as dores por ocasião das mudanças da sonda.

Êste, pelo menos, tem coração...

*Sexta-feira, 29 de setembro:*

Ontem à tarde, chamaram-me ao telefone. Deitado, sofrendo, não pude atender. A minha velha empregada portuguêsa, que nunca deu um recado direito, nem pronunciou um nome certo, vem comunicar-me:

— É o senhor Ministro Cunha... Quer falar com o senhor, e pergunta se pode vir aqui...

Passei mentalmente em revista os ministros Cunha do meu conhecimento, e não encontrei um, sequer, que pudesse ter interêsse em conversar comigo. À noite, minha mulher atendeu. Era o jornalista Temístocles Cunha, neto do filólogo Simpson, autor de uma gramática da língua tupi, o qual queria falar-me

pessoalmente. E, agora à noite, veio à minha casa uma comissão, composta dos médicos Heitor Calmon e Sinval Reis, e daquele jornalista. Recebi-os mesmo no meu quarto de dormir, onde me encontrava deitado e sofrendo. E ouvi, do primeiro, a razão daquela visita.

— Somos, — disse, — amigos de Miguel Couto, e reunimo-nos para cultuar a sua memória, velando pela vitória das suas idéias. Para isso, formamos um bloco, que vai concorrer às próximas eleições, a 14 de outubro. E a cidade do Rio de Janeiro, por nosso intermédio, quer prestar ao senhor uma homenagem, incluindo o seu nome na chapa dos candidatos a deputado pelo Distrito Federal. Vimos aqui especialmente para pedir o seu consentimento.

Inteligente e vivo, Heitor Calmon fala com facilidade. Professor de Psicologia de não sei que estabelecimento, tem o hábito da cátedra, e exprime-se com admirável precisão. Agradeço a lembrança. Não tenho a ilusão de que serei eleito, ou mesmo, de que venha a obter uma votação apreciável. Ademais, sou candidato, já, pelo meu Estado, apresentado por um partido forte. Não posso, porém, recusar a distinção. Mais vale o pensamento que ditou aquêle convite, do que a própria vitória, se ela viesse.

Conversam os visitantes ainda cêrca de meia hora. E prometem voltar.

## OUTUBRO

*Têrça-feira, 3 de outubro:*

Desde que mudei de medicação, substituindo as lavagens da bexiga, que eram com sôro e passaram a ser com rivanol e antipirina, tenho andado com febre: 37 graus e meio, 38, e pouco mais. Mas uma febre que não passa, e que me deixa cada vez mais incapaz para o trabalho, e sofrendo mais. O Dr. Baena volta a ver-me.

— Mudei de opinião, — confessa. — O estado da sua bexiga é de tal ordem, e tão grande a sua sensibilidade, que eu acho não devemos fazer tão cedo a segunda parte da operação. Vamos esperar.

E eu espero. Espero, e sofro.

*Quarta-feira, 4 de outubro:*

Comunico a Paulo César, pelo telefone, a persistência da febre, que me não deixa.

— Deve ser da próstata, — diz-me êle. — É com certeza, um abcesso na próstata, conseqüência da irritação produzida pelo rivanol. Eu não lhe disse que não abandonasse o sôro? Mas, eu irei aí à noite.

Agora, veio. O enfermeiro achava-se presente.

— Garanto a você que é um abcesso na próstata. Nessas coisas eu nunca me engano.

Calçou as luvas de borracha. Começou o exame.

— Dói aqui?

— Não.

— Aqui?

— Não.

— E aqui?

— Não.

E êle, concluindo a sondagem com o dedo, e descalçando as luvas:

— Enganei-me. A próstata se acha até em muito bom estado. A febre deve ser de algum resfriado. Você vai tomar saloïeno.

E receita.

*Sexta-feira, 6 de outubro:*

A febre tem continuado. E está aumentando, de dia para dia. Mando chamar Clementino Fraga. Vem. Examina. E conclui:

— É do intestino... Você vai tomar nujol...

— Estou tomando.

— Tome duas colheres.

— Estou tomando três, sem resultado.

— Continue...

*Sábado, 7 de outubro:*

Voltam a visitar-me os médicos da chapa eleitoral patrocinada pelo nome de Miguel Couto.

— Vimos comunicar-lhe que vai tudo admiràvelmente bem... Temos distribuído milhares de cédulas, e é enorme a procura em nosso escritório.

E eu comigo:

— Pobres rapazes!... E dizem que já desapareceu do mundo a raça dos sonhadores?!...

*Domingo, 14 de outubro:*

O dia amanheceu cinzento, e tranqüilo. Pouco a pouco, porém, o sol foi aparecendo, para tomar parte na eleição da primeira Câmara constitucional da Segunda República. E, no correr dêle, os telefonemas gentis, de conhecidos e desconhecidos, comunicando-me terem ido à respectiva seção sufragar o meu nome, para deputado pelo Distrito Federal. Votos perdidos, pois que, no encontro dos partidos poderosos, que são a onda e o rochedo, serão esmagados todos os mariscos.

O ex-deputado Flávio da Silveira telefona comunicando à minha filha:

— O Senador Azeredo manda comunicar ao Humberto que acaba de chegar da seção eleitoral em que sufragou o nome dêle. Fomos ali, aliás, ùnicamente para isso: o senador e a senhora, e eu e minha mulher.

O Tenente Pedro Rodrigues telefona:

— Diga ao Dr. Humberto que eu estou aqui na Praça da República em companhia de 280 sargentos, que vieram votar no nome dêle, como cabeça de chapa.

O Conde de Afonso Celso passa na portaria do arranha-céu, e deixa um cartão, comunicando-me ter sufragado o meu nome. Cinqüenta ou sessenta outras pessoas fazem-me igual comunicação. Cêrca das quatro e meia da tarde, fazendo um enorme esfôrço sôbre mim mesmo, tomo um táxi, e, em companhia de minha filha e do meu filho pequeno, vou a seção que funciona na Escola de Enfermeiras D. Ana Néri, a fim de inaugurar a minha carteira de eleitor. Salto. Recebido carinhosamente pela mesa, que tudo me facilita, penetro na guarita que torna o voto secreto, e arranco do bôlso uma chapa com a legenda "Miguel Couto". Nela figura meu nome. Um escrúpulo me detém. Penso em substituí-lo, mas é tarde. A substituição só pode ser feita a máquina. De repente, sorrio.

— Bolas! Vou votar em mim mesmo, — resolvo.

E fechando o envelope:

— Se eu não votar em mim, é capaz de não aparecer nenhuma cédula com o meu nome, e vai ser um constrangimento para os meus amigos.

E votei em mim.

*Quinta-feira, 18 de outubro:*

Tendo Celso Vieira publicado ante-ontem em "A Noite", um artigo intitulado "O meu candidato", em que dizia ter ido à

sua seção eleitoral especialmente para dar-me o seu voto, telefono para a sua casa, a fim de agradecer-lhe. Celso vem ao aparelho e diz-me que, ontem, na Academia, o Conde de Afonso Celso o cumprimentou por isso, assegurando-lhe que êle, Afonso Celso, também havia votado em mim.

— Já vê você, Humberto, — remata, — que, pelo menos, com dois votos você pode contar na apuração

— Com três, Celso! — atalho.

Confesso-lhe:

— Com três, porque eu também votei em mim!

E rimo-nos.

*Quinta-feira, 25 de outubro:*

Quarenta e oito anos, hoje! Tento olhar para trás, e não posso. O caminho por onde vim está de tal modo obstruído que eu não vejo, sequer, o vestígio da minha passagem. Sei, apenas, que cheguei até aqui todo ferido, quase cego, e tão cansado que não posso, quase, ir para diante.

Quem dá um cajado a um peregrino enfêrmo, e só?

*Domingo, 28 de outubro:*

Há quatro dias que se está fazendo a nossa mudança, do apartamento 104 para o 102, no Palácio Rosa, ao largo do Machado. E já esta noite passamo-la na residência nova, que me vai custar mais 100$000 por mês (850$000), mas tem a vantagem de ser batida pelo sol da manhã, e de olhar para o largo, e para as altas palmeiras que o ornamentam. Retas, firmes e altas, as palmeiras agitam as palmas, lá em cima. E eu, olhando-as através dos vidros, procuro tirar da sua atitude uma lição para a minha vida.

Na moradia nova, o meu gabinete é mais amplo, mais claro, mais alegre. Meu secretário enfileirou os livros nas estantes, pondo-os em ordem. Tudo me convida ao trabalho e ao estudo. Procuro, porém, alguma coisa de precioso e de indispensável, que me falta, para estudar e escrever. Que será?

Uma voz, dentro do meu coração, respondeu-me:

— Os teus olhos, Humberto de Campos!

Mergulho a cabeça entre os braços, e choro, numa súplica:

— Meu Deus, dai-me os meus olhos!...

## NOVEMBRO

*Domingo, 4 de novembro:*

Com a sua cabeleira inteiramente branca, e cheia, a pôr em destaque o rosto moreno, escanhoado e sem rugas, vem visitar-me o Deputado Fernandes Távora, irmão mais velho de Juarez Távora e chefe do Partido Social-Democrático, que acaba de enfrentar nas urnas, no Ceará, a Liga Eleitoral Católica, isto é, a mais poderosa organização clerical existente no país. Chegou há dois dias, de avião, de Fortaleza, e conta-me episódios curiosos, que tornaram o pleito, ali, divertido e pitoresco.

— Os padres conseguiram arregimentar enorme eleitorado feminino em todo o Estado, — diz-me. — Só em Fortaleza têm êles mais de 1.000 mulheres alistadas. Conseguiram sindicalizar até lavadeiras e cozinheiras! E o clero todo, a começar pelos bispos, se pôs em campo contra nós!

Para demonstrar a mentalidade dêsse eleitorado, conta que, tendo ido visitar uma das seções na capital, encontrou-se ali com uma senhora do seu conhecimento, com a qual se pôs a conversar. Esta, vendo próximo, a um canto, uma velhinha pobremente vestida, lavadeira ou gomadeira, indagou:

— Minha velhinha, em quem você vai votar?

A velha, que cochilava, abriu os olhos, e respondeu:

— Vou votá em Nóssinhô Jisús Cristu.

Ao ouvir essa informação, um caboclo pernóstico, e meio ébrio, que se achava perto, atirou para o lado uma cusparada, e perguntou:

— Pra deputado estaduá ou federá?

Na cidade de Pereiro, o padre era amigo dos Távoras. Tendo, entretanto, recebido ordem do seu bispo para fazer a propaganda da Liga, não dava absolvição a ninguém sem a promessa de que o confessando votaria na chapa católica. Um dia, porém, foi confessar-se a mulher de uma praça do destacamento local. O vigário indagou:

— Você é eleitora, minha filha?

— Sim, sinhô.

— Em quem vai votar?

A cabocla era despachada:

— Seu vigaro, eu sou muié de sordado.

E levantando-se:

— E seu vigaro sabe que muié de sordado vota onde seu delegado manda!

Fernandes Távora conclui:

— Eu temo uma reação anticlerical no Ceará. O clero está abusando do confessionário, de tudo. Será uma reação mexicana...

*Sexta-feira, 9 de novembro:*

Como a claridade do dia entre, agora, pela janela do meu quarto às cinco horas da manhã, às cinco e meia levantei-me, e fui buscar, debaixo da porta, os jornais que o cabineiro já aí havia deixado. Volto para a cama, e tenho uma surprêsa: morreu Carlos Chagas, o bacteriologista ilustre, que sempre me distinguia onde me encontrava, e que mostrava ter, pela minha vida de letras, afetuosa simpatia. Leio a notícia, que é longa em tôdas as fôlhas, e tomo conhecimento das particularidades do desenlace.

Carlos Chagas morreu de "angina pectoris", e sùbitamente. A sua agonia não teve a duração daquela que caracterizou a morte de Miguel Calmon. Andara pela cidade o dia, e regressara para casa ainda cedo, recolhendo-se à sua biblioteca, para trabalhar. Cêrca das sete horas sentira, como havia sucedido já pela manhã, uma forte dor de estômago. O filho, médico, e sua senhora desceram do pavimento superior, para dar-lhe um remédio. E estavam aí os três juntos, quando Chagas se curvou para o filho, dizendo:

— Parece que vou morrer...

O filho pediu uma lancêta, para uma sangria. A senhora Carlos Chagas correu a procurar o instrumento, voltando com êle. A sangria foi feita, mas inùtilmente. Ao fim de poucos minutos o eminente bacteriologista estava morto.

Carlos Chagas desaparece aos cinqüenta e cinco anos, mas teve uma vida intensa e rica de compensações. Seu nome, embora combatido, teve repercussão mundial, com algumas das suas descobertas. Realizou diversas viagens, ocupou honrosos postos, desempenhou numerosas comissões. Teve diversos casos de amor, sendo amado por lindas mulheres, apesar de não ser fìsicamente, insinuante. Era, porém, inteligente, e a sua palestra enfeitada pelas reminiscências das excursões ao estrangeiro, era sempre interessante, rica e variada.

Após a vitória da Revolução de 1930, Carlos Chagas ficou um pouco à margem, como figura de relêvo científico ou administrativo. Começava, entretanto, a ressurgir, a reaparecer. E foi quando, de súbito, a Morte o veio buscar.

*Sábado, 10 de novembro:*

A morte de Carlos Chagas, e a de dois outros conhecidos, que desapareceram de ante-ontem para ontem repentinamente, atingiram-me o sistema nervoso mais profundamente do que eu imaginava. Durante o dia, ontem, pensei seguidamente nesses desfechos de vida. E de tal modo que, à noite, após o jantar, tendo ido deitar-me um pouco, senti uma terrível agonia mental, como se eu fôsse morrer. Minha mulher havia saído para ir a um dentista nas vizinhanças. Chamei por minha filha, pedindo-lhe que chamasse com urgência, Clementino Fraga.

Uma ansiedade aflitiva me tomava o peito. Um frio estranho subia das extremidades. E êsse estado, que apresentava alternativas, ora melhorando, ora se agravando, vinha se prolongando já por meia hora, quando chegou o enfermeiro da Casa de Saúde São Sebastião, que me faz curativos da bexiga.

— Deve ser nervoso, — opinou êle. — O pulso está quase normal...

Pouco a pouco fui melhorando. Ergui-me, fiz os curativos. E o enfermeiro acabava de sair quando chegou Clementino.

— Creio que é o tal eretismo nervoso... — disse-lhe.

— Não é outra coisa, — concordou êle, — e eu lhe vou receitar um calmante, um bromureto, para você tomar nessas ocasiões.

Passamos a conversar, então, sôbre Carlos Chagas.

— O Chagas estava doente há muito tempo, — informou. — Há algumas semanas êle falou da sua tensão arterial que estava muito elevada. Mais tarde eu lhe fiz perguntas a respeito. Mas êle não quis voltar ao assunto.

Lembrou episódios da vida do amigo. Chagas era um espírito original, e com uma facilidade assombrosa para isolar-se no meio do maior tumulto. Na Saúde Pública ou em Manguinhos, recebia os auxiliares ou os visitantes batendo com uma espátula sôbre o couro da pasta ou sôbre a tábua da mesa. No momento, porém, em que passava a bater com a espátula na perna, era sinal de que se achava longe, e não estava mais ouvindo nada do que lhe diziam. Há, mesmo, a êsse respeito, uma anedota famosa. Certo dia foi procurá-lo uma senhora, amiga da sua família, a fim de pedir-lhe um emprêgo para uma filha. Começou, todavia, com umas disgressões, participando a sua mudança para outra casa, e informando que essa mudança se verificara por causa de um gato que passava a noite miando sôbre o muro do vizinho. E começava a descrever a irritação que o felino lhe causava, quando

Chagas passou a bater com a espátula na perna. Concluído o caso do gato a senhora começou a contar o motivo da sua visita. A família estava em dificuldades de vida. E ela vinha pedir-lhe um lugar para sua filha. Cala-se, esperando resposta. Nesse momento, Chagas volta a bater com a espátula na mesa. E voltando-se para a senhora, que aguardava solução do pedido:

— É engraçado êsse caso! — diz.

E como quem acorda:

— E o gato era grande?

*Domingo, 11 de novembro:*

Na casa vizinha, em um quarto que fica em frente aos dormitórios do meu apartamento, reside uma senhora, costureira pobre, que amanhece curvada sôbre a máquina, e ali continua até tarde da noite, à luz mortiça de uma lâmpada murcha. Deve ter os seus quarenta anos, e é tipo de mulata de cabelo liso, ou de cabocla. O rosto gordo e pálido, mas de uma palidez terrosa e doentia. Figura de heroína obscura, como existem milhares, na cidade alegre e miserável. O dia todo, hoje, ela passou curvada sôbre a sua máquina, ganhando o seu pão.

O que há de curioso nessa criatura é o sorriso. Um sorriso permanente, que não é de ninguém. Debruçada sôbre a costura, sorri ela para a agulha que perfura o tecido, para o retrós que a agulha carrega, para a tesoura que corta o pano. Sorriso indecifrável de Gioconda nacional.

Quanta tristeza haverá, porém, por trás daquele sorriso? Quanto cuidado, sob aquela máscara? Quanto pensamento amargo, sob aquêle disfarce de resignação doce?

Lembro-me, então, de minha mãe. Ela também, às vêzes, sorria assim, quando eu era menino. Parecia recordar coisas joviais, horas felizes. Eu me aproximava:

— De que é que mamãe está rindo sòzinha?

— Eu não estou rindo, meu filho; estou pensando!

— E em que mamãe está pensando?

E ela:

— Na vida, em vocês...

E os seus lábios finos se encolhiam, num jeito de chôro...

*Quarta-feira, 14 de novembro:*

No dia em que o homem acredita tranqüilamente, ou finge acreditar em tudo que lhe dizem as mulheres, alcançou a per-

feita sabedoria. Porque, esta, não consiste em descobrir a verdade, mas em acreditar como verdade a mentira.

*Quinta-feira, 15 de novembro:*

Visita, ontem à noite, do Major Juarez Távora, ex-ministro da Agricultura e chefe revolucionário do Norte. Há muito tempo o seu sogro, Belisário Távora, me anunciava essa visita, sempre adiada pelas minhas condições de saúde. A próxima partida de Juarez para o Paraná, em cuja guarnição vai servir, determinou, agora, êsse encontro, no momento em que êle se desilude da política e eu reentro nela vitorioso.

Homenzarrão espadaúdo, moreno, testa um pouco saída, queixo de sapato bico-largo, Juarez é um caboclo insinuante e simples. Falando mal, à maneira nortista, mostra-se gentil e afável com todos da minha casa, e ao corrente dos menores episódios da minha vida. Sendo ontem o dia dos anos da minha mulher e havendo sôbre um móvel alguns doces, convido-o:

— Então, vem à nossa casa um soldado, antigo general da Revolução, e não temos para êle uma bala?

Minha mulher toma a caixa de balas recheadas com licor, e Juarez serve-se, sorrindo. E a palestra se desenrola jovial, como se tratasse de uma antiga figura familiar.

— Vou para o Paraná, — diz-me o ex-ministro, — servir no mesmo Batalhão em que iniciei a minha carreira. Êsse Batalhão ocupa-se, neste momento, na abertura de estradas, longe da cidade e de quaisquer notícias do Rio. Lá, não lerei jornais, não terei informações sôbre a política. Preciso descansar o espírito... Estou precisando de muita tranqüilidade e de muito silêncio...

Uma hora depois, despede-se o visitante.

— Quando embarca para o Paraná? — indago.

— Dentro de oito dias, — responde-me o chefe revolucionário.

E, de pé, como quem gostou do amigo novo:

— Mas, antes de embarcar, ainda voltarei aqui...

*Domingo, 24 de novembro:*

Telefono para a casa de Coelho Neto. Georges, seu filho, vem ao aparelho, e dá-me notícias do pai.

— Está pior, "seu" Humberto. E nós já desanimamos. Papai não se levanta mais.

— Mas, êle não estava melhor?

— Coisa ligeira; depois piorou muito... Está vivendo com o sôro fisiológico... A princípio, o médico injetava todos os dias; agora, passou para um dia sim, outro não, a fim de não viciar o organismo... Depois, êle já está muito maltratado.

— Êle fala?

— Não, senhor. Mas, não cessa de gemer. Mete pena... Além disso, as escaras o torturam muito. Dos dois lados, direito e esquerdo, não tem senão chagas. Até o tornozelo já tem! E o médico tem todo dia de mudar a gaze, e fazer curativos nessas feridas... Um horror! E tão magro, que ninguém imagina. Calcule o senhor que as pernas dêle estão de tal forma finas, que, juntando os joelhos, fica um buraco de quase dois palmos entre as coxas dêle!

Conversamos ainda alguns minutos. E eu, ante essa informação, reflito, ao desligar o telefone:

— Senhor, não será isto castigo demais? Essa humilhação de um homem de tanto talento, não constituirá uma afronta à inteligência humana? Por que há de Deus criar os sóis, e, em seguida, mergulhá-los na lama?

*Quinta-feira, 27 de novembro:*

Uma hora e vinte minutos da tarde quente, e lavada de sol. Sentindo, desde pela manhã, as dores que a sonda me causa no dia em que devo mudá-la, quedo-me deitado, para minorar os sofrimentos. Um telegrama desagradável do Maranhão sôbre a apuração do pleito obriga-me, porém, a vir à sala de jantar, para falar ao telefone com o Deputado Magalhães de Almeida. E encaminho-me, de novo, para o quarto, quando o telefone chama, e o meu secretário atende. O rapaz fala alguns instantes, deixa o fone, e, voltando-se para mim, diz-me:

— Uma notícia triste para o senhor... O Dr. Coelho Neto morreu... O Sr. Georges, filho dêle, está no telefone... Quer falar com êle?

Tomo o fone, emocionado:

— Que foi isso, Georges? Então, o Neto...

— É verdade, Sr. Humberto. Faleceu à 1,50 exatamente.

— De repente?

— Não senhor. Êle entrou em agonia desde a manhã... Mas, estamos todos resignados... Descansou, coitado... Se papai tinha pecados, pagou-os todos, com tanto sofrimento...

— Estou sofrendo muito, Georges; mas, vou ver se vou aí... Quero despedir-me do meu maior amigo...

Os soluços vêm-me à garganta. Sinto necessidade de chorar, de desabafar.

— Não, Sr. Humberto; não venha, não. Nós sabemos que o senhor não pode vir... O senhor foi dos melhores amigos de papai... Queremos é que continui a ser nosso, como era dêle...

Despeço-me. E deixo que as lágrimas me corram pelo rosto, e que os soluços me tomem o fôlego, profundamente comovido. Reajo, porém, pois Neto estava morto, já, há muitas semanas, há muitos meses. O espírito, que tinha o seu nome, já o havia abandonado. E a matéria, punhado de terra, vai recolher-se, agora, ao seio da terra.

* * *

Agora à noite, leio os jornais vespertinos. A imprensa, que havia esquecido o grande escritor, iniciou a reparação da injustiça, nos necrológios apoteóticos que lhe tece. A sua vida, a sua obra, tudo é analisado, com simpatia. Tôdas as fôlhas proclamam o seu valor, reconhecem o seu principado literário, e consideram-no o maior prosador do seu tempo nas letras nacionais. E eu sinto, com essas homenagens, um consôlo tão grande, que até me esqueço da sua morte.

— Não trabalhaste inùtilmente, meu irmão! — digo, comigo mesmo. — Esta apoteose é a Glória!

E mando à sua casa uma braçada de cravos vermelhos para o seu caixão.

*FIM DO DIÁRIO*

(Oito dias depois, a 5 de dezembro, falecia Humberto de Campos.)